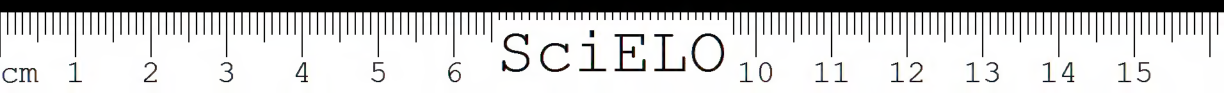
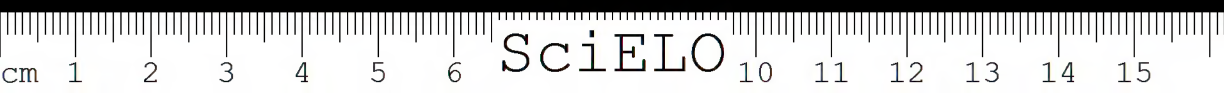
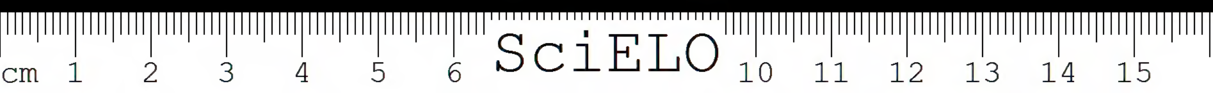

cm 1 2 3 4 5 6 7
SciELO
11 12 13 14 15 16 17


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

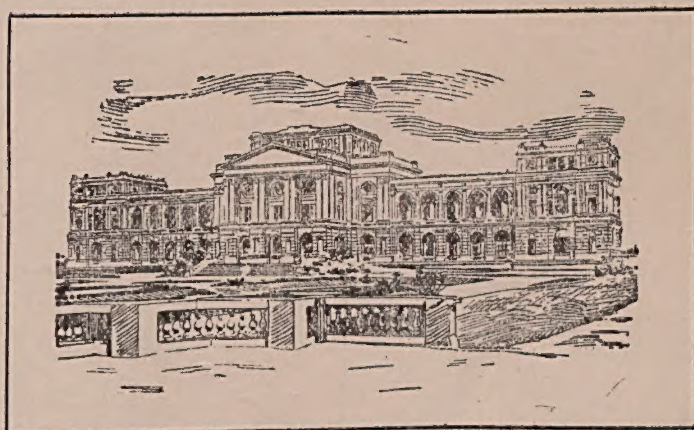

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

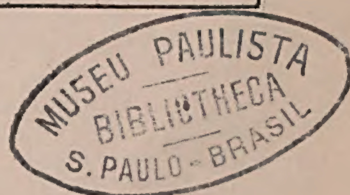
REVISTA

— DO —

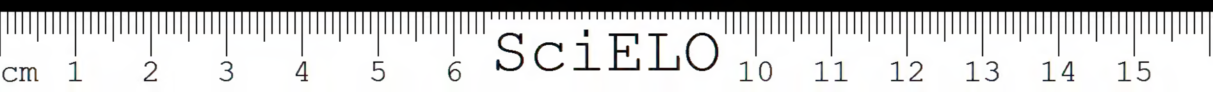
MUSEU PAULISTA

TOMO XV





SÃO PAULO
OFFICINAS DO « DIARIO OFFICIAL »
1927


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

TOMO XV

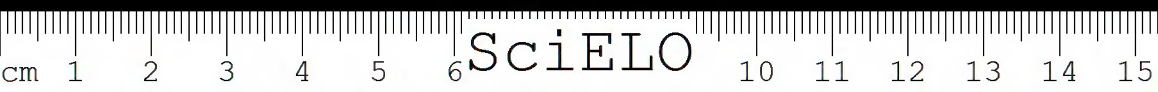


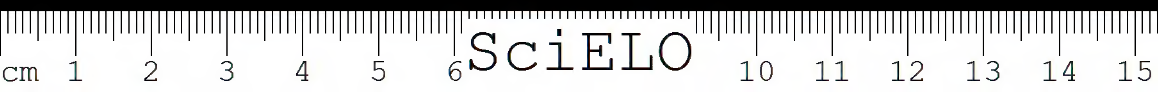
SÃO PAULO

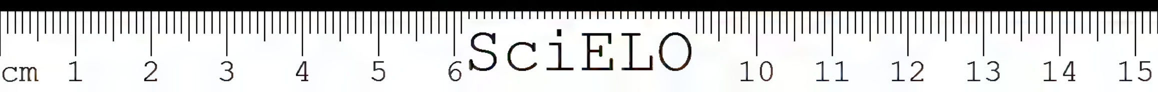
OFFICINAS DO « DIARIO OFFICIAL »

1927

SciELO


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

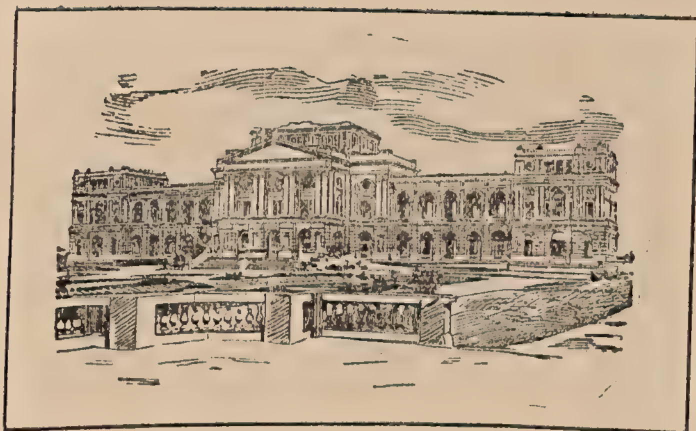

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

REVISTA

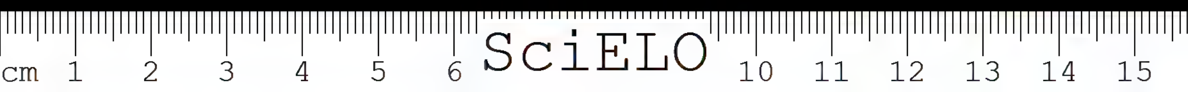
DO

MUSEU PAULISTA

TOMO XV



SÃO PAULO
OFFICINAS DO « DIARIO OFFICIAL »
1927


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Prefacio

Com a impressão deste tomo XV da *Revista do Museu Paulista,* pomos em dia a publicação do velho orgão do nosso Instituto que tanto apreço tem merecido dos estudiosos das Sciencias Naturaes e do publico em geral, desde o seu já hoje afastado apparecimento ha quasi um terço de seculo.

Como não fosse possivel ás officinas do nosso *Diario Official,* sobrecarregadas de serviço, superior á sua capacidade de producção, entregarmos o volume que agora distribuimos, na data em que a sua apparição se impunha — pedimos ao Exmo. Snr. Dr. José M. Lobo, D. Secretario do Interior, que nos auxiliasse com uma impressão supplementar, em officina particular, de parte dos originaes do presente volume. Do seu espiriito culto e esclarecido e do seu grande interesse pela prosperidade e avanço das instituições scientificas subordinadas á sua Secretaria, obtivemos a valiosa annuencia solicitada que nos permittiu regularisar a sahida da nossa *Revistaa,* e hoje apresentar aos nossos leitores um volume de mais de mil paginas in 8, tres mezes após a distribuição do seu antecessor, tomo bastante alentado com as suas oitocentas e muitas paginas.

A proseguirmos nesta ordem de considerações sejanos permittido aqui deixar algumas notas estatisticas

sobre a publicação da *Revista do Museu Paulista*, nos ultimos trinta annos.

Foram, de 1897 a 1907, editados quatro de seus tomos (do III.º ao VI.º) ou seja um total de 2603 paginas.

De 1907 a 1917 sahiram tres tomos (do VII.º ao IX.º) ou sejam 1670 paginas. Mas é de justiça que a este computo se addicionem diversas publicações que são annexos da Revista: os *Catalogos da Fauna Brasileira*, as *Notas Preliminares*, equivalentes a 885 paginas, o que dá ao todo 2555 paginas.

De 1917 a 1927 publicamos seis tomos da *Revista* (do X.º ao XV.º) num total de 6130 paginas.

Não é a immodestia nem o alardeamento de serviços que nos leva á apresentação destes dados.

Apenas queremos demonstrar aos nossos prezados leitores, entre os quaes numerosos ha impacientes, que absolutamente não nos descuidamos de promover o apparecimento de nossa querida *Revista do Museu Paulista* que, em summa, assim se apresenta:

De 1897 a 1907 com 2603 paginas in 8
De 1907 a 1917 com 2555 paginas in 8
De 1917 a 1927 com 6128 paginas in 8

Continuadamente recebemos communicados de todos os paizes do mundo indagando acerca da data provavel da sahida da *Revista* ou se acaso não foram este e aquelle signatario de taes cartas prejudicado pelos extravios postaes.

Isto muito nos penhora e desvanece: é o indice seguro do alto apreço em que é tido o nosso periodico e do interesse mundial que acerca da sua frequencia e da sua continuidade existe. Queremos por isto mais uma vez significar aos nossos correspondentes que por emquanto não podemos de todo fixar prazos determinados para a publicação dos nossos novos tomos. Assim é mais que possivel que só possamos distribuir o XVI

em fins de 1928 ou em principios de 1929, sahindo elle com um porte de 800 ou mais paginas.

Receiam algumas instituições, nossas correspondentes, ás vezes, que seus nomes hajam sido excluidos da nossa lista de remessa.

Podemos assegurar-lhes que tal nunca se deu nem se dará. A todas manteremos nas nossas liistas emquanto soubermos que existam.

A revisão a que neste sentido procedemos de tempos a tempos, é a da serie de endereços pessoaes de onde naturalmente temos de excluir os nomes dos correspondentes fallecidos.

No volume que agora distribuimos, a maioria de artigos constitue trabalhos do Museu Paulista. Nestas condições estão as numerosas memorias, quatorze, de que é autor o digno assistente de zoologia Dr. Afranio do Amaral, sobre assumptos em que adquiriu tão elevada autoridade.

O sr. Hermann Luederwaldt, nosso D. Assistente de Zoologia (Invertebrados) fornece-nos pequeno artigo sobre o material de oligochetas do Museu, com diversas notas biologicas. Não tivemos mais espaço para a inclusão da sua longa memoria sobre *Pinotus* (Coleopt. Lamell Copr.) reservando esta monographia sobre o curioso e pouco estudado grupo para o tomo XVI. O seu digno sub-assistente Snr. José Pinto da Fonseca concorre com um artigo sobre um novo parasita do cafeeiro *(Corthylus affinis)*.

O Snr. Julio Melzer como que pertence ao nosso corpo de naturalistas. Frequenta as nossas salas e bibliotheca, manipula o nosso material e attende ás nossas consultas sobre a especialidade a respeito da qual angariou verdadeira autoridade. E' um dedicado amigo do Museu e optimo collaborador de nossos trabalhos. Concorre para este tomo com duas excellentes contribuições: Longicorneos do Brasil, novos ou pouco conhecidos (I e II) em que descreve numerosas formas novas de nossa fauna coleopterologica.

O volumoso e rico material de batrachios de nosso estabelecimento permittiu ao nosso eminente amigo Prof. Alipio de Miranda Ribeiro a publicação de bella memoria: os Leptodactylidae do Museu Paulista, revisão de que resultou a descoberta de duas especies novas além de uma variedade.

Dous outros naturalistas de nota, desde longos annos amigos do nosso instituto vieram enriquecer o presente tomo com contribuições sobre os seus estudos predilectos: o Snr. Dr. Adolpho Hempel, com a descripção de um novo coccideo o *Cerococcus parahybensis*, em nota previa, e o Snr. Prof. Dr. Mello Leitão com uma revisão dos arachnideos de S. Catharina, fructo da manipulação do nosso volumoso material arachnologico catharinense, tão proveitosa que della pôde surgir a descripção de nada menos de quinze novidades biologicas.

Trabalho sobremodo valioso, este de naturalista alheio ao nosso Museu mas que frequentou o nosso Instituto é o do Dr. Charles H. T. Townsend, dipterologo de mundial reputação. Realisou uma «Synopse» dos generos muscoideos da região humida tropical da America, nada menos de seiscentos e cinco, o que lhe permittiu descrever o numero notavel de 227 novas formas! E facto do maior relevo: E' tão imperfeitamente conhecida a fauna brasileira dos dipteros que o Snr. Dr. Townsend descobriu nos arredores de São Paulo nada menos de 157 destas novidades!

Uma outra memoria valiosa com numerosas descobertas é a do Dr. R. Kleine de Stettin sobre os brenthideos da zona neotropica, grupo de coleopteros mal conhecidos, em que se especialisou. Revistando avultado material de procedencias diversas, creou o Dr. Kleine sete generos novos para quasi meia centenas de especies até agora desconhecidas.

A segunda parte do presente tomo XV, abre-se com a interessante memoria do Snr. Herbert Baldus sobre os indios chamacocos, tribu localisada na bacia do Paraguay e de que ha alguns nucleos escondidos no re-

cesso do Chaco. Lá foi ter o Snr. Baldus, procurando surprehender-lhes as feições da vida. Bem pouco ainda o que dos chamacocos se conhece. O trabalho do Snr. Baldus representa uma contribuição valiosa para os estudos americanos. Termina por pequeno vocabulario da lingua nada opulenta de taes indios e rica documentação bibliographica que bem demonstra o afinco e o interesse intelligente do joven autor em estudar o seu assumpto.

Do Rev. P. Constantino Tastevin publicámos no tomo XIII da *Revista* uma grammatica e vocabulario tupys que foram apreciadissimos. E' o Dr. Tastevin sem lisonja alguma legitima autoridade em materia de lingua brasilica. Ficarão os nossos leitores certamente muito satisfeitos por verem no presente tomo mais uma contribuição sua: A lenda do jabuti, paginas da poranduba amazonica com a traducção litteral tupy-portugueza.

Em pequeno artigo explica o nosso prezado e erudito collaborador Snr. Dr. Napoleão Reys com abundancia de argumentos o que pensa das diversas versões etymologicas de *Xopotó,* no seu dizer «intrincado vocabulo» da nossa toponymia de origem selvagem.

Recomeçámos neste volume XV a publicação das achegas bibliographicas referentes ás sciencias naturaes e ao Brasil com os mesmos collaboradores, Snrs. Ad. Hempel, H. Luederwaldt e F. Hoehne e mais o Snr. Julius Melzer, inserindo no presente tomo a analyse de numerosos artigos, monographias, e memorias estrangeiras versando sobre a zoologia, a botanica e a ethnographia brasileiras. Naturalmente nos cingimos á contribuição referente ao nosso paiz e de procedencia estrangeira. Serve o presente ensaio de complemento ao que publicámos no volume XI da *Revista* e reporta-se ao mesmo periodo (1917-1921).

No fim do tomo encontrarão os leitores abundantes considerações de nossa lavra sobre a deficiencia definitoria, o atrazo, a lacunosidade e a inducção ao erro

dos mais correntes dos nossos grandes diccionarios da lingua. São commentarios inspirados pela consulta attenta e procurando apoiar-se em documentação precisa. Valem pela intenção honesta que inspirou este protesto contra a absoluta insufficiencia scientifica dos grandes lexicos portuguezes de consulta corrente no paiz.

Seja-nos agora permittido lembrar os serviços que pela impressão do presente tomo ficamos a dever ao *Diario Official* e á *Typographia Ideal*, a quem commettemos a confecção das duas partes do livro.

Com extrema dedicação movimentou o Snr. Rubem Leal. Digno Chefe das officinas do *Diario*, a impressão das 448 paginas da segunda parte, alcançando em prazo curtissimo fornecer-nos esta extensa serie de folhas, serviço feito com o mais verdadeiro serviçalismo e desejo de ajudar o Museu. Manda a justiça que estendamos tambem os nossos agradecimentos a todos os seus dignos auxiliares e ao Snr. Julio Moreira D. chefe da officina de encadernação que tambem procurou quanto possivel abreviar o prazo da passagem dos cadernos impressos pela sua secção.

Ao digno gerente do *Diario Official*, Snr. Dr. Bento Cardoso, não podemos igualmente esquecer, solicito como sempre foi em providenciar para que o nosso *desideratum* fosse o mais rapidamente obtido. E' uma nova prova de sua antiga amizade á nossa casa.

O Snr. Heitor L. Canton, chefe da *Typographia Ideal*, a quem commettemos o serviço de impressão da primeira parte, tambem se houve com o maximo empenho em bem servir o Museu, auxiliado que foi pela verdadeira boa vontade de seus filhos Snrs. Renato e Bruno Canton.

A todos os nossos agradecimentos muito sinceros.

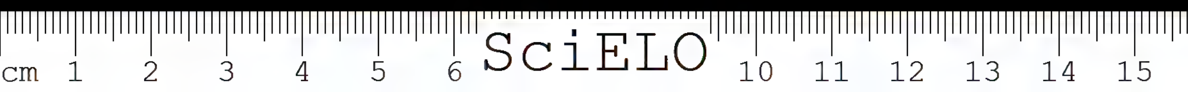
Affonso de E. Taunay
Director do Museu Paulista

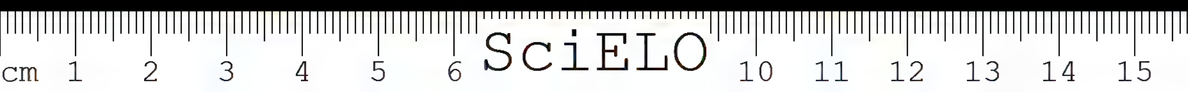
S. Paulo, 28 de dezembro de 1926.

Albinismo em "Cobra coral"

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Albinismo em «Cobra Coral»

por

AFRANIO DO AMARAL, B. Sc. & L., D. M., D. Hyg.

(do Instituto de Butantan e do Museu Paulista)

Antes de tratar do caso especial a que o presente trabalho se refere, devo esclarecer a significação precisa da expressão «Cobra Coral» que, apezar de ser bastante commum no Brasil, ainda não merecera devida attenção por parte dos especialistas. Até hoje, com effeito, ninguem sabe ao certo a extensão que ella tem e sua applicação a differentes especies registadas na Systematica herpetologica.

O povo do interior do Brasil designa por esse esse nome qualquer especie de serpente cujo colorido é mais ou menos vermelho cinabrio, interrompido ou não por anneis negros, brancos ou amarellos, alternadamente.

A primeira informação que se acha registada sobre essa designação vulgar é a de PISO e MARCGRAVE (1) em sua obra sobre Historia Natural do Brasil. O nome foi, ao que parece, introduzido pelos colonizadores portugueses, logo nos primeiros annos que se se-

---

(1) GUILIELMI PISONIS ET GEORGI MARCGRAVII DE LIEBSTAD — Historia Naturalis Brasiliæ. Amst. 1648.

guiram ao descobrimento do Brasil e desde então tem servido para designar especies mui distinctas entre si.

PISO assim se exprime á p. 42 do trabalho:

«Ibiboboca Brasiliensibus, anguis pulcher, Lusitane *Cobre de Corais* appellatur, duos pedes longus, pollicem antem crassus, colore niveo, nigris, rubrisque maculis variegatus...»

E MARCGRAVE diz á p. 240:

«Ibiboboca Brasiliensibus; *Cobra de Coral* Lusitanis; serpens duos pedes longus et pollicem humanum fere crassus, ubi crassissimus; nam versus posteriorem partem teres est et acutus instar sabulae. Totus venter albus et splendens, dorsum et latera tincta. Caput habet squamulas albas cubicas, ad oras nigras, hinc cinabria sequitur macula cujus squamae per oras nigrae, et ita semper rubra macula est, hinc sequitur nigra, hinc alba, iterum nigra, hinc rubra et sic deinceps...»

O principe de WIED-NEUWIED, em sua viagem pelo interior do Brasil, encontrou tal nome applicado a nada menos de 4 especies diversas, a saber: *Pseudoboa formosa* (WIED), *Erythrolamprus aesculapii* (L.), *Micrurus corallinus* (WIED), *e M. ibiboboca* (MERREM). Elle diz que *Ps. formosa* é conhecida como «Cobra Coral» ou «Coraës» na zona de Mucuri (2) (Estados da Bahia e Espirito Santo) e, chamando-a «Die Corallennatter mit orangenfarben Kopfe» ou «La Couleuvre-coral à tête orangée», accrescenta:

«Die von den Brasilianern *Cobra Coral* oder *Cobra Coraës* genannten Nattern, zeichen sich sämmtlich durch das reinste Zinnoberroth aus, welches durch schwarze und weissgrünliche Ringe auf das Herrlichste gehoben wird. Vier Arten habe ich kennen gelernt, welche sämmtlich dieses prachtvolle

---

(2) WIED — Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien. 1825. I. p. 382.

Gewande zeigen, gewöhnlich aber unter einer und derselben Benennung verwechselt werden...» (3).

Chama *Erythrolamprus aesculapii* «Die doppelringe Korallennater» (4) e informa:

> «Zu Villa Viçosa und weiter nördlich trägt sie die Benennung *Cobra Coral* oder *Coraës* (Corallenschlange) und wird für giftige gehalten, ob sie gleich gänzlich unschädlich ist» (5).

Applicando o nome «Die Corallennatter mit einfachen Ringen» (6) á especie *Micrurus corallinus*, diz:

> «Diese ist eine der vier Arten von Corallennattern, *Cobra Coral* oder *Coraës* der Brasilianer, welche einander durch ihre Färbung sehr ähnlich sind und zwar diejenige, welche ich am weistenden südlich beobachtete, da ich sie bei *Rio de Janeiro*, *Cabo Frio* und am *Parahyba*, weiter nördlich aber nicht mehr gefunden» (7).

Finalmente, assim se exprime a respeito de *Micrurus ibiboboca*, «Der Corallen Elaps mit drei schwarzen Ringen»:

> «Sie wird von den Landesbewohnern *Cobra Coral* oder *Cobra Coraës* benannt, und mit den übrigen, von mir abgebildeten, zinnoberrothen Nattern verwechselt» (8).
> «Die Schönheit der Farben an dieser Species hat auch ihr den Namen *Cobra Coral* oder *Cobra Coraës* verschaft» (9).

Todavia, o nome Cobra-Coral, hoje em dia, não se applica sómente ás 4 acima citadas especies. Seu uso generalizou-se enormemente pelo Brazil, conforme pude apurar durante as pesquisas que venho fazendo sobre

---

(3-4) Wied — Abbildungen z. Naturgesch. Brasiliens. 1822. I.
(5) » — Beiträge. p. 393.
(6) » — Abbildungen. 1824. VI.
(7) » — Beiträge. pp. 411-412.
(8) » — Abbildungen. 1823. III.
(9) » — Beiträge. p. 420.

a distribuição geographica das cobras brasileiras e suas denominações vulgares regionaes. Presentemente, elle é applicado pelo povo ás especies seguintes:

Ilysia scytale (L.) — na região amazonica.

Lystrophis semicinctus (D. e B.) — em Matto Grosso.

Urotheca bicincta (HERM.) — na região amazonica.

Hydrops martii (WAGL.) e *H. triangularis* (WAGL.) — na região amazonica.

Simophis rhinostoma (SCHL.) — em S. Paulo e, em geral, no S.E. do Brasil.

Atractus elaps (GTHR.) e *A. latifrons* (GTHR.) — na região amazonica.

Pseudoboa trigemina (D. e B.) — em quasi todo o territorio brasileiro.

Pseudoboa rhombifera (D. e B.) — no Brasil Meridional.

Pseudoboa formosa (WIED) — na Bahia e, em geral, no Brasil Central.

Pseudoboa haasi (BOET.) (10) — no Paraná.

Pseudoboa cloelia (DAUDIN) (10) — no Brasil Meridional.

Erythrolamprus aesculapii (L.) — em quasi todo o territorio brasileiro.

Elapomorphus tricolor (D. e B.) — no Brasil Meridional.

Micrurus surinamensis (CUV.) — na região amazonica.

Micrurus spixii (WAGL.) — na região amazonica.

Micrurus decoratus (JAN) — no Brasil Central.

Micrurus corallinus (WIED) — em quasi todo o territorio brasileiro.

Micrurus lemniscatus (L.) — em quasi todo o territorio brasileiro.

Micrurus frontalis (D. e B.) — no Brasil Meridional.

---

(10) **Sómente os exemplares jovens destas 2 especies são chamados «Cobras coraes».**

Micrurus ibiboboca (MERREM) — no Brasil Central e septentrional.

Por esta lista se vê que a especie *Ps. trigemina* está incluida entre as chamadas *coraes*, das quaes é por signal a mais commum no Brasil, onde tem até o nome vulgar especial de «Boi-Coral» ou «Bacorá» (11).

***

O caso de absoluta ausencia de pigmento melanico (melanina) que eu desejo descrever occorreu justamente em uma especie de *Pseudoboa trigemina*.

Nenhuma outra cobra, entre os milhares que o Instituto de Butantan tem recebido até hoje, me pareceu tão curiosa quanto essa coral albina. De um lado, com effeito, o notavel aspecto de seu colorido me era inteiramente estranho, pois eu estava acostumado a ver o colorido typico desta especie que é o seguinte: vermelho no dorso; a maioria das escamas com o apice negro; faixas trnasversaes negras mais ou menos regularmente dispostas em grupos de 3, a mediana geralmente mais estreita ou menos accentuada e cada grupo interciso por duas faixas transversaes amarellas; cabeça vermelha, em cima, com uma grande mancha negra que se extende por vezes até o focinho; uma faixa negra transversal dupla na nuca, dividida ao meio por uma só amarella.

De outro lado, eu não havia jamais achado, na literatura, referencia a tão estranha occorrencia em cobra coral. E' bem verdade que, — além de um exemplar albino de Naja naja (L.), procedente de Delhi, na India e estudado recentemente no Jardim Zoologico de Londres por J. B. Procter (11) — pelo menos 6 casos de albinismo em cobras já foram observa-

---

(11) VITAL BRAZIL — La Déf contre l'Ophidisme. 1914. p. 59.
R. VON IHERING — As Cob. do Brasil. *in* Rev. Mus. Paulista. 1910. VIII. pag. 365.

(12) J. B. PROCTER — Unrecorded characters seen in living snakes, etc., *in* Proc. Zool. Soc. Lond., 1924. 4: 1125.

dos no Novo Mundo, mas todos elles occorreram em cascaveis. Dois destes estão citados no 27.º Relatorio Annual da New York Zoological Society, 1922, pp. 49 e 115, os quaes dizem respeito a 2 especimes albinos de *Crotalus horridus* (L.), capturados em Sheffield, Massachusetts (Estados Unidos) e enviados vivos para o Bronx Park de Nova York. Um delles eu pude observar graças á gentileza do curador de repteis daquelle Parque, Sr. R. DITMARS.

O 3.º caso desta natureza diz respeito a uma cobra enviada de Managua, Nicaragua, a qual DITMARS em 1905, descrevera como *Crotalus pulvis* (12). Eu, todavia, penso que se trata, neste caso, de um albino de *C. terrificus* (LAURENTI), conforme verifiquei pelo exame cuidadoso que fiz do especime-typo que ora se encontra na collecção do Museu de Zoologia Comparada de Cambridge. Tal especime concorda inteiramente com 3 outros de procedencia brasileira e especialmente com um capturado na localidade São Roque, Estado de S. Paulo (Brasil) e enviado vivo para o Instituto de Butantan pelo Sr. Calixto Zunkeller, em Setembro de 1919, quando eu o estudei.

Estes quatro ultimos casos de albinismo em cascaveis serão descriptos mais pormenorizadamente em outra publicação que farei em breve.

De referencia ao especime de *Ps. trigemina*, devo assignalar que foi enviado pelo Sr. João Pereira do Nascimento, da localidade Elihu Root, Estado de S. Paulo e recebido vivo em Butantan em 24 de Janeiro de 1922. Quando retirado da caixa, logo despertou a attenção das pessoas presentes, por causa do admiravel brilho de sua pelle, toda entrecortada de anneis vermelhos e amarellos sobre um fundo branco. Estava muito activo e conseguiu escapar de minhas mãos por mais de uma vez. Levado para um dos

---

(13) R. DITMARS — A new species of rattlesnake, *in* N. Y. Zool. Soc. 9 th Ann. Rep. 1905: 27-28.

meus laboratorios, ali viveu por cerca de um mes até que, accidentalmente, morreu, imprensado na caixa em que estava. Tal accidente lhe deformou um pouco a cabeça.

Infelizmente elle era um ♂ e nunca mais eu pude conseguir exemplares identicos com que pudesse fazer experiencias á luz das leis biologicas de MENDEL. Hoje tem elle o n.º 3.056 na collecção do Instituto de Butantan. Seus caracteres são os seguintes:

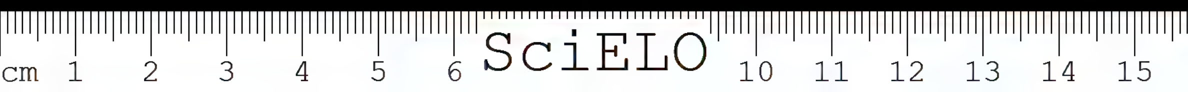
Olho medio, seu diametro menos da metade da extensão do focinho. Rostral mais larga do que alta, justamente visivel de cima; internasaes muito mais curtas do que as prefrontaes; frontal triangular, algo mais longa do que larga, tão longa quanto sua distancia da extremidade do focinho, mais curta do que as parietaes; frenal duas vezes e meia tão longa quanto alta; 1 preocular contigua á frontal; temporaes 2+3/2+2; 8 supralabiaes, 4.ª e 5.ª contiguas á orbita; 4/5 infralabiaes contiguas ás mentaes anteriores que são tão longas quanto as posteriores. Escamas em 19 series. Ventraes 189+1/1; anal inteira; subcaudaes 77 pares.

Vermelha no dorso, com 19 series ou grupos de anneis brancos divididos por 2 faixas transversaes estreitas de côr amarella, algumas vezes interrompidas na linha vertebral e assim alternadas com as do lado opposto; olho vermelho, pupilla sem pigmento negro.

Comprimento total 805 mm.; cauda 175 mm.

As gravuras annexas (Tab. I e II) mostram a differença de colorido existente entre um especime typico de *Ps. trigemina* e o albino aqui descripto, no qual se pode verificar que tanto o pigmento vermelho (erythrina) quanto o amarello (xanthina) estão presentes, ao passo que o pigmento preto (melanina) falta por completo em todo o corpo, inclusive nos olhos.

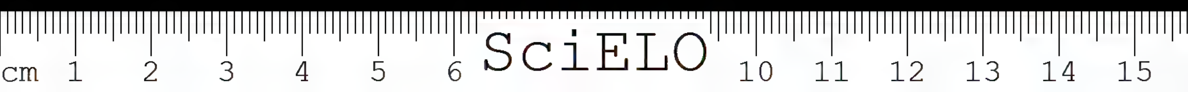
S. Paulo, Março de 1925.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Tab. I



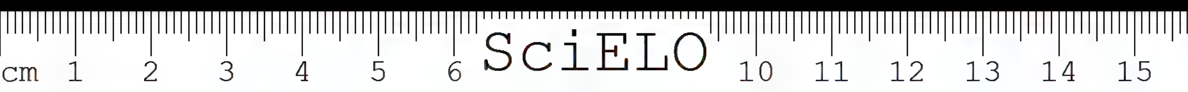
Especime typico de *Pseudoboa trigemina* (D. & B.)


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Tab. II



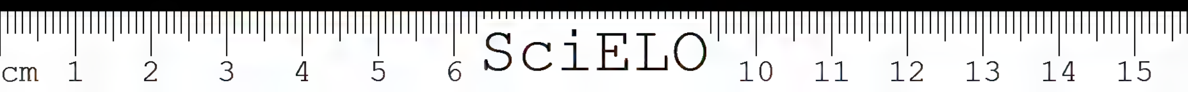
Pseudoboa trigemina (D. & B.), albino N. 3056 coll. Inst. Butantan.

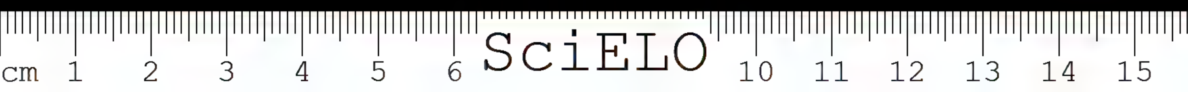

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Três subespecies novas de *Micrurus corallinus* (WIED): *M. corallinus corallinus, M. corallinus riesei* e *M. corallinus dumerilii*

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Três subespecies novas de *Micrurus corallinus* (WIED): *M. corallinus corallinus*, *M. corallinus Riesei* e *M. corallinus Dumerilii*

por

AFRANIO DO AMARAL

NEUWIED-WIED, em 1820, descreveu a especie de Colubrideo Elapineo, *Elaps corallinus* (in Acta Ac. Ces. Leop. Carol. germ. nat. cur. 10,1: 108. 1820), a qual, em obediencia ás regras terminologicas da zoologia, hoje se deve chamar *Micrurus corallinus*, conforme mostrei na «1.ª Nota de Nomenclatura Ophiologica» publicada em outra parte desta Revista.

BOULENGER, em 1896 (in Cat. Sn. III: 420), acceitou tal especie como valida, o que foi confirmado por trabalhos posteriores

Tendo de minha parte estudado a collecção de ophidios neotropicos da Instituição Smithsonia, durante a minha permanencia nos Estados Unidos entre 1922 e 1924, tive ensejo de ali encontrar 29 exemplares da especie wiedeana, os quaes, dadas as suas enormes variações, me levaram a examinal-os comparativamente com os das collecções do Museu de Zoologia da Universidade de Michigan, do Museu Carnegie de Pittsburg, e, especialmente, do Museu de Zoologia Compa-

rada de Cambridge, cujo material havia sido ha pouco enriquecido com varios exemplares recebidos do Instituto Butantan e do Museu Paulista. O numero total de especimes dest'arte reunidos foi de 101, distribuidos pelas differentes collecções do seguinte modo:

Museu Nacional dos Estados Unidos (U. S. N. M.)	29	exemplares
Museu de Zoologia da Universidade de Michigan (Univ. Mich.) . . .	2	»
Museu Carnegie (material de GRIFFIN (1) (Carn. Mus.)	8	»
Museu de Zoologia Comparada de Cambridge, Mass. (M. C. Z.) . .	62	»
Total . .	101	»

Esse rico material tinha as seguintes procedencias:

Trindade	21	exemplares
Venezuela	1	»
Colombia	13	»
Equador	7	»
Perú	6	»
Brasil . . . . ,	51	»
«America do Sul»	1	»
desconhecida	1	»
	101	»

Seus principaes caracteres podem ser resumidamente representados no quadro A:

(1) GRIFFIN *in* Mem. Carnegie Museum 1915. 7:216. — Os exemplares Nos. 197, 198, 2031 e 2033 Carn. Museum foram identificados, por Griffin, com *M.* (*E.*) *columbianus* que, em outro artigo desta Revista, mostro ser synonymo de *M. corallinus*. Os exemplares Nos. 199, 261, 341, 1236 Carn. Mus. haviam sido correctamente identificados com *M. corallinus*, por Griffin.

QUADRO A

Exemplares de *Micrurus corallinus* examinados

Procedencia	No.	Collecção	Sexo	Temp.	V.	C.	Anneis negros		
							Corpo	Cauda	marginaes
Trindade	5.886-0	U. S. N. M.	♀	1+1	193	31 p.	26	6	nenhum
»	» - 1	»	♀	»	202	33 p.	28	6	vestigios
»	» - 2	»	♂	»	180	44 p.	27	9	nenhum
»	» - 3	»	♀	»	194	30 p. + 2	29	6	vestigios
»	» - 4	»	♀	»	198	30 p. + 2	31	8	nenhum
»	» - 5	»	♀	»	197	31 p.	27 + 3	6	vestigios
»	» - 6	»	♂	1/1+1	181+1/2	38 p. + 5	25 + 1/2	10	accentuados
»	» - 7	»	♂	1+1	183	41 p. + 2	25	9	vestigios
»	» - 8	»	♀	1+1/1	198	29 p. + 2	29 + 1	7	nenhum
»	» - 9	»	♂	1+1	187	44 p.	25	12	accentuados
»	» - 10	»	♀	»	195	29 p. + 3	22	6	nenhum
»	» - 11	»	♂	»	186	44 p. + 2	26	toda negra	»
»	7.481-1	»	♀	»	199	34 p.	27 + 2/2	7	»
»	» .2	»	♂	»	185	43 p. + 1	25	11	vestigios
»	17.736	»	♀	1/1	198	31 p.	29	8	nenhum
»	17.737	»	♂	1/1+1	181	37 p. + 10	30	11	vestigios

Procedencia	No.	Collecção	Sexo	Temp.	V.	C.	Anneis negros		
							Corpo	Cauda	marginaes
Trindade	17.738	U S N. M	♂	1+1	185	46 p.	29	toda negra	vestigios
»	17.739	»	♂	»	186	47 p.	26	10	nenhum
»	6.123-1	M. C. Z	♂	1/1	185	27 p.+14	29	9	accentuados
»	» -2	»	♂	1+1	182	45 p.+2	26	10	vestigios
»	» -3	»	♂	1/1	182	46 p.	25	10	»
Venezuela	9 996	»	♂	1+1	178	44 p.	25	9	nenhum
Colombia	54.339	U S N. M.	♂	»	190	53 p.	16	7	accentuados
»	45.548	Univ. Mich	♂	»	199	49 p.	10	5	»
»	47 796	»	♂	»	180	49 p.	12	11	»
»	197	Carn. Mus	♀	»	207	33 p.	13	5	»
»	198 (*)	»	♀	»	206	35 p.+1	12	4	»
»	2.031	»	♂	»	185	43 p.	12	6	vestigios
»	199	»	♂	»	191	47 p.	14	7	descorados
»	2.033	»	♀	»	205	33 p.	14	5	accentuados
»	6.535	M. C. Z.	♂	»	186	46 p.	10	6	»
»	6.536	»	♂	»	183+1/2	44 p.	11	6	»
»	6.537	»	♂	1+1/1+2	179	45 p.+1	12	6	vestigios
»	6.582	»	♀	1+1	198	32 p.	15	4	accentuados

(*) Actualmente, No. 11.865 na collecção M. C. Z.

Procedencia	No.	Collecção	Sexo	Temp.	V.	C.	Anneis negros		
							Corpo	Cauda	marginaes
Colombia	13.302	M. C. Z.	♀	1+1	209	38 p.	16	6	vestigios
Equador	20.624	U. S N. M	♀	»	211	» p.	19	6	nenhum
»	22.443	»	♂	»	198	56 p.	17	7	»
»	59.432	»	♀	»	206	43 p.	16	5 .	accentuados
»	62 808	»	♂	»	193	56 p.	19	8	nenhum
»	8.399	M. C. Z.	♂	»	209	45 p.	15	6	accentuados
»	3.559	»	♀	»	201	48 p.	18	6	»
»	3.569	»	♀	»	213	34 p.	19	4	»
Perú	17.384	»	♀	1/1	198	27 p.	18	4	nenhum
»	17.385	»	♂	1+1	190	33 p.+8	26	7	»
»	17.386	»	♂	1+2	207	45 p.	25	9	»
»	17.387	»	♀	1/1	199	28 p.	27	5	»
»	17.388	»	♀	1+1	200	30 p.	26	5	»
»	17.389	»	♀	»	202	27 p.	27	4	»
Brasil	2.915-1	»	♀	»	217	» p.	20	4	»
»	» -2	»	♀	»	219	25 p.+5	21	4	»
»	17.855	»	♀	»	216	31 p.	24	5	»
» (Esp. Santo)	17.856	»	♀	»	216	30 p.	18+1/2	4	»

Procedencia	No.	Collecção	Sexo	Temp.	V.	C.	Anneis negros		
							Corpo	Cauda	marginaes
Brasil (Rio)	53.362	U. S. N. M.	♀	1+1	211	27 p.	20	4	nenhum
» »	53.363	»	♂	»	193	42 p.	17+2	6	»
» »	53.364	»	♂	»	195	» p.	17+1	7	»
» »	2.923-1	M. C. Z	♀	»	216	26 p.	22	4	»
» »	» -2	»	♂	»	198	42 p.	17	7	»
» »	3.003	»	♀	»	217	30 p.	22	5	»
» »	3.205-1	»	♀	»	207	29 p.	20	4	»
» »	» -2	»	♂	»	196	43 p.	19	8	»
» »	1.194 (**)	»	♀	»	?	?	20	4	»
» »	1.374-1	»	♀	»	214	29 p.	18	4	»
» »	» -2	»	♂	»	196	44 p.+2	17	7	»
» »	» -3	»	♂	»	199	43 p.+4	17	7	»
» »	» -4	»	♀	»	210+4/2	28 p.	21+1/2	4	»
» »	» -5	»	♂	»	196	45 p.+2	15+3/2	7	»
» »	» -6	»	♀	»	212	29 p.	20+1/2	4	»
» »	» -7	»	♀	»	211	27 p.	22	4	»

(**) Face ventral mutilada.

Procedencia	No	Collecção	Sexo	Temp.	V.	C.	Anneis negros		
							Corpo	Cauda	marginaes
Brasil (Rio)	2.648.1	M. C. Z.	♀	1+1	209	27 p.	18	4	nenhum
» »	» -2	»	♂	1+1/1+2	196	40 p.+2+4/2	17	6	»
» »	» -3	»	♀	1+1	209+1/2	28 p.	19+1/2	5	»
» »	» -4	»	♀	»	206	28 p.	19	4	»
» »	» -5	»	♀	»	209	30 p.	21	5	»
» »	» -6	»	♀	»	207	23 p.+1	18+1/2	4	»
» »	» -7	»	♀	»	209	27 p.	21	4	»
» »	» -8	»	♂	»	196	40 p.+2	16+1/2	6	»
» »	» -9	»	♂	»	199	44 p.	18	7	»
» »	» -10	»	♀	»	206	29 p.	22	4	»
» »	3.498	»	♂	1+1/1+2	195	42 p.+4	16	8	»
» »	2.653	»	♂	1+2/1+2	195	30p.+4+2	16+1/2	5+ n	»
» »	2.678	»	♀	1+1	211	30 p.	19	5	»
» (Minas)	5.568	»	♂	»	183+6/2	31 p.+9	14	5	»
» (Goyaz)	3.489	»	♀	»	212	28 p.	20	5	»
» (S. Paulo)	12.695	»	♂	»	207	44 p.+1	19	7	»
» »	12.696	»	♀	»	213	28 p.	16+3/2	4	»
» »	16.675	»	♂	»	207	46 p.	18+2/2	7	»

Procedencia	No.	Collecção	Sexo	Temp.	V.	C.	Anneis negros		
							Corpo	Cauda	marginaes
Brasil (S. Paulo)	17.857	M. C. Z.	♀	1+1	215	27 p.	20+1/2	4	nenhum
» »	17.859	»	♀	1+2/1+1	213	30 p.	18	5	»
» » (1)	17.858	»	♂	1+2	198	44 p.	18	7	»
» » (2)	17.860	»	♂	1+2/1+1	203	43 p.	20	7	»
» (Paraná)	17.861	»	♀	1+1	213	28 p.	17+1/2	4	»
» (Sta. Cath.)	17.755	»	♀	1+2/1+1	213	28 p.	20	4	»
» »	17.756	»	♀	1+1	213	29 p.	20	4	»
» »	17.757	»	♂	1+1/1+2	200	45 p.	18	8	»
» »	17.758	»	♀	1+1	217	30 p.	19	4	»
» »	40.218	U. S. N. M.	♀	»	221	30 p.	20	4	»
» »	40.219	»	♀	»	217	30 p.	20	6	»
» »	40.220	»	♀	»	217	30 p.	21	4	»
» (M. Grosso)	341	Carn. M.	♀	»	213	29 p.	24	6	»
AmericadoSul	261	»	♀	»	200	43 p.	16	6	»
desconhecida	1.236	»	♂	»	195	44 p.	15	6	»

(1) Da ilha de S. Sebastião.
(2) Da ilha Victoria.

Se, agora, nós resumirmos os diversos dados principaes do Quadro A, segundo o sexo e a distribuição geographica dos diversos exemplares examinados (excluidos os dois cuja procedencia não era bem conhecida), poderemos organizar o quadro seguinte:

QUADRO B

Paises	Numero de exemplares	Sexo	V.	C.	Anneis negros		
					Corpo	Cauda	marginaes
1. Trindade	12	♂ ♂	180-187	41-47 p.	25-30	9-12	por vezes
	9	♀ ♀	193-202	31-34 p.	22-31	6-8	presentes
2. Venezuela	1	♂	178	44 p.	25	9	—
3. Colombia	8	♂ ♂	179-199	43-53 p.	10-16	5-11	sempre
	5	♀ ♀	198-209	32-38 p.	12-16	4-6	presentes
4. Equador	3	♂ ♂	198-209	45-56 p.	15-19	6-8	frequentemen-
	4	♀ ♀	201-213	34-48 p.	16-19	4-6	te presentes
5. Perú	2	♂ ♂	190-207	41-45 p.	25-26	7-9	nunca
	4	♀ ♀	198-202	27-30 p.	18-27	4-5	presentes
6. Brasil	18	♂ ♂	186-207	40-47 p.	14-20	5-8	nunca
	33	♀ ♀	206-221	24-31 p.	17+1/2-24	4-6	presentes

Tendo tido, assim, á minha disposição uma serie bastante grande de especimes colombianos e equatorianos, — os quaes em via de regra apresentavam no corpo anneis marginaes negros (limitando para diante e para trás os anneis negros mais largos, communs da especie) e que, por isso, se assemelhavam a *Micrurus Dumerilii* (JAN) representada na publicação de JAN (Icon. Gén. 42: pl. I, fig. 3. 1872) e descripta no trabalho de BOULENGER (Cat. Sn. III: 419. 1896), — fui naturalmente levado a comparar *M. Dumerilii* com *M. corallinus* para verificar se aquella deveria ou não ser considerada especie valida.

Conforme se vê no Catalogo de BOULENGER, estas duas especies distinguem-se entre si sómente nos 3 pontos seguintes:

	1) Frontal	2) Caudaes	3) Anneis negros marginaes
M. Dumerilii	tão longa quanto as parietaes	50 – 53 p.	presentes, formando triades; o annel mediano muito mais largo do que os marginaes.
M. corallinus	um pouco mais curta do que as parietaes	30 – 47 p.	ausentes, praticamente.

1.º ponto: Quanto ao tamanho da placa frontal de *M. corallinus*, verifiquei que a relação «frontal: parietal» é de 3:4,5 a 3:4,75 nos especimes da Colombia e Equador e, pois, comparavel á de *M. Dumerilii*, cujo typo procede de Carthagena, Colombia, isto é, da mesma região zoogeographica que aquelles especimes. E' este, portanto, um caracter desprovido de importancia.

2.º ponto: De referencia ao numero de subcaudaes de *M. corallinus*, na extensa serie examinada, elle vae de 32 a 56 nos especímes da Colombia e Equador, sendo, portanto, confundivel com o que se encontra em *M. Dumerilii*.

3.º ponto: Finalmente, a ausencia de anneis marginaes em *M. corallinus* não pode ser tomada como differença, primeiro, porque taes anneis occorrem nos especimes da Colombia e Equador, tanto que o proprio BOULENGER incluiu na synonymia de sua *M. corallinus* a especie *M. Bocourti*, a qual se caracteriza pela presença desses anneis, conforme se vê em JAN — Icon. Gén. 42: pl. 6, fig. 2. 1872; segundo, porque elles tambem, algumas vezes, se encontram em exemplares da Trindade, segundo, aliás, o proprio BOULENGER assignalou.

Nestas condições, os exemplares de *M. Dumerilii* até agora descriptos devem considerar-se identicos aos de *M. corallinus* de origem colombiana e equatoriana, os quaes, deste modo, constituem uma raça local. Da mesma maneria, se devem classificar os exemplares de Trindade (e provavelmente tambem os de Venezuela) como outra subespecie, a qual se distingue do typo pelo numero de ventraes e pela disposição, em geral, dos anneis.

Baseado nestes dados, decidi reconhecer 3 subespecies bem caracterizadas, em *M. corallinus*, a saber:

1.º — *Micrurus corallinus corallinus* (WIED) AMARAL.

Diagnose: Corpo vermelho, com anneis negros simples, margeados de amarello-esbranquiçado; 14 a 26 anneis, sobre o corpo, nos ♂♂ e 17 e 1/2 a 27 nas ♀♀; 5 a 9 anneis, sobre a cauda, nos ♂♂ e 4 a 6 nas ♀♀; ventraes 186 a 207 nos ♂♂ e 198 a 221 nas ♀♀.

Typo: procedente do sul da costa oriental do Brasil.

Distribuição: S., S.E. e centro do Brasil, assim como Uruguay, Argentina, Paraguay, Perú e Bolivia.

2.º — *Micrurus corallinus Riesei* (JAN) AMARAL

Diagnose: Corpo vermelho, com anneis negros simples margeados de amarello-esbranquiçado ou, ás vezes, com estreitos anneis marginaes negros; cauda muito escura, de sorte que os anneis são quasi sempre indistinguiveis; 25 a 30 anneis, sobre o corpo, nos ♂♂ e 22 a 31 nas ♀♀; 9 a 12 anneis sobre a cauda, nos ♂♂ e 6 a 8 nas ♀♀; ventraes 180 a 187 nos ♂♂ e 193 a 202 nas ♀♀; temporal anterior com notavel tendencia ao desapparecimento.

Typo: procedente da Trindade.

Distribuição: Trindade e, provavelmente, Venezuela.

Nota: Ao contrario do que BOULENGER assignala (Cat. Sn. III: 420. 1896), não parece que esta cobra occorra tambem em S. Vicente e S. Thomaz.

3.º — *Micrurus corallinus Dumerilii* (JAN) AMARAL.

Diagnose: corpo vermelho, com anneis negros margeados de amarello; anneis marginaes, estreitos, negros, praticamente sempre presentes, de modo a formarem triades; 10 a 19 triades de anneis sobre o corpo, nos ♂♂ e 12 a 19 nas ♀♀; 5 a 11 anneis sobre a cauda, nos ♂♂ e 4 a 6 nas ♀♀; ventraes 179 a 209 nos ♂♂ e 198 a 213 nas ♀♀; temporal anterior com certa tendencia á subdivisão.

Typo: procedente de Cartagena, Colombia.

Distribuição: Colombia e Equador.

S. Paulo, março de 1925.

Summary:

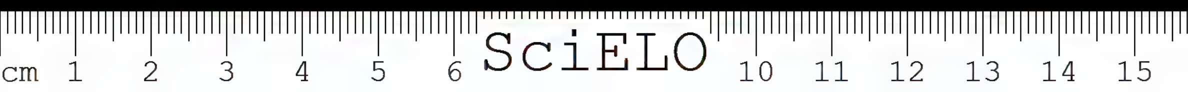
In this paper the A. makes a revisionary study of the species of Colubridae Elapinae *Micrurus corallinus* comparatively with *M. Dumerilii* based on the examination of 101 specimens found in the most important collections of the American Museums.

He does not consider *M. Dumerilii* a full species but a local race of *M. corallinus.* This he divides into three races, as follows: *M. corallinus corallinus* (type) from Brazil, Peru, Paraguay, Uruguay, Argentina and Bolivia; *M. corallinus Riesei* from Trinidad and probably Venezuela; and *M. corallinus Dumerilii* from Colombia and Ecuador.

Da invalidez da especie de Colubrideo Elapineo *Micrurus ibiboboca* (MERREM) e redescripção de *M. lemniscatus* (L.)

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Da invalidez de *Micrurus ibiboboca* (MERREM) e redescripção de *M. lemniscatus* (L.)

por

AFRANIO DO AMARAL

Em outra parte desta Revista (pp. 3-6), tive occasião de rever a questão da validez de *Micrurus marcgravii* (WIED), tendo mostrado que este nome é posterior a *M. ibiboboca* (MERREM), para cuja synonymia deve, portanto, passar.

Agora, presumo ter elementos para affirmar que a propria especie *M. ibiboboca* não deve prevalecer, pois é indistinguivel de *M. lemniscatus*, conforme passarei a mostrar.

Na verdade, se se comparam as definições de *M. (Elaps) lemniscatus* e de *M. (E) ibiboboca*, dadas por BOULENGER (Cat. Sn. III: 428-430. 1896), verifica-se logo que, segundo este autor, a distincção entre ellas repousa unicamente no numero de ventraes e no de series de anneis negros sobre o corpo, assim:

	Ventraes	Series de anneis
M. lemniscatus	241-262	11-14
M. ibiboboca	210-240	6-10 (apud BOULENGER).

Ora, eu acredito que esses numeros são tão inconfundiveis, porque o notavel especialista do Museu Britannico teve á sua disposição sómente 23 exemplares, o que, sem duvida, constitue uma serie relativamente pequena. Com effeito, tendo examinado 13 exemplares desta especie na collecção do Museu Nacional dos Estados Unidos (U. S. N. M.), eu tive ensejo de comparal-os com 31 outros, pertencentes ao Museu de Zoologia Comparada, de Cambridge (M. C. Z.) e, finalmente, com mais 58 da collecção do Instituto de Butantan, perfazendo, assim, o total de 102 exemplares.

Nesse estudo minucioso e comparativo, verifiquei, em via de regra, o seguinte: 1.º) os exemplares ♀♀ possuem maior numero de ventraes, o que é devido ao facto de possuirem, em geral, mais algumas vertebras do que os ♂♂; 2.º) ao mesmo tempo, aquelles possuem um numero mais elevado de anneis negros sobre o corpo; 3.º) em series grandes de uma mesma localidade, o dimorphismo sexual desapparece inteiramente, conforme se verifica no material do Instituto de Butantan entre os especimes dos Estados brasileiros de S. Paulo e Bahia, constantes do quadro abaixo:

Exemplares de *M. lemniscatus* examinados:

Museu	No.	Localidade	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
						Corpo	Cauda
U. S. N. M.	1.405	America do Sul	♀	235	25 p.+n	7	1+n
„	5.444	Brasil	♀	267	37 p.	13	1 e 3/5
„	6.006	„ (Amazonas)	♀	249	39 p.	10	1 e 1/5
„	13.823	Guyana Hollandesa	♀	237	38 p.	14	1 e 4/5
„	39.074	Brasil (S. Paulo)	♀	234	30 p.	12	1 e 4/5
„	5.585-1	Trindade	♂	230	33 p.	10	1 e 3/5
„	„ -2	„	♂	220	35 p.+2	10	1 e 3/5
„	„ -3	„	♂	214	32 p.+3	12	1 e 3/5
„	7.342	„	♂	241	27 p.+7	10	1 e 3/5
„	15.234	„	♂	225	34 p.+8	10	2
„	17.740	„	♂	220	30 p.+6	11	1 e 3/5
„	55.959	„	♂	230	26 p.	8	1 e 3/5
„	60.652	„	♂	221	27 p.+5	10	2
M. C. Z.	6.122	„	♂	220	30 p.	10	1 e 3/5
„	6.755	„	♂	222	34 p.+2	10	1 e 3/5
„	945-1	America do Sul	♂	234 e 1/2	40 p.	11	1 e 1/5
„	„ -2	„	♂	234 e 1/2	36 p.+2	10	1 e 1/5

Museu	No.	Localidade	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
						Corpo	Cauda
M. C. Z.	5.066	America do Sul	♂	213+1/2	24 p.	9	1 e 1/5
”	9.978	Venezuela	♂	208	29 p.	12	1 e 1/5
”	12.428	Perú	♀	246	36 p.	9	1 e 3/5
”	9.885	Brasil (Amazonas)	♂	235	42 p.	12	1 e 3/5
”	1.208	” (Pará)	♂	**221**	35 p.	9	1 e 5/5
”	3.216	” (Pernamb.)	♀	236	**22 p.+2**	7	1 e 1/5
”	1.459	” ”	♀	**226**	27 p.	8	1 e 1/5
”	3.663-1	” (Bahia)	♀	241	41 p.	11	1 e 3/5
”	” -2	” ”	♀	224	24 p.	10	1 e 1/5
”	1.190-1	” ”	♀	226	24 p.	9	1 e 1/5
”	” -2	” ”	♂	207	17 p.+5	8	1 e 1/5
”	1.357	” ”	♂	220+1/2	**22 p.+2**	10	1 e 1/5
”	1.375	” (Rio)	♂	233+1/2	26 p.	10	1 e 3/5
”	3.298	” (Esp. Santo)	♂	231	5 p.+18	11	1 e 3/5
”	16.433	” (Rio)	♀	233	25 p.	7	1 e 1/5
”	1.192-1	” ”	♂	214	18 p.+6	9	1 e 1/5
”	” -2	” ”	♂	227	23 p.	8	1 e 1/5
”	16.683	” (S. Paulo)	♂	235	33 p.+1	11	1 e 1/5
”	2.580	” (Pará)	♂	224	36 p.	8	1 e 1/5

Museu	No.	Localidade		Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
							Corpo	Cauda
M. C. Z.	2 612	Brasil	(Pará)	♂	221+1/2	12 p +12	8	4/5
„	2 955-1	„	(Bahia)	♂	232	26 p.+1	7	1 e 1/5
„	» -2	„	„	♂	227	25 p.	7	1 e 1/5
„	2.976	„	(Amazonas)	♂	218	13 p.+8	6	4/5
„	17.762	„	(Minas)	♂	232	36 p.	12	1 e 3/5
„	17.761	„	„	♀	258	28 p.	12	1 e 3/5
„	17.851	„	(Bahia)	♂	224	25 p.	8	1 e 1/5
„	17.852	„	(Minas)	♂	235	27 p.+3	11	1 e 3/5
Instituto Butantan	1.308	„	(S. Paulo)	♀	247	30 p.	15	2
„	1.593	„	„	♂	240	35 p.	12	1 e 3/5
„	937	„	„	♂	225	32 p.	12	1 e 3/5
„	1.528	„	„	♂	226	31 p.	11	2
„	1.544 (1)	„	„	♂	230	27 p.+2	13	2
„	1.728	„	(Amazonas)	♀	246+1/2	41 p.	10	1 e 3/5
„	1.706	„	(S. Paulo)	♂	233	32 p.	11	1 e 3/5
„	1.220	„	„	♀	254	28 p.+1	16	2
„	1.613	„	„	♂	233	32 p.	13	1 e 3/5
„	1.592	„	„	♂	234	36 p.	13	2
„	900	„	„	♂	230+1/2	31 p.	13	2

(1) Agora, No. 1.547.

Museu	No.	Localidade	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
						Corpo	Cauda
Instituto Butantan	1.020	Brasil (S. Paulo)	♀	256	32 p.	12	2
”	598	” (Minas)	♂	241	30 p.	11	1 e 3/5
”	1.221	” (S. Paulo)	♀	253	33 p.	17	2
”	1.198	” ”	♂	234	28 p.	13	2
”	1.044	” ”	♂	233	38 p.	13	2
”	382	” ”	♀	264	30 p.	18	2
”	381	” ”	♂	251	30 p.	15	1 e 3/5
”	869	” (Bahia)	♂	247	41 p.	12	2
”	965	” ”	♀	259	28 p.	11	1 e 3/5
”	1.300	” (S. Paulo)	♂	234	38 p.	12	2
”	409	” ”	♂	234	33 p.	12	2
”	1.821	” ”	♀	246	32 p.+3	14	2
”	1.082-A (2)	” ”	♂	230	33 p.	12	1 e 3/5
”	1.354	” (Bahia)	♂	226	23 p.+4	10	1 e 1/5
”	1.729	” (Amazonas)	♂	226	28 p.+n	8	1+n
”	1.050	” (Ceará)	♂	231	26 p.	9	1 e 1/5
”	969	” (Bahia)	♂	227	24 p.	9	1 e 1/5
”	485	” Piauhy)	♂	232	26 p.	10	1 e 1/5

(2) Agora, No. 3.021.

Museu	No.	Localidade	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
						Corpo	Cauda
Instituto Butantan	1.281	Brasil (Piauhy)	♂	238	26 p.	9	1 e 1/5
"	484	" "	♀	233	20 p.+4	9	1 e 1/5
"	498	" "	♂	236	22 p.	8	1 e 1/5
"	508	" "	♂	232	22 p.+3	9	1 e 1/5
"	1.663	" "	♂	234	24 p.	9	1 e 1/5
"	1.311	" (Ceará)	♂	222	24 p.	9	1 e 1/5
"	75	" (Bahia)	♀	229	18 p.+6	9	1 e 1/5
"	1.753	" "	♀	230	24 p.	11	1 e 1/5
"	982	" "	♂	226	24 p.	9	1 e 1/5
"	981	" "	♂	230	24 p.	11	1 e 1/5
"	986	" "	♂	219	24 p.	9	1 e 1/5
"	1.410	" "	♂	213	22 p.+4	9	1
"	1.850	" (S. Paulo)	♂	205	13 p.+10	9	1 e 1/5
"	3.040	" (Bahia)	♀	263	37 p.	11	1 e 3/5
"	3.041	" (S. Paulo)	♂	226+1/2	35 p.	11	1 e 3/5
"	3.042	" "	♀	234	34 p.	13	1 e 3/5
"	3.043	" "	♀	234	30 p.+2	14	2
"	3.044	" "	♀	255	30 p.	14	1 e 3/5
"	3.045	" "	♀	243	32 p.	16	2

Museu	No.	Localidade	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
						Corpo	Cauda
Instituto Butantan	3.046	Brasil (S. Paulo)	♀	238	35 p.	14	2
”	3.047	” ”	♀	235	28 p.+4	16	2
”	3.048	” ”	♂	219	30 p.+2	14	2 e 1/5
”	3.049	” ”	♀	252	27 p.	13	2
”	3.050	” ”	♀	229	30 p.+2	12	2
”	3·051	” ”	♂	260	30 p.	14	1 e 3/5
”	3.052	” ”	♀	233	33 p.	12	2
”	3.053	” ”	♂	243	29 p.	11	1 e 1/5
”	3.054	” ”	♀	260	(cauda mutil.)	14	?
”	3.055	” (Minas)	♂	238	29 p.	14	2

Resumindo os dados acima, de um lado, de accordo com o sexo e, de outro, com a distribuição geographica dos diversos exemplares, encontram-se as seguintes medias:

Localidade	Numero de especimes	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
					Corpo	Cauda
1. America do Sul	3	♂ ♂	213 - 234+1/2	27—40 p.	9 - 11	1 e 1/5
	1	♀	235	25 p.+n	7	1 + n
2. Trindade	10	♂ ♂	214—241	26—40 p.	8—12	1 e 3/5—2
3. Venezuela	1	♂	208	29 p.	12	1 e 1/5
4. Guyana Hollandesa	1	♀	237	38 p.	14	1 e 4/5
5. Perú	1	♀	246	36 p.	9	1 e 3/5
6. Brasil	1	♀	267	37 p.	13	1 e 3/5
» a) Amazonas	3	♂ ♂	218—235	21—42 p.	6—12	4/5—1 e 3/5
	2	♀ ♀	246+1/2 - 249	39—41 p.	10—14	1 e 1/5—1 e 3/5
» b) Pará	3	♂ ♂	221—224	24 - 36 p.	8—9	4/5—1 e 3/5
» c) Piauhy	4	♂ ♂	232—238	24 - 26 p.	9 - 10	1 e 1/5
	2	♀ ♀	233—236	22—24 p.	8 - 9	1 e 1/5
» d) Ceará	2	♂ ♂	222 231	24 - 26 p.	9	1 e 1/5
» e) Pernambuco	2	♀ ♀	226+1/2—236	24—27 p.	7—8	1 e 1/5
» f) Bahia	12	♂ ♂	207—247	22—41 p.	7—12	1—2
	7	♀ ♀	226—263	24—41 p.	9—11	1 e 1/5—1 e 3/5

Localidade	Numero de especimes	Sexo	V.	C.	Triades de anneis	
					Corpo	Cauda
» g) Espirito Santo	1	♂	231	23 p.	11	1 e 3/5
» h) Rio	3	♂ ♂	214 - 233+1/2	23—26 p.	8—10	1 e 1/5—1 e 3/5
	1	♀	233	25 p.	7	1 e 1/5
» i) Minas	4	♂ ♂	232 241	29 - 36 p.	11—14	1 e 3/5 2
	1	♀	258	28 p.	12	1 e 3/5
» j) S. Paulo	20	♂ ♂	205—243	23 - 41 p.	9 - 14	1 e 1/5—2 e 1/5
	17	♀ ♀	234 - 264	27 - 35 p.	12—18	1 e 3/5 - 2
Media geral	66	♂ ♂	205 - 247	21 - 42 p.	6 - 14	4/5 - 2 e 1/5
	36	♀ ♀	226 267	22 - 41 p.	7 18	1 e 1/5—2

Baseado neste estudo, decidi considerar *M. ibiboboca* um estricto synonymo de *M. lemniscatus*, cuja definição passa a ser a seguinte:

Micrurus lemniscatus (L.) AMARAL

Olho cerca de 2/5 a 3/5 de sua distancia da borda oral. Rostral mais larga do que alta; frontal tão larga quanto, até muito mais larga do que, a supraocular, uma vez e meia a duas vezes tão longa quanto larga, tão longa quanto a sua distancia da ponta do focinho, mais curta do que as parietaes, que são mais longas do que sua distancia das internasaes; 1 pre- e 2 postoculares; temporaes 1+1, a anterior em regra muito mais longa e mais estreita do que a posterior; 7 supralabiaes, 3.ª muito mais larga do que a 4.ª; 3.ª e 4.ª contiguas á orbita; 4 infralabiaes contiguas ás mentaes anteriores que são mais ou menos tão longas quanto as posteriores. Escamas em 15 series. Ventraes 205-247 em ♂♂ e 226-267 em ♀♀; anal dividida; subcaudaes 21-42.

Corpo vermelho com triades de anneis negros, subeguaes ou o mediano um pouco mais largo; 6-14 triades sobre o corpo nos ♂♂ e 7-18 nas ♀♀, usualmente 1-2 triades sobre a cauda; anneis negros separados por anneis amarello-claros que podem ser manchados ou salpicados de negro ou apresentar sómente escamas de bordos negros; cabeça vermelha (amarella em exemplares conservados), com duas faixas negras transversaes, uma sobre o focinho e outra sobre a região frontal; algumas vezes, uma ou duas pequenas pintas negras sobre o occiput, ou com placas cephalicas negras de bordas amarellas.

Comprimento total — 1450 mm. (1); cauda — 100 mm.

---

(1) Exemplar No. 1.308 Inst. Butantan, enviado vivo da localidade Ventania, Est. de S. Paulo, em Julho de 1917, pelo sr. Gonçalves de Freitas.

Occorre na America do Sul tropical: Trindade, Venezuela, Guyanas, Equador, Bolivia, Perú, N. do Paraguay, Norte da Argentina (2), e, especialmente, no Brasil, onde, entretanto, jamais apparece para o Sul, além do Estado de S. Paulo.

S. Paulo, março de 1925.

Summary:

Based on the examination of 102 specimens of *Micrurus lemniscatus* contained in the collection of both the U. S. National Museum and the Museum of Comparative Zoölogy and especially in that of the Instituto Butantan, of São Paulo, Brazil, the A. shows that *M. ibiboboca* (= *M. marcgravii*) is strictly synonymous with *M. lemniscatus*.

A full redescription of the latter species may be found in the text.

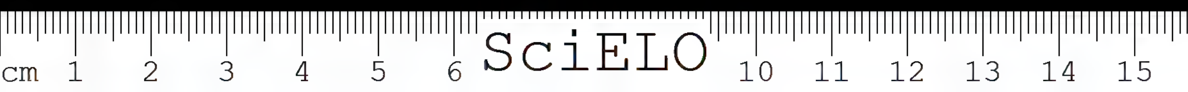
---

(2) Apud SERIÉ - *in* «Catálogo de los Ofídios Argentinos» (1916), segundo o qual a especie se encontra desde o Rio Negro e o Pampa Central até o Norte da Argentina.

Sobre a *Lachesis muta* DAUDIN, 1803, especie ovipara,

por

Afranio do Amaral



Sobre a *Lachesis muta* DAUDIN, 1803, especie ovipara,

por

AFRANIO DO AMARAL, B. Sc. & L., D. M., D. Hyg.

Em um artigo anterior, publicado neste numero da Revista (pag. 40), eu affirmei que, se a supposição levantada por DITMARS, a respeito da oviparidade de *Lachesis muta,* fosse futuramente confirmada, nós teriamos mais um argumento para separar esta especie das do outro genero neotropico, *Bothrops,* porque estas ultimas são todas reconhecidamente ovo-viviparas.

Conforme se vê no livro de DITMARS (1), o Sr. R. R. Mole, de Port of Spain, na Trinidad, tirara ha tempos uma photographia de *L. muta,* repousando sobre ovos que foram considerados pertencentes á propria cobra. O Sr. Mole, porém, querendo que sua observação fosse comprovada por outrem, enviou de Trinidad a DITMARS, curador de repteis do Jardim Zoologico de Nova York, uma ♀ de *L. muta,* a qual elle julgava contivesse ovos, com a recommendação de ser a cobra collocada em um ambiente propicio á almejada postura dos ovos.

---

(1) R. DITMARS — Reptiles of the world. 1910. tab. 85, I.

São estas, no original, as palavras do Sr. Mole:

«I believe the Lachesis (wich I hope you received safely) contain eggs. You will remember that one I had laid a batch of some 10 or 12 eggs 3 years ago. I have since learned that similiar bunches of eggs have been occasionally found by hunters in holes inhabited by the Paca, *Cœlogenys* and the Armadillo and other burrowing animals, in which specimens of Lachesis mutus are often found. I have seen these snakes dug out of such holes, but I have only seen the eggs laid in my cage. The snake is most frequently found on slight eminences seldom in hollows» . . . .
«Probably you will be able to arrange a cage in which this Lachesis will lay her eggs and perhaps bring them out, for I think they incubate them. They will be due some time in August. My own idea is that snakes from the tropics are generally kept in cages which are far too dry and hot for them to do well. I hope this letter may be of service to you in further advancing general knowledge of the habits of our big Pit-Viper».

Todavia, tal observação não poude então ser levada a cabo, porque o exemplar enviado de Trinidad morreu em viagem, e só recentemente é que Mole, em artigo publicado nos Proc. Zool. Soc. of London (1924: 261), fez uma longa descripção do curioso phenomeno. Mais tarde, o Prof. Pirajá da Silva, esforçado director do Posto anti-ophidico do Instituto do Butantan da Bahia, teve ensejo de confirmar a observação acima, pois, havendo, a 6 de dezembro de 1921, recebido viva naquelle Posto, uma ♀ de *L. muta*, capturada em Marahú, Bahia, pelo sr. José d'Almeida Sobrinho, verificou, dias depois, que a alludida cobra havia posto 11 grandes ovos na caixa em que havia sido guardada. Esse exemplar e os respectivos ovos foram enviados pelo Prof. Pirajá para o Butantan onde os estudei.

O especime (N.º 3057 na collecção do Instituto Butantan), depois da morte, conforme se vê na gravura junto, tinha o comprimento de 1m.94 e a seguinte formula: Lab. 11, E. 35, V. 220, C. 45 p.

Os ovos, 2 dos quaes estão representados na gravura, são sub-ellipticos, de côr branca levemente amarello-avermelhada e têm o comprimento médio de 8 cms. (eixo maior) e a largura média de 4 cms. (eixo menor).

***

Dest'arte, as differenças até agora encontradas entre os dois generos neotropicos *Lachesis* e *Bothrops* se podem resumir do seguinte modo:

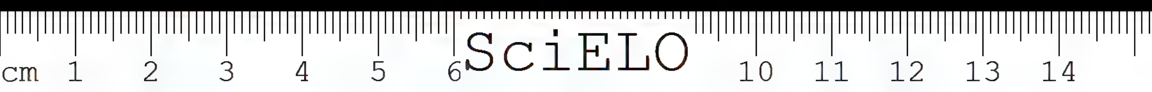
	Lachesis DAUDIN, 1803	Bothrops WAGLER, 1824
Dentes pterygoideos	não ultrapassando a articulação transverso-pterygoidea	ultrapassando
Pulmão tracheal	ausente	presente
Escamas supracephalicas	granulares	mais ou menos achatadas
Escamas dorsaes	fracamente imbricadas: carina tubercular	mais ou menos fortemente imbricadas; carina jamais tubercular
Placas sub-caudaes terminaes	substituidas por 4-5 séries longitudinaes de escamas eriçadas e acuminadas	regulares
Reproducção	ovipara	ovo-vivipara

S. Paulo, março de 1925.



Fig. 1 — Especime ♀ de *L. muta* (N.º 3057 coll. Inst. Butantan)

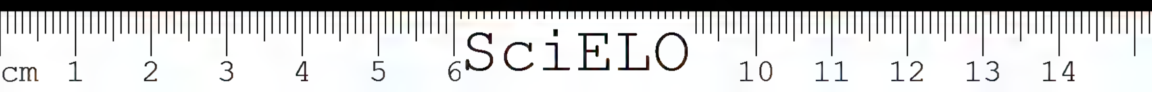
Figs. 2 e 3 — Ovos, dentre 11 postos pelo especime N.º 3057

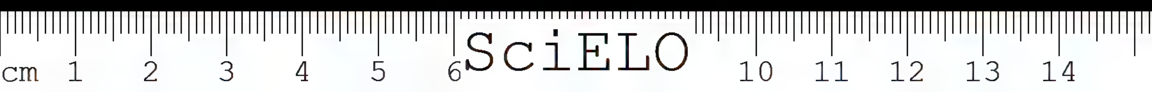

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14

Da invalidez da especie de Colubrideo Dipsadineo, *Sibynomorphus peruanus* (BOETTGER)

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14

Da invalidez da especie de Colubrideo Dipsadineo, *Sibynomorphus peruanus* (BOETTGER)

por

AFRANIO DO AMARAL

BARBOUR e NOBLE, em 1920, identificaram com *Sibynomorphus peruanus* uma cobra colhida em Puquiura, Perú, pela Expedição da Universidade Yale (*in* Proc. U. S. Nat. Museum, 1920. 58:620). Examinando esse exemplar, verifiquei que, seus caracteres são semelhantes, de um lado, aos do typo de *S. peruanus*, descripto por BOETTGER (*in* Kat. Rept. Mus. Senck. Nat. Gesch. 1898. 2:128), e procedente de Santa Ana, Districto de Cuzco, Perú, e, d'outro lado, aos de *S. mikanii* SCHLEGEL (*in* Phys. serp. 1837. 2:277.

Nestas condições, tratei de fazer uma revisão comparativa das duas especies, servindo-me, para isso, do material existente nas collecções do Museu de Zoologia Comparada de Cambridge e do Museu Nacional dos Estados Unidos.

Cumpre dizer que BOETTGER, ao descrever sua nova especie, a considerou diversa da de SCHLEGEL, pela coloração do ventre, cabeça e labios, numero e disposição das supralabiaes, tamanho das internasaes e formula, que era a seguinte: V. 180, C. 79 p. + 1, Lab.

8 (3.ª, 4.ª e 5.ª+orbita), T. 2+3, Ment. 4/4, par anmuito mais comprido do que largo.

A serie por mim examinada era constituida por 14 exemplares, dos quaes 1 procede do Perú (o estudado por BARBOUR e NOBLE), 9 do Equador, 1 da Colombia e 3 do Brasil.

Ora, BOULENGER, na definição de *S. mikanii* (in Cat. Sn. 1896. III:454), refere varias modificações apresentadas por essa especie, seja na pholidose, seja no colorido; este lhe forneceu até elementos para a criação de três variedades, A, B e C, as quaes correspondem a differenças na distribuição geographica da especie que, como se sabe, occorre na Colombia, Equador e Brasil. Essas modificações, aliás por mim comprovadas no rico material brasileiro que anteriormente eu havia examinado nas collecções do Instituto de Butantan, do Museu Paulista e do Museu Nacional do Rio, pareceram-me coincidir com aquellas que o material norte-americano apresentava e que se acham assignaladas no seguinte quadro:

No. nas collecções	Procedencia	V.	C.	Lab.	Temp.	Ment.	Colorido
60.718 M. N. E. U.(1) (exemplar examinado por Barbour e Noble)	Puquiura (Perú)	178	78 p.	9(4,5,6)	2+3	4 p. ant. mais longo que largo	Como na var. C de Bouleng.
60.006 juv. (»)	Guayaquil (Equador)	179 e 1/2	53 p.+n	7(4,5) / 8(4,5,6)	2+2/1+2	3 p., idem	idem
60.797 (»)	idem	181	76 p.	8(4,5,6)	2+2/2+3	4 p., idem	idem
60.798 (»)	idem	182	75 p.	(cabeça mutilada)	—	3 p., idem	idem
60.799 juv. (»)	idem	174	74 p.	7(4,5)	2+3	3 p., idem	idem
60.800 (»)	idem	180	84 p.	7(3,4,5) / 7(4,5)	2+3/2+4	3 p., idem	idem
60.801 (»)	idem	179	77 p.	8(4,5,6)/8(3,4,5)	3+3/1+3	3 p., idem	idem
60.802 (»)	idem	184 e 1/2	86 p.	8(4,5,6)	2+3	3 p., idem	idem
17.083 M. Z. C. (2)	Valle Chan-Chan (Equador)	171	86 p.	8(4,5,6)	3+3/2+3	3 p., idem	idem
17.099 (»)	idem	179	85 p.	7(4,5)	1+2	3 p., idem	idem
6.542 (»)	La Concepcion (Colombia)	183	92 p.	7(4,5)	1+2	3 p., ant. m/mais longo que largo	idem
17.825 (»)	S. Paulo (Brasil)	173	62 p.+n	7(3,4)	1+2	3 p., ant. mais longo que largo	Como na var. B de Bouleng.
17.826 (»)	idem	177	66 p.	7(3,4)	1+2	3 p., idem	idem
17.827 (»)	idem	168	62 p.	7(3,4)	2+2/1+2	3 p., idem	idem

(1) M. N. E. U. — Museu Nacional dos Estados Unidos (U. S. N. M.).
(2) M. Z. C. — Museu de Zoologia Comparada, de Cambridge, Mass. (M. C. Z.).

Um exame attento deste quadro, comparativamente Bcom o dos dados de BOULENGER (Cat. Sn. 1896. III: 454), mostra: 1.º que a pholidose de *S. mikanii* apresenta grandes variações; 2.º que os caracteres especiaes do exemplar estudado por BARBOUR e NOBLE cahem dentro dos limites dessas variações; 3.º que os caracteres apontados por BOETTGER para o typo de sua *S. peruanus* não têm valor realmente especifico.

Nestas condições, é aconselhavel passar-se a designação *S. peruanus* (BOETTGER) para a synonymia de *S. mikanii* (SCHLEGEL).

Ao terminar, devo exprimir meus agradecimentos aos Dr. Leeonhard Stejneger e Sta. Doris Cochran, do M. N. E. U., e Dr. Thomas Barbour, do M. Z. C., pelas facilidades de que cercaram o meu estudo.

S. Paulo, março de 1925.

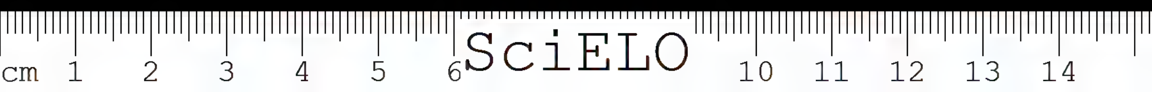
Summary:

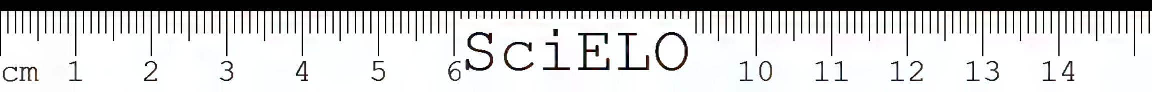
In this paper the A. shows that the species *Sibynomorphus peruanus* (BOETTGER, 1898) is a strict synonym of *S. mikanii* (SCHLEGEL, 1837).

Da occorrencia de albinismo em Cascavel

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14

Da occorrencia de albinismo em Cascavel, *Crotalus terrificus* (LAUR.). (*)

por

AFRANIO DO AMARAL, B. Sc. & L., D. M.
(do Inst. Butantan e Museu Paulista)

Asseverei alhures (1) que pelo menos 6 especimes albinos de Cascavel já haviam sido encontrados no Novo Mundo, dois dos quaes se referiam á especie *Crotalus horridus* L. e os outros quatro á especie *C. terrificus* (LAUR.).

Ambos os exemplares da *C. horridus* foram capturados em Berkshire School, Sheffield, Mass., Estados Unidos, conforme consta de uma publicação da Sociedade de Zoologia de Nova York (2).

Os quatro exemplares de cascaveis, *C. terrificus*, albinos, de que este trabalho trata, foram colhidos em localidades bem distantes uma da outra. Um delles foi encontrado no interior de Nicaragua, a 40 milhas de Managua, e logo depois enviado ao New York Zoo-

---

(*) Este trabalho e bem assim um outro, sobre «Albinismo em Cobra Coral», pnblicado tambem neste No. da Revista, fazem parte de uma serie de monographias lidas perante a Amer. Soc. of Ichthyologists and Herpetologists, em 14 de out. 1923, em Cambridge, Est. Unidos.

(1) «Albin. em Cobra Coral». Veja-se em outra parte desta Revista.

(2) 27 th Ann. Rep. N. York Zool. Society. 1922. pp. 49 e 115.

logical Garden, cujo curador da secção de herpetologia, Sr. R. DITMARS o examinou e descreveu, em 1905, como uma especie nova, que denominou *C. pulvis*.

Os outros tres têm as seguintes indicações:

1.º, N.º 3017, Instituto Butantan, remettido da localidade S. Roque, Estado de S. Paulo, Brasil, para o Instituto de Butantan, pelo Sr. Calixto Zunkeller, em 18 de setembro de 1919. Em Butantan eu proprio o recebi e examinei logo após sua chegada.

2.º, N.º 1559, Instituto de Butantan, recebido de Itú, Estado de S. Paulo, do Sr. Bento Silva, em outubro de 1916.

3.º, N.º 1180, Instituto Butantan, recebido de S. José do Rio Pardo, Est. de São Paulo, do Sr. Antonio M. Prado, em dezembro de 1917.

Tendo comparado estes specimes com o typo de *C. pulvis* DITMARS, o qual se acha presentemente sob N.º 7044 na collecção do Museu de Zoologia Comparada de Cambridge, Estados Unidos, verifiquei que todos os quatro eram formas albinas de *C. terrificus*, pelo que me decidi a fazel-os conhecidos como taes pelos herpetologistas.

O 1.º especime brasileiro (N.º 3017) é um adulto ♂, cujo comprimento total é de 830 mm.; cauda 100 mm. Sua pholidose é a seguinte:

Rostral um pouco mais alta do que larga, em contacto com a prenasal; um par de internasaes triangulares, contiguas, e um par de prefrontaes quadrangulares; 2 ou 3 escamas escutiformes entre as supraoculares que são transversalmente estriadas; 3 series de escamas suboculares; 12/13 (direita e esquerda) supralabiaes; 15 infralabiaes. Escamas em 27 filas, dorsaes forte e tubercularmente carinadas. Ventras 171; anal inteira; subcaudaes 23+3/3.

Seu colorido é como se segue:

Uniformemente pallido, com nenhum signal de marcas sobre o corpo; pardo acinzentado em cima, algo

mais escuro sobre a cauda; branco amarellado em baixo, mais escuro sob a cauda.

O 2.º especime brasileiro, ♀ (N.º 1559), tem mais ou menos o mesmo colorido que o precedente e os seguintes caracteres: comprimento total 810 mm., caude 65 mm.; inter-supraoculares 2-3; supralabiaes 14/15; infralabiaes 15; series de escamas 27; ventraes 175; subcaudaes 18+4/4.

O 3.º especime brasileiro, ♂ (N.º 1180), tem tambem o mesmo colorido e os seguintes caracteres: comprimento total 990 mm., cauda 130 mm., inter-supraoc. 2-3; supralabiaes 13/14; infralabiaes 16; series de escamas 27; ventraes 170+1/2; subcaudaes 26+5/5.

O especime nicaraguense (3) é um adulto ♀, cujo comprimento total é de 700 mm.; cauda 80 mm. Sua pholidose é, conforme eu verifiquei, a seguinte:

Rostral mais alta do que larga, em contacto com a prenasal; um par de internasaes triangulares, contiguas, e um par de prefrontaes quadrangulares; 2 ou 3 escamas escutiformes entre as supraoculares que são antes lisas; 4 séries de escamas suboculares; 13/14 supralabiaes; 14 infralabiaes. Ventraes 167; anal inteira; subcaudaes 21+3/3.

Seu colorido é uniformemente pallido, sem manchas sobre o corpo; cinzento algo azulado em cima; branco amarellado em baixo; cauda um pouco mais escura.

As photographias annexas (figs. 1, 2, 3 e 4) illustram estes quatro casos de albinismo.

S. Paulo, maio de 1925.

(3) R. DITMARS A new species of rattlesnake. *in* 9 th Ann. Rep. N. Y. Zool. Society 1905. pp 27 28



Fig. 1 — *C. terrificus* (Laur.), albino, capturado em S. Roque, Est. S. Paulo, Brasil.

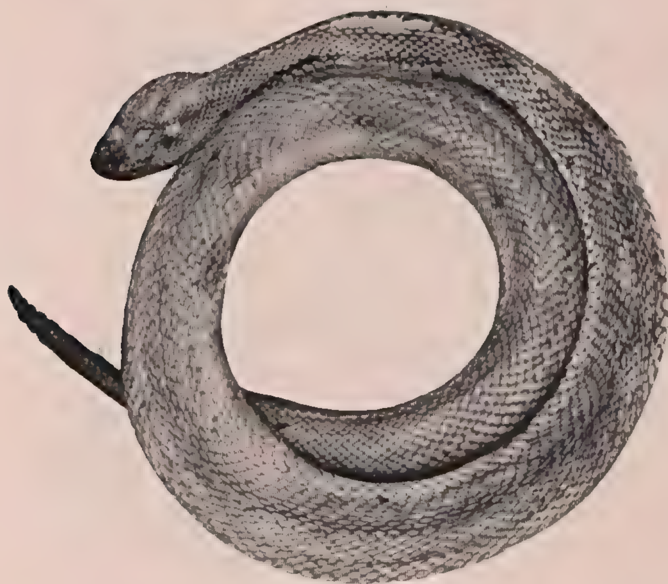


Fig. 2 — *C. terrificus* (Laur.), albino, capturado em Itú, Est. S. Paulo, Brasil.

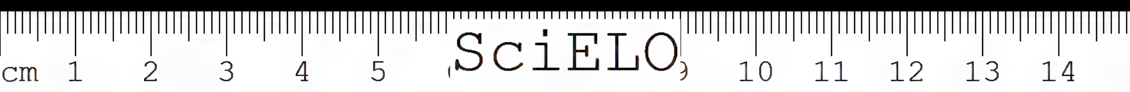
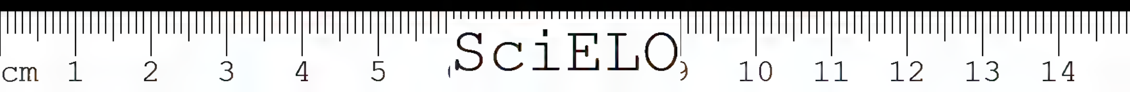

cm 1 2 3 4 5
SciELO
10 11 12 13 14



Fig. 3 — *C. terrificus* (Laur.), albino, capturado em S. José do Rio Pardo, Est. S. Paulo, Brasil.



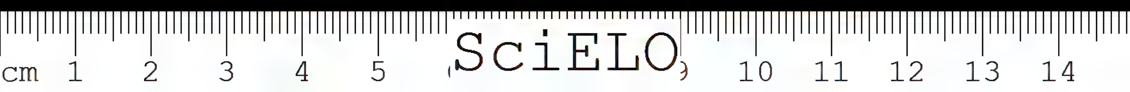
Fig. 4 — *C. terrificus* (Laur.), albino, capturado perto de Managua, Nicaragua.

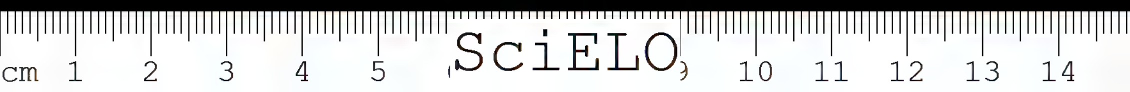

cm 1 2 3 4 5
SciELO
10 11 12 13 14

Albinismo em "Dorme-dorme"
(*Sibynomorphus turgidus*)

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 SciELO 10 11 12 13 14

Albinismo em "Dorme-dorme", *Sibynomorphus turgidus* (COPE, 1868)

por

AFRANIO DO AMARAL

Em dois artigos publicados noutra parte desta Revista, tratei da occorrencia de albinismo, respectivamente, na especie de Colubrideo Boigineo, *Pseudoboa trigemina* (DM. & BIBR., 1854) ou «Boicorá» e nas de Crotalideo, *Crotalus terrificus* (LAUR., 1768) e *C. horridus* L., 1758, ambas vulgarmente conhecidas pelo nome de «Cascavel».

Agora, vou referir um caso do mesmo phenomeno, por mim observado na especie de Colubrides Dipsadineo (1), *Sibynomorphus turgidus* (COPE, 1868) ou «Dorme-dorme».

O especime foi capturado na localidade Pedregulho, Estado de S. Paulo, pelo Sr. João Santiago, em outubro de 1918.

Seus caracteres principaes são os seguintes:

Lab. 7, 3.ª e 4.ª em contacto com a orbita.
Frenal ausente.
Escamas em 15 series, iguaes.

---

(1) Para a razão desta denominação veja-se meu trabalho «New genera and species of snakes» *in* Proc. N. E. Zool. Club. 1923. VIII: 95.

Ventraes 167.
Anal 1.
Subcaudaes 49 pares.

Este exemplar é ♀ e tem actualmente o N.º 1710 na collecção do Instituto de Butantan. As gravuras annexas dão uma idéa das differenças de colorido existentes entre este especime albino e um typico.

S. Paulo, maio de 1925.

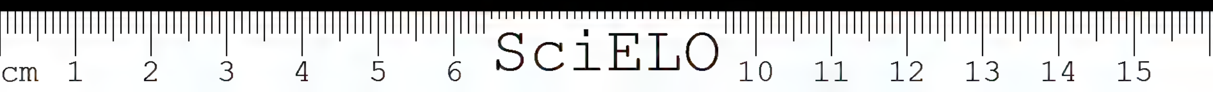


Fig. 1



Fig. 2

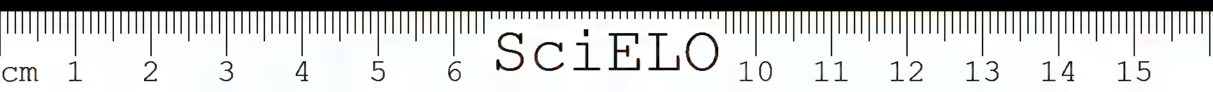
Fig. 1 — Especime typico de *Sibynomorphus turgidus* (Cope)
Fig. 2 — Especime albino de *S. turgidus* (N.º 1710 coll. Inst. Butantan)

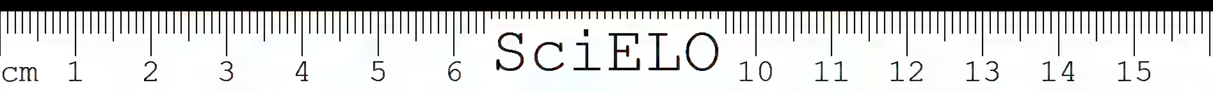

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Ophidios sul-americanos do Museu Carnegie e especies novas de Griffin

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Ophidios sul-americanos do Museu Carnegie e especies novas de Griffin

por

AFRANIO DO AMARAL

L. E. GRIFFIN publicou, em 1915, nas Memoirs of the Carnegie Museum, um extenso trabalho sobre a collecção de ophidios sul-americanos daquelle Museu e descreveu nada menos de 10 especies novas, cuja validez constituiu objecto de meticuloso estudo por mim realizado por occasião da visita que fiz á alludida instituição no começo do verão de 1924.

Antes de entrar no assumpto do presente artigo, devo agradecer aos Drs. Douglas Stewart, director e Arthur Henn, encarregado da secção de Herpetologia, as amabilidades que delles recebi e as facilidades com que ali cercaram o meu trabalho. Este vem agora á publicidade, dividido em 2 partes, na 1.ª das quaes me occuparei das diversas especies assignaladas na collecção por GRIFFIN e, na 2.ª, das especies novas por elle descriptas.

I

Especies diversas de ophidios da collecção Carnegie:

Exceptuadas as especies novas, das quaes tratarei depois, e respeitada a nomenclatura usada por GRIFF-

IN, as especies registadas por elle podem ser enumeradas na seguinte ordem:

1. *Typhlops reticulata* (L.)
2. *Boa cooki* (GRAY)
3. *B. hortulana* (L.)
4. *Constrictor constrictor* (L.)
5. *Epicrates cenchria* (L.) + var. *fusca* GRAY
6. *Eunectes murinus* (L.)
7. *E. notaeus* COPE
8. *Aporophis flavifrenatus* (COPE)
9. *A. lineatus* (L.)
10. *Atractus badius* (BOIE)
11. *Elaphe corais* (BOIE)
12. *E. dichroa* (PETERS)
13. *Dimades plicatilis* (L.)
14. *Coronella micropholis* (COPE)
15. *Drymobius bifossatus* (RADDI)
16. *D. boddaerti* (SENTZEN)
17. *D. rhombifer* (GUENTHER)
18. *Helicops angulata* (L.)
19. *H. carinicauda* (WIED) var. *infrataeniata* JAN
20. *H. leopardina* (SCHLEGEL)
21. *H. modesta* GUENTHER
22 *H. polylepis* GUENTHER
23. *Herpetodryas carinatus* (L.)
24. *H. fuscus* (L.)
25. *Leptophis ahaetulla* (L.)
26. *L. bocourti* BLGR.
27. *L. nigromarginatus* GUENTHER
28. *L. occidentalis* GUENTHER
29. *L. rostralis* LOENNBERG
30. *Liophis albiventris* (JAN)
31. *L. almadensis* (WAGLER)
32. *L. melanostigma* (WAGLER)
33. *L. melanotus* (SHAW)
34. *L. poecilogyrus* (WIED)
35. *L. reginae* (L.)

36. *L. viridis* (GUENTHER)
37. *Lystrophis histricus* (JAN)
38. *L. semicinctus* (DM. & BIBR.)
39. *Phrynonax fasciatus* (PETERS)
40. *Rhadinaea merremi* (WIED)
41. *Rh. occipitalis* (JAN)
42. *Spilotes pullatus* (L.)
43. *Xenodon colubrinus* GUENTHER
44. *X. merremi* (WAGLER)
45. *X. neuwiedi* GUENTHER
46. *X. severus* (L.)
47. *Clelia bitorquata* (GUENTHER)
48. *Cl. cloelia* (DAUDIN)
49. *Cl. doliata* (DM. & BIBR.)
50. *Cl. petolaria* (L.)
51. *Cl. rhombifer* (DM. & BIBR.)
52. *Cl. trigemina* (DM. & BIBR.)
53. *Pseudoboa coronata* SCHN.
54. *Erythrolamprus aesculapii* (L.)
55. *Himantodes cenchoa* (L.)
56. *Tantilla melanocephala* (L.)
57. *T. semicincta* (DM. & BIBR.)
58. *Leptodeira annulata* (L.)
59. *Oxybelis acuminatus* (WIED)
60. *O. fulgidus* (DAUDIN)
61. *Philodryas nattereri* (STEIND.)
62. *Ph. olfersi* (LICHT.)
63. *Ph. schotti* (SCHLEGEL)
64. *Rhinostoma guianense* (TROSCHEL)
65. *Tachymensis peruviana* WIEGM.
66. *Thamnodynastes nattereri* (MIKAN)
67. *Elaps corallinus* WIED
68. *E. frontalis* DM. & BIBR.
69. *E. mipartitus* DM. & BIBR.
70. *E. narduccii* JAN
71. *E. princeps* BLGR.
72. *Cochliophagus catesbyi* (SENTZEN)
73. *Lachesis lanceolatus* (LACÉP.)

74. *L. lansbergi* (SCHLEGEL)
75. *L. mutus* (L.)
76. *L. neuwiedi* (WAGLER)
77. *L. peruvianus* BLGR.
78. *Crotalus terrificus* (LAUR.)

Critica:

A analyse cuidadosa do trabalho de GRIFFIN e o estudo comparativo das especies acima registadas vieram-me demonstrar que havia alguns exemplares descuidosamente determinados, conforme segue:

12. *Elaphe dichroa* (PETERS)

Trata-se de um especime jovem de *Drymobius bifossatus* (RADDI). O erro nesta determinação é de admirar, pois o autor, á p. 176 do seu trabalho, registou correctamente dois exemplares adultos desta ultima especie.

30. *Liophis albiventris* (JAN)

Conforme BOULENGER mostrou em 1908 (in Ann. Mag. Nat. Hist. 8. 1:115) a especie *L. albiventris*, registada á p. 130 do seu Cat. Sn. II. 1894, é synonyma de *L. taeniurus* que, de sua parte, deve ser referida ao genero *Apcrophis* (COPE) BLGR. Nestas condições o exemplar N.º 278 do Museu Carnegie pertence á especie *Aporophis taeniura* (TSCHUDI)

73. *Lachesis lanceolatus* (LACÉPÈDE)

Segundo eu assignalei recentemente (*in* Amer. J. Trop. Med. July 1924 and *in* Mem. Harvad Inst. Trop. Biol. and Med. II. 1925), a especie que BOULENGER (*in* Cat. Sn. 1896: III. 535) regista sob o nome de *Lachesis lanceolatus* deve ser desmembrada nas 3 especies seguintes: *Bothrops atrox* (L.), *B. jararaca* (WIED) *e B. jararacussu* LACERDA.

L. lanceolatus da monographia de GRIFFIN é tambem um composto, das especies seguintes:

a — *Bothrops atrox* (L.): especimes Nos. 159, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 253, 254, 255, 257, 258, 313, 372, e 2019 (15).

b — *B. jararaca* (WIED): especimes Nos. 246 e 252 (2).

Nota: — O ultimo exemplar figura como procedente do Perú, o que é inverosimil.

c. — *B. jararacussu* LACERDA: especimes Nos. 43 e 121 (2).

d. — *B. chloromelas* (BLGR.): especime N.º 373 (1).

Nota: — Este exemplar figura no trabalho sob uma dupla designação: *L. lanceolatus* (p. 223) e *L. peruvianus* (p. 226).

77. *Lachesis peruvianus* BOULENGER

Segundo ficou referido no paragrapho precedente, este exemplar pertence á especie *Bothrops chloromelas* (BLGR.).

Nota addicional: — Cumpre referir que os nomes vulgares brasileiros «Sucury» e «Sucurujuba» não se applicam á especie *Dimades plicatilis* (L.) conforme o collecionador do exemplar incriminado, Sr. J. D. Haseman, affirmou. Taes nomes e mais «Sucuruiú» e «Sucurijú» e Sucurujú» designam, no Brasil, a especie *Eunectes murinus* (L.).

II

Especies novas descriptas por Griffin:

Estas podem ser enumeradas na seguinte ordem:

1. *Helminthophis bondensis.*
2. *Aporophis melanocephalus.*
3. *Atractus taeniatus.*
4. *Liophis elaeoides*

5. *Rhadinaea orina*
6. *Tropidodipsas spilogaster*
7. *Clelia euprepa.*
8. *Cl. peruviana.*
9. *Elaps colombianus.*
10. *E. hollandi*

Critica

Pelo exame cuidadoso que fiz destas especies, pareceu-me serem validas as 4 seguintes:

1. *Helminthophis bondensis*, typo de Bonda, Colombia.
2. *Aporophis melanocephalus*, typo de Las Juntas, Bolivia.
3. *Atractus taeniatus*, typo de Santa Cruz de la Sierra, Bolivia.
10. *Elaps hollandi*, typo de Bonda, Colombia.

As 6 especies restantes pareceram-se invalidas, conforme tentarei mostrar :

4. *Liophis elaeoides.*

Examinando o typo e os paratypos desta especie, tive logo a impressão de tratar-se de *Leimadophis typhlus* (L.). Com effeito, comparando-os com a definição desta ultima especie, dada por BOULENGER (p. 136, Cat. Sn. II. 1894), verifiquei não existir differença alguma apreciavel nos caracteres anatomicos das duas especies.

Quanto ao colorido, GRIFFIN assignala que sua especie é de côr verde escura uniforme; que nella não se encontram manchas, nem escamas com bordas claras ou escuras, nem os jovens apresentam faixa escura nucal. Ora, dum lado, essa uniformidade do colorido já fôra registada por BOULENGER em *L. typhlus*. Doutro lado, é sabido que a existencia da faixa nucal não é constante em todos os exemplares jovens de *L. typhlus*, como não o é nos de *L. viridis* (GUEN-

THER), *Liophis cobella* (L.), *L. miliaria* (L.), etc.. Tal variação corresponde geralmente ás differenças zoogeographicas de exemplares destas especies e isto provavelmente é o caso com *L. elaeoides,* tanto mais quanto esta provem de uma região vizinha de Matto Grosso, donde tenho estudado jovens de *L. typhlus* desprovidos de mancha nucal.

Por estas razões, acho justificado considerar-se *L. elaeoides* como synonymo de *Leimadophis typhlus.*

5. *Rhadinaea orina*

Dos 5 eexmplares sobre que GRIFFIN baseou sua descripção, nenhum é adulto. Provavelmente, por isto e por não ter talvez tido á sua disposição uma bôa serie de exemplares de *Liophis miliaria* (L.), para estudo comparativo, admittiu elle a especie como nova.

No meu entender os especimes do Museu Carnegie representam, quando muito, uma raça local de *L. miliaria.*

.6 *Tropidodipsas spilogaster.*

GRIFFIN apparentemente não conhecia bem a especie *Sibynomorphus turgidus* (COPE); do contrario, não teria considerado os N.os 42 e 47 do Museu Carnegie como forma nova.

Cumpre assignalar que a existencia de sómente 2 pares de mentaes, conforme regista GRIFFIN, ou mesmo de 3 pares, em logar de 4, segundo se encontra no Catalogo do Museu Britannico (BOULENGER — Cat. Sn. III. 1896:456) não é rara em exemplares de *S. turgidus,* especialmente nos procedentes de S. Paulo.

O engano do autor americano, mesmo na determinação generica vem, aliás, mais uma vez revelar as affinidades existentes entre os generos *Petalognathus, Tropidodipsas* e os que BOULENGER incluira na chamada familia *Amblycephalidae,* a qual para mim deve ser considerada como subfamilia das *Colubridae,* sob a de-

nominação de *Dipsadinae*, conforme propús em Proc. New Engl. Zool. Club. 1923. VIII:95.

Em summa, trata-se neste caso da especie *Sibynomorphus turgidus*.

7. *Clelia euprepa.*

Identico engano ao observado de referencia á especie precedente, deu-se neste caso, ém que a meu ver não se trata nem de especie nova, nem do genero *Pseudoboa (= Clelia)*.

Os exemplares N.os 108 e 109 Mus. Carnegie, estudados por GRIFFIN, pertencem indubitavelmente á especie *Lycognathus cervinus* (LAUR.).

8. *Clelia peruviana.*

O exemplar N.o 377 Mus. Carnegie, typo da especie de GRIFFIN, concorda em todos os pontos com a especie *Pseudoboa (= Clelia) petola* (L.), mesmo no que diz respeito ao numero de gastrostegas e urostegas. E' bem verdade que BOULENGER (Cat. Sn. III. 1896: 102) regista: V. 191-222, C. 78-126, mas examinando uma serie de 213 exemplares desta especie, existentes em collecções brasileiras e norte-americanas, encontrei: V. 173-231, C. 61-130.

Dest'arte, a especie *C. peruviana* deve ser considerada synonyma de *Ps. petola*.

9. *Elaps colombianus.*

Baseado no Catologo de BOULENGER (III: 419), GRIFFIN foi erroneamente levado a identificar 4 exemplares (N.os 197, 198, 2031 e 2033), procedentes da Colombia, como especie nova. Todavia, conforme mostrei em outro artigo desta Revista, a especie *Micrurus (= Elaps) corallinus* (WIED) deve ser subdividida em 3 subespecies: *M. corallinus corallinus* para o Brasil, Argentina, Uruguay, Paraguay, Bolivia e Perú:

M. corallinus riesei para a Trinidade e talvez Venezuela e *M. corallinus dumerilii* para a Colombia e o Equador.

Nestas condições, os exemplares acima assignalados e mais os N.os 199, 261, 311 e 1236 Mus. Carnegie pertencem á ultima raça, *M. corallinus dumerilii.*

S. Paulo, maio de 1925.

Summary:

Having made a revisionary study of the whole collection of South American snakes contained in the Carnegie Museum (Pittsburg, Pa., U. S. A.), the A. shows in this paper that 6 out of the 10 species described by GRIFFIN *in* Mem. Carn. Museum. 1915. VII: 163-228 should not be considered as valid. These are the following: *Liophis elaeoides)* = *Leimadophis typhlus* (L.); *(Rhadinaea orina)* = *Liophis miliaria* (L.); *Tropidodipsas spilogaster)* = *Sibynomorphus turgidus* (COPE); *(Clelia euprepa)* = *Lycognathus cervinus* (LAUR.); *(Clelia peruviana)* = *Pseudoboa petola* (L.); *(Elaps colombianus)* = *Micrurus corallinus* (WIED)

Furthermore, he shows that a few more specimens were also incorrectly identified by GRIFFIN with already known species. Those are the following: *Elaphe dichroa* which is a young *Drymobius bifossatus* (RADDI); *Liophis albiventris* = *Apcrophis taeniura* (TSCHUDI); *Lachesis lanceolatus,* which must be considered a composite of *Bothrops atrox* (L.), *B. jararaca* (WIED), *B. jararacussu* (LACERDA) and *B. chloromelas* (BLGR.); and finally *L. peruvianus* = *B. chlomelas* (BLGR.).

Sobre os nomes genericos de ophidios, *Liophis* WAGLER, 1830 e *Leimadophis* FITZINGER, 1843

por

Afranio do Amaral

Sobre os nomes genericos de ophidios, *Liophis* WAGLER, 1830 e *Leimadophis* FITZINGER, 1843

por

AFRANIO DO AMARAL

Em nota anterior, publicada neste volume (p. 21) chamamos a attenção dos herpetologistas para a necessidade da revisão dos generos *Leimadophis*, *Aporophis* e affins, dada a enorme confusão que a respeito delles se tem feito.

Queremos, agora, mostrar ser necessario refundir-se a nomenclatura do Catalogo de BOULENGER no que tange com os generos ali chamados *Rhadinaea* e *Liophis*.

Com effeito, revendo-se a literatura, verifica-se, de uma parte, que, já em 1843, FITZINGER (1) fizera da especie *Coluber cobella* criada por LINNEU (2) em 1758, typo do genero *Liophis* WAGLER, 1830 (3); e, doutra parte, que aquelle primeiro autor considerara a especie *Natrix almadensis* WAGLER, 1824, como typo de seu novo genero *Leimadophis*.

Ora, a especie *almadensis* de WAGLER está, no Ca-

---

(1) Fitzinger — Systema Reptilium 1843: 26.
(2) Linneu — Systema Naturæ: Xa. ed. 1758.
(3) Wagler — Systema Amphib. 1830: 187.

talogo de BOULENGER (4) ligada ao genero *Liophis*, o qual, em obediencia á lei de prioridade, deve passar para a synonymia de *Leimadophis* FITZINGER, 1843 (typo *L. almadensis*).

Do mesmo modo, a especie *cobella* de LINNEU está, no alludido Catalogo, incluida no genero *Rhadinaea* COPE, 1863, o qual tambem, em obediencia á lei de prioridade, deve ser posto na synonymia de *Liophis* WAGLER, 1830 (typo *L. cobella*).

Dest'arte, pensamos que devem ficar estabelecidos os nomes *Liophis* para as especies *cobella, fusca, miliaria (= merremii), undulata, jaegeri,* etc. e *Leimadophis* para as especies *almadensis, reginae, poecilogyrus, typhlus, viridis,* e outras congeneres.

S. Paulo, junho de 1925.

(4) Boulenger — Cat. In. 1894. II: 134.

Da invalidez do nome generico de ophidios *Erpetodryas* ou *Herpetodryas*

por

Afranio do Amaral

Da invalidez do nome generico de ophidios *Erpetodryas* ou *Herpetodryas*

por

AFRANIO DO AMARAL

BOIE, em 1826 (1) criou o genero de serpentes *Erpetodryas*, cujo typo é a especie *carinatus*. Em 1830, WAGLER (2), por mera questão etymologica, modificou a graphia daquelle nome, passando a escrevel-o *Herpetodryas*, o que, não obstante ter sido adoptado por autores como SCHLEGEL (3), DUMÉRIL e BIBRON (4) GUENTHER (5), COPE (6), BOCOURT (7) e pelo proprio BOULENGER (8), todavia não pode ser admittido á luz das regras de nomenclatura zoologica. Deve-se, pois, conservar a graphia original de BOIE.

Como nome generico, entretanto, *Erpetodryas* não

---

(1) Boie — *in* Férussac-Bull. Sc. Nat. 1826 IX: 235.; e *in* Isis: 1827: 548.
(2) Wagler — Natürl. Syst. d. Amphibien: 1830: 130.
(3) Schlegel — Physion Serp. 1837. II: 173.
(4) Duméril & Bibron — Erp. gén. 1854. VII: 203.
(5) Günther — Cat. Col. Sn.: 1858: 113.
(6) Cope — Proc. Ac. Philad.: 1860: 562.
(7) Bocourt — Miss. Sc. Mex., Rep.: 1890: 732.
(8) Boulenger — Cat. Sn. 1894. II: 71.

pode prevalecer, por ser posterior a *Chironius*, conforme RUTHVEN (9) recentemente mostrou.

Com effeito, o nome *Chironius* e seu typo *carinatus* foram criados por FITZINGER (10) no mesmo anno que *Erpetodryas*, mas em data anterior á deste. Ora, como, além disto, a especie *carinatus* tem por synonymo *Coluber chironius* de DONNDORF (11), ella deve ser, por tautonymia, conservada como typo do genero de FITZINGER. Pelas razões expostas, se vê que o nome *Chironius* FITZINGER, deve prevalecer sobre *Erpetodryas* BOIE.

S. Paulo, junho de 1925.

---

(9) Ruthven — Univ. Mich. Mus. Zool. Miscell. Publ. 1922. 8: 65. Nota: Neste trabalho, Ruthven cita, erroneamente, a publicação Syst. Rept. 1843 de Fitzinger, em logar de Neue Classif. d. Amph. 1826 deste mesmo autor.

(10) Fitzinger — Neue Classif. d. Amph. 1826: 29, 31 e 60.

(11) Donndorf — *in* Zool. Beitr. III: 209.

Sobre a pholidose dorsal da especie de Colubrideo, *Philodryas æstivus* (DM. & BIBR., 1854) e sobre a invalidez de *Philodryas campicola* JENSEN, 1900

por

Afranio do Amaral

Sobre a pholidose dorsal da especie de Colubrideo, *Philodryas æstivus* (DM. & BIBR., 1854)

e

sobre a invalidez de *Philodryas campicola* JENSEN, 1900

por

AFRANIO DO AMARAL

BOULENGER, em 1896 (1), registou o numero de 21 series de escamas dorsaes, carinadas, para a especie *Philodryas aestivus* DM. & BIBR., 1854. Todavia, em seu livro (2), estes dois autores assignalaram o numero de 19 series para a mesma especie.

Revendo a literatura sobre o assumpto, e estudando cuidadosamente uma grande serie de exemplares desta cobra que é bastante commum no Brasil meridional, pude verificar que o engano pertence a BOULENGER.

Na verdade, de um lado, deve-se notar que, além de outros autores, JAN (3) indica claramente 19 series de

---

(1) G. A. Boulenger — Cat. Sn. 1896. III: 128.

(2) Duméril e B.bron — Erpét. Gén. 1854. VII: 1112.
Nota: Günther, *in* Cat. Col. Snakes 1858: 125, já havia perpretado este erro, quando, confundindo visivelmente sob o nome de *Philodryas æstivus* mais de uma especie, registou para ella 19 ou 21 series de escamas dorsaes.

(3) Jan — Icon. Gén. 1879. XIX: 3.

escamas, na gravura, que publicou, desta cobra. Doutro lado, é este o numero que se encontra em todos os especimes por mim até hoje examinados.

Nestas condições, cumpre seja feita a alteração de 21 para 19 series de escamas dorsaes no Catalogo do Museu Britannico.

Registada essa emenda, passemos á 2.a parte da presente nota.

A. S. JENSEN (4), em seu artigo sobre «Cobras dos arredores da Lagoa Santa», Rio Grande do Sul, Brasil, descreveu a especie *Philodryas campicola* com 19 series de escamas dorsaes.

Ora, tendo a especie de DUMÉRIL & BIBRON somente 19 series e della não sendo a de JENSEN diversa em mais nem um caracter, é necessario que á synonymia de *Philodryas aestivus* se junte *Philodryas campicola*.

S. Paulo, junho de 1925.

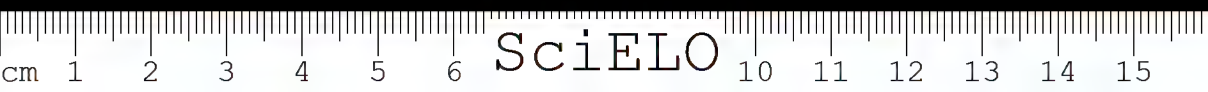
---

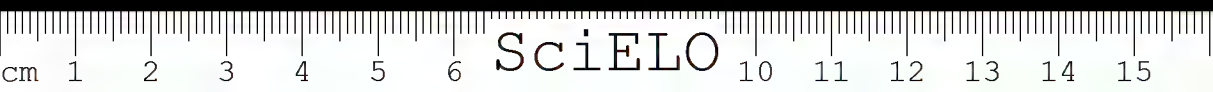
(4) A. S. Jensen — *in* Vidensk. Meddel. fra den naturh. Forening: 1900: 99-111.

Variações das marcas dorsaes de *Crotalus terrificus* LAURENTI, 1768

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Variações das marcas dorsaes de *Crotalus terrificus* LAURENTI, 1768

por

AFRANIO DO AMARAL

BOULENGER, ás pp. 574-575 de seu Cat. Sn. vol. III: 1896, regista duas variações na disposição das marcas nucaes de *Crotalus terrificus*: uma com essas marcas ausentes ou mal definidas; outra, com marcas bem visiveis. Curioso é que todos os exemplares brasileiros desta especie, assignalados na alludida publicação, corerspondem á 2.ª variação, ao passo que quasi todos os oriundos do Mexico pertencem á 1.ª. Tal differença levou-me a estudar o assumpto com certo cuidado.

Tendo revisto todo o material da collecção do Museu Rocha (Ceará), Posto do Butantan na Bahia, Instituto Oswaldo Cruz no Rio, e Instituto Butantan (em cuja collecção figuram exemplares de muitos Estados brasileiros, além de S. Paulo) e, bem assim, tendo examinado especimes procedentes da Argentina e Paraguay, cheguei á conclusão de que a existencia das citadas marcas ou faixas nucaes longitudinaes é de regra entre os exemplares procedentes das regiões Central e Sul-oriental do Brasil, (Estados de Minas, Rio, S. Paulo, Matto Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul)

e tambem da Argentina e Paraguay, ao passo que, nos exemplares capturados na região nordestina do Brasil (Estados de Piauhy, Ceará, Pernambuco e parte da Bahia), taes marcas são substituidas por losangos mais ou menos irregulares que se prolongam até as vizinhanças da cabeça. Em alguns especimes da Bahia, todavia, essa disposição parece approximar-se da observada nos de logares do 1.º grupo.

Essa separação dos caracteres das marcas nucaes de *Crotalus terrificus* leva-me a suggerir a possibilidade da criação de duas variedades novas para esta especie (1), a saber:

1. *Crotalus terrificus* var. *collirhombeatus*, que corresponde aos individuos encontrados na zona N.E. do Brasil.

2. *Crotalus terrificus* var. *collilineatus*, que comprehende os especimes procedentes das zonas do Centro, S.E. e S. do Brasil e bem assim da Argentina, Paraguay e provavelmente Uruguay e Bolivia. As gravuras annexas representam as differenças existentes entre estas 2 raças.

De passagem, cumpre assignalar que os caracteres da 1.ª variedade coincidem tambem com os da maioria dos exemplares da Colombia, Venezuela, America Central e Mexico, os quaes por sua parte, se assemelham, no colorido da nuca, aos das 2 especies nearcticas, *Crotalus atrox* BAIRD & GIRARD, 1853 e *Crotalus adamanteus* BEAUVOIS, 1799.

Para terminar, devo accentuar a necessidade de ser observada, pelos especialistas, a revisão feita, em 1898, por COPE (*in* Annual Report of the U. S. National Museum. 1900, pp. 332 et seq.) das especies norte-americanas do genero *Crotalus* LINNEU, 1758, abandonando-se, neste particular, a nomenclatura empregada por BOULENGER.

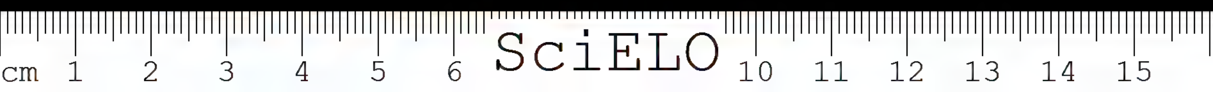
---

(1) Não encontrei differenças notaveis na pholidose destas duas variedades.

Nota addicional: Como curiosidade, publico aqui a gravura de um exemplar de *C. terrificus* (N.º 1558 na collecção de Butantan, recebido em Janeiro de 1918, da localidade Sarandy, Estado de S. Paulo, Brasil), o qual apresenta uma notavel variação do colorido, consistente na substituição da maior parte das marcas rhomboidaes do dorso por simples estrias ou manchas ou em seu completo desapparecimento. Os dados anatomicos desse exemplar são: ♀, Lab. 14, Esc. 27, V. 177, C. 19 p+2/2.

2.ª Nota — E' curioso registrar que o veneno da variedade *collirhombeatus* é de côr amarellada, ao passo que o da *collilineatus* é esbranquiçado. Este facto, associado á variação de colorido notada entre ellas, vem mostrar que a constituição de duas especies está, provavelmente, em processo de formação.

S. Paulo, junho de 1925.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Est. 1



N.º 429
Piauhy

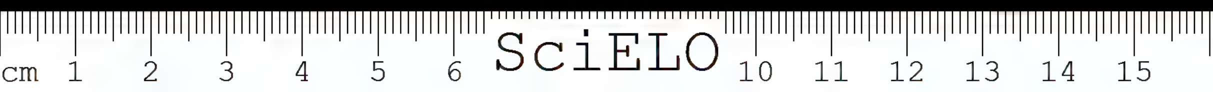


N.º 1464
Ceará
(coll. Inst. Butantan)



N.º 1610
Pernambuco

Crotalus terrificus (Laur.), var. *collirhombeatus*.


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

Est. 2



N.º 2180
Matto Grosso

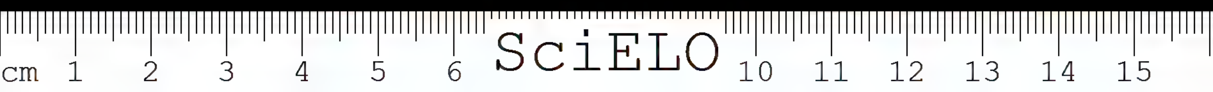


N.º 1538
Minas Geraes
(coll. Inst. Butantan)



s/n
São Paulo

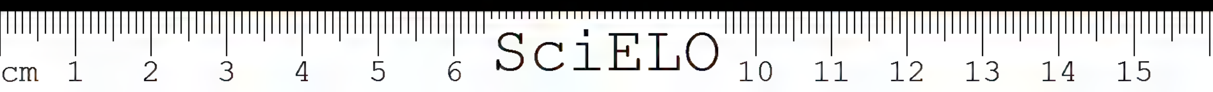
Crotalus terrificus (Laur.), var. *collilineatus*.

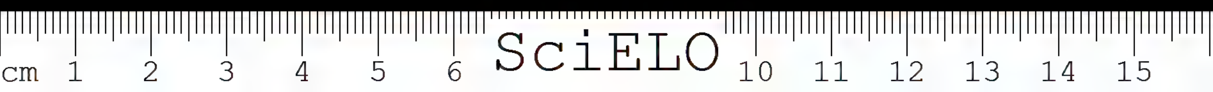

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Bicephalia em ophidios

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Bicephalia em ophidios

por

AFRANIO DO AMARAL

Bem poucos casos de monstruosidades em ophidios encontram-se registrados na literatura. No caso de bifurcação axial, em geral, a unica tentativa de systematização e classificação parece ser a de G. J. FISCHER (1), que, em 1868, dividiu os casos em *catadidymos* quando a divisão era cephalica, *anadidymos* ou de divisão caudal e *anacatadidymos* ou de bifurcação das 2 extremidades. Mais recentemente, em uma monographia concernente a 13 casos de bicephalia em serpentes, R. H. JOHNSON (2), resumindo todos os casos que a seu conhecimento já haviam sido assignalados, deu á publicidade uma bibliographia bem satisfactoria do assumpto.

No presente artigo, reuno mais 9 casos novos de bifurcação axial ao nivel da extremidade cephalica de cobras que me foi dado observar nestes ultimos annos, seja no Instituto de Butantan, seja em Museus norte-americanos, cujas collecções examinei entre 1922 e 1924.

---

(1) Fischer, G. J. — Diploteratology. 1868. Albany, Est. Unidos.
(2) Johnson, R. H. — Axial bifurcation in snakes, *in* Transact. Wiscons. Ac. Sc. Art. and L. 1901 : 523-554.

Dos 9 casos observados, 1 concerne á especie *Elaphe vulpina* (BAIRD & GIRARD), 2 á especie *Lampropeltis getulus* (L.), 2 á especie *Natrix sipedon* (L.) 3 á especie *Bothrops atrox* (L.) e 1 á especie *Crotalus terrificus* (LAUR.). Sua distribuição nas diversas collecções é a seguinte: 1 na Sociedade de Zoologia de Nova York, 2 no Museu de Zoologia Comparada de Cambridge, 3 no Museu Nacional dos Estados Unidos e 3 no Instituto de Butantan.

Eis as observações:

Caso I (Fig. 1)

Especie — *Elaphe vulpina* (BAIRD & GIRARD).

N.º — 50.003, coll. Museu Nacional dos E. Unidos.

Procedencia — Ohio, Estados Unidos.

Descripção — Dicephalo: divisão externa, latero-ventral, na altura da base da cabeça, lateralmente, logo para trás da extremidade posterior da mandibula e, inferiormente, na região gular. Fusão interna a 20 mm. desse ponto para o lado da cauda.

Outras anomalias — Nessa altura, as 2 columnas vertebraes formam um primeiro angulo (cotovello) de fusão de 110º e, dahi a 11 mm., outro angulo, de 90º, e, finalmente, a 9 mm. mais para trás, um terceiro angulo, de 160º.

— Planos sagittaes cephalicos num angulo de 20º e planos frontaes num angulo de 30º com o vertice voltado para o lado do dorso.

Cabeça esquerda 1 mm. mais longa do que a direita.

Dimensões — 8/9 mm. (d./e.) da ponta do focinho até o ponto de fusão externa, na região gular; 20 mm. dahi até o 1.º angulo de fusão vertebral, 31 mm. ao 2.º angulo, 40 mm. ao 3.º e ultimo angulo e 242 mm. até a ponta da cauda. Comprimento total 250/251 mm. Divisões axiaes cerca de 11 % do comprimento total

Caso II (Fig. 2)

Especie — *Lampropeltis getulus getulus* (L.).

N.º — 21.164, coll. Museu Nacional dos E. Unidos.

Procedencia — Virginia, Estados Unidos.

Descripção — Dicephalo: divisão externa, lateral, na altura da base da cabeça (região cervical). Fusão interna vertebral, na distancia de 11 mm. desse ponto para a cauda.

Planos sagittaes das cabeças num angulo de 40º e planos frontaes num angulo de 150º, com o vertice para o lado do dorso.

Cabeça esquerda 1 mm. mais longa do que a direita.

Dimensões — 11/12 mm. da ponta do focinho ao ponto de fusão externa na região cervical; 11 mm. dahi ao ponto de fusão interna vertebral e 230 mm. até a ponta da cauda. Comprimento total 241/242 mm Divisões axiaes cerca de 9 % do comprimento total.

Caso III (Figura 3)

Especie — *Lampropeltis getulus getulus* (L.).

Photo — *ex-vivo* pelo Sr. Elwin R. Sanborn, com autorização da Sociedade de Zoologia de Nova York, á qual pertence o exemplar, e onde foi elle observado pelos Sr. Raymond L. Ditmars, daquella Sociedade, e Dr. Thomas Barbour, do Museu de Zoologia Comparada de Cambridge, Mass.

Exemplar jovem, mas bem desenvolvido e em excellentes condições de vida.

Dicephalo: divisão externa muito para trás da nuca conforme se vê na photographia annexa.

Caso IV (Fig. 4)

Especie — *Natrix sipedon fasciata* (L.)

N.º — 38.045, coll. Museu Nacional dos E. Unidos

Procedencia — Kentucky, Estados Unidos.

Descripção — Dicephalo: divisão externa na altura da região cervical, logo para trás da região gular. Fusão interna vertebral, latero-ventral, a cerca de 8 mm. do ponto de divisão externa para a cauda.

Planos sagittaes cephalicos num angulo de cerca de 65º e planos frontaes num angulo de cerca de 45º com o vertice para o dorso.

Cabeça esquerda estragada e parecendo mais curta do que a direita.

Dimensões — 11/? mm. da ponta do focinho ao ponto de fusão externa, cervical; 8 mm. dahi ao ponto de fusão interna, vertebral, e 181 mm. até a ponta da cauda.

Comprimento total 192 mm. Divisões axiaes cerca de 10 % do comprimento total.

Caso V (*Fig. 5*)

Especie — *Natrix sipedon fasciata* (L.).

N.º — 7.043, coll. Museu de Zoologia Comparada de Cambridge, Mass.

Procedencia — Nascida no Jardim Zoologico de Nova York, onde foi obtida pelo Dr. Thomas Barbour.

Descripção — Dicephalo: divisão externa, latero-ventral, lateralmente, ao nivel da base da cabeça e, inferiormente, ao nivel da região gular. Fusão interna vertebral na distancia de 17 mm. desse ponto, para a cauda.

Outras anomalias — Um forte angulo no meio do comprimento da região vertebral; inocclusão parieto-ventral a esse nivel.

— Planos sagittaes cephalicos num angulo de 90º e planos frontaes num angulo de 110º, com o vertice para o dorso.

Cabeça esquerda 1 mm. mais longa do que a direita. Cabeça esquerda imperfeita (sem o olho); região supralabial direita ausente.

Dimensões — 7/8 mm. da ponta do focinho ao ponto de fusão externa, na região gular; 17 mm. dahi ao ponto de fusão vertebral, 53 mm. até o angulo vertebral e 165 mm. até a ponta da cauda. Comprimento total 172/173 mm. Divisões axiaes cerca de 14 % do comprimento total.

Caso VI (Figura 6)

Especie — *Bothrops atrox* (L.).

N.º — 14.103, coll. Museu de Zoologia Comparada de Cambridge, Mass.

Procedencia — Jardim Zoologico de Nova York leg. et don.

Descripção — Dicephalo: divisão externa latero-ventral, muito para trás da região cervical. Fusão interna vertebral, na distancia de cerca de 15 mm. desse ponto para a cauda; a bifurcação axial dá-se como por dichotomização lateral da columna vertebral de cuja porção dorsal um dos ramos cervicaes, o mais longo, emergeria para a direita e para baixo e, depois, se voltaria para cima e para a esquerda, ao passo que o outro, o mais curto, iria directamente para a esquerda e, logo depois, se encurvaria para a direita, de sorte que as 2 cabeças ficariam duplamente entrecruzadas, conforme se vê na photographia annexa.

Outras anomalias — Duplicidade da columna vertebral desde o começo da região hepatica até a 40 mm. para frente da região anal; presença de 2 fortes angulos, bem representados nas gravuras 6 e 6*a*. A essa anomalia, isto é, á duplicidade da columna vertebral no meio de seu percurso, de que aliás só, até agora, se encontra, em literatura, referencia do caso

observado por Wyman, — talvez se pudesse chamar de *mesodidymia*. Nestas condições, o caso vertente seria de ***catamesodidymia***.

Dimensões — Ramo cervico-cephalico direito com 50 mm. de comprimento até o ponto de fusão interna, vertebral; ramo esquerdo com 39 mm.; 92 mm. do ponto de dichtomização até o 1.º angulo, 127 mm. até o 2.º angulo e 215 mm. até a ponta da cauda. Comprimento total 265/254 mm. Divisões axiaes cerca de 18/15 % do comprimento total.

Caso VII (Fig. 7)

Especie — *Bothrops atrox* (L.).

N.º — 3.110, coll. Instituto de Butantan.

Procedencia — Ilheos, Estado de Bahia, colhido pelo Dr. Eusinio G. Lavigne em 1911.

Descripção — Dicephalo: divisão externa lateral, logo para trás do angulo buccal. Fusão interna vertebral, na distancia de 25 mm. desse ponto para a cauda.
Planos sagittaes cephalicos num angulo de cerca de 90º e planos frontaes num angulo de cerca de 110º, com o vertice voltado para o dorso.

Outras anomalias — Cyphose da columna vertebral ao nivel da região cervical e encurtamento da parede ventral, conforme se vê nas gravuras 7 e 7*a*. Cabeça esquerda 1 mm. mais curta do que a direita.

Dimensões — 10/9 mm. da ponta do focinho ao ponto de fusão externa; 25 mm. dahi ao ponto de fusão interna vertebral e 187 mm. até a ponta da cauda. Comprimento total 197/196 mm. Divisões axiaes cerca de 18 % do comprimento total.

Caso VIII (Fig. 8)

Especie — ***Bothrops atrox*** (L.).

N.º — 3.109, coll. Instituto de Butantan.

Procedencia — Ilheos, Estado da Bahia, colhido pelo Dr. Eusinio G. Lavigne, em 1911.

Descripção — Dicephalo: divisão externa, latero-ventral, lateralmente ao nivel da base da cabeça e inferiormente ao nivel da região gular. Fusão interna vertebral a 20 mm. dahi para a cauda.

Planos sagittaes cephalicos num angulo de 70° e planos frontaes num angulo de 30° com o vertice para o dorso.:

Outra anomalia — Inocclusão parcial da parede ventral. Cabeça direita 2 mm. mais longa do que a esquerda.

Dimensões — 15/13 mm. da ponta do focinho ao ponto de fusão externa; 20 mm. dahi ao ponto de fusão interna e 207 mm. até a ponta da cauda.

Comprimento total 222/220 mm. Divisões axiaes cerca de 15 % do comprimento total.

Caso IX (Fig. 9).

Especie — *Crotalus terrificus* (LAUR.).

N.º — 3.101, coll. Instituto de Butantan.

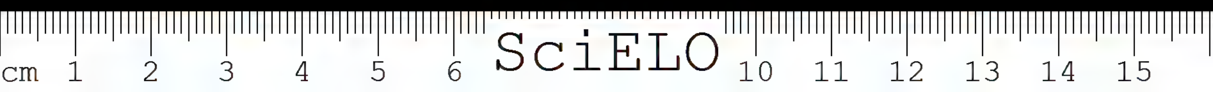
Procedencia — Araçatuba, Estado de S. Paulo, colhido pelo Sr. Francisco Vieira Leite em 24-III-1924.

Descripção — Dicephalo: divisão externa lateral ao nivel da região cervical. Fusão interna vertebral na distancia de 26 mm. dahi para a cauda.

Planos sagittaes cephalicos num angulo de cerca de 80° e planos frontaes num angulo de 165°, com o vertice para o dorso.

Dimensões — 25 mm. da ponta do focinho ao ponto de fusão externa; 26 mm. dahi até o ponto de fusão interna e 256 mm. até a ponta da cauda. Comprimento total 281 mm. Divisões axiaes cerca de 18 % do comprimento total.

S. Paulo, 16 de julho de 1925.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

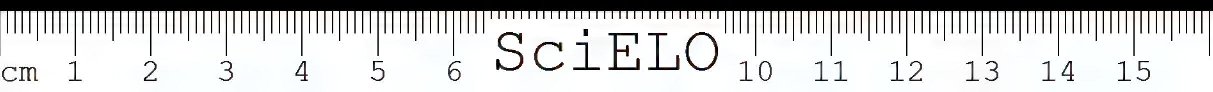
Est. I



Fig. 1



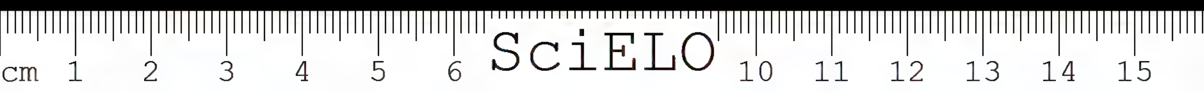
Fig. 2


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Est. II



Fig. 3


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

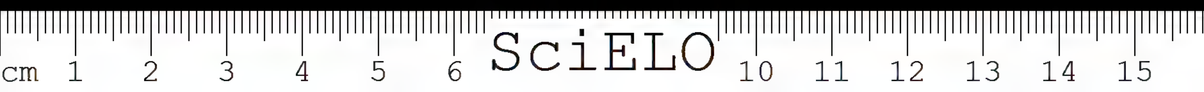
Est. IV



Fig. 6



Fig. 6 a


SciELO

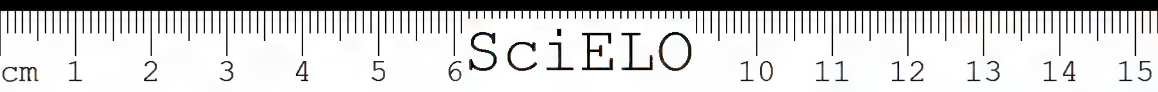
Est. V



Fig. 7



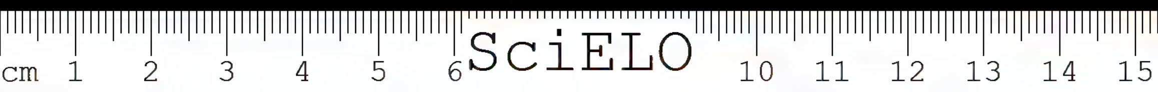
Fig. 7 a

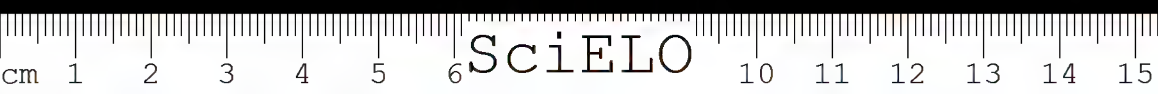

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Estudo comparativo da evolução ontogenetica de *Pseudoboa clœlia* (DAUDIN, 1803) e *Ps. Haasi* (BOETTGER, 1906)

por

Afranio do Amaral




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Estudo comparativo da evolução ontogenetica de *Pseudoboa clœlia* (DAUDIN, 1803) e *Ps. Haasi* (BOETTGER, 1906)

por

AFRANIO DO AMARAL

BOULENGER, em 1896, attribuiu á especie *Pseudoboa cloelia* (DAUDIN, 1803) os seguintes caracteres principaes (1):

Temporaes: 2+2 ou 2+3.
Escamas dorsaes: 19 ou 17 séries.
Ventraes: 198-237.
Subcaudaes: 64-93, divididas.

Colorido: Adulto — uniformemente cinzento escuro, cinzento olivaceo, ou anegrado em cima e branco amarellado em baixo, com subcaudaes frequentemente manchadas ou margeadas de anegrado. — Jovem — algumas vezes anegrado em cima, mas geralmente pardo ou vermelho pallido com ou sem uma pinta pardo-escura em cada escama; cabeça e nuca anegradas, com uma area amarella, mais ou menos larga, atravessada sobre o occiput e a região temporal.

---

(1) G. A. Boulenger — Cat. Sn. 1896. III: 109.

BOETTGER, em 1906, baseado em dois exemplares procedentes de Campos de Palmas, interior do Estado do Paraná, descreveu a especie *Pseudoboa Haasi* (2), cujos caracteres fundamentaes são os seguintes:

Temporaes: 2 + 3.
Escamas dorsaes: 19 series.
Ventraes: 207-212.
Subcaudaes: 66-72, inteiras.

Colorido: dorso pardo anegrado passando insensivelmente para avermelhado nos lados; ventre branco-marfim; collar nucal ausente.

Dada a circumstancia de estas duas especies occorrerem no Estado do Paraná, fui levado a estudál-as comparativamente no decurso da revisão, que estou procedendo, dos ophidios brasileiros.

Preliminarmente, devo dizer que, embora possuindo subcaudaes inteiras, a especie *Ps. Haasi* me parece mais affim de *Ps. cloelia* do que de *Ps. coronatus*, da qual BOETTGER a approximou.

De facto, conforme já affirmei em outra parte desta Revista (3), é ella indistinguivel de *Ps. cloelia* no que concerne á physionomia, aspecto, forma do corpo, disposição e numero de escamas e placas, della afastando-se, sómente, um pouco no colorido e na alludida disposição das subcaudaes. A este caracter, aliás, não se deve emprestar excepcional importancia, pois já tenho encontrado em alguns exemplares de *cloelia* varias subcaudaes tambem inteiras. Isto é tanto mais verdade quanto esse caracter, conforme se vê, não se acha ainda estabilizado e está ligado á influencia de um factor biologico, qual seja o differente genero de vida que as 2 especies levam: *Ps. cloelia* é estrictamente terrestre e alimenta-se geralmente dé outras cobras,

(2) O. Boettger — in Zool. Anzeiger. 1906. XXIX: 374.
(3) Veja-se minha 3a. nota de Nomenclatura Ophiologica, no t. XIV desta Revista, p. 12.

donde lhe proveiu o nome indigena «Boirú» («o que come cobra»), ao passo que *Ps. Haasi* frequentemente se encontra sobre arbustos e arvores e alimenta-se de pequenas aves, donde a existencia de subcaudaes inteiras para maior flexibilidade e prehensilidade da parte terminal do corpo.

Pelo contrario, *Ps. clœlia* afasta-se de *Ps. coronatus*, não somente no colorido, mas na physionomia, comprimento relativo da cauda, numero de ventraes e de escamas dorsaes, etc.

Um exame de uma boa serie de *Ps. clœlia* (40) e de *Ps. Haasi* (16), existentes nas collecções do Instituto de Butantan e do Museu Paulista, forneceu-me os seguintes dados, pelos quaes se verifica não haver entre ellas differenças apreciaveis na pholidose:

	Ps. clœlia (40 especimes)	Ps. Haasi (16 especimes)
Temporaes	2+2 ou 2+3	2+3
Escamas dorsaes	19 series	19 series
Ventraes	190—239	195—215
Subcaudaes	64—93	57—82

Justificada, dest'arte, a approximação systematica das duas especies, vejamos agora em que consistem as differenças assignalaveis em sua evolução ontogenetica.

Inicialmente, devo assignalar que os exemplares de *Ps. clœlia* e de *Ps. Haasi*, ao sahirem dos respectivos ovos, são approximadamente do mesmo tamanho e conformação, como o são tambem os especimes velhos, completamente desenvolvidos, que tenho visto. Isto nos fornece uma boa base para sua comparação durante o desenvolvimento.

Pois bem: feita abstracção da suprareferida differença nas subcaudaes das 2 especies, estas, conforme ficou dito, só se podem distinguir entre si por minimos

pormenores, consistentes na diversidade da distribuição gradual do pigmento melanico sobre o corpo dellas. Assim é que, se dividirmos a evolução de exemplares das 2 especies de accordo com as 4 phases principaes (recem-nascidos, jovens, medios e adultos), verificaremos o seguinte (Estampa A, figs. I e Ia, II e IIa, III e IIIa e IV e IVa):

I — Um exemplar recem-nascido de *Ps. cloelia* é de côr rosea uniforme, no dorso, cabeça branco-amarellada, com uma mancha pardacenta sobre o focinho, extendida, para trás, até a altura da frontal, das supraoculares e orbita.

Ia — Um exemplar recem-nascido de *Ps. Haasi* é de côr pardacenta no centro do dorso (7 a 9 series transversaes de escamas), com uma faixa mais clara, rosea, de cada lado (região paraventral), occupando 5 a 6 series transversaes de escamas; cabeça como em *Ps. cloelia*, mas com a mancha do focinho extendida até a região parietal.

II — Nos jovens de *Ps. cloelia* o colorido do dorso vae sendo gradual e uniformemente invadido de pigmento pardo anegrado, ao mesmo passo que a côr branco-amarellada da cabeça vae escurecendo.

IIa — Nos jovens de *Ps. Haasi* a côr pardacenta do centro do dorso se vae accentuando e extendendo para cada lado até invadir mais 1 a 2 das series paraventraes de escamas roseas; simultaneamente a mancha do focinho se accentua em intensidade e augmenta para trás até attingir a ponta das parietaes.

III — Nos exemplares medios de *Ps. cloelia* da côr clara da cabeça apenas resta uma estreita faixa transversal sobre o occiput: o pigmento melanico cobre quasi inteiramente as placas da cabeça e as escamas do dorso, de modo a communicar-lhes um colorido pardo-anegrado.

IIa — Nos exemplares medios de *Ps. Haasi* tambem quasi não se encontra mais vestigio da mancha clara da cabeça e o dorso é de côr pardo-anegrada passando insensivelmente a pardo-roseo nas 3 ou 4 series paraventraes de escamas.

IV — Nos exemplares completamente desenvolvidos de *Ps. cloelia*, tanto a cabeça, quanto o dorso, são de colorido bem escuro, cinzento-anegrado lusidio, uniforme.

IVa — Nos exemplares completamente desenvolvidos de *Ps. Haasi*, tanto a cabeça, quanto o dorso, são de colorido bem escuro, anegrado lusidio, mas sempre restam 2 ou mesmo 3 series paraventraes de escamas mais claras, ligeiramente pardacentas.

Nestas condições, é necessaria ao herpetologista bastante pratica destas 2 especies para que possa distinguil-as uma da outra, sem recorrer ao exame das subcaudaes, cujo caracter, aliás, não parece ter-se ainda estabilizado.

S. Paulo, agosto de 1925.

Summary:

In this paper, the A. shows that the main difference between *Ps. cloelia* and *Ps. Haasi* as described by the various herpetologists lies in the character of the subcaudals, that usually are divided in the former while they are entire in the latter. Nevertheless, he shows that a few entire subcaudals may also occur in *Ps. cloelia*. For this reason he believes that this particular character is not so important as that concerning the differences in coloration as found throughout the ontogenetic evolution of these two especies.

Explicação da Estampa A.

I. — Exemplar recem-nascido de *Pseudoboa cloelia*, N.º 2060, coll. Inst. Butantan, colhido em Butantan, (Estado de S. Paulo), em janeiro de 1921.

Ia — Exemplar recem-nascido de *Pseudoboa Haasi*, N.º 1003, coll. Inst. Butantan, recebido vivo do Sr. Manfredo Calderoni, de Paulo Frontin, Estado do Paraná, em 12-X-1915.

II. — Exemplar jovem de *Pseudoboa cloelia*, N.º 2061, coll. Inst. Butantan, colhido em S. Paulo, Estado de S. Paulo.

IIa — Exemplar jovem de *Pseudoboa Haasi*, N.º 1024, coll. Inst. Butantan, recebido vivo da Sociedade Agricola de Dorizon, Estado de Paraná, em dezembro de 1915.

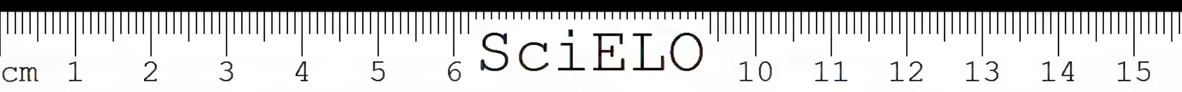
III — Exemplar meio-desenvolvido de *Pseudoboa cloelia*, N.º 1834, coll. Inst. Butantan, recebido vivo do Sr. Marcos Favali, de Poá, Estado de S. Paulo, em abril de 1919.

IIa — Exemplar meio-desenvolvido de *Ps. Haasi* N.º 1079, coll. Inst. Butantan, recebido vivo da Sociedade Agricola de Dorizon, Estado do Paraná, em janeiro de 1916.

IV. — Exemplar adulto de *Pseudoboa cloelia*, N.º 2064, coll. Inst. Butantan, colhido em S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 11-XI-1919.

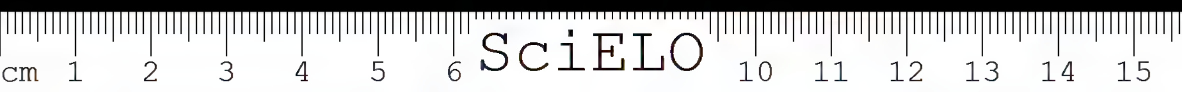
IVa — Exemplar adulto de *Pseudoboa Haasi*, N.º 2066, coll. Inst. Butantan, colhido em Jaraguá, (Blumenau), Estado de Santa Catharina, em 1922.

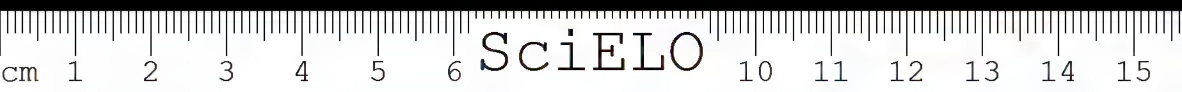

IV a
IV
III a
III
II a
II
I a
I


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Alipio de Miranda Ribeiro

Os *Leptodactylidæ* do Museu Paulista




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO

Os *Leptodactylidæ* do Museu Paulista

Conforme a nossa intuição (1), consideramos a familia *Leptodactylidae* como differente de *Paludicolidae*, por causa do duplo estylo osseo do seu esterno, o que, comtudo, não é geral para esse ultimo grupo.

Na observação da forma bem se póde deixar assim dissociados esses dous grupos, porque as differenças são constantes e justificadas, sómente o modo de reproducção permanecendo o mesmo, embora muitos pontos de relação ainda sejam obscuros.

Por isso, deixamol-os isolados.

Aqui, admittimos os *Leptodactylidae* constituidos dos generos *Leptodactylus* e *Limnomedusa*. E' bem possivel que este ultimo seja uma transição e nesse caso o seu estudo em natureza merece bastante attenção.

Quem uma vez sahio do laboratorio apra perscrutar a evolução, em natureza, de uma dada forma, jamais se coadunará em admittir todas as razões apenas reveladas em um dos dous meios de estudo, isoladamente conseguidas. *Limnomedusa* está neste ultimo caso.

---

(1) Veja-se o Boletim do Museu Nacional, n. 2, 1924.

Até o anno de 1915, havia, descriptas para a fauna brasileira, 15 especies de *Leptodactylus* que constituiam a seguinte lista dada por Baumann na sua memoria: Brasilianische Batrachier des Berner Naturhistorischen Museums:

1. *L. pustulatus*
2. *L. longirostris*
3. *L. gracilis*
4. *L. pentadactylus*
5. *L. poecilochilus*
6. *L. mystacinus*
7. *L. typhonius*
8. *L. ocellatus*
9. *L. caliginosus*
10. *L. gaudichaudi*
11. *L. brevipes*
12. *L. prognatus*
13. *L. discolor*
14. *L. hylodes*
15. *L. glandulosus*

Destas fórmas 10 estavam representadas nas collecções do Museu Paulista e vão descriptas em vernaculo, pela primeira vez, nas paginas a seguir. Nieden, dando em 1923 a publico o seu volume sobre os Anuros do Tiereich de Friedländer, cita na fauna brasileira os seguintes nomes: L. *pentadactylus*, L. *bufonius*, L. *gracilis*, L. *prognathus*, L. *diptyx*, L. *brevipes*, L. *bufo*, L. *mystacinus*, L. *typhonius*, L. *mystaceus*, L. *longirostris*, L. *pustulatus*, L. *hylaedactylus*, L. *gaudichaudi*, L. *ocellatus* e L. *caliginosus*.

Quando examinamos o material do Museu Paulista, modificamos ligeiramente a relação das especies, conforme se verá com a inclusão de duas especies novas que agora elevamos a 3. As listas de Baumann e Nieden já não estavam muito de accordo entre si, pois um confronto deixa-as deseguaes.

Nieden inclue, com razão, *L. mystaceus* na synonymia de *L. poecilochilus*, e acceita *L. brevipes*, *L. prognathus*, *L. bufo*, *L. bofonius* e *L. gaudichaudi*. *L. glandulosus* passa á synonymia de *diptyx*. Já está provado que *L. discolor* é *Oligon miliaris*, e *L. hylodes* é *L. pentadactylus*.

L. gaudichaudi é uma *Elosia* e como tal não póde aqui estar; basta que seja considerado o seu apparelho esternal. *L. bufo* é evidentemente *L. pentadactylus*. A nossa lista, ainda sujeita á critica, se define deste modo:

Lepiodactylus pustulatus, *L. logirostris*, *L. gracilis*, *L. pentadactylus*, *L. typhonius*, *L. ocellatus*, *L. caliginosus*, *L. brevipés*, *L. prognathus*, *L. bufonius*. *L. pachiderma*, *L. macroblepharus*.

Uma tentativa de systematização da maioria dessas especies já foi tentada, não só por BOULENGER, no seu conhecido Catalogo, como por BERG, em se referindo de modo mais restricto a batrachios argentinos.

Fazendo exclusão das formas que não pertençam ao Brasil, teriamos:

Esterno trifolioide

1. L. *poecilochilus*

Esterno semilunar

Lingua cordiforme:

lado inferior ocellado

2. L. *pustulatus*

lado inferior alvadio

3. L. *gracilis*

Lingua oval ou ellipsoide; coloração abominal alvadia ou vermiculada;

Olhos grandes, de diametro maior que o focinho.

4. L. *macroblepharus*

Olhos quando muito de diametro egual á distancia que os separa das narinas.

Articulação tibio-tarsal chegando á ponta do focinho:

5. L. *longirostris*

Articulação tibio-tarsal chegando ás narinas;
dorso perplicado
artelhos inteiros, lisos 6. L. *typhonius*
artelhos fimbriados 7. L. *ocellatus*

dorso liso ou glanduloso:
pernas aciculadas 8. L. *pentadactylus*

Articulação tibio-tarsal chegando aos tympanos
ou pouco mais
Tibias normaes, lisas:
Cantho rostral fraco;
uma prega cutanea dos
olhos ao lado do coccyx 9. L. *caliginosus*

Cantho rostral evidente;
prega cutanea até o
tympano, onde se bifurca e se oblitera 10. L. *pachyderma*

Tibias muito grossas,
espinulosas 11. L. *pygmaeus*

Ficam fóra da presente chave L. *brevipes* (= L. *pygmaeus?*), L. *bufonius* (= L. *pygmaeus?*) e L. *prognathus* (= *L. poecilochilus?*) cujos esternos não são do nosso conhecimento, pelo facto de ainda não possuirmos cotypos ou toptypos. Temos ainda duvidas sobre *L. diptyx.*

Leptodactylus caliginosus, Günth.

Fórma oblonga, deprimida; cabeça grande, de largura egual á 3/4 do comprimento; cintura larga. Bocca ampla, de largura quasi egual ao comprimento; lingua cordiforme; vomerinos em dous grupos contiguos,

dispostos em curva por traz do plano das choanas. Distancia internasal egual ao diametro ocular e a 3/4 dessa dimensão dos olhos. Diametro ocular egual ao comprimento do focinho. Tympano evidente, 1/2 do diametro ocular. Braço ligeiramente maior que o antebraço; mãos grandes, como que bifurcadas, o primeiro e segundo dedos separados do 3.º e 4.º. Callos evidentes, dous no metacarpo, o externo maior, o primeiro e quarto dedos são eguaes em comprimento e maiores que o segundo. Perna, levada avante attingindo o tympano com a articulação tibio-tarsal; dous callos metatarsaes, mediocres. Cantho rostral fraco. Uma prega cutanea segue dos olhos aos lados do coccyx. Superiormente baio violaceo com o focinho preto, tympanos escuros e uma estria denegrida que vae dos olhos aos lados do coccyx, ao longo da ruga dermica. Uma barra transversal nucal, outra indistincta lombar. Pernas mais escuras, transfasciadas indistinctamente; coxas posteriormente negras, marmoradas de amarello, côr que desenha um largo bigode que vem da região hypo nasal, ao angulo postero-lateral da cabeça. Lado inferior amarello ochraceo, manchada de mais claro.

Compr. 26 mm.; perna 30 mm.

Leptodactylus gracilis, Dum. & Bibr.

Projecção subogival, grandemente alongada. Diametro ocular justamente egual á distancia que separa os olhos das narinas. Focinho conico, as narinas mais proximas da sua ponta do que do angulo anterior dos olhos. Tympano logo atraz do angulo posterior da bocca e á 1/2 do proprio diametro posterior dos olhos; diametro interocular egualando ao que separa as narinas ao comprimento de cada um dos grupos dentarios, que são posteriores ás choanas e descrevem um angulo obtuso muito largo. Lingua cordiforme, lon-

a, diametro antero-posterior da bocca 11/15 do transerso. Membro anterior muito curto mal attingindo a rega inguinal. Dedos na seguinte ordem: 2, 4, 1 e 3. Membro posterior levado á frente passando folgadamente a ponta do focinho com a articulação tibio-tarsal, rtelhos livres, na seguinte ordem: 1, 2, (3-5) e 4 ou , 2, 5, 3 e 4. Tuberculos subarticulares evidentes, os netatarsaes muito pequenos, sobretudo o externo, que, ás vezes, é inevidente. Pelle lisa, com 5 rugas longiudinaes no corpo e, ás vezes, duas ou tres nas pernas; uma do focinho ao hombro, por sob os olhos. Côr sepiacea ocellada de negro, os ocellos maiores são os das pernas, não os ha muito maiores que os olhos; as inhas longitudinaes do corpo e das pernas e uma tarja rostro coccygeana são de um branco amarellado idenico ao de todo o lado inferior do corpo; ás vezes uma linha amphiocular dessa côr, a parte posterior das coxas é como em *L. poecilochilus*, negra com uma estria longitudinal branca; duas estrias dessa côr limitam o lado posterior do tarso, sendo que a superior vae até a ponta do 5.º artelho. O macho tem dous saccos vocaes negros, externamente em cada lado do queixo, ahi desenhando uma tarja dessa côr.

Leptodactylus gracilis

Ns.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
348	Itaqui, Rio Grande do Sul	Garbe	1914	1
117	Porto Martins, S. Paulo	Dreher	I-1908	2
90	S. Lourenço, Rio G. do Sul	H. von Ihering	II-1896	1
453	S. Paulo	Bicego	1896	1
516	Campo Grande, S. Paulo	Wacket	VI-1903	1
846	Alto da Serra, S. Paulo	Bicego	1899	1
604	Os Perús »	»	1895	1
96	S. Lourenço, Rio G. do Sul	H. von Ihering	1896	1
625	Itanhaem, Santos, S. Paulo	von Zeidler	1906	1
540	Rio Grande »	Edwall	IV-1897	1
610	Franca »	Dreher	1902	1

Ns.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
435	Rio Grande do Sul	H. von Ihering	1890	5 (det.)
33	Ypiranga, S. Paulo	A. Hempel	II-1900	1
430	Os Perús »	Bicego	II-1896	1
62	Campos do Jordão	Lüderwaldt	1900	1 (det.)
716bis	Ypiranga, S. Paulo	Dreher	III-1903	1
584	Ribeirão Pires, S. Paulo	Bicego	1896	1
497	Ypiranga, S. Paulo	H. von Ihering	VI-1901	1

Leptodactylus pygmæus (Spix)
(**Leptodactylus mystacinus**, auct.)

Contorno piriforme. Cabeça pouco maior que 1/3 do comprimento rostro-coccygeeano, de contorno fortemente ogival. Focinho curto, pontudo, pouco proeminente. Narinas a 5/8 do comprimento rostral. Olhos salientes, de diametro pouco maior que a sua distancia das narinas e quasi egual ao comprimento do focinho. Tympano circular, 4/7 do diametro orbitario, maior que o diametro interocular. Canthus rostralis pouco saliente. Uma ruga tubercular sub-tympanica, entre o tympano e o hombro. Dentes vomerinos em dous grupos, pouco arqueados, e posteriores ás choanas. o comprimento de cada grupo egual ao espaço interocular externo. Lingua subcordiforme, com os lados subparallelos; hiato de proporção de 18:19 entre os seus diametros antero-posterior e transverso. Membro anterior curto, mal attinge a prega inguinal. Dedos na seguinte ordem de crescimento: 2, 4, 1 e 3; tuberculos subarticulares distinctos; callo carpal interno oblongo, externo cordiforme, ambos evidentes. Membro posterior muito musculoso e espesso, mal attingindo o tympano com a articulação tibio-tarsal se levado á frente; artelhos com uma prega cutanea indistincta e na seguinte ordem de crescimento: 1, 2, 5, 3 e 4; tuberculos subarticulares evidentes, uma prega indistincta no

tarso, pelo lado interno. Tuberculo metatarsal interno subcylindrico, deprimido, o externo punctiforme, granulações evidentes, espiniformes nas plantas dos pés e dos tarsos e no lado superior das pernas. Flancos como o dorso algo tuberculados. Uma prega cutanea supra tympanica passa na base do humero e atravessa o peito, a pelle do abdomen, como a de todo o lado inferior lisa. Coloração parda violacea, mais clara (ochracea) sobre os lados e meio do abdomen. Uma estria negra e egual vem das narinas ao tympano e dahi á base do humero; outra margeia o beiço superior, até o tympano e dahi desce ao braço que percorre até articulação com o antebraço; ás vezes, estrias negras pelos flancos, dos olhos ás coxas e pontos negros esparsos pelos flancos; coxas, pernas e pés fasciados de negro, as faixas estreitas, lados do queixo, peito e abdomen finamente vermiculados de negro.

Comp. 58 mm; perna 65 mm..

Identifico, na presente descripção, *Leptodactylus mystacinus* dos auctores á *Rana pygmaea* de Spix, o que é facil de reconhecer tanto pela estampa como pela descripção:

«Fusco-brunnea, pygmaea, dorso subgibbo *femoribus crassis*, nigrofasciatis; abdomine irregulariter rufo lineato. Descriptio: Corpus exiguum, pigmaea, abbreviatum, subgibbum, supra immaculatum, fusco brunneum, subtus, fulvo-albicans, lineolis brunneis, *precipue ad gulam* strigilatum. Caput breve; *oculi protuberantes;* dorsum fusco brunneum, versus occiput subgibbum; lingua fere tota externulis; pedes anteriores breves, non crassi, *posteriores crassi*, nigro-fasciati, non palmati, Long. corp. 1. Hab. in prov. Bahiae» (SPIX).

Exemplares de **Leptodactylus pygmæus** (Spix):

Ns.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
49	Os Perús, S. Paulo	Bicego		1
91	Rio Grande do Sul	H. von Ihering		2
840	Entre Rios, Paraná	Bicego	1897	1
841	» »	»	»	2
530	Piquete, S. Paulo	Zech	XI-1896	1
758	Rio Grande do Sul	P. Schupp	1900	1
508	Iguape, S. Paulo	R. Krone	1900	1
663	Entre Rios, Paraná	Bicego	1897	1
599	Os Perús, S. Paulo	»	1895	1
93	S. Lourenço, R. G. do Sul	H. von Ihering	II-1896	1
25	Alto da Serra, S. Paulo	Wacket	1901	1
771	Raiz da Serra, S. Paulo	»	1902	5
514	Hammonia, S. Paulo	Lüderwaldt	IX-1910	1
824	Manáos, Amazonas	Bicego	1900	1
490	Santos, Cubatão, S. Paulo	»	XII-1897	1
658	Rio Grande, S. Paulo	Wacket	1902	1
495	Santos, Cubatão, S. Paulo	Bicego	XII-1897	2
577	Manáos, Amazonas	»	1899	1
772	Raiz da Serra, S. Paulo	Wacket	1902	1
626	Itanhaem, S. Paulo	Dreher	1906	1

Leptodactylus pœcilochilus (Cope) 1862

Forma oval, subdeprimida. Lado abdominal com o disco adhesivo que póde se estender até o queixo. Focinho em ogiva. Olhos moderados, seu diametro egual ao espaço interocular anterior e contido 1 e 1/2 do angulo anterior á ponta do focinho. Narinas á 1/4 da ponta do focinho; canthus rostralis fraco, apenas evidente pelo colorido. Focinho visto de lado ponteagudo, tendo o labio superior muito inclinado para traz. Bocca nascendo sob o meio do tympano, os seus diametros antero-posterior e transverso nas proporções de 9:15. Tympano maior que 1/2 do diametro orbitario e sobrepujado por uma prega dermica. Membro anterior muito curto, mal attingindo a axilla inguinal. Dedos na seguinte ordem de crescimento: 4, 2, 1 e 3. Perna

levada á frente mal attingindo o angulo ocular anterior com a articulação tibio-tarsal; callo metatarsal externo circular e difficilmente perceptivel; artelhos na seguinte ordem de crescimento: 1, 2, 4, 3, e 5. Tuberculos sub-articulares evidentes. Pelle lisa, sobretudo no abdomen, cujo disco começa em uma prega ao lado do queixo. Parte posterior das coxas granulosa; lados do abdomen com alguns tuberculos dispostos em linha, 4 ou 5 linhas longitudinaes da pelle, da cintura para a cabeça, a mediana mal perceptivel. Superiormente violaceo, um tanto marmorado de escuro, lado superior das pernas até os pés transfasciado dessa cor. Uma estria negra da ponta do focinho, pelas narinas, até os tympanos; outra do canto da bocca aos humeros. Entre estas estrias negras uma branca que vae do hombro á ponta do focinho; duas outras, da mesma côr, da região lombar ás espaduas, tendo, ás vezes, uma parallela inferior que vae das coxas ao meio dos flancos. Extremo coccygeano branco: lado posterior das coxas com uma tarja mais ou menos interrompida ou marmorada, negra, percorrida por uma estria branca. As nôdoas transversaes das pernas são mais retintas no lado de dentro.: A lingua é larga, quasi em forma de 8, livre e entalhada posteriormente. Os dentes vomerinos são muito contiguos numa elevação em circumflexo, cujo maior diametro (de um dos grupos) corresponde a um espaço internasal.

Corpo 40 mm.; perna 70.

Brasil interior, Surinam e Demerára e Republica Argentina (BOULENGER). Os exemplares do Museu Paulista são de Piraquára, S. Paulo e Curytiba, Estado do Paraná.

Exemplares:

334 — 1 — Piraquára — Collector, Bicego — 1898
706 — 1 — Curytiba, Paraná — Collector, Bicego — IV-1898

Leptodactylus pachyderma, sp. nov.

Projecção ovoide; a da cabeça ogival com o cantho rostral fraco. Diametro ocular exactamente egual á distancia que separa os olhos das narinas; estas á meia distancia entre os olhos e a ponta do focinho que termina em curva suave, procedente do espaço inter-ocular anterior; tympano 2/3 do diametro orbital. Bocca ampla, o diametro antero-posterior 6/9 do transverso, vomerinos numa curva fraca porém saliente, logo atraz das choánas que a saliencia dentaria borda até o meio. Crissta palatina baixa com fracos odentoides. Lingua cordiforme: Mãos curtas, mal attingindo a axilla inguinal; dedos livres, na seguinte ordem de crescimento. 2, 4, 1 e 3. Tuberculos subarticulares evidentes; callos carpaes idem, o externo cordiforme, o interno oblongo. Perna levada á frente attingindo o olho com a articulação tibio-tarsal. Artelhos fracamente fimbriados e na seguinte ordem: 1, 2, 5, 3 e 4. Callos tarsaes internos oblongos, externos circulares, 1/2 dos internos. Pelle lisa porém espessa, tanto em cima como nos flancos; só ha glandulas evidentes nos lados do coccyx e atraz do angulo da bocca; pelle do lado interno inferior das coxas, granulosa. Côr de sepia cineracea no dorso; flancos, lado abdominal e pernas negros, estriados e maculados de amarello.

O focinho marmorado, tanto em cima como nos lados; uma linha branca azulada das narinas átć o antebraço, passando por baixo dos olhos, do tympano e sobre o humerus, outras transversaes pelos flancos, limitando maculas oblongas quadrungulares negras, como acontece nas coxas, pernas e pés. O lado basilar inferior do humero é branco, sendo alvadios o lado interno do braço, meio do abdomen e lado inferior das coxas.

Comprimento: Corpo 145; perna 190 mm.

1 exemplar n.º 531 da Ilha Victoria.

Leptodactylus macroblepharus sp. nova

Forma hyloide, deprimida, de cabeça grande, focinho redondo com o cantho rostral evidente. Olhos grandes, salientes, o seu diametro 1 e 1/3 no comprimento do focinho, 1/2 maior que a sua distancia das narinas. Hiato começando sob o meio do tympano, cujo diametro é egual a 1/2 do diametro orbitario. O diametro antero-posterior da bocca eguala a 5/9 do transverso. Dentes vomerinos em duas curvas salientes, posteriores e interiores ás choanas, bordo anterior destes mediocre, cristas palatinas lateraes obliquando para traz do plano dos vomerinos. Os olhos ficam contiguos no paladar e a lingua ampla e longa é cordiforme, chegando até sobre o oesophago. Membros anteriores attingindo o coccyx. Dedos livres, na seguinte ordem: 2, 4, 1 e 3. Callos carpaes evidentes como os tuberculos subarticulares, o externo cordiforme, o interno oblongo. Membro posterior levado á frente attingindo o meio dos olhos com a articulação tibio-tarsal; ordem de crescimento, 1, 2, 5, 3 e 4. Tuberculos subarticulares salientes; os callos metatarsaes evidentes, o interno saliente, oblongo e contiguo ao primeiro artelho. Pelle totalmente lisa, brilhante, com excepção da parte interna infero-posterior das coxas que é finamente granulosa; e da região inguino-iliaca que é glandulosa e espessada; duas cristas cutaneas partem dos olhos, uma attingindo a articulação femoral e a outra a axilla humeral, depois de se ter bifurcado atraz do tympano. Côr parda de folha morta. A's vezes, tres faixas escuras transversas, até o espaço inter-ocular, sobre o dorso; uma estria negra das narinas ao extremo da ruga oculo da humeral; parte posterior do antebraço, palmas das mãos e parte posterior dos tarsos e pés negros violaceos. Duas nodoas no lado posterior do braço, uma axillar iliaca, uma serie de quatro nodóas no extremo da cinta cutanea oculo-femoral; um ocello maior logo depois destes em cada lado do coccyx, negros. Coxas

e pernas transfaciados de negro no lado posterior e de vioalceo ou de estreitas linhas negras no superior. Papo até o abdomen com pontos amarellos, ás vezes modificados em barras dessa côr na borda da bocca, parte posterior do ventre até coxas e pernas marmorada de amarello.

Comp. 120 mm., pernas 160. até a ponta do 4.º artelho. 3 exemplares n.º 377. Manáos, Amazonas.

Leptodactylus ocellatus macrosternus var. nova

Forma oblonga. Focinho mediocremente ogival. Diametro orbitario 8/10 do comprimento do focinho, narinas mais proximas da ponta deste do que da orbita, em dous grupos muito salientes, contiguos, e totalmente posteriores ás choanas, lingua grande, cordiforme, pouco entalhada posteriormente. Tympano de diametro maior que 2/3 do diametro orbital, proximo do angulo posterior dos olhos de menos de 1/2 do proprio diametro. Mãos não attingindo o coccyx; tuberculos subarticulares evidentes; ordem de crescimento dos dedos, que são totalmente livres, 4, 2, 1 e 3; callo carpal externo duplo, pouco evidente. Membro posterior levado á frente, mãos attingindo as narinas. Artelhos livres, tuberculos subarticulares evidentes; callo tarsal externo ausente, o interno elevado e marginal; ordem de crescimento dos artelhos: 1, 2, 5, 3, e 4. O pé dobrado sobre a perna; attinge o terço superior da coxa com o 4.º dedo. Pelle apenas mui finamente granulosa no lado posterior interno das coxas e superior das pernas; 5 cristas cutaneas longitudinaes em cada lado do tronco. Coloração de *Leptodactylus ocellatus*, com o lado inferior branco puro; grandes nodoas brancas ao longo do mandibular. As pernas e os pés diffusamente marmorados. Pés alvadios.

Comp.: Corpo 65, perna 115 mm.

Procedencia: Exemplar n.º 448, procedente da Bahia, pelo Snr. Bicego. (VI-1896).

Leptodactylus longirostris Blgr.

Corpo moderadamente deprimido e de projecção navicular. Cabeça ogival com o focinho pontudo. Diametro orbitario quasi egual ao comprimento do focinho e exactamente 1/2 do diametro antero-posterior da bocca. Narinas mais proximas da ponta do focinho do que da orbita. Tympano 1/14 do transverso. Dentes vomerinos salientes, posteriores ás choanas, que ficam sobre a metade externa de cada grupo. Membro anterior mal attingindo a articulação femoral; dedos livres, na seguinte ordem de crescimento: 2, 4, 3, 1. Tuberculos subarticulares evidentes, callos palmares salientes, o esterno cordiforme, o interno oblongo. Membro posterior levado á frente, apenas passando o angulo ocular anterior com a articulação tibio-tarsal. Artelhos livres, ordem de crescimento: 1, 2, 5, 3 e 4. Dobrado o pé sobre a perna o 4.º artelho attinge o meio do femur, tuberculos subarticulares moderados, alguns outros pequenos em serie sobre os metatarsaes; callos metatarsaes presentes, o interno mais evidente, um vestigio de fimbria ao longo do lado infero-posterior do tarso. Pelle glabra, duas a quatro cristas cutaneas dorsaes; pelle do abdomen formando disco. Côr de chumbo mais ou menos lichenosa para as pernas, devido ás barras transversas vestigiarias e ás marmoragens negras da parte posterior das coxas. Uma estria negra da ponta do focinho ao hombro, passando por sôbre o tympano, outra inferior marginando o beiço superior. Algumas marmoragens ao longo do mandibular e da parte anterior das coxas. A's vezes, manchas indefinidas pelos flancos, sobre as espaduas.

Comprimento: Corpo 45, perna 73 mm.

Eexmplares: s/n e sem procedencia; 459 (1) e 565 (1 joven) 459 — Col. Hansa, Sta. Catharina — Coll. Erhardt. 1902.



Leptodactylus typhonius (Daud.)

Corpo piriforme. Cabeça sub-conica, focinho pontudo, proeminente sobre a mandibula como em *L. gracilis*. Narinas pouco mais proximas da ponta do focinho do que dos olhos; canthus rostralis nullo. Olhos salientes, moderados. o seu diametro 1 e 2/5 no focinho, diametro interocular egual á distancia que vae das narinas ao vertice rostral. Tympano perfeitamente circular, não entalhado superiormente como em *L. ocellatus*, o seu diametro 3/5 do ocular. Lingua pouco entalhada posteriormente; eliptica. Diametro antero-posterior da bocca 2/3 do transverso. Mãos apenas attingindo a axilla inguinal, dedos na seguinte ordem de crescimento: 2, 4. 1 e 3, o pollegar com a ultima phalange reflexa e o tuberculo subarticular grande; aliás, os tuberculos subarticulares são muito evidentes em todos os outros dedos; o callo metacarpal externo é mais largo, porém. mais curto que o interno; ás vezes ha uma linha de pequeninas verrugas no lado externo do antebraço. Membro posterior levado á frente attingindo a ponta do focinho com a articulação tibio-tarsal; artelhos livres e na seguinte ordem de crescimento: 1, 2, 5. 3 e 4; tuberculos subarticulares evidentes; os metatarsaes muito reduzidos, ás vezes um obsoleto no meio do tarso. Pelle granulosa na região inferior das coxas.

Na parte superior e lateral do tronco ella é percorrida por 3 linhas cutaneas inteiras entremeadas doutras interrompidas; as linhas internas que ficam de cada lado do rachis se reunem sobre a cervix; pelle dos flancos muito lisa e com algumas verrugas em serie; a pelle do abdomen formando disco.

A côr geral é o cinereo violaceo superiormente, maculado de negro ou de violaceo mais escuro, como *L. ocellatus;* a mancha amphipalpebral geralmente interrompida ao meio; uma linha branca percorrendo o braço sob os olhos e circulando o tympano e vindo morrer sobre os hombros. Nos machos, ás vezes ha

outra linha branca que parte do tympano e margeia o lado inferior do mandibular, delimitando assim o sacco vocal que é negro: abdomen branco. Membros transfaciados das côres fundamentaes; uma a duas estrias longitudinaes brancas na parte posterior das coxas.

Corpo 55 mm., perna 80.

Ns.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
281	Porto Martins, S. Paulo	Dreher	I-1908	1
53	Piracicaba »	Garbe	IX-1901	1
716	Franca »	Dreher	IX-1903	1
116	Porto Martins »	»	I-1908	1
3	Itapetininga »	Bicego	I-1897	1
155	Piquete »	Zech	I-1897	1

Leptodactylus ocellatus (L.)

Contorno geral ogivoide. Diametro ocular egualando ao tympanico e contido uma e meia vezes no focinho. Lingua cordiforme, larga, com a margem anterior ligeiramente entalhada, na symphyse e um curto rebordo para cada lado. Dentes vomerinos em dous grupos contiguos, em forma de accento circumflexo e na mesma linha dos palatinos que são finamente crenulados ou providos de odontoides fracos. Dedos muito fracos, o primeiro muito pouco maior que o segundo e tendo dous processos polegares internos, os quaes, na epocha da reproducção têm um recobrimento corneo chitinoso denegrido e obtuso; o quarto dedo é do tamanho do segundo; callo carpal externo apenas perceptivel. Região tibio-tarsal attingindo as narinas. Callo metatarsal externo muito reduzido, porém resistente; externo obsoleto, artelhos fimbriados, callos subarticulares presentes. Pelle glabra, com 4 cordões cutaneos em cada lado do rachis e uma serie de tuberculos intermediarios, granulosa nos flancos dos individuos machos na epocha da reproducção. Lado abdominal liso; parte in-

ferior das coxas granulosa. Côr plumbea bronzeada com ocellos oblongos transversos que se transformam em barras transversas sobre os membros; um desses ocellos é amphiocular; outro post-ocular, passando pelo tympano; um largo ocello no cotovello dos machos. Lado inferior branco; uma serie de ocellos no queixo ao longo da mandibula, ás vezes outros no papo.

Distr. Geographica: America Meridional Oriental até a Rep. Argentina e do Uruguay. *Leptodactylus ocellatus* é objecto de consumo por parte dos amigos de semelhantes especiarias ; a sua carne semelhante á do peixe não tem máo paladar. A reproducção dá-se nos charcos de pouca agua onde as posturas são effectuadas e sobrenadam como grandes flócos de espuma onde os ovos se segmentam e donde sahem as larvas á procura da agua.

Nr.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
115	Porto Martins, S. Paulo	Deher	1908	1
446	Bahia	Bicego	VI-1896	1
157	S. Paulo	Lima	1900	1
651	Piquete, S. Paulo	Zech	IX-1896	4 det.
118	» »	»	XI-1896	3 det.
665	Santos »	G. Schmidt	1900	1
662	Entre Rios, Paraná	Bicego	1897	1
653	Ypiranga, S. Paulo	Lima	1900	1
X	Itabuna, Bahia	Garbe	1919	1
71	Vargem Alegre, E. do Rio	Godoy	1898	1
439	Ypiranga, S. Paulo	Lima	X-1907	3
48	» »	»	1900	8 det.
429	» »	Bicego	X-1896	1
456	Belém, Pará	»	I-1898	2
440	Buenos Ayres, R. Argt.	»	1897	6
442	Raiz da Serra, S. Paulo	»	I-1896	2
461	Hansa, Joinville	Erhardt	III-1902	1
778	Ilha de S. Sebastião	Bicego	XI-1896	1
447	Bahia	»	VI-1896	1
844	Ypiranga, S. Paulo	Lima	1900	3
114	Rio de Janeiro	Inst. O. Cruz	1910	1

N.s	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
444	Rio G. do Sul, Itaqui	Garbe	1914	1
113	» »	H. von Ihering	1896	2
373	Caceres, Matto Grosso	Garbe	XI-1917	2
652	S. Sebastião, S. Paulo	Bicego	IX-1896	10
593	Os Perús »	»	1895	1
805	Itapetininga »	»	1897	1
448	Bahia	»	VI-1896	1
445	»	»	VI-1896	2
s/n	Marianna	P. da Fonseca	1920	4
513	Hammonia, Sta. Catharina	Lüderwaldt	IX-1910	1
346	Manáos, Amazonas	»	1896	1
428	Os Perús, S. Paulo	»	II-1896	13
47	» » »	»	1895	1
70	Vargem Alegre, E. do Rio	Godoy	1898	1
669	Bahia	Bicego	VI-1896	2
666	Santos, S. Paulo	Schmidt	1900	1
45	Bahia	Bicego	VIII-1896	8
443	Raiz da Serra, S. Paulo	»	I-1896	16
573	Jundiahy »	Zeidler	VIII-1906	1
452	S. Paulo	Bicego	1896	1
X	Ypiranga, S. Paulo	Lima	VII-1908	1
617	Itanhaem, Santos, S. Paulo	Zeidler	1906	2
450	Santos, S. Vicente »	H. von Ihering	1900	1
52	» » »	Schmidt	1900	2
416	Alto da Serra »	Bicego	1896	4
272	Bahia	»	VIII-1896	1
361	Rio Tieté, S. Paulo	Lima	1900	1
611	Franca »	Dreher	1902	1
10	Itapetininga »	Bicego	1901	2
350	Itaqui, Rio G. do Sul	Garbe	1914	1
716	Franca, S. Paulo	Dreher	III-1903	1
443	Raiz da Serra, S. Paulo	Bicego	I-1896	8
716 bis	Ypiranga »	Lima		2
587	Santos »	Schmidt	II-1900	1
349	Itaqui, Rio G. do Sul	Garbe	1914	1
349 bis	Piquete, S. Paulo	Zech	1896	2

Leptodactylus pentadectylus (L.)
(Rã - Pimenta)

Projecção grandemente ellipsiodal. Parte superior deprimida, focinho ogival, de ponta redonda e cantho rostral indistincto. Narinas oblongas, á egual distancia entre a ponta do focinho e o angulo ocular anterior; olhos a um seu diametro mais 8/10 da ponta do focinho, de palpebra superior grandemente convexa; distancia interocular externa 2/3 do diametro ocular. Tympano á mesma distancia do angulo ocular posterior. Choanas com uma prega ossea marginal saliente no bordo anterior, entalhado no lado em que nasce a protuberancia que supporta os dentes vomerinos que se dispõem em uma curva fraca, cuja extensão é egual a 1/2 do diametro ocular. Externamente a serie dentaria vomerina é seguida pela crista ossea dos palatinos, ás vezes provida de odontoides, nos individuos muito velhos. Lingua largamente cordiforme. A região loreal se expande para fóra e a mandibula se inclue de modo que o bordo rostral fica arredondado. O tympano é grande e maior que 2/3 do diametro ocular; o hiato começa-lhe sob o meio, sendo o diametro antero-posterior da bocca egual a 7/13 do transverso. Um forte callo do queixo ao hombro. Mãos robustas, dedos livres ou ás vezes imperceptivelmente fimbriados; ordem de crescimento: 2, 4, 1 e 3. Tuberculos subarticulares evidentes, porém os callos metacarpaes baixos, e ambos cordiformes, o interno porém mais alto e mais estreito, A perna levada á frente mal attinge os olhos com a articulação tibio-tarsal. Artelhos com uma fimbria vestigiaria e na seguinte ordem de crescimento: 1, 2, 5, 3 e 4; tuberculos subarticulares evidentes; o callo metatarsal externo circular ou oblongo, menor e menos evidente que o interno que é tambem mediocre. Uma prega cutanea indistincta no lado interno do tarso. Pelle geralmente glandulosa; duas rugas indistinctas e interrompidas vêm do angulo posterior dos olhos para traz; a superior dirige-se á articulação das coxas e

a inferior á axilla brachial, passando sobre o tympano. Pelle das coxas no lado superior e principalmente das pernas, tarsos e mesmo plantas dos pés, providas de pequeninas elevações cutaneas, sobrepujadas por um espiculo córneo, que existe em grande profusão nos lados do thorax e no papo, nos machos adultos; bem como um forte tuberculo obtuso, no lado interno do 1.º dedo e outro comprimido em cada lado do peito, ambos recobertos de um revestimento córneo, denegrido. Côr superiormente denegrida purpurea ou olivacea, inferiormente e sobretudo nos flancos, marmorada de branco; as pernas e coxas tambem assim no seu lado infero-posterior. Na região inguinal, como na parte posterior das coxas, a coloração é substituida pelo rubro vivo. As pernas tambem ás vezes são transfaciadas de escuro, o que succede nos individuos claros. A melhor estampa referindo o colorido desta rã é a dada por Castelnau com o seu *Cystignathus labirynthicus*. Os jovens são de um pardo olivaceo mais ou menos denegrido, com o lado inferior grandemente marmorado de branco com maculas mais escuras aos pares ou formando barras transversas e interrompidas sobre o dorso e sobre os flancos.

Comprimento: Corpo 18 centimetros, perna 23.

Com 22 mm. de corpo já não ha mais vestigio de cauda.

Ns.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
s/n	Marianna, Minas	P. da Fonseca	III-1920	2
776	Piquete, S. Paulo	Zech	X-1896	1 det.
X	Itapetininga, S. Paulo	Bicégo	1897	1 det.
119	Piquete, S. Paulo	Zech	XI-1896	1
660	» »	»	I-1897	1
738	Ypiranga, S. Paulo	?		1
843	Jaguára, Minas	Wacket	XII-1902	1
385	Franca, S. Paulo	Dreher	VII-1902	3
54	Piquete, S. Paulo	Zech	1897	4

N.º	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
177	Bahia	Bicego	VI-1896	4
436	Rio Grande, S. Paulo	Wacket	1905	1
35	Piquete, S. Paulo	Zech	I-1897	1
380	Franca, S. Paulo	Dreher	»	1
136	Ipanema, S. Paulo		III-1896	5
384	Franca, S. Paulo	Dreher	VII-1902	1
112	Campo Grande, S. P.	Wacket	VI-1893	2
174	Bahia	Bicego	VI-1896	1
502	»	»	VIII-1896	1
X	Ypiranga, S. Paulo	J. Lima	1899	1
777	»	?	1900	3
457	»	J. Lima	1900	2
793	Itapetininga, S. Paulo	Bicego	1897	6
793	»	»	»	6
803	»	»	»	1
804	»	»	»	2
654	Rio Grande. S. Paulo	Wacket	1902	1
556	Piquete. S. Paulo	Zech	I-1897	1
7	Itapetininga, S. Paulo	Bicego	»	11
669	Bahia	»	VI-1896	1

Limnomedusa macroglossa (Dum. e Bibr.)

Corpo subclaviforme, deprimido, Cabeça de contorno ogival, cauthus rostralis inevidente. Narinas muito pouco adiante do meio da distancia que vae do angulo ocular anterior á ponta do focinho, sobre o qual o diametro orbitario occupa 6/8. Tympano circular 4/6 do diametro ocular, perfeitamente circular; elle fica á 1/2 diametro do angulo ocular posterior. Hyato começando sob o meio do tympano. Diametro antero-posterior da bocca 13/18 do transverso. Vomerinos em dous grupos contiguos entre e ligeiramente posteriores ás choanas, seguidos para os lados da prega palatina, nos individuos edosos de odontoides. Lingua largamente conchoidal. Membro anterior quasi attingindo o coccyx. Pelle da mão espessa, laxa, deixando os dedos como que subpalmados e subfimbriados, na seguin-

te ordem de crescimento: 2, 4, 1 e 3, todas as phalangetas reflectidas, o segundo tuberculo sub-articular muito grande. Callo metacarpal interno curvo, mais longo que o externo que é sub-ovoide; no do macho, um revestimento chitinoso recobre-lhe o lado interno do callo, a parte extero-interna do 1.º e 2.º dedos e interna do 3.º. Membro posterior, levado á frente, excede o focinho de um diametro ocular, com a articulação tibio-tarsal. Artelhos fimbriados, a fimbria subindo á articulação tibio-tarsal pelo lado interno do tarso; tuberculos sub-articulares evidentes; callos metacarpaes idem, externo 1/2 do interno, oblongo. Pelle lisa ou glandulosa sobre o dorso e flancos, granulosa na metade postero-inferior das coxas. Côr cinerea marmorada e ocellada irregularmente de negro; na região iliaca e parte anterior e posterior das coxas, esse marmorado negro é mais intenso, Membros transfaciados de mais escuro; lado inferior cinereo alvadio uniforme. Um ocello negro, piriforme e antevertido cerca o tympano; duas barras labiaes e um supercilio que depois se projecta pelas narinas até o labio, negros.

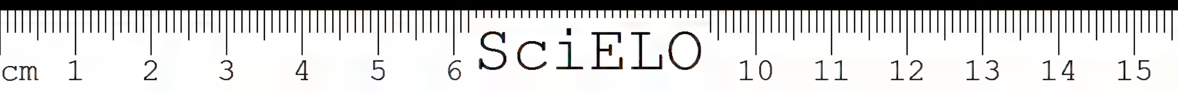
Corpo 65 mm., perna 100.

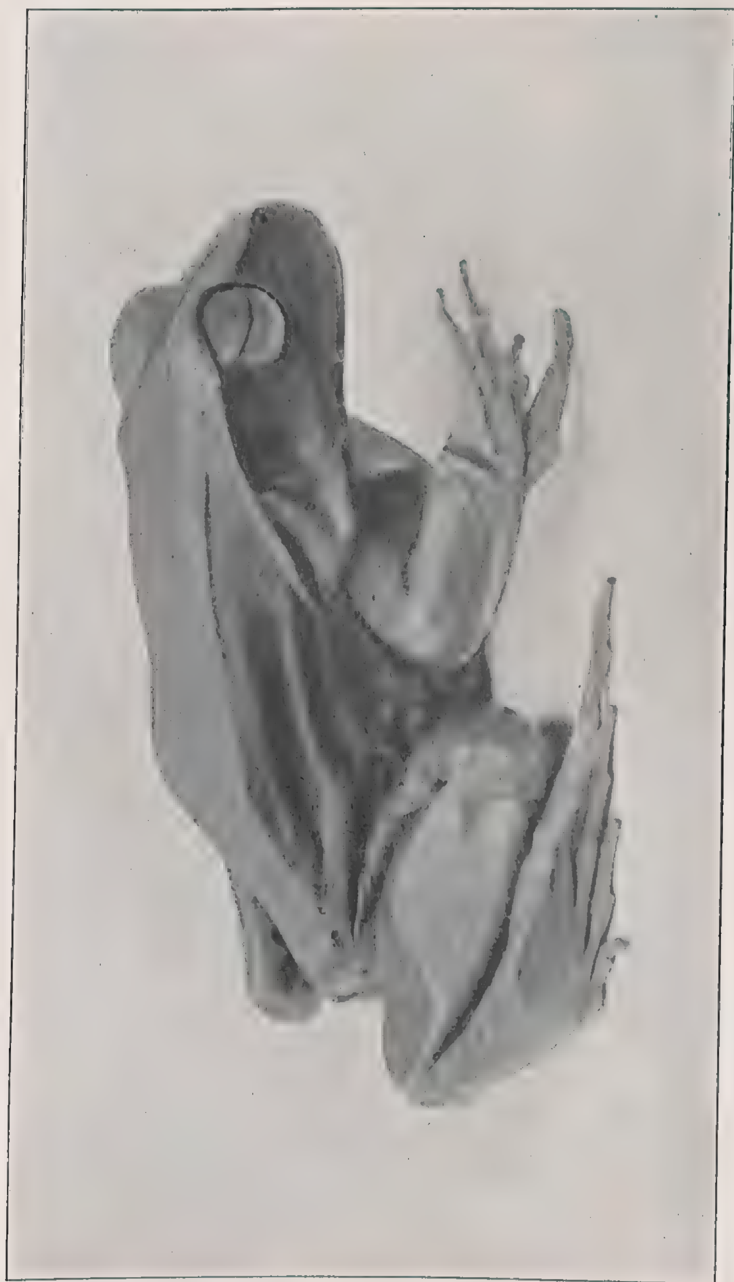
Distr. Geogr.: Paraná, Rio Grande do Sul e Republicas do Uruguay e Argentina.

Ns.	Procedencia	Collector	Data	Exemp.
113	Rio Grande do Sul	H. v. Ihering	1896	3
547	Estado do Paraná	Bicego	1900	1
59	America do Sul	Comp. de Hambourg	»	1 det.
88	S. Lourenço, R. G. do S.		II-1896	1
667	Rio Grande do Sul		1890	1

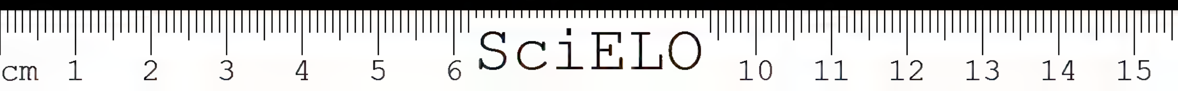


Leptodactylus pachyderma (Mir. Rib.º)


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

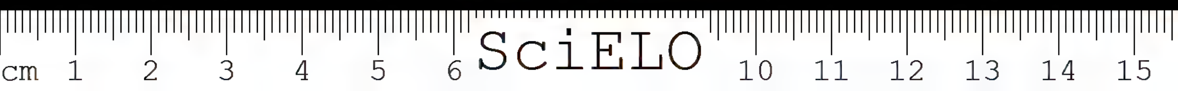


Leptodactylus macroblepharus (Mir. Rib.º)


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

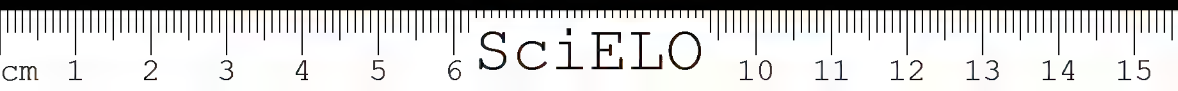


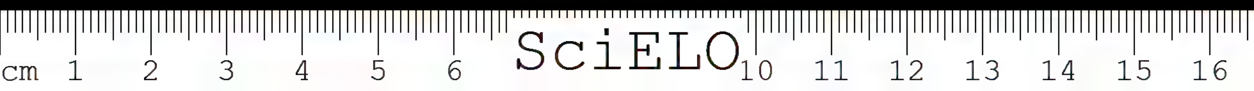
Leptodactylus pentadactylus (L.)


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Julius Melzer

Longicorneos do Brasil, novos ou pouco conhecidos




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Longicorneos do Brasil, novos ou pouco conhecidos

por

JULIUS MELZER

A maior parte das descripções aqui apresentadas já foi publicada em preliminares, editados por esta Revista, Vol. II, 1922-1923, fasciculos 2 até 5. São as seguintes as especies novas:

Smodicum gracile.
Temnopis ambiguus.
Metopocoilus picticornis
Hamaticherus garbei.
Hamaticherus testaceicornis
Coleoxestia sobrina
Coleoxestia semipubescens.
Eburodacrys luederwaldti.
Nyssicostylus aurivillii.
Stizocera horni.
Ibidion bondari
Ophistomis tristis.
Ophistomis zikani.
Hephaestion (?) brasiliensis.
Hephaestion (?) zikani.
Ommata signaticollis.
Ommata flavipes.

Ommata laticornis.
Odontocera quadrivittata.
Odontocera albitarsis.
Cosmisoma taunayi.
Eriphosoma barbiellinii.
Pterichtya brasiliensis.
Eupogonius hagmanni.
Aerenea apicalis.
Aerenea subnuda.
Aerenea flavolineata
Oncideres bondari.
Stethoperma zikani.

PRIONINÆ

Meroscelisus zikani, Melz.

Rev. Mus. Paul. 1919, tom. XI. p. 154 e 196

A' gentileza do Snr. J. F. Zikán devo mais 2 ♀♀ deste interessante Prionideo. Elle tambem foi bastante feliz, por descobrir a arvore, que serve á larva para a sua alimentação e assim me escreveu (traducção) sobre este assumpto: «Em tocos de «Canella» (vide: Rev. Mus. Paul. 1919, tom. XI. p. 143) descobri uma imago e uma nympha do novo *Meroscelisus,* sendo os dois do sexo feminino. A nympha no entretanto tambem se transformou e este exemplar lhe remetto ainda vivo junto com nymphas de «*Quercivir*».

A nympha do *Meroscelisus* jazia num casulo semelhante ao que formam as especies de *Quercivir* e *Stictosomus,* porém não fiz pesquizas mais minuciosas quando encontrei a mesma, julgando tratar-se de uma nympha de *Stictosomus.*

Todas as especies, que pertencem á classe de «Canella» são escolhidas de preferencia pelos coleopteros em geral e os cerambycideos em particular para o desovamento, emquanto outras classes de arvores, especial-

mente as de madeira vermelha e dura somente muito raras vezes estão infestadas com larvas.

Estranhavel é, que estes Prionideos *(Quercivir, Meroscelisus)* escolham para as suas larvas madeira quasi ou até completamente morta, emquanto outros, por exemplo *Ctenoscelis* e provavelmente *Ancistrotus*, se utilisam de madeira viva, sendo isto tambem o motivo, de não se encontrar tão facilmente as larvas e nymphas destes, percebendo-se a sua existencia sómente pelos furos consideraveis, que a imago fez, para ganhar a sua liberdade».

Pelos dados que o Snr. Zikán juntou, o *Meroscelisus zikani* em estado larval não segue uma vida subterranea, como se julgou até agora, e como foi verificado em *Anoploderma* (Sypilus) D'Orbignyi Blanch., conforme o Snr. C. Bruch avisa (Rev. Mus. La Plata, 1921, tom. XXV. p. 345).

CERAMBYCINÆ

Smodicum (?) gracile, n. sp.

Depressum, nitidum, gracile, obscure ferrugineum, pectore, abdomine pedibusque rufo-testaceis, minute sparsim pilosum, setis dispersis et longioribus in elytris interspersis; caput productum prothorace latior, sparsim punctulatum, fronte depressa, subtiliter sulcata, genis fere nullis, oculis magnis, grosse granulatis, emarginatis, supra valde separatis, tuberibus antenniferis vix vel non elevatis; antennae dimidium elytrorum fere attingentes, 11-articulatae, setis nonnullis supra, subtus lateraliterque hirtae, scapo brevi, obconico, arcuato, sparsim punctulato, art. 3-10 obconicis, art. 3.º 4.º dimidio breviore; thorax latitudine maxima tertia parte longior, basi valde antice paulo constrictus, lateribus vix ampliatis, supra planus, punctis minutis profundis mediocriter impressus; scutellum transversum; elytra basi thoracis latitudinem maximam aequantia, thorace triplo longiora, subtiliter sparsim punctata, dorso plana, parallela, apice singulatim

oblongo-ovalia; femora compressa, oblongo-ovalia; femora postica abdominis segmenti 3. apicem haud attingentia; tarsi postici breves, art. 1. 2. et 3.º simul sumptis aequali; prosterni processus intercoxalis sat latus, deplanatus, mesosterni processus angustus, parallelus; metasternum abdomenque disperse punctulata.

7 1/2 mm., lat. 1 1/4 mm.

Hab. 1 (♀?) da capital do Estado de São Paulo.

O «habitus» é o de um *Smodicum* e esta especie deve ter certas affinidades com *S. angusticolle*, Aurivil., conhecido do Amazonas. O comprimento do 3.º articulo antennar; a forma do processo mesosternal, punctuação do prothorax, etc., estranhos a este genero, me fazem juntar com bastante reserva somente esta especie ao genero indicado. Quer me parecer porém mais prudente deixal-a ao menos provisoriamente aqui até que material de mais vulto permitta resolver definitivamente esta questão.

Delgado, deprimido, nitido, dum ferruginoso escuro, sendo porém o metasterno, o abdomen assim como as pernas, dum rufo-testaceo. A pubescencia é dispersa e curta nos elytros porém mesclada com limitada quantidade de cerdas erectas e mais compridas e que são dispersamente distribuidas. A cabeça é saliente, mais larga que o prothorax e escassamente punctuada, a fronte deprimida e subtilmente sulcada, sendo a face quasi nulla. Os olhos são grandes, grossamente granulados, em cima largamente separados e sinuosos na borda anterior. As antennas não alcançam o meio dos elytros, são compostas de 11 articulos e dispersamente munidas de cerdas erectas, distribuidas sobre toda a superficie; o scapo é curto, arcado e muito dispersamente punctuado, os articulos 3-10 são de forma obconica, sendo o terceiro articulo somente da metade do quarto no sentido do comprimento. O prothorax é um terço mais comprido que a sua largura maxima, na base elle o é fortemente, no apice apenas restringido,

sendo o dorso plano e munido com punctuação fina porém profunda e pouco densa. Os elytros na base são da mesma largura que o prothorax na sua maxima largura, elles são tres vezes mais compridos que o prothorax, a punctuação é fina e dispersa e o dorso plano; lateralmente elles são parallelos sendo o apice de cada separadamente oblongo-oval. Os femora são comprimidos e dum oval alongado, os posteriores não attingem a borda posterior do terceiro segmento abdominal. Os tarsos posteriores são curtos. O processo prosternal é plano e bastante largo, o processo mesosternal é estreito e parallelo. O metasterno e o abdomen são dispersamente punctuados.

Temnopis ambiguus, n. sp.

♀. Viridi-cyaneus, antennis pedibusque atro-violaceis, abdomine rufo, pilis pallidis sparsim virtus; caput porrectum, subquadratum, inter antennas sulcatum fronte etiam sulcata, subtiliter scabroso-punctatum, genis oculorum lobos inferiores aequalibus; oculis bipartitis, minute granulatis; antennae corpore tertia parte longiores, scapo atque 3.º art. subtus sparsim minute denticulatis, subtiliter villosae, subtus ciliatae, scapo conico, aspere punctato; thorax latitudine maxima paulo brevior, basi constrictus et sulco debili supra transversim aratus, lateribus paulo ante medium utrinque angulato-dilatatis, subtiliter punctato-rugosus; scutellum apice rotundatum; elytra basi thoracis latitudinem maximam latiora, parallela, apice conjunctim rotundata, dorso plana, subtiliter scabroso-punctata, pilis brevibus leviter induta; femora compressa, subclavata, postica abdominis segmenti tertii medium haud superantia; tarsi postici breves, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis paulo breviore; corpus subtus subtilissime coriaceum; abdomen molle, segmento ultimo triangulari, apice truncato.

Long. 14 1/2 mm., lat. 3 1/2 mm.

Hab. 1 ♀ de Rio Negro, Estado de Paraná; Coll. Seraph. d. Franciscanos leg.

Ao primeiro olhar de leve se pode confundir esta especie com um representante do genero *Orthoschema*, sendo a côr como a punctuação e a forma semelhantes ás de diversas especies deste.

Verde-cyaneo, com as antennas assim como as pernas preto-violaceas, o abdomen é rufo, a pubescencia muito dispersa e de côr pallida. A cabeça é saliente, de forma subquadrada, sendo a fronte e o espaço entre as antennas longitudinalmente sulcados, a punctuação é fina porém aspera, a face tem o mesmo comprimento que a parte inferior do olho. Os olhos são finamente granulados e bipartidos. As antennas sobrepassam o corpo com os ultimos quatro articulos, estão ligeiramente vestidas com pubescencia preta sendo tambem fimbriadas, em baixo, de cabellos pretos; o scapo assim como o terceiro articulo antennal em baixo mostram limitada quantidade de dentinhos bem pequenos, o scapo é de fórma conica e munido com uma punctuação aspera. O prothorax é ligeiramente mais curto que a sua largura maxima sendo na base restringido e transversalmente porém ligeiramente sulcado, aos lados e quasi no meio o prothorax é francamente angulado, sendo a sua ponctuação mais fina que a da cabeça, porém igualmente aspera. O scutello tem o apice arredondado. Os elytros na base são mais largos que o prothorax, elles são parallelos sendo o apice conjunctamente arredondado, a punctuação é semelhante á da cabeça sendo o dorso plano. Os femora são comprimidos e subclavados, os posteriores não sobrepassam o meio do terceiro segmento abdominal. Os tarsos posteriores são curtos sendo o primeiro articulo apenas mais curto que o 2.º e 3.º conjunctos. A cavidade coxal anterior é fortemente transversal. O corpo em baixo é finamente coriaceo. O abdomen é molle sendo o ultimo segmento de forma triangular com o apice trun-

cado, elle mostra nos lados um reflexo muito ligeiro de violaceo.

Da mesma localidade recebi um exemplar de *T. rufoscapus*, Auriv.

Metopocoilus picticornis, n. sp.

Elongatus, nitidus, testaceus, capite rufo, verticis maculis duabus magnis, antennis, — scapo toto, art. 3. et 4 fere omnino rufis exceptis, — thoracis vittis duabus dorsalibus, punctoque utrinque medio sublaterali et maculis duabus lateralibus, elytrorum vittis quatuor posticis ad apicem conjunctis, metasterni lateribus, femorum tibiarumque apice tarsisque nigris; caput sparsim punctatum, fronte fortiter excavata, punctato-coriacea et rufo-vilosa, vertice sat fortiter bicarinato, oculis minute granulatis; antennae dimidium elytrorum haud attingentes, 12-articulatae, scapo crasso, sparsim punctulato, art. 3 angulato, dentato 4-11 serratis, art. 12 praecedente dimidio breviore; thorax latitudine vix longior, basi constrictus et transversim sulcatus apicem versus sensim attenuatus, politus, sparsim punctatus, angulis posticis utrinque profunde lunatis; elytra basi thorace latiora, ab humero ad apicem sensim preparum attenuata, apicem singulatim rotundata, angulis suturalibus spinosis, dorso convexa, sparsim punctatis; posterni processus postice inter coxas longe projectus; mesosterni processus antice tuberculatus et abrupte declivis; metasternum sparsim punctatum; abdomen apice setis fulvis ciliatum.

Long. 37 1/2 mm., lat. 8 3/4 mm.

Hab. Serra da Cantareira perto da capital de São Paulo, 1 ex. ♀ na minha collecção.

Comprido, nitido, testaceo, cabeça rufa, sendo duas manchas no vertice bastante grandes de côr preta. As antennas tambem são desta côr, sendo porém o scapo inteiro e quasi totalmente os articulos 3 e 4 de côr rufa. O seguinte desenho do prothorax tambem é de

côr preta: duas linhas dorsaes e longitudinaes um pouco convexas e onduladas, aproximada a borda externa de cada destas linhas e no meio uma mancha e em cada lado mais duas manchas collocadas no sentido longitudinal. Em cada elytro existem uma linha lateral e outra sutural que começam aquem do meio e se juntam no apice de côr preta e desta côr ainda são: os lados do metasterno, o apice dos femora assim como o das tibias e todos os tarsos. A cabeça é escassamente punctuada, sendo a fronte fortemente excavada, densamente punctuada e munida de pubescencia rufa. O vertice mostra duas carenas bastante fortes. Os olhos são finamente granulados. As antennas não chegam ao meio dos elytros, são compostas de 12 articulos, o scapo é crasso e dispersamente punctuado, o terceiro articulo é angulado na ponta interna e os articulos 4-11 são serrados, o 12.º articulo é da metade do precedente no sentido do comprimento. O prothorax é apenas mais comprido que largo, sendo na base restringido e transversalmente sulcado e sensivelmente attenuado para o apice; o prothorax polido e dispersamente punctuado sendo os cantos posteriores munidos com um sino profundo. Os elytros na base são mais largos que o prothorax e gradualmente attenuados dos hombros até o apice, sendo este separadamente arredondado e os cantos suturaes espinhosos, o dorso é convexo e dispersamente punctuado. O processo prosternal é bastante comprido, sobrepassando posteriormente consideravelmente as coxas anteriores, o processo mesosternal anteriormente é munido com um tuberculo e abrupto declivo. O mesosterno é dispersamente punctuado sendo o apice do abdomen fimbriado com cerdas fulvas.

Hamaticherus garbei, n. sp.

♂. *H. lasiocero* affinis, cinnamomeus opacus, griseo tomentosus; caput coriaceum, fronte sulcata, densius griseo-

villosa, tuberibus antenniferis obtuse dentato-productis, vertice inter oculos breviter carinato, antennae corpore fere duplo longiores, articulis 3 basalibus setulis elongatis hirtae, reliquis subtus fimbriatae, scapo arcuato, clavato, punctato-coriaceo, art. 3-4 spinosis, 5-10 dentatis et subspinosis: thorax latitudine vix brevior, antice posticeque, coarctatus, griseo-pubescens, lateraliter tuberculo conico instructus, pronoto sat regulariter plicato; scutellum triangulare, griseo-pubescens; elytra crebre punctato-coriacea, breviter griseo-villosa, apice quadrispinosa, spinis subaequalibus; prosterni processus apice tuberculatus, mesosterni processus planus, postices incisus.

Long. 33 mm., 1 ex.

♀. Frons glabra, antennae corpore paulo longiores, glabrae, art. 3-10 apice spinosis.

Lon. 30-39 mm. 7 ex.

Hab. 1 ♂ ♀ de Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg: 2 ♀♀ por mim collecionadas perto da capital do Estado de São Paulo; 1 ♀ de Alto da Serra, Estado de São Paulo, Wacket leg.: 3 ♀♀ de Joinville, Estado de Santa Catharina, C. Schmith leg.

O ♂ pela côr e pela villosidade da fronte assim como a das antennas é muito semelhante ao de *H. lasiocerus* Gah., differe porém do mesmo pelos espinhos dos articulos 3-4 das antennas, que em *H. lasiocerus* são fortemente recurvados emquanto nesta especie elles são formados como no *H. plicatus*. As antennas do ♂ de *H. lasiocerus* além disto são mais compridas. Do *H. plicatus* Ol. esta nova especie se distingue pela côr uniforme, pela villosidade da fronte e das antennas e pelo comprimento destas.

A ♀ que mais affinidades ainda mostra com a de *H. plicatus*, pode ser distinguida desta pela côr uniforme.

A côr é a da casca da caneleira, opaca e todo o corpo vestido com uma pubescencia curta e grisea.

A cabeça é coriacea, sendo a fronte sulcada longitudinalmente e vestida com uma villosidade grisea bastante densa e comprida, os tuberculos antenniferos são ligeiramente salientes; o vertice é carinado longitudinalmente entre os olhos. O comprimento das antennas do macho é cerca de duas vezes o do corpo do mesmo e os tres primeiros articulos são vestidos com uma villosidade bastante comprida sendo os restantes fimbriados em baixo, o scapo é ponctuado-coriaceo sendo os articulos 3 e 4 munidos com um espinho bastante comprido, saliente em angulo recto, os articulos 5-10 são dentados e mais ou menos spinosos. O prothorax é um pouco mais curto que largo e mostra em cada lado um tuberculo conico bem forte, sendo o dorso munido com rugas transversaes bem grossas, a pubescencia é fina e curta, porém, em cada lado perto da cabeça ha algumas cerdas bastante compridas. O scutello em forma de triangulo é densamente vestido com uma pubescencia grisea. Os elytros são densamente ponctuado-coriaceos e finamente griseo-pubescentes sendo cada qual no apice rectamente truncado e munido com dois espinhos de cerca de egual comprimento. O processo prosternal é munido com um tuberculo bastante comprido sendo o processo mesosternal plano.

A femea não mostra a villosidade na fronte e nas antennas sobrepassando estas somente um pouco o apice dos elytros. Os espinhos das antennas são mais desenvolvidos.

Dedico esta especie ao zelosissimo e afamado naturalista-viajante do Museu Paulista, Snr. Ernst Garbe.

Hamaticherus testaceicornis, n. sp.

Rufo-testaceus, subopacus, capite, thorace, scapo, femoribus brunneis, subtiliter griseo pubescens; caput mediocriter fere dense, punctatum, inter antennas profun-

de sulcatum, tuberibus antenniferis intus productis, vertice inter oculos carinato; antennae (♀) apicem elytrorum haud attingentes, scapo punctulato-coriaceo, arcuato, clavato, art. 3-10 spinosis, spinis art. 3 valde recurvis; thorax latitudine brevior, antice posticeque coarctatus, lateraliter tuberculo conico instructus, pronoto sat regulariter plicato: scutellum triangulare, griseo-pubescens; elytra crebre punctulato-coriacea, parum nitida, apice quadrispinosa, spinis sub-aequalibus; prosterni processus apice tuberculatus, mesosterni processus planus.

Long. 31-40 mm. lat. 9-12 mm.

Hab. 2 ♀ de Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg., 1 ♀ de Agua Suja (Minas Geraes) devo a gentileza do Snr. R. Naschold.

Esta especie deve mostrar certas affinidades com *H. consobrinus* de Gahan, que não conheço, mas, as antennas são mais curtas o espinho do terceiro articulo antennar só está fortemente recurvado emquanto o do quarto articulo forma quasi um angulo recto com este. A côr além disto tambem é differente e quer me parecer, que especialmente a das antennas permitte distinguir facilmente esta especie, cujos elytros mostram um lustro mediocre. Infelizmente até hoje não me foi possivel de obter o ♂ desta especie.

Subopaco, rufo-testaceo, a cabeça, o prothorax, o scapo e os femora de côr brunnea, finamente vestido com uma pubescencia côr de cinza. A cabeça mostra uma punctuação pouco densa sendo ella profundamente sulcada entre as antennas, os tuberculos antennares são salientes no canto interno e o vertice mostra uma carina entre os olhos. As antennas da femea não attingem o apice dos elytros, o scapo é arcuado, clavado e densamente punctuado, os articulos 3-10 são munidos de um espinho, sendo somente o do terceiro recurvado e o do quarto quasi em angulo recto. O prothorax é mais curto que largo, anterior e posterior-

mente restringido e em cima mais ou menos regularmente plicado, existindo em cada lado um tuberculo conico .O scutello é de forma triangular e munido de pubescencia côr de cinza. Os elytros são densamente ponctuados e mostram um certo lustro, sendo cada qual munido no apice de dois espinhos equilongos. O processo prosternal é munido de um tuberculo posteriormente, o processo mesosternal é plano.

Coleoxestia sobrina, n. sp.

Subelongata, brunneo-nigra, elytris rufo-castaneis, sutura infuscata, subtilissime griseo-setosa, nitida: caput opacum, sparsim grosse punctatum, vertice inter oculos carinato, tuberibus antenniferis intus productis: antennae (♂) apicem elytrorum superantes, 11-articulatae, scapo sat brevi, crasso, sparsim punctato, art. 3-7 apice nodosis 8 angulato dentato, 9-10 serratis, 6-11 intus *lateraliter sulcatis; thorax latitudine paulo brevior*, antice posticeque valde coarctatus et sulcatus, lateraliter rotundatus et muticus, foveis confertis plus minus transversim ordinatis variolosus, linea dorsali laevi; scutellum subtriangulare, subtilissime griseo-setosum; elytra subtilissime punctata et vermiculata, apice conjunctim rotundata, angulis saturalibus breviter spinosis, subtilissime griseo-setosa setis dispersis et brevissimis; femora modice clavata; prosterni processus intercoxalis postitice paululum dilatatus, abrupte declivis, mesosterni processus tuberculatus et abrupte declivis; pectus lateraliter argenteo-pubescens.

Long. 19-27 mm., lat. 4 1/4-6 mm.

Hab. 1 ♂ de Rio de Janeiro (Manguinhos), 1 ♂ de Joinville, Estado de Sta. Catharina, 1 ♂ do Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de S. Paulo.

Esta especie mostra bastante affinidades com *C. globulicollis*, Gah., as antennas porém são muito mais compridas e além disto a forma do processo mesosternal

tambem permitte distinguir facilmente esta nova especie. A femea infelizmente não conheço.

Lustrosa, dum castanho escuro, sendo os elytros, — a sutura excepta — mais claros, subtilmente munida com finissimas cerdinhas côr de cinza. A cabeça é opaca e escassa mas grossamente punctuada, os tuberculos antenniferos são salientes no lado interno sendo o vertice munido de uma carena curta entre os olhos. As antennas do macho sobrepassam o apice dos elytros, são compostas de 11 articulos sendo o scapo curto, crasso e escassamente punctuado; os articulos 3-7 são nodosos no apice; o 8.º é dentado e os 9-10 são serrados sendo os articulos 6-11 sulcados lateralmente. O prothorax é apenas mais curto que a sua largura maxima, elle é anterior e posteriormente fortemente restringido e sulcado, sendo os lados arredondados e sem saliencia, o dorso é munido de fossetes confluentes e mais ou menos transversalmente collocadas, deixando porém no meio uma linha longitudinal lisa. O scutello é de forma subtriangular e muito subtilmente coberto com uma pubescencia côr de cinza. Os elytros são munidos de uma punctuação assim como de linhas vermiculares finissimas e além disto dispersamente vestidos com cerdinhas finas e muito curtas, o seu apice é conjunctamente arredondado sendo o canto sutural espinhoso. Os femora são moderadamente clavados. O processo prosternal é posteriormente, o mesosternal é anteriormente tuberculado e abruptamente declivado. O metasterno é munido lateralmente de uma pubescencia côr de cinza.

Coleoxestia semipubescens, n. sp.

Modice elongata, brunneo-rufa, subopaca, subtiliter griseo-setosa, pectoris lateribus scutelloque leviter tomentosis; caput grosse punctatum, tuberibus antenniferis intus productis, vertice inter oculos carinato; an-

tennae (♂) corpore vix breviores, scapo obconico, puntato-rugoso, art. 3-4 apice nodosis, 5 leniter angulato, 6-10 serratis, 5-11 intus lateraliter sulcatis; thorax latitudine brevior, antice posticeque coarctatus et sulcatus, lateraliter subrotundatus, rugis punctisque, confertis intermixtis transversim minuteque striatus, linea dorsali laevi; scutellum triangulare, apice rotundatum subtilissime argenteo pubescens; elytra subtiliter punctata et vermiculata, apice conjunctim rotundata, angulis suturalibus spinosis, setis minutis conspersa; femora clavata; prosterni processus intercoxalis postice paululum dilatatus, abrupte declivis, mesosterni processus planus, antice leniter excavatus, postice incisus; metasternum sparsim punctatum: abdomen apice setis flavis ciliatum.

Long. 28 mm., lat. 7 mm.

Hab. 1 ♂ de São Bento, Estado de Sta. Catharina.

Como a precedente, tambem esta especie mostra bastante affinidades com *C. globulicollis* Gah., mas a pubescencia é bem mais densa e mais comprida, as antennas são mais compridas, os elytros no apice são formados de outra maneira e assim parece bem e facilmente distinguivel. Da especie precedente ella se distingue pela punctuação, pela pubesçencia, pelo comprimento das antennas e pela falta do tuberculo no processo mesosternal, os femora além disto são muito mais grossos que nas outras duas especies acima mencionadas.

Subopaca, dum castanho-rufo, subtilmente porém não muito dispersamente vestida com cerdas côr de cinza sendo o scutello assim como os lados do metasterno cobertos com uma finissima pubescencia cinzenta. A cabeça é grossamente punctuada sendo os tuberculos antenniferos salientes no lado interno e o vertice carinado entre os olhos. As antennas do macho são apenas mais curtas que o corpo, o scapo é punctuado-rugoso, os articulos 3-4 são nodosos no apice, o 5.º é ligeiramente angulado, sendo os articulos 6-10 serrados e os articluos 5-11 munidos de um sulco lateral. O

prothorax é mais curto que largo, anterior e posteriormente restringido, sulcado, sendo ligeiramente arredondado nos lados; o dorso, com a excepção de um estreito espaço longitudinal no meio, mostra uma punctuação grossa mesclada com rugas finas dispostas mais ou menos transversalmente. O scutello é de forma triangular com o apice arredondado sendo a finissima pubescencia de côr cinzenta. Os elytros são subtilmente punctuados e munidos de linhas vermiculares, sendo o apice conjunctamente arredondado e o canto sutural terminado em espinho, a pubescencia mesclada com cerdas mais compridas é bastante visivel. O processo mesosternal é plano. O mesosterno mostra uma punctuação escassa.

Coleoxestia elegans, Gory (Mag. Zool. III. 1833, t. 64)

var. *signatipennis*, n. var., a forma typica elytris maculis duabus cordiformibus, brunneo-nigris, in medio, marginis externae propriores, ornatis differt.

1 ♂ no Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de S. Paulo, W. Melzer leg.

Coleoxestia sagittaria, Bates (Trans. Ent. Soc. Lond. 1872, p. 173)

Esta especie, conhecida de Nicaragua, conforme o autor, se encontra tambem nas margens do rio Guandú do Estado de Espirito Santo. O unico exemplar ♂ á minha disposição pelo menos corresponde perfeitamente á descripção que o autor forneceu.

Eburodacrys luederwaldti, n. sp.

Pallide, rufo-testacea, setis longis raris hirta; caput nitidum, grosse sparsim punctatum, vertice leniter coriaceo; antennae ♂ corpore fere duplo, ♀ quarta parte

longiores, subtus longe laxe fimbriatae, scapo clavato, basi longitudinaliter sulcato, art. 3-5 sulcis haud profundis; thorax nitidus, latitudine paulo longior, dorso transversim plicatus anticeque bituberculatus, tuberculis magnis, prominentibus, semiglobosis, lateribus paulo ante medium tuberculo parvo, obconico, acuto et propter marginem anticam obsolete calloso utrinque instructis; scutellum subquadratum; elytra nitida, basi grosse sparsim punctata, apice laevibus, apice extus utrinque valde spinosa, angulis suturalibus minute dentatis, lineolis tribus eburneis subaequalibus, 1.ª basali, 2.ª media, 3.ª postmedia externa, singulatim ornata; femora intermedia et postica intus longe nigro spinosa; mesosterni processus inter coxas tuberculatus; metasternum abdomenque sparsim punctulata.

Long. 11 3/4 mm.

Hab. 1 ♂ de São Sebastião, litoral do Estado de São Paulo, Conde A. Barbiellini leg; 1 ♀ de Franca, Estado de São Paulo.

A disposição das linhas côr de marfim nos elytros é semelhante á de *E. crassimana*.

A côr é dum rufo-testaceo bem claro e lustroso sendo o corpo escassamente munido de cerdas claras e compridas. A ponctuação da cabeça é bastante grossa porém escassa sendo o vertice ligeiramente coriaceo posteriormente. As antennas do macho têm apenas o dobro do comprimento do corpo, as da femea sobrepassam o apice dos elytros com os ultimos tres articulos, são ligeiramente fimbriadas em baixo sendo os articulos 3-5 no macho 3-4 na femea somente sulcados, o scapo é claviforme e tem um sulco bastante forte e comprido na base. O prothorax é um pouco mais comprido do que largo no macho, na femea, porém, o comprimento é egual á largura sendo elle restringido e sulcado anterior e posteriormente, o seu dorso é assim regular, transversalmente plicado e mostra na parte anterior dois tuberculos bem grandes e salientes,

os quaes são da mesma côr que o resto do prothorax, em cada lado, proximo ao meio, existe um tuberculo pequeno do formato dum cone agudo e perto da borda anterior um callo obtuso, sendo estes tambem da mesma côr que o resto do prothorax. O prosterno é transversalmente plicado e altamente lustroso. O scutello é pequeno e arredondado posteriormente. Os elytros na base são munidos de uma punctuação grossa, porém pouco profunda e bastante dispersa, o apice é armado exteriormente com um espinho bem comprido e da côr dos elytros sendo os angulos suturaes salientes em dente. Em cada elytro existem tres linhas estreitas côr de marfim sendo todas mais ou menos do mesmo comprimento: a primeira na base, a segunda no meio, a terceira no ultimo terço e mais perto da borda externa; estas linhas na femea são mais compridas que no macho. Os femora entremeiados e posteriores são armados com um espinho preto bem comprido. O processo mesosternal mostra um tuberculo bem forte. O metasterno e o abdomen são muito dispersamente punctuados. Dedicado ao presado amigo Snr. H. Luederwaldt, m. d. custos do Museu Paulista.

Nyssicostylus, n. gen.

Gen. Nyssico affine: palpi maxillares labialibus duplo longiores, art. ultimo subtrigono apice parum obliquiter truncato: caput supra longitudinaliter sulcatum, mandibulis genisque brevibus, his apice truncatis, oculis magnis, grosse granulatis, valde emarginatis, lobis superioribus inter se valde distantibus; antennae ♂ corpore fere duplo ♀ quarta parte longiores, 11-articulatae, setis longissimis subtus laxe fimbriatae, scapo obconico, art. 4, praecedente et sequente breviore, art. 3-6 carinatis et apice extus spinosis; thorax latitudine paulo brevior, lateraliter leniter arcuatim ampliatus, ♂ tuberculo obconico, accuto. ♀ tuberculo parvo utrinque

munitus, supra paulo depressus ♂ parum inaequalis, ♀ gibbis quator obtusis munitus; scutelum semiovale; elytra dorso deplanata, apicem versus gradatim attenuata, apice singulatim acuminata: acetabula antica postice aperta, coxae anticae extus paulo angulatae, prosterni processu angusto separatae; acetabula media extus aperta: mesosterni processus latus, parallelus, deplanatus postice emargniatus: femora valde clavata, intermedia et postica longe pedunculata, apice inermia; tibiae carinatae; tarsi postici subbreves, art. 1.º, 2.º e 3.º simul sumptos aequante: corpus subtilissime omnino villosum.

No habitus mostra bastante affinidades com o genero *Nyssicus*, differe porém entre outros pela falta das manchas côr de marfim nos elytros.

A meu ver este genero novo deve ser collocado perto de *Sphaerion* e *Nephalius* e pode ser distinguido deste pelos femora muitissimo clavados e daquelle pela existencia do tuberculo lateral do prothorax nos dois sexos, pela forma mais delgada e pelos femora proporcionalmente muito mais compridos e mais longamente pedunculados.

Genero que mostra bastantes affinidades com *Nyssicus*. Os palpos maxillares são o duplo dos labiaes no sentido longitudinal sendo o ultimo articulo dos mesmos de forma subtriangular e no apice obliquamente truncado. A cabeça é sulcada longitudinalmente em cima, as mandibulas assim como a face são curtas. Os olhos são grandes, grossamente granulados, na borda anterior fortemente sinuosos e em cima largamente separados entre si. As antennas do macho têm quasi duas vezes o comprimento do corpo, as da femea sobrepassam com um quarto o mesmo, ellas são compostas de 11 articulos e em baixo munidas de cerdas compridas e pouco densas; o scapo é obconico, o quarto articulo é mais curto que o terceiro bem como o quinto, sendo os articulos 3-6 munidos de uma carina no dorso e de um espinho no apice. O protho-

rax é apenas mais curto que a sua largura maxima, nos lados arcado e, no macho, munido de um tuberculo agudo e subconico, o qual na femea é muito mais reduzido. No macho o dorso do prothorax é ligeiramente desigual, o da femea ao contrario, mostra quatro tuberculos obtusos. O scutello é de forma semioval. Os elytros no dorso são planos e gradualmente attenuados para o apice, sendo este em cada elytro acuminado. A cavidade coxal anterior é aberta posteriormente e as respectivas coxas são apenas anguladas exteriormente. O processo prosternal é estreito. A cavidade coxal entremeiada é aberta lateralmente; processo mesosternal plano, bastante largo e emargiginado posteriormente. Os femora são fortemente clavados, os entremeiados e os posteriores são longamente pedunculados sendo seu apice inerme. As tibias são carinadas. Todo o corpo apresenta-se coberto com finissima pubescencia.

Nyssicostylus aurivillii, n. sp.

♂. Laete testaceo-rufus. capite thoraceque saturioribus, pube cinerea subtilissime vestitum ,setis flavis in elytris lineatim ordinatis sparsim hirtum; caput opacum, subtilissime coriaceum; antennae laxe ciliatae, scapo arcuato, obconico, subtilissime coriaceo; thorax opacus, subtilissime punctato-coriaceus, dorso leniter, inaequalis, lateraliter tuberculo acuto utrinque in medio armatus; scutellum opacum, subtilissime coriaceum; elytra basi thorace latiora, humeris rotundatis, a basi da apicem attenuata, apice ipso singulatim valde obliquiter; emarginata et extus spinosa, angulis suturalibus haud dentatis, inordinatim punctata, punctis raris majoribus, elevatis, setiferis, seriatim interspersis; femora abrupte clavata media sat, postica valde elongata. longe pedunculata, haec abdominis, apicem paulo superantia, sterna abdomenque subtilissime punctulato-coriacea.

Long. 16-16 1/2 mm. lat. 3 1/2 mm.

♀. Thorax supra obsolete quatorgibber lateraliter utrinque in medio leniter tuberculatus.

Long: 14 mm., lat. 3 mm.

Hab. 2 ♂ e 1 ♀ de Passa Quatro, Sul de Minas.

Dum testaceo-rufo claro sendo, porém, a cabeça e o prothorax mais escuros, subtilmente vestido com uma pubescencia côr de cinza, mostrando os elytros, além disto, escassa quantidade de cerdas mais compridas, collocadas em filas. A cabeça é opaca e subtilmente coriacea. O primeiro articulo antennar é arcado, obconico e mostra uma punctuação identica á da cabeça. O prothorax é opaco, subtilmente punctuado-coriaceo, sendo o dorso do macho ligeiramente desigual, o da femea com quatro tuberculos obtusos; nos lados e no meio o macho mostra um tuberculo agudo, bem comprido emquanto na femea este tuberculo é pequeno somente. O scutello é opaco e subtilmente coriaceo. Os elytros na base são mais largos que o prothorax, gradualmente attenuados posteriormente, munidos com uma punctuação desordenada sendo esta mesclada com limitada quantidade de pontos maiores, salientes e munidos de uma cerda. Os femora são abruptamente clavados, os entremeiados regularmente, os posteriores bastante compridos, sobrepassando estes apenas o apice do abdomen. O corpo em baixo é subtilmente ponctuado-coriaceo.

Dedico esta especie ao Snr. Chr. Aurivillius, o mais competente especialista em longicorneos da actualidade.

Stizocera horni, n. sp.

Nitida, testaceo-rufa, elytris pallidioribus, setis erectis plus minus elongatis in elytris lineatim ordinatis, sparsim hirta, antennis, femorum basi et apice, tibiis, tarsis elytrorumque summo apicali nigris vel nigropiceis, pectoris lateribus leviter tomentosis; caput subtiliter spar-

sim punctatum; antennae ♂ corpore sesqui, ♀ sexta parte longiores, subtus fimbriatae, scapo subclavato, sparsim punctato, basi supra vix sulcato, ♂ art. 3-6, ♀ art. 3-5 apice spinosis; thorax latitudine longior, ovato-cylindricus antice posticeque coarctatus et sulcatus, dorso in medio rugis minutis undulatis punctisque obsoletis intricatis subtilissime striatus, ♂ lateraliter passim punctulatus et subtus antice transversim striatus posticeque confertim punctatus. ♀ lateraliter sparsim spunctatus et subtus transversim minute plicatus punctisque intermixtis munitus; scutellum glabrum; elytra basi thorace latiora, basi recte truncata, dorso deplanata, gradatim attenuata, apice extus utrinque spinosa, angulis saturalibus breviter dentatis, punctis setigeris, lineatim ordinatis mediocriter impressa, punctis posticis decrescentibus; femora valde clavata, intermedia apice bidentata, postica breviter bispinosa; tibiae carinatae; acetabula antica postice aperta, acetabula media extus clausa, metasternum abdomenque sublaevia.

Long. 9 1/2-10 mm.

Hab. 3 ♂ e 1 ♀ do Bosque da Saude perto da capital do Estado de São Paulo.

O primeiro articulo antennar de um dos ♂ no meio é duma côr rufo-ferruginea e nas pernas da ♀ a côr preta está predominando nos femora de maneira que a côr tastaceo-rufa fica reduzida a um cinto estreito nas claviculas.

As rugas transversaes do pronoto são muito finas e geralmente bem distinguiveis somente na base e num pedacinho mais ou menos comprido no meio.

Lustrosa, dum testaceo-rufo sendo os elytros mais claros, havendo nestes cerdas erectas mais ou menos compridas e dispostas em filas. A base, assim como o apice dos femora, as tibias, os tarsos, bem como o apice dos elytros são de côr preta ou nigropicea. As antennas no macho são de 1 1/2 do comprimento do corpo, as da femea sobrepassam somente com 1/6 o api-

ce dos elytros, sendo ellas fimbriadas em baixo; o scapo é subclavado, escassamente punctuado, sendo a base do mesmo munida somente de um sulco muito raso; os articulos 3-6 no macho, na femea porém os articulos 3-5 são munidos de um espinho no apice. O prothorax é mais comprido que largo, duma forma cylindrico-oval e anterior assim como posteriormente restringido e sulcado, o dorso no meio mostra rugas finas e transversaes mescladas com pontos obsoletos; o macho nos lados está munido de uma punctuação dispersa ,sendo seu prosterno anteriormente transversalmente rugoso e posteriormente densamente punctuado, na femea as partes lateraes são escassamente punctuadas e o prosterno da mesma mostra rugas transversaes mescladas com pontos finos. O scutello é glabro. Os elytros na base são mais largos que o prothorax, sendo o dorso plano, posteriormente elles são gradualmente attenuados e o apice exteriormente apresenta-se saliente em um espinho emquanto o canto sutural mostra somente um dentinho curto, a punctuação munida de cerdas ordena-se em filas longitudinaes, posteriormente a punctuação diminue. Os femora são fortemente clavados, os entremeiados no apice são bidentados, os posteriores porém brevemente biespinhosos. As tibias são munidas com uma carena. A cavidade anterior é aberta posteriormente, a entremeiada porém é fechada lateralmente.

Dedico esta especie ao celebre especialista em Cicindelideos Snr. Dr. Walther Horn.

Ibidion bondari, n. sp.

Rufo-ferrugineum, elytris pallidioribus, setis pallidis in elytris lineatim ordinatis hirtum, antennarum art. 4 primis omnino art. 5 basi, elytrorum sumo apicali, femoribus — basi excepto — tibiisque piceis vel nigris; caput subtiliter punctatum, tuberibus antenniferis pro-

ductis; antennae basi subtus laxe ciliatae, scapo clavato, sat dense punctato, basi haud sulcato, art. 3-6 carinatis; thorax latitudine vix dimidio longior, cylindricus, basi coarctatus, et transversim sulcatus, supra inaequalis, punctis rotundis inordinatim haud fortiter impressus; scutellum argenteo sericeum; elytra punctis mediocribus sat dense cribata, setis brevibus lineatim ordinatis hirta, apice bilunata et quadridentata, dentibus externis majoribus; femora valde clavata, apice inermia; tibiae extus carinatae metasternum disperse punctulatum et lateraliter pube argentea subtilissime vestitum; abdomen sublaeve.

Long. 5-5 1/2 mm.

Hab. 3 exemplares de Mar de Hespanha, Estado de Minas Geraes.

A côr parece estar sujeita a variar, pois em um dos exemplares os elytros são de côr uniforme dum rufo-ferrugineo claro sendo as tibias e as antennas com excepção do scafo rufo-ferrugineas. Pela punctuação do prothorax esta especie pode ser facilmente distinguida das outras da mesma maneira tintas.

Dum rufo-ferrugineo, sendo os elytros mais claros e estes munidos de cerdas pallidas dispersamente dispostas em filas longitudinaes; de côr preta repectivamente picea são: os quatro primeiros articulos antennares totalmente, o quinto somente na base, o apice dos elytros, os femora com a excepção da base e as tibias. A cabeça é subtilmente punctuada sendo os tuberculos antenniferos salientes. As antennas são ligeiramente ciliadas na base, o scapo é clavado e densamente punctuado, sendo a sua base sem sulco, os articulos 3-6 são carinados. O comprimento do prothorax é apenas de 1 1/2 de sua largura, elle é de forma cylindrica sendo a base restringida e transversalmente sulcada, o dorso é desigual e munido com pontos redondos e rasos e dispostos desordenadamente. O scutello é vestido com uma pubescencia sericea e cinzenta.

Os elytros são munidos com pontos mediocres porém bastante densamente arranjados, o apice de cada é sinuoso com os cantos terminados em dente, sendo os exteriores maiores. Os femora são fortemente clavados e as tibias munidas de uma carena. O metasterno é dispersamente punctuado sendo seus lados vestidos de finissima pubescencia cinzenta.

Causa-me prazer particular em dedicar esta especie ao meu distincto amigo, o entomologo da secretaria de Agricultura do Estado de Bahia, Snr. Gregorio Bondar.

Ophistomis tristis, n. sp.

♂. Gracilis, omnino nigra; caput porrectum, rostro valde elongato, vertice punctulato-coriaceo; antennae apicem elytrorum haud attingentes, scapo subcylindrico, subtiliter punctulato, art. 5-10 intus-serratis; thorax elongato-conicus, basi profunde bisinuatus, angulis posticis acutis, supra-linea media longitudinali laevi excepta — et lateraliter crebre punctulato-coriaceus et passim flavo-pubescens, subtus leniter flavo-pubescens; scutellum triangulare, flovo-tomentosum; elytra abdominis segmenti quatri medium vix attingentia, basi thorace latiora, humeris rotundatis, a basi ad apicem sensim attenuata, apice ipso subsinuatim truncato in singulis, angulis externis et suturalibus subacutis, dense punctulata; tarsi postici, valde elongati art. 1.º ceteris simul sumptis multo longiore; metasternum subtiliter punctulatum et sparsim pallide hirtum; abdomen segmentorum margines posteriores minutissime crebre punctulatae et albido-sericeo tomentosae, segmento ultimo apice excavato.

Long. 12-15 mm.

Hab. 7 ex. de Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger, leg; 1 ex. da Fazenda Jerusalem, Estado de Es-

pirito Santo, J. F. Zikán, leg; 1 ex. de Joinville, Estado de Santa Catharina, C. Schmith leg.

Em vista de se ter verificado tão frequentemente exemplos de melanismo em muitos longicorneos de côr preta variada com flava e sendo muitas especies deste genero assim tintas, esta talvez será unicamente uma variedade duma especie já conhecida.

Delgada e completamente preta. O rosto é bastante comprido sendo o vertice punctuado-coriaceo. As antennas não attingem o apice dos elytros, o seu primeiro articulo é de forma subcylindrica e subtilmente punctuado sendo os articulos 5-10 na borda interna serrados. O prothorax é de forma conica e bastante comprido sendo a base munida de duas encurvaduras bem marcadas e os cantos posteriores agudos, em cima — com a excepção duma linha estreita, longitudinal — e nos lados o prothorax é densamente punctuado-coriaceo e dispersamente vestido com uma pubescencia flava; uma pubescencia semelhante se vê no prosterno. O scutello é de forma triangular e vestido com um tomento flavo. Os elytros attingem apenas o meio do quarto segmento abdominal; elles são densamente punctuados e mais largos na base que o prothorax; os hombros são arredondados, posteriormente os elytros são gradualmente attenuados e o apice de cada tocando-se, ligeiramente encurvado, sendo os dois cantos da troncadura mais ou menos agudos. Os tarsos posteriores são muito compridos, sendo o 1.º articulo muito mais comprido que os restantes em conjuncto. O metasterno é subtilmente punctuado e dispersamente vestido com uma pubescencia pallida. Os segmentos abdominaes na borda posterior mostram uma punctuação finissima, densa, e um tomento branco sericeo. O ultimo segmento abdominal mostra a profunda excavação particular aos machos deste genero.

Ophistomis zikani, n. sp.

♂. Gracilis, nigra, capite, thorace supra et lateraliter elytrisque fulvo-testaceis, antennarum articulis 10-11 totis, 9 apice albo-flavis; caput porrectum, rostro valde elongato, vertice crebre subtiliter punctato rugoso et leviter fulvo villoso; antennae apicem elytrorum paulo superantes, scapo subcylindrico, crebre punctulato; thorax elongato-conicus, basi profunde bisinuatus, angulis posticis subacutis, supra et lateralitter crebre punctulatus et fulvo-pubescens, subtus passim albido pubescens; scutellum triangulare, fulvo-pubescens; elytra abdominis segmenti quarti apicem haud attingentia, basi thorace latiora, humeris rotundatis, a basi ad apicem sensim attenuata, apice ipso subsinuatim truncato in singulis, angulis externis et suturalibus subacutis, dense punctúlata, pilis fulvis decumbentibus hirta; tarsi postici valde elongati, art. 1.º ceteris simul sumptis multo longiore; corpus subtus subtilissime punctulatum, rúfo-testaceo pilosum; abdomen segmento ultimo apice excavato.

Long. 14 mm. 1 ex.

♀ Robustior, antennae breviores, dimidium elytrorum superantes, art. 8-11 albo-flavis, thorax omnino fulvo-testaceus.

Long. 12-13 mm. 9 ex.

Hab. Passa Quatro, Sul de Minas, J. F. Zikán leg.

♂. Delgado, preto, a cabeça, o prothorax em cima e nos lados assim como os elytros dum fulvo testaceo sendo os articulos antennares 10-11 totalmente e o apice do nono dum branco amarellado. O rosto é bastante comprido e o vertice é subtilmente punctuado-rugoso assim como ligeiramente vestido com uma pubescencia fulva. As antennas apenas sobrepassam o apice dos elytros, sendo seu primeiro articulo subcylindrico e densamente punctuado. O prothorax é comprido e de forma conica, a sua base mostra duas encurvaduras bem marcadas sendo os cantos posteriores ligeiramente agu-

dos, em cima e nos lados o prothorax está munido de uma punctuação densa e fina e vestido com uma pubescencia fulva, a pubescencia do prosterno é dispersa e de côr clara. O scutello é triangular e coberto com uma pubescencia fulva. Os elytros não attingem a borda posterior do quarto segmento abdominal, elles são densamente punctuados e vestidos com uma pubescencia fulva, os elytros na base são mais largos que o prothorax e gradualmente attenuados posteriormente sendo o apice de cada truncado e ligeiramente encurvado, os cantos da troncadura são mais ou menos agudos, os hombros são arredondados. Os tarsos posteriores são muito compridos, sendo o seu primeiro articulo muito mais comprido que os restantes em conjuncto. Em baixo a punctuação é muito fina sendo a pubescencia rufo-testacea. O ultimo segmento abdominal é profundamente excavado.

♀. A femea é mais robusta, com antennas mais curtas e sobrepassando o meio dos elytros; os articulos 8-11 das mesmas são de côr albo-amarellada, sendo o prothorax de côr uniforme fulvo-testacea. O ultimo segmento abdominal é de forma normal.

Dedicado ao conhecido naturalista J. F. Zikán.

Rhatymoscelis iheringi, Goun. (Bull. Soc. Ent. Fr. 1910, pg. 46)

O autor teve á sua disposição quando publicou a descripção desta especie, somente tres exemplares que considerou do sexo feminino em vista das suas antennas serem 11-articuladas emquanto que nos machos das outras especies conhecidas deste genero as antennas são 12-articuladas; são estas *Rh. Haldemani*, Thoms., do Mexico e *Rh. Dormei*, Goun., de Minas Geraes.

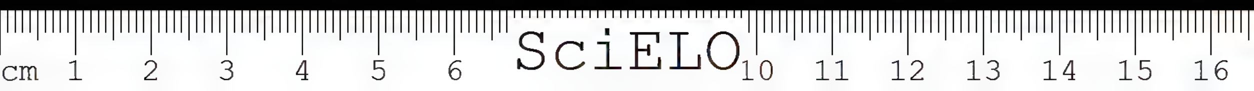
Agora tenho ás mãos um exemplar do outro sexo, de *Rh. Iheringi,* sendo as seguintes particularidades dignas de serem mencionadas: Antennas igualmente 11-articuladas, sobrepassando apenas as coxas das per-

nas posteriores; o 3.º articulo é de 2/3 sómente do comprimento do 4.º art., o 4.º até o 10.º são equilongos, o 11.º é mais comprido que o 10.º, os art. 3-10 no apice interno são ligeiramente serrados, tal qual como Gounelle indica. O abdomen, na base, isto é, o primeiro segmento do mesmo é fino e tubular e bastante comprido e como os demais segmentos são muito mais largos, o abdomen tem o aspecto exacto do de certas vespas. A côr, conforme o autor, não é uniforme nos tres exemplares que tive ás mãos, e assim não me parece estranho que a do exemplar de que trato, tambem não corresponda exactamente á diagnose. Com a excepção do 1.º segmento abdominal, que parcialmente ainda mostra um flavo pallido, todo o resto do corpo, incluindo a base dos elytros e os tarsos posteriores, é dum nigro-cyaneo uniforme. Na descripção consta: «processu jugulari dente valido obtuso subtus armato»; neste exemplar este dente é muito menos desenvolvido. As azas sobrepassam um pouco o apice do abdomen, sendo a côr das mesmas obscuro-fuliginosa.

Este exemplar tem um comprimento de 21 mm. e foi colleccionado pelo Snr. John Lane em 20-XI-21, em Santo Amaro, perto da capital do Estado de S. Paulo e hoje se encontra na collecção do Snr. Horace Lane.

Estes dados, apresentados nos preliminares da Rev. Mus. Paul. Vol. 2, 1923, fasc. 5, p. 3, já tinham entrado no prelo, quando recebi do meu distincto e presado amigo Snr. Dr. A. M. da Costa Lima uma sua separata com a descripção de mais uma especie deste interessante genero.

O autor teve a grande gentileza de denominar esta nova especie *R. Melzeri* e seja-me permittido lhe apresentar aqui os meus agradecimentos. A descripção foi publicada no «Boletim da Sociedade Entmologica do Brasil», 1922, p. 22.



Hephæstion (?) zikani, n. sp.

Caeruleo-aeneus, antennarum articulis 7-11 totis, 6 apice elystrisque, — basi excepta — flavis, supra subopacus, subtus nitidus; caput subtiliter punctato-coriaceum, supra atro-cyaneo-velutinum, labro flavo, clypeo antice flavo marginato, mandibulis apice nigris, inter antennas profunde sulcatum, genis oculorum lobos inferiores subaequalibus, mandibulis brevibus, apice curvatis; antennae dimidium elytrorum superantes, scapo brevi, subclavato, dense punctulato, nitido, art. 3.º scapo haud longiore, 4.º praecedente vix et sequente satis breviore, caeteris subaequalibus, art. 3-5 linearibus, 6-10 leniter incrassatis et serratis, 6-11 opacis; thorax latitudine parum brevior, ante apicem valde profunde sulcatus, dorso subtiliter punctulato-coriaceus, atro cyaneo-velutinus, tuberculis 5, duabus validis ante medium, 3 minus elevatis, transversis, paulo ante basin instructus, lateraliter spina valida utrinque armatus; scutellum triangulare, apice rotundatum, longitudinaliter sulcatum; elytra abdominis segmentum tertium paulo superantia, basi thorace latiora, postice sensim attenuata, post humeros ad apicem usque incurvata, apice ipso angusto, vix acuto, a medio suturae ad apicem leviter dehiscentia, dorso plana, crebre reticulato punctata costisque tribus ante apicem evanescentibus utrinque instructa; femora paulo incrassata media leniter postica valde elongata, haec basi arcuata, abdominis segmentum tertium paulo superantia; tibiae posticae elongatae, a medio fere ad apicem usque dense breviter nigro fimbriatae, haud scopiferae; tarsi postici elongati, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis duplo longiore; acetabula antica extus valde angulata postice hiantia, media extus hiantia; prosterni processus angustus mesosterni processus latus apice lunatus; metasternum leviter punctatum setisque nigrishirtum; abdomen amplius, segmento ultimo triangulare, apice rotundato; alae flavae.

Long. 23-26 mm., lat. 4 1/2-5 mm.

Hab. 2 ♀ de Passa Quatro, Sul de Minas, J. F. Zikán leg.

O habitus deste interessante longicorneo é exactamente o do *Atelopteryx composceroides*, Lacord., faltando apenas o fasciculo de cabellos nas antennas assim como nas tibias posteriores, tendo porém estas ao menos ligeiros signaes dos mesmos.

Assim esta especie e a mais além descripta talvez formem a gradação entre o *Atelopteryx* e o *Hephaestion* e será talvez necessario criar um genero novo para as mesmas. Para decidir isto julgo indispensavel estudar in natura especies dos generos *Hephaestion* e *Platynocera*, o que, por falta de material, não me é dado.

Os *Hephaestion* e *Platinocera (Stenorhopalus)* foram considerados caracteristicos da republica chilena. O conhecido mestre de entomologia argentina, o Snr. Carlos Bruch. porém, no seu valioso e utilissimo «Catalogo sistemático de los coleópteros de la Republica Argentina, pars VIII, 1912, p. 194» e no respectivo «Suplemento» 1915 p. 538, publicados na «Revista del Museo de la Plata,» tomo XVIII resp. tomo XIX, enumera as seguintes especies assignaladas tambem do Chile: *Hephaestion ocreatus*, Newm., de Neuquen e *Platynocera gracilipes*, Blanch., e *P. macer*, Newm., do Rio Negro. Mesmo assim parece um tanto duvidoso e arriscado juntar ao genero *Hephaestion* estas duas especies novas, mas não foi sómente a falta absoluta de material chileno para o devido confronto que me fez assim proceder; foi tambem a descoberta em Passa Quatro de um outro longicorneo até agora considerado typico chileno, e que dest'arte forneceu mais fundamentos á probabilidade de se tratar realmente de representantes de Hephaestion.

Do Snr. J. F. Zikán bem como do Snr. E. Jaeger recebi da mesma procedencia o *Callideriphus grossipes*, Blanch., do que mais além fallarei.

Dum azulado-metallico, os articulos antennares 7-11 totalmente, o 6.º sómente no apice assim como os ely-

tros — com excepção da base — flavos, subopaco em cima, nitido em baixo, a cabeça é subtilmente punctuado-coriacea e em cima dum atro-azulado avelludado, sendo o labro assim como a borda anterior do clypeo flavos. A cabeça entre as antennas apresenta-se profundamente sulcada sendo a face mais ou menos do mesmo comprimento que a parte inferior do olho. As mandibulas são curtas, curvadas no apice e esta parte é de côr preta. As antennas sobrepassam o meio dos elytros, o scapo é curto subclavado, densamente punctuado e nitido, o terceiro articulo não é mais comprido que o scapo, sendo o quarto articulo aproximadamente do mesmo comprimento que o precedente, porém bastante mais curto que o quinto, os articulos restantes são mais ou menos equilongos, os articulos 3-5 são lineares, os de 6-10 ligeiramente engrossados e serrados, os articulos 6-11 são opacos. O comprimento do prothorax não alcança a sua largura maxima, sendo elle munido anteriormente de forte e profundo sulco transversal; o dorso é dum atro-azulado avelludado, subtilmente punctuado-coriaceo e munido de 5 tuberculos, sendo dois transversaes e bem grandes perto do sulco e tres menores, igualmente transversaes e perto da borda posterior; em cada lado existe um espinho bem grande. O scutello, atravessado longitudinalmente por um sulco, é de forma triangular sendo o apice, porém, arredondado. Os elytros apenas sobrepassam a borda posterior do terceiro segmento abdominal, na base elles são mais largos que o prothorax e posteriormente fortemente attenuados, um pouco aquém do hombro até o apice elles se restringem em curva regular sendo o apice mesmo estreito e apenas agudo, do meio da sutrua até o apice os elytros são ligeiramente fendidos, o seu dorso é plano com uma punctuação densa e reticulada, sendo cada qual munido com 3 costellas que desapparecem antes de chegar ao apice. Os femora são apenas engrossados, os entremeiados são ligeiramente, os posteriores fortemen-

te alongados sendo estes na base arcuados e apenas sobrepassando o terceiro segmento abdominal. As tibias posteriores tambem são compridas e munidas, mais ou menos no meio, de cerdas curtas, porém bastante densas, de côr preta. Os tarsos posteriores são compridos sendo seu primeiro articulo do dobro dos 2.º e 3.º conjunctos no sentido do comprimento. A cavidade coxal anterior forma exteriormente um angulo muito sensivel, posteriormente esta cavidade é aberta. A cavidade coxal entremeiada é aberta lateralmente. O processo prosternal é estreito, o processo mesosternal porém é largo e com o apice sinuoso. O metasterno é ligeiramente punctuado e dispersamente vestido com cerdas pretas. As azas são de côr flava.

Para facilitar o estudo deste singular Longicorneo apresento junto com o seu desenho o da ♀ de *Atelopteryx compsoceroides* Lacord.

Denominado Zikani em honra do seu descobridor, o Snr. J. F. Zikán.

Hephæstion (?) brasiliensis, n. sp.

Rubro-ferrugineus, capite, thorace, antennis, — scapo excepto — dilutioribus, femoribus, basi, tibiis posticis dimidio basali tarsorumque posticorum art. 1.º melleo-flavis, pygidio, coeruleo-aeneo, supra subopacus, subtus nitidus subtiliterque sparsim griseo-pubescens; caput subtilissime punctulato-coriaceum, supra obscure rubro-ferrugineo-velutinum, labro flavo, clypeo antice flavo marginato, inter antennas profunde sulcatum, genis brevibus, mandibulis brevibus, apice curvatis; antennae plus quam duobus articulis abdominis apicem superantes, graciles, scapo brevi, obconico dense punctulato, art. 3.º scapo haud longiore, 4.º praecedente haud sequente satis breviore, caeteris subaequalibus, art. 3-5 linearibus, 6-10 serratis, art. 5-11 opacis; thorax latitudine maxima vix longior, ante apicem valde profunde sulcatus, dorso sub-

tilissime punctulato-coriaceus, obscure rubro-ferrugineo-velutinus, tuberculis 5, duabus vallidis ante medium, 3 minus elevatis transversis, paulo ante basin instructus, lateraliter spina valida utrinque armatus; scutellum triangulare, apice rotundatum; longitudinaliter sulcatum; elytra abdominis segmentum tertium paulo superantia, basi thorace latiora, postice sensim attenuata, post humeros ad apicem usque incurvata, apice ipso angusto, vix acuto, a medio suturae ad apicem leviter dehiscentia, dorso plana, reticulato-punctata, costisque tribus ante apicem evanescentibus utrinque instructa; femora paulo incrassata, media leniter postica valde elongata, haec basi arcuata, abdominis segmentum quartum superantia; tibiae posticae elongatae a medio fere ad apicem usque dense breviter nigro fimbriatae, haud scopiferae; tarsi postici valde elongati, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis duplo longiore; acetabula antica extus valde angulata, postice hiantia, media extus hiantia; prosterni processus angustus mesosterni processus latus; sterna subtiliter crebre punctato-coriacea; abdomen subcylindricum; alae fumosae.

Long. 18 3/4 mm., lat. 3 1/2 mm.

Hab. 1 ♂ de Passa Quatro, Sul de Minas; J. F. Zikán leg.

Dum rubro-ferrugineo, porém a cabeça, o prothorax e as antennas — com excepção do scapo, — são mais escuros, a base dos femora, a metade basal das tibias posteriores e o primeiro articulo dos tarsos posteriores são dum flavo claro sendo o pygidio dum azul-aeneo, subopaco em cima, lustroso em baixo e subtilmente vestido com uma pubescencia cinzenta. A cabeça é muito subtilmente ponctuado-coriacea e dum rubro-ferrugineo escuro e avelludado em cima sendo o labro e a borda anterior do clypeo de côr flava; entre as antennas a cabeça é profundamente sulcada, a face é curta; as mandibulas são curtas sendo o apice curvado. As antennas sobrepassam o apice do abdomen com os dois ultimos articulos, o scapo é curto e den-

samente punctuado, o terceiro articulo não é mais comprido que o scapo sendo o quarto articulo aproximadamente do mesmo comprimento, porém bastante mais curto que o quinto; os restantes são subequilongos; os articulos 3-5 são lineares, os de 6-10 serrados, os de 5-11 são opacos. O prothorax é apenas mais comprido que a sua largura maxima e profundamente sulcado transversalmente um pouco aquem da borda anterior, o dorso é muito subtilmente punctuado-coriaceo, dum rubro-ferrugineo escuro e avelludado e munido de cinco tuberculos sendo dois transversaes e bem grandes além do meio e tres menores, transversaes, igualmente e collocados proximos á base; cada lado do prothorax acha-se munido de um espinho bem grande. O scutello é de forma triangular com o apice arredondado. Os elytros apenas sobrepassam a borda posterior do terceiro segmento abdominal, na base elles são mais largos que o prothorax e posteriormente fortemente attenuados; um pouco aquem do hombro até o apice os elytros se restringem em curva regular sendo o apice mesmo estreito e apenas agudo, do meio da sutura até o apice elles são ligeiramente fendidos, o seu dorso é plano com uma punctuação densa e reticulada, sendo cada qual munido com tres cos tellas que desapparecem antes de chegar ao apice. Os femora são apenas engrossados, os entremeiados são ligeiramente, os posteriores fortemente alongados sendo estes arcuados na base e sobrepassando o quarto segmento abdominal. As tibias posteriores tambem são compridas e munidas mais ou menos no meio com cerdas curtas porém bastante densas, de côr preta. Os tarsos posteriores são muito compridos sendo o primeiro articulo do dobro dos 2.º e 3.º conjunctos no sentido longitudinal. A cavidade coxal anterior assim como a entremeiada, o processo prosternal e mesosternal são tal qual como no precedente. O abdomen é de forma subcylindrica. As azas são escuro-fuliginosas.

Ommata (Eclipta) signaticollis, n sp.

♂ Aurantiaco-testacea, abdominis segmentis 3-5 dilutioribus, vertice nigro, antennis nigris, scapo subtus, art. 3-11 basi flavis, pronoti fascia transversa, elytris, clava femorum posticorum, tibiis anticis supra, mediis et posticis totis, basi excepta tarsisque nigris; caput glabrum, rostro brevi, vertice crebrius punctato, oculis magnis in fronte fere contiguis; antennae dimidium elytrorum valdes superantes, graciles, basi subtus laxe ciliatae, art. 3-5 linearibus, 6-10 plus minus obconicis, haud serratis; thorax latitudine maxima longior, subcylindricus, basi paulo constrictus et transversim sulcatus, ante marginem anticam attenuatus et sulcatus, sulco infuscato, supra punctis grossis crebre impressis, linea longitudinali media sulcisque anticis et posticis laevibus exceptis scutellum minutum, subtiliter coriaceum; elytra abdominis segmentum quartum paulo superantia basi thorace latiora, lateribus in medio leniter arcuatim constrictus, apice ipso obliquiter truncato in singulis, suturae obsolete dehiscentia, dorso plano, grosse punctata; femora quatuor antica subabrupte, postica sensim clavata, his illis longioribus, abdominis segmentum tertium haud superantibus; tarsi postici breves, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis aequali; metasternum punctulatum, pallido-hirtum; abdomen nitidum; sparsim sat grosse punctatum.

Long. 6 mm.

♀. Oculi in fronte distantes, thoracis fascia nigra latiora.

Long. 6 3/4 mm.

Hab. 1 ♂ de Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger, leg.; 1 ♀ por mim colleccionada no Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de São Paulo.

Esta especie tem bastante affinidades com *O. liturifera*, Bates; distingue-se porém pela côr e pelas pernas, que são mais curtas e mais grossamente clavadas. ♂. Dum testaceo-aureo sendo os segmentos abdomi-

naes 3-5 mais escuros, o vertice é preto assim como as antennas, sendo, porém, o primeiro articulo destas em baixo e a base dos articulos 3-11 flavos; de côr preta ainda são: uma faxa transversal no meio do pronoto, os elytros, a clava dos femora posteriores, as tibias anteriores em cima, as tibias entremeiadas e posteriores com excepção da base e todos os tarsos. A cabeça é glabra, o rosto é curto sendo o vertice densamente punctuado; os olhos são volumosos e quasi se unem na frente. As antennas sobrepassam sensivelmente o meio dos elytros, são delgadas e ligeiramente ciliadas na base, com os articulos 3-5 lineares, 6-10 ligeiramente engrossados sem que seu canto seja saliente em dente. O prothorax é mais comprido que a sua largura maxima, elle é de forma quasi cylindrica mas na base ligeiramente, porém pouco antes da borda anterior sensivel e transversalmente sulcado sendo a côr do sulco anterior mais escura; a punctuação do pronoto, com excepção dos sulcos e uma linha longitudinal no meio, é grossa e densa. O scutello é muito pequeno e ligeiramente punctuado. Os elytros apenas sobrepassam o quarto segmento do abdomen, na base elles são mais largos que o prothorax, nos lados e no meio os elytros se restringem em curva rapida sendo elles na sutura ligeiramente fendentes; o apice de cada elytro é truncado e obliquo sendo o dorso plano e grossamente punctuado. Os femora anteriores são bastante os posteriores fortemente clavados, estes são curtos e não sobrepassam o terceiro segmento do abdomen. Os tarsos, tambem os posteriores, são curtos. O metasterno é ligeiramente punctuado e munido com pellos pallidos. O abdomen é nitido, escasso e grossamente punctuado.

♀. Na femea os olhos são bastante distantes no rosto e a faixa transversal preta que orna o pronoto, é mais larga.

Ommata (Eclipta) flavipes, n. sp.

♂. Gracilis, nigra vel nigro-cyanea, sparsim griseo hirsuta, antennarum articulis 5-11 flavo-annulatis, pedibus rufo-flavis, clava femorum posticorum tibiisque posticis summo apicali nigro annulatis; caput punctato-coriaceum, rostro brevi, oculis magnis, in fronte fere contiguis; antennae dimidium elytrorum superantes, subtus basi laxe ciliatae, art. 3-4 linearibus, 5-10 paulatim incrassatis, plus minus obconicis, haud distincte serratis; thorax latitudine fere sesquilongior, ovato-cylindricus, basi modice constrictus, punctis magnis, rotundis reticulatim impressus; scutellum, minutum, subquadratum, subtiliter coriaceum; elytra abdominis segmentum quartum haud superantia, basi thoracis latitudinem maximam aequantia, lateribus in medio leniter arcuatim constrictus, apice ipso obliquiter truncato in singulis, angulis suturalibus brevissime spinosis, externis acutis, dorso plano, crebre grosseque punctata, costula, antice posticeque obsolescente lateraliter utrinque instructa; femora quatuor antica subabrupte, postica sensim clavata, his illis longioribus, abdominis segmentum tertium haud superantibus; tarsi postici breves, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis aequali; metasternum subtiliter coriaceum, lateraliter argenteo-sericeum; abdomen subtiliter punctatum.

Long. 6 1/2-7 1/2 mm., 5 ex.

Hab. Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg.

Delgada, preta ou preto-azulada, vestida com uma pubescencia escassa de côr cinzenta, os articulos 5-11 das antennas são flavos na base e as pernas são duma côr rufo-flava sendo porém a clava das pernas posteriores e o apice das tibias posteriores pretos. A cabeça é punctuado-coriacea sendo o rosto curto. Os olhos são volumosos e quasi se unem na fronte. As antennas sobrepassam o meio dos elytros, sendo ellas na base ligeiramente ciliadas, os articulos 3-4 são lineares, os de 5-10 ligeiramente espessados e conicos

sem serem serrados. O comprimento do prothorax é quasi 1 1/2 de sua largura sendo elle duma forma cylindrico-oval e na base moderadamente constricto; pontos grandes e redondos cobrem densamente o prothorax. O scutello é pequeno, subquadrado e ligeiramente coriaceo. Os elytros não sobrepassam o quarto segmento abdominal, a sua base é igual á da largura maxima do prothorax, lateralmente os elytros são restringidos em curva ligeira e o apice de cada elytro é troncado sendo a troncadura obliqua e seu canto sutural munido de um espinho muito curto, o canto externo é agudo. O dorso é grosso e densamente punctuado, sendo cada elytro munido lateralmente de uma carena obsoleta porém na base assim como no apice. Os quatro femora anteriores são bastante, os posteriores são fortamente clavados e estes não sobrepassam a borda posterior do terceiro segmento abdominal. Os tarsos são curtos. O metasterno é fino e densamente punctuado, sendo seus lados vestidos com uma pubescencia argenteo-sericea. O abdomen é finamente punctuado. A femea infelizmente não conheço.

Ommata (?) laticornis, n. sp.

♂. Gracilis, nigricans. Thorace rufo-testaceo, antennarum art. 9 albido, elytris nitidis-pallide rufo-testaceis, marginibus brunneo-nigris, scapo, coxis, femoribus, tibiis posticis summo apicali necnon tarsorum posticorum art. 1-2 rufo-testaceis, subtus albido villosa; caput punctulatum, rostro brevi, oculis magnis, in fronte fere contiguis, hac pube griseo-sericea sat dense obsita, vertice sparsim punctato, inter oculos linea griseo-sericea induta; antennae plus quam 3 articulis apicem abdominis superantes, subtus setis nonnullis hirtae, scapo nitido, apice infuscato, art. 3-8 linearibus, art. 9 praecedente perpaulum breviore, sensim dilatato, 10-11 valde inflatis; thorax latitudine fere duplo longior, cylindri-

cus, basi paulo constrictus et transversim sulcatus, ante marginem anticam leviter attenuatus et sulcatus, sulco infuscato, subnitidus, punctis rotundatis, obsoletis dispersim impressus, lateribus pube griseo-sericeo utrinque indutis; scutellum triangulare, griseo-sericeo pubescens; elytra abdominis segmenti quarti medium vix attingentia, basi thorace latiora, lateribus in medio leniter arcuatim constrictus, apice ipso obliquiter truncato in singulis, suturae obsolete dehiscentia, dorso plana, punctulata, pube griseo-sericea subtiliter induta, marginibus externis et suturalibus brunneo-nigro vittatis; femora quatuor anticis leniter clavata postica elongata, sensim modice incrassata, abdominis apicem superantia; tarsi postici subelongati, art. 1.º ceteris simul sumptis aequali; metasternum abdomenque albido pubescentibus.

Long. 6 1/2 mm. 1 ex.

♀. Oculi in fronte distantes, scapus niger, antennarum art. 5-8 basi pallidiores, pedes brunneo-nigri, femoribus omnibus basi, antici necnon subtus rufotestaceis, abdomen segmentis 1-3 (4) rufo-testaceo maculatis.

Long. 7-8 1/2 mm., 3 ex.

Hab. Por mim encontrado no Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de São Paulo, sobre flores.

Especialmente pela forma e o comprimento das antennas esta especie afasta-se do genero *Ommata*, mas, sendo o conjuncto das especies do mesmo até hoje conhecidas entre si um tanto variavel, ao menos provisoriamente colloco esta nova especie aqui.

♂. Delgado, preto, em baixo com uma pubescencia branca, os elytros lustrosos e dum rufo-testaceo bem claro, sendo porém a borda externa e a sutura dum castanho muito escuro, o primeiro articulo antennar, as coxas, os femora, ao apice das tibias posteriores e os dois primeiros articluos dos tarsos posteriores são de côr rufo-testaceo, o prothorax é rufo-testaceo e o nono articulo antennar é branco. A cabeça é punctuada sendo o rosto curto, os olhos são volumosos e quasi se unem na fronte sendo esta densamente mu-

nida com uma pubescencia sericea de côr cinzenta; no vertice e entre os olhos se vê uma estreita linha longitudinal de semelhante pubescencia; a punctuação do vertice é bastante escassa. As antennas sobrepassam o apice do abdomen com os ultimos 3 articulos mais ou menos, sendo ellas em baixo apenas ciliadas. O primeiro articulo antennar é lustroso sendo o apice mais escuro que o resto, os articulos 3-8 são lineares, o nono articulo é apenas mais curto que o precedente e sensivelmente dilatado, os articulos 10 e 11 porém são fortemente engrossados. O comprimento do prothorax é qusia o dobro de sua largura, de forma cylindrica sendo na base um pouco restringido, transversalmente sulcado e anteriormente um pouco antes da respectiva borda tambem sulcado, porém moderadamente, sendo o sulco infuscado; o prothorax é meio lustroso e lateralmente munido com uma pubescencia sericea côr de cinza, sendo o dorso escassamente munido com pontos redondos mas bem rasos. O scutello é de forma triangular e vestido com uma pubescencia sericeo-cinzenta. Os elytros apenas attingem o meio do quarto segmento abdominal, na base elles são mais largos que o prothorax e elles se restringem em curva ligeira sendo elles tambem na sutura ligeiramente fendentes; o apice de cada é truncado de maneira obliqua, o dorso é plano, ligeiramente punctuado e griseo-sericeo-villoso. Os quatro femora anteriores são bastante, os dois posteriores são fartamente clavados e estes sobrepassam o apice do abdomen. Os tarsos posteriores são meio compridos, sendo seu primeiro articulo do comprimento dos restantes conjunctos. O metasterno e o abdomen são munidos com uma pubescencia branca.

A ♀ tem os olhos mais distantes na fronte. O seu primeiro articulo antennar é completamente preto sendo a base dos articulos 5-8 mais clara. As pernas são dum castanho quasi preto, sendo porém todos os femora na base, os anteriores até em baixo, totalmente rufo-testaceos.

Ommata thoracica, Bates (Ann. Mag. Nat. Hist. 4, XI, 1873, p.30)

O autor descreveu somente a ♀ desta especie, que recebeu de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro assim como do Estado do Paraná. Si a minha determinação for acertada (as ♀ correspondem muito bem á diagnose, infelizmente um pouco summaria), dentro dos exemplares recebidos encontrei tambem alguns ♂, sendo um ♀♂ em copula, e todos colleccionados em Passa Quatro, Sul de Minas pelo Snr. E. Jaeger.

O ♂ bastante differe da ♀ a respeito da côr e da construcção do thorax, e como não me consta ter-se alguem já occupado com o mesmo, quer me parecer opportuno juntar aqui os dados necessarios.

♂. Gracilis, nigra, subopaca, antennarum articulis 7-10 flavo-annulatis, femoribus posticis basi rufo-testaceis, subtiliter griseo villosa; caput opacum, subtiliter punctato-coriaceum, rostro sat elongato, oculis magnis, spatio angusto in fronte separatis, vertice carinula tenui longitudinaliter instructo; antennae apicem elytrorum haud attingentes, basi subtus laxe ciliatae, art. 3-6 linearibus, sequentibus sensim paulo incrassatis, haud distincte serratis; thorax latitudine tertia parte longior, cylindricus, basi apiceque paululum constrictus, crebre grosseque reticulato-punctatus, sulcisque duobus supra longitudinaliter impressus, supra settis raris passim hirtus, lateribus albo-pubescentibus; scutellum parvum, coriaceum; elytra abdominis segmenti quarti medium vix attingentia, basi thorace latiora, lateribus in medio leniter arcuatim constrictus, apice ipso obliquiter truncato in singulis, suturae obsolete dehiscentia, dorso plana, crebre reticulato-punctata, pilisque erectis albidis sparsim hirta; femora sparsim griseo-hirta, subgracilia, postica elongata, sensim leniter clavata, abdominis apicem haud superantia; posternum pilis elongatis griseis sat dense hirtum; pectus griseopubescens; abdomen cylindricum, angustum, nitidum, sparsim griseo hirtum.

Long. 8-10 mm.

Ommata xantho, Bates (Ann. Mag. Nat. Hist. 4, XI, 1873, p. 35)

Esta especie assignalada, pelo autor, do Estado do Paraná tambem se encontra no de Santa Catharina. Recebi certa quantidade de Joinville (C. Schmith leg.) e lá não parece muito rara.

Tambem nesta especie a côr do pronoto está sujeita a variar consideravelmente. O exemplar typo (♂) tem o pronoto dum amarello claro uniforme, e exemplares identicos foram enviados tambem da localidade acima indicada. Além disto havia outros que mostraram no dorso do prothorax uma mancha preta, e eram especialmente as ♀, assim ornadas. Esta mancha occupa em geral o centro do dorso e conforme o individuo varia de forma e de tamanho. De resto, todos os exemplares correspondem exactamente á descripção de Bates, e são assim faceis de identificar pela côr e pela armadura do angulo externo da troncadura do apice dos elytros.

Odontocera quadrivittata, n. sp.

♂. Gracilis, fulvo-testacea, antennis nigris, art. 5-10 flavo annulatis, thorace vittis duabus dorsalibus, angustis, parallelis, antice posticeque paulo abbreviatis, utrinque vitta laterali, maculam oblongam, rufo-testaceam includente, antice cum vitta dorsali connexa, nigris ornato, pedibus nigris, coxis, femoribus quatuor anticis subtus posticisque basi rufo-testaceis, elytris marginibus, et apice nigris; caput punctatum, rostro sat elongato, oculorum lobis inferioribus fere contiguis; antennae apicem elytrorum superantes, basi subtus laxe ciliatae, filiformes, art. posticis vix incrassatis, haud manifeste serratis; thorax latitudine fere sesquilongior, subcylindricus, subtiliter punctato-coriaceus, lateribus pube griseo-sericea ornatis; scutellum minutum, subtilissime albo-pubescens; elytra abdominis segmentum secundum vix

superantia, postice sensim angustata, basi thorace paululum latiora, lateraliter leniter incurvata, apice ipso obliquiter truncato in singulis, a medio suturae ad apicem arcuatim dehiscentia, dorso plana, nigra, crebre punctata, vitta cuneata flavo-testacea, nitida, sparsim punctata, a basi ad quintam partem posteriorem extensa singulatim ornata; femora quatuor antica subabrupte postica sensim clavata, haec elongata, abdominis segmentum quartum haud superantia; tarsi postici subbreves, art .1.º 2.º et 3.º simul sumptis aequali; mesosternum et metasternum subtilissime crebre punctulata, argenteo-sericeo villosa; abdomen leniter punctulatum.

Long. 6 1/2 mm. 1 ex.

Hab, Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg.

Delgada, fulvo-testacea, sendo as antennas pretas, os articulos 5-10 porém são flavos na base; o prothorax está munido no dorso de duas linhas pretas, que quasi alcançam as bordas anterior e posterior, sendo cada lado ornado com outra linha da mesma côr, que circumda uma mancha oblonga de côr fulvo-testacea; perto da borda anterior a linha lateral está ligada com a respectiva linha dorsal, por uma linha estreita e transversal igualmente de côr preta; as pernas, — com excepção das coxas, a face inferior dos quatro femora anteriores assim como a base dos posteriores, — são pretas; as bordas e o apice dos elytros tambem são pretos. A cabeça é punctuada sendo o rosto bastante comprido. Os olhos quasi se unem na fronte. As antennas sobrepassam o apice dos elytros, na base ellas são ligeiramente ciliadas em baixo e apenas engrossadas nas pontas. O prothorax é 1 1/2 vezes mais comprido que largo, elle é de forma subcylindrica e subtilmente punctuado-coriaceo sendo seus lados vestidos com uma pubescencia grisea e sericea. O scutello é muito pequeno e munido com uma pubescencia finissima e branca. Os elytros apenas sobrepassam o segundo segmento abdominal, na base elles são ligeiramente mais largos que o prothorax e para o apice

sensivelmente estreitados sendo o apice mesmo de cada obliquamente truncado, lateralmente os elytros se restringem em curva ligeiramente, sendo elles na sutura do meio até o apice visivelmente fendentes, o seu dorso é plano e densamente punctuado, a sua côr é preta vendo-se em cada qual uma mancha cuneiforme de côr flavo-testacea, e bem lustrosa, estendendo-se da base até o ultimo quinto, a punctuação nestas manchas é escassa. Os quatro femora anteriores são bastante, os dois posteriores são fortemente clavados e estes não sobrepassam o quarto segmento abdominal. O meso e o metasterno são fina mas densamente punctuados e vestidos com uma villosidade sericea e cinzenta. O abdomen é ligeiramente punctuado.

Odontocera gracilis, Klug (Nov. Act. Ac. Leop. XII, 1825, p. 472, t. 44, f. 7)

var. *perplexa* n. var. A forma typica tarsis posticis albidis (unguibus infuscatis exceptis) differt.

1 ♂ ♀ em copula no Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de São Paulo, W. Melzer leg.

Corresponde, com excepção dos tarsos posteriores, que são de côr branca, completamente ás formas typicas.

Odontocera albitarsis, n. sp.

♀ Gracilis, nigra, thorace rufo, antennarum art. 8-9 totis, 10 basi, tarsisque posticis albidis femoribus basí flavis; caput punctatum-densius, in vertice-rostro mediocriter elongato, oculorum lobis inferioribus distantibus, fronte et vertice subtiliter griseo-sericeis; antennae dimidium elytrorum superantes, basi subtus laxe ciliatae, filiformes, art. posticis vix incrassatís, haud manifeste serratis; thorax latitudine maxima paulo longior, ovato-cylindricus, basi paululum constrictus, crebre reticulato-punctatus; scutellum minutum, vix pubescens;

elytra abdominis segmenti quarti apicem vix attingentia, basi thorace paululum latiora, lateribus in medio leniter arcuatim constrictus, apice ipso obliquiter truncato in singulis, angulis externis paulo productis, disco vitreo, pallide flavo, nitidissimo, sparsim punctulato, marginibus externis sat late et suturalibus anguste nigro vittatis, crebre punctatis; femora quatuor antica subabrupte postica sensim modice clavata, haec elongata, abdominis apicem superantia; tarsi postici subelongati, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis aequali; metasternum abdomenque dense griseo tomentosa.

Long. 6 3/4 mm. 1 ex.

Hab. Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg.

Preta, delgada, sendo o prothorax rufo e os articulos antennares 8-9 totalmente e a base do decimo assim como os tarsos posteriores de côr branca; a base do femora é flava. A cabeça é punctuada sendo porém a punctuação no vertice muito densa; o comprimento do rosto não é excessivo e os olhos são bastante distantes na fronte; esta assim como o vertice mostram uma ligeira pubescencia serica côr de cinza. As antennas sobrepassam o meio dos elytros, ellas são filiformes e a sua base em baixo é ligeiramente ciliada sendo ellas posteriormente apenas engrossadas e serradas. O prothorax é apenas mais comprido que a sua largura maxima e de forma ovato-cylindrica sendo sua ponctuação densa e reticulada. O scutello é muito pequeno. Os elytros apenas attingem a borda posterior do quarto segmento abdominal, na base elles são sómente ligeiramente mais largos que o prothorax e nos lados elles se restringem ligeiramente em curva no meio, sendo o apice de cada obliquamente truncado; o dorso dos elytros é vitreo e dum flavo pallido muito lustroso, sendo sua punctuação muito dispersa; as bordas lateraes são bastante largamente, as suturaes só estreitamente riscados de preto e aqui densamente punctuadas. Os quatro femora anteriores são mediocremente, os dois posteriores são fortemente cla-

vados sobrepassando estes o apice do abdomen. O metasterno bem como o abdomen são munidos de pubescencia cinzenta bastante densa.

Compsoceridius gounellei Bruch. (Rev. Mus. La Plata, XV, 1908, p. 208)

Esta especie, assignalada de La Plata, tambem se encontra no Brasil, tendo eu um exemplar á minha disposição (infelizmente um tanto estragado) que devo á gentileza do Snr. M. Heeren, Campo de Tenente, Estado do Paraná.

Este exemplar corresponde muito bem á excellente descripção que o autor forneceu na revista del Museu de la Plata, com a excepção que tambem o terceiro segmento abdominal mostra parcialmente a mesma côr que os dois precedentes, isto é, dum piceo-escuro, e que tem um ligeiro reflexo de azul-metallico.

Cosmisoma taunayi, n. sp.

Elongatum, nigrum, infra albo-sericeo pubescens, supra tomento denso aureo-sericeo vestitum, elytris fascia media latissima atro-velutina, antennis articulo quinto scopa magna nigra sexto basi scopa aureo-flava fasciculatis; caput subtiliter punctatum, inter antennas concavum, gula nitida, transversim plicata; antennae corpore longiores, subtus basi laxe fimbriatae, scapo elongato, subclavato, punctulato-coriaceo, art. 3-6 elongatis, carinatis, 7-11 multo brevioribus; thorax latitudine fere duplo longior, basi leniter constrictus et transversim sulcatus, a medio ad apice sensim attenuatus, prosterno antice transversim plicato; scutellum dense aureo-sericeo tomentosum; elytra basi thorace latiora et recte truncata, in medio laterum subincurvata, mox ante apicem arcuatim angustata, apice ipso acuminato in singulis, dorso plana; femora clavata, media et postica

pedunculata, haec apicem abdominis haud superantia; tibiae posticae arcuatae, sparsim hirtae; tarsi postici subelongati, art. 1.º 2.º et 3.º simul sumptis subaequali.

Long. 11 1/2 mm.

Hab. 1 ♀ de Ponte Nova, Rio Xingú, Estado de Pará.

Comprido, preto, em baixo com uma pubescencia branco-sericea, em cima com uma tal de côr aureo-sericea, mostrando os elytros no meio uma larga faixa dum preto-avelludado; o quinto articulo antennar está ornado com um grande tufo de cabellos pretos sendo o sexto articulo na base munido de um tufo de pellos aureo-flavos. A cabeça é subtilmente punctuada e concava entre as antennas, a guela é lustrosa e transversalmente plicada. As antennas são mais compridas que o corpo e ligeiramente ciliadas em baixo na sua base; o scapo é comprido, ligeiramente clavado e densamente punctuado, os articulos 3-6 são compridos e carinados, sendo os articulos 7-11 muito mais curtos. O prothorax no seu comprimento tem quasi o dobro de sua largura, a base é ligeiramente restringida e transversalmente sulcada sendo o prothorax de cerca do meio até o apice gradualmente porém sensivelmente attenuado. O prosterno é transversalmente plicado anteriormente. Os elytros são mais largos na base que o prothorax, seu dorso é plano sendo o apice de cada qual acuminado. Os femora são clavados, os entremeiados e posteriores são pedunculados, estes, porem, não sobrepassam o apice do abdomen. As tibias posteriores são arqueadas e munidas de poucos pellos. Os tarsos posteriores são meio compridos, sendo o primeiro articulo do comprimento do 2.º e 3.º conjunctos. Dedicado ao Exmo. Snr. Dr. A. de E. Taunay, m. d. director do Museu Paulista.

Callideriphus grossipes, Blanch. (Gay. Hist. Chile. Zool. V. 1851, p. 487)

O Snr. J. Zikán assim como o Snr. E. Jaeger em Passa Quatro, Sul de Minas, colleccionaram e me enviaram 20 exemplares de um longicorneo que, depois de muitas pesquizas e estudos tive que relacionar com o acima indicado.

Ao meu alcance então estava somente a descripção de Fairm. & Germ. Ann. Soc. Ent. Fr. (3) VII, 1859, p. 505, insufficiente, para decidir este caso, e por causa disto e sob a hypothese de que no Museu de La Plata deviam dispôr de material do Chile, enviei ao celebre entomologo Snr. Carlos Bruch alguns exemplares do meu cerambicideo, para assim serem confrontados. Com a amabilidade, que lhe é particular, o Snr. Bruch, fez tudo o que lhe foi possivel para me attender, e me é grato lhe apresentar aqui tambem os meus mais sinceros agradecimentos por todas estas finezas. Assim devo ao Snr. Bruch a copia de diagnose de Blanchard, e devido á falta no Museu de la Plata do material respectivo, elle se deu até o incomodo de solicitar dos Museos de Valparaizo e Santiago alguns exemplares emprestados para os devidos fins. Infelizmente tambem este esforço sahiu com resultado negativo e experiencias da minha parte neste sentido e em outras fontes não foram coroados com melhor exito. Não houve meios, pois, de desfazer certos receios, isto é, duvidas que effectivamente existem. Sobre a côr dos elytros Blanchard por exemplo informa «nigrus-cyaneis», respectivamente «enteramente de um negro que friza ligeramente el azulado», porém, os exemplares ao meu dispôr têm os elytros dum azul bonito e bem vivo. As rugas longitudinaes do pronoto não harmonisam com a descripção do autor, permittindo assim a hypothese de se tratar dum'a variedade do cerambycideo chileno e que proponho chamar var. *brasiliensis*, da qual posso apresentar a seguinte descripção:

var. *brasiliensis* nov. var. Robustus, ruber, nitidus, antennis — scapo excepto — pronoti macula in medio, tibiis tarsisque nigris, elytris cyaneis, sparsim rubro-rufo tomentosus, setis dispersis, et longioribus interspersis; caput crebre punctatum, fronte longitudinaliter sulcato, genis mediocribus, antennae corpore longiores, basi subtus ciliatae, scapo obconico, subtiliter punctulato, art. 4 praecedente, vix sequente satis breviore, caeteris subaequalibus; thorax brevis, transversim globosus, antice posticeque coarctatus, lateraliter rotundatus, et inermis, dorso rugis ondulatis longitudinaliter striatus, lateribus mediocriter punctatus, prosterno subtiliter punctato-rugoso; scutellum parvum, triangulare apice rotundatum; elytra basi thoracis latitudinem maximam parum latiora, parallela apice conjunctim rotundata, dorso plana, dense subtiliter punctata, punctis postice obsoletioribus; femora valde clavata, postica abdominis apicem paulo superantia; tarsi postici breves; acetabula antica extus vix angulata, postice hiantia, media extus clausa; prosterni processus intercoxalis angustus, mesosterni processus latus apice lunatus; metasternum abdomenque subtiliter punctulato rugosa.

Long. 5-8 1/2 mm. lat. 2-3 mm.

O scapo em geral dum vermelho uniforme em alguns exemplares têm o apice preto. A punctuação dos elytros desapparece quasi por completo somente na parte declive apical. Sobre o «habitat» o autor informa: «Esta especie se halla en las provincias del sur».

Eriphosoma, n. gen.

Corpus elongatum, gracile; caput inter antennas paulo concavum, supra longitudinaliter sulcatum, fronte transversa, genis subbrevibus; palpi breves, maxillares labialibus longiores, art. ultimo apice truncato; oculi minute granulati intus profunde emarginati; antennae 11 articulatae, corpore paulo longiores, graciles, subtus laxe

fimbriatae, scapo brevi, fere obconico, paululum arcuato, art. 3.º sequenti longiore, art. 5-11 subaequalibus, 5-10 apice interno parum angulatis; thorax latitudine vix longior, lateribus arcuatim convexis, supra paulo depressus; elytra elongata, disco depressa, parallela, apice obliquiter truncato, angulis externis lunatis et bidentatis; acetabula antica postice hiantia, media extus clausa, coxae anticae globosae; processus prosternalis angustus, parallelus, retro arcuatus; processus mesosternalis latus, apice lunatus; episterna metasternalis parallela; pedes antici mediocres, medii et postici elongatis, femora sublinearia, medica et postica apice breviter bispinosa, postica abdominis apicem superantia; tarsi postici elongati, articulo primo duobus sequentibus simul sumptis vix duplo longiore.

Este genero tem por typo, si acertei na minha determinação, o *Eriphus bipartitus*, Buq. e provavelmente deve-se juntar ao mesmo tambem seu E. sellatus.

Na sua «Révision des genres Eriphus et Mallosoma» (Ann. Soc. Ent. Fr. 1862) Chevrolat na pagina 747 já avisa que estes insectos deviam entrar num genero novo; parece, porém, que ninguem depois deste tempo se occupou mais com estes longicorneos e me parece duvidoso ainda existirem os typos que serviram a Buquet para as suas descripções, pois Aurivillius, no seu excellente Coleopterorum Catalogus, Cerambycinae, enumera somente com reserva estas duas especies no genero *Eriphus*.

Das especies brasileiras do genero *Eriphus*, estas se distinguem facilmente pelo corpo mais delgado, pela falta dos espinhos lateraes do prothorax e pela cavidade coxal entremeiada fechada. Creio que este genero deveria ser collocado perto de *Chrysoprasis*.

Delgado e comprido; a cabeça em cima é sulcada longitudinalmente e apenas concava entre as antennas sendo a fronte transversa e a face somente ligeiramente estendida. Os palpos são curtos, os maxillares são mais compridos que os labiaes sendo o ultimo

articulo truncado no apice. Os olhos são finamente granulados e fortemente sinuosos na borda anterior. As antennas são compostas de 11 articulos e apenas mais compridas que o corpo, ellas são ligeiramente ciliadas em baixo sendo o scapo curto, duma forma mais ou menos conica e apenas arcado; o terceiro articulo antennar é mais comprido do que o quarto e os articulos 5-11 são quasi equilongos, 5-10 salientes e quasi serrados no apice interno. O prothorax é apenas mais comprido que largo, e nos lados regularmente arcado sendo seu dorso ligeiramente deprimido. Os elytros são compridos e parallelos, seu apice é obliquamente truncado sendo os respectivos angulos exteriores sinuados e bidentados; o disco dos elytros é deprimido. A cavidade coxal anterior é aberta posteriormente e a entremeiada é fechada lateralmente; as coxas anteriores são globulosas. O processo prosternal é bastante estreito, parallelo e arcado posteriormente sendo o processo mesosternal largo e com o apice sinuado. Os episternos metasternaes são estreitos e parallelos. As pernas anteriores são mediocres, as entremeiadas e posteriores são compridas sobrepassando os femora destas o apice do abdomen. Os femora são quasi lineares sendo o apice dos entremeiados e posteriores munidos de dois espinhos curtos. Os tarsos posteriores são compridos sendo o primeiro articulo quasi o dobro dos 2.º e 3.º conjunctos no sentido longitudinal.

Eriphosoma bipartitum, Buq. (Icon. Reg. Anim. Ins. 1844, p. 226(*)

Elongatum, nigerrimum, thorace rufo-aurantiaco, maculis duabus, punctiformibus, nigris paulo ante basin

---

(*) O autor forneceu a seguinte descripção:

Eriphus bipartitus, Buq. Tête, antennes, pattes abdomen et extrémité des élytres noirs, Corselet globuleux d'un jaune d'orange, ayant de chaque côté, à l'extrémité, un point noir. Ecusson de cette dernière couleur. Elytres de la couleur du corselet jusqu'au delà du milieu.

Long. 9, l. 3 mill. — Du Brésil.

ornato, elytrorum tertia parte basali, postice valde sinuosa, rufo-aurantica; caput subtiliter punctato-coriaceum, pilis paucis nigris indutum; antennae corpore paulo longiores, subtiliter albo villosae, scapo crebre punctato; thorax globosus, basi apiceque constrictus et anguste transversim sulcatus, densius obsolete punctatus, setisque brevibus, rufis hirtus; scutellum triangulare crebre punctulatum; elytra parallela, basi thorace latiora, paulo ante apicem subarcuatim angustata, apice ipso obliquiter truncato in singulis, angulis, externis breviter lunatis et bidentatis, angulis externis spiniformibus, punctis setigeris asperis regulariter cribata, setis nigris, retro obliquiter erectis; pedes sat fortiter punctati leviterque nigro hirti; corpus subtus leniter punctulato-coriaceum, pilisque albidis, elongatis sat dense hirtum.

var. axillaris n. var. Elytra nigra, plaga oblonga humerali rufo-aurantiaca.

Long. 8-12 mm. 28 ex.

Hab. Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg.

Effectivamente, nenhum dos 28 exemplares de Passa Quatro enviados, corresponde exactamente ao typo descripto por Buquet, visto que a côr de laranja que occupa a parte basal dos elytros não sobrepassa nem alcança o meio dos elytros. O espaço enfeitado com esta côr nos elytros nos exemplares ao meu alcance varia consideravelmente em tamanho, e não duvido se poder encontrar tambem taes que corresponderão perfeitamente ao typo, e por causa disto provavelmente acertei, em relacionar este longicorneo com a especie de Buquet.

Comprido, preto, o prothorax dum rufo-aurantico mostrando porém no dorso e perto da borda posterior dois pontos pretos; a base dos elytros é da mesma côr que o prothorax, porém muito variavel em extensão. A cabeça é subtilmente punctuado-coricaea e munida de escassa pubescencia preta. As antennas são apenas mais compridas que o corpo e subtilmente cobertas com uma pubescencia cinzenta; o primeiro ar-

ticulo antennar é densamente punctuado. O prothorax é globiforme com uma punctuação densa e obsoleta sendo as cerdas rufas curtas e pouco densas. O scutello é de forma triangular e densamente punctuado. Os elytros são mais largos na base que o prothorax, elles são grossa e asperamente punctuados e munidos com cerdas pretas e mediocres e meio erectas. As pernas são mui grossamente punctuadas e ligeiramente vestidas com pellos pretos. Em baixo a punctuação é fina e densa sendo a pubescencia cinzenta bastante comprida e densa.

Eriphosoma barbiellinii, n. sp.

Elongatum, opacum nigrum, elytris singulis vitta humerali a basi ultra medium extensa, flava; caput subtiliter confertim punctatum, vertice atro-velutino, antennae apicem elytrorum paulo superantes, scapo crebre punctato; thorax globosus supra atro-velutinus, dense obsolete punctatus, subtus crebre punctatus et sparsim griseo hirtus; scutellum triangulare, punctulatum; elytra basi thorace latiora, elongata, parallela, apice conjunctim rotundata, apice ipso obliquiter truncato in singulis, angulis externis breviter lunatis et bidentatis, crebre subtiliter punctata, settisque brevibus, pallido-aureis sparsim hirta; pedes sat fortiter punctati leviterque nigro hirti; corpus subtus subtilissime coriaceum pubeque tenui, albo-sericea vestitum.

Long. 9 1/2-11 mm.

1 exemplar de São Sebastião, litoral do Estado de São Paulo, Conde A. Barbiellini leg.; 1 ex. por mim collecionado no Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de São Paulo, no mez de Dezembro, sobre flores.

Esta especie evidentemente mostra certas affinida-

des com o *Eriphus sellatus* Buq. (*), mas, a côr é outra e distribuida de outra maneira.

Comprido, preto, opaco, tendo em cada elytro uma linha recta e bastante larga no hombro até além do meio, de côr flava. A cabeça é fina mas densamente punctuada sendo o vertice dum preto avelludado. As antennas apenas sobrepassam o apice dos elytros sendo o seu primeiro articulo densamente punctuado. O prothorax é globiforme e no dorso dum preto avelludado, em baixo a punctuação é bem densa, a pubescencia cinzenta porém dispersa. O scutello é de forma triangular e punctuado. Os elytros são mais largos na base que o prothorax, densamente punctuados e munidos dispersamente com cerdas de côr de laranja clara. As pernas são bastante grossamente punctuadas e ligeiramente vestidas com uma pubescencia preta. Em baixo a pubescencia é finissmia e densa sendo a pubescencia tenue e de côr branco-sericea.

Dedicado ao Snr. Conde A. Barbiellini que descobriu esta especie.

LAMIINÆ

Pterichtya brasiliensis, n. sp.

Parva, nigreo-brunnea, pilis tenuissimis, palidis, sparsim hirta, fronte vittisque duabus, thoracis utrinque lalateralibus griseo-flavo-tomentosis, elytris punctis duobus pone paulo medium albo-pubescentibus ornatis; caput inter antennas leniter concavum, vertice dispersim punctato; oculis parvis minute granulatis et valde inci-

(*) O auctor, Icon. règ. anim. Ins. 1844, p. 226, forneceu a descripção seguinte:

Eriphus sellatus, Buq. Tête, antennes, corselet, écusson, pattes et dessous du corps noirs. Elytres d'un beau rouge, ayant sur la suture, un peu au-dessous de l'écusson, une large bande noire, qui se rétrecit insensiblemente jusqu'à l'extrémité ou elle se dislate ensuite à gauche et à droite. — Long. 11, l. 3 1/2 mill. — Du Brésil.

sis, genis elongatis; antennae dimidium elytrorum superantes, 11-articulatae, scapo brevi, clavato, punctato, art. 3.º valde elongato, 4.º duplo longiore, ceteris decrescentibus; prothorax subcylindricus, latitudine tertia parte longior, paulo ante apicem leniter transversim sulcatus, dorso punctis grossis profunde et dense impressus; scutellum transversum, apice rotundatum; elytra basi thorace latiora, humeris rotundatis ultra medium usque fere parallela deinde sensim paululum attenuata, apice ipso obliquiter truncato in singulis, angulis suturalibus inermibus, angulis externis valde productis, grosse, profunde inordinatim punctata, punctis posticis obsoletioribus; pedes breves, femoribus subclavatis. Long. 5 1/2 mm.

Hab. 1 ex. em 31-1-15, no Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de São Paulo, colleccionado pelo autor.

Esta especie, a primeira que se assignala do Brasil, deve ter bastante affinidade com *P. furculicauda*, Bates. As manchinhas brancas dos elytros não estão exactamente no meio entre a sutura e a borda externa, mas sim um pouco mais aproximadas á borda externa e collocadas num sulco muito raso e mal distinguivel. Perto do apice e com lente bem forte se percebe em cada elytro mais duas pontinhas formadas por poucos cabellos brancos.

Dum brunneo muito escuro e vestida com uma pubescencia escassa, curta e de côr de cinza, duas linhas na fronte e os lados do prothorax são vestidos com um tomento griseo-flavo sendo cada elytro ornado quasi no meio com uma manchinha formada de pellos brancos. A cabeça é ligeiramente concava entre as antennas sendo o vertice dispersamente punctuado. Os olhos são pequenos, finamente punctuados e fortemente sinuosos na borda anterior. A face é comprida. As antennas sobrepassam o meio dos elytros e são compostas de 11 articulos, o scapo é curto, claviforme e punctuado, o terceiro articulo é fortemente elon-

gado e do dobro do quarto no sentido longitudinal. O prothorax é de forma subcylindrica e seu comprimento é de 1 1/3 de sua largura, um pouco antes da borda anterior elle é ligeira e transversalmente sulcado; o dorso é munido com uma punctuação grossa e densa. O scutello é transverso e com o apice arredondado. Os elytros na base são mais largos que o prothorax sendo os hombros arredondados, elles são quasi parallelos até um pouco além do meio e então fortemente attenuados, o apice de cada elytro é obliquamente troncado sendo os cantos externos fortemente salientes mas os suturaes são inermes. A punctuação dos elytros é grossa, profunda e sem ordem ficando mais obsoleta posteriormente. As pernas são curtas sendo os femora subclavados.

Eupogonius Hagmanni, n. sp.

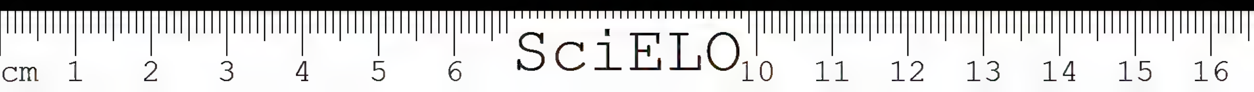
Plumbeo-niger, pube cano-grisea, — linea tenuissima saturali griseo pubescente excepta — mediocriter vestitus, pilis infuscatis erectis et longissimís sat dense intermixtis; caput inter antennas leniter concavum, fronte sulcata, passim punctata, oculis profunde incisis, grosse granulatis, genis brevibus; antennae corpore longiores, 11-articulatae, setis longissimis supra, subtus lateraliterque sat dense hirtae, scapo brevi, obconico, art. 3-4 elongatis, subaequalibus, 5-11 multo brevioribus; prothorax latitudine paulo brevior, mox post basim et antice leviter constrictus lateribus tuberculo minuto paulo ante medium utrinque munitis, dorso passim grosse punctatus; elytra basi thorace sat latiora, parallela, ápice conjunctim rotundata, grosse inordinatim punctata; pedes breves, tibiis mediis haud sinuosis; coxae anticae extus angulatae, prosternali processu angusto, mesosterni processus valde latior, postice emarginatus; acetabula antica postice clausa, media extus aperta; metasternum sat grosse passim punctatum.

Long. 5 1/2 mm.

Hab. 1 ♂ do Bosque da Saude, perto da capital do Estado de São Paulo colleccionado pelo autor, 1 ♀ de Passa Quatro, Sul de Minas, J. F. Zikán leg.

Dum preto-plumbeo, mediocramente vestido com uma pubescencia grsieo-amarellada sendo porém a sutura munida com uma estreita linha côr de cinza; a pubescencia é bastante densamente mesclada com cerdas escuras, erectas e muito compridas. A cabeça é ligeiramente concava entre as antennas, sendo a fronte sulcada e escassamente punctuada. Os olhos são grossamente granulados e fortemente sinuados na borda anterior. A face é curta. As antennas são mais compridas que o corpo, compostas de 11 articulos e bastante densamente munidas com cerdas muito compridas; o scapo é curto e obconico sendo os articulos 3 e 4 alongados e quasi equilongos, os articulos antennares 5-11 são muito mais curtos. O prothorax é apenas mais curto que largo, perto das bordas anterior e posterior elle é ligeiramente restringido e munido em cada lado um pouco antes do meio com um tuberculo pequeno; o seu dorso é escassamente munido de pontos grossos. Os elytros são bastante mais largos na base que o prothorax, elles são parallelos e conjunctamente arredondados no apice, a punctuação é grossa e irregular. As pernas são curtas sendo as tibias entremeiadas sem sino na borda externa. As coxas anteriores são angulada exteriormente. O processo prosternal é estreito, o processo mesosternal porém é muito mais largo e sinuoso posteriormente. A cavidade coxal anterior é fechada posteriormente, a cavidade coxal entremeiada é aberta lateralmente. O metasterno mostra uma escassa punctuação grossa.

Dedicado ao conhecido zoologo Snr. Dr. G. Hagmann de Santarém.



Aerenea apicalis, n. sp.

Brunneo-nigra, pube flavo-grisea subtiliter tecta, setis dispersis et longioribus interspersis, antennarum art. 3-5 medio et apice, 6-11 basi et apice flavo-griseo annulatis elytrorum quarta parte apicali fasciaque marginali, ante medium sita, flavo-tomentosis, brunneo-nigro variegatis, tarsis griseo-tomentosis; caput amplum, haud punctatum, frons plana, genis mediocribus, oculis profunde incisis, grosse granulatis; antennae ♂ corpore longiores ♀ apicem abdominis vix superantes, scapo brevi, clavato, art. 4 tertio longiore, ceteris decrescentibus, 11-articulatae, subtus sparsim ciliatae; prothorax transversus, utrinque unispinosus, basi leviter coarctatus, supra obsolete, trituberculatus, haud punctatús; scutelum transversum, apice rotundatum; elytra ampla, subtriangularia, supra ad humeros prominula et retrorsum producta, apice truncata, irregulariter subseriatim punctata, punctis postice obsoletioribus, basi usque ad medium tuberculis parvis interspersis; pectus flavo-pubescens, haud punctatum; abdomen pube rara, flavida obnubilatum; pedes breves, femoribus valde clavatis; mesosterni processus antice valde tuberculatus et abrupte declivis.

Long. 7-7 1/4 mm., lat. 3 3/4 mm.

Hab. 2 ♂ de Mar de Hespanha, Estado de Minas Geraes, J. F. Zikán leg., 1 ♀ do Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de São Paulo, colleccionada pelo autor.

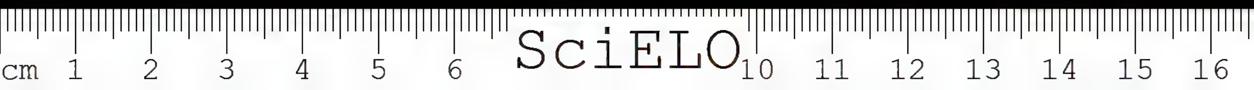
Dum brunneo muito escuro, vestida com uma fina pubescencia flavo-grisea mesclada com cerdas mais compridas, os articulos 3-5 das antennas no meio e no apice os 6-11 na base e no apice munidos com um annel de pellos flavo-griseos; a quarta parte posterior dos elytros assim como uma faixa curta perto da borda exterior e um pouco aquem do meio dum tomento flavo deixando porém algumas manchinhas dispersas nuas;

os tarsos são cobertos com um tomento griseo. A cabeça é larga e sem punctuação, a fronte é plana e a face de tamanho medio. Os olhos são grossamente granulados e fortemente sinuosos. As antennas do macho sobrepassam francamente as da femea apenas o apice dos elytros, sendo o scapo curto e clavado, ellas são compostas de 11 articulos e ligeiramente ciliadas em baixo, o quarto articulo antennar é mais comprido que o terceiro diminuindo os restantes gradualmente. O prothorax é transversal e em cada lado no meio armado com um espinho, sendo o dorso punctuado porém munido com tres tuberculos obsoletos. O scutello é transversal com o apice arredondado: Os elytros são largos e de forma subtriangular sendo o hombro de cada munido de um pequeno tuberculo cuja ponta está saliente posteriormente sendo a mesma da base até cerca do meio mesclada com pequenos tuberculos, o apice dos elyrtos é troncado. O metasterno é coberto com uma pubescencia flava sendo a punctuação nulla. As pernas são curtas sendo os femora fortemente clavados. O processo mesosternal anteriormente mostra um tuberculo grande e uma declividade abrupta.

Aerenea subnuda, n. sp.

(Aerenea brunnea, Thoms. ?. Physis II. 1868, p. 96.)

Brunneo-nigra, subnuda vel tenuissime flavo-griseo vestita, setis dispersis et longioribus interspersis, antennarum art. 3-4 medio et apice, 5-11 basi et apice, femoribus apice, tibisque medio flavo-griseo annulatis, thoracis dorso (in medio puls minusve denudato) et lateralibus dense flavo-griseo tomentosis, elytrorum maculis sex flavo-griseo tomentosis, duabus submarginalibus paulo ante medium et punctiformibus, duabus maioribus et submarginalibus post medium, duabus linearibus, subapicalibus, suturae valde aproximatae; tarsis cinereo tomentosis; caput amplum, haud punctatum, frons plana,



genis mediocribus, oculis profunde incisis, grosse granulatis; antennae ♂ corpore longiores, ♀ apicem abdominis leniter superantes, subtus laxe ciliatae, scapo brevi, clavato, art. 3.º subaequali, 4.º praecedente et sequente longiore; prothorax transversus, utrinque unispinosus, supra trituberculatus, punctis paucis conspersus, scutellum apice rotundatum; elytra ampla, apice truncata, basi punctis magnis, asperis dense cribata, punctis postice obsoletioribus; corpus subtus tenuiter flavo-griseo pilosum; pedes breves, femoribus valde clavatis; mesosterni processus antice valde tuberculatus et abrupte declivis.

Long. 9 1/4-10 1/2 mm., lat. 4 1/2-5 mm.

Hab. 1 ♂ e 1 ♀ de Assis, Estado de São Paulo, O. Neumann leg., 1 ♂ de Campinas, Estado de São Paulo, A. Merbach leg., 1 ♀ de Piracicaba, Estado de São Paulo, G. Bondar leg.

E' bem provavel que esta especie seja identica á A. brunnea, de Thomson. Do exemplar que servio para compor a sua descripção, Thomson avisa: «Vestimentum quasi abest», dando assim uma idéa muito imperfeita deste longicorneo. De outro lado, esta descripção em muitos pontos harmonsia com os exemplares que me serviram para esta diagnose, e vêm dahi as minhas duvidas.

Dos quatro exemplares, somente um mostra o tegumento como acima indicado, emquanto os outros têm os elytros — exceptuando as manchas, — e em parte as antennas, as pernas quasi completamente glabras, e é talvez devido á sua vdia esconderija que os fazem perder com certa facilidade este vestido.

Dum brunneo muito escuro, coberto com uma pubescencia finissima dum flavo-griseo, vestimento este, porém, que pode faltar mais ou menos e que se perde, como parece, com uma facilidade relativa, sendo a mesma mesclada com cerdas mais compridas; as antennas teem os articulos 3 e 4 no meio e no apice

os 5-11 na base e no apice munidas de um annel de pellos flavo-griseos; os femora no apice e as tibias no meio mostram uma pubescencia identica. O prothorax no dorso, — sendo porém o meio mais ou menos desprovido desta pubescencia, — e nos lados é densamente coberto com um tomento flavo-griseo; em cada elytro existem tres manchas dum tomento flavo-griseo assim distribuidas: uma em forma de ponto perto da borda lateral e um pouco aquem do meio, a segunda tambem perto da borda externa porém maior e um pouco além do meio e a ultima linear perto do apice e da sutura sendo parallela a esta; os tarsos são vestidos com um tomento cinereo. A cabeça é larga e sem punctuação sendo a fronte plana e a face de tamanho medio. Os olhos são grossamente granulados e fortemente sinuosos na borda anterior. As antennas do macho sobrepassam francamente as da femea apenas o apice dos elytros sendo ellas subtilmente ciliadas em baixo; o scapo é curto e clavado e de cerca do mesmo comprimento que o terceiro articulo, o quarto articulo é mais comprido que o terceiro assim como o quinto. O prothorax é transversal sendo cada lado no meio munido com um espinho regular, o seu dorso mostra tres tuberculos e uma punctuação escassa. O scutello é transverso com o apice arredondado. Os elytros são largos sendo o apice troncado, sua punctuação na base é grossa, densa e aspera, ficando a mesma mais obsoleta posteriormente, Em baixo o corpo mostra uma pubescencia fina. As pernas são curtas sendo os femora fortemente clavados. O processo mesosternal está anteriormente munido com um tuberculo valido e abruptamente declivado.

Aerenea flavolineata, n. sp.

Brunneo-nigra, supra opaca, pube flavida vestita, setis dispersis et longioribus interspersis, lineis duabus frontalibus in scapo continuatis elytrorumque lineis tri-

bus in singulis, transversis et recurvis flavo-tomentosis; caput amplum, sparsim punctatum, fronte plana, genis mediocribus, oculis profunde incisis, grosse granulatis; antennae apicem elytrorum haud attingentes, 11-articulatae, villosae, subtus laxe ciliatae, scapo brevi, clavato, art. 3.º subaequali, 4.º praecedente et sequente longiore; prothorax transversus, utrinque unispinosus, supra grosse et disperse punctatus; scutellum apice rotundatum; elytra latitudine baseos duplo longiora, subparallela, apice conjunctim rotundata, sat dense grosseque punctata, utrinque lineis tribus transversis instructa, prima pone scutellum incipiente et ad humeros recurva, secunda paululo ante medium sita et 1 parallela, tertia post medium et 2 parallela; pectus subtiliter flavo-pubescens et sparsim grosse punctatum; abdomen subglabrum; pedes breves, femoribus clavatis; mesosterni processus antice valde tuberculatus et abrupte declivis.

Long, 9 3/4 mm. lat. 4 1/4 mm.

Hab. 1 ♀ de Santo Anastacio, Estado de São Paulo, O. Neumann leg.

Esta especie differe um pouco das outras pela forma mais delgada e mais parallela, e pelo comprimento das antennas, que não alcançam o apice dos elytro.

Dum brunneo muito escuro, coberta com uma pubescencia flava sendo esta mesclada com cerdas mais compridas; duas linhas na fronte que prolongam no respectivo scapo e em cada elytro tres linhas parallelas e recurvadas são dum tomento mais clavo. A cabeça é larga com uma punctuação escassa, a fronte é plana, sendo a face de tamanho medio: Os olhos são grossamente granulados e a borda anterior fortemente sinuosa. As antennas não alcançam o apice dos elytros, ellas são compostas de 11 articulos, munidas com tomento e ligeiramente ciliadas em baixo; o scapo é curto, clavado e de cerca do mesmo comprimento que o terceiro articulo, o quarto articulo é mais comprido que o terceiro assim como o quinto. O prothorax é

transversal é munido com um espinho no meio de cada lado sendo seu dorso munido com uma punctuação grossa e dispersa. O scutello é transverso com o apice arredondado. O comprimento dos elytros é duas vezes a largura da base dos mesmos, elles são subparallelos sendo o apice conjunctamente arredondado, sua punctuação é bastante densa e grossa e as tres linhas claras são assim distribuidas: a primeira começa um pouco por baixo do scutello e segue directamente ao hombro, a segunda nasce um pouco aquém do meio e está parallela á primeira e a terceira principia além do meio, percorrendo parallela á segunda. O metasterno é ligeiramente vestido com uma pubescencia flava e mostra uma escassa punctuação grossa. As pernas são curtas sendo os femora clavados. O processo mesosternal é fortemente tuberculado e terminado anteriormente em abrupte declive.

Oncideres Bondari, n. sp.

Parva, cylindrica, ochraceo-griseo pubescens, prothorace utrinque tuberculo minutissimo nigro instructo, supra maculis 5 nudis ornato, elytris basi tuberculis grossis instructis deinde maculis numerosis brunneis, rotundatis et denudatis ornatis; caput amplum, inter antennas ♂ mediocriter ♀ vix concavum, fronte subplana, longitudinaliter sulcata, oculis profunde incisis, grosse granulatis; lobo inferiore elongato, genis brevibus; antennae ♂ corpore fere duplo longiores, ♀ apicem abdominis superantes, villosae, subtus laxe fimbriatae; prothorax transversus, cylindricus; scutellum apice rotundatum; elytra basi thorace latiora, cylindrica, apice conjunctim rotundata, basi nigro-nitido tuberculata, humeris nudis, nitidis; pedes robusti, breves, femoribus clavatis, griseo-pilosis.

1 ♂ Long. 8 1/2 mm., lat. 2 3/4 mm., 2 ♀ Long. 10 1/2-12 mm., lat 3 1/2-4 1/4 mm.

Hab, Piracicaba, Esatdo de S. Paulo, G. Bondar leg.

Esta especie mostra certas affinidades com O. stillata, Auriv., tendo o prothorax o mesmo formato mas de outra côr e além disto a especie de Aurivillius foi assignalada da Bolivia.

Pequena, de forma cylindrica, vestida com uma pubescencia dum ochraceo-griseo; o prothorax é munido em cada lado com um tuberculo muito pequeno de côr preta sendo o seu dorso ornado com cinco manchas glabras transversaes da mesma côr. Os elytros na base são munidos com os tuberculos grossos e glabros, typicos a muitas especies deste genero, seguidas de numerosas manchinhas glabras, redondas e de c;r castanha. A cabeça é larga e no macho entre as antennas, mediocremente concava, sendo esta concavidade apenas perceptivel na femea.. A fronte é subplana e sulcada longitudinalmente. Os olhos são grossamente granulados e fortemente sinuosos na borda anterior sendo a parte inferior alongada; a face é curta. As antennas do macho têm quasi o dobro do corpo no sentido longitudinal, as da femea sobrepassam o apice do abdomen, ellas são vestidas com tomento ligeiramente fimbriadas em baixo. O prothoraz é transversal e de forma cylindrica. O scutello tem o apice arredondado. Os elytros na base são mais largos que o prothorax, de forma cylindrica, sendo o apice conjunctamente arredondado, os tuberculos da base são pretos e lustrosos, os hombros são glabros e lustrosos. As pernas são robustas, curtas e vestidas com uma pubescencia grsiea sendo os femora clavados.

Stethoperma Zikani, n. sp.

Brunneo-nigra, elytris rufescentibus, flavescente-griseo pubescens, antennis, abdominis medio, elytrorum punctis numerosis irregularibus denudatis; caput elongatum, pube flavescente-grisea, tectum, lineis tribus fron-

talibus, una verticis, temporibusque tribus denudatis nigris, tuberibus antenniferis fere contiguis, intus in lobulos erectos productis; oculis parvis, minute granulatis et valde incisis, genis elongatis; antennae ♂ corpore fere duplo longiores, ♀ apicem abdominis superantes, subtus basi ciliatae; prothorax subcylindricus, latitudine haud longior, lateribus recttis, haud tuberculatis, supra punctis nigris dispersim impressus; scutellum apice rotundatum; elytra basi thorace latiora et recte truncata, ab humero ad apicem attenuata, apice ipso conjunctim rotundata, humeris nudis, nitidis, vix productis, irregulariter punctata; pedes breves, femoribus incrassatis, acetabula antica postice clausa, acetabula media extus hiantia; prosterni processus angustus, mesosterni processus sat latior, antice abrupte declive.

Long. 10-11 1/2 mm. lat. 3-3 1/4 mm.

Hab. 1 ♂ e 1 ♀ de Passa Quatro, Sul de Minas, J. F. Zikan leg.

Esta é a quarta especie deste genero, todas brasileiras e facilmente distinguivel pela côr e pela punctuação.

Dum brunneo muito escuro, os elytros rufos, vestido com uma pubescencia flavo-grisea ficando as antennas, uma faixa longitudinal no meio do abdomen, tres linhas na fronte, uma no vertice e tres em cada fonte glabras. A cabeça é comprida sendo os tuberculos antennares quasi conjunctos e além disto salientes internamente em um pontinho erecto. Os olhos são pequenos, finamente granulados e fortemente sinuosos na borda anterior; a face é comprida. As antennas do macho têm quasi duas vezes o comprimento do corpo, as da femea sobrepassam o apice do abdomen, sendo ellas na base e em baixo ciliadas. O prothorax é subcylindrico, o seu comprimento não é maior do que a sua largura, os lados são desprovidos de tuberculos e completamente rectos sendo o dorso dispersamente

munido com pontos pretos. O scutello tem o apice arredondado. Os elytros, punctuados sem ordem, na base são mais largos que o prothorax, elles são gradualmente attenuados posteriormente, sendo o apice conjunctamente arredondado, os seus hombros são glabros e apenas salientes. As pernas são curtas sendo os femora engrossados. A cavidade coxal anterior é fechada posteriormente e a entremeiada é aberta lateralmente. O processo prosternal é estreito, bastante mais largo e bruscamente declivo anteriormente.

Apresento aqui um desenho das seguintes especies:

Smodicum gracile.
Metopocoilus picticornis.
Hamaticherus Garbei.
Hamaticherus testaceicornis.
Coleoxestia sobrina.
Coleoxestia semipubescens.
Nyssicostylus Aurivillii.
Hephaestion Zikani.
Atelopteryx compsoceroides,
Ommata laticornis.
Cosmisoma Taunayi.
Callideriphus grossipes var. brasiliensis
Eriphosoma bipartitum.
Eriphosoma Barbiellinii.
Pterichtya brasiliensis.
Eupogonius Hagmanni.
Stethoperma Zikani.

Estampa I

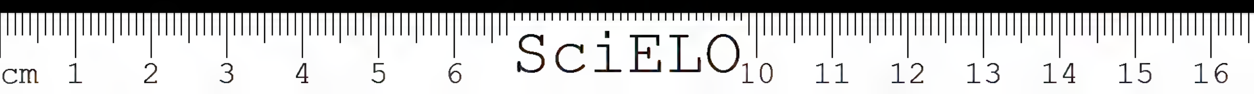




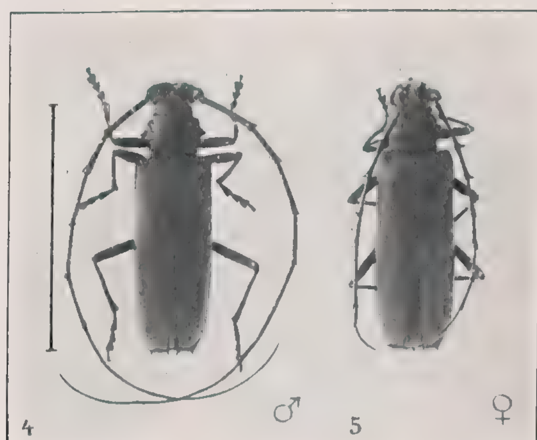


RUD. FISCHER, del.

1. Smodicum gracile. 2. Pterichtya brasiliensis.
3. Metopocoilus picticornis.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Estampa 11





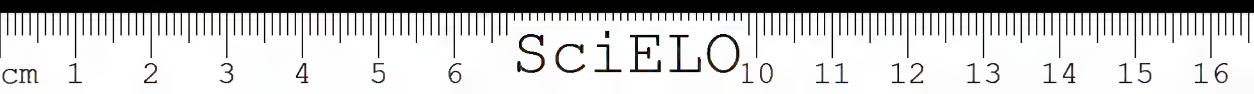
RUD. FISCHER. del.



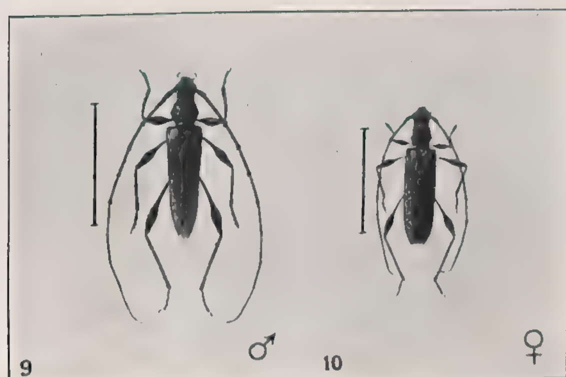


4. e 5. Hamaticherus Garbei. 6. Hamaticherus testaceicornis.

7. Coleoxestia sobrina. 8. Coleoxestia semipubescens.


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

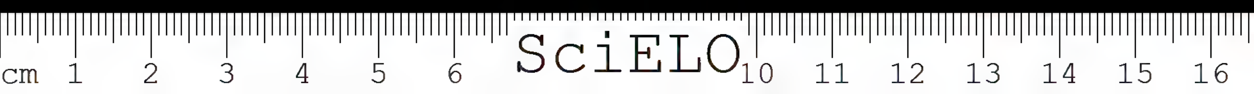
Estampa III





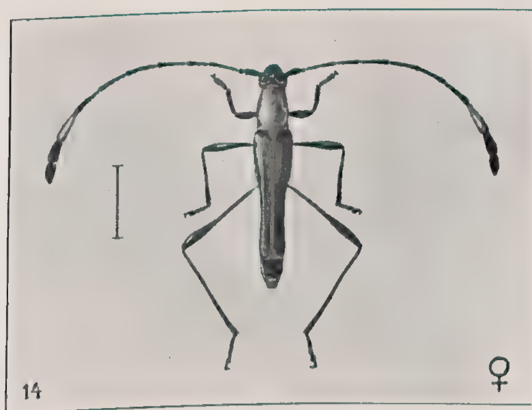
RUD. FISCHER, del.

9. e 10. Nyssicostylus Aurivillii. 11. Hephaestion Zikani
12. Atelopteryx compsoceroides, Lacord.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Estampa IV

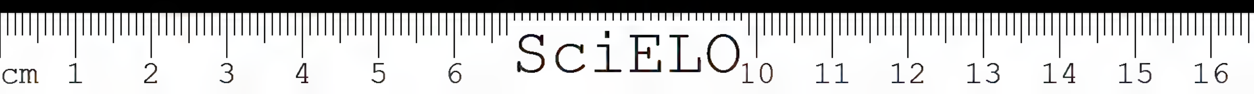




RUD. FISCHER, del.

13. Callideriphus grossipes, Blanch., var. brasiliensis

14. Ommata laticornis


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Estampa V

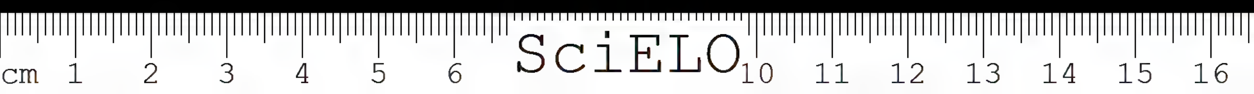




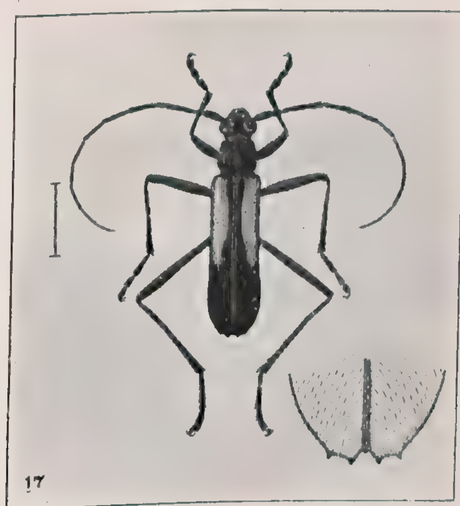
RUD. FISCHER, del.

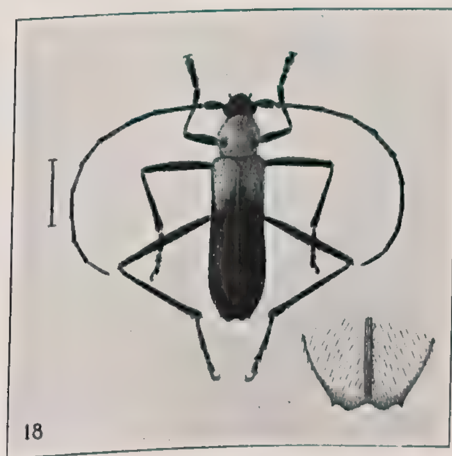
15. Cosmisoma Taunayi

16. Oncideres Bondari


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

Estampa VI

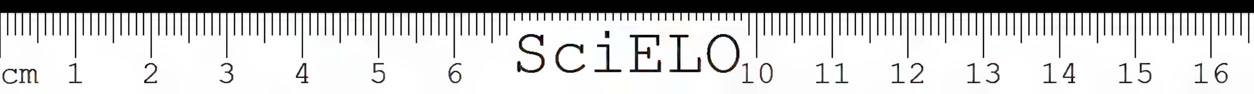




RUD. FISCHER, del.

17. Eriphosoma Barbiellinii

18. Eriphosoma bipartitum, Buq.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Estampa VII

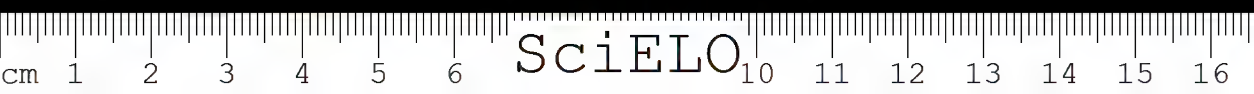




RUD. FISCHER, del.

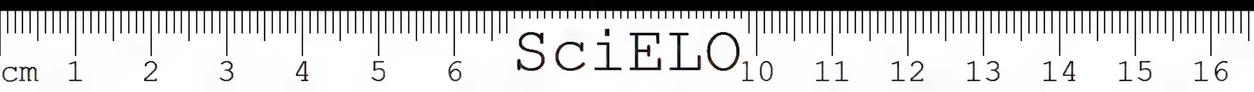
19. Eupogonius Hagmanni

20. Stethoperma Zikani



Charles H. T. Townsend, Ph. Dr.

Synopse dos generos muscoideos da região humida tropical da America, com generos e especies novas.



Synopse dos generos muscoideos da região humida tropical da America, com generos e especies novos

por

CHARLES H. T. TOWNSEND, PH. DR.
Itaquaquecetuba, Estado de S. Paulo

Nesta synopse se encontram todos os generos muscoideos (*) até agora conhecidos nas partes humidas da America tropical abaixo do nivel de 7.500 pés. A região comprehende as quatro zonas tropicaes, chamadas florestas de chuva baixa e alta e montanha humida baixa e alta, da America do Norte, America Central e America do Sul, incluindo-se ahi as Antilhas e Florida do Sul. O mappa annexo mostra a região em côr verde. Esta é a região *Neotropical* do reino biogeographico NEOBIOTAL, mostrado no systema novo da classificação de biogeographia estatica do mundo acompanhando o mappa.

Os altos Andes com outras serras e taboleiros altos e a costa arida do occidente não estão incluidos.

(*) A superfamilia Muscoidea abrange só a serie velha das moscas calyptratas excluidas as Anthomyiidas; estas ultimas formam uma superfamilia atypica bem contrastada. As formas calyptratas que possuem ou cerdas ou pêlos hypopleuraes ou pteropleuraes, ou ambos, são muscoideas. As formas em que estes pêlos faltam completamente são anthomyiodeas. Assim os generos *Muscina* RD, *Clinopera* Wp e *Phasiophana* BB não são muscoideos. — C. H. T. T.

Isso tudo pertence á fauna extratropical ou arida. Muitas formas da região *Neotemperada* passam até chegar á região *Austro-temperada,* seguindo as cordilheiras dos Andes e das outras serras.

Os generos seguidos por (e) ainda não eram conhecidos no Brasil.

Para facilitar o uso da synopse, organisei ao fim uma chave com a qual se pode achar o começo na synopse propria.

Depois da synopse seguem as descripções das especies novas que são os genotypos dos generos novos, arranjadas alphabeticamente por generos.

Para não repetir muitas vezes, na synopse e nas descripções das especies novas, termos anatomicos mais ou menos compridos, substitui abreviações que são explicadas no fim.

Tambem dou explicação das abreviações, dos autores, dos generos e das especies.

Umas photographias dos habitats em São Paulo completam a obra. As especies novas que têm por localidade Itaquaquecetuba, com muitas outras, foram apanhadas nos habitats mostrados nas photographias.

Si qualquer mosca muscoidea encontrada no Brasil não concorde com qualquer genero na synopse, pode ser considerada como forma nova, ou então ha uma vaga possibilidade de ser ella identica com uma das formas extralimitaes.

Synopse Propria

1—St e frs ausentes, quando muito havendo só pêlos no seu lugar......2

Ou st ou frs presentes, ou ambas bem desenvolvidas.......10

2—M1 ausente, mesmo na margem da aza; 5R incompleta... GASTEROPHILUS Lch

M1 sempre presente, pelo menos na margem; 5R completa......3.

3—Abd muito piloso.....4.
Abd só com pêlos curtos ou microch.....5.

4—Fr muito proeminente; ep largo; 5R quasi fechada pouco antes do apice da aza; segsint alongados........PSEUDOGAMETES Bsch.
Fr moderadamente proeminente; ep estreito; 5R inteiramente aberta bem antes do apice; segsint não alongados.........XYLOCOPODES TT gn (Gt, *Musca semiatra* W, Aussereur. Zweifl. 421).

5—Plp presentes, em fórma de pequenos botões...... OESTRUS L
Plp totalmente ausentes....6

6—Carfc ausente......DERMATOBIA B
Carfc presente.......7

7—Ar núa.........ROGENHOFERA B
Ar pl.......8

8—Ep equilateral; cova antennal subcircular......BOGERIA A
Ep alargando-se para cima; cova antennál extendida em baixo numa prolongação attenuada.......9

9—Fórma como *Bombus;* abd mais largo que o thx..... CUTEREBRA C
Fórma subquadrada vista de cima; abd e thx de igual largura..ATRYPODERMA TT

10—Espiraculo posterior do thx com valvula reniforme pilosa que tem abertura no meio da margem superior.....11
Não assim..........12

11—Clypeo curto e largo; azas não alargadas....MESEMBRINELLA GT
Clypeo comprido e estreito; azas largas.....HUASCAROMUSCA TT (e)

12—Hypls ausentes, quando muito presentes só pêlos fracos.....13
Hypls fortes......23

13—Ar 2x o comprimento das ant e pub na b.......REINWARDTIA BB (e)
Ar não extraordinariamente comprida......14

14—Ar núa....SYNTHESIOMYIA BB
Ar ou pl ou pect.....15

15—Prob comprida e delgada; haust inchado na b; lb modificadas para chupar sangue......16
Prob curta e grossa.....17

16—Plp apenas 1/2 do comprimento do haust.....STOMOXYS Gff
Plp extendendo-se quasi á extremidade do haust em flexão.... LYPEROSIA R (e)

17—Abertura da 5R egual á largura da cellula... MESEMBRINELLOPSIS TT gn (Gt, *M. mima* TT spn)
Abertura da 5R muito mais estreita que a cellula...18

18—Cub repentinamente dobrado.....PROMUSCA TT
Cub eguálmente curvado......19

19—Clypeo convexo; carfc presente mas fraca.....GRAPHOMYA RD
Clypeo concavo; carfc ausente....20

20—Ar pect......HEMICHLORA Wp
Ar pl.....21

21—Azas manchadas......PARAPYRELLIA TT
Azas totalmente hyalinas....22

22—Sem pêlos hypls; côr brilhantemente metallica.... MORELLIA RD
Pêlos hypls curtos presentes; côr mui vagamente

metallica... SARCOPROMUSCA TT gn (Gt, *S. arcuata* TT spn)

23—Macroch abd faltando, quando muito havendo só pêlos que apenas se differenciam das microch......24
Pelo menos macroch curtas ou fracas mas bem differençaveis na margem posterior do 4seg....35

24 -Vibr compridas e enc., pouco acima do nom; ep curto; 5R com pec comprido, o qual é quasi 2x a Ml.......EUSCOPOLIOPTERYX TT
Vibr quando muito apenas reunindo-se nas pontas.....25

25—Ep curto; Ml ausente; M3 perto da R6...BEZZIMYIA TT (e)
Ep alongado; Ml presente; M3 bastante isolada da R6......26

26—Frs numa tira de pêlos descendo por baixo da ba...ALOPHORELLA TT
Frs terminando na ba........27

27—Fórma, côr e padrão das azas taes como em *Plecia*.....BIBIOMIMA BB.
Não imitando *Plecia*.....28

28—Tibp não cil......29
Tibp cil com cr achatadas; vrs interiores ausentes, as occips no seu lugar.....31

29—Vrs interiores ausentes....ACAULONA Wp (e)
Vrs interiores presentes......30

30—5R aberta, fechada ou fracamente pec, o pec nunca mais comprido que a R6......GYMNOCLYTIA BB
5R fortemente pec, o pec pelo menos tão comprido como a M3...ALOPHORELLOPSIS TT gn (Gt, *A. capitata,* TT spn)

31—Azas pretas ou escuras só nos 2/3 exteriores da

largura, o 1/3 interior da laz hyalino em toda a extensão; abd subcylindrico..32

Azas sem bordo interior hyalino de 1/3 da laz em toda a extensão; abd do ♂ achatado.......33

32—Frlia muito alargadas anteriormente; tibp fortemente cil por inteiro.......POLISTOMYIA TT (e)

Frlia quasi equilateraes; tibp fracamente cil na 1/2 terminal...PENNAPODA TT (e)

33—5R com pec do comprimento da R6; bordo interior hyalino no 1/3 b ao 1/4 terminal da laz....... EUTRICHOPODA TT

5R quando muito apenas pec; bordo interior hyalino jamais excedendo o 1/5 da laz......34

34—Presc e postsc de comprimento egual; abd da ♀ fortemente cylindrico......TRICHIOPODA Lt

Presc distinctamente mais curto que o postsc; abd da ♀ ovato-comprido achatado.....TRICHOPODOPSIS TT.

35—Fórma e villosidade imitando *Scatophaga;* abd, fem e tibias anteriores e intermediarios vestidos com pello lanuginoso curto; macroch abd presentes sómente na margem posterior do 4seg....TRICHARAEA T

Não imitando *Scatophaga;* pelo menos os 2 ultimos segs com macroch curtas ou fracas......36

36—Pleura com pilosidade plumosa.....37

Pleura sem tal pilosidade.....40

37—Par de mm. no 2seg......LESKIOPSIS TT

Sem mm nos 2 segs anteriores...38

38—Pfclia quasi ttão largas como a 1cl...COMATACTA Cq

Pfclia sómente tão largas como as fclia...39

39—M3 muito proxima ao cub......TELOTHYRIA Wp

M3 no meio ou ligeiramente mais perto á R6...... THEREUOPS BB

40—Haust do typo corneo-delgado e conspicuamente setoso; ou, si não, o habitus é o dos *Leskiini;* fórma alongada e bem estreita,,,,,,41
Haust não assim, si corneo-delgado é praticamente liso e glabro ou a fórma é grossa; sem o habitus dos *Leskiini*,,....57

41—Olhos pilosos......42
Olhos nús........44

42—Sem md nos segsint...PROLESKIA TT gn (Gt, *P. hirta* TT spn)
Com md nos segsint......43

43—Ocs precisamente divergentes......NEOTRAFOIA TT (e)
Ocs muito proclinadas.....NEOSOLIERIA TT gn (Gt, *N. nasuta,* TT spn) (e)

44—Haust mais que 2x a acb......45
Haust quando muito não mais que 1 e 1/2 a acb....46

45—Ar núa; 3ant não mais que 1 e 1/2x o 2ant; bch 1/5 do co; prob curvada para traz, quasi tão comprida quanto basta para attingir a extremidade do abd......TROCHILOGLOSSA TT
Ar com pub alongada; 3ant pelo menos quasi 3x o 2ant; bch pelo menos 1/4 do co; prob mais curta.....TROCHILOLESKIA TT

46—R1 cr até a extremidade...47
R1 núa.......51

47—Plp tão compridos como o 3ant; sem mm nos 2 segs anteriores.....48
Plp 2x o 3ant.....49

48—2 pra; arbs curtos; unhas do ♂ alongadas..... LESKIOMIMA BB

Sem pra; 2ar alongado; unhas do ♂ curtas.......
XEOPROSOPA TT (e)

49—Plp alargados e espatuliformes; ♂ com pfro e unhas curtas.....DEJEANIOPALPUS TT
Plp cylindricos; ♂ sem pfro e com unhas alongadas......50

50—Ocs fortes; 2 rfro; sem mm no 1seg; haust não mais comprido que a acb... GENEA R
Ocs mui fracas, vestigiaes; só 1 rfro; par de mm no 1seg; haust muito mais comprido que a acb... GENEOPSIS TT gn (Gt, *G. major)* TT spn)

51—Sem mm nos 2 segs anteriores.......52
Par de mm no 2seg.......53

52—R5 cr sómente na b; 3 st....SIPHOACTIA TT gn
R5 cr até a R6; 2 st.....BESKIOLESKIA TT (e)
(Gt, *S. charapensis* TT spn) (e)

53—Plp quasi tão compridos como o haust, espatuliformes na ♀ e pelo menos alargados no apice no ♂.....LESKIOPALPUS TT
Plp claviformes curtos ou filiformes alongados, não achatados nem alargados no apice si são alongados......54

54—R5 cr 1/2 da ditancia até a R6; com aps encr minimas...SIPHOCLYTIA TT (e)
R5 cr só na b; sem aps........55

55—3 pi e 2 pra; com ds; vrs interiores desenvolvidas no ♂.....EUMYOBIA TT (e)
2 pi e 1 pra; sem ds; vrs interiores não differenciadas no ♂...56

56—Ba perto do nmo; plp filiformes grossos; 3ant apenas 3x o 2ant; bch quasi 1/3 do co na ♀.......
STOMATODEXIA BB
Ba bem acima do nmo; plp filiformes muito del-

gados; 3ant 4 até 6x o 2ant; bch 1/5 do co na ♀....METAMYOBIA TT gn (Gt, *M. filipalpis* TT spn)

57—Frs acabando precisamente ou praticamente na ba, a cr anterior não avançada além da mesma á menos que segue a margem das frlia, e as duas fileiras frontaes não divergentes anteriormente...58

Frs pelo menos avançando 1 cr além ou por baixo da ba, e as fileiras frontaes divergentes anteriormente.......186

58—Cara e especialmente fr do typo pronunciado de Promusca; remigio microscopicamente cil no lado interior em cima....59

Cara e fr não de tal typo; remigio não cil.....62

59—Sq núas; ep não conspicuamente estreitado pelos va......60

Sq pilosas na 1/2 anterior; ep conspicuamente estreitado pelos va....61

60—3ant não mais que 4x o 2ant; fr da ♀ 1/3 da lcb; sem pfro ♂ ♀.....CHLOROPROCTA Wp (e)

3ant pelo menos 6x o 2ant; fr da ♀ 1/5 da lcb; 2 pfro ♀.....HEMILUCILIA B

61—Plp curtos, subfiliformes, não espessos no apice.... COCHLIOMYIA TT.

Plp alongados e alargados no apice.....COMPSOMYIOPS TT

62—Vibr ausentes ou vestigiaes.......63

Vibr sempre bem differenciadas.....64

63—Fclia não setosas; triangulo ocellar extendido até a lunula; primeiro segmento do hyp da ♀ munido ventralmente com um simples apppendice ou processo cylindrico......ANCYLOGASTER Bg (e)

6 Fclia largas e achatadas, uniformemente setosas;

triangulo ocellar normal..XYSTOTRIXA TT gn (Gt, *Tachina anthracina* W, Aussereur, Zweifl. Ins. II, 324-5).

64—Corpo e azas inteiramente pretos como azeviche, só a cara brilhantemente dourada e as sq branquinhas.....HERMYA RD
Côr não assim......65.

65—Sem vrs interiores, no seu logar as occips curtas; 6 segs na ♀ e 5 no ♂.....66
Sempre com vrs interiores.....73

66—Tibp cil com cr achatadas.....67
Tibp não cil......70

67—Sem mm no 1seg; 3 ps.....CYLINDROPHASIA TT
Par de mm no 1seg; 2 ps........68

68—Presc muito mais curto que o postsc; 2 st......SYRINGOSOMA TT
Presc e postsc quasi eguaes; 3 st.......69

69—5R aberta; ♂ azas expandidas no angulo anal..... HOMOGENIA Wp
5R fechada; ♂ azas alongadas e estreitas sem expandir-se......EUOMOGENIA TT (e)

70—Sq estreitas e arredondadas para traz; 5R com pec egual á R6,...XANTHOMELANODES TT
Sq alargadas subquadrangularmente para tráz; 5R quando muito apenas pec....71

71—Par de mm no 1seg; 2 st...ITAXANTHOMELANA TT gn (Gt, *I. grandis* TT spn).
Sem mm no 1seg; 3 st.......72

72—Presc mais curto que o postc; 2 ps....EUACAULONA TT
Presc e postsc quasi eguaes; 3 ps.....XANTHOMELANOPSIS TT

73—5 segs visiveis de cima no ♂ e ♀; ar núa; azas extendendo-se quasi até a extremidade do abd (*Icelia* incerta)........74

4 segs visiveis de cima no ♂ e ♀; ou si 5, ou ar pl ou azas muito mais curtas que o abd (*Argyromima* incerta)......79

74—Abd praticamente de largura uniforme, estreito, não alargado no meio...75

Abd distinctamente alargado no meio.....76

75—Cub quasi uniformemente curvado como em *Phasia* PHASIOCYPTERA TT gn (Gt, *P. punctata*, TT spn)

Cub angular e com tronco curto ou appendice... CATOCYPTERA TT gn (Gt, *C. brasiliana* TT spn)

76—5R aberta.......ICELIA RD

5R fechada e com pec comprido.....77

77—M3 mais perto da R6; abd ovato curto......VANDERWULPELLA TT (e)

M3 distinctamente mais perto do cub; abd alongado e estreito...78

78—2 st, pi e ls; ♀ vnt no 2seg com processo tumido munido de espinhas curtas........APINOCYPTERA TT (e)

1 st, pi e ls; sem processo espinhoso no vnt da ♀.....MELANOCYPTERA TT gn (Gt, *M. carinata* TT spn)

79—5R com pec comprido e terminado na exa......HYALOMYODES TT

5R fortemente pec e terminando bem antes da exa.... EUTHERA Lw

5R quando muito apenas pec.....80

80—Ep cortado justamente acima ás vibr...JOHNSONIA Cq (e)

Ep cortado no nv ou justamente por baixo das vibr e não continuo com a membrana oral em baixo.......81

Ep distinctamente alongado por baixo do nv ou pelo menos com continuação membranosa em baixo.......134

81—Ar núa ou quando muito com pub curta......82

Ar com pub alongada até pl alongada,,,,,,98

82—Segsint com md pelo menos um ou outro.....83

Sem md nos segsint.....90

83—R5 cr até um ponto além da R6.....NEPHOCHAETONA TT (e)

R5 cr só na b....84

84—Olhos nús.....85

Olhos pilosos...86

85—Ar pub na 1/2 b.....GYMNAPORIA TT

Ar núa......BINGHAMIMYIA TT (e)

86—Côr verde-azulada metallica; fórma e habitus imitando Argyra......ARGYROMIMA BB (e)

Côr não metallica.......87

87—Azas muito mais curtas que o abd, este ultimo muito alongado; 5 segs visiveis de cima no ♂ e segsint muito mais compridos que os outros........ ORTHAPORIA TT

Azas alongadas e o abd normal.....88

88—Fclia 1/2 da lcl, cil......PHYLLOLABELLA TT

Fclia não fortemente alargadas, núas.....89

89—Sem mm no 1seg; 3 st.....PSEUDEUANTHA TT

Par de mm no 1seg; 2 st......PARAPORIA TT

90—Com fileira comprida de fco......GNADOCHAETA Mq

Sem fco.....91

91—Olhos nús....92
Olhos pilosos.....96

92—R1 cr até a extremidade e R5 pelo menos até o meio; ar pub; sem mm no 1seg...93
R1 núa; R5 quando muito cr até a R6; ar núa.....94

93—Abd cylindrico, estreitando-se na extremidade; M3 mais perto do cub; plp do ♂ filiformes......POLYGASTER Wp (e)
Abd elliptico achatado, ponteagudo na extremidade; M3 mais perto da R6; ♂ plp alargados no apice... TRICHOTOPTERYX TT (e)

94—Sem mm no 1seg; olhos descendo até 3/4 da acb.... GYMNOPROSOPA TT (e)
Com par de mm no 1seg; olhos descendo quasi até a margem inferior da cb...95

95—Abd mais curto que o thx, subhemispherico; todas as macroch mui curtas e fracas......SPHAERINA Wp (e)
Abd plenamente tão comprido como o thx, ovato; macroch normaes.....VERRUGOMYIA TT gn (Gt, *V. orbitalis* TT spn) (e)

96—Frs atrophiadas, só 5 pêlos finos curtos microscopicos em cada lado, as 2 pfro da ♀ semelhantemente atrophiadas mas 2 rfro e as vrs grossas......ANAMETOPOCHAETA TT (e)
Frs só 1 par, grossas e situadas na ba...OPHIRIONOPSIS TT gn (Gt, *O. brasiliensis* TT spn)
Frs normaes, de desenvolvimento e numero ordinarios....97

97—Côr azulado-metallica; sq muito grandes; ♂ com o 4seg caudato.....URAPORIA TT (e)
Côr não metallica; sq de tamanho ordinario.....LEPTOSTYLUM Mq

98—Pernas muito alongadas e delgadas, filiformes ou subliformes; abd pec; 1 par de md nos 4 segs...99
Pernas não excessivamente compridas e delgadas; abd sem pec.....100

99—Sq atrophiadas, reduzidas até simples bordos; R1 cr até a extremidade; pec abd mui delgado; ♂: com forceps e accessorios mui delicados.....CORDYLIGASTER Mq
Sq bem desenvolvidas, de tamanho normal; pec abd moderadamente espesso; ♂ com forceps e accessorios de grossura moderada.....EUCORDYLIGASTER TT (e)

100—Azas douradas na 1/2 costobasilar; ♀ com os tara muito comprimidos lateralmente e alargados verticalmente, mas as unhas não atrophiadas...SOPHIA RD (Syn, *Euantha* Wp)
Azas, ♀ com os tara e unhas não assim....101

101—Macroch abd em fórma de espinhas densamente collocadas.....BATHYDEXIA Wp (e)
Macroch abd não espiniformes.....102

102—Segsint com md, pelo menos o 2seg, ás vezes as cr mui fracas na ♀.....103
Sem md nos segsint.....111

103—Bch estreitadas até uma linha, apenas 1/20 do co.... 104
Bch pelo menos 1/6 do co.....105

104—R5 cr até a R6.....MINTHODEXIA BB (e)
R5 cr só na b....CALOTHELAIRA TT gn (Gt, *Myobia flavicornis* Wp, Biol. C. A. Dipt. II, 133, pl. 4, ff. 1, 1a) (e)

105—Apice da 5R bem antes da extremidade da aza; olhos pilosos; ♂ com o 4seg fortemente caudato.....URAMYA RD
Apice da 5R na extremidade ou perto da mesma...106

106—Olhos densamente pilosos com pello alongado; md delgadas e dentadas sobre o abdomen na ♀..... HUASCARODEXIA TT (e)
Olhos nús.....107

107—Prob alongada, haust comprido e delgado; plp claviformes, alongados, um pouco mais curtos que o haust.....MYIOSCOTIPTERA Gt (e)
Prob curta e grossa.....108

108—Plp do comprimento das ant, moderadamente largos, achatados dorso-ventralmente por inteiro.... SCOTIPTERA Mq
Plp pequenos e cylindricos....109

109—Cub em fórma de V; tarsos mais compridos que as tibias.....EUCALODEXIA TT (e)
Cub um oa.....110

110—Bch 1/6 do co; M3 mais perto do cub; tarsos apenas mais compridos que as tibias.....CALODEXIA Wp (e)
Bch 1/2 do co; M3 no meio.....STENODEXIA Wp (e)

111—Pfclia setosas ou pilosas.....112
Pfclia núas.....125

112—Par de mm no 1seg; com aps fortes encr.....MEDINOPHYTO TT gn (Gt, *M. gracilis* TT spn)
Sem mm no 1seg.....113

113—Ar pl quando muito pouco além da 1/2 b....114
Ar pl praticamente até a extremidade; R1 núa...121

114—R1 núa.....115
R1 mais ou menos cr.....118

115—Com 2 st; ♀ com só 1 pfro....116
Com 3 st e ocs grossas....DEXOSARCOPHAGA TT

116—Sem mm no 2seg; ♂ sem pfro...HARPAGOPYGA Al (e)
Pelo menos com mm delgadas no 2seg; ♂ com 1 pfro.....117

117—Bch 1/6 do co; mm delgadas, ajustadas ao corpo no 2seg; ar **com pl** comprida; ec pequena.....SARCOPHAGULA Wp
Bch 1/4 do co; par de mm grossas eriçadas no 2seg; ar com pl curta; ec bem desenvolvida..... PSEUDOSARCOPHAGULA TT gn (Gt, *P. brasiliensis* TT spn)

118—Com 4 ps; bch 2/5 até quasi 1/2 do co.....119
Com 3 ps; bch não excedendo 1/4 do co.....120

119—Sem pra; fórma moderadamente larga.....GLAUCOSARCOPHAGA TT (e)
Com pra; fórma bem estreita.....CATASARCOPHAGA TT gn (Gt, C. trivittata TT spn)

120—5R apenas pec distante da extremidade da aza; M3 no meio; bch 1/4 do co; 3 st...RAFAELIA TT (e)
5R aberta perto da extremidade; M3 mais perto do cub; bch 1/7 do co,; 2 st.....CAMPTOPSIS TT (e)

121—3 st e 2 pra; bch 2/5 do co...122
Só 2 st.....123

122—Olhos densamente pilosos; prffr quasi 2x do prffc; ccl não 2x a lcl; 4 ps.....PTERINOPTERNA TT (e)
Olhos nús; prffr apenas mais que o prffc; ccl quasi 3x a lcl; 3 ps.....PARAZELIA TT (e)

123—Com 2 pra; M3 mais perto da R6; bch apenas excedendo 1/4 o co.....PHASIOPHYTO TT (e)
Sem pra; M3 distinctamente mais perto do cub; bch 1/2 do co.....124

124—Ep muito mais estreito que a lcl; ocs grossas..... PACHYGRAPHIA BB

Ep pouco mais estreito que o clypeo; sem ocs..... XYLOCAMPTOPSIS TT gn (Gt, *X. teffeensis* TT spn)

125—Ar pl na 1/2 b; sem pfro no ♂ e ♀...TROMODESIOPSIS TT gn (Gt, *Tromodesia haemorrhoidalis* Bg, Wp; syn. da *Musca atrifons* W, Aussereur, Zweifl. Ins. II, 403-4, teste BB) (e)

Ar pl praticamente até a extremidade; ♀ com pfro... 126

126—R1 cr.....127

R1 núa.....128

127—Bch 1/8 do co; ♀ com 2 pfro normaes.....GYMNOPALPUS TT (e)

Bch 1/20 do co; ♀ com 2 cr no lugar das pfro mas a posterior reclinada...MINTHODEXIOPSIS TT gn (Gt, *Minthodexia flavicornis* BB, Musc. Musc. Schiz. II, 376) (e)

128—Com 3 st.....129

Com 2 st.....130

129—Ar com pl alongada; prob sufficientemente comprida para attingir o meio do vnt; ♂ unhas curtas.....PROSENOIDES BB

Ar com pl curta; prob sufficientemente comprida para attingir a extremidade do abd, o haust sendo 3x a acb; ♂ unhas alongadas.....NEOPROSENA TT gn (Gt, N. *haustellata*, TT spn).

130—Sq grandes, os angulos interiores quasi unidos atraz do scutello; com par de mm no 2seg.....PSEUDODEXIA BB

Sq normaes.....131

131—Par de mm no 2seg do ♂ e ♀ e no 1seg na ♀...
LEPTODEXIA TT (e)
Sem mm nos 2segs anteriores.....132

132—Sem ocs....GYMNOCAMPTOPS TT gn (Gt, *G. grisescens* TT spn)
Com ocs.....133

133—Olhos descendo além do nv; ♂ pfrlia prateadas brunidas e subcontiguas posteriormente.....XANTHODEXIA Wp
Olhos apenas attingindo o nv; pernas intermediarias do ♂ muito alongadas.....CHOLOMYIA Bg

134—Ar núa ou quando muito pub...135
Ar pl.....154

135—Macroch abd espiniformes.....MACROMYA RD
Macroch abd não espiniformes.....136

136—Olhos pilosos, ás vezes mui esparsamente assim na ♀ mas densamente no ♂.....137
Olhos nús.....140

137—M3 ou no meio ou mais perto da R6; 3 ps; par de mm no 2seg no ♂.....EULOEWIA TT
M3 mais perto do cub; sem mm nos 2 segs anteriores.....138

138—Sem fco; tibp com cil densas e alongadas; 2 articulos ultimos dos tarsos do ♂ com pilosidade comprida.....BLUPHAROPODA R (e)
Com fileria de fco grossas; tibp sem cil; ♂ com os tarsos normaes.....139

139—5R fechada perto da exa; com carfc estreita.....ANGIORHINA BB (e)
5R aberta bem antes da exa; sem carfc...EULOEWIOPSIS TT

140—Com 2 ps.....141
Com 3 ps.....142

141—Ar inteiramente núa; ♀ com o hyp bem extendido e approximado ás extremidades lateraes do segundo tergito; ♂ com o abd conico, curto.....OESTROGASTER TT.

Ar pub; ♀ com o hyp não assim; ♂ com o abd conico, comprido.....OESTROGASTROPSIS TT (e)

142—Ep distinctamente mais curto que largo....143

Ep pelo menos tão comprido como largo.....148

143—Pfclia com fileira diagonal de pêlos proclinados e exteriormente delles algumas fileiras de microch.....MYIOPHASIA BB (e)

Pfclia núas pelo menos na 1/2 inferior....144.

144—Com carfc separando as ant na b; prosterno da ♀ normal.....145

Sem carfc; ♀ com a membrana prosternal excessivamente inchada.....146

145—5R fechada ou apenas pec; 4 ps.....OESTROPHASIA BB (e)

5R aberta; 3 ps.....CENOSOMA Wp

146—Sem ocellos; ♀ com 4 até 6 pfro; ♂ R3 sem callosidade e a costa não expandida na 1/2 b...... EUPHASIOPTERYX TT (e)

Com ocellos; ♀ normalmente com 2 pfro, raramente com 3......147.

147--Tegula contrastando de côr com a b das azas e pleuras; ocs presentes; ♂ com a costa com callosidade na estigma e a expansão extendendo-se desta ultima até a b da aza; ♂ com a R3 com uma segunda callosidade opposta á estigma..ORMIA RD.

Tegula a b das azas e as pleuras da mesma côr; ocs ausentes; ♂ desconhecido...... ORMIOPHASIA TT (e).

148—Com md nos segsint.....PANACEMYIA TT (e).
Sem md nos segsint.....149.

149—Ep apenas mais estreito que o clypeo.......150.
Ep muito mais estreito que o clypeo.......151.

150—Pfclia núas; sem pfro, mas com fileira de setas proclinadas ♂ ♀..........SARCOMACRONYCHIA TT.
Pfclia microsetosas; com 2 pfro no ♂ e ♀....EUSELENOMYIA TT.

151—Com ec grossa; M3 no meio.....ACRONACANTHA Wp (e).
Sem ec, M3 distinctamente mais perto do cub......152.

152—Sem mm nos 2 segs anteriores...ITAMOBIA TT gn (Gt, *I. ornata* TT spn).
Com mm nos 2 segs anteriores......153.

153—Cada um dos 4 segs com 1 par de mm; perfurador da ♀ normal...AMOBIOPSIS TT.
Cada um dos 4 segs com fileira marginal de cr fracas; perfurador da ♀ excessivamente comprido, largo e achatado...EUTRIXOIDES Wlt (e).

154—Ar pl até um ponto distinctamente antes da extremidade.....155.
Ar pl praticamente até a extremidade.......160.

155—Cr posthumeral posterior situada exteriormente da linha da cr presupraalar.......156.
Cr posthumeral posterior na linha da cr presupraalar ou collocada interiormente da mesma....158.

156—Com 2 st; corpo e pernas densamente cobertos com pello preto; todos os fem do ♂ bastante inchados......BLEPHARICNEMA Mq (e).
Com 3 st; corpo e pernas não assim....157.

157—Sq pilosas no disco.....MUSCA L.
Sq. núas.......LUCILIA RD.

158—Com 4 ps; ep estreito, tão comprido como largo.... EMBLEMASOMA Al.

Com 3 ps.......159.

159—Ep fortemente arqueado por diante; pfclia setosas; ec forte..SAROTHROMYIA BB.

Ep no plano do clypeo; pfclia núas; ec ausente... OESTROGASTRODES TT.

160—Prob muito mais comprida que a acb; ou se não, os 2 segs posteriores praticamente cobertos com macroch espiniformes...,..161

Prob quando muito, pouco mais comprida que a acb; os 2 segs posteriores não assim....170

161—Haust filiforme ou setiforme; lab ausentes ou vestigiaes.,...162

Haust espesso; lab distinctamente desenvolvidas..166

162—Tibp pect até subciliadas; segsint sem md.,...163

Tibp não assim; segsint com md.,...164

163—Plp claviformes.,...CHAETOGYNE BB

Plp filiformes.,...MYIOMIMA BB (e)

164—Abd densamente coberto com macroch spiniformes... HYSTRISYPHONA Bg (e).

Quando muito os segsint com 2 ou 3 pares de md cada um... 165.

165—Carfc alta e espessa; prob do comprimento do corpo...TROCHILODEXIA TT (e)

Carfc baixa e delgada; prob quando muito attingindo o meio do vnt.........JURINODEXIA TT (e)

166—Olhos descendo por baixo do nv; bch 1/6 do co...... PACHYMYIA Mq.

Olhos não chegando ao nv; bch pelo menos 2/3 do co.....167.

167—Pfclia da largura do olho; bch pouco menos que o co; tarsos intermediarios mais compridos que os outros....168.

Pfclia quando muito apenas 1/2 da largura do olho visto do lado; bch não excedendo 3/4 do cq; tarsos normaes, quasi eguaes.....169.

168—Abd ovato; prob não chegando á b do abd, haust não excedendo o prfor e lab grandes; ♂ com a lfr 1/9 da lcb......EUDEXIA BB (e).

Abd largamente arredondado; prob sufficientemente comprida para attingir a b do abd, haust excedendo muito o prfor e lab muito pequenas; ♂ com a lfr 1/5 da lcb........ECHINODEXIA BB (e).

169—Scutello mostrando o 1/3 intermediario da margem nú, sem aps; plp mui delgados, não engrossados no apice no ♂...TROPIDOPSIOMORPHA TT gn (Gt, *T. tropica* TT spn).

com aps encr; plp clariformes no ♂....CORDILLERODEXIA TT gn (Gt, *C. orientalis* TT spn) (e).

170—Tarsos intermediarios fortemente alongados no ♂ e ♀; ♂ com o 4seg fortemente caudato..171.

Tarsos quasi eguaes; ♂ com o 4seg não caudato.... 172.

171—Com md nos 2 segs posteriores.....TRICHODURA Mq.

Sem md nos 2 segs posteriores.....TRICHODUROPSIS TT (e).

172—Abd quasi 3x o comprimento do thx; azas quasi tão compridas com o abd....DIAUGIA P.

Abd não excedendo 2x o comprimento do thx...173.

173—St e ps variaveis no ♂ e ♀, 2 até 5 st e 3ou 4 ps; carfe espessa; sem md no iseg e sem md

nos segsint...PROPHOROSTOMA TT gn (Gt. *P. pulchra* TT spn).

St e ps comparativamente constantes no ♂ e ♀...174

174—Com 3 ps.....175

Com 4 ps.....182

175—Carfc ausente ou muito delgada.....176

Carfc bem desenvolvida.....180

176—Bch apenas 1/5 do co; 2 st.....ORODEXIA TT gn (Gt, *O. ornata* TT spn)

Bch 1/3 até mais que 1/2 do co; 3 st (*Brauerimyia* incerta.....177

177—Com md nos segsint, o ♂ mostrando 2 ou 3 pares em disposição longitudinal.....178

Sem md nos segsint.....179

178—Plp compridos e delgados; 3 pi.....RHAMPHININA Bg (e)

Plp espessos, engrossados no apice; 1 pi.....OPSOZELIA TT (e)

179—Par de mm no 1seg; R5 cr 1/2 da distancia até a R6; apice da 5R longe da exa; ♀ com os tara inchados, comprimidos e com unhas atrophiadas... BRAUERIMYIA TT (e)

Cem mm no 1seg; R5 cr só na b; apice da 5R perto da exa; ♀ desconhecida.,...CHARAPOZELIA TT gn (Gt, *C. fulviventris* TT spn) (e)

180—Côr preto-azulada, metallica; prffr quasi 2x o prffc... EXODEXIA TT gn (Gt, *E. urhuasi* TT spn) (e)

Côr não assim; prffr modicamente mais comprido que o prffc.....181

181—Pfclia núas; carfc larga e alta.....STURMIODEXIA TT

Pfclia setosas; carfc baixa.....PLATYRRHINODEXIA TT gn (Gt, *P: punctulata)* TT spn.

182—Carfc bem desenvolvida, alta....TROPIDODEXIA TT

Carfc ausente ou baixa.....183

183—Par de mm fortes no 2seg da ♀; ♂ desconhecido.....YAHUARMAYOIA TT gn (Gt, *Y analis* TT spn) (e)

Sem mm nos 2segs anteriores ou quando muito só vestigiaes no 2seg.....184

184—Carfc presente mas baixa, não separando as ant na b; fclia muito alargadas em baixo.....SCHISTOSTEPHANA TT (e)

Carfc praticamente ausente, quando muito uma pequena crista em cima; fclia estreitas.....185

185—Ant separadas na b.....PARATHERESIA TT

Ant approximadas na b.....SARCOPROSENA TT gn Gt, *S. triangulifera* TT spn) (e)

186—Va conspicuamente approximados, estreitando o ep... OPSOPHYTO TT

Va jamais fortemente approximados, quando muito o ep levemente estreitado do clypeo.....187

187—Vibr ficando distinctamente por baixo do nom proprio.....188

Vibr jamais situadas por baixo do nom, quando muito apenas por baixo da entalha mediana da om.....190

188—Fc mais estreita em baixo que a maxima largura da fr; prob setiforme e 2 e 1/2 a acb.....BESKIA BB

Fc mais larga que a fr; prob não excedendo a acb...189

189—Abd pec, como no genero *Polistes;* pernas posteriores alongadas no ♂....POLISTIOPSIS TT (e)

Abd não pec; tibp inchadas e densamente pilosas no ♂ e ♀.....PENTHOSIA Wp (e)

190—Com 4 até 7 pfro eguaes no ♂ e ♀; 3ant não mucronado; 5R com pec comprido.....191
Sô 2 ou 3 pfro, ou si mais, as extranumeraes bem reduzidas ou o 3ant mucronado ou a 5R sem pec comprido.....192

191—R1 núa; R5 cr só na b; frlia com pêlos finos.... MELANOPHORA M
R1 cr no 2/3 b; R5 cr até a M3; frlia sem pêlos... PACHYNOCERA TT (e)

192—Ar com pl curta ou comprida pelo menos uma parte da sua extensão.....193
Ar núa ou quando muito com pub comprida.....242

193—Ar núa no apice até uma parte apreciavel do comprimento 194
Ar com a pl chegando praticamente ao apice.....219

194—Côr verde ou azulado-metallica pronunciada.....195
Côr não assim.....196

195—Com 2 st; abd verde-brilhante, apenas polvilhado em cima.....CHLORONESIA TT (e)
Com 3 st; abd verde-sombrio, marmorado.....CHLOROSARCOPHAGA TT (e)

196—Abd glabro, sem pollen ou polvilhos.....PECKIA RD (e)
Abd sempre mais ou menos polvilhado...197

197—R5 cr até a R6 ou as cr faltando só 1 para chegar a R6.....198
R5 quando muito com as cr faltando conspicuamente para chegar á R6....204

198—R1 núa.....199
R1 cr no 1/2 b.....201

199—Carfc delgada mas mostrando-se entre as ant na b; 5R aberta.....LEPIDODEXIA BB (e)
Sem carfc.....200

200—5R fechada.....SARCOPHILODES BB (e)
5R aberta; fco grossas.....OROBRACHYCOMA TT gn (Gt, *O. ornata* TT spn)

201—Pfclia 1/3 da lcl; ar com pl mui curta em menos que a metade b; bch 1/4 do co; ♂ com as vrs exteriores bem desenvolvidas.....CATHETERONYCHIA TT gn (Gt, *C. chaetosa* TT spn)
Pfclia quasi 1/2 da lcl; ar com pl comprida pelo menos na metade b; ♂ com as vrs exteriores vestigiaes.....202
Pfclia mais que 1/2 da lcl; bch pelo menos mais que 1/4 do co; ♂ com as vrs exteriores bem desenvolvidas.....203

202—Bch quando muito apenas 1/4 do co; ar pl na 1/2 b; fco quando muito só pêlos; ♂ com unhas curtas.....HELICOBIA Cq (e)
Bch quasi 1/3 do co; ar pl nas 2/3 b até nas 3/4 b; fco 1 grossa; ♂ com unhas compridas... HELICOBIOPSIS TT gn (Gt, *H. aurescens* TT spn)

203—Par de mm erectas grossas no 2seg; lados do scutello com uma porção de pello denso curto....TITANOGRYPA TT (e)
Sem mm no 2seg; scutello sem porções de pello nos lados.....SARCODEXIOPSIS TT (e)

204—5R terminando desusadamente longe da exa; ♂ com theca curvada subcylindrica como perfurador... BLAESOYIPHOTECA TT
5R não terminando extraordinariamente longe da exa; ♀ sem tal theca.....205

205—Ep alongado extendendo-se bem acima da om; côr em cima branco-nivea com manchas pretas........ TRIPANURGA BB
Ep não mui alongado; extendendo-se quando muito pouco acima da om; côr não assim......206

206—Pra presentes, pelo menos 1 par distinctamente differenciado das microch.....207

Sem pra, quando muito vestigiaes,....212

207—Postsc com um disco achatado.....208

Sem disco achatado no postsc....209

208—Frlia bem estreitadas posteriormente no ♂ e ♀; pfclia mais que 1/2 da lcl, com pêlos na 1/2 orbitaria addicionaes das fco; ♂ com as tibias não villosas.....ACRIDIOPHAGA TT

Frlia não estreitadas posteriormente na ♀ e só um um pouco no ♂; pfclia 1/2 da lcl, sem pêlos fóra das fco; ♂ com as tibp e tibias intermediarias villosas.....EUBOETTCHERIA TT gn (Gt, *E. australis* TT spn)

209—4seg não de côr egual ao restante do abd.....AMBLYCORYPHENES TT (e)

4seg de côr egual ao restante do abd.....210

210—Com 2 st; ar mui alongada; ♂ com as tibp vagamente villosas.....PARASARCODEXIA TT (e)

Com 3 st; ar de comprimento normal; ♂ com as tibias não villosas.....211

211—Pfclia quasi a lcl, com diversas fileiras de setas.... EURAVINIA TT (e)

Pfclia 1/2 da lcl, com só 1 fileira de cr extendida em pêlos para cima.....SARCODEXIA TT

Pfclia pouco mais que 1/2 da lcl, núas, salvo uma indicação fraquissima de pêlos.....OROSARCOPHAGA TT gn (Gt, *O. ornata* TT spn)

212—Com carfc.....RAIMONDIA TT (e)

Sem carfc.....213

213—Sem poa.....STEPHANOSTOMA Lz

Pelo menos 1 par de poa fracas mas distinctamente differenciadas.....214

214–R1 cr no 1/2 b; ♂ com os tarsos posteriores com projecções em baixo semelhantes a solas, callosidades ou calcanhares, 2 nos mtt e 1 no segundo articulo.....TULAEOPODA TT (e)

R1 núa.....215

215–Fco grossas.....XANTHOBRACHYCOMA TT gn (Gt *X. analis*, TT spn)

Fco só uma fileira de pêlos....216

216–Bch quasi 1/2 do co.....TRIXOSARCOPHAGA TT
Bch quando muito 1/3 do co....217

217–Par forte de mm no 3seg....PELTOPYGA TT
Sem mm no 3seg, quando muito vesgtigiaes....218

218–Com 3 ls; ♂ com tibp e fem normaes.....OXYSARCODEXIA TT

Com 2 ls; superficie flexor dos fem posteriores do ♂ bem provida de espinhas curtas, as tibp encurtadas.....HYSTRICOCNEMA TT (e)

219–Segsint com md; ar extraordinariamente alongada.... CHAETONA Wp

Segsint sem md; ar não desusadamente alongada..220

220–Ep mui saliente, narigudo.....RHINOMACQUARTIA BB

Ep jamais narigudo.....221

221–Os 2 segs anteriores sem mm, quando muito com umas vestigiaes no 2seg....222

Pelo menos um par de mm bem desenvolvido no 2seg....227

222–Bch quasi 1/2 do co.....223
Bch quando muito apenas mais que 1/4 do co....224

223–Com 2 ps, sendo as 2 posteriores, ou se mais, as outras são conspicuamente reduzidas; pelo menos

as tibp do ♂ densamente villosas.....PARAPHRIS-SOPODA TT

Com 3 ps normaes; tibias não villosas......XYLO-CAMPTA TT gn (Gt, *X. sarcophagina* TT spn)

224–Potsc com disco achatado....DISCOMYOPHORA TT gn (Gt, *D. aurata* TT spn)

Potsc sem disco achatado....225

225–5R aberta longe da exa; pfclia estreitas....NOTO-CHAETA Al (e)

5R aberta perto da exa; pfclia 1/3 até 1/2 da lcl... 226

226–Grupo representando 5 gno fracas.....DEXOMYO-PHORA TT gn (Gt, *D. facialis* TT spn)

Sem gno.....MICRONOTOCHAETA TT gn (Gt, *M. costalis* TT spn) (e)

227–R1 cr até a extremidade, R5 mais ou menos até a extremidade, e C1 mais ou menos 1/2 da distancia até a M3....228

R1 e C1 núas....229

228–Par de mm no 1seg; M3 no meio ou mais perto da R6; fclia cil mais que na 1/2 inferior; coxas anteriores quasi tão compridas como as tibias no ♂ e ♀; tara e tibias anteriores fortemente comprimidos lateralmente no ♂ e ♀, as unhas da ♀ atrophiadas....ACTINOCHAETA BB (e)

Sem mm no 1seg; M3 mais perto do cub; fclia núas... POLYGASTROPSIS TT

229–Plp claviformes, moderadamente até bastante engrossados no apice...230

Plp filiformes, delgados ou grossos, apenas mais espessos no apice.....233

230–R5 cr só na b; seme c....PSEUDOCHAETONA TT

R5 cr 1/2 ou mais até a R6.....231

231—Sem ec; ♂ com as pernas posteriores bastante alongadas, os mtt quasi tão compridos como os fem.....ISCHYROPHAGA TT (e)

Com ec grossa; ♂ com as pernas posteriores normaes.....232

232—Ar com pl densa e comprida; R6 cr quasi ou inteiramente até a R6.....PARODOMYIA TT

Ar com pl esparsa e curta; R5 cr só 1/2 até a R6... THELAIRODES Wp (e)

233—Com 2 ps.....234

Com 3 ps......236

234 Olhos densamente pilosos; R5 cr quandomuito menos que 1/2 até a R6; fclia finamente cil.....COMYOPS Wp (e)

Olhos nús ou esparsa e indistinctamente pub; R5 cr pelo menos até a R6; fclia núas.....235

235—Ec grossa; R5 cr da 1/2 ou mais até a extremidade.....EBENIA Mq

Ec ausente; R5 só até a R6.....COMYOPSIS TT (e)

236—Com 2 st.....237

Com 3 st.....240

237—Sem mm no 1seg.....238

Par de mm no 1seg.....239

238—Bch 1/6 do co; ♂ com as azas 2x comprimento do thx. MICROCHAETONA TT (e)

Bch não excedendo 1/9 da Co ♂ com as azas 3x o comprimento

239—M3 mais perto do cub; bch 1/6 do co....UROCHAETONA TT (e)

M3 no meio; bch 1/10 do co... XANTHOPHYLLOPHILA TT gn (Gt, *X. gracilis* TT spn)

240—Par de mm n o1seg; sem aps mas com um curto par de ds; 3 pi, pra e poa.....CHAQUIMAYOIA TT gn (Gt *C. plumosula* TT spn) (e)
Sem mm no 1seg; com aps mas sem ds; 2 pi, 1 pra e nenhuma poa.....241

241—Prffr pouco mais que o prffc, bastante inclinado para baixo anteriormente; ♂ com o 4seg visivelmente caudato.....UROPHYLLOPHILA TT gn (Gt, *U. caudata* TT spn)
Prffr muito mais que o proffc, vagamente arcado; ♂ com o 4seg não caudato.....NEOPHYLLOPHILA TT gn (Gt, *N. neotropica* TT spn)

242—Eixant 2x o eixvibr; fc mais estreita em baixo que na fr.....ANICIA RD
Eixant não 2x o eixvibr; ou si assim, a fc pelo menos tão larga como a fr por toda a extensão...243

243—3ant do ♂ 12-rachado, o da ♀ 2-rachado......TALAROCERA Wll
3ant do ♂ 24-rachado, a ♀ desconhecida....CRYPTOCLADOCERA Bzz (e)
3ant não assim.....244

244—Fco presentes, distinctamente differenciadas dos pêlos ou microch quando estes ultimos os acompanham.....245
Sem fco differenciadas.....284

245—2ar curto, quando muito pouco mais comprido que largo....246
2ar pelo menos 2x tão comprido como largo, tambem o lar frequentemente alongado.....260

246—Olhos esparsa até densamente pilosos.....247
Olhos nús....249

247—R5 cr só na b; 5R fechada ou apenas pec na exa; ♀ com os tara normaes e sem mm nos 2 segs anteriores.....PSEUDOCLISTA BB

R5 e R1 cr 1/2 até a extremidade; 5R estreitamente aberta; 2seg com mm e md....EUCYRTOPHLOEBA TT (e)

R5 cr até a R6; ♀ com um par de mm no 2seg e os tara gordos, comprimidos, as unhas atrophiadas.....248

248–5R aberta longe da exa; 4 thvitt pretas e largas; bch 1/2 do co....MICROCHIRA BB (e)

5R estreitamente aberta ou fechada perto da exa; 2 thvitt largas; bch 1/4 até 1/3 do co.....DIAPHOROPEZA TT (e)

249–Ocs reclinadas.....250

Ocs proclinadas ou ausentes.....251

250–Abd de fórma de barrica, mais largo que comprido, apenas mais comprido que o mesoscuto, este ultimo apenas mais largo que comprido; um par de mm erectas grossas no 2seg.....BRACHYCNEPHALIA TT gn (Gt, *B. brasiliensis* TT spn)

Abd comprimido dorsoventralmente, mais comprido que largo, não de fórma de barrica, muito mais comprido que o mesoscuto, este ultimo muito mais largo que comprido; sem mm nos 2 segs anteriores.....ITACNEPHALIA TT gn (Gt, *I. analis* TT spn)

251–R1 cr até a extremidade.....VORIA RD

R1 núa......252

252–Côr sem reflexões metallicas....253

Côr com reflexões de verde, azul ou preto purpureado, pelo menos no thx ou na fr.....256

253–5R com pec comprido; 3 st; plp alongados, subfiliformes; ♀ com os taras gordos, comprimidos, as unhas atrophiadas....OEDEMAPEZA TT (e).

5R aberta......254.

254—Plp ausentes; 1 fco e as pfclia pilosas; com mm no 2 seg...AUSTENIOPS TT (e)
Plp presentes; 3 ou mais fco numa fileira, sem pilosidade nas pfclia; sem mm no 2 seg......255

255—Com 2 st; M3 não arcada; ♀ com os tara extraordinariamente delgados e filimormes, as unhas curtas e delicadas......ATROPHOPALPUS TT (e).
Com 3 st; M3 muito arcada, convexa por fóra... NEPHOPLAGIA TT (e).

256—Côr não metallica; fco em 2 fileiras....ATACTOPSIS TT.
Côr metallica; fco quando muito em 1 fileira...257.

257—R5 cr pelo menos 1/2 até a R6.......CYANOPSIS TT.
R5 cr só na b.... 258.

258—Com mm no 2 seg......CHAETEPROSOPA Mq.
Sem mm nos 2 segs anteriores.....259.

259—Ep muito extendido por baixo das vibr; fclia achatadas, mais que a 1/2 da lcl....PARATACTOPSIS TT.
Ep pouco alongado.....PARAGAEDIA BB.

260—5R bem pec......261.
5R aberta......262.

261—R1 cr na b; olhos esparsamente pilosos; ep curto... PARADMONTIA Cq (e).
R1 núa; olhos nús; ep alongado..NEOSARROMYIA TT gn (Gt, *N. neotropica* TT spn).

262—Ocs reclinadas......263.
Ocs proclinadas, divergentes ou ausentes......266.

263—R5 cr a 1/2 até a R6; bch mais que a 1/2 do co; lfr mais que a 1/2 da lcb no ♂ e ♀.........
...PHOSOCOCEPHALOPS TT gn (Gt, *P. fulva* TT spn).

R5 cr só na b; bch quando muito pouco mais que a 1/4 do co; lfr quando muito pouco excedendo o 1/3 da lcb......264.

264—Fco numa fileira na margem interior das pfclia.... PTILOGONIA Bsch.

Fco em 2 fileiras.....265.

265—Prob não excedendo a acb; sem aps, mas com um par de espinhas erectas mui curtas no seu logar .......CNEPHALOMYIA TT (e).

Prob 1 e 1/4x a acb; nem aps nem espinhas..NEACROGLOSSA TT gn (Gt, *N. brasiliensis* TT spn).

266—Olhos densamente pilosos.......267.

Olhos praticamente nús, quando muito só mui espalhadamente e inconspicuamente pub....268.

267—Sem ocs; plp alargados e achatados no apice... PALPOLINNAEMYIA TT gn (Gt, *P. perorbitalis* TT spn) (e).

Com ocs; plp subfilifirmes, apenas engrossados no apice..EPIDOLICHOSTOMA TT gn (Gt, *E. andina* TT spn) (e).

268—Com ocs grossas......269.

Ocs ausentes ou mui delgadas.....270.

269—Segsint com diversos pares de md.......EPALPODES TT (e).

Segsint sem md...ITACUPHOCERA TT gn (Gt, *I. ocellaris* TT spn).

270—Plp quasi do comprimento das ant, filiformes; R5 cr só na b.........,,,,APHRIOSPHYRIA TT gn (Gt, *A. communis* TT spn).

Plp ausentes, quando muito mostrando-se sómente como 2 papillas mui microscopicas cada uma com 1 pêlo fino.....271.

271—R5 cr só na b; 2 st; com papillas palpaes; ♂ com o 3 ant subtriangulado, truncado, o apice tão largo como o comprido.....CORPULENTOSOMA TT (e).

R5 cr pelo menos 1/2 até a R6; 3 st; sem papillas palpaes; ♂ com o 3 ant não assim..272.

272—Par de mm no 1seg e md nos segsint......273.
Sem mm no 1seg.....275.

273—Bch 2/3 do co......SIPHONIOMYIA Bg.
Bch 1/3 até 1/2 do co.....274.

274—Pfclia núas; R5 cr até a R6; bch apenas 1/3 do co na ♀.....TRICHOPHORA Mq.

Pfclia pilosas; R5 cr pelo menos 1/2 até a R6; bch 1/2 do co na ♀..GABANIMYIA TT (e).

275—Usec da C1 pelo menos 1/2 da prec......276.
Usec da C1 menos que 1/2 da prec.......278.

276—Haust 1 e 1/2x a acb; pfclia núas com excepção das fco; ♀ com o 3ant alargado tal como uma lamina.....BESKIOCEPHALA TT.

Haust qaundo muito apenas tãõ comprido como a acb; pfclia pilosas fóra das fco; ♀ com o 3ant não assim.....277

277—Com 1 fco e 3 ps......HELIOPROSOPA TT gn (Gt, *H. facialis* TT spn)

Com 2 fco e 4 ps.....NEUCOPHOCERA TT gn (Gt, *N. nepos* TT spn)

278—R5 cr pouco mais que ou só 1/2 até a R6; ambos os segsint com md....279

R5 cr até a R6 ou além da mesma; quando muito só md no 3seg....281

279—Bch apenas excedendo 3/4 do co; com um par de ds differenciado; 3ant aproximadamente 2x o 2ant;

côr azulado-metallica....HUASCARAYA TT (e)
Bch pouco mais que 1/2 do co; sem ds differenciadas; 3ant pouco mais comprido que o 2ant; côr não metallica....280

280—Presc e postsc quasi eguaes; 1 fco grossas e convergentes....XANTHOZONELLA TT gn (Gt, *X. brasiliensis* TT spn)

281—Sem ps; abd subpeciolado na b, semelhante a um pescoço curto.....FORMICOMYIA TT
Com aps curtas encr; abd não assim.....282

282—Bch tão largas como o co.....EPICUPHOCERA TT gn (Gt, *E. andina* TT spn) (e
Bch quando muito apenas excedendo 2/3 do co....283

283—Apice da 5R uniformemente estreitado, semelhante a um cabo; M1 usualmente ondulada; cub longe da mp.....COPECRYPTA TT
Apice da 5R normal e M1 não ondulada; cub menos que 1/3 da laz da mp.....DIAPHANOMYIA TT

284—Ep distinctamente alongado, pelo menos 1/4 tão comprido como largo, bem destacado do clypeo, ou antes de chegar no perfil vibrissal ou entre e além dos va......285
Ep cortado no nv ou justamente por baixo do mesmo, ou pouco anteriormente dos va, nunca mais que 1/5 tão comprido como largo, jamais bem saliente da sua linha de juncção com o clypeo antes de chegar no perfil vibrissal, e quando muito só levemente projectado entre os va quando estes ultimos são no plano do clypeo.....405

285—Ep praticamente no pc, quando muito desviando-se só um pouco para diante do pc e jamais narigudo....286
Ep conspicuamente arqueado para diante do pc, frequentemente mais ou menos narigudo.....295

286—Olhos descendo quasi ou inteiramente até o nom; bch mui estreitas.....287

Olhos faltando bastante para chegar ao nom; bch de boa largura.....288

287—Olhos densamente pilosos; ar núa; sem md nos segsint e sem mm nos 3 segs anteriores do ♂... MYSTACOMYIA Gt (e)

Olhos nús; ar pub; com md nos segsint.......OMMALESKIA TT

288—Com 2 st; R5 cr 1/3 até a R6...... OPSOPHASIOPTERYX TT

Pelo menos com 3 st; R5 cr só na b.....289

289—Clypeo a flor da fc, liso com as fclia, estas ultimas mui alargadas no pc; 4 st.......290

Clypeo bem deprimido e fclia não assim; 3 st 291

290—Sem mm nos 22 segs anteriores no ♂ e ♀....... ATACTA Sch

Com mm no 2 seg no ♂ e ♀.......ATACTOMINA TT

291—Com 3 ps; olhos nús......292

Com 4 ps.......293

292—3ant estreito, arredondado no apice; 3 pi....CRYPTOMEIGENIA BB

3ant mucronado; 2 pi..ACEMEIGENIA TT gn (Gt, *A. inca* TT spn) (e)

293—Olhos com pilosidade esparsa, mui curta e indistincta; côr não metallica; fclia cil......NEOPODOMYIA TT gn (Gt. *N. oralis* TT spn) (e)

Olhos bem pilosos; côr verde-dourada até violacea 294

294—Cristas das fclia agudas; ccl 3x a lcl......MACROMEIGENIA BB

Cristas das fclia não agudas; ccl pouco excedendo 2x a lcl...BOLOMYIA BB

295—Ocs reclinadas......296

Ocs proclinadas ou ausentes *(Exopalpus* e *Gonistylum* incertos)....298

296—Pfclia setosas; 5R fechada ou apenas pec; ar não dobrada..FRONTOCNEPHALIA TT

Pfclia núas; 5R aberta; ar geniculada....297

297—Segsint com md; M3 perto do cub; a usec da C1 curta; plp do comprimento do haust, espatuliformes e bem alargados no apice...EXOPALPUS Mq (e)

Segsint sem md; M3 bem afastada do cub; a usec da C1 quasi 1/2 da prec; plp moderadamente compridos é pouco engrossaods no apice....GONISTYLUM Mq

298—Olhos densamente ou pelo menos, distinctamente pilosos....299

Olhos nús ou mui indistinctamente pilosos....299

299—Com ocs.......300

Sem ocs.......315

300—2ar alongado......EUHYSTRICIA TT (e)

Ambos os arbs curtos, nem um nem outro 2x tão comprido quanto largo...301

301—Fclia cil mais que na 1/2 inferior.....302

Fclia praticamente núas, quando muito com cil em menos que a 1/2 inferior....304

302—5R terminando na exa; ♀ com os ultimos 3 articulos dos tara alargados e achatados, o articulo terminal ovato....PSEUDOVIVIANIA BB (e)

5R terminando bem longe da exa.....303

303—Segsint com md; bch 1/2 do co; plp claviformes, bem desenvolvidos..HYPOTACHINA BB

Segsint sem md; bch apenas 1/6 do co; plp mui delicados, filiformes, rudimentares; nervação como na *Voria;* fc e fr equilateraes na ♀..PLAGIOPPS TT (e)

304—3ant pelo menos 3 até 4x o 2ant......305

3ant só 1 e 1/2 até 2 e 1/2x o 2ant......308

305—Ar núa; azas enfumaçadas na b e na costa; ♂ com 2 pfro..PARAMESOCHAETA BB (e)

Ar microscopicamente pub; azas quasi hyalinas; ♂ sem pfro....306

306—Par grosso de mm no iseg; olhos esparsamente pilosos...THELAIROPHASIA TT (e)

Sem mm no iseg; olhos densamente pilosos......307

307—Ocs compridas e fortemente proclinadas; olhos com pilosidade comprida.......CHARAPEMYIA TT

Ocs fracas, semelhantes a pêlos; olhos com pilosidade curta..TRICHOPYRRHOSIA TT gn (Gt, T. uruhuasi TT spn) (e)

308—Com 4 ps......309

Com 3 ps......310

309—Com 2 ou 3 st; pernas normaes no ♂.....HYSTRICIOPSIS TT

Com só 1 st; pernas intermediarias do ♂ bem alongadas..XYLOCAMPTOMIMA TT gn (Gt. *X oculata* TT spn)

310—Ep mui alongado, pelo menos 1/2 do ccl......311

Ep não extraordinariamente alongado, jamais aproximado 1/2 do ccl....312

311—Frs em 1 fileira, 3 por baixo da ba.....ECUADORANA TT (e)

Frs em 2 fileiras de cada lado, 4 ou 5 por baixo da ba...EXOERNESTIA TT gn (Gt, *E. uruhuasi* TT spn) (e)

312—Côr não metallica......NEOERIGONE TT
Côr metallica verde até verde-dourada ou simplesmente purpureada...313

313—Segsint com muitas cr discaes ou em uma mandra mediana ou em fileiras transversaes.......CHLOROHYSTRICIA TT gn (Gt, *C. purpurea* TT spn)
Segsint quando muito com só 2 pares de md.......314

314—Plp grossos, bem inchados na ♀.... CHRYSOTACHINA BB
Plp compridos e delgados, pouco engrossados no apice no ♂..CHRYSOERIGONE TT gn (Gt, *C. ornata* TT spn)

315—Ambos os arbs curtos.....EUJURINIA TT (e)
Ou um ou ambos os arbs pelo mais que 2x tão compridos como largos (*Alsopsyche* incerta).....316

316—Plp representados só por papillas com pêlos...CRYPTOPALPUS R
Plp desenvolvidos, mais ou menos grossos.....317

317—3ant pouco mais comprido que o 2ant, não truncado; a fórma como a de *Demoticus*.......ARTHROCHAETA BB (e)
3ant só tão comprido como o 2ant, recto na margem superior e largamente truncdo no apice....... DUMERILLIA RD
3ant não assim, se subtruncado no apice é muito mais comprido que o 2ant; fórma não como a *Demoticus*......318

318—3ant sempre muito mais comprido que o 2ant, pelo menos 1 e 1/2x o 2ant..319
3ant quando muito pouco mais comprido que o 2ant; 4 ps.....326

319—Par de mm no 1seg.....320
Sem mm no 1seg; segsint com md.....321

320—Pfclia com pilosidade curta e uma fileira de pêlos mais compridos na margem interior; segsint com md;4 p s....GAUDIOPHANA BB (e)
Pfclia núas; segsint sem md; ultimo articulo dos tarsos do ♂ com cr compridas....ALSOPSYCHE BB (e)

321—Sem pra; com 2 ps, pi, st e 1 ooa....EUJURINELLA TT (e)
Pelo menos 2 pra; com 3 ps, pi, st, poa....322

322—Ep francamente saliente, não muito arqueado para diante; ds presentes e normaes.....EURYTHIOPSIS TT (e)
Ep bem arqueado para diante; sem ds differenciadas mas com um par de espinhas delgadas no seu logar......323

323—Vrs interiores não encr......324
Vrs interiores encr......325

324—R5 cr até a R6; ♀ com 22 pfro compridas e fortes, a anterior mui avançada e pendente com a extremidade quasi chegando ás vibr...PERIOPTICOCHAETA TT gn (Gt, *P. pendula* TT spn)
R5 com só 4 ou 5 cerdinhas na b, não extendendo-se mais que 1/3 até a R6.....CATAJURINIA TT gn (Gt, *C. augusta*, TT spn)

325—Pfclia apenas estreitadas para baixo; ♂ com 1 pfro forte.....AMICROTRICHOMMA TT gn (Gt, *A. orbitalis* TT spn)
Pfclia conspicuamente estreitadas para baixo; ♂ sem pfro.....MICROTRICHOMMODES TT gn (Gt, *M. elegans* TT spn)

326—Frlia cr nos lados; R5 cr 1/3 até a R6....JURINELLA BB

Frlia não cr; R5 não cr 1/3 até a R6..327

327—3ant com um pequeno tuberculo no meio mostrando-se no perfil da margem superior; 2 pfro mui compridas no ♂ e ♀, as da ♀ chegando ao apice das ant.....TUBERCOLOCERA TT gn (Gt, *T. ochracea,* TT spn)

3ant sem tuberculo; ♂ sem pfro.....328

328—R5 cr 1/4 até a R6; cub pouco mais que 1/3 da laz da mp; 3ant da ♀ tão comprido como o 2ant 329

R5 cr só na b extrema; cub 2/5 da laz da mp; 3ant da ♀ distinctamente mais curto que o 2ant 330

329—3ant não mais comprido que o 22ant; plp mui alargados na 1/2 terminal e gradualmente estreitados na 1/2 b; unhas do ♂ mui alongadas.....JURINIA RD

3ant distinctamente mais comprido que o 2ant; plp alargados em uma extensãõ menos que a 1/2 terminal; unhas do ♂ não muito alongadas..... HYSTRICIELLA TT (e)

330—Pfclia distinctamente estreitadas para baixo; lfr da ♀ 2/5 da lcb.....TACHINOSOMA TT gn (Gt, *T corpulentum* TT spn)

Pfclia equilateraes; lfr da ♀ 1/3 da lcb....SAUNDERSIOPMIMA TT gn (Gt, *S. spinosa* TT spn)

331—Clypeo conspicuamente deprimido por baixo das cristas das fclia.....332

Clypeo praticamente á flor das fclia, quando muito só levemente deprimido por baixo das cristas das mesmas.....347

332—Fclia núas.....333
Fclia densamente cil, pelo menos no 1/3 inferior.....334

333—Com diversas mm no 1seg e fileira marginal no 2seg.....PTEROTOPEZA TT (e)
Sem mm nos 2 segs anteriores...JAENIMYIA TT (e)

334—Com 3 ps; 5R fechada perto da exa; ♀ com perfurador ponteagudo.....EPIDEXIOPSIS TT (e)
Com 4 ps; 5R largamente aberta bem antes da exa; ♀ sem perfurador.....335

335—Pelo menos ou um ou outro dos segsint com md; ou se não, cada um dos 2 segs anteriores com um par de mm pouco mais comprido que as microch.....336
Sem md nos segsint e os 2 segs anteriores não assim.....339

336—Pfclia pilosas ou setosas na 1/2 superior.....BLEPHARIPEZA Mq
Pfclia inteiramente núas.....337

337—Ar com pub comprida; femp com fileira de cr grossas na superficie exterior....LESCHENAULTIA RD (e)
Ar núa.....338

338—2seg quando muito com umas poucas macroch mui curtas....HARRISIA RD
2seg densamente coberto de macroch compridas.... HARRISIOPSIS TT gn (Gt, *H. spinosa* TT spn)

339—Ar achatada integralmente e uniformemente alargada quasi até a extremidade....GONIOMIMA TT (e)
Ar não achatada e alargada integralmente.....340

340—Sem mm no 1seg e sem mm no 2seg do ♂....341
Com mm no 1seg.....342

341—Bch excedendo 1/3 do co; clypeo pouco deprimido .....THYSANOPSIS TT

Bch excedendo 1/3 do co; clypeo bem deprimido.... GYMNOSTURMIA TT gn (Gt, *G. grisea* TT spn)

342—Pfclia inteiramente núas.....343

Pfclia pilosas ou setosas pelo menos no 1/3 superior.....344

343 Mesoscuto tão comprido quanto largo; com 3 pra e poa; tibp fortemente cil.....WILLISTONIA BB

Mesoscuto mais largo que comprido; com 4 pra e poa; tibp esparsamente cil, com 1 cr mais comprida que as cil....LATREILLIMYIA TT

344—Com ocs.....RILEYMYIA TT

345—Vrs interiores encr.....BELVOSIOPSIS TT gn (Gt, B. brasiliensis TT spn)

Vrs interiores não encr.....346

346—Corpo alargado; mesoscuto muito mais largo que comprido; abd um pouco mais comprido que o thx.....BELVOSIOMIMA TT

Corpo estreito; mesoscuto apenas mais largo que comprido; abd dsitinctamente mais curto que o tthx.....BRACHYBELVOSIA TT gn gn (Gt, *B. brasiliensis* TT spn)

347—Ambos os arbs curtos, quando muito o 2ar pouco mais comprido que largo.....348

Ou um ou outro dos arbs pelo menos 2x tão comprido como largo.....366

348—R1, R5 e C1 cr...ACTINACTIA TT gn (Gt, *A. lutea* TT spn)

R1 e C1 nu'as........349

349—Com 4 ou mais ps....350

Com 3 ps.....356

350—Com 2 st; plp excedendo 2x o comprimento das ant, alargados e equilateraes com excepção da b curta.......ADEJEANIA TT

Com 4 st; plp quando muito claviformes e não excedendo o comprimento das ant.....351

Com 3 st; sem plp.....353

351—Plp inteiramente ausentes..... XANTHOZONOPSIS TT (e) Plp presentes.....352

352—Cb bem inchada; sem ocs; 2ant mui alongado; ♂ com 3 pfro grossas..BELVOSIA RD (e) Cb não inchada; com ocs delgadas; 2ant com o comprimento moderado; ♀ com 2 pfro....... SIPHOSTURMIOPSIS TT (e)

353—Sem md nos segsint.....354

Com md nos segsint.....355

354—Vrs interiores não encr.; ♂ sem pfro.....EUBISCHOFIMYIA TT gn (Gt, *E. analis* TT spn)

Vrs interiores não encr; ♂ com 2 pfro...EUEMPHEREMYIA TT gn (Gt, *E. paulensis*, TT spn)

355—Sem ocs; muitos pares de md nos segsint.....CORPULENTOEPALPUS TT gn (Gt, *C. rufus* TT spn)

Com ocs; cada um dos segsint com só 1 par de md... OPSOEMPHERIA TT gn (Gt, *O. atra* TT spn)

356—Plp reduzidos a tuberculos curtos com pub e sem pêlos compridos.....RACHOEPALPUS TT (e)

Plp bem desenvolvidos mesmo quando curtos e filiformes.....357

Plp completamente ausentes.....360

357—Segsint com md...OROMASIPHYA TT gn (Gt, *O. ornata* TT spn)

Segsint sem md.....358

358—Com 2 st; lfr da ♀ pouco excedendo 1/5 da lcb... PROPHASIOPSIS TT gn (Gt, *P. polita* TT spn)
Com 3 st; lfr da ♀ quasi 1/3 da lcb....359

359—Com ocs grossas; ♀ com perfurador ponteagudo..... MASIPHYA BB
Sem ocs; ♀ sem perfurador.....PHASIOPSIS TT (e)

360—Uma mancha larga de md e mm no 2seg; sem ocs... CHROMOEPALPUS TT (e)
Sem md nos segsint; com ocs.....361

361—R5 cr pelo menos 1/2 até a R6.....362
R5 cr só na b; sem mm no 1seg.....363

362—Ep quasi tão comprido como o clypeo; ♂ sem pfro.....PARAPHASIOPSIS TT

363—Vrs interiores não encr.....364
Vrs interiores encr.....365

364—Côr preta; 3ant quando muito apenas mais comprido que o 2ant..EMPHEREMYIA Bch
Côr azul-metallica; 3ant pelo menos 2x a 2ant...CIANOGYMNOMMA TT gn (Gt, *C. coerules* TT spn

365—Cub pelo menos 2/5 da laz da mp; M3 mui perto do cub...MELANEPALPELLUS TT gn (Gt, *M. corpulentus* TT spn)
Cub 1/3 de laz da mp; M3 não desusadamente aproximada do cub.. BISCHOFIMYIA TT gn (Gt, *B. atra* TT spn)

366 Plp bem desenvolvidos.....367
Plp completamente ausentes, só pêlos ou papillas microscopicas com pêlos..378

367—Segsint com md.....368
Segsint sem md.....371

368—Cada um dos segsint com uma fileira transversal sagittada de espinhas encerrando outras espinhas entre a fileira e a margem posterior do segmento..PARADEJEANIA BB

Segsint sem tal fileira mas com espinhas densamente collocadas...369

369—Abd largo e achatado a margem posterior do 4seg bastante entalhado na linha mediana.........MACROJURINIA TT

Abd não assim, o 4seg não emarginado por detraz 370

370—Plp claviformes, não comprimidos....PARAFABRICIA BB

Plp alargados e ovatos no apice, comprimidos e de pouca espessura.........FABRICIOPSIS TT (e)

371—Th, scutello e abd com pilosidade amarella; 2 st.... TRICHODEJEANIA TT

Corpo não amarello-piloso....372

372—Com 2 ps, 1 ou 2 st, e sem poa; abd tão largo quanto comprido.....EUDEJEANIA TT (e)

Com 3 ps, abd mais comprido que largo.....373

Com 4 ps.....374

373—Plp tão compridos como a acb, largos e com cil compridas nas margens e no apice.....EULASIOPALPUS TT (e)

Plp de comprimento moderado, espatuliformes no apice e sem cil compridas.....NEOARCHYTAS TT

374—2ant não mais comprido que o 3ant.....ARCHYTAS J

2ant distinctamente mais comprido que o 3ant.....375

375—Plp mui compridos e largos, de largura uniforme pelo menos na 2/3 terminal; ♂ com os tara pilosos interiormente.....ECHINOTACHINA TT (e)

Plp de comprimento moderado, subspatuliformes no

apice ou, ás vezes, pouco alargados no ♂, quando muito alargados, só na 1/3 terminal; ♂ com os tara não assim.....376

376 -Cub quasi no meio entre a costa e a mp; a usec da C1 1/2 da prec.....PSEUDOARCHYTOPSIS TT gn (Gt, *P. brasiliensis* TT spn)

Cub pouco mais que 1/3 da laz da mp; a usec da C1 muito menos que 1/2 da prec.....377

377--Fm no 2seg; pfclia com 3 ou 4 pêlos compridos entre as microch os quaes não podem ser considerados como fco.....JURINIOPSIS TT (e)

Só um par de mm no 2seg; pfclia com pub amarella, sem pêlos differenciados.....EUFABRICIA TT

378—Sem ocs.....379

Com ocs.....396

379--Segsint sem md.....380

Pelo menos ou um ou outro dos segsint com md....383

380--Abd densamente coberto de cr piliformes douradas, erectas, especialmente no 4seg; 1 poa.....TRICHOEPALPUS TT (e)

Abd sem taes cr.....381

381—Sem poa.....SIGNOSOMA TT (e)

Com 4 poa, as anteriores ás vezes fracas....382

382--Pfclia tão largas como a lcl, o clypeo mui alargado.....EUEPALPUS TT

Pfclia não desusadamente largas, não excedendo 2/3 da lcl.....MELANEPALPUS TT (e)

383—Sem mais que 3 ps.....384

Com 4 ps.....391

384 Abd densamente coberto, entre as macroch, de uma pilosidade amarella erecta por toda a superficie .....TRICHOSAUNDERSIA TT (e)

Abd sem tal pilosidade.....385

385—Com 1 poa; cub 2/5 da laz da mp.....386
Com 2 ou 3 poa.....388

386—Sem pra; cub com tronco delgado; pfclia com pilosidade preta; ♂ com a lfr 5/13 da lcb....EPALPELLUS TT (e)
Com pelo menos 1 pra; cub sem tronco; pfclia com pêlos fortes amarellos; ♂ com a lfr quando muito pouco excedendo 1/3 da lcb.....387

387—4seg tão comprido quanto largo e bastante arcado na margem anterior visto de cima, sendo o bordo anterior convexo; haust pouco excedendo 1/2 da acb.....EPALPUS
4seg mais largo que comprido e com a margem anterior quasi recta vista de cima; haust tão comprido como a acb.....URUHUASIA TT (e)

388—Haust egualando a acb; 3 frs por baixo da ba; plp representados por papillas microscopicas com pêlos; 2seg com 1 par de md.....PAREPALPUS Cq (e)
Haust 1/2 até 2/3 da acb; 2 frs por baixo da ba; papillas palpaes ausentes; pelo menos 2 pares de md no 2seg.....389

389—Cub 2/5 da laz da mp; R5 cr 1/3 até a R6.... EUSIGNOSOMA TT (e)
Cub 1/3 da laz da mp; R5 só na b.....390

390—4seg muito arcado na margem anterior, o bordo convexo visto de cima.....SIGNOSOMOPSIS TT (e)
4seg quasi recto na margem anterior visto de cima .....OXYEPALPUS TT gn (Gt, *O. brasiliensis* TT spn)

391—Cub 2/5 da laz da mp; 8 até 10 pares de md em cada um dos segsint.......ARGENTOEPALPUS TT

Cub 1/3 da laz da mp; quando muito só 4 ou 5 pares de md no 3seg, mas o 4seg ás vezes com mais.....392

392–Ep moderadamente saliente; o 4seg muito pouco emarginado por detraz.....393
Ep muito saliente e arqueado para diante quasi até o plano horizontal; o 4seg bastante entalhado por detraz na linha mediana.....394

393–Com 3 poa; haust 1/2 da acb; 2seg com 1 par de mm e sem md.....XANTHOZONA TT (e)
Com 4 poa; haust egualando a acb; 2seg com 2 até 4 pares de mm e 5 até 8 pares de md..... XANTHOEPALPUS TT (e)

394–Haust pouco excedendo a 1/2 da acb; o 2ar mais que 3x tão comprido quanto largo. .ITASAUNDERSIA TT gn (Gt, *I. robusta* TT spn)
Haust pelo menos egualando a acb; õ 2ar só 2x tão comprido como largo.....395

395–Pfclia 1/3 da lcl.....QUADRATOSOMA TT (e)
Pfclia 2/3 da lcl.....EUMELANEPALPUS TT (e)

396–Segsint com md.....397
Segsint sem md.....401

397–Com 1 ps e pi; nem pra nem poa; abd da ♀ subquadrangular, alongado,.....EUCORPULENTOSOMA TT (e)
Com 4 ps e 3 pi; pelo menos 2 pra e 3 poa; ♀ abd não subquadrangular.....398

398–Com aps encr.....399
Sem aps só espinhas erectas no seu logar.....400

399–Vrs interiores encr; ♂ sem pfro.....HUASCARAYOPSIS TT gn (Gt, *H. paulensis* TT spn)
Vrs interiores não encr; ♂ com 2 pfro.....EMPHEREMYIOPS TT gn (Gt, *E. discalis*, TT spn)

400—3ant mais comprido que o 2ant; ♂ com 2 pfro.... PROEPALPUS TT gn (Gt, *P. paulensis* TT spn)
3ant mais curto que o ant; ♂ sem pfro.....OCHRO-EPALPUS TT gn (Gt, *O. ochraceus* TT spn)

401—Com 3 ps.....GYMNOMMA Wp
Pelo menos com 4 ps.....402

402—3ant muito mais comprido que o 2ant, pelo menos 1 e 1/2 o 2ant; ♂ com 2 pfro....GYMNOMMOPSIS TT gn (Gt, *G. gagates* TT spn)
3ant quando muito apenas mais comprido que o 2 ant; ♂ sem pfro.....403

403—Cb pequena, não mais larga que a parte anterior do thx; cub 1/3 da laz da mp.....EUHUASCARAYA TT gn (Gt, *E. atra* TT spn)
Cb do typo maior, distinctamente mais larga que a frente do thx; cub 2/5 da laz da mp....404

404—Com 1 par de mm no 2seg.....ARCHYTOEPALPUS TT gn (Gt, *A. rufiventris* TT spn)
Com 3 até 5 ou mais pares de mm no 2seg.....JURINIOSOMA TT gn (Gt, *J. gagateum* TT spn)

405—Ocs reclinadas, mais ou menos divergentes.....406
Ocs proclinadas, divergentes ou ausentes, jamais reclinadas.....411

406—Segsint com um par de md.....407
Segsint sem md.....408

407—R1 cr até a extremidade.....NEOCAMPYLOCHAETA TT gn (Gt, *N. genalis* TT spn)
R1 núa.....HOMOHYPOCHAETA TT gn (Gt, *H. reclinata* TT spn) (e)

408—Arbs curtos; fclia núas; 5R aberta perto da exa.... HYPOHOUGHIA TT gn (Gt, *H. reclinata* TT spn)

2ar quasi 1/2 o comprimento do 3ar; fclia cil; 5R terminando pelo menos bem antes da exa.....409

409–Olhos pilosos; sem ec; R5 só na b; 5R apenas pec.....DISTICHONA Wp (e)
Olhos praticamente nús; com ec.....410

410–5R estreitamente aberta ou fechada; R5 cr pelo menos 1/2 até a R6.....OLENOCHAETA TT (e)
5R bem pec; R5 cr só na b.....VIBRISSOVORIA TT

411–2ar pelo menos 2x tão comprido quanto largo.....412
2ar jamais 2x tão comprido como largo.....423

412–Olhos densamente pilosos; segsint com md.......OLLACHERYPHE TT gn (Gt, *O. facialis*, TT spn) (e)
Olhos nús ou só com pub esparsa e curta; segsnit sem md.....413

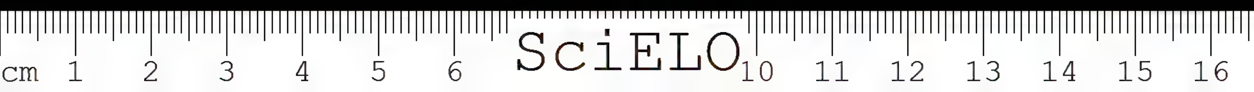
413–Cb mais que a e 1/2x tão alta como comprida.....414
Cb quando muito só moderadamente mais alta que comprida.....416

414–Lb curtas mas estreitas e recurvadas no haust..... URUACTIA TT gn (Gt, *U. uruhuasi* TT spn) (e)
Lb alongadas e dobradas para traz no haust, quasi ou mais que o comprimento do haust, a prob 2-geniculada.....415

415–Haust apenas mais que 3/4 da acb; 2ar 2x tão comprido quanto largo.....SIPHONOPSIS TT
Haust 1 e 1/2x da acb; 2ar quasi 1/2 o comprimento do 3ar.....PHANTASIOSIPHONA TT

416–Par de mm no 1seg.....417
Sem mm no 1seg.....418

417–Prob mui alongada e setiforme; fc mais estreita que a fr; 5R com pec comprido.....CHAETOGLOSSA TT (e)



Prob mui curta; fc mais larga que a fr; 5R fechada na margem.....CONACTIA TT gn (Gt, *C. reclinata*, TT spn)

418—Com 4 ps; 3 ou mais st.....419
Com 3 ps.....421

419—Fclia cil na 1/2 inferior com setas finas separadas; mais ou menos 4 frs delicadas por baixo da ba; ♂ com o 3ant alargado em fórma triangular.....NEOCRASPEDOTHRIX TT gn (Gt, *N. nova*. TT spn) (e)
Fclia núas; quando muito 2 frs por baixo da ba...420

420—5R apenas pec; M3 mais perto da R6; ♂ com as bch apenas 1/4 do co e o 3ant rachado em 2 ramos.....ACRONARISTA TT (e)
5R aberta; M3 mais perto do cub;; ♀ com as bch 1/3 do co e o 3ant largamente truncado; ♂ desconhecido.....ACRONARISTOPSIS TT (e)

421—Com 3 até 5 st; sem mm nos 2 segs anteriores (haust setoso?).....SIPHOPHYTO TT (e)
Com só 2 st.....422

422—M3 no meio ou levemente mais perto da R6; fr e fc da ♀ quasi equilateraes.....SISYPHOMYIA TT gn (Gt, *S. pygmae* TT spn)
M3 mais perto do cub; fc da ♀ mais larga que a fr.....PLECTOPSIS TT gn (Gt, *P. palpalis* TT spn)

423—R1 cr parcialmente ou totalmente.....424
R1 praticamente núa, quando muito com 1 ou 2 cerdinhas no apice.....433

424—Lb mais que 1/2 o comprimento do haust alongado, dobradas para tráz e frisadas.....SLOSSONAEMYIA TT (e)
Lb normaes.....425

425—Plp tão compridos como o haust, este ultimo egualando a acb; *5R* pec.....*DOLICHOPALPELLUS* TT gn (Gt, *D. mirabilis* TT spn)
Plp e prob curtos; 5R aberta.....426

426—Cl cr 1/2 até a extremidade; R5 cr quasi até o extremidade.....MINTHOPLAGIA TT
Cl núa ou praticamente assim.....427

427—Abd alongado, engrossado no apice no ♂ e comprimido no apice na ♀.....NEOMINTHO BB
Abd curto, ou si alongado, é igualmente e gradualmente estreitado até o apice no ♂ e ♀....428

428—Com 4 ps; fclia com cil densas e microscopicamente delgadas..ACTINOPROSOPA TT gn (Gt, *A. facialis* TT spn)
Com 3 ps; fclia núas ou com cil ordinarias.....429

429—Com 2 st; aps presentes.....430
Com 3 st: aps presentes....431

430—Os 4 segs sem md; 1 fcs por baixo dna ba; ♂ com as bch 1/7 do co..MIAMIMYIA TT (e)
Os 3 segs posteriores com md, raramente, faltando em um ou outro dos segsint; 3 frs por baixo da ba: ♂ com as bch 1/5 do co..MELANACTIA TT gn (Gt, *M. macrocera* TT spn)

431—Olhos densamente pilosos; fclia densamente cil... EUTHELAIROPSIS TT gn (Gt, *E. brasiliensis* TT spn)
Olhos e fclia nús.....432

432—R5 cr quasi até a R6; prffr apenas mais comprido que o prffc.....THELAIROCHAETONA TT (e)
R5 cr bem além da R6; prffr muito mais curto que o prffc....ARCHINACTIA TT gn (Gt, *A. cylindrica* TT spn)

433—Olhos conspicuamente pilosos, ou densamente ou esparsamente, mas distinctamente, pelo menos no ♂.....434
Olhos quando muito com pub esparsa mui curta e inconspicua.....506

434—Fclia cil pelo menos no 1/2 inferior de cil microscopicos até grossos e esparsos até densos.....435
Fclia sem cil, quando muito com poucas cr normalmente não extendendo-se mais longe que o 1/3 inferior.....473

435—Sem ocs, só com os pêlos finos ocellares.....436
Com ocs delgadas ou grossas, mas sempre bem differenciadas dos pêlos.....445

436—R5 até a R6.....437
R5 cr quando muito só até um ponto bem antes da R6.....438

437—Segsint com md; com aps grossas, erectas, encr; plp grossos.....PARALISPE BB
Segsint sem md; aps muito delgadas; plp mui delgados.....CHAETODORIA TT gn (Gt, *C. conica* TT spn) (e)

438—Sem md nos segsint; pfclia conspicuamente estreitadas para baixo no ♂ e ♀.....439
Com pelo menos md no 3seg; pfclia equilateraes ou só levemente estreitadas para baixo no ♂, mas bem estreitadas na ♀.....442

439—Cil das fclia em pequeno numero e bem separados, só 4 ou 5 cr na 1/2 inferior; aps convergentes ou encr.....440
Cil das fclia numerosos e densos, duas vezes tão numerosos como na precedente secção, e extendendo-se praticamente até o nivel da ar; aps divergentes.....441

440 Com um par de mm pelo menos no 2seg.....PARADORIA BB (e)

Sem mm nos 2 segs anteriores.....GYMNODORIA TT gn (Gt, *G. capitata* TT spn) (e)

441 5R bem estreitada; M1 parallela com a mp; eixvibr 3/4 do eixant; olhos descendo até o nv; abd ovato, estreitado e alongado.....EUHEMIARGYRA TT gn (Gt, *E. parva* TT spn)

5R e M1 normaes; eixvibr apenas exxcedendo 1/2 do eixant; olhos faltando bastante para chegar no nv; abd ovato alargado e curto.....EULOEWIODORIA TT gn (Gt, *E. eulalia* TT spn) (e)

442 Com 3 st; ♂ com as pfrlia projectadas para dentro sobre as frlia, especialmente na 1/2 posterior.....HEMIARGYROPSIS TT gn (Gt, *H. frontalis* TT spn) (e)

Com 2 st; ♂ com as pfrlia normaes.....443

443 M3 perto do meio; 5R bem estreitada; M1 parallela com a mp; corpo estreito no ♂.....DACTYLODIDYMA TT gn (Gt, *D. dubia* TT spn)

M3 mais perto do cub; 5R e M1 normaes; corpo largo no ♂.....444

444 Ar núa, engrossada só na b; R5 cr só na b; ♀ com o abd muito eriçado fóra das macroch.... METADORIA BB (e)

Ar pub, engrossada no 1/3 b; R5 cr mais que 1/2 até a R6; ♀ com o abd não eriçado fóra das macroch.....HEMIARGYRA TT

445 R5 cr mais que 1/3 até a R6.....446

R5 cr só na b.....452

446 Com 3 ps; cil das fclia microscopicos.....447

Com 4 ps.....448

447 Bch 1/5 do co; ♀ com perfurador ponteagudo e espinhas curtas no vnt do 3seg.....MACHAIROMASICERA TT (e)
Bch 1/3 do co; ♀ com theca delgada mas não microscopicamente pontuda...STURMIOACTIA TT gn (Gt, *S. auronigra* TT spn) (e)

448 Frs 4 ou 5 abaixo da ba.....449
Frs quando muito 3 abaixo da ba.....450

449—Plp delgados; tibp não cil.....TETRAGRAPHA BB (e)
Plp grossos, claviformes; tibp com cil curtas e 1 cr mais comprida.....YAHUARTACHINA TT gn (Gt, (*Y. yahuarphrynoides* TT spn (e)

450—Cub quasi no meio entre a costa e a mp; usec da C1 pelo menos 1/2 da prec.....PLAGIOTACHINA TT gn (Gt, *P. peruviana* TT spn) (e)
Cub 1/3 da laz da mp; usec da C1 curta.....451

451—Plp alongados e delgados, pouco espessos no apice; prffr e prffc quasi eguaes.....MACROHOUGHIA TT gn (Gt, *M. marmorata* TT spn)
Plp claviformes, muito engrossados no apice, o qual é nú na ♀; prffr mais curto que o prffc......MACROHOUGHIOPSIS TT gn (Gt, *M. similis* TT spn)

452 Com 4 ps.....453
Com 3 ps.....457

453—Ar 1 e 1/2x o mui alargado 3ant.....EUPHOROCEROPSIS TT (e)
Ar não desusadamente alongada.....454

454 Com 4 st; bch quasi 1/3 do co.....455
Com 2 st; bch quando muito apenas 1/4 do co....456

455 Bch poucco excedendo 1/5 do co; ♀ com a lfr pouco excedendo 1/5 a lcb.....GYMNOERYCIA TT (e)

Bch quasi 1/3 do co; ♀ com a lfr 1/3 da lcb..... VERRUGOPHRYNO TT gn (Gt, *V. exoristoides* TT spn) (e)

456—Pfclia fortemente estreitadas para baixo; eixvibr e eixant eguaes.....HUMISTURMIA TT gn (Gt, *H. carcelioides* TT spn)

Pfclia não estreitadas para baixo; eixvibr pouco mais que 1/2 do eixant.....PROPHRYNO TT gn (Gt, *P. aurulans* TT spn)

457—M3 no meio ou perto do mesmo; com 2 st.....458

M3 muito mais perto do cub; usualmente com 3 st.....464

458—Frs 4 ou 5 abaixo da ba.....459

Frs quando muito 2 abaixo da ba.....460

459—3 ant fortemente mucronado; eixvibr quasi egualando o eixant; plp grossos.....OLLACHACTIA TT gn (Gt, *O. mucronata* TT spn) (e)

3ant não mucronado; eixvibr 3/4 do eixant; plp curtos e quasi filiformes.....THELYPHAENOPSIS TT gn (Gt, *T. atra* TT spn)

460—Bch não excedendo 1/9 ou 1/10 do co.....461

Bch pelo menos 1/5 do co.....462

461—Côr não metallica; usec da C1 1/2 da prec.....MESOCHAETA BB

Côr verde-cupreada até purpurado-metallica; usec da C1 1/3 da prec.....BOLODORIA TT gn (Gt, *B. yahuarmayana* TT spn) (e)

462—Segsint com md.....DIDYMOPS TT gn (Gt, *D. yahuarmayensis* TT spn) (e)

Segsint sem md.....463

463—5R fechada, desusadamente estreitada no apice.... MUSCINOTHELARIA TT

5R aberta, normal.....MAYOPHORINIA TT gn (Gt, *M. angusta* TT spn) (e)

464 Segsint com md.....465
Segsint sem md ou raramente com md no 3segg da ♀.....468

465 Pfrlia e pfclia alargadas e conicamente inchadas, fazendo um perfil frontofacial bem saliente; ♂ com a bch 1/2 do co.....MYIOPHARUS BB (e)
Pfrlia não conicamente inchadas; ♂ com a bch 1/3 até 1/5 do co.....466

466 Com 3 até 6 gno e aps fracas.....EUMACHAERAEA TT gn (Gt, *E. auricephala* TT spn) (e)
Nem gno nem aps.....467

467 Bch quando muito pouco excedendo 1/5 do co; sem ec; ♂ com a lfr 1/5 da lcb; ♀ com perfurador ponteagudo tão comprido quanto o abd.... SPATHIMYIA TT (e)
Bch pelo menos bem excedendo 1/4 do co; ec bem desenvolvida; ♂ com a lfr 1/3 da lcb.....PHYLLOPHRYNO TT gn (Gt, *P. antennalis* TT spn) (e)

468 Bch quasi 2/5 do co.....YAHUARPHRYNO TT gn (Gt, *Y. patelloides* TT spn) (e)
Bch pouco excedendo 1/4 do co.....469

469 Frs 4 até 6 abaixo da ba..PATELLOAPSIS TT gn (Gt, *P. similis* TT spn)
Frs não excedendo 3 abaixo da ba...470

470 Tibp fracamente pect com cr uniformes; com aps delgadas; 5R estreitamente aberta...PHRYNOTACHINA TT gn (Gt, *P. minor* TT spn) (e)
Tibp não pect; aps grossas; 5R largamente aberta 471

471 1/2 sperior de fc muuito excedendo 1/3 da lcb;

theca da ♀ em fórma de um machado.....PELECO-THECA TT
1/2 superior da fc pouco excedendo 1/3 da lcb; theca da ♀ não assim....472

472—Perfil frontofacial arredondado; frcs que descem por baixo da ba seguindo a margem interior das pfclia....ITEUTHELAIRA TT gn (Gt, *I. intermedia* TT spn)

473—Plp alongados, extendendo-se muito além do ep e cobertos de cil compridos.....LASIOPALPUS Mq
Plp nem mui alongados nem com cil compridos.....474

474—Scutello e abd densamente cr, o abd tambem densamente piloso.....LASIONA Wp (e)
Não assim; si o abd fôr densamente cr, falta a pilosidade....475

475—Com 2 ps, sendo presentes os pares anteriores e posteriores.....476
Com pelo menos 3 ps.....479

476—Segsint mais ou menos cobertos de espinhas....BOMBYLIOMYIA BB
Macroch abd não espiniformes.....477

477—Ou um dos segsint ou ambos com md; R5 cr até a R6..PTILODEGEERIA BB (e)
Sem md nos segsint; R5 cr só na b......478

478—Sem ec; nem aps nem ds; com 1 pra..ERYTHROMELANA TT (e)
Com ec grossa; com aps e ds delgadas; 3 pra...TELOTHYRIOSOMA TT (e)

479—Segsint mais ou menos cobertos de macroch espiniformes; cb mui pequena em proporção ao corpo; sq mais ou menos pilosas....480
Segsint quando muito com só um par de md não espiniformes; cb e sq normaes.....482

480 Sq densamente pilosas no disco.....HYSTRICIA Mq
Sq núas no disco mas pilosas na margem exterior 481

481—Pfclia núas; com 2 st.....TROPIDOPSIS BB
Pfclia setosas; com 3 st..EUBLEPHARIPEZA TT

482—Com 3 ps.....483
Com 4 ps.....491

483—Ambos os segsint com md grossas; 3 st; prffr quasi recto......484
Quando muito ambos os segsint com md fracas ou vestigiaes, ou 1 par grosso só nó 3seg; 2 st, ou si mais, o prffr muito arcado...485

484—Côr verde-dourada pronunciada; bch 1/3 co.....CHRYSOEXORISTA TT
Côr não assim; bch 1/5 da co...TINALYDELLA TT gn (Gt, (*T. tinensis* TT spn) (e)

485—Pfclia quasi equilateraes......486
Pfclia conspicuamente estreitadas para baixo.....487

486—Sem ocs e sem mm no 1seg...ITAPLECTOPS TT gn (Gt, *I. antennalis* TT spn)
Comocs fortes; usualmente mm no 1seg, ás vezes vestigiaes no ♂........,ARGYRODORIA TT gn (Gt. *A. hemiargyroides* TT spn)

487—R5 cr só na b.....488
R5 cr pelo menos 1/2 até a R6.....489

488—Pfclia quasi egualando a lcl em cima; ♂ com a lpfrl 4x a lpfrlia anteriormente.......NEARGYROPHYLAX TT gn (Gt, (*N. argentescens* TT spn)
Pfclia 1/2 da lcl em cima; ♂ com a lpfrl 3x a lfrlia anteriormente.............HEMIARGYROPHYLAX TT gn (Gt, (*H. punctilucis* TT spn) (e)

489—Ba muito acima do nmo; prffr e prffc eguaes; com

ocs resistentes........::::THELAIRODORIA TT gn (Gt, *T. thrix* TT spn) (e)

Ba quando muito pouco acima do nmo; prffr mais comprido que o prffc; ocs ausentes ou vestigiaes pelo menos no ♂.....490

490 Ar praticamente núa; ♂ com as pfrlia muito aproximadas ás frlia..ARGYREOMYIA TT

Ar com pub comprida e uniforme tal como pl; ♂ com as pfrlia normaes, não aproximadas....ANAPHORINIA TT gn (Gt, *A. aurata* TT spn)

491 Com 2 st (*Hemimasipoda*, ás veezs com uma terceira st delgada semelhante a um pêlo....492

Com 3 st, a inferior ás vezes mais delgada mas bem differenciada....500

492 -Bch 1/5 até 1/6 do co......493

Bch 1/9 até 1/10 do co.....496

493—Segsint com md...TINANEMORILLA TT gn (Gt, *T. angustipennis* TT spn) (e)

Segsint sem md......494

494 -Ba pouco acima do nmo; ♂ com as frs em 2 fileiras de cada lado..MICROTRICHODES Mq

Ba muito acima do nmo; ♂ com as frs em uma só fileira.....495

495 Vibr bem differenciadas e encr; ♀ com o ultimo articulo dos tara muito alargado e alongado..MASIPODA BB

Vibr apenas differenciadas das outras cr e não encr; ♀ desconhecida........AVIBRISSOSTURMIA TT gn (Gt, *A. avida* TT spn) (e)

496 -Pfclia núas, estreitadas até uma linha em baixo 497

Pfclia pilosas, não estreitadas até uma linha.......498

497—Frs 2 abaixo da ba; col 2x a lcl.....CALOCARCELIA TT gn (Gt, *C. fasciata* TT spn)

Frs 3 ou 4 abaixo da ba; ccl 1 e 1/2x a lcl...NEPOCARCELIA TT gn (Gt, *N. fulva* TT spn)

498 - Uma só fileira de pêlos finos na margem interior das pfclia; ♂ com 1 pfro; pfrlia prateadas brunidas collocadas sobre a frlia do triangulo ocellar até a lunula; unhas curtas......PARACHETOLYGA Bach

Duas ou tres fileiras de pêlos occupando proticamente toda a largura das pfclia; ♂ com unhas compridas e pfrlia normaes e sem pfro....499

499 Frs em 2 fileiras no ♂ e ♀; ♂ sem mm no 2seg; ♀ com plp normaes, e o ultimo articulo dos tara quasi tão comprido como os articulos 2 até 4 inclusivos.......HEMIMASIPODA TT gn (Gt, *H. brasiliensis* TT spn)

Frs em 1 fileira; par de mm no 2seg do ♂ e ♀; plp da ♀ inchados na 1/2 terminal, e o ultimo articulo dos tara da ♀ subovato mas pequeno... OKEOPSIS TT gn (Gt, *O. palpalis* TT spn)

500 Segsint com md e iseg com mm.....501

Segsint sem md.....502

501 Côr verde-dourada; frs 2 ou 3 abaixo da ba; prffr mais curto que o prffc; ♀ sem perfurador..CHRYSOPHRYNO TT gn (Gt, *C. egensis* TT spn)

Côr não assim; frs 4 abaixo da ba; prffr distinctamente mais comprido que o prffc; ♀ com perfurador ponteagudo e vnt espinhoso...OROPHOROCERA TT gn (Gt, *O. ocellaris* TT spn) (e)

502 Sem mm no 1seg.....503

Com mm no 1seg, curtas ou fracas mas distinctamente differenciadas..504

503 Frs 3 abaixo da ba; prffr distinctamente arcado em cima; bch 1/8 do co......PROCARCELLA TT gn (Gt, *P. brasiliensis* TT spn)

Frs 4 ou 5 abaixo da ba; prffr recto; bch 1/5 do co...TRIODONTOPYGA TT gn (Gt, *T. tridens* TT spn)

504–Prffr arcado, mais comprido que o prffc..PROMETOPIOPS TT gn (Gt, *P. polita* TT spn)
Prffr recto, não excedendo o prffc....505

505–Ccl 2x a lcl; ♂ com o 3ant mais que 4x o 2ant... APLOMYOPSIS TT gn (Gt, *A. brasiliensis* TT spn)
Ccl não excedendo 1 e 1/2x a lcl; ♂ com o 3ant 2x o 2ant.....ZYGOZENILLIA TT gn (Gt, *Z. plumbea,* TT spn)

506–Prffr quando muito apenas excedendo 3/4 o prffc... 507
Prffr não muito mais curto que o prffc, bem excedendo 3/4 deste ultimo.....513

507–Segsint com md; ♂ com o 3ant grosso e 6x o 2ant.....508
Segsint sem md.....509

508–Com 2 st e 3 ps; ♂ com pfro.....NEPOPHASMOPHAGA TT gn (Gt, *N. facialis* TT spn)
Com 3 st e 2 ps; ♂ sem pfro.....METOPOACTIA TT gn (Gt, *M. andina* TT spn) (e)

509–Fclia cil em mais que a 1/2 inferior.....510
Fclia quando muito com cil na 1/4 inferior.....511

510–Ar engrossada sómente na 1/2 b; ♂ com unhas compridas.....ACHATONEURA BB
Ar engrossada 2/3 até a extremidade; ♂ com unhas curtas.....YPOPHAEMYIA TT

511–Com 2 st e ps; R5 com 2 cr grossas na b; 5R estreitamente aberta.....ITALISPIDEA TT gn (Gt, *I. antennalis* TT spn)
Com 2 st e 3 ps; R5 cr 1/2 até a R6 com cr

ordinarias; 5R fechada.....ECLAUSICELLA TT gn (Gt, *E. uruhuasi* TT spn) (e)
Com 3 st e ps.....512

512—Lfrlia 2x a lpfrl; ♂ com 2 pfro.....CAENISOMA TT gn (Gt, *C. charapense* TT spn) (e)
Lfrlia pouco excedendo a lpfrl; ♂ sem pfro.....CROESOACTIA TT gn. (Gt, *C. cincta* TT spn) (e)

513—Ocs ausentes ou vestigiaes no ♂ e ♀, só pêlos finos no seu logar.....514
Ocs presentes, frequentemente delgadas, especialmente no ♂.....528

514—Segsint com md.....515
Segsint sem md.....519

515—Fclia cil pelo menos no 1/2 inferior.....OEDEMAMEDINA TT gn (Gt, *O. costalis* TT spn) (e)
Fclia praticamente núas.....516
Ar conspicuamente pub.....518

517—Bch 1/4 do co; frs 4 ou 5 abaixo da ba.....URODEXODES TT (e)
costalis TT spn) (e)
Bch apenas 1/5 do co; frs 2 ou 3 abaixo da ba; ♀ com perfurador ponteagudo mais comprido que o abd.....XIPHOMYIA TT (e)

518—Com pelo menos 3 st e ps; cb muito alargada e prffr bastante arcado.....OLINDA RD (julgada dos caracteres principaes de *Xiphomyia)*
Com 2 st e ps; cb pouco mais larga que alta e o prffr apenas arcado.....LESKIOLYDELLA TT gn (Gt, *L. aurata* TT spn)

519—Com 2 st.....520
Com mais que 2 st.....524

520—Cb muito alargada; com 3 ps e poa grossas.....CYLINDROMASICERA TT

Cb não muito alargada, pouco mais larga que alta.....521

521 — Com 3 ps e 3 poa; aps presentes.....ARGYROPHYLAX BB (e)

Com 3 ps ♂ com as pfrlia soldadas com as frlia, as margens exteriores destas ulimas levantadas e curvadas para dentro unindo-se na linha mediana.....ERYTHROARGYROPS TT (e)

Com 2 ps e não mais que 2 poa; sem aps.....522

522 Ec grossa; com 3 até 5 rfro.....OXYOPHIRION TT gn (Gt, *O. punctigerum* TT spn)

Ec ausente ou vestigial; não mais que 2 rfro.....523

523 Frs 1 abaixo da ba; ♂ com as frlia estreitadas até uma linha posteriormente.....OPSOLESKIA TT (e)

Frs 2 abaixo da ba; ♂ com as frlia pouco estreitadas posteriormente.....MINTHOMYIA TT (e)

524 — Com 3 st e ps; fclia cil.....525

Com 4 st e ps; fclia núas.....527

525 — Bch 1/10 do co; pfclia reduzidas quasi até uma linha em baixo; com mm no 1seg.....TREPOPHRYS TT (e)

Bch pelo menos 1/5 do co; pfclia quando muito pouco mais estreitas em baixo que as fclia; sem mm no 1seg.....526

526 — Ccl 2 e 1/2x a lcl; prffr conspicuamente mais curto que o prffc; M3 muito mais perto do cub..... CASAHUIRIA TT (e)

Ccl não 2x a lcl; prffr e prffc eguaes; M3 perto do meio..... OXYNOPSIS TT gn (Gt. *O. brasiliensis* TT spn)

527 Cb de largura moderada; bch apenas 1/6 do co; côr verde-dourada.....CHRYSOMETOPIOPS TT

Cb muito alargada, 1 e 1/2 vezes tão larga quanto alta; bch 1/5 do co; côr não assim.....ANAZYGOSTURMIA TT gn (Gt, *A. analis* TT spn)

528- Fclia cil até um ponto alto com cr delgadas, ou com cr grossos, pelo menos quasi cobrindo a 1/2 inferior.....529

Fclia quando muito com cil fracos na 1/3 inferior.....547

529—5R pec longe da exa.....530

5R ou estreitamente ou largamente aberta.....531

530—M1 mais transversal do eixl da aza que a M3; sem ec; bch 1/3 do co.....EGGONIA BB (tG, *E. wulpii* TT spn, nome proposto para a especie descripta por BB, Musc. Schiz. III. 104, mas sem nome especifico)

M3 mais transversal do eixl da aza que a M1; com ec grossa; bch apenas 1/4 do co.....EPIDEXIA TT (e)

531—Com 4 st, ou si menos no ♂, então este sem mm no 2seg e com só 3 ls eguaes.....532

Não mais que 3 st e o ♂ ou com mm no 2seg ou 4 ls eguaes.....536

532 Com 3 ps.....THYSANOSTURMIA TT gn (Gt, *T scutellaris* TT spn)

Com 4 ps.....533

533 Par de mm no 1seg; côr verde-dourada.....CHRYSSOSTURMIA TT

Sem mm no 1seg.....534

534 Bch quasi 2/5 do co; tibp cil, sem cr mais comprida no ♂ e ♀; sem mm nos 2 segs anteriores no ♂ n ♀.....THYSANOMYIA BB

Bch quando muito pouco excedendo 1/4 do co; tibp cil, com 1 cr mais comprida, pelo menos na ♀; par de mm no 2seg, pelo menos na ♀.....535

535 Plp apenas engrossados no apice; cub um ra agudo.....ACHAETONEUROPSIS TT gn (Gt, *A. affinis* TT spn)
Plp claviformes; cub um ra curvo.....MYIOSTURMIA TT gn (Gt, *M. mixta* TT spn)

536 5R terminando bem longe da exa 537
5R terminando mui perto da exa; ou pouco antes da mesma.....538

537 Bch bem excedendo 1/3 do co; ♂ com o 3ant 5 ou 6x o 2ant.....PROSPHERYSA Wp (e)
Bch 1/4 do co; ♂ com o 3ant apenas mais que 3x o 2ant.....SARCOLYDELLA TT gn (Gt, *S. analis* TT spn)

538 R5 cr pelo menos 1/2 até a R6.......539
R5 cr só na b.....541

539 Com 3 st; bch 1/20 do co; ♂ com 4 pfro..... CLITHOXYNOPS TT gn (Gt, *C. orbitalis* TT spn)
Com 2 st bch não excessivamente estreitas 540

540 Ar excessivamente comprida, delgada; ♂ com 1 pfro.....TRICHINOCHAETA TT
Ar de comprimento normal; ♂ sem pfro.....OXYNOPS TT (e)

541 Olhos descendo quasi até o pfrfor; bch 1/8 do co.....CHAETONODEXODES TT (e)
Olhos descendo muito abaixo do nv; bch 1/20 do co...ACTINODORIA TT gn (Gt, *A. cuprea* TT spn (e)
Olhos não descendo por baixo do nv; bch 1/4 até 1/5 do co.....542

542 Aps completamente ausentes.....543
Aps presentes, ás vezes curtas ou fracas.....544

543 Nenhum dos mtt egualando os tsg; ♀ sem mm nos 2 segs anteriores nem md no 3seg; ♂ sem

pfro, com mm no 1seg e md nos segsint; ♀ com perfurador ponteagudo e vnt espinhoso.....EUCELATORIA TT (e)

Pelo menos os mtt intermediarios egualando os tsg; sem md nos segsint no ♂ e ♀ e sem mm no 1seg; ♂ com pfro.....THELYOXYNOPS TT gn (Gt, *T. orbitalis* TT spn)

544—Com 2 st; segsint sem md; ♂ com pfro.....545
Com 3 st; segsint com md.....546

545—Os 4 segs com fin.....LYDELLOTHELAIRA TT (e)
Sem mm no 1seg.....PROPHAENOPSIS TT gn (Gt, *G. nitens* TT spn)

546—Com o 2ant curto; 3ant submucronado, apenas 3x o 2ant na ♀ e com 2 tuberculos pontudos mui pequenos na margem superior.....CEROMASIOPSIS TT gn (Gt, *O. brasiliensis* TT spn)

Com o 2ant distinctamente alongado; 3ant normal, quasi 4x o 2ant na ♀.....PROPHRYNOPSIS TT gn (Gt, *P. peruviana* TT spn) (e)

547—Pfclia mais ou menos pilosas.....548
Pfclia inteiramente núas.....551

548—Com fileira de cil na margem interior das pfclia; bch excedendo 2/5 do co.....OXYAPORIA TT (e)
Pfclia não cil na margem interior.....549

549—Bch 1/2 do co; 5R mui estreitada e alongada; cb diaphana.....PHOSOCEPHALA TT (e)

Bch 2/5 do co; olhos mui curtos.....MELANORLOPTERYX TT gn (Gt, *M. costalis* TT spn) (e)

Bch 1/4 do co; 5R e olhos normaes.....550

550—Com 3 st e ps; 3ant submucronado; ♀ com mm nos 2 segs anteriores, perfurador ponteagudo e vnt espinhoso.....JICALTEPECIA TT

Com 4 st e ps; 3ant normal; ♀ sem mm nos 2 segs anteriores e com theca triangular, pontuda

de perfil.....STENOSTURMIA TT gn (Gt, *S. stricta* TT spn)

551 R5 cr pelo menos 1/3 até a R6.....552
R5 cr só na b.....563

552 Segsint com md.....553
Segsint sem md.....555

553—Com 2 st.....ANOXYNOPS TT gn (Gt, *A. conica* TT spn)
Com 3 st.....554

554 Bch 1/4 do co, prffr recto.....OLINDOPSIS TT gn (Gt, *O. andinensis* TT spn) (e)
Bch 1/6 ou 1/7 do co; prffr levemente arcado.... PYGOPHORINIA TT gn (Gt, *P. peruviana* TT spn) (e)
Bch apenas 1/12 do co; prffr muito arcado.....HYPODORIA TT gn (Gt, *H. orbitalis* TT spn)

555 5R terminando mui pouco antes da exa.....
5R terminando mui claramente antes da exa.....557

556 Prffr e prffc eguaes; olhos descendo até o prfor.... CALPODOMYIA TT (e)
Prffr 4/5 do prffc; olhos descendo até o nv.....PROXYNOPS TT gn (Gt, *P. proxima* TT spn)

557 Clypeo pouco deprimido; 4 st.....MYOTHYRIOPSIS TT
Clypeo bem encovado; não mais que 3 st.....558

558 Com 3 ps e 2 st; bch e pfclia mui estreitas.....559
Com 4 ps.....560

559 Ar muito delgada, pub engrossada só na b; plp muito alargados e achatados ~~no apice~~; ♂ com as pfrlia unidas sobre as frlia no seu meio..... ARGYROCHAETONA TT (e)
Ar engrossada no 1/3 b; núa; plp pouco engrossa-

dos no apice; ♂ desconhecido.....CAENIOPSIS TT gn (Gt, *C. brevifons* TT spn)

560 Thx e abd dourados metallicos; 2 st; bch 1/15 do co.....BOLOHOUGHIA TT gn (Gt, *B. aurometallica* TT spn)
Thx e abd não metallicos; 3 st, ás vezes, a inferior fraca.....561

561 Ba quasi no nno ou pouco acima do mesmo; bch 1/6 do co.....PETRARGYROPS TT gn (Gt, *P. punctiger* TT spn)
Ba muito acima do nno; bch apenas excedendo 1/10 do co.....562

562 Eixvibr 1/2 do eixant; cb 1 e 1/2x tão larga quanto alta.....SISYROHOUGHIA TT gn (Gt, *S. similis* TT spn)
Eixvibr mais que 2/3 do eixant; cb não mais que 1 e 1/4x tão larga quanto alta.....EUMACROHOUGHIA TT gn (Gt, *E. nuda* TT spn)

563 Sem mm no 1seg.....564
Par de mm normalmente distincto no 1seg, ás vezes, curto ou delgado.....573

564 Segsint com md.....565
Segsint sem md.....567

565 Olhos faltando bastante para chegar ao nv; bch 1/4 do co.....OLIGOLYDELLA TT gn (Gt, *O. fulvipes* TT spn)
Olhos descendo quasi até o nv; bch 1/6 do co.....566

566 Par anterior das frs comprido e encr; azas hyalinas esbranquiçada na 1/2 b e enfumaçadas grisalhas na 1/2 terminal.....PSEUDOREDTENBACHERIA BB
Frs não assim; azas largamente enfumaçadas na 1/2 até nos 3/4 da costa.....NEOMMASICERA TT gn (Gt, *N. fulvipes* TT spn)

567—R5 com só 1 cr forte na b; bch 1/8 do co.....AMETADORIA TT gn (Gt, *A. unispinosa* TT spn)
R5 com cr ordinarias na b; bch pelo menos 1/5 do co.....568

568—3ant mucronado.....CLYTHOPSIS TT gn (Gt, *C. confundens* TT spn)
3ant não mucronado.....569

569—5R fechada.....MYOTHYRIA
5R aberta.....570

570—Com 4 st e ps; ♀ sem perfurador.....571
Com 3 st e ps; ♀ com perfurador ponteagudo...572

571—Bch não excedendo 1/4 do co; frs 2 abaixo da ba; com aps curtas encr.....ZYGOSTURMIA TT.
Bch 1/3 do co; frs 3 abaixo da ba; sems aps.....ITASTURMIA TT gn (Gt, *I. intermedia* TT spn)

572—5R quasi fechada; prffr um pouco mais comprido que o prffc; ♀ com o vnt sem espinhas.....HYPOMYOTHYRIA TT gn (Gt, *H. hypodermica* TT spn)
5R bem aberta; prffr e prffc eguaes; ♀ com o vnt espinhoso.....EUCELATORIOPSIS TT gn (Gt, *E. teffeensis* TT spn)

573—5R terminando conspicuamente antes da exa.....574
5R terminando na exa ou mui pouco antes da mesma.....579

574—Segsint sem md.....575
Segsint com md; não mais que 3 ps.....577

575—Fr e fc de largura egual.....GYMNOCARCELIA TT (e)
Fc mais larga qua a fr.....576

576—Com 3 st e ps; 3ant não mais comprido que o 2ant.....ERVIA RD (e)

Com 4 st e ps; 3ant 3x o 2ant.....OPSOSTURMIA TT gn (Gt. *O. tarsalis* TT spn)

577—Com 2 st e pêlos.....PARANETIA TT gn (Gt, *P punctata* TT spn)

Com 3 st, a inferior, ás vezes, delgada; ♀ com perfurador ponteagudo.....578

578—Lfrlia menos que a lpfrl; ♀ sem espinhas no vnt; ♂ com só 1 par de md nos segsint.....HELIOLYDELLA TT gn (Gt, *H. aurata* TT spn)

Lfrlia pelo menos egualando a lpfrl; ♀ com o vnt espinhoso; ♂ com 2 pares de md nos segsint..... TACHINOPHYTOPSIS TT gn (Gt, *T. carinata* TT spn)

579—M3 conspicuamente mais perto do cub.....580

M3 no meio ou mui perto do mesmo, quando muito só um pouco mais perto do cub.....591

580—Segsint sem md.....581

Segsint com md, pelo menos no 3seg.....585

581—Sem aps; ♀ sem pfro.....MYIOMINTHO BB (e)

Com aps pequenas, encr.....582

582—Com 2 st e ps; clypeo levemente deprimido...... EPIPROSPHERYSA TT gn (Gt, *E. charapensis* TT spn) (e)

Com 3 st e ps; clypeo bem encovado.....583

583—Bch 1/6 ou 1/7 do co; eixvibr 1/2 do eixant; 5R praticamente fechada;.....CAMPTOPHRYNO TTgn (Gt, *C. orbitalis* TT spn)

Bch pelo menos 1/4 do co; eixvibr pelo menos 3/4 do eixant; 5R aberta.....584

584—Eixvibr pouco menos que o eixant; prffr e prffc eguaes; ccl 2x a lcl.....PROPHORINIA TT gn (Gt, *P. proletaria* TT spn)

Eixvibr 3/4 o eixant; prffr mais curto que o prffc;

ccl mais que 2x a lcl.....ACTINOTACHINA TT gn (Gt, *A. angusta* TT spn (e)

585 Plp grossos, claviformes.....586
Plp delgados.....588

586 Com 4 ps; sem aps; ♂ com unhas compridas.... PROROGLUTEA TT (e)
Com 2 ps; com aps encr, mui pequenas....PTILOLYDELLA TT gn (Gt, *P. aristalis* TT spn)
Som 3 ps.....587

587 Sem aps; ♂ com unhas compridas.....HEMILYDELLA TT gn (Gt, *H. fasciata* TT spn) (e)
Com aps encr; ♂ com unhas curtas.....EGAMEIGENIA TT gn (Gt, *E. amazonica* TT spn)

588 Plp um pouco alargados e achatados na b.....PARATHELAIRA TT (e)
Plp um pouco engrossados no apice na ♀ e não no ♂.....589

589 Ccl mais que 2x a lcl; frs 1 ou 2 abaixo da ba; bch apenas 1/5 apenas 1/5 do co.....CALOLYDELLA TT gn (Gt, *C. geminata* TT spn)
Ccl menos que 2x a lcl; frs 2 ou 3 abaixo da ba; bch pelo menos 1/4 do co.....590

590 Côr metallica, com reflexos distinctos de verde até bronze ou violeta.....LYDINOLYDELLA TT gn (Gt, L. metallica TT spn)
Côr não metallica.....ITALYDELLA TT gn (Gt, *I. geminata* TT spn)

591 5R fechada.....592
5R aberta, frequentemente mui estreitamente assim, mas a R5 e a M1 não juntando-se actualmente....594

592 Com 2 st e 3 ps; bch apenas 1/7 do co; frs 1 abaixo da ba.....MYIOXYNOPS TT gn (Gt, *M. palpalis* TT spn) (e)
Com 3 st e 2 ps; bch quasi 1/4 do co.....593

593—Segsint com um par curto de md; frs 4 ou 5 abaixo da ba.....EUTHELYCONYCHIA TT gn (Gt, *E. clausa* TT spn)
Segsint sem md; frs 2 abaixo da ba.....LYDELLACTIA TT gn (Gt, *L. clausa* TT spn)

594—Com 2 st.....595
Com 3 st.....599

595—Bch 1/4 até 1/3 do co.....596
Bch não excedendo 1/5 do co.....597

596—Costa com 2 fileiras de espinhas divergentes mui curtas; lfrlia pelo menos egualando a lpfrl.....PIXIMACTIA TT gn (Gt, *P. uruhuasi* TT spn) (e)
Costa não assim; lfrlia 1/2 da lpfrl.....HYPOPHORINIA TT gn (Gt, *H. hyphena* TT spn)

597 Clypeo pouco deprimido, ccl 1 e 1/2x a lcl; prffr fortemente arcado e mais comprido que o prffc... METARRHINOMYIA TT gn (Gt, *M. angusta* TT spn (e)
Clypeo bem deprimido, ccl quasi 2x a lcl; prffr apenas arcado e egualando o prffc.....598

598—Plp grossos, claviformes, bem engrossados no apice; ♂ com pfro.....TACHINOPHYTO TT (e)
Plp delgados, apenas ou pouco engrossados no apice; ♂ sem pfro.....HYPOPROXYNOPS TT gn (Gt, *H. rufiventris* TT spn)

599—Segsint com md.....600
Segsint sem md.....603

600—Com aps; ar com pub mui curta; frs 3 abaixo da ba.....601
Sem aps.....602

601—Plp delgados, apenas engrossados no apice; lfrlia menos que a lpfrl.....MYIODORIA TT gn (Gt, *M. discalis* TT spn) (e)

Plp claviformes; lfrlia mais que a lpfrl.....PRODEXODES TT gn (*Gt, P. rufiventris* TT spn)

602 Prffr mais curto que o prffc e recto; ar pub..... EUZENILLIA TT (e)
Prffr egualando o prffc e vagamente arcado; ar com pub comprida.....MELANODORIA TT gn (Gt, *M. nigrisquamis* TT spn) (e)
Prffr mais comprido quee o prffc; ar praticamente núa.....LYDELLOHOUGHIA TT gn (Gt, L. *nana* TT spn)

603 Lfrlia muito menos que a lpfrl.....EUZENILLIOPSIS TT (e)
Lfrlia quasi 2x a lpfrl.....BIOHYPOSTENA TT gn (Gt, *B. brasiliana* TT spn)
Lfrlia pouco mais que a lpfrl.....604

604 Ar com pub comprida no lado superior.....PARAPROSPHERYSA TT gn (Gt, *P. fumipennis* TT spn)
Ar com pub mui curta, só na parte engrossada...605

605–Sem aps.....ITABIOMYIA TT gn (Gt, *I. fulvescens*
Com aps pequen, erectas, encr.....CATAPHORINIA TT gn (Gt, *C. angusta* TT spn)

Indice da Synopse

Ocs proclinadas ou ausentes — 411
2ar não alongado — 423
R1 núa — 433
Olhos nús — 506
Não o grupo da fr curta — 513
Ocs presentes — 528
Fclia núas — 547
R5 cr só na b — 563
Mm no 1seg — 573
5R terminando perto da exa — 579
M3 no meio ou perto do mesmo — 591
5R aberta — 594
Com 3 st — 599
Sem md nos segsint — 603

Uma palavra será opportuna quanto á maneira de empregar a synopse. Ninguem se esqueça de que todas as medidas comparativas dadas são só approximadas. A natureza não trabalha com exactidão mathematica no campo dos caracteres anatomicos. Por esta razão é sempre necessario calcular com um pequeno gráo de variação. A hereditariedade transmitte, mas o ambiente modifica.

Especialmente são as fórmas muscoideas extensivamente interalliadas por uma multidão de ramificações, com muitas especies transicionaes ainda existentes. Esta condição torna muito difficil qualquer classificação da maior parte das formas. O unico methodo a empregar aqui, consiste na definição de generos restrictos.

Na melhor hypothese, em muitos casos, apezar da poderosa vantagem offerecida pelos generos restrictos, a determinação authentica destas moscas está rodeada de difficuldades, devido ao facto que as fórmas intermediarias não coincidem completamente com as definições. Taes fórmas transicionaes têm de agrupar-se ao redor das fórmas typicas respectivas.

Se tivessemos todos os individuos, representando todas as fórmas que se têm produzido na evolução de

um grupo de organismos, seria praticamente impossivel classifical-os por qualquer systema taxonomico. A's vezes quasi nos encontramos com esta condição nos grupos muscoideos.

Pouca synonymia tem apparecido no decurso de se preparar a synopse. O genero *Eusantha* Wp evidentemente é *Sophia* RD. Varios dos generos velhos de RD e Mq não estão ainda identificados. *Olinda* RD provavelmente é uma fórma mui parecida com *Xiphomyia* TT.

As tribus muscoideas não foram introduzidas neste trabalho. Ellas estão reservadas para um estudo que incluirá todos os generos muscoideos do mundo.

Todas as especies a menos de indicação em contrario, foram colleccionadas pelo autor.

Acemeigenia inca spn

Cco 5,5; caz 4,5;. 1 ♂, Cuzco, Perú, 21 de Fev., em folhagem.

Cb côr de latão-pallida; cova ant, bch e occiput um pouco mais prateados; frlia e ant ennegrecidas; plp fulvo-pallidos; corpo preto-pardacento subpolido, pleuras fracamente prateadas, mesoscuto latão-pallido com 2 vittas pretas mui largas; scutello latão-pallido no apice e os 3 segs posteriores com a mesma côr na b formando 3 faixas largas; pernas pardas; azas quasi hyálinas; sq enfumaçado-amarelladas.

Achaetoneuropsis affinis spn

Cco 8-9; caz 7-7,5; 3 ♂. Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., Brasil, 20-30 de Nov., em flores de *Sapium*.

Cb prateado-sombria, pfrlia de latão-pallido; frlia e ant pardas, as primeiras griseas vistas obliquamente; plp fulvo-pallidos; thx e abd prateados e mui levemente amarellados; 5 thvitt subeguaes, a medial faltando antes da sutura; margens posteriores das segs pardo-ne-

grejantes sub-polidas com a variação da luz; pernas pretas; azas hyalinas; sq quasi brancas.

Actinactia lutea spn

Cco 4; caz 3,5. 1 ♀. Itaquaquecetuba, S. P., 6 de Dez., em flores de *Sapium*.

Cb mui levemente branco-prateada; frlia amarelladas com um pouco de fulvo-pardacento posteriormente e na linha mediana; ant amarello-fulvas, o 3ant um pouco tingido de pardacento; thx amarello-fulvo, mais claro nas pleuras, quasi imperceptivelmente prateado mas bem polvilhado nos humeros; thvitt imperceptiveis; scutello e abd amarellos, a 1/2 terminal do abd fulvo devido ao seu conteudo secco; pernas amarellas, tarsos escuros; azas mui levemente tingidas de fuliginoso-amarellado, mais distinctamente na costa; sq fuliginoso-amarelladas

Actinodoria cuprea spn

Cc 5; caz 4. 1 ♂. Ilha de Taboga. Panama, 14 de Fev. (A. Busck).

Densamente pardo-dourada opaca, tinta de côr de azeitona-cuprea, sómente a placa facial e as pleuras mais ou menos prateadas; ant negrejantes; plp fulvo-pallidos, mais escuros no apice; frlia da mesma côr do resto do corpo; pernas pardas; azas quasi hyalinas; sq tintas de fuliginoso-amarellado.

Actinoprosopa facialis spn

Cco 7-8 caz 6-7, 6 ♂ e 4 ♀. Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Ag. até 2 de Out., em folhagem; *in copula*, 2 de Set.

Fc branco-prateada, pfrlia dourado-pallidas. bch e frlia preto-pardacentas; plp escuros, subfulvos no apice; thx e scutello dourado-pallidos, levemente mais dourados no ♂, as pleuras mais prateadas; 4 thvitt pretas, mas as exteriores alargadas antes da sutura; abd dou-

rado-pallido na maior parte dos 3 segs posteriores mas a intensidade varia com a variação da luz, as largás margens posteriores dos segs mostram-se ennegrecidas vistas de cima; pernas pretas; azas hyalinas na ♀, com côr amarellado-desbotada na costa no ♂; sq branco-aquosas.

Actinotachina angusta spn

Cco 5,5; caz 5. 1 ♀. Yahuarmayo (Bocca do Rio Yahuarmayo), Perú. 11 de Fev., em folhagem.

Cb prateada; frlia negrejantes, sombreando-se em parda anteriormente; ant ennegrecidas, ar parda com a b subfulva; plp fulvos; thx prateado, o polvilho ou pollen do mesoscuto fracamente dourado na parte media; 4 thvitt pretas, as anteriores estreitas; abd negtejante subpolido, as b largas dos 3 segs posteriores esparsamente prateadas; pernas pardo-escuras ou ennegrecdias, fem e tibias tingidos de pardo-avermelhado; azas levemente enfumaçadas, mais densamente na 1/2 costal; sq fuliginoso-pallidas.

Alophorellopsis capitata spn

Cco 4,75-6; caz 4,5-5. 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 29 de Maio até 3 de Junho, em flores de *Baccharis genistelloides*.

Cb prateado-fulva, a placa facial sombreando-se em negrejante; frlia e ant pretas; plp fulvo-escuros; thx preto subpolido, humeros prateados, pleuras prateado-fulvas, mesoscuto e scutello mostrando-se fulvo-pallidos vistos obliquamente, sem thvitt; abd pardacento-escuro ou ennegrecido, subpolido visto de cima e mui levemente esverdeado, com pollen fulvo-pallido visto obliquamente, os lados, o apice e a maior parte do 3seg largamente branco-prateados; pernas pretas; azas hyalinas, as nervuras amarellas; sq tintas de côr amarellado-sombria.

Ametadoria unispinosa spn

Cco 5; caz 4,5. 2 ♀. Itaquaquecetuba, S. P., 27 de Ag. e 28 de Abril, em folhagem.

Preta; fc prateada; prflia prateadas, tingidas de latão; plp amarellados; mesoscuto e scutello prateados, tnitos de latão, o primeiro com 4 thwitt pretas, as interiores estreitas; abd polido, visto de cima a 1/2 anterior dos 3 segs posteriores prateada, mas extendendo-se o pollen ao restante dos segs visto obliquamente, tudo levemente tinto de latão; azas levemente fuliginosas na 1/2 costal; sq amarellado-pallidas, com lustro de perolas, squamulas parcialmente brancas.

Amicrotrichomma orbitalis spn

Cco 7,5-8; caz 6,5-7. 1 ♂ e 2 ♀. Itaquaquecetuba, S. P., 18 de Jan., 15 de Junho e 18 de Set., em flores de *Baccharis genistelloides* e em folhagem.

Preta e dourada; pfclia eguaes branco-prateadas na ♀, mui pallidamente douradas no ♂, placa facial e fclia mais prateadas; plp amarellos; frlia e ant pardas, mais ou menos fulvas; pfrlia, pleuras, mesoscuto e scutello dourado-claros, 4 thvitt pretas subeguaes; abd preto-polido, usualmente com os lados largamente roxos, mas, ás vezes, inteiramente preto; pernas pretas, tibias roxas; azas do ♂ enfumaçado-pretas, excepto a larga margem posterior limpida e a b subamarella, as da ♀ menos pretas; sq amarellado-pallidas, squamulas brancas.

Anaphorinia aurata spn

Cco 6,75-8; caz 6-7. 2 ♂ e 1 ♀. Itaquaquecetuba, S. P., 7 de Abril, 5 de Junho e 30 de Set., em folhagem.

Fc prateada; bch e pfrlia dourado-pallidas; frlia e ant pretas; plp amarellados; thx incluido o apice do

scutello dourado-pallido, pleuras mais prateadas; 4 thvitt pretas bem definidas, as inferiores estreitas, todas reunidas atras da sutura por uma mancha preta, scutello largamente preto na b; abd preto-pardacento polido, 3 segs posteriores largamente dourado-pallidos na b; pernas pretas, azas fuliginoso-amarelladas na 1/2 costal; sq amarello-enfumaçadas.

Anazygosturmia analis spn

Cco 6,5-9; caz 5.5-7,5. 7 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetetuba, S. P., 3 de Jan. até 17 de Maio, em folhagem; a ♀ 20 de Nov., em flores de *Sapium*.

Cb dourado-clara, placa facial e fclia mais claras; frlia e ant pardo-negrejantes; plp ennegrecidos, mais ou menos fulvos no apice; thx dourado-pallido, pleuras mais prateadas, 4 thvitt pretas eguaes; scutello fulvo-escuro com linha mediana e triangulos lateraes dos segsint, pardo-escuros; 3 segs posteriores dourados ou de latão pallido, mais prateados nos lados na ♀, 4seg mais dourado em cima e em baixo; vnt do 3seg no ♂ inteiramente preto de azeviche polido, o vnt dos 2 segs anteriores do ♂ e dos 3 anteriores da ♀ côr de chumbo com brilho de prata; pernas negrejantes; azas quasi hyalinas; sq esbranquiçadas com lustro de perola ou fracamente fuliginosas no ♂.

Anoxynops conica spn

Cco 6,5-8; caz 5,5-7. 3 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 27 de Agosto até 18 de Nov., em folhagem.

Cb negrejante-prateada, mostrando-se branco-prateada vista obliquamente, levemente colorida de latão nas pfrlia e bch; frlia e ant pretas, as primeiras mostrando pollen vistas obliquamente; plp fulvos; thx e abd preto-polidos, os humeros, mesoscuto, pleuras, scutello e b dos segsint esparsamente prateados na ♀ e, ás ve-

zes, mui pouco dourados no ♂, o 4seg inteiramente polido na ♀ mas com pollen na b no ♂; 4 thvitt pretas, as interiores mui estreitas; pernas pretas; azas pallidamente fuliginoso-amarelladas na 1/2 costal; sq mais ou menos tingidas de amarellado-pallido ou amarellado-ferrugineo.

Aphryosphyria communis spn

Cco 9-11; caz 7-9. Muitos ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, S. P., anno inteiro, em folhagem e em varias flores, especialmente *Baccharis*, *Mikania* e *Cordia*.

Cb prateada; fr dourado-sombria, o esverdeado-metallico das pfrlia mostrando-se por dentro do pollen, mais ou menos, especialmente no ♂; frlia subflavas; articulos das ant com b roxos; o 3ant e ar pretos; plp fulvo-pallidos até amarellos; thx esverdeado sombrio metallico, esparsamente amarellado, scutello mais ou menos testaceo; 4 thvitt escuras, as interiores lineares mas todas mal definidas; abd preto-pardacento subpolido, o 2seg e, ás vezes, o 3seg no ♂ escuramente roxos nos lados, o 4seg levemente tingido de roxo, especialmente na ♀, todas as partes esparsamente prateado-submarmoreadas, o pollen do 4seg tinto de amarellado; pernas pretas, tibias mais ou menos roxo-escuras no meio, especialmente no ♂; azas quasi limpidas; sq esbranquiçadas.

Aplomyopsis brasiliensis spn

Cco 6,5; caz 5. 1 ♂ Itaquaquecetuba, S. P., 1 de Out., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia mui levemente tingidas de latão; frlia e ant negrejantes; plp pardos; thx e scutello ennegrecido-subpolidos, mui esparsamente prateados, 4 thvitt escuras, estreitas, fracas; abd da mesma côr, segsint mais prateados na b, o 4seg levemente prateado

na b e o resto polido; pernas pretas; azas limpidas; sq esbranquiçado-fulvas, com as margens amarelladas.

Archytoepalpus rufiventris spn

Cco 10,5; caz 8,5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 12 de Junho, em flores de *Baccharis genistelloides.*

Cb esbranquiçado-prateada, pfrlia dourado-sombrias; frlia amarello-pallidas; ant negrejantes, as articulações estreitamente roxas; thx, scutello e pleuras dourado-sombrios; 4 thvitt pretas, as anteriores estreitas; abd roxo-claro, os 2 segs anteriores com uma lista mediana, preta e larga, o 3seg com uma lista pardacenta e estreita, que se alarga no 4seg, este ultimo prateado e tinto de ouro; pernas pretas, tibias mais ou menos roxas no meio; azas mui levemente fuliginosas, a parte costobasilar amarellada; sq amarello-pallidas.

Argyrodoria hemiargyroides spn

Cco, 5,5-6; caz 4,75-5,26. 2 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 27 de Dez. e 4 de Junho, em folhagem e em flores de *Baccharis genistelloides.*

Cb niveo-prateada, tingida de azulado-pallido com a variação da luz, frlia e ant pretas; plp fulvo-pardacentos; thx preto, mesoscuto e pleuras bem prateados; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas; scutello preto; abd preto, os 3 segs posteriores estreitamente prateados na b; pernas pretas; azas limpidas; sq brancas, com margens levemente amarelladas.

Arrhinactia cylindrica spn

Cco 6; caz 5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 25 de Março, em folhagem.

Cb branco-prateada; bch triangulo ocellar, a parte superior do occiput e a margem interior das pfrlia dou-

rado-pallidas; frlia e ant pretas, as primeiras levemente branco-sedosas vistas obliquamente; plp amarellado-pallidos; pleuras prateadas, mesoscuto e scutello dourado-pallidos; 4 thvitt escuras, interiores estreitas; abd preto-polido, os 3 segs posteriores branco-prateados na b; pernas pretas; azas amarelladas na costa e nas nervuras; sq quasi brancas, levemente tintas de amarello.

Avibrissosturmia avida spn

Cco 11; caz 8,5. 1 ♂, nas serras frondosas perto de Tabalosas, Perú, no trilho de Yurimaguas-Moyobamba, 3000 pés de altura, 8 de Nov., nas pedras no lado de um riacho.

Cb prateada, prflia levemente tintas de latão; frlia e ant pretas; plp fulvos; thx preto, mesoscuto esparsamente cinereo-latão; 5 thvitt pretas, sendo a mediana a mais larga; pleuras mais prateadas; scutello testaceo-sombrio na margem; abd preto, levemente roxo nos lados, esparsamente polvilhado de latão, o pollen mostrando-se mais na b e do 2seg e na maior parte dos 2 segs posteriores, mas deixando um tridente preto no 3seg; pernas pretas; azas quasi limpidas, levemente fulvo-pallidas na parte controbasilar; sq esbranquiçadas, com as margens fulvo-pallidas.

Belvosiopsis brasiliensis spn

Cco, 11,5; caz 11. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 28 de Jan., em flores de *Baccharis genistelloides*.

Cb branco-prateada, pfrlia negrejantes e com pouco pollen; frlia, ant e plp pardos, os ultimos fulvos no apice, o 3ant negrejante; thx preto, esparsamente prateado como as pfrlia, com 4 thvitt pretas, estreitas; scutello pardo; abd preto, os 3 segs anteriores sem pollen, o 4seg dourado-claro com excepção do apice; pernas pretas; azas espessamente enfumaçadas; sq preto-fuliginosas.

Biohypostena brasiliana spn

Cco 5,5; caz 4,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Junho, em flores de *Baccharis genistelloides*.

Cb esbranquiçado-prateada; occiput levemente colorido de latão, o vertice tingido da mesma côr; frlia e ant pardo-escuras; plp fulvos; thx esparsamente prateado, humeros e pleuras levemente coloridos de latão; 4 thvitt escuras, as anteriores lineares; scutello e abd preto-subpolidos, o primeiro esparsamente prateado na margem, os 3 segs posteriores esparsamente prateados na b; pernas negrejantes; azas tintas de amarello-enfumaçado na costa e nas nervuras; sq tintas da mesma côr.

Bischofimyia atra spn

Cco 9,5; caz 9,75. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 12 Set., em folhagem.

Fc e bch prateado-amarelladas; frlia pardas, fulvas anteriormente; ant pardo-negrejantes; pfrlia, thx e scutello griseo-dourados; 4 thvitt pardas, subeguaes; abd preto-fuliginoso, levemente subpolido e sem pollen, o 4seg opaco; pernas pretas; azas levemente enfumaçadas, mais escuras na parte costobasilar; sq tintas de fusco.

Bolodoria yahuarmayana spn

Cco 4,5; caz 4. 1 ♀, Yahuarmayo, Perú, 11 de Fev., em folhagem.

Cb prateado-sombria, pfrlia negrejantes com o pollen esparso; frlia pardo-ennegrecidas; ant negrejantes; plp pardacentos, tingidos de fulvo no apice; thx e scutello cupreo-esverdeados metallicos ou verde-bronzeos com reflexos fracos de purpura com as mudanças da luz, mostrando um pouco de pollen vistos obliquamente; 4 thvitt escuras, as interiores estreitas; abd purpureo-pallido metallico, sem cupreo nem verde; pernas pardas, tarsos

negrejantes; azas levemente amarello-fuliginosas na costa e nas nervuras; sq amarellado-fuliginosas.

Bolohoughia aurometallica spn

Cco 7,5; caz 6. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 15 de Set., em folhagem.

Cb dourada, placa facial mais prateada; frlia e ant pardo-escuras; plp fuscos; thx e abd dourado-sombrios com reflexos metallicos; 4 thvitt pretas, largas, eguaes; scutello escruo no disco; abd com reflexos escuros, o pollen dourado com pontos microscopicos escuros marcando as origens das microch; pernas pretas; azas levemente enfumaçadas na parte costobasilar; sq amarello-fuliginosas.

Brachybelvosia brasilensis spn

Cco 8,5-10; caz 7,5-9. 1 ♂ e 6 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 24 de Maio até 8 de Junho, em flores de *Baccharis genistelloides;* 18 Ag até 14 de Set., em folhagem; e 28 de Jan., em flores de *Schinus*.

Cb branco-prateada, levemente amaellada, pfrlia dourado-claras; frlia e plp roxo-fulvos, raramente amarellos; ant roxo-fulvas, raramente amarellos; ant roxo-fulvas, o 3ant ennegrecido no apice e na margem superior; thx e scutello dourados, raramente côr de latão, 4 thvitt pretas, estreitas; scutello e abd fulvo-roxeados, esparsamente dourados, o 4seg densamente dourado-claro; vnt dos segsint dourado-claro; pernas negrejantes; azas mui levemente enfumaçadas; sq esbranquiçadas, pouco tintas de amarello.

Brachycnephalia brasiliensis spn

Cco 10,5-11; caz 9-9,25. 1 ♂ e 6 ♀, Itaquaquecetuba, S. Paulo, 17 até 29 de Ag., em folhagem.

Cb densamente cinzento-prateada, a fr levemente tinta de côr de latão; frlia e ant pardas, as primeiras esparsamente prateadas; plp pardo-claros, mais ou menos fulvos no apice; thx bem coberto de pollen cinzento, tingido de latão; 4 thvitt escuras, estreitas; scutello pardo-subpolido, com pouco pollen; abd preto-subpolido, sem pollen, a margem posterior do 4seg com linha vertical, de pollen amarello-pallido, seguindo a abertura genital; pernas pretas; azas levemente enfumaçadas; sq fuliginosas.

Caeniopsis brevifrons spn

Cco 4,25; caz 3,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Set., em folhagem, put cinzento; frlia e ant pretas; plp escuros, fulvos no apice; thx e scutello pardo-escuros, subpolidos, levemente metallicos, com um pouco de pollen fulvo-pallido mais denso nos humeros e mais pallido nas pleuras; 4 thvitt escuras, mal marcadas, as interiores lineares; abd pardo-bronzeo escuro metallico, com um leve lustro purpureo, segsint estreitamente prateado-amarellados na b, o pollen variando de densidade e diminuindo sempre posteriormente; o 4seg mais bronzeado, com pollen no apice, mas mui pouco no resto; pernas pretas; azas quasi limpidas, mui levemente amarelladas na costa; sq amarellado-sombrias.

Caenisoma charapense spn

Cco 3,75; caz 3,5. 1 ♂, Rio Charape, Perú, 4.500 pés de altitude, 21 de Set., em folhagem.

Cb prateado-sombria, pfrlia escuras e pouco douradas; frlia pardo-negrejantes; ant ennegrecidas; plp fulvos; thx preto mui esparsamente prateado, o pollen mais visivel nos humeros, no prescuto e nas pleuras; 4 thvitt pretas, subeguaes, obscuramente definidas; abd preto-pardacento, os 3 segs posteriores estreitamente prateados na b; pernas pardo-pallidas; azas levemente enfumaçadas; sq fuliginoso-pallidas.

Calocarcelia fasciata spn

Cco 8,5 - 9,5; caz 7 - 8. 1 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 2 de Out., até 8 de Fev., em folhagem.

Fc e bch branco-prateadas; pfrlia prateadas, vistas obliquamente, levemennte azuladas, vistas de cima; frlia e ant preto-pardacentas; plp fulvo-claros; occiput e pleuras cinzentos; mesoscuto esparsamente prateado, o pollen mostrando-se mais denso, visto obliquamente; 4 thvitt escuras, estreitas, leves, as interiores especialmente delicadas: scutello fulvo-pallido, com mui pouco pollen; abd pardo-escuro, roxo nos ldaos dos 3 segs anteriores no ♂, os 3 segs posteriores do ♂ cada um com uma lista larga de pollen dourado-pallido na b estreitamente interrupta na linha mediana, as listas dos segsint alarganod-se lateralmente, a do 4seg cobrindo a 1/2 b, as margens posteriores dos segs preto-pardacentas e subpolidas; as listas da ♀ mais pallidas e menos pronunciadas; pernas pretas; azas negrejante-fuliginosas, diluida na 1|2 costal; sq esbranquiçado-sombrias, tintas de amarellado-fuliginoso.

Calotydella geminata spn

Cco 7-10; caz 6-9. 1 ♀ e muitos ♂, Itaquaquecetuba, S. P., a ♀ 26 de Ag., os ♂ 8 de Fever., todos em folhagem.

Fc, orbitas occipitaes e occiput inferior prateado-grisalhos, sombrios na ♀, as pfclia levemente douradas no ♂; pfrlia e bch levemente douradas; frlia e ant pardo-escuras; plp amarello-fulvos;; thx e abd prateados, mui levemente dourados na ♀ mas bem dourados no ♂, com excepção das pleuras; 2 thvitt intensamente pretas e largas; alargando-se mais atras da sutura, sendo subconfluentes na margem anterior do postscuto; scutello preto, excepto o apice; lista mediana abd, o 1seg e as listas dos outros segs pretos, a côr preta apparecendo nos segsint como triangulos medianos; pernas

negrejantes, os fem levemente polvilhados; azas levemente fuliginosas, excepto o bordo interior; sq levemente amarello-fuliginosas.

Camptophryno orbitalis spn

Cco 6,5; caz 4,75; 1 ♂, Itaquaquecebuta, S. P., 2 de Out., em folhagem.

Cb dourado-clara, placa facial prateadá, occiput cinzento-dourado sombrio; frlia e ant negrejantes; plp fuscos, fulvos no apice; thx e scutello dourado-claros; 4 thvitt escuras, as interiores estreitas; abd esparsamente prateado, com reflexões de preto, o pollen mosqueado de pontos microscopicos nas origens das microch, o 4seg tingido de ouro; pernas pretas; azas quasi limpidas; sq amarellado-enfumaçadas pallidas.

Catajurinia angusta spn

Cco 11; caz 9,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 17 de Abril, em folhagem.

Cco prateado-amarellada, pfrlia e occiput superior dourado-claros; frlia roxo-fulvas, negrejantes posteriormente; ant roxo-fulvas, apice e ar ennegrecidos; plp fulvo-roxos; pleuras dourado-pallidas, mesoscuto e scutello dourado-claros; 4 thvitt escuras mui estreitas; abd preto-polido, o 4seg e os lados dos segsint na b levemente polvilhados de branco, vnt branco-prateado; pernas pretas, tibias mais ou menos roxas; azas amarellado-fuliginosas na costa e levemente assim nas nervuras, sq tintas de amarello.

Cataphorinia angusta spn

Cco 5,5; caz 4,5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 17 de Abril, em folhagem.

Cb branco-prateada; frlia pretas, mostrando pollen vistas obliquamente; ant pretas; plp amarello-roxos pal-

lidos; thx e scutello prateado-sombrios; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas; abd negrejante-subpolido, os 3 segs posteriores esparsamente prateados na 1/2 b; pernas negrejantes; azas mui levemente fuliginoso-amarelladas; sq levemente tingidas de amarello.

Catusarcophaga trivittata spn

Cco 6-6,5; caz 5,5-6, 2 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 30 de Ag., e 4 de Fev., em folhagem.

Plp e ant pretos; frlia negrejantes, fulvas anteriormente; placa facial prateado-sombria, tinta de latão; bch, pfclia e pfrlia douradas, as ultimas levemente prateadas posteriormente; thx, scutello e abd esbranquiçado-prateados, com 3 listas pretas em toda a extensão, mas só a mediana mostrando-se no scutello; o primeiro segmento do hyp roxo-fulvo, dourado no ♂ e prateado na ♀, o restante do hyp roxo; pernas pretas, fem esparsamente prateados; azas limpidas; sq branco-aquosas.

Catheteronychia chaetosa spn

Cco 6,75; caz 6. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 7 de Nov., em folhagem.

Cb prateada, com reflexos amarellado-aquosos especialmente nas pfrlia; frlia ant e plp pretos; thx, scutello e abd pretos, esparsamente até densamente prateados; 3 thvitt pretas, a mediana prolongada no apice do scutello; o pollen abd mostrando-se nos lados do 1seg e em 4 manchas prateadas em cada um dos outros segs; o primeiro segmento do hyp com pollen fulvo-pallido; pernas pretas; azas limpidas; sq branco-aquosas.

Catocyptera brasiliana spn

Cco 7,5; caz 5,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 2 de Março, em folhagem.

Cb branco-prateada; frlia e ant pretas; humeros,

pleuras e coxas branco-prateados; thx preto, mesoscuto e scutello mui esparsamente prateados; 2 thvitt grisalhas lineares mostrando-se indistinctamente no preto do prescuto; abd roxo-claro, só a b e uma mancha mediana na b do 2seg pretas; o 5seg, o hyp, e a margem posterior do 4seg preto-polidos; o 3seg e o 4seg esparsamente branco-prateados na b, as listas polvilhadas, alargando-se nos lados dos segs, especialmente no 4seg; pernas pretas, fem anteriores branco-prateados em baixo; azas ennegrecidas, com a parte costobasilar amarellada; sq brancas; baláncins pretos.

Ceromasiopsis brasiliensis spn

Cco 9; caz 8. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 7 de Set., em folhagem.

Cb pardacenta, mui esparsamente prateada e levemente tingida de latão, vista obliquamente, mais escura vista de cima; as pfclia e manchas das bch sem pollen; frlia negrejantes; ant e plp roxo-fulvos; thx pardo-escuro, prateado, visto obliquamente, mudando para grisalho visto de cima; 4 thvitt pretas eguaes; scutello pardo-pallido por baixo do pollen; abd pardo-escuro, prateado, submarmoreado; pernas pardo-roxeadas, tarsos negrejantes; azas levemente fuliginosas nas nervuras; sq esbranquiçadas, levemente tintas de pardacento.

Chaetodoria conica spn

Cco 5,5; caz 4,75. 1 ♂, Rio Charape, Perú, 14 de Set., em folhagem.

Cb prateada, levemente dourada, com excepção das fclia e a placa facial; frlia e ant negrejantes; plp fulvo-escuros; thx e scutello esparsamente dourado-pallidos, pleuras prateadas; 4 thvitt pretas levemente definidas; abd pardo-escuro subpolido, os 3 segs posteriores estreitamente dourado-pallidos na b, as listas alargando-se lateralmente em baixo; pernas pardas; azas quasi limpidas; sq amarellado-fuscas ou fuscas.

Chaquimayoia plumosula spn

Cco 5; caz 4,5. 1 ♂, Chaquimayo, no rio Chaquimayo, Perú, 2.500 pés de altitude, 5 de Fev., em folhagem.

Cb prateada; pfrlia e pfclia superiores dourado-pallidas; frlia e ant pardacentas;; plp roxo-fulvos; mesoscuto densamennte dourado-claro, pleuras variando de douradas até prateadas, com variação da luz; 4 thvitt pretas, estreitas, subeguaes; scutello e abd pardo-escuros, a margem posterior do primeiro e as b largas dos 3 segs posteriores dourado-pallidas; pernas pardas, tarsos mais escuros; azas levemente amarello-fuliginosas na costa; sq branco-fulvas.

Charapozelia fulviventris spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♂, Rio Charape, Perú, 15 de Set., em folhagem.

Cb esbranquiçado-prateada, frlia e ant pardo-escuras, o 2ant e as plp fulvos; thx prateado-sombrio, scutello mui levemente dourado; 4 thvitt pretas, as interiores mui estreitas; abd fulvo, lista mediana e o 3seg negrejantes, todas as partes mui pallidamente douradas com excepção das margens posteriores irregulares dos 3 segs finaes, as quaes são pardacento-polidas; pernas pardas; azas limpidas; sq fuliginoso-vitreas.

Chlorohystricia purpurea spn

Cco 11; caz 10. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 8 de Fev., em folhagem.

Verde metallica, com o abd purpureo. Fc densamente griseo-prateada; frlia e ant pardas; plp fulvo-roxos; pfrlia, bch, occiput e pleuras verde-claros, com pollen griseo-prateado o qual não esconde a côr verde-metallica· mesoscuto verde-claro, com pollen mais es-

parso; scutello verde-azulado, esparsamente polvilhado; abd intensamente purpureo-azulado, sem pollen, as suturas verdes; pernas pardo-negrejantes, os fem levemente esverdeados; azas limpidas; sq intensamente fuliginosas.

Chrysoerigone ornata spn

Cco 10; caz 10. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 28 de Agosto, em folhagem.

Cb dourada; frlia e a b dos articulos ant negrejantes; o 3ant roxo-escuro, ennegrecido no apice; plp fulvo-roxos; pardacentos na b; thx preto-esverdeado, subpolido no disco incluido o scutello, esparsamente polvilhado em cima mas os lados pallidamente dourados; 4 thvitt pretas eguaes; abd preto-esverdeado subpolido, com mui esparso pollen cinzento, o qual fica invisivel visto de cima; hyp roxo-pallido; pernas pretas; azas quasi limpidas; sq quasi brancas.

Chrysophryno egensis spn

Cco 6,5; caz 5. 1 ♂, Teffé, Amazonas, 6 de Out. em folhagem.

Fc prateada, mui levemente tinta de ouro; pfrlia intensamente dourado-escuras, com reflexos verdes; frlia negrejante-avelludadas; ant pretas; plp fulvo-roxeados; thx e scutello densamente e intensamente dourado-escuros, com reflexos verde-dourados; 4 thvitt pretas, as exteriores do typo ponto e virgula; scutello preto na b; abd preto, a margem anterior estreita no 2seg e a 1/2 b dos 2 segs posteriores verde-dourados com fracos reflexos violaceos; pernas pretas; azas negrejante-fuliginosas nas nervuras; sq fuliginoso-ferrugineas.

Clythopsis confundens spn

Cco 5,5-7; caz 4,75-6,25. Muitos ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 16 de Ag. até 24 de Set., em folhagem.

Fc e bch branco-prateadas; pfrlia e pfclia douradas, as ultimas prateadas em baixo; frlia e ant pretas, o 2ant levemente roxo no apice; plp fulvos; occiput dourado-pallido até cinzento; thx e scutello dourado-sombrios, pleuras mais prateadas; 4 thvitt pretas, as interiores terminando pouco atrás da sutura; abd cinzento, levemente tinto de ouro; pernas pretas, fem levemente cinzentos; azas levemente tintas de fuliginoso-amarellado na 1/2 costal ou, ás vezes, quasi limpidas; sq esbranquiçado-sordidas ou amarellado-pallidas.

Clythoxynops orbitalis spn

Cco 4-5,5; caz 3,5-4,5. 4 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Março até 6 de Maio, em folhagem.

Placa facial e fclia prateadas; pfrlia, pfclia, bch e orbitas occipitaes mui levemente douradas; frlia, ant e plp negrejantes; humeros, pleuras e prescuto prateados; 4 thvitt pretas, largas, subeguaes, as exteriores pouco mais largas que as interiores; postscuto e scuetllo levemente tintos de verde-sombrio, quasi sem pollen; abd pardo-escuro subpolido, os 3 segs posteriores dourado palidos em maisl que a 1/2 b; pernas pretas; azas levemente fuliginosas, mais amarelladas nas costas; sq amarello-fuligineas.

Conactia reclinata spn

Cco 4; caz 3. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 10 Fev., em folhagem.

Cb prateada, variando de um reflexo azulado até fulvo-pallido com a incidencia da luz; frlia e ant pretas, as primeiras polvilhado-sedosas, vistas obliquamente; plp negrejantes, fulvo-pallidos no apice; thx e abd negrejantes, pleuras e vnt esparsamente prateados, as partes dorsaes, vistas obliquamente, mostrando um pouco de pollen dourado-ferrugineo; 4 thvitt escuras, mal de-

finidas, as interiores estreitas; pernas pretas; azas limpidas; sq levemente fuliginosas.

Cordillerodexia orientalis spn

Cco 17; caz 16,5. 1 ♂, Monte Escalera, nas serras da Cordilheira Oriental dos Andes, entre os rios Yumbatos e Cumbazi, 4.400 pés de altitude, 3 de Nov., em folhagem.

Cb densamente cinzento-prateada; frlia pardas; ant roxo-pardacentas; plp roxo-amarellados; thx e scutellos pretos, esparsamente cinzento-prateados; 4 thvitt pretas desapparecendo atrás da sutura, as exteriores têm a fórma triangular antes da mesma; abd amarello, o 4seg preto, com excepção da margem estreita anterior; pernas pretas; tibias tintas de roxeado; azas levemente fuliginosas, enfumaçado-amarelladas nas nervuras; sq ennegrecido-fuliginosas.

Corpulentoepalpus rufus spn

Cco 14; caz 13. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 4 de Junho, em flores de *Baccharis genistelloides*.

Cb prateada, ep amarellado, fr negrejante; frlia roxas, mais pardas posteriormente; ant fulvas; o 3ant pardo-roxeado, ar negrejante; thx roxo, pleuras escuras, um pouco estreitas; scutello e abd roxo-claros; pernas roxas; azas levemente fuliginosas, mais escuras na b e nas nervuras; sq enfumaçadas.

Crocesoactia cincta spn

Cco 5; caz 4,5. 1 ♂, Rio Charape, Perú, 14 de Set., em folhagem.

Cb dourada, placa facial e fclia prateadas; frlia e ant pretas; plp preto-pardacentas; thx dourado, com 4 thvitt pretas, eguaes; scutello com a margem dourada;

b dos 3 segs posteriores douradas; pernas pardo-escuras; azas mui levemente fuliginosas, mais escuras na costa; sq dourado-claras.

Cyanogymnomma coerulea spn

Cco 6; caz 5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Março, em folhagem.

Cb dourado-clara, pfrlia verde-metallicas por baixo do pollen; frlia e ant fulvas, ar e margem superior do 3ant pardacentas; thx, scutello e abd azul-escuros metallicos-polidos, thx com scutello mui esparsamente prateado; 4 thvitt escuras, estreitas, indistinctas; pernas negrejantes; azas quasi limpidas; sq esbranquiçadas, uma margem estreita de côr parda.

Dactylodidyma dubia spn

Cco 4,5-5,75; caz 4-5,25. 3 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 22 de Ag. até 8 de Fev., em folhagem.

Cb obscuramente prateado-sombria, com reflexos escuros, pfrlia and pfclia levemente douradas, vistas obliquamente; frlia pardo-escuras; ant pretas; plp roxo-pardacentos; thx e scutello pretos, subpolidos, mostrando pollen grisalho só quando vistos obliquamente, sem thvitt; abd negrejante polido, levemente roxo nos lados, os 3 segs posteriores esparsamente prateados e mostrando o pollen mais na b e nos lados; pernas pretas; azas limpidas; sq levemente fuliginosas.

Dexomyophora facialis spn

Cco 9-9,75; caz 8,5-9. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 6 e 8 de Abril, em folhagem.

Cb da ♀ dourado-clara inclusive o clypeo, o ep pallido; cb do ♂ dourado-pallido, especialmente na fr; frlia, ant e plp pretos, o 3ant do ♂ fulvo-pardacento; corpo preto-azulado polido, humeros e lados do mesos-

cuto dourado-pallidos, pleuras na maior parte prateadas; disco do mesoscuto e scutello prateados, com 3 thvitt pretas, largas, eguaes; abd esparsamente prateado, variavel, os lados levemente dourados no ♂; hyp fulvo, mais pardacento no b; pernas pretas; azas levemente fuliginosas nas nervuras; sq brancas, tintas de fuliginoso na margem interior.

Didymops yahuarmayensis spn

Cco 5; caz 4. 1 ♂, Foz do Rio Yahuarmayo, Perú, 9 de Fever., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia tintas de latão; frlia e ant negrejantes; plp subroxos; thx e scutello preto polido, o prescuto e as pleuras prateados; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas; abd negrejante subpolido, 3 segs posteriores estreitamente prateados na b; pernas ennegrecidas; azas limpidas; sq levemente tintas de amarellado.

Discomyophora aurata spn

Cco 9; caz 8. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 11 de Abril, em folhagem.

Cb dourado-clara; frlia, ant e plp negrejantes; thx e scutello dourado-pallidos, pleuras prateadas em baixo; 3 thvitt pardas, largas, eguaes, a mediana quasi chegando no apice do scutello; abd preto-azulado polido com reflexos esverdeados, esparsamente prateado, o pollen mostrando-se mais na b dos segs, mas deixando uma lista mediana preta; pernas pretas; azas levemente fuliginosas nas nervuras; sq esbranquiçado-aquosas, levemente enfumaçadas.

Dolichopalpellus mirabilis spn

Cco 4-5; caz 3,5-4,5. 3 ♂ e 3 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 7 de Set. até 2 de Março, em folhagem.

Cb dourado-pallidissima; frlia dourado-pardacentas; ant e plp pretos; thx e abd pardacento-dourados, com pollen dourado na ♀ mas um pouco mais pallido no ♂, o abd largamente roxo-fulvo nos lados no ♂ mas só estreitamente assim na ♀; 4 thvitt pardas, subeguaes; o pollen do abd variavel, submarmoreado, especialmente na ♀; pernas negrejantes; azas levemente fuliginosas; sq tintas de amarello-ferrugineo.

Egameigenia amazonica spn

Cco 7-9,5; caz 6-8. 2 ♂, Teffé, Amazonas, 6 e 8 de Out., em folhagem.

Cb prateada; pfrlia, pfclia e orbitas occipitaes côr de latão pallido; frlia, ant e plp negrejantes, os plp prateados na b; scutello e abd preto-pardacentos, as b largas dos 3 segs posteriores prateado-amarelladas, a mesma côr mostrando-se nas pleuras e no prescuto, mas menos pronunciada no postscuto e no scutello; 4 thvitt pretas; as interiores estreitas, quasi apagadas no quadrangulo escuro do postscuto; pernas pretas; azas irregularmente negrejante-fuliginosas, mais limpidas na b, na margem posterior e na cellula 5R; sq côr de crême, tintas de fuliginoso.

Emphercmyiops discalis spn

Cco 9,5; caz 8,5. 1 ♂. Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Set., em folhagem.

Fc e bcb prateado-amarelladas; frlia amarello ferrugineas pallidas; articulos ant b roxos, o 3ant e ar pretos; pfrlia e thx grisalhos; vertex, disco do mesoscuto e scutello dourado-escuros; 4 thvitt escuras, estreitas, eguaes; abd preto-sedoso polido, mostrando pollen amarello-pardacento esparso, visto obliquamente, o 4seg opaco; pernas pretas; azas levemente fuscas, mais escuras na b e nas costas; sq enfumaçado-amarelladas.

Epicuphocera andina spn

Cco 8; caz 7,5. 1 ♀, Matucana, Perú, 8.000 pes de altitude, 8 de Set., em folhagem.

Fc e bch esparsamente branco-prateadas; pfrlia amarelladas, mui levemente prateadas; frlia e articulos ant b amarellados, o 3 ant pardacento; occiput cinzento; thx esparsamente cinzento-prateado, scutello fulvo no apice; 4 thvitt escuras, mal definidas; abd pardacento, segsint obscuramente tintos de roxo nos lados, o 4seg fulvo-amarellado, todos esparsamente prateados, mas o bordo largo do 3seg polido; pernas pardas, tibias levemente arroxadas; azas quasi limpidas; sq quasi brancas.

Epidolichostoma andina spn

Cco 4,5-6; caz 3,75-5,25. 1 ♂ e 1 ♀, Oroya, Perú, 12.000 pés de altitude, 6 de Março, em hervagem.

Cb branco-prateada incluido na frlia; plp e b dos articulos ant amarello-roxeados na ♀, mas os ultimos quasi negrejantes no ♂; o 3ant e ar pretos; frlia, vistas de cima, pardas; thx e abd esverdeado-escuros metallicos polidos, mas mostrando um pouco de pollen prateado, o abd do ♂ submarmoreado e tinto de latão; hyp do ♂ fulvo na b; prescuto com 4 thvitt escuras, mal definidas, as interiores subconfluentes; scutello fulvo no apice; pollen do abd deixando uma lista mediana e margens posteriores dos segsint escuras; pernas pardacentas, tibias fulvas; azas amarelladas na b e nas costas; sq quasi brancas, as margens amarelladas.

Epiphyllophila yahuarmayana spn

Cco 4,3; caz 4,5. 1 ♂, Foz do Rio Yahuarmayo, Perú, 1.700 pes de altitude, 8 de Fev., e 1 ♀, Casahuiri, Perú, 4.500 pes de altitude, 4 de Fev., ambos em folhagem.

Pardacento-clara, polida; fc e bch prateadas; pfrlia prateadas vistas obliquamente, mas escuras vistas de cima; plp fulvo-pallidos; pleuras e prescuto prateados; 4 thvitt pardas, as interiores estreitas; abd fulvescente na b; pardacento-escuro no apice, as b dos segsint estreitamente prateadas, o 4seg com a b prateada nos lados; pernas pardo-pallidas; azas quasi limpidas; sq esbranquiçadas, mui levemente enfumaçadas.

Epiprospherysa charapensis spn

Cco 6,5; caz 5,5. 1 ♀, Rio Charape, Perú, 16 de Set., em folhagem.

Cb branco-prateada, pfrlia dourado-claras; frlia e ant negrejantes; plp fulvos; thx e scutello dourado-claros, o ultimo negrejante na b, pleuras prateadas; 4 thvitt negrejantes, as interiores mui estreitas; abd ennegrecido subpolido, as b dos 3 segs posteriores dourado-claras; pernas negrejantes; azas limpidas; sq esbranquiçado-fulvescentes.

Eubischofimiya analis spn

Cco 9-10; caz 9-10. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 11 de Set. e 6 de Nov., em folhagem e em flôres de *Cordia curassavica*.

Fc e bch prateado-amarelladas; frlia amarello-pallidas até amarello-ferrugineas anteriormente, mas pardacentas posteriormente; ant pardo-escuras, a b do 3ant levemente roxeada; pfrlia e thx dourado-grisalhos; 4 thvitt escuras, estreitas; scutello pardo-escuro, esparsamente dourado; abd preto-pardacento polido; 4seg preto-opaco com a 1/2 posterior levemente dourado-pardacento, especialmente nos lados; pernas negrejantes, as tibias tintas de pardo; azas levemente fuscas, amarelladas nas nervuras principaes; sq preto-fuliginosas.

Euboettcheria australis spn

Cco 11; caz 9-9,5. 2 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., 19 de Jan. até 11 de Junho, em flôres de *Baccharis genistelloides* e em folhagem.

Cb dourada, cova ant e occiput cinzentos; frlia, ant e plp pretos; thx, scutello e abd negrejantes, esparsamente prateados; 3 thvitt pretas, largas, a mediana chegando até o apice do scutello; parte superior das pleuras e margem lateral do prescuto douradas; abd do ♂ com 3 linhas pretas, as exteriores variaveis, o abd da ♀ xadrezado; hyp do ♂ e da ♀ roxeado, dourado na b; pernas pretas; azas limpidas; sq brancas, o disco descorado no ♂.

Eucelatoriopsis teffeensis spn

Cco 6,5; caz 5. 1 ♀, Teffé, Amazonas, 4 de Out. em folhagem.

Cb prateada e tinta de ouro, pfrlia mais douradas, frlia e ant negrejantes; plp pardos; thx e scutello negrejantes, prateados e tintos de ouro; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas e aproximadas ás exteriores; abd roxeado, o 1seg e as margens posteriores dos segsint negrejantes, as b dos 3 segs posteriores prateadas e tintas de ouro; pernas negrejantes; azas limpidas; sq esbanquiçadas e tintas de fulvo-pallido.

Euclausicella uruhuasi spn

Cco 3,75; caz 3,5. 1 ♀, Uruhuasi, no valle do Rio San Gaban, Perú, 6.500 pés de altitude, 3 de Fev., em flores de *Baccharis*.

Cb prateado-sombria, pfrlia dourado-pallidas; frlia e ant negrejantes; plp amarellados; thx, scutello e abd pardo-escuros, esparsamente prateados, no mesoscuto, nas pleuras, nas b estreitas dos segsint e na 1/2 b do

4seg; 4 thvitt pardas, as interiores um pouco mais estreitas que as exteriores; pernas pardo-escuras; azas estreitamente enfumaçadas nas costas; sq fuliginoso-amarelladas, pallidas.

Euempheremyia paulensis spn

Cco 9-10; caz 7,5-8,5. 3 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Maio até 16 de Ag, em flores de *Mikania* e em folhagem.

Fc e bch prateado-amarelladas; frlia amarellas, tintas de pardo posteriormente; articulos ant b roxos, o 3ant preto; pfrlia, thx e scutello dourado-pallidos; 4 thvitt escuras, estreitas; abd preto-azulado, polido, o 4seg preto-opaco; pernas pretas; azas levemente fuliginosas; sq quasi brancas, as margens amarelladas.

Euhemiargyra parva spn

Cco 4,5; caz 4, 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 8 de Abril, em folhagem.

Cb dourado-pallida, cova ant e occiput prateado-sombrios; frlia e ant pretas; plp fulvos; corpo preto-pardacento, subpolido, humeros e pleuras levemente prateado-fulvos, mostrando uma lista mediana preta, a qual termina na b do 4seg; pernas pretas; azas limpidas; sq levemente tintas de amarello-fuliginoso.

Euhuascaraya atra spn

Cco 9; caz 8,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 16 de Set., em folhagem.

Fc e bch prateadas, levemente tintas de ouro; ant pardo-escuras; frlia pardo-escuras posteriormente, amarelno-ferrugineas anteriormente; pfrlia verde-metallicas, esparsamente dourado-pallidas; thx e scutello dourado-ferrugineos sobre a côr esverdeada, a qual é vagamente visivel; pleuras griseas, tintas de ouro; 4 thvitt par-

das e uma quinta vagamente indicada na linha mediana; abd preto-polido, levemente tingido de esverdeado, o 4seg mais opaco e mostrando um pouco de pollen pardo-dourado nos lados com a incidencia da luz; pernas pretas, tibias levemente roxeadas; azas levemente fuliginoso-pardacentas na b e nas nervuras; sq fuliginoso-amarelladas.

Euloewiodoria eulalia spn

Cco, 3,5; caz 3. 1 ♀, Santa Eulalia, Perú, 3.500 pés de altitude, 18 de Jan., em folhagem.

Cb branco-prateada, variando até escura com a incidencia da luz; frlia, ant e plp negrejantes; pfrlia preto-polidas com excepção da parte anterior; thx e scutello preto-polidos, o mesoscuto apenas polvilhado; 4 thvitt mais escuras apenas marcadas; humeros e pleuras pardacentos e levemente prateados; abd negrejante com um lustro verde-escuro; pernas pardas; azas limpidas, levemente amarelladas nas costas; sq amarellado-enfumaçadas.

Eumachaeraea auricephala spn

Cco 7-9; caz 5,5-7,5. 1 ♂ e 1 ♀, Monte El Potrero, 4.500 pés de altitude, e Calavera, Tambo, 3.000 pés de altitude, nas serras da Cordilheira Oriental dos Andes, Perú do Norte, 8 e 9 de Nov., em folhagem e hervagem.

Cb abundantemente dourada, occiput cinzento; frlia e ant pretas; plp fulvos; thx, scutello e abd negrejantes; humeros, lados do mesoscuto e parte superior das pleuras dourado-pallidos; mesoscuto, scutello e os 3 segs posteriores mais pallidamente dourados, 4 thvitt pretas; as margens posteriores dos segs mais ou menos largamente preto-polidas; pernas pretas; azas levemente enfumaçadas nas costas e estreitamente nas nervuras;

sq fuliginosas, a peripheria esbranquiçada com margem amarellada.

Eumacrohoughia nuda spn

Cco 9; caz 7-8. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 6 de Maio e 7 de Set., em folhagem.

Cb branco-prateada, pfrlia levemente tingidas de latão; frlia e ant pretas; plp pardacentos, fulvo-pallidos no apice; thx e scutello prateados, o mesoscuto tinto de ouro; 4 thvitt pretas, subeguaes, e um pouco estreitas; abd preto, as b dos segsint prateadas e mostrando o pollen mais largamente disposto nos lados, 4seg inteiramente esparsamente prateado; pernas pretas; azas fulignioso-amarelladas nas costas e nas nervuras; sq esbranquiçadas, mais ou menos levemente tintas de amarello.

Euthelairopsis brasiliensis spn

Cco 8-10; caz 6-7. 11 ♂ e 12 ♀, Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., 17 de Ag., até 8 de Nov., em folhagem.

Cb branco-prateada, occiput levemente tingido de latão; frlia e ant preto-opacas; plp fulvo-pallidos; pleuras esparsamente prateadas; mesoscuto e scutello esparsamente prateado-cinzentos, mais densamente nos humeros; 4 thvitt pretas, as interiores lineares; abd preto-polido, as b dos segsint largamente mas esparsamente branco-prateadas; pernas pretas; azas levemente enfumaçadas, sendo mais intensa nas costas; sq branco-sordidas.

Euthelyconychia clausa spn

Cco 4; caz 4,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 2 de Set., em folhagem.

Cb esparsamente prateada, mostrando-se escura com a incidencia da luz; frlia, ant e plp pretos, as primei-

ras polvilhadas, vistas obliquamente; thx e scutello mui esparsamente cinzentos, tingidos de ferrugineo, subpolidos; humeros e pleuras mais prateados; sem thvitt bem marcadas; abd preto-esverdeado subpolido, as b dos 3 segs posteriores branco-prateadas; pernas pretas; azas levemente amarelladas; sq brancas e tintas de fuliginoso.

Exodexia uruhuasi spn

Cco 7; caz 7,5. 1 ♀, Uruhuasi, Perú, 3 de Fev., em flores de *Baccharsi*.

Cb esparsamente prateada, tinta de ouro-pallido; manchas das bch variando até roxas com a incidencia da luz; frlia roxas; plp e ant fulvos; occiput, thx, scutello e abd negrejantes, sómente mui esparsamente prateados, o pollen mostrando-se mais no prescuto, em baixo do abd e no 4seg; 5 thvitt pretas, fracamente marcadas, a mediana mais larga que as interiores lineares; pernas pardacentas, as tibias levemente roxas; azas levemente fuliginoso-amarelladas; sq levemente enfumaçadas.

Exoernestia uruhuasi spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♀, Uruhuasi, Perú, 3 de Fev., em flores de *Baccharis*.

Fc amarellada, a cb inteira levemente tinta de ouro; bch e pfrlia negrejantes sob o pollen; frlia pretas; ant roxo-fulvas, o 3ant tingido de pardacento; plp amarellado-fulvos; thx e abd mui esparsamente prateados; 4 thvitt escuras, eguaes; as b dos 3 segs posteriores mais prateadas, vistas obliquamente; pernas negrejantes; azas quasi limpidas, só mui levemente fuliginosas; sq quasi brancas.

Ceneopsis major spn

Cco 8,5-9; caz 8-9. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 26 de Out., e 20 de Nov., em flores de *Cordia curassavica*.

Amarellada quasi inteiramente; frlia, 3ant, ar e a 1/2 terminal do haust pardos; fc, bch, prosterno e coxas anteriores prateados; pleuras cinzentas; mesoscuto e scutello dourados; 4 thvitt pardas, as interiores estreitas; abd polido, só o 4seg levemente prateado na b, lista mediana preta, larga, os angulos posteriores do 2seg e a 1/2 posterior do 3seg pretos, o 4seg ferrugineo ou pardacento, com excepção da lista mediana e os angulos posteriores pretos; tarsos e unhas pretos; azas levemente enfumaçadas, a 1/2 costal tinta de flavo; sq flavas.

Gymnocamptops grisescens spn

Cco 8; caz 8,5. 1 ♂, Cantareira, S. P., 25 de Ag., em folhagem.

Cinzento, mais ou menos tinto de ouro em cima; frlia e articulos ant b pretos; o 3ant fulvo, tingido de fusco no apice; plp negrejantes; fc e bch um pouco prateadas; occiput e pleuras cinzentos, as ultimas tingidas de ouro; mesoscuto e scutello mui levemente dourados; 5 thvitt pardo-pallidas, as 3 interiores estreitas; abd submarmoreado, um pouco mais dourado; com uma lista mediana parda, a qual se alarga muito nos 2 segs posteriores; pernas pardacentas; fem cinzentos, tibp levemente roxas; azas quasi limpidas; sq vitreas.

Gymnodoria capitata spn

Cco 4; caz 4. 1 ♀, Rio Charape, Perú, 15 de Set., em folhagem.

Cb esbranquiçado-prateada; frlia pardas; ant negrejantes; plp amarello-alaranjados; thx e scutello pardo-

ennegrecidos opacos, o mesoscuto sem pollen e sem thvitt; pleuras prateadas em baixo; abd preto-pardacento, polido, margens anteriores dos 3 segs posteriores prateadas, as listas augmentando de largura posteriormente, segsnit com lista mediana preta, a qual é menos distincta no 4seg, a 1/2 do ultimo seg prateado; pernas pardo-pallidas; azas limpidas; sq esbranquiçado aquosas, tintas de fuliginoso.

Gymnommopsis gagatea spnn

Cco 9; caz 8. 4 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 20 de Agosto, até 13 de Set., em folhagem.

Fc e bch branco-prateadas, levemente tintas de amarellado; frlia pardas; articulos ant b roxo-escuros, o 3ant quasi inteiramente ennegrecido; pfrlia e thx esparsamente dourado-pallidos; 4 thvitt escuras, escuras, estreitas, subeguaes; scutello mais preto-polido que o resto do thx, mas mostrando um pouco de pollen, visto obliquamente; abd preto-azulado, polido, lustrado, só a 1/2 posterior do 4seg esparsamente dourado-pallido; pernas pretas, tibias levemente roxeadas; azas fuliginoso, levemente negrejantes na parte costobasilar; sq negrejante-fuliginosas.

Gymnosturmia grisea spn

Cco 7,5-9,5; caz 6-5-8,5. 2 ♂ e 3 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Maio, em flores de *Mikania*.

Cb da ♀ dourado-clara, a do ♂ dourado-sombria; occiput cinzento-dourado; frlia negrejantes; plp e articulos ant b fulvos ou roxos, o 3ant ennegrecido; mesoscuto do ♂ preto-polido com mui pouco pollen prateado, o da ♀ com mais pollen, deixando visiveis 5 thvitt escuras estreitas das quaes a mediana se mostra só atras da sutura; humeros dourado-pallidos na ♀ e as pleuras prateadas, sendo estas partes só levemente polvilhadas no ♂; scutello testaceo-roxeado no ♂, mais

escuro na ♀; abd pardo-negrejante na ♀, os lados dos 3 segs anteriores largamente roxeados no ♂, esparsamente prateado no ♂, tinto de ouro na ♀, segsin/ do ♂ com mais pollen na b mas o 4seg mais uniformemente polvilhado; pernas pretas; azas quasi limpidas na ♀, levemente fuliginosas nas nervuras na parte te costobasilar no ♂; sq fusco-pallidas no ♂, mais brancas na ♀.

Harrisiopsis spinosa spn

Cco 10,5-12; caz 10,5-11,5; 4 ♀- Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., 23 de Ag., até 28 de Nov., em flores de *Sapium biglandulosum* e em folhagem.

Cb esparsamente prateada, escura sob o pollen, especialmente nas pfrlia; frlia e ant pardo-escuras; plp fulvo-pallidos; thx pardo-escuro, esparsamente prateado, 4 thvitt muito indistinctas, scutello pardo-pallido abd preto subpolido, sem pollen; pernas pretas; azas levemente fuliginosas na parte costobasilar e estreitamente nas nervuras, alulas negrejantes; sq preto-fuliginosas.

Helicobiopsis aurescens spn

Cco 4,5-6; caz 3,5-5. 6 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 24 de Ag., até 12 de Março, em folhagem e em flores de *Baccharis*.

Cb dourada, cova ant prateado-cinzenta; frlia, ant e plp pretos; thx e scutello dourado-pallidos; 3 thvitt pretas, estreitas, eguaes, a mediana chegando até o apice do scutello; 2 listas pretas nas pleuras; abd com 3 listas pretas, as quaes dividem o pollen prateado dos 3 segs posteriores formando 4 manchas em cada segmento; hyp roxeado; pernas pretas; azas limpidas e sq brancas.

Heliobydella aurata spn

Cco 6,25-7; caz 5-5,75. 1 ♂ e 4 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 8 até 13 de Fev., em folhagem.

Cb abundantemente dourada na ♀, dourado-pallida no ♂; frlia e ant negrejantes, as primeiras mostrando um pouco de pollen, vista obliquamente; plp negrejantes na b, roxos no apice; thx da ♀, incluido o scutello, densamente dourado, só as sternopleuras prateadas, o thx do ♂ inteiramente prateado havendo só um colorido mui leve de ouro; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas; abd preto-polido, sendo mais ou menos a 1/2 b dos 3 segs posteriores prateado; pernas pretas; azas levemente amarelladas nas costas e nas nervuras; sq tintas de amarellado-enfumaçado.

Helioprosopa facialis spn

Cco 8-10; caz 6,5-8. 2 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 16 de Ag., até 3 de Junho, em flores de *Cordia curassavica* e *Baccharis genistelloides* e em folhagem.

Negrejante, com pollen prateado; fc e bch amarello-douradas; frlia, articulos ant b e b do 3ant flavos; thx e abd esparsamente prateados; 4 thvitt pretas; a 1/2 anterior do 4seg preto-polido, a 1/2 posterior amarella; tibias intermediarias e posteriores é a b dos fém fulvas; azas limpidas; sq brancas.

Hemiargyrophylax punctilucis spn

Cco 3,5-4; caz 3,5-4. 4 ♂, Chachapoyas, Perú, 7.900 pés de altitude, 24 de Nov., em folhagem.

Cb branco-prateada, variando até negrejante-opaco com a incidencia da luz; frlia, ant e plp pretos; thx e scutello pretos, opacos até subpolidos, humeros e pleuras levemente prateados; abd negrejante, as b dos segsint largamente branco-prateadas; pernas preto-parda-

centas; azas enfumaçadas nas costas, a côr enfraquecendo-se até hyalina no bordo posterior; sq fuliginosas.

Hemiargyropsis frontalis spn

Cco 4,75; caz 4,5. 1 ♂. Rio Charape, Perú, 13 de Set., em folhagem.

Cb variando de branco-prateada até prateado-sombria; frlia e ant pardas; plp fulvo-amarellados; thx e scutello pardo-escuros, subopacos, apenas com pollen ou thvitt; abd pardo-subpolido, os 3 segs posteriores mui esparsamente prateados, o pollen mostrando-se na maior parte em 4 manchas pequenas na b de cada segmento; pernas pardas; azas limpidas; sq brancas.

Hemilydella fasciata spn

Cco 7; caz 6. 1 ♂, La Tina, Perú, no Rio Macará, fronteira do Equador, 1.370 pés de altitude, 25 de Maio, em folhagem.

Cb prateado-dourada, pfrlia dourado-claras; frlia, ant e plp negrejantes, os ultimos roxeados no apice; thx densamente dourado-pallido; 4 thvitt pretas, estreitas, as interiores lineares; scutello dourado-pallido, preto na b; abd preto, as 3/5 b dos 3 segs posteriores densamente prateado-dourados; pernas pretas; azas mui levemente fuliginosas na 1/2 costal; sq quasi brancas.

Hemimasipoda brasiliensis spn

Cco 7,5-9,5; caz 6,5-8,5. Muitos ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 20 de Ag., até 14 de Set., em folhagem.

Cb cinzento-prateada levemente tinta de ouro, pfrlia um pouco mais douradas, especialmente no ♂; frlia pretas; ant negrejantes, o 3ant da ♀ tinto de fulvo na b; plp fulvos, negrejantes na b; occiput cinzento em baixo, com barba dourado-pallida; thx prateado, leve-

mente tinto de ouro na ♀, menos polvilhado no ♂, mas o pollen mais dourado; 4 thvitt pretas, largas, subeguaes; scutello subroxo sob o pollen; segsint polvilhados, com excepção da margem posterior na ♀, mas no ♂ o pollen mostra-se só na b dos segs; o 4seg polvilhado na 1/2 anterior, a 1/2 posterior roxo na ♀, mas o seg roxo só no apice no ♂; os lados do abd roxos, mais pallidos na ♀; pernas pretas; azas enfumaçadas nas costas, especialmente no ♂; sq esbranquiçadas, as margens amarello-ferrugineas no ♂.

Hemisturmia carcelioides spn

Cco 8-8,5; caz 7-7,5. 3 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 16 de Out., até 1 de Março, em folhagem.

Cb prateado-sombria, tinta de amarellado, pfrlia dourado-claras; frlia e ant negrejantes, o 2ant levemente tinto de roxeado; plp fulvo-amarellados; thx prateado-amarellado, os humeros e os lados do postscuto dourado-pallidos; 3 thvitt pretas, largas, densas, a mediana um pouco mais estreita que as outras e com uma linha preta em cada lado; scutello roxo de tijolo, a b estreitamente negrejante; abd negrejante-subpolido, segsint variavelmente prateados e tintos de latão, o 4seg uniformemente dourado-pallido; pernas pretas; azas limpidas, a b extrema parda; sq branco-amarelladas, as margens amarello-fuliginosas.

Homohypochaeta reclinata spn

Cco 5,5; caz 4,5. 1 ♂, Rio Charape, Perú, 12 de Set., em folhagem.

Cb branco-prateada incluido as frlia, occiput cinzento; plp côr de palha pallida; ant pardacentas até negrejantes; thx cinzento, sem thvitt; scutello e abd polidos, especialmente o ultimo, esparsamente cinzento prateados, o pollen mais denso na b estreitas e nos

lados mais largos dos 3 segs posteriores; hyp e tibias subfulvos, o restante das pernas negrejantes; azas levemente enfumaçadas, a côr mais leve na margem posterior; sq esbranquiçado-vitreas.

Huascarayopsis paulensis spn

Cco 8-9; caz 8-9. Muitos ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, S. P., de Ag., até Nov., em folhagem e uma vez nas flores de *Cordia curassavica*.

Preta, levemente polida; frlia pardo-aquosas; fc e bch branco-prateadas; pfrlia e thx mui esparsamente prateados; 5 thvitt pretas, estreitas; scutello e abd pretos, subopacos mas com um lustro sedoso, ás vezes, roxeados no ♂; o 4seg com pollen pardacento-amarellado nos lados, visto obliquamente, tambem visivel na linha mediana; pernas pretas; azas uniformemente mas levemente enfumaçadas, com um pouco de flavo perto das costas; sq esbranquiçado-escuras, largamente fuliginosas nas margens.

Hypodoria orbitalis spn

Cco 6,5; caz 5,25. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 21 de Março, em folhagem.

Cb prateado-sombria, pfrlia dourado-pallidas; pfclia, bch e orbitas occipitaes mui levemente tintas de ouro; frlia e ant pretas, as primeiras polvilhadas vistas obliquamente; plp negrejantes na b, fulvos no apice; thx e scutello com um lustro esverdeado-escuro metallico, esparsamente dourado-pallidos; 4 thvitt escuras, as exteriores largas e nterruptas, as interiores muito estreitas, abd preto-polido, os lados dos segsint estreitamente roxos, a 1/2 b dos mesmos esparsamente branco-prateado; pernas pretas; azas levemente amarellado-fuliginosas na 1/2 costal, a côr segue as nervuras no meio da aza; sq esbranquiçadas, levemente tingidas de amarello-fuliginoso.

Hypohoughia reclinata spn

Cco 6,75; caz 5,75. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 18 de Nov., em folhagem.

Cb branco-prateada, occiput cinzento; frlia e ant pretas, as primeiras polvilhadas, vistas obliquamente; plp roxos; thx e scutello pretos, um pouco prateados, o pollen mais denso nos humeros e nas pleuras; 4 thvitt escuras, as interiores quasi tão largas como as exteriores; abd preto-polido, os lados dos 3 segs anteriores largamente roxos; a b dos 3 segs posteriores esparsamente prateadas, o pollen extendendo-se sobre maior parte dos segsint mas menos evidente no 4seg; pernas pretas; azas amarellado-fuliginosas nas nervuras; sq levemente tintas de amarello-fuliginoso.

Hypomyothyria hypodermica spn

Cco 5; caz 4. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Nov., em flores de *Cordia*.

Cb prateado-sombria; frlia, ant e plp negrejantes; thx e scutello esparsamente prateados, o pollen mais denso nos lados; 4 thvitt pretas, as interiores lineares e approximadas ás exteriores; abd preto-subpolido, as b dos 3 segs posteriores branco-prateadas; pernas pretas; azas limpidas; sq es*b*ranquiçadas.

Hypophorinia hyphena spn

Cco 5-6,25; caz 4,5-5,6. 2 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 17 de Maio até 24 de Set., em folhagem.

Cb branco-prateada; frlia e ant pretas; plp negrejantes, roxos no apice; thx e scutello cupreo-violaceos netallicos, esparsamente prateados, o pollen mais pronunciado nos humeros e no prescuto; 4 thvitt escuras, largas; abd negrejante-polido, tingido de cupreo-violaceo, as b dos 3 segs posteriores prateadas; pernas pretas; azas limpidas; sq esbranquiçado-fulvas.

Hypoproxynops rufiventris spn

Cco 5-6,5; caz 4,5-5,6. 2 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 18 de Nov., em flores de *Sapium biglandulosum*.

Cb prateada, variando até escura com a incidencia da luz; frlia e ant pretas; plp amarellos; thx e scutello negrejantes, esparsamente prateados; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas; abd fulvo com lista mediana preta, larga, as b dos 3 segs posteriores prateadas; pernas negrejantes; azas levemente amarelladas nas costas e nas nervuras; sq amarellado-pallidas.

Itabiomyia fulvescens spn

Cco 6,75; caz 5. 1 ♂, Cantareira, S. P., 2 de Julho, em folhagem.

Fc prateado-sombria, bch côr de latão, pfrlia dourado-pallidas; occiput cinzento em cima, tinto de latão em baixo; frlia e ant pardo-escuras; plp amarello-fulvos; thx e scutello dourado-pallidos, pleuras mais prateadas; 4 thvitt pretas, bem marcadas; b do scutello largamente negrejante; abd pardo-escuro, subpolido, lados des 2 segs anteriores largamente amarellos até amarellos-roxeados, as b dos 3 segs posteriores largamente dourado-pallidas; pernas negrejantes; azas quasi limpidas; sq fulvo-palldas.

Itacnephalia analis spn

Cco 11;caz 9. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Junho, em flôres de *Baccharis genistelloides*.

Preta; pfrlia, fc e bch cinzento-prateadas, vertice pardo, uma mancha marmoreada em cada lado da ba, vista da frente; thx prateado-cinzento, deixando vêr 4 thvitt pretas, subeguaes; scutello e abd marmoreados de prateado-cinzento, o 4seg largamente dourado no apice; azas limpidas; sq brancas.

Itacuphocera ocellaris spn

Cco 6-7; caz 5-6. Muitos ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, S. P., Ag. até Dez., em folhagem; alguns, Junho, em flôres de *Baccharis genistelloides.*

Preto-polida; fr, fc e bch amarellas, dourado-claras; frlia e ant roxo-pallidas; mesoscuto e scutello cupreos com reflexos purpureos e esparsamente dourados; 4 thvitt indistinctas; as interiores lineares, abd preto-polido, com reflexo levemente azulado; azas fusco-pallidas nas costas e nas nervuras; sq esbranquiçadas.

Italispidea antennalis spn

Cco 4-6; caz 3,5-5. 1 ♂ e 4 ♀, Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., 12 de Junho até 12 de Setemb., em folhagem.

Cb dourada no ♂, dourado-pallida na ♀; cova ant dourado-pallida no ♂, prateado na ♀; frlia e ant negrejantes; plp fulvo-pallidos até flavos; thx pardo-negrejante, prateado-sombrio, especialmente nos humeros, no prescuto e nas pleuras; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas; abd pardo-negrejante, as b das 3 segs posteriores prateadas; pernas pardas ou negrejantes; azas levemente enfumaçadas; sq tintas de fuliginoso.

Italydella geminata spn

Cco 7; caz 5,75. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 22 de Janeiro, em folhagem.

Frlia e ant negrejante-opacas; plp fulvo-pallidos; o resto da cb, thx, scutello e abd cinzento-prateados, 2 thvitt pretas, largas, intensas; lista mediana, abd preta, indistincta, alargando-se em triangualos com a incidencia da luz; margens posteriores dos segs negrejantes, pernas ennegrecidas, fem levemente cinzentos; azas levemente fuliginoso-amarelladas, com excepção dos bordos posteriores, largos; sq quasi brancas.

Itamobia ornata spn

Cco 7 incluido o larvipositor; caz 5. 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 30 de Nov. e 19 de Jan., em flôres de *Sapium biglandulosum* e *Baccharis genistelloides*.

Cb intensamente dourada; frlia, ant e plp negrejantes; placa facial e fclia esparsamente prateadas; occiput negrejante em baixo e nos lados; mesoscuto e parte superior das pleuras dourados, o pollen pallido em cima; 3 thvitt pretas, fortes, eguaes e outra mais curta em cada lado na margem superior das pleuras; scutello cinzento-prateado, as thvitt lateraes continuadas nos lados, mas a mediana ausente; abd cinzento-prateado, os 4 segs com 3 listas pretas confluentes nas margens posteriores dos segs; hyp cinzento-prateado; pernas pretas, fem esparsamente cinzentos; azas limpidas; sq levemente fuliginosas no disco.

Itaplectops antennalis spn

Cco 5,5; caz 4,75. 1 ♀, Cantareira, S. P., 23 de Out., em folhagem.

Preto; frlia fulvas; ant, plp e labellas inteiramente amarello-fulvos; pfrlia, fc e bch prateadas levemente tingidas de latão; thx e scutello esparsamente cinzento prateados; 4 thvitt escuras, indistinctas, as interiores estreitas; abd preto-polido, margens anteriores dos segsint esparsamente prateadas; pernas negrejantes, tibias fulvas; azas limpidas, levemente amarelladas nas costas; sq levemente enfumaçadas.

Itasaundersia robusta spn

Cco 13,5; caz 12,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Nov., em flores de *Cordia curassavica*.

Cb muito levemente dourada; cova ant prateado-amarellada; pfrlia tintas de esverdeado-pallido; frlia pardas; ant preto-pardacentas, articulos b levemente ro-

xeados; thx esverdeado de azeitona, pleuras dourado-pallidas, mesoscuto mais grisalho; 4 thvitt pardo-esverdeadas, subeguaes, interruptas, tambem uma quinta menos distincta, na linha mediana; scutello amarello-sombrio; abd amarello-claro, 4seg preto-opaco com excepção da entalha mediana, posterior; risca mediana do abd parda; margens posteriores dos segsint pardas excepto nos lados; pernas amarello-sombrias, fem pardos em cima, tarsos tingidos de ferruginneo; azas uniformemente fuliginosas; sq enfumaçadas.

Itasturmia intermedia spn

Cco 7,5; caz 7. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Set., em folhagem.

Cb dourado-pallida, fclia um pouco prateadas, occiput cinzento; frlia, ant e plp negrejantes; thx prateado, levemente tinto de ouro; 5 thvitt escuras, a mediana linear antes da sutura; scutello largamente fulvo nos lados e no bordo posterior; abd negrejante, prateado, o pollen variavel e mostrando-se mais na b e nos lados dos segsint e em quasi tudo do 4seg, o 1seg negrejante, visto de cima; pernas negrejantes, tibias pardacentas; azas limpidas; sq esbranquiçadas.

Itaxanthomelana grandis spn

Cco 8; caz 7,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Fev., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia e parte superior do occiput dourado-pallidas; frlia e ant intensamente pretas; thx e scutello pretos; humeros dourados, pleuras prateadas; lados e margem posterior do mesoscuto dourados, tambem a margem posterior estreita do prescuto; 2 linhas douradas no prescuto demarcando 3 thvitt pretas, largas, intensas; abd preto ou pardo-negrejante, as 3/5 posteriores do 2seg e as 2/3 anteriores do 3seg amarellos nos lados; 4seg e hyp esparsamente prateados,

o pollen menos distincto no disco dos segsint: pernas pretas, as b dos femp amarellas; coxas roxo-fuscas; azas pretas em menos que a 1/2 costal, o resto limpido; sq amarello-claras.

Iteuthelaira intermedia spn

Cco 9-10; caz 7-8. 2 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 6 de Abril até 17 de Maio, em folhagem.

Cb branco-prateada; frlia negrejantes; ant pardo-negrejantes ou pretas; plp fulvos; thx e scutello prateados, levemente tintos de amarellado em cima; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas; abd preto-polido, a 1/2 b dos segsint prateado, a lista do 2seg interrupta na linha mediana no ♂; 4seg da ♀ sem pollen, o do ♂ prateado na 1/2 b; pernas pretas, fem anteriores largamente prateados em baixo; azas um pouco fuliginosas nas costas da ♀ e nas nervuras do ♂; sq tintas de amarellado nas margens.

Jurinio soma gagateum spn

Cco 11-14; caz 10,5-12. Muitos ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, S. P., Maio até Set., em flores de *Mikania*, *Baccharis* sp., *Baccharis genistelloides* e em folhagem.

Fc e bch prateado-amarelladas ou mui levemente douradas; frlia pardo-escuras, tintas de amarello anteriormente; ant pardo-escuras; pfrlia obscuramente verde-metallicas, com pollen dourado-pallido; mesoscuto mui levemente esverdeado, esparsamente griseo-amarellado; 4 thvitt escuras eguaes; scutello preto-pardacento, esparsamente dourado, visto de traz; abd preto-azulado polido, o 4seg preto-opaco, o disco dos segs mostrando pollen prateado-ferrugineo muito leve; pernas pretas; azas levemente fuliginoso; sq preto-enfumaçadas.

Leskiolydella aurata spn

Cco 8,5; caz 7. 1 ♂, Cantareira, S. P., 21 de Out., em folhagem.

Cb dourad, pfrlia intensamente assim, as fc e bch mais pallidas; occiput negrejante, tingido de latão em baixo; frlia e ant pretas; plp flavo-pallidos; thx e scutello dourado claros, pleuras côr de latão; 4 thvitt pretas, subconfluentes atras da sutura, onde formam uma mancha dividida estreitamente na linha mediana; scutello negrejante na 1/2 b; abd intensamente amarello nos lados dos 2 segs anteriores e na parte anterior do 3seg, o restante pardo-escuro, polido, mas as b dos 3 segs posteriores estreitamente dourado-pallidas; pernas pretas; azas enfumaçadas, amarellas na b, a margem posterior irregularmente limpida; sq amarello-fuliginosas

Lydellactia clausa spn

Cco 4; caz 4,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 1 de Set., em folhagem.

Cb dourado-pallida, cova ant mais prateada; frlia e ant pardo-escuras; plp pardos, fulvos no apice; thx esparsamente dourado-pallido, mesoscuto subpolido; 4 thvitt pretas, as interiores lineares; abd preto-pardacento, polido, as b estreitas dos segsint dourado-pallidas, o 4seg polvilhado na 1/2 b; pernas negrejantes; azas levemente amarellado-fuliginosas, mais pallidas no bordo posterior; sq amarellado-fuliginosas.

Lydellohoughia nana spn

Cco 3,5-4,75; caz 3-4. 3 ♂ e 6 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 16 de Jan., até 13 de Maio, em flores de *Mikania* e em folhagem.

Preta; pfrlia, fc e bch prateadas; mesoscuto levemente prateado, sem thvitt; scutello e abd polidos, as b dos segsint estreitamente prateadas em cada lado; azas limpidas; sq esbranquiçado-fuliginosas.

Eydinolydella metallica spn

Cco 6-7; caz 5-6,5. 5 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 29 de Ag., até 12 de Março, em folhagem.

Negrejante; cb prateado-sombria; pfrlia, pfclia e bch levemente tingidas de ouro; plp negrejantes, fulvos no apice; frlia e ant pretas; thx e abd esparsamente prateados, subpolidos, o polln mostrando-se só visto obliquamente; mesoscuto e scutello com um lustro de cupreo, verde ou violaceo metallico; abd preto-esverdeado, os 3 segs posteriores prateados pela maior parte, vistos de um lado; 4 thvitt obscuras; pernas pretas; azas enfumaçadas na 1/2 costal; sq esbranquiçadas, tintas de amarello-fuliginoso.

Macrohoughia marmorata spn

Cco 8-9; caz 7-8. Muitos ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, e Cantareira, S. P., todo o anno, mas especialmente em Ag., em folhagem.

Fc, bch e orbitas occipitaes prateado-claras; frlia e ant pretas, o 2ant fracamente fulvo; plp fulvos, densamente cobertos de pelos pretos; pfrlia, mesoscuto e scutello cinzento-dourados; 4 thvitt pretas, as interiores mui estreitas; pleuras prateadas; abd preto-polido, os 3 segs posteriores prateados e marmoreados com excepção das margens posteriores; tibias intermediarias e posteriores levemente roxeadas; azas quasi limpidas, levemente amarellado-fuliginosas nas costas e nas nervuras; sq brancas.

Macrohoughiopsis similis spn

Cco 9; caz 8. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 11 de Set., em folhagem.

Cb branco-prateada; pfrlia tintas de latão; frlia e ant pardo-negrejantes; plp roxos; thx prateado, mesoscuto e scutello levemente dourados; 5 thvitt pretas,

subeguaes; abd negrejante-polido, a côr preta formando triangulos com a variação da luz, o 1/2 b dos 3 segs posteriores prateado; pernas pretas; azas limpidas; sq quasi brancas.

Mayophorinia angusta spn

Cco 6; caz 5. 1 ♂, Foz do Rio Yahuarmayo, Perú, 10 de Fev., em folhagem.

Cb prateada; frlia pardas; ant pardo-claras; plp amarello-claros; corpo pardo-escuro, esparsamente prateado; 4 thvitt escuras; abd subpolido, o pollen mais uniforme no 4seg que nos segsint; pernas pardo-escuras, as tibias roxeadas; azas fuliginosas nas costas e nas nervuras; sq tintas de fuliginoso-amarellada.

Medinophyto gracilis spn

Cco 5-6; caz 4,5-5. Muitos ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 15 de Jan., até 7 de Fev., em folhagem.

Preto-opaco, com listas branco-prateadas; pfrlia, fc e bch prateadas; thx com lista prateada antes da sutura, a qual corre obliquamente nas pleuras até chegar nas coxas intermediarias e outra lista antes do scutello sem continuação nas pleuras; os 3 segs posteriores largamente prateados na b, mas as listas são divididas na linha mediana; azas quasi limpidas; sq levemente amarelladas ou quasi brancas.

Melanactia macrocera spn

Cco 3,5-4,5; caz 3-4. 1 ♂ e 4 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Ag., até 21 de Março, em folhagem.

Cb prateada; frlia, ant e plp pretos, as frlia mostrando pollen vistas obliquamente; prescuto esparsamente prateado; o pollen mais denso nos humeros; 4 thvitt escuras, as interiores estreitas; thx, scutello e abd tintos de verde-bronzeo, só o prescuto mostrando pol-

len apreciavel, as b dos 3 segs posteriores mui levemente prateadas; pernas pretas; azas quasi limpidas; sq amarello-fuliginosas.

Melanepalpellus corpulentus spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 18 de Set., em folhagem.

Fc e bch prateadas; frlia pardo-negrejantes, amarelladas anteriormente; ant negrejantes, 3ant tinto de roxeado; pfrlia e thx esverdeado-sombrios, esparsamente amarellados ou prateado-grisalhos; 4 thvitt escuras, estreitas; scutello pardacento, esparsamente polvilhado; abd preto-polido, o 4seg opaco mas mostrando um pouco de pollen prateado-pardacento, o qual se extende tambem no disco dos segsint; pernas pretas, tibias levemente roxeadas; azas levemente enfumaçadas; sq bem enfumaçadas.

Melanocyptera carinata spn

Cco 8; caz 6. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Fev., em folhagem.

Preta; ant pardo-claras; frlia pretas, esta côr extendendo-se sobre a maior parte das pfrlia; fc, bch e orbitas muito estreitas das pfrlia prateadas; occiput, mesoscuto e scutello cinzentos, pleuras mais prateadas; 4 thvitt, as exteriores pretas, as interiores pardas e mais estreitas; abd preto-subpolido, com muito leve indicação de pollen prateado nos lados dos segsint, vistos obliquamente; pernas pretas, as coxas esparsamente prateadas; azas levemente fuliginosas mas intensamente assim na margem costal estreita; sq brancas, a margem interior mui estreitamente parda.

Melanodoria nigrisquamis spn

Cco 5,225; caz 4,5. 1 ♀, Foz do Rio Yahuarmayo, Perú, 10 de Fev., em folhagem.

Cb prateada; pfrlia levemente douradas; frlia, ant e plp pretos, as frlia mostrando pollen, vistas obliquamente; thx, scutello e abd preto-subpolidos, o thx só muito levemente polvilhado, visto obliquamente, o abd sem pollen; pernas pretas; azas fuscas na 1/2 costal irregular e nas nervuras; sq preto-ferugineas aveludadas.

Melanorhopteryx costalis spn

Cco 5; caz 4,75. 2 ♀, Chachapoyas, Perú, 7.900 pés de altitude, 24 de Nov., em folhagem.

Cova ant prateado-cinzenta; pfrlia e pfclia dourado-pallidas; frlia, ant e plp negrejantes; thx e scutello pretos, humeros e parte inferior das pleuras prateados; thvitt obsoletas; abd negrejante-subpolido, as b estreitas dos segsint prateadas, o 4seg mais largamente prateado na b; pernas pretas; azas pretas na margem costal; sq brancas; as margens enfumaçadas.

Mesembrinellopsis mima spn

Cco 11; caz 11,75. 1 ♂, Alto da Serra, S. P. (E. Schwebel).

Fulvo-pallida; ant amarello-alaranjadas; mesoscuto e scutello cupreo-esverdeados ou purpureos metallicos e com pollen prateado; 4 thvitt pardo-claras, eguaes; abd tinto de purpureo metallico no 3seg e na margem posterior do 2seg, o 4seg inteiramente purpureo, os 3 segs anteriores com uma lista mediana escura; pernas inteiramente fulvas; azas levemente amarellado-fuliginosas, sendo mais intensa nas nervuras, a costa, entre a estigma e o apice da R3 parda; sq levemente enfumaçadas.

Metamyobia filipalpis spn

Cco 5-6; caz 5-6. 2 ♂ e 4 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 25 de Ag., até 13 de Set., em folhagem.

Fulva ou amarellada, prateada ou dourado-pallida; fc, bch e orbitas occipitaes branco-prateadas; occiput cinzento; articulos ant b fulvo-pallidos, o 3ant e frlia preto-pardacentos, as ultimas fulvas anteriormente na ♀; plp amarellado-pallidos; pfrlia e thx dourado-pallidos, pleuras mais pallidas no ♂ mas cinzentas na ♀; 4 thvitt pardas, interruptas, as interiores lineares; abd amarellado, fulvo nos 2 segs posteriores, uma lista mediana e as margens posteriores dos segs pardas, os 2 segs posteriores dourado-pallidos e o 2seg da ♀ tambem polvilhado; pernas fulvas, variando terminalmente até pardas, especialmente nos tarsos; azas limpidas no ♂, normalmente tintas de fuliginoso-amarellado na ♀; sq esbranquiçado-aquosas, levemente tintas de fuliginoso.

Metarrhinomyia angusta spn

Cco 4,5; caz 4,5. 1 ♀. Rio Charape, Perú, 13 de Set., em folhagem.

Cb prateada; frlia e ant pardo-escuras; plp pardos; pleuras prateadas; mesoscuto preto-pardacento, polido, humeros e prescuto prateados; 4 thvitt escuras, muito indistinctas; scutello e abd pardos, os 2 segs posteriores mais negrejante-polidos, as b dos segsint levemente prateadas; pernas pardas; azas levemente amarelladas na 1/2 costal; sq esbranquiçadas.

Metopoactia andina spn

Cco 4; caz 3,75. 1 ♂. Chachapoyas, Perú, 7.900 pés de altitude, 24 de Nov., em folhagem.

Cb prateado-sombria; frlia e ant negrejantes; plp ferrugineõ-pallidos; thx e scutello prateados; 2 thvitt largas, chegando até a margem do scutello, cada uma formada de duas linhas pretas unidas por pardo-claro; abd prateado, com excepção do 1seg e da 1/2 posterior irregular dos segsint; pernas pretas; azas limpidas; sq quasi brancas.

Micronotochaeta costalis spn

Cco 4,75-5,25; caz 4-4,5. 1 ♀, Rio Chaquimayo, Perú, 5 de Fev., e 1 ♂, Rio Yahuarmayo, Perú, 8 de Fev., em folhagem.

Cb prateado-fulva, occiput cinzento; frlia pretas; ant pardas; plp pardos; pretos no apice; thx e scutello prateado-fulvos; 3 thvtt escuras, a mediana mais estreita que as outras; abd pardo-escuro polido, mais da 1/2 b do 4seg e as b mais estreitas dos segsint, prateado-esbranquiçadas; pernas pardo-escuras; tibias mais claras; azas fuliginoso-amarelladas nas costas; sq fuliginoso-pallidas.

Microtrichommodes elegans spn

Cco 8-10; caz 7,5-8. 2 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Novembro até 7 de Abril, em flôres de *Cordia curassavica* e *Baccharis genistelloides* e em folhagem.

Fc e bch do ♂ prateado-amarelladas, as da ♀ quasi branco-prateadas; plp flavos; frlia pardo-negrejantes; ant do ♂ quasi uniformemente pardo-negrejantes, as da ♀ largamente roxas na b e na parte inferior do 3ant; pfrlia, thx e scutello densamente dourado-claros, a côr forte e viva; pleuras, especialmente as sternopleuras, menos intensamente douradas; 4 thvitt pardas, sobeguaes e um pouco estreitas; abd preto como azeviche, polido, gagateo, com um lustro esverdeado fraco, sem pollen no ♂, mas o 4seg da ♀ com pollen dourado-pallido nos lados e em baixo; os lados dos 3 segs anteriores muito largamente roxo-amarellados no ♂, a côr intensa e nitida definida; pernas pretas, fem polvilhados de latão em baixo; azas negrejantes na parte costobasilar até a 1/2 do comprimento, as margens largas, interiores, levemente tintas de fuliginoso; sq dourado-enfumaçadas.

Myiodoria discalis spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♀, Rio Chaquimayo, Perú, 2.500 pés de altitude, 5 de Fev., em folhagem.

Cb dourado-pallida; cova ant prateada, levemente tinta de côr esverdeada; frlia e ant pretas, as primeiras dourado-pallidas, vistas obliquamente; plp fulvos; pleuras prateadas; mesoscuto e scutello verdes até pardo-bronzeos, com reflexos esverdeados até violaceos, esparsamente prateados ou muito levemente dourado-pallidos; 4 thvitt escuras, intistinctas, as interiores mais estreitas que as outras; abd preto-polido, tinto de côr esverdeada; as b dos 3 segs posteriores prateadas; pernas negrejantes, tibias pardacentas; azas fuliginosas na 1/2 costal irregular seguindo as nervuras; sq amarellado-fuliginosas.

Myiosturmia mixta spn

Cco 7-8; caz 6-7. 3 ♀, Itaquaquecetuba, C. P., 19 de Jan., em flôres de *Baccharis genistelloides*.

Cb dourado-pallida; frlia e ant pretas; plp roxo-fulvos; thx bem polvilhado, o pollen muito levemente dourado e mais denso nos lados; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas, uma quinta, estreita, atraz da sutura; scutello fulvo, sob o pollen, excepto a b preta; abd preto, as 3 segs posteriores muito levemente dourados, excepto as margens posteriores; pernas pretas; azas limpidas; sq muito levemente enfumaçadas.

Myioxynops palpalis spn

Cco 4; caz 3,5. 1 ♀, Rio Yahuarmayo, Perú, 11 de Fev., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia muito levemente douradas; frlia e ant pardo-escuras; plp fulvo-pallidos; thx e scutello negrejantes ou pardos, com pollen fulvo-pallido esparso, vistos de um lado; abd preto-pardacento, polido, as b

do 3 segs posteriores com pollen prateado, quasi imperceptivel; pernas pardacentas; azas levemente fuliginosas nas costas; sq fuliginoso-amarelladas.

Neacroglossa brasiliensis spn

Cco 10; caz 8. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 24 de Jan., em flôres de *Baccharis genistelloides*.

Fc branco-prateada; pfrlia e bch dourado-pallidas; frlia pardas, levemente tintas de roxeado; articulos ant b e b extrema do 3ant roxos, o restante do 3ant preto; plp fulvos; thx prateado, levemente tinto de latão; 4 thvitt pretas ,fortes, eguaes; scutello pardo-roxeado; abd pardacento-subpolido, os lados largamente roxeados, todo esparsamente prateado, sendo o pollen do disco e do 4seg tintos de latão; pernas pretas; azas limpidas; sq brancas.

Neargyrophylax argentescens spn

Cco 4,5-6; caz 4-5,5. 4 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 29 de Ag., até 16 de Out., em folhagem.

Fc e pfrlia branco-prateadas brunidas, vistas de cima, variando até negrejantes, vistas de frente; plp, ant e frlia negrejantes; thx preto-opaco, sub-polido só na margem posterior do postscuto, sem thvitt; scutello subpolido; abd levemente prateado nos 3 segs posteriores; ás vezes, o pollen tinto de latão, a intensidade do pollen varia com a variação da luz, as margens posteriores dos segs negrejante-polidas; pernas pretas; azas levemente amarelladas na parte costobasilar; sq negrejante-fuliginosas.

Neocampylochaeta genalis spn

Cco 5,25; caz 3,75. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 14 de Abril, attrahida pela luz.

Cb prateado-amarellada, o clypeo prateado mais

branco; frlia negrejantes, com o pollen como nas pfrlia; ant pretas; plp fulvo-amarellados; thx e scutello densamente prateado-amarellados; 4 thvitt pardacentas lineares e mui vagas; abd prateado-amarellado, o disco, e especialmente o 4seg, tintos de ouro; pernas negrejantes; as tibias, excepto na b, fulvo-amarelladas; azas limpidas; sq esbranquiçado-vitreas, tintas de fulvo.

Neocraspedothrix nana spn

Cco 3; caz 3. 1 ♂, Huascaray, Perú, 7.000 pés de altitude, 21 de Set., em folhagem.

Pardacento-polida, submetallica; fr e bch prateado-sombrias; pfrlia levemente tintas de latão; frlia, ant e plp pardo-escuros; thx pardo-polido, sobmetallico; 4 thvitt pardas, muito vagas, indistinctamente marcadas pelo pollen cinzento mui esparso; pleuras esparsamente prateadas; scutello e abd levemente cupreo-metallicos, as b dos 3 segs posteriores muito estreitamente prateadas; pernas pardas, tibias mais claras; azas limpidas; sq branco-aquosas.

Neocuphocera nepos spn

Cco 7-9,5; caz 5,5-7,5. 8 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 17 de Ag., até 11 de Junho, em flôres de *Cordia curassavica* e *Baccharis genistelloides* e em folhagem.

Cb dourado-pallida, as pfrlia variando até escuras com a variação da luz; frlia fulvas; ant roxas, o 3ant pardacento no apice; thx e scutello preto-pardacentos, polidos, pleuras e humeros prateado-sombrios, o pollen mais esparso no mesoscuto; 4 thvitt pretas, obscuramente definidas; abd pardo-negrejante, polido, tinto de esverdeado; a 1/2 b dos 3 segs posteriores esparsamente prateada, a 1/2 posterior do 4seg roxo; pernas pretas; azas levemente fuliginosas; sq quasi brancas.

Neommasicera fulvipes spn

Cco 8; caz 8. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Março, em folhagem.

Cb prateada, pfrlia levemente douradas; frlia pretas; ant fulvas, o 3ant, excepto na b, negrejante; humeros e pleuras prateados, mesoscuto e scutello muito pallidamente dourados; 4 thvitt pretas, as interiores quasi tão largas quanto as exteriores, interruptas; scutello mai escuro na b; abd pardo-escuro, os 3 segs posteriores esparsamente prateado-amarellados, o pollen mais denso na b dos segs; pernas fulvas, tarsos negrejantes; azas amarello-fuliginosas nas costas e nas nervuras; sq tintas de amarellado-enfumaçado.

Neophyllophila neotropica spn

Cco 4-5,25; caz 3,5-4,75. 3 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 3 até 19 de Março, em folhagem.

Cb prateado-plumbea; frlia e ant pretas; plp negrejantes; orbitas occipitaes e humeros branco-prateados; thx e scteullo intensamente pretos, o postscuto polido; sem thvitt; abd preto-pardacento, subpolido, os 3 segs posteriores estreitamente prateados na b; pernas pretas; azas levemente enfumaçadas; sq tintas de amarello-fuliginoso.

Neupodomyia oralis spn

Cco 7,75; caz 8,25. 1 ♂, Rio Charape, Perú, 4.500 pés de altitude, 15 de Set., em folhagem.

Cb dourada, cova ant e bch latão-sombrias; frlia, ant e plp pretos; thx e scutello tintos de latão, sendo o pollen mais denso nos lados do scutello, as pleuras prateadas em baixo; 4 thvitt pretas, subeguaes, as interiores aproximadas ás outras e terminando no meio do postscuto; scutello escuro no disco; abd negrejante, o 4seg prateado em cima e tinto de latão, mas dourado-

pallido nos lados, prateados em baixo; segsint mostrando um par mediano de triangulos prateados, alongados, outro par visivel no pollen do 4seg; pernas negrejantes; azas quasi limpidas; sq levemente fuliginosas.

Neoprosena haustellata spn

Cco 5-7; caz 5-6,5. 7 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 21 de Ag. até 19 de Nov., em flôres de *Erigeron maximus* e *Perezia cubatanensis* e em folhagem.

Cinzento-dourada até dourado-escura; fc e bch prateadas, levemente tintas de latão no ♂; frlia e maior parte do 3ant negrejantes, o restante das ant roxo; plp as origens das macroch e microch do abd marcadas fulvos; pfrlia e pleuras dourado-pallidas; occiput e prescuto da ♀ tintos de latão; occiput, mesoscuto, scutello e abd do ♂ dourado-escuros; 5 thvitt pardas, a mediana e as exteriores chegando ao scutello; as origens por pontos pardos; pernas negrejantes, fem ou tibias quasi inteiramente roxos na ♀, mas negrejantes na 1/2 terminal no ♂; azas quasi limpidas no ♂, muito levemente fuliginoso-amarelladas nas nervuras na ♀; sq amarellado-vitreas.

Neosarromyia neotropica spn

Cco 4,5; caz 4. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 9 de Junho, em flôres de *Baccharis genistelloides*.

Frlia e ant fulvo-claras, ar e maior parte do 3ant pardos; pfrlia dourado-claras; pfclia e bch prateadas, levemente tintas de ouro; placa facial prateada; plp amarello-pallidos; humeros e pleuras subfulvos; mesoscuto e scutello pardacentos até negrejantes, polidos, as pleuras prateadas; humeros e as margens anteriores e lateraes do mesoscuto dourado-claros, a mesma côr nó vertice e no occiput superior; scutello e disco do mesoscuto mostrando pollen muito esparso, vistos obliquaquamente; 4 thvitt negrejantes, indistinctas, melhor de-

finidas antes da sutura, as interiores lineares; abd negrejante-polido, muito levemente prateado, visto obliquamente, o pollen mais visivel na b estreitas dos segsint; pernas fulvo-pallidas, tarsos negrejantes, azas quasi limpidas, a 1/3 costal amarellada na 1/2 b e levemente enfumaçado na 1/2 terminal, as nervuras do restante da aza negrejantes; sq quasi brancas, muito levemente tintas de amarello.

Neosolieria nasuta spn

Ceo 5-6; caz 4,5-5. 1 ♂ e 1 ♀, Monte de San Cristobal, Lima, Perú, 24 de Set., em flôres de um arbusto desconhecido.

Pardacenta, esparsamente polvilhada; fc e bch prateadas; frlia e 3ant pardacentos, articulos ant b roxos; plp fulvos; pfrlia, occiput, thx e abd tintos de latão; 4 thvitt pardo-negrejantes, estreitas; scutello mais ou menos fulvo; os lados dos 3 segs anteriores fulvos no ♂ e, ás vezes, parcialmente assim no ♀; o pollen do abd submarmoreado; pernas fulvas, tarsos negrejantes; azas levemente fuliginoso-amarelladas; sq fracamente fuliginosas.

Nepocarcelia fulva spn

Ceo 7; caz 6. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 24 de Ag., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia tintas de cinzento; occiput cinteadas; disco do mesoscuto purpureo-metallico e com muito pouco pollem prateado, as margens lateraes do mesmo dourado-pallidas; 4 thvitt mal definidas, as inzento; frlia e ant pretas; plp fulvo-pallidos; pleuras prateriores lineares; scutello fulvo, esparsamente prateado; abd fulvo, com triangulos pardacentos, medianos, o maior no 3seg; as b e os lados dos segs polvilhados, o pollen levemente tinto de ouro; pernas pardo-escuras, tibias levemente roxeadas; azas limpidas; sq esbranquiçadas, levemente tintas de amarellado.

Nepophasmophaga facialis spn

Cco 5; caz 4. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 24 de Ag., em folhagem.

Cb negrejante, esparsamente prateada; fclia, bch, o 2ant e margem anterior das pfclia fulvos; frlia e o 3ant pardos; plp fulvo-pallidos; thx, scutello e abd negrejante-polidos, mui esparsamente prateados; 4 thvitt pretas, as interiores ausentes atras da sutura; pollen do abd mais denso nas b dos 3 segs posteriores; pernas pardo-pallidas, fem pela maior parte flavos; azas tintas de amarello-apagado; sq tintas de amarello-pallido.

Ochrocepalpus ochraceus spn

Cco 10-11; caz 9,75-10,75. 9 ♂ e 4 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 20 de Maio até 20 de Jan., em flores de *Baccharis genistelloides, Cordia curassavica* e *Lythraceae Genus*.

Ochreo avermelhado-opaco, apenas polido; fc e bch branco-prateadas; frlia e articulos ant b roxos, o 3ant negrejante; pfrlia e disco do mesoscuto negrejantes; com pollen cinzento; 5 thvitt subeguaes; margens largas lateraes e posterior do mesoscuto e todo o scutello ochreos como as pleuras, a margem posterior da area negrejante do disco com entalhas profundas; abd ochreo avermelhado claro; azas levemente fuliginosas, amarelladas na b e nas nervuras da 1/2 b, R6 com uma mancha fusca; sq fusco-amarelladas.

Oedemamedina costalis spn

Cco 5; caz 4.5. 1 ♂ e 1 ♀, Uruhuasi, Perú, 3 de de Fev., em flores de *Baccharis*.

Preta, levemente polvilhada; cb esparsamente prateada; plp fuscos, mais ou menos tintos de fulvo; pleuras levemente prateadas, humeros mais intensamente assim; indicação fraca de 4 thvitt pretas antes da sutura; postscuto e scutello sem pollen; abd polido, as b dos

3 segs posteriores prateadas, mais largamente nos lados e em baixo; pernas pretas, as tibias ou os fem ás vezes, pardacentos; azas pretas nas costas, a ♀ mostrando a côr sómente antes da R5 mas no macho a côr afogada extende-se até a C1; sq brancas.

Okeopsis palpalis spn

Cco 6,75; caz 5,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Fev., em folhagem.

Cb prateada, occiput negrejante em cima; frlia e ant pardo-escuras; plp fulvos, pardacentos na b; pfrlia e thx côr de latão; 5 thvitt pretas, as 3 interiores estreitas; scutello largamente fulvo no apice, dourado; abd fulvo, largamente pardo-negrejante no meio, a côr preta occupando a maior parte do 1seg, mais da 1/3 do 2seg extendendo-se até os cantos posteriores do 3seg, com uma area mediana na 1/2 do 4seg; a 1/2 b dos 3 segs posteriores, dourado-pallida; pernas negrejantes, fem fulvos excepto no apice, tibias levemente fulvas no meio; azas levemente amarello-fuliginosas na parte costobasilar; sq bem tintas de amarello.

Oligolydella fulvipes spn

Cco 7; caz 6,75. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 5 de Junho, em folhagem.

Cb prateado-sombria, placa facial negrejante; pfrlia dourado-pallidas; orbitas occipitaes branco-prateadas; frlia e o 3ant, excepto na b, negrejantes; plp, articulos ant b e b dos 3ant fulvos; thx e scutello dourado-pallidos em cima, pleuras prateadas; 4 thvitt pretas, as interiores pouco as mais estreitas; abd negrejante, os lados fulvos do 1seg até os cantos anteriores do 3seg; os 3 segs posteriores esparsamente polvilhados, o pollen muito levemente tinto de ouro, pequenos pontos escuros marcando as origens das microch; pernas fulvas, tarsos escuros; azas limpidas; sq esbranquiçado-aquosas ou vitreas.

Olindopsis andinensis spn

Cco 8; caz 7. 1 ♀, nas serras frondosas da Cordilheira Oriental dos Andes, perto de Tabalosas, Perú, 3.000 pés de altitude, 8 de Nov., nas pedras ao lado de um riacho.

Cb esbranquiçado-prateada, pfrlia douradas; frlia e ant negrejantes; plp fulvos; thx, scutello e abd dourado-prateados, pallidos; 4 thvitt pretas não chegando até o scutello, as interiores as mais curtas e mais estreitas; a b estreita do scutello, todo do 1seg e a 1/2 posterior dos 3 segs posteriores pretos; pernas pretas azas quasi limpidas, levemente fuliginosas nas costas; sq brancas.

Ollachaetia mucronata spn

Cco 5,5; caz 5. 1 ♀, Ollachea, Perú, 9.500 pés de altitude, 2 de Fev., em flores de *Buddleia*.

Cb prateado-sombria; pfrlia escuras sob o pollen frlia fulvo-pardacentas; ant pardo-negrejantes, a b do 3ant fulvo-roxeada; plp fulvo-amarellados; thx e scutello-cinzento-prateados; 4 thvitt pretas, estreitas, eguaes; abd negrejante, os 3 segs posteriores esparsamente prateados; pernas negrejantes, fem levemente arroxeados na b; azas limpidas, com manchas fuscas, subcirculares no R6, no cub e na origem da M3; sq fulvo-pallidas.

Ollacheryphe facialis spn

Cco 3,5; caz 2,75. 1 ♂, Ollachea, Perú, 2 de Fev., em flores de *Buddleia*.

Cb esparsamente prateada; frlia pardo-ferrugineas, polvilhadas; ant negrejantes; plp amarellos; pfrlia largamente pardacento-polidas; thx e scutello negrejante-polidos, com lustro verde-escuro, o mesmo lustro mostrando-se levemente nas pfrlia; sem thvitt; pleuras levemente prateadas; abd pardo-negrejantes, polido, os

3 segs posteriores muito estreitamente prateados na b; pernas pardas; azas levemente fuliginosas nas costas; sq amarello-fuliginosas.

Ophirionopsis brasiliensis spn

Cco 8,5; caz 7. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 27 de Nov., em folhagem.

Cb esbranquiçado-prateada; pfrlia, mesoscuto e scutello dourado-pallidos; pleuras mais pallidas, tintas de latão; abd cinzento-prateado, pequenos pontos pardos marcando as origens dos pêlos, o 1seg largamente fulvo, margens posteriores dos 3 segs anteriores pardacentas; pernas pardo-negrejantes; sq quasi brancas. O restante da coloração como em *Oxyophirion punctigerum*.

Opsoempheria atra spn

Cco 9; caz 8. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 29 de Ag., em folhagem.

Fc, bch e frlia prateado-amarelladas, as ultimas, vistas de cima, mostrando-se amarello-ferrugineas anteriormente e pardo-escuras posteriormente; ant pardo-roxeadas, o 3ant tingido de pardo-escuro; pfrlia e mesoscuto griseo-dourados; 4 thvitt pardas, subeguaes; scutello pardo-negrejante, esparsamente dourado; abd preto-polido, o 4seg opaco; pernas pretas, tibias tintas de pardo; azas levemente fuliginosas, pardo-amarelladas nas nervuras maiores; sq negrejante-fuliginosas.

Opsosturmia tarsalis spn

Cco 10,5-11; caz 10-10,5. 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Set., e 1 de Março, em folhagem.

Cb prateado-sombria, tinta de latão especialmente na fr; frlia, ant e plp negrejantes, os ultimos fulvos no apice; thx e scutello cor de latão muito pallida, pleuras mais prateadas; 5 thvitt pretas, largas, sub-

eguaes, a mediana só móstrando-se atras da sutura; scutello subfulvo na margem posterior; abd negrejante, o 4seg e as b dos segsint prateados e levemente tintos de amarellado com a variação da luz; pernas pretas; azas levemente fuscas na larga margem costal; sq quasi brancas.

Orobrachycoma ornata spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 31 de Ag., em folhagem.

Cb dourada, cova ant mais pallida; frlia, ant e plp pretos; thx dourado; a parte inferior das pleuras, o scutello e o disco do mesoscuto dourado-pallidos; 3 thvitt pardo-negrejantes, fortes, a mediana chegando até o apice do scutello; abd preto-azulado, prateado-marmoreado, os segsint dourados nos lados, hyp roxo; pernas pretas, tibias tintas de pardo-roxeado; azas limpidas; sq quasi brancas.

Orodexia ornata spn

Cco 5,5-7; caz 4,5-6; 6 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Março, em galhos seccos no matto.

Cb, thx e scutello dourados, a côr variando de pallida até intensa em exemplares differentes; fc, scutello e hypopleuras sempre mais pallidos que o resto do corpo; o occiput tão intensamente dourado como a fr, as sternopleuras e as mesopleuras; 3 thvitt pardas, fortes, eguaes, a mediana chegando a omeio do scutello, as exteriores as mais pretas e terminando antes do scutello; abd preto, os 4 segs branco-prateados com triangulos lateraes e lista mediana pretos com a variação da luz; hyp amarello-roxo, dourado; pernas negrejantes, tibias tintas de pardo; azas levemente fuliginoso-amarelladas; sq brancas.

Oromasiphya ornata spn

Cco 7-9,5; caz 6-8,5. 4 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 27 de Ag. até 29 de Maio, em folhagem e em flôres de *Baccharis genistelloides*.

Cb dourada, variando em exemplares differentes de dourado-grisea sombria até amarello-dourada intensa e clara, a placa facial mais pallida; plp, os articulos ánt b e a b do 3ant roxos, o resto das ant e as frlia pretos; occiput, humeros, pleuras e lados do mesoscuto dourados, o disco do mesoscuto e o scutello mais pallidos e com o pollen esparso; 4 thvitt pretas, subeguaes; abd esparsamente prateado, o pollen mostrando-se mais denso, visto obliquamente, o 4seg roxo no apice, as margens posteriores dos segsint levemente douradas, vistas de um lado; pernas negrejantes; azas limpidas; sq quasi brancas.

Orophorocera ocellaris spn

Cco 9,25; caz 8,5. 1 ♀, Uruhuasi, Perú, 15 de Fev., em flôres de *Baccharis*.

Cb densamente dourado-clara; frlia e ant negrejantes; plp fulvo-fuscos; barba occipital dourada; thx prateado-amarello, humeros dourado-pallidos, pleuras côr de latão; 4 thvitt escuras, as interiores um pouco estreitas; mesoscuto, scutello e abd preto-esverdeados, scutello e os 3 segs posteriores esparsamente prateados tintos de fulvo em cima, a côr verde-escura mostrando-se sob o pollen excepto, nas b extremas dos segs; pernas pretas, tibias pardas; azas limpidas, apenas fulvo-pallidas nas nervuras perto da costa; sq levemente fuliginosas.

Orosarcophaga ornata spn

Cco 5,5-8; caz 5,5-8. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 14 e 15 de Set., em folhagem.

Cb, thx e scutello intensamente dourados no ♂, um pouco mais claros na ♀; plp, ant, fclia e frlia pretos; occiput largamente negrejante; parte inferior das pleuras prateada; 3 thvitt pretas, intensas, eguaes, a mediana continuada no scutello; uma lista preta, sinuosa, intensa, marcando a juncção das pleuras com o mesoscuto e extendendo-se dos humeros até os lados do scutello; uma lista preta curta, recta e mais estreita, entre a precedente e as thvitt, correndo da callosidade postalar obliquamente até um ponto antes da sutura; abd esparsamente prateado; com lista mediana, preta, bem definida; hyp no ♂ amarello, dourado, o da ♀ mais roxo e só dourado-pallido na b; fem esparsamente prateados; azas limpidas; sq esbranquiçadas, muito levemente tintas de fuliginoso.

Oxyepalpus brasiliensis spn

Cco 10-12; caz 9,5-11. 2 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 27 de Ag. até 23 de Dez., em folhagem e em flôres de *Lythraceae Genus.*

Coloração egual a de *Zonoepalpus brasiliensis*, excepto: que a côr preto-enfumaçada das margens posteriores dos segsint é subobsoleta, tembem a linha mediana é parda.

Oxynopsis brasiliensis spn

Cco 3,5; caz 3. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 28 de Abril, em folhagem.

Preta; pfrlia, fc e bch prateadas; frlia pardas; plp amarellados; thx polido, pleuras e mesoscuto esparsamente prateados; 4 thvitt pretas, as interiores lineares; scutello e abd polidos, as b estreitas dos 3 segs posteriores prateadas; azas limpidas; sq esbranquiçadas.

Oxyophirion punctigerum spn

Cco 7-8,5; caz 6-7. 1 ♂ e 1 ♀, Cantareira, S. P., 25 de Maio e 30 de Set., em folhagem.

Subfulvo; fc, bch e orbitas occipitaes cinzentas, levemente tintas de latão; plp amarellados; ant subfulvas, o 3ant pardacento; frlia pardo-escuras; pfrlia e thx dourado-pallidos no ♂, tintos de cinzento na ♀; 4 thvitt pardas; abd amarellado, com lista mediana, parda, á qual se alarga na margem inteira do 3seg; 2 segs posteriores do ♂ dourado-pallidos, pequenos pontos pardos, marcando as origens dos pêlos; abd inteiro da ♀ pallidamente cinzento, tinto de latão, os 4 segs com os pontos pardos microscopicos nas origens das microch; pernas subfulvas, fem pardos no ♂; azas fuliginosas na 1/2 costal irregular, amarelladas da b até a stigma no ♂, mas quasi limpidas na 1/2 b na ♀; sq amarellado-aquosas no ♂, mais esbranquiçadas na ♀.

Palpolinnaemyia perorbitalis spn

Cco 7,25; caz 5,75. 1 ♂, Matucana, Perú, 16 de Ag., em folhagem.

Cb côr de palha, pfrlia e parte superior do occiput negrejantes; frlia e o 3ant fulvo-escuros, o 2ant e plp amarello-fulvos; thx e scutello negrejante-subpolidos, levemente prateados; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas; abd negrejante, obscuramente e estréitamente roxeado nos lados; os 3 segs posteriores levemente prateados; pernas pardacentas, tintas de roxeado, tarsos mais escuros; azas quasi limpidas; sq brancas, as margens estreitas pardas.

Paranetia punctata spn

Cco 6,25; caz 5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de jan., em flôres de *Baccharis genistelloides.*

Cb dourado-clara, bch um pouco mais pallidas; frlia e ant pretas; plp fulvos; thx e scutello bem dourado-pallidos; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas, as mais curtas e aproximadas ás outras; scutello negrejante na 1/2 b; abd pardo-escuro, a 1/2 b dos 3 segs posteriores

dourado-claro, as listas de pollen alargando-se nos lados dos segs, pequenos pontos marcando as origens dos pêlos; pernas pardo-escuras; azas levemente amarelladas na parte costobasilar; sq amarellado-enfumaçadas.

Paraprosphcrysa fumipennis spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♀, Cantareira, S. P., 30 de Julho, em folhagem.

Cb prateado-grisalha, pfrlia mui levemente tintas de latão; plp amarellado-pallidos; frlia e ant pardo-escuras, a b do 3ant tinta de fulvo; thx e abd prateados, tintos de latão; 4 thvitt negrejantes, as interiores as mais estreitas; o pollen esparso na 1/2 posterior dos 3 segs posteriores; pernas pretas; azas fuliginoso-diluidas na 1/2 terminal, a côr acompanhando as costas e as nervuras, mas amarelladas na parte costobasilar; sq branco-aquosas levemente tintas de fulvo-pallido.

Patelloapsis similis spn

Cco 7,5-10; caz 6,75-8,5. 3 ♂ e 3 ♀, Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., 25 de Ag. até 26 de Nov., em flôres de *Sapium biglandulosum* e em folhagem.

Cova ant prateada; pfrlia, pfclia bch e orbitas occipitaes intensamente douradas; occiput cinzento; frlia, ant e plp pretos; thx prateado; 4 thvitt pretas, subeguaes, as interiores as mais curtas; abd levemente roxeado nos lados, esparsamente prateado, o 4seg dourado; pernas negrejantes; tibias roxeadas no meio, fém polvilhados; azas limpidas; sq quasi brancas.

Periopticochaeta pendula spn

Cco 6,75; caz 6. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 4 de Set., em folhagem.

Fc e bch branco-prateadas; plp flavos; ant roxas, o 3ant levemente tinto de pardo; a ar parda; frlia

pardo-escuras; pfrlia, mesoscuto e scutello densamente dourado-claros; as pleuras mais grisalhas; 4 thvitt pretas, estreitas, eguaes; abd roxo, subflavo nos lados anteriormente com fileira mediana de triangulos pretos, occupando 1/3 da largura de cada segmento, o 4seg roxo no apice; pernas negrejantes, tibias roxo-fulvas; azas preto-enfumaçadas; desmaiadas na margem interior, estreitamente amarelladas na parte costobasilar; sq amarellado-pallidas.

Petrargyrops punctiger spn

Cco 8,75-9,5; caz 6,75-7,5. 8 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 10 de Set. até 30 de Nov., em folhagem.

Cb branco-prateada brunida, vista de frente, variando até prateado-opaca ou côr de quartzo molhado; ant e frlia pardo-escuras; plp pardacentos, roxo-fulvos no apice; occiput, thx, scutello e abd levemente polvilhados de latão; 4 thvitt pretas, as interiores bem denarcadas; maregm posterior dos 3 segs posteriores parda; pernas pretas; azas limpidas; sq quasi brancas.

Phasiocyptera punctata spn

Cco 3,5; caz 2,75. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 9 de Junho, em flôres de *Baccharis genistelloides*.

Frlia e ant intensamente preto-opacas; pfrlia e pfclia dourado-claras; as ultimas tintas de prata; cova ant prateada; plp amarellados; pleuras com uma lista obliqua, prateada; mesoscuto dourado-claro; 4 thvitt intensamente preto-opacas e quasi eguaes; scutello e abd preto-polidos, os 3 segs posteriores largamente prateados nos cantos anterolateraes; pernas pretas, femp amarellados na b extrema; azas quasi limpidas, iridescentes, estreitamente fuliginosas nas costas; uma pequena mancha preta, circular, na R6, uma mancha alongada extendendo-se da b da R5 até a C2, e uma mancha estreita na M3; sq claramente amarello-enfumaçadas.

Phosococephalops fulvus spn

Cco 12; caz 10,5. 2 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Maio até 8 de Junho, em flores de *Baccharis genistelloides*.

Cb transluzente, côr de palha-pallida, frlia e pfclia esparsamente prateadas; pfrlia e bch esparsamente amarelladas; 2ant fulvo-pallido, o 3ant roxo variando até pardacento no apice, a ar preta; plp amarello-fulvos; thx fulvo, com pollen dourado-pallido tinto de ferrugineo; scleritos sternaes negrejantes; 4 thvitt pretas, subeguaes; scutello fulvo-pallido; abd fulvo-claro, esparsamente dourado-pallido, o pollen irregular nos segsint mais uniforme no 4seg; pernas pretas, tibias intermedias e posteriores levemente roxeadas; azas estreitamente amarelladas nas costas; sq levemente tintas de amarellado.

Phrynotachina minor spn

Cco 6,75; caz 5,75. 1 ♂, rio Chaquimayo, Perú, 5 de Fev., em folhagem.

Cb prateada; pfrlia, pfclia e bch côr de latão; frlia, ant e plp pretos; pleuras prateadas; mesoscuto, scutello e abd latão-pallidos; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas, as exteriores interruptas; scutello pardo-escuro na b; os bordos posteriores indefinidos dos 3 segs posteriores pardo-escuros, a definição variando com a variação da luz; 1seg inteiramente pardo-escuro; pernas pretas, tibias pardacentas; azas limpidas; sq quasi orancas.

Phyllophryno antennalis spn

Cco 6,5; caz 5,5. 1 ♂, Huascaray, Perú, 21 de Set., em folhagem.

Cb variando de prateada até preta com a variação da luz; frlia, ant e plp pretos; thx e scutello preto-

subopacos, pleuras levemente prateadas; abd preto, os 3 segs posteriores esparsamente prateados, o pollen mostrando-se mais claramente nas b e alargando-se nos lados; pernas pretas; azas negrejantes nas costas, o resto da 1/2 costal amarellado-fuliginoso desbotado; sq amarello-enfumaçadas.

Piximactia uruhuasi spn

Cco 4; caz 4,5. 1 ♀, Uruhuasi, Perú, 3 de Fev., em flores de *Baccharis*.

Cb prateada tinta de chumbo, pfrlia levemente douradas; frlia pardo-escuras; ant negrejantes; plp fulvo-obscuros; thx e scutello preto-pardacentos subpolidos, vistos de traz ou de cima, mas esparsamente cinzento-dourados pallidos, ivstos de frente, os humeros polvilhados, vistos de cima; sem thvitt distinctas; abd negrejante-polido, as b dos 3 segs posteriores esparsamente prateadas; pernas negrejantes, os fem e especialmente as tibias tintos de pardo-roxeado; azas enfumaçadas na 1/2 costal irregular e estreitamente nas nervuras; sq levemente tintas de amarellado.

Plagiotachina peruviana spn

Cco 9; caz 7,5. 1 ♂ e 1 ♀, in copula, Casma, Perú, 3 de Abril, em flores de *Baccharis*.

Cb dourado-clara, bch e clypeo mais prateados; occiput côr de latão, com barba dourada; frlia e o 3ant pardacentos, plp e o 2ant fulvos; thx e ubd pardacentos, o 4seg e o scutello do ♂ fulvos no apice, todo prateado-sombrio levemente tinto de latão o qual é mais pronunciado no 4seg; scutello da ♀ quasi inteiramente fulvo; pleuras e ventre sem tinta de latão; 4 thvitt negrejantes eguaes; lista mediana parda no abd do ♂ e os segsint com uma lista parda mais larga em cada lado, dilatada posteriormente e confluente nas margens posteriores dos segs; abd da ♀, excepto o 1seg, den-

samente polvilhado, o pollen obscurecendo as listas pardas; pernas negrejantes; azas limpidas; sq esbranquiçado-aquosas.

Platyrrhinodexia punctulata spn

Cco 8-10; caz 7,5-9,5. 3 ♂ e 8 ♀, Itaquaquecetuba Cantareira, S. P., 27 de Ag., até 28 de Jan., em folhagem e em flores de ***Baccharis genistelloides, Cordia curassavica, Sapium biglandulosum*** e ***Schinus.***

Pardacento-roxa, esparsamente polvilhada; fc e bch prateadas; pfrlia levemente dourado-pallidas; frlia roxo-pardacentas escuras; ant e plp fulvos; occiput e pleuras côr de latão, o primeiro, ás vezes, dourado; mesoscuto, scutello e abd prateados, tintos levemente de latão, as origens dos pêlos marcadas por pequenos pontos pardos; 4 thvitt negrejantes e uma quinta atras da sutura; thx negrejante sob o pollen, o scutello fulvo, e o abd subfulvo variando até pardacento com a variação da luz; ventre negrejante aos lados; pernas negrejantes, fem e tibias subroxos no meio; azas fuliginoso-amarelladas na parte costobasilar e nas nervuras; sq branco-amarelladas.

Plectopsis palpalis spn

Cco 4,5; caz 4. 1 ♀, Cantareira, S. P., 9 de Nov., em folhagem.

Preta; frlia pardacentas; pfrlia douradas tintas de latão; fc e bch douradas; plp alaranjados; thx e scutello côr de latão; 4 thvitt leves; abd preto-polido, as b estreitas dos segsint e quasi toda a superficie do 4seg prateadas; azas quasi limpidas; sq aquoso-amarelladas.

Procarcelia brasiliensis spn

Cco 11,5; caz 9,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 225 de Março, em folhagem.

Cb prateada; pfrlia apenas tintas de latão; frlia e ant preto-pardacentas; plp fulvos; thx e scutello cinzento-prateados; 5 thvitt pretas, as 3 interiores lineares, as exteriores mui largas e interruptas; abd preto-subpolido, as b dos 3 segs posteriores esparsamente prateado-fulvas, o 4seg mais conspicuamente polvilhado; pernas pretas; azas côr de palha na b e na costa; sq quasi brancas, tintas de creme.

Prodexodes rufiventris spn

Cco 7; caz 6,5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 21 de Ag., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia latão-pallidas; frlia e ant negrejantes; plp fulvos; thx e scutello esparsamente prateados, levemente tintos de latão; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas e aproximadas ás outras; abd preto, largamente roxo-fulvo nos lados e no ventre dos 3 segs anteriores, excepto na linha mediana, os 3 segs posteriores esparsamente prateados na 1/2 b; pernas negrejantes; azas amarello-fuliginosas na 1/2 costal e nas nervuras; sq amarello-fuliginosas.

Proepalpus paulensis spn

Cco 11-12; caz 10-11. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 14 de Set., e 3 de Abril, em folhagem.

Preto, levemente até intensamente polido; fc e bch branco-prateadas; pfrlia e thx cinzento-claros; mais ou menos tintos de latão; 5 thvitt pretas, as 3 anteriores mui estreitas; scutello e abd sem pollen, mas o 4seg mostrando um pollen pardacento-pallido, visto obliquamente; azas quasi limpidas; sq fuscas.

Proleskia hirta spn

Cco 7; caz 6,5; 1 ♀, Cantareira, S. P., 2.800 pés de altitude, 4 de Set., attrahida á luz.

Flava; frlia e ant fulvas, 3ant largamente pardo; pfrlia dourado-claras; fc e bch prateado-amarelladas; plp flavos, levemente tintos de fulvo no apice; pleuras cinzentas, mas as mesopleuras e propleuras amarelladas ou levemente douradas; mesoscuto mui pallidamente dourado; 4 thvitt pardacento-escuras, as interiores lineares; scutello e abd polidos, sem pollen, os 2 segs posteriores variando até fulvos, uma lista mediana negrejante, polido, intensa, nos 3 segs posteriores e os cantos posteriores dos mesmos segs pardo-negrejantes; tibias fulvas, tarsos pardos; azas amarello-fuliginosas nas nervuras; sq amarello-fuliginosas.

Prometopiops polita spn

Cco 6; caz 5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 1 de Set., em folhagem.

Fc prateada, variando até negrejante com a variação da luz; pfrlia preto-polidas como azeviche; frlia, ant e plp pretos; pleuras esparsamente prateadas; thx e abd preto-azulados polidos, o mesoscuto com uma camada muito leve e esparsa de pollen pardo; 4 thvitt indistinctas, as interiores lineares; pernas negrejantes; azas limpidas; sq fuliginoso-amarelladas.

Prophaenopsis nitens spn

Cco 4-5; caz 3,5-4. 1 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 28 de Abril, em folhagem.

Preto-polida; fc e pfrlia branco-prateadas, vistas obliquamente; plp pretos; thx e abd apenas polvilhados, os 3 segs posteriores mostrando uma margem anterior estreita, prateada, só vistos obliquamente; azas limpidas; sq levemente fuliginosas.

Prophasiopsis polita spn

Cco 9; caz 7. 1 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P.,

8 de Abril até 10 de Junho, em folhagem e em flores de *Baccharis genistelloides.*

Cb branco-prateada, com um lustro sedoso; pfrlia dourado-pallidas; frlia pretas; ant pretas, o 2ant e a 1/2 inferobasilar do 3ant fulvos; plp amarello-pallidos; pleuras côr de latão palido; mesoscuto dourado; 4 thvitt pretas, eguaes, mas as interiores mais curtas; scutello tinto de fulvo, dourado-pallido; abd pardo, roxo no apice, os 3 segs posteriores muito pallidamente dourados mas com uma area irregular, variavel, escura no disco dos segsint; pernas preto-pardacentas, os fem anteriores inteiramente polvilhados em baixo, mas os outros menos assim; azas limpidas; sq branco-fulvas.

Prophorinia proletaria spn

Cco 7,5; caz 6,75. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Nov., em folhagem.

Cb mui pallidamente dourada, a cova ant prateada; frlia e ant pretas; plp fulvo-roxos; thx e scutello prateados, levemente tintos de latão; 4 thvitt escuras, as interiores estreitas; abd preto-polido, as b dos segsint prateadas, o 4seg prateado e tinto de latão, excepto no apice; pernas pretas, tibias pardas; azas limpidas, levemente amarelladas na R3; sq esbranquiçado-aquosas.

Prophorostoma pulchra spn

Cco 8,5-12,5; caz 7,5-11,5. 12 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 21 de Ag., até 28 de Fev., em folhagem, em flores de *Baccharis genistelloides* e no tronco de um coqueiro.

Fulvo-roxa até pardacenta, esparsamente polvilhada; cb, thx e abd levemente tintos de ouro no ♂, mas prateados em cima na ♀; frlia pardas; plp fulvos; ant fulvas, a ar parda, o 3ant do ♂ pardo nas 2/3 terminaes; 5 thvitt pardacentas ou negrejantes, as 3 interiores aproximadas e as mais estreitas; scutello e abd fulvos no ♂, mas fulvo-pardacentos na ♀, o pollen va-

riando de intensidade com a incidencia da luz; os lados dos segs e uma lista mediana, larga, obscuramente definida, pardacentos; pernas pardas, tibias tintas de fulvo; azas irregularmente fuliginoso-negrejantes na 1/4 costobasilar nos exemplares maiores; sq quasi brancas até um pouco enfumaçadas.

Prophryno aurulans spn

Cco 6,5-7; caz 5,5-6; 7 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Out., até 1 de Dez., em flores de *Sapium biglandulosum* e em folhagem.

Preto, incluindo ant, plp e pernas, as frlia intensamente preto-opacas; orbitas, pfrlia, pfclia e bch intensamente douradas até pallidamente tintas de latão; clypeo e fclia sempre mais pallidos que as partes precedentes; 2 thvitt pretas, largas e intensas; pleuras, scutello e abd esparsamente prateados, variando com a variação da luz; o 4seg intensamente dourado até côr de latão pallido; azas limpidas; sq aquoso-fuliginosas.

Prophrynopsis peruviana spn

Cco 6; caz 6. 1 ♀, Matucana, Perú, 30 de Jan., em folhagem.

Fc e bch prateadas; plp fulvo-pallidos; ant e frlia intensamente pretas; pfrlia e occiput tintos de latão-pallido; thx e scutello inclusive as pleuras, prateados; 2 thvitt pretas, largas, intensas, equilateraes; abd pardo-polido, irregularmente polvilhado, com triangulos medianos escuros nos segsint mostrando-se sob o pollen esparso; pernas pardas, fem polvilhados em baixo; azas quasi limpidas, só muito levemente tintas de fuliginoso nas costas; sq côr de palha, esbranquiçadas no disco.

Proxynops proximus spn

Cco 5; caz 4. 1 ♀, São Paulo, S. P., 23 de Dez., em folhagem.

Preto; fr e fc prateadas; plp amarellados, fuscos na b; thx esparsamente prateado, as pleuras e as margens posteriores do prescuto e do postctuto mais densamente prateadas; scutello e abd polidos, às b estreitas dos 3 segs posteriores prateadas e as listas alargando-se lateralmente; azas quasi limpidas, levemente amarelladas no bordo costal estreito; sq quasi brancas.

Pseudoarchytopsis brasiliensis spn

Cco 9-11; caz 7-9. 4 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 19 de Maio até 16 de Ag., em folhagem e em flores de *Baccharis genistelloides;* tambem 1 ♂, Caçapava, S. P., ex pupa da familia *Noctuidae* encontrada em arroz, 3 de Dez.,

Cb branco-prateada; frlia côr de palha pallida; 2ant roxo-amarellado, o 3ant preto; plp amarello-roxeados; thx negrejante, esparsamente prateado e tinto de latão; 4 thvitt pardas, as interiores estreitas; pleuras mais polvilhadas; scutello testaceo-fulvo, esparsamente polvilhado; abd negrejante, esparsamente polvilhado de latão pallido, as margens posteriores dos segsint preto-pardacentas; pernas pretas, tibias pardas; azas quasi limpidas; sq esbranquiçadas.

Pseudosarcophagula brasiliensis spn

Cco 3; caz 2,5. 1 ♂, Teffé, Amazonas, 3 de Out., em folhagem.

Cb prateada; frlia, ant e plp negrejantes; thx, scutello e abd densamente cinzento-pallidos tintos de latão-claro; 3 thvitt pardacentas, leves; 3 segs posteriores com 2 pequenas manchas pardacento-pallidas na b; pernas pardo-escuras; azas quasi limpidas; sq esbranquiçadas.

Ptilolydella aristalis spn

Cco 6; caz 5. 1 ♀, Cantareira, S. P., 25 de Ag., em folhagem.

Cb prateado-dourada, pfrlia dourado-pallidas; frlia e ant pretas; plp fulvos; thx e scutello dourado-pallidos; 4 thvitt preto-pardacentas, as interiores estreitas; abd pardo-negrejante, a 1/2 b dos segsint irregularmente dourado-pallido, a 1/2 b do 4seg uniformemente polvilhado; pernas pardo-escuras; azas fuliginosas no meio nas nervuras; sq esbranquiçado-fuliginosas.

Pygophorinia peruviana spn

Cco 6,75; caz 5,75. 1 ♀, Casahuiri, Perú, 4 de Fev., em folhagem.

Cb prateado-sombria, parte inferior do occiput prateado-clara, pfrlia e parte superior das orbitas occipitaes dourado-pallidas; pleuras prateadas; humeros, mesoscucuto e scutello dourado-pallidos; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas e aproximadas ás outras; abd negrejante-subpolido, a 1/2 b dos 3 segs posteriores prateada; pernas negrejantes; azas levemente amarelladas nas costas; sq esbranquiçadas.

Sarcolydella analis spn

Cco 7,5; caz 6,5; 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 15 de Set., em folhagem.

Cb dourado-pallida, placa facial, prateada; ant e frlia pardo-escuras; plp pardacentos; occiput cinzento, tinto de latão; thx mui levemente dourado, as pleuras mais claras; 4 thvitt pretas, intensas, subeguaes; scutello e abd prateados, irregularmente tintos de cinzento, submarmoreados, a 1/2 posterior do 4seg fulvo; pernas negrejantes; azas levemente fuliginosas nas costas; sq brancas;

Sarcopromusca arcuata spn

Cco 5,5-6,5; caz 4,5-5,5. 2 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Dez., até 4 de Fev., em flores de

Baccharis genistelloides e *Lythraceae genus* e em folhagem.

Cb do ♂ prateada, sómente as bch levemente douradas, a da ♀ dourado-clara, as bch intensamente douradas mas a cova ant prateada; frlia, ant e plp negrejante mas as primeiras polvilhadas na ♀, vistas obliquamente; thx e scutello preto-esverdeados, esparsamente prateados; 4 thvitt pretas, eguaes; abd negrejante, com lustro purpureo na ♀ e esverdeado no ♂, 3 segs anteriores prateados, o 4seg roxo e com pollen dourado; junturas dos segs e linha mediana negrejantes, segsint com areas escuras lateraes e com os lados largamente roxo-obscuros no ♂, o pollen do 3seg variando até dourado no ♂; o pollen do 3seg variando até dourado no ♂; pernas negrejantes; azas limpidas; sq esbranquiçadas na ♀, fusco-claras no ♂.

Sarcoprosena triangulifera spn

Cco 8; caz 7. 1 ♂, Yahuarmayo, Perú, 11 de Fev., em folhagem.

Subcinzenta; cb prateado-fulva, occiput côr de latão; frlia pardas; ant e plp fulvo-pallidos; thx e abd prateados tintos de latão, pleuras prateadas em uma fileira de triangulos negrejantes em cada lado do abd os quaes estreitamente seguem as margens posteriores dos segs lateralmente e alargam-se no ventre; pernas pardas; azas quasi limpidas; sq esbranquiçadas.

Saundersiopmima spinosa spn

Cco 9,5-12,5; caz 8-10,5. 3 ♂, e 8 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 18 de Ag., até 1 de Set., em folhagem e em flores de *Baccharis genistelloides*.

Cb muito pallidamente dourada; frlia pardas, fulvescentes anteriormente; articulos ant b roxo-fulvos tintos de preto em baixo, 3 ant largamente negrejantes; plp fulvo-amarellados, pardos na b; pfrlia e thx côr

de azeitona sombria, densamente dourado-griseos incluindo o scutello; 4 thvitt estreitas, as interiores terminando em manchas atras da sutura; scutello fulvescente no apice sob o pollen; abd roxo de vinho no ♂, mais escuro e quasi côr de vinho tinto na ♀, 4seg e disco dos segsint esparsamente dourado-griseos, vistos de traz, mas o pollen mostrando-se em maior parte nos lados do 4seg visto de cima; a maior parte do 1seg e uma mancha mediana no 2seg negrejantes; pernas negrejantes; tibias roxas; azas uniformemente fuliginoso-claras; sq brancas levemente tintas de amarellado.

Siphoactia charapensis spn

Cco 4; caz 3,5. 1 ♀, Rio Charape, Perú, 15 de Set., em folhagem.

Cb branco-prateada, pfrlia dourado-pallidas; frlia pardo-roxas; ant pretas; plp amarellados, pretos no apice; thx dourado-pallido, scutello pardo, pleuras prateado-grisalhas; 4 thvitt negrejantes, as interiores lineares; abd pardo, õ 1seg subroxo, as b estreitas dos 3 segs posteriores dourado-pallidas; pernas pardas, tibias negrejantes; azas limpidas; sq amarellado-pallidas.

Sisyphomyia pygmaea spn

Cco 3; caz 2,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, 29 de Out., em folhagem.

Cb esparsamente cinzento-prateada; frlia pardo-escuras; ant pretas; plp fuscos; thx negrejante-subpolido, esparsamente prateado; sem thvitt distinctas; abd preto-polido, os 3 segs posteriores estreitamente branco-prateados na b lateralmente; pernas pretas; azas quasi limpidas; sq levemente fuliginosas.

Sisyrohoughia similis spn

Cco 7-7,5; caz 6-6,5. 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 25 de Ag., até 18 de Set., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia tintas de ouro; frlia e ant negrejantes, as primeiras mostrando pollen, vistas obliquamente; plp fulvo-pallidos; occiput cinzento; thx prateado, pallidamente tinto de ouro; 4 thvitt estreitas, visiveis de frente e uma quinta visivel de traz; abd roxo com triangulos pardacentos, obscuros nos segs, o do 3seg o maior, bem polvilhado com uma leve tinta de ouro; pernas negrejantes; azas quasi limpidas, levemente amarelaldas nas costas; sq quasi brancas.

Stenosturmia stricta spn

Cco 7,75; caz 6. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 28 de Nov., em flores de *Sapium biglandulosum*.

Cb cinzento-prateada levemente tinta de latão; frlia e ant negrejantes; plp roxo-pallidos; thx cinzento, mais densamente assim no disco; 5 thvitt escuras, estreitas, a mediana quasi obliterada antes da sutura; scutello subfulvo nas margens exteriores, polvilhado; abd preto-polido, obscuramente roxo nos lados dos 2 segs anteriores; as b dos *3* segs posteriores prateadas, as listas alargando-se lateralmente; pernas pretas; azas limpdias; sq esbranquiçadas, levemente tintas de amarellado-fuliginoso.

Sturmioactia auronigra spn

Cco 6; caz 6. 1 ♀, Rio Charape, Perú, 15 de Set., em folhagem.

Fc e bch prateado-douradas; frlia e ant pardas; plp amarellados; occiput fusco, um pouco dourado; pfrlia e thx dourado-claros; 4 thvitt pretas, eguaes; scutello preto, a margem dourada em um crescente largo; abd negrejante, dourado na b estreita do 2seg, quasi na 1/2 b do 3seg e em mais da 1/2 b do 4seg, o pollen do 4seg extendendo-se nos lados do segmento; pernas negrejantes; tibias tintas de roxo; azas fuliginoso-pretas na 1/2 costobasilar irregular; sq amarelladas.

Tachinophytopsis carinata spn

Cco 4,75-5,75; caz 4-4,75. 7 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba e Cantareira, S. P., de Nov., até Março em folhagem.

Cb muito pallidamente dourada, pfrlia dourado-pallidas; frlia, ant e plp negrejantes; thx e scutello negrejantes, dourado-pallidos; 4 thvitt pretas bem marcadas, as interiores um pouco mais estreitas e aproximadas ás outras; pleuras grisalhas; abd negrejante, as b dos 3 segs posteriores prateadas até dourado-pallidas, largamente no ♂ mas estreitamente na ♀; pernas negrejantes; azas levemente amarellado-fuliginosas na 1/2 costal; sq levemente fuliginosas.

Tachinosoma corpulentum spn

Cco 13-16; caz 10-13; caz 10-13. 2 ♂ e 6 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 7 de Abril até 31 de Ag., em flores de *Baccharis genistelloides* e *Mikania* e em folhagem.

Cb côr de latão pallido, fc amarellado-prateada, pfrlia mais douradas; frlia amarello-ferrugineas, pardas posteriormente; articulos ant b pardo-negrejantes, amarellados na margem superior, o 3ant negrejante excepto na b em baixo; plp amarellos; thx e scutello densamente dourado-ferrugineos na ♀, mais griseos no ♂, as pleuras mais claras; 4 thvitt escuras, estreitas, interruptas, as interiores terminando em 2 manchas atras da sutura; scutello um pouco fulvo ou roxeado na margem posterior sob o pollen; abd do ♂ roxo de vinho escuro, o da ♀ pardo-negrejante com lustro de roxo de vinho, polido, o 4seg e disco dos segsint esparsamente dourado-pardacentos, o pollen visivel só nos lados do 4seg, visto de cima, apparecendo como uma lista estreita, interrupta no meio do segmento; pernas negrejantes, tibias um pouco roxas, fem polvilhados; azas uniformemente fuliginosas; sq branco-sombrias, as margens amarelladas.

Thelairodoria thrix spn

Cco 7; caz 6; 1 ♀, Chaquimayo, Perú, 5 de Fev., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia levemente tintas de ouro; frlia e ant pretas; plp fulvos; pleuras prateadas; mesoscuto e scutello prateados levemente tintos de ouro; 4 thvitt pretas, as interiores lineares; abd preto-polido, a 1/2 b dos segsint branco-prateada; pernas pretas; azas levemente amarellado-fuliginosas nas costas e nas nervuras; sq tintas de amarello-fuliginoso.

Thelyoxynops orbitalis spn

Cco 5,5; caz 4,5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 3 de Março, em folhagem.

Cb branco-prateada, vista obliquamente, variando até negrejante, vista directamente; ant, frlia e plp pretos; thx e scutello pretos, com pollen cinzento apenas visivel, mesoscuto e scutello mostrando um lustro purpureo-metallico, fraco; abd preto-subpolido, as b estreitas dos 3 segs posteriores esparsamente prateadas; pernas pretas; azas levemente amarelladas nas costas até a stigma; sq negrejante-fuliginosas, levemente tintas de amarello.

Thelyphaenopsis atra spn

Cco 5; caz 5. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 23 de Ag., em folhagem.

Fc prateada, variando até negrejante; pfrlia cinzentas até negrejantes; frlia, ant e plp pretos; thx e abd preto-subpolidos, esparsamente polvilhados de pardo; 4 thvitt pretas, as interiores intensas; pernas pretas; azas quasi limpidas; sq fuliginosas.

Thysanosturmia scutellaris spn

Cco 10; caz 9. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 14 de Março, em folhagem.

Cb prateado-sombria, bch levemente tintas de latão, pfrlia dourado-pallidas; frlia e ant negrejantes; plp fulvos, pardacentos na b; barba do occiput grisea; thx prateado, mesoscuto côr de latão; 4 thvitt escuras subeguaes e uma quinta visivel com a variação da luz; scutello negrejante na b, roxo na margem, esparsamente prateado; abd negrejante, os lados dos 3 segs anteriores largamente roxos, os 3 segs posteriores esparsamente branco-prateados; o pollen mais distincto no 4seg e nas b dos segsint; pernas pretas, as tibias tintas de pardo; azas levemente amarello-pardacentas na parte costobasilar; sq esbranquiçadas, levemente tintas de amarellado.

Tinalydella tinensis spn

Cco 7; caz 6. 1 ♂, La Tina, no Rio Macará, na fronteira do Perú e Equador, 1.370 pés de altitude, 25 de Maio, em folhagem.

Cb esbranquiçado-prateada, pfrlia mui levemente tintas de latão; frlia e ant pretas; plp amarellado-roxos pallidos; thx e scutello densamente polvilhados de latão-pallido; 4 thvitt estreitas, subeguaes; abd negrejante, segsint levemente roxeados nos lados, negrejantes, a 1/2 b dos 3 segs posteriores prateado; pernas negrejantes; azas levemente amarellado-fuliginosas nas nervuras; sq quasi brancas.

Tinanemorilla angustipennis spn

Cco 6,5; caz 6. 1 ♂, La Tina, Perú, no Rio Macará, 24 de Maio, em folhagem.

Cb branco-prateada, pfrlia côr de latão muito pallido; frlia e ant pardo-escuras; plp roxo-pallidos; thx e scutello negrejantes, esparsamente polvilhados de latão-pallido, humeros e pleuras mais densamente polvilhados, scutello quasi sem pollen; 3 thvitt fortes, as exteriores pretas e a mediana formada de 2 linhas pretas unidas

por uma parda; abd roxo na maior parte, com pollen côr de latão pallido; lista mediana, o 1seg e as margens posteriores irregulares dos segsint, negrejantes; pernas pretas; azas quasi limpidas; sq fulvo-pallidas.

Trichopyrrhosia uruhuasi spn

Cco 6,5; caz 5,5. 1 ♂ e 1 ♀, Uruhuasi, Perú, 3 de Fev., em flôres de *Baccharis*.

Cb prateado-grisalha; frlia e ant pardas; plp flavos; pfrlia tintas de ouro, tambem as pfclia e bch do ♂; thx e abd cinzento-dourados pallidos, um pouco mais dourados no ♂; 4 thvitt estreitas, as interiores um pouco mais estreitas que as outras; margens largas posteriores dos 3 segs posteriores sem pollen, as partes polvilhadas mostrando pequenos pontos pardos nas origenns dos pêlos; pernas pardacentas, tibias fulvas, fem polvilhados em baixo, tarsos negrejantes; azas quasi limpidas, levemente enfumaçadas nas costas; sq esbranquiçadas ou amarelladas, levemente fuliginosas.

Triodontopyga tridens spn

Cco 8-10; caz 7-8. 6 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 22 de Janeiro até 8 de Abril, em folhagem.

Cb dourado-clara incluido placa facial e occiput, barba dourada; frlia, ant e plp pretos; thx dourado-claro, as pteropleuras, propleuras e sternopleuras mais prateadas 3 thvitt pretas, largas, grossas, eguaes, a mediana com uma linha preta em cada lado; scutello negrejante, obscuramente fulvo no apice; abd preto-azulado, polido, as b dos 3 segs posteriores branco-prateadas mas variaveis; pernas pretas; azas limpidas; sq branco-obscuras.

Tropidopsiomorpha tropica spn

Cco 15; caz 14. 1 ♂, Alto da Serra, S. P., (E. Schwebel).

Cb cinzenta; ant e plp fulvos; frlia pardas; thx cinzeento; 4 thvitt pardas; as interiores um pouco mais estreitas que as outras; scutello e abd pardo-polidos, sem pollen, as b estreitas dos segs mais polidas, os segsint levemente roxos nos lados; pernas pardas, tibias subroxas; azas levemente e uniformemente enfumaçadas, mais escuras na b; sq pardo-fuliginosas.

Tuberculocera ochracea spn

Cco 11-13; caz 9,5-11,5. 4 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 7 de Nov. até 26 de Junho, em folhagem e em flôres de *Cordia, Baccharis* e *Perezia.*

Roxa e dourada; frlia pardo-claras; ant fulvas; o 2ant flavo; plp flavos; fc e bch dourado-claras, pleuras um pouco mais intensamente douradas; pfrlia e mesoscuto dourados e tintos de côr de azeitona; 4 thvitt, as interiores lineares antes da sutura; scutello roxo-pallido, esparsamente dourado; abd inteiramente roxo-polido; fem amarello-roxos; azas uniformemente enfumaçado-claras, amarellas na b e nas nervuras; sq amarellado-fuliginosas.

Urophyllophila caudata spn

Cco 4,75; caz 4. 6 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 6 de Nov. até 21 de Março, em folhagem.

Negrejante-polida, um pouco prateada; fc, pfrlia e orbitas occipitaes branco-prateadas; frlia e ant pretas; plp e occiput negrejantes; pleuras esparsamente prateadas, os lados do prescuto branco-prateados; o restante do thx e o scutello negrejante-subpolidos, tintos de pardacento; 2 thvitt pretas, espessas, mais distinctas antes da sutura; abd negrejante-polido, as b muito estreitas dos 3 segs posteriores branco-prateadas; pernas negrejantes; azas levemente amarello-fuliginosas; sq levemente fuliginosas.

Uruactia uruhuasi spn

Cco 3,5; caz 3. 1 ♂, Uruhuasi, Perú, 3 de Fev., em flôres de *Baccharis*.

Cb prateada; pfrlia dourado-fulvas pallidas; frlia subochreas; ant pardas; plp amarello-pallidos; thx e scutello densamente dourado-fulvos pallidos; thvitt quasi obsoletas; abd amarello-roxeado pallido, os 2 segs posteriores e um triangulo mediano do 2seg preto-polidos; as b muito estreitas dos 3 segs posteriores branco-prateadas; pernas amarelladas, tarsos fuscos; azas levemente fuliginosas, um pouco mais assim nas costas; sq amarellado-fuliginosas pallidas.

Verrugomyia orbitalis spn

Cco 5,5; caz 4,5. 1 ♂, Quebrada de Verrugas, Perú, 5.500 pés de altitude, 25 de Junho, em folhagem.

Cb prateada, occiput cinzento, pfrlia côr de latão; frlia e ant pardo-escuras; plp amarellado-pallidos; thx e scutello esparsamente dourado-pallidos; 4 thvitt pardas, as interiores lineares; abd esparsamente polvilhado de latão pallido, pequenos pontos pardos marcando as origens dos pêlos; pernas pardas, os fem e as tibias anteriores um pouco mais pallidos; azas quasi limpidas; sq muito pallidamente amarelladas.

Verrugophryno exoristoides spn

Cco 6; caz 6. 1 ♂, Quebrada de Verrugas, Perú, 25 de Junho, em folhagem.

Cb côr de latão pallido; placa facial e occiput prateados; frlia pardas; 2ant pardacento, tinto de fulvo, o 3ant e a ar negrejantes; plp fulvos; thx e scutello esbranquiçado-prateados; 4 thvitt pretas, subeguaes, as interiores aproximadas ás outras; abd pardacento, os 3 segs posteriores bem prateados levemente tintos dé latão; pernas pardas, tarsos negrejantes; azas limpidas; sq quasi brancas.

Xanthobrachycoma analis spn

Cco 9,5; caz 8,5. 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 13 de Maio, em flôres de *Mikania*.

Cb preta inclusive plp e as ant, fc e fr prateadas com areas negrejantes nas manchas das bch, na ba e na 1/2 posterior das pfrlia; mesoscuto e scutello cinzentos; 3 thvitt pretas ,grossas, eguaes, a mediana continuada no scutello; pleuras pretas, prateadas; os 4 segs anteriores pretos, marmoreado-prateados, o pollen prateado mais pronunciado em 4 manchas irregulares e mal definidas na margem anterior dos segs, uma lista mediana preta; hyp intensamente amarellado-polido, sem pollen; pernas pretas, azas limpidas; sq brancas.

Xanthophyllophila gracilis spn

Cco 4,25-7; caz 3,75-6. 3 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 4 de Out. até 17 de Maio, em folhagem.

Cb branco-prateada, occiput preto-fuliginoso excepto a parte inferior; frlia pretas; 2ant pardo, o 3ant flavo-pallido, tinto de pardacento; plp flavo-pallidos; thx preto, prateado; 4 thvitt pretas, mais distinctas antes da sutura; as interiores lineares; scutello preto; abd amarello-claro, o 4seg e o 3seg, excepto na b, pardo-negrejante polido; um triangulo mediano pardo no 2seg e uma lista mediana, parda no 1seg; pernas negrejantes, tibias pardacentas, a 1/2 b dos fem amarello-claro; azas levemente amarellado-fuliginosas; sq amarellas de palha com lustro de perola.

Xanthozonella brasiliensis spn

Cco 8-9; caz 7,5-8,5. Mais de 50 exemplares de ♂ e ♀, Itaquaquecetuba, S. P., Ag. até Abril, em folhagem e em fôlres de *Cordia curassavica.*

Amarella, o abd preto no apice; partes superiores da cb e do thx dourado-escuras; 4 thvitt pardacentas,

estreitas; frlia e o 3ant roxos; fc e bch amarello-douradas claras; abd amarello-polido de limão pallido, o 4seg preto-pardacento-polido; fem e tarsos roxos; tibias amarellas; azas uniformemente enfumaçado-claras, largamente tintas de amarello nas costas; sq amarelladas, tintas de ochreo-opaco.

Xylocampta sarcophagina spn

Cco 4,5-10,5; caz 4,5-9,5. Muitos ♂ e 4 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., Ag. até Jan., os ♂ sempre em troncos de arvores, quando não *in copula*, as ♀ e os pares *in copula*, em folhagem; 3 pares *in copula*, 18 de Ag., 20 de Set. e 31 de Out. As ♀ são muito menores do que os ♂.

Cinzenta, a ♀ prâteada e o ♂ normalmente tinto de latão; frlia, ant e plp negrejantes, a ba subroxa; manchas das bch pardo-roxeadas; o ♂ com 4 thvitt pardo-pallidas, a ♀ com 5 bem marcadas; abd submarmoreado, uma lista mediana indicada por manchas subtriangulares pardas nos segs; abd do ♀ com a marmoreação mais pronunciada e as manchas pardas obscurecidas; tibias e, ás vezes, a parte terminal dos fem roxo-fulvas, tarsos negrejantes; azas do ♂ levemente tintas de fuliginoso-amarellado com manchas estreitas na R6, na M1 e na M3, as da ♀ limpidas, mas as manchas presentes e desbotadas na M1 e M3; sq do ♂ amarellado-pallidas com margens pardacentas, as da ♀ esbranquiçadas.

Xylocamptomima oculata spn

Cco 9-11,5; caz 10-11,5. 4 ♂ e 2 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 6 de Set. até 2 de Fev., os ♂ em troncos de coqueiros e em folhagem.

Fc, bch, occiput e vertice prateados, levemente tintos de ouro; pfrlia mostrando o mesmo pollen, vistas de cima ou de traz, mas negrejantes vistas de frente ou de lado; pfclia com pequena mancha preta na extremi-

dade inferior do olho; manchas das bch pardas; plp fulvos, negrejantes no apice; ant fulvas, a ar preta, o 3ant tinto de negrejante; frlia pardas; thx pardo-pallido, muito levemente dourado; 4 thvitt pardas, subeguaes; abd do ♂ pardacento-claro e marmoreado de pollen fulvo-pallido, o da ♀ preto-azulado e esparsamente prateado; pernas fulvo-pardacentas, tarsos negrejantes, terminalmente; azas quasi limpidas, mas com uma mancha preta tal como um olho na R6, uma pequena mancha nas costas entre a b da aza e a stigma, e manchas estreitas na M1 e na M3; sq tintas de fuliginoso.

Xylocamptopsis teffeensis spn

Cco 7,5; caz 6,5. 1 ♀, Teffé, Amazonas, 2 de Out., em folhagem.

Cb dourado-clara; occiput, a parte posterior das bch e o clypeo cinzento-prateados; frlia e o 3ant preto-pardacentos, o 2ant roxo; plp roxos, negrejantes no apice; thx e scutello dourado-sombrios pallidos; 3 thvitt pardas grossas, a mediana chegando até o disco do scutello; pleuras grisalhas em baixo; abd pardo-claro, com pollen côr de latão pallido, uma lista mediana e as margens largas posteriores dos 4 segs pardas; pernas pardas; azas amarellado levemente enfumaçadas; sq aquosas com margens fulvo-pallidas.

Yahuarmayoia analis spn

Cco 10; caz 10. 1 ♀, Foz do rio Yahuarmayo, Perú, 9 de Fev., em folhagem.

Negrejante; fc, bch, fr e orbitas occipitaes branco-prateadas; occiput côr de latão; frlia pardas; ant e plp fulvos; thx prateado, tinto de latão pallido; 4 thvitt negrejantes, grossas; scutello fulvo, dourado-pallido, como tambem a margem posterior do postscuto; abd pardo, os lados dos 2 segs anteriores obscuramente roxos;

4seg roxo, com pollen côr de latão pallido nos lados e na b em cima; margens posteriores largas dos 3 segs anteriores pardo-negrejantes, o resto esparsamente prateado; ventre pela maior parte branco-prateado; pernas pardas; azas densamente fuliginosas nas costas e nas nervuras; sq esbranquiçadas.

Yahuarphryno patelloides spn

Cco 10; caz 9,5. 1 ♀, Foz do rio Yahuarmayo, Perú, 8 de Fev., em folhagem.

Cb dourado-pallida, com lustro leve de prata; frlia pretas, variando até pardas, vistas obliquamente; ant pretas; plp negrejantes, pardacento-pallidos no apice; thx prateado, tinto de ouro em cima; 4 thvitt pretas, as interiores as mais estreitas e mais curtas; scutello, levemente testaceo no apice; abd negrejante, o 4seg muito pallidamente dourado, os segsint com um pouco de pollen nas b, mas as margens posteriores quasi glabras; pernas negrejantes, tibias levemente roxeadas no meio; azas levemente amarelladas nas costas e nas nervuras; sq brancas, as margens estreitas levemente amarelladas.

Yahuartachina yahuarphrynoides spn

Cco 12; caz 10. 1 ♂, Foz do rio Yahuarmayo, Perú, 10 de Fev., em folhagem.

Cb prateada, pfrlia dourado-pallidas; frlia negrejantes; ant pardo-escuras; plp fulvo-pallidos, pardacentos na b; thx prateado, levemente tinto de ouro em cima; 4 thvitt pretas, as interiores lineares; scutello levemente testaceo-fulvo, excepto na b; abd negrejante; 3 segs posteriores prateados na b e glabros nas largas margens posteriores; pernas negrejantes; azas mui levemente amarelladas na parte costobasilar; sq brancas, as margens, estreitas amarelladas.

Zonoepalpus brasiliensis spn

Cco 10-11,5; caz 9-10,5. 3 ♂ e 1 ♀, Itaquaquecetuba, S. P., 17 de Ag., até 17 de Março, em folhagem

Cb prateado-amarellada; frlia pardas; ba roxo-fulva, o 3ant preto; pfrlia e thx esverdeados de azeitona, prateado-amarellos; 4 thvitt pardas; scutello e abd amarello-pallidos, as margens largas posteriores dos segsint preto-fuliginosas, o 4seg intensamente preto-opaco excepto na margem anterior, uma lista mediana indicada nos 3 segs anteriores por uma linha parda; pernas inteiramente amarello-pallidas; azas uniformemente fuliginoso-claras; sq fuliginoso-claras.

Zygozenillia plumbea spn

Cco 8; caz 7. 1 ♂, Itaquaquecetuba, S. P., 29 de Ag., em folhagem.

Cb prateada de chumbo; frlia e ant pardo-negrejantes; plp fulvos; thx e scutello negrejante-polidos, esparsamente prateados e levemente tintos de azul; 4 thvitt pretas, estreitas, uma quinta visivel atraz da sutura, vista de traz; abd negrejante, os segsint tintos de azul e esparsamente prateados; pernas negrejantes; as tibias pardas; azas quasi limpidas; sq esbranquiçado-sordidas.

Explicação das abreviaturas anatomicas

abd — abdomen ou abdominal
acb — altura da cabeça
ant — antennas ou antennal
2ant — segundo articulo antennal
3ant — terceiro articulo antennal
aps — cerdas apiciaes do scutello
ar — arista
2ar — segundo articulo aristal
3ar — terceiro articulo aristal
arbs — articulos aristaes basilares
b — base, bases ou basilar
ba — base das antennas
bch — genas (a largura dada é só aproximativa); peristoma ou bucca
C1 — quinta veia longitudinal das azas
carfc — carena facial na linha mediana do clypeo
caz — comprimento da aza em millimetros e decimaes
ccl — comprimento do clypeo na linha mediana
cco — comprimento do corpo em millimetros e decimos
cil — cilios ou ciliado
co — comprimento ou eixo maximo do olho

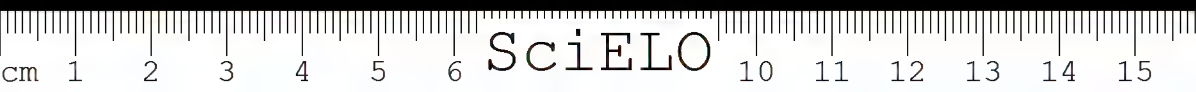
cr — cerda, cerdas ou cerdoso
cub — cubitello ou curva da quarta veia longitudinal
ds — cerdas discaes do scutello
ec — espinha costal
eixant — eixo antennal ou eixo longitudinal da cabeça ao nivel da base das antennas
eixl — eixo longitudinal
eixvibr — eixo vibrissal ou da cabeça ao nivel das grandes vibrissas
encr — encruzado
ep — epistomio
exa — extremidade da aza ou apice extremo da mesma
fc — face ou cara (clypeo-facialia-parafacialia)
fclia — facialia ou escleritos aos lados do clypeo
fco — cerdas orbitarias da face (por pares)
fd — fileira discal de cerdas dos segmentos abdominaes
fem — femures ou femoral
femp — femures posteriores
fm — fileira marginal de cerdas dos segmentos abdominaes
fr — fronte (frontalia-parafrontalia)
frlia — frontalias ou vitta frontal
frs — cerdas frontaes
gn — genero novo
gno — cerdas orbitarias das genas (por pares)
gt — genotypo ou especie que é typo do genero
haust — haustello
hyp — hypopygio
hyypls — cerdas hypopleuraes do thorax
laz — largura da aza
lb — labellas
lcb — maxima largura da cabeça
lcl — maxima largura do clypeo
lfr — largura da fronte no vertice da cabeça
lfrlia — largura das frontalias, ambas
lpfrl — largura de uma das parafrontalias, no meio, se não indicado de outra forma
ls — pares de cerdas lateraes do scutello

M1 — veia transversal apicial
M2 — quarta veia longitudinal
M3 — veia transversal posterior
macroch — macrochaetas
md — cerdas medianas discaes dos segmentos abdominaes
micb — margem inferior da cabeça
microch — microchaetas
mm — cerdas medianas marginaes dos segmentos abdominaes
mp — margem posterior da aza
mtt — metatarsos
nmo — nivel do meio dos olhos com o plano do occiput mantido perpendicularmente
nom — nivel da margem oral do epistomio
nv — nivel das grandes vibrissas
oa — angulo obtuso
occips — cerdas occipitocentraes
ocs — cerdas ocellares (geralmente um par)
om — margem inferior do epistomio ou oral
pc — plano do clypeo
pec — peciolato ou peciolo
pect — pectinado
pfclia — parafacialias ou orbitas da face
pfrlia — parafrontalias ou orbitas da fronte
pfro — cerdas orbitarias proclinadas da fronte (dadas por pares)
pi — cerdas postintraalares do thorax
pl — plumoso ou plumosidade
plp — palpos
poa — cerdas postacrostichaes do thorax
postsc — postscuto
pra — cerdas preacrostichaes do thorax
prec — secção precedente da veia
presc — prescuto
prffc — perfil facial
prffr — perfil frontal
prfocc — perfil occipital

prfor — perfil oral ou da bocca
prob — proboscida ou tromba
ps — cerdas postsuturaes ou postdorsocentraes exteriores do thorax
pub — pubescente ou pubescencia
R1 — primeira veia longitudinal
R3 — segunda veia longitudinal
R5 — terceira veia longitudinal
R6 — veia transversa pequena ou anterior
5R — cellula apicial
ra — angulo recto
rfro — cerdas orbitarias reclinadas da fronte (dadas por pares)
1seg — primeiro segmento do abdomen
2seg — segundo segmento do abdomen
3seg — terceiro segmento do abdomen
4seg — quarto segmento do abdomen
5seg — quinto segmento do abdomen
segs — segmentos abdominaes
segsint — segmentos intermediarios do abdomen ou o segundo e o terceiro
spn — especie nova
sq — squamae ou tegulas ou calyptros
st — cerdas sternopleuraes do thorax
tara — tarsos anteriores
thvitt — listas do mesoscuto do thorax
thx — thorax
tibp — tibias posteriores
tag — segundo até quinto articulos do tarso
usec — ultima secção
va — angulos das grandes vibrissas
vibr — vibrissae ou par de grandes vibrissas
vnt — ventre
vrs — cerdas verticaes.
x — vezes.

Abreviaturas dos autores

A — EE Austen
Al — JM Aldrich
B — FM Brauer
BB — FM Brauer & JE von Bergenstamm
Bg — JMF Bigot
Bsch — J Bischoff
Bzz — M Bezzi
C — B Clark
Cq — DW Coquillett
Gff — EL Geoffroy
GT — E Giglio Tos
J — F Jaennicke
L — C von Linné
Lch — WE Leach
Lt — PA Latreille
Lw H Loew
Lz — JG Lenz
M — JW Meigen
Mq — J Macquart
P — M Perty
Prk — RR Parker
R — C Róndani
RD — AJB Robineau Desvoidy
Sch — JR Schiner
T — CG Thomson
TT — CH Tyler Townsend
W — CRW Wiedemann
Wll — SW Williston
Wlt — WR Walton
Wp — FM van der Wulp


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ADDENDA

Correcções e modificações a fazer na Synopse

10—Espiraculo posterior do thx com valvula reniforme inteira que tem uma pequena abertura circular no meio da margem superior.....11
Não assim.....12

11—Remigio cil.....MESEMBOLIA Al
Remigio não cil.....11A (11 vem a ser 11A)

57—(Ao fim da primeira parte, conduzindo a 58) as duas fileiras frontaes não mais divergentes anteriormente, que atras da ba.
(Ao fim da segunda parte, conduzendo á 186) as fileiras frontaes mais divergentes anteriormente, que atras da ba.

73—(Omitta-se «*Argyromima* incerta»)

84—Côr verde-azulada metallica; fórma e habitus imitando *Argyra*.....ARGYROMIMA BB (e)
Não assim.,...85

85—Olhos nús.....86
Olhos pilosos.....87

86—Ar pub na 1/2 b.....GYMNAPORIA TT
Ar núa.....BINGHAMIMYIA TT (e)

125—(Primeira parte) Ar pl 1/2 até 2/3 do seu comprimento.....125A

125A—Prffr quasi 2x prffc; abd alongado, subconico.... TROMODESIOPSIS TT gn etc.
Prffr e prffc quasi iguaes; abd ovato......MYIOPHASIOPSIS TT gn (Gt, *M. flavotegulata* TT spn) (e)

143—(Omitta-se MYIOPHASIA BB, a qual não pertence á região Neotropica)

161—(Ao principio da primeira parte, conduzindo a 162) Haust cylindrico, filiforme ou setiforme;

163—Plp grossos, claviformes....CHAETOGYNE BB

Plp subfiliformes.....MYIOMIMA BB

176—(Omitta-se «*Brauerimyia* incerta»)

178—(Para seguir RHAMPHININA Bg) (Syn, *Paramyocera* TT)

243—3ant do ♂ 24-rachado ou mais, o da ♀ 2-rachado até agora conhecido....243A
Não assim.....244

243A—Arbs alongados, ar remota da b do 3ant.....TALAROCERA W11
Arbs curtos, ar collocada na b do 3ant.....243B

243B—Cb só tão larga quanto alta; plp filiformes; 1seg com mm.....CRYPTOCLADOCERA Bzz (e)
Cb 1-1/2x tão larga quanto alta; plp grossos; 1seg sem mm.....UCAYALIMYIA TT gn (Gt, *E. antlerata* TT spn) (e)

282—(Segunda parte, conduzindo a 283) Bch quando muito apenas excedendo 2/3 co.

317—(Ao fim da primeira parte, conduzindo a ARTHROCHAETA) habitus tal como o de *Demoticus*.

(Terceira parte, conduzindo a 318). Não assim, se o 3ant subtruncado ou o habitus tal como o de *Demoticus*, então o 3ant é muito mais comprido que o 2ant.

359—Com ocs grossos; ♀ com perfurador ponteagudo.... PROMASIPHYA TT gn (Gt, *Masiphya confusa* Al, Ann. Ent. Soc. Am. XVIII, 109) (e)
Sem ocs; ♀ sem perfurador.....359A

359A—Plp alongados e delgados.....MASIPHYA BB
Plp mui pequenos e curtos.....PHASIOPSIS TT (e)

402—(Segunda parte) 3ant quando muito apenas mais comprido que 2ant.....402A

402A—Com pfro no ♂.....EUEMPHEREMYIA TT gn etc.
Sem pfro no ♂....403

420—(Segunda parte) 5R aberta; M3 mais perto do cub... 420A

420A—R1 e C1 cr.... ACRONARISTOPSIS TT (e)
R1 e C1 núas.....METAGONISTYLUM TT gn (Gt, *M. minense* TT spn)

421—(Segunda parte, conduzindo a 422) Com 2 até 3 st; 2seg com mm.

422—M3 mais perto do cub.....PLECTOPSIS TT gn etc.
M3 no meio ou um pouco mais perto da R6....422A

422A—Fclia praticamente núas.....SISYPHOMYIA TT gn etc.
Fclia cil pelô menos quasi o meio da distancia até a ba; 3ant do ♂ rachado.....422B

422B—Com 2 até 3 poa; 3ant do ♂ com 2 ramos simples.....SCHIZOTACHINA Wk (e)

Com 4 poa; 3ant do ♂ com 2 ramos principaes cada um levando interiormente um raminho, o raminho anterior curto, pouco arqueado e tendo a sua origem perto do meio do ramo exterior o raminho posterior comprido, cotovellado e tendo a sua origem perto da b do ramo interior.... MAYOSCHIZOCERA TT gn (Gt, *M. ramata* TT spn) (e)

427—(Na primeira parte, em logar de NEOMINTHO) 427-A

427A—Cub um oa, arredondado; tara da ♀ alargados e achatados.....NEOMINTHO BB

Cub um ra ou pouco agudo, distinctamente angulado; tara do ♂ delgados, normaes......MINTHOMIMA TT gn (Gt, *M. chaetosa* TT spn)

436—R5 cr pelo menos mais que a 1/2 até a R6.....437
R5 cr só na b.....438

481—(Primeira parte, conduzindo á TROPIDOPSIS) Pfclia núas; com 2 ou 3 st.

483—(Ao fim da primeira parte, conduzindo á 484) prffr quasi recto

510—Tibp não cil; ♀ com perfurador ponteagudo e processo ventral espinhoso do 2seg.......CELATORIA Cq

Tibp cil; ♀ com ovipositor bicudo 510A (510 vem a ser 510A)

531—(Insira-se antes da primeira parte) Com 5 st..... PROSPALAEA Al (e)

581—(Primeira parte) Sem aps...MYIOMINTHO BB (e)

(No texto seguindo a *Synopse Propria*, paragrapho penultimo, insira-se depois *Sophia* RD) e *Paramyocera* TT é *Rhamphinina* Bg.

Nas "Descripções de especies novas" insiram-se as seguintes:

Mayoschizocera ramata spn

Cco 4: caz 3,5. 1 ♂, perto de Huanguera, Rio Mayo, Perú Oriental, 900 pés de altitude, 8 de Ag., numa balsa do rio.

Cb prateada, inncluido as frlia, mas as ultimas pardacentas, vistas de cima; ant pardacentas, levemente amarelladas na b; plp fulvos; thx completamente prateado incluido o scutello, sem thvitt bem definidas; abd pardo-polido, as b estreitas dos 3 segs posteriores branco-prateadas em 4 manchas subconfluentes; pernas pardas; azas quasi hyalinas; sq vitreo-esbranquiçadas sordidas.

Metagonistylum minense spn

Cco 9; caz 7. 1 ♀, Viçosa, Minas Geraes, 22 de Abril, em folhagem.

Cb prateada, pfrlia preto-polidas, vistas de cima; frlia pardo-claras; ant pardas; plp fulvos; thx, scutello e abd preto-polidos, levemente prateados, o abd obscuramente roxeado, especialmente nos lados do 2seg; pernas pretas; azas enfumaçadas nas costas e nas nervuras; sq brancas.

Minthomima chaetosa spn

Cco 7; caz 6. 1 ♀, Manaus, Amazonas, 11 de Nov., em folhagem.

Cb branco-prateada, frlia parda, vertice cinzento de latão; ant pardas, a 1/2 b fulvo; plp amarello-pallidos; thx branco-prateado, o disco e o scutello cinzentos de latão; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas; abd preto-polido; as b largas dos 3 segs posteriores branco-prateadas, alargando em baixo; pernas pretas; azas levemennte enfemaçadas, amarelladas nas costas; sq esbranquiçadas.

Myiophasiopsis flavotegulata spn

Cco 6; caz 4,5. 1 ♀, Rio Ushpayacu, Perú Oriental, 1.300 pés de altitude, Set., chupando suor (Dr. Harvey Bassler, coll.)

Cb preta, levemente prateada nas orbitas, com mancha escura perto da ba, polida em cima; frlia pretas; ant fulvas, a parte terminal pardacenta exteriormente; plp fulvos; thx violaceo, variando em branco-prateado com a luz, mostrando um collar branco visto de tráz; pleuras pretas e prateadas; abd violaceo-subpolido, sem pollen; pernas pretas, levemente tintas de violaceo; azas distinctamente flavas no 1/8 costobasilar, as sq da mesma côr.

Ucayalimyia antlerata spn

Cco 7,5; caz 5,75. 1 ♂, Canchahuayo, Rio Ucayali, Perú Oriental, 13 de Set., em folhagem.

Cb dourado-pallida, occiput griseo; frlia e ant pardas; 2ant fulvo-pallido; plp fulvo-pardacentas; thx, scutello e abd dourado-pallidos, as pleuras prateadas, abd prateado em baixo e um pouco nos lados; 4 thvitt pretas, as interiores estreitas, um triangulo preto na b do scutello; 1seg, a 1/2 posterior dos 3 segs restantes e uma vitta mediana preto-pardacenta; pernas negrejanntes; azas levemente fuliginoso-amarelladas, especialmente nas costas e nas nervuras; sq enfumaçadas.

Certamente é este o genero muscoideo mais maravilhoso do mundo até agora conhecido, porque as duas antennas do ♂ apresentam nada menos de 90 pontas! Pertence á tribu Phoriniini.

9 de Janeiro de 1926.

Charles H. T. Townsend.

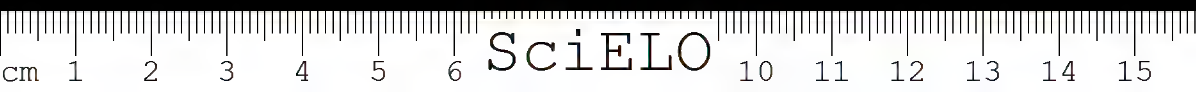
Classificação de Biogeographia Estatica

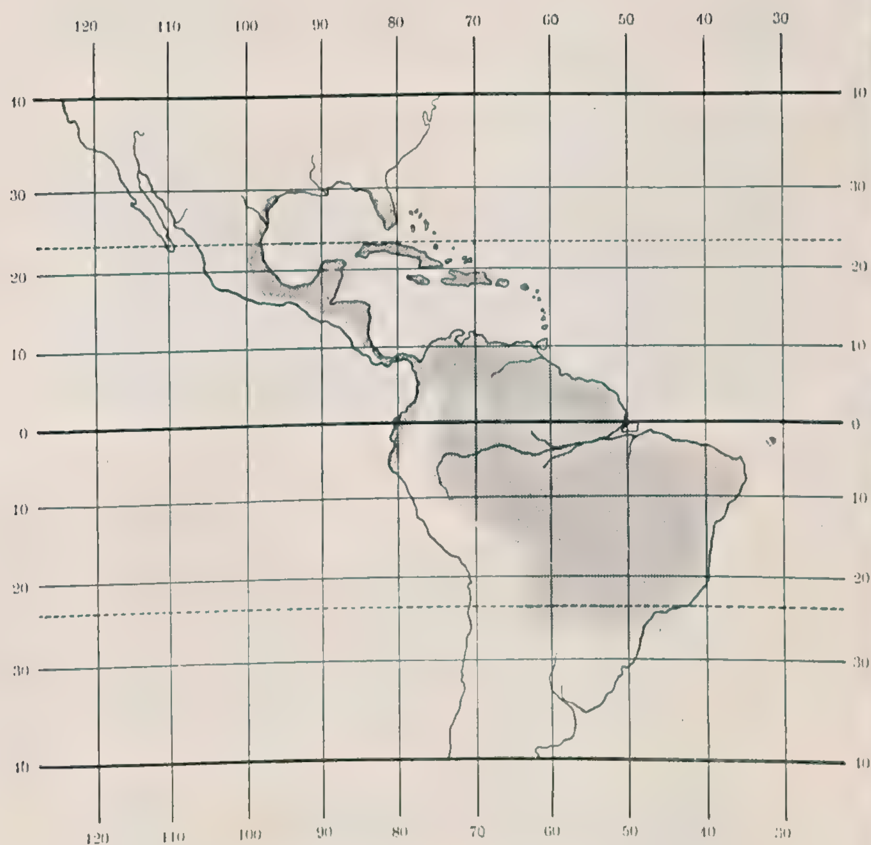
(Novo Mundo) (Velho Mundo)

Regiões	Zonas	Provincias	Reinos	Provincias	Zonas	Regiões
Neoboreal	Nearctica Hudsoniana Canadense				Palearctica Siberiana superior Siberiana inferior	Paleoboreal
	Neotransição	Californiana Montanhas-Rochosas Alleganiana			Asiotransição	
Neotemperada	Austral s.	Sonorense s. Carolinense s.	IV BOREOBIOTAL		Tibetense	
	Austral mediana	Sonorense m. Carolinense i.			Persica	Asiotemperada
	Austral i.	Sonorense i. Austroripariana			Arabica	
	Neosemitropical	Sinaloana Tamaulipana Floridense s.			Sudanesa Abexim	

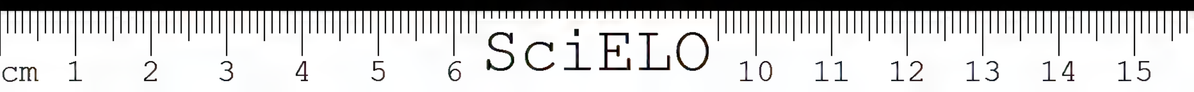
Regiões	Zonas	Provincias	Reinos		Provincias	Zonas	Regiões
Neotropical	Antilhana	Floridense i. Antilhana s. Antilhana i.			Nigeriana Nyanzanense Congoleza Zambesica	Ethiopica Centroafricana	Afrotropical
	Isthmica	Mayanense Colombiana		III MESOBIOTAL		Kalahariense Nataliense Afrotransição Kilimandjarense Afroalpina	Afroaustral
	Brasileira	Montanheza s. Montanheza i. Guyaneza s. Guyaneza i. Amazonica Mattogrossense	V NEOBIOTAL				Madagascarense
	Austrosemitropi- cal	Incaica			Hindustanica Indochineza	Indica Cingaleza Malaia	Asiotropical
Austrotem- perada	Neoaustral i.	Chilena i. Granchaquense		II PALEOBIOTAL		Hawaiiana Solomoniana	Polynesiana
	Neoaustral m.	Chilena m. Pampanense i. Platina i.				Fijiana Papuana Queenslandiense	Paleotropical
	Neoaustral s.	Chilena s. Pampanense s. Platina s.				Toowoombense Neosulgallesa Victoriana Tasmaniana Australiotransição Australioalpina	Paleotemperada
	Andeotransição Andeoalpina						

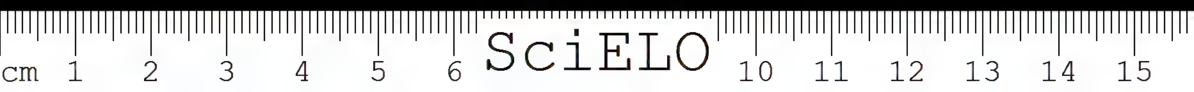
Regiões	Zonas	Provincias	Reinos	Provincias	Zonas	Regiões
Neonotal	Austrotransição Patagonica Fuegina Neantarctica		I NOTOBIOTAL		Paleotransição Zelandiana Insular subantarctica Paleantarctica	Paleonotal


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



A Região Neotropica representada em escuro.

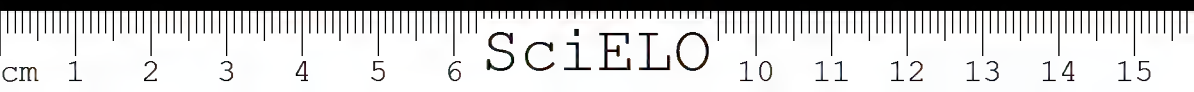

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15





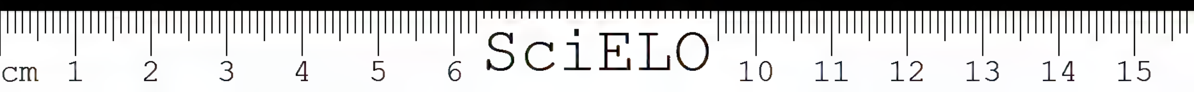
Habitats no Districto de Itaquaquecetuba, Estado de São Paulo


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15





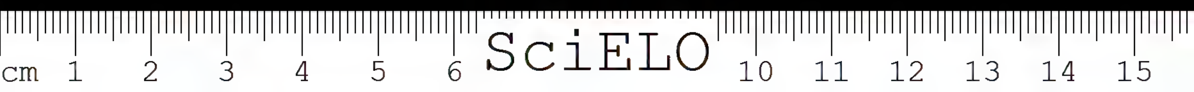
Habitats no Districto de Itaquaquecetuba, Estado de São Paulo


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15





Habitats no Districto de Itaquaquecetuba, Estado de São Paulo


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ERRATA

á "Synopse dos generos muscoideos da região humida tropical da America, com generos e especies novos" no tomo XV da REVISTA DO MUSEU PAULISTA

pelo

Dr. Charles H. T. Townsend

Pagina	Linha	Leia-se
209	10, de cima	apenas unindo-se
212	4, de baixo	plp cylindricos grossos
219	1, 2, 3, de cima	md delgadas..... HUASCARODEXIA TT (e)
»	8, de baixo	ou sem mm no 1 seg ou sem aps... 113
220	5, 6, de cima	mm delgadas no 2 seg, deitando-se na superficie do corpo
»	8, de cima	mm grossas erectas no 2 seg
222	9, de baixo	BLEPHAROPODA
223	3, »	Epaulet, a b das azas
»	9, »	Epaulet contrastando
225	6, »	Carfc baixa e debil
227	6, de cima	Carfc ausente ou muito debil
»	6, de baixo	*uruhuasi*
229	3, »	Carfc debil mas mostrando-se
230	2, »	alongado; va quando muito
»	5, »	Ep alongado; va bem acima da om;
»	8, »	BLAESOXIPHOTHECA
232	1, de cima	tarsos posteriores possuindo projecções
233	12, »	grupo de mais ou menos 5 gno fracas

Pagina	Linha	Leia-se
235	14, de cima	que a fr
289	3, »	como o comprimento do articulo
»	8, de baixo	NEOCUPHOCERA
240	15, »	bem saliente do clypeo
241	14, »	ATACTOMIMA
»	16, »	nos 2 segs anteriores
243	6, de cima	PLAGIOPS
245	5, »	GAEDIOPHANA
»	7, de baixo	*angusta*
246	7, de cima	TUBERCULOCERA
247	2, »	fclia grossamente cil
249	7, de baixo	RHACHOEPALPUS
»	15, »	vrs interiores encr;
250	5, »	plp grossamente desenvolvidos
»	12, 13, »	CYANOGYMNOMMA
»	12, »	*coerulea*
255	9, de cima	*gagatea*
257	11, de baixo	*pygmæa*
258	2, »	ARRHINACTIA
»	9, »	fclia fortemente cil
259	15, »	aps muito debeis
262	5, de cima	HEMISTURMIA
266	1, »	ocs grossas
267	5, »	brunidas e unidas, contiguas sobre as frlia
»	6, »	macho de unhas curtas
»	7, »	Bsch
»	2, de baixo	PROCARCELIA
»	12, »	femea sem perfurador
268	7, »	ACHAETONEURA
269	1, de cima	EUCLAUSICELLA
271	9, de baixo	CHRYSOSTURMIA
272	1, de cima	cub um ra angular
»	4, »	cub um ra arredondado
»	17, »	CLYTHOXYNOPS
276	8, »	MYOTHYRIA Wp.
281	13, de baixo	especies transicionaes ainda existentes
285	17, de cima	pfclia e bch branco-prateadas
286	2, 3, »	todas unidas atras da sutura
287	7, »	*Aphriosphyria*
288	10, 11, »	uma lista
293	13, »	uma faixa larga de pollem
»	14, »	as faixas dos segsint
»	17, »	as faixas dá ♀
»	2, de baixo	as faixas dos outros segs
»	3, »	lista mediana
295	9, »	prolongada até o apice

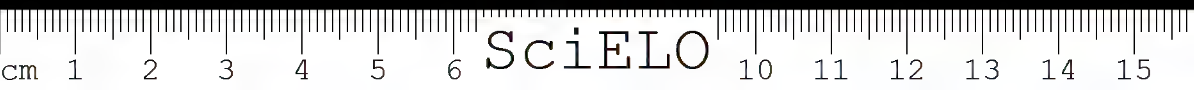
Pagina	Linha	Leia-se
296	7, de cima	as faixas polvilhadas
»	3, de baixo	as faixas alargando-se
297	13, »	lista mediana e o 4seg
298	9, de cima	frlia e articulos ant b negrejantes
300	10, de baixo	pleuras fulvas, mesoscuto na maior parte cinzento misturado com ferrugineo; 4 thvitt escuras,
302	7, »	uma lista
304	9, »	uma lista
»	16, 17, »	plp e articulos ant b amarello-roxeados
307	12, »	lista mediana
308	6, de cima	fuliginosas, pardacentas na b
309	7, de baixo	na costa
311	10, 12, de cima	lista mediana
»	8, de baixo	lista mediana
312	4, de cima	as fascias augmentando
»	5, »	segsint com lista mediana
»	6, »	a 1/2 do 4seg prateada
»	14, 15, de baixo	azas levemente fuliginosas, negrejantes
313	4, 5, »	listas pretas
»	3, »	formando de pollen 4 manchas prateadas em cada
314	9, de cima	prateado, quando muito havendo só um
319	7, »	lista mediana
320	6, de baixo	lista mediana
321	13, de cima	3 listas pretas
323	12, »	a faixa do 2seg
»	16, »	na costa da ♀
»	1, de baixo	azas levemente fuliginosas;
326	11, 16, »	faixas (em lugar de listas)
»	13, 15, »	faixa » » » lista
328	8, »	lista mediana
329	8, de cima	lista mediana
330	5, de baixo	e nitidamente definida;
332	8, »	variando com a variação da luz
334	10, »	*Neopodomyia*
335	16, de cima	chegando em cima o scutello
338	5, »	côr apagada
339	9, »	chegando em cima o scutello
341	4, de baixo	listra mediana
343	5, 8, 11, de cima	listra
344	5, »	com listra mediana parda, a qual
346	5, de baixo	na costa
»	11, »	listra
348	3, 4, »	listra
345	1, de cima	as faixas de pollen

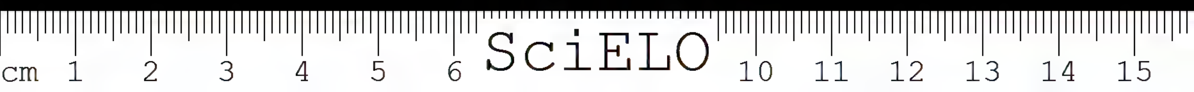
Pagina	Linha	Leia-se
349	1, »	as listras
353	2, »	listra mediana
354	5, »	as faixas alargando-se
358	15, 16, de baixo	as faixas alargando-se
359	5, »	como uma fascia estreita
362	1, de cima	por pardo
365	11, »	listra
»	10, de baixo	listra mediana
366	17, »	listra mediana
367	13, »	listra mediana
369	9, de cima	listra mediana
371	4, 5, de baixo	cb — cabeça
374	10, »	listras ou vittæ do mesoscuto

A. Hempel

Cerococcus parahybensis, n. sp.

Nota preliminar




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

A. HEMPEL

Cerococcus parahybensis, n. sp.

Nota preliminar

A capsula ou casca da femea adulta tem a forma oval, um tanto achatada no lado dorsal, onde ha nove elevações obtusas e pouco salientes, dispostas em tres carreiras transversaes. Os exemplares mais novos têm toda a superficie coberta por fios finos e rigidos de cêra os quaes se reunem em feixes, em numero de 18 ou mais. No lado dorsal da extremidade posterior ha uma pequena abertura circular, desfarçada pelos fios cerosos nos exemplares mais novos. A côr dos exemplares novos é vermelha ou fulva, e nos exemplares velhos, que já perderam quasi todos os feixes de fios a côr varia de pardo-clara a cinzenta.

A casca tem 2,75mm de comprimento, 2.40mm de largura e 1,75mm de altura.

Depois de fervida em uma solução de KOH, a derme torna-se molle e transparente, salvo de algumas manchas irregulares, chitinizadas. A forma do corpo é subglobosa com os ultimos segmentos do abdomen constrictos e terminando este em dois lobulos grandes, cada um com um grosso e comprido pello terminal. Entre os lobulos ha uma chapa de chitina, de forma triangu-

lar com a extremidade posterial arredondada. A derme, no dorso, tem numerosas glandulas duplas em forma de 8, de tamanho grande e pequeno, sendo as primeiras muito mais numerosas. No lado dorsal antes da parte constricta, ha dois grupos de glandulas criviformes, cada grupo com 4 glandulas, as quaes têm a forma de tigella e têm cerca de 20 microns de diametro. As duas antennas estão representadas por pequenos tuberculos, com 36 microns de comprimento cada um, e com cerca de 8 pellos terminaes. Os seis pés estão tambem representados cada um por um tuberculo grosso e agudo do comprimento das antennas. O corpo achatado tem 1,80mm de diametro.

Habitat: Estado da Parahyba do Norte, em casca de cafeeiro, onde foi colhido pelo Dr. Eugenio Rangel, Phytopathologista do Instituto Biologico de Defesa Agricola.

São Paulo, em 26 de Julho de 1921.

Adolpho Hempel

Cerococcus parahybensis, n. sp.

Preliminary note

Fam. coccidæ - Order Hamiptera-Homoptera

The adult female test is oval in form, somewhat flattened on the dorsum where there are nine slightly raised elevations, arranged in three transverse rows. The younger examples have the entire surface covered with fine, rigid, waxy threads which are united to form 18 or more bundles. On the dorsal surface of the posterior extremity there is a small, circular opening, usually covered by the waxy threads in the younger speci-

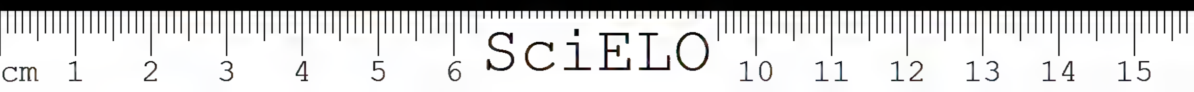
mens. The young specimens are fulvous or red in color, and the older ones that have lost nearly all of the waxy threads, the color varies from light brown to gray. The test of the largest specimens is 2,75mm. long. 2,40mm. wide, and 1,75mm. high.

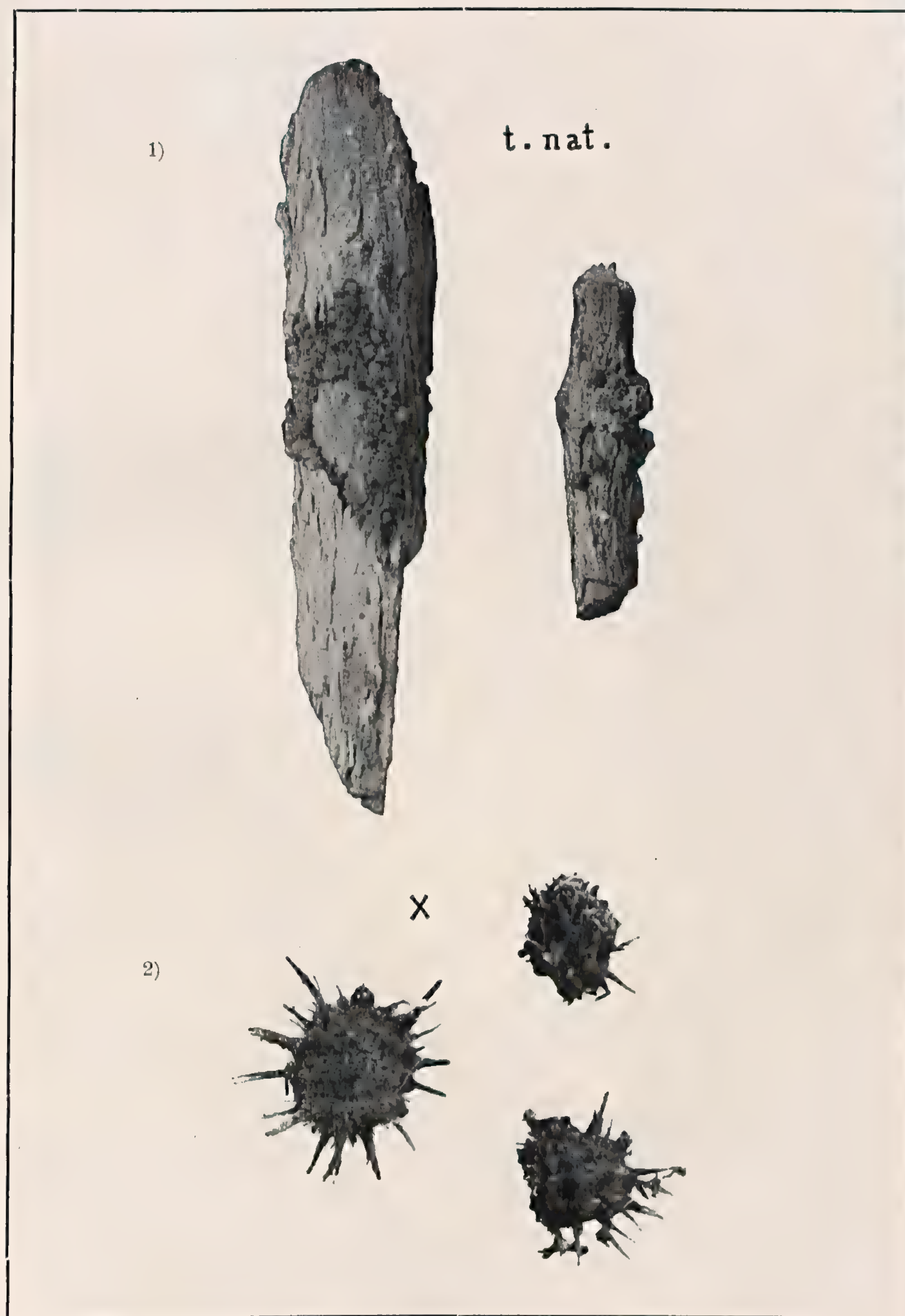
After boiling in a solution of KOH the derm becomes soft and transparent, except for some small, irregular chitinized areas. The body is sub-globose in form, with the posterior segments constricted. The abdomen ends in two large lobes, each none with a long, thick, terminal hair. Between the abdominal lobes there is situated a plate of chitin, triangular in shape and with the distal estremity rounded. The derm bears, on the dorsal surface, numerous double, figure of eight glands, some large others small, the larger ones being much more abundant. The dorsal surface also bears, anteriorally of the constricted part, two groups of seive glands, each group being composed of 4 glands, is saucer shaped and about 20 microns in diameter. The two antennae are represented by short tubercles, 36 microns in lenght, with 8 terminal hairs, The six feet are also represented by thick, conical, pointed tubercles, the same lenght as those of the antennae. The flattened body has a diameter of 1,80mm.

Hab. State of Parahyba do Norte, Brazil, on the bark of coffee trees, where it was collected by Dr. Eugenio Ranngel, Phytopathologist of the Instituto Biologico de Defesa Agricola.

S. Paulo, July 26, 1921.

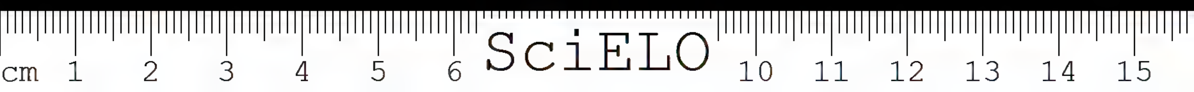
Adolph Hempel


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



Cerococcus parahybensis n. sp.

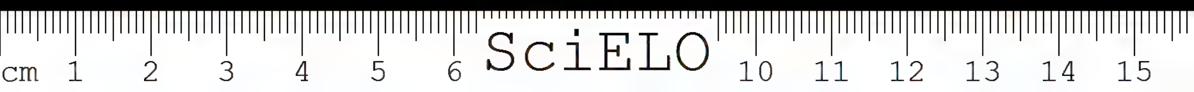
1) Tamanho natural — 2) Muito augmentado


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

As photographias para os *clichés* e o material para o estudo da presente especie foram gentilmente remettidos pelo Snr. Dr. Carlos Moreira, Director da Estação Biologica da Defesa Agricola, no Rio de Janeiro.

* * *

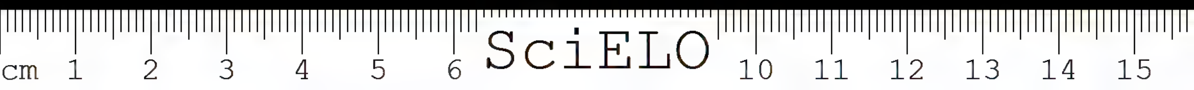
NOTA – Em Junho de 1926 o Snr. Dr. Carlos Moreira, me informou por carta, que o Snr. Dr. Lauro Montenegro, do Patronato Agricola Vital de Negreiros, em Bananeiras, no Estado de Parahyba, achou exemplares do *Cerococcus parahybensis* no genipapeiro bravo, *Basanacantha spinosa* Sch., uma rubiacea, e no espinheiro rei, uma leguminosa.

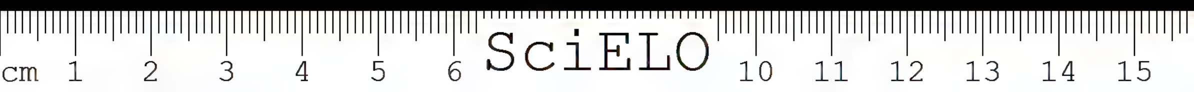

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Arachnideos de Santa Catharina (Brasil)

pelo

Dr. Mello-Leitão




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Arachnideos de Santa Catharina (Brasil)

pelo

DR. MELLO-LEITÃO

E' Santa Catharina um dos Estados do Brasil de fauna arachnologica melhor conhecida, só lhe levando vantagem, nesse particular, os Estados de S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Quasi todos os seus arachnideos foram colhidos em Blumenau e Joinville, principalmente na primeira localidade, que, ao lado de Taquara do Mundo Novo (Rio Grande do Sul), Serra Vermelha (Rio de Janeiro) e Districto Federal, representa o centro mais explorado do Brasil meridional. Hettchsko, em Blumenau, fez collecções de alto valor, apparecendo nos trabalhos de Keyserling, ao lado de v. Ihering (que colligiu as de Taquara) e de Goeldi (que reuniu as de Serra Vermelha e Friburgo, no Rio de Janeiro, e do Espirito Santo.

Da excursão feita ultimamente a Blumenau, trouxe o Snr. Hermann Luederwaldt material muito interessante, que tive a opportunidade de estudar, ahi encontrando alguns generos e especies novas para a sciencia. Comprehendia esse material 35 especies de aranhas e 8 de opiliões. Dou abaixo a lista completa dos arach-

nideos (aranhas e opiliões) até agora encontrados em Santa Catharina, seguindo, quanto ás aranhas, a classificação de PETRUNKEVITCH.

Mygalomorphas (Theraphosoideas)

Ctenizidae

1 Hermacha iricolor Mello Leitão; Blumenau.
* 2 Pseudhermachura catharinensis g.n. sp. n., Blumenau. (1).

Dipluridae

3 Thalerotehle fasciata Bertkau.

Avicularidae

4 *Grammostola actaeon* Poc., 1903, Blumenau.
5 Grammostola gigantea M. L., 1922, Joinville.

Arancomorphas (Epeiroideas)

Oecobiidae

6 Oecobius maculatus (Keys.), 1891, Blumenau.

Uloboridae

* 7 *Uloborus geniculatus* (Olivier), 1791, Blumenau.
* 8 *Miagrammopes luederwaldti* M. L., 1925, Blumenau.

Sicariidae

9 Scytodes lineatipes Tacz., 1873, Blumenau.
10 Scytodes longipes Lucas, 1845, Blumenau.

---

(1) As especies marcadas com um asterisco foram agora encontradas em Sta. Catharina pela primeira vez, e as em grypho são da presente collecção.

Leptonetidae

11 Ochyrocera cœrulea (Keys.), 1891, Blumenau.

Ctenidae

12 Ctenus blumenauensis Strand, 1910, Blumenau.
13 » lagesicola Str., 1910, Lages.
14 » longipes Keys., 1891, Lages.
15 » mentor Str. 1910, Joinville.
16 » nigriventris Keys., 1891, Blumenau.
*17 » *medius* Keys., 1891, Blumenau.
*18 » *brevipes* Keys., 1891, Blumenau.
*19 » *luederwaldti* sp. n., Blumenau
20 Enoploctenus scopulifer Str. 1908, Joinville.
*21 *Odo blumenauensis* sp. n., Blumenau

Dysderidae

22 Segestria ruficeps Guérin Men., 1828, Blumenau.

Drassidae

23 Eilica modesta Keys., 1891, Blumenau.

Sparassidae

*24 Heteropoda venatoria (L), 1767, Blumenau.

Thomisidae

25 Misumenoides nigromaculatus (Keys.), 1880, Blumenau.
*26 *Tmarus misumenoides* sp. n., Blumenau

Clubionidae

27 Teudis recentissimus (Keys.). 1891, Blumenau.
28 Teudis subrubus (Keys.), 1891, Blumenau.

*29 *Syrisca brasiliana* Keys., 1891, Blumenau.
30 Castaneira varia Keys, 1891, Blumenau.
31 Castaneira vittata Keys, 1891, Blumenau.
32 Trachelas gracilis Keys., 1891, Blumenau.
33 Corinna nitens, Keys., 1891, Blumenau.

Attidae

34 Fritzia Muelleri O. Cambr., 1879, Blumenau.
*35 Asaracus sp. (joven), Blumenau.
*36 *Naubolus trifasciatus* spn., Blumenau.
*37 *Lyssomanes (Jelskia) dubius*, spn., Blumenau.
*38 *Lyssomanes (Maroussa) penicillatus*, spn, Blumenau.
*39 *Menemerus bivittatus* (Dufour), 1821, Blumenau.
*40 *Hypaeus catharinensis* spn, Blumenau.
*41 *Hasarius adansoni* (Audouin), 1827, Blumenau.

Zodariidae

42 Storena major Keys., 1891, Blumenau.
43 Storena minor Keys, 1891, Blumenau.

Palpimanidae

44 Iheringia lutea Keys, 1891, Blumenau.
45 Asemostera latithorax (Keys), 1886, Blumenau.

Pisauridae

*46 *Thaumasia marginella* (C. Koch), 1848, Blu-

Lysosidae

menau.
*47 *Lycosa auricomma* (Keys.), 1891, Blumenau.
*48 *Pirata velox* Keys, 1891, Blumenau.

*49 *Lycosa thorelli* (Keys.), 1876, Blumenau.
*50 *Lycosa nycthemera* (Bertk) 1880, Blumenau.

Oxyopidae

*51 *Oxyopes salticus* Hentz., 1845, Blumenau:
*52 *Schenicoscelis viridis* spn., Blumenau.

Pholcidae

53 Spermophora maculata Keys. 1891, Blumenau.
*54 *Smeringopus geniculatus* Thor, 1841, Blumenau.

Theridiidae

55 Hetschkia gracilis Keys., 1886, Blumenau.
*56 *Argyrodes obscurus* Keys., 1884, Blumenau.
57 Spintharus gracilis Keys., 1886, Blumenau.
58 Euryopis floricola Keys., 1886, Blumenau.
59 » pumicata Keys, 1886, Blumenau.
60 » pusilla Keys, 1886, Blumenau.
61 » variabilis Keys, 1886, Blumenau.
62 Theridion decoloratum Keys., 1886, Blumenau
63 » impegrum Keys., 1886, Blumenau.
64 » perniciosum Keys., 1886, Blumenau.
65 » perplexum Keys., 1886, Blumenau.
66 » pigrum Keys., 1886, Blumenau
67 » pingue Keys, 1886, Blumenau.
68 » rarum, Keys., 1886, Blumenau.
69 » sexmaculatum Keys., 1884, Blumenau.
*70 » tepidariorum C. Koch, 1841, Blum.
71 Theridula multiguttata Keys, 1886, Blumenau.
72 Dipoena cordiformis Keys., 1886, Blumenau.
73 Dipoena foliata Keys, 1886, Blumenau.
74 Steatoda brasiliana Keys, 1884, Blumenau.

75 Steatoda rubra Keys, 1886, Blumenau.
76 Umfila granulata Keys, 1886, Blumenau.

Liniphidae

77 Erigone desolata Keys, 1886, Blumenau.
78 » diversicolor Keys, 1886, Blumenau.
79 » labiata Keys, 1886, Blumenau.
80 » prativaga Keys, 1886, Blumenau.
*81 » rusticola Keys., 1886, Blumenau.
82 » velox Keys, 1886, Blumenau.
83 » (?) venialis Keys, 1886, Blumenau.
84 Ceratinopsis modesta (Nicolet), 1849, Blumenau.
85 Microneta semiatra (Keys), 1886, Blumenau.

Argiopidae

*86 *Leucauge polita* (Keys), 1893, Blumenau.
87 Eustala vegeta Keys, 1865, Blumenau.
88 Araneus rœmeri Str., 1908, Joinville.
89 » vespae Str., Joinville.
*90 » *undecimtuberculatus* (Keys), Blumenau.
*91 » *grayi* (Black.), 1863, Blumenau.
*92 » *unguiformis* (Keys), 1892, Blumenau.
*93 » *rubellulus* Keys, 1892, Blumenau.
*94 » *uniformiis* (Keys), 1879, Blumenau
*95 » *audax* (Black.), 1863, Blumenau
96 Micrathena alata (Walck), 1837, Blumenau.
97 » bifissa (Keys), 1892, Blumenau.
98 » fissispina nigrichelis Str. 1908, Joinville.
99 Micrathena rubrospinosa Keys, 1892, Blumenau.
*100 Micrathena crassispina C. Koch, 1836, Blumenau.
101 Ildibaha albomaculata Keys, 1892, Blumenau.

102 Theridiosoma nigrum Keys, 1886, Blumenau.
103 Ogulnius clarus Keys, 1886, Blumenau.
104 Ogulnius obscurus Keys, 1886, Blumenau.
105 Anapis hetschkii Keys, 1886, Blumenau.
106 Tecmessa tuberosa Keys, 1886, Blumenau.

Mimetidae

107 Ero catharinae Keys, 1886, Blumenau.
108 Gelanor altithorax Keys, 1893, Blumenau.
109 Gelanor zonatus C. Koch, 1845, Blumenau.

Opiliones palpatores

Phalangiidae

*110 *Holcobunus citrinus* (Poc.), Blumenau.
111 Holcobonus luteipalpis Roewer, 1910 Blumenau.
112 Holcobunus nigripalpis Rower 1910, Blumenau.

Opiliones laniatores

Gonyleptidae

113 Pucrolia minuta (Soer) 1884,
*114 *Metagraphinotus catharinensis* gn, spn, Blumen.
*115 *Gyndoides elaphus* gn, spn, Blumenau.
116 Discocyrtus curvipes (Koch) 1839, Blumenau.
117 Discocyrtus emydeus Soer., 1884, Hammonidia.
118 Lyopachylus mitobatoides M. L., 1925, Joinville.
*119 *Progoniosoma badium* Koch, 1839, Blumenau.
120 Gonyleptes acanthopus (Quoy Gaim) 1824, Joinville.
*121 *Proweyhia una* gn spn, Blumenau.
*122 *Weyhia clavifemur*, spn. Blumenau.
*123 *Acutisoma inerme* spn, Blumenau.

124 *Metagonyleptes grandis* Rower, 1913, Joinville.
*125 *Ithaia meridionalis* spn, Blumenau
126 Metarthodes speciosus Rower, 1913, Joinville.
127 Rœweria Bittencourti M. L., 1923, Joinville.

A presente collecção de Blumenau foi certamente das mais proveitosas, ahi encontrando 43 especies ainda não conhecidas na fauna catharinense, das quaes 15 são novidades biologicas que passamos a descrever.

Preuhermachura g. n.

Cephalothorax pouco elevado, mais longo do que largo, de fosseta thoracica profunda e direita. Rima ocular cerca de duas vezes mais larga que longa. Olhos anteriores em fila fortemente procurva, os medios pouco menores que os lateraes. Olhos lateraes posteriores menores que os anteriores. Olhos médios posteriores mediocres, contiguos aos lateraes e formando com estes uma linha fortemente recurva. Rastello fraco, formado por espinhos setiformes não muito abundantes. Labio curto, chanfrado, quasi duas vezes mais largo que longo, mutico. Ancas dos palpos com area basal de cuspides pouco numerosas. Esterno bastante convexo, de sigillas marginaes muito nitidas, bem separadas da margem (cerca de um diametro). Fiandeiras superiores longas, de segmento apical muito maior que o penultimo; segmento basal nitidamente bipartido; a porção distal maior. Typo:

PSEUDHERMACHURA CATHARINENSIS sp. n.

♀ — 20 mm.

Olhos anteriores em fila muito fortemente procurva (uma recta tangente á borda anterior dos medios passa bem atraz do meio dos lateraes), os medios um pouco menores. Olhos lateraes posteriores iguaes aos medios

anteriores e separados dos lateraes anteriores cerca de um diametro. Olhos medios posteriores iguaes á metade dos medios anteriores, dos quaes estão separados mais de um diametro.

Colorido geral pardo-claro; esterno, partes buccaes e ancas amarellados, o esterno muito convexo e com cerdas negras erectas; a rima ocular mais escura. Abdomen quasi glabro, cinzento-negro, irregularmente pontilhado de claro.

Hab.: Blumenau (Santa Catharina)
Typo — No Museu Paulista, n.º 826.

—XX—

CTENUS LUEDERWALDTI sp. n.

♀ — 20 mm.

Olhos lateraes anteriores formam com os medios posteriores uma linha recta. Area dos olhos medios quasi tão larga quanto alta, muito pouco mais estreita adiante. Clypeo mais alto que a area dos olhos medios. Pernas relativamente curtas e robustas; tibias anteriores com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores, sendo os apicaes bem menores, sem espinhos lateraes, protarsos direitos, muito menores que as tibias, com densa escopula que vae até a base, 2-2-2 espinhos inferiores e sem espinhos lateraes. Pernas do segundo par armadas como as anteriores. Pernas dos dois ultimos pares muito espinhosas; tibias com espinhos dispostos em dois verticillos e mais dois espinhos apicaes inferiores, protarsos com tres verticillos, sendo o apical de sete espinhos; escopulas dos protarsos IV apenas occupando o terço apical.

Cephalothorax fulvo claro, côr de mogno, revestido de pellos curtos brancos e pequenas cerdas negras erectas, apresentando no meio estreita faixa longitudinal mediana fulvo-escura, em ponta de flexa, começando entre os olhos medios da segunda fila e terminando ao

nivel do sulco thoracico, onde está situada a parte sagittiforme. Olhos com orlas de pellos brancos, sedosos, maiores que os de revestimento. Face com duas linhas escuras, obliquas, que partem dos olhos da terceira fila e vão terminar nos angulos infero-lateraes do clypeo.

Cheliceras com longas cerdas erectas vermelhas, como ás de *Ct. rufibarbis*. Pernas de colorido igual ao cephalothorax. Esterno e ancas das pernas fuscos; labio e laminas maxillares fulvo escuros.

Abdomen de dorso pardo-amarellado, muito densamente revestido de pellos sedosos brancos e amarellos e com cerdas negras erectas; no terço anterior do dorso ha uma linha mediana longitudinal escura e, de cada lado, outra linha clara; depois seguem-se quatro pares de manchas indecisas, formadas de pellos brancos e orladas, na posição externa, por pellos negros. Ventre de desenho muito caracteristico: fusco adiante da fenda genital, é negro atraz dessa fenda e junto ás fiandeiras, sendo os dois campos negros separados por larga faixa vermelho-alaranjada, curva para diante, em U muito aberto e cortada na linha mediana por duas estrias longitudinaes negras, parallelas, duas pontes ligando os campos negros; o campo posterior tem a forma de V de vertice muito largo e ramos estreitos, marginados, atraz, de pellos amarello-claros. Fiandeiras anteriores de borda externa e ponta negras. Epigyno com duas cristas virguliformes longitudinaes.

Hab.: Blumenau.

Typo — No Museu Paulista, n.º 823.

Esta especie, talvez a mais bella do genero, facilmente se distingue das outras pelo desenho caracteristico do ventre. Dedico-a ao Snr. H. Luederwaldt, que a colligiu.

—XX—

ODO BLUMENAUENSIS sp. n. (Figs. 1 e 2)

♂ — 5 mm.

Olhos posteriores iguaes e equidistantes, separados uns dos outros cerca de diametro e meio. Olhos lateraes anteriores a quasi igual distancia dos medios anteriores e dos medios posteriores. Olhos anteriores em fila pouco recurva, os medios maiores e mais afastados um do outro que dos lateraes. Labio mais largo que longo, não alcançando o meio das laminas maxillares. Tibias anteriores com 2-2-2-2-2-2 espinhos inferiores, os protarsos com 2-2-2.

Palpus de femur terete, com 1-2 espinhos dorsaes; patella cylindrica, mais longa que larga, constricta na base; tibia muito complexa, como nas outras especies do genero, com uma apophyse apical externa, dorsal, clara, ponteaguda, levemente curva, dirigida para diante, sobre o tarso e outra apical interna, bem menor, romba, direita, fulva; tarso um pouco menor que a tibia com a patella, de bulbo muito grande, occupando toda a face inferior do tarso e com o estylete curto, espesso, uniforme.

Cephalothorax castanho-escuro, com larguissima faixa testacea, longitudinal mediana, revestido de pellos sedosos, brancos, logo atraz e em torno dos olhos. Pernas castanho-escuras, de protarsos e tarsos mais claros. Chelíceras castanho-escuras, com estreita faixa clara, obliqua, parallela á margem superior do sulco ungueal. Palpos pardos. Esterno, labio, laminas maxillares, ancas e trochanteres das pernas pardos, estes ultimos com uma fimbria de pellos apicaes. Abdomen de dorso quasi inteiramente testaceo, revestido de pellos esbranquiçados, com duas pequenas manchas escuras quasi no terço posterior; lados fuscos; ventre pardo, mosqueado de negro; fiandeiras fulvas.

♀ — 6,5 mm.

Olhos como no ♂.

Cephalothorax um pouco mais claro e com pequenas

manchas claras marginaes. Pernas com anneis claros nos femures. Abdomen de dorso esbranquiçado no terço anterior, fusco no terço medio e amarello no terço posterior, onde estão as duas manchas; ventre como no ♂ ou com uma pequena mancha negra de cada lado do epigyno. Cheliceras fulvo-claras; esterno, labio, laminas maxillares e ancas das pernas de tom mais claro que no ♂.

Epigyno fulvo, com uma lingueta mediana cordiforme e de orla mais escura.

Hab.: Blumenau.

Typos — No Museu Paulista, n.º 830; cotypos na mesma collecção, n.º 824.

—XX—

TMARUS MISUMENOIDES sp. n.

♀ — 3 mm.

Cephalothorax pouco mais longo que largo. Clypeo quasi vertical, mais alto que a area dos olhos medios. Olhos anteriores em fila direita, os medios mais proximos um do outro que dos lateraes e tres vezes menores que estes. Olhos posteriores em fila recurva, os medios mais proximos e menores. Tuberculos dos olhos lateraes posteriores maiores que os tuberculos dos lateraes anteriores. Area dos olhos medios pouco mais alta que larga, muito mais estreita adiante. Pernas dos dois primeiros pares de tibias armadas de 1-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado; protarsos com 2-1-2-1-2 espinhos inferiores e 1 de cada lado.

Colorido geral pardo-claro; as pernas posteriores com uma faixa branca inferior, longitudinal e os olhos postos em tuberculos brancos, como os de *Misumena*. Abdomen muito alto atraz, com um tuberculo pontudo.

Hab.: Blumenau.

Typo — No Museu Paulista, n.º 825.

—XX—

LYSSOMANES (Jelskia) DUBIUS

♀ — 6 mm.

Cephalothorax muito nitidamente mais longo que largo, de região thoracica maior que a cephalica. Olhos anteriores cerca de quatro vezes maiores que os da segunda fila; estes iguaes aos da fila posterior. Quadrangulo ocular mais de 1/3 mais largo que longo, os olhos da segunda fila postos atraz dos da primeira e occupando a mesma largura. Pernas anteriores: femures com 1-1-1 espinhos dorsaes e 1 interno; tibias com 2-2 inferiores e 1-1 anteriores; protarsos allongados, curvos em seu terço apical e com 2-2-2 espinhos inferiores. Pernas do segundo par: femures com 1-1-3 espinhos dorsaes e 1 interno (anterior); tibias com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 anteriores; protarsos direitos, armados como os anteriores. Pernas posteriores (III e IV) irregularmente espinhosas. Epigyno em omega.

Cephalothorax pardo; a area ocular revestida de pellos alaranjados na porção anterior (entre e adiante dos olhos da segunda fila) e de pellos brancos no resto de sua extensão. Abdomen longo, acuminado, de colorido branco uniforme.

Hab.: Blumenau.
Typo — No Museu Paulista, n.º 840.

—XX—

LYSSOMANES (Maroussa) PENICILLATUS sp. n. (Fig. 3).

♂ — 6 mm.

Porção cephalica proximamente igual á thoraxica e muito elevada. Olhos anteriores menos de tres vezes maiores que os da segunda fila. Sulco thoracico longo. Olhos das filas II e IV iguaes, a area ocular mais de um terço mais larga que longa. Pernas longas; femures anteriores com 1-1-1 espinhos dorsaes e dois lateraes

apicaes; patellas com um espinho apical dorsal, tibias com 2-2-2 longos espinhos inferiores 1-1 de cada lado e 1-1 dorsaes, sem fimbrias de pellos; protarsos direitos, quasi do comprimento das tibias, com 2-2-2 espinhos inferiores mais fracos e 1-1 de cada lado; tarsos com longos pellos verticillados, que lhes formam um pincel apical. Abdomen allongado, pontudo.

Palpos do femur direito, patella cylindrica e cerca de duas vezes mais longa que espessa, com um fraco espinho apical dorsal, tibia menor que a patella, com longa fimbria de pellos na face externa e uma apophyse apical externa, achatada, dirigida para diante, quási juxtaposta ao bulbo; tarso mais de duas vezes maior que a tibia, prolongado muito além do bulbo, estreitando-se bruscamente nos dois quintos apicaes; bulbo fusiforme, de estylete basal curvo.

Cephalothorax pardo, com uma faixa longitudinal mediana fulva; area cephalica revestida de pellos subespatulados brancos. Pernas pardas; femures, patellas e dois terços basaes das tibias mais claros, o resto fulvo escuro; o pincel tarsal das pernas anteriores negro. Abdomen fusco, com larga faixa clara, dorsal, que termina no terço posterior; ventre testaceo na metade anterior e fusco na posterior. Esterno, ancas das pernas, labio e maxillares pardo-claros.

Esta especie facilmente se distingue por seu pincel tarsal negro.

Hab.: Blumenau.

Typo — No Museu Paulista, n.º 826.

—XX—

NAUBOLUS TRIFASCIATUS sp. n. (Fig. 4 a 6).

♂ 7 mm.

Especie muito affim de *Naubolus posticatus*. Sim, tendo o cephalothorax de estructura e colorido iguaes. Cheliceras de garra longa, flexuosa, a borda inferior

com um dente recurvo, muito robusto e borda superior com quatro dentes seriados, os distaes maiores, no angulo; na face anterior, no terço apical, ha robusta apophyse directa, ponteaguda. Pernas como em *N. posticatus.* Sim. Palpos de femur direito; a patella cylindrica mais longa que larga; tibia dilatada para a extremidade, mais larga que longa, com uma curta apophyse apical interna, ponteaguda, levemente curva; tarso maior que a patella com a tibia, de grande bulbo basal, armado de curto estylete apical. Abdomen allongado; dorso castanho-fulvo, com duas faixas lateraes bruneas e uma larga faixa mediana, mais escura adiante e párdo-amarellada na parte posterior; de cada lado, unindo as faixas lateraes á mediana ha duas estrias, obliquas de dentro para fóra e de diante para traz, do mesmo colorido; ventre castanho uniforme. Pernas anneladas de fulvo e amarello-escuro. Esterno, labio, laminas maxillares e ancas das pernas castanho-escuros.

Hab.: Blumenau.

Typo — No Museu Paulista, n.º 828.

—XX—

HYPAEUS CATHARINENSIS spn (Fig. 7)

♂ — 4,5 mm.

Cephalothorax alto, de sulco thoracico profundo, posto logo atraz dos olhos posteriores. Area ocular um quarto mais larga que longa, os pequeninos olhos da segunda fila situados muito adiante do meio da area ocular, proximos dos olhos lateraes anteriores. Fila de olhos anteriores fortemente recurva, os medios cerca de quatro vezes maiores que os lateraes. Cheliceras curtas, mais ou menos da mesma altura que a face, com uma forte apophyse ponteaguda no terço basal da face anterior, a margem inferior com cinco dentes seriados e a superior com tres dentes, dos quaes o medio bem maior. Pernas anteriores de tibias arma-

das de 2-2-2 espinhos inferiores, protarsos de 2-2 muito mais fracos.

Palpos de femur terete; patella cylindrica, cerca de 3 vezes mais longa que larga; tibia menor que a patella, com uma apophyse apical dorsal, ponteaguda e outra romba interna; tarso igual á patella com a tibia, de bulbo grande, basal e com um pincel de pellos apicaes.

Cephalothorax fulvo, de manchas oculares negras e revestidas de pellos alaranjados; clypeo nú, de colorido igual ao cephalothorax. Abdomen estreito, pontudo atraz, de longas fiandeiras terminaes e colorido testaceo uniforme. Pernas anteriores muito mais robustas que as outras, de colorido igual ao cephalothorax; as outras testaceas. Esterno e partes buccaes testaceos.

Hab.: Blumenau.

Typo — No Museu Paulista, n.º 830.

—XX—

SCHENICOSCELIS VIRIDIS spn (Fig. 8)

♀ — 7 mm.

Cephalothorax de região cephalica muito alta; clypeo mais alto que a area dos olhos anteriores. Olhos medios anteriores tres vezes menores que os lateraes, dos quaes estão separados pouco mais de um diametro e formando com elle um trapezio. Olhos posteriores iguaes, em fila pouco procurva. Pernas longas, muito espinhosas; os protarsos dos dois primeiros pares curvos, sem espinhos apicaes.

Cephalothorax verde-claro, com larga faixa clara mediana e uma linha levemente curva, pouco nitida, de cada lado, a igual distancia da faixa mediana, e das bordas lateraes. Pernas verde-claras, com algumas manchas prateadas; os protarsos e tarsos fulvos. Abdomen longo, tres vezes mais longo que largo, branco, reticulado do pardo no dorso e dos lados; ventre com lar-

ga faixa parda. Esterno verde-claro; labio e laminas maxillares testaceos.

Epigyno fulvo, mais largo que longo, com duas cristas medianas, duas depressões basaes quasi circulares, e duas linhas lateraes em alça.

Hab.: Blumenau.

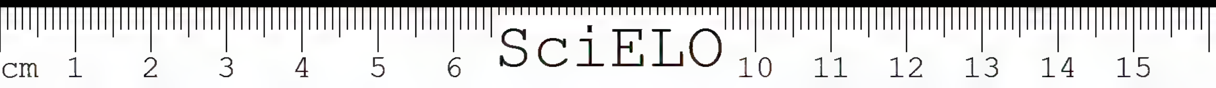
Typo — No Museu Paulista, n.º 826.

Metagraphinotus g. n. *(Pachylinae)*

Comoro ocular a igual distancia da borda anterior do cephalothorax e do primeiro sulco do escudo dorsal, oval transverso, elevado em pequeno espinho conico mediano. Escudo dorsal com cinco sulcos transversaes, os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal mediano. Cephalothorax estreito; bordas lateraes do escudo abdominal regularmente arredondadas até o nivel do terceiro sulco transversal, depois novamente approximando-se para terminar atraz em angulo recto com a borda posterior. Areas I, II, IV e V do escudo abodominal inermes; area III com alto espinho mediano. Segmentos dorsaes livres e placa anal-dorsal inermes, sem tuberculos ou espinhos. Ancas I a III estreitas, parallelas; ancas IV mais de duas vezes mais longas e mais largas que as tres outras reunidas, excedendo a margem do escudo dorsal em toda sua extensão. Cheliceras pequenas e normaes, semelhante nos dois sexos. Palpos mais curtos que o corpo; femur de face ventral lisa e com um forte espinho apical interno. Pernas pouco robustas, de femures curvos. Tarsos I, III e IV de seis segmentos; II de mais de seis.

O genero METAGRAPHINOTUS é muito proximo de GRAPHINOTUS Koch, do qual se distingue pelo espinho apical interno do femur dos palpos e por ter os tarsos III e IV de seis segmentos, como os primeiros.

—XX—



METAGRAPHINOTUS CATHARINENSIS spn.

♀ — 4 mm.

Cephalothorax inteiramente liso, com dois pequenos tuberculos a igual distancia do comoro ocular e do sulco I do escudo dorsal. Comoro ocular oval transverso, liso, com pequeno espinho conico mediano. Escudo abdominal pouco granuloso, com pequenas granulações irregularmente esparsas nas areas I, II e III. O sulco IV é curvo, de concavidade anterior, de modo que a area III é bem mais larga em sua porção mediana, apresentando, além das granulações, alto espinho mediano, obliquo para traz e levemente curvo. Areas marginaes do escudo dorsal com duas filas de granulos; area V do escudo e segmentos dorsaes livres com uma fila de granulações.

Colorido castanho queimado uniforme, côr de mogno

Hab.: Blumenau.

Gyndoides g. n. *(Pachylinae)*

Comoro ocular a igual distancia da borda anterior do cephalothorax e do primeiro sulco do escudo dorsal, elevado em crista transversa e com altissima apophyse mediana, bifida no ♂. Escudo dorsal com cinco sulcos transversaes, os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal mediano. Cephalothorax estreito; bordas lateraes do escudo abdominal regularmente arredondados até o nivel do terceiro sulco transversal; depois novamente approximando-se, para terminar atraz em angulo recto com a borda posterior. Areas I, II, IV e V do escudo abdominal granulosas e inermes; area III com dois espinhos baixos. Segmentos dorsaes livres e placa anal dorsal inermes, sem tuberculos ou espinhos. Ancas I a III estreitas, fracas, parallelas; ancas IV mais de duas vezes mais longas e mais largas que as tres outras reunidas, excedendo a margem do escudo dorsal

em toda a extensão. Cheliceras fracas e normaes nos dois sexos. Palpos mais curtos que o corpo, de femur inerme. Tarsos anteriores de seis segmentos, os outros de mais de seis; os tres segmentos da porção basal dos tarsos I do ♂, mais dilatados. Femures posteriores do ♂ direitos, com tuberculos ou espinhos.

O presente genero é muito affim de GYNDES Soer., do qual se distingue pela divisão dos tarsos; I de 4 segmentos e os outros de seis em GYNDES; I de seis e os outros de mais em GYNDOIDES.

Typo:

GYNDOIDES ELAPHUS sp. n.

♂ — 6 mm. ♀ — 7 mm.

Cephalothorax muito granuloso, de granulos irregularmente esparsos. Borda anterior granulosa e inerme. Comoro ocular alto, granuloso, com altissimo espinho mediano ,simples na ♀. No ♂ esse espinho é bifidõ, de curtas pontas divergentes e apresenta, no terço medio, duas pequenas apophyses lateraes pontudas. Ancas I e II do escudo abdominal muito granulosas, com as granulações irregularmente esparsas; area III igualmente abundante em granulações e com dois pequenos espinhos conicos, levemente curvos para traz; area IV e areas marginaes com duas filas de granulos; area V e segmentos dorsaes livres com uma.

Pernas posteriores do ♂: ancas granulosas, com uma apophyse apical externa transversa, recurva, de ponta dirigida para fora e com pequeno ramo rombo inferior, e com uma apophyse apical interna pontuda, direita, dirigida para traz; trochanter cylindrico, relativamente longo, com pequena apophyse basal externa e outra, bem mais forte, apical dorsal; femur direito, com uma serie de altos tuberculos quasi iguaes. Segmentos da porção basal dos tarsos anteriores, dilatados no ♂.

Colorido geral castanho-queimado, mais ou menos escuro; palpos amarello-queimados.

Hab.: Blumenau.

Proweyhia g. n. *(Gnyleptinae)*

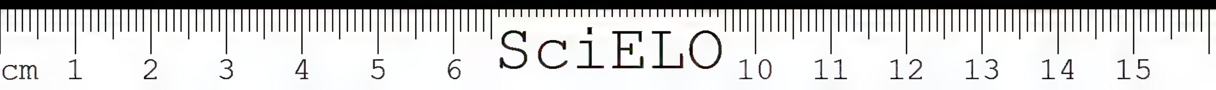
Comoro ocular oval transverso, mais proximo da borda anterior do cephalothorax que do primeiro sulco do escudo abdominal, armado de dois espinhos medianos, contiguos, dando a impressão de um só. Cephalothorax estreito, de bordas parallelas; as do escudo abdominal regularmente curvas para fora até o nivel do sulco III, onde o escudo é mais largo, depois estreitando-se e formando com a borda posterior angulos rectos. Escudo dorsal com quatro sulcos transversaes, dos quaes os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal. Areas I, II e III, do escudo abdominal, com dois tuberculos pontudos, baixos. Area IV, segmentos dorsaes livres e placa anal dorsal inermes, granulosos. Palpos mais curtos que o corpo, de femur inerme. Ancas I a III, pequenas fracas, parallelas; ancas IV maiores e mais largas que as tres outras reunidas e excedendo a borda lateral do escudo em toda sua extensão. Cheliceras fracas e normaes nos dois sexos. Caracteres sexuaes secundarios sob a forma de apophyses e espinhos das pernas posteriores. Tarsos anteriores de cinco segmentos, os outros de mais de seis. Tarsos dos dois ultimos pares de pernas sem escópulas, com duas unhas simples, não denteadas e com pseudonychio.

Este genero é muito affim de WEYHIA Roewer, do qual apenas se distingue pela segmentação dos tarsos anteriores (5 em vez de 6).

Typo:

PROWEYHIA UNA sp. n.

♂ — 8 mm.



Borda anterior do cephalothorax de face dorsal granulosa e armada de dois espinhos medianos contiguos, entre as cheliceras, e tres de cada lado, nos angulos. Comoro ocular oval transverso, granuloso, com dois pequenos espinhos rombos, medianos, geminados. Cephalothorax densamente granuloso e com dois tuberculos entre o comoro ocular e o primeiro sulco transversal. Todo escudo abdominal densamente granuloso, havendo nas areas I, II e III dois tuberculos pontudos. Areas marginaes lateraes muito granulosas, os granulos irregularmente dispostos, sem formar filas longitudinaes bem definidas. Area IV do escudo abdominal e segmentos dorsaes livres com duas filas de grossas granulações. Placa anal dorsal muito granulosa. Ancas IV muito granulosas, com grossa apophyse apical externa curta, provida de ramo posterior rombo; trochanteres com uma apophyse dorsal externa no terço apical; femures curvos com grande apophyse curva, bifida, situada no terço basal, e dois espinhos curvos, no terço apical interno. Toda a face inferior do corpo tambem muito granulosa.

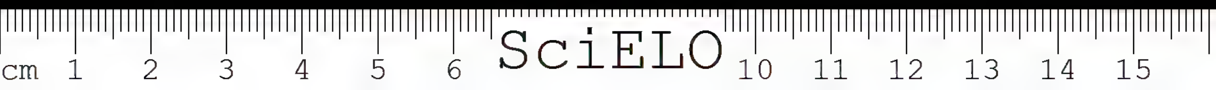
Colorido negro uniforme, de palpos e espinhos da borda anterior do cephalothorax amarello-oliva.

♀ — 8 mm.

Colorido geral e estructura do cephalothorax e das areas I, II e III do escudo abdominal como no ♂. Na area IV e segmentos dorsaes, livres as granulações de uma das filas são grandes, pontudas. No segmento dorsal livre posterior o tuberculo medio é bem maior, um como pequeno espinho rombo; no segmento II ha dois tuberculos maiores, embora bem menos compridos que o medio do ultimo segmento; no primeiro ha um tuberculo medio maior que os outros, igual aos dois do segundo segmento.

Hab.: Blumenau.

—XX—



WEYHIA CLAVIFEMUR sp. n.

♂ — 8 mm.

Borda anterior do cephalothorax com dois espinhos medianos erectos, postos em um tuberculo commum e com dois outros espinhos perto de cada angulo lateral. Comoro ocular liso, com dois robustos espinhos conicos, baixos, pouco maiores que os medios da borda anterior do cephalothorax. Cephalothorax todo liso, apenas com dois pequenos tuberculos medianos, pouco atraz do comoro ocular. Escudo abdominal densamente granuloso; areas I e II com dois tuberculos baixos, circulares; area III com dois tuberculos ellipticos muito baixos, pouco nitidos. Areas marginaes lateraes com quatro filas irregulares de granulações. Area IV do escudo abdominal e segmentos dorsaes livres com duas filas de granulações. Ancas IV pouco granulosas, sem apophyse apical interna e de apophyse apical externa curta; trochanteres IV curtos, com uma apophyse basal externa rectangular; femures IV direitos, muito espinhosos no terço medio, onde ha grandes e robustas apophyses dorsaes e ventraes, sendo ahi esses segmentos mais espessos que nas extremidades. Segmento estigmatico liso. Segmentos ventraes livres, com uma fila de granulações. Palpos mais curtos que o corpo, de femur inerme. Tarsos anteriores de seis segmentos; os outros de mais de seis.

Colorido castanho-queimado uniforme, de apendices fulvos, excepto os femures posteriores, quasi negros.

Hab.: Blumenau.

—XX—

ACUTISOMA INERME sp. n.

♀ — 13 mm.

Borda anterior do cephalothorax lisa e inerme. Comoro ocular oval transverso, mais proximo da borda anterior que do sulco I, com dois pequenos tuberculos

rombos, liso no resto de sua extensão. Cephalothorax com algumas (11 a 13) granulações, grossas, esparsas. Area I do escudo abdominal com dois tuberculos baixos e cinco grossas granulações de cada lado; area II com uma fila de grossas granulações; area III com dois espinhos baixos, conicos e quatro granulações. Areas marginaes com uma fila de grandes granulos. Area IV e segmentos dorsaes livres lisos, de angulos lateraes posteriores nada salientes na area IV e espiniformes nos segmentos dorsaes livres. Ancas IV excedendo o escudo dorsal em toda sua extensão, sem apophyse apical interna e com apophyse apical externa curta, romba, dirigida para traz. Trochanter IV sem apophyses; femur direito. Palpos do comprimento do corpo, trochanter com dois espinhos dorsaes; femur com uma fila de espinhos ventraes e dois fortes espinhos apicaes internos. Todos os tarsos de mais de seis segmentos.

Colorido geral castanho-fusco, com os sulcos do escudo abdominal mais claros, com um V claro no cephalothorax e os espinhos da area III amarello-queimados; apophyse apical das ancas IV negra. Palpos olivaceos.

Hab.: Blumenau.

-XX-

ILHAIA MERIDIONALIS sp. n.

♀ — 11 mm.

Borda anterior do cephalothorax com dois tuberculos pontudos medianos e dois ou tres de cada lado. Comoro ocular mais proximo da borda anterior que do primeiro sulco do escudo dorsal, oval transverso, com dois espinhos conicos baixos e liso no resto de sua extensão. Cephalothorax com pequenas granulações irregularmente esparsas e dois tuberculos baixos, pouco atraz do comoro ocular. Areas I, II e III do escudo abdominal com dois tuberculos baixos e com grossas granulações, irregularmente esparsas. Area IV e segmen-

to dorsal livre I com duas filas de granulos e dois tuberculos medianos; segmentos dorsaes livres II e III com duas filas de granulações e um pequeno espinho conico mediano. Placa anal dorsal, placa anal ventral, segmentos ventraes livres e segmento estigmatico lisos. Ancas com uma fila de granulos marginaes. Palpos mais curtos que o corpo, de femur inerme. Tarsos I de seis segmentos e os outros de mais de seis.

Colorido geral castanho-fulvo uniforme, sem desenhos ou manchas.

Hab.: Blumenau:

Rio, Fevereiro de 1926.

Explicação das Figuras

1 Tibia do palpo do ♂ de *Odo blumenauensis.*
2 Epigyno da ♀ de *Odo blumenauensis.*
3 Palpo do ♂ de *Lyssomanes (Maroussa) penicillatas.*
4 Chelicera do ♂ de *Naubolus trifasciatus* (apophyse dorsal)
5 Chelicera do ♂ de *Naubolus trifasciatus* (margem inferior).
6–Palpo do ♂ de *Naubolus trifasciatus* (vista dorsal)
7 Palpo de ♂ de *Hypaeus catharinensis* (vista lateral)
8–Epigyno de *Schenicoscelis viridis*


Fig. 1

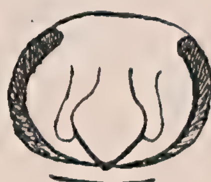

Fig. 2


Fig. 3


Fig. 4


Fig. 5


Fig. 6

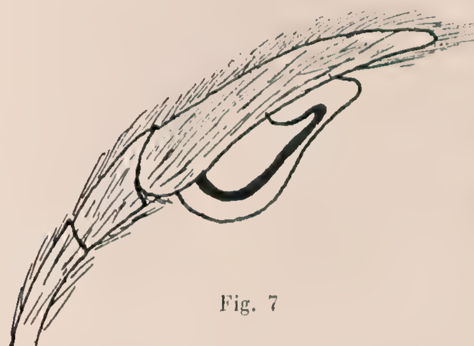
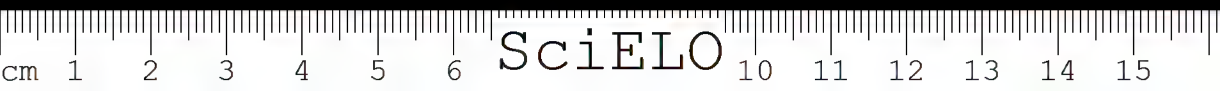

Fig. 7


Fig. 8

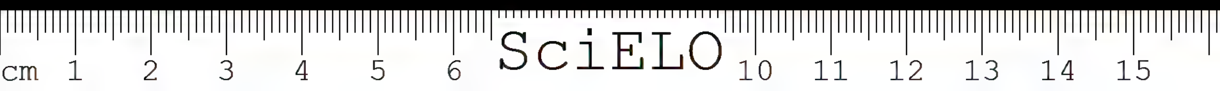
Dr. Mello Leitão — *Arachnideos de Santa Catharina*


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

Novos Generos e Especies da Fam. Brenthidæ (Coleopt.) da Zona Neotropica

pelo

Dr. R. Kleine, de Stettin


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

Novos Generos e Especies da Fam. Brenthidæ (Coleopt.) da Zona Neotropica

pelo

DR. R. KLEINE, de Stettin

Entregue á redacção no mez de Janeiro de 1924

Os primeiros Brenthideos descriptos, procediam da America do Sul. Já Linneu descreveu duas especies: *Curculio (Brenthus) archorago* e *Curculio (Arrhenodes) dispar*. Largo tempo após Linneu, quasi exclusivamente foi a America do Sul, que forneceu material novo e os entomologos «patriarchaes», da entomologia, especialmente os escandinavos, fizeram-nos conhecer a fauna neotropica dos *brenthideos*. Nunca poderá ser esquecida, na systematica do grupo, a obra de Schoenherr «Genera et species Curculionidum».

Mais tarde tornaram-se mais escassos os descobrimentos. Sem duvida é um tanto uniforme a fauna neotropica dos brenthideos, mas em todo o caso ha mais especies, do que se julga em geral. O motivo, por que a região neotropica só forneceu poucas especies e, antes de tudo, formas novas, encontra-se talvez na circumstancia, de que aquellas regiões, até agora, não foram systematicamente exploradas. No interior do Brasil não esteve até agora quasi nenhum colleccionador especialista

do grupo. O material, quasi exclusivamente, e successivamente, provem da bacia do Rio Amazonas. No ultimo tempo sómente vi pequenas collecções do Brazil meridional. Nestas acham-se sempre novidades, que faltam á região do Norte. Segundo o meu ver, conhecemos somente pequena parte dos brenthdieos neotropicos, tanto mais, quanto o material dos museus sul-americanos não está ainda determinado.

Estão no Museu Britannico os novos generos e especies descriptos neste trabalho, dos quaes apenas pequena parte se encontra nos museus do continente.

Stereodermini

Stereoderminus gen nov.

♀ Cabeça curta, tão larga quanto comprida, separada do pescoço; bordo posterior um pouco impresso somente no meio, sem sulco, á frente com uma cova funda, o lado inferior convexo, olhos grandes e planos, ellipticos, alongados, occupando lateralmente a cabeça, quasi inteiramente. Mesorostro mais curto que a cabeça, com sulco mediano fundo e estreito e sulcos lateraes pouco fundos, mesorostro alargado, pouco abobadado, sulco mediano estreito, fundo, prorostro rotundo-cylindrico, na base com sulco curto, lado inferior com quilha mediana larga, depressa. Articulos das antennas fracamente claviformes, articulos basaes nodosos, espessos, grandes, 2.º a 8.º iguaes em tamanho, perliformes, mais largos do que compridos, 9.º e 10.º da forma semelhante, maiores, 11.º conico, tão comprido quanto o 9.º e 10.º juntos, todos os articulos ligeiramente separados. Prothorax elliptico, no pescoço com restricção em forma de collarinho, chato, sem sulco, Elytros na base rectos, humero obsoleto, lateralmente parallelos, no bordo posterior estreitados e juntamente arredondados. Sutura larga, 2.a costella presente sómente na base e na decli-

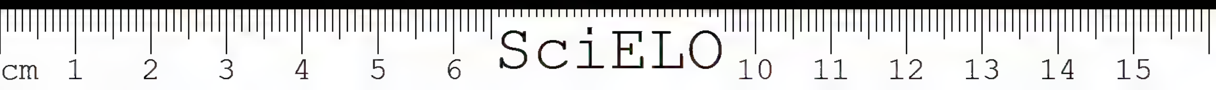
vidade; 3.ª fortemente convexa, acurvada no meio para dentro, em forma de ondas, as seguintes chatas, bordo na declividade espessado, a esculptura cancellada e de pontes falta. Femures anteriores com peciolo curto, femures medianos de forma semelhante, femures posteriores com peciolo mais comprido, clava dos femures anteriores forte, a dos outros mais fraca, tibias anteriores cuneiformes, dente do lado interior não desenvolvido, mas sómente chato-dilatado, todos os tarsos curtos, articulo unguiculo tambem curto, cylindrico. Metasterno sem sulco, 1.º e 2.º segmento abdominal com sulco pouco fundo, sutura transversal entre os segmentos estendendo-se até o meio.

Typo do genero: *St. effrenatus n. sp.*

O arranjo das costellas nos elytros tem semelhança com o de certas especies do genero *Stereodermus.* De resto, os caracteres habituaes são tão novos, que não têm affinidade accentuada com nenhum parente da tribu. E' o primeiro caso, em que vejo uma especie com costellas ondeadas e prothorax sem sulco. O ultimo lembra fortemente *Cerobates,* em que diversas especies mostram formação semelhante. De forma muito notavel são tambem os tarsos muito curtos e especialmente particular o articulo unguiculo cylindrico. O seu logar deve ser ao lado de *Stereobates* e *Stereobatinus,* já por motivo do dente tibial não desenvolvido. Julgo o novo genero por uma forma mixta, em que se pode indicar caracteres de diversos generos.

Stereoderminus effrenatus n. sp.

Preto-pardo até preto. Cabeça e rostro nos pontos com pellosinhos espalhados e deitados. Costellas nos elytros com pontos espalhados, sulcos sem pontos. Esculptura das pernas geralmente fraca, somente as tibias e os tarsos são um pouco mais pelludos; as solas dos tarsos com pellos holosericeos, compridos. Lado inferior do corpo sem esculptura. (Fig. 1, 2).



Comprimento (total): 10 mm. Largura (prothorax) cerca de 1,5 mm.

Brasil.

Typo no British Museum.

Stereobatinus gen. nov.

Distincto de *Stereobates Sharp.*, pelos seguintes caracteres: Antennas muito curtas, robustas, 1.º articulo quadrado, 2.º e 3.º mais largos que compridos, muito curtos, 9.º e 10.º augmentados, 9.º transversal, 10.º apenas quadrado, 11.º curto-conico, mais comprido que o 9.º e 10.º juntos. Femures fracamente claviformes, peciolo das pernas anteriores largo, o das pernas medianas e posteriores mais estreito, clava fraca, tibias de todas as pernas achatadas em forma de folha, as anteriores nas extremidades crenuladas mas não dentadas, tarsos muito curtos, robustos, articulo ungúicúlo, pequeno, cylindrico.

Typo do genero: *St. efferus n. sp.*

Habitualmente não ha somente semelhança, mas affinidade directa com *Stereobates*. Possuindo aquellas especies antennas e pernas esbeltas, compridas, dá-se com esta o contrario. O corpo inteiro faz a impressão de que se podia tratar duma especie myrmecophila, mas não foi possivel descobrir quaesquer orgãos exsudadores.

Admittindo aqui a myrmecophilia, creio que se trata de um «Trutztypus» caso de antagonismo com o typo («Trutztypus» forma mimetica), por causa da forma particular das antennas e pernas. Visto como até hoje só se encontrou myrmecophilia nos *Amorphocephalini*, a minha opinião é simplesmente hypothetica. Existe, porém, esta possibilidade e recommenda-se todo o cuidado neste ponto por se encontrarem, eventualmente, na zona neotropica outros hospedes de formigueiros entre os brenthideos, mais de que nas outras partes do mundo.

Stereobatinus efferus n. sp.

♂ vermelho-pardo, opaco; corpo inteiro, os elytros somente nas costellas, curto-pelludos. Todos os articulos antennaes funda, forte e longitudinalmente esculpidos («geriffelt»). Femures, tibias e tarsos com esculptura funda, longo-fossada ou grosseiramente pontuada. Metarostro e os dois primeiros segmentos abdominaes raramente, em parte, fundamente sulcados. (Figs. 3, 4).

Comprimento (total): 9 mm. Largura (prothorax): cerca de 1 mm. Habitat: Nova Granada. Typo no Museu Britannico.

Stereodermus fessus n. sp.

Cor castanha, brilhante. Cabeça no bordo posterior fracamente crenada, em cima estreita e fundamente sulcada, com pontos grossos, fundos e espalhados, olhos muito grandes. Metarostro com sulco fundo, pontuado como a cabeça. Mesorostro trisulcado; os cantos, que separam os sulcos, são estreitos, prorostro com sulco somente na base, no resto abobadado, subtilmente pontuado. Antennas normaes. Prothorax com sulco fundo, no pescoço e no bordo posterior com restricção forte, com pontos espalhados, fundos e grossos. Todas as costellas nos elytros bem pronunciadas; os sulcos grossa e fundamente cancellados; o 1.º e 2.º sulco, na metade basal, sem essa esculptura. Tibias anteriores sem espinhos, sómente com pequena espessura e topete de pellos. 1.º e 2.º segmento abdominal com sulco largo, pontos esparsos, mas fortes, fundos.

Comprimento (total): 5 a 6 mm. Largura (prothorax): 1 mm. mais ou menos. Brasil, Pará. Colleccionador: Grouvelle.

Typo no Museu Britannico.

Da especie seguinte, *exilis Suffr.*, distingue-se *fessus* facilmente, pelas tibias anteriores inermes. Em *den-*

tipes Sharp. os espinhos tibiaes são ainda maiores. E' a primeira especie brasileira de proveniencia austral, com esta pontuação, tão notavelmente grossa, do corpo inteiro.

Arrhenodini

Arrhenodes facetus n. sp.

♂ violaceo-pardo, quasi negro-violaceo; elytros pretos, desenho ornamental alaranjado, lado superior do corpo opaco, o resto moderadamente brilhante. Cabeça mais larga que comprida, cantos posteriores, nos lados, agudos, vertice estreito e plano, frente com sulco largo e raso, pouco esculpturado, lado inferior, abaixo dos olhos, de cada lado com uma serie de pontos grossos. Metarostro, em direcção ao mesorostro, cuneiforme estreitado, esbelto, estreito, larga e fundamente sulcado, os cantos dos bordos lateraes para diante mais pronunciados, lados diante dos olhos com alguns pontos grossos, no lado inferior a serie dupla de pontos, indo da cabeça; continua o mesorostro alargado em forma de ala, na continuação do mesorostro sulcado, no prorostro estreitado cuneiforme, prorostro mais comprido que o metarostro, na base estreitado, com quilha estreita e aguda, na metade anterior da quilha lateralmente alargado, a dilatação marcada por uma quilha de cantos agudos. Daqui o prorostro vae dilatar-se em forma de cunha e aplana-se para diante; mandibulas muito compridas e esbeltas, approximadas, parallelas. Antennas esbeltas, articulos 2 a 5 coniformes, os seguintes cylindricos, do 4.º em diante com pillosdiade augmentada. Prothorax lateralmente listado de preto. Elytros posteriormente nos angulos exteriores espinhosos, costellas chatas, sulcos indistinctamente cancellados, desenho ornamental (Fig. 6). Pernas normaes. Metasterno na base com impressão em forma de cova, 1.º

e 2.º segmento abdominal bem indistinctamente sulcados. (Figs. 5, 6).

Comprimento (total): 17.5 mm. Largura (prothorax): 3.0 mm.

Brasil — Typo no Museu Britannico.

Habitualmente o *facetus* relembra um *dispar* esbelto, tambem o desenho nos elytros é bem semelhante, porém distingue-se bem facilmente pelo prorostro quilhado; em geral pela forma esbelta do rostro. A forma do prorostro da especie nova é igual á de *appositus*, a primeira porém, é fundamentalmente differente pela cabeça e rostro esbelto e pelo desenho ornamental. De todos os *Arrhenodes*, separam-no as antenas muito esbeltas. Infelizmente não lhe foi possivel examinar os orgãos sexuaes, por não o permittir o estado precario da preparação do typo.

Estenorrhinus evidens n. sp.

♀. Na côr igual a *designatus Boh.* — Cabeça curta, mais larga que comprida, vertice abobadado, não largamente sulcado, com pontos espalhados, cantos lateraes cortantes, entre os olhos com sulco mediano largo e raso, afundando-se no metarostro. Metarostro com cantos rasos do sulco, lateralmente diante dos olhos com diversos pontos grossos, no lado inferior da cabeça e de rostro de cada lado, com uma fileira de pontos muito grossos e fundos, com um pello em cada ponto, prorostro arredondado, filiforme. 2.º articulo das antennas sem peciolo, quadrado; 3.º conico com cantos redondos; 4.º a 8.º de egual comprimento, sómente o 5.º um pouco mais curto; 4.º e 5.º ainda mais conicos com cantos cortantes; os seguintes cylindricos; 9.º e 10.º prolongados, cylindricos 11.º muito comprido; 2.º a 5.º articulos densamente «chagrinados» (*), os seguintes com es-

---

(*) «Chagrinado», termo novo portuguez, suggerido para uma esculptura fina, pensa, irregular, opaca, quasi de melania (moire), então propriamente dito sem pontuação propria.

culptura mais fundo-fossulada, longamente sulcada. Prothorax igual ao de *designatus;* diante do bordo posterior ao lado do meio, sem entumescencias nodosas, Elytros na forma igual a *designatus,* com esculptura fundo-cancellado-sulcada. Desenho ornamental muito differente.

Pernas normaes, tibias anteriores sem dente interior no meio, apenas fracamente engrossadas, femures posteriores no lado inferior com pellos longos, setaceo-pectinados. 1.º segmento abdominal sem dobra transversa funda atraz das coxas, sutura transversa entre o 1.º e 2.º segmento, distincta sómennte nos lados. ♂. Cabeça rasamente sulcada, prorostro com quilha mediana rasa, nos lados, em declive, mandibulas sobresalientes, pequenas. 2.º a 5.º articulos das antenas augmentando de comprimento; 5.º a 10.º do mesmo comprimento; 1.º a 5.º coniformes, os seguintes cylindricos. (Fig. 7).

Comprimento (total): 10 a 16 mm. Largura (prothorax): 2 a 3 mm.

Brasil, Ilha de S. Amaro, Santos; Corcovado, Rio de Janeiro.

Collecionador: G. E. Bryant. 3. IV, 1912,

Typos: no Museu Britannico.

Trata-se de especie pequena, da affinidade com *designatus;* que se pode separar facilmente pelos articulos antennaes com cantos, pelos elytros de esculptura fundo-cancellada e outro desenho ornamental.

A lista comprida basal, na 3.a costella, falta a todas as outras especies do genero *Estenorrhinus,* pelo menos não em combinação com desenho pronunciado de faixa transversal. Além disso separa-se de *designatus* mesmo, o posthumeral comprido na 8.a costella, ligada com a faixa antemediana. Importante é a falta do sulco fundo transverso no 1.º segmento abdominal, onde se forma, apenas, impressão rasa e larga.

Segundo o meu parecer trata-se de uma «vicariante» de *designatus,* ainda não colleccionada no Brasil

do Sul e vivendo mais no norte da America do Sul. Conheço habitats da Columbia, Perú, Equador e Venezuela, mas não no Brazil. Sem duvida trata-se de especie bôa.

Cyriodontus certus n. sp.

♂. Violaceo-pardo; cabeça, rostro e antennas quasi pretas, prothorax nos lados vermelho-pardo, prosterno e lado inferior do corpo tambem, desenho ornamental dos elytros escuro-alaranjado, no corpo inteiro fortemente brilhante. Cabeça transversa, estreitando-se triangularmente para os olhos, bordo posterior recto, no pescoço severamente separada. não sulcada, com pontos espalhados, distinctos, lados rasos, dilatados em forma de orelha, lado inferior abobadado, olhos grandes, planos. O metarostro tem a metade do comprimento do prorostro, em cima estreito, para baixo obliquamente alargado, com sulco mediano largo, mediocremente fundo, pontuação como na cabeça, lado inferior larga e rasamente quilhado, mesorostro alargado, gibboso; falta quasi o sulco mediano, com sulco largo sómente na metade anterior, ponctuação grossa, espalhada, prorostro na base estreito, alargando-se para baixo com canto cortante, para o bordo anterior pouco dilatado, com esculptura densa, verrucosa, nos cantos, com espinhos espalhados sómente nos angulos anterior-exteriores, lado inferior do meso- e do prorostro basal carinado obtusamente. Mandibulas pequenas. Antennas robustas, alcançando a metade do thorax, 1.º articulo grande, 2.º coniforme, um pouco mais comprido que o 3.º uniforme, do 4.º ao 8.º mais cylindricos, o 4.º e 5.º ainda com cantos redondos, os outros com cortantes, 9.º e 10.º mais compridos que os precedentes, mas não mais largos, 11.º mais curto que o 9.º e 10.º juntos, todos os articulos mediocremente approximados. Prothorax de cada lado, com espinho apontado para frente, atras do bordo do pescoço plano, com impressão trian-

gular, não sulcado, ponctuação muito subtil e espalhada, prosterno achatado. Elytros com costellas largas, mas entre si desiguaes, sulcos estreitos, pontuados, sulco sutural não pontuado, bordo posterior recto. Situação do desenho ornamental: terceira costella com risca basal longa, curta postmediana e apical, 4.a com uma risca mediana e post-mediana mediocremente comprida, 5.a a 7.a risca postmediana (formando uma faixa da 3.a a 7.a costella), 8.a e 9.a com risca posthumeral. Femures anteriores com 1 dente só, além disso as pernas normaes. Metasterno, 1.o e 2.o segmentos abdominaes fortemente sulcados longitudinalmente e quasi sem pontuação, sutura transversa funda nos lados entre o primeiro e o segundo segmento (Fig. 8).

Comprimento (total): 16 mm. Largura (prothorax): 3 mm.

Habitat: Brasil. Typo: no Museu de Hamburgo.

A especie nova distingue-se facilmente das outras pela falta das apophyses do rostro, pelas dilatações em forma de orelha nos lados da cabeça, pelo sulco rostral interrompido no mesorostro, pelas antennas curtas e pelo desênho ornametnal totalmente differente nos elytros. Habitualmente tem pouca semelhança com *lineatus* e *guttatus*, por motivo do corpo robusto. E', porém, fora de duvida que pertence a este genero.

Cyriodontus circumscriptus n. sp.

♀. Violeto-pardo, antennas, pernas, prothorax e o lado inferior do corpo mais claro, desenho ornamental escuro-alaranjado, com bem pouco brilho. Cabeça distintamente separada do pescoço, não sulcada, sem dilatações em forma de orelha, pontuação espalhada, alfinetada, lado inferior com sulco mediano estreito, fundo. Metarostro curto, largo-trisulcado, o sulco é antes do mesorostro mais fundo, os cantos, que separam, são estreitos, mesorostro semelhante a *certus*, mas inteira-

mente sulcado, prorostro sulcado até a terça parte anterior, esculptura composta de verrugas curtas, largas, meso e prorostro no lado inferior com carina estreita e cortante. Antennas crescentes, successivamente do articulo 2.º por diante, 9.º e 10.º pouco prolongados, 11.º tanto comprido quanto o 9.º e 10.º juntos, todos os articulos ligeiramente separados, do quarto por diante, com pellos augmentados.

Prothorax não sulcado, sem espinhos nos lados, esculptura fina, chagrinada, prosterno abobadado. Elytros na base rectos, lateralmente parallelos, nos declives, exteriormente curtos, com espinhos obtusos, costellas e sulcos eguaes a *certus*. Desenho ornamental: 3.a costella, uma risca basal longa; curta risca mediana, postmediana e apical; 4.a curta risca ante-mediana, 7.a mais comprida postmediana, 8.a comprida posthumeral. Pernas sem signaes particulares. Metasterno e abdomen sulcados tambem na ♀; esculptura sómente nos segmentos 3 a 5. (Fig. 9).

Comprimento (total): 15 mm. Largura (prothorax): 2,5 mm.

Brasil. Typo no Museu de Hamburgo.

Não ha duvida, que esta especie, representada ora por um exemplar só, pertence ao genero *Cyriodontus*.

Von Schoenfeldt, que viu esta especie, e *certus*, pol-a tambem em *Cyriodontus*. Parece-me, que *circumscriptus* é mais adaptada ao typo generico, que *certus*, isto é, vê-se já bem no sexo feminino.

Cyriodontus erraticus n. sp (*Arrhenodes xanthozonatus Jekel*).

♂. Preto, desenho ornamental alaranjado-amarello, prothorax opaco, além disso fortemente brilhante. A cabeça sobresahe um pouco do pescoço no meio. Sulco mediano até os olhos, no occiput opaco, entre os olhos muito fundo, subitamente interrompido, no afundamento

de cada lado com entumescencia gibosa. Metarostro sulcado, o sulco começa fundamente na base, enfraquecendo-se por diante, mesorostro giboso, tri-sulcado, prorostro com cantos denteados, esculptura de pontos fortes, crateriformes Prothorax espinhoso lateralmente no bordo do pescoço. 1.a, 4.a e 8.a costellas nos elytros inteiramente desenvolvidas, as outras totalmente apagadas pela esculptura cancellada grossa e somente desenvolvidas na região do desenho ornamental, angulos exterior-posteriores em forma de canto, não espinhosas, desenho ornamental (fig. 10).

Comprimento (total): 16,5 mm., Largura (prothorax): 2,5 mm.

Procedencia ignota, mas poderá ser apenas da America do Sul.

Typo no Museu Britannico.

Cyriodontus exactus n. sp.

♂. Castanho-claro, cantos anteriores dos articulos antennaes, annel do pescoço e base dos femures de côr preta, desenho ornamental claro-amarello, prothorax, prometasterno, bem como o abdomen opacos, o restante brilhante. Cabeça sulcada, sobre os olhos, perto da região mediana por espessura gibosa, frente afundada em forma de cova, lados dilatados em forma de orelha, por baixo dos olhos por uma serie de pontos grossos, fundos. Metarostro no mesorostro trisulcado; são mais rasos os sulcos lateraes para a cabeça, lados, diante dos olhos, munidos de pontos fundos, grossos quasi até o mesorostro, pontos dispostos diante dos olhos, em 3 series, no mesorostro em uma só; lado inferior pontuado como a cabeça, mesorostro com espessura gibosa, profundamente sulcado, as dilatações lateraes separadas do meio por inclinação funda, prorostro nos cantos lateraes com elevações obtusas, esculptura verrucosa. O 2.º ao 8.º articulos das antennas quasi eguaes no comprimento,

do 4.º por diante com esculptura alongada grossa, muito cerrado do 5.º em diante, O 9.º e 10.º articulos pouco prolongados. Prothorax no bordo do pescoço com appendices espinhosas, na parte basal sulcado, sem esculptura. Elytros espessamente cancellado-sulcados, costellas entre si differentes na largura, sulco sutural não pontuado, as costellas no desenho ornamental entumescidas. Femures anteriores, além do dente commum, ainda com espessura dentiforme atras do joelho, no resto são as pernas normaes. Metasterno na metade basal sulcado, o 1.º e 2.º segmentos abdominaes com impressão larga e rasa, sem esculptura (Fig. 11).

♀. Prorostro filiforme, bordo do pescoço do prothorax sem espinho, femures anteriores com 1 dente.

Comprimento total: ♂ ♀ 12 a 17 mm. Largura (prothorax) 2,5 a 3 mm.

Equador. Colleccionador: Buckley. Typos no Museu Britannico.

O ♂ tem o nome em litt.: *Cyriodontus aureonotatus Pow.*

Não ha outra especie da cor basica tão clara quanto esta. *Certus* e *circumscriptus*, são aviolado-pardos, todas as outras pretas. A separação das especies pardas é facil, porque o desenho ornamental dos elytros não tem semelhança com qualquer outra especie. A especie mais proxima podia ser circumscriptus, da qual está separada, immediatamente, além do desenho ornamental differente, pela pontuação grossa da cabeça e do metarostro.

Cyriodontus evanidus n. sp.

♂. Habitualmente igual á especie precedente, tambem na côr. Cabeça da mesma forma como em *erraticus*, porém sulcada menos funda e distinctamente. Prorostro sem filete dentado e com esculptura somente muito fraca, metarostro, nos lados, com alguns pontos gros-

sos, fundos. Prothorax sem espinho. Elytros em declive com angulos exteriores, chatos, espinhosos; tem todas as costellas; para a situação do desenho ornamental (veja-se a figura 12). ♀ differe na maneira usual.

Comprimento (total): ♂ ♀ 11 a 16 mm. Largura (prothorax): 2.2 a 2,5 mm.

Habitat: Perú, Sarayacu; Equador.

Colleccionador: Buckley; se ha outros, são-me desconhecidos. 2 ♂♂, 3 ♀♀ no Museu Britannico.

O numero das especies do genero *Cyriodontus* é consideravelmente mais alto do que suppuz no começo. Trata-se aqui de especies absolutamente certas, das quaes não se podem distinguir as formas de transição e conhecidas como especies já constantes dos autores antigos. O espinho no bordo thoraxal anterior não é signal generico, tão absolutamente certo, como suppoz o fundador do genero; pelo contrario, o que vale, é o habito geral. *(Cyriod. inermicollis Pow. i. litt.)*.

Hyposphales gen. nov.

♂. Cabeça transversa, mais larga que comprida, bordo posterior recto, lado superior abobadado, não sulcado, lados angulosos porém não dilatados em forma de orelha, cova gular do lado inferior redonda, rasa; olhos grandes, occupando a parte maior da cabeça; a parte da cabeça atras dos olhos tem no maximo 1/2 do diametro do olho. Metarostro cuneiforme, para diante estreitado, mais comprido que a cabeça, forte, largamente sulcado, lado inferior, como tambem a cabeça lisos, mesorostro fracamente gibboso, dos lados pouco dilatado, sulco mediano estreito mas distincto, lado inferior estreito e fracamente carinado, prorostro mais comprido que o meta e mesorostro juntos, com 4 cantos, muito pouco dilatado para diante, sulcado sómente na base, no restante achatado; mandibulas muito peque-

nas. Antennas meio-compridas, para diante successivamente mais cerradas. 1.º articulo grande, 2.º e 3.º quasi de egual comprimento, a começar do 4.º ao 7.º de comprimento progressivo, coniformes, o 8.º mais curto que o 7.º, cylindrico, o 9.º e o 10.º pouco prolongados, o 11.º obtuso-conico, todos os articulos em formação ligeira, do 4.º para diante com setas fortes. Prothorax oviforme-elliptico, abobadado, não sulcado. Elytros tão compridos quanto o prothorax, na base rectos, humero plano, lados parallelos, estreitados somente no declive, angulos posteriores obtusamente sobresahidos, por isto a sutura crenada, costellado-sulcado, todas as costellas muito largas e rasas, sulco estreito, não cancellado, apenas com alguns pontos bem obsoletos. Femures fortes, claviformes, os posteriores mais delgados, espinhos nos femures posteriores somente subtis, além disso relativamente robustos, tibias rectas, as anteriores com dente interior forte, um pouco curvo, tibias medianas e posteriores fracamente entumescidas; tarsos curtos, 1.º articulo somente um pouco mais comprido que o 2.º. Metarostro e ambos os primeiros segmentos abdominaes estreitos, porém fortemente sulcados.

♀. Prorostro redondo, 1.º e 2.º segmentos abdominaes não sulcados.

Typo do genero: *H. factus* n. sp.

O habito é esbelto, mostrando certa semelhança com diversas especies de Raphirrhynchus. O novo genero, porém, não pertence aos *Belopherini*, mas aos *Arrhenodini* e é aparentado com *Propisphales Kln.* A este se assemelha habitualmente mais, do que com os outros generos; ambos se distinguem pelos dentes fortes das tibias anteriores. Por outro lado existem grandes differenças em relação a este genero: os elytros, p. e., não são cancellado-sulcados, mas largo-costellados e os sulcos, extremamente estreitos, são quasi lisos. O que os separa é, além disso, a forma do prorostro. Em primeiro lugar é muito comprido em com-

paração ás outras partes do rostro, tambem no ♂, em segundo lugar e antes de tudo, não é dilatado no bordo anterior. Dos outros generos, aqui em questão, tem *Cyriodontus* Kirsch. um prorostro dentado e elytros sulco-cancellados; *Rhynchoneus* Sharp. tem o prothorax elevado e sulcado; *Cacopsalis* Sharp. e *Hemipsalis* Sharp. differem pela cabeça inteiramente diversa, pelo prorostro redondo e pela falta do dente tibial. Além disto tem habito robusto.

Hyposphales factus n. sp.

Violaceo-pardo, desenho ornamental escuro-alaranjado, brilhante no corpo inteiro.

♂. Cabeça com pontos muito subtis e espalhados, prorostro em cima e lateralmente com pontos crateriformes. Prothorax sem ponctuação. Desenho ornamental (veja-se fig. 13). Costellas com pontos espalhados, subtis. Metasterno, 1.º a 4.º segmentos abdominaes muito subtil- e espalhadamente, o 5.º denso- e fortemente pontuados.

♀. Prorostro com pontos fundos e um pouco longos, de resto como no ♂.

Comprimento (total): ♂ ♀ 13 a 15 mm. Largura (prothorax): 2,5 a 3,0 mm.

Brasil.

2 ♂♂ ♀♀, no Museu Britannico.

Hemipsalis faustus n. sp.

♂. Negroviolaceo, quasi preto, fortemente brilhante, desenho ornamental da côr de laranja. Cabeça com pontos finos. Metarostro com sulco fundo ao lado do sulco com esculptura fraca, verrugosa, mesorostro sem sulco mediano, lateralmente com sulcos pouco fundos, prorostro, especialmente nos cantos, com esculptura granulosa, diante do bordo anterior pouco alargado, lateralmente com pequena elevação. 2.º a 8.º articulos das

antennas progressivos no comprimento, mais compridos que largos, cylindrico-anguloso, 9.º e 10.º da forma semelhante, mais compridos e mais cylindricos, 11.º muito comprido, todos os articulos com cavidades longitudinaes densas. Prothorax liso como espelho, sem nenhuma esculptura. Elytros com costellas largas, depressas e sulcos estreitos não cancellados, desenho ornamental (veja-se a figura 14). Femures normaes, tibias fracamente curvas, na metade inferior, no lado para dentro espessadas, tibias medianas e posteriores rectas, espessura mais fraca tarsos normaes. Abdomen sem sulco longitudinal, mas com sulco transversal forte entre os primeiro e segundo segmentos, esculptura sómente no segmento 3.º a 5.º.

Comprimento (total): 18.0 mm., Largura (prothorax): 3,0 mm.

Cayenna. Typo no Museu Britannico.

E' discutivel si a especie nova pertence ao genero *Hemipsalis*; ao genero affim *Cacopsalis* não se pode identifical-a, por motivo da cabeça curta. Contra a noção generica, parece-me, é menos o habito que a forma do rostro. O prorostro é um pouco alargado e o orgão inteiro mostra uma esculptura fraca. Além disto a espessura das tibias anteriores parece-me um fator estranho. Apezar disto é melhor pôr esta especie em Hemipsalis, por se acharem os signaes mais importantes uniformes aos do typo.

Belopherini.

Raphirhynchus excelsus n. sp.

♂. Mais proximo de R. *vicinus Senna*, distinguindo-se delle pelos seguintes caracteres: Cabeça não mais larga do que comprida e arredondada, porém, mais comprida que larga, quando muito quadrada, parallela, angulos posteriores rectos, bem pronunciados, não arre-

dondados, olhos apenas mediocremente sobresalientes. Metarostro estreitado no mesorostro, sulco para frente fundo, lados com pontos grossos, bordos do prorostro só indistinctamente dentados. Metatarso das pernas anteriores duplo, mais comprido que o segundo articulo. Metasterno na base afundado em forma de cova, 1.º e 2.º segmentos abdominaes sulcados.

Comprimento (total): 11 mm. Largura (prothorax): 2,0 mm.

Brasil, Rio de Janeiro.

Collecionador: Fry. Typo no Museu Britannico.

Esta especie varia um pouco na côr, o prothorax pode escurecer-se. Além dos caracteres mencionados na diagnose, differe tambem o desenho ornamental nos elytros. Não ha semelhança com outra especie de todo o grupo affim. As poucas especies, cujo 1.º articulo antennal não é dentado, são facilmente separaveis.

Além de *vicinus* trata-se de: *insculptus Senna*, com costellas estreitas, grandes, esculptura cancellada grossa; *signifer Boh.*, no lado inferior do corpo da cor preta, com brilho metallico (veja-se fig. 15).

Rhaphirhynchus fecundus n. sp.

♂. Côr preta, unicolor, lado inferior do corpo e as pernas fortemente brilhantes, de resto opaco ou fracamente brilhante, desenho ornamental alaranjado-amarello. Cabeça quasi quadrada, com pontos subtis e sulco mediano raso. Metarostro quasi tão largo quanto a cabeça, depresso, lateralmente sulcado, lateralmente no mesorostro, com alguns pontos grossos, mesorostro espessado, em forma de giba, sulcado, lateralmente com elevações obtusas, prorostro com cantos mais ou menos dentados, para o bordo anterior apenas alargados, lado inferior com quilha larga. 1.º articulo antennal espinhoso, os seguintes muito delgados, mas normaes. Pro-

thorax sem esculptura. Elytros na base rectos, posteriormente nos angulos exteriores com espinhos agudos, todas as costellas estreitas, convexas, sulcos largos, com esculptura funda e grandemente cancellada, sulcos lateraes estreitos, somente no declive pontuados, desenho ornamental (veja-se a fig. 16). Pernas normaes, metatarso de todas as pernas tão comprido quanto os 2.º e 3.º articulos juntos. 1.º e 2.º segmentos abdominaes largamente applanados, não sulcados, sutura transversal distincta.

Comprimento (total): 18,0 mm. Largura (prothorax): 3,0 mm.

Cayenna: Typo no Museu Britannico.

A especie mais proxima é *longulus Sharp.*, distinguindo-se daquella pela formação das costellas. Em quanto longulus tem sulco-pontos fundos sómente nos lados, na superficie, porém, as costellas largas ordinarias, em *fecundus* as costellas estreitas estendem-se até a sutura, tambem os sulcos cancellados fundos e somente o sulco sutural não está cancellado. O Prof. Arrow definiu a especie pela comparação com o typo de *longulus*. O typo estava com o rotulo: *scobripennis Jek.*

Rhaphirynchus favorabilis n. sp.

♂. Inteiramente uniforme á *linearis* Senna, mas muito differente pela disposição do desenho ornamental. A disposição da mesma é a seguinte: 3.ª costella com uma risca mais comprida na base, e, cada vez uma lista curta ante-mediana, post-mediana e apical; 4.ª com risca anti-mediana de comprimento regular e uma curta post-mediana; 5.ª ponto basal, risca post-basal de comprimento regular, curta post-mediana; 7.ª risca post-mediana curta; 8.ª uma posthumeral. (Fig. 17).

Comprimento (total): 14.0 mm. Largura (prothorax) 2.0 mm.

Brasil, Jatahy, Est. de Goyaz. XII. 1879, I. 1898.

Typo: no Museu Britannico. O autor não o viu.

Raphirhynchus excellens n. sp.

♂, Preto-metallico, desenho ornamental alaranjado, em todas as partes, excepto o prothorax opaco, fortemente brilhante. Cabeça quadrada, vertice depresso e pouco impresso, pontuação apenas visivel. Metarostro cylindrico, rasamente sulcado, nos lados com alguns pontos grossos, mesorostro abobadado, não sulcado, lateralmente no meio cada vez com elevação tuberculiforme, prorostro anguloso, na base com espinhos lateraes mais fortes que deante, lado inferior do metarostro em cada lado com uma serie de pontos grossos, começando já embaixo dos olhos, carina mediana formada por dois filetes estreitos verrugosos, ajuntando-se no meso- e prorostro em fórma de carina granulada, tambem em outros lugares tem esculptura subtil verrugosa. Antenas normaes, 1.º articulo não dentado, porém com o 2.º e 3.º, subtil verrugoso. Prothorax em cima opaco pela esculptura «chagrinada». Elytros atraz nos cantos exteriores obtuso-espinhosos, junto á sutura ainda 3 costellas, series de pontos lateraes rasos. Pernas normaes, metatarso das pernas anteriores não mais comprido de que o 2.º articulo. Metasterno e os 2 primeiros segmentos abdominaes largamente sulcados. (Fig. 18).

Prorostro filiforme, metasterno e abdomen não sulcados.

Comprimento (total): 15 a 16 mm. Largura (prothorax): 2 a 2.5 mm.

Ecuador. Coll.: Buckley. Typos: no Museu Britannico

A especie nova tem certa semelhança com *Rotschildi* Senna; não é, porém, fortemente brilhante no corpo

inteiro, porque o prothorax está totalmente opaco devido á esculptura fina «chagrinada». Tambem a cabeça não é transversa, mas quasi mais comprida do que larga, quando muito, quadrada. O 1.º articulo das antenas não é denteado. O metasterno e os dois primeiros segmentos abdominaes são fortes e largamente sulcados. Aliás o desenho ornamental é inteiramente differente, collocado em faxas curtas, disposição rara nas especies metallicas.

Raphirhynchidus gen. nov.

♂. Vermelho-pardacento, opaco, lado inferior brilhante, no prothorax com duas riscas pretas. Cabeça redonda inclusive os olhos; angulos posteriores um pouco obtusos, encima sulcada, cantos dos sulcos grossos, elevados, tuberculiforme-verrugosos, olhos muito grandes, porém, mediocremente proeminentes, lado inferior excepto quanto a uma carina mediana estreita, grosseiramente pontuado. Metarostro cylindrico, para deante um poco estreitado, sulcado, cantos dos sulcos como na cabeça, sulcos lisos, bordos e lado inferior com pontos grossos, espalhados, fundos, metarostro sulcado como o mesorostro, o ultimo nas dilatações lateraes cada vez com elevação conica, prorostro muito estreito com espinhos distantes, grossos e pellos intermediarios finos, bordo anterior nos lados rapida- e fortemente dilatado, terminando em dente dirigido para traz, lateralmente com esculptura mamillosa, lado inferior liso. Antenas muito esbeltas, 1.º articulo não espinhoso, sómente com esculptura mamillosa, do 3.º por deante pelludos, o desenvolvimento dos pellos augmenta nos articulos seguintes. Prothorax nos lados e no prosterno com elevações cortantes verrugosas. Elytros no declive fortemente estreitados, atraz nos angulos exteriores obtuso-espinhosos, todas as costellas de desenvolvimento egual, mais largas que os sulcos, achatadas, sulco sutural sem pontos, os seguintes sulcos com pontuação rasa. O desenho ornamental veja-

se na fig. 19. Pernas muito esbeltas, femures espinhosos, tibias anteriores no meio com espinho comprido, o restante rectas, esbeltas, tibias medianas e posteriores sem espinhos, metatarso de todas as pernas mais comprido que os 3.º e 4.º articulos juntos, nas pernas posteriores mesmo muito mais comprido. Metasterno na base com impressão, 1.º e 2.º segmentos abdominaes longitudinal- e fortemente sulcados.

Typo do genero: Rh. *excitatus* n. sp.

Raphirhynchidus excitatus n. sp.

O caracter da especie é egual ao do genero.

Amazonas, Coll.: Bates. Typo no Museu Britannico.

Comprimento (total): 16.0 mm. Largura (prothorax): 2.75 mm.

Colloquei esta especie curiosa em *Raphirhynchus*, com que tem, sem duvida, muita semelhança. Não é, porém, possivel, deixal-a neste genero. A cabeça tem forma inteiramente differente, a forma do sulco do rostro e antes de tudo, a do prorostro fortemente alargado no bordo anterior, depõe contra *Raphirhynchus*, que é absolutamente uniforme na physionomia do rostro, apezar das suas suas numerosas especies. Mais é notavel a esculptura singular do prorostro e prothorax. Principalmente as pernas, são que exigem uma separação do *Rhaphirynchus*. As tibias anteriores têm um espinho grande no meio, que falta ao outro genero e, finalmente, o metatarso comprido tem forma, conhecida sómente nos *Ithystenini*, mas em nenhuma outra tribu. Nunca vi, ainda, nenhuma forma neotropica semelhante. (Fig. 20).

Belopherus eximus n. sp.

♂. Especie grande, corpo verde-metallico, fortemente brilhante, elytros pardacento-verdes com desenho ornamental denso, amarello. Cabeça mais comprida que lar-

ga, para o rostro um pouco estreitada, em todas as partes com esculptura grossa, verrucosa, olhos grandes, chatos. Metarostro cylindrico, rasamente sulcado, esculpturado como a cabeça, mesorostro estreitamente sulcado, com muito pouca esculptura, no lado inferior com esculptura verrucosa, prorostro muito estreito, com cantos cortantes e dentes erectos, fortes, bordo anterior dilatado na maneira commum, lado inferior sómente com esculptura subtil. 1.º articulo das antenas com esculptura mamillosa, 2.º articulo sem pellos, no 3.º ao 5.º os pellos augmentam, 6.º a 11,º, no lado inferior, pellos compridos, villosos. Prothorax em todas as partes com esculptura subtil, mamillosa, enfraquecendo um pouco no lado superior, sobre elevações rasas, transversaes, presterno da mesma esculptura; na parte basal indistinctamente sulcado. Elytros cancellado-sulcados, todas as costellas desenvolvidas, depressas, pouco mais estreitas que os sulcos, os sulcos com esculptura cancellada, grande e rasa, tambem o sulco sutural com pontuação distincta, nas costellas cerdas curtas erectas, os angulos posterior-exteriores acuto-espinhosos, desenho ornamental (veja-se a fig. 21). Pernas normaes. Metasterno, 1.º e 2.º segmentos abdominaes forte- e longitudinalmente sulcados, pontuação muito espalhada e subtil.

♀ distingue-se na maneira usual.

Comprimento (total): 21 a 25 mm. Largura (prothorax): 2.5 a 3.0 mm.

Jamaica. Typo no Museu Britannico.

A especie nova pertence ao grupo das especiés com prothorax sem espinho. Distingue-se promptamente de todas as outras pela esculptura grossa, mamillosa das extremidades antriores e do desenho ornamental extenso. Não se pode confundir com outras. A especie mais proxima, parece-me, é *nasutus F.*

Ithystenini.

Tinoteramocerus n. g.

♂. Estatura grande, robusta. Cabeça comprida, cylindrica, no pescoço um pouco mais larga, que nos olhos, sem sulco mediano, sómente entre os olhos, com impressão rasa, terminando num sulco curto, indistincto. Bordo posterior recto, lados e parte inferior depressa- e transversalmente rugosos, sulco gular comprido, linear, antes dos olhos, terminando numa cavidade em forma de buraco, olhos bem avançados, mediocremente proeminentes. Metarostro de comprimento véz e meia mais que a cabeça, um pouco redondo-angulosa, lado inferior sem carina, liso, mesorostro um pouco dilatado, fracamente elevado em forma de gibba, rasamente sulcado, prorostro, no lado superior, na base estreito, alargando-se para deante com declive obliquo, canto superior cortante, dentiforme, para o bordo anterior sem dente, bordo anterior sinuoso, mandibulas pequenas, encerrando um espaço livre. Antenas esbeltas, subtis, alcançando o bordo posterior da cabeça, 1.º articulo massiço, 2.º muito curto, do 3.º ao 10.º quasi eguaes de comprimento, 11.º tanto comprido quanto o 9.º e 10.º juntos, o 2.º ao 4.º nodosos, os seguintes cylindricos, de 5.º por deante com pellos intermediarios cerrados. Prot*h*orax oval-elliptico, sulco mediano alcançando até o terço anterior, prosterno antecoxal antes das coxas achatado, prosterno postcoxal, atraz das coxas, com chapa em forma de quadrado erecto, sulcado posteriormente. Elytros largos, proporcionalmente curtos, base recta, lados parallelos, no declive apenas estreitados, por traz, nos angulos exteriores, espinhosos, 1.ª a 3.ª costellas desenvolvidas, 4.ª e 5.ª ainda na base, as seguintes mais indisti*n*ctas, 1.ª e 2.ª sulco fundo e sem pontuação, os seguintes fundos, pontuados em forma de cancella; a disposição do desenho ornamental é extranho para os *Ithystenini* (vid. fig. 22). Pernas muito compri-

das, femures esbeltos, finos, na quarta parte anterior espinhosos, tibias rectas, as anteriores no meio, com espinho grande, recto, dirigido para dentro, tarsos achatados, metatarso tão comprido quanto os 2.º e 3.º articulos juntos, 2.º no lado superior com impressão, os femures posteriores sobresahem os elytros. Metasterno, na base, com impressão funda, em forma de cova, 1.º e 2.º segmentos abdominaes estreitamente sulcados.

Typo do genero: *T. enormis* n. sp.

A posição do genero está um pouco isolada, rara é, na tribu, a cabeça cylindrica, que sôe pertencer mais aos *Nemocephalini*.

As antenas, porém, correspondem, absolutamente, aos *Ithystenini* e tambem o prothorax. Por outro lado, a forma dos elyytros é muito anomala, pertencente ao segundo grupo de Schoenfeldt; a disposição do desenho ornamental particular lembra mais nos *Belopherini* do que nos *Ithystenini*. As pernas são caracteristicas, em sua forma geral, o metatarso, é verdade, não se mostra tão comprido quanto p. e. em *Teramocerus*, mas tem o comprimento dos 2.º e 3.º articulos juntos, não contradizendo ao typo basal da tribu. Os espinhos das tibias até agora não se observam em nenhum outro genero da tribu inteira. Colloco o genero na vizinhança de *Proteramocerus* Kln. (Fig. 23).

Tinoteramocerus enormis n. sp.

Pardacento até verde-metallico, desenho ornamental sujo vermelho, brilho moderado no lado superior, embaixo carregado. Cabeça, em circuito, planamente rugosa-transversal, no lado superior com esculptura espalhada, forte, verrucosa, lado inferior com a mesma esculptura, porém, muito subtil. Metarostro em cima esculpturado como na cabeça, lados e face inferior lisos, embaixo sómente com alguns tuberculos muito subtis, prorostro na parte anterior semelhante. Prothorax em

cima com esculptura distincta, transversal, que é mais forte nas coxas. Tuberculos fortes, lados quasi sem esculptura, lado inferior outra vez com desenvolvimento tuberculoso mais forte. Desenho ornamental (vid. fig. 23). Metasterno e os 1.º e 2.º segmentos abdominaes sómente com esculptura tuberculosa subtil e espalhada, 3.º e 4.º segmentos espelhentos, 5.º com alguns pontos subtis.

Comprimento (total): 36.0 mm. Largura (prothorax): 3.5 mm.

Antilhas, Jamaica.

Typo: no Museu Britannico.

Teramocerus eletus n. sp.

♂. Cabeça, rostro, antenas, sutura, tibias e tarsos de côr parda, prothorax, lado inferior do corpo e femures escuro-metallicos até verdejantes, elytros esverdeados, lado superior do corpo opaco, inferior brilhante. Cabeça e metarostro lateralmente com alguns pontos grossos, rostro embaixo com pellos compridos villosos. Prothorax normal, prosterno forte, densa- e transversalmente sulcado. Elytros normaes, angulos exteriores (vid. fig. 25). Pernas normaes, metatarso posterior na parte basal lateralmente compresso. Metasterno linear, 1.º e 2.º segmentos abdominaes larga e fundamente sulcado, esculptura exigua, 5.º segmento achatado, densamente pontuado.

Comprimento (total): 31.0 mm. Largura (prothorax): cerca de 2.2 mm.

Brasil, Santarem.

Esta especie é aparentada com *janthinus* Boh. As differenças geraes são as seguintes: Prosterno occupado por uma quantidade de sulcos transversaes fundos, approximados, o appendice nos elytros têm outra forma, o metasterno é fundo-alfinetado, os 1.º e 2.º segmentos abdominaes funda- e largamente sulcados.

Proteramocerus eminens n. sp.

♂. De côr de chocolate clara, prothorax e elytros, excepto o declive, violaceo-azulado, brilhante em todo o corpo. Cabeça com pontos espalhados, abobadada, lateralmente, atraz dos olhos, com alguns pontos grossos, embaixo dos olhos grosseiramente pontuada. Rostro um pouco elevado, não bisulcado, mesorostro muito subtilmente sulcado, lados sem esculptura, lado inferior com pontos grossos e, até a base do prorostro, com pellós espalhados, longos. Antenas normaes. Prothorax normal. 2.ª costella na base soldada á 3.ª, a 2.ª costella na base estreita, para o declive mais larga e rasa, a 3.ª no declive cortante, 1.º e 2.º sulcos no declive cancellados, appendices curtos, pequenos. Pernas normaes. Metasterno na base com impressão, 1.º e 2.º segmentos abdominaes indistinctamente sulcados, 3.º a 5.º segmentos com pontos espalhados.

Comprimento (total): 19.0 mm. Largura (prothorax): 1.5 mm.

Brasil, Minas Geraes.

Não se compara a qualquer outra especie, tendo colorido completamente particular.

Proteramocerus fidus n. sp.

♂. Côr escura de chocolate, elytros com macula preta, brilhante, no corpo inteiro. Cabeça cylindrica, parallela, entre os olhos com impressão rasa, lateralmente no pescoço e em baixo transversalmente estriada, (o que em allemão se chama *gerieft),* em baixo dos olhos com alguns pontos grossos pelludos. Prorostro redondo-cylindrico, no mesorostro um pouco achatado, aqui fraca- e largamente sulcado, de resto com sulco mediano muito subtil e estreito, lateralmente e em baixo com pontos grossos villosos, mesorostró estreitamente sulcado, prorostro tambem na parte basal. Arti-

culos antenaes compridos e esbeltos; do 2.º ao 8.º coniformes, avante nodosos, os seguintes cylindricos, do 9.º ao 11.º com pellos intermediarios densos. Prothorax funda- e inteiramente sulcado, sem esculptura. Elytros com duas costellas, a 2.ª na base apagada, bordo posterior juntamente arredondado, pontuação subtilíssima. Pernas muito delgadas, metatarso de todas as pernas tão comprido quanto os 2.º e 3.º articulos juntos, metasterno subtilmente sulcado, abdomen sem sulco.

Comprimento (total): 16 a 21 mm. Largura (prothorax): 1.8 a 2.0 mm.

Brasil, S. Paulo.

2 ♂♂. Typos no Museu Britannico.

Tem mais semelhança com *laevis Germ.*, distinguindo-se, porém, facilmente, pelo colorido muito differente. Fóra de *laevis* não se conhece, no genero, outra especie se espinho no bordo posterior dos elytros.

Proteramocerus emendatus n. sp.

♂. No colorido igual a *nitidus* Kln. Esculptura e pellos da cabeça e do rostro, como naquella especie. Prothorax no pescoço com rugas transversaes, fundas, grossas, embaixo o pescoço é fortemente restricto, sulco mediano não alcançando o bordo do pescoço, mas terminando no sulco transversal numa goteira transversal ou sómente um pouco mais comprido; além disso igual a nitidus. Elytros com series de pontos muito finos, os appendices tem a forma seguinte: fortemente recurvados, aduncos para baixo, lateralmente abreviados em forma de cantos, o dente trazeiro arcado para baixo é curto e largo. Pernas normaes. Metasterno sómente com impressão na base, 1.º segmento abdominal fundo e largo, 2.º não sulcado. (Figs. 26 a 27).

Comprimento (total): 30 mm. Largura (prothorax): 2 mm.

Brasil.

Typo: no Museu Britannico.

Proteramocerus enervatus n. sp.

♂. Pardo-violaceo, elytros com excepção da sutura e do declive de côr esverdeada, cabeça, metarostro, prothorax e elytros opacos, o restante brilhante. Lado surior da cabeça com pontos grandes, rasos, nos pontos com pellos deitados, não sulcado, entre os olhos com principio de sulco mediano largo, lados atraz dos olhos com pontos grossos, lado inferior com a mesma pontuação forte, os pontos em series, sem pellos. Metarostro até o mesorostro, larga- e rasamente sulcado, cantos lateraes planos; lados com pontos grossos, irregulares, lado inferior com pontos um pouco mais pequenos, pontos em series, sem pellos; metarostro fracamente gibboso, rasamente sulcado, lado inferior com carina mediana larga, sem esculptura, prorostro por cima muito fina- e espalhadamente pontuado, em baixo sem esculptura. Antenas normaes. Prothorax com sulco mediano inteiro, esculptura muito indistincta, nos pontos apenas perceptiveis com pellinhos deitados. Elytros com pontos em series, distinctos, porém finos, appendices atraz nos angulos exteriores muito curtos, espinhosos. Pernas normaes. Metasterno, na base, depresso, 1.º e 2.º segmentos abdominaes não sulcados, esculptura consistindo de pontos fundos, espalhados, 3.º a 5.º segmentos densamente pontuados.

♀. Prorostro filiforme. Antenas curtas, elytros sem appendices.

Comprimento (total): 2.0 mm. Largura (prothorax): 1.5 mm.

Brasil: Pará, (Bates, sobre arvores cortadas).

Typo: no Museu Britannico.

Este especie é comparavel á *chontalensis* Sharp. Distingue-se pelos seguintes signaes: A cabeça não é sulcada transversalmente, o lado inferior da cabeça e do metarostro, como tambem os lados, com pontos grossos e fundos, elytros não cancellado-sulcados (amoenus Jek. l. lit.).

Pseudoceo cephalini.

Exopleura avara n. sp.

♂. Castanho, collar do prothorax preto, macula postmediana indistincta e pedunculos dos femures mais escuros, em todo o corpo brilhante. Cabeça com pontos espalhados, subtis. Metarostro mais comprido que o prorostro, redondo-cylindrico, com sulco indistincto sómente diante do mesorostro, em cima sem esculptura, lateralmente com pontos fortes parcialmente grossos e com pêlos espalhados, junto ao sulco raso; com alguns pontos distinctos, parcialmente fortes. Mesorostro = *moderata Kln.* Prorostro na base com sulco raso. Lado inferior com a carina inteira estreita, sem pontos grossos, com pêllos densos, compridos. Articulos antenaes 3 a 8 para diante, diminuindo no comprimento, tambem os mais curtos são ainda mais compridos que largos, 3.º a 8.º coniformes, não quadrados. Prothorax na metade basal lateralmente com pontos grossos. Appendices dos elytros compridos, quasi como no genero *Phocylides*, na parte de baixo escavados. O metasterno pelo menos na metade basal, funda- mas estreitamente sulcado, pontuação muito espalhada e subtil. 1.º e 2.º segmentos abdominaes da mesma esculptura, no bordo posterior do 2.º mais fortemente, 3.º a 5.º com pontos densos e fortes.

♀. Prorostro filiforme, antennas mais robustas, elytros atraz dos angulos exteriores acuti-espinhosos.

Comprimento (total): 21 a 29 mm; Largura (prothorax). 2 a 3 mm.

Hab.: Mexico, Columbia. Typos do ♂ no Museu de Dresden, typo da ♀ no Museu Britannico.

E interessante a existencia de uma segunda *Exopleura*. O genero habitá, portanto, não sómente nas Antilhas, mas tambem no continente e, como parece, em extensão vasta. A diagnose generica torna-se um pouco difficil, visto como a especie typica *moderata* tem o prorostro mais comprido que o metarostro. Aqui dá o invertido. Este signal, pois, não tem grande valor. No restante fica a diagnose sem alteração. Em relação a *moderata*, existem as seguintes differenças: Metarostro mais comprido de que o prorostro, articulos medianos das antennas coniformes, mais compridos de que largos, prothorax, nos lados, na metade basal com pontos grossos e densos, appendices dos elytros compridos, metarostro fortemente sulcado, abdomen subtil-, mas distinctamente pontuado.

Exopleura enodis n. sp.

♂. Castanho, pouco brilhante. Cabeça com pontos espalhados, subtis, entre os olhos com impressão em forma de flecha, em baixo dos olhos com uma serie de pontos grossos. Metarostro tão compridó quanto o prorostro, redondo-anguloso, sem esculptura, antes do mesorostro indistinctamente sulcado, para os lados em declive, lados com pontos espalhados, muito fundos, grandes, grossos, diminuindo-se para diante, na direcção do mesorostro forma-se um entumescimento longitudinal, lado inferior com duas series de pontos grossos, nos pontos pelludos, mesorostro depresso, para diante cuneiforme, rasamente sulcado, prorostro com cantos cortantes, sulco mediano largo e raso, estendendo-se até a dilatação anterior, pontuação subtil, espalhada, lado inferior do mesorostro para diante com ca-

rina mediana rasa, lados estreitos com cantos cortantes. Antennas robustas, 2.º articulo transversal, 3.º coniforme, 4.º a 8.º iguaes de comprimento, de cantos e angulos, um pouco mais compridos que largos, 9.º a 10.º mais compridos que largos, cylindricos, 11.º tão comprido quanto o 9.º e 10.º juntos, todos os articulos ligeiramente separados, com esculptura fundo-fossulada, 9.º a 11.º com pêllos intermediarios densos. Prothorax sem esculptura. Appendices dos elytros por dentro erectos, atraz e para fora obliquamente cortados. Pernas normaes. Mestasterno e 1.º segmento abdominal estreitamente sulcados, 2.º não sulcado. Esculptura presente só lateralmente no abdomen em serie grossa de pontos, 3.º e 4.º segmentos no meio com serie de pontos fundos, 5.º na base lisa, para o bordo afundado, cavernoso, com pêllos. (fig. 29).

Comprimento (total): 26,0 mm. Largura (prothorax). 2,5 mm.

Ilhas Bahama. Havana. W. H. Hoffmann (Museu de Dahlem).

Typo no Museu Britannico.

O genero abrange mais especies, do que suppuz primeiramente. Esta especie nova distingue-se facilmente de *modesta*, pelo meta- e prorostro, eguaes em comprimento, além disto os appendices dos elytros têm forma muito differente. Em relação a *avora* existem as seguintes differenças: o metarostro não é cylindrico e redondo, tem, porém, cantos e, nos lados, pontos grossos e fundos. Antenas não coniformes, mas robustas, com cantos; appendices dos elytros curtos, 5.º segmento abdominal não elevado, mas com impressão em forma de cova.

Taphroderini.

Taphroderominus n. g.

♀. Cabeça e rostro claro-vermelho-pardos, antenas mais escuras, prothorax por cima da côr da cabeça, dos lados denegrido, elytros preto-pardos com desenho ornamental vermelho, pernas pardo-escuras, lado inferior do corpo claro-vermelho-pardo até denegrido, brilhante no corpo inteiro. Cabeça com pontos espalhados, estreita entre os olhos, longitudinal- e curtamente sulcada, lado inferior com fortes rugas transversaes. Rostro sem signaes particulares, esculpido como a cabeça, mandibulas pequenas. 1.º articulo das antenas claviforme, o 2.º muito curto, transversal, aperolado, o 3.º coniforme, 4.º a 8.º na base estreitos, para diante dilatados, canto anterior sinuado, 9.º e 10.º alongados, quadrados ou mais compridos que largos, 11.º obtuso-conico tão comprido quanto o 9.º e 10.º juntos, todos os articulos ligeiramente separados, com pellos compridos esparsos, 9.º a 11.º com pellos intermediarios exiguos. Prothorax com sulco raso, inteiro, com pontos espalhados, subtis. Elytros com pontuação grossa, funda, em series, 2.ª costella somente no terço posterior, humero um pouco puxado para diante, lateralmente no meio estreitado, para tras bem dilatado, os angulos exterior-posteriores dentados, dente bicuspide. Desenho ornamental: na costella quarta uma tira comprida, começando immediatamente atras da base e extendendo-se até a metade; atraz do meio nas costellas 3 e 5 uma lista curta, declive inteiramente vermelho, 9.º costella com lista apical comprida. Todos os femores normaes, tibias anteriores fortemente bispinosas, tarsos curtos, metatarso tão comprido quanto os dois seguintes articulos juntos, claviforme, 2.º e 3.º articulos de forma semelhante, articulo unguiculo tão comprido quanto os tarsos juntos. Tibias das pernas medianas delgadas, tarsos muito delgados, metatarso muito mais

comprido que os articulos seguintes juntos, no canto inferior espinhoso, 2.º e 3.º articulos coniformes, compressos, articulo unguiculo sómente tão comprido quanto o 2.º e 3.º articulos juntos, todos os tarsos na parte superior com pellos compridos, tibias posteriores e tarsos da mesma forma, um pouco mais robustas. Metasterno sulcado, entre as coxas posteriores com larga excavação elliptica. 1.º segmento abdominal nas cercarias do meio com carina comprida em forma de nariz, atraz desta com excrescencia de canto obtuso, atraz dilatada e rasamente fendida, 1.º e 2.º segmentos inteiramente ligados, sem sutura transversal, tambem nos lados, ambos os segmentos, para os lados, com declive ingreme; do bordo posterior do 2.º segmento excavado fundamente para cima, 3.º e 4.º iguaes em tamanho, 5.º ainda mais excavado para cima, com pontos muito grossos e espalhados.

♂. Cabeça com sulco mediano distincto, com rugas transversaes e pontos fortes; a esculptura enfraquecendo-se para o metarostro e perdendo-se no mesorostro, mandibulas muito fortes, na base obtusamente dentadas, pontas bispinhosas. Prothorax mais fundamente sulcado. Nos elytros o desenho ornamental dilatado no meio, os angulos postero-exteriores não dentados, 1.º segmento abdominal largo, conoidal, 2.º achatado, 3.º estreito, 4.º ainda mais estreito, do que o 3.º, especialmente nos lados, quasi linear, 5.º abobadado, sob esta abobada inteiramente excavado e na base unido com o tergito por uma quilha estreita, a parte contigua aos tergitos, no bordo posterior dos elytros, muito fortemente esculpida e occupada por pellos densos e villosos.

Este gigante entre os pygmeos é a cousa mais notavel que até agora vi na tribu inteira. Talvez se possa fundar sobre esta especie uma nova tribu. Mas, visto como todos os caracteres importantes estão em accordo com os Taphroderini, restringimo-nos a este novo genero (fig. 30).

Typo do genero: *T. disjectus* n. sp.

Caracter da especie igual ao do genero.

Comprimento (total): 18 a 21 mm. Largura (prothorax): 2,5 mm.

Hab.: Brazil: Est. de Espirito Santo, Guandú, 16 XI, 30 XI 1920.

Coll.: F. Hoffmann. Typos no Museu em Dahlem.

Taphhroderes doctus n. sp.

Cabeça vermelho - pardacenta, antenas pardo - escuras até vermelho-pardacentas, prothorax vermelho-parcento, mais ou menos escuro, elytros pretos, em cada elytro uma lista vermelha, que se estende até atraz do meio, uma macula postmediana larga, vermelha; declive pardo-avermelhado escuro, lado inferior do corpo e as pernas de cor pardo-avermelhado-escura. Cabeça fortemente, antenas subtilmente pontuadas, 2.º articulo transversal, aperolado, 3.º coniforme, quasi quadrado, 3.º a 9.º transversaes, para diante achatados, 9.º e 10.º um pouco augmentados, 9.º quadrado, 10.º mais largo que comprido, 11.º conico-obtuso. Prothorax muito subitl- e inteiramente sulcado; com pontos espalhados, alfinetados, porém fortes. Elytros fundamente pontuado-estriados, angulos posteriores arredondados, na sutura rasamente sinuados para dentro. Tibias aneriores com espinhos fortes, o canto para o metatarso densamente tomentoso, plantas dos tarsos tomentosas, pernas medianas normaes, pellos mais fracos, tibias posteriores esbeltas, metatarso forte. Prosterno sem sulco, na base distinctamente fendido, diante das pernas posteriores com duas covas fundas, bordo posterior de uma coxa a outra rasamente sinuada. Abdomen na base linguiforme, depresso, diante com impressão funda, o 3.º segmento estreito, sem pontuação no bordo da impressão, para o 2.º segmento e

nos lados com pontos grossos, grandes e densos, 2.º segmento achatado, para o 3.º com declive forte, em todos os lugares com pontos densos e grossos, os seguintes segmentos da mesma esculptura. (figs. 31, 32, 33).

Comprimento (total): 12,0 mm. Largura (prothorax): 1,75 mm.

Hab.: Brasil.

Esta bonita especie tem lugar perto de *oscillator Sharp.* e *foveatus* F., pelo metasterno não sulcado. Facilmente separavel de *foveatus* pelo desenho do elytro muito differente e pelo tamanho maior. E' notavel o 2.º segmento abdominal largo e a falta do sulco abdominal. Assim tambem a forma das tibias posteriores e tarsos.

Typo no Museu Britannico.

Nemocephalini.

Nemocephalus dolosus n. sp.

♂. Pardo-claro-avermelhado, bordo anterior do prorostro, collar, o prothorax no lado de cima, uma macula indistincta postmediana, anneis coxaes, femures e tibias na base e os joelhos de cor denegrida, brilhante no corpo inteiro. Cabeça separada do pescoço, não sulcada, em cima com pontos subtis, espalhados, entre os olhos aprofundada em forma de cava, lados e o lado inferior com pontos grossos e pellos. Cova gular comprida, estreita. Meta-, meso- e prorostro sulcados, no ultimo muito larga- e curtamente. Esculptura como na cabeça. 1.º articulo antenal muito comprido, quasi tão comprido quanto os 2.º e 3.º juntos, 2.º a 8.º coniformes, o 2.º mais curto do que todos os outros, do 3.º por diante diminuindo-se no comprimento, 9.º e 10.º augmentados, longo-ellipticos, 11.º quasi tão compri-

do quanto os 9.º e 10.º juntos, muito delgados, 1.º e 2.º quasi sem pellos, daqui em diante o revestimento fortemente augmentado, 9.º a 11.º com pellos intermediarios densos. Prothorax não ponctuado. Elytros com series de pontos fundos.

♀. Differe pelo prorostro filiforme e pelas antenas curtas.

Comprimento (total): 12 a 22 mm. Largura (prothorax): 3 mm.

S. Domingos, Laiou. 7 ♂♂, 2 ♀♀, no Museu Britannico.

Coll.: G. A. Ramage.

A esculptura do lado inferior do corpo é igual á de *brevicostatus* Kln. Apenas com esta especie existe aproximação patente. As differenças são as seguintes: A cor do corpo é pardo-clara-avermelhada, não castanho-escura, cabeça somente com pontos muito subtis, o rostro inteira é fortemente sulcado, todos os articulos antenaes são compridos, esbeltos, não quadrados ou conicos. Trata-se parece, de variante insular de *brevicostatus*.

Nemocephalus erectus n. sp.

♂. Piceo, todos os femures com annel largo, vermelho, todas coxas vermelhas na base, corpo opaco, excepto o abdomen um pouco brilhante. Cabeça cylindrica, abobada, não sulcada, não pontuada, lado inferior com alguns pontos espalhados, subtis. Metarostro redondo-cylindrico, estreitando-se para o mesorostro, entre os olhos com cova pequena, metarostro mesmo diante do mesorostro com sulco longitudinal, que é, aliás, sómente pouco perceptivel. Mesorostro dilatado, tracamente gibboso, linear e fundamente sulcado, prorostro, na base, muito estreito, anguloso, para baixo obliquamente dilatado, nesta parte com sulco media-

no forte, para diante dilatado, achatado, com pontos espalhados, distinctos, lado inferior sem esculptura, sob o mesorostro largamente carinado. 1.º articulo antenal comprido, 2.º e 3.º iguaes em comprimento, 4.º a 8,º tambem eguaes entre si e somente um pouco mais compridos que o 2,º resp. o 3.º; 9.º e 10.º cylindricos, 9.º mais comprido que o 10.º e mais comprido do que todos os outros com excepção do 11.º; 2.º a 8.º mais ou menos coniformes, 9.º e 10.º cylindricos, todos os articulos ligeiramente separados, consideravelmente cerdosos, 9.º a 11.º com pellos intermediarios densos. Prothorax sem esculptura. 2:ª costella nos elytros inteiros, pontos seriados subtis, mais fortes na base. Femures anteriores e medianos com pedunculo estreito e clava forte, canto inferior destes femures com espinhos pectinados, tibias de todas as pernas estreitas, esbeltas, canto interior, na metade anterior, pectinado - cerdoso, tarsos normaes. Metasterno na base depresso, abdomen não sulcado, esculptura em todas as partes muito exigua (fig. 34).

Comprimento (total): 19,0 mm. Largura (prothorax): 2,5 mm.

Equador: Macas, Coll.: Buckley. Typo no Museu Britannico.

Trata-se de forma especial, distincta por falta da esculptura inteira na cabeça e no rostro e assim proxima de *famulus Boh.* Não vi até agora em nenhuma especie preta anneis femuraes vermelhos e coxas da mesma côr. Finalmente merece nota o facto de que os femures posteriores são muito largos como em *fasciatus* Kln. E' tambem notavel, que o habitat seja o Equador. Somente de lá vi todos os ***brenthideos*** com femures pretos e fitas vermelhas entre os procedentes da America do Sul.

Nemocephalinus gen n.

♂. Affim do genero *Nemocephalus*. Cabeça, rostro e antenas como nas especies deste grupo. Prothorax elliptico-oval, abobadado, não sulcado. Elytros iguaes aos do Nemocephalus. Femures consideravelmente claviformes, pedunculo muito fino, tibias estreitas, delgadas, rectas, todos os metatarsos não mais compridos que o 2.º articulo. Metasterno estreitamente rachado sómente na base, abdomen abobadado, não sulcado.

Typo generico: *N. dubitabilis* n. sp.

O novo genero é diverso de todos os generos dos *Nemocephalini* pela forma do prothorax. Si todos os outros caracteres não indicassem o parentesco com a tribu, dando-lhe a sua posição systematica, poder-se-ia duvidar do seu lugar entre os *Nemocephalini*. Entretanto não resta duvida, de modo que o *Nemocephalinus* representa o primeiro genero com prothorax não sulcado. Além disto separa-o de *Nemocephalus* a forma das pernas. Os femures fortemente claviformes, tem pedunculos extraordinariamente fracos, as tibias erectas e muito esbeltas, o metatarso do comprimento do 2.º articulo, o que até agora observei apenas em *Nemocephalus*. Finalmente chamo a attenção para o abdomen não sulcado. Justifica-se, pois, o confronto com *Nemocephalus*, sendo facil a separação de ambos os generos.

Nemocephalinus dubitabilis n. sp.

Pardo - violaceo - escuro, opaco; 3.ª costella nos elytros amarello-suja, postmedianamente interrompida por uma mancha preta, desapparecendo a linha clara no declive. Cabeça abruptamente separada do pescoço, em cima não sulcada, não pontuada, entre os olhos com cova funda em forma de ponto, lados fracamente pon-

tuados e pelludos. Metarostro na base um pouco redondo, para diante mais estreito, com cantos mais distinctos, sulco mediano fraco, faltando na parte basal, para diante mais largo e fundo, esculptura bem obsoleta, metarostro estreitamente sulcado, prorostro somente na base com racha curta, pontuação distincta, alfinetada, lado inferior em todas as partes com pontos fundos, densos, mas não grandes e sómente até o prorostro villoso. 2.º a 8.º articulos antenaes quasi eguaes em comprimento, 2.º mais curto, todos os articulos na base nodosos, 9.º a 11.º cylindricos, 9.º consideravelmente mais comprido que o 10.º, 11.º apenas tão comprido quanto o 9.º e 10.º juntos, desenvolvimento de pellos forte, 9.º a 11.º com pellos intermediarios muito densos. Prothorax sem esculptura, alguns pontos grossos sómente atraz das coxas anteriores. Sutura larga, 2.ª costella estreita e fortemente afundada; faltam todas as outras, sómente a 3.ª na base ainda um pouco visivel, sem pontuação do sulco. Todas as tibias no canto interior com pellos compridos. Metasterno e abdomen bem fortemente brilhantes, sem esculptura. 3.º a 5.º segmentos abdominaes fortemente pontuados.

Comprimento (total): 15,5 mm. Largura (prothorax): c. de 2,2 mm.

Hab.: Guyana (Cayenna); Brasil: Rio de Janeiro (Fry). Typo no Museu Britannico.

Nemocoryna extranea n. sp.

♀. Violaceo-parda, 1.ª e 2.ª costellas dos elytros denegridas, como tambem uma macula postmediana indistincta, pernas, metasterno e abdomen brilhantes, o resto opaco. Cabeça moderadamente conica, sómente entre os olhos com impressão modica, no restante não sulcada, pontos espalhados, lado inferior com 2 series de pontos grossos, pelludos. Metarostro sulcado, sulco diante do mesorostro muito fundo, esculptura co-

mo na cabeça, lados e face inferior, como a cabeça, pelludos, com pontos fundos e grossos, mesorostro fundamente pontuado, prorostro cylindrico. As antenas correspondem á diagnose generica. Prothorax normal, 2.a costella dos elytros na base abreviada, series de pontos alfinetados, finissimas. Pernas normaes. Metasterno na base com impressão em forma de cova, abdomen não sulcado, ponctuação subtil e espalhada.

Comprimento (total): 17 mm. Largura (prothorax): 2,2 mm.

Brasil: Rio de Janeiro. Coll.: Fry. Typo no Museu Britannico.

O Prof. Arrow comparando a nova especie com os typos de Sharp, reconheceu-a como não identica a elles. Existe menos semelhança com *Godmani* do que com sericata, da qual se distingue pelos elytros opacos e pela cor preta das costellas 1 e 2 e pela macula nos elytros. As especies de Sharp. são da America Central, extranea é a primeira especie do Brasil.

Nemobrenthus expletus n. sp.

♂. Vermelho-castanho. Elytros excepto o declive, verdetes até azul-metallicos, no corpo inteiro, tambem nos elytros, muito brilhantes. Cabeça rectangular, no bordo posterior crenada, não sulcada, com pontos espalhados, alfinetados, como tambem os lados e o lado inferior, olhos adeantados, muito proeminentes, grandes. Metarostro anguloso, parallelo, adiante do mesorostro curto e estreitamente sulcado, esculptura como na cabeça. lados com pontos grossos, espalhados, mesorostro plano, metade posterior estreita, anterior largamente sulcada, prorostro na base rasamente sulcado. pontuação subtil, lado inferior com carina larga sob o mesorostro. Antenas curtas, 1.o articulo anguloso, cyathiforme, 2.o a 8.o transversaes, canto anterior recto, posterior redondo, 9.o a 10.o quasi quadrados, ou um pouco

mais compridos do que largos, 11.º conico, todos os articulos ligeiramente separados, com esculptura fundo-foveolada, do 9.º para diante densamente pelludos. Prothorax subtilmente pontuado. 2.ª costella dos elytros junto á sutura na parte basal curta, pontuação dos sulcos apenas visivel, no bordo lateral, a 10.ª costella existente apenas sómente a metade basal. Pernas normaes. Abdomen largo-sulcado, não pontuado. ♀ differe pelo prorostro filiforme e pelo abdomen não sulcado.

Comprimento (total): ♂ ♀, 15 a 17 mm. Largura (prothorax): 2 a 2,25 mm.

Brasil: Jatahy, Estado de Goyaz, Dezembro 1897; Janeiro 1898, Pará.

Da collecção Fry. Typos no Museu Britannico.

Não cabe comparação com *sublaevis Boh.*, mas sómente com *aeneipennis Sharp.*, de que vi um exemplar, comparado com o typo. *N. expletus* é em geral mais robusto, não tem côr metallica, porém claro-castanha. Sómente os elytros têm brilho muito forte, magnificamente irisando do verde ao azul. Em verdade, o colorido é bastante carregado, podendo, porém, causar duvidas, logo que se enfraqueçam os seus contrastes. Por isto é mistér procurar uma differença habitual, que se encontra, como parece, na formação das costellas dos elytros. *Aeneippennis* tem junto á sutura, ainda uma costella inteira, ao contrario de *expletus*, onde ella existe apenas na base, sem alcançar o bordo anterior.

Thaumastopsis exitialis n. sp.

♂. Piceo, prothorax no sulco vermelho, sutura e 2.ª costella vermelho-pardacentas pro- e metarostro em parte indistinctamente avermelhados, abdomen vermelho, femures em parte pardo-avermelhados, o corpo inteiramente brilhante. Cabeça cylindrica, parallela, na base rasa- e transversalmente rugosa, lados mais fundos e lado inferior funda- e transversalmente rugosos, pon-

tuação no lado superior fina, lateralmente e na face inferior com pontos mais fortes. Rostro coniforme, sem sulco, esculptura no lado superior e inferior como na cabeça; do bordo posterior da cabeça ao mesorostro com sulco inteiro mediano, fundo e aciculado; mesorostro um pouco gibboso, prorostro na base sulcado. Antenas esbeltas, 2.º a 8.º articulos mais ou menos coniformes, os anteriores largos e mais em forma de tonnel, 9.º a 10.º consideravelmente mais compridos, cylindricos, 11.º tão comprido quanto o 9.º e 10.º juntos. Do 8.º para diante com pellos intermediarios. Prothorax largamente aplanado, sulco estreito, aciculado, de dois lados rasamente saliente acuteiforme. Elytros sem desenho ornamental, além da sutura existindo somente uma costella estreita, as costellas seguintes apenas representadas por series de pontos. Femures fracamente claviformes, pedunculo com carina mediana elevada. Metasterno e 1.º e 2.º segmentos abdominaes não sulcados e sem esculptura, 3,º a 5.º segmentos densamente alfinetados e com pontos fundos.

Comprimento (total): 19,0 mm. Largura (prothorax): 3,0 mm.

Brasil: Rio Grande.

Typo no Museu Britannico.

Facilmente separavel da unica especie conhecida de *gemmarius Kln.* As antenas são robustas, nenhum desenho ornamental nos elytros, sómente com 2 costellas desenvolvidas. *Gemmarius* é multicolor e opaco, o prothorax abobadado e fortemente sulcado.

Acratus fallax n. sp.

♂. Muito delgado, especie grande, preta, desenho ornamental alaranjado, lado inferior do corpo vermelho-pardo, brilho moderadamente forte. Cabeça comprida, cylindrcia, na direcção dos olhos apenas alargada, não sulcada, bordo posterior recto, no pescoço com

alguns sulcos transversaes rasos. Prorostro arredondado, cylindrico, para o mesorostro pouco mais estreito, não sulcado, mesorostro estreito, fundamente sulcado, prorostro forte- e largamente sulcado até no quarto anterior, anguloso, somente pontuado rasamente no bordo anterior, além disso, falta de toda a esculptura. Antenas esbeltas, 2.º e 3.º articulos iguaes no comprimento, coniformes, do 4.º ao 8.º quasi iguaes no comprimento, coniformes, os anteriores cylindricos, 9.º e 10.º pouco differenciados, 11.º quasi tão comprido quanto 9.º e 10.º juntos. Prothorax esbelto, no brodo posteriõr curta- e severamente estreitado, com sulco inteiro, sem pontuação. Elytros para o declive paulatinamente estreitados, bordo posterior recto, todas as costellas largas e chatas, 1.º a 4.º distinctas, as seguintes conheciveis sómente pelos pontos nos sulcos. 1.º a 3.º sulcos inteiros, não pontuados, os seguintes pontuados. Veja-se o desenho ornamental na fig. 35. Pernas delgadas, femures claviformes, espinhosos, tibias compridas, rectas, lado interior com setas em forma de pente, todos os metatarsos quasi tão compridos quanto o 2.º e 3.º articulos juntos (fig. 35).

Comprimento (total): 25 mm. Largura (prothorax): 2,5 mm.

America do Sul. Da collecção Sharp. Typo no Museu Britannico.

A classificação desta curiosa especie encontra grandes difficuldades. Sem exame rigoroso pode ser confundida com *Brenthus*, p. e. *B. rufiventris*. Conforme a cabeça e as pernas, porém, ella pertence aos Nemocephalini. Trata-se de uma forma de transição de dois tribus bem aparentadas. As pernas não correspondem ás de *Acratus* mas sim ás de *Ithystenini*. Parece, porém, melhor por emquanto, deixar a especie nova junto a *Acratus*. O desenho ornamental e a formação das costellas são proximas ás de *Brenthus*. Com o tempo crear-se-á talvez, um genero novo.

Acratus expressus n. sp.

♂. Muito aparentado de *interruptolineatus Gyll*, do qual differe pelos caracteres seguintes: Habito geral mais delgado. Cabeça em direcção dos olhos cuneiformemente estreitada, não parallela, metarostro com duas vezes o comprimento da cabeça, com sulco forte, estreito, prorostro na base somente impresso, não sulcado, esculptura e revestimento como em *interruptolineatus*. Antenas esbeltas, 2.º a 8.º articulos coniformes, na ponta nodosos, do 3.º ao 8.º pouco a pouco diminuindo em comprimento, o 2.º tão comprido quanto o 8.º; o 9.º e 10.º cada qual tão comprido ou um pouco mais do que o 3.º cylindricos, o 11.º apenas tão comprido quanto o nono e decimo juntos; 1.º a 8.º articulos com pellos compridos, villosos, 9.º a 11.º somente com intermediarios densos. Prothorax normal. Elytros delgados, no bordo posterior fortemente espinhosos. 3.ª costella elevada, as seguintes mais ou menos distinctas. Pernas muito delgadas. ♀ não vi.

Comprimento (total): 16 a 26 mm. Largura (prothorax): 1,5 a 2,0 mm.

Brazil, Rio de Janeiro. Da collecção de Fry.

4 ♂♂ no Museu Britannico.

A. expressus differe da especie de Gyllenhal, que lhe é bem semelhante, pelo metarostro mais comprido, pelas antenas inteiramente diversas e pelos elytros espinhosos no bordo posterior; os elytros não são lateralmente lisos como em *interruptolineatus*, têm porém costellas bem distinctas. No restante concorda inteiramente com aquella especie.

Acratus exquisitus n. sp.

♂. Vermelho-pardacento, prothorax pretamente riscado junto ao sulco mediano. Sutura e 1.ª costella escurecidas, 2.ª e 4.ª costellas amarellas, com uma macula

postmediana preta, lado superior do corpo opaco, lado inferior e pernas com brilho. Cabeça cylindrica, sem esculptura, lados transversalmente sulcados. Lado inferior da cova gular, com pontos fundos, espalhados, parcialmente seriados. Metarostro cerca de vez e meia o comprimento da cabeça, redondo-cylindrico, não sulcado; mesorostro gibboso com sulco mediano estreito: prorostro muito curto, na base, fundamente sulcado em forma curto-triangular; lado inferior do metarostro até a metade com duas series de pontos fundos, em seguida largamente quilhado. Antenas esbeltas, 2.º a 9.º articulos no ponto nodosos, os seguintes cylindricos, da forma ordinaria, do 3.º ao 8.º diminuindo em comprimento, com pellos compridos, 9.º a 11.º densamente cabelludos. Prothorax, atraz das coxas anteriores, pontuado, no restante, sem esculptura. Elytros fortemente espinhosos, costellas rasas, mas mais ou menos distinctas, 1.º e 2.º sulcos distinctos, não pontuados, os seguintes pontuado-estriados. Pernas normaes. Metasterno e abdomen apagadamente sulcados.

Comprimento (total): 20 a 21 mm. Largura (prothorax): 2 a 2,25 mm.

Brasil: Amazonas (Bates), Pará.

Typo no Museu Britannico. ♀ não a vi.

Esta especie é aparentada com *propinquus Senna*, mas distinguindo-se facilmente pelos elytros fortemente espinhosos.

Acratus disjunctus n. sp.

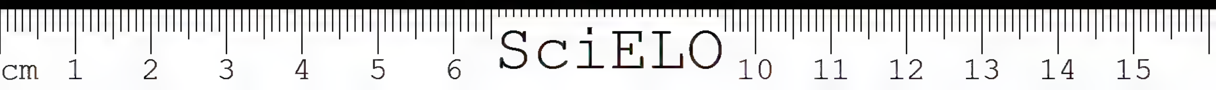
♀. Pardo-escura, fracamente metallica, adiposa. Cabeça separada do pescoço, rasamente sulcada, no vertice quasi não sulcada, fortemente pontuada, nos pontos com pellos curtos, lados e lado inferior com menos pontos e pellos, olhos avançados, consideravelmente proeminentes. Metarostro com cantos; começando entre os olhos um sulco raso e largo, que se alarga, formando

no meio uma quilha larga, rasa, com sulco estreito, junto de cada lado um sulco fundo, sinuado, que alcança o mesorostro; metarostro, diante do mesorostro, muito fortemente estreitado, esculptura como na cabeça. Mesorostro estreitamente nascendo do metarostro, fortemente redondo-dilatado, estreito até a metade, depois largamente sulcado, esculptura como na cabeça. Prorostro na base com cantos, estreito, nesta parte sulcado, depois arredondado, densamente pontuado e pelludo. Todos os articulos das antenas coniformes, com dilatação nodosa á frente. 9.º e 10.º somente pouco augmentados, 11.º curto, conico; esculptura e desenvolvimento dos pellos fraca. Prothorax na base fundamente sulcado, o sulco na direcção do pescoço menos fundo, desapparecendo em seguida inteiramente, em todas as partes com forte pontuação e desenvolvimento dos pellos. Segunda costella dos elytros consideravelmente pronunciada, as seguintes costellas ainda na base visiveis, pelos sulcos fundamente pontuados; no restante as costellas são visiveis por uma serie de pontos fracos, os sulcos por uma serie de pontos fundos. Os pellos, especialmente no declive, densos e hirsutos, no restante esparsos. Todos os femures com pedunculo forte e clava bem forte; tibias rectas, na metade do lado inferior um pouco entumescidas, tarsos coniformes, nodosos na parte de diante, articulo unguiculo claviforme, sómente com esculptura e pellos na clava. Metasterno sulcado, abdomen não sulcado forte pontuação e desenvolvimento dos pellos, 3.º a 5.º segmentos com pontos subtis e sem pellos.

♂. Prorostro na base largamente sulcado, coneiforme, para o bordo anterior paulatinamente dilatado, femures posteriores na base largos, compressos, 1.º segmento abdominal achatado, 2.º abobadado, no resto como na ♀. (fig. 36 e 37).

Hab.: Rio de Janeiro. Typo no Museu Britannico.

Comprimento (total): 17,0 mm. Largura (prothorax): 2,0 mm.



Hab.: Brazil, Estado de Espirito Santo, Guandú, 2-XI-1920.

Collecc.: Hoffmann. Typo no Museu de Dahlem.

Facilmente separavel de todas as outras especies, pela forte pontuação geral e pelos pellos fortes geraes, pelo metarostro estreitado e pelos femures com cantos fortes.

Acratus durabilis n. sp.

♂. Vermelho-pardacento opaco; escurecida sómente na sutura da parte basal. Cabeça na direcção do pescoço estreitada, arredondada, abodadada, lado superior plano, com pontos grossos, nos pontos com pellos deitados, entre os olhos uma cova funda, lados atras dos olhos com pontos espalhados, no resto sem pontos, lado inferior sómente na base com pontos esparsos, para diante com pontos densos, grossos e grandes. Metarosrto quasi parallelo, com cantos obtusos, esculpturado como a cabeça, não sulcado, lateralmente e no lado inferior com pontos esparsos, muito grossos, nos pontos com pellos, mesorostro achatado com sulco mediano fundo, estreito, pontuação forte, prorostro da metade do metarostro, arredondado, abobadado, não sulcado, com pontos muito esparsos, um pouco brilhante, para o bordo anterior fracamente dilatado. 1.º articulo antenal massiço, 2.º a 8.º coniformes, quasi do mesmo comprimento, 9.º e 10.º cylindricos, do mesmo comprimento, 11.º quasi tão comprido quanto o 1.º e 10.º juntos, esbelto, no resto normal. Prothorax delgado, com sulco fundo, inteiro, falta a esculptura. 2.ª costella nos elytros um pouco afundada, tão larga quanto a sutura. 3.ª na base indistincta, para traz progressivamente mais convexa, 4.ª na metade sobre a 3.ª elevada, 5.ª afundada, 6.ª e 7.ª como a 4.ª em todas as partes com uma esculptura cancellada rasa, progressiva no declive. O declive na metade cenado. Femures na base achatados, clava fraca, tibias rectas, metatarso tão

comprido quanto o 1.º e 2.º articulos juntos. Metasterno e abdomen não sulcados, sutura transversal, entre o 1.º e 2.º segmentos funda e completa, pontuação no metasterno modica, no abdomen funda, grossa e densa (fig. 38).

Comprimento (total): 15,0 mm. Largura (prothorax): 1,75 mm.

Brasil: Santarém. Typo no Museu Britannico.

Posso collocar esta especie somente no genero Acratus, ondde se enquadra melhor. Não vi em nenhuma outra especie deste genero tão singular formação das costellas nos elytros como aqui. As costellas não sómente elevams-e consideravelmente, mas têm tambem as elevações em lugares muito differentes. Todas as cosetllas são, até um certo grão, desenvolvidas e os sulcos distinctamente cancellados. Por isso differe esta especie das outras do genero Acratus, das quaes se separa facilmente.

Acratus fidelis n. sp.

♂. Bem aparentado com *expectatus Kln.* e differente pelos seguintes caracteres: Elytros com a 2.ª costella completa, bordo posterior alongado em forma de espinho. 1.º e 2.º segmentos abdominaes com sulco completo, da mesma largura.

♀. Elytros tambem espinhosos no bordo posterior, abdomen sem sulco, abobadado.

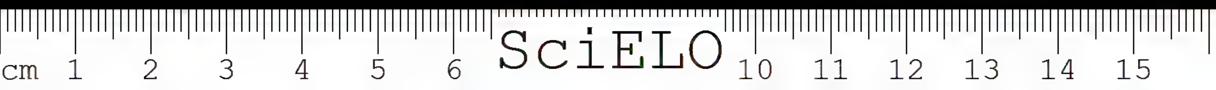
Comprimento (total): ♂ ♀, 18 a 21 mm. Largura prothorax): 2,0 mm.

Brasil: Rio de Janeiro, Colleccionador: Fry.

4 ♂♂, 1 ♀, no Museu Britannico.

Acratus exspectatus n. sp.

♂. Escuro, violaceo-pardacento, elytros fracamente verde-metallicos, tambem sem brilho metallico; opaco, excepto as pernas, que são um pouco brilhantes. Cabeça



cylindrica, na direcção dos olhos fracamente alargada, sem esculptura, lados e lado inferior com pontos esparsos, grossos, formando em baixo series, nos pontos, ás vezes, pelludos. Metarostro cylindrico, para o mesorostro um tanto anguloso, aqui subtilmente sulcado, lateralmente e em baixo com pontos fortes espalhados, mesorostro rasa e estreitamente sulcado, prorostro fortemente sulcado somente na base. 2.º articulo antenal curto, 3.º um pouco mais comprido, 4.º ainda mais comprido, do 4.º ao 8.º somente pouco reduzidos em comprimento, 9.º e 10.º consideravelmente alongados e ,entre si, do mesmo tamanho, articulos basaes coniformes mas não nodosos, para diante mais cylindricos, o 8.º já exactamente cylindrico, pellos em todos os articulos normaes. Prothorax sem esculptura. Elytros parallelos, no declive um pouco apertados, bordo posterior obtusangolo, não arredondado, junto á sutura ainda uma 2.ª costella estreita, que falta na base, no declive a 3.ª fortemente pronunciada, tambem a 9.ª, no restante faltam ás outras costellas, as series de pontos moderadamente fortes. Pedunculos dos femures na base um pouco imprimidos, todas as tibias no lado interior, cerda-pectinadas. 1.º e 2.º articulos tarsaes do mesmo comprimento. Metasterno na base com impressão em forma de cova, 1.º segmento abdominal sulcado-triangular, sulco para o 2.º segmento alargado, 2.º na base sulcado de cantos cortantes, no resto não sulcado, fortemente pontuado sómente no 5.º segmento abdominal, sem outra esculptura. (fig. 39),

Comprimento (total): 14 a 17 mm. Largura (prothorax): 1,75 a 2,0 mm.

Brasil: Rio de Janeiro. Coll. Fry.

Typo no Museu Britannico.

Espectatus deve ser collocado na vizinhança de *ruber F.* e *tarsatus Gyll.* Separa-o facilmente de *ruber* o colorido e *tarsatus* tem mais semelhança com *Protera-*

mocerus laevis Germ., pelo menos na distribuição da côr. Expectatus é inteiramente unicolor e percebe-se-lhe o brilhho metallico mais ou menos distincto dos elytros tambem em individuos fracamente coloridos no humero. De forma muito exquisita é o sulco abdominal. No 1.º segmento o sulco é estreito na base, dilatando-se cuneiforme para o 2.º segmento sem bordos cortantes; entre o 1.º e o 2.º segmentos acha-se um afundamento transversal, de maneira que o 2.º semento está situado mais alto do que o 1.º diante do 2.º. Mais ou menos no terço basal do 2.º segmento está um sulco estreito de cantos cortantes, que abruptamente termina e rapidamente desapparece. Não vi esta forma particular do sulco abdominal em nenhuma outra especie o que já lhe assegura sósinho o caracter especifico.

Acratus extrarius n. sp.

♂. Unicolor preto, cabeça, rostro e prothorax mediocremente brilhantes, e restante com brilho forte, especialmente no lado inferior e nas pernas. Cabeça cylindrica, não sulcada, sem pontos; lateralmente, no pescomuito mais comprido que a cabeça, redondo-cylindrico, na ço, com diversos sulcos grossos, transversaes. Metarostro metade anterior subtil- mais ou menos indistinctamente sulcado, mesorostro fundamente sulcado, especialmente na metade anterior, prorostro para diante fortemente dilatada, no meio basal com sulco fundo, falta a esculptura em todos os lados do rostro. 3.º a 8.º articulo antenaes quasi do mesmo comprimento, os dianteiros apenas um pouco mais curtos, fortes, coniformes, os dianteiros mais cylindricos, 9.º e 10.º alongados, cylindricos, 11.º comprido, pellos normaes. Prothorax sem pontos. Elytros ainda com uma 2.ª costella bem estreita, apagada na base, no resto espelhante, bordo posterior arredondado. Pernas normaes, esbeltas, metatarso somente nas pernas posteriores mais comprido do que o 2.º ar-

ticulo Metasterno sómente na base com impressão em forma de cova, abdomen não sulcado, sem esculptura. Prorostro filiforme, antenas robustas.

Comprimento (total): ♂ ♀ 19 a 26 mm. Largura (prothorax): 2,5 a 3,0 mm.

Brasil: Amazonas, Ega, Cayenna, Perú, Chanchamayo.

Colleccionado por Bates e Ihamm. Typos no Museu Britannico.

Extrarius pertence ao parentesco de *apicalis* e *extraordinarius*. Differe de ambas as especies pelo sulco na cabeça; de *apicalis* além disto pelos elytros brilhantes, de *extraordinarius* além dos sulcos na cabeça, pelos elytros não agudos, porém arredondados.

Acratus extraordinarius n. sp.

♂ Aparentado com *A. apicalis Sharp.*, determina-se seguramente pelos caracteristicos seguintes: Antenas não esbeltas, mas robustas, o 3.º articulo é muito mais comprido do que os restantes, com excepção do 11.º; o 9.º e 10.º não compridos e cylindricos, porém robustos em forma de tonnel. Elytros não opacos, mas fortemente brilhantes, no bordo posterior um pouco obtusamente espinhentos, não arredondados. Metatarso de todas as pernas curto, não conico alongado. (fig. 40-41).

Comprimento (total): 17 mm. Largura (prothorax): cerca de 1,75 mm.

Brasil, Ega, Amazonas. Typo no Museu Britannico.

As differenças entre ambas as especies foram determinadas com um co-typo de Sharp.

Acratus errabundus n. sp.

♂. Preto, mais ou menos brilhante, semelhante á figura, ao *laerigatus*. Cabeça transversalmente sulcada, sobretudo no lado superior. Prorostro indistinctamente bi-

sulcado, plano, com cantos, lado inferior larga- e rasamente quilhado, mesorostro larga- e rasamente sulcado, prorostro para diante dilatado cuneiforme, sulcado, cantos lateraes cortantes e estreitos, achatando-se directamente no bordo anterior. 1.º articulo antenal grande, o 2.º tem a metade do 1.º, na ponta nodoso, o 3.º duas vezes o comprimento do 2.º, 4.º e 5.º consideravelmente mais curtos, 2.º a 5.º articulos claviformes, nodosos; 6.º a 9.º quasi iguaes em comprimento, para fóra nodosos, 9.º elliptico, 10.º delgado, 11.º apenas tão comprido quanto o 9.º e 10.º juntos. Prothorax no pescoço com rugas fundas transversaes, sem pontuação. Elytros no declive com appendices curtos, 2.ª costella na base somente pela serie de pontos visivel, as outras series de pontos muito subtis, Petiolos dos femures exteriormente sulcados, tibias posteriores comprimidas, metatarso das pernas posteriores cuneiforme, não achatado, assim tambem o 2.º articulo. Metasterno sómente na base impresso, abdomen não sulcado, sómente os 3.º a 5.º segmentos com pontuação densa (fig. 42).

Comprimento (total): 37 mm. Largura (prothorax): 3,0 mm.

Brasil: Pará. Typo no Museu Britannico.

Esta nova especie distingue-se facilmente de *laevigatus* pela forma bem singular das antenas, a qual é unica no genero. Além disto os elytros no declive têm appendices curtos, sendo os tarsos posteriores da forma bem differente. Não é facil confundir-se esta especie com outra.

Brenthini.

Brenthus efferatus n. sp.

♂ Preto, sulco do prothorax pardo-escuro, desenho ornamental da cor de enxofre, fortemente brilhante. Cabeça no bordo posterior com crena meio-elliptica, nos

angulos exteriores aguçando-se sobre o pescoço, pontos espalhados, fundos, subtis. Metarostro não sulcado, pontuação como a da cabeça. Mesorostro funda- e estreitamente sulcado, prorostro com sulco raso até a dilatação. 2.º articulo antenal quadrado, 3.º conico, mais comprido que largo, 4.º a 10.º augmentando pouco a pouco na largura, os articulos basaes ainda um pouco redondos, os dianteiros com cantos, pellos progressivos do 3.º articulo, do 6.º para diante com esculptura grossa e pellos intermediarios densos, 7.º a 11.º uniforme- e densamente esculpturados e pelludos. Prothorax sulcado, com pontos subtis, esparsos. Elytros na base obliquamente, no declive juntamente arredondados, sem appendices, fortemente cancellado-sulcados. Situação do desenho ornamental: 3.ª costella, uma risca curta mediana, uma comprida apical; 4.ª com curta risca basal, alcançando a risca apical da costella 3; risca apical curta na costella 9. Femures espinhentos, tibias na metade do lado interno um pouco entumescidas. Prosterno não sulcado, metasterno e abdomen sulcados. A ♀ distingue-se na maneira usual. (fig, 43).

Comprimento (total): 10,0 a 15,0 mm. Largura (prothorax): 1,5 a 2,0 mm.

Ilhas Marquesas, Ilha Nuka Hiva. 6 ♂♂, 4 ♀♀ no Museu Britannico.

Trata-se de uma especie pequena, preta, do habito de *armiger Sharp*. Duvidei do local do achado de modo que devolvi o material á Londres. Mas segundo communicação epistolar do sr. Prof. Arrow, o colleccionador está ainda vivo e até participou o nome da planta sobre a qual vive o insecto: *Hibiscus tiliaceus*. Com isto temos a prova interessante de que os *Brenthideos* avançaram até as ilhas Marquesas e a fauna neotropica estendeu-se até lá. A influencia de elementos occidentaes já constatei até Tahiti, aonde emigraram p. e. os *Amorphocephalini*, que faltam no territorio neotropico inteiro. Falta qualquer indicio da semelhança com a fauna ame-

ricana. Parece que existiu sempre solução de continuidade entre pontos este-oeste: Ilhas da Sociedade — Ilhas Marquesas. E effectivamente não se encontram *Brenthideos* em territorios bem explorados, como p. e. nas Ilhas Hawaienses.

Brenthus finitimus n. sp.

♂. Especie maior, esbelto, preto, unicolor, manchas ornamentaes amarello-alaranjadas, fortemente brilhante em todo o corpo. Cabeça conica, no bordo posteriõr terminando em dois conos, na frente com sulco indistincto, curto, estreito, com pontos indistinctos, esparsos. Metarostro achatado, sulco mediano raso, diante do metarostro trisulcado, pontos esparsos, fortes, mesorostro estreita- e fundamente sulcado, com pontos espalhados, sulco mediano do prorostro na parte basal fundo, para diante indistincto, pontuação subtil. Antenas normaes, para a ponta claviformes. Prothorax delgado, com sulco fundo que falta ou é obsoleto no quarto anterior, prosterno não sulcado, pontuação subtil. Elytros no bordo posterior recto-troncados, costellas normaes, pontuação dos sulcos forte, sulco sutural sómente pontuado na base, desenho orsnamental veja-se fig. 44. Pernas delgadas, tibias anteriores, formadas como no typo *difficilis*. Metasterno na parte basal estreitamente sulcado, com pontos subtis, nos lados grossos, assim nos 1.º e 2.º segmentos abdominaes, 2.º segmento no bordo posterior e os seguintes com pontuação forte.

Comprimento (total): 19 a 25 mm. Largura (prothorax): 2 a 3 mm.

British Guyana, Demerara. Da collecção Sharp.

Typo no Museu Britannico.

Existe a maior semelhança com *cylindricus F.*, distingue-se, porém, facilmente, pela falta da estria posthumeral nos elytros e pelo colorido bem differente.

Brenthus extrinsecus n. sp.

♂ Aparentado com *lineicollis*, especie pequena, elegante. Vermelho-pardacento, com desenho ornamental mais claro, brilhante no corpo inteiro. Cabeça quasi parallela, bordo posterior recto, pontuação apenas visivel. Metarostro mais comprido que o prorostro, esculptura como a da cabeça, mesorostro somente na metade anterior com sulco fundo e largo, prorostro fortemente sulcado nos dois terços basaes, em todas as partes muito fracamente pontuado, mandibulas encerrando um pequeno lugar livre. 2.º articulo antenal transversal, os seguintes um pouco mais compridos que largos, fracamente coniformes, 9.º e 10.º pouco augmentados, do 4.º para diante com pellos mais densos. Prothorax igual ao de *lineicollis*. Todas as costellas nos elytros são pontuado-estriadas, bordo posterior arredondado, desenho ornamental veja-se fig. 45. Femures não espinhosos, nos joelhos com sulco fundo, de resto as pernas iguaes ás do *lineicollis*. Metasterno e abdomen sulcados, pontuação apenas visivel.

♀ distingue-se em forma regular.

Comprimento (total): 9 mm. Largura (prothorax): cerca de 1,5 mm.

Hab.: Cuba, Ilhas Bahamas. Typo no Museu Britannico.

Esta especie nova separa-se do caracter generico pela cabeça, com cantos bem pronunciados, no pescoço não estreitada.

Pode ser comparada sómente á *lineicollis*, do qual differe pela sulco-pontuação geral e pelo desenho ornamental; faltam tambem as costellas cortantes. O typo de *lineicollis*, a saber, especies com prothorax não sulcado e corpo robusto, não é ainda conhecido nas Antilhas. A serie das formas robustas não está restricta, somente á America do Sul.

Brenthus exoptatus n. sp.

♂ Preto, desenho ornamental vermelho-amarellado com brilho no corpo inteiro. Cabeça no bordo posterior em cima crenada, de maneira que se formem duas dilatações conicas; vertice indistinctamente sulcado, sem esculptura. Metarostro com sulco mediano raso, interrompido, mais fundo na cabeça e no mesorostro; sulco lateral no mesorostro fundo e comprido, mesorostro no meio anterior sulcado, prorostro na base fundamente sulcado, para o bordo anterior mais raso, sem esculptura. Todos os articulos antenaes um pouco mais compridos que largos, do 4.º para diante com esculptura densa e para a frente com pellos crescentes cada vez mais. Prothorax até perto do pescoço fundamente sulcado, não esculpturado, prosterno fundamente sulcado, junto ao sulco com estrias estreitas fundas transversaes, diante do sulco longitudinal com diversas series transversaes de pontos grossos esparsos. Elytros na base obliquos; 2.ª costella muito estreita, 3.ª a 5.ª em diversos pontos dilatados, as seguintes mais estreitas; os sulcos por cima pontuado-estreiados, funda- e severamente cancellados aos lados, desenho ornamental veja-se fig. 46. Pernas normaes. Metasterno, 1.º e 2.º segmentos abdominaes funda- e estreitamente sulcados, pontuação funda somente nos lados.

Comprimento (total): 22 mm. Largura (prothorax): 2,0 mm.

Bogotá. Da collecção Bowring. Typo no Museu Britannico.

A especie mais proxima é *cylindricus F.*, da qual *exoptatus* distingue-se facilmente pelo prosterno fortemente esculpturado e pelo desenho ornamental muito differente. Não se compara a qualquer outra especie.

Brenthus firmus n. sp.

♂ Especie maior, preta, desenho ornamental alaranjado-sujo, no lado superior quasi opaco, brilhante por baixo. Cabeça no bordo posterior recurvada, para dentro raso-ondeada, com sulco mediano curto, triangular, porém distincto; a cabeça inteira na parte basal fortemente sulcada transversal-ondeada. Pontos esparsos e subtis. Metarostro com sulco distincto, sulco mais estreito na cabeça que no mesorostro, pontuação muito subtil, mesorostro forte, sulco mediano interrompido por uma espessura gibbosa, prorostro na metade basal estreita, com sulco largo, pontuação subtil. Antenas normaes. Prothorax sómente na base com sulco subtil, prosterno não sulcado, no pescoço rugoso. Elytros na base quasi rectos, bordo posterior recto, angulos exteriores obtusos, avançados em forma de cono. Além da sutura alcança sómente a 2.ª costella o bordo posterior; a 3.ª está ligada com a 5.ª, incluindo a 4.ª, passando, fortemente elevada, até perto do bordo posterior, onde termina repentinamente; a 9.ª mostra-se entumescida no declive na forma regular. Todas as costellas são fortemente desenvolvidas e têm os sulcos lateraes cancellados, os contiguos com pontos esparsos. O desenho ornamental quasi apagado, 3.ª costella basal com pequena mancha 4.ª com risca a começar na base até o meio e, na juncção da 3.ª e 5.ª costellas com pequena risca. Tibias das pernas anteriores muito rectas, sem dente ou espessura dentiforme, de resto pernas normaes. Metasterno e abdomen estreitamente sulcados, quasi sem esculptura, segmento apical abdominal muito fortemente pontuado (fig. 47).

Comprimento (total): 30,0 mm. Largura (prothorax): 3,2 mm.

Costa Rica, Turrialba. Typo no Museu de Dresden.

Aparentado com *difficilis Boh.*, do qual differe como segue: Cabeça com sulco mediano distincto, forte na

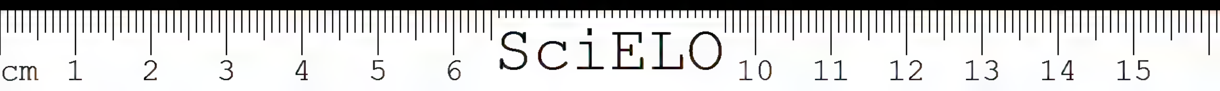
parte basal; rugas fortes nos lados. Mesorostro com sulco mediano forte, que se alarga para o metarostro. Prorostro largamente sulcado. Elytros nos angulos exteriores posteriores com appendices fortes, espinhentos, espessos. 3.ª e 5.ª costellas no declive unidas, alcançando juntas o bordo posterior e por isto com disposição differente do desenho ornamental. Tibias anteriores rectas.

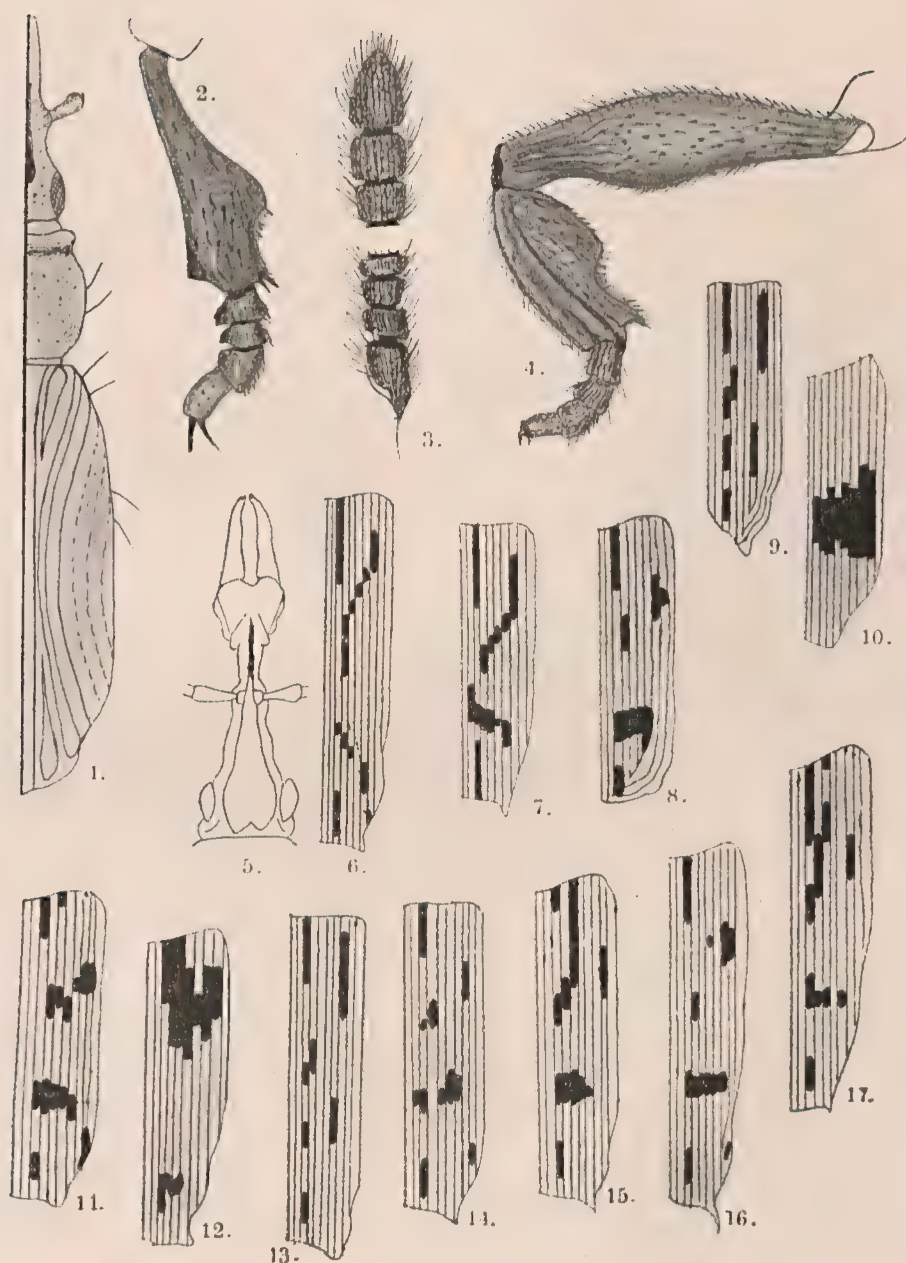
De todas as especies do genero *Brenthus* separam-n'a as tibias anteriores absolutamente rectas, a juncção da 3.ª e 5.ª costellas dos elytros e as dilatações nos angulos posterior-exteriores.

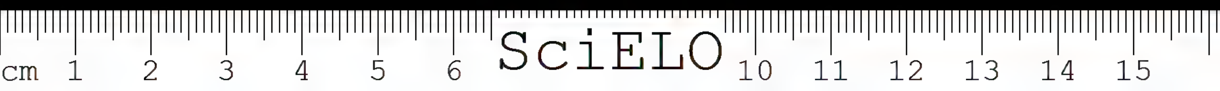
Indice das figuras

Fig. 23 - Desenho do elytro do mesmo.
» 24 - Tibia anterior do mesmo.
» 25 - Parte ponteaguda do elytro de *Teramocerus elutus* n.sp.
» 26-27 - Parte ponteaguda do elytro de *Proteramocerus emendatus* n. sp., vista de diversos pontos.
» 28 - Parte ponteaguda do elytro de *Proteramocerus enervatus* n. sp.
» 29 - Antena de *Exopleura enodis* n. sp.
» 30 - Segmentos abdominaes do ♂ e ♀ de *Taphroderomimus disjectus* n. sp., visto do lado.
» 31 - Desenho do elytro; 32, Metasterno; 33, Tibia e tarsos das pernas posteriores de *Taphroderes doctus* n. sp.
» 34 - Antena do *Nemocephalus erectus* n. sp.
» 35 - Desenho do elytro de *Acratus fallax* n. sp.
» 36 - Cabeça e rostro mediano, visto de cima, de *Acratus disjunctus* n. sp.
» 37 - Cabeça e rostro mediano, visto de baixo, do mesmo.
» 38 - Femur posterior de *Acratus durabilis* n. sp.
» 39 - Parte posterior do elytro de *Acratus exspectatus* n. sp.
» 40 - Articulos da ponta das antenas de *Acratus apicalis* Sharp.
» 41 - Articulos da ponta das antenas de *Acratus extraordinarius* n. sp.
» 42 - Em cima: parte posterior do elytro de *Acratus errabundus* n. sp.; em baixo: antena do mesmo.
» 43 - Desenho do elytro de *Brenthus efferatus* n. sp.
» 44 - Desenho do elytro de *Brenthus finitimus* n. sp.
» 45 - Desenho do elytro de *Brenthus extrinsecus* n. sp.
» 46 - Desenho do elytro de *Brenthus exoptatus* n. sp.
» 47 - Desenho do elytro de *Brenthus firmus* n. sp.

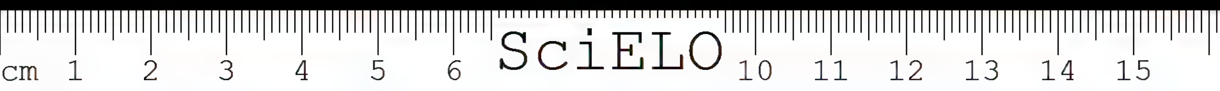
Annotação — O desenho 42 não é correcto, por falta de um articulo entre os 3.° a 8.° articulos. *O traductor.*


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15


1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


18.
19.
20.
21.
22.
23.
24
25.
26.
27.
28.
29.
30.
♀
♂
31.
32.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


33


34.


35.


36.


37.


38.

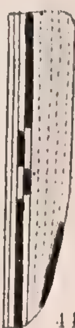

39.


40.


41.


42.

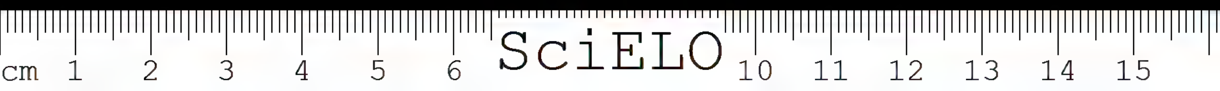

43.


44.


45.


46.


47.

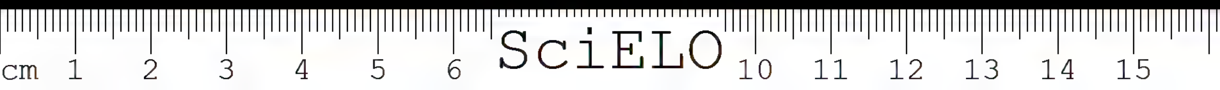

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

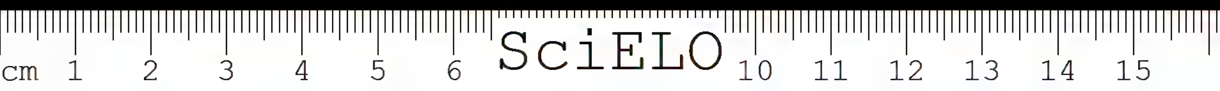
Neue Brenthidengattungen und Arten, aus dem neotropischen Gebiet

von

R. Kleine, Stettin.

(Eingereicht im Januar 1924)





Neue Brenthidengattungen und Arten, aus dem neotropischen Gebiet.

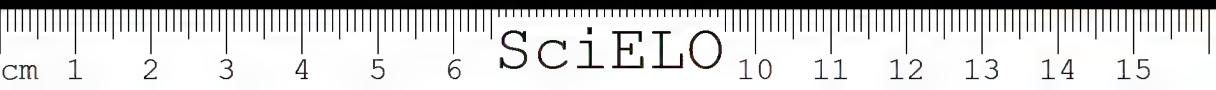
von

R. Kleine, Stettin.

(Eingereicht im Januar 1924).

Die ersten Brenthiden, die überhaupt bekannt geworden sind, stammten aus Südamerika. Linne beschrieb bereits 2 Arten: *Curculio (Brenthus) anchorago* und *Curculio (Arrhenodes) dispar*. Auch in der Zeit nach Linné war es fast ausschliesslich Südamerika, das neues Material lieferte und die Erzväter der Entomologie, namentlich die Skandinavier, haben uns mit der neotropischen Brenthidenfauna bekannt gemacht. Schönherrs Genera et species curculionidum wird immer ein Merkstein in der Brenthidensystematik bleiben.

Später sind die Funde spärlicher geworden. Die neotropische Fauna, wenigstens so weit Brenthiden in Frage kommen, ist allerdings ziemlich einförmig, aber doch artenreicher als man gemeinhin annimmt. Der Grund, dass das neotropische Gebiet so wenig neue Arten und vor allen Dingen Formen brachte, ist vielleicht darin zu suchen, dass noch zu wenig Lokalitäten systematisch



abgesammelt sind. Das Innere Brasiliens hat noch kaum ein Sammler betreten, im wesentlichen ist es immer wieder der Amazonenstrom und seine Umgebung, aus dem das Material gekommen ist. Erst in neuer Zeit habe ich kleine Sendungen aus Südbrasilien gesehen; hierin finden sich auch sofort Neuheiten, die dem nördlichen Gebiet fehlen. Ich nehme wohl mit Recht an, dats wir nur einen bescheidenen Bruchteil der neotropischen Brenthiden kennen, umsomehr, als das Material der südamerikanischen Museen noch der Bearbeitung harrt.

Die in dieser Arbeit beschriebenen neuen Gattungen und Arten sind aus dem Britischen Museum, nur ein kleiner Teil ist in den Museen des Continents untergebracht.

Stereodermini.

Stereoderminus gen. nov.

♂. Kopf kurz, so breit als lang, vom Halse abgeschnürt, Hinterrand nur in der Mitte etwas flach eingedrückt, ungefurcht, Stirn tief grubig, Unterseite gewölbt, Augen gross, langelliptisch, fast den ganzen seitlichen Kopf einnehmend, flach. Metarostrum kürzer als der Kopf, mit tiefer, schmaler Mittel-und flachen Seitenfurchen, Mesorostrum erweitert, wenig gewölbt, Mittelfurche schmal, tief, Prorostrum rundlich-walzig, an der Basis kurz gefurcht, Unterseite mit breitem, flachem Mittelkiel.

Fühlerendglieder schwach keulig verdickt, Basalglieder knotig, dick, gross, 2.-8. gleich gross, perlig, breiter als lang, 9. und 10. von ähnlicher Gestalt, grösser, 11. konisch, so lang wie das 9. und 10. zusammen, alle Glieder locker stehend. — Prothorax elliptisch, am Halse kragenförmig eingeschnürt, platt ungefurcht. — Elytren an der Basis gerade, Humerus obsolet, seitlich parallel, am Hinterrande verengt und gemeinsam gerundet. Sutura beit, 2. Rippe nur an der Basis und auf dem Absturz, 3. stark convex, in der Mitte wellenförmig nach

innen gebogen, die folgenden platt, Rand am Absturz verdickt, Punktierung oder Gitterung fehlt. — Vorderschenkel mit kurzem Stiel, Mittelschenkel von ähnlicher Gestalt, Hinterschenkel länger gestielt, Keule der Vorderschenkel kräftig, der übrigen schwächer, Vorderschienen keilförmig, Zahn der Innenseite nicht entwickelt, sondern nur stumpf erweitert, alle Tarsen kurz, Klauenglied desgleichen, walzig, kurz. — Metasternum ohne Furche, 1. und 2. Abdominalsegment flach gefurcht, Quernaht zwischen den Segmenten bis zur Mitte reichend.

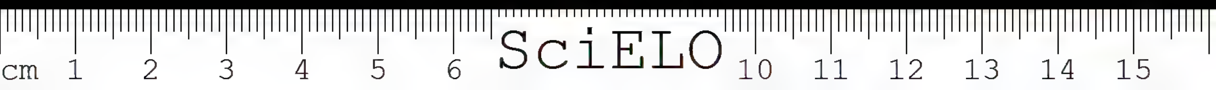
Typus der Gattung: *St. effrenatus* n. sp.

Der Rippenverlauf auf den Elytren hat Aehnlichkeit mit manchen *Stereodermus*. Im Uebrigen sind die habituellen Charatere so neu, dass mit keinem Tribusangehörigen nähere Verwandtschaft besteht. Es ist der erste Fall, dass ich eine Art mit geschwungenen Rippen und ungefurchtem Prothorax sehe. Letzterer erinnert stark an *Cerobates*, bei denen manche Arten eine ähnliche Bildung zeigen. Von sehr auffallender Gestalt sind ferner die Tarsen, die sehr kurz sind, namentlich ist das walzige Klauenglied ganz eigenartig. Die Stellung muss bei *Stereobates* und *Stereobatinus* sein, schon wegen des unentwickelten Tibienzahnes. Ich halte die neue Gattung für eine Mischform, in der Charactere verschiedener Gattungen nachzuweisen sind.

Stereoderminus effrenatus n. sp.

Schwarzbraun bis schwarz. — Kopf und Rüssel mit einzelnen anliegenden Härchen in den Punkten. — Rippen auf den Elytren mit einzelnen, weitläufigen Punkten, Furchen unpunktiert. — Skulptur der Beine allgemein gering, nur die Tibien und Tarsen sind etwas stärker behaart, letztere mit lang-seidig behaarten Sohlen. — Unterseite des Körpers ohne Skulptur. (fig. 1, 2).

Länge (total): 10 mm. Breite (Prothorax): 1.5 mm. circa.



Brasilien.
Typus im Britischen Museum.

Stercobatinus gen.nov.

Von *Stereobates* Sharp durch folgende Merkmale getrennt: Fühler sehr kurz, gedrungen, robust, 1. Glied quadratisch, 2.-3. breiter als lang, sehr kurz, 9. und 10. vergrössert, 9. quer, 10. kaum quadratisch, 11. kurz konisch, länger als das 9. und 10. zusammen. — Schenkel schwach gekeult, Stiel der Vorderbeine breit, der Mittel- und Hinterbeine schmaler, Keule schwach, Schienen aller Beine blattartig breit gedrückt, die vorderen im Spitzenteil eingekerbt aber nicht gezahnt, Tarsen sehr kurz, robust, Klauenglied klein, walzig.

Typus der Gattung: *St. efferus* n. sp.

Habituell besteht nicht nur Anlehnung, sondern direkte Verwandtschaft mit *Stereobates*. Während jene Arten alle schlanke, lange Fühler und ebensolche Beine besitzen, tritt hier das Gegenteil ein. Der ganze Körperbau macht den Eindruck, als ob es sich um eine myrmekophile Art handeln könte, doch war es mir nicht möglich, irgend welche Exsudatorgane aufzufinden. Ich glaube vielmehr, dass es sich, wenn wirklich Myrmekophilie vorliegt, um einen Trutztypus handen könnte, wofür die eigenartige Form der Fühler und Beine sprechen würde, Das bisher Myrmekophilie nur bei den *Amorphocephalini* nachgewiesen ist, sind meine Auslassungen nur rein hypothetisch. Die Möglichkeit liegt aber vor und es wäre darauf zu achten, weil im neotropischen Gebiete möglicherweise andere Ameisengäste unter den *Brenthiden* sind, als sonst in der Welt.

Stereobatinus efferus n. sp.

♂. Rotbraun, matt, am ganzen Körper kurz behaart, auf den Elytren nur die Rippen. Alle Fühlerglieder tief

und grob langgeriffelt. Schenkel, Schienen und Tarsen tief langgrubig skulptiert oder grob punktiert. Metarostrum und die beiden ersten Abdominalsegmente flach, z. T. tief gefurcht. (fig. 3, 4).

Länge (total): 9. mm. Breite (Prothorax): 1.0 mm. circa.

Neu Grenada. Typus im Britischen Museum.

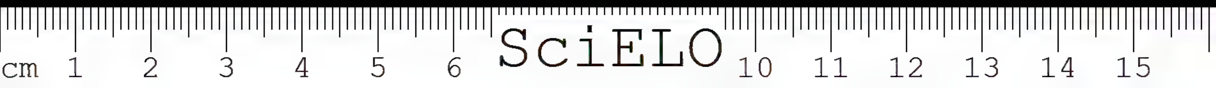
Stereodermus fessus n. sp.

Kastanienbraun, glänzend. — Kopf am Hinterrand flach eingekerbt, oberseits schmal und tief gefurcht, grob, tief und einzeln punktiert; Augen sehr gross. — Metarostrum tief gefurcht, wie der Kopf punktiert, Mesorostrum dreifurchig, die trennenden Kanten schmal, Prorostrum nur noch an der Basis gefurcht, sonst gewölbt, zart punktiert. — Fühler normal. — Prothorax tief gefurcht, am Halse und Hinterrand stark zusammengeschnürt, einzeln, tief und grob punktiert. — Alle Rippen auf den Elytren scharf ausgeprägt, Furchen grob und tief gegittert, nur die 1. und 2. Furche in der basalen Hälfte ohne Gitterung. — Vorderschienen ohne Dorn, nur mit kleiner Verdickung und Haarbüschel. — 1. und 2. Abdominalsegment breit gefurcht, Punktierung einzeln aber kräftig, tief.

Länge (total): 5-6 mm. Breite (Prothorax): 1 mm. circa.

Typus im Britischen Museum.

Die nächste Art ist *exilis* Suffr. von der sich *fessus* leicht durch die unbewehrten Schienen der Vorderbeine unterscheidet. Bei *dentipes*. Sharp sind die Schienendorne noch grösser. Es ist die erste brasilianische Art südlicher Provenienz mit so auffallend grober Punktierung des ganzen Körpers.



Arrhenodini.

Arrhenodes facetus n. sp.

♂. Violetbraun, fast schwarzviolet, Elytren schwarz, Schmuckzeichnung orangerot, Oberseite des Köpers matt, sonst mittelstark glänzend. — Kopf breiter als lang, Hinterkanten an den Seiten scharf, Scheitel schmal und flach, Stirne breit und flach gefurcht, Skulptur sehr gering, Unterseite unter den Augen mit je einer Reihe grober Punkte. — Metarostrum nach dem Mesorostrum keilförmig verengt, schlank, schmal, breit und tief gefurcht, Seitenränder nach vorn zu kantiger, Seiten vor den Augen mit einigen groben Punkten, Unterseits ist die vom Kopf kommende doppelte Punktreihe fortgesetzt; Mesorostrum flügelartig erweitert, in Fortsetzung des Mesorostrums gefurcht, am Prorostrum keilförmig verengt, Prorostrum länger als das Metarostrum, an der Basis verengt und schmal und scharf aufgekielt, in der vorderen Hälfte der Aufkielung seitlich erweitert, die Erweiterung durch einen scharfkantingen Kiel markiert, Von hier aus erweitert sich das Prorostrum keilförmig und verflacht nach vorn; Mandibeln sehr lang und schlank, engstehend, parallel. — Fühler schlank, 2.-5. Glied kegelig, die folgenden walzig, vom 4. ab mit zunehmender Behaarung. — Prothorax seitlich schwarzsttreifig. — Elytren an den hinteren Aussenecken gedornt, Rippen flach, Furchen undeutlich gegittert, Schmuckzeichnung Abb. 6. — Beine normal. — Metasternum an der Basis grubig eingedrückt, 1. und 2. Abdominalsegment nur ganz undeutlich gefurcht. (fig. 5, 6).

Länge (total): 17,5 mm. Breite (Prothorax): 3,0 mm.

Brasilien. Typus im Britischen Museum.

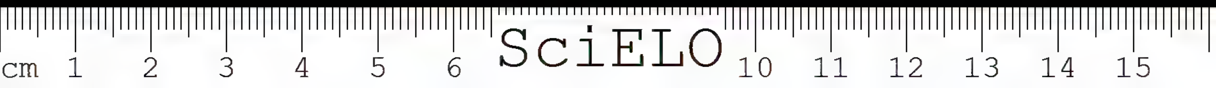
Habituel gleicht *facetus* einem schlanken *dispar*, auch die Zeichnung auf den Elytren ist sehr ähnlich, unterscheidet sich aber durch das gekielte Prorostrum, über-

haupt den schlanken Rüsselbau sehr leicht. Mit *appositus* hat die neue Art die Gestalt des Prorostrums gleich, ist aber durch den schlanken Kopf und Rüssel und die ganz andere Schmuckzeichnung grundsätzlich verschieden. Von allen *Arrhenodes* trennen übrigens die auffallend schlanken Fühler. Die Begattungsorgane konnten leider nicht untersucht werden, da der Präparationszustand der Type kein günstiger war.

Estenorrhinus evidens n. sp.

♀. In der Ausfärbung gleich *designatus*. Boh. — Kopf kurz, breiter als lang, Scheitel gewölbt, nicht breit gefurcht, einzeln punktiert, Seitenkanten scharf, zwischen den Augen mit breiter, flacher Mittelfurche, die auf dem Metarostrum tiefer wird. Metarostrum mit flachen Furchenkanten, seitlich vor den Augen mit einigen grossen Punkten, Unterseite von Kopf und Rüssel mit je einer Reihe sehr grosser und tiefer Punkte, in jedem Punkt ein Haar stehend. Prorostrum rundlich, filiform. — 2. Fühlerglied ohne Stiel quadratisch, 3. kegelig mit runden Kanten, 4.-8. gleichlang, nur das 5. etwas kürzer, 4. und 5. noch mehr kegelig mit scharfen Kanten, die folgenden walzig, 9. und 10. erheblich verlängert, walzig, 11. sehr lang, 2.-5. Glied dicht chagriniert, die folgenden mehr tiefgrubig, längsfurchig skulptiert. — Prothorax gleich *designatus*, vor dem Hinterrand neben der Mitte keine knotigen Verdickungen. — Elytren in der Gestalt gleich *designatus*, tief gitterfurchig und in ganz anderer Anordnung der Schmuckzeichnung. — Beine normal, Vorderschienen ohne Innenzahn auf der Mitte, nur schwach verdickt, Hinterschenkel auf der Unterseite lang, kammborstig behaart, 1. Abdominalsegment ohne tiefe Querfalte hinter den Hüften, Quernaht zwischen dem 1. und 2. Segment nur an den Seiten deutlich. (fig. 7).

♂. Kopf flach gefurcht, Prorostrum mit flachem Mittelkiel, nach den Seiten abfallend, Mandibeln vorste-



hend, klein. — 2.-5. Fühlerglied an Länge zunehmend, 5.-10. gleichlang, 1.-5. kegelig, die folgenden walzig.

Länge (total): 10-16 mm. Breite (Prothorax): 2-3 mm.

Brasilien, Ilha Santo Amaro, Santos; Corcovado, Rio de Janeiro.

Sammler: G. E. Bryant 3. IV, 1912.

Typen im Britischen Museum.

Es handelt sich um eine kleine Art aus der *designatus*-Verwandtschaft, die sich durch die kantigen Fühlerglieder, die tief gegitterten Elytren und andere Schmuckzeichnung leicht abtrennen lässt. Der lange Basalstreifen auf der 3. Rippe ist keinem anderen *Estenorrhinus* eigen, wenigstens nicht in Verbindung mit augesprochener Querbindenzeichnung. Von *designatus* selbst trennt ausserdem die lange Posthumerale auf der S. Rippe, die mit der antemedianen Binde zusammenhängt. Nicht unwichtig ist das Fehlen der tiefen Querfurche auf dem 1. Abdominalsegment, wo sich höchstens eine flache, breite Einsenkung bildet.

Meines Erachtens handelt es sich um eine Vicariante von *designatus*, der in Südbrasilien noch nicht aufgefunden worden ist und mehr im Norden Südamerikas lebt. Ich kenne Fundorte aus Colombien, Perú, Ecuador und Venezuela, aber nicht aus Brasilien. Zweifellos handelt es sich um eine gute Art.

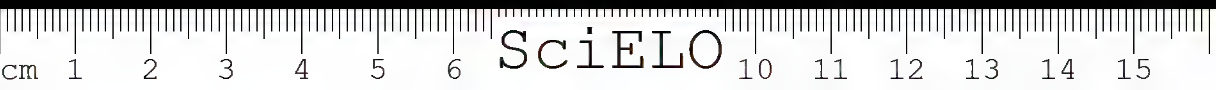
Cyriodontus certus n. sp.

♂. Violetbraun, Kopf, Ruessel und Fuehler fast schwarz, Prothorax an den Seiten rotbraun, Prosternum und Körperunterseite desgleichen, Schmuckzeichnung der Elytren dunkelorange, am ganzen Körper stark glänzend. Kopf quer, nach den Augen dreieckig verjüngt, Hinterrand gerade, am Halse scharf abgesetzt, ungefurcht, einzeln, deutlich punktiert, Seiten flach ohrenartig erweitert, Unterseite gewölbt, Augen gross, flach. Metarostrum

halb so lang wie das Prorostrum, oben schmal, nach unten schräg verbreitert, mit breiter, mässig tiefer Mittelfurche, Punktierung wie auf dem Kopfe. Unterseite breit, flach gekielt, Mesorostrum verbreitert, bucklig, Mittelfurche fast fehlend, nur die vordere Hälfte breit gefurcht, Pnuktierung grob, einzeln, Prorostrum an der Basis schmal, scharfkanting, nach unten verbreitert, gegen den Vorderrand wenig erweitert, mit warziger Skulptur dicht bedeckt, auf den Kanten nur an den vorderen Aussenecken einzeln bedornt, Unterseite des Meso- und basalen Prorostrums stumpf gekielt. Mandibeln klein. Fühler gedrungen, bis zur Thoraxhälfte reichend, 1. Glied gross, 2. kegelig, etwas länger als das gleichgeformte 3., 4.-8. mehr walzig, das 4. und 5. noch mit runlichen Kanten, die übrigen scharfkantig, 9. und 10. länger als die vorhergehenden, aber nicht breiter, 11. kürzer als das 9. und 10. zusammen, alle Glieder mässig dicht stehend. *Prothorax* mit je einem nach vorn gerichteten Dorn, hinter dem Halsrand flach, dreieckig eingedrückt, ungefurcht, Punktierung sehr zart und zerstreut, Prosternum platt.—Elytren mit breiten aber unter sich ungleichen Rippen, Furchen schmal, punktiert, Suturalfurche unpunktiert, Hinterrand gerade. Lage der Schmuckzeichnung: 3. Rippe langer Basalstreifen, kurzer postmedian und apical, 4. je ein mittellanger Streifen median und postmedian, 5.-7. postmedian, (von der 3. bis 7. eine Binde bildend), 8. und 9. mit kurzer Posthumerale. — Vorderschenkel mit nur einem Zahn, die Beine sonst normal. — Metasternum, 1. und 2. Abdominalsegment kräftig längsgefurcht, Punktierung fast fehlend, Quernaht zwischen dem 1. und 2. Segment an den Seiten tief (fig. 8).

Länge: (total): 16 mm. Breite (Prothorax): 3,0 mm. Brasilien. Typus im Hamburger Museum.

Die neue Art ist von den anderen leicht durch das Fehlen der Rüsselapophysen, durch die ohrenartigen Erweiterungen der Kopfseiten, die am Mesorostrum un-

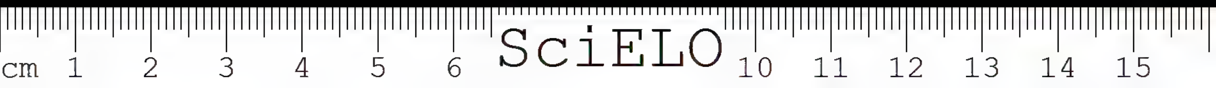


terbrochene Ruesselfurche, die kurzen Fuehler und die ganz abweichende Anlage der Schmuckzeichnung auf den Elytren hinreichend unterschieden, habituell besteht mit *lineatus* und *guttatus* infolge des gedrungenen Baues wenig Aehnlichkeit. Die Zugehörigkeit zur Gattung ist aber ganz sicher.

Cyriodontus circumscriptus n. sp.

♀. Violetbraun, Fühler, Beine, Prothorax und die Körperunterseite heller, Schmuckzeichnung dunkelorange, Glanz nur sehr mässig. — Kopf vom Halse deutlich getrennt, ungefurcht, ohne ohrenartige Erweiterungen Punktierung einzeln, nadelstichig, Unterseite mit schmaler, tiefer Mittelrinne. Metarostrum kurz, breit dreifurchig, vor dem Mesorostrum am tiefsten, die trennenden Kanten schmal, Mesorostrum ähnlich *certus* aber durchgehend gefurcht, Prorostrum bis ins vordere Drittel gefurcht, Skulptur aus kurzen, breiten Warzen bestehend, Meso- und Prorostrum unterseits schmal und scharf gekielt. — Fühler vom 2. an allmählich nach vorn an Grösse zunehmend, 9. und 10. wenig verlängert, 11. so lang wie das 9. und 10. zusammen, alle Glieder locker stehend, vom 4. ab mit zunehmender Behaarung. — Prothorax ungefurcht, die Dornen an den Seiten fehlen, Skulptur aus feiner Chagrinierung bestehend, Prosternum gewölbt. — Elytren an der Basis gerade, seitlich parallel, am Absturz aussen kurz, stumpf gedornt, Rippen und Furchen gleich *certus*. — Lage der Schmuckzeichnung: 3. Rippe langer Basalstreifen, je ein kurzer median, postmedian und apical. 4. kurzer Streifen antemedian, 7. längerer postmedian, 8. lange Posthumerale. — Beine ohne besondere Merkmale. — Metasternum und Abdomen auch beim ♀ gefurcht. Skulptur nur auf dem 3-5 Segment vorhanden. (fig. 9).

Länge (total): 15 m/m. Breite (Prothorax): 2,5 mm.
Brasilien. Typus im Hamburger Museum.



Obwohl nur ein ♀ vorliegt, kann über die Zugehörigkeit zu *Cyriodontus* kein Zweifel bestehen. v. Schönfeldt, der diese Art und *certus* sah, stellte sie auch bereits dahin. Mir scheint *circumscriptus* weit mehr dem Gattungstypus angepasst als *certus*, das ist schon im weiblichen Geschlecht deutlich erkennbar.

Cyriodontus erraticus n. sp.

(Arrhenodes Xanthozonatus Jekel).

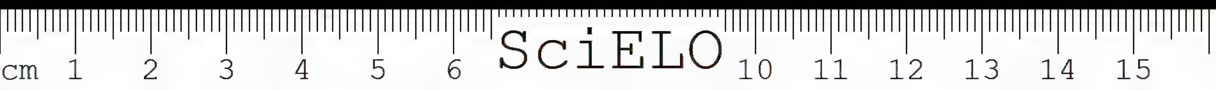
♂. Schwarz, Schmuckzeichnung orangegelb, Prothorax matt, sonst hochglänzend. — Kopf am Halse in der Mitte etwas vorstehend. Mittelfurche bis zu den Augen, auf dem Hinterkopf matt, zwischen den Augen sehr tief, dann plötzlich abgebrochen, an der Vertiefung jederseits bucklig verdickt. — Metarostrum gefurcht, die Furche beginnt an der Basis tief und wird nach vorn schwächer, Mesorostrum bucklig, dreifurchig, Prorostrum kantig, Kanten gezahnt. Skulptur aus kräftigen, kraterähnlichen Punkten bestehend. — Prothorax seitlich am Halsrande gedornt. — 1., 4. und 8. Rippe auf den Elytren vollständig ausgebildet, die übrigen durch die grobe Gitterung ganz verdrängt und nur in der Region der Schmuckzeichnung entwickelt, hintere Aussenecken kantig, nicht gedornt, Schmuckzeichnung Abb. 10.

Länge (total): 16,5 mm. Breite (Prothorax): 2,5 mm. Patria fehlt, es kommt aber nur Südamerika in Frage.

Typus im Britischen Museum.

Cyriodontus exactus n. sp.

♂. Hellkastanienbraun, vordere Kanten der Fühlerglieder, Halsring und Schenkelbasis schwarz, Schmuckzeichnung hellgelb, Prothorax, Pro-und Metasternum und Abdomen matt, sonst glänzend. — Kopf gefurcht, über den Augen nahe der Mitte bucklig verdickt, Stirn grubig vertieft, Seiten ohrenartig erweitert, unterhalb unter den



Augen mit einer Reihe grober, tiefer Punkte. – Metarostrum am Mesorostrum dreifurchig, nach dem Kopf zu verflachen die Seitenfurchen, Seiten vor den Augen, fast bis zum Mesorostrum mit tiefen, grossen Punkten, die vor den Augen in drei Reihen liegen, am Mesorostrum nur noch in einer; Unterseite wie der Kopf punktiert, Mesorostrum bucklig verdickt, tief gefurcht, die seitlichen Erweiterungen durch eine tiefe Einsenkung von der Mitte getrennt, Prorostrum mit stumpfen Erhebungen auf den Seitenkanten, Skulptur warzig. – 2.-8. Fühlerglied fast gleich lang, vom 4. ab mit grober Längsskulptur, die vom 5. ganz dicht wird. 9. und 10. Glied wenig verlängert. – Prothorax mit dornigen Fortsaetzen am Halsrand, im basalen Teil gefurcht, ohne Skulptur. – Elytren grob gitterfurchig, Rippen unter sich verschieden breit, Suturalfurche unpunktiert, an der Schmuckzeichnung sind die Rippen verdickt. – Vorderschenkel ausser dem üblichen Zahn noch eine zahnartige Verdickung hinter dem Knie, sonst sind die Beine normal. – Metasternum in der basalen Hälfte gefurcht, 1. und 2. Abdominalsegment breit und flach eingedrückt, Skulptur fehlt. (fig. 11).

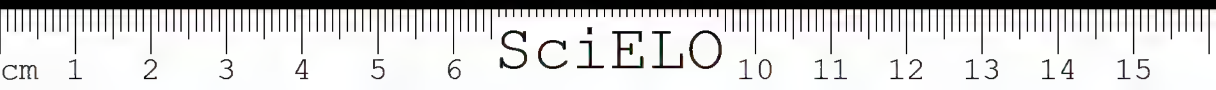
♀. Prorostrum filiform, Halsrand des Prothorax ohne Dorn, Vorderschenkel einzähnig.

Länge (total): ♂ ♀ 12-17 mm. Breite (Prothorax): 2,5-3,0 mm.

Ecuador. Sammler Buckley. Typen im Britischen Museum.

Das männliche Tier traegt den in lit.—Namen: *Cyriodontus aureonotatus* Pow.

Keine Art ist von so heller Grundfarbe wie diese. *Certus* und *circumscriptus* sind violettbraun, alle andern schwarz. Die Trennung von den braunen Arten ist insofern leicht, als die Schmuckzeichnung der Elytren mit keiner anderen Art Aehnlichkeit hat. Die nächststehende Art dürfte *circumscriptus* sein, von der sie ausser der



anderen Schmuckzeichnung die grobe Punktierung des Kopfes und Metarostrums sofort trennen.

Cyriodontus evanidus n. sp.

♂. Habituel der vorigen Art gleich, auch in der Ausfärbung. — Kopf von derselben Gestalt wie bei *erraticus* aber weniger tief und deutlich gefurcht. Prorostrum ohne Zahnleiste und nur sehr schwacher Skulptur, Metarostrum an den Seiten mit einigen grossen, tiefen Punkten. — Prothorax ohne Dorn. — Elytren am Absturz mit stumpfen, dornigen Aussenecken, Rippen alle vorhanden, Lage der Schmuckzeichnung Abb. 12.

♀ in üblicher Weise verschieden.

Länge (total): ♂ ♀ 11-16 mm. Breite (Prothorax): 2,2-2,5 mm.

Perú, Sarayacú; Ecuador.

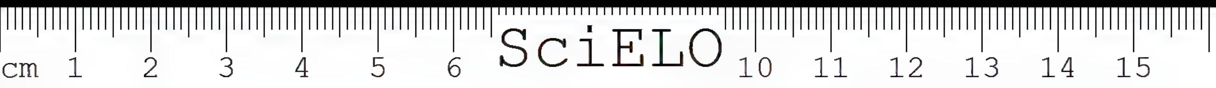
Sammler: Buckley, z. T. unbekannt.

2 ♂♂, 3 ♀♀ im Britischen Museum.

Die Zahl der *Cyriodontus*-Arten ist erheblich grösser als ich zunächst annahm. Es handelt sich hier um ganz sichere Arten, die keine Uebergänge erkennen lassen und von aelteren Autoren bereits als artbestaendig erkannt worden sind. Der Dorn am voderen Thoraxrand ist kein so absolut dominierendes Gattungsmerkmal wie der Begründer der Gattung annahm, der allgemeine Habitus ist ausschlaggebend. (*Cyriod. inermicollis* Pow. in litt.)

Hyposphales gen. nov.

♂ Kopf quer, breiter als lang, Hinterrand gerade, Oberseite gewölbt, ungefurcht, Seiten kantig aber nicht ohrenartig erweitert, Gulargrube der Unterseite rundlich, flach; Augen gross, den grössten Teil des Kopfes einnehmend, der hinter den Augen liegende Teil des Koptes höchstens = 1/2 Augendurchmesser. — Metarostrum keil-



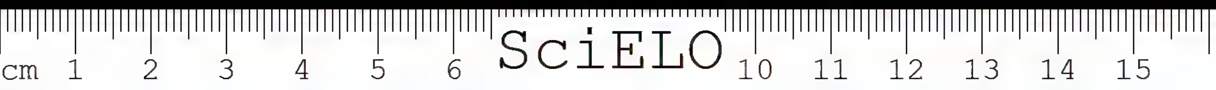
förmig nach vorn verschmälert, länger als der Kopf, kräftig, breit gefurcht, Unterseite, wie auch der Kopf glatt, Mesorostrum schwach bucklig, seitlich wenig erweitert, Mittelfurche schmal aber bestimmt vorhanden, Unterseite schmal und flach gekielt, Prorostrum länger als Meta- und Mesorostrum zusammen, vierkantig, nach vorn nur ganz wenig erweitert, nur an der Basis gefurcht, sonst platt; Mandibeln sehr klein. — Fühler mittellang, nach vorn allmählich dichter werdend. 1. Glied gross, 2. und 3. etwa gleichlang, 4.-7. an Länge zunehmend, kegelig, 8. kürzer als das 7., zylindrisch, 9. und 10. wenig verlängert, 11. stumpfkonisch, alle Glieder locker stehend, vom 4. ab, mit kräftiger Beborstung.

Prothorax eiförmig-elliptisch, gewölbt, ungefurcht.— Elytren so breit wie der Prothorax, an der Basis gerade, Humerus flach, Seiten parallel, nur am Absturz verengt, Hinterecken stumpf vorgezogen, Sutura daher eingekerbt, gerippt-gefurcht, alle Rippen sehr breit und flach, Furche schmal, ungegittert, kaum mit einigen ganz obsoleten Punkten. - Schenkel kräftig, keulig, die hinteren schlanker, Schenkeldornen auf den Hinterschenkeln nur zart, sonst mittelstark; Schienen gerade, vordere mit kräftigem, etwas gebogenem Innenzahn, Mittel- und Hinterschienen nur schwach verdickt; Tarsen kurz, 1. Glied nur wenig länger als das 2. Metasternum und die ersten beiden Abdominalsegmente schmal aber kräftig gefurcht.

♀. Prorostrum gerundet, 1. und 2. Abdominalsegment ungefurcht.

Typen der Gattung: *H. factus* n. sp.

Der Habitus ist schlank, und es besteht einige Aehnlichkeit mit manchen *Raphirrhynchus*-Arten. Die neue Gattung gehört aber nicht zu den *Belopherini*, sondern zu den *Arrhenodini* und ist mit *Proepisphales* Kln. verwandt. Mit ihr stimmt sie habituel am besten überein, beiden Gattungen ist die starke Zahnung der Vorderschienen eigen. Die Unterschiede gegen diese Gattung



sind auf der andern Seite recht bedeutend. – So sind die Elytren nicht gitterfurchig, sondern breit gerippt und die äusserst schmalen Furchen sind so gut wie glatt. Was ferner trennt ist die Form des Prorostrums. Erstens ist es im Verhältnis zu den anderen Rüsselteilen sehr lang, auch beim ♂, dann ist es vor allen Dingen am Vorderrande nicht erweitert. Von den übrigen hier noch in Frage kommenden Gattungen hat *Cyriodontus* Kirsch. ein gezahntes Prorostrum und gitterfurchige E-lytren, *Rhynchoneus* Sharp den erhöhten und gefurchten Prothorax, *Cacopsalis* Sharp und *Hemipsalis* Sharp sind durch den ganz andern Kopf, das runde Prorostrum und durch Fehlen des Tibienzahnes verschieden. Ausserdem haben sie einen gedrungenen Habitus.

Hyposphales factus n. sp.

Violetbraun, Schmuckzeichnung dunkelorange, am ganzen Körper glänzend.

♂. Kopf sehr zart und zerstreut punktiert, Prorostrum oberhalb und seitlich mit kraterähnlichen Punkten. Prothorax ohne Punktierung. Schmuckzeichnung Abb. 13. Rippen mit einzelnen, zarten Punkten. Metasternum, 1.-4. Abdominalsegment sehr zart und zerstreut punktiert, 5. dicht und kräftig punktiert.

♀. Prorostrum tief, länglich punktiert, sonst wie beim ♂.

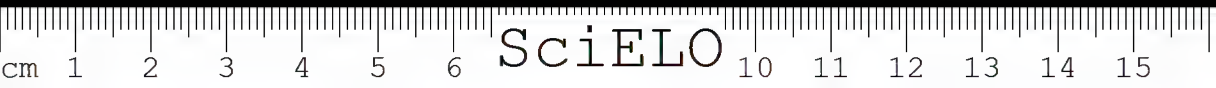
Länge (total): ♂ ♀ 13-15 mm. Breite (Prothorax): 2,5-3,0 mm.

Brasilien.

2 ♂♂ ♀♀ im Britischen Museum.

Hemipsalis faustus n. sp.

♂. Schwarzviolet, fast schwarz, hochglänzend, Schmuckzeichnung orange. – Kopf zart punktiert. Metarostrum tief gefurcht, neben der Furche schwach warzig skulptiert,



Mesorostrum ohne Mittelfurche, seitlich mit flachen Furchen, Prorostrum, namentlich auf den Kanten, körnelig skulptiert, vor dem wenig verbreiterten Vorderrand mit je einer kleinen Erhöhung seitlich. 2.-8. Fühlerglied an Länge zunehmend, länger als breit, zylindrisch-kantig, 9. und 10. von ähnlicher Gestalt, länger und mehr walzig, 11. sehr lang, alle Glieder dicht längsgrubig skulptiert.— Prothorax spiegelglatt, ohne jede Skulptur.— Elytren mit breiten, flachen Rippen und schmalen, ungegitterten Furchen, Schmuckzeichnung Abb. 14. Schenkel normal, Vorderschienen schwach gekrümmt, in der unteren Hälfte innenseits verdickt, Mittel- und Hinterschienen gerade, Verdickung geringer, Tarsen normal.— Abdomen ohne Längsfurche, aber mit kräftiger Querfurche zwischen dem 1, und 2. Segment, Skulptur nur auf dem 3.-5. Segment.

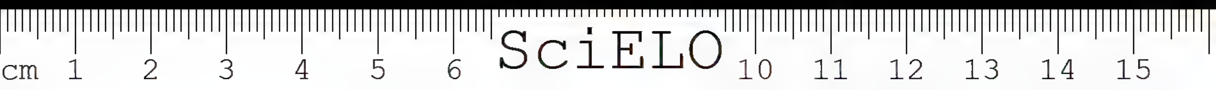
Lännge (total): 18,0 mm. Breite (Prothorax): 3,0 mm.
Cayenne. Typus im Britischen Museum.

Es lässt sich darüber streiten, ob die neue Art zu *Hemipsalis* zu bringen ist, in die nahestehende Gattung *Cacopsalis* gehört sie, schon des kurzen Kopfes wegen, nicht. Dem Gattungsbegriff scheint mir weniger der Habitus als der Bau des Rostrums entgegen zu stehen. Das Prorostrum ist etwas erweitert und auf dem ganzen Organ ist eine schwache Skulptur vorhanden. Ferner scheint mir die Verdickung der Vordertibien ein etwas fremdartiges Moment zu sein. Trotzdem halte ich es für das Beste,, die Art bei *Hemipsalis* zu belassen, weil die wichtigsten Merkmale sich mit dem Typus decken.

Belopherini.

Rhaphirhynchus excelsus n. sp.

♂. Mit *vicinus* Senna am nächsten verwandt, von dem sie sich folgendermassen unterscheidet; Kopf nicht breiter als lang und rundlich, sondern länger als breit,



höchstens quadratisch, parallel, Hinterecken gerade, scharf, nicht rundlich. Augen nur mässig vorstehend, nicht prominent. — Metarostrum auf dem Mesorostrum verschmälert, Furche nach vorn tief, Seiten grob punktiert, Ränder des Prorostrums nur unscharf gezahnt. — Metatarsus der Vorderbeine doppelt so lang wie das 2. Glied. — Metasternum an der Basis grubig vertieft, 1. und 2. Abdominalsegment gefurcht. (fig. 15).

Länge (total): 11 mm. Breite (Proth.): 2,0 mm.
Brasilien, Rio de Janeiro.
Sammler: Fry. Typus in Britischen Museum.

Die Art variiert etwas in der Ausfärbung, der Prothorax kann sich verdunkeln. Ausser den in der Diagnose angegebenen Merkmalen trennt auch die abweichende Schmuckzeichnung auf den Elytren. Mit einer anderen Art der ganzen Verwandtschaftsgruppe besteht keine Aehnlichkeit. Die wenigen Arten, deren 1. Fühlerglied nicht gezahnt ist, sind leicht trennbar. Ausser *vicinus* kommt noch in Frage: *insculptus* Senna, Rippen schmal, gross, grobe Gitterung, signifer Boh., dessen Körperunterseite schwarz, erzglänzend ist.

Rhaphirhynchus fecundus n. sp.

♂. Einfarbig schwarz, Unterseite des Körpers und die Beine hochglänzend, sonst matt oder schwachglaenzend, Schmuckzeichnung orangegelb. — Kopf fast quadratisch, zart punktiert, mit flacher Mittelfurche. — Metarostrum fast so breit wie der Kopf, flach, seitlich gefurcht, seitlich, am Mesorostrum, mit einigen groben Punkten, Mesorostrum bucklig verdickt, gefurcht, seitlich mit stumpfen Erhebungen, Prorostrum kantig, Kanten ♀ gezahnt, gegen den Vorderrand kaum erweitert, Unterseite breit gekielt. — 1. Fühlerglied gedornt, die folgenden sehr schlank aber normal. — Prothorax ohne Skulptur. — Elytren an der Basis gerade, hintere Aussenecken spitz gedornt, alle Rippen schmal, convex,

Furchen breit, tief und gross gegittert, Seitenfurchen schmal, nur auf dem Absturz punktiert, Schmuckzeichnung Abb. 16. — Beine normal, Metatarsus aller Beine so lang wie das 2. und 3. Glied zusammen. — 1. und 2. Abdominalsegment breit abgeflacht nicht gefurcht, Quernaht deutlich.

Länge (total): 18,0 mm. Breite (Prothorax): 3,0 mm.
Cayenne. Typus im Britischen Museum.

Die am nächsten stehende Art ist *longulus* Sharp, von der sie sich durch die Art der Rippenbildung unterscheidet. Während *longulus* nur an den Seiten tiefe Furchenpunkte hat, auf der Oberseite aber die üblichen breiten Rippen besitzt, reichen bei *fecundus* die schmalen Rippen bis zur Sutura, desgleichen die tiefen Gitterfurchen und nur die Suturalfurche ist ungegittert. Prof. Arrow hat durch Vergleich mit der *longulus* — Type die Artberechtigung gesichert. Die Type war bezettelt: *scabripennis* Jek.

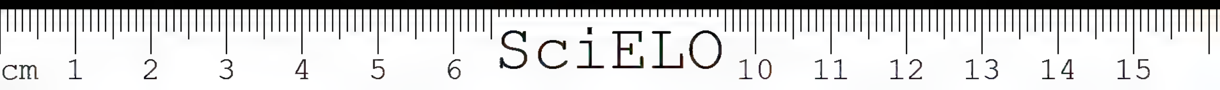
Raphirhynchus favorabilis n. sp.

♀. Mit linearis Senna durchaus übereinstimmend, aber durch ganz andere Anlage der Schmuckzeichnung verschieden. Die Lage der Schmuckzeichnung ist folgende: 3. Rippe ein längerer Streifen an der Basis und je ein kurzer ante-, postmedian und apical, 4. mittellanger Streifen ante,- kurzer postmedian, 5. Punkt basal, mittellanger Streifen postbasal, kurzer postmedian, 7. kurzer Streifen postmedian, 8. posthumeral (fig. 17).

Länge (total): 14,0 mm. Breite (Prothorax): 2,0 mm.
Brasilien, Jatahy, Staat Goyaz. XII, 97 — I. 98.
Typus im Britischen Museum.
Nicht gesehen.

Rhaphirhynchus excellens n. sp.

♂. Schwarzmetallisch, Schmuckzeichnung orangerot, mit Ausnahme des matten. Prothorax überall hochglän-

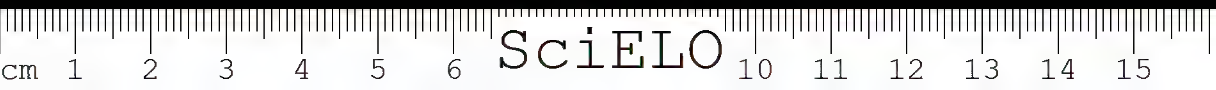


zend.—Kopf quadratisch, Scheitel flach und wenig eingedrückt, Punktierung kaum sichtbar. – Metarostrum walzig, flach gefurcht, seitlich mit einigen grossen Punkten, Mesorostrum gewölbt, nicht gefurcht, seitlich auf der Mitte mit je einer tuberkelartigen Erhöhung, Prorostrum kantig, an der Basis mit stärkeren Seitendornen als vorn, Unterseite des Metarostrums mit je einer groben Punktreihe, die schon unter den Augen beginnt, Mittelkiel durch zwei schmale warzige Leisten gebildet, die sich auf dem Meso- und Prorostrum zu einem gekörnelten Kiele vereinigen, auch sonst ist zarte, warzige Skulptur vorhanden. – Fühler normal, 1. Glied nicht gezahnt, sondern, wie das 2. und 3. zart warzig. Prothorax oberseits durch dichte Chagrinierung matt. - Elytren an den hinteren Aussenkanten stumpfdornig, neben der Sutura mit noch drei Rippen, seitliche Punktstreifen flach. – Beine normal, Metatarsus der Vorderbeine nicht länger als das 2. Glied. – Metasternum und die beiden ersten Abdominalsegmente breit gefurcht. Prorostrum filiform. Metasternum und Abdomen nicht gefurcht. (fig. 18)

Länge (total): 15-16 mm. Breite (Prothorax): 2-2,5 mm.

Ecuador. Sammler: Bukcley. Typen im Britischen Museum.

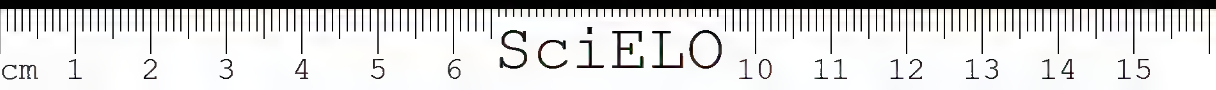
Die neue Art hat eine gewisse Aehnlichkeit mit *Rotschildi* Senna. Sie ist aber nicht am ganzen Körper hochglänzend, denn der Prothorax ist durch feine Chagrinierung vollständig matt. Der Kopf ist auch nicht quer, sondern eher länger als breit, höchstens quadratisch. Das 1. Fühlerglied ist nicht gezahnt. Das Metasternum und die beiden ersten Abdominalsegmente sind kräftig und breit gefurcht. Uebrigens ist die Schmuckzeichnung eine gänzlich andere, sie ist in kurzen Binden angeordnet, wie es bei den metallischen Arten nur sehr selten zu beobachten ist.



Rhaphirhynchidus gen. nov.

♂. Rotbraun, matt, Unterseite glänzend, auf dem Prothorax mit zwei schwarzen Streifen. — Kopf einschliesslich der Augen rund, Hinterecken stumpflich, oberseits gefurcht, Kanten der Furchen grob, tuberkelartig-warzig erhöht, Augen sehr gross aber mässig prominent, Unterseite mit Ausnahme eines schmalen Mittelkiels grob punktiert. — Metarostrum walzig, nach vorn wenig verengt, gefurcht, Kanten der Furchen wie auf dem Kopfe, Furchen selbst glatt, Seiten und Unterseite mit groben, einzelnstehenden, tiefen Punkten, Metarostrum wie das Mesorostrum gefurcht, letzteres auf den seitlichen Erweiterungen je eine kegelige Erhebung, Prorostrum sehr schmal, mit weitstehenden grossen Dornen und feiner Unterbehaarung. Vorderrand plötzlich stark seitlich erweitert und in einen nach hinten gerichteten Zahn endigend, seitlich warzig skulptiert, Unterseite glatt. — Fühler sehr schlank, 1. Glied ungedornt, nur warzig skulptiert, vom 3. an behaart, Behaarung auf den folgenden Gliedern an Stärke zunehmend. — Prothorax an den Seiten und Prosternum mit scharfen, warzigen Erhebungen bedeckt. — Elytren am Absturz stark verengt, hintere Aussenecken stumpf gedornt, alle Rippen gleichmässig entwickelt, breiter als die Furchen, platt, Suturalfurche unpunktiert, die folgenden mit flacher Punktierung, Schmuckzeichnung Abb. 19. — Beine sehr schlank, Schenkel gedornt, Vorderschienen auf der Mitte mit einem langen Dorn, sonst gerade, schlank, Mittel- und Hinterschienen ohne Dornen, Metatarsus aller Beine länger als das 3. und3. Glied zusammen, an den Hinterbeinen sogar viel länger. — Metasternum an der Basis eingedrückt, 1. und 2. Abdominalsegment kräftig laengsgefurcht.

Typus der Gattung: *Rh. excitatus* n. sp,



Rhaphirhynchidus excitatus n. sp.

Der Charakter der Art ist gleich dem der Gattung.

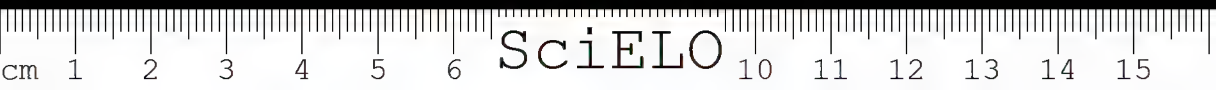
Länge (total): 16,0 mm. Breite (Prothorax): 2,75 mm.

Amazonas. Sammler: Bates. Typus im Britischen Museum.

Ich hatte diese merkwürdige Art zu *Rhaphirhynchus* gebracht, mit der sie ohne Frage grosse Aehnlichkeit hat. Es ist aber nicht möglich, sie daselbst zu belassen. Der Kopf ist ganz anders geformt, die Art der Rüsselfurchung, vor allem die Tatsache, dass das Prorostrum am Vorderrande stark verbreitert ist, spricht gegen *Rhaphirhynchus*, die trotz der grossen Artzahl absolut einheitlich in der Bildung des Rüssels ist. Ferner ist auf die merkwürdige Skulptur des Prorostrums und Prothorax hinzuweisen. Am meisten sind es aber die Beine, die eine Trennung von *Rhaphirhynchus* gebieterisch verlangen. Die Vorderschienen sind auf der Mitte mit einem grossen Dorn bewaffnet, was der anderen Gattung fehlt und endlich der lange Metatarsus, der eine Gestalt hat, wie man sie nur von den *Ithystenini*, aber in keinem anderen Tribus bisher kennt. In der neotropischen Region ist mir eine ähnliche Form bisher noch nicht vorkommen. (fig. 20).

Belopherus eximus n. sp.

♂. Grosse Art, Körper grünmetallisch, hochglänzend, Elytren bräunlichgrün mit gelber, dichter Schmuckzeichnung. Kopf länger als breit, nach dem Rüssel etwas verschmälert, überall grob, warzig skulptiert, Augen gross, flach.—Metarostrum walzig, flach gefurcht, wie der Kopf skulptiert, Mesorostrum schmal gefurcht, nur sehr gering skulptiert, unterseits warzig skulptiert, Prorostrum sehr schmal, scharfkantig, mit kräftigen, aufrecht stehenden Zähnen besetzt, Vorderrand in üblicher Weise erweitert, Unterseite nur mit zarter Skulptur. 1. Fühlerglied warzig skulptiert, 2. Glied ohne Behaarung, 3.-5. mit



stärker werdender Behaarung, 6.-11. auf der Unterseite lang zottig behaart. — Prothorax überall mit zarter, warziger Skulptur, die oberseits etwas schwächer wird und auf flachen, queren Erhebungen steht, Prosternum in gleicher Weise skulptiert, im Basalteil undeutlich gefurcht. Elytren gitterfurchig, Rippen alle entwickelt, flach, etwas breiter als die Furchen, letztere flach und gross gegittert, auch die Suturalfurche mit deutlicher Punktierung, auf den Rippen kurze, aufrechtstehende Borstenhaare, hintere Aussenecken spitz, gedornt, Schmuckzeichnung Abb. 21. Beine normal, Metasternum 1. und 2. Abdominalsegment kräftig längsgefurcht, Punktierung sehr zerstreut und zart.

♀ in üblicher Weise unterschieden.

Länge (total): 21-25 mm. Breite (Proth.): 2,5-3,0 mm.

Jamaica. Typus im Britischen Museum.

Die neue Art gehört in die Gruppe der Arten mit ungedorntem Prothorax. Sie ist durch die grobe, warzige Skulptur der vorderen Extremitäten und der ausgedehnten Schmuckzeichnung von allen anderen Arten sofort zu trennen und lässt keine Verwechslung zu. Nächste Art scheint mir *nasutus* F. zu sein.

Ithystenini.

Tinoteramocerus n. g.

♂. Grosse, robuste Gestalt. — Kopf lang, walzig, am Halse etwas breiter als an den Augen, keine Mittelfurche, nur zwischen den Augen ein flacher Eindruck, der in eine undeutliche, kurze Furche ausläuft. Hinterrand gerade, Seiten und Unterseite flach quergerunzelt, Gularfurche lang, linienförmig vor den Augen in einer lochartigen Vertiefung endigend, Augen weit vorgerückt, mässig prominent. — Metarostrum 1 1/2 mal so lang wie der Kopf, rundlichkantig, Unterseite ohne Kiel, glatt, Me-

sorostrum etwas verbreitert, schwach bucklig erhöht, flach gefurcht, Prorostrum oberseits an der Basis schmal, nach vorn breiter werden, schräg abfallend, Oberkante scharf, zahnartig, gegen den Vorderrand ungezahnt, Vorderrand eingebuchtet, Mandibeln klein, einen freien, Raum einschliessend. — Fühler schlank, zart, den Hinterrand des Kopfes berührend, 1. Glied klobig, 2. sehr kurz, 3.-10. fast gleichlang, 11. so lang wie das 9. und 10. zusammen, 2.-4. nodos verdickt, die folgenden walzig, vom 5. ab mit dichter Unterbehaarung. Prothorax eiförmig-elliptisch, Mittelfurche bis ins vordere Drittel reichend, antecoxales Prosternum vor den Hüften abgeplattet, postcoxales hinter den Hüften mit einer, einem stehenden Viereck ähnlichen Platte, dahinter gefurcht. — Elytren breit, verhaeltnismässig kurz, Basis gerade, Seiten parallel, am Absturz kaum verschmälert, hintere Aussenecken gedornt, 1-3 Rippe entwickelt, 4. und 5. noch an der Basis, die folgenden undeutlicher, 1. und 2. Furche tief und ohne Punktierung die folgenden tief, gitterartig punktiert, Schmuckzeichnung in einer, für *Ithystenini* ungewöhnlichen, Anordnung. — Beine sehr lang, Schenkel schlank, dünn, im vorderen Viertel gedornt, Schienen gerade, die vorderen mit einem grossen, geraden, nach innen gerichteten Dorn auf der Mitte, Tarsen platt, Metatarsus so lang wie das 2. und 3. Glied zusammen, 2. oberseits eingedrückt, die Hinterschenkel überragen die Elytren. Metasternum, an der Basis tief, grubig eingedrückt, 1. und 2. Abdominalsegment schmal gefurcht. (fig. 22).

Typus der Gattung: *I. enormis* n. sp.

Die Stellung der Gattung ist etwas isoliert, der Kopf mit seiner walzigen Gestalt ist im Tribus selten und mehr unter den *Nemocephalini* zu finden, Die Fühler entsprechen aber den *Ithystenini* durchaus, ebenso der Prothorax. Sehr abweichender Bauart sind wieder die Elytren, die in die zweite Gruppe v. Schönfeldts gehören und durch die ganz eigenartige Anordnung der

Schmuckzeichnung eher an die *Belopherini* als an die Ithystenini erinnern. Die Beine sind, in ihrer allgemeinen Gestalt, formenrein, der Metatarsus ist zwar nicht so lang wie zum Beispiel bei *Teramocerus,* hat aber doch eine Länge wie das 2. und 3. Glied zusammen und widerspricht nicht dem Grundtypus des Tribus. Die Bedornung der Schienen ist bisher bei keiner anderen Gattung des ganzen Tribus beobachtet worden. Ich stelle die Gattung in die Nähe von *Proteramocerus* Kln.

Tinoteramocerus enormis n. sp.

Bräunlich bis grünmetallisch, Schmuckzeichnung schmutzigrot. Glanz oberseits mässig, unterseits stark. — Kopf rundherum flach quergerunzelt, oberseits zerstreut, kräftig warzenartig skulptiert, Unterseite nur sehr zart, aber in gleicher Weise skulptiert. – Metarostrum oberseits wie auf dem Kopf skulptiert, Seiten und Unterseite glatt, nur unterseits mit einigen sehr zarten Tuberkeln, Prorostrum im vorderen Teil ähnlich beschaffen.— Prothorax oberseits mit deutlicher Querskulptur, die über den Hueften am staerksten ist. Tuberkeln kraeftig, Seiten fast ohne Skulptur, Unterseite wieder mit stärkerer Tuberkelbildung.—Schmuckzeichnung Abb. 23. Metasternum und das 1. und 2. Abdominalsegment nur zart und zerstreut tuberkelartig skulptiert, 3. und 4. Segment spiegelgatt, 5. mit einigen zarten Punkten.

Länge (total): 36,0 mm. Breite (Proth.): 3,5 mm.
Antillen: Jamaica.
Typus im Britischen Museum.

Teramocerus elutus n. sp.

♂. Kopf, Ruessel, Fuehler, Sutura, Schienen und Tarsen braun, Prothorax, Körperunterseite und Schenkel dunkelmetallisch bis gruenlich, Elytren spangruen, Oberseite des Körpers matt, Unterseite glänzend. – Kopf

und Metarostrum seitlich mit einigen groben Punkten, Ruessel unterseits lang zottig behaart. — Prothorax normal, Prosternum kräftig, dicht quergefurcht. — Elytren normal, Aussenecken siehe Abb. 25. — Beine normal, hinterer Metatarsus im basalen Teil seitlich zusammengedrueckt. — Metasternum linienartig schmal, 1. und 2. Abdominalsegment breit und tief gefurcht, Skulptur gering, 5. Segment platt, dicht punktiert.

Länge (total): 31,0 mm. Breite (Prothorax): 2,2 mm. circa.

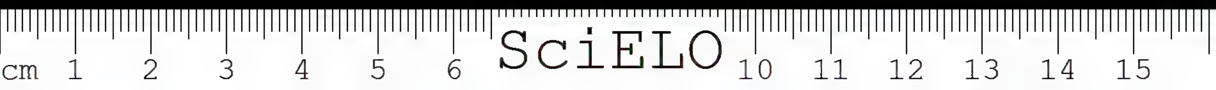
Brasilien: Santarem.

Die Art ist mit *janthinus* Boh. verwandt. Die wesentlichen Differenzen sind folgende: Das Prosternum ist mit einer Anzahl tiefer, dicht liegender Querfurchen besetzt, der Anhang an den Elytren ist von anderer Gestalt, das Metasternum ist tief nadelrissig, das 1. und 2. Abdominalsegment tief und breit gefurcht.

Proteramocerus eminens n. sp.

♂. Hellschokoladenbraun, Prothorax und Elytren mit Ausnahme des Absturzes violetblau, am ganzen Körper glänzend. — Kopf einzeln punktiert, gewölbt, seitlich, hinter den Augen mit einzelnen groben Punkten, unterseits an den Augen grob punktiert. — Rüssel flach erhöht nicht zweifurchig, Mesorostrum sehr zart gefurcht, Seiten ohne Skulptur, Unterseite grob punktiert und bis zur Basis des Prorostrums einzeln lang behaart. — Fühler normal. — Prothorax normal. — 2. Rippe an der Basis mit der 3. verbunden, die 2. Rippe an der Basis schmal, nach dem Absturz breiter und flacher werdend, die 3. am Absturz scharf, 1. und 2. Furche auf dem Absturz gegittert. Anhänge kurz, klein. — Beine normal. — Metasternum an der Basis eingedrückt, 1. und 2. Abdominalsegment nur undeutlich gefurcht, 3.-5. Segment nur einzeln punktiert.

Länge (total): 19,0 mm. Breite (Prothorax): 1,5 mm.



Brasilien, Minas Geraes.

Mit keiner andern Art zu vergleichen. Die Ausfärburg ist keiner anderen eigen.

Proteramocerus fidus n. sp.

♂. Dunkelschokoladenbraun, Elytren mit schwarzer Makel, am ganzen Körper glänzend. Kopf walzig, parallel, zwischen den Augen flach eingedrückt, seitlich am Halse und unterseits quergerieft, unter den Augen mit einzelnen groben behaarten Punkten. Prorostrum rundlich walzig, am Mesorostrum etwas platt, hier schwach, breit gefurcht, sonst mit sehr zarter schmaler Mittelfurche, seitlich und unterseits grob punktiert und in den Punkten behaart, Mesorostrum schmal gefurcht, Prorostrum im basalen Teil desgleichen. — Fühlerglieder lang, schlank, 2.-8. kegelig, vorn nodos verdickt, die folgenden zylindrisch, 9. bis 11. mit dichter Unterbehaarung. — Prothorax tief, durchgehend gefurcht, ohne Skulptur. Elytren mit 2 Rippen, die 2. an der Basis verloschen, Hinterrand gemeinsam gerundet, Punktierung äusserst zart. Beine sehr schlank, Metatarsus aller Beine so lang wie das 2. und 3. Glied zusammen. Metasternum zart, Abdomen ungefurcht.

Länge (total): 16-21 mm. Breite (Prothorax): 1,8 bis 2,0 mm.

Brasilien: St. Paulo.

Zwei ♂♂. Typus im Britischen Museum.

Hat mit *laevis* Germ. am meisten Aehnlichkeit, unterscheidet sich aber durch die ganz andere Ausfärbung leicht. In der Gattung ist keine andere Art ausser *laevis* bekannt, deren Elytren am Hinterrande ungedornt sind.

Proteramocerus emendatus n. sp.

♂. In der Ausfärbung *nitidus* Kln. gleich. Kopf und Rüssel in Skulptur und Behaarung wie bei jener

Art. Prothorax am Halse mit tiefen, groben Querrunzeln, unterseits ist der Hals stark abgeschnürt, Mittelfurche nicht bis zum Halsrand reichend, sondern an der Querfurchung in einer tiefen Querrinne endigend oder nur wenig und schwach darüber hinausgehend, sonst gleich *nitidus*. Elytren mit sehr feiner Reihenpunktierung, Anhänge von folgender Gestalt: stark gekrümmt, nach unten gebogen, seitlich kantig abgebrochen, der nach hinten stehende nach unten gebogene Zahn ist kurz und breit. — Beine normal. — Metasternum nur an der Basis eingedrückt, 1. Abdominalsegment tief und breit, 2. ungefurcht. (fig. 26, 27).

Länge (total): 30 mm. Breite (Prothorax): 2 mm. Brasilien. Typus im Britischen Museum.

Proteramocerus enervatus n. sp.

♂. Violetbraun, Elytren mit Ausnahme der Sutura und des Absturzes spangrün, Kopf, Metarostrum, Prothorax und Elytren matt, sonst glänzend. Oberseite des Kopfes gross, flach punktiert, in den Punkten anliegend behaart, ungefurcht, zwischen den Augen mit beginnender, breiter Mittelfurche, Seiten hinter den Augen mit einigen groben Punkten, Unterseite ebenso stark punktiert, die Punkte in Reihen stehend, unbehaart. Metarostrum bis zum Mesorostrum breit und flach gefurcht, Seitenkanten flach, Seiten mit groben, unregelmässig stehenden Punkten, Unterseite etwas kleiner punktiert, Punkte in Reihen stehend, unbehaart, Metarostrum schwach bucklig erhöht, flach gefurcht, Unterseite mit breitem Mittelkiel, unskulptiert, Prorostrum oberseits sehr fein und zerstreut punktiert, unterseits ohne Skulptur. Fühler normal. — Prothorax mit durchgehender Mittelfurche, Skulptur sehr undeutlich, in den kaum wahrnehmbaren Punkten anliegende Härchen. Elytren mit deutlicher, wenn auch feiner Reihenpunktierung, Anhänge an den hinteren Aussenecken sehr kurz, dornartig. Beine normal. — Metasternum an der

Basis eingedrückt, 1. und 2. Abdominalsegment ungefurcht, Skulptur aus zerstreuten, tiefen Punkten bestehend, 3.-5. Segment dicht punktiert. (fig. 28).

♀. Prorostrum fadenförmig. Fühler kurz, Elytren ohne Anhänge.

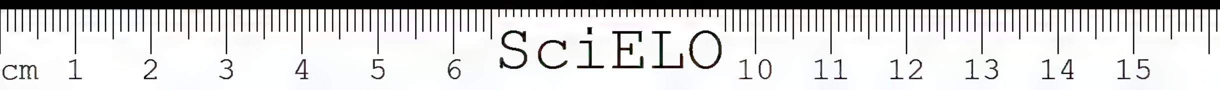
Länge (total): 20 mm. Breite (Prothorax): 1,5 mm.
Brasilien: Pará (Bates, an gefällten Baeumen).
Typus im Britischen Museum.

Die Art ist mit *chontalensis* Sharp zu vergleichen. Sie unterscheidet sich durch folgende Merkmale: Der Kopf ist nicht quergerunzelt, Unterseite von Kopf und Metarostrum, ebenso die Seiten grob und tief punktiert, Elytren nicht gitterfurchig. (*amoenus* Jek. i lit.).

Pseudoceocephalini.

Exopleura avara n. sp.

♂. Kastanienbraun, Halsring des Prothorax schwarz, eine undeutliche postmediane Makel und die Schenkelstiele verdunkelt, am ganzen Körper glänzend. — Kopf zerstreut und zart punktiert. — Metarostrum länger als das Prorostrum, rundlich-walzig, nur vor dem Mesorostrum undeutlich gefurcht, oberseits ohne Skulptur, seitlich kräftig, z. T. grob punktiert und einzeln behaart, neben der flachen Furche einzelne deutliche, z. T. kräftige Punkte. Mesorostrum = *moderata* Kln. Prorostrum an der Basis flach gefurcht. Unterseite durchgehend schmal gekielt, keine grobe Punktierung, dicht, lang behaart. — Fühlerglieder 3.-8. nach vorn an Länge abnehmend, auch die kürzesten noch länger als breit, 3.-8. kegelig, nicht quadratisch. — Prothorax in der basalen Hälfte seitlich grob punktiert. — Anhaenge der Elytren lang, etwa wie bei der Gattung *Phocylides*, unterseits ausgehöhlt. — Metasternum wenigstens in der basalen Hälfte tief, wenn auch schmal gefurcht, Punk-



tierung sehr zerstreut und zart. 1. und 2. Abdominalsegment von gleicher Skulptur, am Hinterrande des 2. stärker, 3.-5. dicht und kraeftig puntkiert.

♀. Prorostrum fadenförmig. Fühler gedrungener, Elytren an den hinteren Aussenecken gedornt.

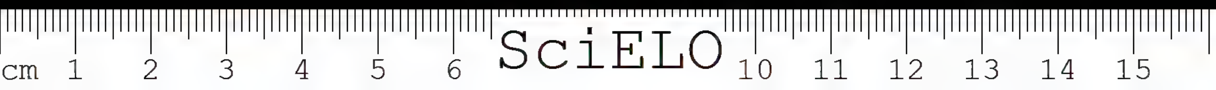
Länge (total): 21-29 mm. Breite (Prothorax): 2-3 mm.

Heimat: Mexico, Columbien. ♂. Typen im Dresdener Museum, ♀. Typen im Britischen Museum.

Das Vorkommen einer zweiten *Exopleura* ist interessant. Die Gattung kommt also nicht nur auf den Antillen vor, sondern auch auf dem Festlande und, wie es scheint, in ziemlicher Ausdehnung. Die Gattungsdiagnose wird insofern etwas beinträchtigt, als die typische Art *moderata* ein längeres Prorostrum als Metarostrum hat. Hier ist es umgekehrt. Auf dieses Merkmal kann man also kein allzuhohes Gewicht legen. Sonst bleibt die Diagnose unverändert. Gegen *moderata* sind die Differenzen folgende: Metarostrum länger als das Prorostrum, mittlere Fühlerglieder kegelig, länger als breit, Prothorax an den Seiten in der basalen Hälfte grob und dicht punktiert, Elytrenanhänge lang, Metarostrum kräftig gefurcht, Abdomen deutlich, wenn auch zart punktiert.

Exopleura enodis n. sp.

♂. Kastanienbraun, wenig glänzend. — Kopf einzeln, zart punktiert, zwischen den Augen mit einer pfeilspitzenartigen Vertiefung, unter den Augen mit je einer Reihe grober Punkte. — Metarostrum so lang wie das Prorostrum, rundlich–kantig, ohne Skulptur, vor dem Mesorostrum undeutlich gefurcht, nach den Seiten abschüssig, Seiten mit einzelnen sehr tiefen, grossen, groben Punkten, die nach vorn weniger werden, nach dem Mesorostrum zu bildet sich eine wulstige Längsverdickung aus Unterseite mit zwei groben Punktreihen, in



den Punkten behaart, Mesorostrum flach, nach vorn keilförmig, flach gefurcht, Prorostrum scharfkantig, Mittelfurche breit und flach, bis zur vorderen Erweiterung reichend, Punktierung zart, einzeln, Unterseite vom Mesorostrum ab mit flachem Mittelkiel, Seiten schmal, scharfkantig. — Fühler gedrungen, 2. Glied quer, 3. kegelig, 4.-8. gleich lang, kantig-eckig, etwas länger als breit, 9. und 10. länger als breit, walzig, 11. so lang wie das 9. und 10. zusammen, alle Glieder locker stehend, tief grubig skulptiert, 9.-11. mit dichter Unterbehaarung. Prothorax unskulptiert. — Anhänge an den Elytren innen gerade, aussen und hinten abgeschrägt. — Beine normal. — Metasternum und 1. Abdominalsegment schmal gefurcht, 2. ungefurcht. Skulptur ist nur auf dem Abdomen seitlich in grober Punktreihe vorhanden, 3. und 4. Segment in der Mitte mit einer tiefen Punktreihe, 5. an der Basis glatt, nech dem Rande zu vertieft, grob, grubig, behaart. (fig. 29).

Länge (total): 26,0 mm. Breite (Prothorax): 2,5 mm.

Bahamas Inseln: Havana. W. H. Hoffmann (Dahlemer Museum).

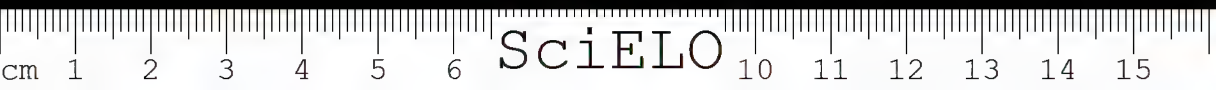
Typus im Britischen Museum.

Die Gattung ist umfangreicher an Arten als ich zunächst anzunehmen geneigt war. Von *modesta* ist die neue Art leicht durch das gleichlange Meta- und Prorostrum zu trennen, ausserdem sind die Elytrenanhänge von ganz anderer Gestalt. Gegen *avara* bestehen folgende Differenzen: Das Metarostrum ist nicht walzig und rund, sondern kantig und an den Seiten gross und tief punktiert. Fühler nicht kegelig, sondern gedrungen, kantig. Elytrenanhänge kurz, 5. Abdominalsegment nicht erhöht, sondern grubig eingedrückt.

Taphroderini.

Taphroderomimus n. g.

♀ Kopf und Rüssel hellrotbraun, Fuehler dunkler, Prothorax oberseits wie der Kopf gefärbt, an den Seiten schwärzlich, Elytren schwarzbraun mit roter Schmuckzeichnung, Beine dunkelbraun, Unterseite des Körpers hellrotbraun bis schwärzlich, am ganzen Körper glaenzend. — Kopf einzeln punktiert, zwischen den Augen schmal, kurz längsgefurcht, Unterseite stark quergerunzelt. — Rüssel ohne besondere Merkmale, wie der Kopf skulptiert, Mandibeln klein. — 1. Fühlerglied keulig, 2. sehr kurz, perlig quer, 3. kegelig, 4.-8. an der Basis eng, nach vorn erweitert, Vorderkante geschwungen, 9. und 10. verlaengert, quadratisch oder laenger als breit, 11. stumpfkonisch, so lang wie das 9. und 10. zusammen, alle Glieder locker stehend, einzeln lang behaart, 9.-11. mit geringer Unterbehaarung. — Prothorax flach aber durchgehend gefurcht, einzeln, zart punktiert. — Elytren mit grober, tiefer Reihenpunktierung, 2. Rippe nur im hinteren Drittel, Humerus etwas vorgezogen, seitlich in der Mitte verengt, nach hinten beträchtlich erweitert, hintere Aussenecken gezahnt, Zahn zweispitzig. Schmuckzeichnung: auf der 4. Rippe ein langer, dicht hinter der Basis beginnender, fast bis zur Mitte reichender Streifen, hinter der Mitte ein kurzer Streifen auf der 3. und 5. Rippe, Absturz ganz rot, 9. Rippe mit langem Apicalstreifen. — Schenkel aller Beine normal, Vorderschienen stark zweidornig, Tarsen kurz, Metatarsus so lang wie die beiden folgenden Glieder zusammen, keulig, 2. und 3. Glied von ähnlicher Gestalt, Klauenglied so lang wie die Tarsen zusammen. Schienen der Mittelbeine schlank, Tarsen sehr schlank, Metatarsus viel länger als die folgenden Glieder zusammen, auf der unteren Kante dornig, 2. und 3. Glied kegelig, seitlich zusammengepresst, Klauenglied nur so lang wie das 2.



und 3. Glied zusammen, alle Tarsen oberseits lang behaart, Hinterschienen und Tarsen von gleicher Gestalt, etwas robuster. — Metasternum gefurcht, zwischen den Hintercoxen breit elliptisch ausgehöhlt. 1. Abdominalsegment etwa in der Mitte mit einem langen, nasenartigen Kiel, dahinter mit einem stumpfkantigen, nach hinten erweiterten und flach gespaltenen Auswuchs, 1. und 2. Segment vollständig verschmolzen, Quernaht fehlt auch an den Seiten, beide Segmente steil nach den Seiten abschüssig, vom Hinterrand des 2. Segments tief nach oben ausgehöhlt, 3. und 4. gleich gross, 5. noch weiter nach oben ausgehöhlt, sehr grob und einzeln punktiert.

♂. Kopf mit deutlicher Mittelfurche, stark querrunzelig und kräftig punktiert, nach dem Metarostrum wird die Skulptur schwächer, und verliert sich am Mesorostrum, Mandibeln sehr stark, an der Basis stumpf gezahnt, Spitzen zweidornig. — Prothorax tiefer gefurcht. — Auf den Elytren ist die Schmuckzeichnung auf der Mitte verbreitert, hintere Aussenecken nicht gezahnt. — 1. Abdominalsegment breit, zapfenartig, 2. platt, 3. schmal, 4. noch schmaler als das 3., namentlich an den Seiten nur noch fast linienförmig, 5. aufgewoelbt, unter dieser Woelbung ganz ausgehoehlt und an der Basis durch einen schmalen Kiel mit dem Tergit verbunden, der, den Tergiten anliegende Teil am Deckenhinterrand sehr grob skulptiert und dicht zottig behaart.

Dieser Riese unter den Zwergen ist das Mekwürdigste was ich bisher im ganzen Tribus gesehen habe. Es wäre zu überlegen, ob nicht ein Tribus darauf zu errichten wäre. Da aber alle wichtigen Eigenschaften mit den *Taphroderini* übereinstimmen, mag es bei der neuen Gattung verbleiben. (fig. 30).

Typus der Gattung: *T. disjectus* n. sp.

Charakter der Art, gleich dem der Gattung.

Länge (total): 18-21 mm. Breite (Prothorax): 2,5 mm. circa.



Heimat Brasilien: Est. Esp. Santo, Guandú. 16.XI, 30.XI. 20.

Sammler F. Hoffmann. Typen im Dahlemer Museum.

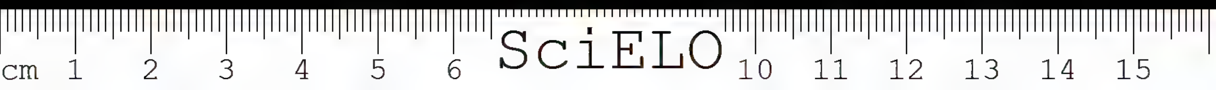
Taphroderes doctus n. sp.

Kopf rotbraun, Fühler dunkelbraun bis rotbraun, Prothorax rotbraun, mehr oder weniger verdunkelt, Elytren schwarz, auf jeder Decke ein bis hinter die Mitte reichender roter Streifen, postmedian eine breite rote Makel, Absturz dunkel rotbraun, Unterseite des Körpers und Beine dunkelrotbraun. — Kopf kräftig, Fühler zart punktiert, 2. Glied quer, perlig, 3. kegelig, fast quadratisch, 3.-9. quer, nach vorn abgeplattet, 9. und 10. etwas vergrössert, 9. quadratisch, 10. breiter als lang, 11. stumpfkonisch. — Prothorax sehr zart und durchgehend gefurcht, einzeln, nadelstichig aber kräftig punktiert. — Elytren tief punktstreifig, Hinterecken gerundet, an der Naht flach innen geschwungen. — Vorderschienen mit kräftigen Dornen, die nach dem Metatarsus zuliegende Kante dicht filzig behaart, Sohlen der Tarsen filzig behaart, Mittelbeine normal, Behaarung schwächer, Schienen der Hinterbeine schlank, Metatarsus kräftig. — Prosternum ungefurcht, an der Basis deutlich geritzt, vor den Hinterbeinen mit zwei tiefen Gruben, Hinterrand von einer Hüfte zur anderen flach geschwungen. Abdomen an der Basis zungenförmig, flach, davor tief eingedrückt, das 3. Segment schmal, an der Einsenkung ohne Punktierung, nach dem 2. Segment und an den Seiten grob, gross und dicht punktiert, 2. Segment platt, nach dem 3. steil abfallend, überall grob und dicht punktiert, die folgenden Segmente von gleicher Skulptur. (fig. 31, 32, 33).

Länge (total): 12.0 mm. Breite (Prothorax): 1.75 mm.

Heimat: Brasilien.

Diese schöne Art ist durch das ungefurchte Metasternum in die Nähe von *oscillator* Sharp und *foveatus*



F. zu bringen. Von *foveatus* durch die ganz andere Elytrenzeichnung und durch bedeutende Grösse leicht trennbar. Sehr auffällig ist das breite 2. Abdominalsegment und die fehlende Abdominalfurche. Auf die Gestalt der Hintertibien und Tarsen ist zu achten.

Typus im Britischen Museum.

Nemocephalini.

Nemocephalus dolosus n. sp.

♂: Hellrotbraun, Vorderrand des Prorostrums, Halsring, der Prothorax seitlich oben, eine undeutliche postmediane Makel, Hüftringe, Schenkel und Schienen an Basis und Knie schwaerzlich, am ganzen Koerper glänzend. — Kopf vom Halse getrennt, ungefurcht, oberseits, zerstreut zart punktiert, zwischen den Augen grubig vertieft, Seiten und Unterseite sehr grob punktiert und behaart, Gulargrube lang, schmal. — Meta-, Meso- und Prorostrum gefurcht, auf letzterem sehr breit und kurz, Skulptur wie auf dem Kopfe. — 1. Fühlerglied sehr lang, etwa so lang wie das 2. und 3. zusammen, 2.-8. kegelig, 2. am kürzesten, vom 3. ab nach vorn an Länge abnehmend, 9. und 10. vergrössert, langelliptisch, 11. fast so lang wie das 9. und 10. zusammen, sehr schlank, 1. und 2. fast unbehaart, dann an Behaarung stark zunehmend, 9.-11. mit dichter Unterbehaarung. — Prothorax unpunktiert. — Elytren mit tiefer Reihenpunktierung.

♀ durch das fadenförmige Prorostrum und die kurzen Fühler unterschieden.

Länge (total): 12-22 mm. Breite (Prothorax): 3 mm.

Dominica, Laiou. 7 ♂♂, 2 ♀♀ im Britischen Mus.

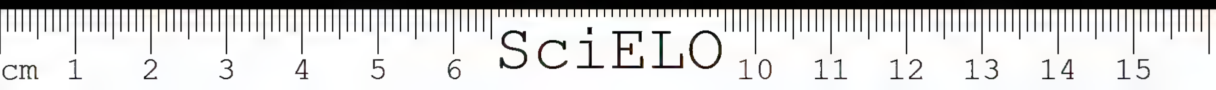
Sammler. G. A. Ramage.

Die Skulptur der Körperunterseite stimmt mit *brevicostatus* Kln. überein. Nur an diese Art besteht ver-

wandtschaftliche Anlehnung. Die Differenzen sind folgende: Die Körperfarbe ist hellrotbraun, nicht tief kastanienbraun, Kopf nur sehr zart punktiert, der ganze Ruessel ist kräftig gefurcht, die Fuehlerglieder sind alle lang, schlank, nicht quadratisch, oder kegelig. Es dürfte sich um eine insulare Vivariante von *brevicostatus* handeln.

Nemocephalus erectus n. sp.

♂. Pechschwarz, alle Schenkel mit breitem rotem Ring, Hüften aller Beine am Grunde rot, mit Ausnahme des etwas glänzenden Abdomens matt. — Kopf zylindrisch, gewölbt, ungefurcht unpunktiert, Unterseite mit einigen zerstreuten, zarten Punkten. — Metarostrum rundlich-walzig, nach dem Mesorostrum etwas schmäler werdend, zwischen den Augen mit kleiner Grube, Metarostrum selbst vor dem Mesorostrum mit Längsfurche, die sonst nur angedeutet ist, Mesorostrum erweitert, schwach bucklig, linienartig schmal und tief gefurcht, Prorostrum an der Basis sehr schmal, kantig, nach unten schräg erweitert, in diesem Teil, mit kraeftiger Mittelfurche, nach vorn erweitert und verflacht, einzeln, deutlich punktiert, Unterseite ohne Skulptur, unter dem Mesorostrum breit gekielt. — 1. Fühlerglied lang, 2. und 3. gleichlang, 4.-8. unter sich ebenfalls gleichlang und nur wenig länger als das 2. bezw. 3., 9. und 10. walzig, 9. länger als das 10., mit Ausnahme des 11. das längste von allen, 2.-8. mehr oder weniger kegelig, 9. und 10. walzig, alle Glieder lockerstehend, sehr stark beborstet, 9.-11. mit dichter Unterbehaarung. — Prothorax ohne Skulptur. — 2. Rippe auf den Elytren durchgehend, Reihenpunktierung zart, an der Basis kräftiger. — Vorder- und Mittelschenkel mit schmalem Stiel und kräftiger Keule, Unterkante dieser Schenkel kammartig bedornt, Schienen aller Beine schmal, schlank, Innenkante in der vorderen Hälfte kammborstig behaart, Tar-



sen normal. — Metasternum an der Basis eingedrückt, Abdomen ungefurcht, Skulptur allgemein nur sehr gering. (fig. 34).

Länge (total): 19,0 mm. Breite (Prothorax): 2,5 mm.

Ecuador: Macas. Sammler: Buckley. Typus im Britischen Museum.

Es handelt sich um eine specielle Form, die durch das Fehlen aller Skulptur auf dem Kopf und Rüssel ausgezeichnet ist und damit an *famulus* Boh. sich anlehnt. Bei keiner schwarzen Art sah ich bisher rote Schenkelringe und ebenso gefärbte Hüften. Endlich ist noch darauf hinzuweisen, dass die Hinterschenkel sehr breit sind wie bei fasciatus Kln. Es ist beachtenswert, dass die Heimat Ecuador ist. Ich sah alle in Südarika vorkommende Brenthiden mit schwarzen, rotgebänderten Schenkeln nur von dort.

Nemocephalinus gen. nov.

♂. Der Gattung *Nemocephalus* nahestehend. Kopf, Ruessel und Fuehler wie dort. Prothorax elliptisch-eifoermig, gewoelbt, ungefurcht. — Elytren gleich *Nemocephalus*. — Schenkel stark keulig, Stiel sehr dünn, Schienen schmal, dünn, gerade, Metatarsus aller Beine nicht länger als das 2. Glied. — Metasternum nur an der Basis schmal eingerissen, Abdomen gewölbt, ungefurcht.

Typus der Gattung: *N. dubitabilis* n. sp.

Von allen Genera der *Nemocephalini* ist die neue Gattung durch die Form des Prothorax geschieden. Wenn nicht alle sonstigen Merkmale für die Zugehörigkeit zum Tribus sprächen und die Stellung nicht genau gegeben wäre, so könnte man im Zweifel sein, ob die Stellung zu den *Nemocephalini* richtig sei. Jeder Zweifel ist indessen ausgeschlossen und so stellt *Nemocephalinus* die erste Gattung dar, die keinen gefurchten Prothorax

hat. Was sonst noch von *Nemocephalus* trennt, ist die Form der Beine. Die Schenkel sind auffallend schwach gestielt und sehr kräftig gekeult, die Schienen sind von sehr schlanker Gestalt, gerade, der Metatarsus ist nur so lang wie das 2. Glied, was ich bisher bei *Nemocephalus* kaum beobachtet habe. Endlich ist auf das ganz ungefurchte Abdomen aufmerksam zu machen. Die Gegenüberstellung zu *Nemocephalus* ist also berechtigt, die Trennung beider Gattungen leicht.

Nemocephalinus dubitabilis n. sp.

Dunkel violetbraun, matt, 3. Rippe auf den Elytren schmutziggelb, postmedian durch eine schwarze Makel unterbrochen, auf dem Absturz verschwindet die helle Linie. — Kopf scharf vom Halse abgesetzt, oberseits ungefurcht, unpunktiert, zwischen den Augen mit tiefer punktartiger Grube, Seiten schwach punktiert und behaart. — Metarostrum an der Basis rundlich, nach vorn schmaler und kantiger, Mittelfurche schwach, im Basalteil fehlend, nach vorn breiter und tiefer, Skulptur ganz obsolet, Metarostrum schmal gefurcht, Prorostrum nur an der Basis mit kurzem Einriss, Punktierung deutlich, nadelstichig, Unterseite überall tief, dicht aber nicht gross punktiert und nur bis zum Prorostrum zottig behaart. — 2.-8. Fuehlerglied fast gleichlang, 2. am kürzesten, alle an der Basis nodos verdickt, 9.-11. walzig, 9. erheblich länger als das 10., 11. kaum so lang wie das 9. und 10. zusammen, Behaarung stark, 9.-11. mit sehr dichter Unterbehaarung. — Prothorax ohne Skulptur, nur hinter den Vorderhüften einige grobe Punkte. — Sutura breit, 2. Rippe schmal und tief eingesenkt, alle anderen verschwunden, nur die 3. an der Basis noch angedeutet, Furchenpunktierung fehlt. — Schienen aller Beine auf der Innenkante lang behaart. — Metasternum und Abdomen hochglänzend, ohne Skulptur, 3.-5. Abdominalsegment kräftig punktiert.

Länge (total): 15,5 mm. Breite (Prothorax): 2,2 mm. circa.

Heimat: Cayenne, Brasilien, Rio de Janeiro (Fry). Typus im Britischen Museum.

Nemocoryna extranea n. sp.

♀. Violetbraun, 1. und 2. Rippe der Elyytren und eine undeutliche postmediane Makel schwärzlich, Beine, Metasternum und Abdomen glänzend, sonst matt. — Kopf mässig konisch, nur zwischen den Augen eine mässige Vertiefung, sonst ungefurcht, Punktierung einzeln, Unterseite mit zwei groben, behaarten Punktreihen. Metarostrum gefurcht, Furche vor dem Mesorostrum sehr tief, Skulptur wie auf dem Kopfe, Seiten und Unterseite wie der Kopf tief, grob punktiert und behaart, Mesorostrum tief punktiert, Prorostrum walzig. — Fühler der Gattungsdiagnose entsprechend. — Prothorax normal. — Elytren an der Basis mit verkürzter 2. Rippe, Reihenpunktierung nadelstichig, sehr fein. — Beine normal. — Metasternum an der Basis grubig eingedrückt, Abdomen ungefurcht, Punktierung zart und zerstreut.

Länge (total): 17 mm. Breite (Prothorax): 2,2 mm.

Brasilien: Rio de Janeiro. Sammler: Fry. Typus im Britischen Museum.

Prof. Arrow hat die neue Art mit den Sharpschen Typen verglichen und als nicht identisch erkannt. Mit *Godmani* besteht weniger Aehnlichkeit als mit *sericata*, von der sie sich durch die matten Elytren und die Schwarzfärbung der 1. und 2. Rippe und der Deckenmakel unterscheidet. Die Sharpschen Arten sind aus Centralamerika, *extranea* ist die erste Art aus Brasilien.

Nemobrenthus expletus n. sp.

♂. Rötlich-kastanienbraun. Elytren mit Ausnahme des Absturzes spangrün bis blaumetallisch, am ganzen

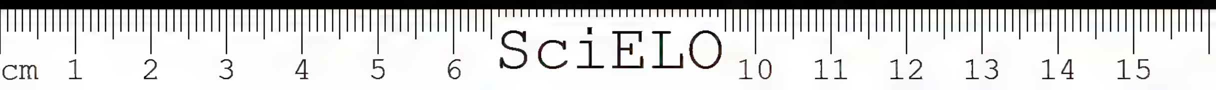
Körper, auch auf den Elytren, hochglänzend. Kopf rechteckig, am Hinterrande eingekerbt, ungefurcht, einzeln, nadelstichig punktiert, Seiten und Unterseite desgleichen, Augen vornstehend, sehr prominent gross. Metarostrum kantig, parallel, vor dem Mesorostrum kurz und schmal gefurcht, Skulptur wie auf dem Kopfe, Seiten mit groben, einzelnstehenden Punkten, Mesorostrum flach, hintere Hälfte schmal, vordere breit gefurcht, Prorostrum an der Basis flach gefurcht, Punktierung zart, unterseits mit breitem Kiel unter dem Mesorostrum. — Fühler kurz, 1. Glied kantig, becherförmig, 2.-8. quer, vordere Kante gerade, hintere gerundet, 9. und 10. fast quadratisch oder etwas länger als breit, 11. konisch, alle Glieder locker stehend, tief grubig skultiert, vom 9. ab dicht behaart. — Prothorax zart punktiert. — Elytren neben der Sutura mit kurzer 2. Rippe im Basalteil, Furchenpunktierung kaum sichtbar, am Seitenrand die 10. Rippe nur in der basalen Hälfte vorhanden. — Beine normal. — Abdomen breit gefurcht, unpunktiert. — ♀ Durch das fadenförmige Prorostrum und ungefurchte Abdomen unterschieden.

Länge (total): ♂ ♀ 15-17 mm. Breite (Prothorax): 2-2,25 mm.

Brasilien, Jatahy, Est. de Goyas, Dez. 97. — Jan. 98, Pará.

Aus Sammlung Fry. Typen im Britischen Museum.

Ein Vergleich mit *sublaevis* Boh. kommt nicht in Frage, sondern allein mit *aeneipennis* Sharp., von dem mir ein mit der Type verglichenes Stück vorlag. Im allgemeinen ist *expletus* gedrungener, die Farbe ist nicht erzfarbig metallisch, sondern hellkastanienbraun. Nur die Elytren sind von einem herrlichen grün bis blau schillernden Hochglanz. Die Ausfärbung ist zwar recht hervorstechend, könnte aber doch zu Zweifeln Veranlassung geben, sobald die Farbenkontraste schwächer werden. Es ist daher nach einem habituellen Unterschied zu suchen und der scheint mit am sichersten am



Rippenbau der Elytren zu finden zu sein. ***Aeneipennis*** hat neben der Sutura noch eine vollständige Rippe, während sie bei expletus nur an der Basis vorhanden ist. Auch wird daselbst der Vorderrand nicht erreicht.

Thaumastopsis exitialis n. sp.

♂. Pechschwarz, Prothorax in der Furche rot, Sutura und 2. Rippe rotbraun, Pro- und Metarostrum undeutlich und stellenweise rötlich, Abdomen rot, Schenkel z. T. rötlich braun, am ganzen Koerper glänzend. — Kopf walzig, parallel, an der Basis flach quergerunzelt, Seiten tiefer, Unterseite tief quergerunzelt, Punktierung oberseits fein, seitlich und Unterseite kräftiger punktiert. — Rüssel walzig, ohne Furche, Skulptur auf Ober- und Unterseite wie auf dem Kopfe, vom Hinterrand des Kopfes bis zum Mesorostrum mit einer durchgehenden tiefen und nadelrissigen Mittelfurche, Mesorostrum etwas bucklig, Prorostrum an der Basis gefurcht. — Fühler schlank, 2.-8. Glied mehr oder weniger kegelig, die vorderen breit und mehr tonnenförmig werdend, 9. u. 10. erheblich länger, walzig, 11. so lang wie das 9. u. 10. zusammen. Vom 8. ab mit Unterbehaarung. — Prothorax breit abgeflacht, Furche nadelrissig schmal, seitlich flach dornartig vorstehend. — Elytren ohne Schmuckzeichnung, ausser der Sutura nur noch eine schmale Rippe vorhanden, die folgenden nur durch Punktreihen angedeutet. — Schenkel schwach keulig, Stiel mit erhabenem Mittelkiel. — Metasternum, 1. u. 2. Abdominalsegment ungefurcht, unskulptiert, 3.-5. Segment dicht nadelstichig und tief punktiert.

Länge (total): 19,0 mm. Breite (Prothorax): 3,0 mm.

Brasilien: Rio Grande.

Typus im Britischen Museum.

Von der einzig bekannten Art *gemmarius* Kln. leicht zu trennen. Die Fühler sind gedrungen, keine Schmuck-

zeichnung auf den Elytren, nur 2 Rippen sind entwickelt. *Gemmarius* ist bunt und matt, der Prothorax gewölbt und kräftig gefurcht.

Acratus fallax n. sp.

♂. Sehr schlanke, grosse Art, schwarz, Schmuckzeichnung orangerot, Unterseite des Körpers rotbraun, Glanz mittelstark. — Kopf lang, walzig, nach den Augen kaum verbreitert, ungefurcht, Hinterrand gerade, am Halse mit einigen flachen Querfurchen, — Prorostrum rundlich walzig, gegen das Mesorostrum wenig schmaler, ungefurcht, Mesorostrum schmal, tief gefurcht, Prorostrum bis ins vordere Viertel breit und kräftig gefurcht, kantig, nur am Vorderrand flach punktiert, sonst fehlt jede Skulptur. — Fühler schlank, 2. u. 3. Glied gleichlang, kegelig, 4.-8. fast gleichlang, kegelig, die vorderen walzig, 9. u. 10. wenig verändert, 11. fast so lang wie das 9. u. 10. zusammen. — Prothorax schlank, am Hinterrand kurz und scharf verengt, durchgehend gefurcht, ohne Punktierung. — Elytren gegen den Absturz allmählich verengt, Hinterrand gerade, alle Rippen breit und flach, 1.-4. deutlich, die folgenden nur durch die Furchenpunkte kenntlich. 1.-3. Furche unpunktiert, durchgehend, die folgenden punktiert, Schmuckzeichnung Abb. 35. — Beine schlank, Schenkel keulig, gedornt, Schienen lang, gerade, Inneseite kammborstig, Metatarsus aller Beine fast so lang wie das 2. u. 3. Glied zusammen.

Länge (total): 25 mm. Breite (Prothorax): 2,5 mm.

Südamerika. Aus Sammlug Sharp. Typus im Britischen Museum.

Die Unterbringung dieser merkwürdigen Art stösst auf grosse Schwierigkeiten. Sie sieht einem Brenthus, etwa *rufiventris* so ähnlich, dass man sie, ohne naehere Prüfung, dafuer halten könnte. Der Kopf weist sie aber zu den *Nemocephalini*, ebenso die Form der Beine.

Es handelt sich um eine Uebergangsform und beweist, wie nahe die beiden Tribus stehen. Die Beine sind übrigens bei *Acratus* auch nicht recht hinpassend und weisen wieder auf die *Ithystenini*. Es ist aber das beste, die neue Art bei *Acratus*, wenigstens vorläufig, zu belassen. Die Schmuckzeichnung und Art der Rippenbildung ist ganz wie bei Brenthus. Vielleicht wird noch eine eigene Gattung zu errichten sein.

Acratus expressus n. sp.

♂. Mit *interruptolineatus* Gill. nahe verwandt und durch folgende Merkmale unterschieden: Allgemein schlankerer Habitus, Kopf gegen die Augen keilförmig verengt, nicht parallel, Metarostrum doppelt so lang wie der Kopf, kräftig durchgehend gefurcht, Prorostrum an der Basis nur eingedrückt, nicht gefurcht, Skulptur und Behaarung wie bei *interruptolineatus*. — Fühler schlank, 2.-8. Glied kegelig, an der Spitze nodos, vom 3.-8. allmachlich an Laenge abnehmend, 2. so lang wie das 8., 9. u. 10. einzeln so lang oder etwas länger als das 3., walzig, 11. kaum so lang wie das 9. und 10. zusammen, 1.-8. Glied lang, zottig behaart, 9.-11. nur mit dichter Unterbehaarung. — Prothorax normal. — Elytren schlank, am Hinterrand kräftig gedornt, 3. Rippe erhaben, die folgenden mehr oder weniger deutlich. — Beine sehr schlank. ♀ nicht gesehen.

Länge (total): 16-26 mm. Breite (Prothorax): 1,5-2,0 mm.

Brasilien, Rio de Janeiro. Aus Sammlung Fry. 4 ♂♂ im Britischen Museum.

Von der Gyllenhalschen Art, die ihr sehr ähnlich ist, unterscheidet sich *expressus* sicher durch das längere Metarostrum, die ganz anderen Fühler und die am Hinterrand gedornten Elytren, die seitlich nicht glatt wie bei *interruptolineatus* sind, sondern recht deutliche

Rippen haben. Alles übrige ist mit jener Art absolut übereinstimmend.

Acratus exquisitus n. sp.

♂. Rotbraun, Prothorax neben der Mittelfurche schwarz gestreift. Sutura und 1. Rippe verdunkelt, 2. u. 4. Rippe, gelb, postmedian eine schwarze Makel, Oberseite des Körpers matt, Unterseite und Beine glänzend. — Kopf walzig, unskulptiert, Seiten querfurchig. Unterseite von der Gulargrube ab mit tiefen, einzelnen, zum Teil in Reihen stehenden Punkten. Metarostrum etwa 1 1/2 mal so lang wie der Kopf, rundlich-walzig, ungefurcht, Mesorostrum bucklig mit schmaler Mittelfurche, Prorostrum sehr kurz, an der Basis kurz, tief dreieckig gefurcht, Unterseite des Metarostrums bis zur Hälfte mit zwei Reihen tiefer Punkte, dann breit gekielt. — Fühler schlank, 2.-9. Glied an der Spitze nodos verdickt, die folgenden walzig, von üblicher Form, vom 3.-8. an Länge abnehmend, lang behaart, 9.-11. dicht behaart. — Prothorax hinter den Vorderhüften punktiert, sonst unskulptiert. — Elytren kräftig gedornt, Rippen flach aber mehr oder weniger deutlich, 1. und 2. Furche deutlich, unpunktiert, die folgenden punktstreifig. — Beine normal. — Metasternum und Abdomen unscharf gefurcht.

Länge (total): 20-21 mm. Breite (Prothorax): 2.-2,25 mm.

Brasilien, Amazonas (Bates), Pará.

Typus im Britischen Museum. ♀ nicht gesehen.

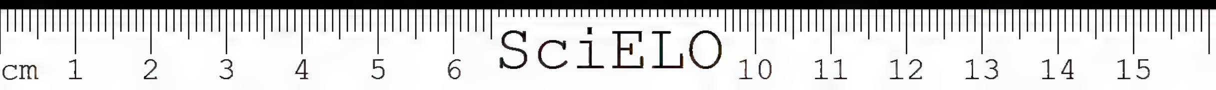
Die Art ist mit *propinquus* Senna verwandt, aber durch die stark gedornten Elytren leicht zu trennen.

Acratus disjunctus n. sp.

♀. Dunkelbraun, schwach metallisch, fettigglänzend. — Kopf vom Halse abgesetzt, flach gefurcht, am

Scheitel fast ungefurcht, stark punktiert, in den Punkten kurz behaart, Seiten und Unterseite mit schwächerer Behaarung und Punktierung, Augen vorgerückt, stark prominent. — Metasternum kantig, zwischen den Augen beginnt eine breite flache Furche, die sich erweitert; in der Mitte bildet sich ein breiter, flacher Kiel, der wieder schmal gefurcht ist, daneben jederseits eine tiefe, geschwungene Furche, die bis zum Mesorostrum reicht, vor dem Mesorostrum ist das Metarostrum sehr stark verengt, Skulptur wie auf dem Kopf. Mesorostrum schmal aus dem Metarostrum entspringend, stark rundlich erweitert, bis zur Mitte schmal, dann breit gefurcht, Skulptur wie auf dem Kopf. Prorostrum an der Basis kantig, schmal, in diesem Teil gefurcht, dann rundlich, dicht punktiert und behaart. — Alle Fühlerglieder kegelig, vorn nodos erweitert, 9. und 10. nur wenig vergrössert, 11. kurz, konisch, Skulptur und Behaarung gering. — Prothorax an der Basis tief gefurcht, nach dem Halse zu lässt die Tiefe nach und verschwindet ganz, Punktierung und Behaarung überall kräftig. — Elytren mit scharf ausgeprägter 2. Rippe, die folgenden an der Basis noch durch die tiefe Furchenpunktierung erkennbar, sonst sind die Rippen durch eine schwache, die Furchen durch eine tiefe Punktreihe erkennbar, Beharaung namentlich am Absturz dicht und struppig, sonst einzeln. — Alle Schenkel mit starkem Stiel und sehr kräftiger Keule, Schienen gerade, innenseits auf der Mitte etwas verdickt, Tarsen kegelig, vorn nodos verdickt, Klauenglied keulig, Skulptur und Behaarung nur auf der Keule. — Metasternum gefurcht, Abdomen ungefurcht, Punktierung und Behaarung kräftig, 3.-5. Segment zart punktiert und unbehaart.

♂. Prosternum an der Basis breit keilförmig gefurcht, gegen den Vorderrand allmählich erweitert, Hinterschenkel an der Basis breit, seitlich zusammen gepresst, 1. Abdominalsegment verflacht, 2. gewölbt. Alles andere wie beim ♀. (fig. 36, 37).



Heimat: Rio de Janeiro.

Typus im Britischen Museum.

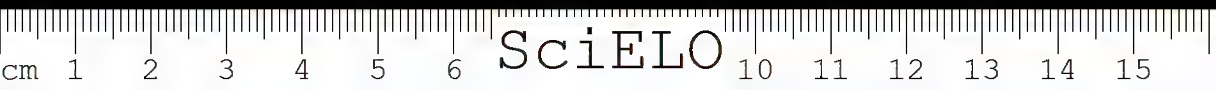
Länge (total): 17,0 mm. Breite (Prothorax): 2,0 mm.

Heimat. Brasilien, Est. Esp. Santo, Guandú. II, XI. 1920. Sammler Hoffmann. Typus im Dahlemer Museum.

Von allen anderen Arten durch die allgemeine starke Punktierung und Behaarung, das verengte Metarostrum und die stark kantigen Schenkel leicht zu trennen.

Acratus durabilis n. sp.

♂. Rotbraun, matt, nur die Sutura im basalen Teil verdunkelt. — Kopf nach dem Halse verengt, rundlich, gewölbt, Oberseite flach, gross punktiert und in den Punkten anliegend behaart, zwischen den Augen eine tiefe Grube, Seiten hinter den Augen mit einzelnen Punkten, sonst unpunktiert, Unterseite an der Basis nur einzeln, nach vorn dicht, grob und gross punktiert. — Metarostrum fast parallel, stumpfkantig, wie der Kopf skulptiert, ungefurcht, seitlich und unterseits mit einzelnen sehr grossen Punkten, in den Punkten behaart, Mesorostrum platt mit tiefer, schmaler Mittelfurche, Punktierung kräftig, Prorostrum halb so lang wie das Metarostrum, rundlich, gewölbt, ungefurcht, sehr einzeln punktiert, etwas glänzend, gegen den Vorderrand schwach erweitert. — 1. Fühlerglied klobig, 2.-8. kegelig, fast von gleieher Länge, 9. und 10. walzig, gleichlang, 11. fast so lang wie das 9. und 10. zusammen, schlank, sonst normal. — Prothorax schlank, tief durchgehend gefurcht, Skulptur nicht vorhanden. — 2. Rippe auf den Elytren etwas eingesenkt, so breit, wie die Sutura, 3. an der Basis undeutlich, nach hinten zu immer mehr convex, 4. auf der Mitte über die 3. erhaben, 5. eingesenkt, 6. und 7. wieder wie die 4., überall flache Gitterung vorhanden, die auf dem Absturz stärker wird, Absturz in der Mitte eingekerbt. — Schenkel aller Beine



an der Basis plattgedrueckt, Keule schwach, Schienen gerade, Metatarsus so lang wie das 1. und 2. Glied zusammen. — Metasternum und Abdomen ungefurcht, Quernaht zwischen dem 1. und 2. Segment tief durchgehend, Punktierung auf dem Metasternum mässig, auf dem Abdomen tief, gross und dicht. (fig. 38).

Länge (total): 15,0 mm. Breite (Prothorax): 1,75 mm.

Brasilien, Santarem. Typus im Britischen Museum.

Ich kann die Art nur zu *Acratus* bringen, wo sie am besten hinpasst. Bei keiner anderen Art dieser Gattung sah ich allerdings diese eigenartige Rippenbildung auf den Elytren wie hier. Es kommt nicht nur zu einer beträchtlichen Erhöhung der einzelnen Rippen, die Erhöhungen liegen auch an den verschiedensten Stellen. Alle Rippen sind bis zu einem gewissen Grade entwickelt und in den Furchen hat sich deutliche Gitterung herausgebildet. Dadurch steht die Art den anderen *Acratus*-Arten gegenüber und ist leicht zu trennen.

Acratus fidelis n. sp.

♂. Mit *expectatus* Kln. nahe verwandt und durch folgende Merkmale unterschieden: Elytren mit durchgehender 2. Rippe, Hinterrand dornig verlängert. 1. und 2. Abdominalsegment durchgehend, gleich breit gefurcht.

♀. Elytren am Hinterrand gleichfalls gedornt, Abdomen ohne Furche, gewölbt.

Länge (total): ♂ ♀ 18-21 mm. Breite (Prothorax): 2,0 mm.

Brasilien: Rio de Janeiro. Sammler: Fry.

4 ♂♂ 1 ♀ im Britischen Museum.

Acratus expectatus n. sp.

♂. Dunkel violetbraun, Elytren schwach grünmetallisch, der Metallglanz kann auch fehlen, mit Ausnahme

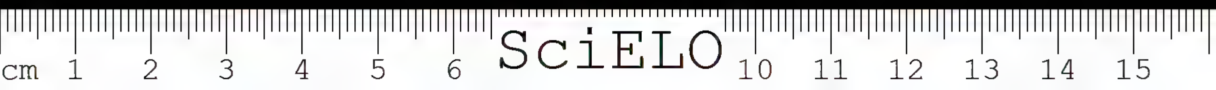
der etwas glänzenden Beine matt. — Kopf walzig, nach den Augen schwach erweitert, ohne Skulptur. Seiten und Unterseite mit einzelnen, groben Punkten, die unterseits in Reihen stehen, in den Punkten zuweilen einzeln behaart. — Metarostrum walzig, gegen das Mesorostrum mehr kantig, dortselbst zart gefurcht, seitlich und unterseits grob, einzeln punktiert, Mesorostrum flach, schmal gefurcht, Prorostrum nur an der Basis kräftig gefurcht. — 2. Fühlerglied kurz, 3. etwas länger, 4. noch länger, vom 4.-8. nur wenig an Laenge abnehmend, 9. und 10. stark verlängert und unter sich gleich gross, basale Glieder kegelig aber nicht nodos verdickt, nach vorn zu mehr walzig, das 8. schon rein walzig, Behaarung aller Glieder normal. — Prothorax ohne Skulptur. — Elytren parallel, am Absturz etwas zusammengedrückt, Hinterrand stumpfeckig, nicht gerundet, neben der Sutura noch eine 2. schmale Rippe, die an der Basis und am Absturz fehlt, auf dem Absturz die 3. scharf hervorgehoben, 9. desgleichen, alle Rippen fehlen sonst, Reihenpunktierung mittelstark. — Schenkelstiele an der Basis etwas eingedrückt, Schienen aller Beine innenseits kammborstig behaart, 1. und 2. Tarsenglied gleich lang. — Metasternum an der Basis grubig eingedrückt, 1. Abdominalsegment dreieckig gefurcht, Furche gegen das 2. Segment erweitert, 2. an der Basis scharfkantig gefurcht, sonst ungefurcht, nur auf dem 5. Abdominalsegment kräftig punktiert, weitere Skulptur fehlt (fig. 39).

Länge (total): 14-17 mm. Breite (Prothorax): 1,75 -2,0 mm.

Brasilien: Rio de Janeiro. Sammler: Fry.

Typus im Britischen Museum.

Expectatus muss in die Nähe von *ruber* E. und *tarsatus* Gyll, zu stehen kommen. Von *ruber* trennt die Ausfärbung leicht und *tarsatus* hat mehr Aehnlichkeit mit *Proteramocerus laevis* Germ., wenigstens in der Verteilung der Farbe. *Expectatus* ist ganz einfarbig und der mehr oder weniger deutliche Metallglanz der Elytren

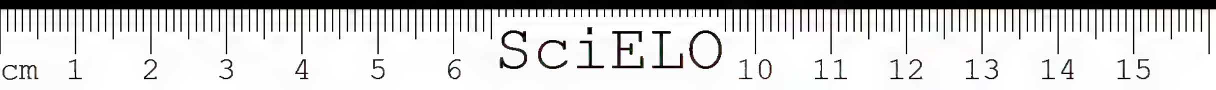


bleibt auch bei schwach ausgefärbten Tieren immer nachweisbar. Von ganz auffallender Form ist die Abdominalfurchung. Auf dem 1. Segment ist die Furche basal schmal, erweitert sich gegen das 2. Segment keilförmig und hat nicht scharfe Ränder; zwischen dem 1. und 2. Segment liegt eine quere Einsenkung, so dass das 2. Segment höher liegt als das 1. vor dem 2. Etwa im basalen Drittel des 2. Segmentes befindet sich eine schmale, scharfkantige Furche, die plötzlich abbricht und schnell verschwindet. Ich habe diese eigentümliche Anordnung der Abdominalfurchung noch bei keiner anderen Art gesehen, sie allein wäre hinreichend, den Artcharakter zu sichern.

Acratus extrarius n. sp.

♂. Einfarbig schwarz, Kopf, Rüssel und Prothorax maessig glaenzend, sonst mit starkem Glanz, namentlich Unterseite und Beine. — Kopf walzig, ungefurcht, unpunktiert, seitlich, am Halse, mit mehreren groben Querfurchen. — Metarostrum erheblich länger als der Kopf, rundlich walzig, in der vorderen Hälfte zart, mehr oder weniger undeutlich gefurcht, Mesorostrum tief gefurcht, namentlich in der vorderen Hälfte, Prorostrum scharf nach vorn erweitert, in der basalen Hälfte tief gefurcht, Skulptur fehlt auf allen Seiten des ganzen Rüssels. — 3.-8. Fühlerglied fast gleich lang, die vorderen Glieder kaum etwas kürzer, stark, kegelig, die vorderen mehr walzig, 9. und 10. verlängert, walzig, 11. lang, Behaarung normal. Prothorax ohne Punktierung. — Elytren mit noch einer sehr schmalen 2. Rippe, die an der Basis verloschen ist, sonst spiegelglatt, Hinterrand gerundet. — Beine normal ,schlank, Metatarsus nur an den Hinterbeinen länger als das 2. Glied. — Metasternum nur an der Basis grubig eingedrückt, Abdomen ungefurcht, Skulptur fehlt.

♀. Prorostrum fadenförmig, Fühler gedrungen.



Länge (total): ♂ ♀ 19-26 mm. Breite (Prothorax): 2,5-3,0 mm.

Brasilien: Amazonas, Ega, Cayenne, Perú: Chanchamayo.

Von Bates und Ihamm gesammelt. Typen im Britischen Museum.

Extrarius gehört in die Verwandtschaft von *apicalis* und *extraordinarius*. Sie ist von beiden Arten durch die Furche am Kopf geschieden, von *apicalis* ausserdem durch die glänzenden Elytren, gegen *extraordinarius* scheiden ausser den Kopffurchen die nicht spitzen, sondern gerundeten Elytren.

Acratus extraordinarius n. sp.

♂. Mit A. *apicalis* Sharp verwandt und durch folgende Merkmale sicher unterschieden: Fühler nicht schlank, sondern gedrungen, das 3. ist das weitaus längste mit Ausnahme des 11., 9. und 10. nicht lang, walzig, sondern gedrungen, tonnenförmig.— Elytren nicht matt, sondern hochglänzund, am Hinterrand stumpflich gedornt, nicht gerundet. — Metatarsus aller Beine kurz, nicht langkonisch. (fig. 40-41).

Länge (total): 17 mm. Breite (Prothorax): 1,75 mm. circa.

Brasilien: Ega, Amazonas. Typus im Britischen Museum.

Die Differenzen zwischen den beiden Arten sind nach einer Cotype Sharps festgestellt.

Acratus errabundus n. sp.

♂. Schwarz, mehr oder weniger glänzend, in der Figur laevigatus ähnlich. — Kopf querfurchig, auf der Oberseite am stärksten. — Prorostrum undeutlich zweifurchig, flach, kantig, Unterseite breit und flach gekielt,

Mesorostrum breit und flach gefurcht, Prorostrum nach vorn keilförmig erweitert, gefurcht, Seitenkanten scharf und schmal, erst dicht am Vorderrand flach werdend. — 1. Fühlerglied gross, 2. halb so lang wie das 1., an der Spitze nodos verdickt, 3. doppelt so lang wie das 2., 4. und 5. erheblich kürzer, 2.-5. Glied keulig, nodos 6.-9. etwa gleich lang, nach aussen knotig verdickt, 9. elliptisch, 10. schlank, 11. kaum so lang, wie das 9. und 10. zusammen.—Prothorax am Halse tief querrunzelig, ohne Punktierung. — Elytren am Absturz mit kurzen Anhängen, 2. Rippe an der Basis nur durch Reihenpunktierung kenntlich, die übrige Reihenpunktierung sehr zart. — Schenkelstiele aussen gefurcht, Hinterschienen seitlich zusammengedrückt, Metatarsus der Hinterbeine keilförmig, nicht platt, 2. Glied desgleichen. — Metasternum nur an der Basis eingedrückt, Abdomen ungefurcht, nur das 3.-5. Segment mit dichter Punktierung (fig. 42).

Länge (total): 37 mm. Breite (Prothorax): 3,0 mm.
Brasilien: Pará. Typus im Britischen Museum.

Von *laevigatus* unterscheidet sich die neue Art sehr leicht durch den ganz eigenartigen Bau der Fühler, der überhaupt ein Unikum innerhalb der Gattung darstellt. Ferner sind die Elytren am Absturz mit kurzen Anhängen versehen und die Hintertarsen sind von ganz anderer Gestalt. Verwechselung mit irgend einer anderen Art ist nicht gut möglich.

Brenthindi.

Brenthus efferatus n. sp.

♂. Schwarz, Prothoraxfurche dunkelbraun, Schmuckzeichnung schwefelgelb, hochglänzend. — Kopf am Hinterrande halbelliptisch eingekerbt, an den Aussenecken spitz über den Hals vorgezogen, Punktierung einzeln, zart, tief. — Metarostrum ungefurcht, wie der Kopf punktiert, Mesorostrum tief schmal gefurcht, Prorostrum

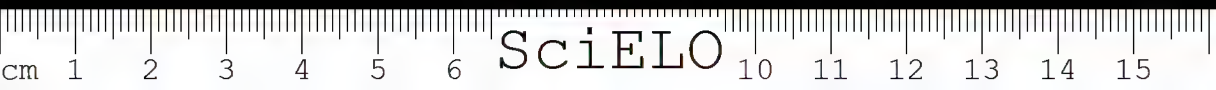
bis zur Erweiterung mit flacher Furche. — 2. Fühlerglied quadratisch, 3. kegelig, länger als breit, 4.-10. allmählich an Breite zunehmend, die basalen noch rundlich, die vorderen kantig, Behaarung vom 3. Glied ab zunehmend, vom 6. ab mit grober Skulptur und dichter Unterbehaarung, 7.-11. einheitlich dicht skulptiert und behaart. — Prothorax gefurcht, einzeln, zart punktiert. — Elytren an der Basis schräg, am Absturz gemeinsam abgerundet, ohne Anhänge, stark gitterfurchig. Lage der Schmuckzeichnung: 3. Rippe kurzer Streifen median, langer apical, 4. kurzer bis zum Apicalstreifen auf 3., reichender Basalstreifen, kurzer Apicalstreifen auf der 9. Rippe. — Schenkel gedornt, Schienen auf der Mitte innenseits etwas verdickt. — Prosternum ungefurcht, Metasternum und Abdomen gefurcht. (fig. 43).

♀ in üblicher Weise unterschieden.

Länge (total): 10,0-15,0 mm. Breite (Prothorax): 1,5-2,0.

Marquesas Inseln, Insel- Nuka Hiva. 6 ♂♂, 9 ♀♀ im Britischen Museum.

Es handelt sich um eine kleine schwarze Art, etwa wie *armiger* Sharp. Der Fundort war mir so zweifelhaft, dass ich das Material nach London zurückgab. Nach brieflicher Mittellung Prof. Arrows lebt der Sammler aber noch und teilte selbst die Standpflanze, Hibiscus tiliaceus, noch mit. Damit ist der gewiss interessante Beweis erbracht, dass die *Brenthus*-Arten bis zu den Marquesas — Inseln vorgedrungen waren und sich die neotropische Fauna bis dahin erstreckt hat. Den Einfluss westlicher Elemente habe ich bis Tahiti nachgewiesen, bis dahin sind z B. die *Amorphocephalini*, die im ganzen neotropischen Gebiet fehlen, gewandert, jede Spur eines Anklanges an die amerikanische Fauna fehlt vollständig. Es scheint ständig eine Unterbrechung der Ost-Westpunkte: Gesellschafts-Inseln—Marquesasinseln bestanden



zu haben. Auf manchen gut durchforschten Gebieten wie z. B Hawaii sind in der Tat auch keine Brenthiden aufgefunden worden.

Brenthus finitimus n. sp.

♂. Grössere, schlanke, Art, einfarbig, schwarz, Schmuckflecken gelb-orange, am ganzen Körper hochglänzend. — Kopf konisch, am Hinterrand in zwei Zapfen auslaufend, auf der Stirn mit undeutlicher, kurzer, schmaler Furche, einzeln, undeutlich punktiert. — Metarostrum platt, Mittelfurche platt, flach, vor dem Metarostrum dreifurchig, Punktierung einzeln, kräftig, Mesorostrum schmal und tief gefurcht, einzeln punktiert, Mittelfurche des Prorostrums im basalen Teil tief, nach vorn undeutlich, Punktierung zart. — Fühler normal, nach der Spitze keulig. — Prothorax schlank, tief gefurcht, im vorderen Viertel obsolet oder ganz fehlend, Prosternum ungefurcht, Punktierung zart. — Elytren am Hinterrand gerade abgestutzt, Rippen normal, Furchenpunktierung kräftig, Suturalfurche nur an der Basis punktiert, Schmuckzeichnung Abb 41. — Beine schlank, Vorderschienen nach dem *difficilis* — Typus gebaut. — Metasternum im basalen Teil schmal gefurcht, zart, an den Seiten grob punktiert, 1. end 2. Abdominalsegment desgleichen, 2. Segment am Hinterrand und die folgenden mit kräftiger Punktierung.

Länge (total): 19-25 mm. Breite (Prothorax): 2-3 mm.

Britisch Guyana, Demerara. Aus Sammlung Sharp.

Typus im Britischen Museum.

Die meiste Aehnlichkeit besteht mit *cylindricus* F., unterscheidet sich aber leicht durch das Fehlen des Posthumeralstreifens auf den Elytren und durch die ganze Farbe.

Brenthus extrinsecus n. sp.

♂. Mit *lineicollis* verwandt, kleine, zierliche Art. — Rotbraun mit heller Schmuckzeichnung, am ganzen Körper glänzend. — Kopf fast parallel, Hinterrand gerade, Punktierung kaum wahrnehmbar. — Metarostrum länger als das Prorostrum, wie der Kopf skulptiert, Mesorostrum nur in der vorderen Hälfte tief und breit gefurcht, Prorostrum in den basalen zwei Dritteln kräftig gefurcht, überall sehr schwach punktiert, Mandibeln einen kleinen, freien Raum einschliessend. — 2. Fühlerglied quer, die folgenden etwas länger als breit, schwach, kegelig, 9. und 10. wenig vergrössert, vom 4. ab mit nach vorn zunehmender Behaarung. — Prothorax = *lineicollis*. — Alle Rippen auf den Elytren sind punktstreifig, Hinterrand abgerundet. Schmuckzeichnung. Abb. 45. — Schenkel nicht gedornt, an den Knien mit tiefer Furche, sonst die Beine = *lineicollis*. — Metasternum und Abdomen gefurcht, Punktierung kaum wahrnehmbar. ♀ in üblicher Weise unterschieden.

Länge (total): 9 mm. Breite (Prothorax): 1,5 mm. circa.

Heimat: Cuba. Bahama Inseln. Typus im Britischen Museum.

Die neue Art ist ein Aussenständer und durch den mehr kantigen, am Halse nicht verengten Kopf etwas aus dem Gattungsmassiv heraustretend. Zum Vergleich kann nur lineicollis herangezogen werden, von welchem sie sich durch die allgemeine Furchenpunktierung und Fehlen scharfer Rippen auf der Deckenoberseite und der abweichenden Schmuckzeichnung leicht trennen lässt. Der lineicollis—Typus, das heisst, Arten mit ungefurchtem Prothorax und gedrungenem Körper, sind von den Antillen noch nicht bekannt. Die gedrungene Formenreihe ist also nicht nur auf Südamerika beschränkt.

Brenthus exoptatus n. sp.

♂. Schwarz, Schmuckzeichnung rotgelb, am ganzen Körper glänzend. — Kopf am Hinterrande oberseits eingekerbt, so dass zwei zapfenartige Erweiterungen gebildet werden, Scheitel undeutlich gefurcht, keine Skulptur. — Metarostrum mit flacher, unterbrochener Mittelfurche, die am Kopf und Mesorostrum am tiefsten ist, Seitenfurche am Mesorostrum tief und lang, Mesorostrum in der vorderen Hälfte gefurcht, Prorostrum an der Basis tief gefurcht, gegen den Vorderrand verflachend, unskulptiert. — Alle Fühlerglieder etwas länger als breit, vom 4. ab mit dichter Skulptur und nach vorn immer mehr zunehmender Behaarung. — Prothorax bis dicht am Halse tief gefurcht, unskulptiert, Prosternum tief gefurcht, neben der Furche mit schmalen, tiefen Querstreifen, vor der Längsfurche mit mehreren Querreihen grober, einzelnstehender Punkte. — Elytren an der Basis schräg, 2. Rippe sehr schmal, 3.-5. an verschiedenen Stellen verbreitert, die folgenden schmaler, die Furchen sind oberhalb punktstreifig, an den Seiten tief und scharf gegittert, Schmuckzeichnung Abb. 46. — Beine normal. — Metasternum, 1. und 2. Abdominalsegment tief und schmal gefurcht, tiefe Punktierung nur an den Seiten.

Länge (total): 22 mm. Breite (Prothorax): 2,0 mm.

Bogota. Aus Sammlung: Bowring, Typus im Britischen Museum.

Die am nächsten stehende Art ist *cylindrus* F., von der sich exoptatus durch das kräftig skulptierte Prosternum und ganz andere Schmuckzeichnung leicht trennen lässt. Eine andere Art kommt zum Vergleich nicht in Frage.

Brenthus firmus n. sp.

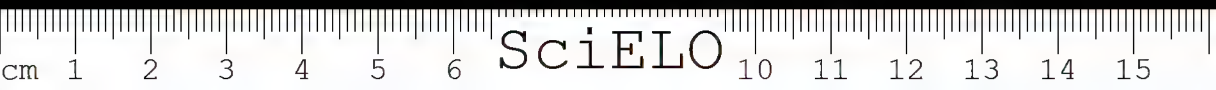
♂. Grössere Art, schwarz, Schmuckzeichnung schmutzigorange, oberseits fast matt, unterseits glänzend. —

Kopf am Hinterrand flach wellig nach innen gebogen, mit kurzer, aber deutlicher, dreieckiger Mittelfurche, der ganze Kopf im Basalteil kräftig wellig-querfurchig. Punktierung einzeln und zart. — Metarostrum deutlich gefurcht, Furche am Kopf schmaler als am Mesorostrum, Punktierung sehr zart, Mesorostrum kräftig, die Mittelfurche durch eine buckelige Verdickung unterbrochen, Prorostrum in der schmalen, basalen Hälfte breit gefurcht, Punktierung zart. — Fühler normal. — Prothorax nur an der Basis zart gefurcht, Prosternum ungefurcht, am Halse gerunzelt. — Elytren an der Basis fast gerade, Hinterrand gerade, Aussenecken stumpf, zapfenartig vorgestreckt. Ausser der Sutura erreicht nur noch die 2. Rippe den Hinterrand, die 3. ist mit der 5. verbunden, schliesst die 4. ein und verläuft so, stark erhöht, bis dicht an den Hinterrand, wo sie ploetzlich abbricht, die 9. ist am Absturz in üblicher Weise verdickt. Alle Rippen sind kräftig entwickelt, die seitlichen Furchen gegittert, die oberseitigen einzeln puktiert. Die Schmuckzeichnung ist ganz rückgebildet, 3. Rippe basal, ein kleiner Fleck, 4. von der Basis bis zur Mitte reichender Streifen und an der Vereinigung der 3. und 5. Rippe ein kleines Streifchen. — Schienen der Vorderbeine ganz gerade, ohne Zahn oder zahnartige Verdickung, im übrigen sind die Beine normal. — Metasternum und Abdomen schmal gefurcht, fast ohne Skulptur, apicales Abdominalsegment sehr kräftig punktiert. (fig. 47).

Länge (total): 30,0 mm. Breite (Prothorax): 3,2 mm.

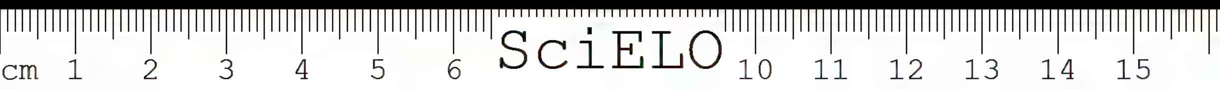
Costa Rica. Turrialba. Typus im Dresdener Museum.

Verwandt mit *difficilis* Boh. von der sie sich folgendermassen unterscheidet: Kopf mit deutlicher, kräftiger Mittelfurche im basalen Teil, starke Runzelung an den Seiten. Mesorostrum mit kräftiger, gegen das Metarostrum sehr breit werdender Mittelfurche. Prorostrum breit gefurcht. Elytren an den hinteren Aussenecken mit starken, dornartigen, dicken Anhängen. 3. und 5. Rip-



pe am Absturz vereinigt und gemeinsam den Hinterrand erreichend und dadurch andere Anordnung der Schmuckzeichnung. Vorderschienen gerade.

Von allen *Brenthus*-Arten trennen die absolut geraden Vorderschienen, die Vereinigung der 3. und 5. Elytrenrippe und die Erweiterungen an den hinteren Aussenecken.

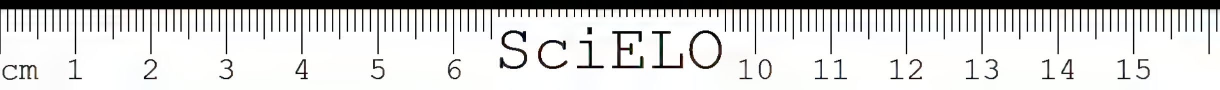


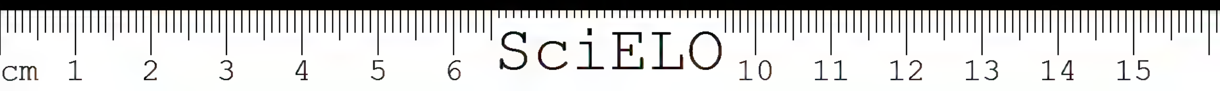
Indice alphabetico

Hermann Luederwaldt

Assistente de Zoologia do Museu Paulista

A collecção de oligochetas do Museu Paulista.




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

A collecção de minhocas *(Oligochaeta)* do Museu Paulista, com notas biologicas.

por

H. LUEDERWALDT

Assistente do Museu Paulista.

A collecção das *Oligochaetas* do Museu Paulista foi revista nos ultimos annos pelo sr. Prof. dr. W. Michaelsen, motivo pelo qual lhe exprimo aqui muitos agradecimentos. Como formas novas da nossa collecção estabeleceu o supracitado especialista, o mais provecto que hoje ha para este grupo difficil, 7 especies novas: ***Glossoscolex, taunayi, Gl. paulista* e *bondari*, *Kerriona garbei* e *luederwaldti*, *Paulistus taunayi* e *Rhinodrilus garbei*.** As duas especies de *Kerriona* já foram publicadas.

Nossa collecção contem as seguintes especies:

Fam. Enchytraeidae.

Friedericia bulbosa (Rosa).

N.o 444. Hammonia (Est. de St. Cathar.) H. Luederwaldt leg. XII, 1914.

Sob madeira podre em pastos.

Fam. Megascolecidae.

Microscolex dubius (Fletsch).

N.º 683. Exemplar duvidoso. Ypiranga (S. Paulo, capital). XII, 1919. Luederw. leg.

Plutellus (Pontodrilus) bermudensis (Bedd.) «Minhoca da praia».

N.º 646. ? forma arenae (Mich.) Bertioga (Santos). Luederw. leg. I. 1922.

N.º 781. Conceição de Itanhaem (Santos). R. Spitz leg. VII 1925.

Muito frequente na praia, p. e. tambem na Bertioga, não longe do hotel do sr. G. Besser. Esta especie vive em areia humida, a uma profundidade de 15 a 30 cm., fora das marés communs, raramente dentro do seu alcance. Em geral, habitam em grande numero bem juntas, conhecendo-se sua existencia pelos finos corredores traçados na areia. São animaes indolentes de côr de carne, principalmente nas extremidades, ás vezes tambem amarellados. Segundo os dizeres dos pescadores, representam o alimento principal das *baituras*. Mas tambem as *Gryllotoupeiras*, como creio, ás perseguem.

Pheretima californica (Kinb.)

N.º 755. Piracicaba, (Est. de S. Paulo), 1915.

N.º 757. Ypiranga, Luederw., leg. 1914.

Pheretima havayana (Rosa). «Minhoca louca»

N.º 425. Forma typica, Piracicaba, Fr. Iglezias, leg. III. 1913.

N.º 426. Ypiranga, Horto Botanico, 1912. Dr. H. von Ihering, det.

N.º 654. Forma typica, S. Paulo, capital, A. Hempel leg. 1922.

N.º 655. dito.

N.º 68. S. Paulo, capital. P. Friedrichs leg. V. 1905.

N.º 661. Belém, (Est. de S. Paulo), Benj. Bicego leg. 1898.

N.º 664. Estação Alto da Serra (S. Paulo). Bicego leg. 1898.

N.º 672. Campo de Itatiaya, (Est. do Rio). Luederw. leg. V. 1906.

N.º 766. Forma typica, Piracicaba. Dr. H. von Ihering, leg. 1896.

A mais frequente entre todas as minhocas, existentes no Brasil, é a *Pheretima havayana*, chamada pelo povo «minhoca louca», por causa das rapidas viravoltas, quando tirada do buraco. Foi tambem exportada para o velho continente, espalhando-se alli. O animal vive de preferencia em terra fertil cultivada, tambem em vasos para flores, sendo facil reconhecel-o pelo brilho reluzente e os movimentos rapidos.

Como em toda a parte, mostra-se a minhoca louca tambem entre nós de noite á superficie da terra: o que acontece ainda muito mais frequentemente em tempo de secca continua, tanto no verão como no inverno. Durante estes periodos seccos quando principalmente na estação fria, sem chuva, a terra de campo se torna completamente enxuta até numa profundidade de 50 a 60 cm., mesmo nos bosques de fraca sombra, os soffrimentos destes animaes são muito grandes. Supponho que a secca attingindo-lhes os buracos subterraneos as façam subir á superficie, para refrescar-se ali como ao ar fresco e humido da noite e com o orvalho, que, no inverno, é em geral abundante. Isso porém a muitissimos custa a vida. Não ha manhã em que se não encontrem duzias e até centenas, espalhados pelos caminhos, como sem vida, apparentemente exhaustos como se arrastarem na areia fina e secca, depois de terem sahido de seus buracos, que não podiam de novo encontrar. Apanhados pelo sol, estão inteiramente perdidos, sendo em muito pouco tempo mumificados.

Muitos servem já pelo crepusculo de alimento aos gambás e tatús, cujos excrementos frequentemente se compõem exclusivamente de minhocas, meio-digeridas. Outros são a presa das grandes formigas de rapina, dos poncrineos, como da errante *Pachycondyla striata Sm.* e *Ectatomma strigosum Em.*, animaes muito communs.

Pheretima Smardae (Horst.)

N.º 443. Blumenau. (Est. de St. Cathar.) Luederw. leg. XII, 1914.

Num chiqueiro, em terra preta, gorda.

Pheretima taprobanae (Bedd.)

N.º 669. Piracicaba, 1915.

Dichogaster Annae (Horst.)

N.º 450. Exemplar duvidoso. Blumenau, Luederw., leg. XII. 1914.

Em terra de lenha podre.

Kerria sp.

N.º 753. Hammonia, Luederw. leg. XII. 1914.

Ao lado de poças dagua, com agua corrente. Côr de minhoca.

Kerriona garbei Mich.

Michaelsen, Mitteil. Zoolog. Staats-Instit. u. Zool. Mus. Hamburg, XLX, 1924, p. 10.

N.º 765. n. sp. Porto Cachoeiro (Esp. Santo). E. Garbe leg. 1906.

Kerriona luederwaldti Mich.

Michaelsen l. c. p. 9.

N.º 437. Typo. Campo Itatiaya (Est. do Rio), Luederw. leg. V. 1906.

No lodo entre folhas de bromeliaceas epiphyticas.

Ocnerodrilus (Haplodrilus) Iheringi (Mich.)

N.º 731. Typo. Piracicaba, Dr. H. von Ihering, leg. 1910.

Eudrilus Eugeniae (Kinb.)

N.º 666. S. Sebastião (Est. de São Paulo). E. Garbe leg. 1915.

Fam. Glossoscolecidae.

Pontoscolex corethrurus (Fr. Muell.)

N.º 424. Piracicaba, Fr. Iglezias leg. II. 1913, Com ovos.
N.º 449. Blumenau. Luederw. leg. XII. 1914. Com ovos.
N.º 453. Idem.
N.º 667. Estação Piassaguéra (Santos), Luederw. leg. VI. 1913.
N.º 698. Manáos (Est. de Amazonas) B. Bicego leg. 1899.
N.º 731. Butantan (S. Paulo) capital). F. Iglezias leg. XI, 1912.
N.º 733. Campo Itatiafa. Luederw. leg. V. 1906.
N.º 734. Ypiranga, Luederw. leg. 1914.
N.º 746. Piracicaba, 1915.
N.º 749. Itajahy (Est. de St. Cathar.) Luederw. leg. XII. 1914.
N. 754. Idem.
N.º 756 Piracicaba, 1915.
N.º 758. Ypiranga, Luederw. leg. 1914.
N.º 759. Piracicaba, Fr. Iglezias leg. III. 1913.
N.º 762. Blumenau, Luederw. leg. XII. 1914.
N.º 767. Estado de São Paulo, 1910.

Em terra preta de relva e em terra argillosa, gorda dos prados. Em pó de lenha podre.

Rhinodrilus garbei Mich.

N.º 674. Typo. Botucatú (Est. de S. Paulo).
N.º 680. Pirapora (Est. de Minas). E. Garbe leg. 1912.

Rhrinodrilus papillifer Mich.

N.º 459. Forma typica. Itaqui (Est. do Rio G. do Sul). E. Garbe leg. IX, 1914.
N.º 673. Estaç. Biologica Alto da Serra. M. Wacket leg. 1905.
N.º 775. Jundiahy. (Est. de S. Paulo). C. Schrottky, leg. 1909.
N.º 748. Juvenco. Ex. duvidoso. Campo Itatiaya, Luederw. leg. V. 1906.
Matta virgem. Em madeira podre.

Glossoscolex bondari Mich.

N.º 463. Typo. Piracicaba, Gr. Bondar leg. V. 1913.
N.º 763. Idem.

Glossoscolex catharinensis Mich.

N.º 736. Cotype. Est. S. Cathar. Off. do Sr. Dr. Michaelsen, 1924.

Glossoscolex colonorum Mich.

N.º 737. Cotype. Est. S. Cathar. Off. do Sr. Dr. Michaelsen, 1924.

Glossoscolex fasola Mich.

N.º 671. Estaç. Biologica Alto da Serra. E. Schwebel leg. IX. 1912.
Matta virgem.

Glossoscolex giganteus Fr. S. Leuck. «Minhoca-assú»

N.º 433. Estaç. Biolog. Alto da Serra. E. Schwebel leg. I, 1913. Dr. H. von Ihering det.

N.º 745. Campo Itatiaya (Luederw.) leg. IV, 1906. Matta virgem, Esta especie, como tambem a *Gl. gordurensis* e *Gl. tasold*, remetteu-a o sr. E. Schwebel, da Estação Biologica do Alto da Serra (extensa matta virgem humida), diversas vezes ao Museu Paulista.

Com a chuva gostam taes minhocas de apparecer á superficie da terra, onde se encontram não raramente espalhadas indolentemente pelos caminhos.

De Glossosc. ?*gigas* *Lm.* recebemos ha 2 ou 3 annos do sr. J. Conceição, da zona de Santos, um exemplar gigantesco (N.º 730), vivo, que media em plena extensão, isto é, quando se arrastava, 1.70 m.! e que mesmo agora, conservado em alcool, mede mais de 1,20 m.

Glossoscolex gordurensis Mich.

N.º 432. Estaç. Biol. Alto da Serra, E. Schwebel leg. XII. 1912.

N.º 439. Conceição de Itanhaem. Vom Zeidler leg. leg. 1906.

N.º 461. Estaç. Biolog. Alto da Serra P. Friedrichs leg. 1905.

N.º 659. Ribeirão Pires (S. Paulo). Coll. antiga.

N.º 682. Estaç. Biol. Alto da Serra. B. Bicego leg. 1897.

Glossoscolex maximus F. S. Leuck.

N.º 678. Campos do Jordão (Est. de S. Paulo). Luederw. leg. I. 1906.

Glossoscolex paulistus Mich.

N.º 435. Typo. Piracicaba, Gr. Bondar leg. V. 1913.

Glossoscolex tasold Mich.

N.º 430. Etaç. Biol. Alto da Serra. E. Schwebel leg. IX. 1912.

N.º 454. dito. Com ovos.

Glossoscolex taunayi Mich.

N.º 732 Typo. Serra da Bocaina, Fazenda Aguas de St. Rosa, cerca de 1,500 m. (Est. do Rio). Rob. Spitz e Luederw. leg. IV. 1924.

No leito do rio Funil, ribeirão da montanha, bem regular, com agua glacial, e leito pedregoso, 1 exemplar. Supponho que o animal fosse levado pela chuva para o ribeirão encontrando-se nelle tambem outra especie terrestre, um *Gl. wiengreeni*.

Glossoscolex truncatus (Rosa).

N.º 441. Uruguayana (Est. do Rio Gr. do Sul). E. Garbe leg. VII, 1914.

N.º 447. Itajahy (Est. de St. Cathar.) Luederw. leg. XII. 1914.

Sob pedras (441), em terra preta de relva (447).

Glossoscolex wiengreeni (Mich.)

N.º 668. Ypiranga, Horto Botanico, Luederw. leg. VIII, 1923.

N.º 675. Hansa, Joinville, (Est. de St. Cathar.) W. Ehrhardt leg. 1902.

N.º 685. Butantan. Fr. Iglezias leg. XI. 1912.

N.º 686. Serra da Bocaina, Faz. Ag. de St. Rosa. Spitz e Luederw. leg. IV. 1924.

N.º 688. dito, no Rio Funil, Spitz e Luederw. leg. IV. 1924.

N.º 744. Estaç. Biolog. Alto da Serra. E. Schwebel leg. XII, 1912.

N.º 431. Campo Itatiaya. Luederw. leg. IV, 1906. Dr. H. von Ihering det.

N.º 451. S. Paulo capital. Fr. Iglezias leg. XI. 1912. Dr. H. von Ihering. det.

N.º 656. Exemplar duvidoso, juv. Ilha da Victoria (Est. de S. Paulo) Fr. Guenther leg. 1906.

Matta e campo, neste ultimo, porém, tambem só em mattas.

Fimoscolex inurus Cogn.

N.º 442. Ypiranga. J. Lima leg. 1907.
N.º 458. dito, XI. 1912.
N.º 676. dito, XII. 1912.
N.º 738. dito, X. 1912.
N.º 741. Butantan, Fr. Iglezias leg. XI. 1912.
N.º 760. Ypiranga, J. Lima leg. X. 1912.
N.º 761. Butantan, Fr. Iglezias leg. XI. 1912.
N.º 764. Joinville. W. Ehrhardt leg. 1902.

Tanto em terra secca de campo, como tambem em varzeas e em agua estagnada.

Fimoscolex Ohausi Mich.

N.º 460. Serra de Macahé (Est. do Rio) E. Garbe leg. XI, 1909.

Em agua lodosa de *bromeliaceas* epiphyticas.

Fam. Microchaetidae.

Drilocrinus (Criodrilus) iheringi (Mich.)

N.º 423. Piracicaba. Dr. H. von Ihering leg. 1910.
N.º 735. Brasil. Coll. antiga.

Paulistus taunayi (Mich.)

N.º 684. Nova especie. Itabuna (Est. da Bahia) E. Garbe leg. 1914.

Fam. Lumbricidae.

Allobophora caliginosa (Sav.)

N.º 702. Forma trapezoidea. A. Dug. Buenos Aires. Venturi leg.

Habita tambem o sul do Brasil.

A lista precedente enumera já 34 especies, todas brasileiras, ao passo que segundo o Dr. W. Michaelsen, «*Die geographische Verbreitung der Oligochaeten*», Berlin 1903, só se conhecem 18 especies de nosso paiz, entre um total de 170 da «região tropica-sul-americana».

Nos arredores immediatos da cidade de S. Paulo, existem, fóra da minhoca louca *Pheretima havayana*, ainda outras cinco especies: *Pheretima californica*, *Microscolex dubius*, *Glossoscolex wiengreeni*, *Fimoscolex inurus* e *Pontoscolex corethrurus*. A ultima, animal bem grande, de 20 cent. de comprimento e mais e de grossura correspondente, de côr parda e brilho scintillante na parte anterior do corpo e de indole muito preguiçosa, não é raro, vivendo mesmo nos campos mais seccos, como, por exemplo, aqui no Ypiranga.

Como se vê, tambem o estudo das minhocas, tão desprezadas pelo povo, não é tão desprovido de interesse. Os colleccionadores deviam prestar attenção, sobretudo a todas as occasiões que se lhes offerecem, ás especies que vivem no fundo de aguas estagnadas e correntes, porque dessas até agora se colleccionaram e se conhecem poucas. Parece que Piracicaba é um logar muito apropriado para isso. Dizem, aliás, que tambem nos pantanos de mangue vivem minhocas, porém nossas pesquizas nos extensos charcos, perto de Santos, não deram até agora resultado. Sob a casca de arvores tambem se estabelecem muitas vezes.

A conservação é muito simples. Põem-se os animaes simplesmente em alcool. E, querendo fazer obra perfeita, deixam-se-os morrer devagar na agua, o que, em verdade, e no caso de exemplares grandes, pode durar até dois dias. Quem isto achar por demais cruel, pode pôl-os cerca de meia hora dentro d'agua, para qe se limpem e depois introduzil-os n'uma forte solução de agua e sal, em que perecem em 10 a 15 minutos, conservando melhor a forma, como se houvessem morrido dentro do alcool. Depois, naturalmente, é preciso conserval-os em alcool. Melhor será ainda conservar

os vermes em 5 % de formalina e agua, em que endurecem melhor.

As minhocas são de utilidade extraordinaria, sendo, em primeiro logar, as que preparam o humus, pela digestão de materias vegetaes de toda a especie, razão pela qual nellas se encontram, muito frequentemente, Devia-se, em geral, portanto, mostrar mais interesse para com estas tão desprezadas creaturas, mais do que até agora se tem feito.

Supplemento.

Depois da publicação relativa ás especies novas, fizeram-se referencias bibliographicas, que aqui se encontram, como tambem relativas a diversas outras.

Oligochaetas da zona neotropica:

Dr. W. Michaelsen, *Zoologische Jahrbuecher*, 1925.

Fam. Naididae.

Paranais (?) *filiformis* (Schm. ?) (Bedd.) sp. inquir. p. 256. (Não está representado no Museu Paulista).

Fam. Glossoscolecidae.

Rhinodrilus garbei n. sp. p. 274.

Andierrhinus pictus n. sp. Est. de Amazonas, p. 279. (Não está representado no Museu Paulista).

Andierrhinus rubescens n. sp. Est. Amazonas, p. 285. (Não está representado no Museu Paulista).

Glossoscolex maximus F. S. Leuck. var. campestris n. var. pag. 289.

Glossoscolex gordurensis Mich. p. 290.

Glossoscolex taunayi n. sp. p. 291.

Glossoscolex paulistus n. sp. p. 293.
Glossoscolex truncatus (Rosa) p. 296.
Grossoscolex bondari n. sp. p. 297.
Fimoscolex ohausi Mich. pag. 299.

Fam. Microchaetidae.

Drilocrius iheringi (Mich.) p. 300.
Drilocrius dreheri n. sp. Rio Grande, Franca (Est. de S. Paulo) p. 301. (Não está representado no Museu Paulista).
Drilocrius ehrhardti n. sp. Est. de Amazonas, p. 303. (Não está representado no Museu Paulista).

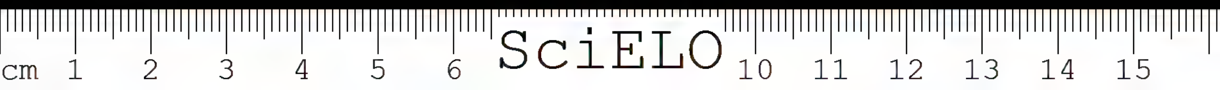
Fam. Acanthodrilidae.

Paulistus n. g. *taunayi* n. sp. p. 316,317.
Haplodrilus iheringi n. sp. p. 321.

Longicorneos (col.) do Brasil, novos ou pouco conhecidos

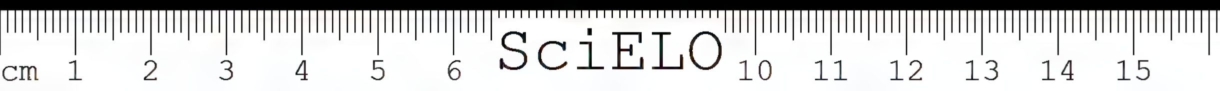
por

JULIUS MELZER



Summario.

Eburodacrys amazonica.
Stizocera boyi.
Ommata anceps.
Ommata vicina.
Odontocera zikani.
Lygrocharis neivai.
Paromocerus scabricollis.
Neoclytus bruchi.
Dendrobias vagus
Atrypanius multifasciatus.
Cosmotoma zikani.
Oxathres sparsus.
Nyssodrys bella.
Nyssodrys irrorata.
Atelographus sexplagiatus.
Hylettus bondari.
Lycodesmus superbus.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Longicorneos (col.) do Brasil, novos ou pouco conhecidos

por

JULIUS MELZER

Cerambycinae.

Eburodacrys amazonica, n. sp.

Nitida, laete rufo-testacea, pilis brevibus testaceis sparsim hirta, setis longissimis et erectis in elytris subseriatim dispositis intermixtis; caput grosse punctato-rugosum; antennae ♂ corpore sesqui ♀ leniter longiores, subtus fimbriatae, scapo brevi, subclavato, punctato-rugoso, basi sulcato, art. 3-5 fortiter sulcatis; thorax latitudine haud longior, antice posticeque paulo coarctatus, dorso rugis punctisque intricatis dense, profunde regulariter striatus, antice tuberculis duobus nigris nitidis munitus, callo elongato, obsoleto, in medio, lateribus tuberculo parvo, conico, acuto ante medium, rufo-testaceo utrinque armatis; scutellum subquadratum, apice rotundatum; elytra basi sat dense et grosse punctata, punctis apicem versum sensim oblitteratis, apice quadrispinosa, spinis externis mediocribus, suturalibus minutis, rufo-testaceis, guttisque tribus eburneis, una basali, oblonga, macula nigra terminata, duabus submedianis, contiguis, externa sat longiore, internam antice posticeque superante, antice posticeque nigro terminantis singula-

tim ornata; femora laevia, apice nigra, media et postica intus valde nigro-spinosa; mesosterni processus inter coxas sat latus, deplanatus, postice incisus; metasternum sat dense punctulatum, abdomen sublaeve.

Long. 21-33 mm., lat. 5 1/4-8 1/2 mm.
Hab. Mujo e Santarem, Estado do Pará.

Esta especie que me parece nova para a sciencia, tem muitas affinidades com *E. callixantha*, Bates, conhecida de Chontales, bem como da Venezuela e do Mexico, e se parece igualmente com *E. laevicornis*, do mesmo autor e avisado do Panamá e da Venezuela.

A disposição das manchas côr de marfim dos elytros, nesta especie nova, é semelhante a de *E. callixantha*, as pernas porém são sensivelmente mais curtas e os femoras são pretos na ponta. *E. callixantha*, além disto, em tamanho, é muito menor.

Da *E. laevicornis*, esta especie se afasta pelos sulcos bem fundos nos articulos 3 até 5 das antennas, que tambem na ♀ assim estão formados; pela formação do scapo, etc., querendo me parecer esta especie nova bem caracterisada.

Stizocera boyi, n. sp.

♂. Nitida, elongata, setis nigris in elytris lineatim ordinatis sparsim hirta, capite, prothorace, scutello, mesosterno coxisque anticis et mediis rubro-rufis, elytris cyaneo-viridis, antennis, pedibus, metasterno abdomineque nigris; caput vix punctulatum, vertice basi dense punctato; antennae corpore plus dimidio longiores, subtilissime griseo villosae, subtus laxe longe fimbriatae, scapo subclavato, supra basi sulco longitudinaliter impresso, art. 3-5 sulcatis, art. 3-6 valde spinosis; thorax latitudine longior, basi coarctatus et sulcatus, dorso obsolete quinque gibber, rugis undulatis transversim striatus, lateraliter autem subtus punctatus; scutellum rotundatum, subtilissime punctulato-coriaceum; elytra basi punctis su-

bordinatis dense cribata, postice sublaevia, apice truncata, angulo externo valde spinoso, suturali brevissime dentato; femora fortiter clavata, intermedia et postica valde bispinosa, spinis subaequalibus; prosterni processus modice angustus et arcuatus, mesosterni processus tuberculatus; acetabula media extus clausa; metasternum abdomenque nitida vix punctata.

Long. 14 1/4 mm.

Hab. São Paulo de Olivença, Estado de Amazonas, H. C. Boy, leg. a quem com prazer dedico esta especie.

Esta especie mostra certas affinidades com *S. rutilus* Bates, avisada de Nicaragua, mas, na coloração, parece-se muito com *Castiale elegantula*, Perr.

Ommata anceps, n. sp.

Gracilis, subopaca, nigra, capite, thorace, elytrisque rufo-testaceis, ♂ antennarum art. 9 apice 10 toto, ♀ 9 toto 10 basi, ♂ tarsorum posticorum art. 1.º et 2.º (3) albidis, subtus sat dense griseo-hirta; caput glabrum, rostro brevi, fronte subtiliter sulcata, nitida, sparsim punctulata, ♂ oculis antice modice ♀ sat distantibus vertice crebre punctulato; antennae apicem elytrorum superantes, subtus basi laxe ciliatae, art. 3-6 linearibus, 7-10 leniter incrassatis, haud serratis; thorax latitudine longior, subcylindricus, basi paululum constrictus, crebe punctulatus, setis tenuissimis rufo-flavis sparsim hirtus; scutellum minutum, rufo-flavo hirtum; elytra abdominis apicem attingentia, post homeros modice attenuata dein subaeque lata, apice singulatim oblongo-ovalia, dorso plana, crebre punctulata pilisque rufo-flavis hirsuta, marginibus suturalibus vix dehiscentibus; femora subgracilia, modice clavata, postica elongata, abdominis apicem superantia; tarsi postici breves, art. 1.º, 2.º et 3.º simul sumptis paululum longiore.

♂ long. 7-8 mm., ♀ 8 mm.

Hab. 3 ♂ de Passa Quatro, Sul de Minas, J. F.

Zikán leg. 1 ♀ de Joinville, Estado de Santa Catharina, C. Schmith leg.

Pela separação bem sensivel dos olhos na fronte, esta especie se afasta um tanto deste genero, creio, porém, que mesmo assim, deve a elle ser juntado.

A coloração é bem semelhante a de *Chariegus signaticornis* Lucas longicorneo, que igualmente se encontra em Passa Quatro.

O Snr. Zikán avisou-me que encontrou este interessante cerambycideo sobre flôres duma especie de Croton, talvez do *Croton floribundus* M., Euphorbiacea, que se encontra entre outros, nos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Paraná.

Ommata (Eclipta) vicina n. sp.

♂. Gracilis, subopaca, nigra, antennarum art. 6-11 basi, femoribus anticis subtus, mediis et posticis basi elytrorumque vittis duabus angustis rufo-testaceis, sparsim albido hirsuta; caput passim punctulatum, vertice crebre punctulato-coriaceo, rostro subbrevi, oculis magnis, in fronte fere contiguis; antennae apicem elytrorum superantes, art. 3-6 sublinearibus, 7-11 modice incrassatis, intus subserratis; thorax latitudine longior, subcylindricus, basi paululum constrictus, crebre reticulato-punctulatus, supra sulcis duobus obsoletis longitudinaliter impressus; scutellum minutum, subtilissime coriaceum et albido-pubescens; elytra abdominis segmenti secundi apicem haud attingentia, basi thorace paulo latiora, postice sensim attenuata, pst humeros ad apicem leniter incurvata, apice ipso sinuatim truncato in singulis, angulis vix productis, a medio suturae ad apicem arcuatim dehiscentia, dorso plana sat dense punctata; femora quatuor ántica subabrupte, postica sensim clavata, haec elongatá, abdominis apicem haud attingentia; metasternum abdomenque subtiliter punctulata et argenteo-sericea.

Long. 4 3/4-6 1/2 mm. 10 ex.

♀. Oculorum lobis inferiores distantes; thorax rufus, antennarum art. 7-11 sensim incrassatis.

Long. 5 1/2 - 6 1/2 mm. 3 ex.

Hab. Passa Quatro, Sul de Minas, E. Jaeger leg.

A manchinha clara em cada elytro não é transparente e bastante densamente ponctuada, motivo que me faz reunir esta especie ao genero *Ommata*.

Esta especie deve ter muitas affinidades com *Ommata brachialis* Bates, que infelizmente até hoje não tive a occasião de estudar, differe porém na ponctuação, na côr e além disto os elytros na especie de Bates sobrepassam a base do penultimo segmento abdominal, não chegando os mesmos na especie nova a borda posterior do segundo segmento.

Odontocera Zikani, n. sp.

♀. Nigra, subtiliter flavo-aureo villosa, antennarum art. 4-11 (10), femoribus, — mediis est posticis clava nigra excepta, — tibiis (tibiis anticis plus minusve infuscatis), tarsorum art. 1 et 2 abdominisque segmento basali toto sequente plus minusve melleo-flavis, elytris vitreis, nigro marginatis; caput in modum rostri breviter productum, nitidum, vertice subopaco,, fronte passim punctata et longitudinaliter sulcata, vertice scabroso punctato, oculorum lobis inferioribus modice distantibus; antennae dimidium elytrorum modice superantes, basi subtus laxe ciliatae, scapo passim punctato, art. 3-5 linearibus 6-11 sensim incrassatis; thorax latitudine longior, subovato-cylindricus, basi paulo constrictus et transversim sulcatus, crebre, grosse reticulato-punctatus; scutellum flavo-aureo pubescens; elytra abdominis segmentum penultimum parum superantia, basi thorace latiora, lateraliter post humeros ad apicem leniter incurvata, apice ipso subrecte truncato in singulis, angulis haud productis, dorso plana a medio ad extremitatem paulo dehiscentia, disco vitreo, pallide flavo, nitidissimo,

disperse punctulata, marginibus externis sat late et suturalibus anguste nigro vittatis, crebre punctatis; femora quatuor antica abrupte postica sensim clavata, háec elongata, abdominis segmentum quartum superantia; tarsi postici breves, art. 1.o, 2.o et 3.o simul sumptis longiore; mesosternum dense flavo-aureo tomentosum; metasternum passim punctulatum, pilis flavo-aureis hirtum, episternis flavo-aureo pubescentibus; abdomen nitidum, fere glabrum.

Long. 10 1/2 - 12 mm.

Hab. 1 ex. de Mar de Hespanha, Estado de Minas Geraes, 1 ex. do Itatiaya, Estado do Rio de Janeiro, numa altura de 700 metros. J. F. Zikán leg.

Lygrocharis, n. gen.

Caput antice in modum rostri haud productum, inter antennas concavum, oculis minute granulatis, profunde excisis, lobis superioribus inter se valde distantibus, lobis inferioribus magnis, in fronte magis distantibus; antennae abdominis apicem haud attingentes, 11 articulatae, scapo brevi, obconico, art. 3-6 linearibus, 7-11 sensim incrassatis, 3 elongato, 4 praecedente et sequente breviore; thorax latitudine maxima vix dimidio longior, oblongo-ovalis, basi modice constrictus, antice quam postice paululum angustior, margine antico recte truncato; scutellum transversum, apice rotundatum; elytra basi thoracis latitudinem maximam fere aequantiá, abdominis segmentum tertium parum superantia, ad apicem sensim attenuata, lateribus arcuatim constrictis, apice ipso oblongo-ovalia, dorso plana, a medio suturae ad extremitatem dehiscentia; femora valde clavata, media et postica elongata, haec abdominis extremitatem parum superantia; tibiae posticae elongatae, graciles; tarsi postici breves, art. 1.o, 2.o et 3.o simul sumptis subaequali, ♂ art. 1.o et 2.o valde incrassatis, ♀ simplices; coxae anticae globosae; acetabula antica postice clausá, inter-

media extus hiantia; prosterni processus angustus, mesosterni processus plus duplo latior, postice emarginatus; abdomen subcylindricum.

Este genero deve juntar-se ao grupo *Rhinotragini* e por causa dos olhos que tambem no ♂, na sua parte inferior, quasi são inteiramente lateraes, aproxima-se ao genero *Stenopseustes*.

Lygrocharis neivai n. sp.

Rubro-rufus, elytris pedibusque pallidioribus, antennarum art. 8 (9) -11 plus minusve infuscatis, subtiliter sparsim griseo-sericeo villosus, setisque longioribus et erectis passim intermixtis; caput nitidum, punctatum, vertice crebre punctulato, fronte leniter sulcata; antennae subtus laxe ciliatae, scapo passim punctulato, art. 1-5 nitidis, 6-11 opacis, ♂ art,, 7-11 sensim incrassatis, ♀ valde inflatis; thorax subopacus, setis rufis et erectis passim hirtus, sat dense punctatus, media plaga minuta longitudinali et irregulari laevi, lateribus subtiliter argenteo-sericeis; scutellum argenteo-sericeum; elytra subopaca, subtiliter punctulata, pilis minutis argenteo-sericeis leviter obnubilata, basi setis rufis et erectis passim intermixtis; pedes nitidi, tibiae graciles, pilis subtilibus parce hirtae; corpus subtus sparsim punctulatum pilisque argenteo-sericeis, -densioribus in lateribus, — indutum; abdomen nitidum, segmentis 1-4 lateraliter argenteo-sericeo pubescentibus.

Long. 6-10 mm. 7 ♂ e 3 ♀.

Hab. 8 ex. do Bosque da Saude perto da Capital do Estado de São Paulo, colleccionados pelo autor, 2 ♀ da Fazendinha perto do Rio Negro, Estado de Paraná, collegio dos Franciscanos leg.

Os ultimos quatro articulos das antennas das ♀ são muito mais dilatado e grossos que os dos ♂.

Dedico esta especie ao illustre director do Museu nacional do Rio de Janeiro e celebre sabio Dr. Arthur Neiva.

Paromoeocerus notabilis Melz.
Rev. Mus. Paul. 1918, t. X p. 13

Fazendo a descripção desta especie estavam apenas a minha disposição 2 ♂ e 1 ♀. Desde então fui mais feliz recebendo material procedente de São Bento, de Rio Negrinho, de Joinville, do Estado de Santa Catharina bem como de São Bernardo do Estado de São Paulo.

Assim me foi dado verificar que a ♀ descripta como pertencente a esta especie não é a de *P. notabilis* mas sim de outra especie da qual mais além apresentarei a descripção.

Da verdadeira ♀ de P. notabilis agora posso juntar os dados seguintes:

P. notabilis, ♀. Nigra, antennis, pedibus, coxis, palpis labroque rufis vel testaceo-rufis, elytris violaceis, nitidissimis; fronte sulcata et sparsim punctata, vertice sat dense punctulato; antennae plus quam duobus articulis apicem elytrorum superantes, art. 6 scopa magna nigra ornato; thorax latitudine maxima perparum longior, basi et apice constrictus, lateribus paulo ante medium utrinque obtuse angulato-dilatatis, supra subplanus, nitidissimus, subtiliter sparsim punctatus, obtuse 4-tuberculatus, subtus leniter transversim rugosus et subtiliter rufo-pubescens; scutellum rufo-pubescens; elytra nitidissima, subtilissime sparsim punctata, setis nonnullis nigris lineatim ordinatis hirta, apice conjunctim rotundata, angulis suturalibus haud acutis; femora leniter clavata, postica apice elytrorum haud superantibus; sterna subtiliter flavo pubescentia, metasterno in medio glabro, lateraliter creberrime punctulato; abdomen segmentis 5 compositum, ano setis rufis antrorsum arcuatis obtecto.

Long. 12-16 1/2 mm.

Paromoeocerus scabricollis n. sp.

♂. Niger, antennis, pedibus, coxis, palpis labroque testaceo-rufis, elytris violaceis, nitidissimis; caput

porrectum, confertim punctatum, inter antennas sulcatum et leviter concavum; antennae corpore sesqui longiores, subtiliter villosae, subtus laxe ciliatae, scapo obconico, sat dense punctulato, art. 4. praecedente breviore sequente aequale, 6 scopa magna nigra ornato, thorax latitudine maxima perparum longior, basi et apice constrictus lateribus paulo ante medium utrinque obtuse angulato-dilatatis, supra subplanus, obtuse 4-tuberculatus, confertim punctatus, linea media longitudinali laevi, subtus transversim rugosus; scutellum subtiliter rufo pubescens; elytra nitidissima, subtilissime sparsim punctata, setis nonnullis nigris lineatim ordinatis hirta, apice conjunctim rotundata, angulis suturalibus haud acutis, femora leniter clavata, postica apice elytrorum attingentibus; sterna subtiliter flavo-pubescentia, metasterno in medio glabro, lateraliter punctulato-coriaceo; abdomen nitidum, pilis nonnullis rufis hirtum, segmentis 6 composito, segmento ultimo brevi, apice emarginato.

Long. 11 1/2-15 mm.

♀. Antennae plus quam duobus articulis apicem elytrorum superantes! abdomen segmentis 5 compositum, ano setis rufis antrorsum arcuatis obtecto.

Long. 11 1/2-16 3/4 mm.

Hab. Joinville, Estado de Santa Catharina, São Bernardo, Estado de São Paulo.

Compsocerus Chevrolati, Goun.

Bull. Soc. Et. Fr. 1910, p. 141, 142.

Desde que tratei desta especie na Revista do Museu Paulista, 1920, Vol. XII, p. 18, pude estudar dois ♂ deste longicorneo, que é um tanto raro. Um delles foi colleccionado em São Bento, Estado de Santa Catharina, o outro recebi-o do collegio dos Franciscanos de Rio Negro, Estado de Paraná.

Conforme Gounelle avisa, as antennas dos ♂ são

12-articuladas, porém, estes dois exemplares tiveram as antennas munidas somente de 11 articulos e assim, si o Snr. Gounelle não se enganou, temos aqui mais um caso bem singular e interessante de existirem da mesma especie ♂ com antennas de differente numero de articulos.

Neoclytus bruchi n. sp.

Brunneo-fuscus, pedibus humerisque rufo-testaceis, fronte vittis duabus, fascia in vertice, torace fasciis, duabus anticis vittisque quatuor basalibus, scutello, elytris ad humeros et fasciis tribus, pectore abdomineque fere omnino sulfureo-tomentosis; caput crebre punctulatum, fronte sulcata, sulco nigro, utrinque sulfureo-vittata, vertice fascia sub oculos continuata sulfurea; antennae elytrorum trientem basalem haud attingentes, 10-articulatae, scapo gracili, crebe punctulato, art. 3.º scapo longiore, art. 5-10 valde incrassatis; thorax subglobosus, prope-basim constrictus, supra carina media lata asperata longitudinaliter instructus, fasciis duabus angustis, medio interruptis, propter marginem anticam et in medio disci vittisque quatuor basalibus, antice abbreviatis sulfureis ornatus, infra dense sulfureo tomentosus; scutellum triangulare apice rotundatum, dense sulfureo-tomentosum; elytra basi thoracis latitudinem maximam aequantia, elongata, parallela, postice rotundátá, ápice obliquiter truncato, angulis inermibus, dorso convexa, subtilissime punctato-coriacea, macula triangula utrinque ad humeros, fasciisque tribus sulfureo-tomentosis ornata, prima obliqua pone scutellum incipiente et versus quartam partem longitudinis ad marginem lateralem directa, secunda subrecta post media, tertia recta ante apicem; femora modice clavata, postica abdominis apicem haud superantia; abdomen segmentis 1-4 apice late sulfureo marginatis.

Long. 8 1/4-12 1/2 mm.

Hab. Capital do Estado de São Paulo colleccionado pelo autor, Alto da Serra, R. Spitz leg., Fazendinha, perto de Rio Negro, Estado de Paraná, Collegio dos Franciscanos leg.

Esta especie na coloração mostra muitas affinidades com *N. delicatus* Goun., e *N. vitticollis* Auriv., a segunda e terceira faixa dos elytros nesta nova especie porém são quasi recta e distinguem-n'a assim sem difficuldade.

A coloração de *E. pronoto* de *N. vitticollis* se aproxima um tanto da de *N. bruchi*, as pernas e particularmente as posteriores neste são muito mais curtas que naquelle.

N. bruchi mais se parece ainda com *N. delicatus*, a coloração do pronoto e as faixas dos elytros permittem de distinguir facilmente as duas especies.

Dedico esta especie nova ao meu particular amigo, o celebre sabio e mestre de entomologia argentina, Snr. Carlos Bruch.

Dendrobias vagus n. sp.

Elongatus, nitidus, glaber, brunneo-niger vel castaneus, elytris media fascia albo-testacea, ♂ antennarum art. 3-5 basi ♀ art. 5-6 basi, femoribus basi, tibiis tarsisque rufo-testaceis, metasterno abdomineque ferrugineo-testaceis; caput subtiliter passim punctatum, inter antennas fortiter sulcatum, tuberibus antenniferis intus productis, vertice inter oculos bicarinato, ♂ mandibulae valde productae, horizontales, fortiter arcuatae, spatium magnum transverso-ovatum includentes, apice bidentatis, ♀ breves, subverticales, antennae 11-articulatae, ♂ corpori sesqui longiores, ♀ apicem elytrorum articulis tribus ultimis superantes; scapo clavato, sparsim punctulato, ♂ art, 3-9 intus apice serratis, art. 11 praecedente multo longiore, ♀ art. 7-11 paulo depressis, 3-10 serratis; pronotum ut in Trachyderes succincto L. for-

matum, lateraliter tuberibus debilioribus plagisque arcuatis punctatis notatum; prosternum ante coxas haud abrupte declive, subconvexum, sulco medio, transverso sat profundo aratum, depressionibus duabus parvis, subtriangularibus, punctatis notatum; scutellum magnum, triangulare, sparsim punctulatum; elytra glabra, subparallela, apice ipso truncato, angulis inermibus, dorso convexo, sparsim levissime punctulata; prosterni processus postice productus; mesosterni processus gibbosus; coxis metasternoque lateraliter subtiliter albido-villosis; corpus subtus nitidum, subtilissime sparsim punctulatum; pedes breves, femoribus sensim incrassatis.

Long. 13 3/4-17 mm. 3 ♂ 2 ♀.

Hab. Santarém, Estado de Pará.

A ♀ facilmente pode ser tomada como a de *Trachyderes succintus* L., o exame do prosterno, porém, immediatamente disfaz qualquer duvida. O ♂ pelas mandibulas horizontaes, muito grandes, redondas e somente na ponta munidas de dois dentinhos, não offerece difficuldades.

A formação do prosterno não é exactamente como Dupont avisa, o sulco é menos profundo e os cantos não são vivos e sim convexos; sendo porém os demais caracteristicos os do genero *Dendrobias* não hesitei de lhe juntar esta especie, que parece ficou desconhecida até hoje.

Evidentemente existem igualmente affinidades com *Charinotus fasciatus*, Dup. mas o pronoto bem como o prosterno têm outra feição *hamisinae*.

Lamiinae.

Atrypanius multifasciatus n. sp.

Fusco-niger, subtiliter griseo-pubescens, fronte, vertice fascia sub oculos continuata, pronoto fasciis tribus, elytris punctis fasciisque utrinque quatuor cinereo-fulvis, thorace utrinque macula magna lateraliter, elytrorum, maculis duabus humeralibus atro-velutinis; caput inter

antennas concavum, fronte plana, longitudinaliter sulcata, genis brevibus, oculis magnis, profunde incisis, grosse granulatis, lobis inferioribus elongatis, lobis superioribus fere contiguis; antennae corpore fere duplo longiores, pube cinerea vestitae, subtus setis raris hirtae; thorax lateraliter pone medium angulatus, vix punctatus, dorso fasciis tribus cinereo-fulvis, 1.a subbasali, 2.a media, 3.a marginem anticam aproximata, lateribus máculis magnis atro-velutinis ornatus; scutellum transversum, apice rotundatum, cinereo-tomentosum; elytra oblonga, subdepressa, postice attenuata, apice ipso sinuato-truncato in singulis, angulis haud productis, basi inordinatim punctata, postice sublaevia, pube cinerea vestita, punctis fasciisque quatuor cinereo-fulvis ornata, 1.a ante medium et submarginali, abbreviata, 2.a post medium sat lata, 3.a versus trientem apicalem marginem et suturam attingentibus, 4.a ante apicem marginem haud attingente, humeris atro-velutinis; femora pedunculata, fortiter clavata, tarsi postici breves, art. 1.º 2.º et 3.a, simul sumptis breviore; prosterni processus modice latus, mesosterni processus latus; corpus subtus cinereo-tomentosum, sternis abdominisque lateribus nigro maculatis.

Long. 9 1/4 mm.

Hab. 1 ♀ do Rio Itapemirim, Estado de Espirito Santo. J. F. Zikán leg.

Esta especie effectivamente tem nas antennas alguns cilios e conforme Lacordaire portanto não deve ser annexa a este genero. Creio porém que seu melhor lugar será justamente ahi, pois pelos outros caracteristicos se adapta bem ão mesmo. O ultimo segmento abdominal não é saliente e arredondado posteriormente.

Em especies de outros generos, por exemplo, *Anisopodus* (ao menos em exemplares frescos isto se dá) taes cilios tambem existem, e assim este caracteristico é um tanto problematico.

Cosmotoma zikani n. sp.

C. viridanae Lacord. affinis, olivaceo-picea, pube argenteo-sericea vestita, setis longissimis et erectis interspersis, elytris fascia nigra pone medium ornatis; caput amplum, inter antennas concavum, fronte transversa, subplana, oculis parvis, minute granulatis, genis elongatis; antennae ♂ corpore sesqui longiores, ♀ apicem elytrorum articulis tribus ultimis superantes, scapo gracili, art. 3 leniter breviore, 4.º praecedente longiore, 5-11 subaequalibus, subtus basi longe fimbriatae, art. 4.º apice crista pilorum subtus ornato; thorax latitudine haud longior, subglobosus, basi fortiter constrictus, dorso valde convexo tuberculisque duobus obsoletis et transversis in medio sitis munitus, lateribus inermibus; scutellum dense argenteo-sericeo tomentosum; elytra thoracis latitudinem maximam fere aequantia, basi recte truncata, postice leniter attenuata, apice ipso sinuato truncato in singulis, angulis externis spinosis, carinis centro basalibus validis, haud fasciculatis, postice haud costata; pedes subaequales, femora pedunculata, fortiter clavata; prosterni processus modice latus, mesosterni processus latus; metasternum sat dense sericeo tomentosum, mesosterni metasternique epimeris necnon abdominis segmenti 1 margine postico albido-pubescentibus.

Long. 8 1/4, 10 mm. 1 ♂, 2 ♀.

Hab. Fazenda Jerusalem, Estado do Espirito Santo, Rio Muriahé, Estado do Rio de Janeiro, Rio José Pedro, Estado de Minas Geraes, J. F. Zikán leg.

Pelos seus caracteristicos principaes, este longicorneo pertence ao genero *Cosmotoma*, mas pela falta completa dos espinhos lateraes do prothorax, etc., se afasta do mesmo.

Pela forma mais parallela, pela falto do espinho em cada lado do prothorax, pela falta dos fasciculos de cabellos e das costas nos elytros e tambem pelo fasciculo muito reduzido no quarto articulo antennar, esta especie facilmente se distingue de *C. viridana* Lacord.

A faixa transversal nos elytros na ♀ é estreita e opaca, no ♂, porém, ella é bem larga, lustrosa e acompanha tambem a sutura quasi até a ponta.

O celebre autor do utilissimo e excellente *Coleopterorum Catalogus*, parte 74, refere-se duas vezes á especie *sertifer*, de Serville, juntando-a na pagina 334 ao genero *Pogonocherus*, e na pagina 419 ao genero *Cosmotoma*. Ao meu ver, a especie de Serville é uma verdadeira *Cosmotoma* e identica a *C. viridana* Lacord.

Oxathres sparsus, n. sp.

Elipticus, fusco-niger, griseo pubescens, setis nigris et longioribus in elytris passim interspersis, punctis numerosis fulvo-fuscis conspersus, punctis elytrorum juxta scutellum ad suturam maculam trigonem versus trientem apicalem fasciam latam ante apicem maculam marginalem formantibus, tarsis albido-flavis; caput griseo-pubescens, fulvo-fusco punctatum, inter antennas concavum, fronte sulcata, genis mediocribus; antennae subtus sparsim ciliatae, fuscae, art. 3-10 basi griseis; thorax griseo tomentosus, dorso punctis 5 basalibus vittisque 4 anticis angustis et flexuosis, postice abreviatis, alteris duabus utrinque lateribus fulvo-fuscis, spinis lateribus minutissimis ab angulis posticis distantibus; scutellum triangulare, apice rotundatum, cinereum, fulvo marginatum; elytra postice breviter oblique truncata, passim punctata; pedes mediocres, femoribus valde clavatis, griseo-tomentosis, tarsi postici breves, art. 1.º, 2.º et 3.º simul sumptis aequales; metasternum cinereo tomentosum, fulvo-fusco conspersum; abdomen nitidum, segmentis lateraliter griseo maculatis.

Feminae stylo modice elongato, segmento ultimo dorsali acuto, carina media longitudinaliter munito, ventrali subtruncato.

Long. 8 mm.

Hab. 1 ex. do Rio Muriahé, Estado do Rio de Janeiro, J. F. Zikán leg.

Nyssodrys bella, n. sp.

Oblonga, subdepressa, postice attenuata, rufo-fusca, dense cinereo tomentosa, elytris maculis 8 rufo-fuscis, albido cinctis; caput cinereo tomentosum, fronte plana, longitudinaliter sulcata, genis brevibus, oculis magnis, profunde incisis, subgrosse granulatis, lobis superioribus modice distantibus; antennae elongatissimae, tenues, subtus setis raris breviter obsitae, articulis, — duobus basalibus exceptis, — apice infuscatis; thorax cinereo tomentosus, punctis minutis sat dense cribatus, spinis lateribus acutis, retrorsum curvatis, pone medium sitis; scutellum transversum, apice rotundatum, cinereo tomentosum; elytra cinereo tomentosa, oblonga, subdepressa, postice attenuata, apice ipso sinuato truncato in singulis, angulis externis productis, basi sat dense minute punctata, postice sublaevia, maculis 8 rufo-fuscis ornata, duabus juxta scutellum, rotundatis, duabus minutis ad humeros, duabus pone medium et maioribus, angulatis, nec suturam nec marginem attingentibus, duabus ante apicem et marginalibus; femora quatuor antica clavata, postica gradatim incrassata, his illis longioribus, apicem elytrorum superantia; tarsi postice elongati, art. 1.o, 2.o et 3.o simul sumptis longiore; prosterni processus modice latus, mesosterni processus latus, planus; corpus subtus dense cinereo tomentosum.

Maris segmento ultimo ventrali emarginato et bispinoso ,dorsali sinuato-truncato.

Feminae stylo elongato, segmento ultimo dorsali acuto, ventrali emarginato.

Long. 8-9 mm.

Hab. 1 ex. do parque Jabaquara, perto da Capital do Estado de S. Paulo, 4 ex. de Annaburg, Estado de Santa Catharina.

A ponctuação no thorax e nos elytros é finissima, uma ponctuação mais grossa, porém, se observa nas manchas redondas e subbasaes, assim como nas postmedianas.

Nyssodrys irrorata, n. sp.

Oblonga, subdepressa, postice attenuata, nigra, vel nigro-picea, cinereo tomentosa, pronoti vittis tribus, elytrorum maculis numerosis, plus minusve confluentibus nigris vel nigro-piceis; caput cinereo tomentosum, fronte sulcata, genis mediocribus, vertice vittis duabus nigris; oculis minute granulatis, lobis superioribus modice distantibus; antennae elongatae, tenues, subtus sparsim ciliatae; thorax cinereo tomentosus, dorsi vittis tribus nigris ornatus, spinis lateribus minutis, prope angulos posticos sitis; scutellum transversum, apice rotundatum, nigro tomentosum; elytra oblonga, subdepressa, postice attenuata, apice ipso sinuato-truncato in singulis, angulis externis vix productis, subtiliter passim punctata; femora quatuor antica clavata, postica gradatim incrssátá, his illis longioribus, abdominis segmentum tertium superantia, tarsi postici breves, art. 1.º, 2.º et 3.º simul sumptis longiore; prosterni processus angustus, mesosterni processus latus, planus; corpus subtus dense cinereo tomentosum.

Maris segmento ultimo ventrali sinuato-truncato, dorsali truncato.

Feminae stylo elongato, segmento ultimo dorsali attenuato, apice rotundato, ventrali truncato.

Long. 6 1/2 - 7 1/2 mm.

Hab. Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de S. Paulo, colleccionado pelo autor; Passa Quatro, Sul do Estado de Minas Geraes, J. F. Zikán leg.

As manchinhas pretas nos elytros são bastante numerosas, formando estrias longitudinaes e transversaes e, em um exemplar, se juntaram, para formar até uma faixa transversal bem marcada no segundo terço dos elytros.

O processo prosternal nesta especie é bastante estreita, relacionando-se por causa disto, bem como pelos olhos menos volumosos ao genero *Lepturges*, mas, o

estylo da ♀ sobrepassa bem nitidamente o apice dos elytros, caracteristico que me faz juntar esta especie ao genero *Nyssodrys.*

Atelographus, n. gen.

Corpus oblongo-ovatum, tomentosum; caput inter antennas concavum, fronte subplana, longitudinaliter sulcata, vertice convexo, sulcato, oculis minute granulatis, valde incisis, genis elongatis, lobis superioribus modice distantibus; antennae corpore plus duplo longiores, tenues, subtis setis raris breviter obsitae, scapo valde elongato; thorax usque ad apices spinarum lateralium dilatatus, spinis obtusis, prope angulos posticos sitis; elytra elongata, subdepressa, postice attenuata, apice ipso sinuato-truncato in singulis, angulis suturalibus brevissime productis, externis acutis; femora pedunculata, clavata; tarsi postici breves, art. 1.º, 2.º et 3.º simul sumptis aequali; prosterni processus modice latus, mesosterni processus latus.

Maris segmento ultimo ventrali emarginato et bispinoso, dorsali sinuato-truncato.

Feminae stylo modice elongato, segmento ultimo dorsali ad apicem sensim attenuato, apice ipso fortiter emarginato, ventrali semi-circulariter emarginato et bispinoso.

Por causa da formação do ultimo segmento abdominal nos dois sexos, me vi na necessidade, de criar este genero, que pelo resto se aproxima muito da *Nyssodrys* e *Hylettus.*

Atelographus sexplagiatus, n. sp.

Olivaceo-fulvus, virescente-cinereo pubescens, elytris utrinque plagis duabus, multangulatis et marginalibus apiceque albido-cinereo ornatis; caput sub pube haud distincte punctatum, fronte subquadrata; antennae subtiliter virescente-cinereo pubescentes; art. 3-11 piceis; tho-

rax dense virescente-cinereo tomentosus, linea media longitudinali laevi; scutellum triangulare, apice rotundatum, virescente-griseo tomentosum; elytra oblonga, subdepressa, basi passim punctata, postice sublaevia, utrinque plagis tribus albido-cinereis ornata, 1.ª ante medium, 2.ª versus trientem apicalem, marginalibus, suturam haud attingentibus, 3.ª apicali; corpus subtus virescente-cinereo tomentosum.

Long. 8-11 mm.

Hab. Annaburg, Estado de Santa Catharina, C. Schmith leg.

Hylettus bondari, n. sp.

Oblongus, subdepressus, postice, attenuatus, niger, griseo flavoque varia; caput griseo tomentosum, fronte plana, longitudinaliter sulcata, genis brevibus, oculis magnis, profunde incisis, grosse granulatis, lobis superioribus fere contiguis, antennae corpore plus duplo longiores, infra basi ciliatae, art. 3-6 basi griseo annulatis; thorax convexus, dorso flavus, vittis tribus nigris lineolam cineream includentibus, lateraliter griseo, nigro flavoque maculatis, spinis lateralibus conicis; scutellum dense flavo tomentosum; elytra oblonga, subdepressa, postice attenuata, apice ipso sinuato-truncato in singulis, angulis productis, basi sat profunde inordinatim punctata, postice sublaevia, nigra maculis vittisque confluentibus cinereis flavisque conspersa, maculis maioribus vel fasciis duabus una basali altera valde angulata pone medium nigris ornata; corpus subtus cinereo tomentosum, sternis abdominisque lateralibus griseo-flavo maculatis.

Maris segmento ultimo ventrali semicirculariter emarginato, dorsali truncato.

Feminae stylo modice elongato, segmento ultimo dorsali acuto, ventrali truncato.

Long. 7-11 mm.

Hab. 3 ex. do Bosque da Saude, perto da Capital do Estado de S. Paulo, collecionados pelo autor. Encontrado tambem em Mar de Hespanha e Passa Quatro, Estado de Minas Geraes, Rio Itapemirim, Estado de Espirito Santo, J. F. Zikán leg., Joinville, Estado de Santa Catharina, C. Schmith leg.

As manchas pretas e maiores mencionadas na descripção, ás vezes são pouco perspicuas, mas, em certos exemplares, e principalmente as subbasaes, occupam uma area bem grande. Em geral, o tomento flavo predomina nos elytros, e então chega a formar estrias bem compridas. Vi, porém, exemplares tambem, cujos elytros mostravam um tomento mais cinsento de que flavo.

A cicatriz do primeiro articulo antennar é bem pequena, porém nitida. Pela formação do corpo, e, particularmente das pernas, esta especie muito se relaciona ás especies do genero *Nyssodrys*. Assim os femora das pernas posteriores são compridos e gradualmente engrossados, afastando-se dest'arte, bastante das especies mais typicas deste genero.

Tenho ás mãos uma especie de *Parintins*, Amazonas, que corresponde exactamente á descripção de *Nyssodrys porpinqua*, Bates, cujo primeiro articulo antennar está nitidamente cicatricosa. Quem sabe si não se vira forçado a juntar tambem esta especie ao genero *Hylettus*.

O *Coleopterorum Catalogus* pag. 74, nomea 4 especies deste genero, sendo porém o *griseofasciatus* de Serville (pag. 426) relacionado igualmente (pag. 411) ao genero *Antrypanius*. Bates (Ann. Mag. Nat. Hist. XIV, 1864, sep. p. 131) avisa, que a especie de Serville pertence a este genero e é «a common South-Brazilian insect».

Effectivamente, tenho na collecção e em quantidade regular uma especie do Brasil meridional e do Sul, que por causa da cicatriz no primeiro articulo antennar deve ser annexa a *Hylettus*, e que está munida com uma faixa cinzenta. Tão exactamente porém ella não corresponde á descripção de Serville, e por causa disto

actualmente não me é dado decidir sem hesitação, a que genero a especie de Serville deve ser juntada.

Lycodesmus, n. gen.

Robustus, tomentosus, caput latum, subretractum, inter antennas valde concavum, fronte transversa, longitudinaliter sulcata; oculi profunde incisi, haud autem bipartiti, subgrosse granulatis, lobis superioribus distantibus, genis elongatis; vertice longitudinaliter sulcato; antennae corpore breviores, 12 articulatae, subgraciles, subtus basi laxe ciliatae, scapo elongato, robusto, obconico, art. 3 scapo triente breviore, 3 et 4 subaequalibus, ceteris descrescentibus, 12.º praecedente dimidio breviore; thorax latitudine brevior, antice paulo juxta basim modice constrictus, lateraliter ante medium callo obsoleto utrinque instructis; scutellum validum, apice rotundatum; elytra latitudine vix longiora, margine late explanato, humeris prominulis, rotundatis, supra in dorso antico convexa, ad suturam juxta scutellum dense et erecte penicillata, marginibus a basi ad trientem apicalem dense fortiterque ciliatis; pedes mediocres, femoribus sublinearibus, subcompressis, tibiis mediis extus haud sulcatis, tarsis subbrevibus, unguiculis fissis; coxae anticae obconicae, extus leniter angulatae, processu prosternali angusto separatae; mesosterni processus vix vel non latior, acetabula antica postice clausa, media extus hiantia.

Interessantissimo genero, cujo lugar no systema é um pouco duvidoso. A meu ver se devia incorporal-o ao grupo *Hemilophini*.

Lycodesmus superbus, n. sp.

Ater, tomentosus, capite maculis duabus infra lobos inferioribus oculorum, thorace utrinque macula elongata lateraliter, elytris utrinque ante medium marginis macula magna, subrotundata, introrsum ad medium disco con-

tinuata purpureo-rubris; caput subopacum, sparsim punctatum, pube nigra indutum; antennae elytrorum trientem apicalem attingentes, pube nigra leniter vestitae; thorax opacus, dorso nitido et glabro, passim punctatus; scutellum nitidum, longitudinaliter sulcatum; elytra opaca, pone humeros ad medium sensim rotundato-ampliata, dein apicem versus angustata, apice ipso conjunctim vix producto, passim punctata; abdomen griseo-sericeo hirtum, segmento ultimo apice truncato, emarginato.

Long. 18 1/2 mm., lat, max. 12 1/2 mm.
Hab. São Paulo de Olivença, Estado de Amazonas.

Este interessante longicorneo se parece bastante com certas especies do genero *Mesomphalia* respectivamente *Pseudomesomphalia (Cassidinae)* e parece que ficou até agora ignorado.

São Paulo, 29 de Novembro de 1926.

J. Melzer

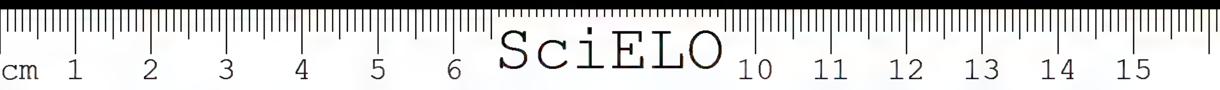
Um parasita novo do cafeeiro

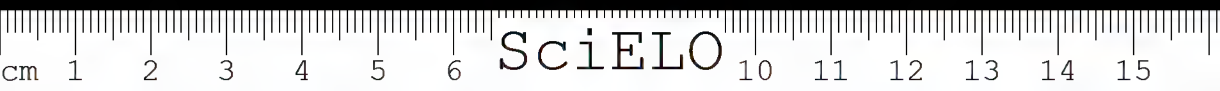
Corthylus affinis n. sp. (Col.)

por

JOSÉ PINTO DA FONSECA

(Sub-assistente do Museu Paulista)




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Corthylus affinis n. sp. (col.)

por

JOSÉ PINTO DA FONSECA

(COLEOPTERA IPIDAE)

Corthylus affinis n. sp.

♀. Oblonga, cylindrica com a cabeça um tanto alargada na testa. Fronte, vertex, antenas e pernas de côr ferrugineo-escura, com a bocca, prothorax (exclusivo a area anterior) e elytros preto-luzidia. Antenas robustas quasi chegando ao bordo posterior do prothorax; escapo desenvolvido, tão longo como o funiculo e clava juntos; é arqueado e estreito na secção basal, alargado para o apice, tomando mais ou menos uma formula de espátula; apice truncado em fossa, mais ou menos profunda, com margens cortantes; secção apical alargada na area ventral e terminada na párte ánterior em angulo agudo. Visto pela parte externa, o escapo apresenta-se na parte central, revestido de um facho de pellos finos alongados e procumbentes. O foniculo é uniarticulado, porém como se acha consólidado ao pedicel, que é muito diminuto, apresenta-se apparentemente biarticulado. Massa consideravelmente grande achatada, alargada, estreiando-se ligeiramene para a basi, com lados e extremidades anterior igualmente arredondadas,.

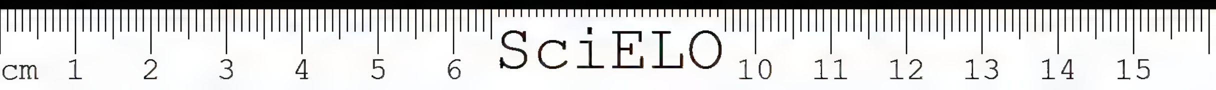
com duas suturas direitas na face anterior e posterior. A margem apical é serrilhada e provida, em toda a sua extensão, de uma franja composta de numerosas cerdas longas, flexiveis e dirigidas directamente para a frente. Vistas ao microscopico, estas cerdas apresentam-se com indumento aspero um tanto nodoso. A' superficie anterior da clava ha ainda alguns póros sensoriaes e pequenos pellos esparsos. Mandibulas espessas, resistentes, trianguliformes, bidentadas e com a margem externa levemente curvada para a ponta; dente apical, rematado em ponta aguda e levemente arqueado na parte interna; dente sub-apical, consideravelmente menor que o primeiro e terminado em ponta levemente aguda. Maxillas com palpos crutos ligeiramente dirigidos para dentro, 1.º, e 2.º articulos curtos e alargados, 3.º mais longo, quasi do comprimento dos dois primeiros em conjuncto, truncado na ponta e em parte riscado por linhas longitudinaes. Labium mais ou menos triangulado; mento alargando-se ligeiramente a partir do sub-mento; Primeiro e segundo articulos dos palpos labiaes espessos, sendo o segundo mais desenvolvido que o primeiro e o terceiro muito diminuto e truncado na ponta. Lingula quasi tão longa como os palpos, adelgaçada para a extremidade, com o segundo articulo provido na extremidade anterior da parte superior de um facho de cerdas mais ou menos longas, ultrapassando em comprimento o ultimo articulo. Fronte deprimida em concavidade ovalada, raza e que conjunctamente com o vertex se acha coberta por densa e fina pillosidade flavescente. Olhos grandes mais ou menos afastados em cima, transversaes, riniformes, fortemente emarginados na frente e de côr preto-luzidia. Prothorax oblongo, levemente marginado, apresentando na parte dorsal uma elevação transversal que o divide em duas metades mais ou menos iguaes; uma anterior mais clara, castanho-escura, opaca e rugosa e outra posterior glabra e preto-luzidia. Margem anterior perfeitamente redonda, um tanto saliente e provida de pequenos dentes conicos, em numero e disposi-



ção variavel; angulos anteriores ausentes; margens agudas cortantes e parallelas para a parte posterior; margem posterior inteira, sem sinuosidade e com angulos arredondados. Elytros tão largos quanto o prothorax, truncados na base com os cantos das espaduas pouco salientes, mais ou menos arredondados; lados parallelos, curvados para a magem apical. Superficie dos elytros cylindrica, glabra, preto-luzidia, sub-truncada no apice, com estrias irregulares e pontuação pouco distincta. Declividade elytral longitudinalmente oval, com margens lateraes bem pronunciadas e com uma sub-impressão delgadamente levantada ao longo da sutura e provida de dois dentinhos espiniformes dirigidos para a parte apial. O bordo interno dos elytros, apresenta-se na altura da declividade elytral, ao longo da sutura longitudinal, francamente marginado. Ponta suturo-apical aguda. Aza com toda a superficie apresentando-se eriçada de pellos microscopicos, espiculiformes; o bordo costal é glabro e ligeiramente recurvado para o apice; o anal hirsuto, franjado desde a incisão axillar até o apice por uma serie de pellos finos, flexiveis e mais longos que os da superficie; campo sub-costal bem delimitado e ampliado para a dobradura mediana; campo radiál lárgo na base, porém estreitando-se progressivamente para o apice; dobra inter-radial pouco visivel. Veia radial I a principio bem distincta, de côr parda, porém tornando-se progressivamente pouco visivel á medida que se avança para a região apical e desapparecendo por completo antes de attingir o apice. Mediana I larga na base, estreitando-se para o bordo posterior onde se torna quasi nviisivel; mediana II muito curta, não attingindo o bordo posterior. Cubital I não tocando o bordó posterior; cubital II ausente. Lado posterior presente, tendo o angulo axillar perfeitamente redondo. Pernas curtas e fortes; femores largos, achatados, ovalados, apresentando as superficies interna e externa dispersas e finamente pontuadas e providas com alguns pellos finos, curtos e dirigidos para baixo, bordo interno for-

temente convexo; o externo levemente curvado é provido na parte inferior de numerosos dentinhos. Tibias mais ou menos do comprimento dos femures, porém consideravelmente mais estreitas que aquelles; bordo interno ligeiramente curvado; bordo externo percorrido em toda a sua extensão, da base ao apice por uma carreira de pequenos dentes conicos, dos quaes, os trez sub-apicaes apresentam-se mais desenvolvidos; superficies nteirna e externa finamente reticuladas e dispersamente pubescentes havendo porém no bordo externo inferior numerosos pellos consideravelmente mais desenvolvidos, mais ou menos accumulados e dirigidos para a parte inferior. No segundo e terceiro pares de pernas, as tibias são um pouquinho mais longas que as do primeiro par e têm o mucro mais delgado, espiniformes. Em todos os pares de pernas o primeiro articulo dos tarsos apresenta-se um pouquinho mais longo que os outros e o terceiro articulo escabroso na parte inferior da extremidade posterior.

O macho facilmente se distingue da femea. As antenas são um pouco menores, francamente ovaladas, estreitadas ligeiramente para a base, com lados e apice igualmente arredondados; margem anterior inteiramente glabra, desprovida de serrilha e cerdas. Além disso a massa apresenta-se provida de numerosos póros sensoriaes e de pellos finos, mais abundantes na area chitinosa. Escapo menos alargado na extremidade anterior; fossa apical menos profunda e mais arredondada; margem apical estreita, arredondada e não terminada em angulo agudo; franja dorsal ausente, somente provida de alguns pellos esparsos, inclinados e reclinados. Articulo funicular um pouco mais curto. Cabeça mais estreita com fronte e vertex proeminentes e glabros, fina e dispersamente pontuados, notando-se somente alguns pellosinhos esparsos, erectos. Prothorax com serrilha mais grossa e na margem apical armado com trez dentes curvos dirigidos para traz.



Na ♀ estes dentinhos da margem apical do prothorax são sempre menores que no ♂.

Esta especie é muito chegada á especie *flagellıfer*, da qual separa-se pelos seguintes caracteres: Prothorax e elytros com as partes lateraes distinctamente marginadas; metade posterior dos elytros não reticulada na parte inferior, mas sim com pontuação fina e irregular. Na ♀ os pellos que guarnecem as antenas nunca excedem o comprimento total da massa, a qual apresenta-se tambem com a margem serrilhada. O prothorax, na parte apical, acha-se guarnecido de alguns dentes conicos, em nmero e disposição vauriaveis, ao passo que na especie *flagellifer* não ha tal estructura. O ♂ da especie *affinis* possue, na parte apical do prothorax, no minimo trez dentes curvos e dirigidos para traz.
distinctamente uma serie de póros sensoriaes. Ate mes-

Blandford ,descrevendo a especie *flagellifer*, termina dizendo: «I have not observed any sensitive patch on the antennal club in the female of this species.»

Pois, na massa das antenas da especie *affinis*, ve-se mo peo desenlho, est ápatente tal estructura.

Habitos: O insecto ataca tronco e galhos mais desenvolvidos de cafeeiro recentemente morto ou em adiantado estado de deseccação. O insecto parece não atacar a arvore viva. Do exame effectuado em varios pedaços de troncos verdes atacados pelo insecto, verificamos que em todos elles havia bôa porção de lenho meia morta e que todo o ataque do insecto se dera justamente naquella parte em deseccamento, deixando a viva indemne.

O insecto penetra no tronco do caféeiro por meio de um orificio perfeitamente circular de 1 mm. de diametro feito em linha recta pela casca e lenho, em sentido transversal, formando galeria, a principio recta até cerca de 1 centim. e depois ramificada em varios sentidos, rematando normalmente em cavidades onde as femeas depositam os ovos.

São essas presentemente as unicas informações ethologicas que podemos esclarecer sobre o insecto.

O material que nos serviu para o presente trabalho é procedente de Itatiba, Estado de S. Paulo, e foi trazido pelo Sr. Norberto João Antunes Jorge, ao Sr. Manoel Lopes de Oliveira Filho, para examinar.

Cumpre-nos apresentar aqui os nossos agradecimentos ao Sr. Manoel Lopes de Oliveira Filho, entomologo da Commissão de Estudo e Debellação da Praga Cafeeira, pela maneira franca e gentil com que poz á nossa disposição o referido material para estudo.

Levado pela chave de Hagdorn, no Genera Insect. Fasc. 111, pag. 145 (1910), na publicação N.º 12 da Commissão de Estudo e Debellação da Praga Cafeeira, haviamos collocado a nova especie *affinis* no genero *Metacorthylus*, quando deveria pertencer ao genero *Corthylus*. Verificamos este facto depois que nos foi possivel consultar, na Biologia Central Americana, ás referencias de Blandford, comparando os dois generos, *Corthylus* e *Metacorthylus*.

Fica pois explicada aqui a razão que nos levou a fazer esta rectificação.

Levamos os nossos agradecimentos ao Sr. Dr. A. Neiva, por ter-nos fornecido a estampa que illustra o presente trabalho.

Explicação das figuras

♀ — Fig. 1 — Mandibulas.
» 3 — Antenna.
» 4 — 1.º, 2.º e 3.º pares de patas.
» 5 — Cabeça (vertex e fronte).

♂ — Fig. 2 — Antenna.
» 6-a e 6-b — Prothorax, vista ventral e dorsal.



Fig. 1



Fig. 2

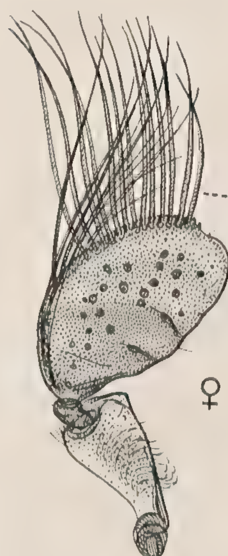


Fig. 3







Fig. 4

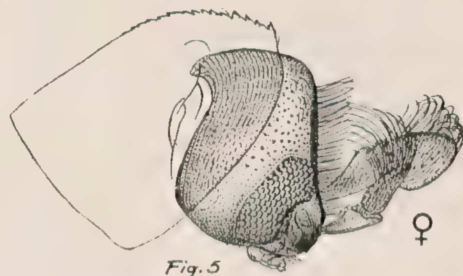
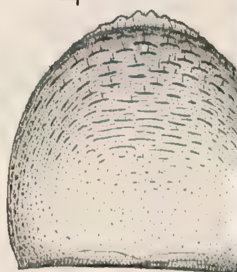


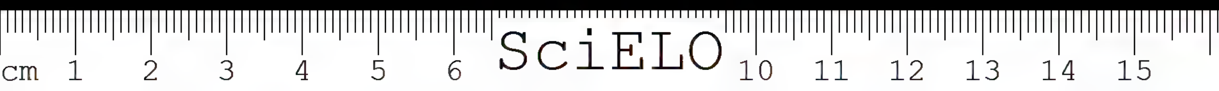
Fig. 5

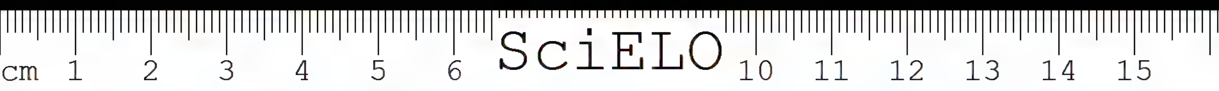


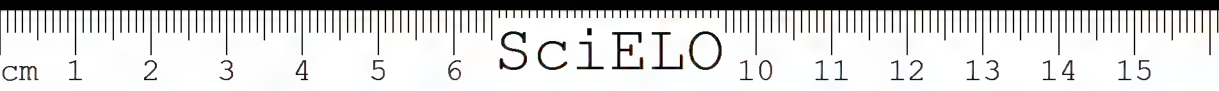
Fig 6a


Fig. 6b

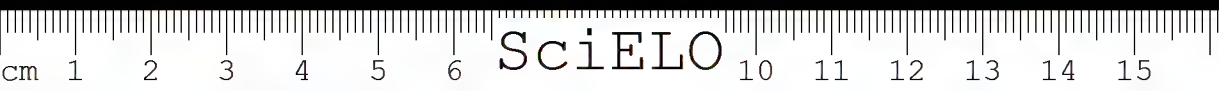
C.R.F.

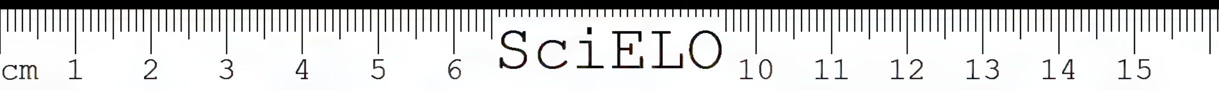

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


SciELO

Segunda parte

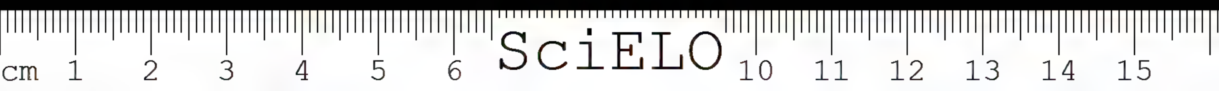


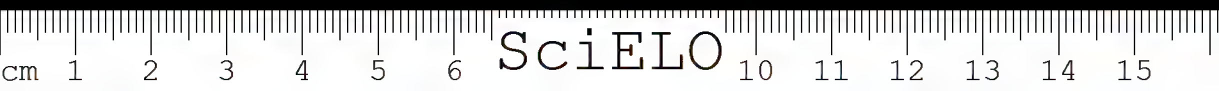

SciELO

OS INDIOS CHAMACOCOS

POR

HERBERT BALDUS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

OS INDIOS CHAMACOCOS E A SUA LINGUA

— POR —

HERBERT BALDUS

Breve relatorio da viagem :

Nos ultimos dias de Setembro de 1923 parti de São Paulo para Corumbá afim de alli me reunir aos meus futuros companheiros de uma expedição cinematographica. Viaja se de São Paulo a Porto Esperança sobre o Rio Paraguay pelo trem rapido em tres dias. A viagem faz-se atravez dos cafezaes do estado de S. Paulo e das savannas do estado de Matto Grosso. Para atravessar o rio gigantesco fronteira entre ambos os estados, o Paraná, é o trem transportado em *ferryboat* pois a ponte está ainda em construcção. De Porto Esperança a Corumbá um vapor navega em cerca de doze horas. A Corumbá chamam « a sala de visitas do estado de Matto Grosso ». Dispõe de banda de musica militar, jardim publico, de um automovel, faz politica de botica e mexericos, dispõe de dous cinemas e dos demais requesitos que em todo o mundo são as caracteristicas da cidade pequena. Sobre altos rochedos calcareos está edificada a cidadesinha, e diante d'ella o Rio Paraguay estende-se como um mar. Sol ardente e deslumbrante: a gente vae á rua só de manhã cedo ou á noite; crescem-me os cabellos e unhas mais rapidamente com tal calor. Corumbá foi em tempo um entreposto de borracha. Agora como haja a borracha da India vencido nos mercados mundiaes, Corumbá passou a ser uma cidade quasi morta.

Tinhamos projectado viajar atravez da Bolivia até o lago Titicaca e de lá cortando o Perú até o Grande Oceano. Mas á chegada em Corumbá soube que a Bolivia oriental estava intransitavel por causa da estação chuvosa começada extemporanea e inesperadamente. Atravessei no dia seguinte a fronteira brasileiro-boliviana para Porto Suarez. Um passeio a cavallo de cerca de cinco horas atravez de verde mato xerophilo. Porto Suarez é o unico « porto » da Bolivia. Quatrocentos indios civilisados alli moram. Tomei pela primeira vez a refrescante cerveja de milho e recebi dos indios « passados » leques engenhosamente tecidos. Porto Suarez, miseravel ninho de mosquitos, tinha em outro tempo importancia igual á de Corumbá. Em depositos empoeirados legitimas *Münchener Bier* e *Danziger Goldwasser*, difficilmente encontraveis em outra parte d'este continente, ainda revelam um luxo desapparecido no « coração da America do Sul ».

Fiquei convencido da impossibilidade da nossa viagem projectada e voltei para Corumbá. Encontravamos-nos, alem d'isto, já, em difficuldades financeiras pois ainda que, anticipadamente, fosse tudo bem calculado, apresentavam-se na realidade tantos gastos inesperados que teria sido preciso pôr á nossa disposição mais do dobro do nosso capital actual para o pagamento de todo o necessario. Ouvi que a muitas expedições succedeu identico apuro. De outro lado porém tinhamos bagagem demasiada. Preparara-se equipamento completo e cuidadosamente; quanto possivel em detrimento involuntario da mobilidade necessaria a tal empreza. Resolvemos mudar de itinerario e atravessar o Paraguay. As mulas e os bois de carga que os meus companheiros haviam comprado antes da minha chegada tiveram de ser vendidos com muito prejuizo, os peões já contractados indemnizados e o dinheiro boliviano trocado desfavoravelmente etc. Ahi se separou de nós o nosso geologo e zoologo dr. Rudolf Hermann (fallecido a 31 de Julho de 1924 em S. Paulo), pensando encontrar pouca cousa a elle desconhecida no Rio Paraguay e no Chaco e por isto que-

rendo explorar só, por itinerarios novos, a Bolivia oriental.

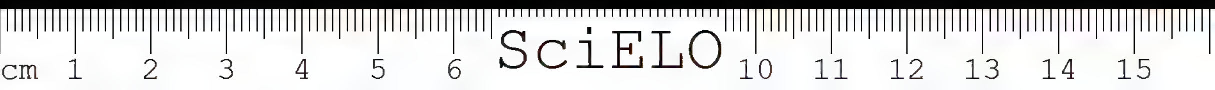
Eramos agora quatro companheiros. A 18 de Outubro partimos n'um pequeno vapor aguas abaixo. Tinhamos deixado grande parte da bagagem em Corumbá. Em poucas horas chegámos a La Manga, á margem direita, por conseguinte na mesma que Corumbá. Aqui pela primeira vez tivemos contacto serio com a praga dos mosquitos. Os sanguisedentes insectos zumbidores assaltaram-nos os mosquiteiros, encontrando sempre ainda qualquer entrada para nos picarem atravessando-nos a roupa penetrando-nos nas orelhas, nariz e bocca que apenas abriamos para fallar. Durante a primeira noite que passamos nesta margem alta, arenosa e contigua ao mangue, não se pôde pensar em dormir. Corrêmos, fumámos, batêmos em torno de nós. Na manhã seguinte fomos ao saladeiro situado na vizinhança. No galpão, grande e aceiado, preparam-se centenas de bois esquartejados e utilisados quasi sem residuos, a saber: salgam-se a carne e o couro, cozem-se os ossos.

Tambem em La Manga deixámos parte do equipamento, e assim agora ainda mais lepidos, tomamos emprestada uma canôa para n'ella baixar o Rio Paraguay devagar e barato e poder desembarcar a qualquer momento afim de filmar. E ainda tinhamos bagagem demasiada: seis malas grandes, d'estas uma com film virgem e drogas, outra com foguetes, munição, pharmacia e outras cousas, uma para cada um de nós com objectos de uso particular; alem d'isso vasilhame para viveres, um apparelho cinematographico com tripode, fuzis, revolvers, camas, de campanha com mosquiteiros, grande barraca de lona, apparelho para cosinhar, grammophone, faróes e muitas outras cousas. Depois de termos embarcado penosamente todos estes objectos entrámos na canôa que ficou com uma ou duas mãos acima do nivel de agua. A gente ribeirinha enxergava desconfiada a nossa tentativa. O vento sul levantou ondas. A canôa balançava. Uma chuva de horas e horas molhou-nos completamente. O manejo dos dois remos

pesados foi a principio muito fatigante. Tinhamos encontrado um páo pouco torcido e n'este amarrado um cobertor de lã. Mas não podemos usar d'esta vela porque o vento estava contra nós. Teriamos na nossa viagem raras vezes a occasião de gozar das delicias do velejar, porque o vento sul reina quasi sempre n'estas regiões.

A' meia-noite passamos por Albuquerque, lugar á margem direita onde os vapores tomam lenha, e chegámos na proxima manhã a Porto Esperança, estação final da estrada de ferro Noroeste, á margem esquerda, pavoroso ninho de mosquitos em que moram quasi só alguns empregados da estrada de ferro. Continuámos a remar. A' direita e esquerda pantanaes n'este tempo deseccados. Raras vezes uma arvore. Os jacarés escuros vivem deitados nas barrancas d'arêa. Na margem colhereiros vermelhos, a branca garça real, gritaria de papagaios, ao longe ruge uma onça, em forma de cunha por cima de nós vôa uma esquadra de patos. Por sob nosso barco numerosos peixes, especialmente piranhas, animaes d'um comprimento de cerca de 30 cm. que aos milhares espreitam a carne incauta para despedaçal-a com os dentes afiados, E' frequente no transporte de gado verem-se alguns animaes cahidos á agua devorados pelas piranhas em poucos momentos até os ossos.

Desembarcámos a tarde (22 de Outubro) na margem direita na estancia Santa Blanca. Uma linda casa com alguns edificios mais pequenos; grandes pastos para o gado. N'esta solidão só o administrador e sua familia alem de poucos peões. Com elles fizemos no dia seguinte em carro de bois uma excursão ao interior. O caminho estava em muitos lugares inundado, e o nosso carro afundou muitas vezes no pantanal. Depois d'algumas horas chegámos a eminencias florestadas onde encontrámos extensas grutas d'estalactite n'este tempo quasi inteiramente submersas. Vimos tambem arvores em que as onças haviam afiado as garras. Estes rastos fizeram com que procurassemos enscenar para o nosso film uma caçada. Assim todos os pormenores vena-



torios fôram photographados: agitação, tiros, etc., e o film da caçada teria sido completo se uma onça houvesse apparecido. Mas não tivemos tal sorte. Alem d'isso tambem os cachorros são máos actores n'estas regiões, não se interessam pelo cheiro de féras imaginarias.

A' noite de 24 de Outubro continuámos a remar e na tarde seguinte chegámos á pequena fortaleza brasileira de Coimbra á margem direita. Se bem que este lugar seja hoje sem importancia estrategica, foi nos prohibido photographar alli. Coimbra é um forte de terceira classe, edificado com rara incapacidade n'uma elevação de modo tal que o seu interior está completamente descoberto ás vistas e já de longe. Serve o forte de colonia penal e n'este tempo tambem alli estavam cerca de 300 recrutas em guarnição. A população civil mora em poucos ranchos miseraveis.

Na manhã proxima partimos e desembarcámos 12 km mais para o sul no marco entre o Brasil e a Bolivia. De lá até pouco acima de Bahia Negra (Paraguay) é territorio boliviano á margem direita, região pantanosa sem valor que os bolivianos, faz annos, receberam do Brasil em troca do territorio do Acre.

Quando recomeçámos a navegar, uma tormenta se levantou. Amarramos a canôa á margem esquerda (Brasil) e preparámos um churrasco duro como pedra. Na proximidade vimos os ranchos d'alguns caçadores de garças, ou como melhor se dirá: «caçadores de cadaveres». Tem as garças lugares collectivos para a incubação. Pouco antes dos filhotes levantárem o vôo, os paes não deixam mais o ninho. Então os infames seus perseguidores atiram-n'os, arrancam-lhes as quatro grammas de plumas mais finas e deixam os paes morrer miseravelmente e os filhotes no fedor cadaverico dos seus geradores gritar até perecerem de fome.

Depois d'algumas horas podemos continuar a remar e desembarcámos ás duas horas da noite á margem direita n'um lugar onde se cortavam palmeiras, já em territorio paraguayo. Pouco acima

de lá começa com o Paraguay tambem o verdadeiro Chaco, reconhecivel pelas espessas mattas de palmeiras que occupam a nossa direita o lugar da que ha sido, até agora, a nossa companheira, da paisagem do pantanal. Descansámos até a alva e então para cortar um grande pedaço do nosso caminho, não seguimos o rio Paraguay que corre em vastas curvas, senão um dos seus cem, talvez mil braços, chamados riachos. Foi a canôa arrebatada por uma correnteza feroz. Não remámos, as duas margens approximaram-se muito uma da outra. Um ceu magnificamente azul em cima de nós, ao redor de nós no esplendor do sol recente um paraiso em verde e multicôr com grandes aves multicôres.

A's nove horas da manhã chegamos a Bahia Negra, guarnição fronteiriça dos paraguayos onde ha um major e tres praças. Percebemos immediatamente que estavamos no Paraguay: homens alegres, guitarras, garrafas de aguardente, canto e dança. As casas são edificadas de madeira de palmeira, aqui como em todas as partes do Chaco paraguayo, e ripas de palmeiras formam um telhado impermeavel.

Em Bahia Negra vimos Chamacocos pela primeira vez. Tinham levantado os seus toldos na vizinhança. Uma tribu pequena que recentemente perdera devido á grippe mais da metade dos membros. Agora estes «civilisados» ganhavam a vida a cortar madeira, suas mulheres se tinham tornado lavadeiras e aguadeiras ou faziam «trabalhos de indios»: adornos de plumas, esteiras tecidas, bolsas e semelhantes «raridades» para museus e gente basofia. Por broches e cadeiinhas sem valor trocamos bolsas, panellas, páozinhos para fazer fogo, armas e outras cousas.

Os principaes alimentos d'estes Chamacocos são carne — alguns possuem gado vaccum — e raizes de palmeiras, as quaes, como a gente diz, lembram no gosto as batatas. Não se pode incitar este povo de nomades a que se dedique á agricultura; a caça tampouco é por elles considerada um divertimento.

Encontrámos um Chamacoco, moço bonito e intelligente, que, fazia alguns annos, viajara com um austriaco pela Europa. Mostrou-nos uma revista com o seu retrato e um album de photographias de Vienna. Mas além d'isso nada de europeo lhe ficara. Tinha regredido aos costumes dos seus irmãos, andava meio ou inteiramente nú, recordava-se apenas ainda dos paizes afastados e não sabia fóra do hespanhol nenhuma palavra mais das linguas estrangeiras. Limpou cuidadosamente a nossa canôa e pediu como paga uma ceroula velha que elevou á categoria de traje de gala.

Vimos outro Chamacoco, mordido no pé por uma cascavel duas semanas antes. Um charlatão branco lhe dera um litro d'agua com dez gotas de creolina e estava agora muito orgulhoso que o cliente já poudesse caminhar de novo como curado. E' que provavelmente a cobra comera antes e deste modo vertera quasi todo o veneno. A gente d'aqui citou como antidotos seguros contra o veneno de cobras kerozene com sal e além d'isso a « sympathia », o que quer dizer: influencia psychica. Nunca tivera eu occasião de observar taes curas. Os medicos indios chupam o veneno da ferida.

Para se defender de noite contra os mosquitos, queimam-se pequenos pedaços de páo sancto, uma das especies d'arvores existentes em grande numero no Chaco. O fumo é muito forte e tem um cheiro « pio » que lembra o incenso.

A' tarde de 30 de Outubro deixamos Bahia Negra. A's oito da noite começou horrivel tormenta. Tinhamos deixado as margens firmes. De ambos os lados o pantanal. As ondas arrojaram a nossa canôa por sobre inconsistentes plantas aquaticas que nenhum apoio lhe davam. As ondas cahiram sobre a nossa canôa. Incessantemente achicavamos. A cada momento esperavamos que a embarcação, pesadamente carregada, fosse a pique. Manteve-se o bordo da canôa apenas dous dedos por sobre o nivel d'agua, Relampagos fuzilavam perto de nós. Horas e horas de chuva, de tormenta. Só as quatro da manhã a tempestade amainou de modo

que podemos emprehender a continuação da viagem. Não tinhamos soffrido prejuizo algum, só um remo se rompera.

Depois d'algumas horas desembarcámos no Porto 14 de Maio, lugar da margem direita (paraguaya) em que muitos páos de quebracho se empilhavam. Alli vimos dois ranchos miseraveis e pobres mulheres. Tinhamos fome e frio, estavamos molhados e não tinhamos dinheiro. Veio um homem, vendemos-lhe um revolver e assim poudemos comprar doze ovos.

A' partida vimos á margem uma sucury morta a pancadas pouco antes da nossa chegada quando justamente devorava uma gallinha. Tinha o animal cerca de cinco metros de comprimento e era bellamente pintado. N'esta occasião fez nos rir mais uma vez a recordação do conto conhecido no Rio Paraguay como em toda a America do Sul e que quasi sempre acha credito, o conto da sucury que engole corcel e cavalleiro de uma vez.

Ao meio dia passamos pelo Porto Santa Martha, de noite por Porto Novo, no dia seguinte por Porto Vontade, tres lugarejos com depositos de páo de quebracho á margem paraguaya. A' tarde de 2 de Novembro chegamos a Forte Olimpo, aldeia paraguaya com cerca de 600 habitantes. Lá se vê n'uma elevação uma fortaleza antiga edificada pelos hespanhoes em defesa contra os indios no anno de 1792 (por conseguinte 25 annos depois da expulsão dos jesuitas). Uma obra quadrangular de muralhas fortes sem nenhum alojamento no interior alem de uma cella para prisioneiros. Os declives escarpados estão cobertos de pedras. Do parapeito desfruta-se bella vista sobre o rio com suas muitas voltas e o Chaco em que as palmeiras estão em renques direitos sempre á mesma distancia uma da outra como n'um chantoal.

A 5 de Novembro continuamos a remar, a 6 passamos por Porto Guarani onde ha uma grande fabrica de tanino á margem paraguaya, e desembarcamos de tarde na fazenda Tereré á margem esquerda (brasileira). Os donos que se dedicavam a

criação de gado vaccum eram brasileiros. Com elles emprehendemos no dia seguinte subir ao morro Pão d'Assucar que desde muito perfilado no horizonte nos attrahia. A's quatro da manhã deixamos a fazenda e approximamo-nos, a navegar em riachos, do morro. As dez e meia começou a subida. Tivemos de engatinhar por balseiros espessos cheios de espinhos quer onde se tocasse quer onde se cahisse. As grandes pedras sahiam rolando quando queriamos n'ellas nos apoiar. — (E' notavel que na região de pantanos e no Chaco, isto é: em formação de terra ncva onde em outras partes não se encontra nenhuma pedra, se achem de repente tão enormes montões de pedra como este morro e a serra á qual elle pertence, tambem como as elevações de Forte Olimpo e semelhantes.) — Depois da primeira meia hora começou forte chuva. Continuamos a trepar. O tempo ficou sempre peior e o morro mais escarpado. Já pensavamos abandonar o pesado apparelho cinematographico e a tripode. Mas vencemos a nossa «carne fraca». E o premio não tardou a vir: quando quasi alcançavamos o ponto mais alto do Pão d'Assucar, o sol rompeu por entre as nuvens. Poudemos fazer ainda algumas photographias cinematographicas e gozar da paisagem clara e grandiosa. A's tres attingiramos a cumiada. Foi preciso começar immediatamente a descida para escapar do mato enganoso d'este morro antes do principio da escuridão. Esta fuga á noite foi mais penosa ainda que a primeira parte da excursão. Resvalavamos e cahiamos, emmaranhamo-nos muitas vezes nos cipós, fomos açoutados pelos ramos espinhosos e dependurados do caraguatá sobre gargantas d'uma profundidade de 15 a 20 metros. A's seis e meia chegámos sedentos e esfolados ao pé do morro, ás tres da madrugada na fazenda Tereré. Se bem que o Pão d'Assucar segundo as nossas medições tenha apenas uma altura de 545 m sobre o nivel do mar e 435 m sobre o rio, não desejo a elle subir segunda vez.

Cedo pela manhã do dia nove partimos de Tereré. Tinhamos vento favoravel para ir a vela.

Estava a manhã pura e cheia de alegria. Aves aquaticas mergulhavam ou adejavam pesadamente á frente da nossa canôa. Antas estavam á margem e bebiam.

O Rio Paraguay corre por um desfiladeiro chamado o Fecho dos Morros. Se bem que a serra mereça propriamente tal nome só no lugar da passagem do rio, é usado geralmente em toda a extensão. Logo estava novamente á nossa frente o mais alto e mais escarpado d'estes morros conicos, o já nosso conhecido Pão d'Assucar. Saudamos silenciosamente a sua magestade.

De tarde chegamos a Porto Murtinho. Porto mais meridional da margem brasileira, cidade pequena com cerca de 2.500 habitantes, com o maior saladeiro installado do modo mais moderno no estado de Matto Grosso e com os depositos de mate os mais importantes de todo o Brasil. Logo depois da nossa chegada tivemos de nos deixar vaccinar contra bexigas e a nossa bagagem passou pela revisão da alfandega.

Na manhã de 13 de Novembro um navio singular levou a reboque a nossa canôa. Era com um armazem fluctuante, unico em seu genero, que abastece os pequenos portos paraguayos de todos os artigos imaginaveis, até de discos de grammophone e de licores finissimos; livraria, marcenaria e muitas outras cousas estão a bordo á disposição do publico. Assim a viagem foi aguas abaixo. Vimos á margem direita a fazenda Palmas Chicas.

A' tarde desembarcamos em Porto Sastre. Alli está grande fabrica de tanino, propriedade de argentinos. Filmamos o caminho da preparação do tanino desde o principio até o fim, quer dizer: desde o cortar dos paos de quebracho até o embarque da massa prompta para a exportação. Em Porto Sastre moram mais de mil empregados da fabrica.

A 18 de Novembro, de manhã cedo, viajamos n'uma estrada de ferro e n'um pequeno trem campestre, sessenta e nove kilometros para o interior do Chaco. O nosso comboio rodava pela paisagem de palmeiras variada e muitas vezes prodigiosamente

bella. Uma vez uma nuvem de gafanhotos migratorios nos assaltou. Passámos por muitas estações de cortadores de arvores e alcançámos, á uma hora da noite, o km 69.

No dia 20 viajamos, em carro de boi, sete kilometros mais para o interior, atravessando pantanaes e passando ao lado de matos espessos, em meio de milhões de insectos picantes venenosamente, até o acampamento dos Chamacocos. Só uma parte da tribu principal alli estava. Os homens cortavam e descortiçavam arvores sob a direcção d'um paraguayo.

Logo armámos a nossa tenda e nos accommodamos no chão. A agua que tomámos era preta. Vinha do pantanal. Nos pantanaes cresce o pirí, um junco que limpa a agua das materias putridas e a torna potavel. Além d'isso, a gente ajunta, para o tempo da secca, a agua de chuva em lagôas artificiaes. Quando o sol absorveu todo o liquido, o indio encontra ainda meio litro d'agua fetida no caraguatá, ananaz silvestre. Fontes não existem no Chaco, sómente algumas lagôas de agua salobra. A terra não é porosa, por conseguinte a agua da chuva não póde infiltrar-se, e, antes que esteja evaporada, serve de lugar de criação ás innumeraveis especies de mosquitos. A forma da vegetação do Chaco é um infinito « um ao lado de outro » de pequenos matos espessos, grandes pantanaes, grupos de palmaceas ora altas ora baixas, isoladas e muito espinhosas. As madeiras de lei, alli, são: carandá, lapacho, uronday, curupay, tatané, timbó, elviraró, guayavy, peterevuy, paratodo, quebracho vermelho, quebracho branco, cedro, pau rosa, pau de trebol, pau branco, pau santo e alfarrobeira. Do pau santo, que a gente queima com bosta secca para, como acima se menciona, defender-se pelo fumo contra os mosquitos, a fabrica em Porto Sastre produz agora carvão e alcatrão.

Depois de pouco tempo, alguns homens approximaram-se de nós vagarosamente, attraidos pelos restos de cigarros que tinhamos deixado cahir negligentemente. Mas logo que um de nós teve a imprudencia

de dar um cigarro ao indio mais proximo, todo o povo pardo chegou a correr e pedinchar. Os nossos broches de folha de lata, pedras multicôres e todas as outras lindas missangas européas foram alvo de estima mediocre. Um dos membros da expedição não conseguiu obter uma india a troco das nossas mais preciosas joias falsas. Mas quando deu ao pae vinte cartuchos de carabina, este trouxe-lhe. á meia-noite, a filha á nossa tenda.

Depois de nos familiarisar algum tempo com os Chamacocos, installamos, na manhã seguinte, o nosso apparelho cinematographico. Serve para medições, dissemos, e olhavamos ingenuamente para o céu e para todos os lados. Mas, apezar d'isto, o feiticeiro mais velho chegou, instantaneamente, com grande gritaria, a dançar em torno da nossa caixa cinematographica. Fez-se mover muito rapidamente uma correia e elle tocou com o dedo o vidro da objectiva. Então apalpou o nosso perigoso instrumento de civilisação, como o director d'uma sessão espirita o faria ao medium a quem quizesse transmittir imaginario fluido. Soprou no apparelho e lançou-lhe, escanchando os dedos, a vontade obscura da defesa. Quando o velho, finalmente, depois de muitos exorcismos, parou com inexpressivo sorriso, perguntei a uma moça india o que tudo isto significava. «Elle sómente cantou, nada mais», respondeu ella. Não acreditei em tal.

Manivellámos sem ver o que photographavamos, porque, para não despertar mais suspeita, foi preciso manejar o apparelho voltando as costas ao publico. Um porco do mato domesticado galopou pelo acampamento e tememos, a cada momento, que o animal alegre, em brincadeira cordial, nos derrubasse e á nossa mysteriosa machina. Mas tívemos sorte.

O nosso grammophone desvaneceu o resto da desconfiança. Já em Porto Sastre tinhamos feito com este instrumento serenatas ás moças, com bom resultado. Eis ahi um modo super-moderno de fazer serenatas! Nosso unico disco escapo intacto estava muito empenado pelo calor, de modo que a agulha sobre elle dançava graciosamente. A musica recebeu

assim um sainete especial. Os indios, de pé, arregalavam os olhos e as boccas, olhos e boccas riam.

A' noite, acendemos fogos de artificio. Provocaram gritaria e alegria. E então, o velho chefe da tribu começou, repentinamente, a cantar. Elle tinha o seu instrumento á mão, uma cabaça secca e vazia, com caroços dentro. Soltou tres gritos em direcção ao matto e um zunido vagaroso surgiu de seu instrumento, como um marulho brando e longinquo. Invocou a lua, a tyranna. Bramido terrestre sem palavras, em rhythmos prenhes de sentidos. O zunido cresceu da mão do chefe em rotação, elevou-se á altura de uma tormenta, attingiu o frenesi, e as vagas encapellaram-se uma sobre a outra, um combate desesperado. Estes echos de revolta batiam-me estridentes no craneo. E o chefe saltava, inclinado para a frente, com as pernas immoveis, calcou a terra bradando com voz permanentemente forte. Os outros homens acocoravam-se sérios, em roda silenciosa. As mulheres, havia muito já, dormiam. O ancião urrou durante tres horas contra todos os poderes divinos, sempre fortissimo, e não enrouqueceu.

Na manhã seguinte, um caçador velho veio com arco e frechas, do acampamento da tribu principal. O homem tinha ficado no matto durante a noite e não se atrevera a approximar-se de nós, porque o fogo de artificio, saudado com gritaria, e depois o canto, para elle haviam sido os indicios da presença d'um máu espirito desconhecido, d'um grande diabo.

OS CHAMACOCOS

A Guido Boggiani (1) se deve a primeira noticia detalhada sobre os Chamacocos. (2) Em sua obra ricamente illustrada, que tentarei completar com o presente trabalho, começa por discutir si o nome Chamácoco deriva ou não de Zamuco, synonymo de Samucu, nomes pelos quaes se conheceu, antigamente, uma tribu de índios na provincia boliviana de Chiquitos, e si os Chamacocos receberam o nome actual dos brancos ou si este é o seu verdadeiro appellido. Diz Boggiani que na sua opinião

não ha duvida de que o nome Chamacoco provenha de Zamuco ou Samucu. (3) E acrescenta: «Quando, pela primeira vez, em 1885, os brancos se achavam em contacto com os indios em Porto Pacheco (Bahia Negra), naturalmente o primeiro nome com o que pensaram baptisal-os foi o de Chamacoco, sem muito investigar si o eram ou não.» (4) Mas já na pagina seguinte annota: «Apesar da precedente supposição, póde muito bem ser que Chamacoco seja o verdadeiro nome da tribu, nome isolado, não derivado de nenhum outro». (5) Não resolvi nenhum d'estes problemas. Si Boggiani o fez nos pequenos estudos sobre os Chamacocos, (6) que publicou mais tarde, não sei, porque não tive occasião de os lêr.

Mais importante é a questão si os Chamacocos são os descendentes dos Zamucos ou de qualquer modo seus parentes. Boggiani não os considera taes. Mas Karl von den Steinen (7) refuta-lhe os argumentos e prova que são uma tribu zamuco.

Quanto á historia: os Chamacocos, já em 1795, estão mencionados em relatorio do commandante de Coimbra. (8) E no dia 3 de Fevereiro de 1803, Ricardo Franco de Almeida Serra, major do real corpo de engenheiros portuguez, participa ao seu superior em Cuyabá (9): «Os Xamicocos não deixam de formar uma nação numerosa; pois occupam, não a grande distancia da margem occidental do Paraguay, os terrenos que se estendem desde pouco abaixo da Bahia Negra, 12 leguas ao sul de Coimbra, até as immediações do Sancto Coração e S. Thiago da Provincia de Chiquitos, sobre os quaes fazem os estragos que podem, cativam mulheres e crianças, que vendem, e se acham entre os Uaicurús. (10) E' nação miserrima, não cultivam nem têm casas; dormem ordinariamente em covas que fazem na terra, e até comem umas folhas carnosas de certo arbusto (? H. B.); vivem em diversos e distantes alojamentos, fazem dura guerra uns aos outros, vendendo alguns prisioneiros que apanham aos Uaicurús, com medo dos quaes se concentraram nos matos d'aquelle terreno. Os mesmos attentados com que os Uaicurús reduziram e aggregaram á si os Guanás, são semelhan-

temente os mesmos com que têm reduzido parte dos Xamicocos; pois, visitando-os por muitas vezes cada anno, e sempre com indifferente semblante de paz e de guerra, para lhes comprarem alguns filhos e captivos, ordinaria e perfidamente, por ajuste de contas, lhes matavam quantos achavam em descuido, até que no anno de 1801 os mesmos Xamicocos, para se livrarem d'este annual flagello, mandaram espontaneamente chamar os Uaicurús, venderam-lhes, entre crianças e adultos, mais de 200, contrahiram paz, convidando-os para fazerem a guerra a outros Xamicocos, e ficaram os Uaicurús chamando-os seus captivos, os quaes com refinada politica deixaram alguns dos seus alli casados, até a chegada de D. Lazaro de Ribeira no ataque que fez contra Coimbra, ([11]) que os fez retirar assustados para sua morada de Albuquerque, abandonando os Xamicocos suas mulheres; sendo digno de nota que estes adquiridos Xamicocos, vivendo alguns annos entre os Uaicurús, são os mais implacaveis inimigos da sua mesma nação». Este relatorio tão precioso para a historia dos Chamacocos, para o qual Spix e Martius chamaram a attenção, ([12]) foi publicado, primeiramente no mez de Julho de 1813, no jornal «O Patriota» do Rio de Janeiro. Do dormir na terra. (para defender-se dos mosquitos) ha ainda hoje noticia entre os Chamacocos. Provavelmente começaram a dormir desenterrados quando dos brancos conheceram o mosquiteiro.

Communicação mais recente sobre os Chamacocos encontra-se na descripção de viagem de Castelnau ([13]) que no mez de dezembro de 1844 visitou o Forte de Coimbra: « O commandante nos fallou que os Chamicocos visitaram muitas vezes o forte. Estes indios são geralmente nús; alguns sómente se cobrem os rins d'um tecido d'entrecasca; elles habitam as margens do Rio Preto, vão a pé e são armados sómente de arcos e flechas. » — Na mesma obra se menciona tambem a visita do estabelecimento da missão de S. Ignacio a 28 de junho de 1845 ([14]). Assim era o nome do lugar em que os jesuitas tinham domiciliado os Zamucos.

Mas na descripção do estabelecimento da missão de S. Ignacio de 1845 não se encontra nenhuma palavra sobre estes. Provavelmente ja n'aquelle tempo estavam extinctos. Um mappa annexo por Boggiani ao seu livro faz tambem suppôr que o S. Ignacio dos Zamucos não era o mesmo mencionado por Castelnau, e sim muito distante deste a sudeste.

Em 1869, dezeseis annos antes do termo em que segundo Boggiani os brancos se acharam pela primeira vez em contacto com os Chamacocos, escreveu Ferreira Moutinho (15) : « Tivemos tambem occasião no Corumbá de conhecer os Chamacocos refugiando-se dos Caduveos, que os tinhão atacado. Chegarão ao Corumbá em suas canôas, e levantarão tendas de esteiras por espaço de quinze dias. São robustos e sadios, porém muito poltrões e preguiçosos. Estavão completamente nús, conservando apenas uma pequena tanga, que lhes encobria as partes viris. Sustentão-se de côcos, jacarés que matão á fréxa, e de peixes que pescão com anzol. Comem todos os animaes do matto. Não teem, como os Guatós, tanto ciume de suas mulheres, que afinal pouca fidelidade guardão aos maridos. » —Esta noticia é interessante porque segundo ella os Chamacocos tinham canôas, facto que não se acha mencionado em parte alguma e provavelmente é tambem desconhecido de todos os Chamacocos de hoje. No dizer do Visconde de Taunay (16), a autoridade de Ferreira Moutinho é aliás muito duvidosa, segundo os entendidos era homem frequentemente improbo.

Esta é a historia dos Chamacocos no seculo XIX : povo errabundo no Chaco do nordeste, completamente diverso de todos os visinhos pela lingua e maior parte dos costumes, e sempre em hostilidade com elles. Dividiu-se em pequenas tribus que se guerreavam entre si. Pacifico em relação aos brancos, nunca ficou comtudo em contacto permanente com elles. Calcular-lhe o numero era, no começo do seculo passado, tão impossivel quanto hoje porque fracções ainda desconhecidas hoje da nação dos Chamacocos vivem no interior do Chaco. Em principios do seculo passado o numero dos Chama-

cocos deve ter oscillado entre 1000 e . . . . . 10.000. Hoje está muito diminuido; calculando-se em 1000, tal cifra será provavelmente demasiada. — Viveram os Chamacocos sempre no Chaco? D'onde vieram? Estas questões ficam sem resposta. A lingua e os insignificantes productos de cultura dos Chamacocos, armas, adorno de plumas, ceramica, tecidos, não nos dão indicios a tal respeito.

Impõe-se saber se os denominados «Chamacocos mansos» que vi em Bahia Negra, pertencem a mesma nação como os chamados «Chamacocos bravos» que visitei desde Porto Sastre, e se ambas as subtribus merecem o nome Chamacoco. Fez Boggiani observações entre os «Chamacocos mansos» e eu entre os «Chamacocos bravos». E Boggiani affirma (17) que os «Chamacocos bravos», se bem que parecidos como parentes chegados dos «Chamacocos mansos» pelo aspecto e costumes, são completamente diversos d'estes pelo idioma. Convem depois que um membro de uma das tribus aprende muito mais facilmente o idioma da outra. Mas a differença das duas tribus se comprova ainda pelo facto de que ambas vivem desde muito tempo em hostilidade reciproca. E finalmente parece evidente que os «Chamacocos bravos» hajam sido chamados «Chamacocos» sómente pelos brancos, porque seu verdadeiro nome é Tumaná. Nunca o ouvi aliás. Não duvido que os denominados «Chamacocos bravos» sejam Chamacocos legitimos. Não precisamos ir ao Chaco para encontrar divergencias e hostilidades dentro d'um povo; podemos observal-as na historia de cada povo e de cada familia. E estas lutas entre irmãos eram conhecidas já ha mais de seculo graças a Ricardo Franco e ainda hoje não acabaram. O outro argumento de Boggiani, o do idioma, é mais fraco ainda. Porque Boggiani cita apenas sete palavras dos seus Tumanás e dos meus Chamacocos, duas das quaes averbei para as comparar no vocabulario; as outras cinco não as conheço. Como se pode ver no dito vocabulario, para o qual puz as palavras recolhidas por Boggiani entre os «Chamacocos mansos» ao lado das recolhidas por mim entre os «Cha-

macocos bravos», muitas designações, especialmente as mais usadas como para palmeira, pomba, sol, vento, mãe, amigo, mosquito etc., são em ambas as subtribus completamente iguaes umas ás outras, e muitas outras se assemelham umas as outras. Deve-se tambem levar em linha de conta que Boggiani não tinha o mesmo senso acustico que eu e embóra ambos hajamos escripto as palavras sómente depois de longo e escrupuloso exame, divergencias não são de admirar, porquanto ouvimos pela primeira vez um idioma completamente extranho, idioma pode-se dizer como d'um outro mundo. Tambem os «Chamacocos bravos» mostram-se, como Boggiani affirma, á margem do Rio Paraguay, e os topicos de Ricardo Franco, Castelnau e Ferreira Moutinho podem referir-se, com igual probabilidade, a uma ou a outra subtribu ou tambem a membros de ambas. Por conseguinte deve-se ter os «Chamacocos bravos» e os «Chamacocos mansos» ethnographicamente como unidade.

Os Chamacocos vivem no *hinterland* da margem occidental do Rio Paraguay desde cerca de 20° a 22° de latitude sul.

Tem os Chamacocos feições mongoloides; malares largos, olhos amendoados, nariz chato, labios grossos e salientes. Mas a sua orbita não é obliqua; e elles são maiores e mais espadaudos do que a maior parte dos homens mongolicos. Quasi todos os homens tem altura de 1,75 m e mais e formas athleticas. A sua cutis é pardo escura, geralmente mais escura que a dos seus vizinhos: Lenguas, Guanás etc. Mas vi tambem entre elles algumas moças mais amarellas que pardas. Os Chamacocos tem abundante cabelleira preta e liza; arrancam cuidadosamente os demais pellos do corpo: no rosto, no pubis etc. A sua dentadura é extraordinariamente bella, quasi tanto como se artificial fora. Os dentes ão brancos e symetricos, verdadeiro adorno no

qual se encontra sómente e ás vezes n'um ou n'outro velho alguma brécha.

Quiz certa vez ver se as crianças dos indios tambem apresentam durante os tres primeiros dias de vida as manchas de pigmento nas nadegas que se diz ser um indicio de raça mongolica. Uma india Sanapaná tinha um recem-nascido, algo cor de rosa. Era a occasião opportuna para a prova. Meu companheiro paraguayo perguntou a mãe a edade do filho. Nenhuma resposta obteve, tampouco do pae ou dos assistentes. Nem a aguardente nem o dinheiro com que tudo se pode conseguir do indio, trabalho e as vezes até a propria mulher, foram neste caso efficientes. De modo algum quiz a mãe mostrar-nos a criança. Fugiu com ella e vimos em torno de nós caras sombrias. « Os indios do Chaco sempre encobrem e escondem os recem-nascidos dos olhares dos brancos », disse o paraguayo. Acaso medo dos homens maos, odio, um «orgulho» ou «vergonha» em relação aos sabedores avidos?

O Chamacoco é sem duvida mais intelligente e em geral mais habil que os vizinhos. Faz em duas horas trabalho para cujo acabamento os outros indios do Chaco oriental precisam d'um dia inteiro. Falla mais rapido do que os outros, é em geral mais vivo que elles. A india Chamacoco fabrica o adorno de plumas e os tecidos com mais arte que as mulheres dos vizinhos. E alem disto mantem o Chamacoco sempre grande distancia entre si e os brancos, não trabalha nas fabricas d'estes o que tambem é indicio de intelligencia.

As indias Chamacocos são chamadas *tchimitchanas*. Tem uma cabeça menos que os homens, são fortes e flexiveis, e o seu andar é lepido. Entre vinte e quarenta e cinco annos engordam e muitas vezes ficam obesas, mais em idade mais avançada emmagrecem. A cabelleira algumas cortam em cima da testa, e a maioria deixa sem cortar. Não é mais comprida que a dos homens, cobre-lhes apenas as espaduas. A não ser isto são como os homens

inteiramente depiladas. A sua bacia, mesmo depois da maternidade, não é mais larga que as espaduas e muitas vezes até mais estreita. Os olhos brilhantes não tem o embaciamento bondoso que muitas vezes deixa parecer tão vazios os olhos grandes, e tambem luzidios, da negra; os olhos da *tchimitchana* tem algo de atrahente, algo perquisidor e de demoniaco. Naturalmente observações d'estas só occorrem a quem por algum tempo convive com a india e quando vê não só com o cerebro, mas tambem com o coração. — A *tchimitchana* tem seios pequenos e desde muito cedo pendentes. Nunca pude observar que por vaidade artificialmente procura obter este pender dos seios atando-os para baixo com um panno como fazem as mulheres dos indios Lenguas. (18)

A tchimitchana é a «mulher da casa». Raspa as folhas espinhosas do caraguatá para lhes extrahir as fibras; com ellas tece pequenas bolsas para guardar preciosidades como um botão velho, um parafuso e cousas semelhantes, bolsas grandes nas quaes carrega o filho, mosquiteiros e rêdes. Ornamenta os tecidos com riscos azues, cinzentos, pretos e vermelhos; para isto de plantas extrahe as materias côrantes, De juncos (piri) prepara esteiras para se deitar, o tecto e para si uma tanga. Cosinha em grandes potes de barro para a familia. Nas marchas leva n'uma rêde atada á cabeça todos os utensilios, pannos, potes e gallinhas; o mais novo dos filhos cavalga-lhe á anca com uma perninha nas suas costas e a outra sobre a barriga. *A tchimitchana* ama muito os filhos e lhes dá o peito tanto quanto a este appetecem e até mesmo quando já tem dentes fortes. — Entre os indios nunca é uma creança castigada.

As moças solteiras reunem-se durante o dia sob um tecto quando não estão sentadas junto aos paes; ou correm pelo acampamento a brincar do «tempo será». Mas nunca são de modo algum molestadas ou o alvo das attenções dos homens. De noite dormem sob o mosquiteiro dos paes ou, quando orphans, dos parentes mais

chegados. Assim pae e filha, irmão e irmã dormem juntos.

Muitos dos que tem escripto grossos volumes sobre os selvagens em geral e sobre os indios em especial, têm visto « *multa, non multum* », tem posto oculos em vez do sentimento. Porque a moça é vendida ao pretendente e porque leva durante a marcha quasi todos os bens do casal, foi chamada por observadores precipitados de escrava e besta de carga do homen ; e do professor de gymnasio á suffragetta tal noção se propagou. Mas em realidade a mulher de muitos povos primitivos domina o homem. Apenas encontrei um unico investigador que apparentemente como se inclina a affirmal-o em relação aos indios da America do Sul (19) : o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira em sua publicação interessantissima « Qual era a posição social do sexo feminino entre os indigenas do Brasil ? » (20). Mas este eminente paulistano limita-se a phrases compassivas sobre o acatamento á mulher entre as tribus indigenas do Brasil conhecidas n'aquelle tempo. Talvez temesse, na primeira metade do seculo passado, tornar-se ridiculo dando ás cousas o verdadeiro nome. Que elle pensa em cousas diversas da estima social e ternura conjugal, mostram n'o dous topicos do seu trabalho com que quer provar que a posição social da mulher, entre outros povos primitivos, não era inferior á existente entre os indios do Brasil — : « Não era só em alguns Estados da Europa que o bello sexo tinha direito ao exercicio da realeza em falta da linha varonil. Os primeiros conquistadores da America encontraram Anacoána na regencia dos povos comarcãos de Xarágua, uma parte da ilha Hespaniola (21), que pela suavidade do seu mando, unida ao prestigio do seu sexo, era o idolo do seu povo, e d'elle houve os ultimos esforços para libertal-a do poder do sanguinario Ovando, que tendo por sem duvida que encontraria obstinada resistencia em aprisional-a á

força aberta, pela dedicação que lhe consagrava seu povo, e de que era elle testemunha, valeu-se da mais atroz perfidia para arrancal-a do meio dos seus magnates, quando festejava a presença de seus barbaros hospedes; arrastando-a para o patibulo através de montões de cadaveres, e por entre torrentes de sangue de seus vassallos, que inermes se arremessavam aos fuzis dos seus assassinos, sacrificando-se por sua infeliz rainha, e succumbindo á vista d'ella.» (Robertson: History of America) (22). — «Nessa mesma épocha reconheceu-se nas ilhas Mariannas do Oceano austral que as mulheres tinham assumido superioridade sobre o outro sexo; gozando alli de um poder illimitado, e nada se dispondo na acção administrativa sem seu assentimento e conselho. Esta preponderancia as fazia immunes na infidelidade conjugal, e dava-lhes o arbitrio no divorcio quando não tinham de seus maridos as deferencias e submissões que exigiam imperiosamente. Se estes infringiam as leis do consorcio, eram seviciados, expulsos e destituidos violentamente de tudo quanto era sua propriedade peculiar.» (Raynal: Histor. philos.) (23).

Certa vez achou o viajante Max Schmidt notavel que joven, mas adulto indio Xingúano que quiz accompanhal-o, confessasse chorando em voz alta pouco antes da partida que não poderia ir em sua companhia porque a sua irmã não o permittia (24). Em muitos livros sobre os indios e os outros povos primitivos encontram-se semelhantes observações que nunca tem comtudo importancia para os autores. Para mim são importantes porque seu numero e frequentes analogias reforçam a minha experiencia propria contra a exprobação da generalisação.

Entre os indios Bacairis no Rio Culisehu (onde cada casal não tem tecto proprio, como entre os Chamacocos, mas algumas familias aparentadas moram em casa commum), o homem depois do casamento aloja-se em casa da mulher, o que quer dizer: fica pertencendo á familia d'ella (25). O filho pertence á tribu da mãe, é membro da fami-

lia materna (organização matriarchal). O homem jejua depois do nascimento dos filhos e deita-se na rède como um doente. Durante alguns mezes depois do nascimento é obrigado a abster-se de todas as comidas gordurosas e muitas outras (26). (27). Entre os indios Lenguas, vizinhos dos Chamacocos e que com elles tem alguns costumes semelhantes o homem que quer casar-se em outra subtribu abandona os companheiros e segue a mulher (28). O facto do homem abandonar, por causa da mulher, o seu primeiro ambiente de vida, para se adaptar ao da esposa e a tendencia que o leva, quando ella pare, a querer fazer como ella um sacrificio corporal, tudo isto não é sinão o reconhecimento da potestade feminina e a reverencia a ella prestada.

A tchimitchana domina o marido, o pae, os irmãos e filhos. Sua venda é a primeira victoria, a elevação do preço a affirmação do valor; o marido a ella entrega o primeiro tributo; o pae a ella deve ficar grato. Com os bens leva o poder; deve o homem preparar e garantir o caminho, combater e caçar; ella caminha tranquilla; fatigado, ferido e faminto elle se volta para ella e attende aos seus conselhos. Na economia domestica ella é a mais forte; porque emquanto o homem depende da sorte na caça, ella pastorea os animaes domesticados e guarda os fructos. Ella é superior intellectualmente porque na vida dos indios a sabedoria do homem não é necessaria, e sim a astucia da mulher. Ella domina sexualmente por ser mais sadista do que masochista. *A tchimitchana* é « moralmente » mais firme e mais forte porque nada sabe dos deuses e por isto não os teme. Abandona o marido quando elle não a nutre convenientemente e toma outro. Isto não é adulterio, e sim decisão notoria e definitiva. Os homens com isto se contentam; o marido largado procura outra mulher; não conhece o ciume. — Os Chamacocos déram ás suas mulheres tudo o que de nós trocaram ou o que ganharam de qualquer modo. O mesmo observei tambem entre outras tribus que trabalhavam no porto (Guanás, Sanapanás). Re-

cebem estes indios como salario dinheiro e charutos que entregam immediatamente ás mulheres. Ahi tem licença de beber aguardente. A mulher está, de charuto á boca, por traz do homem e paga até que o veja a cambalear de bebado. Então ella o arrasta para o acampamento, deita-o no chão, atalhe braços e pernas e fuma os restantes charutos. Raras vezes se encontra n'um porto uma india que não traga charuto á boca.

Em Bahia Negra o commandante da guarnição paraguaya nos contou que alguns brancos, paraguayos e enropeos, acaso amasiados com *tchimitchanas*, haviam seguido segundo a vontade d'estas mulheres para o interior do Chaco para alli viverem como indios. Taes noticias ouvi-as confirmadas de muitos lados e em outros logares. Alem disto recebeu o commandante durante a nossa permanencia em Bahia Negra ordem de procurar quatro brancos que, segundo se dizia, haviam acompanhado *tchimitchanas*, e a sua tribu, para o interior. Devia o official leval-os, se preciso fosse, á força, outra vez ao seio da civilisação, porque se temia que se tornariam chefes de salteadores á testa de uma tribu inquietando deste modo os seus proprios socios de raça.

As *tchimitchanas* não conhecem o beijo. A sua affeição manifesta-se por meio de carinhoso, mas forte bater, impellir e arranhar. Homem e mulher correm um atraz do outro para se agarrar. Muitas vezes succede que um esposo joven precise lutar cinco dias e cinco noites a fio com a mulher até que ella se lhe entregue.

Ha quem affirme que o indio se pinta sómente para atemorizar os inimigos com este aspecto marcial mais evidente. Isto não se dá entre os Chamacocos. O Chamacoco se tatua a cara com um vermelho vivissimo (urucú) quando magoou a mulher e deseja reconciliação. Depois de um dia ou mesmo de tres a esposa pinta as faces com o mesmo vermelho, e a paz se restabelece. Viuvas e orphans que procuram homem pintam-se de vermelho. Quando o marido morre, a mulher no luto

conserva d'um mixto, nas faces, de lagrimas e poeira, um estrato preto de desaceio que de forma alguma lava de modo que o estrato preto só desapparece passados mezes.

Os sexos banham-se separados um do outro. As *tchimitchanas* banham-se muitas vezes, tres vezes ao dia. No asseio genital, nas micções etc. é a india mais «pudica» que a maioria das damas brancas após tres mezes de matrimonio. Dahi se pode inferir de que a mulher foi destinada, na origem, a ser amante do homem e não uma famula ou concorrente na vida professional.

Os vizinhos dos Chamacocos são no Sul os *Guanás, Lenguas* e *Sanapanás.* No *hinterland* da margem oriental do Paraguay vivem em frente d'elles os *Caduveos.* Os «Chamacocos bravos» se approximam de Porto Sastre só até o km 69 da estrada de ferro. Ahi passa a fronteira invisivel para mim entre o seu territorio e o dos Guanás. Quasi todas as tribus se odeiam. A pezar d'isto encontrei entre os Chamacocos um Guaná que vivia pacificamente, como seu hospede. Dissidente de sua tribu, não ousava voltar a viver com ella.

Não vi entre os Chamacocos nenhum escravo, mas sim entre os Guanás que tinham escravisado alguns Sanapanás. Segundo o que pude saber, os Chamacocos matam os prisioneiros immediatamente. E' sabido que o indio trata os escravos melhor que a si proprio, isto quer dizer, que com elles comparte a comida e lhes cede os petiscos especiaes.

A descripção das relações entre indios e brancos pertence ao capitulo mais terrivel da historia da humanidade, ao livro da infamia do europeo. Não quero referir-me a guerra de exterminio movida pelos antigos conquistadores, nem aos seus assassinatos e roubos. Estes enviados da civilisação europea eram de uma cultura tão inferior aos incas e aztheques como um general de hoje a um brahma-

ne. Sómente quero algo dizer sobre as relações que hoje existem entre os indios e os brancos em geral, entre os Chamacocos e os brancos especialmente. — Não se espera nenhum resultado util das commissões officiaes para a protecção aos indios; muitas vezes seria melhor chamal-as commissões para o assassinato de indios. Desde que um acampamento é militarmente occupado vem-se os indios forçados a fazer qualquer trabalho ou pelo menos deixar-se photographar, e os que não obedecem immediatamente, são fuzilados. Mais tarde trocam-se as photographias na Capital por titulos e gloria. — No dia 24 de Dezembro de 1923, conversei, em Assumpção, com um viajante « explorador », o senhor de Boccard que mais pretendia servir á sua bolsa do que á sciencia. Este senhor velho e amavel mostrou a meus companheiros e a mim cicatrizes de garras de onças entre os seus cabellos brancos. Faliámos das nossas photographias cinematographicas dos indios. « Os srs. poderiam ter obtido photographias muito mais preciosas », disse-nos. « Ha pouco tempo comecei a organizar nova e grande expedição. Operarei tambem na região que os srs. visitavam. Levarei commigo dez ou quinze brancos, armados de carabinas e assim irei á uma tribu de indios. E' sabido que as tribus vivem sempre em hostilidade umas com as outras. Por conseguinte se offereço á uma tribu o meu auxilio com um tanto de homens e fuzis, não será difficil suggerir-lhe mover guerra ao vizinho. Então filmo o combate, e isto será authentico, meus senhores, isto dará dinheiro ». O caso do senhor de Boccard não é isolado; as ideas do tal explorador são as da civilisação. O projecto que nos communicou em embryão, se realisou, como conta a historia universal, em grande escala milhares de vezes. Mas os povos de Europa, os povos do mundo deixam-se « filmar » sempre e novamente. Que se pode então esperar de indios! — Em nossa presença em Porto Sastre certo dia indios que tinham trabalhado na fabrica e que sido pagos em aguardente, voltavam bebados, infantilmente alegres e modestos, para o seu acampamento. Como encontrassem alguns

soldados brancos, e de passagem houvesse um indio tocado levemente com o braço, sem maior intenção, e por mera inadvertencia, a manga d'um soldado, este lhe furou immediatamente um olho com o cabo do seu rebenque. Os indios, pacificamente, continuaram a andar, na manhã seguinte toda a sua tribu desapparecia sem revelar o minimo indicio de ideias de vingança. — Podem causar surpreza todas estas vilanias, se até homens da sciencia que visitaram indios para sobre elles informar, quando ao envez de procurar despertar sympathia para com elles, os comparavam a idiotas cujas unicas paixões vem a ser a sede da vingança e o « ciume cruel » (!), se estes sabios senhores phariseos sómente acharam palavras do desprezo para com os indios quando estes lhes déram de presente os animaes domesticados e os festejavam com danças ! (29)

Os Chamacocos nunca trabalharam em fabricas, nem os « mansos » nem os « bravos ». Apezar d'isto os brancos já conseguiram explorar-lhes a força do trabalho. Em troco de uns feijões e um pouco de farinha de mandioca levaram-n'os aos labores mais penosos como derrubar arvores e outros que tal. Elles tem, (se bem que os embustes dos brancos os levem á retracção e desconfiança), caracter bondoso e amavel. Teriam podido facilmente roubar-nos e matar-nos, se o tivessem querido. Tinhamos uma tenda grande, muitas cousas bonitas, dormiamos profundamente. Longe dos brancos, em meio de indios nunca pensámos fazer d'um de nos guarda nocturno. Entre os Chamacocos me sinto mais seguro, sem armas, do que com a melhor espingarda. Porque esta ultima, alem de ser inutil contra o numero superior ou a insidia, só serve para estabelecer a parede divisoria da desconfiança entre nós.

Deve-se amal-os, se se quer conhecel-os ; ama-se — os quando se os tem conhecido.

Os « Chamacocos mansos » de Bahia Negra vivem juntos em familias, sem chefe de tribu ; os

« Chamacocos bravos » contam um velho chefe que só tem obrigações representativas e nenhuma soberania. Os Chamacocos, como quasi todos os indios, formam sociedades nas quaes ninguem está « por cima » ou « por baixo » do outro, e em que não existem distincções de classe. Não conhecem inveja alguma nem ciume, nunca occorre briga entre elles, nem sequer más palavras (30); nem dois individuos d'uma outra raça podem viver juntos sempre tão pacificamente quanto uma tribu de Chamacocos inteira. Este espirito gregario dos homens primitivos que passou a ser condição da vida permanente especialmente pela necessidade de preparação constante para a luta contra as forças da natureza, contra animaes e tribus hostis, naturalmente jamais se poderá estabelecer entre povos civilisados. Senti-o entre os Chamacocos como uma grande felicidade, como uma terna poesia, mas para os brancos nada posso conceber como mais espantoso e mais repugnante do que este desfazer-se em contentamento em vez de qualquer luta interna isolante.

Se um Chamacocos enferma de doença contagiosa ou desconhecida, o espirito gregario mostra o seu reverso, os companheiros abalam immediatamente, vão para algum lugar muito distante e não permittem ao doente seguil-os e entrar no novo acampamento. E' verdade que este caso raras vezes acontece, propriamente só em relação a doenças que lhes trouxeram os brancos e que, como a grippe, todas as contagiões e doenças venéreas, sempre acabam mortalmente entre os indios. Em todas as doenças não contagiosas corta-se, amassa-se e chupa-se no corpo do doente, elle fica batido, pisado, lambido e soprado, methodos curativos proprios de todas as raças primitivas. Boggiani escreve (31): « Os Chamacocos pensam que cada doença seja devida a um espirito malefico que lhes entrou no corpo ao dormirem de boca aberta. »

Todos os paes da tribu são medicos; chupam, alternando um o outro, feridas e mordeduras de ser-

pentes. Mas entre os « Chamacocos bravos » encontrei além d'isto ainda um homem velho que era o proprio feiticeiro e, por isto tambem, o archiatra. Só elle tinha sempre uma pequena bolsa em qual elle recolhera differentes objectos inuteis para brancos e aos quaes havia infundido provavelmente a força magica. Fôra quem dos seus afastara por meio do canto e da dança a influencia perniciosa do nosso apparelho cinematographico.

A religião dos Chamacocos é, pelo que percebi, (e percebi pouco disto), uma mistura de polytheismo e animismo. A lua e o sol são lhes os « deuses » principaes. E' a lua a « divindade » do « mal », feminina, mais poderosa e mais temivel que todas as outras « divindades », tambem mais poderosa que o sol por estar mais perta que este. A lua enche as noites, e só de noite se invocam os « deuses ». A lua reina sobre a vegetação, a chuva e os sonhos. A lua attrahe sempre como centro, mais raras vezes dirigirá alguem o olhar para o sol. A lua é bella. O sol, a « divindade» do « bem », é masculino e não é adorado. Todas as estrellas são « divindades », « divindades » « más » se encarnam em animaes, e por sob os nossos pés na terra estão potestades más.

A religião dos Chamacocos tem as suas raizes no medo como todas as religiões, mesmo a panlheista : (porque o homem só se une ao « divino » e com elle se identifica, quando teme a crueldade da natureza e a fria e inexoravel solidão humana). Que a religião dos Chamacocos é, como qualquer outra religião, sexualidade supprimida e sublimada, isto se torna evidente pela identificação inconsciente (?) da lua e da *tchimitchana*.

Durante os cantos e « bailes » « religiosos » só os homens estão presentes. Um medico canta e salta. Muitas vezes os outros medicos (paes) accompanham-no ou com elle alternam. Os restantes homens acocoram-se calados ao redor do « lugar de baile » e muito raras vezes juntam as vozes em um

grito. Entre os cantos muitas vezes um velho narra alterado uma breve historia. E' quasi como se o pregador fizesse depois da canção e da palavra biblica o seu sermão. Mas o indio não tem a arrogancia de querer fazer entrar por força, em palavras, o sentimento do divino e por isto de diminuil-o, segundo sua propria mente de despedaçal-o e impingil-o ao auditorio; o indio falla de cousas que lhe aconteceram na guerra com um animal, ás vezes obedece á tradição e refere uma antiga lenda. Quando elle invocca a lua, não olha para cima. Quando brada contra os espiritos das profundezas mira o chão. Quando grita contra os animaes: onça, avestruz, veado, raposa e outros fita os olhos no mato. Imita no canto contra os animaes, se possivel, as vozes d'estes. Os animaes devem ser afugentados não sómente por causa do perigo physico, mas tambem porque como corporificações de espiritos máos trazem influencias perniciosas. Se bem que o couce d'um avestruz parta os ossos humanos, e os avestruzes ás vezes — (nunca o vi) — corram por um acampamento de indios e deste modo «atacam» o homem, segundo ouvi, não pode porém o pequeno veado do Chaco jamais ser perigoso. A onça ataca sómente quando molestada no tempo do cío, se alguem se approxima demais dos filhotes ou se já provou carne humana. As serpentes picam o homem unicamente quando atacadas; os jacarés só no tempo do cio.

O «culto divino» dos Chamacocos é, por conseguinte, na maioria dos casos exorcismo defensivo. Quando um Chamacocos desperta d'um pesadello, levanta-se immediatamente e começa a gritar. Então tambem se levantam rapidamente todos os homens, e os paes cantam contra os «deuses e espiritos». Mas se não chove ha muito tempo, os homens sobem ás arvores mais altas e imploram em côro a queda da agua.

Os astros apparecem em mythos de indios ás vezes como animaes. Por traz d'estas contos estão importantes conhecimentos astronomicos. Tambem os Chamacocos tudo vêm em conjuncção com as constellações, os periodos evolucionarios na vida de ani-

maes e plantas, na vida da natureza inteira, isto quer dizer: tambem na propria vida humana. Como é superior a qualquer dogma esta relação viva com o Infinito!

Surprehende que os Chamacocos não queiram trocar o sangue pela agua exotica e receiem a religião christã como o homem livre e sadio teme a camisola de força? Tambem de nós, como ouvimos mais tarde, quizeram fugir, porque julgavam-nos clerigos ao receberem noticia da nossa approximação. Por conseguinte já percebem o que são os representantes do christianismo. — Oxalá jamais percam os Chamacocos as suas «santas» estrellas, signaes triumphaes da força original!

Os cadaveres dos Chamacocos são enterrados de costas. A dôr da tribu revela-se real e impetuosa. Todos parecem commovidos, lamentam-se e choram. Durante mezes inteiros os parentes mais chegados, especialmente as mulheres, entoam diariamente o canto plangente pelo querido defunto; gritam rhythmicamente subindo e baixando (32). — Logo que o morto é enterrado, os Chamacocos levantam acampamento e afastam-se para longe para que o novo acampamento não seja inquietado pelo espirito do morto, talvez tambem, para que este mesmo não seja molestado pelo antigo acampamento.

Ceremonias especiaes por occasião de bodas não são usuaes entre os Chamacocos. Se um moço crê poder mantér familia, e os paes da tribu julgam-no capaz d'isto, elle pretende dos seus sogros futuros a sua elegida e compra-a. A's vezes um casal recente faz então um passeio pela matta. De tudo o que se disse anteriormente deprehende-se que os Chamacocos vivem em monogamia.

Em seu idioma não existem palavras de saudação, rogo e agradecimento. Os Chamacocos não manifestam reconhecimento de forma alguma, por meio de gestos quaesquer. Tampouco elles conhecem a saudação, nem sequer o sorriso da boa vinda. Um companheiro de tribu, acaso ausente du-

rante mezes em outro acampamento e de regresso agora, não ve a sua chegada despertar mais attenção do que a de quem se afastara cinco minutos, isto quer dizer: nenhuma. Elle anda calado pelo acampamento e senta-se calado, como se nada houvesse acontecido, no meio da familia, dos parentes ou amigos. Estes não interrompem a conversa ou o descanço, e o recem-chegado só começa a fallar depois d'algum tempo, muitas vezes de cousas que nada tem que ver com os acontecimentos da sua ausencia. Um forasteiro que passa pelo acampamento, não causa muita curiosidade; ninguem se levantará por sua causa ou correrá atraz d'elle para poder observal-o bem. E quando o Chamacoco deixa os seus, não gasta tampouco palavras; toma as armas e vae-se; e ninguem o segue sequer com os olhos.

Os Chamacocos não se vestiam outr'ora; só alguns usavam tangas e uma corda em que prendiam a caça e outras cousas transportaveis e a que apertavam gradualmente atormentados pela fome. Quando os Chamacocos vieram a ter contacto com os brancos, começaram a vestir-se como estes. Os homens tem agora quasi sempre calça, as mulheres saias. Mas no seu acampamento muitos ficam nús apezar da propriedade adquirida. Chefe da tribu e medicos tem o mesmo «vestuario» como todos os demais, tampouco não differem por qualquer distintivo dos outros. Todos andam descalços e de cabeça descoberta. As vezes um ata os cabellos e n'elles mette algumas plumas; ou um joven «almofadinha» dependura da orelha uma pequena flôr do pantanal (33). Muitos adornos de plumas, trabalhos singularmente bellos manifestando extraordinario bom gosto na composição das côres e grande paciencia, encontrei-os entre os «Chamacocos mansos» em Bahia Negra: adornos da testa e das orelhas, collares, pulseiras e roupagens inteiras de plumas de papagaios, patos, avestruzes, garças e outras aves. Mas quasi todos estes productos eram destinados ao com-

mercio e por conseguinte artigos d'exportação. O Chamacoco raras vezes usa adornos.

A habitação do Chamacoco é o chão, no qual ás vezes está estendido um panno ou esteira de junco, e um tecto de junco entre arvores ou postes. Os «Chamacocos mansos» ja tem tectos de lona e põem gravetos grandes ao redor do acampamento. — Os Chamacocos não se deitam em rêdes, mas tecem-n'as para nellas levar a bagagem durante a marcha e tambem para as vender aos brancos.

No Chaco ninguem pode defender-se dos mosquitos só pela fumaça. Os Chamacocos dormem sob mosquiteiros quadrangulares tecidos de fibras de caraguatá, os quaes tem cerca de 2 m a 2,50 m de comprimento, 1 m a 1,50 m de largura e 50 cm de altura. Segundo o que se affirma algumas sub tribus que ainda não vieram a ter contacto com os brancos e talvez tampouco ainda com indios « civilisados » enterram-se de noite e deixam sómente o rosto fóra da terra ; não o vi.

As armas dos Chamacocos são o arco e as flechas ; com bolinhas de barro atiram passarinhos ; para a luta tem uma especie de clavas estreitas de 2 m e mais de comprimento e de madeira muito dura. O cabo d'estas clavas é afinado e redondo, na extremidade muitas vezes um pouco ornado e sempre mais grosso para a segurança na mão. A parte redonda muda pouco a pouco n'um plano algo mais largo que conserva no meio a grossura do cabo, tem aos dois lados cantos afiados e acaba em ponta redonda. As mulheres usam as vezes clavas da mesma especie, só mais pequenas, com cerca de 70 cm de comprimento ; ellas as chamam *ponános*. Os Chamacocos já possuem espingardas velhas e pistolas, dispondo tambem de tres ou quatro carabinas. Mas não aprenderam a tratar bem a arma de fogo e são máos atiradores. Além d'isto a pouca munição que podem conseguir occasionalmente apenas, é sempre logo gasta, e então envolvem o fuzil em trapos a enferrujar-se apezar da precaução.

Os Chamacocos não são cavalleiros, Se se põe algum a cavallo, cae logo. Não tem canôas,

não são navegantes. Mas as suas marchas rapidas e colossaes acompanhados de mulher, crianças e bagagem atravéz de pantanos e mattas espessas, arrostando milhões de insectos venenosos e sanguinarios são provas de grande energia e tenacidade. N'estas marchas mostram um sentido de orientação que é admiravel, especialmente no labyrintho gigantesco e uniforme do Chaco.

Pouco precisam os Chamacocos do somno. Muitas vezes cantam quasi toda a noite e não dormem tampouco de dia. Mas estão sentados ou deitados quasi todo o tempo e descançam d'este modo.

Quasi todos os seus alimentos são cosidos. Para este fim fazem grandes pótes de barro bojudos e singelos que ornam com alguns traços; a arte do desenho entre elles ainda não desabrochou. O seu alimento vegetal consiste principalmente das bagens estreitas d'uma especie de alfarrobeira (*Prosopis dulcis* ou *alba* ou *horrida*) e palmitos. Não usam sal ([34]). A's vezes põem pequena pomba ou papagaio á panella raras vezes algum animal maior. Porque a caça no Chaco diminue rapidamente. Pode-se andar dias inteiros sem ver um unico animal que se cace ou algum rasto. Isto é a consequencia de que em geral os indios do Chaco matam os animaes comestiveis de qualquer modo e assim exterminam os filhotes com as mães. O jacaré (*Caiman sclerops*) é um petisco para os Chamacocos. Grandes nacos d'este saurio põem-nos pouco tempo sobre o fogo e devoram-nos então quasi crus. Serpentes e lagartos tambem são para elles comida abençoada. Perto de Itá (Paraguay) tive uma vez o ensejo de comer um lagarto grande que me pareceu quasi um jacaré novo, alentado e forte, tinha mais de 50 cm. de comprimento eum a dentadura perigosa. A carne, cor de rósa claro, era muito tenra e saborosa, e os indios não tem de que se envergonhar d'esta sua especialidade em face de qualquer quituteiro branco. — Os Chamacocos acham no Chaco tambem mel em quantidades pequenas.

Mas fructas de pomar alli não crescem. Os Chamacocos comem os seus piolhos, um colhe-os da cabeça do outro e mette-os na bocca.

Para acender fogo tomam os Chamacocos dois pequenos páos redondos que não são duros, mas muito seccos, fazem uma excavação no meio do mais grosso o qual é ordinariamente de « páo branco » (*Calycophyllum Spruceanum*) e com o pé seguram-o no chão; então apontam o outro páozinho n'um cabo, apertam-lhe a ponta verticalmente na excavação e fazem-no girar rapidamente entre as mãos; depois d'algum tempo começa a arder a serragem assim produzida e com ella um pedaço de trapo ou cousa semelhante que o indio pôz antes entre ambos os páozinhos; sopra então cuidadosamente o fogacho até que a chamma se levante. Os Chamacocos em contacto com os brancos usam phosphoros.

Sobre a lingua dos Chamacocos

A lingua dos Chamacocos é completamente differente das dos outros indios do Chaco como tambem de todas as demais linguas americanas conhecidas. Não tive bastante tempo para estudal-a muito grammaticalmente. Notaveis são as onomatopéas em *di'guõrẽrẽ:* cosinhar, *tchi:* mosquito, etc.

Uma singularidade pela qual os Chamacocos se distinguem dos demais indios do Chaco pode talvez influir sobre a evolução da lingua chamacoco— : Estes ultimos aprenderam nas relações com os paraguayos a lingua familiar d'estes, o guarani, e fallam pouco e mal a lingua official do paiz, o hespanhol. Os Chamacocos pelo contrario só entendem o hespanhol, naturalmente não todos, mas alguns fallam esta lingua muito bem. Admittiram em seu idioma uma unica palavra guarani *kavajú:* cavallo, porque conheceram este animal por intermedio dos paraguayos. E *kavajú* não é guarani puro, pois sem duvida alguma deriva do vocabulo hespanhol *caballo* pronunciado « cavajo » pelos portenhos. Dos « Chamacocos bravos » encontrei um que fallava correntemente o portuguez. Tinha viajado em navios e visto a cidade de Corumbá. Vivia pacificamente com os seus companheiros de tribu, mas era muito reservado em relação a elles. Deu quasi a entender que não pertencia propriamente a elles. Era o « homem do mundo » entre os seus irmãos pardos e por isto mostrava-se immediatamento prompto a vender a filha e barato por uma noite a um companheiro meu. Creio que os outros o desprezavam depois de realizado este negocio assim tão rapido.

Recolhi as palavras do vocabulario entre os «Chamacocos bravos». Um destes m'as dizia, e eu as repetia até que as pronunciasse correctamente. Então ia a outro que não houvesse ouvido os meus exercicios linguisticos e repetia as palavras para verificar se elle as comprehendia. Depois de ter feito em differentes lugares tal constatação e depois de haver experimentado difficultosamente, mas com resultado, conversar, inscrevi as palavras. Os meus mestres da lingua chamacoco mostravam sempre boa vontade e muita paciencia, repetiam infatigavelmente uma palavra que eu não pronunciara correctamente e dirigiam diligentemente a minha attenção para uma outra. Que contraste com muitos habitantes de Europa que raras vezes deixam escapar a occasião de rir-se d'um extrangeiro por causa da sua pronuncia. Nunca um Chamacoco mofou dos meus miseraveis ensaios. Não houve individuo pardo que não envidasse todos os esforços para entender o que eu queria dizer.

Entre os Chamacocos não se ouve nenhum tenor; as suas vozes são cavas e baixas. Como em muitas linguas de indios Guarani (35) Tupy (36) Lengua (37) Nhambiquara (38) Araukano (39) Athentiak (39) Toba (40) Boróro (41) Bacairi (42) Nahuquá (42) Mehinakú (42) Kustenaú (42) Vaurá (42) Yaulapiti (42) Auetö (42) Kamaiurá (42) Paressí (42) etc., não existe, no chamacoco, o *f*.

Palavras como *daûetço*: boi, *daûra*: vacca, *lápa*: colher, *kö'tcörõha*: faca, designações do que os indios conheceram directamente ou indirectamente por intermedio dos brancos, são naturalmente formações novas. Os Chamacocos como os Bacairis (43) tem a mesmapalavra para azul e preto.

O genetivo succede sempre aos outros casos, por ex: *pé(ı)gra*: instrumento de musica, *osõchá*: chefe (da tribu), por conseguinte: *pé(ı)gra osõchá*: instrumento de musica (do) chefe. Boggiani diz, de seu chamacoco, o contrario.

Como em muitas linguas de indios tambem em chamacoco faltam os artigos para a designação do genero, caso e numero.

Para as comparar puz as palavras dos « Chamacocos bravos » recolhidas por mim ao lado das dos « Chamacocos mansos » recolhidas por Boggiani. Deve-se notar ainda que a syllaba « os » no « chamacoco manso » está anteposta a quasi todas as palavras quando estas designam uma parte do corpo humano, um objecto de uso ou uma acção do homem.

Notas sobre a pronuncia

Usei no meu vocabulario da phonographia portugueza, além das seguintes excepções :

D'uma letra entre parenthesis pronuncia-se sómente apenas audivel um fraco começo do som no som da letra visinha.

O ' (accento agudo) indica a accentuação da syllaba.

O ' (accento agudo) sobre o *e (é)* e sobre o *o (ó)* tambem indica unicamente a accentuação da syllaba.

O *e* com ^ (accento circumflexo) *(ê)* pronuncia-se como «*é*» no portuguez ou «*é*» no francez.

O *e* com ~ (tilde) (ẽ) tem um fraco começo do som do *ö*.

O *ö* pronuncia-se como *ö* allemão ou como o diphtongo francez *eu*.

O *ü* pronuncia-se como *ü* allemão ou *u* francez.

Todas as vogaes a não ser o *ê* (= *é* portuguez), são fechadas.

O *h* é sempre aspirado como o *h* allemão em *Herr, haben.*

O *ĉh* tem um som guttural como *ch* allemão após das vogaes a, o, u ou como *j* hespanhol.

O *j* pronuncia-se como o *j* allemão.

O *r* é meio rolado e meio guttural.

Os Chamacocos pronunciam rapidamente e as palavras cortadas, todas as syllabas breves ; emittem as palavras por entre dentes quasi cerrados.

VOCABULARIO

A

achâte — (minha) mulher; « Chamacoco manso »: *áketa.*
ahá — pomba cinzenta de pés vermelhos; « Ch. m. »: *ahá.*
ahánne — medico, feiticeiro.
ákaja — sentar-se, estar sentado; « Ch. m. »: *tiá.*
áleha — aqui.
alóla — palmeira *(Copernicia cerifera)*; « Ch. m. »: *álóla.*
áo — bocca; « Ch. m. »: *osaóho.*
ápab — pequeno; « Ch. m. »: *ápob.*
ápalahai — espera um pouco!
ára — penis; « Ch. m. »: *osája.*
ármse — sangue; « Ch. m. »: *pób(u)ut.*
ássõmẽo — dá-me! « Ch. m. »: *esseióc.*
ásu — azul, preto (?). (V.: *viss!* Azul em hespanhol tambem: azul).
átole — vai embora! « Ch. m. »: *bóllo.*
atchê'nna — cobra cascavel; « Ch. m. »: *atchê'ra.*

B

bái — chama!
búchano — frio.

D

dê'i — sol; « Ch. m. »: *dê'i.*
daúetço — boi; « Ch. m. »: *vú(o)rac.*
daúra — vacca; « Ch. m. »: *vu(ó)ra.*
ded — toldo, rancharia pequena; « Ch. m. »: *i'lo.*
dédele — alva.
dê'guẽ — avô; « Ch. m. »: *dê'g(c)a.*

detróle — dia.
di'ẽ — pae; « Ch. m. » : *di'a.*
di'guẽrẽrẽ — cosinhar.
dji'go — vamos! « Ch. m. » : *iü'co.*
do — ar.
dúgrug — corda (torcida); « Ch. m. » : *dü'gör, ö'nnö.*

E

éhe — sim; « Ch. m. » : *eêh.*
ẽhẽ'pẽchẽ — muitos, muitissimo; « Ch. m. » : *cu(ö)-niê'ppichu.*
éi — vem cá! « Ch. m. » : *aimém, ai'm.*
ẽ'l-hẽ — avestruz; « Ch. m. » : *págna.*
ẽ'mpẽgahẽ — papagaio; « Ch. m. : *cágra.*
ẽ'nrado — folha de palmeira.
ẽ'tẽso — sobrancelha; « Ch. m. » : *osennéremit.*

G

guágro — cabeça; « Ch. m » : *osachú.*

H

hóteco — mutuca; (em guarani : *mbutú*).
huá — onça; « Ch. m. » : *êlipcó, ilpeó.*

I

i'bẽ — coração.
i'la — vento, tormenta; « Ch. m. » : *i'la.*
ich — leite.

J

jéded — céo.
jer — chorar; « Ch. m. » : *tiguiê'* (v. *óvo!*)
jógo — tambem.

K

kámẽtẽ — deus (?), espirito (?).
kárai — veado; « Ch. m. » : *al(n)óda, an(l)óda.*
kavajú — cavallo; (*kavajú* é palavra guarani).
kẽ'tcẽrẽha — faca; (em guarani : *kysé*).
kóllẽ — avó; « Ch. m. » : *kóla.*

kolubichá — vermelho ; « Ch. m. » : *uenét.*
kórro — gallinha (gallo) ; « Ch. m. » : *kógo.*
kútepē — pequeno díptero quasi microscopico cuja picada é muito dolorosa e produz em pelles delicadas manchas vermelhas ; é commumnissimo no Chaco. Em Matto Grosso chamam-no « mosquito polvora » e em hespanhol *polvorin.* « Ch. m. » : *kuttébi*

L

lápa — colher.
lápole — pluma ; « Ch. m. » : *ilepóri.*
lárpa — largo, longe ; « Ch. m. » : *uáita.*
látapa — muito grande.
lē'pēkēhu — esteira de junco que serve, atada em duas arvores ou em dois paos, para resguardar do sol e da chuva ; isto é tudo quanto conheço como habitação dos Chamacocos ; « Ch. m. » : *tiéremüc.*
lépie — osso ; « Ch. m. » : *dê'bit, dóitibit.*
levitıppá — força, forte, duro ; « Ch. m. » : *dêbitippá.*
lóĉhro — peito ; « Ch. m. » : *oso(ü)ró(ü)coro, osaê'tüto.*

M

mádsa — ovo ; « Ch. m. » : *vúna.*
márou — homem branco (« christão »).
méchro — unha da mão ; « Ch. m. » : *osu(o)mmê'schor.*
mē'nēchi — feio.

N

nátzēkē — piolho ; « Ch. m. » : *nátzigui.*
néguehep — homem ; « Ch. m. » : *nê'it.*
né(i)gri — (em guarani : *caraguatá ybira*), especie de bromelia cujas fibras as indias usam para tecer ; « Ch. m. » : *nê'güri.*
némi — verde, grama, hervaçal.
ni'chid — não ha, basta, não mais ; « Ch. m. » : *ni'chêt.*
ni'ep — terra ; « Ch. m. » : *ni'mit.*
nóĉhaicho — nariz ; « Ch. m. » : *osón(r)ia.*

O

óa — não ; « Ch. m. » : *dchúa.*
óchid — corpo.
ójes — é assim.
ójho — fallar, palavra ; « Ch. m. » : *tchü'bi(ü)-tchê(ü)t.*
okanáchi — mentiroso.
oletá — dança.
órẽno — cadeia.
oripichó — não minto.
osẽchá — chefe (de tribu).
osptáso — voar.
ossót — agua ; « Ch. m. » : » *nió, nióqo.*
óta — mãe ; « Ch. m. » : *óta.*
ótsujádso — passaro ; « Ch. m. » : *tchi'porop.*
óvo — chorar (v. : *jer !*).

P

pab — filho (ou) filha : (como *Kind* em allemão e *enfant* em francez).
páĉhata — (tua) mulher ; « Ch. m. » : *páketa.*
páju — vida (?)
páta — amigo ; « Ch. m. » : *páta.*
pẽ'chẽ — unha do pé.
pẽchẽ't — cunhado ; « Ch. m. » : *picháda.*
pẽhẽ' — ampliar uma abertura.
pé(i)gra — cabaça vasia e dessecada com caroços pequenos dentro que serve ao Chamacoco de instrumento de musica ; o indio agita-a com a mão de tal maneira que produz um ruido que lhe acompanha o canto ; « Ch. m. » : *pê'ina, pê'inara.*
pélẽ — olho ; « Ch. m. » : *osilli'(ü)pore, osi'ddi, osi'lli.*
pẽ'nẽ — lua ; « Ch. m. » : *chágur(l)ü(i)c(g), chagur(i)ü'gu ; Boggiani :* « Chamacocos bravos » : *pü'lna.*
pẽ'tẽhu — fogo ; « Ch. m. » : *örú(ü)gu ;* Boggiani : « Ch. b. » : *pui'tuhu.*
pẽ'tẽri — estrella.
pẽ'ttẽ pórrẽ — pão sancto (*Guayacum officinale*) ; « Ch. m. » : *echi'ga(o)la.*
pi'ri — pé ; « Ch. m. » : *osidi'li.*
pi'ta — perna.
pi'tchipi — musica.
po — quente.

póguẽnẽ — orelha ; « Ch. m. » : *osäán(r)i.*
póhẽ — cabello ; « Ch. m. » : *osóho.*
póhoi — cachorro ; « Ch. m. » : *pói, póid.*
póllo — porco (do matto) ; « Ch. m. » : *pólla.*
pómẽtassẽ — dente ; « Ch. m. » : *osapotá(e)ha e), osapotá(e)r(n)u(a).*
pónno — arma.
por — caixa; « Ch. m. » : *cógola, cógolet.*
póra — branco ; « Ch. m. » : *pórlo.*
pórnẽ — orelha ; (v. : *póguẽnẽ !*)
pórrẽ — matto, madeira, arvore ; « Ch. m. » : *porl, póri.*
póvi — marido ; « Ch. m. » : *pá(o)uit.*
prámo — veja !
púkẽ — braço.

S

séidagueta — casar.

T

táiha — vou ; « Ch. m. » : *taháí*
támẽrẽ pichú — quero-te muito !
táo — trabalhar, (figuradamente) : copular.
tatẽpá — muito bem.
táugre — milho.
tchénne — chuva ; « Ch. m. » : *tchissá.*
tchi — mosquito ; « Ch. m. » : *tchi.*
tchi'mitchana — moça, mulher ; « Ch. m. » : *tüb(m)itchar(g)ne.*
tchi'rte — nome d'uma flor vermelha do Chaco.
tẽ'l-hẽo — noite ; « Ch. m. » : *ü'diga.*
tẽ'kẽmẽ — dormir ; « Ch. m. : *tü'guemo.*
tétchededi — voltear (uma cousa).
ti'ssem — enterrar.
tókẽ — beber ; « Ch. m. » : *torói.*
tói — morte, morto ; « Ch. m. » : *tói.*
toi' — não (recusando uma offerta).
tópitoa — não serve.
tórtila — bobo, « louco ».
tugádja — manhã.
túguẽchu — cantar.

U

úa — tu ; « Ch. m. » : *óua.*
úmpa — lindo, bom ; « Ch. m. » : *ómpa.*

V

viss — preto, azul. (V. : *asú*).
vóchōga — leque ; « Ch. m. » : *uóchico.*

NUMEROS

tóh'v)o — 1 (pollegar) ; « Ch. m. » : *dzommalá, sommalá.*

si'e — 2 (pollegar e dedo indice) ; « Ch. m. » : *ossi'a, onossié, otti'a.*

ánji tóh(v)o — 3 (pollegar, dedo indice e dedo maximo) ; « Ch. m. » : *áorliêt, olavali'to.*

ánji cháni — 4 (pollegar, dedo indice, dedo maximo e dedo annular) ; « Ch. m. » : *dzáorliêt.*

ánji cháni tóh(v o — 5 (os cinco dedos da mão) ; « Ch. m. » : *di'guitto.*

jétorich — 10 (os dez dedos).

NOMES MASCULINOS

A'epa
Gúrtaha
O'rpa
Sáre
Táti.

NOMES FEMININOS

A'dchedegue
Bóri
Dolehá
E'pi
Jevi'dre
Trúga
Vádja.

Notas

(1) Guido Boggiani, nascido em 1861 em Omegna (Italia), era paisagista e tinha tambem merito como ethnographo. Sua obra mais importante é «I Caduvei», na qual descreve estes vizinhos dos Chamacocos. Era investigador ideal que com o espirito do artista e o coração cheio de amor viveu entre os indios como se fôra um d'elles. No anno de 1902, foi morto por um Chamacoco. Ouvi interessantes pormenores d'este assassinato que mostram commoventemente a simpleza infantil da psyche india. Quiz Boggiani visitar uma tribu desconhecida no interior do Chaco. Viajava em companhia d'um paraguayo e levava um Chamacoco como guia. Quando decorrido muito tempo do desapparecimento dos dous brancos e após o termo determinado para seu regresso, puzeram-se seus amigos a sua procura. Acharam a picada pela qual haviam seguido e depois, enterrados, os ossos do paraguayo. A uma distancia de mais de cem passos d'alli encontraram profundamente enterrada a machina photographica de Boggiani, este apparelho mysterioso e seguramente pernicioso. Logo depois os ossos do investigador. Ambos os craneos dos viajantes foram quebrados com uma unica pancada de clava. Provou-se que as pancadas haviam sido desferidas pelas costas e por um homem canhoto. Observou-se então que a picada fôra aberta tambem por um canhoto. Entre a tribu de Chamacocos, que Boggiani visitara no principio da viagem, achou-se um canhoto. Este confessou o assassinato e narrou que guiara lealmente Boggiani nos pri-

meiros dias de marcha, mas que depois creara medo. Disse-lhe muitas vezes que tinha medo e quiz voltar. Mas fora forçado a ir adiante. De novo dissera muitas vezes que receiava a tribu estranha. Ambos os brancos porém o haviam ameaçado com as espingardas. Tivera de ir novamente para deante. E depois se acampara. O paraguayo ajoelhara-se para fazer fogo e Boggiani se afastara caçando. Então elle, o Chamacoco, matara o paraguayo. Por puro medo. E depois espreitara Boggiani e o matara tambem. Por puro medo. Que podia fazer senão isto? — Levaram o canhoto a Assumpção. Alli o encarceraram. N'uma revolução podera fugir e regressar ao Chaco. Que podia fazer senão isto?...

(2) Guido Boggiani: « I Ciamacoco » nos « Atti della Società Romana di Antropologia », volume II, fascicolo 1, Roma, 1894.

(3) idem, p. 17.

(4) idem, p. 20.

(5) idem, p. 21.

(6) Guido Boggiani: « En favor de los indios Chamacocos » na « Revista del Instituto Paraguayo », Año II, n. 11, p. 168-183, Asunción 1898; e: Guido Boggiani: « Compendio de etnografia paraguaya moderna », cap. III, (p. 78-130), Asunción 1900.

(7) Karl von den Steinen: « Die Schamakoko — Indianer (Nach Guido Boggianis « I Ciamacoco ») no « Globus », Bd. LXVII, Nr. 21, Braunschweig 1895.

(8) Francisco Rodrigues do Prado: « Historia dos indios cavalleiros ou da nação Guaycurú, escripta no Real Presidio de Coimbra no anno de 1795 » na « Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro », Tomo I, segunda edição, p. 25-57, Rio de Janeiro 1856.

(9) « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. » Tomo VII, p. 209 e p. segu., Rio de Janeiro 1845.

(10) Os indios Uaicurús, tambem chamados Guaycurús, eram uma nação grande e bellicosa de cavalleiros, viviam no Chaco do nordéste e á margem do Rio Paraguay situada em frente d'este.

Subjugavam todos os vizinhos e d'elles recebiam tributo. Segundo o relatorio de Ricardo Franco tinham n'aquelle tempo de 6 a 8000 cavallos cujos antepassados procediam dos dominios hespanhoes nos arredores de Assumpção. Descendentes dos Guaycurús são os Caduveos hodiernos, chamados em guarani *Mbayás*, que moram em frente dos Chamacocos no *hinterland* da margem oriental do Rio Paraguay entre 20° e 22° de latitude de sul. Estão agora em via de se extinguir. — (Veja-se tambem a « Historia etc. » de Francisco Rodrigues do Prado e « I Caduvei » de Boggiani, Roma, 1895.)

(11) O Forte de Coimbra foi construido em 1775. « O primeiro assalto que esse forte soffreu foi o que teve lugar de 16 a 24 de outubro de 1801. Essa investida dirigiu a o governador de Assumpção D. Lazaro de Ribera á frente de 600 hespanhoes. Repelliu-o Ricardo Franco que tinha ao seu dispôr apenas 100 soldados. Ribera tinha 4 barcos de guerra. (Annibal Amorim: « Viagens pelo Brasil », p. 441, Rio de Janeiro 1917.)

(12) Spix e Martius: « Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820 », I Teil, p. 268, München 1823.

(13) Francis de Castelnau: « Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du sud », T. 2, p. 405, 406, Paris 1850.

(14) idem, T. 3, p. 216, Paris 1851

(15) Joaquim Ferreira Moutinho: « Noticia sobre a provincia de Matto Grosso », p. 185, São Paulo 1869.

(16) Visconde de Taunay: « A cidade de Matto Grosso » na « Rev. do Inst. Hist, e Geogr. Bras, », T. 54, II parte, p. 61, Rio de Janeiro 1891. — Veja-se tambem: Karl von den Steinen: « Unter den Naturvölkern Zentral — Brasiliens », p. 391 e p. segu., p. 443, Berlin 1894!

(17) Boggiani: « I Ciamacoco », p. 21 e p. segu.

(18) Coryn: « Los indios Lenguas » nos « Anales de la Sociedad Cientifica Argentina », Tomo XCIII, p. 232 e p. segu., Buenos Aires 1922.

(19) Sobre povos da America do Norte veja-se: « Illustrierte vergleichende Völkerkunde», herausgegeben von Dr. Georg Buschan, 3. Auflage, Band I, p. 107, 151, Stuttgart 1922.

(20) « Rev. do Inst. Hist. e Geogr, Bras. », Tomo IV, p. 168-201, Rio de Janeiro 1842.

(21) Hispaniola chamou Colombo a grande ilha americana que descobriu em 1492, São Domingos de hoje, antigamente chamada Quizquaya pelos indigenas.

(22) « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. », Tomo IV, p. 179.

(23) idem.

(24) Dr. Max Schmidt: « Indianerstudien in Zentralbrasilien », p. 46, Berlin 1905.

(25) idem, p. 437.

(26) idem, p. 438.

(27) « Alguns autores julgam o costume notavel da *couvade* (do sobreparto do homem), que se encontra entre muitos povos primitivos, um degráo intermedio entre a familia matriarchal e a patriarchal. Considera-se-o como um acto symbolico do reconhecimento publico da paternidade no recemnascido ainda que provavelmente tambem algo religioso n'isso coopere. » « Illustrierte vergleichende Völkerkunde», Band I, p. 8).

(28) Coryn: « Los indios Lenguas ».

(29) Spix e Martius: « Reise in Brasilien etc. », 1 Teil, p. 255, 378, 392.

(30) Boggiani escreve em « I Ciamacoco », p. 54, 55: « Os resentimentos e o desprazer o Chamacoco os explica por uma especie de representação academica da dor, cantando ou dançando ou pintando-se curiosamente a cara e o corpo de preto, vermelho, branco ou amarello, e ornando-se com plumas de cores vivas graciosamente entretecidas. Ha só um caso em que começa uma verdadeira luta com consequencias, ás vezes gravissimas. E este caso acontece entre duas mulheres por ciumes. Quando uma lança as vistas sobre um homem que provisoriamente convive com outra — não creio que tal caso succeda senão raramente com um homem

legalmente casado — a rival não tarda em descobril-o. Se esta tem ascendente sobre o companheiro, obriga-o a seguil-a e a ir-se temporariamente, longe dos olhos e das caricias da intrusa, para outro acampamento. Mas quasi sempre succede que o moço, já cançado do primeiro convivio, vê com bons olhos o possivel cambiamento e acoroçôa a nova. A outra que vê o perigo tenta com um augmento de affectuoso carinho enternecer o amigo e conservar-lhe o amor Mas as cousas têm o seu curso, apesar de tudo, e a tempestade rebenta. Das ameaças vem bem depressa ás pancadas; e as duas mulheres, armadas de fortes e pesados páos, arrojam-se uma contra a outra, puxam-se os cabellos, arranham-se, mordem-se e dão-se tremendos golpes na cabeça a qual, ainda que felizmente muito dura, fica ás vezes sériamente avariada. Tudo isto succede em quanto o « Paride », causador da briga, espera, indifferente espectador, o resultado final Accorrem os amigos e separam não sem difficuldade as duas feras, ou, para dizer melhor, salvam-nas de prematuro fim E, por uma das tantas injustiças da sorte, resulta sempre que succumbe das duas mulheres a que tinha o maior direito de ficar em paz com o amante contestado. A pobre não pode fazer outra cousa senão chorar a crueldade da sorte, pensar as feridas ás vezes muito graves, e consolar-se buscando novo objecto para sobre elle verter a abundancia do sentimento e que a auxilie a supportar, do melhor modo possivel, esta vida de penar e desillusões ».

(31) Boggiani: « I Ciamacoco », p. 73.

(32) Boggiani narra, em «I Ciamacoco», p. 75 - 80, o seguinte: «Em consequencia de certa chaga mal curada, foi atacado pelo tetano um moço de seus 25 annos, chamado Ansit. D'origem Tumaná e feito captivo em tenra idade, fôra amamentado carinhosamente como filho da boa Soriana, a velha mãe do Capitão Antonio. Durante nove dias da doença, tratamol-o em nossa casa, experimentando todos os remedios possiveis, porém tudo inutilmente. No fim d'este tempo, os seus amigos o queriam comsigo no acam-

pamento e a braços o transportaram para lá, onde lhe foram feitos todos os exorcismos possiveis; mas o pobre Ansit dia a dia peorava. Uma tarde, estavamos comendo quando ouvimos, do lado do bosque, uma especie de côro de choros e lamentações; e pouco depois appareciam diante da porta da casa quatro ou cinco mulheres, quasi todas núas e desgrenhadas, e entre ellas Soriana, esta insolitamente abatida. Choravam e, na sua lamentação, o nome do doente apparecia de quando em quando. Comprehendi que devia estar muito mal; porisso, preparada rapidamente uma poção calmante e seguido das mulheres, deixei a refeição e fui de pressa ao acampamento. Alli chegado, achei o pobre Ansit já morto. Puz o frasquinho da poção em terra, sacudindo a cabeça. Apenas do meu gesto deprehenderam que todas as esperanças se haviam desvanecido, arrebentaram de todos os lados altissimos prantos, e alguns amigos intimos da familia de Antonio se precipitaram sobre o cadaver, abraçando-o e chamando-o pelo nome em altas vozes e desesperadamente. A velha Soriana foi victima de tal convulsão que parecia prestes a perder a razão. Corria de um lado para outro como uma louca, rindo e chorando ao mesmo tempo, e saltando quanto lhe permittiam as forças enfraquecidas. A's vezes lançava-se sobre o corpo de Ansit e o acariciava, apertava-o ao peito como se ainda fosse uma criancinha, lembrando que carinhosamente o amamentara. Depois d'algum tempo deixava-o e recomeçava a cantar e dançar. Atando aos pulsos braceletes d'unhas de veado e de gamo, produzia com estes um ruido extranho. Finalmente, emquanto de todas as partes, dos acampamentos visinhos, chegavam outros Chamacocos, attrahidos pelos gritos, um côro de prantos e brados extranhissimos se elevou ao redor do morto, e a velha Soriana, sentando-se ao seu lado, mandou trazer a bolsa em que o fallecido costumava ter as suas cousas e d'ella começou a saccar todos os objectos. E levantando-os um após outro, os mostrava aos presentes emquanto cantava os elogios do defunto. Depois de ter encontrado um pedacinho de

pasta de urucú (vermelho), pintou a cara, as mãos e os pés de Ansit, vestiu-o com os melhores pannos que elle possuira, poz-lhe um collar e uma cinta d'uma especie de azeviche e pulseiras, sempre cantando e rindo convulsivamente. Entretanto, alguns Chamacocos tinham com as pás cavado na proximidade dois buracos profundos, um perto do outro, e os engrandecido com as mãos. N'elles desceram e finalmente fizeram de ambos uma só cova oblonga, profunda com cerca de 1 metro e 50 centimetros. Apenas terminado este trabalho, collocaram um pedaço de tela branca sobre o rosto do morto e, levantado o cadaver rapidamente da terra, emquanto os parentes, amigos e os outros presentes alçavam ainda mais os prantos e lamentos como ultima saudação, desceram-n'o á cova, collocando-o suavemente estendido de costas, com todo o cuidado. De repente todos apanharam terra e lançaram-n'a á cova. A velha Soriana, quando viu que se estava por enterrar o pobre Ansit, precipitou se á cova gritando que a enterrassem tambem. Foi preciso tiral-a á força de lá e eu a segurei. A pobre mulher, que me mostrara sempre grande affeição, abraçava-me e chorava, escondendo a cabeça desgrenhada no meu peito. N'este entrementes, fôra a cóva cheia. Sobre ella se precipitaram varias mulheres, chorando desesperadamente, chamando em voz alta pelo morto. E Soriana, como presa de subito furor, arrojou-se tambem sobre o tumulo, tentando cavar a terra com as mãos. Só alta noite cessaram os grandes prantos, mas Soriana continuou a chorar em voz baixa e, certamente, não dormiu durante toda a noite. Na manhã seguinte, cedo, o acampamento foi abandonado e transferido para outro lugar. Sobre o tumulo foram postos troncos e ramos para que os animaes não pudessem desenterrar o corpo do pobre Ansit. Os parentes do defunto e, ás vezes, tambem os amigos intimos, tomam luto por muito tempo. E consiste, si é o marido ou a mulher que morre, em cortar o cabello e não se lavar durante todo o tempo do luto. As lagrimas que correm dos olhos durante as continuas lamentações nocturnas, não se enxugam; misturam-se

com a poeira e formam, primeiro ao redor dos olhos e sobre as faces, depois tambem sobre o peito, uma camada preta que parece fuligem. Quanto maior esta camada, tanto mais se denuncia o affecto que o sobrevivente sentia pelo defunto. E á noite, quando todos os sons se submergem no somno, na tranquillidade e no silencio da selva mysteriosa, na incerta luz do fogo que se extingue pouco a pouco, depois d'algum tempo uma voz tremula se levanta; e emquanto os outros dormem, ouve-se um canto extranho intervallado de pranto, por assim dizer, academico, amaneirado, extranhissimo. O nome do morto é intercalado continuamente na lamentação. O sobrevivente vela e lembra, evocando o espirito, todas as boas qualidades e os meritos do traspassado. E este rito funebre dura, ás vezes, muitos mezes. E' commovente; e nada conheço mais grandiosamente simples e poetico.»

(33) Karl von den Steinen escreve em «Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens», p. 181: «Porque os indios se pintam? Poder-se-ia exemplifical-o pelo amor ao colorido? N'este caso deveriamos observar com assombro que as nossas tribus (indios do Xingú) não perceberam um dominio da natureza rico para tal fim mesmo na selva do rio relativamente pobre de flores, sendo aliás na Polynesia, por exemplo, tão abundantemente usado — nem o homem, nem a mulher adorna-se de flores». — Observei entre os «Chamacocos bravos» varias vezes homens trazendo flores vermelhas nas orelhas.

(34) «As camaras de sangue, a que nada atalhava, muito as attribuiam ao uso do sal, dado aos indios recem aprisionados «com gravissimo damno e erro» dizia uma informação da época: «o gentio do sertão não póde usar o sal que o faz mortificar, não sendo elle acostumado, e morrer em breve tempo as mais das vezes». (Affonso d'Escragnolle Taunay: «São Paulo no seculo XVI», p. 166, Tours 1921). — E. Roquette Pinto escreve em «Rondonia», segunda edição, p. 243, Rio de Janeiro 1919: «A comida salgada, de nosso uso, não agradava aos indios da Serra do Norte. Mais de

um rejeitou o prato que destinavamos, dando a entender que o salino sabor o levava a proceder dessa maneira». — Mas ha tambem indios que gostam do sal. Theodor Koch-Grünberg escreve em « Vom Roroima zum Orinoco », Band I, p. 101, Berlin 1917 : «Os circumvizinhos do Roroima não tem relações com os brancos além das raras visitas de colleccionadores inglezes de orchideas. Isto já se percebe vendo que não usam sal. Muita cousa pagámos com este artigo precioso».

(35) Juan Francisco Recalde: «Nuevo método de ortografia guarani», S. Paulo 1924.

(36) Constantino Tastevin: «Grammatica da lingua tupy» na «Revista do Museu Paulista», Tomo XIII, S. Paulo 1923.

(37) Coryn: « Los indios Lenguas ».

(38) Candido Mariano da Silva Rondon: «Ethnographia», Rio de Janeiro, s. a.

(39) Bartolomé Mitre: « Lenguas Americanas » na « Revista del Museo de la Plata », Tomo VI, La Prata, 1895.

(40) Bárcena: « Arte de la lengua Toba » na « Revista del Museo de la Plata », Tomo V. La Plata, 1893.

(41) Missão Salesiana: «Elementos de grammatica e diccionario da lingua dos Boróros — Coroados de Matto Grosso», Cujabá, 1908.

(42) Karl von den Steinen: « Unter den Naturvölkern Zentral — Brasiliens », p. 80, 524 e p. segu.

(43) idem, p. 421.

Annotações ao artigo de Karl von den Steinen: «Die Schamakoko-Indianer»

Na noticia firmada em actas cujabanas do anno de 1848 se diz que os Chamacocos vendiam os filhos por cavallos. Se isto é verdade, os cavallos elles os utilisaram, a meu entender, exclusivamente como alimento.

«A cutis dos Chamacocos como que parece terra argilosa pardo clara». Já rectifiquei que: é pardo escura.

«Raras vezes o cabello cae solto espaduas abaixo.» Não é exacto e sim quasi sempre.

«O medo dos Guaicurús leva os Chamacocos até no interior do Chaco d'um acampamento a outro». Hoje não mais.

«Logo que a falta de agua se faz sensivel os Chamacocos no interior do Chaco dependem das lagoas». Estas lagoas só teem, quanto eu saiba, agua salobra.

Mencionando as fibras do caraguatá como as unicas usadas para todos os tecidos, pergunta Karl von den Steinen se o algodão é conhecido apenas como morrão. — Sim. (Naturalmente não se falla aqui dos vestidos de algodão que os indios recebem dos brancos).

«No territorio dos Chamacocos não ha pedras.» E o Fecho dos Morros, o Forte Olimpo etc.?

As palavras dos Zamucos citadas por Karl von den Steinen ao lado das dos «Chamacocos bravos» e dos «Chamacocos mansos»

«Ch. b.»	*Zamuco*	*«Ch. m.»*	
dərióle	dirie		dia }
dê'i		dé'i	sol }
néguehep	naitie	nê'it	homem
o. só:	yot	nió	agua
óta	ote	óta	mãe
pé ẽ	yede	os-i'ddi	olho
pi'ri	irie	os-di'ri	pé
pó·a	pororo	pòrlo	branco
pór ẽ	pore	póri	arvore
tóh(v)o	ichomara	sommalá	1
tói	toi	tói	morto
úa	ugua	óua	tu
úmpa	uom	òmpa	bom

Nota principal

O problema de ajustar definitivamente as relações entre brancos e indios não foi até hoje resolvido na America do Sul. A maioria das autoridades e notabilidades, especialmente proprietarios de terras e infelizmente tambem alguns ethnologos de gabinete, quer exterminar os indios. E' preciso exterminar primeiramente estes superhomens. E' bem extranhavel que um naturalista e outr'ora director do Museu Paulista, o dr. Hermann von Ihering, haja condensado no seu palanfrorio sobre os indios o material colleccionado pelos exploradores, para prégar em altas vozes o exterminio dos autochtones da America, acção reprobabilissima que até hoje não foi assas profligada como merecia. E' necessario estigmatizar os nomes de taes « sabios ».

Homens com mais coração querem « civilisar » os indios. Mas se o seu cerebro podesse ver as consequencias dos seus desejos cordeaes, observariam que este civilisar é no melhor dos casos um escravisar e lento assassinar. Que tal são os visinhos « civilisados » dos indios? Theodor Koch—Grünberg diz em « Vom Roroima zum Orinoco », tomo I, que os colonos podem aprender dos indios ainda alguma cousa na construcção de casas. Em « Unter den Naturvölkern Zentral--Brasiliens », p. 22, falla Karl von den Steinen dos ranchos dos colonos «cujos habitantes podiam aprender dos indios do Xingú muitissima cousa a respeito da installação commoda e solida e solicitude diligente para a vida. » A civilisação esforça-se para que os indios se vendam por aguardente; para que se vistam, facto pelo qual desaprendem o banhar-se e degeneram; para que

morram das doenças dos brancos. E se elles resistem a todos estes males, são explorados até a ultima gota de sangue pelos desfructadores da actual ordem economica.

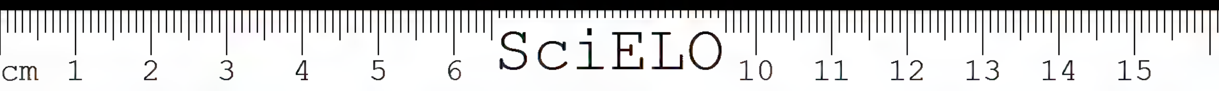
Haverá realmente ainda pessoas serias que apreciem as vantagens dos dons da civilisação em relação ao indio e que lhes deem mais valor do que á bondade e ao apego á vida livre do homem pardo?

E' o mais nobre dever dos estados sul-americanos seguir o exemplo da America do Norte e «reparar» o assassinato de milhões de indios nos ainda restantes, não roubando os territorios hoje habitados pelos restos dos povos primitivos e sim separando-os quanto possivel dos brancos. Isto é a unica verdadeira protecção aos indios. Estes não assaltarão os seus visinhos brancos porque é indiscutivel facto que as hostilidades sempre foram iniciadas pelos traficantes brancos anciosos de terras.

QUEM TEM UM CORAÇÃO HUMANO, SÓ PODE DESEJAR QUE SE DEM AOS INDIOS TERRITORIOS PROPRIOS QUE NUNCA POSSAM PERDER NEGANDO-SE A QUALQUER BRANCO O DIREITO DE N'ELLES ENTRAR!

Nota final

Agradeço ao Sr. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, Director do Museu Paulista, a correcção da presente traducção e innumeros outros favores; ao Sr. Dr. R. Lehmann-Nitsche, Professor da Universidade de La Plata, as amaveis informações relativas ás fontes bibliographicas.

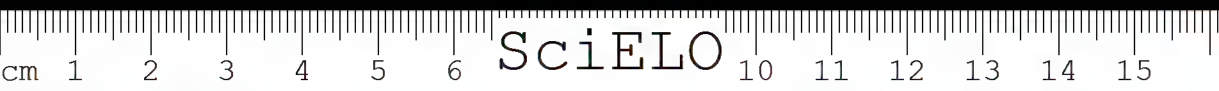

cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15



Indio Chamacoco

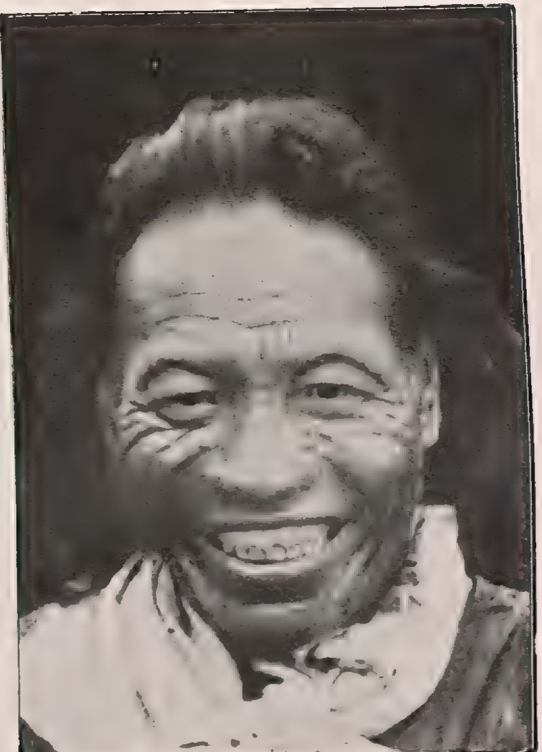


Moça Chamacoco — (typica *tchimitchàna)* — preparando fibras de caraguatá para tecer

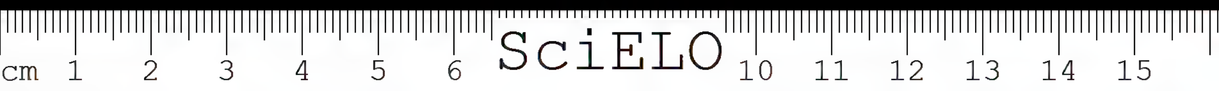

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



India Chamacoco, velha

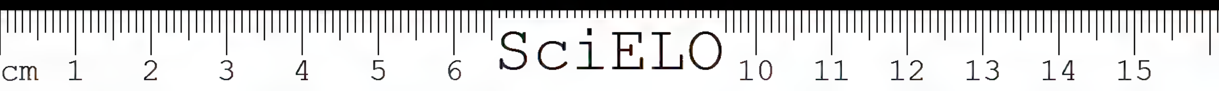


Chefe dos indios Guaná (em Porto Sastre), bexigoso


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



O Rio Paraguay e seus diversos braços, visto do Pão d'Assucar (Fecho dos Morros)

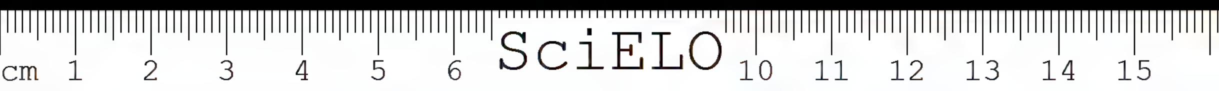

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



Carros de boi para transporte de quebracho no interior do Chaco paraguayo.



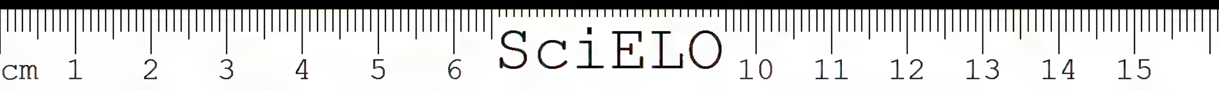


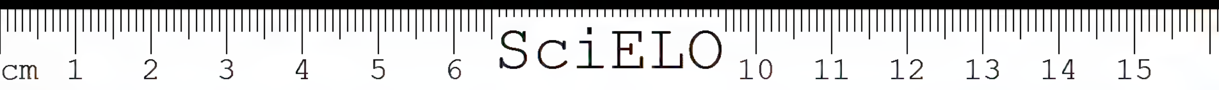

SciELO

Achegas para a bibliographia das Sciencias Naturaes

Resumo de obras, opusculos e artigos publicados no extrangeiro e interessando ao Brasil

(1917 -- 1921)




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Advertencia

No tomo XI da *Revista do Museu Paulista*, impresso em 1921 publicou-se uma bibliographia assaz extensa sobre as sciencias naturaes e o Brasil, relativa aos annos de 1913-1919.

Havia-se nesta epoca revistado a producção scientifica brasileira e a estrangeira que chegara á Bibliotheca do Museu Paulista. Como esta ultima porém fosse restricta não se pôde publical-a ao lado da primeira esperando que se avolumasse.

Em 1921 tivemos de interromper este penoso trabalho. O extraordinario accumulo de serviço trazido pelo Centenario e a remodelação completa do Museu Paulista, para a sua reabertura solenne a 7 de Setembro de 1922, impediu-nos continuar com tão árduo serviço.

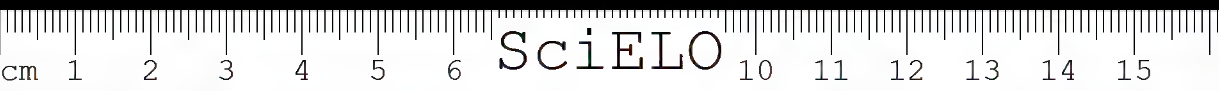
Com a reorganisação do Museu Paulista ficou ao arbitrio dos dignos assistentes continuar a tarefa ampliando-a se entendessem que merecia continuada.

No presente tomo publicamos as achegas já obtidas e assaz numerosas. Assim pelo menos lembrarão aos estudiosos das sciencias naturaes, entre nós, a existencia de numerosos artigos e memorias que lhes poderão ser uteis.

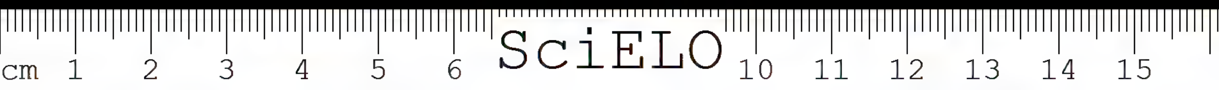
Como terão os leitores o ensejo de notar cabe ao Dr. Adolpho Hempel a maior contribuição para esta bibliographia. Nos dous annos em que serviu no Museu Paulista prestou este distincto naturalista, coccidiologo mundialmente reputado, os melhores serviços ao Instituto. Um dos bons foi o auxilio que nos ministrou para a organisação desta bibliographia. Assim nos é muito grato declarar mais esta vez quanto lhe somos reconhecidos, assim como nos merece especial menção a espontanea collaboração graciosa do snr. Julio Melzer, distincto coleopterologo residente em S. Paulo.

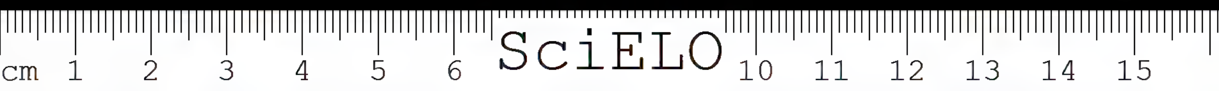
AFFONSO DE E. TAUNAY.




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

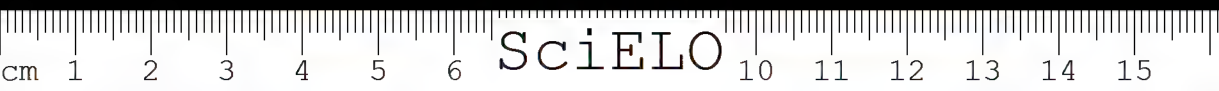
ZOOLOGIA

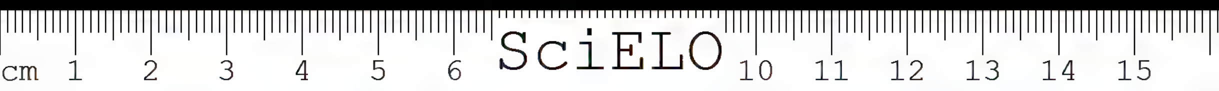



cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

VERTEBRADOS

MAMMIFEROS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

VERTEBRADOS

MAMMIFEROS

ALLEN, (J. A.) *New Mammals collected on the Roosevelt Brasilian Expedition.* Bulletin of the American Museum of Natural History. Vol. XXXV, 523-530. New York, 1916.

O auctor dá a conhecer dez mammiferos novos dos quaes oito fazem parte da fauna brasileira, conforme a lista que segue:

Proechimys boimensis sp. nov., Boim, Rio Tapajós, Brasil.

Oecomys milleri sp. nov., Barão Melgaço, Matto Grosso.

Oecomys emiliae sp. nov., Rio Majú, Pará.

Oryzomys (Oligoryzomys) microtis sp. nov., Baixo Rio Solimões.

Oryzomys (Oligoryzomys) utiaritensis sp. n., Utiarity, Rio Papagaio, Matto Grosso.

Oryzomys (Oligoryzomys) mattogrossae sp. nov. Utiarity, Matto Grosso.

Zygodontomys tapirapoanus sp. nov., Tapirapoan, Rio Sepotuba e Utiarity, Matto Grosso.

Molossus cherriei sp. nov., Tapirapoan, Matto Grosso.

ADOLPH HEMPEL.

ALLEN, (DR. J. A.) *Review of the South American Sciuridae.* Bulletin of the American Museum of Natural History Vol. XXXIV, pags. 147-309. New York, 1915.

Nesta importante revista dos serelepes arboreos da America do Sul, o auctor reune e discute todos os factos actualmente conhecidos relativos a estes in-

teressantes animaes e illustra a sua obra com 14 estampas e muitas figuras no texto.

Dá um rapido historico do grupo, discute os caracteres e o seu valor taxonomico, caracterisa os generos e os seus limites geographicos, dá uma chave para a separação dos generos, e uma relação de todas as especies, e uma discussão da distribuição geographica e relações de parentesco destas especies, que comprehendem 75 especies e 9 generos.

O auctor estabelece cinco novos generos e um novo subgnero, dos quaes *Urosciurus* gen. nov. encerra especies pertencentes á fauna brasileira.

Uma obra completa e indispensavel ao estudo desta familia de mammiferos.

A. H.

ALLEN, (Dr. J. A.) *New South American Mammals.* Bulletin of the American Museum of Natural History. Vol. XXXIV, pgs. 625 634. New York, 1915.

O auctor descreve dez novos mammiferos da America do Sul, dos quaes *Dasyprocta variegata urucua* subsp. nov., de Urucum, Matto Grosso, e *Proechimys kermitti* sp. nov., e *Eptesicus chapmani* sp. nov., do baixo Rio Solimões, e todos collecionados pelo sr. Leo E. Miller, pertencem á fauna brasileira.

A. H.

ALLEN (dr. J. A.) *New South American Sciuridae.* Bulletin American Museum of Natural History. Vol. XXXIII pgs. 585-597. New York, 1914.

E' esta uma publicação preliminar na qual o auctor dá a conhecer a diagnose de 15 novos serelepes da America do Sul ; inclusive a variedade nova brasileira, *Sciurus langsdorffii urucumus* subsp. nov. de Urucum, Rio Paraguay, Brasil ; colligido pelo Sr. Leo E. Miller, que fazia parte da Expedição Rooselvet.

A. H.

ALLEN (J. A.) *Mammals collected on the Roosevelts Brazilian Expedition, with field notes by Leo E. Miller.* Bulletin of the American Museum of Natural History, vol. XXXV, pgs. 559-610. New York 1916.

Um trabalho interessante e instructivo sobre a distribuição geographica de 97 especies de mammiferos, quasi todas do Brasil, com notas sobre os habitats e a biologia de muitas dellas fornecidas pelo Sr. Leo E. Miller, um dos naturalistas da Expedição, na qual foram colleccionados cerca de 450 mammiferos, dos quaes 375 em territorio Brasileiro. No Rio de Janeiro, 16 localidades em Matto Grosso, e tres no Amazonas, alem de 2 no Paraguay, foram visitadas sendo nestas occasiões o tempo aproveitado pelos diversos naturalistas para augmentar as outras collecções.

A. H.

ALLEN (DR. J. A.) *New South American Monkeys*. Bulletin American Museum of Natural History. Vol. XXXIII, pgs. 647-655. New York, 1914.

No estudo de cerca de 150 exemplares de macacos recebidos da America do Sul nos ultimos 4 annos, o auctor encontrou 9 formas novas, descriptas neste trabalho. Como pertencentes á fáuna brasileira figuram *Cacajao roosevelti* sp. nov. e *Ateles longimembris* sp. nov. ambos de Barão de Melgaço nas cabeceiras do Rio Gy-Paraná, Estado de Matto Grosso, e collegidas pelo Sr. Leo E. Miller da Expedição Roosevelt.

A. H.

BRUCH, (CARLOS) *La Comadrejita (Marmosa elegans)* Revista del Jardim Zoologico de Buenos Aires, Dez. de 1917, 52.

Nesta interessante memoria procura o distincto zoologo do Museu de La Plata descrever um pouco dos habitos da pequena cuica que tambem occorre no nosso paiz entre outras *Marmosae* como o Jupaty entre outras por exemplo, *M. cinerea*, *M. murina*, *M. pusilla*, *M. incana*, etc.

«No seria exagerado decir que poco sabemos de nuestros cuadrupedos pues los mismos zoologos no podrian jactar se de vastas conocimentos sobre los mamiferos argentinos en general» diz o Dr. Bruch com a maior propriedade de expressões e veracidade.

A ecologia de quasi todas as especies, mesmo as mais conhecidas e familiares ao homem está

inçada das maiores e mais numerosas lacunas. Em relação aos roedores observa muito bem o Dr. Bruch são então obscurissimas as questões de biologia dados os seus habitos subterraneos e esquivos. O publico alem de tudo confunde geralmente «alhos com bugalhos». E' o que se dá com alguns minusculos marsupiaes e os ratos sylvestres. Havendo capturado uma *comadrejita* na Sierra de la Ventana estudou o illustre A. com carinho e attenção os habitos da pequenina cuica e descreve-os do modo mais agradavel e espirituoso revelando assim uma nova face da bella e culta intelligencia o que sob tantos espectos diversos se manifesta nos campos da zoologia e da archeologia. Muito agradavel e muito interessante a vida da *Comadrejita* entomophaga e luciphoba, cheia de meneios esgares e posturas que bem lhe justificam a adjectivação da systematica que Waterhouce lhe impoz.

AFFONSO DE E. TAUNAY.

CABRERA (ANGEL) *Notas solre el genero Cebus Revista de la Real Academia de Ciencias, Exactas, fisicas y naturales de Madrid;* tomo XVI; 1.º da 2.ª serie; numero 5. novembro de 1917.

Começa o A. por observar que sob o ponto de vista da systematica poucos generos haverá mais «embrulhados» entre os Primatas que *Cebus*. Provem isto da enorme variabilidade de exemplares; das descripções, sem indicação de procedencia e da ausencia dos caracteres craneanos, do excesso de pormenores das descripções dos autores. Esperava o A. que a obra magistral de Elliot de vez acabasse com os erros mas qual! A sua chave para *Cebus* é defeituosissima, basta dizer que separa *C. chrysopus* e que chama *albifrons* e é o *C. gracilis* de Spix e ao mesmo tempo reune *C. futuellus* e *C. macrocephalus*. Reune na synonimia, especies cujos esqueletos teem enormes differenças. Sente muito o A. criticar acerbamente a obra notavel do autor da *Review of the Primates*, das monographias de tanta autoridade sobre *Felidae*, *Phasianidae* etc. mas precisa ser sincero; assim só com o material dos museus hespanhoes pensa poder apresentar muitos defeitos da obra de Elliot.

Passa depois o sr. Cabrera a examinar os caracteres especificos do genero *Cebus* referindo-se aos trabalhos feitos por Burmeister em 1856, e Gray em 1865, os dous unicos scientistas que realisaram a re-

visão do genero. Concorda com Elliot quando diz que a differenciação das especies sómente pela disposição das pelles da cabeça e a forma do craneo designada por Gray é inteiramente fallivel, e só serve para confundir os naturalistas. Burmeister esse com muito mais propriedade, considera caracteres capitaes o numero de vertebras e a forma do craneo.

Antes de intentar uma nova chave discute o A. a posição verdadeira de algumas especies e sua synonymia. Assim *Cebus apella*, o *Simia apella* lineano diz Elliot que é *C. capucinus* quando este é o « *sai* » de Buffon e Daubenton e aquelle o *sajou brun* dos dous mesmos celebres naturalistas. Goeldi descreveu perfeitamente *C. apella* que vive ao lado de *C, capucinus* em extensa região do Brazil. Analysa o A. o caso com grande profusão de dados provando a confusão de muitos autores e entende que Elliot errou reunindo na synonymia de *Cebus apella* tres especies distinctas , das Guyanas e duas do baixo Amazonas. Ao *C. apella L* correspondem *C. hypomelas* Puch, *C. fallax* Schleg e provavelmente *Simiatrepida L.* os nomes *capucinus* Erxl (não L) *griseus* F. Cuv. (não Desm) *nigrivittatus* (Wagn) *pucherani* (Dahlb) *paraguayanus* Reich (não Fisch) e *annellatus* Gray pertencem ao sai' de Buffon *Cebus nigrivittatus*, e *olivaceus* Schomb constitue uma terceira forma de que são synonymos *barbatus* Desm (não Geoff) e *castaneus* I Geoff. *Cebus griseus* não corresponde a nenhuma das tres especies.

Estuda depois o A. o grupo *Albifrons*. Ainda ahi Elliot seguindo Schlegel reune sob o nome de *Cebus Albifrons* varios macacos parecidos entre si mas perfeitament differentes; o typo é o de Humboldt, do Orenoco, *C. gracilis* de Spix, 1823 no emtanto foi chamado *albifrons* mais tarde. Acha o A que é um erro, trata-se de especie differente. Na sua opinião *C. flavescens cuscinus*, Thomas é o *gracilis* assim como tambem o é o *C. albifrons* de Tschudi e o *C. griseus* de Pöppig e Cornalia, de um simio do alto Napo. O *C. chrysopus* de Cuvier, que Schlegel quer que seja *albifrons* é muito parecido com *gracilis*. Elliot pretende porém que seja especie distincta. Acha o A. que *crysops* é forma propria da fauna colombiana. O macaco que Pucheran indica como desta especie póde bem ser o *C. aequatoriales* de Allen, especie propria do littoral arido do Equador. Entende o Snr. Cabrera

que da synonymia de *albifrons* devem ser excluidos *C. versicolor* dePucheron e *C. leucocephalus* de Gray que aliás julga serem um mesmo animal.

Para elle na Colombia occorrem tres formas bem distinctas que Chapman identificou com muito cuidado *C. versicolor* na zona temperada; *L. chrysopus* da fauna cauco-magdaleniana e *C. malitiosus* da fauna caribe. Osgood chama *C. apella leucocephalus* aos macacos que vivem na região do lago de Maracaibo; acha o A. que são provavelmente *C. nigrivittatus brunneus*.

Discute depois o Snr. Cabrera as questões de *Cebus unicolor* e do chamado *Cebus flavus*. Assim o mono descripto por Elliot como *flavus* está summamente proximo do *unicolor* de Spix que Burmeister acha por sua vez muito proximo do *C. macrocephalus* de Spix, facto que o Snr. Cabrera contesta quanto á ultima approximação. Elliot reuniu os tres *Cebus* de Geoffroy *barbatus*, *flavus* e *albus* numa só especie *Cebus flavus* E Geoffroy preterindo o direito incontestavel da prioridade de Schreber. Entende o A. que ainda ahi errou o illustre zoologo norte americano que acaba de fallecer. Para elle a especie boliviana de *C. fulvus* Desmarest e d'Orbigny é boa. No entanto Lesson achava *flavus* e *fulvos* a mesma especie e Schlegel entendia que *flavus* e *unicolor* estavão no mesmo caso. Acha o Snr. Cabrera que *C. barbatus* e *C. flavius* ou *flavus* podem considerar se como synonymos possiveis de mesma especie mas sujeitos a confirmações. Não se sabe onde param os typos do *sajou gris* de Buffon, a que Desmarest chamou *C. barbatus* e *Simia flavia*. D'ahi a difficuldade inicial. *C. albus* á tambem indeterminavel podendo ser o mesmo um albino tanto desta especie como de *C. unicolor* ou *C. olivaceus*. Uma parte da critica do Snr. Cabrera é dedicada aos *Cebus* do Brazil Oriental. Na sua opinião todos estes monos brazileiros pódem ser reduzidos a cinco especies: bastante variaveis porém muito differentes entre si: *C. variegatus* de Geoffroy; *C. libidinosus* de Spix. *C. frontatus* de Kuhl, *C. cirrifer* de Wied e *C. vellerosus* de I. Geoffroy. Impugna o A. o *C. caliginosus* de Elliot que lhe parece muito ser o *cirrifer*, embora não tenha opinião categorica a tal respeito. Aproveita o Snr. Cabrera o ensejo para adduzir erudita documentação sobre o

assumpto, discutindo as questões de synonymia e relativas a este simios brazileiros.

Terminando o seu artigo acha o Snr. Cabrera que as demais sete especies do genero admittido por Elliot parecem todas validas e a este respeito entra em longas considerações de synonymia dos diversos autores e questões de precedencia.

Em annexo vem a sua chave para as especies de sub generos de *Cebus*, provisoria porque até publical-a não conseguira avistar-se com exemplares de varias formas, só tendo podida deduzir conclusões das discripções. Assim se refere a 29 especies.

Para o estabelecimento da tal chave lança mão o A. de variados caracteres morphologicos sobretudo chromaticos do pello.

A. de E. T.

HILL, (Dr. J. P.) *Algumas observações sobre o principio do desenvolvimento de Didelphys aurita*. The Quarterly Journal of Microscopical Science, vol. 63, part. 1 pgs. 91-139, London, Abril de 1918.

Em 1913, a expedição Percy Sloden da Inglaterra veiu ao Brasil colleccionar material embryologico de mammiferos Sul Americanos, e especialmente material dos marsupiaes ou Didelphyidae. O presente trabalho é o primeiro de uma serie de estudos baseados sobre o material colligido pela referida expedição.

Nos estudos e observações feito pelo autor elle confirma em grande parte os resultados, obtidos por Hartman no estudo de material embryiologico de *Didelphys virginiana* L., não concordando porém com este especialista na maneira em que é formada a phase caracteristica das quatro cellulas em forma de cruz.

O autor dá uma lista do material, os methodos empregados para conserval-o, uma descripção detalhada de todo o material estudado, notas sobre os habitats do nosso gambá, e uma discussão das conclusões a qual chegou as diversas phases estudadas estão claramente delineadas em quatro magnificas estampas. Uma bibliographia das obras mais importantes se incluo na obra.

A. H.

OLDFIELD, (THOMAS) *On various South American Mammals.* Annals and Magazine of Natural History. Series 8, vol. XIII. N. 75, pgs. 345-363. London, 1914.

E' trabalho no qual o autor descreve alguns novos mammiferos, indica a localidade typica para outros e discute os nomes genericos e sub-genericos dos Canidae da America do Sul.

A localidade typica para o macaco *Callimico goeldii* Thos. é designada como o Rio Xapury, um affluente do Rio Acre, Alto Purús. As especies novas da faúna brasileira são *Leontocebus pucillus* sp. n. do Rio Xapury, Alto Rio Acre, Alto Purús. *Felis emiliae* sp. n., de Ipú, Ceará, e *Cerdocyon mimax* sp. n., de Chapada, Matto Grosso.

OLDFIELD (THOMAS) *New Mammals from South America.* Annals and Magazine of Natural History. Series 8, vol. XII. N. 72, pgs. 567-574. London, 1918.

O autor dá as diagnoses de nove novos mammiferos da America do Sul, figurando entre estes a nova variedade de macaco *Callicebus personatus brunello*, sub-sp. n., dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo o typo proveniente de Piquete, S. Paulo.

A. H.

OSGOOD, (WILFRED H.) *New Mammals from Brazil and Perú.* Field Museum of Natural History Zoological Series, vol. X. N. 15, pg. 187-198. Chicago, 1915.

O autor, neste trabalho estabelece dous novos sub-generos e descreve oito especies novas de mammiferos, das quaes as seguintes fazem parte da faúna brazileira:

Holochilus amazonicus sp. nov., Itacoatiara, Rio Amazonas.

Dasyprocta nigriclunis sp. nov., São Marcello, Alto Rio Preto, Bahia.

Cavia (Galea) wellsi sp. nov. São Marcello, Rio Preto, Bahia.

Eptesicus diminutus sp. nov. São Marcello, Rio Preto, Bahia.

A. H.

OSGOOD, (WILFRED H.) *Mammals of the collins-Day South American Expedition.* Field Museum of Natural History, Zoological Series. Vol. X. N. 14, pgs. 199-216. Chicago, 1916.

Neste trabalho se publica o resultado do estudo de cêrca de 325 exemplares de mammiferos apanhados nesta expedição, pertencentes a 41 especies e sub-especies, das quaes 5 são novas; ficando a fauna conhecida do Brasil enriquecida com tres formas novas, conforme a lista que segue:

Artibeus anderseni sp. nov., Porto Velho, Brasil.

Molossus crassicaudatus tecticola sub sp. nov., Juá, perto de Iguatú, Ceará, Brasil.

Saimiri sciurea collinsi sub-sp. nov., Fazenda Teso, perto de Soure, Ilha de Marajó, Pará, Brasil.

A. H.

POCOCK, R. P. *Description of a news species of Agouti (Dasyprocta).* Annals and Magazine of Natural History, Série 8, vol. XII, N. 67, pgs. 110-111. London, 1913.

Dá a descripção de uma nova especie de cotia, *Myoprocta fratii* sp. n. da região « Amazonas » o um segundo exemplar proveniente de Rio Marona, Perú.

A. H.

L. JOLEAUD. *Compte Rendus* da Academia de Sciencias de Pariz. Tomo 168, n. 3 (sessão de 20 de Janeiro de 1919).

Analysando uma bella monographia do paleontoogo americano snr. Osborn sobre as especies de *Hipparion* do Novo Mundo entende o snr. L. Joleaud que está bem demonstrado haverem estes equideos fosseis, partido da Florida para chegarem á Europa, graças a uma connexão continental na região norte atlantica no Eonummulitico e Neonummulitico com uma solução de continuidade no Mesonummulitico. Tal liame parece muito mais admissivel do que um isthmo de Behring asiatico-americano. « Assim no dizer de Haug, o reputado geologo, a analogia entre as faunas neogenicas marinhas das Antilhas e do Mediterraneo é tal que se é levado a admittir a existencia de uma restea de ilhas, e de profundidades

escassas, entre as duas regiões, pelo menos, no principio do periodo. Para Haug é absolutamente inadmissivel a *Archhelenis* de Ihering. « Nada nos autorisa a suppor a persistencia de uma communicação entre o Brasil e a Africa que teria permittido o intercambio das faunas terrestres dos dous continentes ».

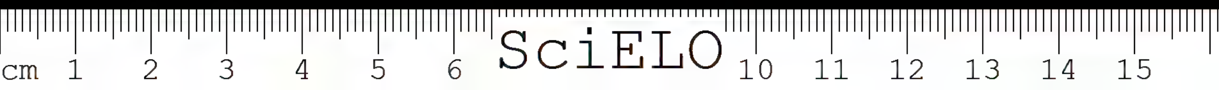
Acha o eminente geologo que *Hipparion* surgiu na Europa no Pentiano, não parecendo ter podido effectuar-se nem pelo continente Norte Atlantico nem pelo Africano-Brasileiro.

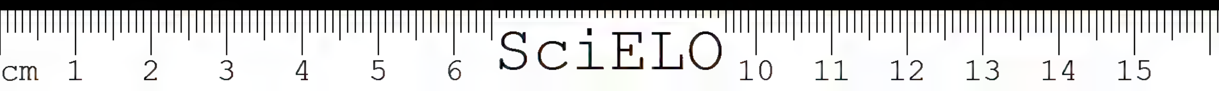
Para German, os seus estudos paleo-zoo-geographicos levaram-no á conclusão de que os Açores, Madeira, as Canarias e as ilhas de Cabo Verde constituiam uma terra emersa que ligava Portugal e Marrocos á Florida e Venezuela. Luiz Gentil em 1912 fez a ligação geologica entre Sul Marroquino e esta terra hoje immersa. Assim para elle o estreito entre Marrocos e as Canarias é mais recente do que as dobras do Alto Atlas, occorridos durante o Placenciano.

A concordancia dos seus pontos de vista e os dos geologos americanos permittem admittir-se a existencia, muito provavel no mioceno superior, de terras emersas entre o Antigo e Novo Mundo pelas quaes o *Hipparion* e outros generos de mammiferos puderam passar da America á Europa e Africa.

A. de E. T.

AVES




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

BANGS (OUTRAN and THOMAZ E. PENARD) *Somme Critical Notes on Birds*. Bulletin of the Museum of Comparative Zoólogy, at Harvard College. Vol. LXIII. N. 2, pgs. 22 - 40, Cambridge, Mass., June, 1919.

E' a publicação preliminar de algumas notas sobre mudanças de nomes e descripção de novas formas, resultado de dados colhidos pelos autores pelo estudo da collecção de aves de Lafresnaye, ha poucos annos cedida ao Museum of Comparative Zoölogy pela Boston Society of Natural History.

Herpetotheres cachinnans queribundus subesp. nov., é descripto como nova subespecie deste gavião, com o seu habitat na Bolivia, Paragnay e Sul do Brasil.

A. H.

BERTONI (ARNOLDO DE W) *Aves luminosas en el Paraguay*. Anales Cientificos Paraguayos, serie II, n. 3, p. 242.

Aves phosphorescentes conhecem se de muitos lugares. No Paraguay notou o A. o phenomeno sobre uma garça e uma coruja, que emittem luz pela plumagem ventral. Para o A. trata se da presença, nas pennas, de um fungo phosphorescente invisivel, plumicola, que dos ninhos, durante a incumbação, passa a adherir á ave ou de alguma photobacteria. São muito raros comtudo estes casos de luminosidade.

Deve tratar-se da mesma causa que torna phosphorescente a jequitiranaboia e outros fulgorideos.

A. DE E. T.

BERTONI (ARNOLDO DE WINKELRIED) *Indice sistematico de las aves nuevas del* Paraguay. Anales Cientificos Paraguayos, serie II, n. 3, pag. 245.

Nesta lista mencionam-se 115 especies, cujos titulos se referem a aves já descriptas pelo A. Omitte

o Sr. Bertoni «a synonymia e toda e qualquer discussão iuutil em um simples indice». Acompanham-n'a as referencias ás criticas feitas a seu trabalho por Lynch Atribelzaga e H. v. Ihering. «Estas criticas prematuras debido al estado de la nomenclatura en la epoca, diz o A., han sido rectificadas por mi en presencia de material sufficiente».

A. DE E. T.

BERTONI (ARNOLDO DE W.) *Adiciones a los vertebrados del Paraguay.* Anales Cientificos Paraguayos, serie II, n. 3, pag. 233.

Neste artigo dá o A. novas e minuciosas informações sobre a biologia de numerosas peixes, aves, batrachios e ophidios, chelonios da fauna do Alto Paraná, que é tambem nossa, onde ha dados ainda muito interessantes para o conhecimento da distribuição zoo-geographica.

A. DE E. T.

BERTONI (ARNOLDO DE W) *Sobre nidificacion de los eufónidos.* Anales Cientificos Paraguayos, serie II, n. 3.

E' o A. da opinião de Ridgway, que quer separar os Eufonidos dos Tanagridos, allegando a differenciação do seu habito externo e o seu frugivorismo quasi exclusivo. Descrevem-se neste artigo os elementos de nidificação de sete euphonidos (os nossos gaturamos) e mencionam-se as suas fructas predilectas.

A. DE E. T.

CHAPMAN (DR. FRANK M.) *The Distribution of Bird, life in Colombia; a Contribution to a Biological Survey of South America.* Bulletin of The American Museum of Natural History. Volume XXXVI, 1917, pgs. 1 - 729.

Um trabalho importante sobre a distribuição dos passaros e as zonas faunaes da Colombia, baseado nos resultados de 8 expedições promovidas pelo American Museum of Natural History, de Novembro de 1910 a Abril de 1915, empregando neste serviço de 1 a 6 especialistas na materia, além de exame de material especialmente colleccionado para este fim. Em

tudo foram reunidos cêrca de 15.775 exemplares de passaros e 1.600 mammiferos, todos com os devidos rotulos sobre a localidade, data, altitude, estado dos orgãos sexuaes e outras noticias interessantes, instructivas e importantes sobre os seus habitos ou a sua distribuição geographica.

Um bello exemplo a seguir por todos que desejam fazer collecções da historia natural, pois o Museu não deve ser apenas o mausoleu dos restos mortaes dos seres que povoavam os nosso mares, rios, campos e as nossas florestas, mas antes o depositario da historia da vida, dos habitos, da distribuição destes seres, servindo os exemplares colligidos para illustrar e documentar esta chronica.

Na parte I, o autor trata especial mente das expedições e das collecções auxiliares, dá uma revista da ornithologia da Colombia, trata da sua topographia, da distribuição das suas florestas e das zonas de vida dos Andes Colombianos e de seu clima. A introducção nos faz saber que o Museu acima referido inaugurou, em Novembro de 1910, um reconhecimento zoologico intensivo da America do Sul, presentemente limitado a colligir passaros e mammiferos, bem como informações sobre a sua vida e sobre o paiz que habitam, tendo por objectivo a descoberta da origem geographica e da vida da America do Sul.

Para alcançar este fim será necessario fazer grandes séries de collecções nas diversas areas climaticas e physiographicas da região habitada pela especie, afim de definir as areas faunaes da America do Sul. Com esta orientação foi o trabalho iniciado na Colombia «por causa da sua proximidade, porque circumstancias já tinham despertado o nosso interesse na sua avifauna, porque, situada na base do isthmo do Panamá, é tambem a *crux* do problema das relações intercontinentaes e porque possue condições climaticas e physiographicas de maior diversidade, combinadas com uma maior variedade de vida animal do que qualquer outra parte da America do Sul, de extensão similar», pg. 5.

As oito expedições estão assim discriminadas:

Expedição n. 1. Buenaventura ao valle do Cauca; Reconhecimento, Cali a Giradot: 4 pessoas, de 10 de Novembro de 1910 a 4 de Junho de 1911.

Expedição n. 2. A região de Popayan: 2 pessoas, de 13 de Maio de 1911 a 21 de Julho de 1911.

Expedição n. 3. A parte inferior do valle do Cauca; o trilho de Quindio, Carthago ao rio San Juan: 2 pessoas, de 22 de Agosto de 1911 a 7 de Janeiro de 1912.

Expedição n. 4. Cali a San Agustin: 2 pessoas, de 27 de Fevereiro a 7 de Abril de 1912.

Expedição n. 5. San Agustin á região do Caquetá: 1 pessoa, de 7 de Abril a 1 de Setembro de 1912.

Expedição n. 6. Turuaco - Barbacoas: 1 pessoa, de 26 de Julho a 13 de Outubro de 1912.

Expedição n. 7. A região de Bogotá: 6 pessoas, 19 de Janeiro a 16 de Abril de Abril de 1913.

Expedição N.° 8 A Região de Antioquia. Novembro de 1914 — 26 de Março de 1915. 2 pessoas

O itinerario de cada expedição com a altitude o caracter climatologico e o caracter geral de cada ponto onde foram feitas collecções, estão mencionados e commentados.

Além do material reunido nestas expedições, o autor tambem tinha a sua disposição para estudo e comparação diversas collecções auxiliares ou já existentes ou feitas posteriormente, para poder melhor resolver os problemas de taxonomia e de distribuição.

O estudo da auvifauna dos Andes da Colombia levou o autor a estabelecer quatro zonas de vida, separadas uma da outra no sentido altitudinal, as quaes foram denominadas como segue:

Zona Tropical — do nivel do mar a 4500 — 6000 pés.

Zona Sub-tropical — de 4500 — 6000 pés a 9000 9500 pés.

Zona Temperada — de 9000 — 9500 pés a 11000 a 13000 pés.

Zona de Paramo — ou Andina de 11000 a 13000 pés á linha das neves (15000 pés).

A Zona Tropical e suas faunas " occupa toda a parte do paiz abaixo a altitude de 5000 pés — 4500 a 6000 pés". " Os limites são determinados pela temperatura e pela humidade, porque a humidade affecta a temperatura pela irradiação.

Esta Zona foi sub-dividida nas seguintes.

As faunas ou Areas Faunaes da Zona Tropical da Colombia.

1.° — A Colombiana Pacifica.

2.º — A fauna Cauca Magdaleniana incluindo as secções humidas e aridas.

3.º — A fauna Caribeana.

4.º — A fauna Orinoquense.

5.º — A fauna Amazonica.

As duas ultimas são termos provisorios dados respectivamente para designar uma parte semi arida da bacia do Rio Orinoco, e da bacia muito humida do Rio Amazonas.

A Zona Tropical inclue 804 especies e sub-especies,

A Fauna Colombiana - Pacifica occupa toda a região humida da costa Pacifica da zona tropical da America do Sul.

Esta inclue toda a Costa da Colombia e a parte septentrional da costa do Equador. " Certamente nenhuma outra area de extensão similar na Zona Tropical tem tantos passaros que lhe sejam peculiares "

A Fauna Colombiana - Pacifica é caracterizada por 161 especies e sub-especies

A Fauna Cauca - Magdaleniana humida é caracterizada por 24 esqecies e sub-especies.

A Fauna Caribeana 25 especies e sub-especies sendo esta extensão para o oeste da Fauna Orinoquense.

A Fauna Orinoquense 47. especies e sub-especies as quaes são caracteristicas da Fauna Amazonica.

A Fauna Amazonica 75. especies e sub-especies.

A zona Subtropical é sempre uma zona altitudinal, e tambem segue que a sua vida, como em tudo foi derivada das regiões tropicaes.

A Zona Sub-tropical forneceu 307 especies e sub especies das quaes 230 lhe são caracteristicas.

Esta Zona sub-dividida em, A) Fauna Sub-tropical Andina do Oeste com 68 especies sendo 31 peculiares.

B) Fauna Sub tropical Andina de leste com 83 especies das quaes 22 são peculiares.

Algumas especies sub-tropicaes são encontradas ao norte até o Mexico como *Buarremon brunneimichus e Atlapetes gutturalis* extende-se até Guatemala, mas geralmente as sub-especies da America do Sul não passam alem da Costa Rica. Uma lista de 68 especies de aves da fauna sub-tropical da Colombia tem especies identicas ou representantes destas espe-

cies em Costa Rica e nas duas extremidades do Panamá não sendo representadas na parte central do Panamá.

O autor conclue que houve um abaixamento das montanhas no centro do Panamá ficando a Zona sub tropical desta area transformada em Zona Tropical, desapparecendo tambem a fauna sub tropical que outr'ora povoava a referida area, e conclue ainda que este abaixamento se deu em epocha comparativamente recente.

A Zona Temperada é limitada pela Zona subtropical e Zona do Paramo mas sendo a Zona Sub tropical ainda até desprovida de arvores, certas especies da Zona Temperada podem descer á linde superior da Zona Tropical.

Esta Zona não póde ser sub-dividida em areas faunaes menores. 114 especies e sub-especies foram nella encontradas.

O nome "Paramo" é applicado localmente a qualquer região sem arvores (treeless) situada acima de 10,000 pés de altura.

Esta Zona extende-se do limite das arvores até a linha das neves não havendo nenhuma sub-divisão faunal.

Com a execepção do genero *Gallinago*, todas as especies de aves da Zona Paramo da Colombia são de origem meridional.

19 especies e sub-especies nelle foram encontradas.

Na Zona Tropical	estão representadas	62	familias.
Na Zona Sub-tropical"	"	40	"
Na Zona Temperada	"	32	"
Na Zona de Paramo	"	10	"

Parte II Lista e Distribuição dos passaros colleccionados.

Foram descriptos como novas 22 especies e 115 sub-especies da Colombia, contendo o presente volume a diagnose dos caracteres da especie e da sub-especie das formas cuja descripção original encontra-se em volumes anteriores deste Boletim, e a descripção completa das seguintes, 11 formas novas.

Zenaida ruficauda antioquiae
Phaethornis strigularis subrufescens
Helianthea coeligena ferruginea

Vestipedes paramillo
Brachygaliba fulviventres caquetae
Pittasoma harterti
Grallaria guatimalensis chocoensis
Troglodytes musculus neglectus
Henicorhina prosthleuca albilateralis
Cyclarhis flavifectus parvus
Pseudochloris citrina antioquiae

Foram encontradas 45 especies migratorias de passaros residentes na America do Norte durante o verão.

Em um appendice se encontra um mappa e as indicações das localidades differentes em ordem alphabetica em numero de 219, nas quaes foram feitas collecções de passaros na Colombia. Cada localidade tem a sua latitude a longitude e a altitude indicada, bem como os caracteristicos mais significativos.

A classificação é a de Brabourne e Chubb em seu *Birds of South America*, com o emprego da nomenclatura trinominal.

Ha ainda uma Bibliographia das obras mais importantes e um indice consciencioso augmenta consideravelmente o valor desta obra.

O trabalho está illustrado com

19 mappas para mostrar a distribuição de certas especies.

1 mappa geral da parte montanhosa da Colombia, outro indicando o itinerario das expedições.

2 mappas a côres mostrando a distribuição das mattas, outro tambem a côres mostrando arèas faunaes

71 estampas com vistas caracteristicas ou desenhos de passaros.

E' esta apenas uma contribuição inicial ao magno e importante assumpto e estamos de accôrdo com o autor quando declara que o material examinado era inadequado para resolver definitivamente os problemas atacados. Embora preliminar é elle um estudo valioso sobre as zonas faunaes e a distribuição da avifauna na Colombia.

A. H.

CHAPMAN, Dr. Frank M. *Descriptions of Proposed New Birds from Perú Bolivia Brazil and Co-*

lombia. Proceedings of the Biological Society of Washington. Vol. 32 pp. 253-268.

Washington, D. C. December 31 1919.

Os resultados de estudos feitos em diversas collecções de aves da America do Sul são registrados neste trabalho, sendo descriptas como novas dezesete especies e sub'especies, entre as quaes encontramos o *Thripobrotus layardi madeirae* sub-sp. nov., dos Rios Madeira e Gy - Paraná, Matto Grosso.

A. H.

CHERRIE, GEORGE K. *Some apparently undescribed Birds from the collection of the Roosevelt South American Expedition.* Bulletin of the American Museum of Natural History. Vol. XXXV, pags. 183-190. New York, 1916.

Nesta Expedição foram colleccionadas cêrca de 400 especies e sub-especies de aves, estando as 13 fórmas novas já estudadas descriptas neste trabalho, das quaes 11 pertencem á fauna brasileira, conforme segue.

Chaetura chapmani viridipennis subsp. nova, Doze de Outubro, Matto Grosso.

Celeus roosevelti sp. nova, Tapirapoan, Matto Grosso.

Myrmotherula kermiti, sp. nova, Barão de Melgaço, Matto Grosso.

Ropotherpe torquata tragicus, subsp. nova, Rio Roosevelt, Matto Grosso.

Synallaxis rufogularis, sp. nova, Barão de Melgaço, Matto Grosso.

Phacellodomus ruber rubicula subsp. nova, Rio S. Lourenço, Matto Grosso.

Philydor erythrocercus lyra subsp. nova, Rio Roosevelt, Matto Grosso.

Xiphocolaptes major saturatus subsp. nova, Urucum, Matto Grosso.

Myiofagis viridicata rondoni subsp. nova, Urucum, Matto Grosso.

Sporophila hypoleuca clara subsp. nova, Rio São Lourenço, Matto Grosso.

Thraupis palmarum duvida subsp. nova, Carafana, Rio Roosevelt, Amazonas.

A. H.

CHERRIE, GEORGE K. *New Birds from the Collins — Day Expedition to South America.* Bulletin of the American Museum of Natural History. Vol. XXXV, pgs. 391-397, New York, 1916.

O auctor dá as diagnoses de dez aves novas, das quaes *Capito dayi* sp. nova, de Porto Velho, Rio Madeira e Monte Cristo, Matto Grosso; *Crocomorphus flavus inornata* subsp. nova, de Santarem, Rio Tapajoz e *Formicivora rufa chapmani* subspecie nova, de Alter do Chão, rio Tapajoz, pertencem á fauna brasileira.

A. H.

CHARLES B. CORY. *New forms of South American birds and proposed new subgenera.* The Auk vol. 36, Abril de 1919.

Neste artigo propõe o ornithologo a creação de dous subgeneros *Xenicopsoides*, similar a *Xenicopsis*, Cabanis (*Dendrocolaptidae*) e cujo typo será *Anabazenops variegaticeps*, *Sclater* e onde se incluem mais de cinco especies e *Euphylidor*, similar ao *Phylidor* de Spix cujo typo será o *P. lichtensteini*, Cabanis e Heine; destaca o A. *Anabatens amaurotis* e *A. dimidiatus* de *Phylidor* para o seu novo subgenero. Tres subespecies novas tambem creou o A. para aves cearenses (*dendrocolaptidae* igualmente) *Synallaxis frontalis yriae*, de Igatú; *S. scutata neglecta* tambem da antiga Telha e *S. semicinerea pallidiceps* da Serra de Baturité. O genero *Synallaxis* está abundantemente representado no Brasil; a elle pertencem os curutiés, os bentererés, João teneneus, pichororós, etc.

O A. entende que exemplares do Field Museum não são a *S. frontalis*, Pelzeln, *S. semicinerea*, Reichenbach e *S. scutata*, Sclater, de que se avizinham; d'ahi a sua proposta para a creação de subespecies. Declara comtudo que lhe é antipathica a tendencia moderna cada vez mais marcada da elevação de subgeneros a generos (muito frequentemente baseada largamente em caracteristicos chromaticos) até que caracteres estructuraes sejam tambem indicados pela diagnose. « Um subgenero bem fixo e util, diz o sr. Cory póde representar um genero discutivel ».

A. de E. T.

CHARLES B. CORY. *Descriptions of new birds from South America. The Auk* Vol. XXXVI, n. 1, p. 88.

No numero de *The Auck* de Janeiro de 1919 occorrem as descripções de dous novos passaros brasileiros, ambos colleccionados no Ceará, na Serra do Baturité por R. H. Becker para o Field Museum of Natural History em Julho de 1913.

O *Taraba major approximans* approxima-se do *T. major* do Brasil meridional e Paraguay; tem no emtanto a cauda mais branca. O A. examinou 17 specimens e as femeas differem bastante de *T. major major* e *T. major semifasciatus.* Specimens de Macaco secco perto de Andarahy, Bahia, parecem intermedias. A segunda especie nova *Erionotus cearensis* approxima-se de *Erionotus caerulescens* (Vieill) da região paraguaya mas como a primeira tem caracteristicos diversos bem nitidos. Refere-se o catalogo de Ihering, aliás já datando de dezoito, annos ao *Thamnophilus major semifascialis* que pertence ao genero *Taraba* não menciona porém *T. major major*, nem o genero *Erionotus.*

A. de E. T.

CORY, CHARLES B. *Descriptions of apparently new South American birds, with notes on some litle known species.* Field Museum of Natural History. Publication 190. Ornithological. Series. Vol. 1. N. 10. Pgs. 337-346. Chicago. 1916.

No presente artigo o auctor contempla 29 especies e subspecies de aves da região neotropical, das quaes 26 são fórmas novas, e destas as 13 fórmas annotadas abaixo fazem parte da fauna brasileira:

Conopophaga lineata cearae, subsp. n., da Serra de Baturité, Ceará.

Dysithamnus mentalis leucobronchialis subsp. n., Lagôa Santa, Minas Geraes.

Furnarius leucopus cearae subsp. n., Quixadá, Ceará.

Synallaxis cinnamomea cearensis, subsp. n., Juá, Ceará.

Xiphocolaptes promeropirhynchus iguatensis subsp. n., Juá, Ceará.

Picolaptes fuscus atlanticus subsp. n., Serra Batarité, Ceará.

Taenioptera cinerea obscura subsp. n., São Marcello, Rio Preto, Bahia.

Todirostrum cinereum cearae subsp. n., Serra Baturité, Ceará.

Myiarchus tyrannulus fallescens subsp. n., Juá, Ceará.

Polioptila livida cearensis subsp. n., Juá, Ceará.

Troglodytes musculus beckeri subsp. n., Serra de Baturité, Ceará.

Planesticus rufiventer juensis subsp. n., Juá, Ceará.

Tanagra cyanocephala cearensis subsp. n., Serra Baturité, Ceará.

A. H.

CORY, CHARLES B. *Descripções de uma nova especie e subespecie de Tyrannidae.* «The Auk», volume XXXVII, Janeiro, 1920. N. 1, pgs. 108-109.

O autor descreve como novo *Todirostrum beckeri*, da raiz da Serra da Lua, perto de Boa Vista, Rio Branco, Norte do Brasil, e *Euscarthmus impiger cearae*, de Juá, perto de Iguatu, Ceará, encontrando-se os typos nas collecções do Field Museum of Natural History, Chicago, Illinois, U. S. A.

A. H.

CORY, CHARLES B. *Notes on little known species of South American birds with descriptions of new subspecies.* Field Museum of Natural History. Publication 193, Vol. XII, n. 1, pags. 3-8. Chicago, 1917.

Neste trabalho o auctor dá as diagnoses das seguintes tres novas sub-especies de aves encontradas em territorio brasileiro: *Nyctifolus hirundinaceus cearae* subsp. n. de Quixadá, Ceará, *Scardafella squammata cearae* subsp. n. de Quixadá, Ceará, e *Leptotila ochroptera approximans* subsp. n., da Serra Baturité, Ceará; discute o colorido e a distribuição geographica de outras subspecies destes generos e mais as fórmas *Nyctifolus hirundinaceus hirundinaceus* (Spix), *Speotyto cunicularia grallaria* (Temminck), e *Piaya cayana venezuelensis* Cory.

A. H.

HARTERT DR. ERNST AND ARTHUR GOODSON. *Further notes on South American birds.* Novitates Zoologicae. Vol. XXIV, pgs. 494-501. Tring. 1917.

Os autores, neste trabalho, discutem criticamente 18 especies e subespecies de aves e descrevem como nova a subespecie *Cymbilanius lineatus intermedius* subesp. nova, e proveniente do Rio Madeira, Santarem e Teffé, Brasil, tendo sido o typo encontrado em Humaytá, Rio Madeira. Tambem registram Miritiba, Estado do Maranhão, como localidade nova para *Sclateria naevia naevîa.*

A. H.

HELLMAYR, C. E. *Critical notes ou the types of little known species of Neotropical birds.* Part III. *Novitates Zoologicae.* Vol. XXI, pgs 158-179. Tring. 1914.

Em um trabalho de valor o autor faz conhecer o resultado de um estudo critico de 23 especies e sub-especies de typos de aves neotropicas, e dá as diagnoses de uma nova especie e quatro novas subespecies, das quaes duas das ultimas *Euscarthmus nidipendulus paulistus* n. subsp. do Estado de São Paulo, e *Penelope obscura bronzina* n. subspecie de Minas Geraes e Santa Catharina, pertencem á fauna brasileira.

A. H.

SCHUFELDT, DR. R. W. *Aves do Brasil. Bulletin of the Pan American Union.* Agosto de 1919, pgs. 159-176.

Um artigo popular, interessante e illustrado com 14 photogravuras, quasi todas de photographias de exemplares conservados de nossas aves.

A. H.

R. W. SCHUFELDT. *Journal of morphology* (vol. 31, n. 3, 20 Dezembro, 1918). *Notes on the osteology of the young of the hoatzin.*

Traz este numero desta grande revista de Philadelphia um artigo muito interessante sobre a osteolo-

gia do filhote da cigana *(opisthomus cristatus)* a nossa tão curiosa ave amazonica, digna de attenção sob tantos motivos, sobretudo pelo archaismo de suas fórmas.

Pela primeira vez foi descripto o esqueleto do pinto da *cigana* e subadulto; fazendo o A. a comparação com os correspondentes do esqueleto do adulto. Procedeu o Dr. Shufeldt á revisão da litteratura existente sobre o assumpto desde Gmelin aos nossos dias. Nota que tem a ave provavelmente 44 vertebras, que a morphologia do pelvis é muito interessante e o enorme tamanho dos pés em relação ao das restantes partes do corpo.

Ao artigo acompanham 4 excellentes gravuras.

A. de E. T.

W. E. Todd *Species e sub-especies novas de aves da America do Sul.* Proceedings of the Biological Society of Washington vol. 33 pg. 71-76-192.

Occorrem no Brasil, das novas formas determinadas pelo naturalista americano:

Myospiza aurifrons meridionalis

E' pequena a differença demonstrada pelo autor entre esta nova subspecie e *Myospiza aurifrons aurifrons* Spix, conhecido do Norte do Brazil, Perú e Bolivia,

Parece-me fraca para uma nova subspecie.

Brachyspiza capensis argentina

Esta nova subspecie tambem parece sér apenas uma variedade de colorido de *B. capensis capensis* (Müll) ave de vasta distribuição na America do Sul.

Volatinia jacarinis atronitens

Volatinia jacarini splendens (Vieill)

Conhecida do Pará, Guyana, Venezuela á America Central.

Myrmopagis naraensis, Todd.

Distrib. Pará: Benevides.

Dendrocolaptes certhia medius, Todd.

Distrib. Pará, Benevides.

Cercomacra tyrannina laeta

Distrib. Pará, Benevides.

João Leonardo Lima.

EL HORNERO, *Revista de la Sociedad ornitologica del Plata para el estudio y proteccion de las aves de la Argentina y paizes vecinos.* Tomo I, fasc. 1, 2 e 3. Buenos Ayres outubro de 1917, maio e dezembro de 1918 pp. 48, 60 e 84 respectivamente.

Tomando para titulo de seu orgão o nome vulgar na Argentina do nosso tão sympathico *João de Barros* acaba a *Sociedad ornitologica del Plata* de affirmar a sua efficiencia e vitalidade, editando os tres fasciculos do primeiro tomo dos seus *Annaes*, publicação pela qual lhe endereçamos os nossos mais sinceros parabens pois realmente representa um triumpho e um exemplo muito de se imitar entre nós.

Acham-se á testa da Sociedade nomes do prestigio do dr. Roberto Dabbene (presidente) prof. Martin Doello Jurado, Pedro Serié, H. Ambrosetti, J. Koslowsky, Cap. de Fragata P. S. Casal e a sua simples existencia revela uma feição da cultura platina que sobremodo a esta honra. Quando no Brasil teremos um sociedade de ornithophilos estendendo as suas vistas e a sua acção para a defesa das aves, alliadas, quasi sempre, do homem e resguardo do trabalho humano ? A leitura de *El Hornero* nos mostra quanto rapidamente vai se alargando por toda a Argentina e paizes limitrophes, como o Uruguay e Paraguay, a acção da benemerita associação. Eram 70 os seus membros em 1917 são hoje perto de 200 !

Emquanto isto só se cuida no Brazil de matar aspera e inconscientemente as aves ; quando muito no nosso Estado se levanta timida tentativa de reacção fundada na celebração da *Festa das Aves*. E' mais que tempo de se levar a cabo a fundação de tão util instituição como a argentina. No cadastro social da *Sociedad ornitologica del Plata* encontramos uma serie de nomes eminentes como sejam os de Debenedetti, Brethes, A. Gallardo, Pendola, Ameghino, Felippone, Tremoleras, Bertoni e tantos mais. São excellentes as indicações dos summarios dos tres numeros de *El Hornero* e seus artigos interessam aos nossos naturalistas pois que como todos sabem a avifauna argentina é por assim dizer a brazileira, excluida naturalmente a região patagonica e as encostas andinas.

No fasciculo I ha optimas contribuições de Dabbene, D. Jurado, Ambrosetti, Outes, Selva e Serié, etc.

Nos Vencejos de la Republica Argentina estuda R. Dabbene cinco aves das quaes quatro tambem são dos nossos andorinhões ou taperussús.

Doello Jurado revistando aves patagonicas trata a seguir de aspectos ornithologicos marinhos da extremidade do continente.

Na formacion del Gabinete del Rey apresenta F. Outes curiosas informações historicas sobre as primeiras contribuições da America hespanhola colonial para os museus reaes hespanhoes.

As Distracciones ornitologicas de Manuel Selva, apresentam uma interessante distribuição das aves, muito engenhosa, baseada sobre os costumes de qualquer dos seus generos ; aves do ar, do solo, arboricolas e acquaticas. A distribuição segundo as familias é muito bem feita e o quadro tem uma feição muito frisante e exacta. Estudando as aves de Martin Garcia refere Dabbene a existencia alli de numerosas de nossas aves. Curiosa a nota de Serié sobre os cuidados com que preservou da morte um icterido do grupo dos nossos *soldado* ou *soffré*, o *Xanthornus pyrrhopterus*, insectivoro, em captiveiro, por meio de uma serie de tentativas sobre o seu regimen alimentar, descobrindo-se afinal um que acceitou e com que se acomodou. E sabe Deus como os passaros insectivoros morrem facilmente deixando-se acabar de fome. Terminam o fasciculo valiosos e curiosos informes sobre o congresso ornithologico argentino, os trabalhos do lexico de technologia vulgar das aves da Republica, as explorações recentes em territorio argentino e numerosas noticias sobre assumptos da especialidade. Todas muito bem escolhidas. Como se vê um numero excellente.

No segundo fasciculo estuda Dabbene os lariformes argentinos ; a avifaúna de Martin Garcia, a destribuição zoo-geographica das aves do paiz, e fornece notas biologicas diversas. Dinelli, a biologia de algumas aves do noroeste da Republica ; Serié a technologia ornithologica vulgar da provincia buenayrense ; Marelli, a avifaúna de um districto correntino limitrophe portanto do Brazil. Interessantissimo o estudo da *Ornithologia phantastica dos conquistadores* por Annibal Cardoso em que os nossos Maregraf e Piso figuram vultuosamente. E' um artigo tão érudito quanto de agradavel leitura. E. Budin referenos de um tinannideo da Cordilheira que habita

sempre acima de 4.000 metros do mar ; o *Keu*. Demetrio Rodrigues occupa-se da biologia de um dendrocoláptido E. Castillon num bello artigo descreve o *habitat* da abetarda na *Laguna Verde*, lago perdido a uma altitude de 4.500 metros e onde vivem bandos destes grandes anátidos brancos, aristocraticamente elegantes, magestosos a fender a agua, cuja temperatura é quasi a do ponto de congelação. Stewart Simpson fixa uma nova sub-especie de um formicarideo o *Batara cinerea*, a que denominou argentina. Nas informações com que termina o volume lem-se excellentes considerandos sobre a necessidade de leis para a protecção das aves na Argentina que deveriam ser lidos e meditados por nós outros no Brazil.

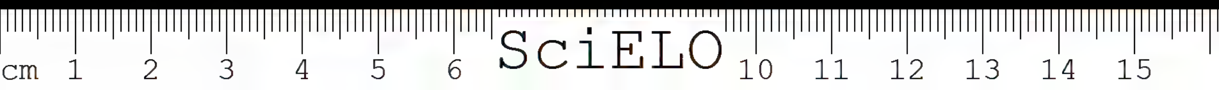
No fasciculo III continuam os estudos de Dabbene sobre os lariformes e as aves de Martin Garcia e Cardoso sobre a *Ornithologia phantastica*. Muito interessantes as notas de A. de W. Bertoni, sobre aves do Paraguay. Assim nos revela quanto é a garça uma insectivora de notavel capacidade destruidora e conta quanto os frios excepcionaes de 1918 dizimaram a avifauna paraguaya. Muito pittoresco o que nos conta A. Pozzi sobre o modo pelo qual uma coruja caça o tuco tuco o insupportavel roedor que flagella as planicies argentinas. Sempre muito bem escolhidas as informações onde se lêm dados muito uteis sobre a altitude do habitat de certas aves, sobre modelos de casa para nidificação importancia das aves etc.

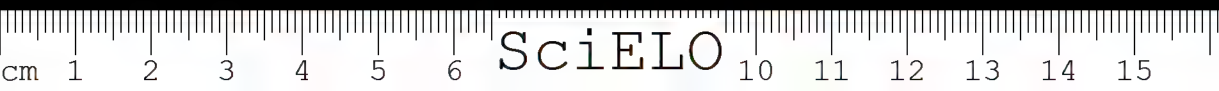
Como se vê apresenta-se auspiciosissimo *El Hornero* orgão de utilissima aggremiação de que tanto desejaramos ver uma similar no nosso paiz.

Parabens e muito sinceros á *Sociedad ornitologica del Plata*.

A. de E. T.

PEIXES




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

EIGENMANN (Dr. Carl H.). *The cherodontinae, sub-family of minute characid fishes of South America.* Memoirs of the Carnegie Museum. Vol. VII, n. 1, pgs. 1-99. With 16 plates and one map. Pittsburgh, 1915.

Nesta notavel monographia o autor nos conta que esta subfamilia de peixes minusculos comprehende presentemente 21 generos e 56 especies e variedades, sendo sete generos e 17 especies aqui descriptos pela primeira vez.

O autor caracterisa a sub-familia, discute a sua posição taxonomica e a sua distribuição geographica, e dá chaves para separar os generos e as especies.

As seguintes 10 especies novas fazem parte da fauna brasileira:

Macropsobrycon uruguayanae sp. nova, Uruguayana.

Megalamphodus micropterus sp. nova, Lagoa do Porto, Santa Rita.

Microschemobrycon guaporensis sp. nova, Maciél, Rio Guaporé.

Oligobrycon microstomus sp. nova, Jacareby, Rio Parahyba.

Aphyocheirodon hemigrammus sp. nova, Jaguara, Mogy Guassú.

Compsura heterura sp. nova, Rio Itapicurú e Rio S. Francisco.

Cheirodon parahybae sp. nova, Campos.

Cheirodon notomelas sp. nova, Miguel Calmon, Ribeirão Azul.

Cheirodon stenodon sp. nova, Bebedouro.

Holesthes heterodon sp. nova, Jaguara, Bebedouro, Sete Lagoas.

A. H.

EIGENMANN (Dr. Carl H.). *New and rare fishes from South America Rivers.* Annals of the Carnegie Museum. Vol. X, nos. 1-2, pgs. 77-86, 1916.

Neste estudo o autor dá as diagnoses de diversas novas especies de peixes, das quaes o *Stethaprion crenatus* sp. nova, de São Joaquim, Bolivia e Cachoeira do Ribeirão no Rio Madeira pertence á fauna brasileira. Tanto esta especie como o *Agoniates anchovia* Eigenmann e *Gnathocharax steindachneri* Fowler, que tambem pertencem á fauna do Brasil, são figurados em nitidas estampas.

A. H.

EIGENMANN (DR. CARL H.) e ARTHUR W. HENN. *Description of three new species of characid fishes*. Annals of the Carnegie Museum. Vol. X. ns. 1 2, pgs. 87-90, 1916.

Das tres especies novas descriptas, o *Hemicdus parnaguae* sp. nov. tambem figurado em uma nitida estampa, proveniente da Lagoa de Parnaguá, e colleccionado por Haseman em 17 de de Jan. de 1908, certamente pertence á fauna brasileira.

A. H.

EIGENMANN (DR. CARL H.) *On the species of Salminus*. Annals of the Carnegie Museum. Vol. X, nos. 1-2, pgs. 91-92, 1916.

Ha quatro especies de peixes pertencentes a este genero, dos quaes tres : *Salminus maxillosus* Cuv. & Valen., *Salminus brevidens* Cuvier e *Salminus hilarii* Cuvier & Valen., são encontradas em rios do Brasil. Como é difficil distinguir as diversas especies, o autor dá uma chave para a separação das mesmas.

A. H.

EIGENMANN (DR. CARL H.). *On Apareiodon a new genus of characid fisbes*. Annals of the Carnegie Museum. Vol. X, nos. 1-2, pgs. 71-76, 1916.

O autor estabelece um novo genero de peixes e dá uma chave para a separação das especies, todas encontradas no Panamá e na America do Sul.

Publica a diagnose de uma nova especie ; o *Apareiodon hasemani* sp. nova, encontrada em Pirapora, cidade da Barra, Januaria, Lagoa Pereira e Penedo. Esta, com o *Apareiodon piracicaba* (Eigenmann), *Apareiodon itapecuruensis* Eigenmann & Henn, *Apareiodon affinis* (Steindachner), são os unicos rerpe-

sentantes deste genero encontrados no Brasil; tres dos quaes são figurados em duas estampas.

E' de lamentar que os colleccionadores ou natulistas viajantes não tenham o bastante cuidado de indicar o logar exacto onde foram encontrados os exemplares; pelo menos que indiquem o Estado ou paiz onde foram feitas as collecções. Na descripção de *Apareiodon basemani* apresenta-se uma duvida ao espirito do leitor, pois as localidades são mencionadas sem ser indicado Estado ou paiz.

A. H.

EIGENMANN (Dr. Carl H.). *Pimelodella and Typhlobagrus*. Memoirs of the Carnegie Museum. Vol. VII, n. 4, pgs. 229-258, com 7 estampas, Pittsburg, 1917.

Neste trabalho o autor considera estes dois generos affins de peixes da agua doce da America do Sul e pertencentes á familia Siluridae.

São enumeradas 35 especies, das quaes foram encontradas em territorio nosso as seguintes especies novas:

Pimelodella avanhandavae sp. nova, Salto de Avanhandava, Rio Tiete.

Pimelodella basemani sp. nova, Rio Madeira e Amazonas.

Pimelodella laticeps australis var. nova, Uruguayana, Rio Ibicuhy.

Pimelodella notomelas sp. nova, Rio Jauru.

Pimelodella itapicuruensis sp. nova, Rio Itapicurú

Pimelodella steindachne nom. nova, e substituido por *Pimelodella wesselii* Eing. & Eigenmann.

A. H.

EIGENMANN (C. H.) and Vance (Lola). *Some species of farlowella*. Annals of the Carnegie Museum. Vol. XI n. 1-2 Março de 1917, pgs. 297.

Neste artigo occupam-se os AA. de nove cascudos do genero *Farlowella*, Eigen. e Eigen. 1889, representados em tres excellentes estampas com onze figuras. Dão-lhe uma chave para as quinze especies conhecidas, apresentando-lhe duas novas *F. jauruensis* que como diz o nome pertence á bacia do Paraguay em Matto Grosso e *F. hasemani*, do Pará.

A. de E. T.

EIGENMANN (CARL). *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 56, n. 7, 1917.

Neste tomo descreve Carl H. Eigenmann, o illustre ichtyologo americano dezeseis novas especies de *Pygidiidae* entre os quaes nos interessam o *Scleronema operculatum*, typo do genero novo *Scleronema*, colhido em Cacequy na bacia rio grandense do Uruguay; *P. Pygidiun reinhardti*, do Itabira sub-affluente do S. Francisco com o affluente do Rio das Velhas e *Vandellia Sanguinea*, do Madeira.

Exemplares tidos como *Trichomycterus punctulatus* e *Trichomyterus dispar* de Iporanga, no Valle da Ribeira, entende o A. não o serem creando a especie *Pygidium iheringi* muito proxima do *P. punctatissimum* do Araguaya.

Assim tambem impugna as determinações de *Trichomycterus proops* do rio Ribeira e *Pygidium brasiliensis* do Parahyba do Sul, propondo especies novas: *Pygidium paolence* para a primeira e *P. vermiculatum* e *P. alternatum* para exemplares de outra. Assim acha que *P. vermiculatum* differe essencialmente do candirú de Lütken *P. brasiliensis* pela posição dos ventraes.

A. de E. T

EIGENMANN (CARL). *The pygidiidae. Proceedings of the Indiana Academy of Science*, 1917, pags. 59-66.

Num dos ultimos tomos dos annaes desta bem conhecida associação scientifica norte americana cujo presidente é o nosso eminente collaborador Snr. W. J. Moenkhaus, o autor da bella memoria do nosso tomo III sobre aranhas deparou-se nos um excellente e curiosissimo artigo de Carl Eigenmann, da Indiana University, sobre os *pygidiidae* em que o illustre ichtyologo cuida do nosso famoso candirú o malefico peixinho que segundo uma crença largamente espalhada em toda a America do Sul penetra pela urethra dos banhistas, obtura-a e nella se prende pela fisgada de seus espinhos erecteis e retrorsos como as de um anzol, obrigando o paciente a uma amputação indispensavel e immediata do penis, e trazendo-lhe a morte se acaso consegue attingir-lhe a bexiga. Ao passo que alguns viajantes admittem tal versão e

mesmo a amplificam outros a regeitam por completo. Varios têm sido os que procuraram identificar o peixe. Ha candirús que attingem um comprimento de pelo menos um pé e uma largura de pelo menos duas pollegadas.

Depois de se occupar dos pygidiideos em geral passa o A. a tratar dos candirús maleficos urethrovagos se nos é permittida a expressão, os *Vandeliini*.

Não ha duvida que um delles, do Paraguay, o *Branchioica bertoni* descoberta pelo A. vive nas cavidades de um grande characineo. Miranda Ribeiro, em S. Luiz de Cáceres descobriu outros para o qual creou o genero novo *Paravandellia*. Entende o A. que as divergencias de opiniões sobre o assumpto podem provir do facto de tão pequenos e raros peixes serem observados «por uma lente por um experimentador ao passo que outro os vê atravez de um microscopio biocullar de dissecção, illuminado pelo arco». Com as duas especies reveladas pelo A. o numero de *Vandelii* sobe a cinco. Acha o A. que usou do microscopio ao passo que seus predecessores Cuvier, Valenciennes, Castelnau etc. empregaram lentes.

Dos generos de Vandelli: o *haemani* e *wineri* tem dimensões taes que não ha urethra em que possam penetrar. No segundo genero em que se notam *V. cirrhosa*, *sanguinea* e *plazāi* talvez possam fazelo. Mas com effeito o farão? Cita Pellegrini o testemunho do Dr. Jobert que no Brasil colleccionou para o *Jardin des Plantes*. Conta este que um Dr. Castro, clinico eminente, de Belém, retirou da urethra de uma negra um candirú.

Ouvimos porém dizer por vezes e por pessoas respeitaveis que bem conheceram em nosso paiz o colleccionador francez que o seu amor á verdade não era propriamente o de Epaminondas. Soffria de accentuado tartarinismo segundo testemunhos para nós absolutamente fidedignos.

Cita Boulenger o caso de um Dr. Bach que no Juruá viu 3 indios de penis amputados por causa de candirús e mandou-lhe a photographia do instrumento graças ao qual os naturaes da região resguardam o apparelho genital do extranho assalto.

Fala Pelegrini de duas especies de candirús, uma antropophila e outra que persegue homens e cavallos e adhere a qualquer parte do corpo. E a tal proposito ainda cita o Dr. Jobert, — o Dr. Jobert que num

banho em Belém se viu assaltado por candirús de seis pollegadas de comprimento por mais de um centimetro de largo. Arrancharam-no mas elle não poude capturar os aggressores. Seja que realmente o candirú se affeiçõe á urina e assim procure entrar na urethra ou então que a isto o leve uma tendencia a entocar-se em cavidades e assim accidentalmente penetre no canal urinario tudo o que actualmente se sabe sobre o assumpto, diz o A., é puramente hypothetico. Se realmente os candirús são urinophilos devem procurar os grandes mammiferos e peixes. E' possivel que observações ulteriores nos mostrem o Candirú como parasita da bexiga de mammiferos e grandes peixes. O que por emquanto é certo vem a ser o seguinte: tudo a seu respeito é dubitativo.

Em artigo não assignado e inserto no numero de Março de 1919, da *Informação Goyana* o autor contesta as affirmações de Castelnau sobre os candirús do Araguaya, onde diz existirem *Vandellia planai* e *V. cirrhosa*. Pelo que avança não é — alli pelo menos — sanguinario nem perigoso como narra o celebre viajante naturalista francez. Conta ainda o A. que os candirús «pegados aos cascos das canôas se limitam a cantar como os carros de boi e o mal que fazem é comer as iscas dos anzóes dos pescadores».

A. de E. T.

EIGENMANN (DR. CARL H. AND LOLA VANCE. *Some species of Farlowella.* Annals of the Carnegie Museum. Vol. XI, ns. 1-2, pgs. 297-303. Com tres estampas, 1917.

Este genero de peixes, peculiar á America do Sul, comprehende 15 especies que podem ser separadas pela chave que o autor apresenta

O nosso conhecimento da fauna brasileira fica augmentado com as seguintes novas especies aqui descriptas:

Farlowella azigia sp. nov. Santarem, Amazonas.
Farlowella jauruensis sp. nov. Jaurá, Amazonas.
Farlowella basemami sp. nov. Pará.

A. H.

EIGENMANN (CARL H.). *The American Characidae; Memoirs of the Mus um of Comparative Zoology*, vol. 43, parte 2.ª. Cambridge, U. S. A., Janeiro

de 1918, pgs. 103-208, com 22 estampas fóra do texto.

Tratando dos *Tetragono pterinae* americanos apresenta o illustre ichtyologo mais esta memoria magistral a que dão o maior realce vinte e duas heliogravuras fiinissimas que reproduzem 72 especies e numerosos maxillares e pre-maxillares de muitas das especies descriptas. Para estes *characidae* agora estudados creou o eminente mestre o genero *Knodus* cujo typo é *Bryconamericus breviceps* Eigenm, a que filia oito especies; *Knodus heteresthes, K. meridae* e *K. moenkhausii. K. breviceps*, todos de Eig.; *K. victoriae*, Steind; *K. chapadae, K. jacundae* e *K. smithi* de Fowler, o que faz com que o genero cubra uma enorme área de Merida, na Venezuela ao Tapajoz e Tocantins e aos rios do Paraguay.

Quasi todos esses animaes agora examinados pelo A. são do Brasil, sobretudo da Amozonia havendo-os das bacias do Iguassú, do S. Francisco, do Tietê, dos rios riograndenses, das lagôas de Parnaguá e Santa.

Estuda 5 *Moenkhausia ; 8 Knodus ; 2 Markiana ; 2 Gymnocorymbus ; 1 Thayeria ; 2 Pristella ; 25 Hemigrammus ; 27 Hyphessobricon*, ao todo portanto 72 especies das quaes umas cincoenta já assignaladas no nosso paiz. Emfim uma contribuição valiosissima.

O novo genero *Knodus* differe de *Moenkhausia* como *Bryconamericus* differe de *Astyanax : segundo suborbital expandido em contacto com o preoperculo inferior ; quatro dentes na segunda fieira do premaxillar ; linha lateral mais um pouco deflexa; caudal escamada em sua base.*

A. de E. T.

FOWLER (Henry). *Fishes from the Madeira River, Brasil.* Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia. Vol. LXV, pgs. 517-579. Philadelphia 1913.

Neste trabalho o autor caracteriza 29 especies de peixes, todas de pequeno tamanho, apanhadas no Rio Madeira, em territorio brasiletro, em 1912 e 1913 pelo Snr. Edgar A. Smith.

As seguintes 24 formas são descriptas como novas, sendo ellas illustradas no texto:

Familia *Characidae*

Curimatinae

Curimatus tigris sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Prochilodinae

Prochilodus pterostigma sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Naunostominae.

Naunostomus stigmasemion sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Poecilobrycon digrammus sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Aphyocharacinae.

Odontostilbe madeirae sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Odontostilbe drepanon sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Aphyocharax avary sp. nova, Rio Madeira.

Prionobrama gen. novo.

Prionobrama madeirae sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Tetragonopterinae.

Ctenobrycon rhabdops sp. nova, Igarapé de Candelaria, Rio Madeira.

Moenkhausia lepidura madeirae subsp nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Hemigrammus melanochrous sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira

Hyphessobrycon hasemani sp. nova, Salto de Guajará-mirim, Rio Madeira.

Hyphessobrycon stigmatias sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Hyphessobrycon agulha sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Creagrutus auary sp. nova, Rio Mudeira.

Bryconamericus jacunda sp. nova, Rio Madeira.

Bryconamericus smithi sp. nova, Porto Velho. Rio Madeira

Gnathocharax gen. novo.

Gnathocharax steindachneri sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Characinae.

Tyttocharax gen. novo.

Tyttocharax madeirae sp. nova, Rio Madeira.

Charax sardina sp. nova, Rio Madeira.

Charax geldii sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Loricariidae.

Plecostominae.

Plecostomus madeirae sp. nova, Rio Madeira.

Loricariinae.

Farlowella smithi sp. nova, Porto Velho, Rio Madeira.

Cichlidae.

Aequidens madeirae sp. nova, Igarapé de Candalaria, Rio Madeira.

A. H.

FOWLER, Henry w. *Proceedings of the academy of National Sciences of Philadelphia.* Vol. 70, II, Maio, Outubro, 1918. *A. new characin of Paraguay.*

O sr. Henry W. Fowler descreve neste tomo um novo characineo do rio Paraguay colleccionado por Arnaldo de W. Bertoni, o conhecido naturalista. Este peixe apanhado em Puerto Bertoni pertence naturalmente á novas regiões zoogeographicas mattogrossenses.

Pertencendo aos *Tetragonopterinae*, para ella creou o A. o genero novo *Bertoniolus*, visinho de *Moenkausia* Eigemm. *Markiana*, Eigemm., tendo pontos de contacto com *Knodus* e *Bryconamericus*.

A' especie, unica antiga, chamou o A. *Bertoniolus paraguayensis.*

A. de E. T.

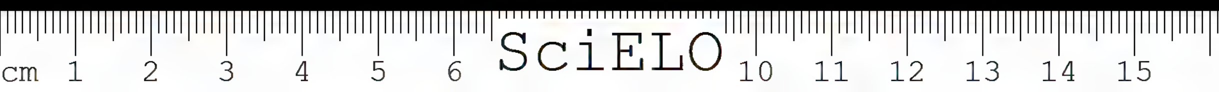
FOWLER, Henry W. *Cold-blooded vertebrates from. Florida, the West Indies, Costa Rica, and Eastern Brazil.* Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia, vol. LXVII, pgs. 244-269. Philadelphia 1915.

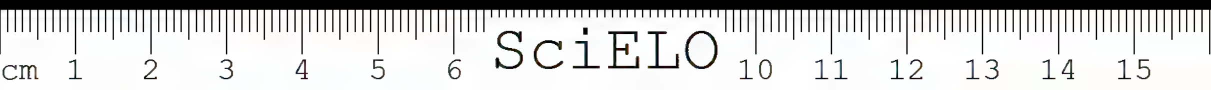
Os exemplares do Brasil eram todos de peixes apanhados no rio Jaguaribe, e no municipio de Igatú, Ceará, em Nov. de 1913, pelo Sr. C. F. Derby. São consideradas dez especies, inclusive as especies novas *Plecostomus jaguribensis* sp. nov., Rio Jaguaribe, em Barro Alto, Ceará, e *Loricariichthys derbyi* sp. nova, Rio Jaguaribe, em Barro Alto, Ceará, as quaes são illustradas com figuras no texto.

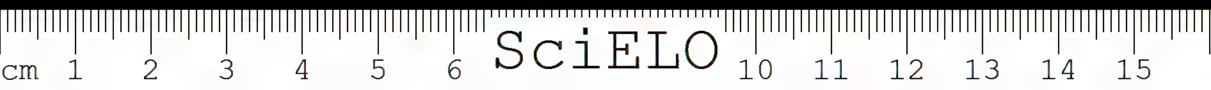
A. H.

OPHIDIOS

BATRACHIOS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

OPHIDIOS — BATRACHIOS

GRIFFIN (LAWRENCE EDMOND) "*Leptodeira albofusca*" (*Lacépède*) *a synonym of* "*Leptodeira annulata*". Annals of the Carnegie Museum, vol. XI, ns. 1-2 Março de 1917, pag. 521.

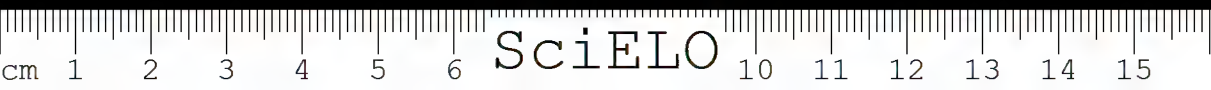
A Leptodeira albofusca uma das cobras sul amemais communs pois vae do Mexico á Argentina é aliás conhecida desde Linneu. Boulenger reduziu seis especies á synonymia de *L. annulata* e *L. albofusca*. Examinando 69 especimens do Museu de Zoologia Comparada de Carnegie entende o A. que ambas ainda são synonymas e documenta a sua asserção com grande abundancia de argumentos.

A. de E. T.

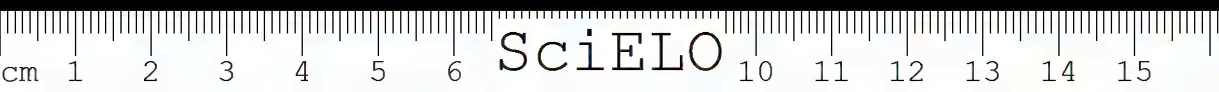
MUELLER, LORENZ. *On a new species of the Genus Pipa from Northern Brazil.* Annals and Magazine of Natural History, Series 8. vol. 14, pag. 102, London, 1914.

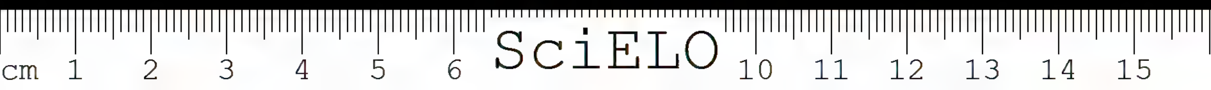
Neste trabalho o autor dá a diagnose de uma nova especie de sapo aquatico, recebida da zoologa do Museu Paraense, Dra. Emilia Snethlage, a qual deu o nome de *Pipa Snethlagi* sp. n. e promette, em um novo artigo occupar-se mais minuciosamente com este interessante animal, proveniente de Utinga, Pará.

A. H.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

LACERTILIOS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

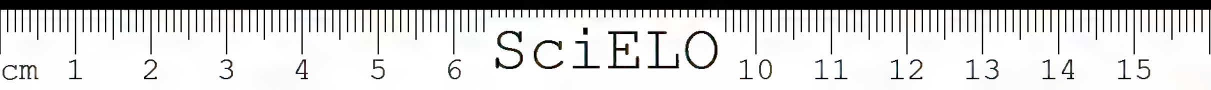
LACERTILIOS

GRIFFIN (LAWRENCE EDMUND) *A list of the south american lizards of the Carnegie Museum with descriptions of four new species.* Annals of the Carnegie Museum. Vol XI, N. 1-2 Março de 1917, pag. 304

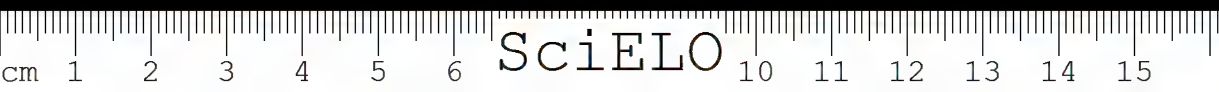
Não são muito communs geralmente os estudos sobre o nossos saurios. O Snr. Griffin versa sobre as familias *Geckonidae*, *Iguanidae*, *Anguidae*, *Teiidae e Amphisbenidae*.

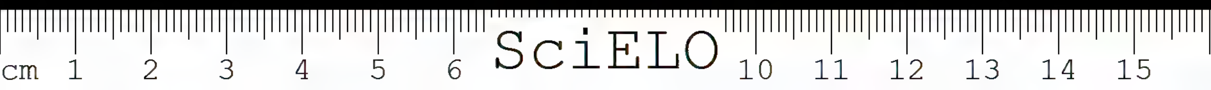
Na primeira descreve-se do genero *Gonatodes*, Fitzinger, *G. hasemani* especie nova da Bolivia amazonica; novo tambem o iguanideo do genero *Anolis; A. steinbachi* igualmente da mesma região boliviana. Entre os teideos aponta o A. dous novos lagartos 1 brazileiro. de Sete Lagôas, Minas, do genero *Prionodactylus* Peters a que chamou *P. albostrigatus* e outro boliviano do mesmo genero o *P. eigenmanni*. Ao todo revista e descreve o A. 32 especies das quaes 14 assignaladas como occorrendo no Brasil. Quatro pranchas com dezesete figuras illustram a memoria do Snr. Griffin.

A. de E. T.


SciELO

INVERTEBRADOS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

MOLLUSCOS

BAKER, Dr. Fred. *The land and freshi water mollusks of Stanford Expedition to Brazil.* Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia. Vol. LXV, pags. 618-672 Philadelphia, 1913.

E' um trabalho importante no qual são consideradas 113 especies e sub-especies de caracoes das quaes 45 formas são descriptas como novas. As collecções foram feitas todas no periodo secco, em 55 estações distribuidas por tres districtos diversos.

O primeiro districto comprehende Rio Grande do Sul e Ceará, o segundo extende-se do Maranhão até o Rio Tapajós e seus affluentes, e o terceiro comprehende Itacoatiara e o Rio Madeira e seus affluentes.

As fórmas novas são : *Helicina schereri* n. sp.; *Helicina guajarana* n. sp., *Helicina laterculus* n. sp., *Streptaxis flanchei quixadaensis* n. subsp., *Streptaxis cookeana* n. sp., *Streptaxis abunaensis* n. sp., *Haffia snethlagei* n. sp. *Eutodina jekylli* n. sp., *Systrophia eatoni* n. sp., *Zonitoides parana* n. sp., *Guppya mayi* n. sp., *Psadara derbyi cearana* n. subsp., *Bulimulus (Rhimus) rochai* n. sp., *Bulimulus (Rhimus) rochai taiperensis* n. subsp., *Bulimulus (Rhimus) rochai suturalis* n. subsp., *Drymaeus branneri* n. sp.. *Drymaeus lincstoma suprapunctatus* n. subsp., *Oodont stomus (Cyclodontina) inflatus maranguapénsis* n. subsp., *Odontostomus (Cyclodontina) scabrellus (Auth) Dom var cylindricus* n. subsp., *Tomigerus pilsbryi* n. sp., *Leptinaria perforata* n. sp., *Leptinaria imperforata* n. sp., *Strobilops brasiliana* n. sp., *Doryssa transversa jaryensis* Pilsbry n. subsp., *Doryssa transversa tapajozensis* Pilsbry n. subs., *Doryssa rex* Pilsbry n. sp., *Doryssa rex regina* Pilsbry n. sp., *Doryssa globosa* n. sp., *Doryssa starki* n. sp., *Doryssa heathi* n. sp., *Doryssa iheringi* n. sp., *Doryssa Cachoeirae* n. sp., *Doryssa cachoeirae sulcata* n. sp., *Doryssa tu-*

cunareensis n. sp., *Hemisimus flammens* n. sp., *Hemisinus flammens elongatus* n. subsp., *Littoridina manni* n. sp., *Idiopyrgus pilsbry* n. sp., *Segmentina japaryensis* n. sp., *Gundlachia bakeri* Pilsbry n. sp., *Hyria jamanchimensis* n. sp., *Diplodon kelseyi* n. sp., *Diplodon obsoleseus* n. sp., *Anodontites dalli* n. sp., *Anodontites bartschi* n. sp., sendo todas illustradas com sete finas estampas.

A. H.

HEATH, HAROLD. *The Anatomy of two Brasilian land* ANASTOMA DEPRESSUM AND TORNIGERUS CLAUSUS. Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia. Vol. LXV, pags. 688 692, Philadelphia, 1913.

O autor estuda a estructura anatomica destes dois caracoes e figura os seus diversos orgãos em uma boa estampa.

A. H.

FRIERSON, L. S. *A new pearly freshwater mussel of the genus Hyria from Brazil* Proceedings of the United States National Museum, Vol. 47, pgs. 363, Washington, 1915.

O auctor descreve como nova a concha *Hyria amazonica* n. sp. proveniente do Rio Amazonas, e encontrada na collecção de Lea rotulada *Hyria corrugata*. A especie é bem reproduzida na estampa que acompanha a descripção.

A. H.

MARSHALL WILLIAM, B. *Three new especies of Anodontites from Brazil*. Proceedings of the United States National Museum Vol. 49, pgs. 527-529. Washington, 1916.

Neste trabalho são publicadas as descripções de tres novas novas especies de conchas, remettidas pelo snr. Dias da Rocha de Ceará; as quaes foram designadas *Anodontites salmonea* n. sp. *Anodontites darochai* n. sp. e *Anodontites aurora* n. sp. sendo as tres especies claramente figuradas em tres nitidas estampas.

A. H.

MARSHALL William, H. *New and little known species of South American fresh-water mussels of the genus Diplodon.* Proceedings of the Uniteted States National Museum, Vol. 53, pgs. 381-388. Washington. 1917.

Um pequeno trabalho sobre molluscos de agua doce, que tem especial interesse e valor para os estudantes da fauna brasileira, porque traz redescripções e figuras claras das seguintes cinco especie, indigenas : *Diplodon mimus* Simpson, 1914, de Iguape.

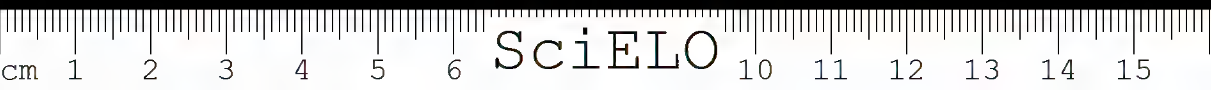
Diplodon suppositus Simpson, 1914, do Rio Tietê São Paulo e Paraná.

Diplodon Trivialis Simpson, 1914, de Jaboticabal e Piracicaba.

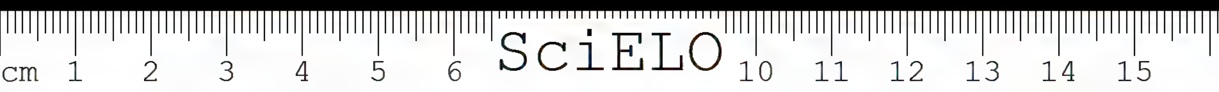
Diplodon santa mariae Simpson, 1914, do Rio Itapocú.

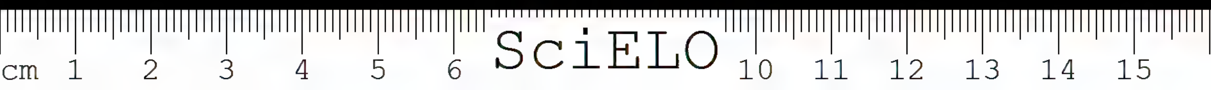
Diplodon semigranosus Simpson, 1914 d'Os Perús, Ponte Grande, Rio Tietê, de São Paulo, e Ponta Grossa, Paraná.

A. H.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ARACHNIDEOS




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

ARACHNIDEOS

BERLESE, Dr Antonio. *Centuria quarta di Acari nuovi.* "Redia", Vol. XIII. Fas. 1-2, pgs. 115 190. Firenze, 1918.

Neste importante trabalho acompanhado de figuras no texto e de duas estampas, o autor continúa a publicação dos resultados de seus estudos sobre as *Acarinas*, descrevendo mais 100 especies novas, das quaes as seguintes são do Brasil:

Hypoaspis (Stratiolaelops) brasiliensis n. sp. de Santos, Brasil. *Macrocheles (Coprholaspis) quadriareclatus* n. sp. sobre o coleoptero *Copris ephialtes*, Brasil.

Macrocheles (Coprholaspis) cognatus n. sp. sobre *Phanaeus* sp. do Pará.

A. H.

Chambertin, (R. V.) *New spiders of the Family Avicularidae.* Bull. 7 of the Mus. of Compar. Zoology, at Harvard College, Vol. LXI N. 3, 1917, pag. 25-75. Com 5 quadros.

Estabelece o A. a nova sub familia *Pycnothelinae* alguns generos novos e diversas especies novas do Velho e Novo Mundo, mas especialmente da região neotropica.

A nós dizem respeito:

Sub fam. *Pycnothelinae*: *Pycnothele* gen. n. *perditus* sp. n. Mendes, do Rio Pirahy, pag. 27.

Subfam. *Actinospodinae* com *Actinopus principes* sp. n. do Rio de Janeiro pag. 31.

Subfam. *Avicularinae: Calopelma* gen. n. *brasiliana* sp. n. Rio de Janeiro, pag. 44; *Eurypelma regina* sp. n. Rio de Janeiro pag. 49. *Lasiodora differens* sp. n. Lagoa Santa (Minas), pgs. 56, *Lasiodora curtior* sp. n. Rio de Janeiro p. 58; *Acanthoscurria na-*

talensis sp. n. Natal (Rio Grande do Norte, pg. 64; *Acanthosc. cursor* sp. n. do Ceará pgs. 65 e *Acanthosc. frasta* sp. n. do Pará, pg. 66.

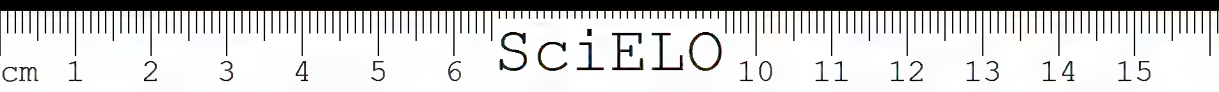
Hermann Luederwaldt.

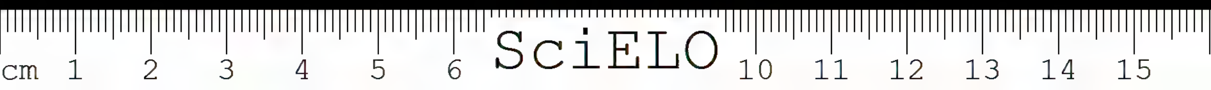
PAOLI, Prof. Guids. *Ixodes loricatus Neumann e ixodes coxalfurcatus Neumann* "*Redia*" Vol. XIII Fasc. 1 e 2. pgs. 194-196. Firenze, 1918.

O autor faz um estudo critico e comparativo acompanhado de figuras no texto, destas duas especies de carrapatos e propõe que sejam considerados como uma unica especie com o nome "*Ixodes loricatus*" Neumann cuja distribuição será a seguinte: Brasil, Mexico, Paraguay R. Argentina e Terra do Fogo.

A. H.

COLEOPTEROS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

COLEOPTEROS

AURIVILLIUS, Chr. *Arkiv for zoologi, Stockholm.* 1916, vol. 10, no. 19, p. 1-25. *Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia.*

O autor publicou uma consideravel quantidade de descripções de especies novas de longicornios, das quaes de particular interesse para nós são os dados sobre algumas especies brasileiras.

Assim pelo typo, ainda existente no museu de Stockholm o autor verificou que *Gnoma modicollis* Dalm. (Anal. Ent. 1923, p. 67) é um *Ibidion* e provavelmente identico a *Ibidion armandinae* Chabr. Si assim for, pela lei da prioridade este d'oravante deve ser denominado pelo nome, que Dalman lhe deu, e em vista de nada constar a respeito no *Catalogus Coleopterorum* este aviso é de bastante importancia.

O mesmo se dá, conforme aviso n. 487 com *Gnoma denticollis* Dalm. (Anal. Ent. 1823, p. 68) que o autor julga identico a *Ibidion gnomoides* Thoms., devendo pois ser tratado da mesma maneira como acima indicado.

Do genero *Scleronotus*, bem conhecido aqui pelo *S. scabrosus* Thoms., sendo notado alem deste no Brasil ainda S. stupidus Lacord. e S. egensis White, o auctor fornece as descripções de 3 especies novas, sendo *S. anthribiformis* e *S. nigroapicalis* do Brasil e *S. angulatus* do Perú e Bolivia. Uma boa figura encontra-se na pagina 23 do S. nigroapicalis Auriv. e na pagina 24 ha uma chave das especies com excepção porem de S. egensis, que o auctor não teve a opportunidade de estudar.

Alem destas especies novas que pertencem a subfamilia «Lamiidae» o autor apresenta tambem a descripção d'uma especie do genero *Hilarolea* que

denominou *humeralis* podendo juntar igualmente a diagnose d'uma variedade deste, que obteve o nome «subapicalis» e foi colleccionado em Theresopolis.

As especies deste genero, que igualmente faz parte da subfamilia «Lamiidae», bem como as do seu intimo parente «Amphionycha» em geral são de cores bem vivas e particulares e pertencem a um grupo bonito e interessante, achando-se no Brasil avultada quantidade de representantes.

Julius Melzer.

AURIVILLIUS, CHR. *Wissenschaftliche Ergebnisse der schwedischen entomologischen Reise des Herrn Dr. A. Roman in Amazonas 1914-1915. 2. Cerambyciden. — Arkiv for Zoologi. Upsala 1919. Band 12. N.° 11.*

Resultados scientificos da viagem sueco-entomologica do Sr. Dr. A. Roman no Amazonas 1914-1915. *N.° 2. Cerambycideos. de Chr. Aurivillius.*

O celebre autor vem enumerando nesta importante contribuição do «Arkiv» todos os cerambycideos, que o Sr. Dr. Roman durante as suas pesquizas entomologicas nas vastas regiões do Amazonas juntou. Em tempo relativamente curto para taes fins o scientista visitou, conforme os lugares indicados, muitas regiões daquelle territorio, assim como Manaos, Rio Autaz, Rio Japurá, Rio Purús, Rio Negro Rio Branco, etc., encontrando-se no tomo 11, N. 15 do «Arkiv för Zoologi» dados mais minuciosos sobre os lugares percorridos.

Não se pode confrontar o resultado do Dr. Roman com o do Sr. H. W. Bates que durante os 11 annos (Naturalist on the Amazons p. 1) de sua estadia no Amazonas juntou 705 especies de longicorneos (Ann. Mag. Nat. Hist. 1861-66, p. 1, sep.) já pela enorme differença de tempo já pelo simples facto, de que os fins do Dr. Roman eram outros tendo tido este especialista em vista estudos hymenopterologicos.

Tomando isto em consideração assim como o facto de que coleopteros longicorneos não se juntam tão facilmente, deve-se considerar bem rica a collecção de cerambycidos, que o Dr. Roman levou para a Europa e que representam em total 61 especies pertencendo 3 á subfamilia Prioninae, 18 á dos Cerambycinae e 40 á dos Lamiinae.

Os Cerambycideos do valle do Amazonas graças ás pesquizas e publicações de Bates (Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley — Coleoptera Longicornes, Part: I, II, III.) já estavam muito bem conhecidos, e é pois um tanto notavel, que o Dr. Roman lá encontrasse diversas especies, conhecidas de outras procedencias e que Bates então observou e conseguisse até descobrir 5 outras, completamente novas para a sciencia.

Estas são: *Smodicum angusticolle* (Rio Autaz), *Ommata Romani* (Manaos) e *Hemilophus anceps* (Rio Autaz) fornecendo Aurivillius excellentes descripções.

Conforme o desenho e a descripção o *Smodicum angusticolle*, uma especie bem pequena (6 ms. de comprimento) bastante diverge das outras duas especies brasileiras deste genero, das quaes perto da capital de São Paulo se encontra o *S. depressum* Thoms., emquanto o *S. semipubescens* Goun. foi avistado em Jatahy, Goyaz. Uma bella figura acompanha a excellente diagnose da *Ommata romani*, que, devido a forma das femora o autor colloca no grupo Eclipa» já bem rica em especies brasileiras e, como estas, a O. romani étambem de estatura pequena medindo 6 - 7 mm. A terceira novidade, *Hemilophus anceps*, tambem é de estatura pequena, 10 - 11 mm., e, conforme o auctor avisa embora seus habitos bem se aproximem dos dos typos do genero, destes differe pelos articulos 3 e 4 das antennas, que são muito mais curtos e menos fimbriados.

As especies já conhecidas por Bates não assignaladas do Amazonas são as seguintes: *Lissonotus equestris* Fabr., *Phacellus Boryi* Gory, *Ischiocentra humilis* Thoms, *Colobothea eximia* Auriv, mencionando o autor ainda uma especie de cada dos seguintes generos, que não poderam ser classificadas já por falta de material sufficiente, já por causa do estado de má conservação: Oreodera, Psapharochrus, Sporetus. De Taeniotes D'Orbignyi Guér, o autor alem disto aponta uma forma aberrante que denomina «suturalis».

Bem interessante ainda é, o que o autor nos falle sobre o unico ♂ de *Ctenoscelis Cocus* Perty, que foi encontrado em Manaos. O primeiro articulo antennar, densa e bastante grossamente ponctuado, sobrepassa consideravelmente a borda superior dos olhos, as antennas não chegam completamente ao apice dos elytros e os articulos dos mesmos em

baixo são visivelmente crenados. O ultimo segmento ventral é largo e profundamente entalhado na ponta, sendo esta densamente fimbriada com cabellos castanhos. Esta ultima observação confere com os dizeres na minha modesta contribuição, pagina 70, tomo XI da Revista do Museu Paulista, tratando dos Prionideos do Brazil. Na pagina 71 manifestei tambem a opinião de que provavelmente existem diversas raças locaes desta especie. A vista da relativa raridade deste longicorneo esta questão não será tão facilmente decidida, salvo se os amigos da sciencia nos enviarem material abundante de diversas procedencias do nosso paiz. Ultimamente recebi um ♂ desta especie de Matto Grosso de Batataes, Estado de São Paulo. que mostra tambem quasi todas as particularidades que Aurivillius observa. O scapo tambem sobrepassa consideravelmente a borda posterior do olho mas a sua pontuação não é tão grossa, as anntenas não chegam completamente ao apice dos elytros e os seus articulos mostram alguns dentinhos muito pequenos e dispersos em baixo. A côr dos cabellos do ultimo segmento ventral porem é ruiva. Assim, como ja avisamos acima, um material de mais vulto seria preciso, para estudar novamente esta especie.

J. M.

BEDEL (L) *La « Silpha indica », Linné considérée comme énigme est un Megalodacne (col. Erotylidæ) de l' Amérique du Sud.* Bulletin de la Société Entomologique de France, 1916 N. 6.

Linneu, diz o Snr. Bedel incluiu no genero Silpha os elementos mais heterogeneos: *Nitidulidos*, *Temnochilidos Tenebrionidos*, um *Hydrophilido*, *Erotylidos*, etc. Destes um jamais foi possivel identificar *Silphæ indica*. Fabricius declara desconhecel-a e Lacordaire na sua *Monographie des Erotyliens*, 1842 nem della trata.

No emtanto declara Linneu que o seu typo existia no *Museu da Rainha Luiza Ulrica*. O que atrapalhava os observadores era a indicação de proveniencia *indica*.

O Snr. Bedel descobriu uma muito vulgar *Megalodacne* da Guyana, a *M. quadriguttata* Ol, 1791 que é exatamente o famoso insecto mysterioso e inidentificavel de Linneu. Assim é esta a solução do proble-

ma *Megalodacne indica* L. 1758 e 1764 sub silpha: Syn *quadriguttata* Ol, 1791 (sub *Erotylus*).

A. de E. T.

BRUCH C, *Descripcion de um nuevo genero y de dos nuevas especies de Estafilinidos Mirmecófilos.* Ann. Soc. Cient. Argent T. LXXXII, 1917, pag. 257-264. Com figs. no texto. (Coleoptera).

O genero novo chama-se *Dinardopsis* pag. 3 com *solenopsidicola* n. sp. pag. 4, no ninho de *Solenopsis saevissima Sm.*: a outra nova especie é *Myrmecochava (Euthorax) solenopsides* pag. 7 no ninho da mesma formiga.

H. L.

BRUCH Carlos; *La forma macróptera de "Neoblissus parasitaster" Bergroth. Captura de cerambicidos.* Physis (Rev. de la Soc. Arg. de Ciencias Naturales) t. IV. pp. 353-355 y 358-359 (20 de diciembre de 1918) sep.

O autor offerece uma photographia bem nitida do adulto bem como dos hemielytros do "Neobissus parasitaster" da classe "Hemipteros-Rhinchota". Estes interessantes percevejos são myrmecophilos, dando o autor detalhes sobre os costumes do insecto na mesma revista t. III. p. 146-149.

Sob o titulo "Captura de cerambicidos" o autor relata, que com a avultada importação de madeira de todas as classes para Buenos-Ayres appareceram naquella metropole diversos longicorneos, que antigamente não só ou excepcionalmente se observavam alli. Entre as especies ennumeradas ha diversas não alheias a fauna brasileira.

Alem destas especies e que foram introduzidas na capital da republica visinha pelas madeiras, importadas principalmente das provincias do norte do paiz observou-se tambem por diversas vezes e em differentes lugares um longicornio exotico, isto é, australiano. Trata-se da "*Phoracantha semipunctata*" F., da qual o autor offerece uma bella figura suppondo, que ja esteja aclimada servindo-se de diversas plantas indigenas além do eucalyptus, sua planta predilecta na sua patria.

A cultura do eucalyptus ultimamente esta-se desenvolvendo consideravelmente no Estado de São

Paulo, sendo pois bem provavel, que mais cedo ou mais tarde tambem aqui possam ser encontrados semelhantes insectos exoticos.

BRUCH, Carlos; *Metamórfosis de "Taphrocerus elongatus" Gory (coleóptero buprestido)* sep. dos "*Anuales de la Sociedad Cientifica Argentina*" 1917, t. LXXXII, p. 251.

Interessantes detalhes sobre a biologia deste pequeno buprestido. cuja larva vive nas folhas de Scirpus giganteus Kth. entre as cuticulas das duas faces, formando aqui galerias ou minas. As descripções estão acompanhadas de diversos desenhos bem nitidos e instructivos e merecem particular attenção. visto que, das 38 especies deste genero, até hoje descriptas, uma boa parte tambem se encontra no Brasil.

BRUCH, Carlos. *Metamórfosis de «Pachyschelus undularius» Burm (coleóptero bupréstido)* sep. de «Physis». «Revista de La Sociedad Argentina de Ciencias Naturales», 1917, t. III, p. 30-36.

Tambem este bupréstido bem como o acima mencionado em estado larval vive na folha duma planta entre as cuticulas, serviudo-se da euforbiacea *Sapium biglandulosum* Müll.. Na sua optima descripção o autor destaca devidamente as particularidades da larva, produzindo sobre a superficie das folhas e nos lugares por ellas minados uma especie de espuma, para se proteger assim mais efficazmente contra seus inimigos. Duas lindas estampas completam em alto gráo as detalhadas informações.

O genero *Pachyschelus* é excessivamente rico em especies, conhecendo-se até hoje 147. Na sua maioria são americanas e uma quantidade consideravel das mesmas é conhecida tambem no Brasil.

J. M.

BRUCH, Carlos. *Cerambicidos argentinos nuevos o poco coñocidos.* Sep. da «Revista del Museo de La Plata», 1918, t. XXIV, 2.ª parte (2.ª serie, t. XII), p. 7-29.

O autor trata neste optimo estudo primeiro dos longicorneos da tribu «*Holopterini*» de Lacordaire,

interessantissimos coleopteros, cujos representantes são sulamericanos e encontrados na Republica Argentina assim como no Chile.

Rectificando no começo um pequeno engano, occorrido no seu conhecido « *Catalogo sistematico de los Coleoópteros de la Republica Argentina* », pars III, 1912, p. 193, no qual no lugar de *H. chilensis*, deve-se ler *H. anulicornis Phil.*, o autor mostra a necessidade de concentrar no genero *Holopterus* o subgenero *Holopteridius*, dando minuciosos detalhes. Assim ao subgenero *Holopterus s. str.* pertencem os *H. annulicornis, chilensis, compressicornis, laevigatus*, emquanto ao novo subgenero *Holopteridius* de Bruch devem ser reunidos os *H. sublineatus, patagonicus, antarcticus, ochraceus, Reedi* e *Richteri*, sendo os *H. patagonicus, ochraceus, Reedi* e *Richteri* novas descobertas, cujas minuciosas descripções o autor apresenta fornecendo igualmente diversas figuras muito boas.

De interesse particular é tambem a descripção acompanhada duma figura nitida de « *Methia argentina* » Bruch, longicornio com elytros abreviados, que o autor approxima da tribu « *Oemini* », tendo effectivamente, conforme os dizeres e o desenho intimas relações com o mesmo. Outras especies deste genero conheciam-se sómente da America boreal.

Finalmente o autor apresenta nesta importante obra as descripções de dois novos e elegantes representantes da tribu « *Rhinotragini* », do qual no Brasil se encontra uma quantidade avultada de consocios um tanto exquisitos nos habitos. Trata-se de « *Parepimelitta Gounellei* » e « *Pasiphyle auricollis* ». O autor se viu na necessidade de fundar o novo genero « *Parepimellita* » bem caracterisado, mau grado grandes affinidades com os generos « *Epimelitta* » e « *Phygopoda* ». A nova especie do genero « *Pasiphyle* » conforme a descripção e o desenho, comparados com as especies aqui encontradas, não corresponde bem ao genero em questão. como o sabio autor devidamente destaca, mas esta tribu offerece uma riqueza extraordidaria em fórmas existindo todas as graduações possiveis entre as especies dos differentes generos, e por causa disto a classificação encontra as maiores difficuldades. Assim sente-se bastante a falta duma monographia moderna desta tribu, e o especialista, que quizesse fornecel-a, incontestavelmente obteria o applauso unanime dos amigos destes interessautes lon-

gicornios. A falta de material do norte do paiz a nós por emquanto impede realisar semelhante serviço.

J. M.

GROUVELLE, A. *Description des Clavicornes Nouveaux de la République Argentine.* Sep. da « Revista del Museo de La Plata », 1916, t. XXIII, (2.ª serie, t. X) p. 234-256.

O conhecido especialista torna publicos diversos generos novos assim como especies novas da familia dos clavicornios.

A's « *Nitidulidae* » pertencem os generos novos « *Teloconus* », este com a especie nova « *Mirificus* » e *Macrostolops* com as especies « *inusitatus* » e «*singularis*» como novidades, sendo descriptas além destas as seguintes especies novas das «*Nitidulidae*»: «*Cillaeus expressus*», « *Campsopyga atricolor* », « *Lobiopa Bruchi* », « *Pocadius glaber* », « *Amphicrossus vicinus* », « *Cryptarcha castanescens* ».

Das « *Ostomidae* » está apresentada como novidade « *Ancyrona argentina* », e das « *Colydiidae* » os « *Prolyctus iridescens* », « *Lithophorus tuberosus* », « *Cerylon Wagneri* » e « *C. patens* ».

A fauna brasileira é bem rica em clavicornios, os quaes até hoje, já pelo seu tamanho em geral muito pequeno, já pela difficuldade da classificação e a falta da respectiva literatura ainda não mereceram a attenção, de que estes interessantes coleopteros são dignos.

J. M.

DESBORDES, (H.) *Contribuição ao conhecimento das Histeridas , 5.a memoria Estudo do genero Omalodes Er.* (Contribution à la connaissance des Hestérides 5.ª mémoire, E'tude du genre *Omalodes Er.*), Annales de la Société Entomologique de France, vol. 88, 1919, pgs. 41-64.

Na presente memoria sobre os generos desta familia de Coleopteros, o autor apresenta uma chave para a classificação de todas as especies conhecidas e collocadas nos sub-generos *Omalodes*, *Diplogrammicus* e *Cornillus*, dá um catalogo das 64 especies classificadas, e descreve duas especies novas do Brasil,

das quaes *Omalodes bisulcatus* n. sp. é de São Paulo, e *Omalodes cerqueirae* n. sp. não tem a localidade indicada.

A. H.

GENERA INSECTORUM. *Coleoptera Longicornia* Fam. *Cerambycidae*, Sub-fam. *Prioninae*, par Auguste Lameere, 172[me] Fascicule. 1919.

Quando tracei a minha modesta contribuição para o tomo XI da « Revista do Museu Paulista » sob o titulo « Os Longicornios Brasileiros da sub-familia Prioninae » que devido a circumstancias extraordinarias não se pôde apresentar ao publico no mez de Junho de 1919, como projectara, não tinha a minima idéa, de que o autor da celebre « Révision des Prionides » estivesse completando os conhecidos « Genera Insecrorum » de Wytsman com uma valiosa contribuição, relativa á primeira sub-familia dos Longicorneos.

Como as outras obras deste conhecido entomologo tambem a sua « Genera » é formada com todo o capricho e rigor e neste sentido não deixa nada a desejar.

A' introducção com interessantes dados e á nota sobre a bibliographia seguem minunciosos e mui apreciaveis detalhes da anatomia, os quaes os optimos desenhos da estampa n. 1 demonstram. Valiosas dissertações sobre a distribuição se seguem dando o autor ainda interessantes dados sobre a antiguidade dos Prionideos e sobre sua classificação.

As tabellas para a determinação dos diversos generos são excellentes. O auctor conserva na classificação os seus sete grupos principaes em que se encontram as mesmas denominações que já se conhecem do « Coleopterorum Catalogus de Junk Schenkling, 1913, pars 52 » e da « Révision des Prionides » com excepção porem do quarto grupo. Além disto existem outras diversidades bem sensiveis entre estes e aqualla obra, e certamente. haverá bastantes entomologos, que não concordarão com este novo ponto de vista do autor. Effectivamente, quer me parecer, que assim ainda estamos bem longe da ultima palavra na classificação dos Prionideos, mas não se deve esquecer, que Lameere nos abriu um bom caminho, e no qual já venceu apreciavel trecho.

Nos « Genera » desappareceu por completo o grupo « Titani », que com os generos *Macrodontia*, *Chalcoprionus*, *Ancistrotus*, *Titanus* e *Ctenoscelis* formavam o quarto sub-grupo dos *Macrotomini*. Todos estes generos agora estão repartidos da maneira seguinte, não me parecendo esta distribuição muito feliz.

Os generos *Macrodontia*, *Chalcoprionus* e *Ancistrotus* formam o primeiro sub-grupo, « *Ancistroti* », do quarto grupo, que então o autor denominou « *Derancistrini* » e agora chama « *Ancistrotini* », conservando no segundo sub-grupo, « *Derancistri* », todos os generos, que os seus antigos « *Derancistrini* » continham.

O genero « *Titanus* » agora está incorporado ao 3.º sub-grupo, « *Derobrachi* », do 5.º grupo, « *Prionini* », e o genero « *Ctenoscelis* » finalmente encontramos como 5.º sub-grupo, *Ctenosceles* ». dos « *Callipogonini* ».

Como grande melhoramento da antiga classificação de Lameere senti e apreciei a mudança do genero « *Protorma* » dos « *Stenodontes* » para os « *Archetypi* » e do genero « *Jalyssus* » dos « *Rhaphipodi* » para os « *Basitoxi* ».

Relativamente grandes são as descripções de novas especies, apresentadas depois de publicado o « Coleopterorum Catalogus » pars 52, e que estão enumeradas no « Genera », sendo tambem algumas modificações das synonymas etc. de interesse geral e por causa disto em seguida enumeradas.

Stenodontes (sub gen. *Mallodon*) *subcancellatus* Thoms. Esta especie Lameere antigamente designou como synonyma *St. spinibarbis* L. é considerada agora como especie boa, incorporando-a no sub-genero « *Nothopleurus* ». No tomo XI da Revista do Museu Paulista, pag. 45 o « *subcancellatus* » tambem figura na lista dos synonymos de « *spinibarbis* » e si esta nova opinião do autor fôr certa, naturalmente deve ser riscado. No Bull. Mus. Hist. Nat. Paris, 1915, p. 51, que presentemente não está ao meu alcance, Lameere trata deste assumpto.

Hovatoma laeta e *mutica* consideradas então synonyma da *H. obscura*, agora são enumeradas como especies boas, informando sobre as mesmas Lameere tambem no Bulletin acima indicado.

Macrotoma (sub-gen. Zooblax) *vidua* Lmr. ficou cancellada e figura no sub-gen. Bandar como synonym do «*Fisheri*» Waterhouse. Juntou-se o novo subgenero «*Pseudoplites*» Lmr. a uma especie nova «*inexpectata*» Lmr., Bull. Soc. Ent. Fr. 1916. p. 233.

Rhaphipodus (subgen. Rhaphipodus) ficou augentado pela especie nova *Fontanieri* Lmr., Bull, Mus. Hist. Nat. Paris, 1815, p. 52.

Callipogonini. O primeiro subgrupo, *Eurypodae*, está augmentado com o novo genero *Hystadoderes* Lmr. e este com a especie nova *Vitalisi* Lmr. Bull. Soc. Ent. Fr., 1917, p. 147.

Eurypoda (subgen. Neoprion) tem a especie nova *Cordieri* Lmr. Bull. Soc. Ent. Fr., 1916, p. 234.

Em *Megopis* (subgen. *Aegosoma*) são enumeradas as especies novas *Pici* e *Guerryi* de Lameere, Bull. Soc. Ent. Fr., 1915, p. 178, e no subgen. *Baralipton* a especie nova *Sauteri* Lmr., Arch. f. Naturg., Vol. 79 (A) 7, 1913, p. 176.

Ergates (subgen. *Trichocnemis*). A especie *neomexicanus* Casey, então considerada synonyma do *spicutatus* J. Lec., agora está indicada como especie boa.

Macrodontia. Mais uma especie foi descripta: *Mathani* Pouillaude; ella é de Equador Insecta, Rennes, 1915. Vol. 5, p. 44, fig. 3 - 5.

Pyrodes (subgen. *Pyrodes*) conforme já se disse na Revista do Museu Paulista, vol. XI, pag. 107, o *Gounellei* Lmr. é synonyma de *Isis* Bates, e (subgen. *Matlaspis*) o *Bourgoini* Lmr. do *Argodi* Lmr. (subgen. *Esmeralda*). Antigamente, no *auratus*, Lameere admittiu as tres subespecies: *nigricornis*, *gratiosus* e *auratus*, considerando agora tambem o *nodicornis* como subespecie que então se julgou, simplesmente forma aberrante.

Nothophysis. Uma especie nova *Folchinii* Lmr. se accresce. Ann. Mus. Stor. Nat. Genova (3), 1914, vol. 6, p. 197.

Emphiesmenus. Lameere augmentou este genero com a especie nova *Weissi*, Bull. Mus. Hist. Nat., Paris, 1915, p. 156.

Prionomma (subgenero Ancyloprotus). A especie *ferox* Lansberge, antigamente considerada synonyma de *javanum* Lansberg, agora figura como especie boa.

Psalidognathus (subgen. *Psalidognathus*). A especie *limenius* Erichs, que então Lameere faz figurar nos synonymos da *superbus*, agora está apontada

como especie boa. Sobre este assumpto o autor informa: Bull. Mus. Hist. Nat., Paris, 1915, p. 56. Caso se prove esta opinião, a respectiva informação na Revista do Museu Paulista, pag. 132, tomo XI, deve ser rectificada.

Derobrachus (subgen. *Orthosoma*). Está enumerada a especie nova *Digueti* Lmr. Bull. Mus. Hist. Nat., Paris, 1915, p. 57.

Titanus (subgen. *Braderochus*) tem uma especie nova, que Lameere denominou *retrospinosus*. Bull. Soc. Ent. Fr., 1916, pag. 253.

Dorysthenes (subgen. *Lophosternus*. Lameere junteu a especie nova: *gracilipes*. Bull. Mus. Hist. Nat., Paris, 1915, p. 58.

Prionus. As seguintes especies novas são enumeradas: *heterotarsus* Lmr. (Bull Mus. Hist. Nat., Paris, 1915, p. 59), *Delavayi* Fairmaire (Ann. Soc. Ent. Belg., 1887, vol. 31, p. 130), *Potaninei* Lmr. (Bull. Soc. Ent. Fr., 1916, p. 257), *Lefebvrei* Marseul (Rev. Zool., 1856, p. 47), *Townsendi* Casey (Mem. Col., vol. 3, 1912, p. 246), *aztecus* Casey (Loc. cit. p. 246).

Sceleocantha. Este genero esta dividido nos dois subgeneros: *Sceleocantha* e *Tillyardia*. Este somente com a especie *gigas*, sendo agora a *mirabilis* considerada synonyma desta.

Closteri. Está enumerado o genero novo *Parelaptus* Lmr. com a nova especie *Künckeli* Lmr. (Bull. Mus. Hist. Nat., Paris, 1915, p. 67) e mais o genero novo *Casiphioprionus* Pic com a especie nova *Limbatus* Pic. (L'Echange, vol. 32, 1916, p. 2). Além disto foram incorporados a este grupo agora os generos *Casiphia* e *Erythraenus*, que então Lameere juntou aos seus *Anacoli*.

Closterus. Está enumerada a especie nova *Codeli* Lmr. (Bull. Soc. Ent. Fr., 1917, p. 147).

Anoploderma. No subgenero *Migdolus* ha a especie nova *exul* Lmr. e que já podia ser tomada em consideração no tomo XI da Revista do Museu Paulista, p. 176. Do subgenero *Sypilus* visa-se a especie nova *ferrugineum* Goun. (Bull. Mus. Hist. Nat., Paris, 1913, p. 194).

Devem ser juntadas ainda as descripções dos *Quercivir Zikani* e *Meroscelisos Zikani*, da Revista do Museu Paulista, 1919, tomo XI, p. 141, 154 e 196.

Oito estampas, sete das quaes coloridas, acompanham esta obra, encontrando-se reproduzidas as se-

guintes especies brasileiras: *Basitoxus megacephalus*, *Mecosarthron Gounellei*, *Ctenoscelis simplicicollis*, *Macrodontia crenata*, *Pyrodes scutellaris*, *Poecilosoma ornatum*, *Psalidognathus superbus*, *Quercivir dohrni*, *Meroscellisus violaceus*, *Anoploderma fryanum*, *Hypocephalus armatus*.

Todos os desenhos destes Prionideos são bem nitidos e executados com todo o capricho, e é por causa disto bem lastimavel que graças a lamentavel engano o *Anoploderma fryanum* fosse reproduzido com dois espinhos na ponta das tibias posteriores, emquanto a existencia de um só espinho ou a falta de todos na ponta das tibias posteriores distingue este grupo.

J. M.

PIC, MAURICE. *Deux espèces nouvelles du genre «Camaria» du Brésil.* Bulletim de la Société Entomologique de France. 1919 n. 6.

Os dous novos coleopteros citados pelo A. provem, um do Espirito Santo, *Camaria longipennis* e o outro de Santa Catharina, *C. puntulata*.

A. de E. T.

PIERCE, W. DWIGHT, *Studies of weevils (Rhynchophora) with descriptions of new genera and species.* Proceetings of the United States National Museum, vol. 51, pgs. 461-473. Washington, 1917.

O autor, de conformidade com os resultados de estudos recentes, reune o grupo Rhynchophora ou *caruncho* ao grande grupo de coleopteros conhecidos como *Phytophaga*, o qual contem 11 superfamilias, das quaes 9 são novas propostas pelo autor, como segue: *Mylabroidea, Cerambycoidea, Chrysomeloidea, Aglycyderoidea, Brentoidea, Platystomidea, Doydirhynchoidea, Attelaboidea* e *Brachycerodea* esta com as duas *Scolytoidea* e *Curculionoidea* já existentes, constituem o grupo, aso quaes são separadas por uma tabella de caracteres distinctos.

Entre as familias de *Curculionoidea* foi criada a nova familia *Orobitedae* com a sub familia *Orobitinae* tambem nova, da qual faz parte a tribu *Tylodini*, a qual encerra o genero *Leiomerus*.

Como novo o autor descreve o caruncho *Leiomerus granicollis*, quatro exemplares do qual foram

encontradas vivas, pelo Snr. H. L. Sanford, na estação de quarentena em Washington, em manivas de mandioca (Manihot) provenientes do Brasil. Duas figuras no texto dão uma idéa clara deste pequeno coleoptero.

A. H.

WAGNER, Hans, *Neue Apionen des Nord — Südamerikanischen Faunengebietes.* Novitates Zoologicae. vol. XIX, pgs. 97-118, Tring, 1912.

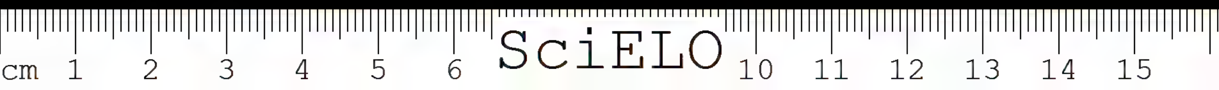
Um trabalho no qual o autor descreve 18 formas novas destes coleopteros, muitas das quaes estam illustradas com figuras no texto.

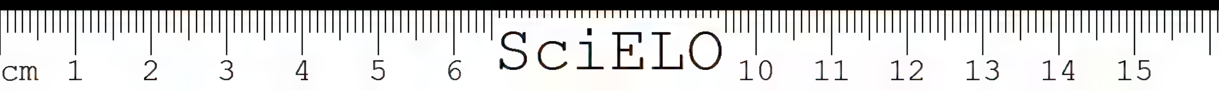
Como membros da familia brasileira estão descriptas as seguintes 3 especies novas:

Apion longicorne nova spec. Amazonas.
Apion acanthopus nova spec. Amazonas.
Apion yatahyanum nova spec. Jataby, Goyaz.

A. H.

DIPTEROS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

DIPTEROS

ALEXANDER, CHARLES P., *Tipulidae, dipteros, novos ou pouco conhecidas da America Tropical. The Canadian Entomologist*, vol. 52, ns. 6-7, June and July, 1920, pgs. 141-144.

O autor dá a descripção de *Sigmatomera amazonica* Westwood, colligido em Flores, Brasil, de *Erioptera (Mosycephona) cladophora* n. sp. *Polymera (Polymerodes) parishi* n. sp., e *Eriocera amazonicola*, n. sp. todas de Manaus e estabelece o novo sub-genero *Polymerodes*.

A. H.

ALEXANDER, CHALES P., Notas e descripções de *Tipulidae* (Dipteros) Neotropicaes. II. Journal of the New York Entomological Society, vol. 28, n. 1, March, 1920, pgs. 1-13.

Com esta publicação ficou a fauna conhecida do Brasil enriquecida com as segnintes especies *Dicranomyia amazonica* n. sp., de Igarapé-Assú, Pará; *Teucholabis mendax* n. sp., de Prata, Pará; *Teucholabis persimilis* n. sp., de Igarapé-Assú, Pará; *Gonomya (Gonomyella) paraensis* n. sp., Prata, Pará; *Eriotera (Erip)era micromyia* n. sp., de Prata, Pará; e *Azodicera attemata* n. sp., de Prata, Pará.

A. H.

ALEXANDER, CHARLES P., *A Synopsis of part of the Neotropical crane-flies of the subfamly Linmofinae*. Proceedings of the United States National Museum, vol. 44, pgs. 481-549, Washington, 1913.

Uma monographia importante das tribus *Eriopterini* e *Limnophilini*, dando a descripção de todas as especies novas e a redescripção de outras especies,

uma discussão critica do trabalho já feito com este grupo, especialmente dos generos de Euderlein, uma descripção geographica dos lugares que fornecem os exemplares, uma lista das *Tipulidae* da região neotropica. de 209 especies e chaves para separar as subfamilias, tribus, generos e especies.

As seguintes especies fazem parte da fauna brasileira :

Lecteria conspersa Enderlein Rio de Janeiro.
Lecteria obscura Fab. Igarapé-Assú, Pará.
Lecteria Matto-grosae n. sp. Corumbá, Matto Grosso.
Lecteria armillaris Fab. Igarapé-Assú, Pará.
Mongoma disjunta n. sp. Espirito Santo, Brasil.
Mongoma longifusa n. sp., Igarapé-Assú, Pará.
Molophilus thaumastopodus n. sp., Igarapé-Assú e Pará.
Erioptera (Meso-cyphona) annuulipes williston, Igarapé-Assú. Pará.
Erioptera (Mesocyphona) parva var brasiliensis n. sp., Igarapé-Assú. Pará
Erìoptera (Mesocyphona) bicinctipes n. sp., Iarapé-Assú, Pará.
Gnophomyia rufithorax Wiedemann, chapada, Matto Grosso.
Gnophomyia subhyalina n. sp., Igarapé-Assú, Pará.
Gnophomyia hirsuta n. sp. Rio de Janeiro.
Polymera fleuralis n. sp. Igarapé-Assú. Pará.
Polymera conjuncta n. sp. Igarapé-Assú. Pará.
Polymera obscura Macquart. Igarapé-Assú. Pará.
Polymera superba n. sp. Igarapé-Assú. Pará.
Polymera hirtecornis Fab. Igorapé-Assú. Pará.
Polymera niveitarsis n. sp. Igarapé-Assú. Pará.
Polymera thoracica n. sp. Igarapé-Assú. Pará.
Epiphragma fabricii nome novo Chapada. Matto Grosso.
Epiphragma pupillata n. sp. Chapada. Matto Grosso.
Limnophila epiphragmoides n. sp. Igarapé-Assú. Pará.

As diagnoses detalhadas e completas são illustrada por quatro nitidas estampas.

BEZZI, Prof. M. *Uma nova especie brasileira do genero Anastrepha* (Dift.). Bollettino del Laboratorio di Zoologia Generale e Agraria della R. Scuola Su-

periore d'Agricoltura in Portici. Vol. XIII, 1919, pgs. 3-14.

No artigo citado, o eminente dipterologo dá uma chave analytica e as descripções de dez especies do genero *Anastrepha* das quaes a *Anastrepha bistrigata* é nova; e todas ellas do Estado de S. Paulo. Uma bibliographia annexa enumera os trabalhos sobre este grupo desde 1909.

A. H.

FELT., Dr. E. Porter. *New genera and species of gall midges.* Proceedings of the United States National Museum. Vol. 48, pgs. 195 211. Washington, 1915.

Um importante trabalho sobre os dipteros que causam galhas nas plantas, no qual o autor discute a posição taxonomica deste grupo, pertencendo a maioria das especies á familia *Asphondyliariae*, classificadas em 18 generos, representantes de 10 dos quaes são encontrados na America Tropical, sendo classificados como brasileiros os cinco generos que seguem: *Bruggmaunielle*, *Proasphondylia*, *Bruggmannia*, *Zalopidota* e *Ozobia*.

Ha uma tabella dando a distribuição geographica de todos os generos, bem como uma chave para separal os. Tambem são caracterizados sete generos novos e dez especies novas, *Proasphondylia brasiliensis* n. sp. foi descripta de material proveniente de Pernambuco. Os caracteres das especies são illustrados pelas figuras no texto.

A. H.

SURCOUF (J. M. R.) et GONZALEZ RINCONES (R.) *Essai sur les diptéres vulnérants du Venezuela* (Segunda parte: dipteros brachyceros vulnerantes).

Tal a pertubação trazida pela guerra que só agora chegou ao Museu, a mandado do Ministerio del Fomento Venezuelano a segunda parte da grande obra dos dous illustres dipterologos que ja haviam publicado uma monographia sobre os dipteros nematoceros vulnerantes. Surcouf tem bellos trabalhos sobre as glossinas, o grupo dos Tabanos (em que teve

como collaboradora Miss Ricardo) e os insectos vulnerantes de Madagascar Associou-se para o presente trabalho ao dr. Rincones, bacteriologista chefe de um instituto venezuelano. Depois de um estudo em que os AA, assignalam o papel dos brachiceros no conjuncto dos dipteros e expõe as nomenclaturas de Macquart. Brauer, Redtenbacher, Comstock e Needham, Schiner, etc. sobre a nervação das azas de taes insectos, surge-nos o quadro das grandes divisões dos brachiceros orthorraphos a que acompanham dous outros dichotomicos relativos a duas grandessubdivisões dos *eremochaetas* e não *eremochetas* Segue-se então uma summula dos caracteristicos das *tabanidae* que com os *culicidae* nos nematoceros apresentam as mesmas differenças de alimentação : machos floricolas e femeas hematophagas perseguidoras dos vertebrados. Ahi aproveitam os AA. o ensejo de passarem em revista os males que causam as nefastas mutucas, portadoras do nosso malde cadeiras e da *Peste boba* venezuelana, e sabe Deus de quantas tripanosomoses a mais descobertas e por descobrir. Duas mil e quinhentas especies de *Tabanidae* se conhecem hoje pelo mundo todo, repartida em duas grandes sub-familias e avultada quantidadede generos e infelizmente o nosso Brazil foi prodigamente aquinhoado tanto em materia de *tabanidae* como de *pangoninae* Vem depois do quadro dichotomico dos quatorze generos das *tabanidae* desde o *Tabanus* linneense, com as suas 215 especies até 1913 determinadas, onde o Brazil figura desastradamente com 104 ! (sem contar que ainda mais de quarenta ainda lhes podem ser attribuida como espalhadas por todo o nosso continente) até o *Neo tabanus* Ricardo 1911. E de passagem lembremos que quando os AA. escreveram não conheciam ainda a existencia de diversos *Tabani* como o T. *pseudocinereus*, fructo da grande expedição de Neiva e B, Penna em 1912 com T. *trigonostichos*, Lutz; T. *mucronatus* Lutz e Neiva. De 1913 data com effeito a segunda monographia de Lutz sobre *Tabanidos do Brazil* e de 1915 a terceira em que designou a existencia de tantas formas novas.

Tratando do genero *Acanthocero* não podiam os AA. tambem mencionar o A. *anacantho*, Lutz e Neiva e as duas *Dichelacerae*, que provem da viagem de Neiva Tambem não citam D. *Jauuari* e D. *leucamelas*.

Assim tambem quanto ás *Diachlorinae* (pag. 38) dizem os AA. que Miss. Gertrudes Ricardo não mencionava então senão quatorze especies sul americanas; desconhendo, o que era natural, o *D. Neivae* e *D. Vitripennis*, descobertas de Lutz e *D. Nigristigma* tabanideo que surgiu do avultado material de Neiva e Penna como nova forma. Passando ao estudo da segunda grande familia e dos *Pangoninae* reproduzem os AA. o quadro dichotomico (no sentido restricto) sul americano organisado pelo eminente dipterologo Dr. Adolpho Lutz. Por trinta e um generos dizem os AA. se sub-dividem os *pangoninae* dos quaes se devem a Lutz o genero *Bombylomyia* os cinco subgeneros de *Eisenbeckia* os tres grupos de *Erephopsis* Revistam-nos todos com as suas numerossimas especies onde tão vultuosamente se acha a fauna brasileira representada e terminam o estudo das *pangoninae* com o genero de posição duvidosa: *Thomaustocera* intermediaria entre os *tabanidae* e os *pangoninae* e alias africano. Versa a segunda parte do livro sobre a segunda subdivisão dos brachyceros os clyclorraphos; que comprehendem os dipteros mais elevados e entre elles a immensa familia dos *Muscideos* universalmeute conhecidos, dos gelos polares ás areias deserticas. Expõe os AA. os diversos grupos de cyclorraphos suas subdivisões em familias e subfamilias e como seu intuito è revistar sobretudo os dipteros hematophagos detem-se com as *Muscidae muscinae* vulnerantes onde se encontra o genero nefasto *Glossina*, das grandes vehiculadoras das tripanosomoses (e a que pertence a famosa tsé-tsé causadora da molestia do somno) da nagana e tantos outros epizootias. Felismente glossinas não as ha do lado de cá do Atlantico. Verdade é que as Stomoxys sobre tudo a especie cosmopolita *S. calcitrans* não menos perigosa, vive no Brazil.

Descrevendo as *Muscinae* não vulnerantes reservam os Drs. Surcouf e Rincones uma descripção mais extensa ao genero *Chrysomya* onde brilham os maleficios da *C. macellaria*, que infesta, o continente dos Estados Unidos á Argentina, a vareja das bicheiras, causadoras de myases das chagas e cavidades naturaes do homem e dos animaes. E a tal proposito citam os estudos do Dr. Oscar Freire de Carvalho e Pirajá da Silva.

Continuando a revisão das familias e tratando das *Oestridae*, subfamilia das *Cuterebrinae* genero *Dermatobia*, era natural que os AA. se referissem, com maior desenvolvimento, á *D. cyaniventris*, aliás *D. hominis*, pela lei da prioridade, á mosca do berne como fizeram. Termina o volume uma resenha das pupiparas que como se sabe vivem geralmente sobre as aves e os mammiferos e são vehiculadoras de hematozoarios com o *hoemaproteus* cujo cyclo no pombo estudou Aragão em notavel memoria.

Raramente fazem damno ao homem uma ou outra especie das *hippoboscidae*.

Em summa excellente o trabalho dos Drs. Surcouf e G. Rincones cujos outros estudos procura o nosso Museu incorporar á sua Bibliothéca entomologica. Causou-nos prazer verificar ao percorrer as paginas da obra dos Drs. Surcouf e Rincones quanto sabem da literatura brazileira. E' que o contingente nacional neste grupo zoologico estudado se apresenta como dos mais valiosos Si é exacto que a natureza aquinhoou o Brasil com essa deploravel abundancia de dipteros vulnerantes tambem é exacto que em nosso paiz a fauna hematophaga, seja ella qual for, é das mais bem trabalhadas no universo Não é possivel constatar o facto sem immediatamente lembrar os nomes de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolpho Lutz, Arthur Neiva entre tantos mais.

A. de E. T.

KNAB, Frederick, *Cad-flies (Tabanidae) of the genus Stibasoma*. Proceedings of the United States National Museum, vol. 46, pag. 407 - 412 Washington, 1914.

Neste trabalho o autor discute o referido genero de *mutucas*, dá os caracteres genericos do grupo, uma chave para separar as especies e uma lista destas com a descripção de uma especie nova e com redescripção de outras especies.

As seguintes especies foram encontradas em territorio brasileiro:

Stibasoma willistonii, Lutz.
Stibasoma theothaenia, Wiedmann.
Stibasoma mallophocoides, Walker.

Stibasoma festivus, Wiedmann.
Stibasoma bicolor, Bigot.
Stibasoma dives, Walker.
Stibasoma tristix, Wiedmann.
Stibasoma fulvobirtus, Wiedmann.

A. H.

LUTZ, Adolpho. *Dipteros da familia Blepharoceridae, observados no Brasil*. Memorias do Instituto Oswaldo Cruz. Tomo XII, fac. 7, pags. 21 - 43, Rio de Janeiro, 1920

O eminente especialista principia o seu trabalho com uma parte geral, na qual discute os caracteres destas moscas, cujas larvas são aquaticas, dá um esboço da classificação das especies brasileiras e notas morphologicas e biologicas dos diversos estados das especies estudadas.

Na segunda parte occupa-se com a classificação das especies, em numero de 16, das quaes 7 são dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo, e 9 do Estado de Santa Catharina; todas novas á sciencia.

As especies caracterisadas são:

Dimorphotarsa fascibranchia n. sp., *Curupira disticha* n. sp., *Dimorphotarsa bocainae* n. sp., *Curupira pluripunctata* n. sp., *Dimorphotarsa tetrasticha* n. sp., *Curupira spinivectis* n. sp., *Curupira hirtipupa* n. sp., *Curupira muelleri* n. sp., *Curupira granulipupa* n. sp., *Curupira brevivectis* n. sp., *Curupira borreus* n. sp., *Curupira garciana* n. sp., *Curupira mochlura* n. sp., *Dimorphotarsa tetragonura* n. sp., *Curupira incerta* n. sp., *Dimophotarsa lorenzi*, n. sp., sendo 14 dellas figuradas em 7 magnificas estampas.

O genero *Dimorphotarsa* é designado como novo, porém sua diagnose é muito curta, faltando tambem a designação da sp. typica deste genero. E' uma admiravel contribuição á literatura scientifica de uma pequena familia de Dipteros até agora pouco conhecida e estudada entre nós.

A. H.

MALLOCH, J. R. Algumas especies novas do genero *Louchaca* (Diptera, Lonchaeidae). The Canadian Entomologist, vol. LII, n. 11, Nov. de 1920, pgs. 246 - 247. O autor dá as descripções de tres

especies novas deste genero, entre as quaes a de *Louchala major* sp. n. do Amazonas.

A. H.

NEIVA, Arthur, e BARBARA', Belarmino. *Mosquitos argentinos*, Buenos Ayres, Flaiban e Camilloni, 1917.

Nesta Memoria recordam os doutos A. A. quanto, após os estudos de Felix Lynch Arribalzaga se adeantaram os conhecimentos sobre os culicideos da Argentina.

Verificaram a existencia no paiz de tres subfamilias: *Anophelinae, Culicinae* e *Dendromyinae*, com, respectivamente, cinco, onze e uma especies. Destas põe em destaque *Cellia argyrotarsis* Rov. Dev, *C. tarsimaculata* Goeldi e *C. albimana* Wied, abundantissimos malarigenos que tambem flagellam enormes regiões da Argentina como as nossas. Das *anophelinae*, chamam os A. A. especial attenção para *Anopheles pseudo punctipennis*, o mais commum e o mais espalhado da Republica.

Teve Neiva o ensejo de verificar a *A. annulipalpis* de Arribalzaga, que os naturalistas julgavam não existir, dado o extravio dos typos de seu creador. Este mosquito só se conhece da Argentina.

Notam ainda os A. A. a perniciosa occurrencia de duas culicineas: o nosso infelizmente mais que conhecido *Stegomyia calopus*, vehiculador da febre amarella, e o *Culex quinquefasciatas* que, segundo os estudos de Biglieri y Araoz transmitte o *Microplaria tucumana* causador do *dengue*, enfermidade de etiologia muito mysteriosa, como se sabe.

Optima, como se vê, esta contribuição dos dois scientistas.

A. de E. T.

TOWNSEND, Charles H. T. *New genera and species Muscoid flies*. Proceedings of the United States National Museum. V. 51, pgs. 299 - 323. Washington, 1917.

E' importante trabalho baseado sobre o resultado dos estudos feitos nas collecções do Museu Nacional dos Estados Unidos, dando a diagnose de 28

generos novos e 27 especies tambem novas, de dipteros muscoideos, de fórmas provenientes da America, norte e sul, Eurasia, Malasia e uma da Australia.

A fórma nova do Brasil é o genero *Muscinothelaira*, com a especie *Muscinotheluira lutzi*, de S. Paulo.

A. H.

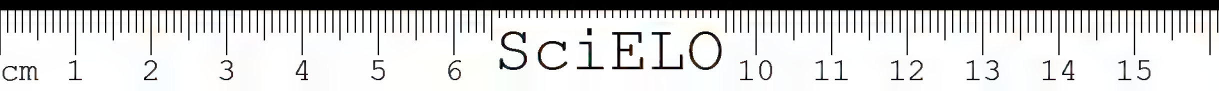
TOWNSEND, Dr. Charles H. T. *New and noteworthy Brasilian Muscoidea collected by Herbert H. Smith.* Bulletin of the American Museum of Natural History. Vol. XXXV, pgs. 15 - 22. New York, 1916.

Este trabalho pertence a uma serie baseada sobre o estudo do material colligido pelo Sr. Herbert H. Smith, pelos annos de 1887, em Santa Anna da Chapada, perto de Cuyabá, Matto Grosso, e outras localidades no Brasil.

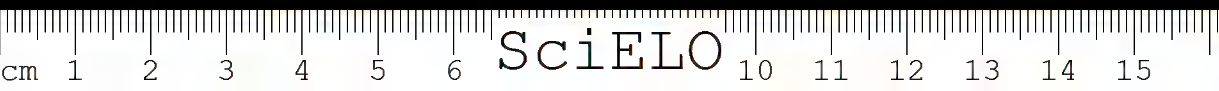
Os generos novos são *Atactomina. Froutocuephalia, Beskiocephala, Formicomyia, Microgymnomma, Chrysometopiops, Chrysosturmia, Macrojurinia e Cylindrophasia.* As especies e subespecies novas são em numero de dez conforme a lista que segue:

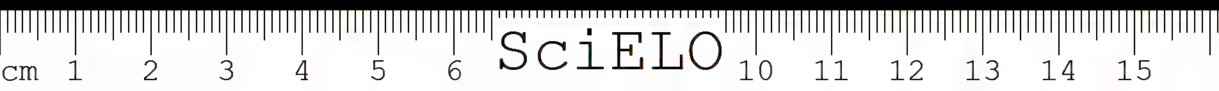
Euloewia ochreicornis n. sp. Chapada.
Atactomima crescentis n. sp. Chapada.
Frontocnephalia. angusta n. sp. Santarem.
Beskiocephala flava n. sp. Chapada.
Formicomyia ovata n. sp. Chapada.
Microgymnomma orbitalis n. sp. Chapada.
Chrysometopiops smithii n. sp. Chapada.
Chrysosturmia orbitalis n. sp. Chapada.
Chrysoexorista viridis T. angustifrons n. subsp.
Macromeigenia aurea n. sp.

A. H.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

NEUROPTEROS




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

NEUROPTEROS

NAVA'S (L.) S. J. *Neuropteros Sudamericanos.* Primeira Serie. Broteria, Serie Zoologica, vol. XII, fasc. I e III, 1914, pag. 46 - 234. Com 11 figuras no texto.

O autor bem conhecido nos dominios da Neuropterologia, descreve 9 novos generos da fauna sulamericana, entre elles 6 brasileiros e 28 novas especies dos quaes 13 brasileiras das familias *Ascatophidae. Myrmeteonidae, Chrysopidae, Hemerobiidae e Mantispidae.* Novidades para o brasil ;

Fam. *Myrmeleonidae :*

Dimares erythrostigma sp. n. Brasil, Soledade, pag. 47.

Ameromyia hirsuta sp. n. Rio Grande do Sul, pag. 50.

Ameronyia Stevensi sp. n. Amazonas, pag. 51.

Ameronyia pentheri sp. n. Santa Rita, pag. 52.

Foya gen. n., pag. 53, *trapezia* sp. n. Brasil, pag. 54.

Moaeyus gen. n., pag. 217, *brasiliensis* sp. n. Brasil, pag. 55.

Corrêa gen. n., pag. *expansus* sp. n. Amazonas, pag. 218.

Sosa gen. n. pag. 218, *conspicuus* sp. n. Brasil, pag. 219.

Diazus gen. n. pag. 220, *clavatus* sp. n. Amazonas, pag. 221.

Fam. *Mantispidae :*

Mantispa pallescens sp. n. Villa Nova, pg. 229.

Mantispa trilineata sp. n. Castro (Paraná), pag. 230.

Mantispella flavescens sp. n. Santarem (Pará), pag. 231.

Nobreza gen. n., pag. 253, *tinctus* sp. n. Brasil, pg. 253.

H. L.

R. P. LONGINOS NAVA'S, S. J. Algunos insectos de La Republica Argentina *Revista de la Real Academia de Ciencias Exactas, Fisicas y Naturales* de Madrid. Tomo XVI, 1.º de la 2.ª Serie, nos. 10, 11 y 12. mayo y junio de 1918.

Neste artigo em que o illustre neuropterologo descreve numerosas formas novas, cria os generos *Ledoscius*, cujo typo é *L. penningtoni* (familia Mirmeleónidos) *Isocentropus* para *I. lutzinus* (familia Limnophilidos).

A. de E. T.

BRUCH, (C). *Desarrollo de Chrysopa lanata Banks*. Physis, T. III, 1917, pag. 361 - 369. Com figuras no texto.

Historia do desenvolvimento deste insecto, que tambem vive no Brasil.

H. L.

NAVA'S, S. J. (P.º LONGINOS). *Ascalafidos Sudamericanos*. Extracto de la Rev. Chilena de Histor. Nat. Anno XVII, 1913, pag. 41 - 74.

Trabalho systematico da familia *Ascalaphidae* da America do Sul. Um trabalho, que merece ser louvado e adquirirá indubitavelmente novos amigos aos *Neuropteros* sulamericanos, até agora bem descuidados. Descrevem-se 49 especies (mais da metade brasileiras). Foram estabelecidas duas novas tribus da secção *Holophtalma*: Tribu *Episperquina* pag. 43 e *Neuroptingina*, pag. 43. Novas especies brasileiras não se descrevem ahi.

H. L.

R. P. LONGINOS NAVA'S, S. J.. *Neurópteros nuevos o poco conocidos. Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona.*

O incansavel e eminente neuropterologo que é o Rev. P.º Navás continuamente fornece contribuição para as numerosas revistas em que collabora, quer

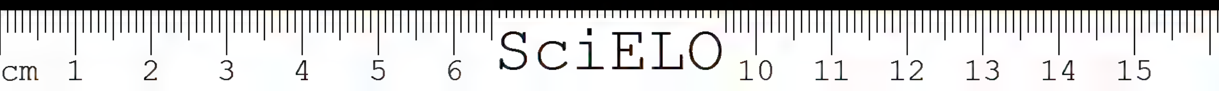
nas de Hespanha quer na *Broteria* ou nas *Memorie della Pontificia Academia Romana dei Nuovi Lincei*, por exemplo. Occorre-nos agora passar os olhos sobre as dez series que se subordinam ao titulo que é a epigraphe desta noticia, verificando que o illustre entomologo determinou muito numerosas fórmas novas provenientes dos quatro cantos do mundo. A fauna brasileira é que nellas se acha fracamente representada provavelmente por falta de material enviado ao sabio zoologo. Verificámos ao mesmo tempo quanto recebe contribuições de solicitos correspondentes dos cimos do Himalaya aos tremedaes do Chaco argentino, do Ural ao deserto Lybico. Na sua quinta memoria assignala as seguintes fórmas novas colleccionadas na Guyana franceza e provavelmente occurrentes no Brasil *Leucochrysa maronica* (*Crisopidae*) e *Formicaleo bipunctatus* (*Mirmeleonidae*).

A. de E. T.

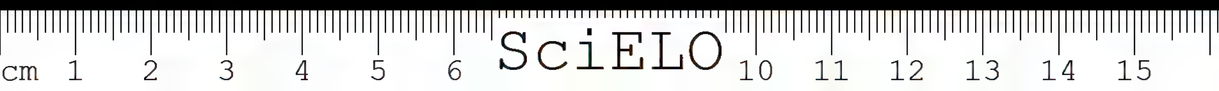
Neuroptera nova americana pelo R. P.e Longinos Navás, S. J., Roma, 1916. *Memoria della Pontificia Academia Romana.* Serie II, vol. II.

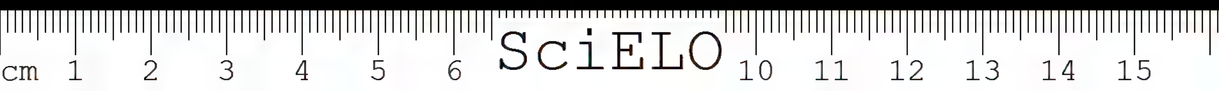
Das desenove novas fórmas ahi descriptas pelo notavel neuropterologo hespanhol diversas cabem ao Brasil. Entre as *Libellulidae*: *Macrothemis valida* colleccionada em Rio Pedro (?), nas *Ephemeridae*: *Callibactis sobrius* apanhada em São Paulo. Revendo o material do Museu Paulista nelle achou o A. *Cynacantha limai*, apanhada pelo nosso taxidermista sr. Lima, em Itatiba. (*Aeshnidae*) e *Ophippus garbei* colleccionada na Franca pelo snr. Garbe para a qual estabeleceu o genero novo *Ophippus* visinho de *Macrhotenidi*, Hag e *Gymnothenidi*. São ambos as especies novas das *Libellulidae*. Nesta mesma familia cria o A. os seguintes generos novos: *Nadiplax*, visinho de *Erythrodiplacius* Bran. e cujo typo é *N. diversa* de Santa Catharina e *Cendra* (semelhante a *Brechmorrhogae*, Krb.) cujo typo vem a ser *C. cearana*, colleccienado por D. da Rocha, do Ceará.

A. de E. T.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

HYMENOPTEROS





HYMENOPTEROS

BERTONI, ARNOLDO DE W.. *Notas entomologicas (Biologicas e Sistematicas).* Anales cientificos paraguaios, serie II, n. 5.

Neste artigo descreve o incansavel e distincto naturalista os ninhos de sete hymenopteros apoideos dentre os quaes o da nova especie por elle determinada *Osiris paraguayensis.*

Entre os hymenopteros vespoideos tambem observados, sobretudo sob o ponto de vista da nidificação, assignala o A. duas novas subespecies e variedade: *Stenancistrocerus herbertii terebratos* e *Polistes obscurus simulans.*

Neste mesmo artigo trata o A. das galerias de um coleoptero cerambycido xylophago: o *Acrocinus longimanus,* parasita de varias arvores, cuja morte causa; trata ainda de um hemiptero homoptero a *Fulgora lucifera* commum no Rio Grande do Sul e cuja parecença com a jatirana boia (*F. laternaria*) se limita á côr. Sobre este fulgorideo não conseguiu o A. notar a famosa phosphorescencia annunciada por Madame Merian como propria das jatiranas da Guyana e valeram ao animal o appellido lineano.

Como se sabe, hoje esta phosphorescencia é devida á presença de certos fungos invisiveis que ás vezes, se encontram tambem sobre as aves. As mesmas patranhas que no Brasil repete o povo sobre o papel aggressivo e perigoso dos inoffensivos fulgorideos existentes no Paraguay, diz o A.. Devem elles a sua pessima reputação á estrambotice de suas fórmas, especialmente do appendice que parece ser uma cabeça de reptil.

Ainda no mesmo artigo trata o A. de uma curiosidade; do «insecto que faz chover» e que designa

sob o nome provisorio de *Aprophora distanti* e é tambem um hemiptero homoptero.

A agua que cahe do alto das arvores provem da seiva de que se apropriam as larvas.

Terminando as suas curiosas *Notas Entomologicas* chama com insistencia o A. a attenção dos naturalistas para que não empreguem o cyanureto de potassio afim de matarem os insectos, visto como a sua applicação determina uma serie de cambiantes summamente prejudiciaes aos elementos da coloração natural dos animaes por elle envenenados.

A. de E. T.

BERTONI, Arnoldo de Winkelried. *Contribucion al conocimiento de los Tetralonias sudamericanas* (Hym): Anales Cientificos paraguayos, serie II, n. 3.

Grande é a variabilidade do genero de abelhas chamadas *Tetralonia* cujas subdivisões são pouco admittidas, graças a differença observada no numero de articulos dos palpos maxilares não só na especie como até sobre o mesmo individuo. Nada tambem mais cambiante que a sua côr. Acha o A. indispensavel o exame dos palpos para a determinação exacta das especies. O presente artigo é o fructo da manipulação de material do A. e de outro vindo do Museu Goeldi e da Argentina. Divide-o em cinco partes em que revista 40 especies, assim subdivididas: Especies de seis palmos articulados, de cinco articulados; de quatro palpos maxilares articulados e de tres palpos maxilares articulados, e de dous palpos articulados. Assignala na segunda categoria uma nova especie *Tetralonia hubrichi;* na terceira duas *Mellissodes adolphi* e *M. chacoensis* e na quinta uma *M: Linnei.*

A. de E. T.

BERTONI, Arnoldo de W.. *Contribucion al conocimiento de los Himenopteros diplópteros americanos. (Especies y nidos nuevos o poco conocidos).* Anales Cientificos Paraguaios. Serie II, n. 5, p. 184.

Não só descreve o A. neste artigo numerosos ninhos novos de grande quantidade de especies como assignala varias especies e variedades novas, a que deu os seguintes nomes *(Eumenidae).*

Entre as primeiras, dose : *Montezumia brethesi, Monobia schrottkyi, Monobia aurata, Parazumia paranaensis, Nortonia difficilis, Nortonia duckei, Nortonia guaranetica, Odynerus mimeticus, O. (stenancistrocerus) anomalicornis, Odynerus (Stenancistrocerus) giacomellii, Stenodynerus mondaiensis* e *Stenodynerus auratoides*. As variações apontadas pelo A. são *Ancistrocerus pilosus* Strauss, var. *ecuadorianus* e *Ancistrocerus conjunctus paranaensis*.

A. de E. T.

BERTONI, Arnoldo de W. *Catálogo de los Véspidos sociales y solitarios del Paraguay.* Anales Cientificos Paraguaios. Serie II, n. 5, p. 203.

Nesta lista se mencionam 42 vespideos, 122 eumenideos e 3 masarideos. Entre os primeiros 4 determinados por Ducke e 2 por R. v. Ihering. Entre os eumenideos abundam as determinações de Brethes (nada menos de 32) e numerosas tambem do A. (12), Fox (24), etc..

A. de E. T.

E. BOUVIER. *Sur la nidification du Polybtoides tabida, Fabr. (Hymen. Vespidae)*—Anno de 1918. N. 20. *Bulletin de la Société Entomologique de France.*

Analysando uma obra de J. Becquart sobre as vespas solitarias e sociaes do Congo Belga nota o illustre entomologo do Museum as similitudes do ninho da *Polycioides tabida*, Fabr. com o da *Synoeca irina*, Spin notavel vespideo assignalado pelo nosso eminente collaborador Dr. Adolpho Ducke. O ninho da nossa *Synoeca* é tido com uma maravilha da intelligencia dos hymenopteros. R. du Buysson descrevendo um ninho de *Polybioides* procedente do Camerun acha-o diverso do outro e unico ninho conhecido do véspideo congolez, aquelle que Becquart analysou. Entende Bouvier que esta divergencia, dado o valor de ambos os naturalistas provem talvez de algum engano do informante do autor belga. « A questão, acha o entomologo francez, apresenta sob o ponto de vista psychico, grande importancia. Estabelecendo cellulas sobre as duas faces de um compartimento fragmentario de seu ninho (este compartimento anormal desimpedido sobre duas faces e munido, em cada uma dellas, de uma fieira de alveolos), construindo

taes cellulas os vespideos brasileiros economisaram tempo, espaço, material e além de tudo deram flagrante prova de discernimento. A mesma observação cabe á colonia de *Polybioides tabida* estudada por Becquart se è exacto que as obreiras desta colonia edificam alveolos sobre as duas faces dos raios centraes.

Neste caso o acto intelligente não se tornou ainda um instincto especifico pois não se reproduz no vespideo do Museu de Pariz. Entre as abelhas (Apis) pelo contrario mostra-se puramente instinctivo e caracterisa todas as especies do genero.

As abelhas, sem duvida, não tem laço genetico directo com as vespas sociaes; deve se crer, porém, que entre ellas como entre estas ultimas, o phenomeno instructivo começou por uma utilisação melhor, isto é intelligente, dos materiaes empregados na edificação do ninho ».

A. de E. T.

BRUCH, CARLOS. *Artigos diversos*, Revista del Museo de la Plata, tomo XIX, segunda párte, segunda serie, tomo VI, 1915.

Como os outros volumes d'esta importante revista a presente tambem offerece muitas contribuições interessantissimas e de alto valor scientifico sendo todas da lavra do sabio entomologo snr. Carlos Bruch.

O autor de paginas 211 até 234 publica um catalogo systematico das formigas argentinas com um supplemento na pagina 527, enumerando 45 generos e 353 especies, subespecies e variedades

Em continuação das publicações do tomo XVII, que trazia as parte I, IV e V, e do tomo XVIII com a parte VIII, no presente volume o snr. Bruch offerece as partes II, III, VI VII,, IX do seu apreciado « Catálogo sistematico de los coleópteros de la Republica Argentina » fornecendo alem disto tambem um supplemento conseguindo assim enumerar o total de 1328 generos, 136 subgeneros, 4115 especies e 97 subespecies e variedades.

Assim a Republica visinha está na feliz posse de um catalogo systematico dos coleopteros de seu territorio o qual, mesmo incompleto ainda, que forçosamente será, é de grande utilidade e de alto valor scientifico. Infelizmente no Brasil não ha ainda obra semelhante e a grande extensão de seu territorio

assim como a exploração incompleta das regiões mais afastadas junto á extraordinaria quantidade de especies difficulta summamente semelhante projecto. Para certos grupos e mesmo familias não estariamos tão longe de realizar um catalogo analogo, e si os amigos das sciencias naturaes e os admiradores da linda e interessantissima fauna brasileira quizessem ajudar-nos um pouco, enviando material de insectos ao Museu Paulista, com o notavel enriquecimento das collecções favoreceriam sensivelmente o projecto, de criar um catalogo tão necessario senão indispensavel.

Uma grande surpreza scientifica o incansavel entomologo, snr. Bruch, offerece-a com a descripção a paginas 340/5 d'um cerambycideo ou longicornio novo e extraordinario da Republica Argentina. Trata-se do novo genero « *Pleiarthrocerus* » com a nova especie « *P. opacus* ». Este longicornio, descoberto na provincia de Tucuman, mostra muitas particularidades proprias ás especies da subfamilia « *Prioninae* », mas devido a forma das coxas anteriores não pode ser admittido a mesma e deve ser incorporada a subfamilia « *Cerambycinae* ».

O lugar systematico para a classificação de Lacordaire ainda não se podia determinar por causa dos consideraveis caracteres heterogeneos, que este insecto offerece. Cinco figuras bem nitidas e demonstrativas acompanham as descripções.

« Cóntribución al conocimiento de los « Bethylidae » argentinos y descripción de una nueva especie » é o titulo d'uma outra e bella contribuição publicada a paginas 442/6. Estes hymenopteros do interessante grupo « Proctotrupida », cujas ♀♀ frequentemente são apteras e então munidas das typicas pernas anteriores dos insectos de rapina, na Argentina são pouco numerosos, enumerando o autor 5 generos e 7 especies incluindo a nova especie *Gonatopus carettei* de Bruch, da qual o autor fornece quatro excellentes figuras. Todos estes insectos são de tamanho muito reduzido a especie nova por exemplo mede apenas 3 mm. no comprimento e seu estudo ja por causa disto offerece bastante difficuldade. De algumas especies, pertencentes a este grupo conhece-se a biologia, sabendo que a sua larva vive como parasita nos ovos de diversos lepidopteros, heteropte-

ros e arachnoideos e seria de alto interesse, conhecer tambem a biologia das especies brasileiras.

Finalmente neste volume o snr. Bruch trata de « Nuevas Especies de Coleópteros Hidrofílidos » que occupam as paginas 447-470.

Como aconteceu na Argentina tambem na nossa terra os coleopteros aquaticos para não dizer todos os insectos hydrophilos poucos apreciadores teem e é mais que provavel, caso que alguem, como o snr. Bruch fez, se dedicasse á exploração das nossas aguas etc. facilmente tambem poderia juntar um material precioso e muitas novidades scientificas. Mas a inapreciavel vantagem, que o snr. Bruch teve, é que o grande especialista, dr. Régimbart, ainda estudou aquelle material; qualquer explorador nosso não poderá com elle contar mais. visto como aquelle celebre especialista infelizmente já morreu.

E' de 25 o numero das especies novas apresentadas e figuradas e como o total das especies conhecidas hoje das Hydrophilidae da Republica visinha é de 75, repartidas por entre 21 generos, esta contribuição demonstra a maneira efficaz e feliz com que o autor contribuiu para o conhecimento d'esta materia.

J. M.

BRUCH, Carlos, *Insectos Mirmecófilos*. Physis, T III, 1917, pgs., 141-149.

São os seguintes: *Sclerodermus iridomyrmicicola n. sp. (Bethylidae, Hymenopt)* no ninho de *Iridomyrmex humilis Mayr*. pag. 141; *Pseudobrachium solenopsidicola n. sp.* (Bethylidaé), no ninho de *Solenopsis saevissima* Sm. var. *tricuspis* Fer. pag. 143 e *Neoblissus parasitaster* Bergr, (*Lygaeidae Hemiptera*), no ninho da mesma especie pag. 147. Taes formigas tambem occorrem no Brasil.

H. L.

BRUCH. Carlos. *Costumbres y nidos de hormigas*. Ann. Soc. Cientif. Argent. 1917. Com figuras no texto e div. tabulas.

Parte I. T. LXXXIII. pag. 302-316; Parte II, T. LXXXIV, pag. 154-168.

Como sempre nos trabalhos do Sr. Carlos Bruch, as interessantes observações e descripções de ninhos,

são acompanhadas de estampas excellentes. capazes de dar perfeita ideia das respectivas nidificações das formigas. Entre as especies tratadas, as seguintes; *Acromyrmex lobicornis* Em. van. *pencoscnsis* For. cujo typo ainda vive no Rio Grande do Sul, pag 314, são as que nos interessam. Alem d'ellas *Solenopsis saevissima* Sm. var. *tricuspis* For. pag. 162 e *Camponotus (Myrmoturba) punctulatus* Mayr. var. *imberbis* Em, 165; cujos typos tembem pertencem ao Brasil.

H. L.

BRUCH, C. *Hirmoneura exotica Wied.* (*Diptera*), *Hormigas de Catamarca e Insectos mirmecofilos*. Physis, T. III, 1917, pag. 427-430 y 458. Com figuras no texto.

O fasciculo contem, alem da biologia da nossa *Hirmoneura exotica* pag. 3 a enumeração das formigas de Catamarca (Arg.), tambem uma lista dos insectos, que vivem no lugar referido nos ninhos da formiga *Solenopsis saevissima* Sm. São mais do que 30 e pertencem as seguintes familias: *Carabidae*, *Staphylinidae*, *Pselaphidae*, *Scydmaenidae e Anthicidae* (*Coleoptera*); *Bethylidae* (*Hymenopetera*) e, finalmente *Lygaeidae* (*Hemiptera*).

H. L.

BRUCH, C., *Contribucion al estudio de las Hormigas de la Provincia de San Luis* (Argentina). Rev. Mus. La Plata, T. XXIII (2.ª Serie) T. X, 1916 pag. 291 est.

Com figura textuaes e 12 excelles tabulas de photographias, das quaes as sete primeiras representam ninhos de formigas. O trabalho contem div. especies, que occorrem tambem em nosso paiz.

H. L.

BRUCH, CARLOS, *Catálogo systematico de los Formicidos Argentinos*. Rev. Mus. La Plata, T. XIX (segunda serie) T. VI 1914 pag. 211-234.

Idem, segunda parte (segundo serie) T. VI 1915 pag. 527.537. Supplemento.

Segundo este catálago conhecem-se 43 generos e 353 especies, subspecies e variedades das formigas argentinas, para cujo conhecimento, o autor, em grande parte contribuiu.

H. L.

BRUCH C., *Nuevos huéspedes de hormiga procedentes de Córdoba*. Physis T. IV, 1918 pag. 186-195.

O autor descobriu no ninho de *Solenopsis saevissima* Sm. var Mac Donaghi For., uma nova especie da Fam. *Staphylinidae Myrmecosaurus vagans* pag. 4; no ninho de *Camponotus rufipes* F. var *magnifica* For., uma nova especie da Fam. *Pselaphydae arhytodes myrmecophylus* pag. 7 e da Fam. *Silphidae acanthocatops* n. gen. pag. 10 *formicetorum* n. sp. pag. 11. Os typos destas formigas occorrem tambem no Brasil.

H. L.

BRUCH, C., *Nidificacion em Formicidos, Miscelláneas coleopterologicas e Crustaceas de San Luis*. Physis T. II, 1916 pgs. 428-456- e 462. Com figuras no texto.

O bem conhecido entomologo, descreve atém de algumas notas biologicas etc. de material da Argentina, uma deformação de *Trachyderes variegatus Perty*, (Cerambycidae) pag. 422, especie que tambem se encontra em nosso paiz; a antenna direita mostra 2 appendices de 2 articulos, nascendo no fim do 1. articular e tendo cerca de 2/3 do comprimento inteiro do órgam de resto formado quasi normal. Mais um cruzamento de *Poecilaspis macuraria* Boh., com *P. angulata* Suér. (*Chrysomelidae*). das quaes a ultima tambem é uma especie brrsileira.

H. L.

T. D. A. COCKERELL. *New and litle Known americanblees. The Canadian entomologist, vol, LI, n. 2.*

Assignala o snr. Cockerell o reputado entomologo cujas excellentes memorias honram diversos tomos de nossa *Revista* dous nossos hymenopteros um proveniente da nossa Amazonia o *Coelioxys nigrofimbriata* apanhada em Manaus e outro *Stelis aliena* procedente de São Bernardin. Paraguay certamente specimen da nossa fauna tambem.

O primeiro aproxima-se da *C. amazonica* mencionada por Schrottky mas é menor e apparentemente menos densamente ponteado na ponta superior do thorax. Como Schrottky omitte referencias aos mais frisantes caracteres abdominaes é que presumivelmente se trata de uma forma nova.

No catalogo de Holmberg e Friese assemelha se o *C. remissa* Holmberg, de que differe pela esculptura do abdomen.

Quanto a *Stelis aliena* sua importancia provem de que é o primeiro *Stelis* identificado na America do Sul pela sua parescença com as especies de *Dianthidium* da mesma região geral parece possivel que represente um desenvolvimento independente não proveniente de *Stelis* no hemispherio septentrional.

A *Dianthidium nudum* de Schrottky parece ser congenerica e pode ser chamada *Stelis nuda*.

A. de E. T.

C. EMERY. *Bulletin de la Société Entomologique de France, 1919, n. 2.* Sur le genre *Tranopelta* et sur le type du genre *Cremastogaster* (Hym, Formicidae).

Na primeira parte do seu artigo affirma o illustre entomologo bolonhez que a seu ver pertence ao genero *Tranopelta* a formiga subterranea da nossa Amazonia que W, Mann entende de ser filiada ao sub genero *Mitara* do genero *Monomorium* Já Forel collocara neste genero uma outra formiga nossa *M. heyeri* assignalandolhe depois o lugar no genero *Tranopelta*. Entende Emery que do genero existem quatro formas especificas e sub especificas. *T. gilva* Mayer (1866) da America Central Columbia Amazonia. *T. amblyops* Emery (1894) de Matto Grosso e do Paraguay *T heyeri* For (1901) do Rio Grande do Sul e *T. huberi* For (1907 (? *subterranea* Mann 1916) da bacia do Amazonas.

A segunda parte do artigo do Prof. Emery trata da controversia sobre o typo do genero *Crematogaster* fundado pelo illustre Lund em 1831 na sua carta a Audouin sobre as formigas do Brasil.

Combate o dr. Emery as opiniões de eminentes myrmecologos como Santschi Wheeler Brigham. Propõe como typo *C. Acutae* F. contra *C. scutellaris*, Ol Assim quer o A. que o subgenero *Eucrema* Santschi seja typico tem portanto o nome de *Crematogaster* Lund visto como o typo advogado por Santschi não comprehende nenhuma especie da America meridional D'ahi uma serie de modificações que no dizer do A. se impõem á systematica.

A. de E. T.

EMERY, C. *Hymenoptera, Fam. Formicidae.* Em P. Wytsman. Genera Insectorum.

Subfamilia *Dorylinae.* Fasc. 102, 1909 pag. 1 34. Com uma tabula e diversas figras no texto. Sub familia *Ponerinae* Fas. 119, 1910 pag. 1-116. Com 3 tabulas. Subfam. *Dolichoderinae* Fasc. 137, 1911 pag. 1-49. Com duas tabulas.

Trabalho analytico deste 3 subfam. vide P. Wytsman «Genera Insectorum».

H. L.

FOREL, A *Die Ameisen des K. Zoolog. Museums in München.* K. Bayr. Akad. Wissensch. Mathemat. physikat. Klasse, 1911 pag. 249-303 « Formicidae ».

Novidades para o Brazil : *Strumigenys batesi* Amazonas pag. 264 *Pseudomyrma ethica* Amazona. pag. 280 e *Pseud. simoides* Amaz. pag. 281 Além disto enumeração de diversas especies ja conhêcidas.

H L.

FOREL, A. *Formicides d'Afrique et d'Amériques* Bul. Soc. Vand. Sc. Nat. 50, 1915, pgs. 336-364.

Além de diversas descripções novas, na maior parte da Argentina, o fasciculo contem tambem uma nova especie brazileira pag. 359 do genero *Asteca,* que foi dedicado ao Snr. Dr. H. von Ihering Hab. S. Paulo

H. L.

GALLARDO, Angel. *Las hormigas de la Republica Argentina:* subfam. *Dolichoderinas.* An. Mus. Nac. Hist. Nat. Buenos Aires. T. XXVIII, 1916, pag. 1-10. Com muitas figuras no texto.

Uma obra bem detalhada, em que são descriptos todos os *Dolichoderinos* da R. Argentina, dos quaes diversos tambem pertencem á fauna brasileira.

H. L.

GIRAULT, A Arsène. *A systematic monograph of the chalcidoid hymenoptera of the subfamily signiphorinae.* Proceedings of the United States National

Museum, vol. 45, pgs. 189 - 233. Washington. 1913.

Importante trabalho deste grupo de pequenos parasitas hymenopteros no qual o autor, depois de dar uma discussão critica e historica bem como a sua distribuição geographica, descreve os seus habitos, dá uma lista dos insectos hospedeiros conhecidos, e redescripções e descripções das formas novas, de 27 especies todas do genero *Signiphora*.

Do Brasil são registradas *Signiphora noacki* Ashm, de S. Paulo, parasitica em *Psylla* s.f. *Signiphora rhizococci* Ashm, de Bello Horizonte, Minas Geraes, parasitica em *Rhizococcus* sp., *Signiphora coquilletti* Ashm, de Campinas, S. Paulo. parasitica em *Orthezia* sp., e *Signiphora hyalinifennis* n. sp., de São Paulo, parasitica em *Capulinia jaboticabae* v. Ihering.

O trabalho tem minuciosas tabellas para distinguir os seis grupos componentes deste genero, do qual a maioria dos seus membros são parasiticas em Coccidas, e por conseguinte, de grande utilidade e valor em combater estas pragas da lavoira.

A. H.

SANTSCHI, (F). *Formicides Sudaméricains, nouveaux ou peu connus*. Physis II, 1916, pag. 365 - 399. Com 16 figuras no texto.

Contem listas de especies já conhecidas, pag. 380, uma chave pag. para determinar as variedades de *Solenopsis saevissima* Sm., á qual tambem pertence a brasileira *Sol. pylades For.*; uma outra chave pag. 386, para as variedades de *Acromyrmex lundi* Guér., como tambem descripções de div. especies e variedades novas, na sua maior parte da Argentina. Para a fauna brasileira toma em consideração : *Solenopsis saevissima Sm. var. morosa*, de Blumenau (St. Cath.) pag. 380.

H. L.

SANTSCHI, (F). *Quelqves Fourmis de l'Amerique australe.* Revue Suisse de Zoolog. Ann de la Soc. Zoolog. Suisse e du Mus. d'histoire Nat. Genève. Vol. 20, n. 10, pag. 519 --534, 1912.

Descripção de novas formigas do Uruguay, Argentina e Guyana. Do Brasil só descreve especies já conhecidas.

H L.

STITZ. (H). *Ameisen aus Brasilien, gesammelt von Ule* Deutsche Entomol. Zeitsahr. 1915, pag. 207 - 212. Com 3 figuras no texto. (Formicidae).

Para o Brasil foram descriptas as seguintes novas especies: *Cryptocerus cordiae* pag. 207, *Pseudomyrma picta* pag. 209, e *Pseudomyrma sericea Mayr*. var. *rubiginosa* va. n. pag. 211, todas do Alto Acre.

H. L.

VIERECK, Henry L. *Descriptions of twenty-three new genera and thrirty one new species of Ichneumonflies.* Proceedings of the United States National Museum, vol. 47. pgs. 359 - 386. Washington, 1914.

Um trabalho taxonomico baseado sobre o estudo de material quasi todo proveniente da America do Sul. Como novas e pertencentes á fauna do Brasil foram descriptas as seguintes especies da familia *Braconidae :*

Chelsnus (chelonella) Szepligetii n. sp. Pernambuco.

Cyanopterus diversus n. sp. Bahia.

Phanerotoma straminea n. sp. Igaripe, Brasil.

Afanteles (protapanteles) iglesiasi n. sp. São Paulo.

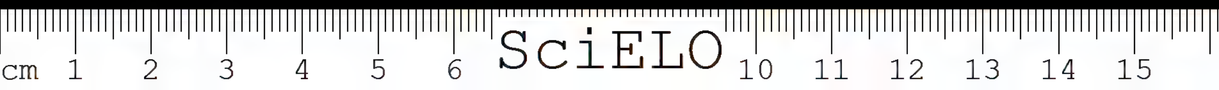
A. H.

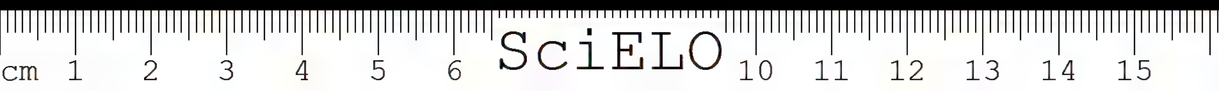
WHEELER, (William Morton). *Two nev Genera of Myrmicine Ants from Brasil.* Bull. Mus. Comparat. Zoölogy Harvard Colledge. vol. LIX, n. 7, 1915, pag. 483 - 491. Com 2 figuras. (Formicidae).

Os novos generos são : *Blepharidatta* com *brasiliensis* sp. n. e *Glamyvomyrmex* com *beebei* sp. n. Ambas do Pará. A primeira especie pertence á tribu *Attini*, a outra á tribu *Dacetonini* ; ambas são formas muito simples. Alem d'isto o trabalho contem uma lista de algumas especies já conhecidas do Pará.

H. L.

LEPIDOPTEROS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

LEPIDOPTEROS

BERTONI, (ARNOLDO DE W). *Um nuevo esfingido argentino.* Anales Cientificos paraguayos serie II, n. 3, pags. 209.

Neste artigo dá o A. a diagnose do insecto que lhe parece ser uma especie nova parecida com *Proterosphex argentinus* e a que denominou *P. schrottkyi*, em honra ao seu genro o nosso distincto collaborador e ex-naturalista o Sr. Curt Schrottky. Declara o Sr. Bertoni, porém, que não se atreve a dizer a ultima palavra a respeito da nova forma, acompanhando-o nesta reserva o Sr. Schrottky.

A. de E. T.

DYAR, HARRISON G. *The Notuid moths of the genera Palindia and Dyomyx.* Proceedings of the United States National Museum, vol. 47, pgs. 95 - 116. Washington, 1915.

O autor dá os signaes distinctivos dos membros destes generos, referindo-se a 103 especies do genero *Eulepidotis*, nome que por antiguidade deve substituir *Palindia* e a 20 especies de *Dyomix*, discute as relações destes generos, dá chaves synopticas para separar as diversas especies dos generos. e descreve 17 especies novas, inclusive as seguintes pertecnentes á fauna brasileira :

Eulepidotis croceipars n. sp. Rio de Janeiro.
Eulepidotis fortissima n. sp. Rio de Janeiro.
Eulepidotis microlenca n. sp. Rio de Janeiro.

A. H.

DYAR, HARRISON G. *Descriptions of new lepidoptera, chiefly from Mexico.* Proceedings of the United

States National *Museum*, vol. 44, pgs. 279 - 324. Washington, 1913.

Um estudo taxonomico no qual são registradas 117 especies, uma subspecie e 6 generos todos novos, dos quaes *Eriopiga ultimella* n. sp. de Castro, Paraná, *Hypenopsis macula* Druce de São Paulo e Castro, Paraná, fazem parte da fauna brasileira.

A. H.

DYAR, Harrison G. *Descriptions of the new specie of saturnian moths in the collection of the United States National Museum*. Proceedings of the United States National Museum, vol. 44, pgs. 121 - 134. Washington, 1913.

Neste trabalho são registradas as descripções de trinta novas especies de lepidopteras todas do genero *Hylesia* Hübner, pertencentes á familia Saturnüdae, e tambem está apresentada uma chave para a separação de todas as especies do referido genero. Como pertencentes á fauna brasileira são assignaladas as seguintes especies :

Hylesia approximans Walker, *Hylesia oratex* n. sp. Rio de Janeiro.

Novo Friburgo, Castro, Paraná, *Hylesia orcifex* n. sp. Rio de Janeiro.

Hylesia remex n. sp. Rio de Janeiro, *Hylesia livex* n. sp. Rio de Janeiro.

Hylesia vindex n. sp. Rio de Janeiro, *Hylesia solvex* n. sp. Rio Grande do Sul.

A. H.

HAMPSON, barão sir George F. *Sobre generos novos e especies de Lepidopteros Phalaenae, com os caracteres de duas familias novas.* Novitates Zoologicae. Vol. XXVI. N. II, Janeiro de 1920, ps. 253-282.

Entre as muitas especies novas descriptas de diversas regiões do mundo, encontra-se a *Pycnoctena mellaenella*, n. sp. de Minas Geraes, pertencente á subfamilia *Zygaeninae*.

A. H.

KAYE, W. J. *Uma tabella geographica para mostrar a distribuição dos Papilios americanos.* Novitates

Zoologicae, XXVI, n. II, Janeiro de 1920, p. 320-355.

A presente tabella é baseada sobre a « Revista dos Papilios Americanos », de Rothschild e Jordan, e foi apresentada para chamar a attenção dos naturalistas ás faltas existentes. O Brasil foi dividido em quatro areas geographicas: viz o Sul do Brasil, comprehendendo os Estados do Rio Grande, Santa Catharina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro; o Central do Brasil, comprehendendo os Estados de Goyaz e Matto Grosso; o Nordeste do Brasil, comprehendendo os Estados da Bahia e Ceará; e a região amazonica, reunida á de Venezuela e Guyana. Do Estado de São Paulo são conhecidas 28 especies deste genero, mas da Bahia e Ceará apenas 10 especies, e de outros Estados, como Pernambuco, Piauhy, Minas Geraes, poucas especies são conhecidas, offerecendo aos naturalistas um vasto campo para estudos e explorações.

A. H.

MOSS, REV. A. MILES. *Os Papilios do Pará.* Novitates Zoologicae, XXVI, Janeiro de 1920, n. II, ps. 295-319.

A fáuna amazonica é rica em lepidopteros e outros insectos, alegrando o coração do naturalista enthusiasta. Nos arredores do Pará foram capturadas 22 especies de *Papilios*, sendo conhecidos o cyclo biologico de 18 dellas, fructo de sete annos de estudos e pesquisas continuos. Uma valiosa contribuição á biologia deste interessante genero, com notas abundantes e tres magnificas estampas em trichromia, illustrando os estados immaturos das 18 especies observadas e estudadas.

A. H.

Novitates Zoologicae; vol. XXV, fasc. II. Num artigo de sir. George F. Hampson sobre « Pequenas familias de lepidopteros não incluidas na chave das familias no catalogo *Lepidopterophalaenae* », refere-se este distincto naturalista a duas borboletas brasileiras não mencionadas ainda como no genero *Sematura* das *Sematuridae*: *Sematura brunus*, *Sematura empedocles*, da Amazonia, *Sematura diana*, do Rio Grande do

Sul; no genero *Coronidia: C. erecta, C. orithea, C. canace, C. leachi.*

Ao artigo se segue uma lista das familias e subfamilias dos lepidopteros e uma chave de familiae.

Numa pequena memoria tambem sobre os lepidopteros da familia *Dioptidae,* Louis B. Prout, revendo o material do Tring Museum da collecção Joicey aponta um systema provisorio de classificação por elle adoptado que apresenta numerosos generos brasileiros como *Phacocloena*, *Myonia*, *Oricia*, *Scotura*, *Polypoetes*, *Dioptis*, *Brachyglena*, *Josia*, etc.

A. de E. T.

Novitates Zoologicae; vol. XXV, fasc. I. Revendo as *Zerynthiinae* do Tring Museum, aponta Lord Rothschild neste volume da sua revista especies que devem pertencer á nossa fauna sulmattogrossense como *Euryades duponcheli.*

No seu artigo *New species and forms of geometridae* Luiz B. Prout aponta especies da região amazonica e da zona guyanense como *Oospila florepicta* da subfamilia Hemittheinae; *Tricentra arctidisca* e *Tricentra gibbimargo T. amibo mena;* da subfam. *Sterrhinae Semaeopus offlexa. S. hoffmansi* da mesma subfam. borboletas do rio Madeira; *Eumacrodes euthysticta,* da Tijuca e Serra dos Orgãos, creando o genero *Lipotaxia* para lepidopteros achados em Fonte Boa á margem do Solimões.

No mesmo tomo Sir George Hampson descreve a *Chrycostola aurantivena,* especie nova da familia *Amatidae,* barboleta amazonense.

Nas *Noctuidae* aponta o eminente lepidopterologo entre as *zenobianae* umas especies novas brazileiras. *Rhyncholita diaparas* de Castro, Paraná, nas *erastrianae Phobocosia argentifera* do Amazonas *Abocena rectilinea* e *A. medioplica* do Espirito Santo e do Amazonas.

A. de E. T.

LORD ROTHSCHILD, W. *Supplementary notes of the review of Houlbert and Oberthürs monograph of Castniidae by Talbot and Prout.* Novitates Zoologicae. Vol. XXVI. N. 1 pgs. 1-27. Tring, 1919.

Neste trabalho estão catalogadas as especies de Castniidae nas collecções do museu de Tring, com as diagnoses de doze subspecies e uma especie nova,

inclusive as seguintes formas brasileiras: *Castnia* (*Xanthocastnia*) *Euphrosyne anerythra* subsp. nov. Rio de Janeiro?

Castnia (*Athis*) *hegemon variegata* subsp. nov. Santa Catharina.

Castnia (*Prometheus*) *houlberti* sp. nov. Rio de Janeiro.

Castnia (*Cabirus*) *linus obidonus* subsp. nov. Obidos e Rio Amazonas.

A. H.

SCHAUS, W. *New especies of neotropical Pyraustinae. Proceedings of Entomological Society of Washington.* Vol. 22, n. 8, novembro de 1920.

Traz este numero dos *Proceedings* a noticia da determinação de diversas especies novas de borboletas brasileiras do Rio de Janeiro, S. Paulo e Paraná dentre cincoenta novas formas descobertas pelo A.. são ellas:

Pilocrocisdentilinealis, *Sylepta mysticalis*, *Margaronia rioalis*, do Rio de Janeiro;

Dichocrocisgyacalis, *Lygropianaranjalis*, de S. Paulo;

Pilocrocispargialis, *Cliniodes paranalis*, *Liopasia meridionalis*, do Paraná (Castro).

A. de E. T.

SCHAUS, WILLIAM. *A generic revision of the American moths of the subfamily Hypeninae, wirth descriptions of new genera and species.* Proceedings of the United States National Museum, vol. 50, pgs. 259 - 399. Washington, 1916.

E' trabalho importante no qual estão considerados nada menos de 164 generos e 776 especies, dos quaes 45 generos e 161 especies são novos.

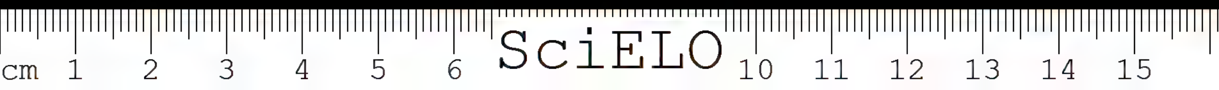
O auctor dá uma chave synoptica para a separação e classificação de todos os generos desta subfamilia de Lepidopteros, e diagnose dos generos e das especies novas, encontrando-se entre estas ultimas as seguintes pertencentes a fauna do Brasil.

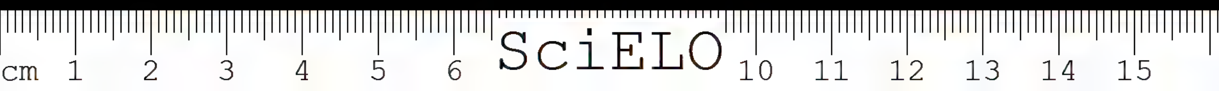
Lascoria naupalis n. sp. São Paulo.
Macristis pharosalis n. sp. São Paulo.
Thursania espirituales n. sp. Espirito Santo.
Cloniatarphes carunalis n. sp. Petropolis.
Renia morosalis n. sp. Brasil Central.

Renia fimbrialis n. sp. Espirito Santo.
Mastixis dukinfieldi n. sp. São Paulo.
Mastixis castronalis n. sp. Castro, Paraná.
Dectocraspedon brasiliensis n. sp. Espirito Santo, Rio de Janeiro.
Dectocraspedon latefasciata n. sp. Espirito Santo.
Dectocraspedon obtusalis n. sp. Espirito Santo.
Ocalario pavina n. sp. Rio de Janeiro.
Rejectaria parvipunctalis n. sp. Espirito Santo.
Synomera pedroalis n. sp. Petropolis, Rio de Janeiro.
Synomera tatalga n. sp. São Paulo.
Metalectia castrensis n. sp. Castro, Paraná.
Acmana apicioides n. sp. Castro, Paraná.
Acmana? paulina n. sp. Rio de Janeiro.
Alinza cumana n. sp. São Paulo.
Oroscopa electrona n. sp. Petropolis.
Com cinco generos, *Macritis*, *Cloniatarphes*, *Dectocraspedon*, *Synomera* e *Acmana* tambem novos.

A. H.

ORTHOPTEROS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ORTHOPTEROS

BRUNER, Lawrence. *South American Crickets, Gryllotalpoidea and Achetoidea.* Annals of the Carnegie Museum, vol. X, ns. 3 - 4, Julho de 1916, pag. 344.

O A., que estudou acuradamente em quatro memorias os orthopteros do Brasil, expõe nesta volumosa contribuição os resultados de suas observações sobre o riquisissimo material do Carnegie Museum.

Lembra o Dr. Bruner quanto, entre os entomologistas, accresce diariamente a noção da importancia dos orthopteroides, opinião que *in totum* partilha. Abre o seu estudo com uma synopse das ordens e sub-ordens dos orthopteroides e uma chave para separar as familias dos Achetoides sul americanos e outra para separar as familias da sub-ordem *Gryllotalpoidea* e uma synopse dos generos sulamericanos de *Curtilidae*, pelo qual começa a revisão. No genero *Neocurtilla* aponta *N. minor* das margens do Mamoré. No genero *Tridactylus (Tridactylidae)* crea 4 especies novas: *T. obscurus*, de Santarem; *T. australis*, do Paraguay; *T. atratus*, de Santarem, e *T. politus*, do Rio São Francisco, Bahia. No genero *Ellipes: E. minimus*, da Chapada, Matto Grosso. Em *Rhipipteryx*. *R. boliviana*, do Mamoré; *R. cruciata*,, de Cuyabá; *R. marginipennis*, da Chapada, Matto Grosso. Entre as *Nemobiidae*, genero *Nemobius*, vem: *N. meridionalis*, de São Diogo, Colombia; *N. aquaticus*, Buenos Ayres; *N. argentinus*, Rosario, Argentina; uma especie duvidosa da Chapada, Matto Grosso; *N. chapadensis*, da Chapada, Matto Grosso, e *N. amazonus*, de Santarem, Pará. No genero *Hygronemobius* cita o A.: *H. minutipermis*, de Corumbá, Matto Grosso. Em *Gryllodes*: *G. macropterus*, de Jacobina, Bahia, e *G. argentinus*, Carcarañа, Argentina. Na familia *Phalolongopsitidae* vemos, em *Paragryllus*, *L. boliviana*, de

Puerto Suarez, Bolivia. Em *Dyscophogryllus*, *D. castaneus*, do Rio Sapão, Bahia. Em *Endecus*, *E. ferruginosus*, de El Sara, Bolivia. Em *Phalangopsis*, *P. marmoratus*, de El Sara. Em *Brachnomimus*, *A. bahamaensis*, das Lucayas. Na familia *Oecanthidae*, genero *Oecanthus*, aponta o A. uma especie duvidosa, colhida na Argentina. Em *Neoxabea*: *N. obscurifrons*, do Rio de Janeiro, e *N. meridionalis*, de Magdalena, Colombia. Entre as *Triconiidae*, genero *Cyrtoxipha*, *C. atrifons*, da Argentina; *C. conspersa*, da Bolivia; *C. maxima*, tambem boliviana, e *abbreviatata*, da Chapada, Matto Grosso. Em *Phylloscyrtus*, *P. similis*, de Puerto Suarez, e uma duvidosa, de Matto Grosso. Nas *Stenogryllidae*, genero *Tafalisca*, *T. lineatipes*, da Jamaica. Nas *Podoscirtidae*, genero *Diatrypa colombiana*, de Santa Cruz de la Sierra. Em *Paracanthus*, *P. picipes*, ainda de Santa Cruz. Em *Aphonomorphus*, *A. conspersus* e *A. obliquus*, ambos de Santa Cruz de la Sierra, e *A. hapitheformis*, da Chapada, Matto Grosso.

Ao todo, revista o A. 104 especies, dando as chaves para todas as familias e generos de que se occupa em sua valiosa memoria.

A. DE E. T.

BRUNER, LAWRENCE. *South American crickets, Gryllotalpoidea and Achedoidea*. Annals of the Carnegie Museum. vol. X, ns. 3 - 4, pag. 345 - 428. Pittsburg, 1916.

Este eminente especialista tem a mesma orientação da maioria dos Entomologistas, de reunir aos orthopteros outras ordens de insectos, especialmente os *Isopteros* (cupins) e considerar o refer.do grupo como uma divisão mais importante do que a de Ordem, ficando ella dividida em sete ordens e um numero egual de sub-ordens.

O autor dá as necessarias chaves analyticas para separar as diversas ordens e sub-ordens, as familias destas, os generos e, em muitos casos, tambem as especies. São discutidas 104 especies destes inseptos, daes 36 são novas, ficando a fauna brasileira já conhecida enriquecida com numerosas especies novas do Pará, do Amazonas, de Matto Grosso, Bahia, Rio de Janeiro assim como da Republica Argentina, Bolivia, Colombia, e nos limites da região neotropica Jamaica e Lucayos.

A. H.

CRAWFORD, DAVID L. *A contribution toward a monograph of the homopterus insects of the family «Delphacidae» of North and South America.* Proceedings of the United States National Museum, vol 46, pgs. 557 - 640. Washington, 1914.

Um importante trabalho illustrado, com seis estampas desta familia, que fazia parte da familia Fulguridae. Ha uma discussão critica e diagnose da familia, com chaves para separar os generos e as especies, sendo descriptas 35 especies e 9 variedades novas e 4 novos generos.

Como pertencentes á fauna brasileira, são caracterizadas as seguintes especies:

Dicranotropis maidis Ashmead, Campinas e Pará;
Megamelus bifurcatus, n. sp , Pará;
Megamelus teapae Fowlee, Pará;
Megamelus albideus, n. sp., Campinas;
Megamelus juellis Van Duzer, Pará;
Megamellis aurantii, n. sp., Pará.

Uma boa bibliographia dá a conhecer as obras mais importantes referentes a esta familia de Homopteros.

A. H.

FUNKHOUSER, W. D. *Novas Membracidas Neotropicaes.* Journal of the New York Entomological Society, vol. XXVII, pags. 267 - 277. New York, Dezembro de 1919.

E' pequeno trabalho que traz as diagnoses de 11 especies e variedades novas de membracidas de diversos paizes neotropicaes, dos quaes o *Stictolobus erectus*, n. sp. do Pará, e *Lycoderes triangulata*, n. sp., pertencem á fauna brasileira.

A. H.

MOREIRA, CARLOS, *Os pulgões e o seu ovo de inverno.* Bulletin de la Société Entomologique de France, 1919 n. 13, pgs 236-238.

Em quatro annos de estudos e observações feitas em *Aphis nerii* Fousc, e em observações feitas em outras especies de Aphidios, o autor confirma as conclusões de C. F. Kyber, que os pulgões não produzem individuos sexuaes nas regiões tropicaes, onde

não existe o frio do inverno mas que a sua reprodução é continuada pela geração de individuos agamos e viviparos.

A. H.

MORRISON, Harold, *A report on a collection of coccidae from Argentina, with descriptions of apparently new species (Hom).*

Proceedings of the Entomological Society of Washington, vol. 21, n. 4, pgs. 63-91, April 1919.

O autor estudou e classificou uma collecção de coccidas feita pelo snr. P. Jorgensen em tres localidades distinctas da Republica Argentina, em Mendoza, no oeste, no Territorio das Missões, no norte, e em Buenos Aires, durante os annos de 1909-1911.

Foi examinado um total de 27 especies, das quas 23 classificadas definitivamente e 4 provisoriamente destas 1 foi referida ao genero *Pulvinaria*, 2 ao genero *Ceroplastes* e 1 a *Akermes verrucosus* (Sign.)? Das especies classificadas definitivamente 7, *Icerya minima*, *Eriococcus mendoza*, *Eriococcus leguminicola*, *Eriococcus jorgenseni*, *Ceroplastes deciduosus* *Ceroplastes misiones* e *Saissetia argentina* foram descriptas como novas. No material estão registradas as seis seguintes especies brasileiras: *Erioeoccus brasiliensis* Ckll, *Erium armatum* Hempel, *Ceroplastes grandes* Hempel, *Ceroplastes novaesi* Hempel, *Ceroplastes lucidus* Hempel e *Pseudokermes niteus* Ckell, mas a classificação do *Ceroplastes grandes* Hempel é incerta e os individuos estudados são talvez identicos a *Ceroplastes bergi* Kll. No material citado foram encontrados especies dos generos *Birchippa* e *Ceroplastodes* generos estes ainda não conhecidos na fauna brasileira.

A. H.

QUAINTANCE. A. L., and A. C. BAKER, *A contribuition to our knowledge of the white flies of the sub-family Aleyrodinae (Aleyrodidae).*

Proceedings of the United States National Museum, vol. 51, pgs. 335-445. Washington 1917.

Este trabalho é uma continuação da classificação dos insectos da familia Aleyrodidae, feitos pelos autores, sendo os resultados publicados anteriormen-

te, e constitue uma monographia da sub-familia Aleyrodinae, com diagnoses completas dos generos e das especies e chaves para separar as respectivas especies. Estão caracterizadas 10 novos sub-generos e 36 novas especies.

Especies novas para Brasil são as seguintes: *Aleuroplatus* (*Aleuroplatus*) *cococolus* n. sp., do Ceará, sobre *Eunia michelii* Lam.

Aleuroplatus (*Aleuroplatus*) *oculireniformis*, n. sp., de Ceará, sobre *Passiflora*.

Dialeurodes (*Dialeurodes*) *tricolor* n. sp., de Cubatão, S. Paulo, sobre as folhas de uma planta da familia Myrtaceae.

46 estampas e figuras no texto dão um extraordinario valor a esta obra, a qual é indispensavel ao estudo deste grupo de Hemipteros.

A. H.

REHN, JAMES, A. Proceedings of the Academy of Natural History of Philadelphia, vol. 70, II Maio, Outubro de 1918. *On a collection of orthopera from the State of Pará, Brazil.*

Num longo e excellente artigo do tomo acima apontado, revista James A. Rehn o material reunido nos arredores de Belem e em Igarapé-Assú, localidade situada a uns 200 kilometros da capital paraense sobre a Estrada de Ferro Belem a Bragança, « em condições florestaes primevas » diz o entomologo, o material foi colleccionado aqui pelo snr. Parich, de Toronto Canadá e alli pelo Prof. C. F. Baker, ex-assistente do Museu Goeldi

O snr. Rehn que já tem examinado volumoso material brasileiro como o da expedição dirigida pelo illustre John Casper Branner. por conta da Leland Stanford, em 1911, descreve agora 109 especies distribuidas por 71 generos das quaes dous generos e 22 especies novas.Isto sobre 421 especimens.

Entre as baratas mencionadas agora entre as *Pseudomopinae Ischnoptera crispula* especie que mostra algumas affinidades por um lado com o grupo *Inca* e por outro com o *Marginata* e *Castanea rubiginosa* e apparentemente proxima de *I. hebes* de Walker, proveniente de Santarem no Tapajóz. *I. imparata*, col-

locavel entre *I Castanea Sauss* e *I. amazonica, Rehn*; *I. clavator*, vizinha de *I. amazonica* do Brasil septentrional. *Cariblatta igarapensis*, proxima de *C. fossicauda* de Hebard.

Passando ás *Corydiinae* fixa o A. *Malestora minutissima* baratinha muito menor do que as suas visinhas *adspersipennis* e *fuscola* Stal do Rio de Janeiro e *fulvella*, Rehn de Missiones, na Argentina. Entre as *Oxyhaloinae* estabelece o snr. Rehn a nova sp. *Chorisoneuraparishi*, muito cheia de particularidades que não se approxima das especies já descriptas.

Entre os louva-Deus, nada achou de novo o entomologo americano a não ser a constatação da existencia, pela primeira vez de *Macromantes ovalifollia* Stall e *Musonia major*, Sauss e Zehnter no Brasil. Passando aos acridios encontrou entre os grillos *Tetrateania phila* nova sp. visinha de *T. surinama*, Linn entre as *Locustinae*.

Creou o novo genero *Chlropseustes* com caracteristicos os mais fortemente distinctivos dos visinhos *Tetrataenia*, *Mastusia* e *Eumastusia* — com as especies C. *leucotylus Bucephalacrisfalcifer*, *Sitalces jugatus* Entre as *Tettigonidae*, *Phaneropterinae* colloca o A. duas especies novas *Ceraia capra* e *Scaphura sphex* entre *Listr celinae* uma : e *Phlugis chelifera* entre a *Agroeiinae* : *Parolabaspis personata* diversa de *P. picta* do Equador, genotypo até agora descripta como especie do genero. Entre *Gryllacrinae* : *Gryllacris harpistylata* visinha de C. *loevigata*, *Brunner*. Nos *Gryllidae* põe o A. um genero novo *Aphemogryllus* proximo de *Miogryllus*. *Sauss* nelle encerrando *A. gracilis* muito parecido com as especies de *Nemobius*. Nos *Trigonidiinae* incorporou cinco novas especies *Anaxipha esau* vizinha de *A. tibialis*, *sauss Anaxipha simulacrum*, *paraenses* apparentemente apresentada como *A. tolteca*, Sauss, *fistulator* vizinha de *championi*, Sauss do Panamá ; *Astramenticia*, muito proxima de *A. granadensis* (Rehn) da Nicaragua e *A championi*.

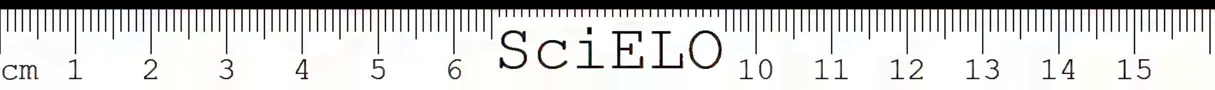
Finalmente entre as *Eneopterinaea*, descreve o A, ainda uma especie nova *Aphonomorphus surdus*, apparentemente ligado a A. *variegatus* e *griseus* de Cayena e *A. conspersus*, Brunner da Bolivia.

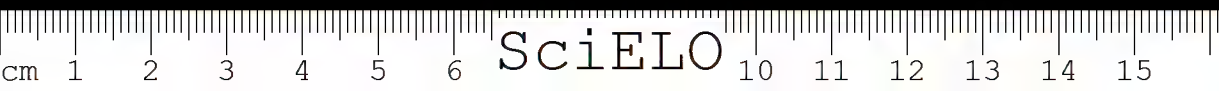
Aos artigos acompanham 74 excellentes figuras.

Além do interesse da descripção de tantas especies novas, offerece ainda a memoria do sr. Rehn

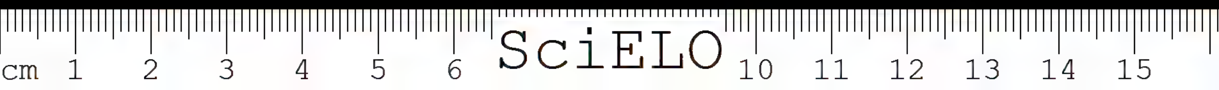
grande cópia de informações sobre a disposição de orthopteros occurrentes nas differentes zonas brasileiras ou no extrangeiro e ainda não encontradas na Amazonia ou no Brasil em geral.

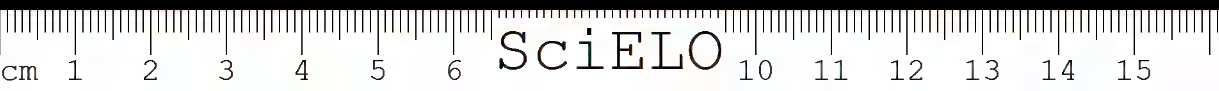
A. de E. T.




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

CRUSTACEOS




SciELO

CRUSTACEOS

RICHARDSON, HARRIETT. *Deecription of a new genus of isopod crustaceans, and of two new species from South America.* Proceedings of the United States National Museum. Vol. 45, pgs. 201-204, Washington, 1913.

Uma contribuição para a classificação dos Isopodos, na qual a autora dá a diagnose do genero novo *Excirolana* e as descripções de duas novas especies, com boas figuras no texto, das quaes uma, *Excirolana braziliensis* n. sp., é proveniente das aguas do Cabo de São Roque. Esta com a *Excirolana armata* (Sana), são as duas unicas especies deste genero encontradas em aguas brasileiras.

A. H.

RATHBUN, MARY J. *The Grapsoid Crabs of America.* Smithsonian Institution, United States National Museum, Bull. 97. Washington, 1917, p.p. 1-461.

Trabalho systematico da tribu *Brachyura*, com as familias *Gonoplacidae*, *Pinnotheridae*, *Cymopoliidae*, *Grapsidae*, *Gecarcinidae* e *Ocypodidae*. A obra como erudição nada deixa a desejar e mostra-se modelar. A pgs. 4 e 5 está a figura de um caranguejo paginas superior e inferior, servindo para a terminologia. Para a determinação, as muitas estampas, contribuem bastante: Das 49 especies brasileiras existem 45 photographias e 3 figuras textuaes e sómente de uma especie (*Sesarma crassipes*), falta a reproducção. Como novidade, da fauna brasileira, está descripta sómente a *Sesarma miersii* subsp. *iheringi*, pag. Por esta obra os carcinologos americanos podem felicitar-se : E' possivel o estudo, pelo menos

dos *Grapsideos*, o que anteriormente era quasi impossivel, por motivo da literatura espalhada e muitas vezes inadquirivel, como tambem das descripções mais velhas não raramente imperfeitas.

H. L.

RATHBUN, Mary J. *New genera and species of American Brachyrhynchous crabs.* Proceedings of the United States National Museum. Vol 47, pgs. 117-129 Washington, 1915.

Neste trabalho estão caracterizados tres generos novos e oito especies novas de carangueijos, sendo *Cyrtograpsus altimanus* n. sp. proveniente da Patagonia e Rio Grande do Sul, Brasil. Todas as especies estão excellentemente illustradas em dez estampas.

A. H.

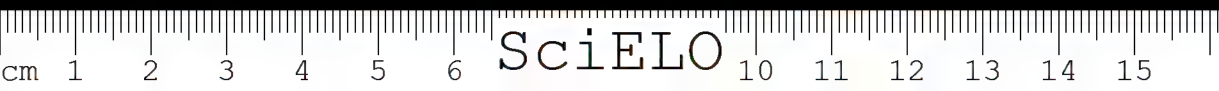
WILSON, Charles Branch. *Crustacean parasits of West Indian fishes and laud crabs, with descriptions of new genera and species.* Proccedings of the United States National Museum. Vol. 44, pgs. 189-277, Washington, 1913.

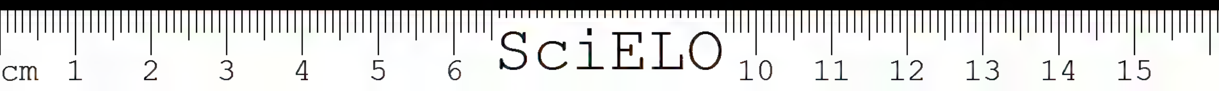
Um importante trabalho no qual o autor registra 51 especies de crustaceos parasiticos, das quaes 32 e 3 generos são novos.

Caligus tenax Heller, o qual foi descripto de exemplares encontrados em uma especie de peixe, *Carauxhippos* no Brasil, é novamente descripto e figurado em uma das estampas.

A. H.

ROTATORIA



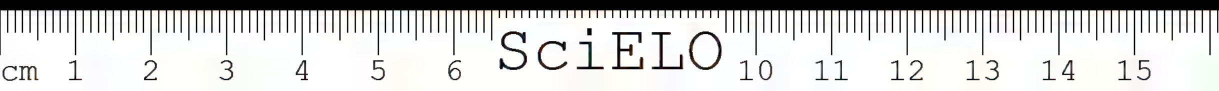

cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

ROTATORIA

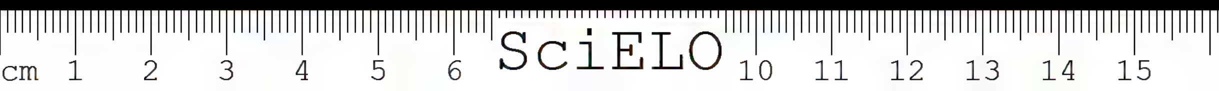
HARING, Harry K. *A revision of the rotatorian genera Lepadella and Lophochasis with descriptions of five new species.* Proceedings of the United States National Museum. Vol. 51, pgs. 527-568. Washington, 1917.

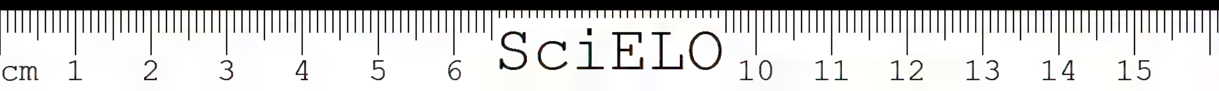
Neste trabalho o autor faz uma revisão do antigo genero *Metopidia* classificando as especies conhecidas nos dois generos *Lepadella* e *Lophochasis*, dá uma discussão critica deste grupo e as descripções das 23 especies que o constituem, sendo as suas formas caracteristicas e as variações bem figuradas em 9 estampas. Na descripção de *Lepadella quinquecostata* (Lucks), o autor faz referencia ao facto de ter sido esta especie apanhada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1911, pelo snr. James Murray.

A. H.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

POLYPOS




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

POLYPOS

VERRILL, ADDISON E. *The Gorgonians of the Brazilian Coast*. Journal of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia. Second Series. Vol. XV, pgs. 371 404. Philadelphia 1912.

Eis importante monographia deste grupo de animaes até agora pouco estudado baseada especialmente em collecções feitas na costa brasileira pelo Prof. C. F. Hartt e pelos snrs. Richard Rathbun e Prof. J. C. Branner.

O autor dá uma discussão do grupo, os seus caracteres, a sua distribuição geographica, e acha duvidosa que uma especie brasileira tenha sido encontrada em qualquer outra localidade..

Cerca de 24 especies e variedades são discutidas, das quaes 19 estão sufficientemente caracterizadas.

As seguintes são as formas novas descriptas.

Muricea humilis var. *mutans* nov., Abrolhos.

Muricea humilis var. *macra* nov., Abrolhos.

Subfamilia *Plexaurellinae* nov.

Sub-genero *Pseudeunicea* nov. Typo. *P. grandiflora* Verrill.

Plexaurella obesa sp. nov , Fernando de Noronha.

Plexaurella cylindrica sp. nov. Abrolhos, Cabo Frio.

Plexaurella braziliana sp. nov., Abrolhos.

Plexaurella pumila sp. nov., Porto Peripeú, Bahia.

Plexaurella verrucosa sp. nov., Candeias, Pernambuco.

Plexaurella (*Pseudeunicea*) *grandiflora* sp. nov., Mar Grande, Bahia.

Sub-familia *Plexaurinae* nov.

Sub-familia *Stenogorginae* nov.

Gorgonia bartii sp. nov., Maranhão.

Gorgonia braziliensis sp. nov., Mapella, Bahia.

Phyllogorgia frondosa sp. nov., Abrolhos.
Leptogorgia rathbunii sp. nov., Maranhão.
Leptogorgia rubropurpurea sp. nov., Rio de Janeiro.
Leptogorgia studeri nome novo para *Leptogorgia purpurea* Wright and Studer.
55 formas são annotadas e muitas especies estão magnificamente illustradas em 7 estampas.

A. H.

CLARK, Austin Hobart. *The crinoids of the Museum fuer Naturkunde, Berlim.* Proceedings of the United States National Museum. Vol. 43. pgs. 381-410. Washington, 1913.

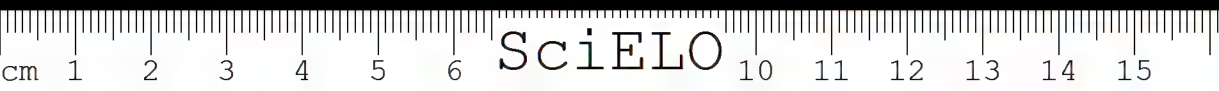
O autor está fazendo um estudo especial deste grupo de animaes, sendo esta a sexta publicação sobre os resultados dos estudos da collecção reunida em um museu.

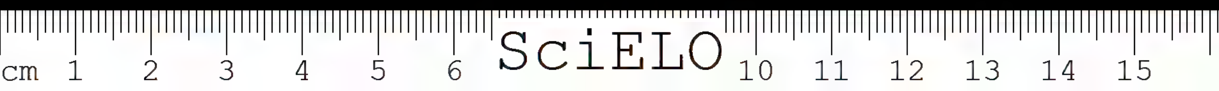
Além de uma introducção com uma lista dos exemplares retidos com as suas respectivas localidades, dá uma descripção historica da collecção, uma lista de tipos e das especies já mencionadas em publicações anteriores, uma lista systematica e discussão critica de todas as especies examinadas, comprehendendo 68 especies, das quaes *Comissia bartmeyeri* n. sp. e *Tropiometra audouini* n. sp. são novas, e uma nota com a bibliographia referente ás especies desta collecção.

Apenas uma especie, a *Tropiometra picta* (Gay), proveniente da Ilha de Santa Catharina e do Rio de Janeiro, é registrada como pertencente á fauna brasileira.

A. H.

ETHNOGRAPHIA




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ETHNOGRAPHIA

BERTONI (Dr. MOYSÉS S.) *Influencia de la lengua Guarani en Sud America y Antillas.* Anales Cientificos Paraguayos Serie II, n. 1, 124 pags. in 8.

O Dr. Bertoni é dos que attribuem uma enorme divulgação á lingua Guarany nas America do Sul e Central. Para elle guarany e tupy são synonymos Karaive tambem o é. Tupy tem origem e significação artificial e impropria, e seu emprego como generico provem de um erro de Martius. Os autores antigos jamais chamaram tupys aos *guaranys* e a este proposito cita o A. os nossos Gabriel Soares de Souza, Frei Vicente do Salvador, Fernão Cardim, Anchieta, Figueira, Nobrega e ainda mais Schmidel, Thevet, Lery, Montoya etc. e as autoridades modernas. Tupy, quer dizer rude; era o adjectivo com que os guaranys do Paraguay qualificavam as nações não guaranys e inferiores, como os Kaingang e até os mamelucos guaraniticos de S. Paulo que tanto os acossaram. E neste ponto fazem fé os documentos hespanhoes quinhentistas e scientistas argumento não invocado pelo A. quando nos contam que os *portugueses de San Pablo acompañados de tupys* ameaçavam reducções jesuiticas. Acha o Dr. Bertoni, que o que Martius não soube escrever foi Tupiná em vez de Tupy. Dá o A. o significado e verdadeiro valor, ao seu ver, do nome Tupy e a etymologia e valor de *Tupiná*.

Os verdadeiros tupys eram indios do sub grupo Kren, avança o A. e os indios do Brasil não chamavam tupys aos guaranys.

Quanto a *Karive* ou *Karay* estuda-lhe o A. a etymologia e origem; impugna a de Martius *homens maus* para explicar que significa simplesmente *Senhor* em lingua guarany. Quanto a " tapuya ", generico

dos não guaranys o sabio von den Steinen liquidou a questão incluindo sob este nome os *Gês* e *Krens* de Martius Tapuya não quer dizer *barbaro* nem *inimigo* como muitos pretendem e sim como tão claramente diz Montoya simplesmente *escravo*. Estuda depois o A. os dialectos da verdadeira lingua Guarany ou Nheengatú de que dá uma lista alphabetica e raciocinada, entre as quaes os nossos charrua, guayanaz, carijó, tape, tamoyo, tupinambá etc. Guarany é nome nacional e não dialecto especial; os xarayes eram tambem guaranys avança o Dr. Bertoni.

O tupinambá é um dialecto guarany e constitue o nucleo dos dialectos orientaes. Estudando a influencia do guarany nas linguas guaranianas expõe o Dr. Bertoni os diversos systemas de orthographia e seus inconvenientes e apresenta um ensaio de coordenação das linguas. Aponta depois nas linguas do ramo guaraniano a proporção de vozes da lingua guarany no grupo guarany, no tapuya, no guk ou Koko, no pano e no záparo. A isto se segue a comparação normal da lingua otó ou eochavante em que expõe á origem e affinidades do povo eochavante.

Falta ao A. comparar certo numero de linguas dos altos affluentes do Amazonas, das Guyanas, da Columbia e America Central, acreditando porém que os novos documentos observados e commentados não pódem modificar sensivelmente as grandes linhas que empresta á inffluencia guarany. Assim o estudo das linguas colombianas revelam relações abundantes com o guarany. Na nomenclatura botanica da Colombia, em 434 palavras reconheceu o A. 66 nomes guaranys. Quanto aos Caraibas das Antilhas a America Central não são ellas senão Karai-guaranis cujos caracteres physicos são os dos guaranys do Paraguay. As analogias entre o nheengatú e a lingua *Kaliná* dos caraibes do continente são enormes. Assim como as linguas *Taina*. Assim para o A. as linguas das Antilhas são o resultado de fusão do guarany com elementos au'ochtonos na lingua *Kauré* nas pequenas Antilhas diz o A. que em 64 por cento do vocabulario predominam elementos guaraniticos. Ha tambem fala o Dr. Bertoni, as mais fortes analogias linguisticas guarany-peruanas sendo que a analogia quechua guarany não é só na lingua como tambem quanto á raça e religião. E pensa ainda que ha de apontar nas analogias não innumeras mas importantes ligações

entre o guarany e o araucano. A leitura da erudita monographia do Dr. Bertoni mostra quanto está o seu autor intimamente familiarizado com nossos indianologos, e as questões de glottologia brasilica.

A. de E. T.

BERTONI, Moysés, *La civilizacion guarani* Sejam nos permittidos alguns reparos a proposito da acção dos paulistas sobre os guaranys de oeste reparos aliás necessarios a uma obra recente do dr. Moysés Bertoni, livro aliás digno de seus antecessores numerosos.

Nelle lembra o celebrado americanologo como se vulgarisam conceitos errados, emittidos pelos detractores do guarany. e generalisados modernamente para todos os povos latino americanos de mestiçagem elevada. Assim procurou refutar as palavras severas de Le Bon sobre as condições que regem as republicas latinas do Novo Mundo a que o sociologo francez, de autoridade aliás discutivel, na opinião de muitos, attribue a falta de energia, a immoralidade e a abulia Continuando a sua generosa contestação expõe Bertoni como os autores antigos careceram de methodo para expor o que aprehenderam da civilisação, quanto erraram e laboraram em confusão, quando fizeram a extensão abusiva dos nomes dahi se originando tremendo embroglio.

Como condição primordial entende o erudito autor que qualquer guaranilogo antes do mais deve capacitar-se de que « os guaranis não eram um povo unico ou simplesmente uma nação e sim uma grande familia composta de numerosas nações que habitavam um territorio immenso e muito variado. »

Raça guerreira e forte apresentava ramos de notavel bellicosidade como o dos itatins a quem temiam os peruános os terriveis charruas, os guerreiros habitantes das costas platinas os carijós, os tapes, etc. Fizeram a conquista do Brazil oriental, com elle se espalhararam e dahi vèio o seu contacto com os portuguezes. Explica ainda Bertoni quão fatal devia ser a preferencia dada pelos paulistas á escravisação dos guaranys.

Para tanta necessidad los Portugueses se encontraron frente *a dos elementos humanos muy differentes*. De un lado el elemento no guarani. constituido por los Tapuyas (Gès, Kren y Botocudos), poblaciones incultas, muy salvajes algunas, de poca o ninguna

agricultura, perezosos y sucios, ablando un gran numero de idiomas muy diversos y de adaptacion difficil, y en fin, de caracteres fisicos más o menos paleomoifos, aventajadas algunas en cuanto a la forma general del cuerpo, pero de semblante poco atractivo y con los modales ariscos que son propios del salvaje. Del outro lado, el elemento guarani, constituido por los Tupinã (por outros llamados " Tupi "), los Tavayára, Petihguára, Tamoi, Karichó, Guayaná de S. Paulo, Mbibá, y o otros más, naciones de cultura relativamente elevada, essencialmente agricultoras e industriosas, bastante operosas de caracter altivo y digno generalmente aseadas y de trato agradable, hablando una sola y gran lengua, con la cual, además era posible entender-se con todas las otras naciones, y que pronto debia llegar a ser la " lengua general" del Brasil - y por fin - de tipo fisico generalmente tan aventajado, que varios autores, con especialidad los más antiguos, las compara a lo mejor de Europa. Asi las cosas, la eleccion no podia ser dudosa.

E a explicar a resistencia dos tamoyos e outros povos guaranys explica ainda o A :

" *El Guaraniera el indispensab'e; pero se resistia tenasmente*. Todos los esfuerzos se dedicaron a someterlo. Pero "la raza más avasalladora de America" (Th. Sampaio) no habia nacido para servir. Acostumbrada a imponer su voluntad a las demás naciones, cuando vió su independencia amenazada, cambió completamente de actitud. Habia recibido amistosamente á los primeiros Portuguezes y algunas de sus naciones les habian concedido su alianza ; pero ante el abuso que menguaba su libertad, reaccionó como haria qualquier pueblo consciente de seus derechos. Y nació la doble lucha, doblemente desigual : la lucha armada, en la que el Guarani tenia la ventaja del número, y de las condiciones naturales; la lucha oral y escrita, en la que el Europeo era solo en la malevola idea en el mundo, como era solo en usar las bocas de fuego contra el acusado. El gobierno de Portugal no tomó, segun parece, actitud decidida en favor de los indios; pero no era sordo a los sentimientos de humanidad. Es de recordar tambien que durante el dominio español sobre Portugal y suas colonias, las protectoras cédulas reales tenian teoricamente su fuerza tambien sobre las tierras brasili-

cas. Pero si el efecto de ésto como de aquéllo fue nulo en el Brasil, justo es reconocerlo, habia razones especiales."

Causas fundamentaes havia para que os colonos do Brazil perseguissem a estes indios. Varias nações guaranys do Brasil foram dedicadas alliadas dos francezes e hollandezes assim os tamoyos no Rio de Janeiro e os tupinambás do Maranhão com relação áquelles e os tabajaras do nordeste quanto a estes, "tenian en el Brazil algum fundamento, especialmente *lo que se referia a la antropofagia*. Aun prescindiendo de la exageraciones de Hans Staden, asi como de algunas otras en que cayeron autores antiguos más serios debemos admittir que la bárbara costumbre de sacrificar los prisioneiros de guerra e ingerir sus carnes en convites más o menos rituales, existia en algunas naciones guaranies o cuando menos, guaranizantes de ese gran pais. Con eso habia más que lo suficiente para que la odiosa acusacion general de antropofagia habitual y verdadera (con fines alimentares) fuese mantenida para todas las naciones sin distincion y frecuentemente llevada hasta la ultima exageracion".

O que não nos parece exacto é a opinião de Bertoni sobre os resultados da invasão Portugueza.

"Por fin el gobierno de Portugal y sus representantes en la colonia tenian otra razon para no oponerse a la casa de esclavos. Era *que mediante ella, Portugal ensachaba sus dominios, y los poblaba*. La exploracion del misterioso interior y la penetracion sucessiva de la poblacion cristiana, eran debidas principalmente a las expediciones armadas. particulares o colectivas, organizadas con el fin de catear y explotar minas e cazar esclavos, Sorprendida, o rendida una parcialidad de Indios por la superioridad de las armas, su territorio passaba a engrosar los dominios efectivos de Portugal y los habitautes iban a aumentar la poblacion de las colonias, o servian para formar colonias nuevas, en territorio indiscutiblemente portuguez. Es asi como ese pais arrebató sucesivamente a España y al Paraguay las ricas extensas y entónces muy pobladas provincias del Tayóva, del Guairá. del Ihguassú, del Tapé, del Alto Uruguay, del Amambáih, y de Santiago de Jerez, es decidir una extension mucho más grande que el actual Paraguay. No sabemos cual cosa admirar más

si la pertinacia y osadia de los Portuguezes, o la paciencia e indiferencia de los gobiernos de España y de Asuncion. Lo que si, aquéllo se explica naturarmente por lo favorable que constantemente resultava cada intentona, mientras ésto, por lo raro e increible que es, queda aun envuelto en cierto misterio".

Se é exato que do facto dos paulistas haverem enxotado os castelhanos e jesuitas destes territorios resultou a incorporação sua ao Brasil, não é menos certo que nelles não estabeleceram os bandeirantes nucleos de população alguma. Todos os indios por elles arrebanhados levavam-nos a S. Paulo e aos grandes centros do trafico estabelecidos no Brasil. E a prova disto vem a ser que estas terras despovoadas de guaranys passaram a ser desertos enormes onde ainda hoje vagueiam pequenos nucleos de Kaigangs e outros gês, emigrados da margem direita do Paraná, exatamente por saberem despovadas as terras outróra possuidas pelos guaranys.

Quanto á paciencia ou indifferença dos governantes da Hespanha e da Assumpção para nós são ellas perfeitamente explicaveis. Paciencia ou indifferença impuzeram nas as circumstancias.

Na occasião em que os paulistas imvadiram o Guyrá era indispensavel o concurso dos Guaranys para o desenvolvimento dos nucleos hespanhoes. Do trabalho, da industria dos indios dependia a vida destas povoações; o systema das *encomendas* pretendeu pôr alguma ordem no abuso dos primitivos processos da escravisacão; dahi o empenho extraordinario de todos os colonos hespanhoes em terem encomendados. O clero secular, dilo Bertoni muito bem, não podia ir muito abertamente contra o interesse de todos pois seus meios de vida dependiam sobre tudo da collectividade; sua acção em favor dos indios foi muito limitada.

As cousas se modificaram muito com a chegada dos Jesuitas.

"Los Padres de esa poderosa Ordem traian una preparacion especial y una vocacion innegable, eram regidos por una disciplina perfecta, y en cuanto a las necessidades materiales y morales de su ministerio y de su vida, dependian exclusivamenta de su Ordem.

Para esta la catequizacion de los Indios no era una obligacion accidental, sino, en estos objetos esen-

cial. Según suas reglas inflexibles, salvo caso de grave urgencia, el infiel no podia ser admitido al bautismo sin una larga preparacion, un severo noviciado bajo una vijilancia minuciosa y continua, que resultaba con el sistema de las encomiendas, y más imposible aún con la promiscuinad de los novicios con extraños, frecuentemente incultos, y con con las familias indias independientes, y de civiles y de mujerees encomendadas a soldados, en tales circunstancias como condicion necessaria para llegar a una cristanizacion verdadera y completa los Jesuitas obtuvieron de losreyes privilegios y concesiones especiales en primer lugar, el derecho de fundar misiones bajo su exclusiva administracion, y organizadas según mejor creian; luego la exclsuion de todo elemento extraño a esas misiones; y por fin la prohibicion a los poderes civiles de repartir en encomiendas a toda tribu que se pusiera bajo el amparo de la Ordem. Tan notables privilegios sin contar otros que consideramos menos esenciales, pero no desprovistos de importancia permiterian a los Padres Jesuitas llevar a la pratica con inegable resultado su vastisimo programa; pero planteose con eso un conflito historico que duró casi dos siglos y una apasionada discusion que no termina, por lo mismo que es apasionada ".

Muito embora o immenso que pelos seus catechumenos fizeram os jesuitas acha Bertoni que a fé intensissima dos missionarios vendo no paganismo de seus protegidos manifestações continuas do diabolismo contribuiu muito para prejudicar os indios perante o conceito universal.

A. de E. T.

NORDENSKIÖLD, Erland. — *Palisades and noxious gazes among the South American Indians.*

Nesta tão interessante e erudita memoria do ethnographo que julgamos filho do illustre navegador e descobridor da passagem do nordeste abordam-se curiosos assumptos dos quaes um inspirado pela occurrencia do emprego dos gazes nas operações da Grande Guerra. Perfeitamente senhor dos objectos a tratar, conhecedor da bibliographia variada que sobre elles ha, revelando conhecimentos de polyglotta realmente notaveis, familiares como lhe são o inglez, o allemão, o hespanhol, e até o portuguez, escreveu o

snr. Nordenskiöld um estudo que merece real attenção. Assim nos revela o emprego de gazes venenosos lacrymantes, suffocantes e esternutatorios pelos differentes indios da America do Sul em operaçõas de guerra, e conta que os selvicolas usavam sobretudo para tal fim uma especie de pimenta vermelha cujas fructas seccas e queimadas sobre brazas produziam terriveis effeitos sobre as victimas. E' facto curioso : Conheciam os antigos portuguezes uma mascara defensiva, como as modernas: um lenço embebido em vinagre, applicado sobre as narinas. E' a eterna reedição do *nihil sub sole*... Entre os indios apontados pelo A. estão os da costa de São Paulo, segundo citações de Hans Staden.

A proposito das estacadas volta o A. a tratar das que se encontravam entre os indigenas de São Paulo e Rio de Janeiro e a tal respeito publicou um mappa diagrammatico do nosso continente com « a distribuição geographica das estacadas na America do Sul ». Não menos erudita esta segunda parte. Emfim a elucidar o assumpto castrametatorio não menos interessante se mostra o A. que frequentemente cita entre os documentos de sua bibliographia os nossos velhos autores : Gabriel Soares, Pero Lopes, Staden, ainda Jean de Lery, Thévet, Diogo Garcia. E' bem raro ver-se autor estrangeiro escrevendo sobre cousas do Brasil com o conhecimento de causa e a segurança do snr. Nordenskiöld a quem felicitamos sinceramente pela sua bella e original memoria, digna de real apreço.

A. de E. T.

KOCH-GRUENBERG, Theodor — «Von Roraima zum Orinoco». Berlin, 1917. Vol. I.

Dos ethnographos modernos que se occuparam com o estudo dos aborigenes sul-americanos e especialmente com os do Brasil, *Koch Grünberg* é, incontestavelmente, aquelle que se tem distinguido mais, não só pelo arrojo e intrepidez com que emprehendeu as suas grandes e arriscadissimas viagens, mas ainda pela belleza e perfeição de estylo com que expõe os resultados conseguidos nas mesmas. Fazendo suas viagens pelo desconhecido, elle procura trazer de lá subsidios para todos os ramos da sciencia, com especialidade para a historia natural. Observa e registra

factos que interessam ao estudo da flora, transformado em perfeito herborisador, assim como colhe e reune dados para o conhecimento da fauna regional; ao mesmo tempo que exerce a sua profissão, a de ethnographo, determina as posições geographicas das malócas e levanta a carta topographica, hydrographica e geologica do local, sendo, em resumo, um naturalista completo, que, pelos seus trabalhos tanto interessa ao botanico como ao zoologo, ao ethnographo como ao anthropologista, ao geographo como ao mineralogista, emfim a todos que estudam a natureza.

Os resultados ethnographicos, anthropologicos, etc., por elle colhidos na arriscada viagem realisada de 1911-1913, serão publicados em cinco bellos volumes.

A distribuição da materia foi assim concebida:

Vol. I — Narrativa da viagem;
» II — Mythos e lendas dos Taulipangs e Arecúnas;
» III — Adeantamento moral e intellectual de varias tribus visitadas;
» IV — Resultados linguisticos;
» V — Atlas dos typos anthropologicos.

A leitura do primeiro volume realisamol-a em poucas noites, porque começada não ha vontade de interrompel-a. Ella fascina e empolga, transportando-nos ás regiões percorridas pelo autor. E' amena e instructiva, e nos revela os segredos e mysterios das selvas e savanas sem nos expor ás molestias, pragas e difficuldades de toda sorte, communs em taes regiões. Como obra litteraria este volume merece um logar entre os primeiros e, como trabalho scientifico, de valor incalculavel, não deve ser ignorado por nenhum patricio que se interesse pelas cousas da nossa terra e nossa gente.

A viagem de Koch-Grünberg teve o seguinte itinerario: De Manáos, partindo em 16 de Junho de 1911, subiu o rio Branco até S. Marcos e, fazendo d'ahi uma variante visitou os *Taulipangs*, *Macuxis* e outras tribus das savanas. Avançando depois até ao Roraíma, no qual ascendeu a uma altitude de 2 600 m. s. m.; visitou ainda a missão de *Alto Sumurú* e, depois de nova demora entre os *Macuxis*, da encantadora aldeia de *Keimelemeng*, retornou a S. Marcos;

dahi se dirigiu ás cabeceiras do Rio Uraricuéra e destas para as dos affluentes do Ventuario, demorando-se alguns mezes nas selvas venezuelanas; desceu finalmente pelo Ventuario ao Orinoco, e por este até S. Fernando de Atabape, para dahi, munido de novos recursos, subir o mesmo rio e atravessar pelo canal ou varadoiro de Casiquiára e voltar pelo Rio Negro á Manáos, onde chegou em Março de 1913.

A difficuldade com que foram recolhidos os artefactos e apanhadas as scenas e peripecias, registadas no bello livro, é surprehendente, assim como original a maneira por que os magistraes resultados foram conseguidos nessa viagem temeraria. Pouco a pouco foi Koch Grünberg se coadunando com os habitos do indio e, para desvendar todos os seus segredos linguisticos e conhecer a sua vida intima, foi viver em intima communhão com o homem primitivo, fez-se seu hospede e companheiro, muitas vezes tendo sido considerado quasi um membro das familias com que vivia. A paciencia e o estoicismo com que supportava o selvagem, são cousas que nos enchem de admiração, mórmente quando sabemos que algumas vezes lhe succedera escapar por pouco de se tornar victima da sua audacia e extrema confiança no indio. E, no emtanto, sempre que sahia illeso mais amigo se tornava do irmão das selvas e quedava se triste e penalisado com a sua sorte. Na sua narrativa muitas são as passagens d'onde emana a compaixão pelo aborigene, e, logo ao defrontar a primeira molóca dos *Macuxis*, elle lamenta que em tal desidia deixassem por tanto tempo os governantes a sorte do Homem Americano. Applaude a acção do Governo que creou o « Serviço de Protecção e Colonisação de Indios » e a escolha do General Candido M. da Silva Rondon para dirigil-o. Contra os seringueiros e politicos de ruim matilha, elle solta os mesmos *ais*, que Martius já deixára escapar no seu trabalho sobre a « Ethnographia dos Indios do Brasil », affirmando serem elles os maiores culpados da approximação rapida e inevitavel do exterminio completo daquella raça. Lembra ahi os tristes acontecimentos verificados em 1905 contra os indios de Yauaperi, represalia dos civilisados, de que resultou o assassinato de varias centenas de pacatos indigenas, que, apesar disto, teem voltado ao povoado para reatarem as relações com os semi barbaros patricios que dominam a região.

Com os *Macuxis* e *Taulipangs*, que habitam as savanas dos affluentes do Rio Branco, sympathisou-se o autor especialmente. Na grande aldeia de *Keimelemeng*, de que é chefe o snr. Pitta, demorou-se elle varias semanas e della levou gratas recordações até ao fim da sua longa jornada, mórmente quando lhe faltavam viveres ou quando o pessoal mal intencionado das florestas venezuelanas lhe trazia difficuldades na continuação da sua viagem. Pitta tornou-se seu grande amigo e para o exemplo delle appellava sempre, quando tinha de corrigir defeitos do seu guia *Mojonggong* que o conduziu pelo Uraricuéra até aos aborigenes da Venezuela.

A descripção que faz do grande « cepo da arvore da vida », que os civilisados hoje conhecem pelo nome de *Serra de Roraima*, é estupenda. Ao ler as passagens que se referem áquella flora, principalmente estudada por Schomburgk, de quem os *Macuxis* e *Taulipangs* ainda conservam a lembrança tradicional, fallando com veneração do grande *Sumburucú*, que tantos beneficios lhes fez, e onde tambem Ule tivera ensejo de colleccionar, invade-nos o desejo de palmilhar aquellas regiões. Nada passou despercebido ao autor, estando a sua descripção em pleno accôrdo com a de Ule no « Botanische Jahrbücher », de Engler, vol. 52. A propria *Utricularia Humboldtii*, Rob. Schomb., não lhe escapou, encontrando a nos pantanos da encosta e no planalto da bella serra. Aquelles bons indigenas mostraram-lhe as inscripções gravadas nas rochas pelo *Sumburucú* e a choça em que se demorou o naturalista Ule, bastante conhecido pelos botanicos nacionaes, pois durante muito tempo foi empregado do Museu do Rio de Janeiro. Tambem os *Vapichanás*, *Taulipangs* o *Macuxis* guardam deste incansavel scientista recordações gratas, não tendo ainda esquecido de *Acqueteng* (transformação interessante do nome de Ernesto Ule.) Na malóca de *Caualiánalemeng* foi-lhe apresentada a *Maidynapeng*, trazendo em suas mãos a loura bonequinha que lhe fôra dada por Ule quando veiu ao Amazonas, conforme o desejo de sua esposa, que o fizera portador desse mimo para a india mais bonita que encontrasse. Diz ahi o autor que teria tambem offerecido áquella moça indigena um premio de belleza, se ainda algum possuisse, e reconhece o bom gosto de Ule. Premio

identico levado por elle já havia sido entregue a uma filha *Macuxi*.

Voltando ao Roraima passou *Koch Grünberg* pela Missão de Alto Sumurú, mantida pelos padres Benedictinos, sobre a qual se externa, dizendo ser de facto o processo empregado por estes missionarios bastante mais humanitario e suave para captar as relações do selvagem que o usado pelos seringueiros. Confessa, entretanto, que existe muita deficiencia no que se refere aos fins collimados de christianizar aquelles povos, pois a instrucção, instrumento indispensavel e unico capaz de emprestar ao homem uma superioridade moral e a faculdade de bem discernir, é bastante negligenciada por aquelles catechisadores. Na aldeia de *Keimelemeng,* onde os missionarios possuiam já um individuo preparado para substituil-os na celebração das missas, encontrou este, quando exercia, plenamente convencido seu nobre cargo. Ao observal-o o autor teve a surpresa de verificar que estas solemnes missas eram lidas de *um primeiro livro de inglez*, e, olhando por sobre os hombros do officiante *Macuxi*, poude ler ao lado de uma illustração : « The cow give us milk » Thank you good cow ». As moças cantam alli os bellos hymnos sacros allemães, sem comtudo, comprehenderem uma syllaba. Mesmo assim, affirma o autor, o serviço prestado por esses abnegados e benemeritos missionarios, é de resultado bastante mais util para o selvagem que o dos *barbaros civilisados* que arrastam os indios das suas malocas para os perverterem em seus costumes, fazendo-os elementos inuteis senão nocivos á sociedade, explorando-os em seu beneficio.

No solitario tumulo de um missionario protestante, encontrado ao sopé de Roraima, viu o autor os despojos mortaes de um concurrente profissional, que deixára, apezar da breve permanencia alli, uma bella collecção de artefactos dos *Vapichanás* e *Taulipangs*, guardadas por um fiel indigena que esperava que o irmão do fallecido alli apparecesse via Guyana.

A subida do Rio Uraricuéra com as suas peripecias e difficuldades de toda a sorte, a visita dos indios *Uaicás* ou *Waikas*, bem como o pouso da Paciencia, quasi nas cabeceiras desse rio, são passagens que encerram muitos dados geographicos e ethnographicos de valor. O encontro com *Guinaús*, seus costumes, assim como a descripção das malócas destes e outros indigenas que povoam as selvas venezuela-

nas, deixamos de resumir porque só ellas forneceriam material. para enchermos muitas paginas.

Nas aldeias dos selvicolas, em virtude da má vontade destes, teve o autor de demorar-se mais do que era seu desejo. Esses indios mostraram se muito menos honestos e a região menos rica do que lhe assegurára o seu guia *Mojonggong*, que não cessava de elogiar a sua terra. Por fim, este falso amigo, combinou, com os seus irmãos de aldeia, um plano para liquidar com o naturalista precipitando o em um abysmo, mas a covardia ou talvez o interesse dos demais fizeram fracassar o plano, e, voltando então o facinora enfurecido com o insuccesso, occasiona a modificação da róta primitiva e a descida é feita pelo Ventuario. Esta mudança no seu programma trouxe-lhe, porem, um grande beneficio, pois, assim, chegou a tempo de salvar a preciosa collecção ethnographica e outros objectos confiados a um indio espertalhão, que se arrogava o titulo de chefe geral daquellas tribus e que uma ou outra vez se vestia e perfumava como gente da cidade. Este selvicola, conhecendo algumas cinco ou seis palavras de hespanhol, encarregara-se de transportar aquella bagagem para o primeiro barracão de seringueiro, mas, ao em vez disso, apoderou-se de tudo com o maior cynismo, chegando a usar e exhibir objectos que surrupiára do naturalista.

Durante os mezes que passaram nas infectas malocas dos indios da Venezuela, o autor e seus companheiros curtiram muita fome e outras privações, porque o *menú* daquella gente, ás vezes constituido de minhocas e piolhos, nem sempre lhes appetecia. Em S. Fernando de Atabape, porem, onde desembarcou envergando o ultimo terno de brim e calçando meias brancas e sandalias de merity, este naturalista se reconfortou e reabasteceu os seus alforges, subindo, logo depois, pelo Orinoco e passando pelo canal de Casiquiára, voltou pelo Rio Negro á Manáos, onde aportou em Março de 1913, tendo assim passado 1 anno e 9 mezes nas florestas amazonicas e venezuelanas.

Em nossa opinião, o trabalho de *Koch-Grünberg* é um dos mais dignos de figurarem entre as obras que documentam a nossa historia e evolução. Merece, por isso, ser vertido para o portuguez e lido por

todos quantos se interessam pelas cousas da nossa terra, como pelos naturalistas que a estudam.

S. Paulo, 31-12-920.

F. C. Hoehne.

KOCH-GRUENBERG, Theodor — «Von Roraima zum Orinoco». Vol. II.

Já dissemos que os resultados da viagem deste naturalista ethnographo são apresentados em cinco grandes volumes nitidamente impressos. O segundo, que acabamos de ler com o maximo interesse, occupa-se exclusivamente das lendas e mythos dos indios do Brasil Septentrional, entre os quaes elle esteve durante os annos de 1911-1913.

Depois do ligeiro prefácio, onde o autor expõe as condições em que foram colhidas as lendas e mythos apresentados na obra, elle dá uma bibliographia completa, passando depois a tratar da phonologia da lingua indigena em que indica tambem as convenções que estabeleceu com o fim de dar uma ideia approximada da pronuncia das varias syllabas e fazendo ainda algumas observações, apresenta a introducção do livro, que em si representa um resumo geral do mesmo.

As lendas e mythos relatados são, segundo o autor em grande parte traducções fieis do portuguez, lingua esta em que lhe foram contadas. Algumas,— transmittidas por um indio que ainda não conhecia bem o portuguez e traduzidas pelo interprete que o acompanhava,—são tambem dadas na lingua original acompanhadas da sua traducção ao pé da lettra.

Estas lendas que na sua grande maioria revelam de modo flagrante a alma ingenua do povo que as concebeu e conservou pela tradição, referem-se a factos historicos, mythologicos e feitiçarias ou bruxarias, tratando ainda de medicina, astronomia, etc. Digna de admiração é a maneira por que o autor procurou reproduzil-as, cingindo-se meticulosamente á verdade e repetindo fiel e exclusivamente aquillo que pelo indigena lhe foi narrado.

Pela serie dos titulos das varias lendas e mythos poderemos ter uma idéa approximada do que representa este interessante livro para os que se dedicam a tal estudo. São nada menos de 50. E, entre elles encontram-se alguns que tratam do grande diluvio,

do incendio mundial, como appareceram no mundo o ferrão e a cobra venenosa, como a lua subio ao céu e do eclipse desta com o sol, como foram descobertas as plantas medicinaes, o tabaco, e outros que se occupam das aventuras e bravuras de Makunaima, um dos heroes da mythologia daquelles indios, além de muitas outros que merecem ser lidos e considerados por quantos se interessam pela historia e costumes dos legitimos senhores desta terra.

Bastante interessante é o facto de terem muitas destas lendas grande semelhança com historias já muito conhecidas entre os patricios civilisados e que demonstram, por isto, serem communs a varias tribus do Brasil de ondé as copiámos. Neste numero estão, por exemplo, a da visita dos animaes ao céu, a das apostas e corridas entre estes, além de outras onde os animaes apparecem fallando, raciocinando ou discutindo como o homem.

O facto dos indios terem para cada coloração e habito de ave ou mamifero uma lenda que explica a sua origem e razão, existe, como se deprehende das lendas apresentadas pelo Dr. Koch-Grünberg, tanto naquellas paragens da America como em Matto-Grosso, —onde tivemos ensejo de registrar algumas—como em outros pontos do mundo,—onde tem sido confirmado. Provam isto o «Cipó escada» (Bauhinia), que os Arekunas apontam como feito por *Kapéi* (a lua) e por ella usada para a sua ascensão ao céu, a carapaça do caranguejo, a folha de *Philodendron* e tantas outras que apparecem em varias lendas. Egualmente commum áquelles indios é a crença em um Deus ou deuses creadores e um espirito malfeitor. Creem tambem em transformações. Individuos cançados de viver sob a forma humana se transformam em animaes, pedras, astros, em qualquer cousa, emfim, que lhes convenha. Podem tambem ser transformados em outros seres e objectos pela intervenção de um feiticeiro ou mesmo por qualquer outra pessoa da tribu. Para elles isto tudo se opera com a rapidez e a facilidade de um sonho. O individuo perseguido, prestes a cahir nas garras do seu perseguidor, transforma-se em pau, pedra ou animal, escapando desta maneira. Levanta-se tambem para o céu e de lá continua a fazer bem aos irmãos transformado n'um grupo de estrellas, na lua, etc.

Pescas milagrosas e caçadas phantasticas feitas com o auxilio de instrumentos obtidos ou furtados de

animaes das selvas, tudo se encontra nestas interessantes lendas.

Embora a litteratura sobre os selvicolas do Brasil já seja bastante vasta, a contribuição do Dr. Koch-Grünberg será recebida como uma das melhores, pois não só apresenta muita cousa completamente nova, como traz muitissimos esclarecimentos sobre material colligido por outros naturalistas menos escrupulosos. Lendo-se este trabalho tem-se a impressão de que o autor se esforçou em ser tão fiel quanto possivel á verdade e que, se duvidas possam apparecer, devem ser desculpadas pela traducção nem sempre rigorosa.

S. Paulo, 20-12-920.

F. C. Hoehne.

KOCH-GRUENBERG, Theodor. «Zwei Jahre bei den Indianern Nordwest-Brasiliens» — 1921. Já tivemos occasião de nos occupar com os escriptos deste autor, quando tratamos dos seus trabalhos: «Von Roraima zum Orinoco»; agora nos é proporcionado mais uma vez este ensejo.

Como todos os livros de *Koch-Grünberg*, tambem o presente é de maximo interesse para nós. Occupa-se do estudo dos habitos e costumes dos selvagens que habitam o Alto Rio Negro, proximo ao Japurá, Aiaiy e Caiaiy, entre os quaes o A. se demorou dois annos, convivendo com elles em familia. Muitas cousas originaes para nós civilizados são reveladas pelo emerito naturalista allemão. Citemos apenas algumas noticias que despertaram, pelo menos em nós, a curiosidade. A' pagina 43 conta o autor que a «Popunha» *(Guilielmia speciosa*, Mart.) é uma planta de cultura dos indigenas, que já perdeu, graças ao facto de ser desde seculos multiplicada pela separação dos rebentos,—a faculdade de propagar-se pelas sementes, que só produz atrophiadas. A' pagina 60 descreve-nos um processo novo para o preparo do «Curare» dos indios Issanás, affirmando que, segundo a instrucção de seu guia, de nome Mandu, o extracto é feito de uma planta escandente a que os indigenas da região chamam de «Maucuapi» e que os demais ingredientes vegetaes que entram na composição do terrivel toxico, só servem para estabelecer a liga. Este veneno e sua preparação parece ter semelhança com o «Erivá», que encontramos em uso entre os in-

dios da Serra do Norte, em Matto Grosso, com a differença porém, que, lá, a planta principal é quasi arborescente mas da familia das *Loganiaceas*, do genero *Strychnos*, a que tambem deve pertencer a indicada pelos Issanás. A's paginas 71 e 76 faz o A. menção do facto de usarem os aborigenes o succo de uma liana contra as ophtalmias e inflammações dos olhos, a que dão o nome de «Biquipi». Desta planta os indios fazem tambem uso para aperfeiçoarem os orgãos da visão, dizem ter ella a virtude de fazer enxergar melhor á distancia. Os processos dos diversos selvagens daquella região, para tingir as mascaras e os objectos de uso domestico, são descriptos em varios logares do livro e, na pagina 73, encontramos uma relação completa dos vegetaes de que extrahem as tintas. E, pelo exposto, verificamos que, d'entre todas, a «Chica» ou «Carayuru» (*Arrabidaea chica*, Verl.), dispersa desde o Amazonas até ao sul do Brasil, é ainda a mais importante para a obtenção do vermelho firme, e que o processo para se obter este corante em nada differe do primitivo, usado para a extracção do indigo das *Indigoferas*. Segundo informações dada em um outro logar, a tinta desta planta é tambem considerada prophylatica. Impressão nos deixa a informação dada á pagina 97 sobre o terrivel narcotico usado pelos pagés, que, aspirado pelos doentes os colloca, immediatamente, em estado desaccordado, quasi cataleptico, durante muito tempo, emquanto o esculapio faz a cura pela feitiçaria e exorcismo. Observação bem importante é tambem aquella que elle registra á pagina 147 a respeito dos peixes de agua negra ou escura e daquelles dos rios de aguas claras ou brancas e sobre a caça que vive nas regiões banhadas pelos citados rios. Lá, naquellas regiões limitrophes da Colombia, o A. poude constatar tambem o uso da «Cóca», tal qual o faziam os antigos Incas do Perú. Affirma elle que o pó das folhas desta *Erythoxilacea* constitue uma necessidade para os que se habituaram ao seu uso e que estes podem passar dois e até tres dias consecutivos tomando exclusivamente pequenas pitadas do mesmo. Não menos importante é o relatado á pagina 190, sobre o «Caapi», bebida preparada da folha de uma *Banisteria*, da familia das *Malpighiaceas*, que tem a propriedade do «Haschich» dos arabes, a «Maconha» ou «Diamba» do norte do Brasil, de que lançam mãos algumas tribus nas suas festas sagradas,

para embebedarem-se e terem sensações eroticas e bellas visões. Na pagina 204 encontramos a confirmação do que já foi affirmado pelos norte-americanos, de que o «Rapé» dos indios não é de fumo, mas sim das sementes tostadas da *Piptadenia peregrina* Bth. A' pagina 256 o A. nos descreve o emprego do «Cunambi» (*Clibadium Schomburgkii* Sch.), portanto uma outra especie além do *Ichtiotere cunabi* Mart., de que os indios fazem uso para matar peixe. Diz elle que elles picam a planta bem fininha e misturam a sua massa, com a de farinha, e, do conjuncto, fabricam pequenas pilulas que, atiradas ao rio e devoradas pelos peixes, produzem-lhes a morte. Na pagina 263 é citada a *Smilax ornata*, Lem., como «Salsaparilha» de exportação. Isto entre o muito que póde interessar aos nossos collegas de profissão, Muito interessante são outras passagens em que nos é referido detalhadamente tudo quanto os indios fazem : como casam, como curam os seus doentes, como fabricam os vasos, a descripção das suas festas, entre as quaes o «Jurupary», que nos faz recordar da maçonaria. Tambem para os medicos existe muita cousa importante no livro do *Dr. Koch-Grünberg*; elle é farto de informações sobre as molestias endemicas e as epidemias mais communs da região. A' pagina 236, os padres missionarios tambem encontram uma explicação dos motivos porque algumas missões morrem repentinamente sem que aqui fóra se possa atinar com as razões; pelo referido verificamos, que, infelizmente, ainda perdura, nos sacerdotes do Romanismo, o desejo de converter os gentios a muque.

Este novo livro do illustre e mui conhecido ethnographo é digno de todos os encomios e póde ser recommendado, sinceramente, a todos que se interessam pelas cousas de nossa gente indigena, elle regista o que, talvez, dentro de poucos annos, não mais poderá ser encontrado em nosso territorio, pois que o nosso indio está sendo exterminado ou se está identificando com a semicivilisação do sertão, para fundir-se, pouco a pouco, com a raça européa.

S. Paulo, 10-8-922.

F. C. Hoehne.

NIMUENDAJU' UNKEL, Curt. *Sagen der Tembê-Indianer — Zeitscirift für Ethnologie*, 47[ter] Jahrgang, 1915, Heft IV, n. V. Entre as varias dissertações

publicadas nesta revista ethnographica, temos neste fasciculo uma que nos interessa directamente: é a de *Curt Nimuendajú Unkel*: «Sagen der També - Indianer» (Lendas dos indios Tambés do Pará e Amazonas). E' o reconto de dez interessantes lendas ingenas dos Tembés, a saber:

I — A lenda dos gemeos e a Caruvára;
II — O incendio mundial e o diluvio;
III — O roubo de fogo;
IV — Como se conseguiu a noite;
V — A caveira rolando;
VI — A festa dos animaes;
VII — Os falcões e o diluvio;
VIII — A origem da festa do mel;
IX — A filha do rei dos urubús ou a visita aos céos;
X — O menino e o bacuráo (Ywizáu remira-hakwéra).

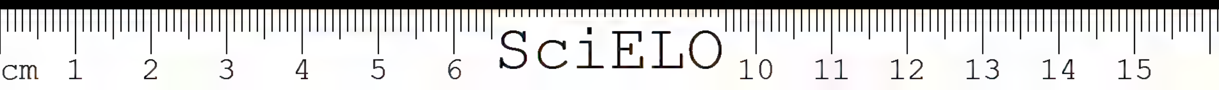
Uma grande maioria destas lendas foram tambem registradas por *Farabee* e *Grünberg* para os indios que vivem nas fronteiras brasileiras com as Guyanas e a Venezuela. Todas ellas mostram quanto se preoccupam os obscuros habitantes das selvas com a origem das cousas que os cercam, demonstrando ao mesmo tempo quão rudimentar é o seu raciocinio e infantil a concepção intellectual. Nem sempre estas historias ou lendas servem, porém, para explicar o apparecimento de qualquer cousa; na grande maioria são, talvez, apenas illustrações de verdades, contos que encerram uma moral, que talvez lhes sirvam para os mesmos fins, como para os civilisados, outras tantas historias absurdas, donde estes approveitam exclusivamente a lição e a moral. Neste numero não pódem ser, entretanto, classificadas as lendas como a do «incendio do mundo e o diluvio»; estas parecem antes ser restos de tradições antiquissimas, que relembram acontecimentos da evolução do nosso globo e que tambem encontramos entre os povos asiaticos, de onde, talvez, tenham sido levados com o homem para a America; factos, emfim, já bastante estropeados pela tradicção, conservados talvez para indicarem a verdadeira origem do homem americano. Interessante é que estas mesmas lendas são encontradas entre quasi todos os povos do globo, contando-as cada um a seu modo, salientando, porém, sempre o facto de

que houve um incendio muito grande e um dilluvio.

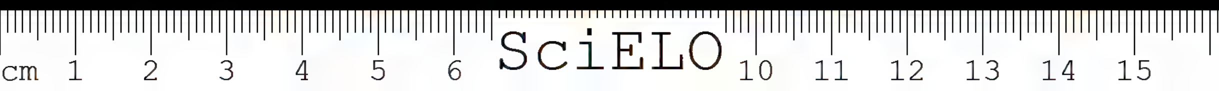
O que mais nos agrada neste trabalho do Sr. *Nimuendajú Unkel* é a maneira ingenua, porém inteiramente fiel, com que elle traduz e reconta as historias que lhe foram contadas pelos indios Tembés. Reconta-as taes quaes as ouviu, não as floreou, nem enfeitou ou concertou, embora muitas dellas talvez se prestassem admiravelmente para isto; lendo-as, temos a impressão de estarmos escutando o semi-civilizado, com toda a sua difficuldade de expressão, a contar as lendas em que parece crer piamente.

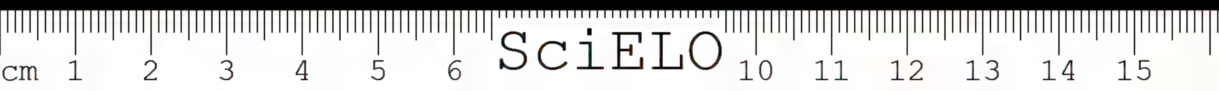
S. Paulo, 31-12-922.

F. C. Hoehne.



BOTANICA





BOTANICA

BEAUVERD, GUSTAVE. « *Le genre Luxemburgia* Saint. Hil. » *Extrait du Bulletin de la Société Botanique de Genèe 2me série*, vol. VII (1915), ns. 7, 8 et 9. Monographia de 19 paginas e duas estampas com varias figuras em negro

A remessa de uma especie nóva deste interessante genero do grupo das Ochnaceas pelo dr. Leonidas Damazio, de Bello Horizonte, ao Professor Gustavo Beauverd, de Genova, motivou este trabalho, em que o A. apresenta, ao lado de uma magnifica e completa bibliographia do genero, a revisão de todas as especies do mesmo e a descripção da enviada pelo citado botanico de Bello Horizonte, Minas.

Segundo elle, o numero das especies deste genero de plantas, que na Flora Brasiliensis, de F. von Martius é representado por apenas sete, se eleva agóra a quinze, todas quasi exclusivamente de Minas-Geraes e Rio de Janeiro.

A literatura indicada, a magnifica chave para as especies e as estampas com que é illustrado o trabalho augmentam-lhe o valor para nós, quando consideramos que este genero de plantas é exclusivo do Brasil e que as regiões montanhosas de Minas e Goyaz provavelmente ainda devem conter multiplas especies desconhecidas para serem encorporadas ao mesmo

S. Paulo, 12-921.

F. C. Hoehne.

BERTONI, DR. MOYSÉS, S. *Anales cientificos paraguayos. Contribuition a l'etude botanique des plante cultivées.*» 1.ª part. « *Essai d'une monographie du genre Ananas.* »

Nesta monographia o autor, já bantante conhecido pelos seus numerosos trabalhos de valor real, faz uma

revisão e estudo completo do genenero *Ananas* e descreve tambem uma nóva especie do genero *Acanthostachys*.

O resumo que elle mesmo faz no appendice III deste trabalho, nos dá uma ideia nitida do valor do mesmo. Até aqui todos os autores que teem se occupado com as *Bromeliaceas*, em pouco ou nada discordaram de Mez, que escreveu a monographia desta familia natural, para a Flora Brasilensis de Martius ; o dr. Bertoni deu-se porém, agóra, o trabalho de estudar o genero *Ananas*, e, dispondo de material vivo de uma grande maioria des fórmas, que, na Flora Brasiliensis, haviam, pelo citado autor, sido consideradas variedades da especie collectiva *A. sativus*, Lindl., chegou a conclusão de que ellas não são variedades mas sim especies difinidas, que, por sua vez, apresentam grande numero de variedades e fórmas, elevando assim o numero das especies deste genero a cinco, das quaes uma completamente nóva e tres que eram até aqui consideradas variedades da fórma typica *A. sativus*, Ldl.

Ao lado das descripções minuciosas de todas as especies, elle junta uma magnifica chave, pela qual podemos conseguir determinar, não só as especie, mas tambem as variedades e todas as fórmas de cultura até hoje conhecidas. Apresenta egualmente a evolução deste genero de plantas e o historico e dispersão das varias especies. Indica tambem o clima proprio para a cultura destas plantas e fornece dados sobre a utilidade das fibras e sua resistencia em cada uma das varias especies e variedades e com dados biologicos completa a monographia, que póde se chamar perfeita.

A nôva especie de *Acanthostacys* descripta por Bertoni é *A. exilis*, que foi colhida perto do Salto Iguassú.

S. Paulo, 10-8-922.

F. C. Hoehne.

LILLO, Miguel. «*Las Asclepiadaceas Argentinas*», Buenos Ayres, 1919.

Neste trabalho de 24 paginas de texto, extraido do «Physis» IV, 1919, Revista da Soc. de Arg. Ciencias Naturales, o autor dá algumas notas das 94 especies da familia natural das Asclepiadaceas que identificou

da flora da visinha Republica, indicando a literatura e juntando notas. Varias especies foram passadas por para generos diversos e as seguintes especies citadas como novas: *Mitostigma coalitum*, Lillo, *Cynanchum glossostemma*, Lillo, *Cyn. trilobulatum*, Lillo, *Cyn. sarcostemma*, Lillo, *Philibertia albiflora*, Lillo, *Philibertia splendens*, Lillo, *Philibertia stipitata*, Lillo e *Marsdenia Castillonii*, Lillo. Tambem um genero que elle chamou de *Hickenia*, Lillo, que foi baseada no *Oxypetalum scalae* Hicken é citado, mas de nenhuma especie nem do genero é feita a diagnose.

São bastante interessantes, para quem se occupa com o estudo systematico dos representantes da grande familia das *Asclepiadaceas*, os apontamentos e a literatura indicada pelo A. que é um dos incansaveis botanicos da visinha republica que se tem dedicado ao difficil estudo do interessante grupo, estudo que, segundo sua affirmativa em uma amavel carta a nós dirigida, pretende continuar illustrando as especies mais interessantes.

LILLO, Miguel. «*Las Asclepiadaceas da la Republica Argentina*» Tucuman 1920, extracto da Revista de los estudiantes de la Universidad de Tucuman, n. III e IV do I anno, correspondente a Abril e Maio de 1920.

Neste estudo de 6 paginas o A. expõe uma chave acompanhada da descripção abbreviada dos generos da familia natural das Asclepiadaceas representados na Republica Argentina. São 26 os generos, que, segundo elle, apparecem na flora daquelle paiz.

LILLO, Miguel. «*Segunda Contribuicion al Conocimiento de los Arboles de la Argentina*» da Universidade de Tucuman, 1917.

Nesta monographia o A. continua a sua obra sobre as Arvores da Republica Argentina encetada alguns annos atraz em bello volume publicado sob o mesmo titulo, documentando-o com numeros do hervario que lhe serviram de base e dando de cada especie as applicações e nomes vulgares, alem da distribuição geographica etc.

LILLO, Miguel. «*Descripcion de Plantas Nuévas*» Tucuman, 1912.

Neste trabalho são descriptas tres especies com algumas variedades dos grupos das *Ilicinias*, *Rosaceas*, e *Myrtaceas* como contribuição ao conhecimento das especies arborescentes da flora Argentina.

S. Paulo, 8-22.

F. C. Hoehne.

ROSENSTOCK, Dr. E. «*Filices brasilienses novae*» in Hedwigia vol. LVI (1915), pg. 355 até 371.

As especies novas descriptas neste trabalho são, na sua grande maioria, procedentes do Estado de S. Paulo, vindo algumas tambem do Itatiaya, no Rio de Janeiro, e do Estadado de Sta. Catharina. Foram colhidas em grande parte pelo sr. H. Luederwaldt, incansavel funccionario do Museu do Ypiranga, e pelo snr. M. Wacket, morador do Alto Serra, S. Paulo, aos quaes as sciencias já devem o descobrimento de multiplas novidades. Outra parte da collecção foi realisada pelo Serviço Botanico da Commissão Geographica e Gaologica do Estado de S. Paulo e entregue ao autor pelo dr. Gustavo Edwall, e, finalmente, a terceira ou ultima reunida pelos snrs. A. Curt Brade e Firmino Tamandaré de Toledo, que possuem grande copia de especies da Serra do Itatiaya.

As 29 formas e especies novas descriptas são distribuidas na seguinte ordem: Estado de S. Paulo, Capital, Moóca: *Blechnum capense*, var *limosa*, Rosenst. e *Dryopteris falciculata*, var. *elongata*, Rosenst.; Ypiranga: *Alsophila atrovirens*, var. *minor*, Rosenst.; Cantareira: *Alsophila elegans*, Mart. var. *Luederwaldtii*, Rosenst, ; *Diplazium Tamandarei*, Rosenst e *Dryopteris Tamandarei* Rosenst.; Guapyra: *Alsophila atrovirens*, var. *ciliato-paleacea*, Rosenst., Jaraguá: *Diplazium Jaraguae*, Rosenst.; Alto da Serra e Campo Grande: *Alsophila Iheringii*, Rosenst.; *Hymenophyllum rufum*, var. *pseudocarpa*, Rosenst. e *Dryopteris Bradei*, Rosenst.; Raiz da Serra: *Alsophila pallida*, Rosenst. e *Pteris leptopylla*, var. *latisecta*, Rosenst.; Lageado: *Dryopteris revuloides* var. *umbratica*, Rosenst.; Estação de Hector Legrú: *Dennstedtia Tamandarei*, Rosenst. e *Asplenium Russelii*, Rosenst.; Igarapé, Ribeira: *Also-*

phila proceroides, Rosenst. e *Hymenophyllum ciliatum* var. *abbreviata*, Rosenst.

Estado de Sta Catharina, Blumenau, Hamonia: *Pteris Luederwaldtii*, Rosenst. e *Dryopteris laetevirens*, Rosenst.

Estado do Rio de Janeiro, Itatiaya: *Asplenium Tamandarei*, Rosenst., *Polystichum Bradei*, Rosenst., *Dryopteris janeirensis*, Rosenst., *Dryopteris Raddi*, Rosenst. (nome novo para *Dryopt. retusa* var. *austro-brasiliensis*, Rosenst.), *Polypodium itatiayense*, Rosenst., *Polyp. Tamandarei*, Rosenst., *Polyp. tenuiculum* var. *brasiliensis* Rosenst., *Elaphoglossum itatiayense*, Rosenst. e *Elaph. Edwallii* Rosenst.

S. Paulo, 12-12-919.

F. C. Hoehne.

SCHLECHTER, Dr. Rudolf. *Die Orchideen ihre Beschreibung, Kultur and Züchtung.* (As Orchidaceas, sua descripção, cultura e multiplicação). Neste interessante manual das Orchidaceas, com 836 paginas nitidamente impressas e illustrado com 12 estampas em côres noturaes e 242 figuras no texto, o autor procurou apresentar aos amadores das curiosas epiphytas symbiontes, não somente a descripção das especies mais ornamentaes e mais geralmente cultivadas nas estufas europeas, mas indicar tambem os meios para a sua cultura e multiplicação mais facil e remuneradora. Para isto conseguir, aliou-se a cultores e negociantes de Orchidaceas, cuja pratica tentou utilizar para o aperfeiçoamento da bella monographia.

O summario do livro, que appareceu em dez fasciculos e cujo custo é de 25 Marcos apenas, é mais ou menos o seguinte: *Prefacio: Orchidaceas em geral*; em que são feitas, pelo autor, descripções das varias partes da planta que facilitam a comprehensão das descripções das especies e generos; *Distribuição geographica*, em que se apresenta a area de dispersão das varias especies e enumera as regiões em que as Orchidaceas mais abundam etc. *Enumeração e descripção dos generos e especies principaes*, organizada com boas chaves para facilitar a approximação é feita em linguagem accessivel ao leigo. *Climas dos paizes patria das principaes Orchidaceas. A importação e Cultura. As Orchidaceas como fornecedoras de flores para decoração. As Orchidaceas hybridas. A fecundação e cultura das Orchidaceas de sementes. Inimigos*

e molestias das Orchidaceas. Estufas e abrigos para a cultura das Orchicaceas.

Pelos titulos dos varios capitulos enumerados, pode-se ter idéa do cuidado e criterio com que o autor confeccionou este interessante e util compedio destinado aos amadores e cultores de *Orchidaceas.* E' lamentavel que o mesmo não sirva tambem para indicar a cultura destas bellas plantas em nosso Paiz; para a classificação e organização geral de uma bella collecção, elle é a ultima palavra. Nelle não estão enumeradas as 15.000 especies até hoje descriptas, apenas os typos principaes e mais ornamentaes de cada genero são citados, mas, podemos affirmar, que das obras publicadas para amadores, esta é uma das que mais vantagens offerecem, principalmente porque o Dr. Schlechter é dos Orchidologos um dos mais competentes no assumpto.

S. Paulo, 6-922.

F. C. Hoehne.

Annalen des K. K. Naturhistorischen Hofsmuseums, de Viena, é uma publicação periodica do Museu de Historia Natural de Viena, que se occupa tanto de Zoologia como de Botanica. Entre os numeros recebidos ultimamente pelo Museu Paulista, estão os fasciculos 1 - 2 do vol. XXX, e os 1 - 4 do vol. XXXI, (1917) que trazem alguma cousa que interessa á botanica do Brasil e que devem ser citadas para orientação daquelles que se dedicam ao estudo da nossa flora.

KRAENZLIN, Dr. Fr. «*Orchidaceae movae*».

Sob o titulo supra o conhecido e illustre orchidologo, expõe, no primeiro dos supra citados fasciculos á pag. 50, entre multiplas descripções de especies novas de Orchidaceas das Philippinas e do Kamerum, uma nova especie de *Laelia*, a *L Goebeliana*, Kr. que foi encontrada nos arredores de Rio de Janeiro, que, segundo a affirmativa do autor, tem affinidade com a *L. ruprestis*, Ldl., da qual differe pelo porte geral e coloração das flores.

WAGNER, Dr. Rudolf. *Ueber die Miensche Abbildung der Cyphomandra pinnata*, R. Wgn.

No segundo volume mencionado acima, paginas 150 - 160, o A. faz uma bem interessante critica sobre

a estampa da Solanacea citada e das varias descripções de especies affins e de generos proximos que tambem apparecem no Brasil. Compara muito bem os caracteres dos generos *Pionandra* e *Cyphomandra*, descreve bem a disposição dos racimos floraes e a bifurcação destas plantas e analysa, schematicamente, as flores bem como a disposição dos ramos. O mais interessante para os que se dedicam ao estudo das Solanaceas brasileiras é a relação bibliographica que o autor junta á sua monographia.

S. Paulo, 11-11-21.

F. C. Hoehne.

SAFFORD, W. E. *Narcotic Plants and Stimulants of the ancient american.*

Annual report of the board of regents of the Smithsonian Institution, 1916. Publicado em 1917.

Além de multiplos outros artigos de interesse geral, este numero do Report do «Smithsonian Institut» traz este artigo sobre as plantas narcoticas e estimulantes dos antigos americanos, que interessa especialmente a America Meridional e ao Brasil.

O uso das plantas narcoticas e estimulantes era feito em larga escala aqui na America quando Christovam Colombo aqui chegou. Estes usos foram, em grande parte, imitados pelos civilizados que aqui se estabeleceram e, com isso, tiveram origem varios dos vicios que ainda hoje dominam uma parte desses póvos. O uso que os indigenas aqui faziam destas plantas é descripto e documentado neste interessante trabalho do Sr. W. E. Safford. Elle descreve assim a historia do *Tabaco*, o uso do rapé feito das semente da *Piptadenia peregrina*, que por muitos foi tomado como sendo de tabaco e que assim deu origem a que os civilisados, por espirito de imitação, começassem a fazer uso do rapé de tabaco; o uso do feijão vermelho (*Broussonetia secundiflora* ou *Sophora secundiflora*); o culto que os indios faziam a algumas plantas que elles deificavam, a historia da *Lophophora Williamsii*, que por muitos annos foi confundido com uma especie de cogumello; as *Daturas narcoticas*, ainda hoje usadas para fins identicos a aquelles para as quaes as usaram os americanos precolombianos; a *Banisteria caapi*, a planta com que elles se embriagavam: *Ilex vomitoria* e a sua affinidade

com o *Ilex paraguariensis*, a primeiro usada na Florida e a segunda no Paraguay e outras especies usadas no Perú, Equador, Bolivia e Colombia ; o Guaraná (*Paulinia sorbilis* e *P. Cupana*) ; o Cacáo (*Theobroma cacáo*). 17 bellas photogravuras illustram este magnifico trabalho, que bastante interessa a historia de algumas das plantas que hoje se tornaram uma fonte de riqueza para o nosso Paiz, como por exemplo se deu com o *matte* e o *cacáo*.

S. Paulo, 2 6 21.

F. C. Hoehne.

ROSENDAHL, A. V., — «*Filices novae.*»
Arkiv för Botanik, da Real Academia de Sciencias de Stockholm. Vol. 14, fasc. 3.

Entre varios trabalhos que não interessam directamente ao nosso Paiz, encontram-se dois da lavra do Dr. A. V. Rosendahl, sobre *Filices*, em que elle descreve varias especies de fetos do Madagascar. No primeiro destes, intulado «*Filices novae*», isto é monographia n. 18 desse volume, encontram-se duas subespecies nóvas, a primeira de *Adiantum curvatum*, Klf., que elle chamou de *acuminatum*, e a segunda de *Ad. flagellum*, Fée, que chamou de *schizaeoides*, que naturalmente interessam aos que se dedicam ao estudo das *Filicineas* do Brasil, pois a primeira foi colhida no estado de Paraná, pelo Dr. P Dusen, e a segunda no Paraquay, pelo Sr. H. Grosse. Ambas essas nóvas fórmas são reproduzidas em estampas.

S. Paulo, 2-6-21.

F. C. Hoehne.

Arkiv för Botanik, publicação da Real Academia de Sciencias da Suecia. Vol. 15, Hälfte 1 - 2. (1917-1918).

Dos multiplos artigos publicados neste numero da interessante e utilissima revista, interessam a Botanica brasileira os seguintes artigos :

1 — LYNGE B. « *Ueber einige Regnellschen Parmelien aus Matto Grosso, Brasilien.* Em que, além da enumeração de varias especies já conhecidas, mas agóra encontradas em Matto Grosso, são descriptas duas especies novas, a saber : *Parmelia fatiscens*, Lynge e *Parmelia coccineae* Lynge. Ambas colhidas, por

G. Malme, na Serra da chapada em Matto Grosso, no anno de 1902.

6 — BROTHERUS, V. F. « *Contributions a la flore bryologique de l'Argentine.*

Em que são enumeradas especies de musgo colhidos pelo Dr. R. E. Fries, na parte septentrional da Argentina, e

7 — IDEM. « *Mozeniella, un nouveau genre des mousses du Brésil.* » Neste trabalho, que pode ser, por assim dizer, um complemento d'um publicado pelo mesmo autor, em 1895, sobre Musgos do Brasil, no Bihang till Sv. Vetensk. Akademien Handlingar Bd. 2 Afd. III, n. 3, é descripto um novo genero de musgo dedicado ao Dr. Mosen, grande sabio naturalista a quem muito deve o Brasil pela contribuição que prestou ao conhecimento da nosssa flora. Uma magnifica estampa illustra esta pequena monographia.

9 — GISLÉN, T. « *Beiträge zur anatomie der Gattung Utricularia, mit 4 tafeln* ». Considerando que a estructura de multiplas especies de Utricularia é mais ou menos identica, chamamos a attenção dos interessados no estudo dessas interessantes plantas, para o trabalho acima, embora elle descreva exclusivamente utriculos de *Utricularia vulgaris*, L., *Utr. neglecta*, Lehm. e *Utr. intermedia*, Hayne, especies indigenas nos arredores de Jönköping, Suecia.

S. Paulo, 14-7-20.

F. C. Hoehne.

BORGE, O. « *Die von Dr. A. Löfgren in São Paulo gesamelten Süsswasseralgen* ».

Arhiv för Botanik, vol. 15 n. 13, (1918). Publicação da K. Svenska Vetenskapsakademien, de Stockholm, Suecia.

Indubitavelmente a Real Akademia de Sciencias de Stockholm na Suecia é uma das instituições a que o Brasil mais deve pelo conhecimento e estudo da sua flora. As varias expedições, — mantidas, em parte, com o fundo deixado pelo abnegado e altruista Dr. Regnell, — vindas da parte desta academia ao nosso Paiz, para estudar a sua flora, não são as unicas que teem contribuido de uma maneira eloquente para o conhecimento da mesma; especialistas daquella academia teem-se encarregado por mais de uma vez do estudo das collecções reunidas aqui por botanicos

mantidos pelo nosso Governo e mesmo daquellas reunidas por especialistas que de outros paizes aqui teem vindo trabalhar. Presente trabalho do professor O. Borge, distincto membro daquella Academia e discipulo do professor Nordstedt o maior conhecedor das algas de agua doce, é mais um attestado daquillo que affirmamos. Este trabalho interessa especialmente aos que se dedicam ao estudo das microscopicas joias do reino vegetal, as Desmidiaceas e demais minusculas algas que vegetam na agua doce, tanto naquella estagnada como naquella dos mananciaes.

São em numero de mais de cincoenta, diz o autor, os trabalhos escriptos que interessam o estudo das algas de agua doce do Brasil, quinze destes tratam mais especialmente desta flora do Estado de São Paulo, dos quaes um da lavra do Dr. Loefgren, que foi quem colligio o material tratado no presente trabalho quando exercia a funcção de botanico da Commissão Geographica e Geologica deste Estado

Todo material descripto no trabalho do professor Borge, fôra pelo do Dr. Loefgren enviado ao professor Dr. O. Nordstedt, este teve tempo de estudar uma boa parte do mesmo e occasião para dar tambem publicidade a algumas especies novas constatadas no mesmo. Mais tarde, passou. porém, o material e notas já feitas ás mãos do Dr. O. Borge, o qual completou os estudos e reuniu no presente trabalho os resultados obtidos pelos dois.

De entre as 376 especies citadas como constatadas no material colligido pelo Dr. Loefgren, neste Estado, 27 especies e varias variedades são novas, — algumas foram descriptas anteriormente pelo Dr. Nordstedt e são por isto sómente citadas aqui. Oito taboas lithographicas, contendo detalhes de 199 especies illustram este trabalho de 108 paginas e uma vasta lista bibliographica o completa.

S. Paulo, 5-8-21.

F. C. Hoehne.

Arkiv för Botanik, vol. 16, (1921). Nesta revista sueca, que sempre traz trabalhos botanicos que interessam directamente ao Brasil, encontramos alguns do presente numero que merecem attenção especial, a saber;

DR. F. KRAENZLIN. « *Orchidaceas Duscnianae novae* ». Em que como diz o titulo, são descriptas

varias especies de Orchidaceas recolhidas no Estado do Paraná pelos Drs. Pedro Dusén e R. Lange. São ellas: *Physurus micranthus*, Kr., *Spiranthes itararensis*, Kr., *Habenaria foliosissima*, Kr., *Hab. macrodactyla*, Kr., *Hab. adenosepala*, Kr., *Physosiphon hystrix*, Kr., *Pleurotallis sordida*, Kr., *Pl. curytibensis*, Kr., *Pl. xylobiochila*, Kr., *Pl. porphyrantha*, Kr., *Pl. albo-purpurea*, Kr., *Pl. convallium*, Kr., *Pl. longicornu*, Kr., *Pl. glossochila*, Kr.. *Octomeria albo-rosea*, Kr., *Epidendrum brevicolle*, Kr.. *Bulbophyllum Jaguariahyrae*, Kr., *Maxillaria echiochilla*, Kr., *Miltonia quadrijuga*, Dus. et Kr., *Quekettia Duseniana*, Kr., *Ornithocephallus Dusenianus*, Kr., *Gomeza Duseniana*, Kr que são procedentes de Paraná e *Perystillus odontoglossus*, Kr., que é da Melanesia e outras que não são procedentes da America Central e do Mexico.

DR. ROB. E. FRIES: « *Zur Kenntnis der süd- und zentraamerikanischen Amarantaceenflora* ». Trabalho em que são feitas varias rectificações e novas divisões dos generos além de discripções de novidades da nossa flora. Occupa 45 paginas da revista e é illustrado com varias estampas intercalladas ao texto e 4 photogravuras grandes.

DR. ROB. E. FRIES: « *Revision der von Glaziou in Brasilien gesamelten Amarantaceen.* Trabalho egualmente bem illustrado e documentado, em que o autor faz a revisão das Amarantaceas colhidas pelo Dr. Glaziou nos estados de Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas, Goyaz e São Paulo.

DR. GUST. O. A. N. MALME: « *Asclepiadaceae riograndenses adjectis notulis de ceteris Asclepiadaceis in Brasilia extratropica, Uruguay et Misiones collectis.* » Neste trabalho, o grande especialista das Asclepiadaceas brasileiras, que tanto já contribuido para o conhecimento desta interessante familia natural da nossa flora, faz um estudo sobre as especies que apparecem na flora do Rio Grande do Sul e immediações. Além das varias redescripções e uma bella indicação bibliographica de muitas especies já conhecidas, são descriptas como nóvas, as seguintes: *Roulinia Ekmanii*, Malme, *Calostigma guaraniticum*, Malme.

S. Paulo, 2-3-22.

F. C. Hoehne.

A. S. HITCHCOK E AGNES CHASE : *Revisions of North American Grasses.*

SMITHSONIAN INSTITUTION UNITED STATES NATIONAL MUSEUM : *Contribuition from the United States National Herbarium, Vol. 22, part. 1.*

Comprehende este fasciculo, da importante Revista, as monographias das especies dos generos *Ichnanthus* e *Lasiacis*, feitas por A.S. Hitchcock e dos generos *Brachiaria* e *Cenchrus*, feitas por Agnes Chase. Embóra estas monographias citem exclusivamente as especies norte-americanas, varias especies brasileiras tambem communs alli são descriptas e mesmo illustradas. De *Ichnanthus pallens*, (Swartz) Munro, são citados numeros das collecções brasileiras de Capanema, Burchel, Malme, Lindman, Campos Novaes e Glaziou *Ichn. axillaris*, (Nees.) Hitchc. & Chase, é citado material de Dusén, do Paraná. *Ichn. nemoralis* (Scrad.) Hitchc. & Chase : Rose, Toca da Onça ; Riedel ; Wilkes, Mertens ; Dusén, Paraná ; Salzmann etc. *Ichn. leiocarpus*, (Spreng.) Kunth. : Riedel, Bahia ; Beyrich, Rio de Janeiro. *Lasiacis lingulata* Htchc. & Chase. : Rose, Corcovado, Rio, Salzmann, Bahia; Dusén, Paraná; Malme, Matto Grosso; Widgren, Rio de Janeiro; Riedel, sem procedencia. *Las. divaricata*, (L.) Hitchc. : Campos Novaes, Campinas; Wilkes, Serra dos Orgãos; Glaziou, Rio de Janeiro; Löfgren, S. Carlos do Pinhal; Lindmann, Rio Grande do Sul; Dusén, Paraná. *Las. sorghoidea*, (Desv.) Hitchc. & Chase: Campos Novaes, Campinas; Regnel, Minas; Malme, Cuyabá e Corumbá ; Lindmann, Mattto Grosso; Burchel sem procedencia certa. *Las. anomala*, Htichc.: Kuhlmann, Rio Branco ; Gardner, Ceará. *Brachiaria plantaginea*, (Link.) Hitchc.: Campos Novaes, Campinas ; Gardner, Goyaz ; Dorset et Popenoe, Rio Quebra Anzoes; Löfgren, Ceará; Jürgens, Rio Grande do Sul, Riedel e Glaziou, sem indicação de procedencia certa. *Cenchrus viridis*, Spreng. : Gardner, Serra dos Orgãos e Kuhlmann, Amazonas. *Cenc. echinatus*, L. : Campos Novaes, Campinas; Widgren, Minas; Löfgren et Edwall, S. Paulo; Warming, Lagoa Santa, Minas; Dusén, Paraná; Glaziou e Gardner sem indicação certa. *Cench. insularis*, Scribn. : Warming, Lagoa Santa, Minas. *Cench pauciflorum*, Benth. : Wilkes e Warming, sem indicação exacta da procedencia. *Cenc.*

triculoides, L. Jardim Botanico, Rio de Janeiro. Quasi todas especies são illustradas com photogravuras muito boas e desenhos dos detalhes das glumas etc.

A maneira por que é feita a descripção do genero e das varias especies é a mais pratica possivel, nada faltando alli, até a historia, terminologica e distribuição exacta de cada especie, com a documentação dos numeros que serviram de base ao trabalho, são dados com precisão. Pela relação dos numeros verifica-se que o trabalho foi consciencioso e bem documentado.

S. Paulo, 8-8-22.

F. C. Hoehne.

Notizblatt des Botanischen Gartens und Museums zu Dahlem-Berlin.

E' esta uma das varias publicações do grande Jardim e Museum Botanico de Berlim, que apparece em épocas indeterminadas, em fasciculos, que vão formando volumes e onde são expostos não só os relatorios, mas tambem descripções originaes de novas especies do reino vegetal.

Como tantos outros trabalhos, tambem os do importante Museu Botanico não paralysaram durante os annos de guerra, e os fasciculos do *Notizblatt*, publicados durante os annos de angustia, que temos sobre a mesa, nos demonstram que a actividade dos poucos naturalistas remanescente no estabelecimento, foi grande e fecunda; encerram elles muita novidade para a Botanica e especialmente sobre a flora sul-americana, com vantagens para a brasileira. Os fasciculos 59 e 60 (vol. VI) de 1915, tratam exclusivamente das novidades encontradas na grande collecção de vegetaes reunida pelo incansavel, hoje fallecido, Ernesto Ule, que, depois de ter servido por algum tempo na Secção Botanica do Museu Nacional, do Rio de Janeiro, internou-se pelos sertões do Brasil e nas Republicas circumjacentes, pesquizando e estudando a nossa flora e reunindo material para os grandes museus europeus. A publicação das novidades desta importante collecção de E. Ule é pre-

sidida pelo Professor Dr. R. Pilger e cada grupo ou familia natural estudado por um especialista. Nos fasciculos presentes são registadas as seguintes especies novas:

DR. UDA DAMMER: — *Palmae*: *Geonoma Roraimae*, U. D., da Guyana e Venezuela; *Chamaedorea bolivensis*, U. D., da Bolivia; *Chamaedorea depauperata*, U. D., do Alto Acre, Brasil; *Chamaedorea amazonica*, U. D., de Juruá-mirim, Amazonas; *Euterpe roraime*, U. D. e *Euterpe tenuiramosa*, U. D., da Guyana e Venezuela; *Martinezia Ulei*, U. D., do Seringal Auristella, no Acre, e *Acrocomia Ulei*, U. D., do Rio Branco, no Amazonas.

DR. ERNESTO ULE: — *Thurniaceae*: Citação da *Thurnia sphaerocephala*, Hook. f. para o Pará e Amazonas.

DR. TH. LOESEÑER: — *Musaceae*: Citação das seguintes especies novas antes descriptas no Botanische Jahrbücher de Engler: *Heliconia aureo-rosea*, Loes., do Perú; *Hel. juruana*, Loes., do Juruá, Amazonas; *Hel. Schumanniana*, Loes. var. *apicirubra*, Loes. e var. *acreana*, Loes. do Pará e Amazonas, e *Hel. Uleana*, Loes. do Alto Acre, Seringal Auristella.

DR. TH. LOESENER: — *Marantaceae tropicae americanae*, I.: *Myrosma boliviana*, Loes. nas margens do Tarumano, affluente do Madeira, Bolivia; *Myr. Uleana*, Loes. Rio Acre, Brasil; *Ischnosiphon obliquiformis*, Loes. do Rio Branco, Amazonas; *Ischn. annulatus*, Loes. do Perú; *Ischn. grandibracteatus*, Loes., *Ischn. Uleanus*, Loes. e *Ischn. surumuensis*, Loes. do Amazonas; *Ischn. cerotus*, Loes. do Perú; *Ischn. lasiocoleus*, K. Schum. var. *bolivianoides*, Loes. e *sphenophylloides*, Loes. de Juruá, Amazonas; *Ischn. bolivianus*, Loes. da Bolivia e *Ischn. puberulus*, Loes. do Perú; *Monotagma Ulei*, K. Schum. (redescripta), do Amazonas; *Monotagma parvulum*, Loes. e *Monotagma angustissimum*, Loes. do Perú; *Monotagma juruanum*, Loes. e *Mon. tomentosum*, Loes. do Amazonas.

DR. L. DIELS: — *Proteaceae: Roupala angustifolia*, Diels. região do Rio Negro, Amazonas.

DR. ERNESTO ULE: — *Loranthaceae: Phthirusa cochliostyla*, Ule, Rio Branco, Amazonas; *Dendrophtora Roraimae*, (Oliver) Ule, (rectificação), Guiana e Venezuela; *Dendrophthora rubicunda*. Ule, Guianas e Venezuela; *Phoradendron tetragonum*, Ule, *Phorad. Harmsianum*, Ule e *Phorad. mairaryense*, Ule, do Amazonas; *Phorad. macrophyllum*, Ule e *Phorad. densifrons*, Ule, da Guianna e Venezuela.

DR. ERNESTO ULE: — *Rafflesiaceae: Apodanthes caseariae*, Poit. *Pilostyles caulotreti*, Hook. fil. e *Pil. galactiae*, Ule, todas do Amazonas.

DR. ERNESTO ULE: — *Nymphaeaceae: Cabomba pubescens*, Ule, *Cabomba Warmingii*, Casp. e *Nymphaea Wittiana*, Ule, todas do Amazonas.

DR. R. PILGER: — *Hernandiaceae: Sparattanthelium atrum*, Pilger, trepadeira das margens do Rio Acre no Alto Xapury, e *Spar acreanum*, Pilger, da Bolivia.

DR. W. O. FOCKE: — *Rubus*, Citação de duas especies: *Rubus guyanensis*, Focke e *Rubus* spcs. ambas da Guiana.

DR. H. HARMS: — *Leguminosae: Affonsea Edwallii*, Harms, de Campo Grande, S. Paulo. (Esta planta encontramos no Alto da Serra, em 1917, e já a tinhamos descripta sob o nome de *Aff. cubatanensis*, verificando agora que perdemos o nosso trabalho); *Affonsea hirsuta*, Harms, de Itajahy, St. Catharina; *Inga acreana*, Harms, do Alto Acre, Amazonas; *Inga auristellae*, Harms, do Perú; *Inga calophylla*, Harms, do Perú e de Acre; *Inga chaetophora*, Harms, do Acre; *Inga fluvii novi*, Harms, Rio Novo, Minas Geraes (Araujo e Schwacke leg.); *Inga Mendonçaei*, Harms, dos arredores do Rio de Janeiro (Mendonça leg.); *Inga micro. coma*, Harms, do Alto Acre nos seringaes; *Inga mischantha*, Harms, do Brasil; *Inga ochroclada*, Harms, do Alto Acre; *Inga pachyphylla*, Harms, da região do Rio Branco, Amazonas; *Inga sar-*

mentosa, Harms, do Rio de Janeiro, (Glaziou leg.); *Mimosa brevispica*, Harms, e *Mimosa surumuensis*, Harms do Alto Rio Branco. — *Caesalpinioides*: *Tachigalia grandistipula*, Harms, do Rio Branco; *Tach. psilophylla*, Harms, de Esperanza, Brasil; *Tach. Ulei* Harms, Rio Negro, Amazonas; *Elisabetha oxyphylla*, Harms, do Rio Branco; Amazonas; *Bauhinia acreana*, Harms, da Bolivia; *B. porphyrotricha*, Harms Acre, Brasil; *B. Straussiana*, Harms, Acre, Bolivia; *B. urocalyx*, Harms. Rio Branco, Amazonas; *Zollernia Ulei*, Harms. Ceará, Serra do Baturitó; *Swartzia brachyrhachis*, Harms, Rio Negro, Manáos; *Sw. pachyphylla*, Harms, da Guiana e Venezuela.

DR. ERNESTO ULE: — *Vochysiaceae*: *Vochysia appopetala*, Ule, da Guiana e Venezuela; *Dichapetalaceae*: *Gonipetalum acreanum*, Ule Are, Brasil.

DR. R. PILGER: — *Rhamnaceae*: *Ramnus Ulei*, Pilger, da Guiana e Venezuea; *Gouania acreana*, Pilger, do Alto Acre; *Gouania adenophora* Pillger do Perú; *Gouania Ulei*, Pilger de Manáos Amazonas.

DR. E. ULBRICH: — *Malvaceae Abutilothamnus grewiifolius*, Ulbrich (genero e especie nova) de Monte Alegre, Alto Acre; *Sida rivulicola*, Ulbrich, Rio Branco, Amazonas; *Sida surumuensis*, Ulbrich. Rio Branco, campo secco da Serra do Mel, Amazonas; *Sida blepharoprion*, Ulbrich, Rio Branco, Amazonas; *Sida cearencis*, Ulbrich, Serra do Baturitó, Ceará; *Bastardia macrophylla*, Ulbrich, Nova Friburgo, Rio de Janeiro; *Pavonia surumuensis*, Ulbrich, Surumú, Rio Branco Amazonas; *Pavonia parva*, Ulbrich, (Nome novo para *Pav. nana*, Ulbrich); *Pavonia costaricensis*, Hochr. (agora constatada pela primeira vez no Brazil) Amazonas; *Malvaviscus Ulei* Ulbrich, Alto Acre, Amazonas; *Codonochlamys*, Ulbrich, (Gen. novo) *Cod. tiliifolia*, Ulbrich, e *Cod. Glaziovii*, Ulbrich, ambas de Minas Geraes. A primeira destas é por Glaziou dada como *Pavonia Kunthii*, Gnrke e con-

fundida com a segunda *Triplochlamys*, Ulbrich, (Gen. novo.) a que o autor subordinou varias *Pavonias* que se caracterizam pelo involucro calicino duplo e outros caracteres por elle assignalados.

DR. ERNESTO ULE: — *Ochnaceae: Ouratea racemiformis*, Ule, região do Rio Branco; *Ouratea australis*, Ule, Sta. Catharina; *Ouratea scandens*, Ule, furo do Cajubim no Rio Branco; *Ouratea garcnioides*, Ule, Alto Juruá, Brazil; *Ouratea chrysopetala*, Marary, Baixo Juruá, Brasil; *Elvasia brevipedicellata*, Ule, da Guiana e Venezuela; *Godoya disticha*, (Van Thigh.) Ule, (correção de *Plachonella disticha, V. Th.*) do Perú; *Poecilandra* subgen. *Roraimia; Poecilandra* (Roraima) *sclerophilla*, Ule, do Perú; *Poecilandra* subgen. *Roraimia Poecilandra* (Roraimia) *sclerophilla*, Ule da Guiana; *Sauvagesia amoena*, Ule, e *Sauv. angustifolia* Ule, da Guiana; *Sauv. Springelli*, var., *amazonica*, Ule Manáos, Amazonas; *Sauv. erecta* L. var. *rubiginosa*, Ule, e var *sincorensis*, Ule, de Manáos e Bahia; *Sauv. ramosissima*, Spruce, Amazonas *Sauv. rosacea* Ule, do Perú; *Sauv. roraimensis*, Ule, da Guiana; *Sauv. nana*, Ule, Rio Branco, Amazonas; *Sauv. gracilis*, Ule, Serra do Mel e São Marcos, no Amazonas; *Lavradia insignes*, Ule, da Bahia.

DR. H. HARMS: — *Passifloraceae: Pass sclerophilla*, Harms da Guyana e Venezuela; *Pass. leptopoda*, Harms, do Rio Branco, Amazonas.

DR. ERNESTO ULE:—*Melastomaceae: Rhinchanthera intermedia*, Ule, Serra da Paracaima na região do Rio Branco, Amazonas; *Acisanthera gracilis*, região do Rio Branco, Amazonas; *Acisanthera nana*, Ule, da Serra Pellada, Rio Branco Amazonas; *Pterolepis stricta*, Ule, Serra do Mel, Rio Branco; *Tibouchina prostata*, Ule, Cabo-Frio, Rio de Janeiro; *Tib. litoralis*, Ule, Cabo-Frio, Rio de Janeiro; *Comolia pentamera*, Ule, do Perú; *Aciotis aristata*, Ule, Bolivia; *Graffenrieda stenopetala*, Ule, da Guiana; *Leandra macrosepala*, Ule, Petropolis, Rio de Janeiro; *Leandra polya-*

dena, Ule, da Guiana; *Leandra procumbens*, Ule, da Guiana; *Miconia acutifolia*, Ule, da Guiana; *Mic. superba*, Ule, da Guiana; *Mic. erythrophylla*, Ule, da Guiana; *Mic. lagunensis*, Ule, de Sta. Catharina, Laguna; *Mic. mucronulata*, Ule, Rio Branco, Amazonas; *Mic. stephananthera*, Ule, do Rio Branco; *Mic. grandifolia*, Ule do Perú; *Mic. acreana*, Ule, do Acre, Brasil; *Mic. capitata*, Ule, do Perú *Mic. centranda*, Ule do Alto Acre, Brasil; *Mic. fluminensis*, Ule, da Tijuca Rio de Janeiro; *Mic. roraimensis*, Ule, da Guaina; *Mic. Pilgeriana*, Ule, do Juruá-Merim, Brasil; *Mic. rupreslis*, Ule, da Guiana; *Tococa micrantha*, Ule do Perú; *Toc. Loretensis*, Ule, do Perú; *Clidemia juruana;* Ule do Amazonas; *Henrietella longistyla*, Ule, Capão de São Marcos, Rio Branco; seguem-se algumas retificações de descripções de especies conhecidas, a saber: *Chaetostoma microlicioides*, Ule, (que é syn. de *Ch. luteum*, Ule, do Englers Bot. Jahrbücher XLII, (1909) 232); *Tibouchina longipilosa*, Cgn.; *Leandra Cogniauxii*, Ule, (igual a *Leandra purpurascens*). (A modificação é feita por já se achar preoccupado o nome *purpurascens* entre as *Leandras*). O mesmo acontece com *Miconia micrantha*, Pilger, que passa a se chamar *Mic. Wittii*, Ule. *Clidemia melanotricha*, Tr., é declarado igual *a Mic. atrosanguinea* Cgn., e *Myrmidone peruviana*, Cgn., é dada como *Maieta guianensis* Aubl., var. *peruviana* e *Leandra axilliflora*, Pilger, como identica a *Ossaea petiolaris*, Tr..

DR. H. HARMS: -- *Araliaceae* Declara *Sciadophyllum coriaceum*, Marchal e *Sc. umbellatum*, N. E. Brown como sendo respectivamente eguaes a *Schefflera coriacea* Harms, e *Scheffl. umbellata*, Viguier. Ambas da Guiana e Venezuela.

DR. FR. KRAENZLIN: — *Bignoniaceae*: *Arrabidaea nicotianiflora*, Kr. do Alto Acre; *Arr. pentstemonoidea*, Kr. da Bolivia; *Adenocalymma auristella*, Kr. do Perú; *Ad. heterophyllum*, K. S. Marcos, Alto Rio Branco; *Ad. Uleannm*, Kr. do Perú;

Anemopaegma roseo-luteum, Kr. S. Maimiry, Rio Branco; *Bignonia cymosa*, Vell. (Nov. descridção) Rio Branco; *Clytostoma Uleanum*, Kr. Alto Acre; *Setilobus subcorybosus*, Kr. Rio Branco, Amazonas; *Set. Boae Vistae*, Kr. Rio Branco; *Cuspidaria molis*, Kr. Rio Branco; *Pithecoctenium Uleanum*, Kr. Rio Branco; *Pleonotoma Uleanum*, Kr. Rio Branco, *Godmania Uleana*, Kr. Rio Branco; *Microbignonia*, Kr. (Gen. novo); *Microb. auristella*, Kr. do Alto Acre.

DR. K. FRITSCH: — *Gesneriacea: Gloxinia perennes*, (L) Fr. do Alto Acre; *Gl. Sarmentiana*, Gardn. da Serra Branca, Piauhy; *Rechsteineria crenata*, Frisch, Rio Branco, Amazonas.

Esta grande relação de especies novas encontradas pelo dr. Ernesto Ule, não representa senão uma pequena parte do total, muitas foram descriptas anteriormente no Botanische Jahrbücher de Engler e tambem nesta mesma publicação e muitas aguardam ainda a conclusão dos estudos. De 1883 a 1900 este naturalista trabalhou em St. Catharina e Rio de Janeiro; de 1900 a 1903 esteve elle occupando-se com estudos sobre a borracha nos estados de Amazonas, Pará e tambem no Perú, em 1906 esteve na Bahia e de 1908 a 1912 novamente na Amazonia (compare-se fasc. 53 do Notizblatt). Não só como collecionador, mas ainda mais como bom observador destacou-se o sr. E. Ule; contribuio muito para o conhecimento da phytogeographia e especialmente para a biologia das plantas. Importantes são especialmente as suas descobertas de entre as quaes a dos «Jardins das Formigas» merece destaque. Nos intervalos das suas viagens e depois da grande viagem feita ao norte do Brasil o sr. Ule trabalhava no Museu Botanico de Dahlem, e pelas publicações verifica-se que a sua contribuição ao estudo do material colligido não foi pequena. Antes que estivesse publicado o ultimo destes faciculos do Notizbatt, sobre «Plantae Uleanae» morreu o grande amigo da nossa flora, em Steglitz, Berlin, com 62 annos de edade (1915).

No fasciculo n. 62 no vol. VI do Notizblatt (1917) teem interesse para nós as seguintes monographias :

DR. C. DE CANDOLLE : — *Piperaceae neotropicae*. Que encerra as seguintes novidades: *Piper subscundens*. C. D. C. (citado do Herb. Boiss.) de Obidos, pelo dr. J. A. Ducke; *Piper Goeldii*, C. D. C., Alto Purús, pelo dr. J. Huber; *Piper anomalum*, C. D. C., do Pará, pelo dr. G. Huber: *Piper Sievekingii*, C. D. C., do Brasil, sem indicação de lugar, pelo sr. Sieveking; *Piper fulvescens*, C. D. C. var *geraense*, C. D. C., de Caldas, Minas, pelo dr. Mosén; *Piper leucanthum*, C. D. C., de Itacolumi, pelo dr. Leonidas Damazio; *Piper Gudesii*, C. D. C., da fazenda de Nazareth, na Ilha Mexicana (?) Brasil, pelo sr. Guedes; additamento para *Piper italiaianum*, C. D. C. descripto no Ark. f. Bot. vol. 9, fasc. 2, p. 5, de Itacolumi, Minas; *Piper peraromaticum*, C. D. C., de Itacolumi, pelo sr. Scwacke; *Piper itacolumianum*, C. D. C., de Itacolumi, pelo dr. L. Damazio; *Piper Schenckii*, C. D. C., Rodeio, Rio de Janeiro, pelo sr. H. Schenck; *Piper longovarium*, C. D. C,, das immediações do Rio de Janeiro, pelo dr. Glaziou; *Piper Regnellii*, C. D. C., (Prodr. vol. XVI, 1, p. 307), de Caldas; *Piper Parthenium*, Mart., de Caldas e outros pontos do Brasil, por varios colleccionadores; *Piper cubataonum*, C. D. C., da serra do Cubatão, S. Paulo, pelo dr. Usteri; *Piper Donnellsmithii*, do Rio de Janeiro, Corcovado, pelo dr. H. Mosén; *Piper concinum*, C. D. C. var. *trinitense*, C. D. C. e var. *sublongipes*, de St. Catharina e Rio Grande do Sul respectivamente por Schwcke e G. O. Malme; *Piper minutipetiolum*, C. D. C., de St. Antonio de Içа, por A. Ducke; *Piper Mosenii*, C. D. C., de Santos, S. Paulo, pelo dr. Mosén; *Piper Schwackei*, C. D. C., Pará, pelo dr. Scwacke; *Piper submelanostictum*, C. D. C., Guiana Ingleza, Leprieur; *Piper aequilaterum*, C. D. C., em Mogy-Guassú, S. Paulo, por Mosén; *Piper crassinervium*, Kunth, var. *Guilleminianum*, C. D. C.,de S. Paulo, por Guillemin;

Piper aramanum, C. D. C,, de Arama, por J. Huber; *Piper Duckei*, C. D. C., de Murutucú, Pará, por A. Ducke; *Piper monteverdeanum*, C. D. C., de Monte Verde, Purús, por J. Huber; *Piper cuyabanum*, C. D. C., de Cuyabá, Matto-Grosso, por G. O. Malme; *Piper Pabstii*, C. D. C., de St. Catharina, pelo sr. Pabst; *Piper oblongilimbum*, C. D. C., Alto Purús, pelo dr. J. Huber; *Piper nigropunctatum*, C. D. C., de Contamana, Pará, pelo dr. Huber; *Piper nigribaccum*, C. D. C., Santo Antonio do Içа, pelo dr. A. Ducke; *Piper Pilgerii*, C. D. C., de Batovy, Matto Grosso, pelo dr. Pilger; e de Cuyabá pelo dr. Malme; *Piper hispidinervum*, C. D. C., de Goyaz, pelo dr. Glaziou; *Piper subsilvestre*, C. D. C., de Porto Alegre, Alto Purús, pelo dr. J. Huber; *Piper flavo-viride*, C. D. C., Caldas, Minas, pelo dr. Mosén; *Piper subsilvulanum*, C. D. C., de St. Cruz, Bolivia, pelo dr. H. Herzog; *Piper velutinibaccum*, C. D. C., da Cantareira, S. Paulo, pelo dr. Usteri; *Piper Anisitsii*, C. D. C., do Paraguay, pelo dr. J. D. Anisits; *Piper subscabridum*, C. D. C., de Paraná, Ypiranga; pelo dr, Dusén; *Piper rectinervulum* C. D. C., de Alto da Serra, S. Paulo, pelo dr. Usteri; *Piper subaerophilum*, C. D. C., da Serra do Caracol,, pelo dr. Mosén; *Piper belemense*, C. D. C., de Belém do Pará, pelo dr. J. Huber; *Piper Hemmendorffii*, C. D. C., de St. Rita do Passa Quatro, S. Paulo, pelo dr. Hemmendorff; *Piper caracolanum*, C. D. C., da Serra do Caracol, S. Paulo, pelo dr. Mosén; *Piper subglabrifolium*, C. D. C., Pará, pelo dr. J. Huber; *Piper parvipetiolum*, C. D. C., Alto da Serra, S. Paulo, pelo dr. Usteri; *Piper crebrinodum*, C. D. C., de Rio de Janeiro, pelo dr. Glaziou; *Piper pardinum*, C. D. C., sobre troncos podres, em Caldas, Minas, pelo dr. Mosén; *Piper curtistilum*, C. D. C., de Pelém do Pará, pelo dr. J. Huber; *Peperomia psilostachya*, C. D. C. var. *glaberrima*, C. D C., de Campos de Jordão, S. Paulo, pelo dr. Julio de Moura; *Peperomia Arechavaletae*, C. D. C., do Uruguay, pelo dr. Are-

chavaleta, *Pep. Fiebrigii*, C. D. C., do Paraguay, pelo dr. K. Fiebrig; *Pep. marcoana*, C. D. C., de Ouro Preto, Minas, pelo dr. L. Damazio; *Pep. itabirana*, C. D. C., de Itabira, pelo dr Schwacke; *Pep. Mourae*, C. D. C., de Theresopolis, Rio de Janeiro, pelo dr. Julio T. de Moura; *Pep. spissinoda*, C. D. C., Brasil, por Glaziou; *Pep. glabripes*, C. D. C., do Rio de Janeiro, por Glaziou; *Pep. blumenauana*, C. D. C., de Blumenau, Santa Catharina; *Pep. Bartletii*, C. D. C., da Guiana, pelo sr. A. W. Bartlett; *Pep. guarunaja*, C. D. C., de Guarujá, S. Paulo, pelo dr. Usteri: *Pep. mantiquerana*, C. D. C., de Mantiqueira, pelo dr, Sello; *Pep. Berohardiana*, C. D. C., do Brasil Meridional, pelo sr. Bernhardi; *Pep. crypticola*, C. D. C., de Antonio Pereira, Minas, por L Damazio; *Pep. Huberii*, C. D. C., de Monte Verde, Alto Purús, pelo dr. Huber; *Pep. jaraguana*, C. D. C., do Jaraguá, S. Paulo, pelo dr. Usteri; *Pep. flavidinervis*, C. D. C., do Arraial, Antonio Pereira, Minas, pelo dr. L. Damazio; *Pep. apiahyana*, C. D. C. de Apiahy, pelo dr. Glaziou; *Pep. barbulipetiola*, C. D. C., de Minas, Serra do Frazão, pelo dr. L. Damazio; *Pep. puberulispica*, C. D. C., de entre Orchidaceas da collecção viva de Monaco, proc. da America do Sul; *Pep. Selloi*, C. D. C., do Brasil, sem outra indicação, por Sello.

DR. R. SCHLECHTER: — Sobre uma nova especie de *Stanhopea*. Que o autor chama de *St. minor*, Schltr., importada do sul do Brasil pelo sr. Grossmann e que florio nas estufas europeas. O A. suppõe ser esta planta que na Flora Brasiliensis de Martius foi desenhada, por Cogniaux, como sendo *St. occulata*, Ldl. da qual se distingue nitidamente pelas flores muito menores. Uma estampa em negro illustra o trabalho.

DR. C. DE CANDOLLE: — Continúa aqui o estudo do material Ule: « Plantae Uleaneae » sendo tratadas as novidades da familia nas Piperaceas colhidas pelo naturalista citado. Enumeradas e descriptas são: *Pip. udisilvestre*, C. D. C., do Acre;

Pip. acreanum, C. D. C., do Seringal Auristella, Acre; *Pip. monostignum*, C. D. C. da mesma procedencia; *Pip. puberulibaccum*, C. D. C., do Rio Branco, Amazonas; *Pip. nigropunctatum*, C. D. C. var. *franciscoanum*, C. D. C., de S. Francisco, Alto do Acre; *Pip. aleyreanum*, C. D. C., do mesmo local; *Pip. auristellum*, C. D. C., tambem do Acre; *Pip. paraguassuanum*, C. D. C., de Paraguassú, Acre; *Pip. paracaimanum*, C. D. C., de Rio Branco, Amazonas; *Pip. tridentipilum*, C. D. C., Alto Acre, Seringal, S. Francisco; *Pip. ovantherum*, C. D. C., tambem do Acre; *Pip. moense*, C. D. C., de Monte Mó, Acre; *Pip xapuryense*, C. D. C., do mesmo local; *Peperomia baturiteana*, C. D. C., de Baturité, Ceará; *Pep. decipiens*, C. D. C., do Rio Branco, Serra do Mel; *Pep. roraimana*, C. D. C., de Roraima; *Pep. papillispica*, C. D. C., arredores do Rio de Janeiro e Gavea; *Pep. silvestris*, C. D. C., Roraima; *Pep. rupicola*, C. D. C., Alto Acre; *Pep. simulans*, C. D. C., Alto Acre; *Pep. purpurinervis*, C. D. C., Roraima; *Pep. acreana*, C. D C., Acre; *Pep. longemucronatum*, C. D. C., Roraima; *Pep. scutifolia*. C. D. C., Seringal, S. Francisco, Acre.

DR. C. DE CANDOLLE — *Meliaceae: Guarea acreana*, C. D. C., Alto Acre; *G. franciscoana*, C. D. C., Seringal, S. Francisco, Acre; *G. simplicifolia*, C. D. C., *G. mucronulata*, C. D. C., Rio Negro, Amazonas; *Trinchilia grandifolia*, C. D. C., Acre, parte peruana; *Trich. sexanthera*, C. D. C., Juruá e Perú; *Trich. paracaimana*, C. D. C., Sumurú, Rio Branco, Amazonas; *Trich. tarapotoana*, C. D. C., do Perú; *Trich. sumuruensis*, C. D. C., Rio Branco, Serra do Mel.

Do fasciculo n. 65 do vol. VII (1917), temos:

DR. R. KNUTH — *Dioscoreaceas americanae novae* (Segundo nota do autor, este trabalho é apenas um extracto de uma monographia sobre as *Dioscoreaceas*, que deverá ser publicada depois de terminada a crise e a guerra): Como a lista das novas especies e a redescripção de muitas já publicadas é muito grande, preferimos deixar de citar

as mesmas aqui, reservando o resumo para quando surgir a monographia completa. Podemos entretanto adeantar que são em numero de 129 as descriptas e redescriptas especies de *Dioscoreas* e de 17 as de *Rajanias*.

Do fasciculo 66 do vol. VII (1918), temos de interessante para nós :

DR. R. SCHLECHTER : — *Orchidaceae novae, in caldaris Horti Dahlemensis cultae.* Nesta monographia se acham descriptas varias especies de *Orchidaceas*, que foram enviadas vivas para o Jardim Botanico de Berlim, pelo incansavel naturalista botanico Dr. Pedro Dusén, que, como Ule, esteve trabalhando por algum tempo na Secção Botanica do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e que depois fez varias viagens pelo sul do Brasil, especialmente pelos estados de Paraná e Santa Catharina, estendendo-se tambem até á Terra de Fogo, mandando assim grandiosas collecções para o Museu e Jardim supra citados. Schlechter, um dos melhores orchidologos da actualidade e autor de varias monographias sobre essa interessante familia das monocotyledoneas, tem descripto muitas especies desta collecção, não só nesta publicação, mas tambem no « Fedde Repertorium specierum Novarum », etc..

As especies aqui descriptas são as seguintes: *Masdevalia paranaensis*, Schltr., enviada do Estado de Paraná ; *Stelis diaphana*, Schltr., egualmente do Paraná ; *Stelis fragrans*, Schltr., idem ; *Stelis Porechiana*, Schltr., esta deve, segundo o autor, ser a especie que o professor Porsch desenhou no seu trabalho sobre as Oschidaceas do Paraná (« Denkschriften der Wiener Akademie », vol. LXXIX, tab. XI, fig. 11) como sendo *St. ophioglossoides*, Sw. ; *Stelis robusta*, Schltr., importada do sul do Brasil pelo sr. Grossmann ; *Stelis thermophila*, Schltr., do Paraná ; *Pleurothallis lamproglossa*, Schltr., Paraná; *Pl. margaritifera*, Schltr., idem ; *Pl. microblephara*, Schltr., idem ; *Pl. mirabilis*, Schltr., idem ; *Pl. paranaensis*, Schltr., idem ; *Pl. petersiana*, Schltr., idem ; *Pl. rhabdosepala*, Schltr., importada pelo sr.

Grossmann, do sul do Brasil; *Octomeria rhodoglossa*, Schltr., Paraná; *encyclia laxa*, Schltr., proc. incerta. Mais tres outras são descriptas cuja proc. é duvidosa.

No fasciculo 67 do mesmo volume o Dr. Schlechter continua a descrever as novidades que vão florindo de entre as Orchidaceas cultivadas nas estufas do Jardim Botanico de Dahlem e algumas colhidas por Dr. P. Dusén. *Cryptophoranthus similis*, Schltr., Parana; *Stelis calotricha*, Schltr., importada por Grossmann; *Octomeria Dusenii*, Schltr., Paraná; *Oct. irrorata*, Schltr., importada por Grossmann; *Bulbophyllum paranaense*, Schltr., Paraná, *Promenaea acuminata*, Schltr., importada do sul do Brasil por Grossmann; *Promenaea albescens*, Schltr., idem; *Capanemia paranaensis*, Schltr., Paraná; *Oncidium aberrans*, Schltr., Paraná.

KNUTH, Dr. R. « Oxalidaceas americanae novae », descreve, entre muitas outras de republicas circumjacentes, varias especies de *Oxalis* novas da flora do Brasil e tambem algumas novidades para a flora da Venezuela e da Colombia do genero *Biophytum*.

DAMMER, Dr. Udo. No fasciculo 68 do vol. VII (1920), pag. 44, descreve um novo genero de Palmeira, que segundo elle tem grande affinidade com *Acanthorriza*. *Chelyocarpus* é o nome do novo genero e *C. Ulei*, Dammer, é a especie em questão. E' uma palmeira das mattas do Juruá, Amazonas, cuja estipe attinge de 4—6 metros de altura e cujas folhas têm a fórma de leque, limbo de 35-45 cms. de diametro partido em 7--13 segmentos de 35--45 por 4-10 cm. com apice de 3-5 fino.

Na mesma publicação, vol. III, n. 70 (1921), temos ainda:

I — DR. RUDOLF SCHLECHTER—« *Die Gattung Promenaea*, Lidl. ». Neste trabalho o competente amigo, que tanto tem já contribuido para o conhecimento das *Orchidaceas* do Brasil, descreve monographicamente as especies que compõem este interessante genero exclusivo da flora brasileiro. O

genero *Promenaea* Ldl., que na Flora Brasiliensis figura com 8 especies de que, segundo affirma o autor, Cogniaux não teve ensejo de estudar e examinar a metade, limitando-se a copiar as descripções das especies não representadas no seu Hervario. O Dr. Schlechter descreve agora nada menos de 14 especies, que com mais duas descriptas por elle posteriormente, perfazem o total de 16 Pelas folhas muito delicadas e quasi transparentes e flores relativamente grandes e sempre bellamente coloridas ou pintalgadas, as *Promenaeas* tornam-se queridas por quantos colleccionam *Orchidaceas*. Vivem ellas geralmente nos logares mais sombrios e humidos agarradas aos troncos das arvores. Das 16 especies conhecidas pelo Dr. Schlecther, oito foram descriptas por elle. Neste trabalho o que mais merece ser mencionado é a magnifica chave para a determinação das varias especies, que o autor confeccionou baseado em dados positivos e detalhes ou caracteres constantes.

II — DR. H. HARMS — « *Einige neue Phaseolus Arten* ». As especies novas do genero *Phaseolus*, descriptas no presente trabalho do competente especialista das *Leguminosas*, são em grande parte do Perú, duas são procedentes do Mexico e duas do Brasil, a saber: *Phaseolus acariacanthus*, Harms. do Inficionado perto do Caráça em Minas, colhida por Glaziou, que a havia subordinado no hervario a *Ph. prostratus* Bth., e *Phas. juruanus* Harms, colhida por Ule no alto Amazonas no Juruá Mirim.

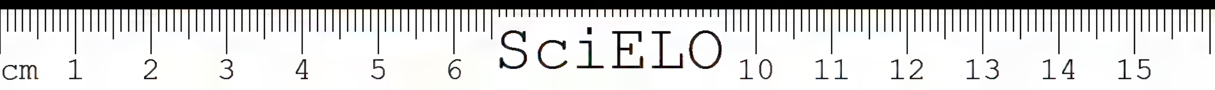
III — DR. E. IRMSCHER: « *Neue Fissidens Arten aus Brasilen und Bolivien* ». As especies de *Fissidens* descriptas como novas neste trabalho, são em numero de seis, das quaes duas cabem a Bolivia e quatro ao Brasil. Todas ellas foram recolhidas pelo benemerito trabalhador Ernesto Ule, a quem já nos referimos por mais de uma vez nestes trabalhos.

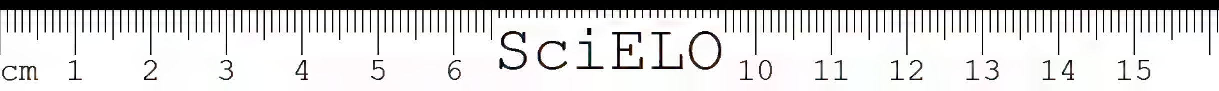
IV — DR. R. KNUTH: « *Zwei neue Dioscorea aus Brasilien* ». As duas novas especies do genero *Dioscorea* descriptas neste trabalho, foram recolhi-

das por nós em Matto Grosso, e enviadas entre outras plantas duplicatas ao Museu de Dahlen, em Berlim, no anno de 1910; são ellas respectivamente: *Dioscorea galiiflora*, R. Knuth, e *Diosc. Hoehniana*, R. Knuth, colhidas em Tapirapoan, em Março de 1909.

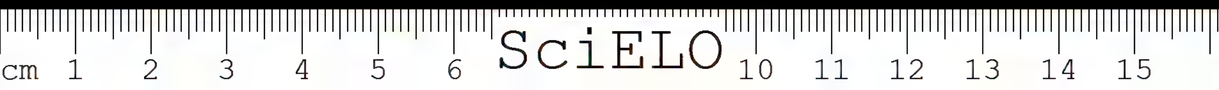
S. Paulo, 28-9-22.

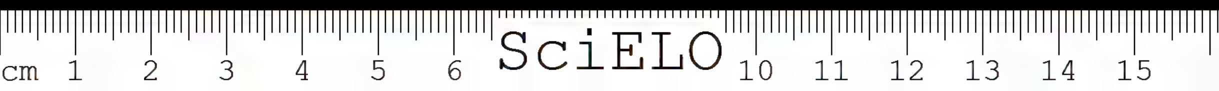
F. C. HOEHNE.




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

INDICE




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

INDICE DA BIBLIOGRAPHIA

ZOOLOGIA

MAMMIFEROS

PAGINAS

AVES

PAGINAS

PEIXES

OPHIDIOS, BATRACHIOS, LACERTILIOS

INVERTEBRADOS

MOLLUSCOS

PAGINAS

ARACHNIDEOS

INSECTOS

COLEOPTEROS

DIPTEROS

NEUROPTEROS

HYMENOPTEROS

ORTHOPTEROS

CRUSTACEOS

ROTATORIA

POLYPOS

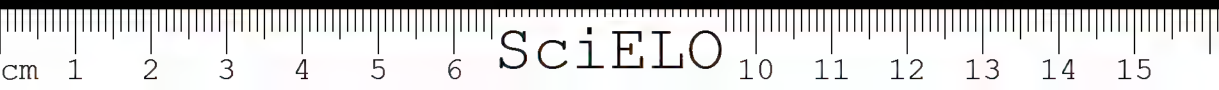
ETHNOGRAPHIA E VIAGENS

BOTANICA

NOTA. — A primeira numeração do Indice refere-se á paginação do tomo XV da *Revista do Museu Paulista*; a segunda ás separatas da *Bibliographia*.

Affonso de E. Taunay

A Terminologia Zoologica e Scientifica em geral e a deficiencia dos grandes Diccionarios Portuguezes



567—R5 com só 1 cr forte na b; bch 1/8 do co.....AMETADORIA TT gn (Gt, *A. unispinosa* TT spn)
R5 com cr ordinarias na b; bch pelo menos 1/5 do co.....568

568—3ant mucronado.....CLYTHOPSIS TT gn (Gt, *C. confundens* TT spn)
3ant não mucronado.....569

569—5R fechada.....MYOTHYRIA
5R aberta.....570

570—Com 4 st e ps; ♂ sem perfurador.....571
Com 3 st e ps; ♂ com perfurador ponteagudo...572

571—Bch não excedendo 1/4 do co; frs 2 abaixo da ba; com aps curtas encr.....ZYGOSTURMIA TT.
Bch 1/3 do co: frs 3 abaixo da ba; sems aps.....ITASTURMIA TT gn (Gt, *I. intermedia* TT spn)

572—5R quasi fechada; prffr um pouco mais comprido que o prffc; ♀ com o vnt sem espinhas.....HYPOMYOTHYRIA TT gn (Gt, *H. hypodermica* TT spn)
5R bem aberta; prffr e prffc eguaes; ♀ com o vnt espinhoso.....EUCELATORIOPSIS TT gn (Gt, *E. teffeensis* TT spn)

573—5R terminando conspicuamente antes da exa.....574
5R terminando na exa ou mui pouco antes da mesma.....579

574—Segsint sem md.....575
Segsint com md; não mais que 3 ps.....577

575—Fr e fc de largura egual.....GYMNOCARCELIA TT (e)
Fc mais larga qua a fr.....576

576—Com 3 st e ps; 3ant não mais comprido que o 2ant.....ERVIA RD (e)

Com 4 st e ps; 3ant 3x o 2ant.....OPSOSTURMIA TT gn (Gt. *O. tarsalis* TT spn)

577 - Com 2 st e pêlos.....PARANETIA TT gn (Gt, *P punctata* TT spn)
Com 3 st, a inferior, ás vezes, delgada: ♀ com perfurador ponteagudo.....578

578 - Lfrlia menos que a lpfrl; ♀ sem espinhas no vnt; ♂ com só 1 par de md nos segsint.....HELIOLYDELLA TT gn (Gt, *H. aurata* TT spn)
Lfrlia pelo menos egualando a lpfrl; ♀ com o vnt espinhoso; ♂ com 2 pares de md nos segsint.... TACHINOPHYTOPSIS TT gn (Gt, *T. carinata* TT spn)

579 - M3 conspicuamente mais perto do cub.....580
M3 no meio ou mui perto do mesmo, quando muito só um pouco mais perto do cub.....591

580 - Segsint sem md.....581
Segsint com md, pelo menos no 3seg.....585

581 - Sem aps; ♀ sem pfro.....MYIOMINTHO BB (e)
Com aps pequenas, encr.....582

582 - Com 2 st e ps; clypeo levemente deprimido...... EPIPROSPHERYSA TT gn (Gt, *E. charapensis* TT spn) (e)
Com 3 st e ps; clypeo bem encovado.....583

583 - Bch 1/6 ou 1/7 do co; eixvibr 1/2 do eixant; 5R praticamente fechada;.....CAMPTOPHRYNO TTgn (Gt, *C. orbitalis* TT spn)
Bch pelo menos 1/4 do co; eixvibr pelo menos 3/4 do eixant; 5R aberta.....584

584 - Eixvibr pouco menos que o eixant; prffr e prffc eguaes; ccl 2x a lcl.....PROPHORINIA TT gn (Gt, *P. proletaria* TT spn)
Eixvibr 3/4 o eixant; prffr mais curto que o prffc;

tantemente manuseio—como a novas tiragens de outros grandes lexicos de nossa lingua.

Dia a dia cresce a importancia da terminologia scientifica e mais se avoluma o seu lugar na linguagem vulgar. Ocioso é recordal-o se não até accaciano. Palavras que ha pouco só viviam nos labios de scientistas ou especialistas são hoje correntes até em rodas de gente pouco instruida.

E tal o imperio do prestigio destes vocabulos que, em todas as grandes linguas do Universo, abrem-se-lhes as paginas dos grandes diccionaristas de par em par. E as edições successivas dos grandes lexicos, de renome mundial, apressam-se em registar os avolumamentos dessa terminologia cada vez mais extensa e mais precisa.

Com o portuguez tal ainda não se deu de modo que corresponda ás exigencias das civilisações hodiernas e ao estado actual da Sciencia.

Parece muito longe ainda o dia em que ha de surgir o Webster do mundo lusitano.

Já comtudo uma tentativa séria e digna de todo o applauso houve : a publicação da *Encyclopedia portugueza illustrada*, redigida pelo Dr. Maximiano de Lemos cuja unica edição, de principios do seculo XX está hoje antiquada e muito deficiente. Para ella foi, aliás, immenso aproveitado o excellente *Nouveau Larousse Illustré* lembremol-o de passagem, por amor á justiça.

Nella se averba comtudo, o melhor, ou antes o unico vocabulario scientifico avultado da lingua portugueza, e vocabulario revestido de autoridade, o que é essencial. Muito longe, porém, está de poder ser comparado a um diccionario do typo Webster. E' em todo o caso excellente fonte informativa. Para nós brasileiros falta-lhe e muito a technologia vulgar aliás justificadamente ausente de suas paginas pois é um lexico portuguez e a terminologia portugueza e brasileira differem immenso hoje.

Quanto aos diccionarios correntes da lingua ao alcance do publico o que nelles se nota é a deficiencia desanimadora do vocabulario scientifico e as numerosas erronias de suas definições, obsoletas em geral.

Tomemos por exemplo Caldas Aulete. E' o seu diccionario primoroso quanto á parte vernacular. Mas

quantas dezenas de milhares de lacunas vulgares ha a se lhe inculcar !

E como é pobre em materia de technologia scientifica e frouxo senão deploravel em exacção definitoria !

Os demais lexicos F. Adolpho Coelho, João de Deus, Seguier para só falarmos dos mais modernos quasi que se limitam a ser diccionarios da linguagem vulgar. Todos deficientissimos em relação aos brasileirismos, aliás recordemol-o.

Entendeu o Snr. Candido de Figueiredo, realizar em materia de diccionario lusitano um ensaio no genero Webster, fazendo notar quanto até então fora escassissimo o inventario do portuguez no que tinha carradas de razão.

Inventariando como fez os recursos de nossa lingua prestou pois relevantes, relevantissimos serviços.

Já a primeira edição do seu *Novo Diccionario* trouxe enorme vocabulario, a mais, sobre os dos outros mais reputados lexicos, como os de Aulete, Francisco Adolpho Coelho, Moraes etc.

Avolumou-se immenso este inventario com a segunda e a terceira edições da prestante obra.

Affirma o seu autor ter catalogado 137.000 vocabulos.

E' muito, é enorme e isto sobremodo lhe honra os esforços.

Mas, *ars longa!* infelizmente está o *Novo Diccionario* muito longe, ainda, de ser o lexico exigido pelo estado cultural presente da lingua portugueza, hoje patrimonio de uns quarenta milhões de individuos. E isto por muitos motivos serios.

Primeiro pela deficiencia em materia de brasileirismos e neologismos de todo o genero nascidos da plastificação litteraria e jornalistica do portuguez no Brasil e em Portugal, do colossal avolumamento da technologia industrial e da scientifica, da creação de enormes nomenclaturas derivadas de inventos modernos etc.

Ha cem mil palavras vulgares, correntes no Brasil que o snr. Candido de Figueiredo desconhece. O Rev. Pe. Carlos Teschauer nos seus lexicos e eu nos tres que publiquei em 1909, 1914 e 1924 *Lexico de termos technicos e scientificos*, *Lexico de lacunas* e *Vocabulario de omissões* arrolámos uns vinte mil voca-

bulos, lacunas do *Novo Diccionario!* Algum esforço mais teriamos dobrado a colheita.

Desafiado por um sceptico a descobrir tres lacunas nas edições de tres grandes jornaes brasileiros publicados num mesmo dia, demonstrei em publico que as tiragens de dous grandes jornaes paulistas, e um carioca, de 17 de fevereiro de 1924, tinham 106 lacunas do diccionario do Snr. Candido de Figueiredo!

Além da sua extrema lacunosidade o lexico figueirediano resente-se da falta de cultura geral scientifica do seu autor.

Tivesse-a o Snr. Candido de Figueiredo á altura da complexa factura que um lexico das dimensões e da importancia do seu exigem e não daria provas de atrazo, recolhendo innumeras vezes, definições erradissimas, noções de uma sciencia obsoleta, demonstrando ausencia de methodisação dos assumptos scientificos e, peior, abonando significados com a autoridade nulla, até de noticias da imprensa diaria! ou haurindo informações em mananciaes turvos, como quando esteia um ror de definições chimicas com as opiniões de uma *Technologia rural!*

Além dos numerosissimos brasileirismos deturpados, falhos, insufficientes e até disparatados ha no lexico figueiredeano numerosas heresias scientificas.

Já em materia de botanica o demonstrou do modo mais vehemente quanto é errado o *Novo Diccionario*, o eminente conhecedor da sciencia florestal, e prezado amigo, Dr. Edmundo Navarro de Andrade, em magistraes estudos que a *Revista do Brasil* publicou.

Não menos suggestivos e corroboradores do que avanço os reparos do Snr. Rodolpho von Ihering, nos *Contos de um naturalista*, quanto á zoologia.

Taes, infelizmente, o intenso amor proprio do douto diccionarista e a sua confiança em si que se deixou ás vezes arrastar a verdadeiros excessos. Só assim se explica a sua aversão por uma obra cuja consulta immenso lhe seria proveitosa: exactamente essa mesma *Encyclopedia portugueza illustrada* redigida por seu eminente compatriota Maximiano de Lemos a que me referi. A seu respeito guarda o mais rigoroso silencio. Como que jamais soube que a houvessem publicado. Cala-lhe até o titulo na resenha extensa das fontes que indica haver consultado! Preferiu á chimica deste seguro mentor a de uma *Technologia rural* qualquer...

Não é a presumpção que me leva a assim exprimir-me. Bem sei o que são os meus recursos, mas tomei a precaução de cotejar as definições e os ensinamentos do *Novo Diccionario* com os dessas autoridades, universalmente acatadas, dos grandes lexicos encyclopedicos e dos maiores scientistas contemporaneos.

O meu unico trabalho foi fazer esta approximação leal e honestamente.

Assim como se apresenta a edição do *Novo Diccionario*, em 1923, é digna da mais severa censura e da maior deconfiança.

Receiando, acima de tudo, infringir o preceito salutar do *ne sutor* peço aos benevolos leitores não se esqueçam de que não sou quem emenda ao *Novo Diccionario* e sim apenas o porta voz das mais abalisadas autoridades das grandes encyclopedias contemporaneas das maiores linguas. Assim queiram dar-se, uma vez ou outra, ao trabalho de cotejar as minhas affirmativas com as das fontes invocadas.

Appareceu-nos, em fins de 1925, uma edição do *Diccionario Contemporaneo* de Caldas Aulete, anciosamente esperada no Brasil pois desde muito se exgotara a primeira tiragem do optimo lexico cujos volumes attingiam, entre nós, ultimamente, enorme preço.

Não ha quem não tenha o lexico de Santos Valente—Caldas Aulete como obra da mais elevada e justa reputação.

Compenetraram-se os seus autores da perfeita justeza da observação do pensador francez: *um dictionnaire sans exemples est un squelette* e fizeram com que os seus verbetes vocabulares surgissem acompanhados da mais apropriada e bem escolhida exemplificação.

Dahi o grande favor que do publico mereceu e, desde muito, provocou o esgotamento de sua primeira tiragem.

A' luz do criterio moderno, e da cultura actual, as definições dos termos scientificos da primeira edição do diccionario de Caldas são frequentemente desvaliosas senão muitas vezes erroneas e até em certos casos ridiculas.

No interessante e vivaz prefacio desta primeira edição metteu Caldas Aulete á bulha os diccionaristas seus velhos antecessores.

Ridiculisa Bluteau e suas numerosas «inepcias», verbera a ignorancia de Moraes a inserir as noções da mais atrazada e antiga sciencia, a continua incapacidade definitoria de Roquette, «a ignorancia da ideia o burlesco da forma» de Lacerda em materia de technologia medica, etc. E realmente, cabe-lhe muita razão, pois nos lexicos censurados se nos deparam verbetes e verbetes dignos do bestunto do famoso Bacellar.

Ha no emtanto no seu diccionario numerosas definições que hoje tanto valem como as que verbera aos velhos diccionaristas.

E' o que se dá em materia de zoologia, physica e chimica, mineral e organica, por exemplo. Inculca noções que hoje não são mais exactas, mas forçoso é reconhecer que a sua superioridade definitoria em 1881 sobre a de Candido de Figueiredo em 1923 é simplesmente positiva.

No grande lexico figueiredeano abundam os dislates e são frequentes até as parvoices. Assim nos viesse porem a reedição e ampliação do *Diccionario Contemporaneo* digna do seu grande valor vernacular e abrigando larga technologia scientifica modernissima e rigorosamente definida. Assim tambem houvesse esta nova edição recolhido a mais farta messe de brasileirismos e demais lusitanismos extra europeus podendo portanto aspirar a uma situação de Webster de toda a gente de lingua lusa que «cerca em derredor este rotundo Globo e sua superficie tam limada».

Infelizmente tal não se deu á altura das geraes esperanças e desejos. No rapido folheio que me foi dado fazer desta segunda tiragem de Aulete avolumado por Silva Bastos já infelizmente verifiquei muitos motivos serios de desgosto e decepção. Quer me parecer que é obra frequentemente victima do atabalhoamento dos seus confeccionadores

Nem tem firmeza de orthographia pois ora escrever Brasil com s, ora com z. Continua o diccionario a affirmar ao publico cousas que eram verdadeiras em 1881 e são falsas em 1925, só porque foram conservadas, na integra, os verbetes de Caldas Aulete, ha quasi meio seculo.

E' realmente pena que não tenha sido melhor cuidada esta tiragem de tão prestante diccionario que

certamente demandou grandes despezas para a sua confecção.

Precisa o portuguez, e quanto antes, ter um diccionario no genero do de Webster. Precisa de um Webster; a existencia de um lexico, como o famoso vocabulario monumental, de que pode dispor o inglez, corresponde ao fornecimento de elementos culturaes de inapreciavel valor e de que imperiosamente temos necessidade.

Res non verba, dirá a sorrir o leitor a quem não seja extranho o jardim das flores latinas e das phrases feitas corriqueiras.

O problema da elaboração do Webster portuguez ou antes do Webster brasileiro, a meu ver se reduz a mera questão de dinheiro. Verdade é que demanda grandes sommas. Creio que com uns setecentos contos de reis tudo se resolveria, pois já ha elementos sobejos reunidos de cuja coordenação poderá sahir o desejado grande diccionario.

Parece-me pois que o caso, para a obtenção de uma boa primeira edição se reduzirá a simples questão compilatoria.

Assim para a technologia scientifica greco latina hoje enorme poder-se-á simplesmente traduzir as definições do Webster-americano da ultima edição tão concisas, precisas e seguras. São legitimos modelos de clareza e justeza. Será uma questão de pagamento de direitos autoraes pela traducção. A parte vernacular esta pode ser dada pelo contingente dos vocabularios de Caldas Aulete, Moraes Fr. Domingos Vieira, com a sua excellente exemplificação.

Quanto aos brasileirismos nada mais haverá a fazer-se do que reunir as differentes e vultuosas contribuições já existentes, os lexicos regionaes ou geraes dos velhos Coruja, Beaurepaire Rohan e Rubim aos mais recentes como os de minha autoria e os de Teschauer, Chermont de Miranda, Romaguera Corrêa e diversos mais.

E depois, poder-se-ia annunciar pagamento de premios, a tanto por palavra, a quem trouxesse vocabulos, ainda não diccionarisados, com a sua documentação indispensavel, o *pedigree* para a acceitação no novo lexico, fixando-se um prazo de restricção para o recebimento dos neologismos e regionalismos, nunca inferior a uns dous annos anteriores ao millesimo do

encetamento dos trabalhos do novo Webster brasileiro.

Estou absolutamente convencido de que com a maior facilidade se attingiria uma collecta de trezentos mil vocabulos; só os brasileirismos dariam cem mil verbetes vocabulares.

O mais seria serviço de secretaria burocratisição pura e simples da tentativa para a alphabetisação das fichas.

O Sr. Professor Jeronymo de Azevedo, digno director da Bibliotheca do Estado de S. Paulo, poz mãos a obra a uma empreza de largo folego pretendendo publicar volumosissimo «Repertorio Geral» da lingua portugueza. Deste tentamen dois volumes se originaram muito vultuosos, e valiosos, e no emtanto encerrando apenas pequeno numero dos vocubulos em A. A superveniencia da guerra mundial e as desastrosas consequencias economicas della decorrentes nos primeiros annos da conflagração fizeram com que a tão prestante tentativa fracassasse.

Parece-nos comtudo que o plano traçado pelo prof Azevedo não era dos mais felizes nem corresponderia aos reclamos da opinião publica como um diccionario do typo Webster. E realmente incorporou elle ao seu repertorio as contribuições integraes de grande numero de velhos diccionarios portuguezes o que em numerosos casos provocava demasias e redundancias e ao mesmo tempo incluiu-lhe ainda numerosos artigos extranhos a philologia sobre historia, biographia, geographia etc.

Dahi a enorme extensão tomada pelos differentes verbetes articulares, frequentemente.

A confecção do nosso Webster exigirá a montagem de uma verdadeira repartição com amanuenses e dactylographos numerosos. Só o colleccionamento das palavras dará ensejo á manipulação de centenas de milhares de fichas. Convirá copiar o vocabulario integral de todos os diccionarios portuguezes, e brasileiros para se apresentarem não só todos os vocabulos diccionarisados como todas as accepções, por vezes numerosissimas, das diversas palavras.

Para o archivamento do vocabulario brasileiro diccionarisado hoje, ainda absolutamente insuficiente (pois não representa a quarta parte do que anda realmente aos labios do nosso povo) creio que com pouco tempo se recolheriam milhares e milhares de palavras.

Seria tudo uma questão de dinheiro apenas.

Pagariam os editores a quem lhes trouxesse em livros nacionaes palavras não diccionarisadas ainda, digamos quinhentos réis por palavra distribuindo se a tarefa por entre cem pessoas intelligentes e de boa vontade. A pequena renumeração seria como que a ligeira compensação do trabalho dispendido. Em pouco tempo estariam averbadas dezenas de milhares de fichas correspondendo a vocabulos ineditos. Co• uns cincoenta contos de réis ficariam fichadas cincoenta mil palavras novas pois deveremos dar margem ás repetições que fatalmente occorrerão.

Sorrir-se-ão, scepticos, muitos dos bons leitores certos de que estou a exagerar. E creio contudo que a elles não assiste razão para tal attitude.

Seja-me agora dado revistar o vocabulario zoologico da terceira edição do Novo Diccionario de Candido de Figueiredo.

I

Revista do vocabulario zoologico gymnasial. Lacunas e mais lacunas. Nomenclaturas dos grupos zoologicos inferiores. Ausencias em barda dos termos vulgares.

Muito embora se jacte o sr. Candido de Figueiredo de haver tido insano trabalho para no seu *Novo Diccionario* incluir tudo quanto de mais moderno ha em materia de technologia sientifica, apresenta se a sua aliás muito prestante obra atrazada e anachronica por deficiencia de conhecimentos e insufficiencia definitoria dos autores antigos que foram os " Espiritos santos " do douto diccionarista.

Tomemos por exemplo, e muito summariamente, a zoologia, mas ao nivel do que é exigido dos nossos gymnasiastas em materia de Historia Natural, que acima não pretendemos ir, receiosos de postergar ao salutarissimo preceito do *ne sutor*.

A começarmos pelo principio examinemos o que sobre a celulla animal inculca o N. D. Si é exacto que nos fala em *nucléolo e hyaloplasma* nada diz de *morphoplasma* e *ergastoplasma*.

Das substancias chromaticas do nucleo não fala da *pyrenina* nem da *amphipyrenina* embora averbe *linina*, mas não o seu synonymo *plastina nuclear*, assim como *paralinina*. Incrivel nada diga de *enchilema*

Caryosoma, centrosoma, plasmosoma, são palavras que desconhece e admira que averbe *áster.*

Pasmoso deixe *amitose* assim como *mitose!*. Verdade é que menciona *caryocinese*, mas desconhece lhe o synonymo; *cytodiérese*. *Espirema?* será possivel que falte o termo? Pois falta como *prophase, anáphase, metaphase, telophase, centrodesmose.*

Assim pois na technologia da cellula animal, faltam ao sr. Candido de Figueiredo nada menos de quinze termos vulgares!

Tratando-se dos tecidos animaes nem menos notavel é a deficiencia do *Novo Diccionario*! Vejo que nelle não ha: *fibr. hyalino.*

Cuidando das grandes divisões dos animaes é simplesmente extraordinario que o N. D. silencie a proposito de *Cytozoario*, synonymo de *protozoario*, e de *histozoario*, synonymo moderno de *metazoario*!

A respeito de *ciliophoros* reina o mais absoluto silencio nas suas columnas. Assim nada fala da caracteristica *cytostoma.*

Curioso que *porifero* não appareça! *Parazoario* é vocabulo desconhecido ao sr. C. de F. que no emtanto averba *enterozoario*, mas como synonymo de helmintho. *Morula, blastula, gastrula,* são palavras que o N. D. menciona.

Mas *celoma* ninguem alli encontrará.

Da technologia da differenciação animal ninguem espere achar palavras hoje vulgares, como *homaxomico e monaxomico*, embora se leia *radiario.*

A grande classificação zoologica para o sr. C. de F., a modernissima é a de Cuvier, em 1812! Podia ser a de Linneu com os seus seis grupos e até a de Aristoteles...

Assim nada quer saber de *cnidarios* nem de *protostomios* e *deuterostomios, chetognathos* e *escolécidas etc.* Curioso que de vez em quando escape algum como succedeu a *ctenephoro e acranio.*

A' technologia dos protozoarios faltam-lhe *gregaloide, arboroide; zygoplasta, chromatophoro, cinetonucleo* embora cite *trichocysto, gemmiparidade* e não *esporulação* o que é indisculpavel. Em materia de reproducção dos protozoarios é o N. D. de deploravel lacunosidade.

Debalde nelle procurará o consulente *isogameto, macrogameto, microgameto, isogamia, anisogamia.*

Passemos a examinar o que nos diz das subdivisões dos protozoarios. Dos rhyzopodos já principia por nos contar simplesmente que são animaes cujos pés semelham a raizes sem nos dar a sua determinação na escala zoologica, o que constitue defeito.

Das quatro ordens dos rhizopodos duas faltam: *amebinos e heliozoarios!*

De *flagellados e ciliados*, vocabulos hoje essenciaes na technologia dos protozoarios nada tambem revela o N. D.

Não fala de *flagellados*, mas cita *trypanosoma*. Mas antes não o fizesse, pois, affirma que só ha um *trypanosoma!!* ha uma *trypanosomiase!!* Fala nas leishmanias (no supplemento). Mas de *piroplasma* nada ha embora mencione *espirocheta*.

Tratando dos *esporozoarios* não encontramos *esporozonia* nem *eschyzogonia esporocysto*, *esporozoito*, *merozoito*, *microgametocyto*, *zigote*, *eschyzonte!* Lembremos ainda que o sr. C. de F. nada diz do grupo incerto e importantissimo dos *chlamydozoarios*.

A definição que de esporozoarios dá o illustre philologo é fraca.

Dentre os principaes esporozoarios estão as *gregarinas* e *coccidios*. Das primeiras diz o sr. C. de F. "genero de vermes (sic) intestinaes que abrange duas especies que vivem no corpo de certos insectos"!

Ainda bem que as gregarinas não subiram de vez ás culminancias dos vertebrados...

De coccidios debalde queira alguem encontrar signaes pelas paginas do *Novo Diccionario*. A definição hematozoario serve para um diccionario meramente da lingua e não para o que se gaba de tão solido cabedal scientifico. Tratando dos espongiarios nenhum mal haveria que o N. D. definisse *porifera* e *calcispongia*.

Onde ficaram porém *cornusilicoso*, *espongina*, *porifero*, *porocyto*, *choanocyto?*

Cuidando dos celentereos dá-nos o *N. D.* de 1923 a mostra palpavel do seu atrazo, pois nelles não figuram os grandes grupos modernos dos *cnidarios e dos ctenarios*.

Apparece-nos como indicio de melhoria para a quarta edição o termo *cnidoblasto*. E si é verdade que o N. D. averba *acraspeda*, *anthozoario*, *alcyonario*, *ctenophoro*, *hypostoma*, *manubrio*, *umbella*, *zoantha-*

rio, em compensação são as deficiencias enormes, e noto a ausencia de palavras essenciaes como: *cenenchyma*, *estomodio mesoglea*, *scyphopolito scyphistoma*.

De *hydrozoarios* nada lemos; quanto mais de *scyphozoarios*?! Os siphonoros, celentereos, rebaixa-os o sr. C. de F. á categoria de protozoarios.

São no seu dizer um "Genero de protozoarios" Entre os acalephos menciona o N. D. as *pelasgias* e *rhizostomas*, mas não *as lucenarias*. Dos coralliarios a definição está *all right*. Mas de *ctenephoro*, "typo de celenterado" diz que é um "mollusco"!

Na technologia dos echinodermos ha uma deficiencia séria: falta *asteroide*, por exemplo.

Mas o que se não pode admittir é que o sr. C. de F. chame aos *bryozoarios* molluscos, quando são vermes, são anelidos marinhos.

Molluscoides passavam por ser... em 1870. E a sciencia progride.

Passemos ao terreno de estudos do nosso illustre e incansavel especialista Dr. Lauro Travassos.

A definição de *verme*, do Sr. Candido de Figueiredo, é sobremodo confusa e absolutamente indigna de uma obra que tem as pretensões do *Novo Diccionario*. O Sr. Rodolpho von Ihering a critíca acerbamente.

Fallando da palavra lombriga, entende o Sr. Candido que o nome é vulgar e o applica ao verme intestinal *Ascaris lombricoides*, que é um nematodio, e ao olygocheto, que é um annelido, a nossa vulgarissima *minhoca*. Só si em Portugal, pois no Brasil lombriga e minhoca são cousas diversissimas. O Sr. Ihering, a este respeito, escreve: «Dispensa commentarios».

Em materia de vermes, está o N. D. «muito mal». Falla-nos em *plathelminthos*, *nemathelminthos* e *annellidos*, as tres grandes divisões deste enorme grupo.

Mas, em materia de annellidos, dá-nos uma «classe de animaes vertebrados, a que a sangue-suga e a minhoca servem de typo.

Além da vertebração, da minhoca e da sangue-suga, ainda ha ahi a separar a invaginação da classe dos hirudinos, que é autonoma. Sobre hirudinos nada entendeu dizer o Sr. C. de F.

Assim deixou os hirudinos ao esquecimento. Merece a classe dos sangue-sugas, magistralmente revista por Cesar Pinto, no enorme tome XIII da «Revista do Museu Paulista», a homenagem da reconsideração do acto.

A technologia moderna dos vermes anda bem maltratada pelo «Novo Diccionario». Si nelle encontramos *cercario* e *cenuro*, *filaria*, *hexacantho* e *hydatida*, *nephridia* e *proglottis*, por exemplo, faltam-lhe *sporocysto*, *gordiaceo*, *miracideo*, *cleocyto*, *cnychosphera*, *parapodo*, *redia*, *rostello*, etc.

Fallemos, porém, das lacunas mais importantes, muitas dellas absolutamente imperdoaveis. Não encontro *planaria* para certas lesmas, por exemplo.

Acerca dos *olygochetes* e *polychetes*, cala-se tambem o Sr. C. de F. Falando dos cestódos ou *cestodes*, diz o douto diccionarista: «Verme da classe dos helminthos»? Que é helmintho, então? Que se diria do lexicographo que definisse, por exemplo, *fox terrier*: typo de cão da especie dos cachorros?

Debalde procurará alguem no N. D. vestigios de alguns dos principaes *plathelmintes* e *nemathelmintes*,. Nada encontrará a respeito dos *polystomo*, da *bilharzia*, do *ankylostomo!* do *bothriocephalo*. Do ankylostomo! veja-se bem!

Nada se encontrará ácerca dos *chetognathas* nem dos *chetopodos* e *onycophoros*. Falando da *anguillula*, afirma o Sr. C. de F. que é um *insecto* que ataca as raizes das videiras! Não será um verme? um nemathelmintho do genero da *Heterodera radicicola* que tantos maleficios causa aos nossos cafesaes fluminenses e mineiros e a que se refere o douto Alipio de Miranda Ribeiro nas suas excellentes *Noções Syntheticas de Zoologia Brasilica?*

Continuemos, porém o perfunctorissimo exame, e consinta o benevolo leitor este pequeno parenthese

Para o cotejo que realizo, vou tomar dois guias da maxima segurança, dois naturalistas brasileiros, da mais larga e conceituosa reputação, os Drs. Alipio de Miranda Ribeiro e Candido de Mello Leitão, cujas obras valiosas ultimamente publicadas — as *Noções Syntheticas* e os *Elementos de Zoologia*, mereceram dos doutos geraes applausos. São dois scientistas dos que mais honram nossa cultura nacional e estão ao par das mais recentes conquistas das sciencias.

Continuemos a ver si o *Novo Diccionario*, bem posterior, comtudo, a ambas as obras citadas, está em condições de informar aos seus leitores o que significa a technogia (aliás elementar, e destinada a fins didacticos, gymnasiaes), dos dois excellentes livros.

II

Revisão dos crustaceos e molluscos. O snr. Candido de Figueiredo admitte como a mais recente a classificação de Cuvier em 1812! Revisão dos echinodermos, dos peixes, batrachios e reptis.

Dos dois grandes grupos de crustaceos, os *entomostraceos* e os *malacostraceos*, dá o sr. C. de F. definições razoaveis. Mas, de *merostomos* nada diz, nem das *limulas*, o que constitue sensivel lacuna.

Da technologia carcinologica mais corriqueira faltam muitos termos: *carcinológo, carcinologico, bálano, nauplio, zoê, pléopodo, coxopódito, basipódito, exopodito, perciopodos, escaphocerito, perciopodos, telson, hepatopancreas.*

Em todo o caso, figuram *protopodio, decapodo, copepodo, macruro, cirripodo, branchiopodo.* O nome *ostracocodo* que o sr. C. de F., attribue a um « genero de mollusco microscopio », reserva-se hoje a uma ordem de crustaceos.

Passemos aos molluscos. Definindo a palavra, dá largas o sr. C. de F. aos seus conhecimentos zoologicos ... de 1812. Documentemos o caso, que é curioso. « Nome dos animaes sem vertebras, que formam uma das ramificações do reino animal e que comprehendem seis classes: *cephalópodes, exterópodes, gasterópodes, acéphalos, brachiópodes* e *cirrhópodes.* »

Em materia de classificação de molluscos, ha numerosas e serias divergencias. Os mais modernos autores admittem cinco classes: os *gastrópodos, cephalópodos, scaphópodos, lamellibranchios* e *placóphoros*, outros põem *pterópodos* em vez de *placóphoros*, outros querem só quatro classes: *gastrópodos cephalópodos, lamellibranchios* e *amphineuros.*

Synthetizando o que ha de mais recente, admitte Mello Leitão, em seus optimos *Elementos de Zoologia*, cinco classes: *cephalópodos, gasterópodos, escaphópodos,*

lamellibranchios e *solenogastros*. Mas, que a subdivisão do sr. C. de F. é velha, não ha duvida. Diz o *Webster's New International Dictionnary*, de 1920 á palavra *mollusca* : « In old classifications the brachiopoda and sometimes the cirrhepeds were included » (sc. entre os molluscos).

Outra prova da antiguidade da classificação do sr. C. de F., dá-nos a presença dos *acephalos*, nome inventado por Cuvier, em 1789. O termo lamellibranchio é de Bainville, e de 1816, e inteiramente supplantou *acephalo*.

Falando dos brachiopodos, diz Whitney, com a sua autoridade : « Pelos velhos naturalistas, os brachiopodos eram considerados molluscos verdadeiros ; pelos mais recentes (escreve o informante em 1907), foram separados dos molluscos, passando a ser « molluscoides ».

Os cirrhópodes do sr. C. de F. querem os mais recentes diccionarios scientificos sejam os mesmos cirripedeos que não são molluscos e sim crustaceos.

Os molluscos do sr. C. de F. são os dos quatro ramos e desenove classes de Cuvier, em 1812.

Na *Encyclopedia Britannica*, nona edição, 1883, leio que os cirrhópodes forom, em 1830, ainda em vida de Cuvier, destacados dos molluscos, devido aos trabalhos magistraes de J. Vaughan Thompson, e annexados aos crustaceos.

Ergo a classificação dos molluscos, dada como *up to date*, para 1923, pelo sr. C. de Figueiredo, era realmente novissima... em 1812.

Examinemos perfunctoriamente, agora, o que sobre a nomenclatura vulgar dos molluscos nos conta o N. D..

Faltam-lhe *epipodio*, *palleal*, *umbo*, *lunula*, *conchyolina*, *odontophoro*, *columellar*, *ctenidia*, *ospyradia*, *rhinophoro*.

Encontramos *sepiostario*, apenas.

Ausentes se acham noventa por cento da technologia mais vulgar dos molluscos :

A' nomenclatura vulgar dos echinodermos faltam *bivio* e *trivio*, *madreporito*, *pedicellaria*, *lanterna de Aristoteles*, *espheridea* e muito mais. Com surpresa vemos surgir *ambulacre*. Das cinco classes de echinodermos não menciona o sr. Candido de Figueiredo os *asteroides* e *ophiuroides*. A *crinoide* e *echinoide* define mal.

Os *tunicados, grupo autonomo,* segundo as idéas modernas, incorpora-os o sr. Candido de Figueiredo aos molluscos !

Das suas tres ordens nada diz dos *appendicularios.*

As duas outras teima em conservar entre os molluscos, o que é sobremodo anachronico.

Quanto á nomenclatura dos tunicados, abundantes se lhe apresentam as lacunas: assim, por exemplo : debalde procuramos no *Novo Diccionario : endostylo, estomodeo, typhlosolis, doliolo, urochordio.* Inesperadamente nos surge *salpa*, de definição incompleta, aliás.

Passemos agora aos vertebrados, começando pelos peixes.

A technologia destes animaes é a mais fraca no *Novo Diccionario.* Onde estão *gamoina, stenoide, dermotrichio, diphicerco, heterocerco, amphiceles, homocerco, physostomo, physoclisto, hemibranchio, pseudo-branchio?* E isto para nós, contentamo-nos com um exame muito summario aliás.

Em todo o caso, encontram-se *placoide, gamoide, cycloidio, holobranchio.* Das cinco classes modernas dos peixes não menciona o *Novo Diccionario elasmobranchios, marsipobranchios* (cujo synonymo *cyclostomo* averba) dando pórem as outras tres.

Assim pois, como acabamos de expôr, é lacunosissimo o *Novo Diccionario*, em relação á technologia dos grandes grupos importantissimos que acabamos de registrar. E sómente quanto ao vocabulario mais corriqueiro, porque só nos limitámos a este.

Não menos notavel do que em relação aos demais grupos é a deficiencia do *Novo Diccionario* quanto aos batrachios. Assim nelle não se recordam termos da technologica corrente como *urostylo, gymnophione (!) apodo, perennibranchio, neotemia, pedogenese, aglosso, phaneroglosso,* etc.. Menciona comtudo *anuro, gyrino, rodelo.*

Nos reptis não menos sensiveis são as lacunas : debalde procuraremos *pleurodonte, acrodonte,* o que representa notavel lacuna. Manda a justiça que se diga que o *Novo Diccionario* consigna *thecodonte, autosaurio.* Quanto á divisão actual dos reptis actuaes em cinco ordens, nada diz o *Novo Diccionario* dos *rhynnocephalos* e *crocodillianos.* Aos lacertilios, como se diz no Brasil, chama-se lacertinos, o que não tem

importancia. A proposito das grandes familias dos lacertilios o *Novo Diccionario* cala-se quando trata dos *geckonideos*, *iguanodideos*, *sciotideos*, *tejideos*, *amphisbenideos*, *anguideos!*

Não poderemos deixar os lacertilios sem lembrar uma nova e grave cincada do *N. D.*.

Definindo *lieranço* diz: « pequeno reptil, um pouco semelhante á vibora mas sem a cabeça chata (*Amphisbana cinerea* Vandelli) ». Mas como tambem affirme que a *amphisbena*, ou *anfisbena* é o nome generico das « serpentes de duas cabeças » o *licranço* é um *ophidio*, já que passa por serpente e não um lacertilio, conclusão erradissima.

A nomenclatura dos ophidios, impertantissima para o Brasil, esta é vergonhosamente lacunosa no *Novo Diccionario*. Debalde, ali procurámos *viperideo, boideo, typhlopideo, glaucopideo, proteroglypho*, etc., etc..

Insere o sr. Candido de Figueiredo, *viperideo*, com a autoridade do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 5 de Setembro de 1915. Inacreditavel criterio! E' o mesmo, o que documenta definições de chimica com uma *Technologia rural!*

Os resultados da consulta a taes autoridades dão resultados inesperados. E' por isto que o sr. Candido Figueiredo escreve *Colubrideas*: « familia de reptis que têm por typo a cobra? » mas que cobra? então todos os ophidios são colubrideos? Pois não é cobra em nossa lingua um nome generico dos ophidios? A definição do sr. Candido de Figueiredo recorda a passagem famosa de certo romance francez de outróra e cujo scenario é o Brasil: « Cet affreux serpent, qu'au Brésil on appelle le cobra » ... E é um portuguez que nos diz agora: colubrideos, familia de reptis que tem por typo a cobra!

Porque então por analogia não escreve: *cebideos*, familia de simios que tem por typo o macaco?

E ainda a proposito dos ophidios não nos diz o sr. Candido de Figueiredo: « Cobra, sf. reptil da familia das serpentes »!

Da familia, leia-se bem! E mais adeante como nos ensine que serpente é synonymo de cobra definirei de accôrdo com estes ensinamentos:

« Cobra, sf. reptil da familia das cobras ».

« Serpente, sf. reptil da familia das serpentes ».

Não é logico?

III

Nomenclatura dos insectos. Ommissões em barda e das mais vulgares termos. Indicio evidente do atrazo do Novo Diccionario em materia de entomologica. Dezesete ordens de insectos suppressas em vinte e seis. Definições ambiguas, viciosas e erradas. A nomenclatura dos arachnideos. Lacunas innumeras e deploraveis. As fontes de informações scientificas do N. D. Os orgãos da imprensa diaria.

Passemos agora a ver o que ha no *Novo Diccionario* em materia de technogia entomologica. *Ecydse* é cousa que no prestante lexico se não encontrará.

Hexapodo, hoje exclusivamente reservado para os insectos, quer o sr. C. de F. que se estenda aos «insectos apteros!», noção inacceitavel.

A' nomenclatura entomologica vejo que lhe faltam palavras essenciaes, como *clypeo*, *gena*, *paraglosso*, *tegula*, *halteres*, *pubillo*, *hemielytro*, *empodio*, *espiraculo*, *cercópodo*, *oviposítor*, *frenulo*, *retinaculo*, *tegmina*, embora mencione *epicraneo* (mas não como vocabulo entomologico), *hypopharinge*, *ligula*, *patagio* (aliás definido como exclusivo dos morcegos), *elytro*.

Debalde se procurará encontrar *ocella*, *ommatidia*, *retinula rhabdon*, *vitrella*, *chordotonal*, *corneagenico*, *epimorpho*. *Ootheca*, para o *N. D.* é privativo do ovario dos fetos, em botanica.

A'cerca da ootheca, dos insectos, nada ha! Mas o que dá exacta noção do atrazo da technologia do *N. D.* é a ausencia de *pupa!* Ignora o sr. C. de F. este synonymo da velha *chrysalida*. Si mostra conhecer *parthenogenese*, ignora *heterogamia*.

Ha dezenas e dezenas de termos correntes dos prolegomenos da nomenclatura entomologica que o *N. D.* não menciona.

Os quasi trinta que ora apontei dão disto nitida idéa.

Vejamos agora outro assumpto em que se evidencia o atrazo das noções inculcadas pelo N. D. em materia de entomologia.

Para o sr. C. de F. os insectos ainda estão espalhados por meia duzia de ordens, quando dos progressos da sciencia tem nascido subdivisões numerosas.

Houvesse o douto diccionarista consultado os lexicos modernos em vez de recorrer aos seus carun-

chosos ripanços do tempo de Fabricius ou de Goedaert e veria que as autoridades actuaes acceitam vinte e seis ordens entomologicas.

Para elle só ha coleopteros, lepidopteros, dipteros, orthopteros, thysanuros, thysanopteros, isopteros, hymenopteros, neuropteros; onde ficam os *anopluros, colembolas, dermapteros, embiopteros, ephemeropteros, plecopteros, odonatos, mallophagos, psocopteros, strepsiteros, rynchota, megalopteros, mecopteros, tricopteros, siphonapteros, proturos, zorapteros?*

Assim, das 26 ordens actuaes (cf. o *Manual of Entomology* de Maxwel Lefroy; Londres, 1923, pag. XIV) só nos revela o *N. D.* a existencia de nove!

E não se pense que as definições referentes a estas nove ordens sejam impecaveis.

Frequentemente vemos o sr. C. de F. chamar «*genero* de insectos» o que devia ser «*ordem* de insectos».

Tratando dos hymenopteros, dá-nos uma definição tal que della se póde deprehender que nem todas as formigas pertencem a esta ordem.

Definindo *lepidopteros*, escreve o illustre philologo: «Diz-se de uma classe de de insectos que passam por metamorphoses completas, desde o estado de ovo ao de borboleta».

Isto é insignificativo; não differencia a ordem *Lepidoptera*, pois metamorphoses completas realizam os coleopteros, os dipteros, os hymenopteros, etc., egualmente.

Devia o douto diccionarista citar-lhe o numero de azas, lembrar lhe a escamação que deu o nome, etc.

A definição de diptero tambem merece reparos. Nada diz o *N. D.* das azas posteriores dos dipteros, os *balancins*. A technologia destes no *N. D.* é sobremodo deficiente. Assim, em relação aos nossos mosquitos, tão conhecidos como os *stegomya, stomoxys* e *phlebotomos*, nada ha.

Antes de deixarmos os insectos, vejamos ainda: «*Potó*, diz o sr. Candido de Figueiredo, m. Bras: insecto noctivago cuja urina (sic) é caustica».

Insecto a urinar!?

Isto se diria no seculo XVIII. Mas hoje?!

Deixemos os insectos, porém, e passemos aos arachnideos.

De sua nomenclatura vulgar faltar-nos *chelicera! cephalothorax*, que o sr. C. de F. attribue aos insectos,

postabdomen, *chela*, *chelifero*, *pedipalpo* (nome de familia apenas segundo o sr. C. de F.), *escopula*, *patella*, *protario*.

Com surpreza encontramos *cribella* e *calamistro*. Este ultimo vocabulo, abonado pelo *Seculo*, de Lisboa, na edição da Noite de 5 de Junho de 1919 ! !

Preciosa indicação ácerca das fontes documentaes scientificas do *Novo Diccionario*.

E' por isto que define os termos da chimica organica segundo o que lhe refere uma *Technologia rural* e informa aos seus leitores que «hertziano é uma variedade de telegrapho», segundo aprendeu no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, a 13 de Junho de 1901. . Sem commentarios !

Tratando das nove ordens dos arachnideos, nada encóntramos no *N. D.* sobre os *escorpionideos*, *phalangideos*, *podogonos*, *pseudoescorpionideos*, *palpigrades*, *solifugos*.

Os *araneidos* quer o sr. C. de F. que sejam familia em vez de ordem. O que diz dos *acarinos* está perfeito.

Os *pedipalpos* inculca-os como familia, quando constituem uma ordem. Dos *ixodideos*, a que pertencem os carrapatos (para o sr. C. de F. crustaceos !), ha uma definição boa.

Dos seus affins, os *demodex*, injustificadamente nada diz o *N. D.*, quando, no emtanto, se refere aos sarcoptas da sarna e tyrogliphos do queijo.

Abramos agora especial parenthese para commentar uma definição, hoje monstruosa, do *Novo Diccionario*, a de Myriapodo «classe de insectos !!?? que se distinguem por grande numero de pés». A lacraia insecto ! O piolho de cobra insecto ! os embuás insectos ! Mas está na ordem como os peixes-cetaceos, os carrapatos-crustaceos, as tartarugas-peixes !

Copiou o sr. Candido de Figueiredo a definição do *Aulete* quasi *ipsis verbis*...

De que serve haverem os mais notaveis zoologos decretado que *insectos* só podem ser chamados os *hexapodos?* arthrópodes providos de tres pares de patas articuladas sob a parte thoracica do corpo» ? (cf. Alipio de Miranda Ribeiro, *Noções Syntheticas de Zoologia Brasilica*, p. 62).

Destes novos insectos myriapodos, recommendados pelo douto diccionarista, distinguem hoje os zoo-

logos os *chilopodos* e *diplopodos*, ácerca dos quaes o sr. C. de F. guarda silencio absoluto.

Tambem não esperemos encontrar os vocabulos *gnatochiliario* e *maxilipodo* da nomenclatura corrente dos myriapodos. E fazem falta.

IV

Nomenclatura ornithologica. Sempre a mesma deficiencia. Num marenagnum de lacunas. Ausencia dos nomes das ordens e das familias. Significados destestaveis.

Vejamos agora como o sr. Candido de Figueiredo, no *Novo Diccionario,* em terceira edição, trata as aves ou antes, como as maltrata.

Falando-se de aves, comecemos pelas pennas. O eixo destas, o *scapo*, é cousa que se não menciona no Novo Diccionario, nem tão pouco *calamo*, *rachis* e *vexillo*, palavras, aliás, averbadas no lexico figueiredeano, mas com outras accepções. *Umbelico*, *radiolo*, *hamulo*, ninguem os achará, e ainda menos *hyporachis*.

Plumula para o Novo Diccionario não se applica ás pennas curtas e macias, *duvet* dos francezes, e sim sómente a uma « parte do embryão vegetal ». *Vibrissa* são apenas pêlos das fossas nasaes e nunca pennas « de calamo curto, rachis longo e delgado, semelhando um pêlo ».

Neossoptilo, *teleoptilo*, *pteryla*, *pterylographia*, *pterylose*, *paraptero*, *apterylo*, *hypoptero*, eis ahi um rôr de omissões a mais. *Rectriz*, *vectriz*, *remigia* são adjectivos antiquissimos da nomenclatura ornithologica e o Novo Diccionario os averba.

Tambem si o não fizesse! E' como si por exemplo não desse *uropigio!* Seria demais...

Da nomenclatura dos pigmentos, a que são devidas as côres das penas das aves, não cogita o Novo Diccionario. Assim nelle não ha *zooxanthina*, *zoofulvina*, *zoonerythrina*, *zoomelamina*, *turacoverdina*. Poderia mencional-os comtudo, que, desde 1909, lhe indiquei estas lacunas sensiveis no meu *Lexico de termos technicos e scientificos*.

Mas achou o sr. Candido de Figueiredo indigno de sua grandeza receber indicações de um joão fernandes de além-mar. E assim deixou de mencionar taes vocabulos. — Quem o prejudicado?

Podotheca e *ramphotheca* encontramlo-os averbados, mas não *acrotarso!* nem... *ceroma*...

Dexemos de lado a nomenclatura do tarso do craneo, do bico em que as lacunas do Novo Diccionario pullulam, por assim dizer, e lembremos que em materia da forma do bico, o que é da maior importancia nas aves, o Novo Diccionario ignora *paragnatho*, *metagnatho*. Quando a *epignatho* e *hypognatho*, são para elle apenas dois termos da teratologia, mostrando desconhecer que se applicam o primeiro aos papagaios e aos rapaces e segundo ao talhamar.

Percorro a osteologia das aves e percebo que della quasi nada se transplantou para as paginas do Novo Diccionario. Poderia apontar mais de cem omissões, o mesmo quanto á descripção dos demais tecidos animaes.

Para não tornar demais enfadonho, este requisitorio contra a insufficiencia do Novo Diccionario, passo a analysar o que nelle se menciona acerca das subdivisões das aves.

Devoto dos bonzos das sciencias naturaes, ignora o sr. Candido de Figueiredo os trabalhos de Gadow; dahi a ausencia, no seu Novo Diccionario, dos nomes das duas grandes subclasses: *archeornithos e neornithos*.

Os tres grupos das *odontolcas*, *ratitas e carinatas* brilham pela absoluta ausencia! A's *ratitas* pertencem as nossas emas, de cuja ordem rheiformes e de cuja familia *rheideos* jamais ouviu falar o sr. Candido de Figueiredo.

Só das carinatas brasileiros ha, segundo Gadow, vinte e cinco ordens. Rarissimas conhece o sr. Candido de Figueiredo, cuja ornis ainda se regula pela subdivisão de classes, quando comprehendia palmipedes, pernaltas, trepadores, gallinaceos, rapineiros e colombinos. Os *Tinamiformes* com a sua familia unica *tinamideos*, ignora-lhes o sr. Candido de Figueiredo a existencia.

Falando do *tinamu*, protesta o sr. Candido de Figueiredo contra os que o classificam como gallinaceo: O interessante é que *tinamu* é um gallicismo que nós outros brasileiros ignoramos! Seu correspondente é o nosso conhecidissimo *macuco*. Os *galliformes* não receberam o sesamo do Novo Diccionario, nem as suas duas familas brasileiras os *cracideos* e os *odontophoridæos*.

A' primeira pertencem o mutum (gallinaceo para o sr. C.) o jacú e a jacutinga (tambem gallinaceo); á segunda o urú ou capoeira (idem). Ignora sr. C. de F. que os antigos gallinaceos pertencem hoje a ordem dos phaisanideos (perú, gallo, pavão, faizão, gallinha da Angola, etc.)

Seria um nunca acabar revistarmos ordem por ordem. Basta lembramos que seus nomes são pertinazmente «inencontraveis» no N. D.

Si tal se dá com as ordens, que esperar quanto á nomenclatura das nossas grandes familias de aves?

Assim a esmo ali procuro os *ralideos* os *trochilideos*, *trogonideos* *rhamphastideos*, *picideos* *tyranideos* etc., etc., etc.

Seria um nunca acabar! Só ahi ha centenas de omissões a apontar...

E si, de vez em quando, nesse maremagnum de lacunas, apparece um ou outro nome de familia de nossas aves é que as vezes são os de grupos representadós tambem em Portugal, como por exemplo no caso dos turdideos (melros e sabiás)

Mas assim mesmo é tão lacunoso o N. D. que nem menciona os *hirundinideos*. E no emtanto ha em Portugal andorinhas!

E si surge alguma excepção applicavel ao Brasil essa mesma frequentemente vem em muito mau estado, como se dá com os *psittacideos* assim definidos. «familia de aves que comprehende os arás (? ? !!! sic) e os papagaios». Então ará é papagaio? A que vem este tupy-gallicismo numa obra tão infensa ao consorcio gallo-lusitano, como se gaba o douto diccionarista? Ará é puro tupy.

E tanto não é portuguez que si no proprio corpo do Novo Diccionario o procurarmos não o encontraremos, quando nelle se averba arara, que é o verdadeiro (e aliás muito mal definido).

«Ave trepadora especie de papagaio»!!! Não é tal. As araras não são especies de papagaios. São todos psittacideos, mas ninguem cunfundirá araras com papagaios, como tambem ninguem encambulhará umas e outras com os periquitos!

Que falta faz ao sr. C. de F. o conhecimento da magistral *Revisão dos psittacideos brasileiros*, da lavra do eminente prof. Alipio de Miranda Ribeiro, o nosso illustre zoologo!

Assim, pois, em materia ornithologica o *Novo Diccionario* merece ser chamado *Novo Lacunario* a preencher.

Em relação aos nomes vulgares então ha cousas incriveis! Assim: em vez de siriema, da nossa vulgarissima siriema, escreve o sr. C. de F. *sirema*, dando-lhe esta espantosa definição: *Ave pernalta, notavel pela guerra que move a todos os animaes!!!*

Outras definições detestaveis:

Jacú, ave gallinacea, avermelhada do Brasil.

Mas então isto basta? quantas aves ha nestas condições? os urús, os inambús, as perdizes, as codornas.

João de Barro define ao sr. Candido de Figueiredo *ave amarella* e *tico tico* como «passarinho de papo amarello». Como estão bem caracterisados!

V

A nomenclatura dos mammiferos no Novo Diccionario. Ausencia de numerosos vocabulos corriqueiros

A' technologia mammalogica faltam ao *Novo Diccionario* como á dos mais grupos vocabulos e vocabulos dos mais vulgares.

Assim si nos fala de animaes *plantigrados* e *digitigrados*, nada refere dos *unguligrados*, *semidigitigrados* e *semiplantigrados*.

Não ha quem ignore quão importante — capital até — vem a ser o estudo das formulas dentaes dos mammiferos. Delle nasce uma technologia riquisima.

Não é, porém, a que insere o N. D.

E realmente, onde estão *triconodonte*, *secodonte*, *lophodonte*, etc., etc., etc.?

O vocabulario dos diversos apparelhos physiologicos vai pela mesma penuria.

Examinemos porém, um aspecto mais interessante, a subdivisão actual dos mammiferos.

Em materia de actualidade, já demonstrei de sobra que a contemporaneidade do N. D. é a de Cuvier ainda. Vive na época napoleonica o alentado e prestante lexico.

Assim surprehende que no emtanto mencione as tres sub-classes actuaes dos mammiferos: *ornithodelphos*, *didelphos* e *monodelphos*.

Mas logo depois se nota a ausencia de *prototheriano*, *metatheriano* *eutheriano*, synonymos correntes das tres sub-classes.

Nos didelphos vejo que o sr. C. de F. ignora a existencia das duas grandes ordens : os *diprotodontes*, e os *polyprotodontes*.

Das familias desses marsupiaes bem podia o N. D. indicar-nos a do *didelphideos* que encerra os nossos gambás, mucuras, sariguêas, raposas, como são chamados pelo paiz, cuicas e goiquicas.

Passemos aos monodelphos.

Esquecer alguma das suas nove ordens é cousa incomprehensivel, inacceitavel para um diccionario que se preza de moderno e altamente scientifico como se inculca o N. D.

Si é verdade que averba os velhos nomes *cetaceo*, *cheiroptero*, *carnivoro*, *desdentado*, *insectivoro*, *roedor*, *ungulado*, *primata* (tambem si o não fizesse !), ainda assim deixa de o fazer em relação a *sirenio!*

Em materia de desdentados ha a maior deficiencia ; não se averba o synonymo *paratherianos*, nem as suas duas sub-ordens *xenarthros* e *nomarthros*.

Mas indesculpavel, acima de tudo é a ausencia de tres vocabulos hoje correntissimos das familias dessa ordem : *myrmecophagideos* (tamanduás), *bradypodideos* (preguiças), *dasypodideos* (tatús).

Nos unguligrados vemos o N. D. ignorar dentre as sub-ordens actuaes a dos *hyracoides*, mencionando, comtudo, as tres outras.

Ainda bem valha-nos esta excepção !

Mas já aos perissodactydos vemos faltarem os verbetes relativos aos *rhinocerontideos* e *tapirideos*. Mencionam-se os *equideos*. Tambem si até esta palavra faltasse ! . . .

Em materia de artiodactylos o N. D. consigna os dois grandes grupos *ruminantes* e *suinos*, palavras velhissimas, cujas definições estão ali insufficientes, á luz do criterio moderno zoologico.

Basta dizer que para o sr. C. de F., suino é o synonymo exclusivo de *porco*, quando para os zoologos modernos o hippopotamo é um suino...

Das tres grandes familias de *suinos* dá-nos o N. D. *suideos* mas não *hippopotamideos*, nem *tayassuideos*.

Os ruminantes, estes hoje se distribuem entre os grupos dos *tragulinos*, *tylopodos* e *pecores*, tres palavras ignoradas totalmente pelo sr. C. de F.

Dos *canideos*, que são tragulinos, nada diz o N. D.
Dos *pecoros* fala-nos dos *camelideos* e *bovideos ou cavicornios*, mas nada dos *girafideos*, nem dos *antilocaprideos*.

Já que o prestante lexico não cuida dos sirenios é natural que nelle nada exista sobre os *trichedideos*, os nossos « peixes boi ».

Em materia da sub-divisão moderna dos cetaceos, o Novo Diccionario é simplesmente detestavel. Ignora-lhes os nomes das duas sub-ordens : *Mystacocetos* e *Odontocetos*. Nem dos primeiros nada diz de suas duas familias : *balenopterideos* e *balenideos* ; dos segundos (odontocetos), vejo com supresa a menção dos *physetorideos* a que chama *physeterídos*, mas nada encontro sobre a familia dos *platanistideos*, os nossos *botos* amazonicos, surgindo por ahi um verbete sobre os *delphinideos*, agora intitulados *delphininos*.

Tratando dos carnivoros, averba o Novo Diccionario *fissipede*, mas, o que admira, nada diz do nome da segunda sub-ordem : os *pinnipedes !* (phocas).

VI

Final da revisão dos grupos zoologicos. Ainda os mammiferos, os carnivoros, roedores, cheiropteros e primatas. Lacunas em barda. Novas e serias erronias.

Vejamos agora, como se comporta o Novo Diccionario, em relação á technologia moderna da systhematica dos carnivoros : *herpestoide*, *arctoide*, os dois grandes grupos de Winge, são palavras que o volumoso lexico não imprimiu. Os *herpestoides* comprehendem tres familias *hyenideos* (não mencionados), *viverrideos* e *felideos* (averbados).

Os arctoides se espalham por quatro familias : *mustelideos*, *ursideos*, (mencionados pelo *Novo Diccionaria*), *canideos* e *procyonideos*, (não mencionados ! !) Não falar em *canideos* é simplesmente inacreditavel.

Em materia de nomes vulgares brasileiros, deste grupo traz o *Novo Diccionario* disparates numerosos.

As *jaguatiricas* são felideos, e o N. D. quer que sejam « *cães bravios do Brasil* » ! Das sussuaranas diz apenas : « animaes carnivoros da America do Sul ». Dos guaxinins, *procionydeos*, affirma que são raposas, *canideos*, portanto. Dos furões (*mustellideos*) escreve: mammiferos *vermiformes (? ? ? ! ! !)* ».

Como? Mammiferos-helminthoides, lombrigas mammiferas?

Com toda a propriedade observa a tal respeito o Sr. Rodolpho von Ihering: « Ainda que o furão fosse inteiramente apodo a sua semelhança com os vermes seria igual á do ovo com o espeto ».

Falando do *pangolim* escreve o sr. Candido de Figueiredo a seguinte e pittoresca definição « mammifero africano e asiatico que se enrola em forma de bola quando o atacam ».

Será acceitavel uma definição de tal ordem num diccionario que se respeite? que tem aspirações a como que uma encyclopedia portugueza?

Não se lhe imporia escrever: *Pangolim* mammifero da ordem *Edentata*, typico do genero *Manis* da familia *Manideos?*

Os roedores comprehendem os *simplicidentados* e *duplicidentados*.

Nem de uma, nem de outra, jámais ouviu falar o sr. Candido de Figueiredo!...

Os *simplicidentados* comprehendem cinco grupos: *anomaluros*, *aplodontes*, *histricomorphos*, *myomorphos*, *sciuromorphos*.

Nada disto nos inculca o *Novo Diccionario*. Apenas relata que os *anomaluros* são roedores da ilha de Fernando Pó. E dá-se por satisfeito!

Dos *sciumorphos*, ha os *castorideos* e *sciurideos*, palavras ausentes do *Novo Diccionario*. Os *myomorphos* têm a sua longa nomenclatura ainda mais maltratada, nas suas grandes familias de ratos, domesticos e sylvestres, arganazes e gerboas.

Ainda bem que não esqueceu os *murideos*. Tambem, seria demais!

Quanto aos *histricomorphos*, das suas oito familias, vemos a ausencia das dos *pedetideos*, *octodontideos chinchillideos*, *crethizontideos*, *dinomyideos*, *dasyproctideos* e *caviideos*.

Apenas escaparam os *hystricideos* a que o *Novo Diccionario* chama *hystriceos*.

Sete lacunas, num total de oito palavras!!

Quanto á nomenclatura vulgar dos roedores nem sempre é razoavel; por exemplo: do *ouriço caixeiro* não diz que seja roedor.

Não deixaremos os roedores, comtudo, sem falar nos *duplicidentados* cujo synonymo *logomorphos*, o Novo

Diccionario ignora, embora fale de uma das fámilias desses *lagomorphos* os *leporideos*.

E diz-nos o Snr. R. von Ihering que na segunda edição do *Novo Diccionario* se affirmava ser *preá* synonymo de *roedor*.

A nomenclatura dos morcegos deixa tambem immenso a desejar: *megachiropteros*, *microchiropteros*, as duas sub-ordens lá não apparecem.

A' palavra *morcego* tambem define muito mal o *Novo Diccinario* della diz « *Genero* de mammiferos em vez de *Ordem*.

A segunda é a unica representada entre nós. Tem cinco familias, das quaes tres brasileiras tambem: *vespertilionideos*, *phyllostomideos*, *emballonurideos*; de nenhuma dellas da o *Novo Diccionario* signal de existencia... (!)

Falta-nos agora falar dos primatas. Cômeça o *Novo Diccionario* definindo muito mal a palavra *macaco* que é um termo que abrange todos os primatas e não só um genero de mammiferos quadrumanos. De suas duas sub-ordens o *Novo Diccionario* menciona uma dos *lemuroides* a que chama *lémures*.

Os lemuroides são tambem chamados *prosimios*, vocabulo com que jámais sonhou o douto diccionarista. Das suas tres familias *lemurideos*, *chiromyideos*, *tarsiideos* falará o *Novo Diccionario* opportunamente em alguma edição longinqua.

Da segunda sub-ordem a dos *anthropoides* nada fala o Sr. Candido!

Isto nos dá nova mostra do atrazo do seu lexico. Desconhece o diccionarista a existencia deste vocabulo! E' pasmoso! Inculca ignorar o que seja *anthropoide*, *simio anthropoide*, a sub-ordem a que pertencem o orangotango, o gorilla, o chimpanzé!

Para este autor anthropoide é adjectivo ou então um « ser imaginado por alguns anthropologos », como transição do animal para — o homem ».

Ergo, o gorilla, o orangotango, estão evoluindo, para se revestirem dos caracteres humanos.

Ignora o douto philologo que o termo designa os grandes macacos, genericamente, os maiores primatas!

Os anthropoides são *catharrinos* ou *platyrrhinos*; a ambas as palavras menciona o *Novo Diccionario*, o que surprehende, dada a sua pobreza habitual em materia vocabular scientifica.

Das duas familias dos primeiros omitte duas! Os anthropomorphideos e os cercopithecideos ou simiideos!

Dos nossos macacos brasileiros, vejamos si menciona as familias: não nos fala nem em *cebideos* nem em *hapalideos!*

Dos primeiros e de suas quatro familias, *mycetineos, pithecineos, acetineos* e *cebineos*, só averba o quarto vocabulo.

Temos, assim, terminado a nossa revisão summaria, quanto possivel, da nomenclatura primacial zoologica do *Novo Diccionario*.

A quem a haja acompanhado patentissimo se torna, quanto o volumoso lexico figueiredeano é, a tal respeito, insufficientissimo e mais que defeituoso, e quanto frequentemente inculca noções absolutamente erroneas e ás vezes monstruosamente erradas.

Confere este resultado com o escopo collimado pelo eminente philologo em seu prefacio: «Procurei não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer época da actividade humana, e dando ao meu trabalho feição sensivelmente encyclopedica, obedeci ao proposito de basear em novos processos uma obra que não podendo ter tudo, tivesse ao menos alguma cousa de novo»?

Pelos exemplos que adduzi, tão numerosos, pelo menos uma parte deste programma se realisou: demonstrando o volumoso legico a logica do methodo da sua factura e o valor do aproveitamento das fontes consultadas!

Em summa, em vez de approveitar as definições zoologicas mais recentes, apegou-se o diccionarista ás antigas, absoletas, condemnadas, velhas por vezes de quasi um seculo.

E no emtanto, seja-me permittido lembral-o mais uma vez, tinha em Portugal seguro guia para se esquivar a tantos erros graves. Estavalhe á mão *Encyclopedia* de Maximiano de Lemos. *Odic in auctore ductus* nem lhe quiz citar a existencia, comtudo... Deploravel manifestação de sentimentos... e flagrante prova de mais um caso destes a que se applica o proloquio popular do feitiço voltado contra quem o engendrou.

Mencionando nomes salteados e raros, dentre a nomenclatura actual das ordens e familias zoologicas, revelou o eminente philologo a deficiencia cultural que o levou a escolher estes vocabulos a esmo, ao acaso

do encontro das citações avistadas, aqui e acolá, quando o mais elementar criterio o obrigava a citar todos os vocabulos pertencentes a um mesmo grupo, ou abster-se de mencionar egualmente todos.

Sim, porque, uma obra que reclama e com que energia ! — a primasia entre os diccionarios da lingua, não póde ter tantas e tão inexplicaveis descabidas, tantas e tão injustificadas lacunas, tantas e tão deploraveis erronias.

VII

Guaxupé — penteado. Tartaruga — peixe. Golfinho — peixe. Embuá — myriapodo, insecto. Existencia de um só trypanosoma e de uma trypanosomiase unica. Impropriedade de definições. Escorpião-lacraia, ema-casuar.

Em seus *Combates sem sangue*, queixou-se o sr. Candido de Figueiredo de lhe haver eu verberado a relutancia em avolumar o vocabulario portuguez com contribuições brasilicas, quando exactamente tem sido elle o maior dos inventariadores de brasileirismos. Não o fiz sob a fórma que me attribuiu o meu illustre contradictor.

Estulto seria tentar obscurecer os relevantes serviços prestados pelo sr. C. de F. á catalogação geral dos vocabulos lusitanos, de aquem e além Atlantico. O que deixei dito é que o sr. C. de F. visivelmente se irritava quando lhe apontava alguem, e em publico, lacunas de seu extenso inventariamento da lingua. Receberia estas contribuições lacunares, gostosamente até, quando de modo privado, mas não em publico, como tive o desazo de o fazer no meu modestissimo e irreverentemente intitulado *Lexico de lacunas*.

Preferia até que ninguem lhas aventasse e si tal irreverencia occorria, doridissimo ficava.

Queria chamar a si a gloria integral do asterisco com que aos seus leitores apontava a honra da diccionarisação das palavras até agora ineditas. E tão forte este sentimento que o levava á pratica de reaes injustiças e ao risco, frequentes vezes, de inculcar aos seus consulentes as mais esdruxulas e por vezes absurdas, sinão até ridiculas, interpretações de vocabulos, sobretudo quando tratava de cousas brasileiras.

Documente-se tal asserção :

Ao averbar o nome de uma das nossas abelhas silvestres, a tão conhecida, em todo o Brasil, *Guaxupé*, ou simplesmente *Xupé*, justificou o sr. C. de F. a inserção do termo, na terceira edição do seu *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, com uma passagem da *Innocencia* de meu Pae.

Assim definiu o vocabulo : «*Guaxupé*, ou Bras. Especie de penteado (sic) cf. Taunay «Innocencia», 394.»

Attonito recorri ao capitulo XXIX do romance *Resistencia de corça*, á pag. 394 da sexta edição, a consultada pelo diccionarista. Põe o romancista nos labios de Pereira, o pae feramente carrança da desditosa sertaneja, as seguintes palavras : «Estou com esta cabeça como um cortiço de guaxupés. E' um zumbido !»

Pois bem, dahi deprehendeu a sr. C. de F. que *Guaxupé* é uma especie de penteado ! um penteado, um cortiço, um penteado abrigando zumbidos ! um penteado zumbidor !

Não fôra, porém, o descommunal amor proprio, teria evitado este caso ridiculo, pois, em 1914, lhe indicara (*Lexico de lacunas*, p. 108), que *guaxupé* é um hymenoptero selvagem. E o fiz firmado na autoridade incontestada de um dos maiores hymenopterologos de nosso tempo, Adolpho Ducke, que no seu livro *Hymenoptera*, á pag. 25, nos conta que a *guaxupé* é a *Melipona rufricus* Latr.

Mas ha de se publicar a quarta edição do *N. D.* e o volumoso lexico continuará a informar que «*guaxupé* é um penteado», abonando a irredutivel asserção com o mesmo trecho de *Innocencia*. Não receia quinaus de anonymos.

Foi esta tendencia a não querer ouvir a outrem que levou o sr. C. de F. á cincada que todo o Brasil conhece e, a cada passo, tão citada é, provocando sempre boas pilherias e melhores risadas.

Affirmou o sr. C. de F., na primeira edição do *N. D.* que *florianista* significava : «admirador ou sectario da feição literaria de Florian. Cf. Ruy Barbosa, Cartas da Inglaterra, 58».

Reappareceu integral semelhante preciosidade na segunda edição do *N. D.*, reabonada pela mesma citação de Ruy.

Quanto e quanto tem servido esta ineffavel definição para assumpto de humorismo, em nossa imprensa ! No intervallo da segunda edição para a terceira

do *Novo Diccionario*, houve, porém, uma alma caridosa que ao sr. C. de F. avisasse do valor da sua famosa definição, ou, quiçá, lhe haja cahido sob os olhos algumas das muitas pilherias da nossa imprensa ácerca deste delicioso e legitimo *coq-á-l'ane*. E assim, na terceira tiragem do *N. D.*, temos hoje, indefectivelmente *abonada pela mesmissima citação de Ruy Barbosa: «Florianista*, admirador ou sectario da politica do Marechal Floriano, cf. Ruy Barbosa, Cartas da Inglaterra, 38». Fez, pois, o diccionarista a *amende honorable*, o que é das cousas mais elogiaveis. Em termos, porém, em condições muito curiosas e reveladoras do estado d'alma do illustre philologo.

A cincada relativa a *Florianista*, que muito affectou o amor propio do autor do *Novo Diccionario* ainda veio servir de pretexto para se offerecer ao publico uma das mais vividas, curiosas e typicas demonstrações da "sangria em saude" que a vangloria póde a um homem de letras proporcionar.

Quando o sr. Candido de Figueiredo averbara *Florianista* como significando sectario da escola literaria do fabulista francez Florian, tambem lhe cahira sob os olhos o adjectivo *Florianesco*. A ambos inculcara então como ineditos. E realmente o eram...

Assim definira Florianesco · "Relativo ao poeta Florian. Escripto em estylo de Florian".

Pois bem! forçado a confessar-se batido em relação a *Florianista* ainda pretendeu o sr. C. de F. sustentar o que dissera a proposito de *Florianesco*!!

Não deu e não daria braço a torcer! Agarrou-se como o naufrago classico, á classica taboa de salvação que se lhe afigurou o nome do amavel e mediocre Florian. Atirou-se desesperadamente ao ainda classico asylar regaço do tão sympatico e modesto autor de *Le lapin et la sarcelle*, para encobrir o fiasco relativo a *Florianista*, decorrente da leitura do texto ruyano.

Depois e muito prudentemente, entendeu o sr. C. de F. não documentar o seu "facto de linguagem", relativo a *Florianesco* com referencia bibliographica alguma, como tanto a cada passo alardeava precisar fazel-o sempre com as palavras recentes.

Mas quanta precaução inutil e até infantil. Qual de nós outros brasileiros póde ignorar o que seja *Florianesco*?

Quem se deixará embaçar pela definição capciosa? Quem se não recorda (sobretudo si pertence as gerações, já no uso pleno do razão em 1893) de se haver avistado numerosas vezes com este adjectivo depreciativo, insultuoso, que vivia aos labios, ao bico da penna dos adversarios intransigentes do Marechal Floriano, num dos periodos mais agitados da historia nacional? "Dictadura *florianesca*", "regimen *florianesco*" "processos *florianescos*", eram locuções que, a cada passo surgiam por entre os tropos exasperados dos adversarios do Marechal, então vice presidente da Republica. Quiça o haja empregado o proprio Ruy nas mesmas *Cartas da Inglaterra*... Seja como fôr, por que não documentou o sr. C. de F. a sua affirmativa com a citação da fonte abonadora do vocabulo?

Em relação aos nomes vulgares da nossa zoologia, surgem no *Novo Diccionario* inexactidões numerosas, algumas até pasmosas. Examinemos umas quantas.

Falando em *carrapato*, assim se exprimiu o sr. C. de F., "o mesmo que carraça". Si procurarmos este vocabulo, encontraremos o seguinte: «Pequeno crustaceo (sic!), que se prende a pelle de certos animaes». Assim proclamou o sr. C. de F. que o insuportavel arachnideo hematophago, "subdito" do nosso Beaurepaire Aragão, é afim do carangueijo e da lagosta!

Carrapato-crustaceo é destas novidades que revolucionam a zoologia! Que golpe nos bellos estudos de Aragão! Em suas magistraes memorias!

Affirmou o sr. C. de F. do nosso boto, que tão grande papel representa na mythologia, na pòranduba amazonica, "peixe do Puru's, do Tocantins e dos Açores, semelhante ao atum". Ora, o atum, é realmente um peixe acanthoptero da familia dos scombrideos; mas o boto, affirmam-no egualmente os mestres o boto do Puru's e do Tocantins não é um peixe, e sim um cetaceo. E' o *Sotalia brasiliensis* da bahia de Guanabara e da nossa costa em geral, e seu nome vulgar tambem se applica as especies dos generos fluviaes amazonicos *Itenos* e *Inia* (cf Alipio de Miranda Ribeiro, *Esboço geral da fauna brasileira*, p. 264, do volume I: introducção ao *Recenseamento do Brasil*).

Peixe-cetaceo? Só como simile de arachnideo-crustaceo!

Escreveu, em 1923, o sr. Candido de Figueiredo —e esta difinição já vem de muito longe, das edições anteriores do *Novo Diccionario*: «*Sararaca*, f — Flechas com que os indios do Amazonas caçam as fartarugas *e outros peixes*» (sic) — o grypho é meu.

São os peixes-chelonios, dignos parelhos dos arachnideos-crustaceos, descobertos pelo douto diccionarista, quiçá num caso de *quando que bonus*...

Falando de *caramurú*, da nossa costa suptentrional, affirmou o sr. Candido de Figueiredo que se trata de uma «specie de peixe», quando o caramurú é um peixe e não uma especie de peixe.

Em alguns pontos do littoral norte chamam *caramurú*, segundo estou bem informado, ás enguias grandes. E as enguias são peixes malacopterygios da familia *murenidae*.

Assim, o *caramurú* é um peixe e não um ichtyodo, como a definição do *Novo Diccionario* dá a entender, attribuindo-lhe ares batrachiaes.

No littoral bahiano chamam ás enguias *miroró*, facto que o sr. Candido de Figueiredo parece ignorar, apenas dizendo que este nome corresponde a duas especies de peixes.

Ainda a proposito de caramurú. Quer o sr. Candido de Figueiredo que os nossos caramurús sejam lepido-sirenos no que labora em profundo erro. Como bem observou o sr. Ihering (p. 129 dos *Contos de um naturalista*) são «piramboias da Amazonia e de Matto Grosso» e de S. Paulo, acrescentamos nós que já as pescamos perto da Capital paulista no alto Tietê.

Outro engano do sr. Candido de Figueiredo: imaginar que a *jiquitirana-boia* seja uma borboleta, um hymenoptero, portanto.

E' entretanto, um *hemiptero-homoptero*; do genero outróra chamado *fulgora* e hoje *Laternaria*, ultimamente estudado de modo exhaustivo, para o Brasil, pelo consciencioso Pinto da Fonseca, do Museu Paulista.

Bem! Coube ahi a culpa aos informantes do sr. Candido de Figueiredo, pois não sei quantos escriptores persistem em chamar borboleta a feia e estrambotica *fulgora* de outrora, querendo a fina força seja venenosissima, quando a pobre é absolutamente inoffensiva.

Se eu quizesse fazer chicana com o meu illustre contradictado, poderia ainda discutir a proposito

da sua definição de anélidos: pois nella affirma que a minhoca e a sanguesuga são vertebrados!

Emfim, admitto que a absurda affirmação haja nascido de um *lapsus calami*.

Mais um caso de «carrapato crustaceo»: Definindo *siba* diz o sr. Candido de Figueiredo «genero de molluscos que tem por typo o choco vulgar. Mas como o *Novo Diccionario* nos fala que choco é um peixe ergo: a siba é um peixe mollusco é um peixe-ostra.

O que exige protesto é outra historia de peixe-cetaceo. Isto a bem dos nossos meninos candidatos ao exame de historia natural.

Tratemos de lhe inculcar que o golfinho não é o que o sr. C. de F. lhe ensinou: «*grande peixe marinho* da familia dos *cetaceos*!» Peior se por acaso referisse outra noticia não muito antiga de conceituado jornal brasileiro, — angustiado grito de alarma contra o exterminio das tartarugas da Amazonia: «A continuar assim, dentro em breve terão desapparecido da bacia do Rio Mar estes utilissimos *cetaceos*!» Tartaruga — peixe golfinho — peixe-cetaceo, eis ahi tudo bem axiomatisado. Duas quantidades eguaes a uma terceira, são eguaes entre si, logo está tudo certo quando o sr. C. de F. affirmou que a sararaca serve aos indios da Amozinia para caçarem as tartarugas e outros peixes, inclusive os peixes cetaceos, os golfinhos, por exemplo. Deduzimol-o nós, obedecendo á mais rudimentar e simplista das logicas.

Mas então affirme-se tambem do morcego, que é ave-mammifera...

Sim, porque o golfinho, peixe-cetaceo, nos levará facilmente ao morcego, ave-mammifera.

Bem inspirado teria andado o diccionarista si se tivesse lembrado de consultar o seu jamais assás enaltecido antecessor, Caldas Aulete. No *Diccionario contemporaneo* poderia ter lido: «Golfinho, mammifero da ordem dos cetaceos». Para que mais, para um simples diccionario da lingua?

Falando da toninha, affirmou o sr. C. de F.: «Especie de cetaceo»

Muito mais acertado diria, a por pontos aos ii, «nome atribuido a certo cetaceo». Muito lhe leva, ainda neste caso, vantagem a definição de Aulete, já velha de 43 annos: «mammifero cetaceo, tambem chamado roaz ou porco marinho (*delphinus phocœna*).

De enganos deste genero está o *Novo Diccionario* cheio.

Assim, citemos mais alguns. *Embuá,* afiança o snr. C. de F., « é um insecto brasileiro, de que se confecciona massa caustica ».

O que sabemos de *embuá* é que este nome se attribue genericamente no extremo norte, na Amazonia, a muitos myriapodos (cf *Diccionario do Brasil,* 2;100) e nunca a insectos.

Caramujo, para o snr. C. de F., é um « mollusco maritimo, univalvo ». Em todo o Brasil *caramujo* é nome vulgar de uma infinidade de molluscos terrestres e maritimos, fosseis ou recentes.

« *Mamangava*, diz o snr. Candido de Figueiredo, f. Bras. Especie de vespa ». Já melhorou pois, no dizer do sr. Ihering antigamente affiançava ser um diptero. A tal proposito pergunta o snr. Ihering se aferroar como faz a mamangava será exactamente *morder.*

Pitú: pretende o *Novo Diccionario* seja um peixe do Brasil. Com este nome só conhecemos um camarão de agua doce, diz-nos o snr. Ihering com toda a propriedade.

Barbeiro, diz o sr. C. de F, vem a ser « especie de percevejo, cuja mordedura inocula o trypanosomo ? »

O trypanosomo? Que trypanosomo? Então só ha um trypanosomo?

A definição do illustre philologo inculca aos consulentes do *Novo Diccionario* que o seu douto autor julga existir um unico trypanosoma, o transmittido pelo nosso *barbeiro*, *fincão* ou *chupança*, o *Conorrhinus megistus*, e outros triatomas infestantes, designados por aquelles nomes vulgares e responsaveis pela inoculação do *Trypanosoma cruzi*, causador do Mal de Chagas.

A cincada é séria e a definição que o sr. C. de F. dá da *Molestia do barbeiro* a reforça, pois, della affirma ser « o mesmo que trypanosomiase ».

Assim para o snr. C. de F. só ha uma trypanosomiase unica, a causada pelos *barbeiros*. Que bom si assim fosse! Na palavra *trypanosoma* confirma ainda o sr. C. de F. semelhante presumpção, pois dest'arte define o vocabulo « Protozoario, parasita do sangue e causador de varias doenças. »

Assim para o illustre diccionarista só ha um trypanosoma. O do *Mal de Chagas* é o mesmo da *molestia do somno*, do *mal de cadeiras* e da *surra*. Com uma pennada liquidou o douto philologo com vinte e cinco e mais annos de estudo penoso de uma legião de homens illustres de laboratorio...

De modo que o agente da hypnose humana, africana, o *Trypanosoma gambiense*, vehiculado pela *Glossina palpalis*, é o da *Nagana* (o *Trypanosoma brucei*); da *Surra* (o *Trypanosoma evansi*); do *Mal de cadeiras* (o *Trypanosoma equinum*); da *Durina* (o *Trypanosoma equiperdum*); da febre biliosa da Africa austral (o *Trypanosoma theileri*); do Mal de Chagas (o *Trypanosoma cruzi*), etc. etc.? etc. etc.?

O *Trypanosoma novi dictionarii*, C. de Figueiredo, 1923, eis o unico responsavel pelas epidemias e pelas epizootias, pela dizimação dos humanos em Africa, com a molestia do somno, e a dos bovideos indianos com a *surra*, a dos nossos equideos em Matto Grosso com o *mal de cadeiras*, etc. etc. ...

Não é logica a conclusão? Recapitulemos o caso com as palavras exactas do illustre philologo.

« O barbeiro inocula o *trypanosomo* ». O *trypanosomo* é « um parasito do sangue causador de varias doenças ».

Logo só ha um *trypanosoma*. O resto cai no abysmo da synonymia.

Assim, só havia um *trypanosoma* conhecido no anno de graça de 1923, o *Trypanosoma novi dictionarii*, C. de Figueiredo, 1923.

Donde vem tão grave engano do douto diccionarista? Simplesmente do facto de que para confeccionar a sua edição de 1923 achou que lhe bastaria consultar os diccionarios encyclopedicos e os livros de zoologia de 1900, para trás quando muito...

Mas o sr. Candido de Figueiredo o misoneista que era poderia sem sahir de Portugal certificar-se de que não ha um só trypanosoma e uma só trypanosomiase. Bastava para tanto que percorresse os Archivos de certo instituto, o *Instituto Camara Pestana*, optima publicação em que dentre muitos e excellentes artigos occorrem os bellos trabalhos do dr. Carlos França, eminente protozoologo portuguez.

Nas memorias desse seu illustre compatriota veria que ha mais de um trypanosoma e mais de uma trypanosomiase e teria o ensejo de saber da existen-

cia da obra capital dos professores Mesnil e Laveran (grosso volume hoje em quarta edição, si não nos enganamos) sobre os trypanosomas de cujas legiões se inteiraria.

E si quizesse contribuição brasileira percorresse as *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, onde já numerosos trypanosomas foram descobertos em aves, peixes, reptis, mammiferos, pelo grupo de scientistas valorosos que ali tanto faz pela sciencia e pelo Brasil e onde figuram ou figuraram Chagas, Neiva, Aragão, Lutz, Marques da Cunha, Gomes de Faria, Cesar Pinto, Moses, José B. Arantes, Travassos, Cardoso Fontes, Olympio da Fonseca, d'Utra e Silva, Ezequiel Dias e tantos mais protozoologos de reputação.

Continuemos, porém, a nossa perfunctoria inspecção do vocabulario zoologico brasileiro vulgar inserto no *Novo Diccionario.*

Geraraca, affirma o N. D., é uma cobra muito venenosa do Brasil. Eis ahi uma noção inculcada por escriptor não brasileiro, ao autor, ou por brasileiro ignorante. O nome de nossa vulgarissima jararaca, de difficil assonancia para muitos larynges não brasileiros já tive o ensejo de o ler em autores francezes, inglezes e allemães graphado de modo pittoresco.

Jararac, *jerarack*, commummente se encontra nos viajantes francezes e inglezes. Na proclamação de despedida de D. Amelia ás brasileiras, convida a linda imperatriz ás nossas patricias a velarem para que as infames *jararacas* não façam mal ao seu pequenino e novo imperador D. Pedro II.

Geraraca, nome desconhecido dos nossos mais eminentes ophidiologos faz *pendant* a outros de igual quilate.

De Freycinet, aliás scientista eminente e autor de obra notavel sobre a sua celebre viagem de circumnavegação oceanica cita entre os animaes venenosos do Brasil a cobra *preguiçeza.* Por coherencia devia o *N. D.* inseril-a entre os nossos ophidios.

Já tive o ensejo de ler em um autor allemão da maior autoridade *schiarraraca.*

Beija-flor, disse o sr. C. de F., é «formosa ave brasileira que absorve o nectar das flores. Mostra ignorar que *beija-flor* é um nome generico vulgar dos

trochilideos do Brasil, como pica-pau dos picideos etc.

E *hirara*, « quadrupede do Brasil, semelhante ao macaco » ! ?

Um quadrupede semelhante a um quadrumano ?

Quer o *Novo Diccionario* que *pirarucú* seja semelhante ao bacalhau. Espirituosa e justamente commenta a tal proposito o sr. Rodolpho von Ihering : A tal semelhança só se verifica depois de ambos terem passado para a categoria de peixe secco. « E é isto mesmo porque realmente confundir o nosso *arapaima* com os peixes gadideos é uma destas historias de costa acima comparavel ás jequitiranaboias borboletas e quejandas erronias.

A *escorpião* define ou sr. Candido de Figueiredo muito mal. Apenas diz : « o mesmo que *lacrau* ». Incomparavelmente melhor é o significado de Caldas Aulete : « arachnideo da familia dos pedipalpos ».

Para nós, no sul do Brasil, lacrau não se applica só aos escorpiões, como talvez em Portugal, e muito mais aos myriapodos, ás centopeias, etc.

Assim entendeu o sr. Candido que lacrau escorpião é myriapodo-arachnideo. Mais um « carrapato-crustaceo » e « peixe-cetaceo ». E o curioso é que o douto diccionarista censurou o « respeitavel » Moraes por ter definido errado *lacrau!* recorda o sr. Ihering !

Assim, tambem, a definição de *ema* não se adapta ao Brasil.

Diz o sr. C. de F. « o mesmo que casuar », como lhe inculcaram os velhos diccionaristas, o arabisante fr. João de Sousa e fr. Domingos Vieira. Aliás lhes contesta o sr. C. de F. a etymologia arabica para acceitar uma origem moluccana do vocabulo que parece mais racional. Mas isto é cousa á parte. Para nós a ema é exclusivamente a *Rhea* americana e o casuar, o grande pernalta da Oceania, uma das aves das diversas especies do genero *Casuaria*, muito diversas do nosso *nhandú*, guaranytico.

Todas estas aves pertencem, aliás, á mesma ordem : *Cursores*.

Existe uma outra especie de ema sul americana, a *Rhea darwini* da Republica Argentina. Talvez excepcionalmente do Rio Grande do Sul, tambem quer nos parecer.

Referindo-se ao casuar, dá-lhe o sr. C. de F. uma origem franceza que é uma sub-etymologia, pois a palavra procede do nome malaio como affirmam os grandes diccionarios encyclopedicos.

A *ema* dos antigos portuguezes vem provavelmente do *emú*, casuar que occorre na ilha de Ceram, nas Moluccas, onde pela primeira vez o avistaram os portuguezes que, naturalmente lhe deram um nome parecido com o que lhe ouviam attribuir pelos indigenas.

O *emú* ou emeu dos ornithologos francezes antigos era tambem chamado *casuar a casque;* pertence ao genero *Dromaeus*, de que ha as especies *D. novae hollandiae e D. irrorator*, ao passo que os demais casuares pertencem ao genero *Casuarius*.

Hoje o *casuar à casque* é o *Casuarius galeatus* do genero *Casuarius* e os emús são os dois *Dromaeus*.

Aliás é *ema*, tambem vocabulo do nosso nheengatú, segundo affirma uma autoridade de grande peso o dr. Constantino Tastevin (Cf. *Nomes de plantas e animaes em lingua tupy*, deste douto autor na *Revista do Museu Paulista*, tomo XIII, p. 711.)

VIII

Atrazo de conhecimentos scientificos. As pulgas entre os dipteros. Colepteros só os amarellos e pretos. Mutucas, moscas amazonicas!

São numerosas as provas, no *Novo Diccionario*, de quanto está o autor atrazado de muitos annos em relação á classificacão zoologica. Assim, ainda colloca as pulgas entre os dipteros, ignorando que hoje pertencem á ordem dos *siphonapteros*.

Aos besouros fez o sr. C. de F. espantosa restrição: « Insecto coleoptero, amarello ou preto ». Assim não admitte coleopteros verdes ou azues! E assim com este criterio chromatico exclue uma infinidade de generos e especies. Mas terá o seu decreto a chancella dos entomologos?

Mutuca, avançou o sr. C. de F., é « uma especie de mosca da região do Amazonas ». Ha ahi dois enganos graves. Em primeiro logar, quanto á área da disseminação das mutucas. Então, não ha mutucas nos nossos campos de Piratininga? Ou, então, acaso verterão as aguas do nosso Tietê para as do Rio Mar?

Ignoraria o diccionarista que as mutucas attingem uma zona de dispersão colossal, por todo o Brasil, pelas tres Americas? Mutucas se conhecem do Canada, do Alaska, a Terra do Fogo.

E, depois, as mutucas não são «uma determinada mosca» como faz suppor o sr. C. de F. e sim um nome generico brasileiro, vindo do tupy e attribuido ás tabanidas ou tabanideos, pois de ambos os modos é chamado o seu grupo, imprecisas como ainda estão as regras da nomenclatura zoologica em portuguez. E são as mutucas tão diversas das moscas que aos nossos indios não escapou esta dissemelhança, tanto que a estas davam o nome de *mbirú* ou simplesmente *birú* (cf *Nomes de animaes e de plantas em lingua tupy*, pelo sr. dr. C. Tastevin, no tomo XIII, da *Revista do Museu Paulista*).

Já teria o sr. C. de F. melhorado muito a sua definição si houvesse escripto diptero em logar da inadequada e inacceitavel mosca que o criterio moderno repelle.

Fossem as mutucas moscas e os entomologos lhes chamariam muscideos, «familia de insectos dipteros, brachyceros, encerrando as moscas propriamente ditas (a *Musca domestica*) e os generos vizinhos»

As tabanidas tambem são dipteros e brachyrceros, mas formam uma familia á parte, a que pertencem os *taons* francezes, insectos do grupo dos tanystomos, geralmente dotados de longa tromba e mandibulas em estylete.

Formam as *Tabanidae* enorme familia para mal de peccados formidavelmente representada em nosso paiz, quer pelo numero de especies, quer pela immensa quantidade de individuos dessas especies, algumas das quaes sobremodo nocivas, como vehiculos do *Trypanosoma equinum*, agente causador do *Mal de cadeiras* e protozoario a que o sr. C. de F. negou a existencia, como demonstramos, pois no seu entender só existe um trypanosoma.

E não ha brasileiro que tenha alguma leitura das cousas do Brasil, e ignora o que foi, o que é o tremendo *Mal de cadeiras*, de synonymia vulgar abundante, aniquilador do rebanho equino mattogrossense.

Formam hoje as mutucas, diziamos, a immensa familia das *Tabanidae*, em 1819 creada por Leach e da qual é typico o genero *Tabanus* de Linneu, existente deste 1735.

As moscas, dipteros da familia *Muscidae* « muito mais numerosas do que as mutucas, constituem a mais extensa familia da ordem Diptera ».

Para de vez dirimir esta questão perante qualquer naturalista não brasileiro recorro a duas autoridades em materia de dipterologia e especialisação em entomologia hematophagica.

Appello para a esplendida memoria: *Tabanidas do Brasil e de alguns Estados visinhos*, da autoria do eminente dr. Adolpho Lutz (c., tomo VII das « Memorias do Instituto Osvaldo Cruz).

Tratando do genero *Dichelacera* é da especie *D. scutellata*, Williston, 1895, (á pgs. 80), diz o illustre dipterologo, a reportar-se a uma estampa: « A mutuca que figuramos... »

Precisará de mais algum exemplo o diccionarista nosso contradictor?

Pois tenha o agradavel trabalho de ler o notavel relatorio da fecundissima jornada scientifica de Arthur Neiva e Belisario Penna

(Cf. *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, tomo VIII, a pags. 74 224).

Aposto que si se entregar a tal occupação, não consiguirá deixar o livro a meio.

Faça-o e encontrará, no capitulo em que o eminente dr. Neiva trata dos hematophagos encontrados em viagem « A lista de tabanidas regista 35 especies, incluindo dez novas. Até Paranaguá estes dipteros quasi não apparecem. Nos « Geraes », as mutucas começaram a apparecer com a maior abundancia, entre ellas uma *Diachlorus* que ataca o homem; pela primeira vez surge o *Chlorotabanus Mexicanus*, L. (c/. pag. 97).

Recorramos agora ás pags. 93 e 94 po seu *Relatorio*. La se encontrará, na lista das *Tabanidae*, a *Diachloras* incluida na sub-familia *Diachlorinae* e o *Chlorotabanus mexicanus* na sub familia *Tabaninae*.

IX

Ainda as mutucas « Celentercos-molluscos » Inclusão no « Novo Diccionario » de generos botanicos e exclusão dos zoologicos. Incomprehensivel criterio

Comentando o que sobre as mutucas escrevi deume o eminente amigo dr. Arthur Neiva alguns argumentos valiosos e interessantes.

Mu'uca é palavra que já no seculo XVI surge em escriptos portuguezes. Basta lembrar que apparece nas paginas de Gabriel Soares, quando este autor refere a existencia das tabanidas na Bahia. Assim, pois, havia dipteros bahianos já naquella época chamados *mutucas*, quando sr. Candido de Figueiredo pretende que as mutucas são privativas da bacia amazonica.

No Brasil, accrecentou o illustre informante, ha mais de duzentas especies de mutucas já determinadas, e o nome *mutuca* em diversas zonas do paiz transformado em *bu'uca*, como em certos districtos de São Paulo, está largamente representado na nossa toponymia. Não será a tabanida a razão etymologica de Botucatú? Não se diz *butuca* e *butucar* em São Paulo, analogicamente, por *espora* e *esporear*?

São as tabanidas chamadas em Portugal *tavão* e *moscardo* em Hespanha *tabano* e ninguem conhece no Brasil taes nomes, como ningnem confunde muscideos e tabanideos.

Para os differençar empregam os nossos caipiras: *mosca*, *mosca berneira*, *mosca varejeira*, *vareija*, *birú mbirú meruanha*, *mosquito* em contraposição com *mutuca* ou *butuca*, vocabulo legitimamente tupyco.

Com o maior prazer aqui deixo consignadas estas observações de um homem do valor do dr. Neiva, um dos maiores conhecedores actuaes das cousas da nossa terra. Ainda lembro o que diz o nosso illustre zoologo dr. Alipio de Miranda Ribeiro, nas suas *Noções syntheticas de zoologia brasilica* «Os tabanideos ou mutucas não são raros nas régiões florestosas, etc. » (pag. 72).

Sejam-me permittidas mais algumas notas singelas sobre a nossa nomenclatura zoologica vulgar nas columnas do *Novo Diccionario*. «*Agua viva*» affirmou o sr. C. de F., é o mesmo que *alforreca*, «mollusco do feitio de umbella e tecidos semitransparentes».

Aqui não se trata só da fauna brasileira.

Eruditamente contou o sr. C. de F. que alforreca tem etymologia arabe. Vem de al-horreque. Mas o que não é erudito vem a ser o que nos affirma da «malacologicidade» da «*mollu-cidade*» (si posso empregar estes «graciosos» neologismos), da alludida alforreca.

A *alforreca* é molle, mas não mollusco, em que pese ao sr. C. de Figueiredo. E' a *medusa* dos hespanhóes, italianos, inglezes, allemães e... portuguezes, e tambem a *meduse* dos francezes. « Serve *medusa* de termo generico vulgar para a designação

dos celentereos da classe das hydromedusas e particularmente das formas que nadam livremente, como os acálephos, os ctenophoros, etc. », relata-nos o abalisadissimo *Nouveau Larousse Illustré*.

Mas como se me poderia impugnar o que atrás fica, invoco o diccionario de Whitney.

Medusa, qualquer membro da familia *Medusidae*, ou da ordem ou sub-classe *Discophora*. Passo a ver o que vem a ser *Medusidae* e leio : « familia de Hydrozoarios, de que é typico o genero *Medusa* ». Consulto novamente o famoso lexico a proposito de Hydrozoarios (*Hydrozoa*), e leio a seguinte definição : « Classe de celenterios ».

Assim, para as duas acatadissimas encyclopedias, a alforreca é um celentereo, para o sr. Candido de Figueiredo um mollusco. Como o proprio sr. C. de F. reconheceu, celentereo e mollusco são hoje cousas inteiramente diversas. Só vinham a ser uma e mesma cousa, quando a baleia era peixe.

Destrince-se a duvida. Estaremos ás voltas com um novo caso no genero do dos peixes-cetaceos ?

Falando de outros celentereos ainda teimou o sr. C. de F. em chamar-lhes molluscos. Como affirmasse que *alforreca* é mollusco e o mesmo que *agua viva* ensinou-nos ainda o sr. Candido que ha uma nova classe de celentereos molluscos a das aguas vivas.

Na palavra *marsupial* le se « genero de molluscos do grupo das medusas » ! E' a confirmação do que acima apontei, a coherencia com as idéas anteriores.

Marsupial vem a ser o aportuguezamento de *marsupialia* synonymo de *Cubamedusa* e *Lobophora*. « Sub-ordem de celentereos cnidarios da classe das polymedusas, ordem dos acalephos » ensinam os zoologos modernos.

Assim se nos deparou, graças ao sr. C. de F., um novo caso de « peixe da ordem dos cetaceos », com este mollusco-celentereo.

E tudo isto ainda na melhor hypothese para se desculpar a cincada do *Novo Diccionario* pois a não ser assim só admittindo a interpretação racionalissima do sr. Ihering « Marsupialgenero de molluscos do grupo das medusas. Tres animaes distinctos em uma só palavra ; até parece cousa da Sagrada Escriptura....

Substituindo os nomes scientificos por equivalentes da lingua vulgar o *Novo Diccionario* disse que *gambá* é ostra do grupo das aguas vivas. »

Agora examinemos um pouco a attitude do sr. C. F. em relação á nomenclatura vulgar da botanica brasileira, mesmo quando acompanhada da respectiva synonymia scientifica, abonada pelas mais autorizadas fontes.

Todas as indicações deste genero que em publico lhe foram offerecidas, elle as repeliiu, inexoravel !

Mas ao mesmo tempo incorporou ao seu vocabulario termos e termos que não são sinão os nomes latinos dos generos scientificos botanicos nascidos de nomes francezes, hespanhoes, italianos, inglezes, allemães, escandinavos, flamengos, etc., etc. ! Só na letra *L* e em *La* encontro, em barda, estas «lidimas» palavras portuguezas. Por exemplo *Labatia* (do nome do botanico francez Labat) *Lafuentea* (do hespanhol La Fuente) *Langia* (do inglez Lang) e mais *Labordia*, *Laplacea*, *Laretia*, *Lamarckia*, *Landukia*, etc., etc.

E o mais interessante é que essa lista de « vozes lusitanas » é a mais escandalosamente lacunosa. Uma pequena estatistica desses pseudo *factos da linguagem* portugueza, esclarece perfeitamente o caso.

Vejamos quantos generos botanicos, principiando pela syllaba *La*, inculcou o sr. C. de E. no seu *Novo Diccionario* e supplemento. Dezesete apenas.

No *Nouveau Larousse Illustré* e supplemento, tão ao alcance do illustre philologo, aponto setenta e dois, os seus dezesete e mais cincoenta e cinco.

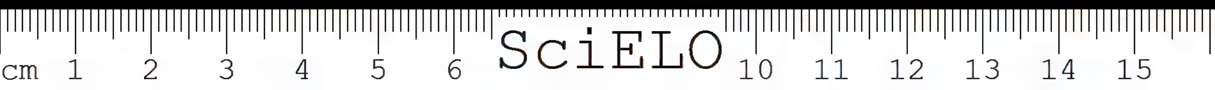
Um ultimo reparo referente ainda á coherencia dos processos diccionarisadores do sr. Candido.

Recolheu o illustre philologo alguns generos botanicos, os que lhe são sympathicos — porque só mesmo a sympathia da assonancia pódia haver-lhe inspirado tal escolha, mas em relação aos generos da zoologia quasi nunca diz palavra. Porque esta aversão ? Não é possivel imaginar-se que o douto diccionarista ignore que a nomenclatura dual se estende tambem á zoologia ? Que significa esta disparidade ? Por que esta repulsa á sciencia de Lamarck e Darwin ?

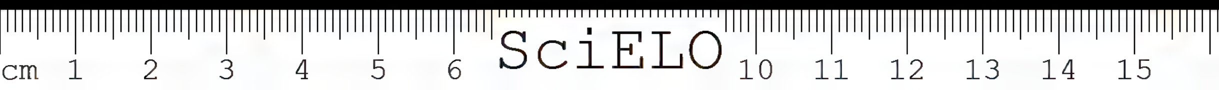
Por que excluiu os generos zoologicos e não o fez em relação aos botanicos ? Por que este amor á flora e desamor á fauna ?

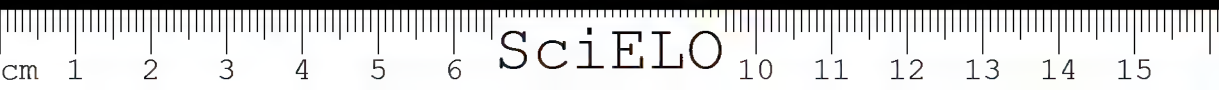
E alnda se essa dendrophilia desse para nos inculcar noções certas ! Mas qual ! que o diga o illnstre amigo Dr. Edmundo Navarro de Andrade ! cujos artigos magistraes da *Revista do Brasil* revelaram horrores do *Novo Diccionario* em materia ne botanica

---



A Chimica e a Physica no "Novo Diccionario da Lingua Portuguesa"




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

I

A Chimica do Novo Diccionario. Fontes informativas antiquissimas. Nomenclatura desueta. Fluor, corpo ainda não isolado... em 1923. Fluorhydrico, synonymo de fluorico. O acido hydro fluosilicico, combinação binaria! Noções obsoletas sobre os acidos sulfurico e azotico. Sulfito o mesmo que sulfato! Acido phosphoroso o mesmo que acido phosphorico! Ozona, cheiro! Radio, substancia que se encontra no baryo. Definições esdruxulas de cal e ammoniaco. Anhydrides, corpos que se não combinam com a agua. Noções erroneas sobre bases. Misoneismo inveterado.

Com grande curiosidade se recebeu no Brasil a terceira edição (1923), do *Novo Diccionario* que desde muitos annos se annunciava prestes a surgir.

Representava a segunda tiragem do alentado lexico muito prestante serviço ao inventariamento dos recursos de nossa lingua. Jámais se imprimira tão rica e extensa catalogação dos vocábulos portuguezes, lusocoloniaes e brasileiros.

Havia, comtudo, muitas e graves falhas nesse tentamen digno de applausos, certamente; assim, por exemplo, nelle se notava deficiencia consideravel da colheita dos brasileirismos, impropriedade dos significados de numerosos vocabulos nossos, notavel lacunosidade das diversas technologias, obsoletismo frequente das definições scientificas, e presença vulgar de definições viciosas.

Foram muitos destes defeitos apontados anteriormente por diversos reparadores de Portugal e do Brasil. Assim se esperava que a terceira edição do *Novo Diccionario* viesse escoimada de muitos dos seus vicios e lacunas.

Infelizmente tal não se deu. Persistem a quasi totalidade dos defeitos e vicios da segunda tiragem.

Examinando as diversas faces da nova edição, já, entre nós, varios reparadores autorisados apontaram as graves emendas que o seu texto está reclamando. Assim, por exemplo, ainda e ultimamente, ao que saibamos, em São Paulo, o Sr. Dr. Edmundo Navarro de Andrade, a proposito da botanica e da sylvicultura do *Novo Diccionario*, e o Sr. Rodolpho von Ihering, ácerca da sua nomenclatura zoologica, vulgar, da fauna brasileira como já lembramos.

Em artigos incisivos da *Revista do Brasil*, que tiveram enorme divulgação, apontou o Dr. Navarro deslises numerosos, erros serios e até verdadeiros disparates colhidos entre as definições do *Novo Diccionario*. Tambem nos inculcou o Sr. Ihering uma boa quantidade de lapsos de egual teor, alguns dos quaes verdadeiramente extraordinarios.

Como causa principal de taes successos, aponta o Dr. Navarro a teimosia vaidosa do illustre philologo em pretender arvorar-se em encyclopedista, capaz de definir sem o alheio concurso todo o vocabulario das mil e uma subdivisões do moderno saber. Dahi uma serie de resultados deploraveis.

Seja-nos agora dado como mero estudioso examinar algumas tantas definições da chimica do *Novo Diccionario*, em terceira edição.

O que do mais perfunctorio exame resalta desse vocabulario é que para o exemplificar lançou o Sr. C. de F. mão de livros muito antigos, quasi contemporaneos de Thénard e de Berzelius, em geral.

D'ahi a sua technologia equivalentista hoje desueta. Mas, como ao mesmo tempo, averba muitos nomes novos das recentes descobertas, d'ahi decorre uma situação sobremodo desconcertante. Para muitas das definições da terceira edição, das que já na primeira appareceram, mereceria tal exemplicação o qualificativo affonsino si esdruxulo não fosse applicar o adjectivo medieval, já contemporaneo de Ourique, a uma sciencia nascida na segunda metade do seculo XVIII.

Não fora isto e seria o caso de se dizer que taes significados eram «do tempo dos affonsinhos», quando ainda nem se falava nos *figados de enxofre*, nas *caparosas* e quejandos termos da nomenclatura dos alchimicos, já mais proximos de nós.

Ha uma indicação preciosa da data das mais recentes obras de consulta chimica corrente do Sr. C.

de F. E' a que se encontra na palavra *Fluor*, assim definida pelo illustre philologo: «Corpo simples, ainda não insulado». Ora quer isto dizer simplesmente que a chimica está atrazada de quarenta annos! Sim, porque desde 1886, realisando o illustre Moissan a electrolyse do acido fluorhydrico, conseguiu isolar o mysterioso e terrivel «phtoro» causador da morte, si não nos enganamos, de um dos seus tenazes e infelizes perseguidores, os irmãos Knox (Cf. Junfleisch, *Manipulações de Chimica*, p. 439).

Assim, em 1923, persiste o Sr. Candido de Figueiredo em contestar a grande, a maxima gloria do illustre sabio que foi Henrique Moissan, a denegar-lhe que o *fluor* já tenha sido isolado! De que serviu, pois, ao glorioso sabio dos fornos electricos, das pedras preciosas artificiaes, triumphar, numa série de experiencias notabilissimas, das difficuldades terriveis em que predecessores illustres, do porte de quem? de Linneu! de Davy! de Fremy! haviam sido desastrados?

«*Fluorhydrico* ou *fluoridrico*, affirma o Sr. Candido de Figueiredo, diz-se de um acido formado pela combinação do hydrogenio com uma base»! Ora, sendo a constituição do acido fluorhydrico FlH, segue-se que *fluor* é uma base! Não ha como fugir a esta interpretação.

E além de tudo, si o *fluor* ainda não foi insulado, como sabe que é uma base? E onde fica a noção de base chimica? derrocada nos seus caracteristicos essenciaes? Então, neste caso, por analogia, do acido chlorhydrico se poderá dizer que é formado pela combinação do hydrogenio com uma base! base e metalloide são synonymos?

Fluorico, continúa o Sr. Candido, é o mesmo que *fluorhydrico*. Isto se diria quando reinava a maior imprecisão nas regras da nomenclatura chimica. Então, neste caso, *chlorhydrico* e *chlorico*, *bromhydrico* e *bromico*, etc., seriam a mesma cousa, quando todos sabem que o primeiro termo em *hydrico* se refere a uma combinação binaria, não oxygenada, e o segundo a uma ternaria oxygenada. Muito mais esdruxulo é o que se affirma de *flu silicico*. «Diz-se de um acido resultante da combinação do silicio e do fluor». Esta definição quadraria ao Fl^4Si fluoreto de silicio, si o autor não a houvesse invalidado dizendo que se trata de um acido. Ninguem a attribuirá, entretanto, ao acido fluosilicico ou hydrofluosilicico, que é um

ternario Fl^6SiH^2. E depois, si a uma combinação binaria de fluor e silicio attribue a acidez, onde fica a noção essencial da hydrogenação dos acidos?

Vejamos agora o que o *Novo Diccionario* affirma de dous dos mais conhecidos acidos da chimica mineral e da industria universal, o *azotico* e o *sulfurico*, conhecidos de gregos e troyanos, quer sob as designações scientificas, quer sob os nomes vulgares de agua forte e vitriolo.

Azotico, pormenorisa o Sr. C. de F., diz-se do acido que é uma combinação de azoto com o oxygenio». Esta noção o leitor moderno a repelle como inspirada no equivalentismo já moribundo, ha quarenta annos atraz. Tomou-a o Sr. C. de F. do *Diccionario de Larousse*, da letra A, do *Dictionnaire Universel du XIX ème Siècle*, que data das visinhanças de 1865.» Azotico, avança o Larousse, se diz do acido que é o *quinto grau da oxydação do azoto* Azo^5HO". Não querendo perder espaço, supprimiu o Sr. Candido a referencia a esse «quinto grau» que hoje nos parece pittoresco. Ao velho Larousse contrapomos o novo Larousse: o *Nouveau Larousse Illustré*, que, por misoneismo, desdenhou o sr. C. de F. consultar. «Azotico, affirma o *Nouveau Larousse*, diz se de um anhydrido formado pela oxydação do azoto (Az^2O^5) e tambem de um acido resultante da hydratação deste anhydrido (AzO^3H)». Perfeito! perfeitissimo, dirá qualquer leitor moderno.

Vá, porém, algum estudante de humanidades guiar-se pela definição do Sr. C. de F. e ficará atonito. Como? si diccionarista de tal tomo garante que se trata de uma combinação binaria, de oxygenio e azoto, como se ha de justificar a formula AzO^3H do acido azotico?

Assim se applicarão hoje os dizeres do Sr. C. de F. á definição dos numerosos oxydos de azoto e nunca ao acido azotico.

Do acido sulfurico, avança o nosso illustre philologo: «Diz se do acido que resulta da combinação do enxofre com o oxygenio». Já o velho Larousse, seu provavel mentor, na letra S do seu grande Diccionario, anterior a 1880, escrevia cousa mais acceitavel: «Diz-se de um dos acidos do enxofre». Isto «ainda vae», embora seja sobremodo indeterminado, pois ha numerosos «acidos do enxofre». Só os da serie thionica... Mas, emfim, ainda vae... Mas o *Nouveau*

Larousse Illustré está absolutamente *all right* quando define; «Diz se de um anhydrido formado pela oxydação do enxofre (SO^3) e tambem de um acido resultante da hydratação deste anhydrido» (So^4H^2).

Serviria a definição do Sr. C. de F. para qualquer dos anhydridos sulfurico e sulfuroso, SO^3 e SO^2. Assim, gerando real confusão, distinctos como são estes dous oxydos de enxofre, deve ser repudiada. Será tambem necessario proceder do mesmo modo quanto ao significado que o diccionarista dá de «sulfuroso» — «acido que resulta da combustão do enxofre. Segundo os conhecimentos modernos é o anhydrido SO^2, que nasce da combustão do enxofre e não o acido SO^3H^2, gerador dos sulfitos e até hoje não isolado, a não ser no estado de dissolução n'agua.

Já que estamos a percorrer o capitulo dos compostos sulfurosos apontemos uma cincada grave. «Sulfito, affirma o sr. C. de F. é o sal resultante da combinação do acido sulfurico (sic! sic!) com uma base!! Exactamente o que algumas linhas acima diz de *sulfato*. De modo que *sulfito* e *sulfato* são uma e mesma cousa! Assim pois temos $SO^3 Na^2 = SO^4 Na^2$ e $SO^3K^2 = SO^4K^2$!!

As mesmas informações, antiquadas e desuetas, inspiraram ao sr. C. de F. a definição do acido phosphorico. Para o leitor moderno ella quadra ao anhydrido phosphorico. Mas o que ninguem pode admittir é um absurdo deste jaez: «Phosphoroso; diz-se do acido tambem chamado phosphorico»! O acido phosphorico é PO^4H^3 e o phosphoroso PO^3H. Assim pois $PO^4H^3 = PO^3H$ e com esta equação derriba o douto philologo o grande principio lavoisieriano, alicerce do edificio da chimica moderna, além de dar um golpe mortal na regra fundamental da nomenclatura a respeito dos compostos diversamente oxygenados. Já é ter autoridade! Entretanto, em 1882, escrevia Caldas Aulete, ás vezes, definições mais acertadas do que as da modernissima edição do *Novo Diccionario*, obra a que o *Diccionario Contemporaneo* precedeu de 41 annos!

«Sulfuroso — gaz acido que se obtem pela combustão do enxofre». Tambem é correcto o que diz o mesmo Caldas de *sulfito* e *sulfato*, fugindo á cincada em que cahiu o seu illustre confrade.

Para os leitores modernos são muitas as suas definições, comtudo, rejeitaveis. Quadravam bem para

o tempo em que surgiu o seu excellente diccionario, cheio de preciosos predicados e digno do apreço em que é tido. Pena seja tão lacunoso.

Além destas definições anachronicas averba o sr. C. de F. umas tantas outras que se mostram mais alguma cousa do que obsoletas, merecendo portanto absoluta repulsa. Assim por exemplo o que de «ozona» nos conta, ou «ozone» como lhe chama: «cheiro (cheiro, note-se bem) que se desenvolve sob a influencia das descargas electricas e que é devido ao estado particular que as descargas produzem no oxygenio».

Confunde o illustre philologo causas e effeitos. Assim, para elle, *ozone* é apenas uma das propriedades organolepticas do oxygenio, submettido á influencia das descargas electricas...

A esta opinião, opponhamos a de Jungfleisch, collaborador constante de Marcellino Berthelot. — «Ozona» — Polymerisação do oxygenio, provocada por diversas influencias, como as das scentelhas electricas, da oxydação do phosphoro ao ar humido e sobretudo da descarga obscura ou effluvio electrico».

Poderia a definição do sr. C. de F. servir, pelos annos de 1840, quando Schoenbein chamou a attenção dos chimicos para o cheiro de maresia do «oxygenio electrisado» a que elle appellidou ozona. Já porém estaria deslocada a definição do sr. C. de F., alguns annos mais tarde, quando Becquerel e Fremy demonstraram que a ozona é um polymero do oxygenio (O^3), uma modificação allotropica do oxygenio. E' o que nos ensina L. Troost, do Instituto de França nos seus popularissimos *Elementos de Chimica.* Mais scientifica é a definição de Caldas Aulete em 1882 do que a do sr. C. de F., quarenta e um annos mais tarde, «ozone — oxygenio electrisado». Vale isto mais do que o tal «cheiro» que tanto impressionou o illustre philologo.

A's vezes exemplifica o sr. C. de F. as suas definições com umas formulas. Mas nem sempre é feliz. Assim falando da *Lana philosophica* dos alchimicos, escreve: «antigo nome do oxydo de zinco, da formula ZO» (sic!). Queremos crer que ahi haja um erro de imprensa: ZO por ZnO, pois tambem, aos ceus bradaria semelhante «lapso». Seria um nunca acabar registarmos as definições obsoletas da chimica do *Novo Diccionario* entremeiadas de impropriedades e er-

ros palmares, do theor de alguns dos que nesta rapida resenha apontámos.

Ha no muito prestante vocabulario do sr. C. de F. tanta cousa esdruxula, deficiente e errada em materia de chimica que o reparador se encontra abarbado com o embaraço da escolha da materia para as suas observações. Assim vejamos ainda a definição de *radio*, « substancia descoberta em 1899, que se contém no baryo » ! Em vez de dizer « na *pechblenda*, em companhia do baryo » affirmou o sr. C. de F. que o radio se contém no baryo !

Esdruxulas são as definições de ammoniaco, de cal, etc., etc. Contrarias ás idéas modernas as de potassa, soda, baryta, magnesia, etc., que o sr. C. de F. intitula oxydos e os autores de hoje, com o progresso da sciencia, hydratos basicos.

Mas gravissimo é o que o sr. C. de F. diz de anhydrido... ? « Termo generico que designa os acidos anhydros, isto é, os que se não combinam com a agua » ? ! !

De modo que os anhydridos phosphorico e sulfurico, por exemplo, são inertes em presença da agua ? Bello quinau em Jungfleisch que (*Manipulations de Chimie*, 443) do anhydrido phosphorico, affirma : « Composto extremamente avido de agua » ! Lindo quinau ainda em Troost (ob. cit. 175) quando este garante ser o anhydrido sulfurico tão avido de agua que « uma pequena quantidade deste liquido lançada sobre elle combina-se com incandescencia, vaporisação instantanea e explosão » ! !

II

A Chimica Organica do Novo Diccionario. Definições insufficientes, ommissões imperdoaveis. Lacunas sobre lacunas. Erros e impropriedades. Obsoletismo extraordinario das fontes de consulta. Chimica inculcada por uma Technologia Rural.

Proseguindo no nosso aliás muito perfunctorio exame do valor das definições chimicas da terceira edição do *Novo Diccionario*, rapidamente revistemos o que nelle ha de mais saliente em relação á chimica organica.

São-lhe os significados geralmente deficientissimos se não improprios de obra de tal porte.

Comecemos pelos das diversas funcções da chimica dos compostos do carbono.

Alcool, diz o sr. C. de F. é o liquido resultante da destillação de qualquer substancia fermentavel ». Sob o ponto de vista chimico tal definição é inexistente, e, se alcool só vem a ser o que diz o *Novo Diccionario*, então a fermentação da urina deve dar alcool em abundancia. E assim poderiamos multiplicar os exemplos desta natureza.

Sob o ponto de vista chimico, que para os alcooes é o essencial, a definição a adoptar-se só póde ser a seguinte: « principios neutros, ternarios, de carbono, oxygenio e hydrogenio, capazes de se unir directamente aos acidos e de os neutralisar, formando agua ». Depois disto se poderá dizer, em addendo, que os alcooes geralmente se obtem pela distillação, etc.

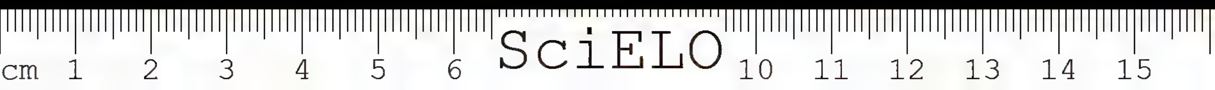
Mas naturalmente na sua quarta edição teimará o sr. C. de F. em manter a sua « impeccavel » definição. A outra é a do ignorante Marcellino Berthelot, homem « curioso » da sciencia lavoisieriana. Continuando a tratar dos alcooes, diz o sr. C. de F. que o methylico é o « espirito de madeira adoptado como agente para a desnaturação dos alcooes ».

E realmente o alcool methylico, vulgarmente chamado espirito de madeira, é, por barato, empregado para tal fim.

Mas uma definição desta natureza será a sufficiente para o diccionario que se jacta da primazia na litteratura luso-brasileira? Que diria o sr. C. de F. de algum diccionarista seu confrade, que definisse « Perú: animal que serve para os pratos de honra dos banquetes »? « Gato: animal que caça ratazanas e camondongos »?

O sr. C. de F., que tanto gosta de se apavonar com o emprego de formulas nas suas definições, para que não escreveu que o alcool methylico corresponde a CH^4O, por exemplo? Mas... prosigamos. Do alcool ethylico nada diz o douto diccionarista, o que é simplesmente inexplicavel. Exactamente do mais importante dos alcooes! Mais uma lacuna para aquella lista innumeravel das falhas do *Novo Diccionario* onde só nos descobrimos mais de doze mil omissões e o R. P. Carlos Teschauer, um rôr de milhares tambem.

Que affirma o illustre philologo do alcool propylico?



« Diz se de um dos alcooes dos vinhos cuja formula chimica é C^3OH^8 ». Quanta deficiencia ! Se ha dous alcooes propylicos ! O primario CH^3 CH^2 CH^2 OH e o secundario CH^3 CH^3 CHOH ! Segundo o sr. C. de F. deve um desapparecer.

Dos alcooes butylicos ha quatro conhecidos, dous primarios, um secundario e um terciario. Mas o sr. C. de F. alijou tres.

« Diz-se de um dos alcooes dos vinhos cuja formula chimica é $C^4H^{10}O$ ».

Deixemos porém os alcooes monoatomicos e examinemos o que o Sr. C. de F. diz dos polyatomicos. Já com o primeiro, o glycol não é nada feliz.

«Glycol, afiança; subtancia intermediaria ao alcool e á glycerina pelas suas propriedades physicas e chimicas». Isto é, muito nebuloso... Realmente o glycol é um alcool duas vezes alcool e a glycerina o é tres vezes. Mas com a definição incompleta do N. D. não se comprehende esta intermediação. Desappareceria tal indeterminação se o Sr C. de F. escrevesse : «Glycol o mais simples dos alcooes diatomicos, duas vezes alcool primario, de formula CH^2 OH. CH^2 OH.

A definição da glycerina sob o ponto de vista chimico nada vale. Serve para qualquer *Diccionario do povo*, quando muito : «Liquido xaroposo de sabor assucarado, base de todas as gorduras».

Nem uma palavra sobre a funcção trialcoolica do liquido do grande Scheele !

Como indice chronologico, a definição do Sr. Candido é porem preciosa ; mostra-nos o atrazo de seus informantes em materia scientifica.

Repete as ideias de Chevreul, em 1814, aliás justissimas, quando este illustre chimico affirmou que os corpos graxos podem ser considerados como formados de acidos graxos e de uma *materia* que hydratada fornecia a glycerina.

Mas isto em 1814 ! Em 1854, deixou Berthelot insophismavelmente esclarecido que a glycerina é um alcool triatomico e os corpos gordurosos naturaes, oleos e gorduras, os etheres glycericos dos acidos graxos.

Se nos lembrarmos de procurar no N. D. os alcoes polyatomicos, novas lacunas, e numerosas, nos saltarão aos olhos mesmo quando se tratar de compostos vulgares.

E além de tudo ha imperdoaveis ommissões referentes a compostos que os mais elementares compendios de chimica nos apontam como a *arabita*, a *dulcita*, a *sorbita*, etc.

Passamos depois a ver o que dos phenoes nos ensina o Sr. C. de F.

Phenoes — corpos ternarios, compostos de carbono, hydrogenio e oxigenio e provenientes de um carbureto pela substituição de um atomo de hydrogenio por oxhydrilo.

Não basta! Está a definição indeterminada. Assim tanto serve para os phenoes como para os alcooes. Ergo, alcool é synonymo de phenol. E não ha tal sabem-no os principiantes de chimica organica que se os alcooes tem grandes analogias com os phenoes tambem com elles mantem muito fundas differenças. Teria o Sr. C. de F. dado uma definição irreprehensivel se não se houvesse «esquecido» de dizer que o carbureto a que allude pertence á serie benzenica.

Pois se etymologicamente phenol vem de pheno e se *pheno* é synonymo de *benzeno!* Se os mais simples dos phenoes, o C^6H^5 OH, vulgar e impropriamente designado por *acido phenico* tambem é chamado benzenol!

De *Nitrila* nem uma palavra fala o Sr. C. de F.

Mais uma lacuna! — das mais sensiveis!

Muito mais grave porém a ausencia imperdoavel de *cetona*, correspondente a importantissimo aggrupamento funccional.

No *Novo Diccionario* não achamos *cetona*, nem *Ketona* nem *quetona*... Entretanto mostra o Sr. C. de F. conhecer a existencia da acetona, a mais simples das cetonas, e a camphora, embora não pareça saber que este producto, inimigo dos insectos seja uma cetona do *borneol* ou *alcool campholico*.

A definição que dos aldehydos dá o Sr. C. de F. é correcta mas já que estamos neste capitulo notemos a proposito do mais simples dos aldehydos, H. CHO, o aldehydoformico ou methanal tambem chamado formol; notemos quanto a proposito deste corpo é o N. D. de dolorosa insufficiencia. «Formol — preparação antiseptica applicavel especialmente contra a mordedura venenosa de certos animaes!!

Então não passa de uma especialidade.

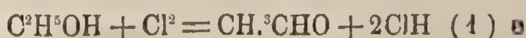
Tinha o illustre philologo a obrigação de escrever: «Formol — Aldehydoformico ou methanal com-

posto ternario de formula H.CHO proveniente da deshydrogenação do alcool methylico».

Se o *formol* do Sr. C. de F. se mostra tão deficiente, o seu *chloral* vem a ser destestavel. «Chloral diz o douto diccionarista, mistura de chloro e alcool !!

Affirma portanto que o choral é $C^2H.^5OH+Cl^3$, p. ex., o chloral, entretanto, não é uma mistura, e sim um corpo perfeitamente definido C^2Cl^3OH ou em formula racional CCl^3 CHO aldehydo trichlorado. Não provem de uma mistura de chloro gazoso e alcool e sim de uma verdadeira reacção em duas phases em que se dá a eliminação do acido chlorhydrico. Vá algum desastrado «misturar chloro e alcool» e tomal-o como sedativo e hypnotico, e verá o que lhe succede !

As equações qualquer compendiosinho as menciona :



$$C^2H^5OH + Cl^2 = CH.^3CHO + 2ClH \quad (1) \text{ e}$$



$$CH.^3CHO + 3Cl^2 = CCl^3CHO + 3ClH \quad (2).$$

Tinha o N. D. a obrigação de definir o chloral como «aldehydo trichlorado nascido da acção de uma corrente de chloro sobre o alcool concentrado quanto possivel, e resfriado». Não podemos porem abandonar os aldehydos e cetonas sem ainda deixar patentissimo quanto a chimica organica do sr. Candido de Figueiredo está atrazada de numerosos decenios. Afere se pelo paradigma da sua chimica mineral.

Prova irrefragavel de que avançamos é o seguinte : ignora o douto diccionarista, e por completo, a existencia dos trabalhos de Fischer, dos memoraveis, dos extraordinarios trabalhos de Fischer sobre os assucares, revelados ao mundo scientifico, ha muito pouco tempo, só em 1892, antes portanto, muito antes, do apparecimento da primeira edição do *Novo Diccionario (1899)*.

E' por isso que debalde procuramos na terceira edição do grosso lexico figueirediano de hoje as palavras corriqueiras que são : *aldose e cetose ; biose e triose* ; *hexose*, *hexobiose*, *hexotriose*, etc., etc. Quanta lacuna !

E no emtanto *aldose*, *cetose*, *biose*, etc., já podiam ter apparecido na sua primeira edição ! Pensa infelizmente o Sr. C. de F. que os livros de chimica impressos em 1860, estão em 1923 *up to date*...

Inculcar a leitores de 1923 as noções da chimica de 1860, é grave.

Passemos agora á funcção ether. E' boa a difinição do N. D. e abrange os casos dos etheres saes e dos etheres oxidos. Nada ha a se lhe ajuntar e a se lhe restingir. Apenas ha a se lhe fazer justiça. Que pena porem que o douto philologo, escudado em boas autoridades e não nos seus autores de éras preaffonsinas, seus habituaes conselheiros, para a technologia scientifica, não haja mantido o mesmo nivel ao fazer a descripção dos mais importantes etheres.

Comecemos pelos dos carburetos graxos:

O que de chloroformio avança é insufficientissimo. «Substancia liquida, incolor e aromatica, de propriedades anesthesicas». Isto se applica, palavra por palavra, tambem, ao ether sulfurico, ao chloreto de ethyla. Cioso dos creditos de sua obra tinha o Sr. C. de F. a obrigação de dizer que *chloroformio* é um derivado trichlorado do methano ou formeno. E já que gosta de se enfeitar com umas formulas podia pospor-lhe: da formula $CH.Cl^3$. A quem fala em chloroformio acodem logo as analogias do bromoformio e do iodoformio.

Do primeiro diz o Sr. C. de F. «substancia anesthesica que contem bromo e é analoga ao chloroformio». Ainda vá lá embora muito mais correcto fosse escrever que se trata de um derivado tribromado do methano. Do iodoformio refere o Sr. C. de F. «Composto solido resultante da acção do iodo sobre o alcool». Seria muito mais correcto que escrevesse resultante da acção do iodo sobre uma solução alcoolica de potassa.

Lancemos agora uma vista d'olhos sobre os acidos organicos, muito perfunctoria aliás, como todos estes nossos reparos; o que o Sr. Candido conta do mais simples de todos, do acido formico é simplesmente... quasi medieval.

— «Acido formico, diz o N. D., terceira edição 1923 — Diz-se de um acido que se extrahe das formigas».

Era este o processo descoberto em 1760 por Samuel Fischer! E em 1923 recommendado pelo *Novo Diccionario* de preferencia a esta definição.

«Acido monobasico da formula H.COOH tambem chamado methanoico que existe normalmente em varios liquidos biologicos como o sangue, a urina, a

seiva das urtigas, secreções de numerosos insectos, etc.» diz-nos grave o illustre autor moderno, que é Jungfleisch onde fica Berthelot com o seu processo de desdobramento do acido oxalico em formico?

Do importantissimo acido acetico apenas diz o Sr. C. de F. «Relativo ao vinagre. Acido»? Fala de *pyrolenhoso*, synonymo de acetico mas sem mostrar que conhece tal synonymia. Dentre os homologos superiores do acido acetico nada diz do propionico. Do butyrico abona-lhe a definição com uma *Technologia rural!* Singular documentador! Assim se póde abonar *acido azotico* com um *Manual do gravador* e os *oxydos de chumbo* com o *Manual de pintor de paredes e grades!*

Tambem são immediatos os resultados destes ensinamentos. Inculcam que acido butyrico é um só quando ha dous com este nome procedentes dos alcooes do mesmo appellido.

Tratando dos acidos bi-basicos o que do acido oxalico nos inculca o Sr. C. é deficientissimo, do acido succinico nado se diz, o mesmo quanto ao succinico mas não quanto ao malonico.

Tratando dos acidos de funcção mixta mais uma vez recorre o Sr. C. de F. ao seu vademecum em materia de chimica organica a *Technologia rural*.

"Lactico — Diz-se de um acido que existe no soro do leite cf *Technologia rural*. 20 e 117"

Leva-o isto a um desastre grande. Sim porque não ha acido lactico e sim acidos lacticos e o *normal* tambem é encontrado no succo gastrico. Qualquer compendio gymnasial inculcaria ao douto diccionarista uma definição como esta: « Lactico — Diz-se dos acidos derivados do propano, de funcção mixta, uma vez alcool e uma vez acido, e por isto chamados propanoloicos. O acido lactico normal é alcool primario e o de fermentação alcool secuudario etc.

Dos acidos malico e citrico dá o N. D. definições insignificantes. Mas já acerca dos acidos tartricos inculca erronia seria. Pensa o diccionarista que só ha um acido tartrico quando existem nada menos de quatro!

Mas então de que serviram os notabilissimos trabalhos de Pasteur sobre os acidos tartricos?

III

Definições viciosas. Lacunas imperdoaveis. Indeterminação de significados. Obsoletismo das fontes informativas do «Novo Diccionario». Inclusão de verdadeiros dislates.

Examinemos agora umas tantas definições do *Novo Diccionario* relativas aos hydrocarburetos. E a principiar do principio principiemos pelo *methano*, cuja exemplificação é fraquinha mas emfim « serve ».

A do carbureto immediatamente superior, o *ethano*, é simplesmente fraquissima. « Variedade de carboreto do grupo formenico ». Mas isto se adapta a uma infinidade de carburetos dirão comnosco os que tiverem umas tinturas do assumpto. O mesmo se dirá do *propano*. Mas já em *butano*, são dous os butanos e o Sr. Candido quer que seja um. Os *pentanos* o Sr. C. de F. entendeu dal-os como inexistentes.

Dos hexanos que são varios, depois de haver supprimido dous, permittiu-se o Sr. C. de F. a liberdade de dizer que só são um e unico! E o mesmo se dá com os heptanos e octanos! O resto foi omittido.

Não deixarei porém a serie formenica sem um ultimo e innocente reparo.

Lança-me em rosto, severamente, o Sr. Candido de Figueiredo a heresia de haver escripto *gazolina*. Ensina-me, complacente e compassivo, a escrever *gasolina* porque a palavra procede de *gas*. Mau grado a minha insufficiencia philologica, comprovada e apregoada, (por mim, a começar) sou forçado a declarar ao douto diccionarista que desta vez me insurjo contra a sua autoridade. Primeiro porque sou brasileiro e toda a gente no Brasil escreve gaz e certamente continuará a escrever gaz por estes annos afóra, apezar da grita do Sr. C. de F., segundo porque diccionaristas illustres, *quasi* tão illustres quanto o autor d'*O que se não deve dizer*, como Caldas Aulete, me ensinam a dizer gaz.

Agora, recebida esta licção do meu douto contradictado permitta-me elle que o interpelle, a proposito da definição chimica que de gazolina inculca. « Gazolina, affirma o Sr. C. de F. : Carbonato de hydrogenio liquido ».

Como ? ! Que carbonato de hydrogenio é este ? Será acaso $CO^3 H^2$, como o sulfato de hydrogenio póde ser $SO^4 H^2$? Mas $CO^3 H^2$ vem a ser $CO^2 + H^2O$; anbydrido carbonico em dissolução na agua. O que vulgarmente se chama *syphão* nas confeitarias.

Então serão a mesma cousa gazolina ou gasolina syphão ? Veremos algum dia em algum carburador de automovel, queimar-se *syphão ?* e pararem os automoveis á porta das confeitarias em longas filas, para alli comprarem *syphões ?*

Passemos agora porém á serie ethylenica

São lhe deficientissimas as definições, de propyleno ou propeno, butyleno ou buteno, etc. Na acetylenica não vemos mencionados *ethino*, *propino*, butino, etc., etc. Parece o Sr. C. de F. ignorar a existencia da nomenclatura essencial chamada de Genebra, nascida da famosa convenção de 1892.

Os nomes antigos dos carburetos acetylenicos alguns dos quaes rebarbativos, como allyleno, crotonyleno, valeryleno, ect., estes surgem nas columnas do N. D. Dentre os carburetos terebenicos vemos que o Sr. C. de F. desconhece o *australeno* e o *terebeno*. Encaixa o terpeno na serie benzenica e da terpina apenas refere que é « um medicamento diuretico e anti-nevralgico ». Da borracha e da gutta percha nada fala sob o ponto de vista chimico, no emtanto notavel.

De benzina é-lhe a definição fraquinha. Mas a que não pode ser admittida é a de tolueno « combinação de carbone e hydrogenio ». A ser isto sufficiente então tolueno é methano, tolueno é ethyleno, tolueno é acetyleno, é naphtalina, benzina, parafina, borracha, petroleo, é essencia de alfazema, é terebentina, etc., etc. Quem fala em tolueno pensa logo em xyleno ou antes nos xylenos. Ahi se sae o Sr. C. de F. menos mal; apenas põe um singular quando devia falar no plural. Da naphtalina nada diz e no emtanto dos naphtoes dá um bom significado. De anthraceno nada vale a definição sob o ponto de vista chimico.

Nos acidos aromaticos vemos um significado desvalioso para o acido benzoico; o que o N. D. diz do acido salicylico é demais antiquado. Conta-nos o Sr. C. de F. que a sua preparação se baseia na reacção da potassa sobre a essencia de Wintergreen quando

hoje se usa da acção do anhydrido carbonico, sob pressão, sobre o phenato de sodio.

Passemos aos acidos aromaticos.

Dos acidos phtalicos garante o Sr. C. de F. — suppondo aliás que só haja um — « Diz se de um acido produzido pela acção do acido azotico sobre o bichloreto de naphatalina » — Tetrachloreto aliás $C^{16} H^{8} Cl^{4}$ rectifica. E. Jungfleisch (Cf. *Manipulations de chimie*, p. 701). Mas o melhos dos bons pedaços, deixamol-o para o fim : é o que o Sr. C. de F. consagrou ao acido mellico. Segundo a lição dos mestres este acido benzo hexocarbonico e portanto correspondente á formula $C^{6} (COOH)^{6}$ se obtem graças á oxidação do carbono pelo permanganato de potassio em solução alcalina ou pela acção do acido azotico fumante e chlorato de potassio. Em summa provém da reacção $C^{6} H^{6} + 6CO^{2} = C^{6} (COOH)$. Contesta-o formalmente o Sr. C. de F. :

« Mellico — Diz-se de um acido que é o hydrato de calcio !!??!! Que pensar de semelhante descoberta?

O hydrato de calcio é $Ca (OH)^{2}$ assim chegamos á seguinte e espantosa equação



$$C^{6}(COO\,H)^{6} = Ca\,(OH)^{2}$$

que annuncia notavel consequencia : Um acido organico e um hydrato metallico são uma e mesma cousa !...

E rue por terra toda a mole da chimica moderna...

No perfunctorissimo exame que das definições chimicas do *Novo Diccionario* realizei escudado na opinião de alguns dos maiores nomes da chimica contemporanea nada ha que seja meu. Nada mais fiz do que comparar as asserções do Sr. C. de F. ás dos mestres como Berthelot, Jungfleisch, Troost, Moissan, Joannis e outros.

Não receio pois a menor contradicta. Respigando, muitissimo de leve na technologia chimica do *Novo Diccionario* apontei-lhe numerosos erros e falhas.

Serão justificaveis perante um publico algum tanto lettrado? Não, de modo algum. Podia o Sr. Candido facilmente ter evitado a critica justissima não fora a vaidade que o domina e o pendor pelo misoneismo.

Porque não recorreu, para a technologia scientifica, aos grandes diccionarios encyclopedicos, tão ao seu alcance?

Porque prefere a *Technologia Rural* aos tratados de chimica dos grandes mestres?

Não tinha a mão, por exemplo, o Diccionario de Maximiano de Lemos? seu compatriota?

Agora que com algum cuidado e demora percorri o *Novo Diccionario*, nitido se me apresenta o seu « quadro clinico », se me é permittida a comparação.

Ao fazer o Sr. C. de Figueiredo a sua primeira edição, a de 1899, lançou mão para a exemplificação da technologia scientifica, de uma serie de livros já naquelle tempo muito atrazados, uns compendios equivalentistas bolorentos e lacunosos em chimica mineral e organica. Com estes elementos construiu a base do seu *Novo Diccionario*, a trama da sua technologia scientifica, que imaginou andar *up to date*. Pensou depois realisar a segunda edição. Foi pois collectando, durante quatorze annos, muitos milhares de termos que não haviam apparecido na primeira. De muitos obteve excellentes definições que transcreveu *ipsis verbis*. Mas nada alterou da parte antiga do seu vocabulario. Assim appareceu em 1913, a segunda edição muito accrescida, mas pejada de cousas velhas, archaicas, pre-archeanas, sobretudo em materia scientifica. E erradas... e erradissimas...

Preparou o Sr. Candido a terceira tiragem a que engordaram largamente muitos milhares de novos vocabulos da technologia scientifica. Mas os residuos indesejaveis das edições anteriores continuaram a infeccionar a economia do vocabulario, graças ao carrancismo e a vaidade do douto philologo e digamos a verdade: a deficiencia da sua cultura geral.

Um ultimo argumento quero invocar demonstrando quanto ao editar a sua primeira tiragem já o cabedal scientifico nella utilisado pelo diccionarista datava de priscas éras:

Recorramos ao prefacio da primeira edição do *Novo Diccionario* a *Conversação Preliminar* que antecede o vocabulario. Depois de se gabar da enorme colheita de termos jámais diccionarisados ainda, em portuguez, e obtidos dos mais recentes ramos das sciencias modernas jacta-se o illustre philologo: « Procurei não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana — o cinema-

tographo, a icerya, o radioscopio, a melinite, o acetylene e tantissimas outras. E dando ao meu trabalho feição sensivelmente encyclopedica, obedeci ao proposito de basear em novos processos, uma obra que, não podendo ter tudo, tivesse ao menos alguma cousa de tudo e de novo ».

Considerar o acetyleno como novidade a 10 de Março de 1899, data da assignatura da *conversação* bem dá ideia do valor das fontes de que se serviu o douto diccionarista para a parte chimica do seu lexico.

Descobriu Davy o acetyleno em 1836.

Wöhler, em 1862, preparou-o pelo processo geral de hoje, carbureto de calcio e agua. Neste mesmo anno deu Berthelot a conhecer ao mundo scientifico os resultados definitivos de sua gloriosa synthese do acetyleno, obtida pelo arco voltaico de electrodos de carvão, chimicamente puros, no ovo electrico por onde passava uma corrente de hydrogenio! synthese esta fecundissima que todos os estudantes da chimica gymnasial aliás conhecem e da qual obteve o immortal chimico a benzina, por polymerisação do acetyleno, o styroleno e o hydreto de naphtalina tambem por polymerisação, etc. Tudo isto data de 1862.

Pois bem, decorridos 37 annos! em 1899! o sr. Candido de Figueiredo no seu diccionario, apresenta o acetylene a catalogа-lo « entre os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana! »

Ao mesmo tempo que se jacta do modernismo do acetyleno que acabara de difinir exalta o sr. C. de F. o de *icerya;* verdadeiro *fin de siècle* em 1899, no seu entender.

Pois bem, *Icerya* data de 1874, tinha vinte e cinco annos quando o sr. C. de F. imaginava que acabara de nascer!!!

Foi o nome creado naquelle anno por Signoret, entomologista francez para um genero de cochenilhas (cf. *Zoological Record*, vol. I, 1874, pag. 488, onde se lê uma nota de critica a proposito da valiosa memoria do scientista francez «*Essai sur les cochenilles ou gallinsectes*» resumindo diversas apreciações. Foi ahi que Signoret creou a palavra Icerya. Se o sr. C. de F. duvidar da autoridade do *Zoological Record* ainda lhe aconselho a consulta ao famoso *Universal Index to genera in zoology* de Scudder (Samuel H.);

leia pag. 159 da segunda parte (edição de 1882, 1882! veja-se bem) *Icerya*, *Sign*, Ham. Zoological Record, 1874.

E' esta palavra, de 1874 que o sr. C. de F. vem inculcar-nos como a ultima das novidades scientificas em 1899!!

O que elle fez foi ainda, por ignorancia das regras da nomenclatura dual confundir especies e generos, pois a sua definição de icerya refere-se a uma especie, a *Icerya purchasi*, cochenilha australiana do genero *Icerya*, e determinada por Maskell em 1878!

Se o sr. C. de F. duvidar do que lhe affirmo dê-se ao pequeno trabalho de recorrer ás *Transactions of the New Zeeland Institute* vol. XI, pag. 221, anno de 1878.

E' a informação que me ministra um coccidiologo de universal reputação o dr. Adolpho Hempel, que tanto illustra o corpo do funccionalismo scientifico do nosso estado. E'-me muito grata esta referencia, prudente além do mais, pois receio sobre modo o perigo de poder vir a ser gralho depennado.

Assim em 1899 entendia o sr. C. de F. haver feito a revelação da palavra *Icerya*.

«Icerya ou iceria, dogmatisa, especie de cochinilha que é originaria da Australia e ataca as arvores, sugando-lhes a seiva das folhas (icerya purchasi, Maskell» Quantos erros nestas linhas! Inculca o sr. C. de F. que *icerya* é privativa da especie de Maskell quando o nome é o do genero e escreve *icerya purchasi* quando devia escrever *Icerya purchasi.*

A novidade de 1899 era de 1878!

Agora vejamos se *melinite* em 1999, era assim tão grande novidade.

Cremos que não, ou antes affiançamos que não.

E realmente, na biographia do inventor da melinite, Turpin, no *Nouveau Larousse Illustré*, se conta que o invento data de 1878. Estava velho de onze annos quando o sr. o sr. C. de F. annunciou que era o *dernier cri* da sciencia moderna.

Para a confecção do *Novo Diccionario* mereceu a chimica, do douto diccionarista, o maior carinho, gaba-se elle. A nomenclatura desta sciencia deu-lhe pesadellos. Não sabia de todo como manter certo equilibrio sobretudo ante a complicação sempre crescente das denominações da chimica organica.

Mas sahiu-se admiravelmente de tantas difficuldades. D'ahi a formidavel colheita de termos ineditos da technologia chimica, obtida « pelo esforço proprio e pela cooperação de alguns dos mais notaveis homens de sciencia ». Assim « conseguiu registrar largamente a nomenclatura chimica, em visivel desproporção com o que até agora, a tal respeito, se tinha feito em trabalhos congeneres ».

E dando-se ares de quem está perfeitamente ao par do mecanismo dessa nomenclatura technologica modernissima da chimica organica ainda nos diz o sr. Candido de Figueiredo que se viu forçado a se deter ante o emmaranhamento progressivo dos nomes actuaes dos complexissimos compostos organicos.

Precisou abrir excepções porém como no caso de *pentadecylparatolylcetona* « pela sua estreita relação com a radioscopia» (de 1899 é bom que se o lembre) e da *phenylhydroquinazolona* » producto pharmaceutico amargo e excitante do estomago. Não se abalançou porém a registar *paranitrophenylde hydrohexonecarboxylico* nem *oxyditrichloroethylidenadiamina.*

Ouso indagar do illustre philologo se não seria mais util ao publico estudioso que o *N. D.* inserisse *cetona* e *nitrila*, *aldose* e *cetose*, *biose* e *hexose*, acido succinico e tantos mais nomes vulgares e até bonitos em vez do tal « producto pharmaceutico amargo e excitante do estomago ».

III

O Sr. Candido de Figueiredo e a ecologia. Inacreditavel confissão da ignorancia do douto diccionarista. A lacunosidade de seu vocabulario de physica. Omissões inacreditaveis. Curiosas definições de aeroplano periscopio, etc.

Pediu-me severas contas o sr. Candido Figueiredo por ter tido a audacia de lhe haver indicado como lacunas do seu diccionario, *iconotheca* e *ecologia !*

« Regista o termo erudito *iconotheca*, sem nos dizer quem o autorisa ou se foi elle quem o inventou; e regista *ecologia*, sem nos indicar a razão do termo ou a sua composição, o que é indispensavel para a diccionarisação dos termos scientificos » !

Iconotheca não o inventei ; foi-me suggerida a sua apresentação pelo letreiro impresso existente, com

esta palavra, tão racional, á entrada de uma secção do archivo da Companhia Melhoramentos de S. Paulo, á rua Libero Badaró, 90, em S. Paulo, pois a grande empreza editora paulista possue uma collecção já preciosa de estampas brasileiras e estrangeiras de toda a especie, gravuras antigas, desenhos recentes, scenas de todo o genero e milhares de retratos.

Quanto a *ecologia*... Mas este caso precisa de demorada attenção, que é realmente precioso.

Começo por agradecer ao sr. Candido de Figueiredo o argumento temivel que contra si proprio teve a gentileza involuntaria de me oferecer.

Será possivel que o illustre philologo venha pedir a mim, a mim «homem bom e ingenuo, que ha um seculo, com a minha intelligencia e amor ao trabalho, poderia ser um vocabularista mais ou menos acceitavel»? venha pedir-me credenciaes para *ecologia?* Será possivel que o sr. Candido de Figueiredo «hoje que os tempos são outros» precise de que eu lhe aponte o *pedigree* de *ecologia?* Será preciso que «eu, desconhecedor da sciencia de Bopp, Schlegel, Grimm, Muller, Whitney, que impõe ao diccionaristas deveres e processos», será possivel seja eu quem deva documentar as pretenções de *ecologia* a transpor os humbraes do *Novo Diccionario*!

Dar-se-á, acaso, o facto de que o sr. Candido de Figueiredo jamais se haja encontrado com *ecologia?* jámais lhe haja lançado os olhos em cima, jamais haja ouvido falar em *ecologia?* até o anno da graça de 1923? Pois um diccionarista do seu tomo, sabedor da sciencia de Whitney e de Burnouf, manipulador continuo de diccionarios scientificos, até hoje nunca ouviu falar em *ecologia?* a um amante, como elle, do vocabulario das sciencias naturaes jamais se deparou *ecologia?* Será verdadeiramente possivel que tão grande philologo venha pedir a um pobre collecionador de lacunas, a quem trata *dente superbo*, provas do que sejam os titulos de ingresso de *ecologia* ao *sancta sanctorum* do *Novo Diccionario da lingua portugueza?*

Não, é possivel! Não se trata aqui de um caso de cochilo homerico, de vulgar *quando que bonus*. Ao omittir *ecologia* estava o sr. Candido, certamente, sob a acção de ligeira crise amnesica, a mesma que o levou ao esquecimento de *anaphylloxia*, palavra aliás

de hontem, contemporanea da primeira edição do seu diccionario (hoje em vesperas de quarta) a de 1896.

Mas vamos á substancia do caso, que é o importante. Pede-me o sr. Candido de Figueiredo severas contas do atrevimento em lhe suggerir como lacuna do seu diccionario a palavra *ecologia* e eu lh'as vou dar, creio que cabaes.

Começo recorrendo á grande autoridade do grande philologo de quem o sr. Candido se proclama discipulo, o illustre William D. Whitney, sob cuja direcção se edificou um dos grandes monumentos encyclopedicos de todos os tempos : *The Century Dictionnary and Cyclopedia*, geralmente chamado Diccionario de Whitney.

Na edição de 1909, veja-se bem : 1909 ! ! ! ahi procuro *Ecology* e o grande philologo americano me manda ver : *Œcology* que assim define depois de lhe dar a etymologia hellenica : « In biol : the science of animal and vegetable economy ; the study of the phenomena of the life-history of organisms in their individual and reciprocal relations ; the doctrine of the laws of animal and vegetable activities, as manifested in their modes of life. Thus, parasitism, socialism, and nest building are prominent in the scope of oecology ».

E o diccionarista ajunta á palavra, tão magistralmente explicada, o seu adjectivo « *oecological ; of or pertaining to oecology* ». E assim é Whitney quem responde ao sr. Candido e não o infimo catador de brasileirismos.

Passemos agora a outra encyclopedia de alto renome : o *Nouveau Larousse Illustré*, redigida pelo illustre philologo contemporaneo Claudio Augé. Creio que o sr. Candido de Figueiredo lhe acatará a autoridade. No exemplar que desde 1907 possuo, leio : *Oecologie* (du gr. *oikos* maison et *logos* discours, science) n. f. Science des rapports des organismes avec le monde exterieur ambiant, avec, des conditions organiques (biologiques) ou inorganiques (cosmiques) de l'existence ».

Dá a propria definição do inventor do neologismo, Haeckel.

Consulto depois a soberba, *Encyclopedia universal illustrada europeo-americana,* dos editores Hijos de J. Espasa, a encyclopedia de Espasa, como é geralmente chamada.

« *Ecologia* (etim-del. gr. *oikos*, casa y *logos*, tratados) f. Hist. nat. Se denomina asi, modernamente la parte de la biologia que estudia el modo de vivir de los animales y de las plantas y sus relaciones con los seres que los rodean ; pertenecen pues à la ecologia el estudio de la alimentacion, la habitacion, la distribucion geografica, la influencia del clima y del ambiente, los fenomenos de parasitismo, simbiosis y comensalismo, el cuidado de las crias, la vida en sociedad etc. ».

Passo a consultar o lexico monumental, o diccionario padrão da lingua ingleza, o « Webster ». Tem geralmente os editores de diccionarios a esperteza de não querer fixar a data da publicação de suas edições. Sabem de sobra que, se ha obra que não deva, não possa envelhecer, essa é o diccionario, sobretudo o encyclopedico. A isto não fugiram os editores do sr. Candido de Figueiredo. A' folha de rosto do *Novo Diccionario* nenhum millesimo comprommettedor se assignala.

Mas não tem os do « Webster » este receio, pois sabem que as suas tiragens vão umas atraz das outras, rapidamente. Feitos estes pequenos reparos, notemos o que diz o formidavel lexico :

Renuncia á forma erudita *oecology* em troca da simplificada e hoje corrente *ecology*, de que dá uma definição, para o nosso caso preciosa, pois põe em relevo a grande importancia deste termo acerca de cuja existencia o sr. Candido de Figueiredo se mostra tão admirado : e ainda nos relata e abona a presença no vocabulario inglez, de nada menos de quatro derivados do neologismo (quando Whitney e Larousse só trazem um) : *ecologie*, *ecological*, *ecologically*, *ecologist* !

Contra estas autoridades se insurgirá o sr. Candido de Figueiredo ?

Provavelmente !

Assim define Webster :

« *Ecology*, n. Also oecology (Gr. oikos, house logy) *Biol.* The branch of biology which deals with the mutual relations between organisms and their environment, bionomics. This term is now more widely used in botany than in zoology and includes : *physiological ecology* which deals with the study of the reaction to environment ; *physiographic ecology* which deals with edaphic plant societies ; and *geographic*

ecology or *ecological phytogeography* which has to do with the leading plant formations from the climatic aspect ».

Quer ainda o sr. Candido de Figueiredo mais passaportes para conceder á *ecologia* a insigne honra de surgir nas paginas do *Novo Diccionario* ?

Fica por Webster sabendo que o termo tomou enorme importancia que se refere a departamentos diversos. E como prova de quanto tem avultado no conjuncto das sciencias naturaes ainda lhe repito o argumento de que Whitney em 1909 lhe conhecia um unico derivado *oecological*. Webster em 1920 lhe apontava nada menos de quatro citados (cf. pag. 697) *Ecologic*, *Ecological*, *Ecologically*, *Ecologist*.

Nos nossos bellos e barbaros Bras's tem a palavra tido a maior divulgação. *Ecologia*, *ecologo*, *ecologica*, *ecologicamente*, a cada passo saltam ao bico da penna dos nossos scientistas. A porfia os empregam os nossos mais abálisados naturalistas Alipio de Miranda Ribeiro, Mello Leitão. Neiva e quantos e quantos mais? Se ainda não se acha o sr. Candido de Figueiredo satisfeito, indague de Lauro Travassos, Adolpho Lutz, Afranio do Amaral, Beaurepaire Aragão. Almeida Cunha, Costa Lima, Carlos Moreira, A. Ducke, H. Luederwaldt, A. Hempel, Rcquete Pinto. R. Gliesch, Pio Corrêa, Alvaro da Silveira, Olympio da Fonseca, Cesar Diogo, Bourguy, Snethlage, May, Pirajá da Silva, Alberto Sampaio, J. Melzer, Borgmeier Campos Porto, G. Kuhlmann, Gomes de Faria, José B. Arantes, Aristides M, da Cunha, d'Utra e Silva e quantos e quantos mais da magnifica pleiade de zoologos e botanicos que tanto brilho dão actualmente aos estudos das sciencias naturaes no Brasil, indague o sr. Candido de Figueiredo, de qualquer delles, se *ecologia* e seus derivados são palavras ignotas, que ainda precisam de credenciaes! E ainda: se foi por mim inventada!!??

A tal ponto chega a notavel vaidade do sr. Candido de Figueiredo que lhe havendo eu citado *ecologia* como lacuna de seu diccionario, por suggestão que aliás recebi do meu presado primo e illustrado amigo, dr. Edgard Teixeira Leite — havendo-lhe eu apontado *ecologia* como omisso do *Novo Diccionario* e como neologismo creado por Haeckel, em vez de tirar o caso a limpo, commigo investiu irritado a clamar « o sr. Taunay regista *ecologia* sem nos in-

dicar a razão do termo ou a sua composição, o que é indispensavel para a diccionarisação dos termos scientificos».

Entretanto escrevi «Ecologia — Sciencia que estuda as relações mutuas de todos os organismos vivendo num mesmo meio e sua adaptação ao meio que os cerca».

Não ha ahi então a «razão do termo»? Quanto á sua etymologia não querendo infringir o *ne sutor*, deixei de a dar. Que me custaria porém enfeitar-me com a sciencia de Whitney e dos demais encyclopedistas?

Seja como fôr, o sr. Candido de Figueiredo impugnou a minha proposta de se conceder entrada a *ecologia* nas paginas do *Novo Diccionario*.

Pois bem, se não se dá por satisfeito com as indicações de procedencia ultimarina ainda lhe avento a hypothese de recorrer aos naturalistas portuguezes, que os ha tão numerosos quanto dignos do maior acatamento.

Aposto que não existirá um unico ignorante do que sejam *ecologia* e seus derivados...

Em vez de arremetter contra mim, quanto não teria lucrado o sr. Candido em consultar a qualquer naturalista seu compatriota

E nem precisaria fazel-o. Bastava que consultasse um diccionario scientifico portuguez de largo prestigio e avultado tomo: a *Encyclopedia Portugueza Illustrada* que sob a direcção do dr. Maximiliano de Lemos se publicou em principios do seculo. E' a unica neste genero em lingua portugueza ao que saibamos. Contra ella move o sr. C. de F. a continua conspiração do silencio. Nem a menciona na sua extensa resenha de escriptos e obras consultadas.

Se no entanto houvesse o douto diccionarista recorrido a esta *Encyclopedia* de que tão pouco faz teria recebido a mais proveitosa licção:

«*Œcologia* (de *oikos*, casa e *logos*, discurso, sciencia) sciencia das relações do organismo com o mundo exterior circundante com as condições organicas (biologicas) ou inorganicas (cosmicas) da existencia *(Haeckel)*. E depois menciona a *Encyclopedia* de Lemos o adjectivo *acologico*. Veja o que perdeu o sr. Candido com o seu orgulho!

Mas... *Quos vanitas vult perdere*...

Resultado: confessou o sr. Candido de Figueiredo, em publico e raso, que em 1923 não sabia da existencia de *ecologia* e seus derivados! Confessou portanto que os seus mentores em materia de biologia estão atrazados de pelo menos um terço de seculo, se não mais... estão nas mesmas condições de seus mentores de chimica, gente equivalentista.
E ainda se fossem dos bons equivalentistas em suas paginas se depararia ao sr. Candido de Figueiredo, e mais de uma vez, muitas e muitas vezes, *ecologia* pelo menos, senão o substantivo e seus derivados.

Fez a palavra enorme e rapidissima carreira, tal qual succedeu nos ultimos annos a um neologismo proposto por Ch. Richet — *anaphylaxia* (outro termo celebre), que ainda não soou aos ouvidos do sr. Candido de Figueiredo, ao que parece, pois pelo menos não apparece nas paginas da edição do *Novo Diccionario*, a de 1925, lembremol-o de passagem.

Admittir que o sr. Candido não saiba quem haja sido Haeckel, Ernesto Henrique Haeckel, é coisa que se não póde conceber. Pois nem assim, nem apadrinhada por tão glorioso patrono, mereceu a pobre *ecologia* as honras do sesamo? Porque? Só porque *odio in autore ductus* nella viu o sr. Candido de Figueiredo que lhe era suggerida pelo anonymo catador de algumas milhares de lacunas geralmente brasileiras do seu diccionario «irreprehensivel»

Geralmente é o sr. C. de F. muito pouco exigente quanto á documentação com que legalisa a acceitação de palavras scientificas por elle recolhidas como lacunares.

Um exemplo typico basta-nos para deixar o caso perfeitamente explanado.

Hertziano (N. D. t. 1, pag. 1002 da 3.ª edição, columna palavra 15.ª.)

Hertziano adj. Diz-se de uma variedade de telegrapho (sic!) cf. *Jornal do Commercio* do Rio de 13-VI-1901 (sic!)

E' com a autoridade scientifica de uma noticia da gazetilha do *Jornal do Commercio* que o sr. Candido de Figueredo cobre *hertziano!* autorisa a sua inclusão no *Novo Diccionario!!*

Hertziano, variedade de telegrapho! O *Jornal do Commercio* já o disse! E' a repetição do caso da *Technolohia rural* abonadora da chimica.

Não! não é possivel que pesquizando ardorosamente nos livros de sciencia, para, como tanto se gaba, nelles descobrir termos ainda não diccionarisados, não se haja o sr. Caddido de Figueiredo avistado com *ecologia* e seus derivados! Só se jamais quiz estender o campo de sua procura aos livros publicados de 1900 para cá e se entende que, ha um quarto de seculo, as sciencias naturaes estacionaram.

D'ahi a sua lacuna, mais que deploravel, inqualificavel, para um lexico cujo autor vive a lhe proclamar a primazia dentre os demais diccionarios da lingua portugueza.

E assim se demonstra que o vocabulario das sciencias naturaes, no *Novo Diccionario*, corre parelhas com o da chimica.

Uma outra hypothese se nos apresenta ao espirito porém, inspirada pelo muito respeito que professamos por um diccionarista do tomo do illustre philologo.

Se para *ecologia* conceder o *placet*, o *dignus est entrare* no gazophillacio do seu *Novo Diccionario* vem o sr. Candido de Figueiredo exigir-me credenciaes, a mim, humilde colleccionador de brasileirismo, sem pretenções algumas a philologo, é que no momento estava passando por forte crise amnesica.

Esta lhe varreu da memoria, a palavra *ecologia* muito e muito sua conhecida, certamente.

Infelismente foi esta crise profunda, prolongada e extensissima, pois igualmente lhe roubou da retentiva numerosissimos termos, hoje corriqueiros, existentes os mais delles em livros gymnasiaes.

Foi ella que lhe tornou esquecidos: *auto-inductor, auto-inducção, anti-cathodo, astatisação, aerothermometro, adiabatico, auto-excitação, auto excitador, aperiodico, amperagem, bi-refracção, biaxial, canaes (raios), calor de fusão, calor de vaposisação, calor especifico, conductancia, convecção, convectivo, curie, coheror, contra-pressão, carcel, chrono-photographia, capacitancia, detector, diphasico desactivação, dilatometro, espectro-grapho, erg, espectrographia, espectro-photometro, entropia, epidiascopo, equivalente (mecanico do calor), emanação (do radio), equipotencial, extracorrente, espinthariscopio, electrodynamometro, frequencia, frequencimetro, gaz perfeito, gauss, hysteresis, henry, hygrographo, hyposcopio, inclinatoria, infravermelho, inpedancia, inversor, joule, kilowatt, kerzen, lux, lumen, linha de força, multipolar monopha-*

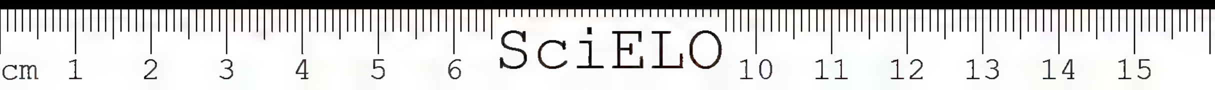
sico, microfarad, microtelephone, nicol, ondometro, oscillador osmometro, polyzonal, potencimetro, phototelegraphia, phot, ruptor, syntonisar, syntono, syntonisação, self-inducção, selfinductor, violle turbo-alternador, turbo-dynamothermo-elemento, thermochrose, tonometria, telemecanica, television, teledynamica, ultravioleta, watt, watt-horometro, watagem, wattometro, aberrascopio, d'arsonvalisação, declinometro, dichromasia, diplex, dynametro, ebulliscopia, electro-coagulação, ebullioscopico, electro capillaridade, electrocutor, eutexia, eutectico, focometro, hodographo invar.

Num abrir e fechar de olhos, percorrendo rapidamente as paginas de um compendio de gymnasio, como o *Tratado elementar de Physica*, de Branly, e evocando-me as suas indicações, por analogia de situações outras palavras, num pequeno lapso de tempo, occorreram-me a esmo mais de cem lacunas do *Novo Diccionario*, nascidas da crise amnesica do seu illustre autor. Não ha duvida que destas omissões nem todas têm a mesma importancia.

Já que tanto, porém, se desvanece o Sr. Candido de Figueiredo de haver dado ao seu *Novo Diccionario* abundantissima e modernissima nomenclatura technologica e scientifica, e disto tanto alarde faz, immenso alarde faz — «procurei não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana», (cf. pag. XI) — já que se gaba de estar ao par do avanço geral das sciencias, como explicar que nesse anno da graça de 1923 brilhem pela ausencia nas paginas do *Novo Diccionario*, além de *ecologia*, palavras que estão aos labios dos meninos preparatorianos de physica, com *watt* e *kilowatt*, *erg*, *joule* e *amperagem*, *nicol* e *self inducção*, *monophasico* e *diaphasico*, *emanação*, *extra corrente*, *inclinatoria*, *ultra violeta*, etc. etc. etc. Si até *calor especifico* não inculca o *Novo Diccionario* o que venha significar!?

Será porém o proprio Sr. Candido quem nos dará a definição exacta daquillo que elle entende ser o ultra moderno no sentido do inventariamento dos diversos departamentos do saber humano.

«Procurou não omitir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana», e obedecendo a este criterio em 1923 (1-9-2-3), definiu *cathodo*: «Diz-se do raio invisivel (sic) que penetra os corpos opacos e que determitou o recente (sic) processo photographico de Roentgen»!!



Quanta revelação traz esta preciosa definição! Confusão absoluta entre os raios cathodicos, e a placa de que se desprendem, no tubo de Crookes, o cathodo; confusão completa entre os raios cathodicos de Crookes e os raios X de Röntgen; demonstração mais do que evidente de que a definição do sr. Candido vem de 1896, quando começaram os raios X a fazer barulho no mundo. De modo que a radiographia de 1923 é a mesma de 1896. Não progrediu um passo?!

O «processo photographico» de Roentgen é o «recente» para o Sr. Candido! (1896) — em que o raio invisivel «cathodo» penetra os corpos opacos!

E' bom lembrar ainda que em geral a physica do Sr. Candido não é nada «catholica».

Alguns exemplos que o documentem: «*Periscopio*, affirma o Sr. Candido, o mesmo que Kaleidoscopio»! Eis uma cousa a ser levada ao conhecimento dos commandantes dos submarinos! Veremos estes intrepidos navegadores, armados de Kaleidoscopio, a observar a superficie das aguas!

Termomultiplicador, affiança o Sr. Candido, é um «machinismo termometrico muito sensivel». Manes de Melloni! «machinista thermometrico»!

Termographo: «machinismo que regista as temperaturas»!!

Dentre os numerosos vocabulos começados por *thermo* e que o *Novo Diccionario* averba, muitos ha pessimamente definidos, como *thermocauterio*, em que o diccionarista confunde o apparelho com o processo; *thermogeneo*, em que um caso especial é generalisado; *thermomanometro*, etc. A physica do Sr. Candido corre parelhas com a sua chimica.

Na definição de kilogrametro, por exemplo, ha uma excrescencia relativa ao tempo que corre por conta do diccionarista, mas que os physicos repellem.

Mas esta já vae longa de mais.

Uma ultima, porém, para deixar bem patente, mais uma vez, que o Sr. Candido de Figueiredo, como tanto se jacta, «procurou não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana».

Foi a que o levou, «magistralmente», a definir aeroplano.

Esta, porém, é tão curiosa! que me obriga a abrir novo parenthesis.

Na segunda edição do *Novo Diccionario* lê-se a seguinte maravilha: «Aeroplano, apparelho aerostatico, movido a vapor e sustentado sobre planos ou laminas postas em acção por um motor da força de um cavallo. Inventado recentemente, em 1896, por Langley»!! (sic, sic, sic!)

Não é possivel não haja alguem avisado o Sr. C. de F. da sua legitima «bacellarice a proposito de aeroplano.

Assim lemos na edição de 1923:

Aeroplano (a-e), m. Apparelho aerostatico *(sic)* movido a vapor, e formado de planos ou de laminas e de um motor. (Foi inventado recentemente, em 1896, por Langley).

Está tudo sanado com a modificação do numero dos cavallos vapor do motor; este deixou tambem de ser o propulsor dos taes planos, ou laminas, da definição velha para lhes ser sómente o associado. Mas Langley ficou intangivel, cada vez até mais recente de 1912 a 1923.

Toda essa legião de Santos Dumont, Chanutte, Wilbur e Orvile Wright e queijandos inventores, tudo isto foi annullado, de uma pennada dogmatica, para maior gloria de Langley e de sua recente (em 1923) invenção (de 1896)!!!

Esta tudo explicado. Assim como a chimica do *Novo Diccionario* é a que já vimos, a aviação do Sr. Candido de Figueiredo parou recentemente... em 1896, com a radiologia, com os aeroplanos-aorostatos, os aviões-balões movidos a vapor!

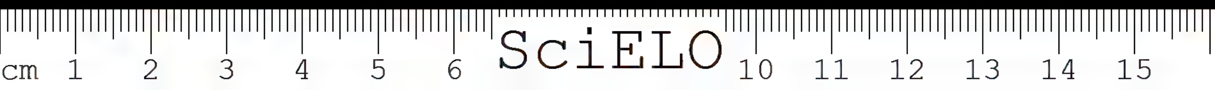
Algumas considerações sobre a deficiencia do inventariamento da lingua no Brasil

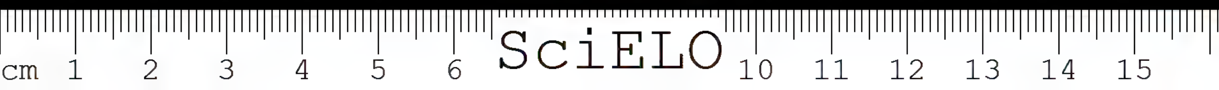
---

Os vocabularios incompletissimos de nossa fauna e nossa flora

---

Necessidade premente de um diccionario brasileiro da lingua portugueza typo Webster




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

I

Deficiencia do inventario dos recursos de lingua. Dezenas de milhares de brasileirismos ainda não diccionarisados. As zonas de divulgação das palavras. Fronteiras vocabulares. Regiões limitrophes de prosodia diversa. Curiosos factos.

No prefacio do meu « Lexico de Lacunas », lembrei quanto é deficiente ainda o inventario de nossa lingua, sobretudo no que diz respeito aos brasileirismos.

Quem percorrer as diversas zonas de nosso paiz, de prompto verificará a existencia de innumeras palavras autochtonas, se me é permittida esta expressão, quiçá inadequada, cuja esphera de propagação se limita, muitas vezes, a um raio relativamente pequeno.

Assim se dá, por exemplo, com grande quantidade de termos do norte de S. Paulo, que o oeste do Estado por completo desconhece e vice-versa.

De Estado a Estado, embora se trate de circumscripções limitrophes, a divergencia no sentido de innumeras palavras abrange latitudes, por vezes extraordinarias.

Assim se dá, por exemplo, entre o Rio de Janeiro e S. Paulo, cidades que, no entanto, manteem relações as mais intensas e de mil naturezas. Para só citar um exemplo: *patife*, para os fluminenses é velhaco, para os paulistas apenas medroso.

Ha palavras que em S. Paulo teem significação obscena e no Rio accepção innocente e até carinhosa. Relatou-me José Verissimo ter ouvido em Sergipe empregar correntemente, como synonymo de virago, uma palavra que é das mais cruas obscenidades no sul do Brasil. Assim, tambem em S. Paulo ouve-se por vezes, nos labios das pessôas mais recatadas, um adjectivo, synonymo de « espandongado », cuja asso-

nancia simplesmente pavorosa, tem etymologia a mais soez, palavra da giria estudantal ou soldadesca carioca, das visinhanças de 1895, pois bem me recordo do seu apparecimento.

Transportando-se a quinhentos kilometros do seu nascedouro, perdeu a palavra a virulencia chula para assumir feição totalmente innocua. Singular transformação que leva a applicar aos vocabulos a philosophia do *habent sua fata* . . .

Entre o norte do Brasil e o sul é, ás vezes, immensa a divergencia no vocabulario. Correm na Amazonia centenas, milhares de palavras e locuções, tão completamente estranhas aos bahianos, fluminenses, mineiros, etc., quanto estes e aquelles ignoram totalmente innumeros dos provincianismos familiares aos rio-grandenses do sul. Haja vista o que se dá com o opulento vocabulario amazonense de Alberto Rangel, tão extranho á gente do sul quanto a enorme cópia de gauchismos de Alcides Maya e Roque Callage.

Uns e outros termos frequentemente nos deixam, a nós leitores do centro do paiz, inteiramente *a quo* do que possam significar. Nem nos podem valer os lexicos regionaes, pois aos grandes diccionarios é inutil pensar recorrer. Coruja e Romaguera Corrêa para os gauchismos dos modernos autores são tão deficientes quanto Chermont de Miranda para os do Pará e da Amazonia em geral. O mesmo se dá em relação aos vocabularios de regionalismos paulistas empregados por Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato e Cornelio Pires e, em grande parte, elucidados por Amadeu Amaral no seu *Dialecto caipira.*

Constantemente agora nos apparecem livros cheios de novidades regionaes, verdadeiras revelações no sentido de se avolumar o inventario dos brasileirismos e no genero da *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso, das *Tropas e boiadas*, de Carvalho Ramos, etc..

Do que nos resta recolher e averbar dá-nos idéa o que, sem objectivo especial, aliás, apontaram Arthur Neiva e Belisario Penna, na sua interessantissima e tão fecunda jornada scientifica pelo sul do Piauhy, norte, centro e sul de Goyaz. Centenas de palavras apontaram, ignotas aos nossos lexicographos, e muitas dellas tão pittorescas! tão adequadas á sua expressividade ingenua . . .

Não ha zona do Brasil, por circumscripta que seja, onde não occorram muitas e muitas palavras locaes, termos desuetos, obsoletismos, vocabulos que perderam a significação.

Assim, por exemplo: na segunda edição do seu diccionario, dizia o sr. Candido Figueiredo, a citar um trecho de Bernardes, que não sabia que sentido attribuir á palavra «sobroço».

Na magnifica *Terra de Sol*, sem favor algum um dos melhores livros nacionaes, veiu Gustavo Barroso revelar a vitalidade desta velha palavra, no Ceará, a significar: receio, susto. Averbei-a no *Lexico de Lacunas* e Candido de Figueiredo deu-lhe fóros de cidade na terceira edição do seu diccionario, attribuindo-lhe ainda o significado de «embaraço», «impedimento» e a mencionar que Felinto Elysio a empregou. Assim muitas e muitas palavras tidas por obsoletas, totalmente esquecidas nos grandes centros, e nas regiões de maior cultura no Brasil, persistem acantonadas em determinada esphera de acção, resistindo ao aniquilamento soffrido alhures, verificado em quasi todo o mundo lusitano.

E' o que succede em certa região de S. Paulo, nos municipios ribeirinhos do Tietê, e cujo centro de povoamento e civilização foi Ytú. Nesta velha cidade, tão realmente cheia de individualidade ainda, correm muitos termos obsoletos, com um raio de divulgação restricto, que attinge algumas dezenas de kilometros.

E' o que, por exemplo, se dá com o verbo *mancar*, na accepção de faltar, falhar, e que aliás, segundo nota o sr. Candido de Figueiredo, na terceira edição do *Diccionario*, continúa ainda usado «na região de S. Francisco», querendo com isto provavelmente referir se á região do rio S. Francisco. Em Ytú diz-se, por exemplo: «vou sempre a S. Paulo, mas durante a colheita *manco* uns mezes».

Curioso é que, ás vezes, um accidente geographico de vulto sirva de fronteira ás palavras. E' o que se dá com os municipios ribeirinhos do Parahyba, mineiros e fluminenses, e as palavras *papeata* e *papeateiro*.

Papeata, para os mineiros da Matta, quer dizer scena ridicula, demonstração de sentimentos falsos, exagerados, fingimento, *fita*, como é tão vulgar dizer-se hoje. *Papeateiro* é o equivalente do *fiteiro*, hoje

correntissimo em todo o Brasil, mas fiteiro de certa categoria.

Ha ahi uma nuance intraduzivel.

Pois bem, o Parahyba serve de fronteira a estas duas palavras. Pelo menos, jámais as ouvi á sua margem direita, entre fluminenses, ao passo que as encontrei popularissimas em Juiz de Fóra e nos municipios da Matta, a poucos kilometros da linha fluminense.

O mesmo succede em outras regiões do Brasil. E' o rio de S. Francisco uma fronteira sobremodo acentuada, separando zonas de divulgação de palavras. O *fedegoso* de Sergipe e do Sul passa a ser a *pariparoba* de Alagoas e do resto do Norte. A *caapeba* de uma margem passa a ser *mangerioba* na margem opposta etc.. Facto curioso é o que se dá com a synonymia vulgar da *manihot utilissima*, planta nacional por excellencia. *Mandioca* em S. Paulo, passa a ser *aipim* no Rio de Janeiro e para o norte até o S. Francisco. Do grande caudal para o norte passa a ser *macachera*. E os fluminenses tanto ignoram o que seja *macachera* como a immensa maioria dos paulistas desconhece o que vem a ser *aipim*.

Ha tambem palavras vulgarissimas, da linguagem corrente, cujos derivados são regionalismos de restricta esphera de divulgação : assim em S. Paulo creou-se o verbo *casamentear* (fazer hypotheses ou espalhar boatos acêrca de possiveis combinações matrimoniaes). No Rio de Janeiro ninguem emprega tal palavra. Em Campinas, e outras cidades do oeste de S. Paulo, diz-se universalmente *apromptação* por preparativo. « Apromptação de viagem », « apromptações de festa, casamento », etc.. E jamais ouvi tal substantivo onde quer que seja, fóra daquella zona paulista.

A experiencia me convenceu de que deve haver pelo menos uns cem mil brasileirismos, que os grandes lexicos da lingua não contemplaram ainda.

Pouco tenho viajado nas diversas zonas do paiz a não ser quanto a S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, mas sempre me succedeu descobrir regionalismos, por vezes numerosos, ao percorrer novas directrizes, sobretudo pondo-me em contacto com pessôas do povo, caipiras e caboclos.

E isto a todos succede a cada passo. Arthur Neiva, em certa occasião, passou quatro ou cinco dias

em Iguape e, pouco depois, a rememorar as palavras ali ouvidas, e ainda não suas conhecidas, deu-me uma contribuição extensa de lacunas dos grandes diccionarios.

Nem sempre é coisa facil surprehender estes regionalismos. Se os interlocutores percebem que se está querendo aprenhendêl-os calam-se, como succedeu commigo diversas vezes, durante excursões de pesca com caiçaras do litoral paulista e do interior do Estado.

Intimidavam-se, pensando que a minha attenção e curìosidade eram motivadas pelo espirito de zombaria de sua ignorancia e rudeza de lingua.

II

O enorme contingente de vocabulos novos creados pela imprensa brasileira. Os neologismos da industria, do commercio e das invenções modernas. A synonymia vulgar botanica e zoologica. Obtenção de riquissimos elementos novos pelo contacto de pessoas do povo.

Leia alguem, diariamente, tres ou quatro dos grandes jornaes brasileiros, na parte editorial e na ineditorial. E, certamente, não deixará em cada jornal, de recolher, pelo menos, um termo, senão mais, ainda não averbados nos grandes diccionarios da lingua. E não só : ouço diariamente á bocca de pessoas instruidas, e pessoas ignorantes, palavras novas, extranhas aos melhores e maiores lexicos. Ha uma tendencia nacional extremamente accentuada para a criação de neologismos, e palavras derivadas, com o progresso e aperfeiçoamento das industrias antigas e a criação das novas. O apparecimento de invenções, que tomam logo enorme impulso, trazem grandes contingentes vocabulares recentes e recentissimos. Ja nem me quero referir á technologia scientifica que esta, annualmente, se avoluma de modo prodigioso e, a cada passo, provoca a entrada, para a linguagem corrente, de numerosissimas palavras que estão nos labios de todos, em continua recordação.

Assim se dá, por exemplo, com a technologia radiologica, com a da aviação, da aeronautica, serumtherapica, etc., as descobertas scientificas, trazem á linguagem vulgar, preciosissimas contribuições, de expres-

sividade admiravel. Assim, por exemplo, antigamente se dizia de um individuo farto, fartissimo, mais que enfarado, de um assumpto, que estava *saturado*; já hoje, a descoberta de Richet nos permitte comparação muito mais poderosa declarando *anaphylatizado* o que o antigo *saturado* não exprimia bastante ainda. E assim por deante.

Dahi, o avolumamento continuo, do vocabulario. O numero de palavras derivadas cresce, no Brasil, parallelamente, de modo extraordinario. E, realmente, porque não hão de os diccionarios consignar adjectivos procedentes de certos verbos usuaes, quando outros adjectivos de formação identica, são recolhidos? Por que motivo, por exemplo, se fecha a porta a *abalador* e *agrupador* quando se recebem *aniquilador* e *animador*?

Não é corrente ouvir-se dizer, por exemplo: a derrota eleitoral recente, *abaladora* do prestigio politico do deputado X? o movimento *agrupador* das opposições ao governo accentua-se dia a dia". E como se diz *agrupador* se diria *agremiador*, que tambem os actuaes novissimos diccionarios não recolheram ainda. Com os adverbios de modo, dá-se a mesma coisa. Porque recusar averbamento a termos como *altisonantemente*, por exemplo, ou, melhor, *clangorosamente*, que se dirá com a maior naturalidade quando se recolhem *clamorosamente* e *estrepitosamente*? Não se dirá com a mesma precisão que as trompas de uma banda de musica atroaram os ares *estrepitosamente* ou *clangorosamente*. E não será até mais adequado o segundo adverbio?

Ha tambem, uma infinidade de substantivos derivados, cujos suffixos em *agem*, *ênto* e *ismo*, *ista*, etc., andam á bocca de todos, e entretanto, ainda não passaram para os diccionarios, quando outra infinidade de palavras do mesmo jaez já alcançaram a honra do *dignum est entrare*...

Quem, por acaso, estranhará ler nos jornaes: « Com o seu prestigio promoveu X... o *acobertamento* dos criminosos pela propria policia local? O *adhesismo* geral foi consequencia caracteristica do movimento revolucionario »; F... nega a G... o direito da *açudagem* das aguas do ribeirão que passa pelas terras de ambos ».

Tomemos este ultimo termo: *Açudagem*, *açudamento*, *represamento*, são palavras tão correntes, como *barragem*.

C. de Figueiredo, apenas cita esta ultima, a que curiosamente, para nós brasileiros, não dá o sentido de muro represador de aguas, definindo-a assim: « Tapume feito de troncos e ramos entrelaçados, dentro da agua dos rios, para impedir a passagem do peixe, obrigando-o a convergir para determinado ponto. » Eis uma definição inteiramente inexpressiva para nós outros.

Barragem, em Portugal, é então o que todos aqui conhecemos por cercado de peixe ou, mais vulgar e concisamente, mais brasileira e simplesmente, *pary*.

Entretanto, a cada passo nos referimos ás *barragens* da Light no « Ribeirão das Lages », em Votorantim e mil e outros pontos. Ha uma obra official da Inspectoria de Seccas, *Perfis de barragem*. *Barragem* é tão conhecido como represa, por todo o paiz.

Vocabulos em *ismo* e *ista* são hoje incontaveis entre nós, tem universal aceitação e a maior divulgação; no entanto, ainda se acham á espera do sesamo dos lexicographos. Só agora é que Candido de Figueiredo concedeu ingresso a *altista* e *baixista*, palavras milhares de vezes empregadas, diariamente, nos nossos centros de negocio, e que lhe apontamos, como lacunas de sua segunda edição. E ainda assim mesmo entendeu restringir-lhes a significação, restricção contra a qual nos insurgimos. *Altista*, diz o sr. Candido de Figueiredo, é um brasileirismo pelo qual se designa o bolsista que joga na alta do cambio. *Baixista*, bolsista que joga na baixa do cambio.

Quem, no Brasil, não sabe que ha altistas e baixistas do café, do algodão, da farinha de trigo, dos titulos de empresas, etc., etc.?

E' colossal o numero de derivados usados na nosso imprensa que se tornam correntes na linguagem vulgar. Ha um feitio accentuadissimo para avolumar o numero destas palavras que leva a criar adjectivos, substantivos, verbos, com terminações sobremodo exoticas, por vezes. Assim se deu com o adjectivo *marechalicio*, empregado diariamente por centenas de articulistas, durante a grande campanha presidencial de 1909-1910 entre o civilismo e o hermismo, para designar a candidatura do marechal Hermes da Fonseca.

Não merecerá ser recolhido um termo que teve a maior vitalidade e cuja existencia se manteve até hoje. Voltou a baila com enorme insistencia, a proposito do *pronunciamento* de julho de 1922, chefiado pelo mesmo marechal.

Ha, além destes derivados, tambem a considerar os neologismos de formação litteraria, de origem hellenica ou latina, que se arraizaram no português falado no Brasil. O grande precursor deste movimento, entre nós, foi Castro Lopes, a quem não faltaram os imitadores e continuadores. O sr. Candido de Figueiredo negou a entrada aos seus *convescote*, *nasoculos*, *ancenubio*, ao passo que aceitou *cardapio*, *preconicio*, *runimol*, *lucivelo*, não sabemos porque, pois tanto uns como outros, provêm da mesma fonte e de abalisada origem.

Não julgo exagerar, no emtamto, affirmando, que não ha quasi, entre brasileiros cultos, quem ignore que *convescote* quer dizer pic-nic, e nasoculos *pince-nez*. Ficaram estes neologismos, inventados por Castro Lopes, tão incorporados á lingua, como cardapio e preconicio, por exemplo, que estes estão indestructivelmente acceitos.

Os neologismos de formação latina e grega, tambem se avolumaram muito no Brazil. Alguns fizeram enorme carreira, como *necroterio*, proposto por meu pae, ha muito averbado pelo sr. Candido de Figueiredo que, na ultima edição do seu diccionario, não lhe indica a procedencia brasileira e no artigo referente á palavra *morgue* manda ver o nosso termo em logar do gallicismo dispensavel.

Ha numerosas palavras deste jaez formadas no Brasil e com bastante divulgação : algumas dellas bem formadas, outras por demais pedantescas, como, por exemplo, *podosphera*, que um jornalista quis, por força, aclimar para substituir o britannismo de *football*, aliás, hoje, convertido na horrivel deturpação prosodica do *futebol*, inculcadora de pessima pronuncia ingleza.

Dia a dia cresce e cresce muito a riqueza verbal do portuguez fallado e escripto no Brasil. Os annuncios dos jornaes disto dão a maior prova : Leia alguem, com attenção, os avisos de leilão, as descripções de fabricas á venda, a relação dos machinismos e mecanismos das industrias, dos seus accessorios e sobresalentes, reccorra depois aos nossos mais completos diccionarios, verá que immensa quantidade de

palavras existem á bocca do povo, sem a exemplificação dos lexicos.

O futuro da lingua portugueza, proclamou-o ha pouco, um philologo allemão, está no Brasil e não em Portugal que dentro de 30 annos terá dez por cento da população de sua ex-colonia e hoje conta vinte apenas.

A technologia do automovel, por exemplo, está toda para entrar para os diccionarios, e é, sobremodo, consideravel. E poderão os lexicographos deixar de constatar a existencia de palavras que todo o mundo hoje conhece, como *volante*, *klakson*, *cáter*, *manica*, etc., etc.?

E cada industria tem technologia de larga extensão nos mesmos casos. As machinas criam verbos, adjectivos e substantivos. Assim, como de *calandra* se tirou *calandrar*, *calandragem*, *calandreiro*, *calandrado*, de cada machina nova nasce uma série de termos que se tornam de uso familiar e corrente nos meios industriaes.

O que tambem resta a consignar em nossos lexicos em materia de nomenclatura vulgar, botanica, zoologica, mineralogica, etc., é immenso e cremos que para um paiz da vastidão do nosso jámais se poderá recolher os nomes que as constituem, tanto mais quanto o mesmo vegetal tem uma infinidade de appellidos, etc. Vemos uma arvore chamar-se *Tres marias* em determinado logar; a dez leguas de distancia, ninguem lhe chamará senão *Primavera*, em outra zona terá nome de origem tupica; em outro dos nossos Estados, um appellido africano, etc., etc. O mesmo se dá com os passaros, com os peixes, insectos, etc. Neste ponto, a synonymia até hoje recolhida é ainda muito pobre. Tomamos, por exemplo, o caso do *Bucco chacurú*, conhecido do Paraná a Goyaz, Matto Grosso, S. Paulo, Minas, Bahia. Este passaro em S. Paulo é chamado *Paulo Pires*, *Paulospiri*, *Joao Bôbo*; no centro de Minas, *Fevereiro*; em outras zozas, *Sucurú*, *Dormião*, *Capitão de bigode*, etc. Quantos nomes mais terá ainda?

Uma colheita de brasileirismos, ha de ser ampla, sempre, a quem viajar com certa demora em qualquer zona do paiz. Disto tenho as mais evidentes provas por experiencia propria, pelo facto de pedir constribuições a pessoas frequentemente sem illustração e muitas vezes da mais modesta condição social.

Em Ouro Preto, a conversar vinte minutos com o sachristão da admiravel egreja de S. Francisco, ouvi logo uma duzia de palavras que desconhecia e das

quaes metade era inedita para os grandes diccionarios.

Noutra occasião, numa estada em estação de aguas, tive o prazer da excellente convivencia com um moço distinctissimo, grande agricultor no sul da Bahia e advogado de renome, o dr. Paschoal Amancio Camelyer.

Num instante, quando lhe falei na cachimonia de colleccionar lacunas, acudiram lhe á mente mais de uma centena de *bahianismos* da zona cacaueira, totalmente estranhos aos nossos diccionaristas.

Ha, no minimo, em cada municipio do Brasil, uma centena de termos locaes, ineditos até hoje, incluindo-se ahi a nomenclatura vulgar das sciencias naturaes.

Assim, sendo elles mil trezentos e cincoenta, mais ou menos, não será difficil avaliar em cem mil os brasileirismos ineditos, descontadas as repetições provaveis entre districtos visinhos.

Houvesse em cada uma destas circumscripções municipaes, alguem dedicado á faina da colheita de regionalismos e no fim de pouco tempo veriamos quanta palavra existe por ahi vivaz, a que ainda não se deu os fóros da cidadania diccionaristica.

E no meio desta enxurrada de vocabulos, quanta coisa pittoresca, quanta coisa preciosa, quanta palavra expresiva e de formação intelligente, si não philosophica até, filha da simplicidade popular e verdadeira *Vox Dei!*

III

Os trabalhos valiosos de Teschauer. As «Apostillas» e o «Novo Vocabulario Nacional». Reparos e divergencias.

A's considerações que expedi veio reforçar, quer-me parecer, o apparecimento de um trabalho sobremodo util e opportuno do R. P. Carlos Teschauer: *Novo Vocabulario Nacional*. E' mais uma contribuição excellente com que o illustre jesuita brinda as nossas letras.

Na classe dos extrangeiros benemeritos do Brasil, figura sob muitos e muitos titulos de real louvor, este illustre membro da Companhia de Jesus, que, vindo estabelecer-se em nosso paiz, trouxe á sua pa-

tria de adopção as veras do coração affectuoso. Pertence a uma pleiade que á sua provincia riograndense cobre do maior prestigio, figurando ao lado de Hafkemeyer, Rick, Schupp e outros. A Teschauer devem as nossas letras historicas obras do valor da *Historia do Rio Grande do Sul*, da *Vida de Roque Gonzalez*, e a nossa philologia as excellentes *Appostillas ao diccionario de vocabulos brazileiros*, em dois volumes, além do recentissimo *Novo Vocabulario Nacional*, terceiro tomo dessa série valiosa. Registam-se aqui oito mil e quinhentos vocabulos nacionaes. Da sua bibliographia se infere quanto o autor é um formidavel ledor de livros, opusculos, periodicos, de todo o genero, publicados em nosso paiz, e ledor attentissimo. Difficil será achar-se quem neste particular o acompanhe, pela variedade da leitura, impossivel quem o supére.

Publicando, ha annos, o seu *Novo Vocabulario Brasileiro*, affirmava o douto jesuita exactamente o que tambem proclamámos: « o avolumamento continuo do numero de palavras hoje corrente no Brasil é a prova eloquente do continuo e relativamente ligeiro desenvolvimento do idioma nacional e ao mesmo tempo, a affirmação mais energica da nacionalidade brasileira. » Agora na pequena advertencia ao *Novo vocabulario nacional*, adduz: « O primeiro centenario da Independencia politica deve marcar o primeiro passo de nossa independencia intellectual, que já se manifesta em milhares e milhares de vocabulos nacionaes que não tem entendimento nem significação em Portugal. Ufanos, escreve Oliveira Lima, celebramos a independencia no centenario do nascimento da nação brasileira; a uma nova nacionalidade deve corresponder não só uma literatura propria, como uma lingua differenciada ». O novo livro de Teschauer, em que se lêem numero superior a oito mil e quinhentos (8.500) vocabulos nacionaes, é ao lado de outras semelhantes manifestações, uma prova na verdade modesta, porém eloquente, do continuo desenvolvimento da propriedade linguistica, affirmação energica da nacionalidade brasileira e de sua independencia intellectual».

E' de lastimar que o Rev. P. Teschauer não tenha tido um pouco mais de paciencia um pouco mais de arrojo para fundir num volume, num diccionario geral de brazileirismos, todos os lexicos regionaes e vocabularios brasileiros, e as suas proprias obras.

Teria certamente um diccionario de cem mil vocabulos dos quaes pelo menos cincoenta mil desconhecidos a Portugal e ainda não averbados pelos mais modernos lexicographos.

Procedendo por partes, como está fazendo, algum tanto dispersivamente, como que age segundo o criterio dos naturalistas, empolgados e frequentemente allucinados, pela idéa fixa de salvaguardar direitos á prioridade das descobertas de generos e especies novas, a lançarem, açodadamente *notas previas* e *noticias preliminares*, com as diagnoses de seus achados, frequentemente illusorios, que hoje, as mais das vezes, as grandes revisões dos grupos zoologicos e botanicos tragam estas esperanças, atirando-as á valla commum da synonymia.

Outro facto, para mim inexplicavel, occorre nos optimos trabalhos de Teschauer.

Porque, de vez emquando intercala elle nomes geographicos e historicos ás palavras vulgares dos seus lexicos?! São tão poucas que apenas perfazem uma série insignificante de apontamentos não philologicos, que, no entanto, tomam bastante espaço nos livros. Porque citar algumas dezenas de rios, serras, lagos, etc., ou de factos historicos? Porque esta restricção? Porque falar na serra sorocabana do Arassoyaba, isoladamente, quando não se mencionam nem sequer as demais serras paulistas? E para que mencionar um ou outro facto historico, como o da matança do Uruassú, no Rio Grande do Norte, sob o dominio holandez, isoladamente? Não atino com o criterio que levou ainda agora o illustre autor a realizar semelhantes enxertias ao seu excellente livro, a que, aliás, faz enorme falta uma boa introducção, obrigatoria, em taes casos.

Outro ponto de vista que tambem não apanho bem, é o seguinte: Porque razão escolheu o autor palavras salteadas dos diversos lexicos de que se serviu, para a sua collecção, abandonando numerosissimos vocabulos que deveria ter mencionado, e, inexplicavelmente, a meu ver, deixa em silencio?

Assim, em relação ao meu modesto *Lexico de lacunas*, fez-lhe a honra de citar muitas centenas de palavras, mas intervaladamente. Das suas 5.500, omissões da segunda edição de Candido de Figueiredo, escolheu o padre Teschauer uma meia duzia de cen-

tenas e semeou-as pelo seu excellente *Vocabulario*, acompanhadas até dos meus exemplos.

Tomo por exemplo duas paginas de meu trabalho: 58 e 59, em que averbo 53 lacunas, destas cita o R. P. Teschauer *casa de prego, casamenteação, casamentear, casamenticio, cassununga, castanheiro, catanduva, catanduval, catatau*, nove palavras e abandona 44, de numerosas categorias, as mais diversas, algumas das quaes correntes na linguagem vulgar como *casca grossa* (individuo grosseiro), *cascabulho* (estudante da humanidades), *catimbueira*, (espiga de milho defeituosa, na Mata de Minas), etc., etc. Assim succede a quasi todas as paginas, e esta selecção me parece sobremodo esquesita, conquanto haja notado que o illustre autor não quiz averbar, em geral, a nomenclaiura botanica e zoologica, muito embora sejam nas suas paginas frequentes as excepções. Assim colloca *Catiguá*, arvore meliacea, e recusa *catucanhem*, arvore protacea, fala no papagaio caturrita, *(Bolborrynchus monachus)* e deixa o perequito catorra *(Conurus murinus)*.

Realmente não sei como explicar semelhante facto que me parece verdadeira anomalia. Fóra de duvida, comtudo, é que o Novo Vocabulario Nacional, do R. P. Teschauer representa subsidios de valor para o grande diccionario da lingua falada no Brasil, que mais dias menos dias se elaborará.

A paciencia com que o autor colligiu estas achegas, o cuidado e a meticulosidade das transcripções, dão-lhe real valia.

Por ellas se vê como se plastifica, diariamente, o portugues que falamos, como adquire elementos novos, como se avoluma, como tende ao enrequecimento continuo pela derivação dos elementos classificados.

IV

A lacunosidade da terceira edição do novo «Novo Diccionario». Singular criterio de seu autor para a acceitação e a recusa de omssões que lhe são suggeridas.

Por que tão grande relutancia em se avolumar o vocabulario portuguez? e sobretudo com as contribuições brasileiras? Será a nossa lingua por

demais rica, com os 137.000 termos que lhe inventariaram? Não representa isto entretanto uma cifra baixissima? quando se sabe que os «Webster», os «Standart» Inglezes e americanos, de hoje, revelam a existencia de quinhentos mil vocabulos inglezes? que os diccionarios allemães consignam mais de 300.000 palavras e os francezes já estão acima de 250.000? Das quantas linguas civilizadas é a portugueza das mais pobres, quanto ás technologias ninguem o ignora.

Por que razão refugou Candido de Figueiredo os nossos termos technicos como «abarcadeira», «alargador», «arranca estacas», «arranca pregos», «atiçador», etc., etc., que lhe suggeri numerosos, quando não pôz á menor objecção a recolher alguns britannismos realmente pavorosos que a construcção das estradas de ferro enraizou em Portugal como «chulipa», (o nosso «dormente») de «sleeper» e outros não menos rebarbativos e desimaginosos?

Não se acha tão differenciado o portuguez ainda que estejam os lexicographos a olhar com o «dente superbo» horaciano para as contribuições que lhe avolumem o inventario. E a prova disto vem a ser a enorme difficuldade em que se debatem os que até agora tem pretendido organizar diccionarios technicos entre nós. Não sabem como traduzir centenas, milhares de palavras, das technologias ingleza, allemã, e franceza.

Precisam aportuguezar os vocabularios estrangeiros que os correspondentes a estes termos, hoje imprescindiveis, não os encontrarão certamente na terceira edição do «Novo Diccionario» do sr. Candido de Figueiredo, sobretudo quando, nesta, tanta má vontade houve em deixar entrar os escassos recursos technologicos brasileiros.

De quanto as vozes luzitanas são defficientes neste capitulo vocabular prova-o a carreira feita em S. Paulo, por exemplo, por palavras de excellente derivação latina, portanto perfeitamente aceitaveis por nós outros, mas de importação italiana no genero de «lanificio», manufactura de lans, que o sr. Canfiido de Figueiredo já acolheu.

Muitos delles podemos tomal-os sem a menor relutancia, embora haja alguns. entretanto hoje corren-

tissimos, na linguagem vulgar, cujo italianismo é muito mais forte do que o latinismo. Houve neste particular, no Estado de S. Paulo, devido a influencia italiana, a criação de enorme numero de substantivos deste genero. Apregôam os annuncios de fabricas: o «capellificio», da firma X; o «pastificio», Y; o «cotonificio», de Z; o «vinificio» de V, etc. designando as fabricas de chapeus, de massas alimentares, tecidos de algodão. e estabelecimentos vinhateiros. Surgem até neologismos de aspecto rebarbativo como o «sericificio» de um cidadão que gaba a sua manufactura de sedas. Mas que remedio terão os lexicographos se não recolher taes palavras desde que se tornem universalmente usadas pela linguagem vulgar e na imprensa?

Grande volume tomou contemporaneamente o numuero de substantivos em «aria» que designam officinas ou estabelecimento de commercio.

Como desde sempre se dizia sapataria e alfaiataria hoje se lêem nas ruas annuncios de «engomaderias» que o sr. Candido aceitou, de «fecularias», «amiderias» etc. nomes de fabricas de fecula e de polvilho etc. a que o illustre lexicographo applicou o seu veto.

Apparecem diariamente termos novos os mais imprevistos, frequentemente de má ou pessima derivação que conviria refugar se possivel. Assim já vi em Santos uma taboleta annunciando uma «jouraria» e no Rio de Janeiro outra pedindo empregadas «joureiras», duas palavras derivadas do «point à jour», renda, que tem, creio, numerosissimos apreciadores nos nossos bons Brasis.

Naturalmente será muito de se aconselhar o «in medio virtus» para não desfigurar demais o nosso portuguêz ja muito enxertado de contribuições extra-lusitanas nesta terra de «todos» em que o Brasil se está convertendo, pelo menos em certas zonas meridionaes.

Mas se milharas e milhares de arabismos seculares pertencem, indestructivelmente, ao cabedal da lingua os annos hão de forçosamente dar ganho de causa a milhares e milhares de estranjeirismos de varias procedencias que pleiteam a sua inclusão nos lexicos do portuguêz falado no Brasil e hão de lhes forçar ás portas infallivelmente.

V

A quarta edição do Novo Diccionario. Inveterção no erro Manutenção de erronias muitas dellas monstruosas, quer em zoologia, quer em chimica e physica quer quanto a brasileirismos Pequeno numero de reclamações attendidas.

Trabalhando indefessamente ultimava o douto philologo sr. Candido de Figueiredo a quarta edição do seu lexico, que acaba de sahir dos prelos, quando a morte o colheu.

Verifico que acceitou diversos dos meus reparos e sinto que não o haja feito em muito maior escala, porque com isto lucrariam o seu diccionario e o publico dos seus numerosos consultantes em geral.

Grave immodestia parece estar a ditar-me esses leaes conceitos, mais não ha tal. Nenhuma das emendas por mim apontadas se estriba em conhecimentos que eu haja alardeado. Nada mais fiz do que cotejar as definições de Candido de Figueiredo com as dos grandes diccionarios de reputação universal e indiscutivel autoridade, estas monumentaes encyclopedias que são os lexicos de Webster, Whitney, a « Grande Encyclopedia », « Nouveau Larousse Illustré », etc., obras nascidas da collaboração de dezenas de especialistas eminentes

Tambem em materia de brasileirismos em geral não quiz o sr. C. de F. acceitar a maior parte das minhas suggestões.

Assim continuou a affirmar que a abelha « guaxupé » é uma especie de penteado usado pelas mulheres do Brasil : « florianesco » o qualificativo usado para definir o estylo do fabulista francez Florian ; « barriga verde » e « brasileirada » são termos injuriosos para as catharinenses e brasileiros ; os « cagoans » ? indios de São Paulo ; « paulista », significa habitante do Estado de São Paulo « paranista », habitante do Estado do Paraná, « paraenses », « maranhenses », « pernambucano », « mineiro », etc., querem dizer habitantes do Pará, Maranhão, etc ; que « sabinada » (a revolta bahiana de 1837) é o nome de um partido « gereraca » (?) uma cobra venenosa do Brasil ; « agrimensurando », o graduando de agronomia ; « mambembe » lugar afastado ; « trepa moleque » um penteado (quando é um pente); que « morpheia » é en-

tre nós synonymo do elephantiase, « irara » um quadrupede semelhante ao macaco (?); « aragão » um sino (quando é um repique especial); » caucheiro » o explorador das siringueiras; que « jurado) no Brasil é synonymo de jury (!!), etc., etc.

Em materia de technologia vulgar zoologica brasileira persistem quasi todos os mesmos erros da terceira edição; sinão vejamos: o « carrapato » continua a ser um crustaceo (!!); o « golfinho » um peixe cetaceo (!) a « siba » (peixe) um molusco; « embuá » (myriapodo) um insecto; « pitú » (camarão) um peixe. O « barbeiro » inocula o « trypanosoma », o que nos mostra que o diccionarista suppunha só haver um « trypanosoma » (o que alias o confirma a definição de « trypanosomiase »; o « potó » é um insecto que urina, etc.

Na quarta edição do « N. D. », « pirarucú ». continua a ser o mesmo que bacalhau!; e escorpião o mesmo que lacrau: « agua viva » (celenterio) mollusco.

Dos erros que apontei o douto lexicographo á sorrelfa corrigiu tres.

Assim quanto á *mutuca*. Definiu a palavra na terceira edição « especie de mosca da região do Amazonas »; agora escreveu mais acertadamente; « especie de moscardo grande que persegue os gados ».

Jequitirana bóia definida « borboleta venenosa do sertão » passou a ser, como lhe aventei, « insecto hemiptero dos sertões. Essa « dos sertões » vae aliás por conta do meu illustre contradictado.

Sararaca, que desde a primeira edição nos vinha como « flecha com que os indios do Amazonas « caçam as tartarugas e *outros peixes* », passou a ser especie de flecha com que os selvagens matam a tartaruga e *varios peixes*. »

Havia na technologia brasileira zoologica do N. D. um verbete quasi digno do famoso Bernardo Bacellar: o celebre diccionarista que definiu *Macaco* animal de tregeitos delirantes »; *Abdomen*, parte do umbigo; *Castiçal*, « o que dá fogo e luz ».

Ha na terceira edição diziamos, um verbete vocabular relativo a supposto brasileirismo, digno do bom Bernardo de Lima e Mello Bacellar: *Sirema*, s. f.; bras. Ave pernalta notavel pela guerra que faz a todos os animaes ».

Attendendo á reclamação que apresentei desappareceu da actual quarta edição esta espantosa re-

ferencia ao tremendo bicho. Attila da nossa pobre fauna.

Em materia de chimica está a terceira edição do *Novo Diccionario* de Candido de Figueiredo apinhado de erronias graves, ás vezes monstruosas até.

Firmado na autoridade dos mestres, apontei-as ao illustre diccionarista pedindo-lhe que não sacrificasse a quarta edição do seu prestantissimo lexico nelle incluindo tantos dislates inculcados pelos pessimos conselheiros que tivéra a infelicidade de ouvir.

E inexplicavelmente, convem lembral-o. Pois ninguem de criterio comprehenderá porque preferiu consultar uns anonymos autores de livrecos de vulgarização, que constantemente cita, a se abonar com a autoridade da obra de seu eminente compatriota o dr. Maximiano de Lemos; a *Encyclopedia portugueza illustrada*.

Vejo com verdadeiro pesar reapparecerem na *quarta edição do Novo Diccionario* cousas como estas: «*Fluor*» corpo simples ainda não isolado (quando Moissan o isolou em 1889); *Fluorhydrico*: acido formado pela combinação do hydrogenio com uma base (!): *Fluorico* o mesmo que fluorhydrico; *Fluosilicico* combinação do silicio com o *fluor (!)* *Azotico* (acido proveniente de combinação do azoto com o oxygenio » ; « Sulfurico » « acido da combinação do enxofre com o oxygenio » ; « Sulfito » ; sal resultante do acido sulfurico (!!) « phosphoroso » « acido tambem chamado phosphorico ». « Ozona » « cheiro » desenvolvido no oxygenio sob a influencia das descargas electricas ; « Radio » ; « substancia que se contem no baryo » ; Arsenito « o mesmo que arseniato ». Chamei a attenção do douto diccionarista para o absurdo que dissera de anhydrido « acido que se não combina com a agua » e para a formula errada da « lana philosophica » mas não se deu ao trabalho de consultar os mestres.

Em materia de chimica organica foram algumas poucas das minhas reclamações attendidas. Assim quanto a definição de « alcool » mas não quanto aos erros contidos nas dos alcooes propylicos e butylicos, glycerina, phenol, etc. O que affirma de chloral é um dislate que se repete da terceira edição. Tambem não attendeu ao que lhe representei acerca da deficiencia das definições dos acidos tartarico e lactico, do chloroformio, iodoformio e bromoformio, assim

como quanto ao processo inculcado como moderno para a preparação do acido formico (distillando formigas como fazia Samuel Fischer em 1760). Não quiz incorporar ao seu vocabulario os termos hoje corriqueiros de funcções da chimica organica como cetona e nitrila até os da nomenclatura dos assucares, etc.

E infelizmente não se quiz convencer o illustre diccionarista que se equivocára gravemente affirmando verdadeiros absurdos como quando disse que chloral era uma « mistura de chloro e alcool, « dichlorado » significa chloreto de methyla e o acido mellico é um synonymo do hydrato de calcio ! !

Assim tambem não explica a sua reluctancia em acceitar as numerosas suggestões de nomes capazes de preencher as lacunas de muitas séries de que menciona aliás numerosos termos. E' o que se deu com os pentanos, heptanos, etc. e os nomes de carburetos conhecidissimos como o australeno, o terebeno, os ethino, butino, propino, o nephtaleno, etc.

Muito peior, porém quando persiste em affirmar que gazolina ou gasolina, como quer, vem a ser « carbonato de hydrogenio liquido » dando-lhe uma feição de syphão de confeitaria, gaz carbonico dissolvido na agua.

A physica do *Novo Diccionario* nunca a examinei detidamente, nem mesmo do modo perfunctorio com que percorri os seus verbetes relativos á chimica. Nella ha muita cousa a emendar e muita erronia séria. Apontei alguns deslizes destes e com surpreza agora noto que o illustre diccionarista acceitou pelo menos uma de minhas reclamações. Affirmára na terceira edição que *periscopio* era o mesmo que *calcidoscopio*, verdadeira monstruosidade. Agora disse certo : *periscopio :* « tubo optico usado pelos submarinos como instrumento de visão ». Tambem lhe chamei a attenção para a inacceitavel definição de aeroplano : « apparelho aerostatico movido a vapor e sustentado sobre planos ou laminas postos em acção por um motor de força de um cavallo, inventado recentemente por Langley, em 1896 ». Assim se lia na primeira edição do Novo Diccionario ! A definição da terceira é ainda detestavel : « apparelho aerostatico movido a vapor e formado de planos ou de laminas e de um motor. Foi inventado recentemente, em 1896, por Langley ».

Protestei energicamente mas o douto diccionarista só me attendeu em parte. Em todo o caso, retirou aquelle absurdo « movido a vapor » mantendo, porém, o « apparelho aerostatico » e affirmando que foi inventado, *recentemente*, por Langley, em 1896.

Ora, dizer-se em 1926 que 1896 é recentemente... E ainda affirmar que Langley é o inventor do aeroplano... Em todo o caso, melhorou a definição e valeu de alguma cousa o meu protesto.

Não quiz por forma alguma, porém, o illustre lexicographo, convencer-se de que ninguem diz raio catodo e sim raio catodico, como lhe observei. E na definição de catodo faz uma absurda confusão de raios catodicos e raios X...

Inculquei-lhe um ror de lacunas de palavras scientificas hoje as mais corriqueiras como *anaphylaxia*, *ecologia*, *amperagem*, *birefringencia*, *syntonisar*, *teledynamica*, *self inducção*, *ultra-violeta*, etc., etc.

Aventei-lhe centenas : acceitou varias de minhas suggestões como as que se referem a *watt* a *Kilowatt* (que aportuguezou para vatio e quilovatio) *adiabatico* e uns poucos termos mais Em todo o caso advertido lealmente que fôra dos defeitos, das definições de diversos vocabulos emperrou em não querer modifical-as como no caso de *voltagem* em que vem esta exemplificação, indigna de um diccionario que se respeita : « conjunto dos voltios que funccionam num aparelho electrico ».

Esperava pois que a quarta edição do *Novo Diccionario* de Candido Figueiredo viesse corrigida de muita definição viciosa que na terceira se contem e augmentada de numerossimas falhas que lhe haviam sido apontadas, sobretudo pelo Padre Teschauer e por mim. Tal não se deu absolutamente. Continúa a ser lacunosissimo o grande lexico que apenas inventariou pouco mais de metade das palavras do portuguez de hoje, da lingua falada em todo o orbe luzitano.

Em materia de technologia scientifica zoologica, corriqueira, apontara-lhe eu, á terceira edição, centenas de lacunas. Poucas foram removidas nesta quarta. E no emtanto são algumas dellas da maxima importancia.

Mas já seria bom que se houvesse expurgado de muitos erros serios, por vezes de verdadeiros dislates.

Mas não : assim continúa a affirmar que as gregarinas, que são esporozoarios, vem a ser um «genero

de *vermes* intestinaes que vivem em grande quantidade no corpo de certos insectos». Sustenta que os bryozoarios, vermes, são moluscos; que lombriga é ao mesmo tempo o *Ascaris* e a minhoca. Dos cestodos diz: «Vermes da classe dos helminthos»; como definição tem o valor da seguinte: «*fox terrier:* cão da classe dos cachorros». Persiste em affirmar que a *anguilula*, que é um verme, seja um insecto.

E as lacunos pullulam. Tratando dos moluscos, traz a quarta edição do *N. D.* a classificação de Cuvier (de 1812) hoje totalmente abandonada.

Tratando do licranço, a nova edição continúa a fazer crer que este lacertilio é uma serpente. Averbando *colubrideos* persiste em affirmar que estas «serpentes tem por typo a *cobra!!*» E define *cobra:* reptil da familia das serpentes... E como nos ensine que cobra é synonymo de serpente, chegamos á seguinte e logica conclusão: «cobra, reptil da familia das cobras. Serpente, reptil da familia das serpentes.»

Das actuaes 26 ordens de insectos, continuam ausentes da quarta edição mais da metade. E as que ficam têm definições por vezes deploraveis: A besouro, nome generico dos coleopteros, como todos sabem, restringe aos «amarellos e pretos». A definição de hymenoptero é a mais defeituosa, pois exclue muitas especies de formigas desta ordem!

Os myriapodos continuam a ser insectos; as araras, especies de papagaios; a nomenclatura das aves prosegue lacunosissima. O mesmo se dá com a dos mammiferos a que faltam termos e termos dos mais vulgares. Assim brilham pela ausencia palavras corriqueiras como a da sub-ordem das phocas: pinnipedes; de familias essenciaes, como os hyenidos, procyonideos, e até canideos!

E continúa a quarta edição, com os erros da terceira, a affirmar que a nossa jaguaratirica é um cão bravio, quando todos nós sabemos que é um felideo. O *furão* teima em ser o «mammifero vermiforme», o que com tanta propriedade já ridicularisou o Sr. Rodolpho von Ihering, chamando-lhe «lombriga mammifera». Continúa o *Novo Diccionario*, na nova tiragem, a ignorar que anthropoide é adjectivador da sub-ordem dos grandes primatas, a que pertencem o orango-tango, o gorlila, o chimpanzé.

Verificado assim que a quarta edição do *Novo Diccionario da Lingua Portugueza* encerra os seus

velhos erros quasi todos e apresenta enorme lacunosidade em materia de technologia scientifica e vulgar, e dos brasileirismos, cada vez mais se me impõe a convicção de que precisamos e do modo mais vehemente, de um diccionario brasileiro da lingua portugueza. O nosso vocabulario é incomparavelmente mais rico do que o de além mar. A lingua de 35 milhões de individuos ha de ser fatalmente mais rica do que a de sete. O futuro da lingua portugueza está no Brasil, acaba de recordal-o, com o maior criterio, eminente philologo allemão, a que ainda ha dias se referia João Ribeiro.

Mas a organização de um diccionario moderno, como as outras grandes linguas já o possuem, custa hoje grandes sommas. Requer collaboração escolhida e numerosa. O Sr. Candido de Figueiredo vivia, ingenua e generosamente, embalado na illusão de que estava em condições de, por si só, fazer um diccionario moderno.

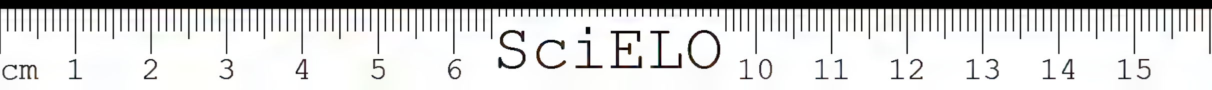
Era um philologo notavel, mas isto não lhe bastava. Sua cultura geral vinha a ser muito defficiente. O que pretendeu fazer era obra boa para o tempo de Moraes e de Bluteau. Ou ficasse no terreno philologico, restrictamente, ou desistisse de querer por si fazer um diccionario encyclopedico.

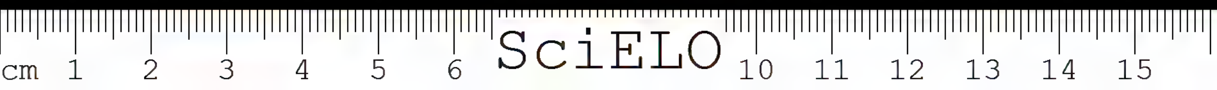
A desobediencia a este criterio levou-o a encher as suas paginas de centenas de dislates que lhe tiram a confiança dos consulentes. O que realisou foi immenso, mas muito aquem das exigencias modernas. Precisamos de um diccionario impeccavel, no genero do de Webster. Assim de tal se compenetre o governo nacional. Grande gloria assistirá ao presidente que promover a erecção de um monumento ao nosso caro idioma portuguez, nas paginas do volumoso, do impeccavel *Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza*, expoente da cultura de nossa terra.

INDICE

IV

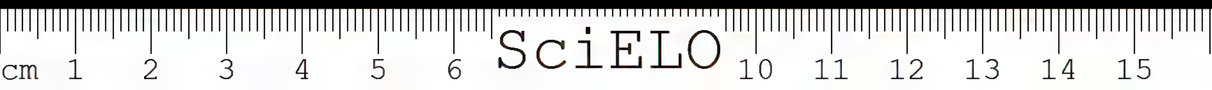
V

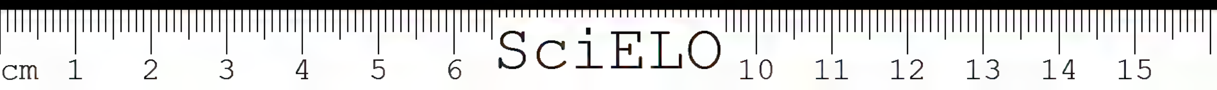



cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

PADRE DR. CONSTANTINO TASTEVIN

A LENDA DO JABUTI




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

A lenda do jabutí

Para illustrar apenas a minha grammatica (1) dou nas paginas seguintes a lenda do jabuti, conhecida de todos os caboclos, e pela primeira vez publicada pelo distincto linguista, general Couto de Magalhães.

Apparecerá ahi com evidencia a invariabilidade de todas as palavras da lingua tupi, a falta de declinação, de conjugação, de generos e de numero: e este é o unico intento de meu modesto trabalho.

Não faço acompanhar os episodios d'esta lenda dos commentarios que a illustram na edição franceza. Os meus leitores brasileiros conhecem melhor do que eu a fauna tão especial do seu grande paiz e poderiam dar-me licções a este respeito. Notemos apenas que cada animal se apresenta n'esta epopéa do jabuti com os seus caracteristicos admiravelmente bem notados: a anta com a brutalidade e o peso enorme; a onça com a rapacidade e a sobranceria de rainha da matta virgem; o veado, agil e vaidoso; a mucura gulosa e ladra; o cururú tolo e indefeso; o homem dispondo á discrição da vida dos animaes; os meninos faceis de enganar e travessos; o urubú de vôo altaneiro, e procurando os lugares de festas para comer; o jabuti, sobretudo, de peito chato e casco em mosaico, vagaroso, circumspecto, e fujão, tendo apenas para defender-se a propria astucia.

E' evidente que n'esta historia o caboclo se reincarnou no jabuti dando-lhe todos os defeitos proprios e qualidades, attribuindo-lhe sempre a victoria,

---

(1) Vid. tomo XIII da Revista do Museu Paulista.

chorando a sua desgraça final, e acabando por cural-o e castigar o seu offensor.

Como o jabuti o caboclo é bom para os parentes e os amigos, mas sem compaixão e cruel para com os estrangeiros e inimigos. A sua arma predilecta é a astucia. Mentir para o caboclo não é peccado, e sim meio de vida, e o melhor dos meios de vida; e com esta arma pretende vencer todas as difficuldades e todos os inimigos. Geralmente, porem, como na nossa lenda, o mentiroso acaba mal, porque a astucia é arma de dois gumes. E não é certo que o Deus da verdade proteja sempre o homem falso.

Deixe o caboclo de ser tão amante da dansa, da musica e das festas; desenvolva a sua energia; não se deixe esmorecer em frente á natureza virgem da sua terra; empregue melhor a bella intelligencia; seja fiel amigo não só dos parentes, mas de todo o seu proximo e occupará na sua terra o lugar que lhe compete e por emquanto outros occupam.

Rio Juruá, 24 de setembro de 1921

C. Tastevin.

O jabuti e a anta

O jabuti é boa gente, não tem maldade alguma. Estava um dia debaixo d'um taperebazeiro appreciando a comida preferida, quando appareceu uma anta que lhe disse: « Sai d'aqui, jabuti, sai! » O jabuti replicou: « Eu d'aqui não saio, porque estou debaixo da minha fruteira. » — « Sai, te digo, senão te piso! » — « Pois, pisa! te mostrarei se tu só és homem! » A anta malvada pisou o jabuti; o coitado ficou enterrado na lama, e disse: « Deixa estar, malvada, quando vier o inverno, sairei d'aqui irei atraz de ti, e saberei encontrar-te; então tu me pagarás por me teres enterrado.

Quando veiu o tempo das chuvas, o jabuti saiu e lançou-se ao encalço da anta. Encontrou um primeiro rasto ao qual perguntou: — « Quanto tempo faz que o teu pai te deixou? » O rasto respondeu: — « Faz muito tempo; já estou velho! » O jabuti seguiu seu caminho.

Um mez depois deu com outra pisada e perguntou: — « Quanto tempo faz que o teu pai te deixou? » A pisada respondeu: « Faz muito tempo! » O jabuti foi adiante.

Um mez depois encontrou outro rasto e disse: — « O teu senhor estará longe d'aqui? » O rasto erspondeu: — « Andando dois dias pódes dar com elle! »

— « Ora, disse o jabuti, já estou aborrecido de tanto andar; quem sabe se já não está longe o teu pai? »

— « Porque andas atrás d'elle? », disse o rasto.

—« Porque preciso fallar-lhe », respondeu o jabuti.

—« Neste caso, vae ao paraná, e lá encontrarás o meu pai ».

— « Bom ! disse o jabuti, já vou ! »

Chegado á beira do paraná, perguntou : — « Paraná, onde está teu senhor ? O paraná respondeu : — « Não sei ! » O jabuti lhe disse : — Porque me respondes assim ? » — Fallo assim porque sei o mal que te fez o meu pai. » — « Está bem ! disse o outro, eu saberei descobril-o: Adeus ! paraná ; quando me tornares a ver, tu me verás trazer o cadaver do teu pai. »

— « Não vás incommodar a meu pai, jabuti ; elle está dormindo ».

O jabuti riu : — « Dorme ! bôa noticia ! Agora, sim, estou satisfeito ! Adeus, paraná ! »

O paraná respondeu : — « Cautela ! jaboti, tu vais te fazer enterrar segunda vez ! »

— «Eu não nasci para pedra, disse o jabuti ; quero vêr a força do teu pai. Já vou ! »

O jabuti seguiu á beira do paraná rastejando a anta, encontrou esta dormindo e disse :

— «Emfim te achei. Vamos vêr agora se eu sou homem ! »

E antes de pular em cima da Anta disse ainda :

« O fogo nada respeita ! » E agarrou os testiculos do inimigo. A anta acordou, e vendo-se perdida disse : — « Pelo amor de Deus, jabuti, larga esse pedaço ! — « Nada ! replicou este ; eu quero vêr a tua força ! » — « Então, vou me embora, disse a anta. Levantou-se e correu para o rio. Dois dias depois morreu a anta.

O jabuti exclamou : — « Então matei-te, não é ? » Agora vou convidar os meus parentes para que me ajudem a te comer ».

Yauti Marandua

Do Jabuti a historia

I

Yauti Tapiira iruma
Jabuti Anta com

Yauti mira catu, timaã mira puxi.
O jabuti (é) gente bôa, não (é) gente ruim.

Ae u icu tapir'ïwa ïwirpe u
Elle, elle estando tapiribazeiro debaixo, elle
saanh arama ximiu Tapiïra u sïca aápe, u
provar para sua comida Anta ella chegar alli, ella
nheẽ i xupe: « Re tirica, Yauti, re tirica
dizer elle á: « Tu retirar-te, jabuti, tu retira-te
ike sui » — Yauti u suaxara i xupe: « Ixe,
aqui de ». — Jabuti elle responder elle á: « Eu,
ike sui ïnti xa tirica, marese xa icu se
aqui de não eu retirar-me, porque eu estar meu
ïwa ïwirpe. » — « Re tirica, Yauti, curumu xa
pau debaixo. » — « Tu retira-te, Yauti, senão eu
piru ine. » — « Re piru, re maã arama ine nhu sera
pisar-te. » — « Tu pisa, tu vêr para (se) tu só ?
apïawa. » Tapiïra yurupari u piru yauti tete.
homem ». Anta diabo elle pisar jabuti coitado.
Yauti cuai u nheẽ: « Tenupa yurupari,
Jabuti assim elle fallar: « Deixe estar, diabo, da
amana ara rame curi xa sema, xa su ne
chuva o tempo quando fôr eu sahir, eu ir de ti
racacuera upe mame catu xa wasema ine, xa meẽ curi
atraz aonde bem eu achar tu, eu dar então
ine arama re yutïma ixe rese, ne recuyara.
ti á, tu enterrar-me por, de ti o pagamento.

Amana ara u sïc'ana rame, yauti
Da chuva o tempo elle chegado quando, Yauti
u sem'ana. Yauti u su ana yurupari wasu
elle sahir então. Jabuti elle ir já do diabo grande
racacuera upe. U yuyuanti Tapïïra pepïra iruma
encalce no. Elle encontrar-se Anta pisada com o
Yauti u puranu i xupe: « Muiri ara ana ne
Jabuti elle perguntar ella á: « Quantos dias já de ti
yara u xari ine? » Pepïra u suaxara:
o dono elle deixar tu? » Pisada ella responder:
« Cuxiïm'ana se u xari. » Yauti u sema
« Antigo já mim elle deixar. » Jabuti elle sahir
a sui. Yepe yasï riri, u yuyuanti amu
lá de. Um mez depois, elle encontrar-se outro
pepïra iruma. Yauti u puranu i xupe: « Muïrï
rasto com. Jabuti elle perguntar elle á: « Quanto
ara ana, ne yara u xari ine? » Pepïra u
tempo já, de ti o dono elle deixar tu? » Rasto elle
suaxara: « Cuxiïm'ana se u xari! » Yauti
responder: « Antigo já mim elle deixar. » Jabuti
u su ana.
elle ir já (foi-se embora).

Yepe yasï riri, u yuyuanti amu pepïra
Um mez depois, elle encontrar-se outro rasto
ïruma; yauti u puranu: « Apïcatu rain sera mame
com; yauti elle perguntar: « Longe ainda? onde
ne yara u icu? » Pepïra u suaxara:
de ti o dono elle estar? » Rasto elle responder:
« Apïcatu! » — « Muïrï? » — « Re wata rame mucuinh
« Longe! » — « Quanto? » — « Tu andar se dois
ara re suanti curi ae iruma ». Yauti u nheẽ
dias tu encontrar então elle com ». Jabuti elle dizer
i xupe: « Se coir'ana xa sicari; ae ipu
elle a: « Eu aborrecido já de eu procurar; elle talvez
u su rete ana ». Pepïra u puranu: « Marese taa
elle ir muito já ». Rasto elle perguntar: « Que para?
coïte re sicari rete ae? » Yauti u suaxara:
:então tu procurar tanto elle? » Jabuti elle responder
« Timaã maã arama. Xa pïrungïta putari ae
« Nenhuma cousa por. Eu conversar querer elle

iruma.» Pepĩra u nheẽ: «Arame re su ana parana
com.» Rasto elle dizer: «Então tu ir já o rio
miri kĩtĩ: aape re wasema curi se paya
pequeno para: ahi tu achar então de mim o pai
turusu.» Yauti cuai u nheẽ: «Arame xa su
grande.» Jabuti assim elle dizer: «Então eu ir
rain». U sĩca parana miri pupe, cuai u
agora. «Elle chegar rio pequeno dentro, assim elle
puranu: «Paranã, name paa ne yara?»
perguntar: «Paraná, aonde ? de ti o dono?»
Paranã u suaxara: «Ta cuau!» Yauti u
Parana elle responder: «Eu não saber!» Jabuti elle
nheẽ parana supe: «Ma rese taa?» Yawe catu re
dizer parana ao: «Que para?» Assim mesmo tu
nheẽ xuarama?» Parana u suaxara: «Xa nheẽ ine
fallar mim para? Rio elle responder: «Eu fallar ti
arama nhaã yawe catu, xa cuau ana rese, naã
á isto assim mesmo, eu saber já porque, o que
se paya u munh'ana ine arama. Yauti u
de mim o pai elle fazer antes ti á». Jabuti elle
nheẽ: «Tenupa u icu! Ixe auri xa
dizer: «Firme tudo elle seja! Eu mais adiante eu
wasema ae. Arame, cuĩri, parana, xa su ine sui. Re
achar elle. Portanto, agora, parana, eu ir ti de. Tu
maã rame curi ixe. ne paya reãwera iruma
vêr quando adiante eu, de ti o pai o cadaver com
ana!» Parana u nheẽ: «Tiana re yaukĩ se
já!» Rio elle dizer: «Não tu brigar de mim o
paya iruma! Tenupa u kiri! Yauti u nheẽ:
pai com! Deixe elle dormir! Jabuti elle dizer:
«Cuĩri supi se ruri catu; parana, xa su
«Agora, com effeito, eu alegre muito; rio, eu ir
rain! Paranã u suaxara: «A! Yauti, ine ipu
já!» Paraná elle responder: «Ah! Jabuti, tu talvez
re yuyutima putari mucuinh hi!» Yauti u nheẽ
tu enterrar-te querer segunda vez!» Jabuti elle dizer::
«Timaã xa icu ara ĩwirpe ita arama; cuĩri xa su
«Não eu estar mundo no pedra para; agora eu ir
xa maã kĩrĩmau pĩrĩ waa ixe sui. Eré, parana,
eu vêr forte mais quem mim que. Está bom, rio,

xa su rain!» Yauti u su ana parana miri remei-
eu ir já!» Jabuti elle andar já rio pequeno bei-
wa rupi, u wasema tapiíra. Yauti u nheẽ cua yawe:
ra pela, elle achar anta. Yauti elle dizer isto assim:
«Xa wasema ine, timaã? Cuĩri re maã curi se
«Eu achar tu, não é? Agora tu vêr mim
iruma, ixe apiawa rame» U puri renone tapiíra
com, eu homem se». Elle pular antes de, da anta
rapia upe, cuai u nheẽ: «Tata, paa, u sa-
ovos nos, assim elle dizer: «O fogo, dizem, elle quei-
pi upain rupi!» Aewana u puri kĩrimasawa iruma
mar tudo por!» Então elle pular força com
tapiíra rapia rese Tapiíra, yucaima, u paca Tapiíra
da anta ovos nos. Anta, perdida, ella accordar. Anta
cuai u nheẽ: «Tupana rese, Yauti, re xari
assim ella fallar: «Deus por, Jabuti, tu deixar de
se rapia.» Yauti u suaxara: «Ixe timaã
mim os ovos». Jabuti elle responder: «Eu não
xa xiari, ma rese xa maã putari ne kĩrimasawa.»
eu deixar, porque eu vêr querer de ti a força.»
Tapiíra u nheẽ: «Arame xa su xa icu.» Tapiíra
Anta ella dizer: «Então eu indo eu estar». Anta
u puama, u nhama parana miri rupi;
ella se levantar, ella correr rio pequeno por;
mucuính ara pausa pe, tarpiia u manu ana. Yauti
dois dias fim no, anta ella morrer já. Jabuti
cuai u nheẽ: «Xa yuc'ana ine, timaã? Cuĩri
assim elle dizer: «Eu matar já te, não é? Agora
xa su xa sicari se anama ita u ú
eu indo eu buscar de mim os parentes elles comer
arama ine.
para te.

O Jabuti e a Onça

O jabuti gritava: « Meus parentes, meus parentes, acudam! » A onça ouviu, dirigiu-se para lá e perguntou: « Porque estás gritando, jabuti? » O jabuti respondeu: « Estou convidando os meus parentes para comer a grande caça que matei, esta anta. » A onça disse: « Queres que a recorte para ti? » — « Pois não! Podes até guardar uma banda para ti? » — « Então, disse a onça, vae tirar lenha, emquanto preparo a carne. » Quando o jabuti ficou distante, a onça carregou a anta e fugiu. O jabuti encontrou apenas os excrementos, ficou furioso, insultou a onça e disse: « Deixa estar, malvado, eu saberei encontrar-te. » Poz-se a caminho, andou, andou, e com dois dias encontrou-se com um bando de macacos que estavam comendo sorvas. O jabuti disse aos macacos: « Joguem-me alguma fructa. » Os macacos responderam: « tu não és homem? Sobe como nós! » O jabuti replicou: « Eu sou homem, sim, mas estou cansado e por isso não quero trepar. » — « Podemos ir buscar-te e pôr-te em cima da arvore. » — Então, venham buscar-me! » Os macacos desceram, collocaram o jabuti na sorveira e o deixaram ahi. Dois dias depois, passou a onça, olhou para cima; viu o jabuti e perguntou: « Oh! jabuti, como subiste lá em cima? » — « Pelo tronco! » respondeu o jabuti. « Então desce! » disse a onça que estava com fome! O jabuti respondeu: « Eu d'aqui só descerei quando tiver acabado estes fructos. Se quizeres alguns, fecha os olhos e eu vou te jogar umas sorvas. » A onça fechou os olhos, e o jabuti pulou, bateu na cabeça da onça e deixou-a morta.

O jăbuti esperou que a onça apodrecesse, e tirou-lhe a canella para fazer uma flauta. Depois se foi tocando e cantando: «Da canella da onça fiz a minha flauta, fri, fri!»

Outra onça ouviu o jabuti tocar; chegou-se e perguntou: «O que estás cantando ahi, jabuti?» O jabuti respondeu: «Eu estava cantando: da canella do veado fiz minha flauta, fri, fri!» — Não foi o que ouvi» respondeu a onça. — «Arreda-te, um pouco, que ouvirás melhor» disse o jabuti. A onça afastou-se e o jabuti procurou um buraco para se esconder. E da beira do buraco cantou: «Da canella da onça fiz minha flauta, i, i!» — A onça pulou para pegal-o, mas o jabuti se escondeu no buraco, A onça metteu a pata no buraco e pegou a perna do jabuti. O jabuti riu alto dizendo: «Tolo! pensa ter pegado a minha perna; no emtanto pegou apenas uma raiz de pau!» A onça largou a perna do jabuti. Este riu outra vez dizendo: Era a minha perna mesmo!»

A onça ficou de espreita na entrada do buraco. Passou por ahi o sapo cururú e a onça o chamou: «O cururú!» — «Lá vou, homem!» respondeu este. A onça lhe disse: «O jabuti está escondido n'este buraco; fica aqui, não o deixes fugir, emquanto eu vou tirar um pau de cavar para pegal-o.» A onça se afastou. Então o jabuti chegou-se á entrada do buraco e fallou: «Que estás fazendo, ahi, cururú?» — «Estou vigiando para que não fujas!» — «N'esse caso abre bem os olhos!» abre bem os olhos!» O cururú abriu os olhos e o jabuti jogou lhe um punhado de areia. Emquanto o cururú limpava os olhos, o jabuti saiu do buraco e fugiu. Emfim chegou a onça e perguntou: «Onde está o jabuti, cururú.» — «Ahi mesmo!» respondeu o cururú. A onça cavou, cavou, cavou: que profundidade tinha esse buraco! Cansada de tanto cavar, a onça largou o pau e disse ao cururú: «Para onde foi o jabuti?» O cururú respondeu: «Não sei!» — «Tu sabes! tu o deixaste fugir, e eu vou vingar-me!» Dizendo isso, a onça pulou em cima do cururú e o enguliu.

II

Yauti Yawarete iruma

O Jabuti A Onça Com

Yauti u sasema u icu: « Se anamai-
O jabuti elle gritando elle estar . « De mim paren-

tá! se anamaitá! pe yuri!» Yawarete u
tes! de mim parentes! vos vinde!» A onça ella

senu, u su a kití, u puranu: « Ma taa
ouvir, ella ir lá para, ella perguntar: « O que ?

re sasema re icu. yauti?» Xa senoi xa icu
tu gritando tu estar, yauti ? » Eu chamando eu estar

se anamaitá u ú arama se remiára
de mim os parentes elles comer para de mim a caça

wasu, tapiira!» yawarete u nheẽ: « Re putari será
grande, a anta! » Onça ella dizer: « Tu querer ?

xa mui tapiira ine arama?» Yauti u nheẽ: « Xa
eu recortar anta ti para?» Jabuti elle dizer: « Eu

putari. Re munuca yepe suaxara ine arama, amu ixe
querer. Tu cortas uma banda ti para, outra mim

arama.» Yawarete u nheẽ: « Arame re su re yuuca
para. » Onça ella dizer: « Então tu vaes tu tirar

yapeiwa.» Yauti u su pucusawa; yawarete u
lenha.» Jabuti elle ir uma distancia; onça ella

supiri ximíara, u yawau. — Yauti u sica
carregar a caça, ella fugir. — Jabuti elle chegar

rame, u wasema nhunto tiputi, u yacau yawarete irumo,
quando, elle achar só bosta, elle ralhar onça com,

u nheẽ: « Tenupa, amu ara xa yuyuan-
elle dizer: « Deixe estar, algum dia eu encontrar-
ti curi ine irumo. »
me adiante ti com. »

Yauti miri u wata, u wata; mucuinh
Jabuti pequeno elle andar, elle andar; dois
ara pucusawa pe u yuyuanti macaca irumo u
dias duração na elle encontrar-se macacos com elles
icu waa cuma ĩwa arape ia rese.
estar que desorvas arvore na fructo por causa de.
Yauti u nheẽ macaca supe: « Macaca, re yapi
Jabuti elle dizer macaco á: « Macaco, tu jogar
amu cuma xa u arama. » Macaca u sua-
alguma sorva eu comer para. » Macaco elle res-
xara: Re yupiri! ĩnti será apĩawa ine? » Yauti u
ponder: Tu subas! não ? homem tu? » Yauti elle
nheẽ; « Ixe apĩawa, supi; ĩnti xa yuperi pu-
dizer: « eu homem, com certeza; não eu subir que-
tari, se maraá-i rese. » Macaca u nheẽ: « Ma
rer, eu cançado porque. » Macaco elle dizer: « O que
nhu xa munhã cuau ne arama, xa cu ne piama a sui
só eu fazer saber ti para, eu ir te buscar lá de
ki kĩti » Yauti u nheẽ: « Arame, i yuri se
aqui para. » Jabuti elle dizer: « Então, vem me
piama » Macaca u wiye, u rasu ĩwate kĩtĩ
buscar. » Macaco elle descer, elle levar cima para
yauti, aape u xiari ae. Yauti u pĩ/a aape mucuinh
jabuti, lá elle deixar elle. Jabuti elle ficar lá dois
ara ĩnti u cuau u wiya rese
dias não elle saber elle descer porque.

Yawarete u yucuau a rupi. Yawarete u maã
Onça ella apparecer lá por. Onça ella olhar
ĩwate kĩtĩ, u xipia yauti tete, u nheẽ
cima para, ella enxergar jabuti coitado, ella dizer
maye: « yauti, ma rupi re yupiri ana? » yauti
assim: « Jabuti, por onde tu subir já? » jabuti
u suaxara; « Mira rupĩta rupi. » yawarete
elle responder: « Do pau tronco pelo. » Onça
yumasesawa irumo u nheẽ: « Re wiye ana » Yauti
fome com ella dizer: « Tu desce já.. » Jabuti

u nheẽ: « Ixe ike sui, ĩnti xa wiye; te xa
elle dizer: « Eu aqui de, não eu descer, ate eu
mumau upain cua ia Re putari rame, re
acabar todos esses fructos. Tu querer se, tu
sĩkĩnau ne resa xa yapi curi ine supe amu
fechar de ti os olhos eu jogar-ei ti para alguma
ia. Yawarete u sĩkĩnau s' esa, yauti u
fructa. Onça ella fechar d'ella os olhos, jabuti elle
puri, u tuca yawarete acanh, u yuca
pular, elle bater da onça a cabeça, elle matar
yawarete, u manu yurupari. Yauti u saaru te
onça, elle morrer o diabo. Jabuti elle esperar até
yuca ana, u yunc' arama setĩma semĩmĩ
podre já, elle tirar para d'ella a perna sua flauta
arama. Yauti u su ana u peyú semĩmĩ, cuai
para. Jabuti elle ir já elle tocar sua flauta, assim
u nheẽgari: « Yawarete cãwera se remĩmĩ,
elle cantar: « Da onça o tibia de mim a flauta,
fri, fri!»
fri, fri!»

Amu yawarete u yapĩsaca; u uri yauti pĩrĩ
Outra onça ella ouvir; ella vir jabuti com
u puranu i xupe: « Mai catu taa re peyu
ella perguntar elle á: « Como bem ? tu soprar
ne remĩmĩ, yauti?» Yauti u suaxara:
de ti a flauta, Jabuti?» Jabuti elle responder:
« Cuai xa peyu se remĩmĩ: Suasu
« Assim eu soprar de mim a flauta: Do Veado o
cãwera se remĩmĩ: fri! fri!». — Yawarete u
osso de mim a flauta: fri! fri!». — Onça ella
nheẽ; « Inti nungara xa senu re peyu!» Yauti
dizer. « Não parecido eu ouvir tu soprar!» Jabuti
u suaxara: « Re tirica mi kĩtĩ xinga;
elle responder: « Tu arreda lá para um pouco;
apĩcatu sui re apĩsaca puranga pĩrĩ.» Yauti u
longe de tu ouvir bonito mais.» Jabuti elle
sicari cuara, u pĩ'a sokena upe u peyu
procurar buraco, elle ficar entrada na elle tocar
semĩmĩ: Yawarete cãwera se remĩmĩ i;
d'elle a flauta: Da onça o osso de mim a flauta i,

i ! » — Yawarete u senu rame, u nhana, u
i ! » — Onça ella ouvir quando, ella correr, ella
pĩsĩca arama ae. Yauti u yumuneu ĩwĩ
pegar para elle. Jabuti elle metter-se da terra
cuara rupi. Yawarete u muneu i pu, u
o buraco por. Onça ella metter d'ella a mão, ella
pĩsĩca setĩma Yauti u puca u nheẽ: « U
pegar d'elle a perna Jabuti elle rir elle dizer : « Ella
maite u pĩsĩca se retĩma u pĩsĩca nhu
pensa ella pegar de mim a perna ella pegar só
mĩra rapu. » Yawarete cuai u nheẽ: « Tenupa
de pau raiz. » Onça assim ella dizer : « Deixe
u icu ! » U xari yauti retĩma. Yauti u
estar ! » Ella deixar do jabuti a perna. Jabuti elle
puca mucuinh hũ; u nheẽ: « Se retĩma te
rir segunda vez, elle dizer : « De mim a perna com
yepe ! »
certeza ! »

Yawarete yacuau-ĩma wasu u saaru icu
Onça tola grande ella esperando estar
ĩrĩ cuara rukena upe. Aape u sasau
da terra do buraço a entrada em. Ahi elle passar o
cururú Yawarete u senoi: « O Cururú ! » Cururú
cururú. Onça ella chamar : « Cururú ! » Cururu
u suaxara: « Aime xa su, apiawa ! » Yawarete
elle responder. « Eis eu ir, homem ! » Onça
u nheẽ i xupe: « Yauti u yuyumimi u
ella dizer elle para : Jabuti elle esconder-se elle
icu cua ĩwĩ cuara upe. Re pĩta ike,
estando este de terra buraco dentro. Tu ficar aqui
re mayana, ti u yawau arama; ixe xa yuca tasĩra,
tü vigiar, não elle fugir para ; eu eu tirar cavador
xa pecoinh arama ĩvĩ cuara. Yawarete u su
eu cavar para da terra o buraco. Onça elle ir
ana. Arame yauti u sĩca ĩwĩ cuara
já. Então jabuti elle chegar da terra o buraco
rokena upe, u xipiacɪ cururú, u nheẽ: « O Cu-
entrada na, elle enxergar cururú, elle dizer : « Cu-
rurú, maa taa re munhã nimi ? » Cururú u suaxa-
rurú, o que ? tu fazer la ? » Cururú elle respon-

ra: « Xa manhana xi icune ine. » Yauti u nheẽ:
der : « Eu vigiar eu estando tu. » Jabuti elle dizer :

« Arame re pirari ne resa ! » Cururú u pirari
« Então tu abrir de ti os olhos ! » Cururú elle abrir

s'esa yauti u yapi iwi cui
d'elle os olhos jabuti elle jogar de terra pó

s'esa pupe. Cururú u yusĩ. u icu
d'elle os olhos dentro. Cururú elle limpar elle estando

s'esa rame, yauti u sema iwi
d'elle os olhos quando, jabuti elle sair da terra

cuara sui, u yawau ana. Cupucu riri, yawarete
o buraco de, elle fugir já. Um tempo depois, onça

u sĩca, tasĩra irumo Yawarete u puranu:
ella chegar, cavador com. Onça ella perguntar :

« Mame, paa, yauti, cururú? Cururú u suaxara:
« Onde, ? o jabuti, cururú ? Cururú elle responder-

« Aape te ! » — Yawarete u pecoi, u pecoi,
« Ahi mesmo ! » — Onça ella cavar, ella cavar,

u pecoi, tipĩ rete ana nhaã cuara I mara:
ella cavar, fundo demais aquelle buraco. Ella can-

ari rame u xiari tasĩra, i nharu, u
sada quando ella deixar cavador, ella furiosa, ella

puranu cururú supe: « Mane taa u icu yau-
perguntar sapo áo : « Aonde ? elle estar o jabu-

ti ? » Cururú u suaxara: — « T'a
ti ? » Sapo cururú elle responder : — « Não eu

cuau ! » Yawarete u nheẽ: « Re cuau, mai
saber ! » Onça ella dizer : « Tu saber, como

ta; ine re xiari ae u yawau cuíri xa
então; tu tu deixar elle elle fugir agora eu

yupĩca curi ixe.» Aape yawarete u puri, u pĩsĩca
vingar hei eu. » Ahi onça ella pular, ella pegar

cururú, u mucuna ae.
cururú, ella engulir elle.

O jabuti e o veado

O jabuti depois de sahir do buraco andava pelo matto tocando e cantando: « Matei uma anta, a canella da onça é minha flauta; eu sou verdadeiramente um homem! »

O veado ouvindo esse canto, disse: « Eu vou desafiar esse homem a correr, para me rir d'elle. » — « Bôa tarde, jabuti! » — « Bôa tarde, veado! » — « De onde vens assim, jabuti! » — « Acabo de matar duas onças! » — « E' possivel? Neste caso quero tambem porfiar comtigo. Vamos vêr quem corre melhor! » — « Acceito! disse o jabutí. Espera que eu passe d'outro lado do paraná para vêr onde vou correr! » — « Então, disse o veado, quando eu te gritar daqui, tu me responderás de lá! » — « Bom! disse o jabuti, já vou! » — « Não demores demais; quero vêr a tua força! » — « Tem paciencia, deixa-me chegar do outro lado. »

O jabuti chamou os parentes todos e os collocou por toda a beira do paraná para responder sempre adiante aos gritos do veado. Depois gritou: — « Estou prompto, veado! quem corre primeiro? » O veado riu-se e disse: — « Parte na frente, pobre jabuti! »

O jabuti não correu, ficou no cerrado, enganando o veado. O veado tambem não correu logo: fiava-se nas pernas. Um parente do jabuti gritou: — « Veado! » Este respondeu: — « Já vou, tartaruga d'agua, perdida no matto! » E começou a correr, a correr e depois chamou: — « Jabuti! » O jabuti respondeu ainda na frente. O veado disse — « Já vou, homem!» E correu, correu, e ainda

gritou: « Jabuti! » Este respondeu sempre adiante. O veado, cansado, disse: — « Ainda vou beber agua! » e não disse mais nada.

O jabuti gritava chamando pelo veado. Ninguem respondia. — « Quem sabe, disse elle, se esse homem não morreu? Vou já vel-o ». Quando ia saindo na outra beira do paraná, disse: — « Nem estou suado » e depois chamou: — « Veado! » O veado não respondeu. O companheiro do jabuti encontrou o cadaver do veado e disse: « De facto, morreu. » O jabuti replicou: « Vou já tirar-lhe a canella, para fazer uma flauta, em que tocarei todos os dias da minha vida! Adeus! Até outro dia! »

III

Yauti Suasu iruma

O Jabuti Veado com

Yauti u sema cuara sui riri, u su ana
O jabuti elle sair buraco do depois, elle ir já
caa rupi u peyu semimi, cuai u
matto pelo, elle soprar d'elle a flauta, assim elle
nhe engari: «Tapira se remiara, y warete cãwera
cantar: « Anta de mim a caça da onça o osso
se remĩmĩ; supi! ixe apĩawa rete
de mim a flauta; verdadeiramente, eu homem mesmo
e! e!
o! o!

Sua u u sasau icu a rupi u senu
Veado elle passando estar lá por, elle ouvir
yauti u nheẽgari, u nheẽ: «Xa su xa
jabuti elle cantando, elle dizer: «Eu indo eu
saanh xa nhana nhaã apĩawa irumo xa
experimentar eu correr aquelle homem com, eu
puc arama s'ese»
rir para elle de.»

«Yane caruca, yauti!» — «N'dawé,
«Nossa tarde, jabuti!» — «Tu tambem,
suasu». *«Ma sui taa re yuri, yauti?» — «Xa yuca*
veado». «Que de? tu vir, jabuti?» — «Eu matar
ana mucoinh yawarete!» — «Sera! Cuĩri xa
já duas onças!» — «E' possivel! Agora eu
saanh putari xa nhana ne irumo.» — «Eré!
experimentar querer eu correr ti com.» — «Bom!

Arame re saaru ike, ixe xa su suainrape xa
Então tu espera aqui, eu eu indo d'outro lado eu
maã arama ma rupi xa nhana.» Suasu u nheẽ:
vêr para onde por eu correr.» Veado elle dizer:
«*Re nhana rame amu suaxara rupi xa sapucai rame*
«Tu correr quando outro lado por eu gritar quando
ine re suaxara curi.» Yauti u nheẽ: «Eré!
tu tu responder has.» Yauti elle dizer: «Bom!
xa su rain!» Suasu u nheẽ i xupe: «Tiana re icu
eu ir já!» Veado elle dizer elle á: «Não tu sejas
pucu! xa maã putari ne kirimasawa». Yau-
demorado! eu vêr querendo de ti a força.» Jabu-
ti cuai u nheẽ: «Re saaru xinga rain,
ti assim elle dizer: «Tu esperar um pouco ainda,
tenupa xa sica suainda pe.» Ae u
deixa estar eu chegar outro lado no.» Elle elle
sica rame u senoi upain i anamaitá.
chegado quando elle chamar todos d'elle os parentes.
Ae u mumuri aitá parana miri remeiwa rupi,
Elle elle collocar elles do rio pequeno beira pela,
aitá u suaxara arama suasu iacuau-ĩma supe.
elles elles responder para veado tolo á.
Arame cuai u nheẽ: «Suasu, pronto cua ixe!
Então assim elle dizer: «Veado, prompto já eu!
Awa taa u nhana tenone?» Suasu u puca
Quem ? elle correr primeiro?» Veado elle rir,
u nheẽ: «Re su tenone, yauti, tete!»
elle dizer: «Tu vae adiante, jabuti, coitado!»
Yauti ĩnti u nhana, u ganani u icu
Jabuti não elle correr, elle enganando elle estar
suasu u pita s'enawa pe te. Suasu
veado elle ficar delle lugar no mesmo. Veado
yuiri u pita mimi ĩnte, u rujari rese se-
tambem elle ficar ahi mesmo, elle fiar-se por d'elle
tima rese. Yauti anama u sasema
as pernas em. Do Jabuti um parente elle gritar
suasu rese. Suasu u suaxara sacacuera kiti.
veado para. Veado elle responder, d'elle atrás para.
Kwai suasu u sasema: «Aicue xa su yurara
Assim veado elle gritar: «Eis eu ir tartaruga d'agua

caapora !» Suasu u nhana, u nhana; ariri
sylvestre ! » Veado elle correr, elle correr; depois
u sasema: «Yauti !» Yauti anama amu,
elle gritar: «Jabuti !» Do jabuti parente outro,
tenone u suaxara. Suasu u suaxara: «Aicue
adiante elle responder. Veado elle responder: « Eis
xa su, apĩawa !» Suasu u nhana, u nhana,
eu ir, homem !» Veado elle correr, elle correr,
u sapucai: «Yauti !» Yauti tenone te
elle gritar: «Jabuti !» O jabuti adiante sempre
u suaxara. Suasu u nheẽ: «Xa u rain
elle responder. Veado elle dizer: «Eu beber já
ĩ.» Aape te suasu u kiriri. Yauti
agua.» Ahi mesmo o veado elle calar-se. Jabuti
u sasema, u sasema, u sasema, ne awa u
elle gritar, elle gritar, elle gritar, ninguem elle
suaxara i xupe. Arame u nheẽ: «Nhaã apĩawa
responder elle á. Então elle dizer: «Este homem
ipu u manu ana, xa su xa maã ae. Yauti
talvez elle morto já, eu indo, eu vêr elle. Jabuti
u sema rame parana miri amu remeĩua upe,
elle sair quando do rio pequeno outra beira na,
cuai u nheẽ: «Ti rain se reaoinh !» Ariri
assim elle dizer: «Não ainda eu suado !» Depois
u senoi suasu rese: «Suasu ?» Timaã suasu
elle chamar veado pará: «Veado !» Não veado
u suaxara. Yauti irumuara u xipiaca
elle responder. Do jabuti o companheiro elle vêr
rame suasu rese, u nheẽ: «Supi te
quando veado para, elle dizer: «Verdadeiramente,
u manu ana !» Yauti u nheẽ: «Ya su ya yuuca
elle morto já !» Jabuti elle dizer: «Eu ir eu tirar
i cãwera se remĩnĩ rese, xa peyu
d'elle o osso de mim a flauta para, eu assoprar
arama i pupe ara yawe. Te curi amu ara
para ella dentro o dia todo. Até logo outro dia
upe !»
em.»

IV

Yauti micura iruma

Jabuti mucura com

Yauti, paa, u peyu u icu se
Jabuti, dizem, elle assoprando elle estar d'elle

mĭmĭ; mĭcura u senu, u yari, u
a flauta; a mucura ella ouvir, ella chegar-se, ella

nheẽ yauti supe: « Re puru ne remĭmĭ, yauti! »
dizer jabuti á: « Tu empresta de ti a flauta, jabuti! »

Yauti u suaxara: « Ixe tiana xa puru
Jabuti elle responder: « Eu não eu emprestar

se remĭnĭ! Re muayawau arama se
de mim a flauta! Tu fazer fugir para de mim

remĭnĭ! » Micura u nheẽ: « Arame re peyu,
a flauta! » Mucura ella dizer: « Então tu assopra,

xa senu arama ne remĭmĭ. » Yauti u peyu
eu ouvir para de ti a flauta. » Jabuti elle assoprar

semĭmĭ cuai!: « Finh, finh, finh, finh, culo,
d'elle a flauta assim!: « Finh, finh, finh, finh, culo,

fon, finh! » Mĭcura u nheẽ: « Mai puranh
fon, finh! » Mucura elle dizer: « Como bonito

ine, yauti, ne remĭnĭ iruma! » Ipuru xinga
tu. jabuti, de ti a flauta com! » Empresta um pouco

x'arama? » Yauti u nheẽ: « Re pĭsĭca; tiana re
eu para! » Jabuti elle dizer: « tu toma; não tu

rasu se remĭmĭ; re yawau rame, xa yapi ne
levar de mim a flauta; tu fugir se, eu jogar de ti

cupe pe cua iraiti! » Micura u pĭsĭca
as costas em este breo! » Mucura ella tomar do

yauti remĩmĩ, u peyu u pururanh, u wasema
jabuti a flauta, ella assoprar ella dansar, ella achar
i puranh rete, u nhana semĩmĩ iruma.
isso bonito muito, ella correr flauta com.

Yauti u nhana s'acacuera; mai timaã u
Jabuti elle correr d'ella atraz; como não elle
nhana cuau, s'enape te paa, u
correr sabendo, d'elle no lugar mesmo, dizem, elle
pĩta u maite arama. Ariri u nheẽ: « Te-
ficar elle imaginar para. Depois elle dizer: « Deixa
nupa, mĩcura, curumiri te xa pĩsĩca curi ine.
estar, mucura, breve mesmo eu pegar hei-de tu.

Yauti u su ana caa rupi, u iwasema ira
Jabuti elle ir já matto pelo, elle achar de mel
mĩra, u munuca ae u yuuca ira, u su
um pau, elle cortar elle, elle tirar mel, elle ir
mĩcura rape pe, u mumuri ira xicuara
da mucura caminho no, elle collocar o mel seu anus
pe, u yatíca i acanh ĩwe pe, aape u pĩta.
no, elle fincar a cabeça terra na, ahi elle ficar.

Cupucu xinga mĩcura u sĩca aape u mahã
Instante pouco mucura ella chegar lá ella ver
nhaã u senĩpuca, u yari i rese u nheẽ:
aquillo elle brilhar, ella chegar agua para ella dizer:
« Senĩpuca puranh nhaã ĩ! » Ariri u nheẽ:
« Brilhante muito esta agua! » Depois ella dizer:
« Ma taa te coa? » U muneu i pu,
« O que ? mesmo isto? » Ella pôr d'ella o dedo,
u sereu, u nheẽ: « hi! hi! ira coa! » Amu
ella lamber, ella dizer: « hi! hi! mel isto! » Outra
mĩcura u nheẽ: « Maa ? ira nhaã? yauti
mucura ella dizer: « O que? mel isto? do jabuti
ricuara nhaã, mai taa? » u yusĩ rete ana u
anus isto, como então? » isto limpo muito, ella
muneu i apecu i pupe. Yauti u yuĩca
pôr d'ella a lingua isso dentro. Jabuti elle apertar
xicuara. Mĩcura u sasema! Amu mĩcura
d'elle o anus. Mucura ella gritar! A outra mucura
u nheẽ: « Ma taa xa nheẽ ine supe? Yauti
ella dizer: O que ? eu dizer tu á? Do Jabuti

ricuara nhaã xa nheẽ, rapaz ine arama. Ine re
o anus isto eu dizer, parece que, tu para. Tu tu
nheẽ: « Ira coa, mai taa! » — Yauti u nheẽ:
dizer: « Mel isto, como então! » — Jabuti elle dizer:
« Ha! ha! Maa taa xa nheẽ ine supe? Inti xa
« Ha! ha! Como ? eu dizer tu á Não eu
pĭsĭca ine? Mame, taa se remĭmĭ? » Mĭcura
pegar tu? Onde, ? de mim a flauta? » Mucura
u meẽ semĭmĭ ana.
ella dar d'elle a flauta logo.

Amu ara upe yauti u icu ĭwĭ cuara
Outro dia em jabuti elle estar de terra buraco
rukena upe, u peyu semĭmĭ u purasanh
porta na, elle assoprar d'elle a flauta, elle dansando
u icu, mĭcura u sĭca, u senoi:
elle estar, mucura ella chegar, ella chamar:
« Yauti! » Yauti u suaxara: « U'! » Mĭcura
« Jabuti! » jabuti elle responder: « U'! » Mucura
u nheẽ: « Ya su ya saanh yane kirĭma-
ella dizer: « Nós vamos nos experimentar de nós
sawa! » Yauti u nheẽ: « Ya su ya
a força. » Jabuti elle dizer: « Nos vamos nos
saanh, mĭcura! Ya su ya mãã awa u
ensaiar, mucura! Nos vamos nos vêr quem elle
pĭta pĭ'i ĭwe cuara pupe. Awa taa u
ficar mais de terra buraco dentro. Quem ? elle
yupiru? » Mĭcura u nheẽ: « Ine, yauti! »
começar? » Mucura ella dizer: « Tu, jabuti! »
Yauti u suaxara: « Ere! mĭcura! muĭri
Jabuti elle responder: « Bom, mucura! quantos
yasĭ taa? » Mĭcura u nheẽ: « Te i ta-
mezes ? » Mucura elle dizer: « Até elles ama-
wa ana tapir'iwa! » Arame mĭcura u sĭkĭ-
rellos já os tapirebas! » Então mucura ella fe-
nau yauti ĭwĭ cuara pupe; ariri u
char jabuti da terra buraco dentro; depois ella
nheẽ: « Ere! yautí, xa su ana! »
dizer: « Bom! jabuti, eu ir já! »

Yasĭ yawe yawe mĭcura u uri u pĭrungĭta
Mez cada cada mucura ella vir ella fallar

arama yauti iruma ; u sĭca ĭwĭ cuara
para jabuti com ; ella chegar da terra o buraco
rokena upe, u senoi : « Yauti ! » Yauti u
porta na, ella chamar : « Jabuti ! » Jabuti elle
suaxara : « O mĭcura, i taw' ana sera
responder : « O mucura, elles amarellos já ? os
tapir'ĭwa ? » Mĭcura u suaxara : « Ti rain,
tapirebas ? » Mucura ella responder : « Não ainda,
yauti, cuĭrĭ rain nhu tapir'iwa i putera
jabuti, agora ainda só os tapirebas elles florescendo
u icu ; ere, yauti, xa su ana rain !
elles estar ; bom ! jabuti, eu ir já ainda !

U sĭca rame ara yauti u sema
Elle chegar quando o tempo jabuti elle sair
arama mĭcura u uri, u sĭca ĭwĭ cuara
para mucura ella vir, ella chegar da terra o buraco
rokena upe, u senoi : « Yauti ! » Yauti u
porta na, ella chamar : « Jabuti ! » Jabuti elle
puranu : « I taw' ana será tapir'ĭwa ? »
perguntar : « Elles amarellos já ? os tapirebas ? »
Nkaã u suaxara : « Ẽ, ẽ ! yauti cuĭrĭ supi,
Este elle responder : « Sim, sim ! jabuti agora sim,
i anama catu u icu, mĭra ĭwirpe »
elles grossos muito elles estar, arvore debaixo. »
Yauti u sem' ana, u nheẽ : « Iwike, mĭcura ! »
Jabuti elle sahir já, elle dizer : « Entra, mucura ! »
Mĭcura u puranu : « Muĭrĭ ara taa Yauti ? »
Mucura ella perguntar : « Quantos dias ? Jabuti ? »
Yauti u suaxara : « Te i taw' ana
Jabuti elle responder : « Até elles amarellos já
nana mĭcura ! » Yauti u sĭkĭnau ĭwĭ
os ananazes mucura ! » Jabuti elle fechar da terra
cuara u su ana. Yepe yasĭ riri, yauti u
o buraco, elle ir já. Um mez depois, jabuti elle
uri, u sĭca ĭwĭ cuara rukena upe,
vir, elle chegar da terra o buraco a porta na,
u senoi : « Mĭcura ! » Ne awa u suaxara.
elle chamar : « Mucura ! » Ninguem elle responder.
Yauti u senoi mucoin i : « Mĭcura ! » Mĭ-
Jabuti elle chamar segunda vez : « Mucura ! » Mu-

cura u kiriri; yauti u nheẽ: « Coa
cura ella calar-se; jabuti elle dizer: « Esso
manungara u manu ana sera? » U p'rari ĩwĩ
diabo elle morto já ? » Elle abrir da terra
cuara, meru seta u sema, mĩcura u manu
o buraco, moscas muitas ella sair, mucura ella morta
ana! Yauti u sĩkĩ ae ocara kĩti, u nheẽ: « Xa
já! Jabuti elle sacar fora para, elle dizer: « Eu
nheẽ, rapaa, ine arama, mĩcura, tiana ine apiawa
dizer, parece que, ti para, mucura, não tu homem
ixe arama! » Yauti u xiapi u aape, u su ana.
mim para! » Jabuti elle deixar ella lá, elle ir já.

O jabuti e a mucura

O jabuti tocava a flauta; a mucura o ouviu, chegou-se e lhe disse: « jabuti, empresta-me a tua flauta! » O jabuti resdondeu: « Eu não empresto a minha flauta! Tu queres fugir com ella! » « Então toca para nós ouvirmos! » O jabuti tocou e a mucura lhe disse: « Como és bonito, jabuti quando tocas assim a flauta; empresta-m'a tambem um instante. » O jabuti respondeu: « Toma mas não fujas, senão te lanço este breo ás costas! » A mucura pegou a flauta, tocou, achou bonito, e correu levando o instrumento. O jabuti quiz correr atraz, mas vendo que não sabia correr, ficou ahi mesmo imaginando uma vingança: « Deixa estar mucura não tardarás a me pagar. »

O jabuti andou pelo matto derrubou uma arvore que tinha mel, tirou o mel, e foi ao encalço da mucura; cobriu o trazeiro com mel, enterrou a cabeça no chão e ficou á espera.

Pouco depois veio a mucura, viú aquillo brilhar e chegou-se pensando fosse agua, e depois accrescentou: « Está muito brilhante essa agua! » Tocou-lhe com o dedo, lambeu e disse admirada: « hi! hi! é mel! » Outra mucura replicou: « que mel? isso é o trazeiro do jabuti! » Porem estava muito limpo, a mucura adiantou a lingua para lamber. O jabuti fechou o anus, prendendo a lingua da mucura. Esta poz-se a gritar, e a outra lhe disse: « Que foi que te disse? Eu te dizia: isso é o anus do jabuti. Tu me dizias não, isso é mel! » O jabuti accrescentou: « Eu não te disse que havia de apanhar-te. Onde está a minha flauta? » A mucura teve que restituir a flauta.

Outra vez estava o jabuti tocando á entrada d'um buraco, e dansando, Chegou a mucura e propoz: « Jabuti, vamos porfiar, a ver quem passa mais tempo n'esse buraco? » O jabuti respondeu: « Vamós! quem começa? » « Tu! jabuti! » « Bom! até quando? » « Até que amadureçam os tapirebas! » O jabuti entrou no buraco e a mucura foi-se embora.

Todos os mezes vinha visitar o jabuti, e chamava: « Jabuti! » « Este respondia: « O mucura! já estarão amarellos os tapirebas? » « Ainda não, jabuti, as arvores estão apenas em flôr! Passar bem já me vou! »

Quando chegou o tempo do jabuti sair, a mucura veio a porta do buraco e gritou: « Jabuti! » Este perguntou: « Os tapirebas já estarão maduros, mucura? » « Agora sim, respondeu esta, ha uma grossa camada de fructos debaixo da arvore. » O jabuti saiu e mostrando o buraco: « Entra agora, mucura! » « Até quando perguntou ella? » « Até que estejam maduros os ananazes, » disse o jabuti, e sobre ella fechou a entrada.

Um mez depois o jabuti veio visitar a mucura; chegou a entrada do buraco e disse: « Mucura! : Ninguem respondeu. O jabuti gritou outra vez « Mucura! » Mesmo silencio. « Esse tratante já terá morrido? » disse o jabuti. Abriu o buraco de onde sairam muitas moscas, a mucura tinha morrido. O jabuti puxou o cadaver para fóra e disse: « Então não tinha eu razão de dizer que não eras homem para mim? » O jabuti deixou lá a mucura e foi se embora.

V

Yauti apîawa iruma

Jabuti homem com

Yauti u sĩca tĩpĩaya upe, u peyu u
Jabnti elle chegar covão no, elle tocar elle

icu semĩmĩ. Yepe apĩawa u senu u
estar d elle a flauta. Um homem elle ouvir, elle

nheẽ: « Xa su xa pĩsĩca nhaã yauti » U wiye
dizer: « Eu ir eu pegar esse jabuti. » Elle descer

tĩpĩaya pupe, u senoi: « Yauti! » Yauti u
covão dentro, elle chamar: « Jabuti! » Jabuti elle

suaxára: « U! » Apĩawa u nheẽ: « Iyuri,
responder: « U! » O homem elle dizer: « Vem,

yauti! » — « Eré, aicue xa su, apĩawa. » Yauti u
jabuti! » — « Bom, eis eu ir, homem. » Jabuti elle

sema, apĩawa u pĩsĩca ae; u rasu soca
sair, o homem elle pegar elle, elle levar d'elle

kitĩ, u sĩkĩnau yauti patuá pupe. Coema
a casa para, elle fechar jabuti caixa dentro. Manhã

rame apĩawa u nheẽ taĩna itá supe: « Tiana
quando o homem elle dizer meninos a: « Não

pe pirari yauti! » U su ana cupixawa kitĩ Yauti,
vos abrir ao jabuti! » Elle ir já roça para. Jabuti,

patuá pupe u peyu u icu semĩmĩ
caixa dentro elle tocar elle estar d'elle a flauta.

Taĩnatá u senu, u uri, u i apisac'
Os meninos elles ouvir, elles vir, elles elle ouvir

arama Yauti u kiriri. A sui taĩnatá u
para. Jabuti elle calar-se. Então os meninos elles

nheẽ: « Re peyu, yabuti! » Yauti u suaxara:
dizer: « Tu assoprar, jabuti! » Jabuti elle responder:
« Pe nhẽ pe wasema catu! mai taa puranh pe wasema
« Vos vos achar bom! como ? bonito vos achar
pe xipicca rame xa purasanh! Taĩnaitá u pirari
vos vêr se eu dansar! » Os meninos elles abrir
patua, u maã arama yauti u purasanh. Yauti
caixa, elles vêr para jabuti elle dansar. Jabuti
u purasanh ccapĩ rupi: « Tum! tum! tum!...
elle dansar quarto pelo: « Tum! tum! tum!...
tenh! » A sui yauti u yururé taĩnaitá sui,
tenh! » Depois o jabuti elle pedir meninos dos,
u su caaruc'arama. Taĩnaitá u nheẽ i xupe:
elle ir mijar para. Os meninos elle dizer elle a:
« Icoi, yauti, tiana re yawau! » Yauti u sema
« Vae, jabuti, não tu fugir! » Jabuti elle sahir
roca cupe kitĩ u nhana, u yuyumimi
casa de traz para, elle correr, elle esconder-se
yaitiwa pĩtera pe. Coité taĩnaitá u nheẽ:
cerrado meio no. Então meninos elle dizer:
« Yauti u yawau ana. Cuĩri maa taa ya mumeu
« Jabuti elle fugir já. Agora o que ? nos dizer
yane paya supe u sĩca curi rame? » Yepe aitá
de nos o pai a elle chegar quando? » Um elles
suiwára u nheẽ: « Ya su ya cuatiara itá,
de elle dizer: « Nos vamos nos pintar pedra,
yauti pirera finimasawa yawe; curumu u
do jabuti do casco a pintura como; senão elle
sĩca curi rame, u nupa curi yane. Yawe te
chegar quando, elle batter nos. Assim mesmo
aitá u munhã.
elles elles fazer.

Caruca rame aitá paya u sĩca, u
Tarde quando d'elles o pai elle chegar, elle
nheẽ aitá supe: « Pe muapĩca itá-nhaẽ
dizer elles a: « Vos assentar de ferro a panella
tata pe ya piruc'arama yauti » Aitá u
fogo no nos descascar para jabuti. » Elles elles
nheẽ: « Aicue ana tata pe. » Aitá paya u muri
dizer: « Eis já fogo no. » D'elles o pai elle deitar

itá cuatiara itá-nhaẽ pupe, u maite
a pedra pintada de ferro panella na, elle pensar

yauti coa. « Pe yuuca nhaẽ miri ya u
jabutí isso. « Vos tirar prato pequeno nos comer

arama yauti. » Taĩnaitá u turi ana. Paya
para jabuti. » Os meninos elles trazer já. O pai

u ynuca yauti panera sui; u mumuri rame
elle tirar jabuti panella da; elle deitar quando

yauti paratu pupe, u mupena ae. Arame u
jabuti prato dentro, elle quebrar elle. Então elle

nheẽ taĩnaitá supe: « Pe xiari ana yauti u yawau! »
dizer meninos a: « Vos deixar já jabuti elle fugir! »

Aitá u nheẽ: « Yané, tımaã! » Aitá u nheẽ
Elles elles dizer: « Nos, não! » Elles elles dizer

rame yauti u peyu semĩmĩ. Apĩawa
quando jabuti elle soprar d'elle a flauta. O homem

u nheẽ: « Xa su xa pĩsĩca yuĩri ae. » U su
elle dizer: « Eu ir eu pegar de novo elle. » Elle ir

ana, u senoi: « Yauti. » Yauti u suaxara:
já, elle chamar: « Jabuti. » Jabuti elle responder:

« U! » apiawa u su sacacuera, ma kĩti yauti
« U! » o homem elle ir d'elle atraz, onde para jabuti

u sasema. U senoi yuĩri: « Yauti. » —
elle gritar. Elle chamar outra vez: « Jabuti. » —

Yauti u suaxara sacacuera sui. Apĩawa
Jabuti elle responder d'elle atraz por. O homem

i coĩrĩ u pĩta, u xari ae.
elle aborrecido elle ficar, elle deixar elle.

O jabuti e o homem

O jabuti chegou n'um covão, poz-se a tocar flauta. Um homem ouviu e disse: « ja vou pegar esse jabuti! » Desceu no covão e chamou: « jabuti » este respondeu: « U »! O homem disse: « Vem cá, jabuti » -- « já vou! » replicou o jabuti. O jabuti sahiu do cerrado, o homem o pegou e levou para casa, onde o prendeu n'uma caixa.

O dia seguinte o homem disse aos filhos: « Voces não deixem o jabuti sahir da caixa! » E foi-se para a roça. O jabuti dentro da caixa tocou a flauta e os meninos chegaram perto para escutal-o. O jabuti calou-se. Os meninos lhe disseram: « Toca ainda jabuti! » Respondeu este: « Achais bonita a musica? que seria se me visseis dansar! » Os meninos abriram a caixa para ver o jabuti dansar. O jabuti dansou no meio da sala: « Tum! tum! tum .... tenh! » Quando acabou pedio aos meninos a licença para ir ourinar. Os meninos responderam: « vae, mas não fujas! » O jabuti sahiu por detraz da casa, e correu esconder-se no cerrado. Disseram os meninos: « O jabuti fugiu, que contaremos a nosso pai? » Um d'elles suggeriu: « Vamos pintar uma pedra como um casco de jabuti, senão quando chegar, elle nos castigará ». Assim fizeram.

A' tarde o pae delles voltou para casa e disse aos meninos: « Ponham a panella no fogo que vamos comer esse jabuti ». Responderam elles: « Já está no fogo ». O pai pegou na pedra pintada pensando que era o jabuti e o deitou na panella. « Tragam os pratos! » accrescentou mais tarde. O pai tirou o jabuti da panella e quando o poz no prato

este quebrou-se. « Vós deixastes o jabuti fugir, » disse o velho. « Nós não papai ! » Enquanto assim falavam, o jabuti tocou a flauta no cerrado. O homem disse : « Vou já pega-lo outra vez ! » e desceu no cerrado. Chamou : « jabuti ! » Este respondeu : « U ! » O homem correu nessa direcção. O homem gritou outra vez : « jabuti » O jabuti respondeu por detraz d'elle· O homem se aborreceu, e desistiu do intento.

VI

Yauti Caapura iruma
Jabuti Curupira com

Yauti u peyu u icu semĩmĩ
Jabuti elle assoprar elle estar d'elle a flauta
Caapura u senu, u nheẽ: « Ti awa nhaã,
Caapura elle ouvir, elle dizer: « Ninguem este,
tírame yauti xa su xa pĩsĩca ae U sĩca
não si jabuti, eu ir eu apanhar elle. Elle chegar
mĩrã cuara rukena upe, u senoi: « Yauti!»
do pau buraco porta na, elle chamar: « Jabuti!»
Yauti u suaxara: « U!» Caapura u nheẽ:
Jabuti elle responder: « U!» Caapura elle dizer:
« Ya su ya saanh yane kĩrimasawa!»
« Nos vamos nos experimentar de nos a força!»
Yauti u nheẽ: « Ya su!» Caapura u su
Jabuti elle dizer: « Nos vamos!» Caapura elle ir
caa pe, u munuca sipo u rasu parana
matto no, elle cortar cipó, elle levar do paraná
remeywa kĩtĩ, u nheẽ yauti supe: « Ya su ya
beira para, elle dizer jabuti a: « Nós vamos nos
musĩkĩ coa sipo rupi: óine i pe ixe iwi pe.»
tirar este cipó por: tu agua na, eu terra na.»
Yauti u nheẽ: « Ere, caapura!» Yauti u
Jabuti elle dizer: « Bom, caapura!» Jabuti elle
puri ĩ pe tupasama iruma, u pucuara ae
pular agua na corda com, elle amarrar ella
pira-wasu ruaya rese u yuyumimi yaitĩwa pi-
peixe grande rabo no, elle esconder-se cerrado no

terape remeĭwa upe, u maã arama. Caapura u sĭkĭ
meio beira na, elle vêr para. Caapura elle puxar
tupasama. Pira wasu u yumukĭrimau, u rasu
corda. Peixe grande elle fazer-se forte, elle trazer
Caapura i ayura rupi i kĭti. Caapura
Caapura d'elle o pescoço por agua pará. Caapura
u yumukĭrimau, u musĭkĭ putari pira wasu
elle fazer-se forte, elle puxar querer peixe grande
parana sui ĭwĭ pe yauti u pĭica u icu.
parana do terra na Jabuti elle rindo elle estar.
Caapura u maraari ana rame u nheẽ: « Ayana,
Caapura elle cansado já quando elle dizer: « Basta,
yauti! » Yauti u puri ĭ pupe, u su u
Jabuti! » Jabuti elle pular agua na, elle ir elle
yurau sipo pira wasu ruaya sui. Caapura u
soltar cipó peixe grande rabo do. Caapura elle
musĭkĭ ae sipo rupi. Yauti u sĭca rame
puxar elle cipó por. Jabuti elle chegar quando
ĭwĭ pe, u nheẽ: « Ti rain se reanh! » Caa-
terra em, elle dizer: « Não ainda eu suado! » Caa-
pura u nheẽ: « Cuĭri catu, yauti, xa cuau ana
pura elle dizer: « Agora bem, jabuti, eu saber já
homem tu. Bom eu ir já! »
apĭawa ine. Eré xa su ana! »

O jabuti e o curupira

O jabuti estava tocando a flauta, o Curupira o ouviu e disse: « Eu vou dar uma lição a esse jabuti ». Chegou-se á entrada do buraco de pau onde estava o jabuti e propoz. « Vamos experimentar a nossa força jabuti. » « Vamos! » O curupira foi ao matto, tirou um cipó, o levou para beira do paraná e disse: « Vamos puchar este cipó, tu dentro d'agua, eu em terra; e ver quem arrasta o outro, » — « Está muito bom, » disse o jabuti. Elle pegou no cipó, pulou n'agua e foi amarral-o ao rabo d'um peixe grande. Depois veiu esconder-se no cerrado da beira para assistir ao espectaculo. O curupira puxou o cipó, mas o grande peixe reagiu, fez força e ia levando o curupira pelo pescoço dentro d'agua. Esta reuniu as forças e quasi trouxe o peixe para a terra. O jabuti ria-se, quando curupira sentiu-se cansado, disse: « Já chega, jabuti! » O jabuti pulou n'agua e foi soltar o cipó, e o curupira o puxou para terra. Quando sahiu da agua, o jabuti disse: « Eu nem estou ainda suado! » O curupira disse: « Agora sim, jabuti, já sei que és homem valente! Adeus! ».

VII

Yauti, urubu, Tupana iruma

O jabuti, o urubu, Deus com

Tupana, paa, u munhã putari ara wasua
Deus, dizem, elle fazer querendo dia grande

ïwaca upe, u senoicari upain suuitá.
ceu no, elle mandar chamar todos os bichos.

Yauti u su putari yuïri u peyu aram
Jabuti elle ir querendo tambem, elle tocar para

semïmï.
flauta.

U maite u icu mai u munhã curi
Elle pensar elle estando como elle fazer

u yupiri arama ïwaca Kïti. A ape u sïca urubu
elle subir para céu ao. Ahi elle chegar urubu

i gamba iruma, u su u icu waa
d'elle a caixa com, elle indo elle estando aquelle

arawasu kïtï. U puranu yauti supe: « Re su será
festa para. Elle perguntar jabuti a: « Eu ir ?

ine guïri, iwaca kïtï, yauti?» Yauti u suaxara:
tu tambem céu no, jabuti ? » Jabuti elle responder:

« E, ê, urubu, xa su mai taa?» Urubú u
« Sim, urubu, eu ir como então ? » Urubú elle

nheẽ: « Mai rame taa?» Yauti u suaxara:
dizer: « Como quando ? » Jabuti elle responder:

« Capucu riri. » « Re saanh putari sera
« Um instante depois. » « Tu experimentar querer ?

ixe iruma awa u sïca tenone?» Yauti u
eu com quem elle chegar primeiro ? » Jabuti elle

nheẽ: *« Xa putari!* *Re saaru* *xinga* *xa*
dizer: « Eu querer! Tu espera um pouco eu
munhã cafe ya su renone. Re putari rame re yuuca
fazer café nos ir antes. Tu querendo si tu buscar
yapeĩwa x'arama. » Urubu u yuuca rame yapeĩwa,
lenha eu para. » Urubú elle tirar quando lenha,
yauti u yuyumimi i gamba pupe. Urubu
jabuti elle esconder-se d'elle a caixa na. Urubú
u sĩca rame ne awa u wasema. U se-
elle chegar quando ninguem elle achar. Elle cha-
noi: « Yauti! » Inti awa u suaxara. Urubú
mar: « Jabuti! » Ninguem elle responder. Urubú
u nheẽ: « Nhaã manungara u ganani ana ixe, u
elle dizer: « Esse tratante elle enganar já eu, elle
su, paa, se renone; xa su xa pĩsĩca ae.»
ir, parece que, eu adiante de; eu ir eu pegar elle.»
U supiri curute i gamba, u puri,
Elle carregar depressa d'elle o tambor, elle pular,
u weweu ĩwaca kĩtĩ. Pitun'ana u sĩca rame
elle voar céu para. Noite já elle chegar quando
ĩwaca upe; u wike ana, u xiari i gamba
céu no; elle entrar já, elle deixar d'elle a caixa
sokena upe, u su Tupana pĩrĩ. Aaape yauti u sema
porta na, elle ir Deus com. Ahi jabuti elle sahir
gamba sui, u peyu semĩmĩ suuitá u
caixa de, elle soprar a flauta, os animaes elles
purusanh u yupiru. Urubú u maã rame yau-
dansar elles começar. Urubú elle vêr quando ja-
ti u peyu semĩmĩ u pĩsĩca i gamba, u
buti elle soprar flauta elle pegar d'elle a caixa, elle
wapĩca yauti ruakĩ u muapu arama, u nheẽ
sentar-se do jabuti perto elle tocar para, elle dizer
ixupe: « Mairame taa re sĩc'ana yauti? » « Cu-
a elle: « Quando ? tu chegado já, jabuti? » « Ha
xiĩm'ana!» « Ma rupi, taa ? » « Se mĩta mĩta
tempo! » « Que por ? » « De mim a escada
rupi! » Urubú u nheẽ: « Urane xa putari sa-
por! » Urubú elle dizer: « Amanhã eu querer expe-
anh ine iruma ya wiye rame. » Yauti u
rimentar tu com nos descer quando. » Jabuti elle

suaxara: « Ere! » Arame aitá u purasaná
responder: « Bom! » Então elles elles dansar a

pituna yawe. Coema piranga rame aitá u su
noite toda. Manhã encarnada quando elles elles ir

u kiri, yauti u paca tenone, u yuyu-
elles dormir; jabuti elle accordar antes, elle escon-

mimi urubù gamba pupe. Urubú u paca
der-se do urubú caixa em. Urubú elle acordar

rame inti u wasema yauti; u nheẽ: « Coa
quando não elle achar jabuti; elle dizer: « Esse

apiawa u su ana rain ». I supiri i
homem elle ir já ainda ». Elle carregar d'elle

gamba; u wiye iwate sui. U maraari rese,
a caixa; elle descer céu de. Elle cansado porque,

posi rete u wasema i gamba; u maã
pesado muito elle achar d'elle a caixa; elle olhar

i pupe, u xipiaca yauti, u yumunharú, u
ella dentro, elle vêr jabuti, elle virar bravo, elle

nheẽ: « Ha! ha! xu pisica ine, manungará! Cuíri
dizer: « Ah! ah! eu pegar tu, tratante! Agora

xa yupica curi ixe ». Aape u cataca i
eu vingar-hei eu ». Ahi elle sacudir d'elle o

gamba, yauti u ari iwi upe, u puca ipawa
tambor, jabuti elle cahir terra em, elle quebrar todo

i cupe. Yauti u sasema, u sasema
d'elle as costas. Jabuti elle gritar, elle gritar.

Tupana u senu; sasi i pia u maã
Deus elle ouvir; doente d'elle o coração elle vêr

rame yauti i pena, u pisica i
quando jabuti elle quebrado, elle pegar d'elle das

cupe pisãwera, u musica aitá iraiti iruma, u
costas os pedaços elle collar elles cera com, elle

mucaturu ae. A sui pewa u icu yauti
concertar elle. Lá de chato elle estar do jabuti o

putia; a sui i pisãwera u icu i cupe.
peito; lá de elles pedaços elles estão d'elle as costas.

Tupana u yacau urubú iruma u yuuca i
Deus elle ralhar urubú com, elle tirar d'elle a

nheenga   *u*   *puxi*   *rese,*   *u*   *muapi*   *rese*   *yauti*
falla, elle ruim porque, elle jogar porque jabuti

tetc.
coitado.

O Jabuti, o Urubú e Deus

Deus querendo fazer uma grande festa no Céu convidou todos os animaes. O jabuti tambem queria ir a tocar flauta. Estava imaginando como poderia fazer para lá ir, quando chegou o urubú, carregando o seu tambor, para ir tocar na festa. « O' jabuti, disse o urubú, não queres ir tambem á festa ? » — « Vou, como não ? » — « Quando ? » accrescentou o urubú ? — « D'aqui a pouco ! » — « Vamos porfiar a quem chegar primeiro ? » — « Vamos ! mas espera um pouco que tomemos café, e tem a bondade de me tirar um pouco de lenha. » Emquanto o urubú estava tirando lenha, o jabuti escondeu-se no tambor do urubú. Quando este chegou do matto, não encontrou mais ninguem. Pensou : « Este tratante enganou-me ; vou já pegal-o. » Carregou depressa a caixa, pulou, e voou para o Céu.

Já era noite quando lá chegou ; depositou o tambor á porta e foi cumprimentar a Deus. O jabuti aproveitou este momento para sahir da caixa e começou a tocar a flauta. Os animaes começaram a dansar.

O Urubú vendo o jabuti tocar pegou tambem na sua caixa e veiu sentar-se perto d'elle. Perguntou-lhe : « Quando chegaste, jabuti ? » — « Já faz tempo ! » respondeu este. — « E por onde subiste ? » — « Pela minha escada ! » O urubú accrescentou : « Amanhã quero porfiar, outra vez, na baixada. » — « Está bem ! » disse o jabuti.

A dansa durou a noite inteira. Ao raiar do sol foram todos dormir. O jabuti se levantou pri-

meiro e foi outra vez esconder-se na tambor do urubú. Este quando se accordou, não achando o jabuti, pensou: « O tratante m'enganou outra vez! » Carregou a caixa ás costas e desceu do Céu.

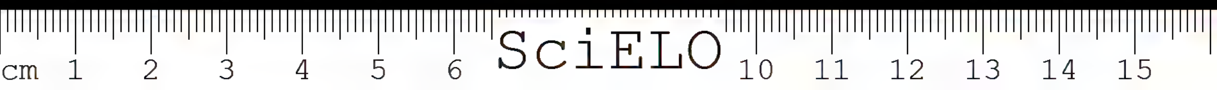
Devido ao cansaço, depois d'essa noite de festa, sentiu mais o peso do tambor. Olhou dentro da caixa e viu o jabuti escondido. Então pairando nos ares, furioso, disse sacudindo o jabuti fóra da caixa: « Ah! trapaceiro, emfim te peguei em flagrante; agora vou tomar a minha desforra. » O jabuti desceu como uma pedra e chegando ao chão quebrou-se todo.

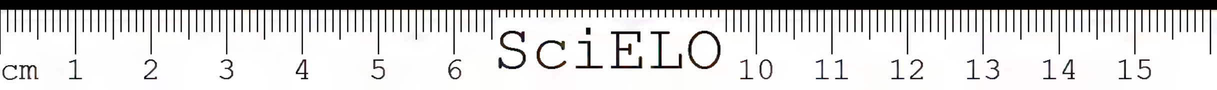
O coitado gritava, gritava tanto, que Deus ouviu-lhe as queixas, teve pena d'elle, ajuntou todos os pedaços do casco e os emendou com cera.

E' por isto que o jabuti tem o peito muito chato, e o casco feito de pedaços. Deus reprehendeu o urubú pela crueldade, e para castigal-o privou-o da voz que antes era bella.

NAPOLEÃO REYS

XOPOTÓ




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Xopotó

Eis um dos mais intrincados vocabulos tupys da nossa geographia selvagem. Desde pequeno que ouvi pronunciar esse nome, por ser o de dois rios, sendo um delles affluente do Piranga, que é a mais remota origem do Rio Doce, e outro affluente do Rio Pomba.

O primeiro nasce no alto da serra da Conceição, no districto de Mello do Desterro, sendo um rio bastante grande, muito largo e perigoso na occasião das chuvas. Recebe o Paciencia, o Espera e o Brejauba, além de outros menores.

O segundo Xopotó nasce na serra de S. Geraldo ou d eS. Sebastião, conforme outros, banhando o municipio do Rio Branco, antigo Presidio e os districtos de Sant'Anna do Sapé e Empoçado e desaguando na margem esquerda do rio Pomba, affluente do Parahyba, entre as estações do Porto de Santo Antonio e de Dona Eusebia, da E. de Ferro Leopoldina. São diversos os seus tributarios, entre os quaes o Bagres, Clemente, Santa Juliana, Ubá e outros, e atravessa a estrada que leva de Santa Juliana a Sapé.

Xopotó deu o nome ás antigas povoações de S. Caetano e S. José de Xopotó, sendo que S. Caetano foi creado parochia pela lei Provincial n. 822, de 6 de Julho de 1857, tendo pertencido ao municipio de Ubá, em virtude do Art. II da Lei Provincial n. 1249 de 17 de Novembro de 1865, e tendo sido desmembrado do municipio do Piranga e encorporado ao do Alto Rio Doce pelo decreto n. 26, de 7 de Março de 1890.

Quanto ás suas divisas, o leitor curioso poderá reportar-se ao Art. V da Lei Provincial n. 52 de 9 de Abril de 1836, n. 3.078, de 6 de Novembro de 1882 e n. 3.138, de 18 de Outubro de 1883.

S. Caetano do Xopotó confina com os districtos de Conceição do Turvo, Rio Espera, Alto Rio Doce e Piranga. Dista 12 kilometros da cidade do Alto Rio Doce e 36 da cidade do Pomba.

S. José do Xopotó passou tambem a ser o nome da cidade e municipio, destacado do de Piranga, sendo creado parochia pela Resolução de 14 de Julho de 1832, e tendo pertencido ao municipio de Barbacena, *ex-vi* do art. II da Lei Provincial n. 1.249 de 17 de Novembro de 1865. Sobre as suas divisas, deve-se consultar a Lei Provincial n. 472 de 31 de Maio de 1850, art. II da de n. 2.421 de 5 de Novembro de 1877, n. 2.660 de 30 de Novembro de 1880 e n. 3.138 de 18 de Outubro de 1883.

E' ligado a Mercês por uma estrada cortada pelo rio Xopotó.

S. José do Xopotó foi elevado a villa com o nome de Alto Rio Doce, pelo decreto n. 26 de 7 de Março de 1890, tendo formado novo municipio com os districtos de S. José do Xopotó, S. Caetano do Xopotó, Piedade da Boa Esperança (hoje villa Rio Espera) e Dôres do Turvo.

Trata-se agora de saber a origem do vocabulo *Xopotó* e tudo quanto se referir a esse nome mysterioso da lingua tupy.

A lingua tupy é cognominada pelos nossos Indios de *Nheêngatú*, o que significa *Lingua boa*, *Lingua elegante*, *Lingua de gente boa* ou *de gente culta*, o que quer dizer que provavelmente já houve no Brasil uma antiquissima civilização, que se perdeu ha millenios e millenios (quem sabe?), civilização de que não resta sinão esse bello, harmonioso e philosophico idioma, que, por isso mesmo, não pode ser idioma de selvagens. D'elle pouco sabemos, e o que conhecemos é o bastante para deduzir dos vocabulos que ainda existem, que alguma cousa de grande já houve dentro das nossas actuaes florestas. E não é nada de admirar, quando foram encontradas enormes civilizações no Mexico, na America Central e no Perú, que devem ter sido civilizações muito mais recentes do que a hypothetica civilização do Brasil.

Realmente *Nheên* ou *Nheeng*, significa *lingua*, e *Catú*, bom, boa, etc.. O *C* inicial se transformou em *g* por um phenomeno glóttico commum a todas as linguas, desde que é precedido de uma syllaba nasal que os Japonezes representam como uma virgula do-

brada, á direita e no alto das syllabas *ka, ke, ki, ko, ku*, que se transformam, com o *nigori* japonez, ou virgula dobrada, em *ga, gue, gui, go, gu*.

Assim *Nheengatú* significa fallar bem, ser eloquente, ser lisongeiro, ou boa falla ou bom fallar; e, no Amazonas, significa *Lingua de Indio*.

Essa lingua de gente boa, de raça nobre, é tambem denominada *Awanheẽn* ou *Abanheenga*, de *Awa* ou *Aba*, homem, gente, pessoa, ou tambem Indio, e *Nheẽng*, lingua, etc., sendo que *Abanheenga* vale o mesmo que *lingua de gente*.

Conclue-se d'ahi que *Nheengatú* ou *Abanheenga* quer dizer lingua por excellencia, fazendo lembrar o vocabulo *Sanscrito*, que quer dizer *elaborado, perfeito, distincto*, pois que a lingua sanscrita foi elaborada e aperfeiçoada pelos sabios bráhmanes, sendo um idioma selecto.

Pois bem, essa lingua que, no Norte e littoral do Brasil, se chama *Nheengatú* ou Tupy propriamente dito, ou *Abanheenga*, ou Guarany, no Sul e Oeste do Brasil, é o que se denomina a *lingua franca* ou *lingua geral* do Brasil, que, nos tempos prehistoricos, extendeu pelo menos o seu dominio por todo o Brasil, Guyanas, Uruguay, Paraguay e parte do Perú, Colombia, Venezuela e Argentina.

Os nomes geographicos isso indicam; e não ha nada mais eloquente do que lançar as vistas por uma carta geographica da America do Sul.

As montanhas, os rios, as cidades, as arvores, tudo tem nomes lindos e bem soantes dessa lingua, que não pode ter sido um idioma de selvagens, mas o de uma raça superior, desapparecida ha millenios e millenios, sendo de notar que entre os seus descendentes que cahiram em estado de selvageria, ha tradições que ainda não estão colhidas sinão em infima parte, pois que os Pagés ou sabios desses selvagens fecham-se com os Brancos e nada ou quasi nada lhes tem adiantado nesse particular.

Os Indios sabem astronomia, cultivam a magia, sciencia da Babylonia, e adivinham o futuro, têm a sua medicina especial que, o mais possivel, occultam ao civilizado, não havendo forças humanas capazes de arrancar-lhes o segredo, que é o segredo da raça. Ha entre elles uma crença de que, si revelarem taes segredos, perdem essa sabedoria occulta e o seu prestigio e encanto perante a mente dos da sua raça, o que

indica que elles, em tempos que se perdem na escuridão de um passado por demais longinquo, tiveram relações com esses povos de antiquissima civilização, guardando segredos que talvez nunca revelarão á raça branca.

Já temos muito divagado pelo terreno das hypotheses scientificas. O nosso escopo, entretanto, é pesquizar o vocabulo tupy que constitue o assumpto deste trabalho.

Quando escrevi o meu artigo *Geographia Selvagem*, que foi estampado nas columnas d'*O Paiz*, do Rio de Janeiro, no *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra, e, com emendas, na *Revista Americana*, Tomo IV, fasc. I, Julho de 1910, tratei dos nomes tupys *Cataguazes, Xopotó, Calambau, Corumbá, Caxamby, Caxambú, Caximbau e Calimbá.*

O meu fito agora é aproveitar tudo quanto já meditei e escrevi sobre *Xopotó* e dizer, si possivel, mais alguma cousa sobre o mesmo vocabulo, o que não é nada facil, visto escassearem os elementos mais necessarios.

E' uma matta tão espessa, atravez da qual o estudioso tem que passar, abrindo picada, e, quando já muito houver caminhado e por longo tempo, volta encontrando a picada desapparecida, porque a vegetação por demais vigorosa já se refez e a picada desappareceu.

Xopotó é a resultante dos seguintes componentes: *Y, xi, pó, tawa* ou *taua*, egual a *Yxipotawa* ou *Ixipotaua*, que significa *Sipó Amarello*, que a gente da região denomina *Sipó João do Rego*, sipó amarellinho, cuja casca se esfarella na mão e cae facilmente.

Y-xi-po-tawa se modificou na lingua do povo ou melhor na dicção dos Portuguezes ou Bandeirantes, em *Xipotóa, Xipotó, Xepotó, Xupotó* e *Xopotó*, fixando-se nesta ultima variante, que ainda predomina nos nossos tempos.

A aphérese do *y* inicial é phenomeno linguistico em todas as linguas, assim como tambem o é a próthese, que, por sua vez, não é mais do que o augmento de uma syllaba no inicio de um vocabulo.

Vamos decompor o vocabulo *y-xi-po-tawa* nos seus componentes, fazendo assim uma analyse tão completa quanto possivel do mesmo, dando a significação de peça por peça, e graphando-as como o de-

vem ser e reunindo-as num só todo e synthetisando-as numa só palavra com as minudencias possiveis.

Segundo Baptista Caetano (*Vocabulario das Palavras Guaranis usadas pelo Traductor da « Conquista Espiritual»* do Padre A. Ruiz de Montoya) pg. 198, a primeira componente de *Ixipotawa* é *içipó* egual a *ihipó*, que significa *liana*, sipó vulgarmente, *bejuco* em Hespanhol, nome generico das plantas sarmentosas, trepadeiras que pendem e se trançam nas arvores.

Esse vocabulo *Yxipó*, por sua vez, se compõe de *ib*, arvore; de *çi* (egual *xi*), pegar, e *pó*, fibra, filamento que se pega ás arvores, o que produz o vocabulo *ib-çi (xi)-pó*, que se tranformou em *I-xi-pó* e depois em *Xipó*, que, na bocca do proprio Indio e mais na do Emboaba ou Portuguez e do Bandeirante Paulista, que era, por sua vez, *mameluco* ou mestiço do Indio com o Branco, se transformou em *Çapó* ou *Sapó*, *Xepó*, *Xopó* e *Xupó*, tudo muito racional e natural, para acompanhar os factos da linguagem portugueza, desde as suas nascentes na Lingua Latina, atravez do Arabe, que, por tantas centenas de annos, influiu sobre o nosso vernaculo, até o seculo dos Bandeirantes e até mesmo os nossos dias, fixando-se, no caso vertente, em *Xepó*, primeira componente de *Xopotó*.

Baptista Caetano, que foi o maior dos nossos Indianólogos e penso que ainda não nasceu outro egual, ainda dá *sipó* como originario de *hipó* ou *h-ib-pó*, aquillo que é fibra de arvore, isto é, sarmento, liana, vulgo *çipó* ou *sipó*.

Vemos que em *Ixipó* houve a quéda do *i* inicial por aphérese, permanecendo o resto do vocabulo *xipó*, que deu *Xopó*.

Couto de Magalhães grapha as syllabas *ça*, *çe*, *çi*, *ço*, *çu* com *c* cedilhado, porque esses sons são approximativos de *xa*, *xe*, *xi*, *xo*, *xu*, em Portuguez, ou de *za*, *ze*, *zi*, *zo*, *zu*, ou uma approximação de *ja*, *je*, *ji*, *jo*, *ju* do Hespanhol daquelles tempos, a ponto de corresponder aos sons *xa*, *xe*, *xi*, *xo*, *xu* portuguezes como se pode ver nos vocabulos hespanhoes comparados com os portuguezes, taes como: *Mejico*, *Mexico*; *Quijote*, *Quixote*; *Quejos*, *Queixos*; *Ejos*, *Eixos* e muitos outros que seria longo enumerar.

Que *Xipó* passou por *Sapó* ou *Çapó*, vemos em *Sapopemba* ou *Çapopemba*, que significa *sipó chato* ou raiz de figueira ou a propria figueira brava, cuja raiz é

chata como um tendão que entra e sai da terra para fazer-lhe o supporte, para que ella attinja a altura que lhe convém.

O *x* em graphia portugueza corresponde exactamente ao *sh* inglez em *shilling*, moeda ingleza que se traduzia antigamente e deve ainda ser graphada *xillin* ou *xelim*, como ainda se encontra em livros antigos; *Sheriff*, que dá entre nós, *xerife*, etc..

Corresponde ainda o nosso *x* ao *sch* allemão, ao *sci* italiano e, finalmente, ao *ch* francez.

Ch em portuguez, em hespanhol, em inglez, e no francez antigo, corresponde ao *Tchê*, que quasi já desappareceu em Portugal e Brasil, onde se ouve entre gente illettrada.

Em Portugal, ninguem escreve *Enxada* e *Enchada*, *Enxó* e *Enchó*, nem tampouco *Cheio* e *Xeio*, *Chapéo* e *Xapéo*, *Chave* e *Xave*.

Em algumas provincias de Portugal, como na Beira e em Traz-os-Montes, nas raias de Hespanha, e no Brasil, nos Estados de São Paulo e Paraná, o povo rustico, guarda fiel e conservador das fórmas archaicas da lingua, tanto na accepção como na prosodia, só diz *Enxada* e *Enxó* e nunca *Entchada* e *Entchó*; e, no emtanto, diz *Tcheio*, *Tchapéo* e *Tchave*.

Como já escrevi algures, lembro-me de ter ouvido nas cercanias de S. Paulo, (1888-1889), capital do Estado do mesmo nome, um caipira intimar um popular desrespeitoso, que se não havia descoberto, ao passar o Santissimo Sacramento, numa procissão catholica, a que tirasse o chapéo, o que fez nestes termos: *Pintcha fóra o tchapéo, Sô catchorro*, querendo com isso dizer: *joga fóra o chapéo, seu cachorro*, isto é, *tira o chapéo da cabeça*, etc..

O que é digno de nota é que o som *Tche, tchi*, etc., está desapparecendo em França e em Portugal e Brasil, e os Francezes não têm outras lettras para representar os sons correspondentes ao *x* portuguez que o *ch*, e bem assim o *sh* inglez, *sch* allemão ou o som *sci* italiano.

Para se transcrever o vocabulo *Shanghai*, nome da importante cidade da China, teriamos que fazel-o em Portuguez *Xanghai* ou *Xangai*; em Allemão, fariamos *Schanghai*; em Italiano, *Sciangai* e em Francez *Changhai*, graphia esta ultima a mais inconveniente como graphia internacional; pois si fosse adoptada por todas as nações, os Inglezes, os Allemães,

os Italianos e Hespanhoes, pronunciariam o nome da grande cidade da China das maneiras mais disparatadas. Ninguem representa graphicamente melhor os nomes chinezes, japonezes e de outras linguas exoticas que os sabios inglezes, e eis porque a melhor graphia da referida cidade chineza é *Shanghai*, que nos leva a pronunciar esse vocabulo mui approximado da pronuncia verdadeiramonte da lingua mandarina, si assim posso dizer.

Tão viciosa é a graphia *Changhai* para as outras linguas, quanto o é a graphia *Chopó*, em vez de *Xopó*, para quem falla a lingua portugueza.

Si foramos a graphar *Shanghai* em Portuguez, fal-o-iamos *Xanghai*, com forte aspiração no *h*, o que não temos, ou simplesmente *Xangai*, sem o *h*.

Os Allemães graphariam perfeitamente o nosso Xopotó da seguinte maneira: *Schopotó;* os Italianos, *Sciopotò;* os Hespanhoes, *Jopotó;* os Inglezes, *Shopotó*, dando os que fallam as respectivas linguas a pronuncia approximada do Tupy ou *Nheèngatú*.

O phenomeno que se dá em Japonez, dá-se tambem em Tupy, isto é, *Sa*, *se*, *si*, *so*, *su* se conservam, excepto em *si*, que se modifica em *xi*, isto é, leremos essas syllabas, pronunciando-as *Sa*, *se*, *xi*, *so*, *su*, ou graphando-as, como Montoya, com *ç* cedilhado, isto é, *ça*, *çe*, *çi*, *ço*, *çu*.

Eis o motivo por que o nome *Sipó* errada e commummente se escreve *Cipó*, o que não é outra cousa que a fórma de graphar de alguns Indianólogos, dentre os quaes se deve citar o General José Couto de Magalhães, no seu *Selvagem*, em que as referidas syllabas são sempre escriptas com *ç* cedilhado.

Vamos agora completar a analyse do vocabulo *Xopotó*, visto como já estudámos a componente *Xopó*.

Tó não é mais do que a contracção do vocabulo *Tawa* ou *Taua*, amarello, amarella, amarellos, amarellas, que, por leis linguisticas naturaes e fataes, se transformou em *Tôa* ou *Tóa*, e, finalmente, em *Tó*, com a quéda do *a* final, por apócope, na bocca do povo e mesmo dos lettrados, si os houvesse naquelles tempos de ambição, á cata do ouro e da escravização dos Indios.

Do que fica exposto, resulta que *Xipotawa* ou *Xipotaua* se transformou e deu *Xipotóa* e *Xipotó*, o que não é mais do que o nosso *Sipó Amarello* ou *Sipó João do Rego*, conforme é denominado pela gente das

regiões do Alto Rio Doce e talvez por todo o Estado de Minas Geraes.

Procurei no Jardim Botanico do Rio de Janeiro o *Sipó João do Rego* ou *Sipó Amarello* ou *Xipotó*, e ninguem alli d'elle tem a menor idéa, mesmo com a descripção que de tal sipó fiz ao Dr. Ducke, sabio botanico italiano, ao nosso serviço, varão de raro e profundo saber da nossa Flora em geral, e com especialidade da Flora Amazonica, que conhece como ninguem em nosso paiz.

Pediu-me pedaços do sarmento e sementes e, si possivel, flores do dito *Sipó João do Rego*, para ser estudado e classificado scientificamente; e, por conseguinte, são todos os que o puderem fazer, rogados a enviar pelo Correio não só pedaços do dito sipó, como tambem flores e sementes para o Jardim Botanico do Rio de Janeiro, para que o *xìpotó* tenha o seu baptismo scientifico e conste de todos os catalogos e livros de botanica universal.

Fica assim entendido que *Sipotawa*, sipó vermelho ou *Sipó João do Rego*, se transformou em *Xípotaua* e não em *Chipotaua;* em seguida, em *Xipotóa;* mais tarde em *Xipotó*, e, finalmente, em *Xopotó*, pronuncia approximada do Emboaba ou Portuguez, cuja lingua era a dos Bandeirantes Paulistas, que se internaram pelo sertão do *Sipó amarello* ou *Xipotó*.

Um d'esses Bandeirantes foi Manoel José de Arruda, descendente de outro do mesmo nome, dos *Arrudas* de S. Paulo, o qual, nascido (?) no antigo Curral d'El-Rey, actualmente Bello Horizonte, onde o seu nome ainda se encontra no Rio dos Arrudas, veiu por Itaverava, e se estabeleceu, como primeiro occupante na Piranguinha, entre Carrapicho, Itaverava e já no actual Districto do Lamim.

A elle se attribue a fundação de S. Caetano do Xopotó e talvez de S. José do Xopotó, hoje cidade do Alto Rio Doce, podendo-se consideral-o como o primeiro desbravador do *Sertão do Sipó Amarello* ou *Xopotó*.

Deixou Manuel José de Arruda enorme prole no Lamim, da qual avulta o celebre Padre Arruda, o *Fra Diavolo* Brasileiro, chefe, por algum tempo da quadrilha da Mantiqueira, assassinado em principio do seculo XIX em Descoberto, na Região da Matta, crime que foi perpetrado por um seu escravo.

Segundo communicação que, em tempos passados, me fez o Professor Leandro Gomes Werneck, a graphia *Xopotó* se encontra nos primeiros assentamentos da matriz de S. Caetano de Xopotó, que penso que é a racional e scientifica, devendo permanecer para todos os effeitos.

Monsenhor Silverio Gomes Pimenta, fallecido Arcebispo de Marianna, varão douto, de excellentes lettras e erudição, posto que não me conste ter sido Indianólogo, no seu livro *Biographia de D. Antonio Ferreira Viçoso, Conde da Conceição e Bispo de Marianna*, adoptou sem cessar a graphia *Xopotó* e nunca *Chopotó*, que, adoptada, seria o dito vocabulo pronunciado *Tchopotó*, pronuncia que se não ouve da bocca do Indio e tampouco do Emboaba, cuja graphia, entretanto, só mesmo por um descuido, foi adoptada pelo elemento official, nem sempre competente para assignalar a graphia portugueza e quanto mais a de uma lingua sem alphabeto, como é a Tupy !

Accresce que certos Portuguezes do antigo Reino e hoje Republica Portugueza e alguns naturaes do ora Estado de S. Paulo, sabendo ler regularmente, nunca pronunciariam *Tchopotó*, e sim *Xopotó*, por uma lei phonica que não podemos determinar, mas cuja sancção sentimos a cada momento.

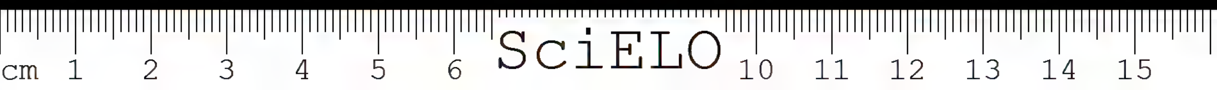
Concluindo, escrevamos sempre *Xopotó* e nunca *Chopotó*, que o uso official está estabelecendo como costume, aliás irracional, e repitamos como o velho Horacio,

> .... *si volet usus,*
> *Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi,*

o que tudo quer dizer que o arbitrio, muitas vezes dos ignaros, constitue o direito e a norma de fallar, ou o uso é que faz a regra de fallar e escrever.

Felizmente, esses erros inveterados ou maus habitos estão sujeitos á rasoura e a corrigendas, não só dos doutos na materia, como tambem do bom gosto e do bom senso, que são leis vivas da Natureza, que nunca dorme, para felicidade e dignidade humana.

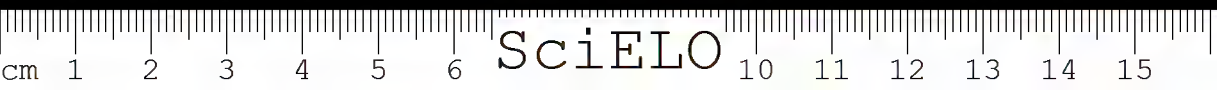
Napoleão Reys.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

D. ISABEL SAMPAIO FERRAZ DE ALMEIDA

CONSERVADORA DO MUSEU DE YTU'

(1860 - 1926)



D. Isabel Sampaio Ferraz de Almeida

A maior magua veio causar ao corpo de funccionarios do Museu Paulista, assim como á sociedade ytuana e paulista, o fallecimento da veneranda senhora que, com tanto zelo e competencia, preenchia as funcções de Conservadora do Museu Republicano Convenção de Ytú.

Pertencendo a algumas das mais velhas familias paulistas, filha do abastado lavrador Joaquim de Sampaio Goes, convencional de 1873, e de D. Maria Adelaide de Castro Ferraz era D. Isabel irmã do Dr. João Baptista de Sampaio Ferraz e dos Coroneis Domingos e Eloy de Sampaio Ferraz.

Nasceu em Indaiatuba a 23 de Abril de 1860 e como desde muito menina mostrasse precoce intelligencia foi internada no tão reputado collegio de N. S. do Patrocinio em Ytú onde muito se distinguiu. A 8 de Setembro de 1874 desposou o major Evaristo Galvão de Almeida, lavrador, ytuano de velha estirpe e cavalheiro de bellas qualidades, de quem teve uma filha unica a Exma. D. Anesia Galvão do Amaral Gurgel, esposa do Sr. José Balduino do Amaral Gurgel, D. Collector Federal.

Pessoa sobremodo affavel, serviçal e sociavel soube sempre D. Isabel angariar vasto circulo das melhores relações nos centros em que viveu como em Ytú, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Passando seu marido novamente a residir em Ytú foi por acto de 16 de Março de 1923 nomeado Conservador do Museu da Convenção, cargo que exerceu menos de um anno pois a 1.º de Março de 1924 falleceu, com geral sentimento de quantos lhe

conheciam as qualidades de cavalheiro impeccavel e a correcção da longa vida de trabalho e pundonor.

A 8 deste mez por indicação do Director do Museu, com a recommendação das autoridades locaes e sob os applausos geraes de toda a população ytuana foi D. Isabel nomeada sua substituta. Menos de dous annos pôde a distincta Senhora desempenhar funcções que sobremodo honrava. Em meiados de 1926 enfermava gravemente do mal que a prostrou a 11 de Setembro do mesmo anno apezar da enorme dedicação de seus medicos assistentes, de seus filhos e netos.

Traduziram o pesar causado pelo seu desapparecimento as geraes e vultuosas demonstrações que lhe acompanharam o sepultamento e as cerimonias em suffragio de sua alma.

Noticiando o traspasse de tão dedicada servidora do Estado de S. Paulo, assim o fizemos pelo *Correio Paulistano*, de 12 de Setembro de 1926:

«Com o desapparecimento da veneranda Senhora D. Isabel de Almeida, perde o corpo de servidores do Estado de S. Paulo uma de suas mais dedicadas, intelligentes e sympathicas figuras.

E realmente, em boa hora nomeada para succeder a seu marido — major Evaristo Galvão de Almeida, respeitavel e prestigioso ytuano — no posto de conservadora do Museu Republicano Convenção de Ytú — pôde D. Isabel, nos curtos annos em que exerceu o cargo, dar novas demonstrações dos formosos dotes de espirito e coração.

Maior apego e interesse que o seu pelas funcções de que fôra investida impossivel seria.

Intelligencia cheia de vivacidade a que realçavam a leitura extensa, as reminiscencias de viagens, a optima memoria, a facilidade da elocução e o interesse pelo convivio social, tinha ainda o mais affavel dos tratos.

A muitos dos visitantes distinctos que a encontraram á testa do Museu de Ytú, deixou a mais agradavel recordação.

Assim se deu, ha um anno, por exemplo, com o dr. Kybal, o eminente historiador, ministro da

Tcheco-Slovaquia no Brasil. que a seu respeito, mais de uma vez, me disse: «Que senhora distincta, intelligente e encantadora!»

Activissima, apesar de seus sessenta e cinco annos de edade, occupou-se incançavelmente da installação da vultosa e valiosa dadiva feita ao Museu da Convenção pelos filhos do presidente Prudente de Moraes.

E o seu afã em concluir, em proceder á catalogação daquelles milheiros de peças, causou a um dos generosos doadores a exma. sra. d. Julia Prudente de Moraes, a mais agradavel impressão de interesse intelligente.

— Tudo deixo entregue ás melhores mãos! exprimiu-me, cheia de contentamento.

A' devotadissima conservadora, por mais de seis mezes, prostrou a mais cruel enfermidade.

E si é exacto que immenso soffreu, coube-lhe o grande consolo de verificar quanto contava com o amor extraordinario de todos os seus. a amizade e o respeito geraes

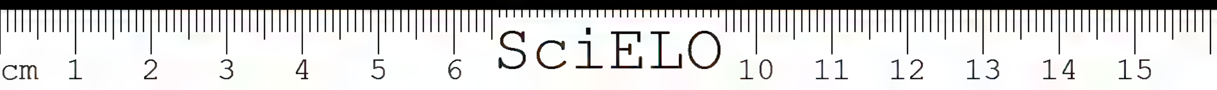
Teve como medico assistente seu neto, o dr. Amaral Gurgel Filho que á proficiencia reuniu a dedicação de todos os instantes e a quem secundou com singular amizade outro reputado clinico, o dr. Graciano Geribello.

Acompanharam-na no mais tocante desvelo, os filhos e os netos, os de seu sangue e os que á sua familia se alliaram. E as demonstrações de affecto lhe chegaram diarias e numerosas, de parentes e amigos.

Dotada da mais robusta fé catholica teve ainda o amparo da resignação aos insondaveis decretos da Providencia.

Ao encerrar este pequeno depoimento, inspirado pela justiça, seja-me permittido saudar, sobremodo grato, a memoria da prestantissima companheira de trabalho que tanto nobilitava o quadro do Museu Paulista e a corporação dos servidores do Estado, e typo feminino dessa elevação moral que a antiga educação de nossa terra, soube tão notavelmente crear.»

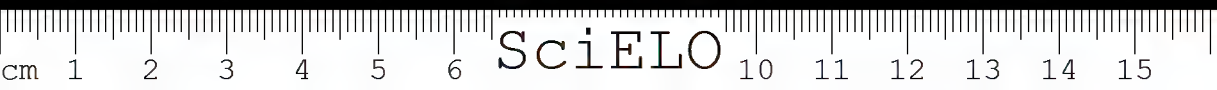
AFFONSO DE E. TAUNAY.


SciELO



Major Evaristo Galvão de Almeida (1853-1924)
Conservador do Museu de Ytú (1923-1924)

D. Isabel S. Ferraz de Almeida (1860-1926)
Conservadora do Museu de Ytú (1924-1926)


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

Indice do Tomo XV

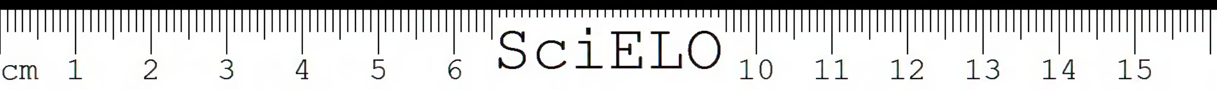
— DA —

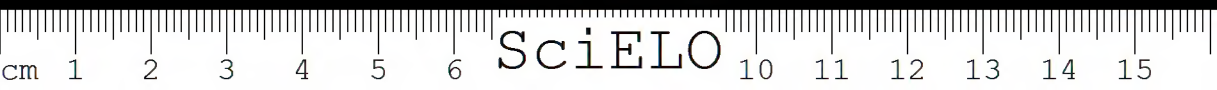
REVISTA DO MUSEU PAULISTA

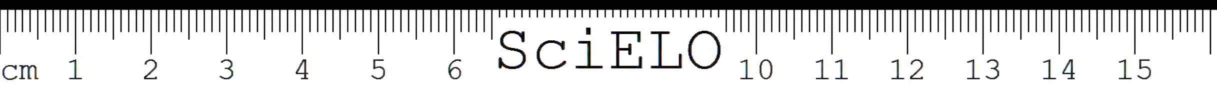
PRIMEIRA PARTE

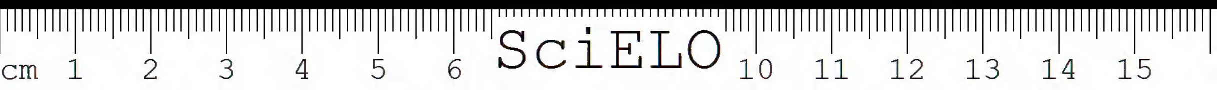
PAGINAS

SEGUNDA PARTE


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15